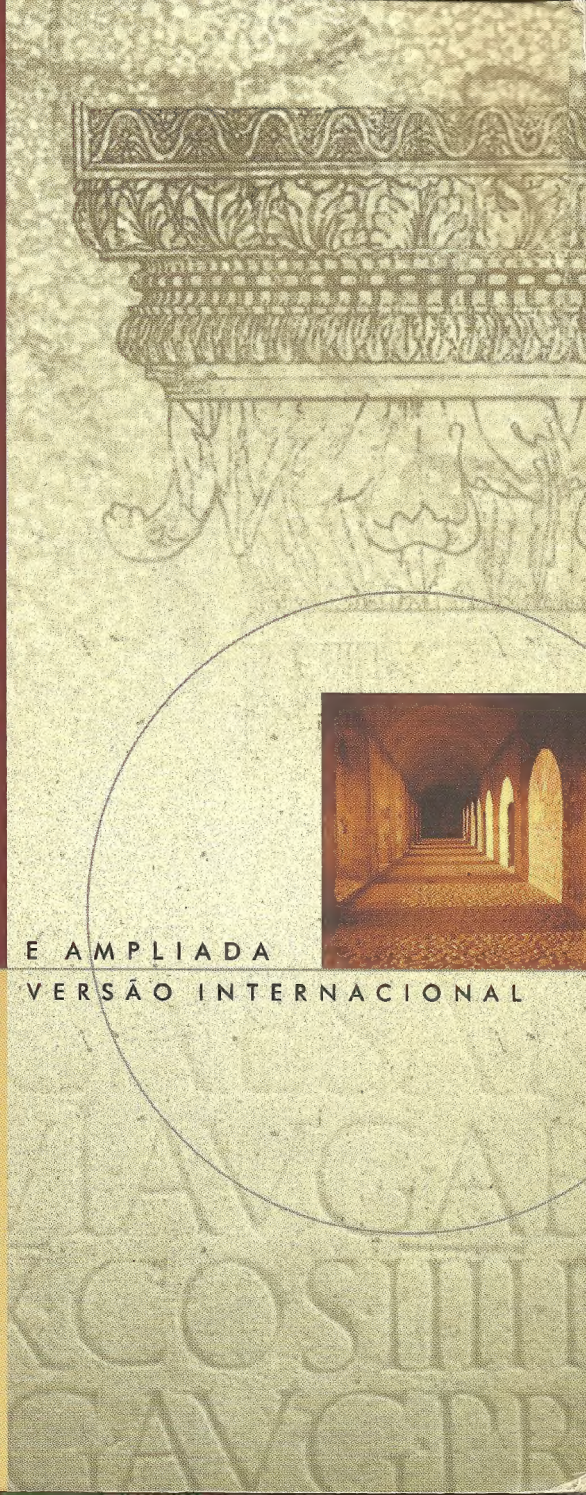
Manual bíblico de Halley

EDIÇÃO REVISTA E AMPLIADA

NOVA VERSÃO INTERNACIONAL

"A Bíblia é o tesouro o mais precioso
que a raça humana possui"

MANUAL BÍBLICO

Um Comentário Abreviado da Bíblia

HENRY H. HALLEY

Tradução
David A. de Mendonça

edições vida nova

Título do original: *Halley's Bible Handbook*

Adotadas as modificações da 24ª ed., de 1965, publicada por Zondervan Publishing House (Grand Rapids, Michigan, EUA).

1ª edição em português: 1962
2ª edição (revista e ampliada): 1971
Reimpressões: 1978, 1981
3ª edição (revista e atualizada): 1983
Reimpressões: 1984, 1986, 1987, 1989, 1991, 1993
4ª edição: 1994
Reimpressões: 1995, 1997, 1998

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21486, São Paulo-SP.
04602-970

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Ampliação, revisão e atualização de Gordon Chown para a 3ª edição.

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Halley, Henry H.
Manual bíblico : um comentário abreviado da Bíblia / por Henry H. Halley ; tradução de David A. de Mendonça ; revisão de Gordon Chown. -- 4. ed. -- São Paulo : Vida Nova, 1994.

Bibliografia
ISBN 85-275-0159-7

1. Bíblia - Estudo e ensino 2. Bíblia - Manuais I. Título.

94-3800 CDD-220.7

Índices para catálogo sistemático
1. Bíblia : Estudo e ensino 220.7

"O vigor de nossa vida espiritual está na proporção exata do lugar que a Bíblia ocupa em nossa vida e em nossos pensamentos. Faço esta declaração, solenemente, baseado na experiência de cinqüenta e quatro anos.

"Nos primeiros três anos após minha conversão, negligenciei a Palavra de Deus. Desde que comecei a pesquisá-la diligentemente, tenho sido maravilhosamente abençoado.

"Já li a Bíblia toda cem vezes, e sempre com maior deleite. Cada vez se me apresenta um livro novo.

"Grande tem sido a bênção recebida do seu estudo seguido, diligente e cotidiano. Considero perdido o dia em que não me detive a meditá-la" — **George Müller, do Orfanato de Bristol, que o fez famoso, exemplo notabilíssimo, nos tempos modernos da prática da Oração Eficaz.**

"Orei pedindo Fé, e pensei que algum dia ela cairia e me atingiria como um raio. Mas parecia que a Fé não vinha.

"Um dia li no cap. 10 de Romanos que a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus. Tinha fechado minha Bíblia e orara, pedindo fé. Mas então abri a Bíblia e comecei a estudá-la. Desde então a minha fé vem sempre aumentando" — **D. L. Moody.**

Prefácio à 24.ª Edição Inglesa

É uma obra que tem vindo crescendo sempre. Começou em 1924, como um panfleto de 16 páginas. Depois saiu com 32. Seguiram-se edições com 40, 80, 120, 144, 160, 180, 200, 288, 356, 476, 516, 604, 676, 764 e, agora, com 850. Seu desígnio não é servir de livro de texto; destina-se antes a ser um breve Manual para aqueles que dispõem de poucos comentários ou obras de referência sobre a Bíblia, ou até de nenhum. Entretanto, é usado em muitas classes bíblicas, e muitas pessoas de vasta erudição na Palavra de Deus, que possuem grandes bibliotecas, têm reconhecido mui cordialmente a utilidade desta obra. A freqüente leitura de *suas páginas ampliará essa utilidade e nos tornará familiarizados* de modo geral, com seu conteúdo.

É essencialmente um livro de FATOS bíblicos e históricos. Procuro evitar que minhas próprias opiniões se destaquem em assuntos controvertidos.

Ao incluir, simultaneamente com as notas sobre os livros da Bíblia, um esboço das descobertas arqueológicas relacionadas com as Escrituras Sagradas e um epítome de história eclesiástica, ligando assim os tempos bíblicos com a nossa era, fi-lo na esperança de tornar o livro um compêndio completo, embora pequeno, de informações práticas, úteis e proveitosas aos crentes que desejem se conservar inteligentes e bem informados a respeito de sua religião.

Nos meus esforços por me familiarizar com as descobertas arqueológicas, tive a boa sorte de entrar em contato ou de me corresponder com bom número de arqueólogos. Impressionou-me muito a cortesia deles, como também sua receptividade. São homens que lidam com fatos, parecendo mais libertos de tendências dogmáticas do que muitos acadêmicos de profissão. Quanto às fotografias arqueológicas, devo-as, com a gratidão que aqui registro, ao Museu da Uni-

versidade da Pensilvânia, ao Instituto Oriental da Univ. de Chicago, ao Museu Field de História Natural, ao Museu Britânico, ao Museu Ashmoleano da Univ. de Oxford, ao Museu Metropolitano (N. York), ao Museu do Louvre (Paris), ao Museu do Cairo (Egito), às Escolas Americanas de Pesquisas Orientais; ao Dr. W. F. Albright, Sir Flinders Petrie, Dr. John Garstang, Sr. Francis Neilson, Dr. J. L. Kelso, Sr. Fahim Kouchakji, proprietário do Cálice de Antioquia, Rev. F. J. Moore e Rev. Roderic Lee Smith.

Procurei incluir um número suficiente de mapas para tornar fácil a correlação entre eventos e lugares. Consigno aqui minha gratidão à Sra. Henry Berry pelos mesmos.

Este manual consagra-se à seguinte proposição: — **Cada crente deve ser um leitor assíduo e devotado da Bíblia,** e que o mister primacial da igreja e do ministério é guiar, fomentar e animar seu povo no referido hábito.

H. H. Halley

Fontes de Informação

Arqueológicas

American Journal of Archaeology
American Journal of Semitic Languages and Literatures
Annuals of Archaeology, University of Liverpool
Annuals of the American School of Oriental Research
Annuals of the Palestine Exploration Fund
Antiquaries' Journal
Antiquity
Art and Archaeology
Bulletins of the American Schools of Oriental Research
Bulletins of the University Museum
Museum Journal
Oriental Institute Reports on the Near East
Quarterly Statements of the Palestine Exploration Fund
Adams, J. McKee: "A Bíblia e as Civilizações Antigas"
Albright, W. F.: "Archaeology of Palestine and the Bible"
Baikie, James: "History of Egypt"
Banks, E. J.: "Bible and Spade"
Barton, G. A.: "Archaeology and the Bible"
Breasted, J. H.: "Oriental Institute", "History of Egypt"
"Cambridge Ancient History"
Cairger, S. L.: "Bible and Spade"
Clay, A. T.: "Light on the Old Testament from Babel"
Cobern, C. M.: "New Archaeological Discoveries"
Cook, S. A.: "Religion of Ancient Palestine"
Duncan, J. G.: "Digging up Biblical History", "Accuracy of the O. T."
Ellis, W. T.: "Bible Lands Today"
Field, Henry: "Field Museum-Oxford Expedition to Kish"
Fischer, C. S.: "Exploration of Armageddon"
Free, J. P.: "Archaeology and Bible History"
Gadd, C. J.: "History and Monuments of Ur"
Garstang, John: "Story of Jericho"

Grant, Elihu: "Haverford Symposium on Archaeology and the Bible"
Guy, P. L. O.: "New Light from Armageddon"
Hall, H. R.: "História Antiga do Oriente Próximo"
Hammerton, J. A.: "Wonders of the Past"
Hilprecht, H. V.: "Exploration of Bible Lands"
Irwin, C. H.: "The Bible, the Scholar and the Spade"
Jastrow, Morris: "Civilization of Babylonia and Assyria"
King, L. W.: "History of Sumer and Akkad"
Kyle, M. G.: "Exploration at Sodom", Articles in ISBE
Langdon, Stephen: "Semitic Mythology"
Macalester, R. A.: "Bible Sidelights from Gezer"
Marston, Charles: "New Bible Evidence"
Maspero, G. C.: "Dawn of Civilization"
Newberry and Garstang: "Short History of Egypt"
Olmstead, A. T.: "History of Assyria", "History of Egypt"
Olmstead, A. T.: "History of Palestine and Syria"
Peake, Harold: "The Flood"
Petrie, Flinders: "History of Egypt", "Palestine and Israel"
Price, Ira M.: "The Monuments and the Old Testament"
Robinson, George L.: "Bearing of Archaeology on the Old Testament"
Sayce, A. H.: "Ancient Empires of the East"
Sayce, A. H.: "Fresh Light from the Ancient Monuments"
Smith, G. & A. H. Sayce: "Chaldean Account of Genesis"
Wiseman, P. J.: "New Discoveries about Genesis"
Woolley, C. L.: "Ur of the Chaldees", "Ur Excavations"
Zondervan Pictorial Bible Dictionary

Bíblicas

Buckland, Dicionário Bíblico
Cambridge Bible for Schools and Colleges
Clarke's Commentary
Davis, Dicionário da Bíblia
Dummelow's Commentary
Eiselen's Abingdon Commentary
Elliott's Commentary
Expositor's Bible
Gore's Commentary
Gray's Commentary
Hasting's Bible Dictionary
International Critical Commentary
International Standard Bible Encyclopaedia
Jacobus' Bible Dictionary
Jamieson, Faussett and Brown's Commentary
McClintock and Strong's Encyclopaedia
Moulton's Modern Reader's Bible

Peake's Commentary
Peloubet's Bible Dictionary
Piercy's Bible Dictionary
Pulpit Commentary
Schaff's Bible Dictionary
Schaff-Herzog's Encyclopaedia
Schaff-Lang's Commentary
Speaker's Commentary
Vários comentários sobre livros individuais da Bíblia

A PRÓPRIA BÍBLIA

Histórico-Eclesiásticas

Cambridge Medieval History
Coxe's Ante-Nicene Fathers
Creighton's History of the Papacy
Crook's Story of the Christian Church
Duchesne's Christian Church
Fisher's History of the Christian Church
Fisher's Outline of General History
Fisher's The Reforatimon
Freeman's General Sketch
Hurlbut's Church History
Hurst's History of the Christian Church
Jenning's Manual of Church History
Kidd's History of the Church
Kurtz' Church History
Lindsay's History of the Reformation
McGlothlin's Church History
Moncrief's Short History of the Christian Church
Mosheim's Church History
Nagler's The Church in History
Neander's Church History
Newman's Manual of Church History
Nichols' Growth of the Christian Church
Ploetz' Epitome of Universal History
Robertson's History of the Christian Church
Sanford's Cyclopaedia of Religious Knowledge
Schaff's History of the Christian Church
Sheldon's History of the Church
Smith & Cheetham's Dictionary of Christian Antiquities
Zenos' Compendium of Church History

Sumário

Mapas

Ilustrações Fotográficas

Figura **Página**

Notas Arqueológicas

Em Ordem Alfabética

Frases Notáveis a Respeito da Bíblia

Abraão Lincoln: "Creio que a Bíblia é o melhor presente que Deus já deu ao homem. Todo o bem, da parte do Salvador do mundo, nos é transmitido mediante este livro."

W. E. Gladstone: "Dos grandes homens do mundo, meus contemporâneos, tenho conhecido noventa e cinco, e destes, oitenta e sete foram seguidores da Bíblia. A Bíblia assinala-se por uma peculiaridade de Origem. Uma distância imensurável separa-a de todos os outros livros."

George Washington: "Impossível é governar bem o mundo sem Deus e sem a Bíblia."

Napoleão: "A Bíblia não é um simples livro, senão uma Criatura Vivente, dotada de uma força que vence a quantos se lhe opõem."

Rainha Vitória: "Este livro dá a razão da supremacia da Inglaterra."

Daniel Webster: "Se existe algo nos meus pensamentos ou no meu estilo que se possa elogiar, devo-o aos meus pais que instilaram em mim, desde cedo, o amor pelas Escrituras. Se nos ativermos aos princípios ensinados na Bíblia, nosso Pais continuará prosperando sempre. Mas se nós e nossa posteridade negligenciarmos suas instruções e sua autoridade, ninguém poderá prever a catástrofe súbita que nos poderá sobrevir, para sepultar toda a nossa glória em profunda obscuridade."

Thomas Carlyle: "A Bíblia é a expressão mais verdadeira que, em letras do alfabeto, saiu da alma do homem, mediante a qual, como através de uma janela divinamente aberta, todos podem fitar a quietude da eternidade, e vislumbrar seu lar longínquo, há muito esquecido."

John Ruskin: "Qualquer que seja o mérito de alguma coisa escrita por mim, deve-se tão só ao fato de que, quando eu era menino, minha mãe lia todos os dias para mim um trecho da Bíblia, e cada dia fazia-me decorar uma parte dessa leitura."

Charles A. Dana: "O grandioso velho Livro ainda permanece; e este mundo velho, quanto mais tiver suas folhas volvidas e examinadas com atenção, tanto mais apoiará e ilustrará as páginas da Palavra Sagrada."

Ferrar Fenton: "Nas Escrituras hebraico-cristãs temos a única chave que abre para o homem o Mistério do Universo e, para êsse mesmo homem, o Mistério do seu próprio eu."

Thomas Huxley: "A Bíblia tem sido a Carta Magna dos pobres e oprimidos. A raça humana não está em condições de dispensá-la."

W. H. Seward: "Toda a esperança de progresso humano depende da influência sempre crescente da Bíblia."

Patrick Henry: "A Bíblia vale a soma de todos os outros livros que já se imprimiram."

U. S. Grant: "A Bíblia é a âncora-mestra de nossas liberdades."

Andrew Jackson: "Este livro, senhor, é o rochedo no qual se fundamenta a nossa república."

Robert E. Lee: "Em todas as minhas perplexidades e angústias a Bíblia nunca deixou de me fornecer luz e vigor."

Lord Tennyson: "A leitura da Bíblia já de si é uma educação."

Horace Greeley: "É impossível escravizar mental ou socialmente um povo que lê a Bíblia. Os princípios bíblicos são os fundamentos da liberdade humana."

John Quincy Adams: "Tão grande é a minha veneração pela Bíblia que, quanto mais cedo meus filhos começam a lê-la, tanto mais confiado espero que êles serão cidadãos úteis à pátria e membros respeitáveis da sociedade. Há muitos anos que adoto o costume de ler a Bíblia toda, uma vez por ano."

Immanuel Kant: "A existência da Bíblia, como livro para o povo, é o maior benefício que a raça humana já experimentou. Todo esforço por depreciá-la é um crime contra a humanidade."

Charles Dickens: "O Nôvo Testamento é mesmo o melhor livro que já se conheceu ou que se há de conhecer no mundo."

Sir William Herschel: "Todas as descobertas humanas parecem ter sido feitas com o propósito único de confirmar cada vez mais fortemente as verdades contidas nas Sagradas Escrituras."

Sir Isaac Newton: "Há mais indícios seguros de autenticidade na Bíblia do que em qualquer história profana."

Goethe: "Continue avançando a cultura intelectual; progridam as ciências naturais sempre mais em extensão e profundidade; expanda-se o espírito humano tanto quanto queira; além da elevação e da cultura moral do cristianismo, como ele resplandece nos Evangelhos, é que não irão."

Henry Van Dyke: "Nascida no Oriente e vestida de formas e de imagens orientais, a Bíblia percorre as estradas do mundo inteiro, familiarizada com os caminhos por onde vai; penetra nos países, um após outro, para em tôda parte sentir-se bem, como em seu próprio ambiente. Aprendeu a falar ao coração do homem em centenas de línguas. As crianças ouvem suas histórias com admiração e prazer, e os sábios ponderam-nas como parábolas de vida. Os maus e os soberbos estremecem com os seus avisos, mas aos ouvidos dos que sofrem e dos penitentes sua voz tem timbre maternal. A Bíblia está entretecida nos nossos sonhos mais queridos, de sorte que o amor, a amizade, a simpatia, o devotamento, a saudade, a esperança, cingem-se com as belas vestimentas de sua linguagem preciosa. Tendo como séu esse tesouro, ninguém é pobre nem desolado. Quando a paisagem escurece, e o peregrino, trêmulo, chega ao Vale da Sombra, não teme nele entrar; empunha a vara e o cajado da Escritura; diz ao amigo e companheiro — "Adeus, até breve." Munido dêsse apoio, avança pela passagem solitária como quem anda pelo meio de trevas em demanda da luz." (Do "Companionable Books", de Henry Van Dyke, por gentileza dos seus editores, Charles Scribner's Sons).

Cristo

É o

Centro e o Coração da Bíblia

O Antigo Testamento descreve uma nação.

O Novo Testamento descreve um HOMEM.

A nação foi estabelecida e nutrida por Deus para que desse aquele Homem ao mundo.

O próprio Deus tornou-se homem para dar ao gênero humano uma idéia concreta, definida e palpável do que seja a Pessoa que devemos ter em mente quando pensamos em Deus. Deus é tal qual Jesus. Jesus era Deus encarnado, em forma humana.

Seu aparecimento na terra é o acontecimento central de toda a história. O Antigo Testamento fornece o cenário para esse aparecimento. O Novo Testamento descreve-o.

Como homem, Jesus viveu a vida mais peculiarmente bela que já se conheceu. Ele foi o homem mais bondoso, mais terno, mais gentil, mais paciente, mais compassivo que já existiu. Amava pessoas. Detestava vê-las aflitas. Gostava de perdoar. Deleitava-se em ajudar. Operava milagres estupendos para alimentar gente faminta. Aliviando os que sofriam, esquecia-se de comer. Multidões cansadas, vencidas pelas dores, de coração aflito, vinham a Ele e encontravam cura e alívio. Dele, e de mais ninguém foi dito, que, se todas as suas obras de bondade fossem registradas, o mundo não poderia conter os livros. Jesus foi este tipo de homem. E Deus é este tipo de Pessoa.

Depois: Ele morreu numa cruz, para tirar o pecado do mundo, para tornar-se o Redentor e Salvador do homem.

Depois ainda: Ressurgiu dos mortos e agora vive. Não é apenas uma personalidade histórica, porém, uma Pessoa viva. Ele é o fato mais importante da História e a força mais vital no mundo de hoje.

Toda a Bíblia se desenvolve ao redor desta bela história de Cristo e da Sua promessa de vida eterna, feita a quantos O aceitam. A Bíblia foi escrita sòmente para que o homem creia e entenda e conheça e ame e siga a CRISTO.

Cristo, centro e âmago da Bíblia, centro e âmago da História, é o centro e o âmago de nossas vidas. Nosso destino eterno está em Suas mãos. De aceitá-lO ou de rejeitá-lO depende, para cada um de nós, a glória eterna ou a ruína eterna, o céu ou o inferno; ou um, ou outro.

A mais importante decisão que alguém possa ser chamado a tomar é a de resolver, em seu coração, uma vez para sempre, a questão de sua atitude para com Cristo. Disso depende **tudo.**

É uma coisa gloriosa ser crente, o mais elevado privilégio da raça humana. Aceitar a Cristo como Salvador, Senhor e Mestre, porfiar sincera e devotamente por segui-lO no caminho da vida que Ele ensinou, é, certa e decididamente, o modo mais razoável e mais satisfatório de vida. Isso significa paz, paz de espírito, contentamento de coração, perdão, felicidade, esperança, vida, vida aqui e agora, vida abundante, VIDA QUE NUNCA FINDARÁ.

Como pode alguém ser tão cego e insensato, ao ponto de prosseguir pela vida a fora e encarar a morte sem a esperança cristã? Fora de Cristo, que é que existe, que é que pode existir, seja quanto a este mundo, seja quanto ao outro, para que valha a pena viver? Todos havemos de morrer. Para que dissimular, com risos, este fato? Vê-se que convém a todo ser humano receber a Cristo de braços abertos, e considerar o mais altaneiro privilégio da vida, o de usar o nome de **cristão.**

Em última análise, a coisa mais cara e mais doce da vida é ter consciência, no mais recôndito de nossos íntimos motivos, de que vivemos para Cristo, e de que por mais débeis que sejam os nossos esforços, afadigarmo-nos em nossa lida diária na esperança de que, na última etapa, teremos feito alguma coisa para depositar, em gratidão e adoração humilde, aos Seus pés como oferta.

A Bíblia

É a

Palavra de Deus

Sem levar em conta qualquer teoria sobre a inspiração da Bíblia, ou qualquer idéia sobre como foi que seus livros chegaram à sua forma atual, ou até onde o texto bíblico sofreu às mãos de redatores e copistas, ao ser transmitido, abstraindo-nos da questão de saber o quanto é que se deve interpretar ao pé da letra e o quanto é que se deve aceitar como tendo sentido figurado, ou qual parte da Bíblia é história, e qual é poesia; se simplesmente admitirmos que a Bíblia é exatamente aquilo que se apresenta ser, se estudarmos seus livros para lhes conhecer o conteúdo, acharemos nela uma unidade de pensamento a indicar que uma Mente única inspirou a escrita e a compilação de toda a série dos seus livros, que ela traz em si o sinete do seu Autor, que, é, em sentido único e distintivo, A PALAVRA DE DEUS.

Há uma opinião moderna, sustentada mesmo em larga escala em certos círculos intelectuais, de que a Bíblia é uma espécie de história secular do esfôrço do homem por encontrar a Deus: um registro da sua experiência no esforço por alcançá-lO, melhorando gradativamente suas idéias a respeito da Divindade, baseado nas experiências das gerações precedentes. Naquelas passagens, tão abundantes na Bíblia, onde se diz que Deus falou, de acordo com esta opinião Deus não falou realmente, mas os homens expressaram suas idéias em linguagem que diziam ser a linguagem de Deus, quando, na realidade isso era apenas o que imaginavam a respeito de Deus. A Bíblia, por essa forma, seria nivelada aos outros livros; apresentam-na, não como Livro divino, mas como obra humana, fingindo ser obra de Deus.

Rejeitamos de todo essa idéia e com repugnância. Cremos que a Bíblia é, não o relato do homem sobre seus esforços por encontrar a Deus, porém a narração do esforço de Deus por Se revelar ao homem: é o registro do próprio Deus, quanto ao Seu trato com os homens, na revelação que de Si mesmo fez à raça humana; é a **vontade revelada do Criador** do homem, transmitida ao homem pelo próprio Criador, para lhe servir de instrução e direção nos caminhos da vida.

Os livros da Bíblia foram compostos por autores humanos; nem se sabendo quais foram alguns deles. Tampouco se conhece como foi exatamente que Deus dirigiu esses autores no ato de escrever. Contudo, afirma-se que Deus os dirigiu; e os livros da Bíblia forçosamente são exatamente o que Deus quis que fossem.

Há uma diferença entre a Bíblia e todos os outros livros. Os escritores em geral podem orar a Deus que os ajude, e dirija, e Deus realmente os ajuda e dirige. Há no mundo muitos livros bons, a cujos autores, sem dúvida, Deus ajudou a escrever. Mas ainda assim, os autores mais piedosos dificilmente teriam a presunção de alegar que Deus escreveu seus livros. Pois essa autoria divina é atribuída à Bíblia. Deus mesmo supervisionou, dirigiu e ditou a escrita dos seus livros, tendo sob seu completo controle os autores humanos, e de tal modo que a redação é de Deus. A Bíblia é a PALAVRA DE DEUS num sentido em que **nenhum outro livro** no mundo a pode ser.

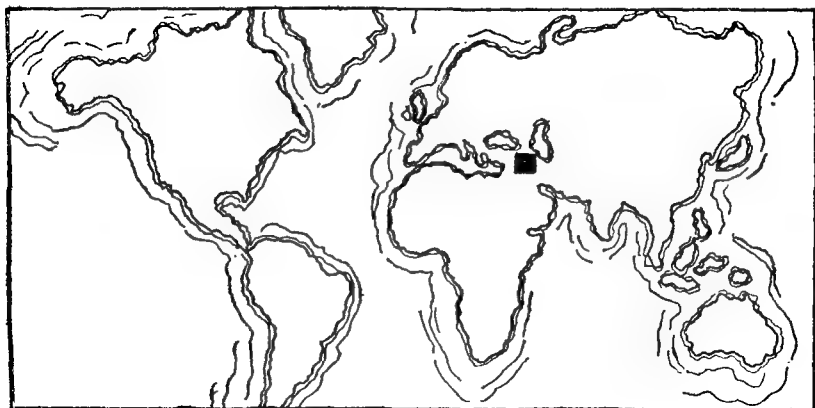
Pode acontecer que algumas expressões bíblicas sejam "formas antigas de exprimir pensamentos", para transmitir idéias que hoje expressaríamos de outro modo, porque foram vazadas em linguagem de tempos remotos. Mas ainda assim, a Bíblia encerra em si precisamente aquilo que Deus quer que a humanidade saiba, na forma exata pela qual Ele quer que nós o conheçamos. E até ao fim dos tempos o precioso velho Livro será a única resposta às indagações da humanidade na sua busca de Deus.

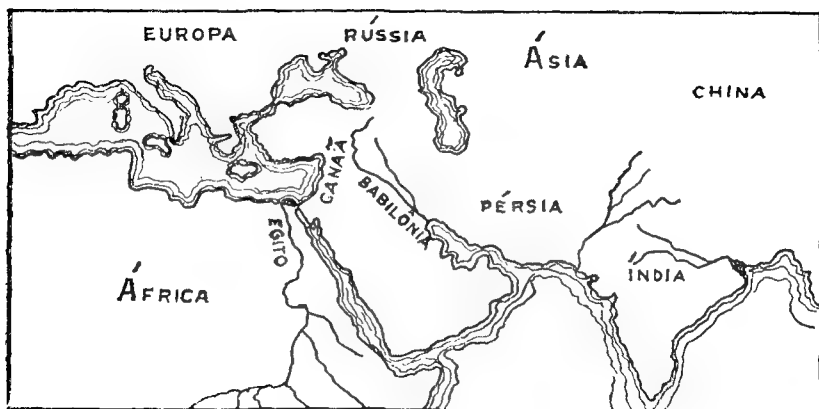
A Bíblia, composta por muitos autores, através de muitos séculos, sendo, contudo, UM LIVRO só, é, em si mesma, o **milagre** proeminente dos séculos, que traz em relevo sua própria evidência de ser de origem **sobre-humana.**

TODA PESSOA deve amar a Bíblia. Toda gente deve lê-la assiduamente. Todos devem esforçar-se por viver seus ensinos. A Bíblia precisa ocupar o centro da vida e da atuação de cada igreja, e de cada púlpito.

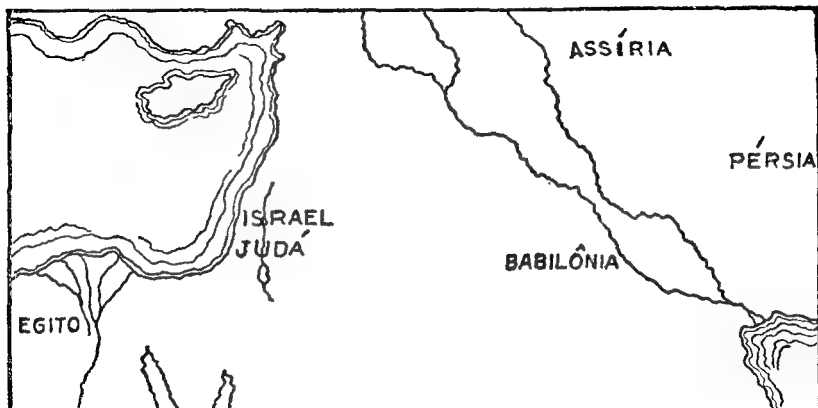
O ÚNICO MISTER DO PÚLPITO É O ENSINO SIMPLES E EXPOSITIVO DA PALAVRA DE DEUS.

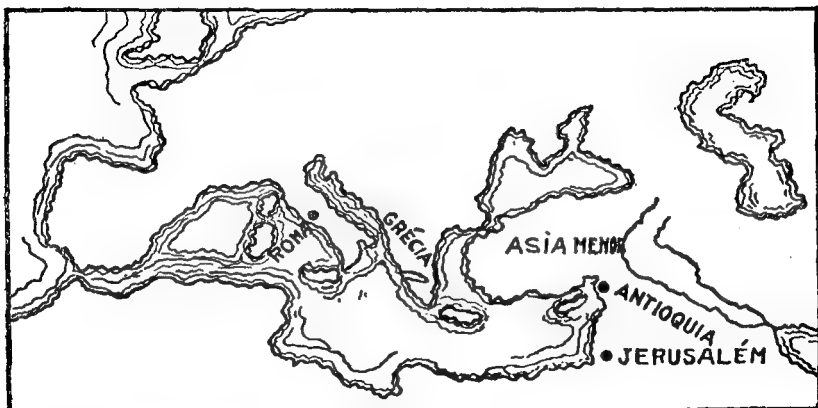
Esboço da História Bíblica

Deus criou o homem e o colocou no Jardim do Éden, na parte sudoeste da Ásia, mais ou menos no Centro Geográfico da maior região da superfície da terra indicada pelo quadrinho no mapa 1.

(Mapa 1)

O Homem pecou e deixou de ser aquilo para o qual Deus o tinha destinado. Foi então que Deus inaugurou o plano para a redenção final e recriação do homem, e o fez chamando Abraão para que fundasse uma **nação,** mediante a qual o plano seria executado, Deus guiou Abraão para fora de Babilônia e fê-lo entrar na terra de Canaã. Os descendentes de Abraão migraram para o Egito, e aí se desenvolveram, tornando-se uma nação.

(Mapa 2)

Depois de 400 anos foram tirados do Egito, sob a direção de Moisés, de volta à terra prometida de Canaã. Aí, no decorrer de uns quatrocentos ou quinhentos anos, sob os reinados de Davi e Salomão, a nação veio a se tornar um grande e poderoso reino.

Posteriormente, encerrando-se o reinado de Salomão, dividiu-se o reino. A parte do norte, dez tribos, chamada "Israel", durou cerca de 200 anos, e foi levada cativa pela Assíria, em 721 a.C. A parte sul, chamada "Judá", durou depois disto pouco mais de 100 anos, e em três levas datadas ao redor do ano 600 a.C. foi levada cativa para Babilônia. Um remanescente da nação cativa, em 536 a.C., voltou à sua terra e restabeleceu sua vida como nação.

(Mapa 3)

Logo mais encerrava-se o Antigo Testamento. Quatrocentos anos mais tarde, JESUS, o Messias profetizado no A. T., mediante Quem o homem seria redimido e criado de novo, apareceu e realizou Sua obra: Morreu pelo pecado humano; ressurgiu dos mortos; e mandou os discípulos contar a história de Sua vida e Seu poder redentor em todas as nações.

(Mapa 4)

Partiram os discípulos em todas as direções, levando alegres notícias, principalmente na direção do oeste, através da Ásia Menor e da Grécia até Roma, ao longo das estradas que então formavam a espinha dorsal do Império Romano, que então abrangia o mundo civilizado conhecido. Com o lançamento, assim, da obra da redenção humana, encerra-se o Novo Testamento.

Os Livros da Bíblia Dividem-se em Sete Grupos

ANTIGO TESTAMENTO	NOVO TESTAMENTO
17 Históricos	**4 Evangelhos**
5 Poéticos	**Atos**
17 Proféticos	**21 Epístolas**
	Apocalipse

Históricos:	Elevação e Queda da Nação Hebraica
Poéticos:	Literatura da Idade Áurea da Nação
Proféticos:	Literatura dos Dias Tenebrosos da Nação
Evangelhos:	O HOMEM Produzido pela Nação
Atos:	Seu Reinado Começa entre Todas as Nações
Epístolas:	Seus Ensinos e Princípios
Apocalipse:	Previsão de Seu Domínio Universal

O Antigo Testamento Hebraico contém exatamente os mesmos livros do Antigo Testamento contidos na Bíblia em Português, mas colocados em ordem diferente:

"Lei" (5 livros): *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números, Deuteronômio*

"Os Profetas" (8 livros)	4 Primeiros:	Josué, Juízes, Samuel, Reis
	4 Posteriores:	Isaías, Jeremias, Ezequiel, os Doze
"Os Escritos" (11 livros)	3 Poéticos:	Salmos, Provérbios, Jó
	5 Rolos:	Cânticos, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester
	3 Livros:	Daniel, Esdras-Neemias, Crônicas

Reduzindo-se cada par de livros de Samuel, Reis e Crônicas a um livro cada, Esdras e Neemias a um, os Doze Profetas Menores a um, estes 24 livros são os mesmos 39 nossos. Josefo reduziu-os posteriormente a 22, em correspondência às letras do alfabeto hebraico, combinando Rute com Juízes, e Lamentações com Jeremias.

Os cinco rolos individualmente eram livros separados, lidos anualmente em festas separadas:

Cânticos, na Páscoa, como referência alegórica ao Êxodo.
Rute, no Pentecostes, como celebração da colheita.
Ester, no Purim, comemorando o Livramento do povo de Israel da mão de Hamã.
Eclesiastes, nos Tabernáculos, a festa mais alegre.
Lamentações, no dia 9 do mês Ab, como lembrança da destruição de Jerusalém.

Os Tradutores da Septuaginta reclassificaram os livros do Antigo Testamento, usando o critério dos assuntos. Os tradutores para o Português acompanharam a ordem da Septuaginta, como se vê em nossas Bíblias atuais.

Os 39 Livros do Antigo Testamento

17 Históricos
Gênesis
Êxodo
Levítico
Números
Denteronômio
Josué
Juízes
Rute
1 Samuel
2 Samuel
1 Reis
2 Reis
1 Crônicas
2 Crônicas
Esdras
Neemias
Ester

5 Poéticos
Jó
Salmos
Provérbios
Eclesiastes
Cânticos

17 Proféticos
Isaías
Jeremias
Lamentações
Ezequiel
Daniel
Oséias
Joel
Amós
Obadias
Jonas
Miquéias
Naum
Habacuque
Sofonias
Ageu
Zacarias
Malaquias

Os 27 Livros do Novo Testamento

4 Evangelhos
Mateus
Marcos
Lucas
João

Atos
Atos

21 Epístolas
Romanos
1 Coríntios
2 Coríntios
Gálatas
Efésios
Filipenses
Colossenses
1 Tessalonicenses
2 Tessalonicenses
1 Timóteo
2 Timóteo
Tito
Filemon
Hebreus
Tiago
1 Pedro
2 Pedro
1 João
2 João
3 João
Judas

Apocalíptico
Apocalipse

Assunto ou Idéia Dominante de Cada Livro

Alguns livros têm uma idéia principal:
outros versam sobre assuntos variados.

Gênesis	A Fundação da Nação Hebraica
Êxodo	O Concerto com a Nação Hebraica
Levítico	As Leis da Nação Hebraica
Números	A Viagem para a Terra Prometida
Deuteronômio	As Leis da Nação Hebraica
Josué	A Conquista de Canaã
Juízes	Os Primeiros 300 Anos na Terra Prometida
Rute	Os Primórdios da Família Messiânica de Davi
1 Samuel	A Organização do Reino
2 Samuel	O Reinado de Davi
1 Reis	A Divisão do Reino
2 Reis	A História do Reino Dividido
1 Crônicas	O Reinado de Davi
2 Crônicas	A História do Reino do Sul
Esdras	A Volta do Cativeiro
Neemias	A Reconstrução de Jerusalém
Ester	Israel Escapa do Extermínio
Jó	O Problema do Sofrimento
Salmos	O Hinário Nacional de Israel
Provérbios	A Sabedoria de Salomão
Eclesiastes	A Vaidade da Vida Terrena
Cântico dos Cânticos	A Glorificação do Amor Conjugal
Isaías	O Profeta Messiânico
Jeremias	O Último Esforço por Salvar Jerusalém
Lamentações	Canto Fúnebre sobre a Desolação de Jerusalém
Ezequiel	"Saberão que Eu sou Deus"
Daniel	O Profeta em Babilônia
Oséias	A Apostasia de Israel
Joel	A Predição da Dispensação do Espírito Santo
Amós	O Governo de Davi, Final e Universal
Obadias	A Destruição de Edom

Jonas	Um Recado de Misericórdia para Nínive
Miquéias	Belém Será o Berço do Messias
Naum	A Destruição de Nínive
Habacuque	"O Justo Viverá pela Fé"
Sofonias	O Advento de uma "Linguagem Pura"
Ageu	A Reconstrução do Templo
Zacarias	A Reconstrução do Templo
Malaquias	A Última Mensagem a um Povo Desobediente
Mateus	Jesus, o Messias
Marcos	Jesus, o Maravilhoso
Lucas	Jesus, o Filho do Homem
João	Jesus, o Filho de Deus
Atos	A Formação da Igreja
Romanos	A Natureza da Obra de Cristo
1 Coríntios	As Várias Desordens na Igreja
2 Coríntios	Paulo Vindica seu Apostolado
Gálatas	Pela Graça, Não pela Lei
Efésios	A Unidade da Igreja
Filipenses	Uma Epístola Missionária
Colossenses	A Divindade de Jesus
1 Tessalonicenses	A Segunda Vinda de Cristo
2 Tessalonicenses	A Segunda Vinda de Cristo
1 Timóteo	Cuidado pela Igreja de Éfeso
2 Timóteo	Conselhos Finais de Paulo
Tito	As Igrejas de Creta
Filemon	A Conversão de um Escravo Fugitivo
Hebreus	Cristo, Mediador de um Novo Concerto
Tiago	Boas Obras
1 Pedro	A uma Igreja Perseguida
2 Pedro	A Apostasia Predita
1 João	O Amor
2 João	A Precaução contra Falsos Mestres
3 João	A Rejeição de Auxiliares de João
Judas	A Apostasia Iminente
Apocalipse	O Triunfo Final de Cristo

Tamanho Relativo dos Livros da Bíblia

Há 1.189 capítulos na Bíblia: 929 no Antigo Testamento; 260 no Novo.

O capítulo mais longo é o Salmo 119. O mais curto é o Salmo 117, que também é o capítulo central da Bíblia.

O verso mais longo é o de Ester 8:9. O mais breve, o de João 11:35.

Visto que os capítulos variam de extensão, o tamanho relativo dos Livros indica-se pelo número de páginas, e não pelo de capítulos. A tabela abaixo organizada à vista de uma Bíblia de 1.281 páginas, mostra o tamanho relativo dos Livros:

	Caps.	Págs.		Caps.	Págs.
Gênesis	50	58	Naum	3	2
Êxodo	40	49	Habacuque	3	3
Levítico	27	36	Sofonias	3	3
Números	36	51	Ageu	2	2
Deuteronômio	34	48	Zacarias	14	10
Josué	24	29	Malaquias	4	3
Juízes	24	29	Mateus	28	37
Rute	4	4	Marcos	16	23
1 Samuel	31	38	Lucas	24	40
2 Samuel	24	32	João	21	29
1 Reis	22	36	Atos	28	38
2 Reis	25	35	Romanos	16	15
1 Crônicas	29	33	1 Coríntios	16	14
2 Crônicas	36	40	2 Coríntios	13	10
Esdras	10	12	Gálatas	6	5
Neemias	13	17	Efésios	6	5
Ester	10	9	Filipenses	4	4
Jó	42	40	Colossenses	4	4
Salmos	150	98	1 Tessalonicenses	5	3
Provérbios	31	34	2 Tessalonicenses	3	2
Eclesiastes	12	9	1 Timóteo	6	4
Cântico dos Cânticos	8	6	2 Timóteo	4	3
Isaías	66	57	Tito	3	2
Jeremias	52	65	Filemon	1	1
Lamentações	5	7	Hebreus	13	12
Ezequiel	48	59	Tiago	5	4
Daniel	12	18	1 Pedro	5	4
Oséias	14	8	2 Pedro	3	3
Joel	3	3	1 João	5	4
Amós	9	6	2 João	1	1
Obadias	1	1	3 João	1	1
Jonas	4	2	Judas	1	1
Miquéias	7	5	Apocalipse	22	19

Na Bíblia acima mencionada:

O A. T. tem	993	págs., 3 1/2 vezes o tamanho do N.T.
O N. T.	288	págs.
Os Livros Históricos	552	págs., mais da metade do A. T.
Os Poéticos	187	págs., cerca de 1/5 do A. T.
Os Proféticos	254	págs., pouco mais de 1/4 do A.T.
O Pentateuco	237	págs., quase o tamanho do N.T.
Os Evangelhos	129	págs., quase a metade do N. T.
As Epístolas	102	págs., pouco mais de 1/3 do N. T.

Três Pensamentos Básicos do Antigo Testamento

1. A Promessa de Deus a Abraão

Que em sua descendência todas as nações seriam abençoadas.

Deus estabeleceu a nação hebraica como propósito específico de fazê-la nação messiânica para o mundo, isto é, nação por meio da qual um dia grandes bênçãos viriam de Deus para todas as nações.

2. O Concêrto de Deus com a Nação Hebraica

Que, se eles O servissem fielmente, no meio de uma terra idólatra, prosperariam como nação.

Que, se O abandonassem para servir aos ídolos, seriam destruídos como nação.

Todas as nações adoravam ídolos. Havia deuses por tôda parte: deuses do céu, deuses da terra, deuses do mar, deuses do país, deuses das cidades, deuses do campo, deuses dos montes, deuses dos vales; deuses, deusas e famílias de deuses.

O Antigo Testamento é a narrativa do esfôrço de Deus, através de longas eras, por estabelecer, no meio das nações idólatras, a **IDÉIA** de que há **UM SÓ DEUS VIVO E VERDADEIRO** no universo, e isto fez ao edificar uma NAÇÃO em torno desta idéia.

3. A Promessa de Deus a Davi

Que sua família reinaria para sempre sobre o povo de Deus.

Quando, por fim, a nação de Deus se tornou grande nação, Deus escolheu uma família do meio desse povo, a família de Davi, e com esta começou a realizar Suas promessas, a saber, que dessa família haveria de vir um grande Rei, que, pessoalmente, viveria para sempre e estabeleceria um reino universal que não teria fim.

Três Etapas na Evolução do Pensamento do Antigo Testamento

1. A nação hebraica foi estabelecida para que, por ela, o mundo inteiro fosse abençoado. A nação messiânica.
2. O meio pelo qual a bênção da nação hebraica se comunicaria ao mundo seria a família de Davi. A família messiânica.
3. O meio pelo qual a bênção da família de Davi se comunicaria ao mundo seria o grande Rei que nasceria dela: O Messias.

Assim sendo:

Ao estabelecer a nação hebraica,
O objetivo FINAL de Deus
Foi trazer Cristo ao mundo.
O objetivo IMEDIATO de Deus
Foi estabelecer, no mundo idólatra,
Em preparação para a vinda de Cristo,
A idéia de que há UM só Deus vivo e verdadeiro.

Cronologia do Antigo Testamento

A "Cronologia Aceita"

As datas que se vêem às margens de algumas Bíblias não fazem parte do texto da Escritura. Foram calculadas pelo Arcebispo Usher, em 1650 d.C. A criação de Adão, ao que ele diz, data de 4004 a.C. O dilúvio, de 2348 a.C. O nascimento de Abraão, de 1996 a.C. O Êxodo, de 1491 a.C. O Templo de Salomão, de 1012 a.C. Entretanto, os dados cronológicos, fornecidos pela Bíblia, são insuficientes para, com eles, se elaborar a base de um sistema exato de datas; e há divergência de opiniões entre os eruditos, especialmente quanto às datas mais remotas.

O Período de Adão a Abraão

Em Gên. 5, os números parecem dar 1656 anos, de Adão ao dilúvio. Em Gên. 11, dão 427 anos, do dilúvio à chamada de Abraão. Temos um total de 2083 anos, de Adão a Abraão. Ver as páginas 70, 83.

A Septuaginta, em Gên. 5, fornece números que somam 2262 anos, de Adão ao dilúvio; e, em Gên. 11, o s números fazem 1307 anos, do dilúvio a Abraão; total, de Adão a Abraão, 3569 anos. Deste modo a Septuaginta coloca a data de Adão 1.486 anos além daquela que se deduz em nossa tradução da Bíblia.

O Pentateuco Samaritano, em Gên. 5, apresenta números que somam 1307 anos, de Adão ao dilúvio, e, em Gên. 11, números que somam 1077 anos, do dilúvio a Abraão, total, de Adão a Abraão, de 2384 anos.

A Data de Abraão

Apesar de calculada de modo vário, entre 2300 a.C. e 1700 a.C., reconhece-se geralmente que a época de Abraão situa-se mais ou menos no ano 2000 a.C. Teremos daí o seguinte:

A Data de Adão, cerca de 4000 a.C.; ou, de acordo com a Septuaginta, cerca de 5500 a.C.; ou, segundo o Pentateuco Samaritano, cerca de 4300 a.C.

A data do dilúvio, cerca de 2400 a.C.; ou, conforme a Septuaginta, cêrca de 3300 a.C., ou, segundo o Pentateuco Samaritano, cerca de 3000 a.C.

Outras Interpretações

Enquanto a "cronologia aceita" parece, pela maior parte e aproximadamente, harmonizar-se com o texto de nossas Bíblias, há interpretações desses textos que colocariam Adão numa época desmedidamente mais remota, se a descoberta de novos dados assim o exigisse. Ver página 70.

Cronologia Bíblica e Ciência Moderna

Está, hoje em dia, muito disseminada, a idéia de que o homem apareceu na terra muito mais cedo do que indica a Bíblia.

As duas civilizações mais antigas seriam a da Babilônia e a do Egito. Baseando-se puramente em evidências arqueológicas, independentes dos registros bíblicos, calcula-se que o começo do período **HISTÓRICO** na Babilônia se coloca em 4000 a.C., (a cultura Pré-Ubaídica). O começo do pe-

ríodo **HISTÓRICO** no Egito é fixada pela maioria dos historiadores mais ou menos pelo ano 3000 a.C., sendo que a Primeira Dinastia começou em 2850 a.C. Quanto à extensão do período **PRÉ-HISTÓRICO,** em ambos os países, os pareceres variam de uns poucos séculos até às conjecturas fantasiosas de eras imemoriais. Sabe-se agora que os vales do Eufrate e do Nilo são de formação comparativamente recente, não anterior ao ano 6000 a.C. A Arqueologia e a História mostram que, nesses vales, o homem apareceu de repente tendo desde o princípio uma civilização bem adiantada.

A Teoria do "Sábado Milenário"

A Epístola de Barnabé, do princípio da era cristã, mencionava uma teoria, então em voga, segundo a qual, assim como tinha havido 2.000 anos de Adão a Abraão, e 2000 anos de Abraão a Cristo, também haveria 2000 anos para a dispensação cristã, seguindo-se então o milênio do repouso sabático: 6000 anos e, depois, o sábado milenário: assim como aos 6 dias da criação seguiu-se o dia de descanso. Visto que nos aproximamos do fim dos 2000 anos da era cristã, logo veremos ao certo em que dá essa teoria. Há muita coisa atualmente nos horizontes que parece dizer estar o Grande Dia mais perto do que se possa imaginar.

O Período de Abraão ao Êxodo

645 ou 430 anos. Êx. 12:40 diz "430 anos no Egito". A Septuaginta e o Samaritano acrescentam "e em Canaã". O período desde a entrada de Abraão em Canaã à partida de Jacó para o Egito foi de 215 anos, Gên. 12:4; 21:5; 25:26; 47:9. Mas Gên. 15:13; At 7:6 e Gl 3:17 parecem deixar dúvida se os 215 anos estão incluídos nos 430 ou se devem ser somados a eles.

A Data do Êxodo

Seu cálculo depende, em parte, da interpretação que se der aos números do período precedente e do seguinte, e, em parte, de sua relação com a cronologia egípcia. As opiniões parecem estar agora razoavelmente divididas entre 1450 a.C. e 1230 a.C. mais ou menos. Ver informações mais completas nas páginas 110-113.

Do Êxodo ao Templo de Salomão

Em I Reis 6:1 se declara que o 4.° ano de Salomão correspondia ao 480.° da saída de Israel do Egito. Aceitando-se 1450 a.C. como data provavelmente aproximada do Êxodo, e 968 a.C. como data provavelmente aproximada do 4.° ano do reinado de Salomão, têm-es 480 anos entre um fato e outro. Todavia, os números no livro de Juízes, relativos aos períodos alternados de opressões e livramentos, parecem perfazer um total de 319 anos, ou ainda menos, reconhecendo que muitos dos acontecimentos tinham a mesma data. Somando-se isto aos 40 anos de peregrinação no deserto, ao número incerto de anos da liderança de Josué, aos do juizado de Eli e Samuel, aos 40 anos do reinado de Saul e a outros tantos do reinado de Davi, tem-se um total aproximado de uns 500 anos, alguns dos quais devem ter coincidido, em parte, com outros. Ver página 158.

Datas Importantes do Antigo Testamento

Para Reter na Memória

As datas mais remotas, dadas aqui, vão em números redondos e são apenas aproximadas, algo incertas (ver as duas páginas precedentes). São, contudo, suficientemente exatas para mostrar a seqüência histórica dos eventos e pessoas. Devem ser todas decoradas pelos que desejam familiarizar-se com a Bíblia.

Abraão	Cerca de 2000-1850 a.C.
Jacó	Cerca de 1800-1700 a.C.
José	Cerca de 1750-1650 a.C.
Moisés	Cerca de 1400ou1300a.C.
O Êxodo	Cerca de 1400ou1300a.C.
Rute	Cerca de 1125 a.C.
Samuel	Cerca de 1075 a.C.
Saul	Cerca de 1050 a.C.
Davi	Cerca de 1011 a.C.
Salomão	Cerca de 971 a.C.
Divisão do Reino (ver a página sobre I Reis 12)	Cerca de 931 a.C.
Cativeiro da Galiléia	Cerca de 732 a.C.
Cativeiro de Israel	Cerca de 722 a.C.
Conquista de Judá pela Babilônia	Cerca de 605 a.C.
Cativeiro de Jeoiaquim	Cerca de 597 a.C.
Destruição de Jerusalém	Cerca de 587 a.C.
Volta do Cativeiro	Cerca de 538 a.C.
Reconstrução do Templo	Cerca de 520 a.C.
Ester torna-se Rainha da Pérsia	Cerca de 478 a.C.
Esdras parte para Jerusalém	Cerca de 458 a.C.
Neemias reedifica os Muros	Cerca de 444 a.C.

Períodos

Patriarcas: Abraão, Isaque, Jacó	Cerca de 200 anos:	2000-1800 a.C.
Permanência de Israel no Egito ...	Cerca de 400 anos:	1750-1400 a.C. ou 1300 a.C.
Período dos Juízes	Cerca de 300 anos:	1400-1100 a.C.
O Reino: Saul, Davi, Salomão ..	Cerca de 120 anos:	1050- 931 a.C.
O Reino Dividido	Cerca de 200 anos:	931- 722 a.C.
O Cativeiro	Cerca de 70 anos:	605- 538 a.C.
Período de Restauração	Cerca de 100 anos:	538- 432 a.C.

Pesos, Medidas e Moedas Referidos na Bíblia

Seu Valor Aproximado

Em Ordem Alfabética

Bato, cerca de 22 litros, unidade de medida para líquidos
Beca, 1/4 de onça, 6,02 gm.
Braça (medida de profundidade), 2 metros
Cabe, 1,2 litros
Cana, cerca de 3,30 metros
Ceitil (centavo ou quadrante), 1/4 de cêntimo, ou 1/8 cêntimo de dólar
Côvado, cerca de 45 cm.
Dárico, ouro, 5 dólares; prata, 64 cêntimos de dólar (o mesmo que o siclo)
Denário, 16 cêntimos de dólar
Didracma, 2 denários
Dígito (dedo), quase 2 centímetros
Dracma, 16 cêntimos de dólar
Efa, cerca de 1 alqueire, unidade de medida para secos, 22 kg.
Estádio, 184 metros
Gera, 1/40 de onça, 0,5 gm.
Hin, 3,6 litros
Ômer, medida de 220 litros (para líquido), de 10 alqueires (para secos)
Ômer, (outra palavra) 2,2 litros
Jornada de um sábado, cerca de 1,5 quilômetros
Jornada de um dia, cerca de 32 km.
Cor (ou Ômer), 220 litros ou 10 alqueires
Lethech, cerca de 5 1/2 alqueires, ou 110 litros
Logue, 0,3 litros
Libra, 16 dólares
Libra prata, cerca de 20 ou 40 dólares. Dois padrões
Libra ouro, cerca de 300 ou 600 dólares. Proporção de prata para o ouro, 15 por 1
Largura da Mão, 7,6 cm.
Maneh (mina), cerca de 500 gramas
Meio siclo, igual a um didracma
Metreta, cerca de 38 litros
Lepto, meio quadrante, 1/8 de cêntimos de dólar
Palmo, 22 mc.
Seah, 7,3 litros
Siclo, 9,5 gm., unidade de peso
Siclo, igual a 4 denários, unidade monetária
Talento, cerca de 1.000 dólares
Talento de prata, cerca de 60 kg., ou 30 kg.; 2.000 ou 1.000 dólares
Talento de ouro, cerca de 60 kg., ou 30 kg.; 30.000 ou 15.000 dólares

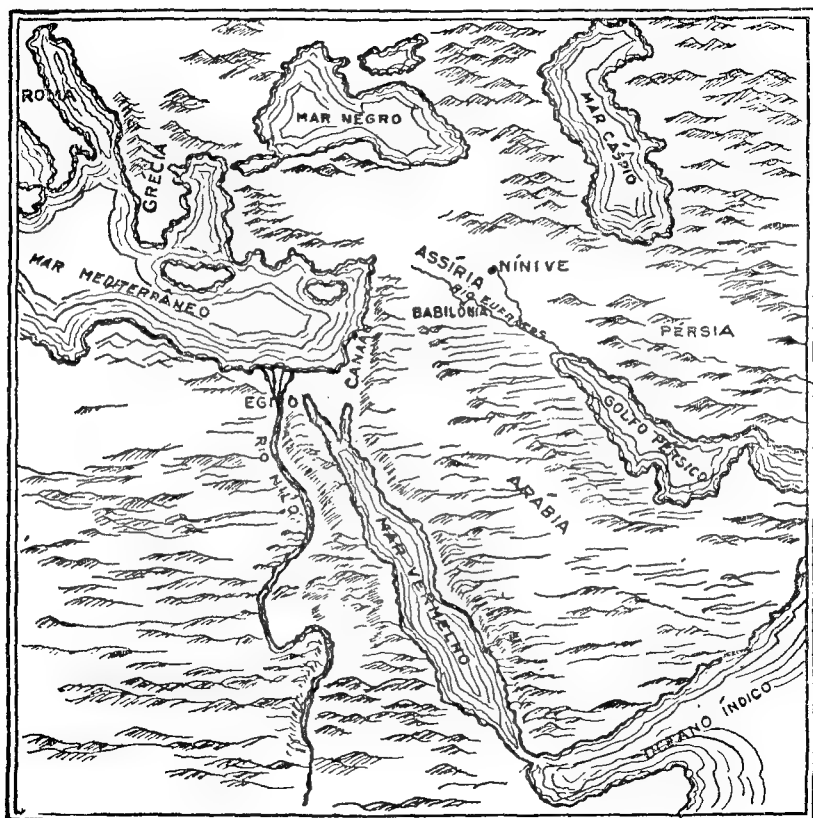
Canaã

A Terra da História Bíblica

A metade sul do limite oriental do Mar Mediterrâneo. Cerca de 240 km de extensão, de norte a sul; largura média, de leste a oeste, 80 km. Uma faixa de terras férteis entre o Deserto da Arábia e o mar.

Paralelas à praia oriental do Mediterrâneo há duas grandes cordilheiras de montanhas, com um vale no meio. As chuvas e rios, que essas montanhas proporcionam, produzem o cinturão fértil entre o deserto e o mar.

Os Montes do Líbano, do lado oposto a Tiro e Sidom, são o centro e o ponto culminante dessas cordilheiras. De seus picos nevados descem quantidades enormes de água para todas as direções.

O rio Orontes, correndo na direção norte, fez Antioquia. O Abana, para o leste, fez Damasco. O Leontes (Litânia), para o oeste, fez Tiro e Sidom. E o Jordão, para o sul, fez Canaã, "terra que mana leite e mel".

(Mapa 5)

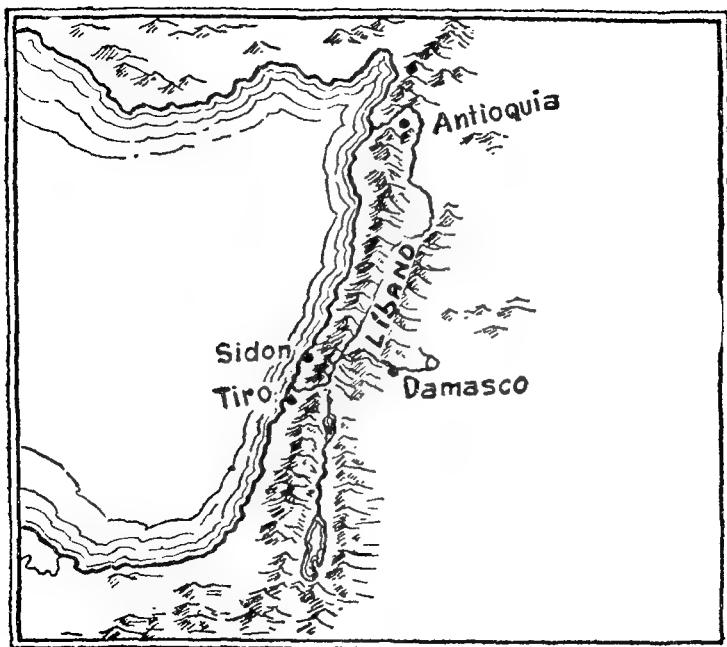
Canaã situava-se na estrada entre o Vale do Eufrates e o Egito, os dois principais centros de população no mundo antigo. Foi o centro geográfico e lugar de encontro das culturas egípcia, babilônica, assíria, persa, grega e romana: ponto estratégico e protegido no eixo dessas poderosas civilizações que fizeram a história antiga. Aí estabeleceu-se Israel, como representante de Deus entre as nações.

O Vale do Eufrates

O Primeiro Lugar da Habitação do Homem Foi
Sede de Três Potências Mundiais:

A Assíria, que ocupa o setor norte do vale
A Babilônia, que ocupava o setor sul do vale
A Pérsia, que ficava no limite oriental do vale
O Egito foi potência mundial de 1570-1200 a.C.
A Assíria foi potência mundial de 883-612 a.C.
A Babilônia foi potência mundial de 605-539 a.C.
A Pérsia foi potência mundial de 539-331 a.C.

Israel foi:

Criado no Egito, na época do poderio egípcio
Destruído pela Assíria e Babilônia, na época do poderio delas
Restaurado pela Pérsia, na época do poderio persa

(Mapa 6)

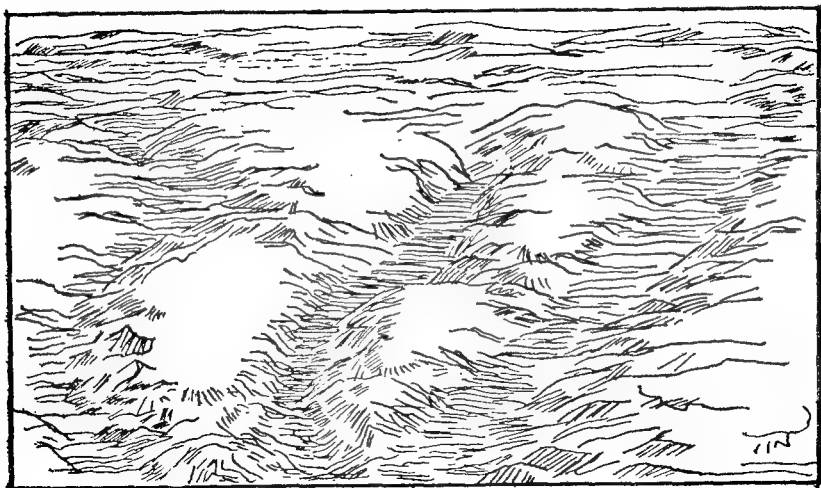
Jerusalém

Cidade Central da História Bíblica

Jerusalém parece ter sido escolhida por Deus, antes mesmo da chegada de Abraão, para ser o Quartel General Terrestre da operação divina entre os homens, visto como Melquisedeque, sacerdote do Deus altíssimo, já se encontrava lá, Gn. 14:18.

Se, como sustenta a tradição hebraica, Melquisedeque era Sem, sobrevivente do mundo antediluviano, mais velho dos homens viventes, sacerdote, no período patriarcal, de toda a população terrestre, — então, algum tempo antes da chegada de Abraão, Melquisedeque, já havia saído da Babilônia, numa migração anterior, para tomar posse, em nome de Deus, dessa localidade específica.

Melquisedeque devia ter visto Abraão menino, ainda, quando em Ur, e talvez tenha preparado sua mente para sua chamada para vir a esta Terra Prometida, escolhida por Deus para aí realizar a obra da redenção humana.
Jerusalém situava-se no centro sul de Canaã, na parte mais alta da bacia jordânico-mediterrânea, a uns 32 km do Jordão e cerca de 64 km do Mediterrâneo, região protegida, ao oeste, por montanhas, e, ao sul, pelo deserto, e a leste pelo desfiladeiro do Jordão.

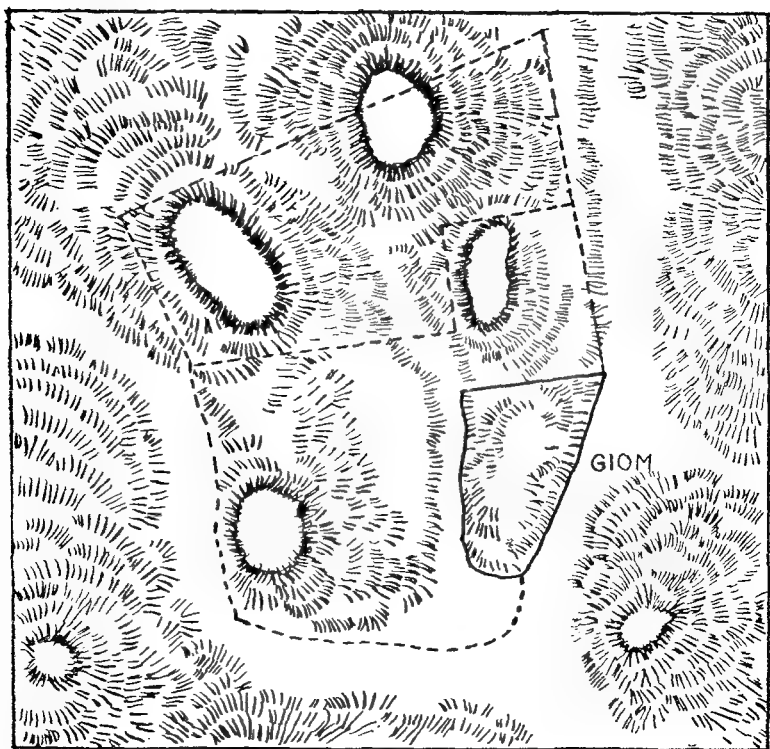
Era edificada numa serra, cercada de vales profundos dos lados leste, sul e oeste. A serra consistia de duas colinas, com um vale no meio. A Colina Oriental era formada de três colinas menores, chamadas colinas do Sudeste, Centro-Leste e Nordeste. A Colina Ocidental era constituída de duas colinas menores, chamadas colinas do Sudoeste e Noroeste. Situando-se uma pequena distância fora da Estrada Costeira, onde civilizações mundiais se encontravam e se mesclavam, e era bem apropriada para ser a sede principal da obra divina entre as nações.

(Mapa 7. Vista aérea da Serra de Jerusalém, na Direção de N.O.)

Originalmente a cidade ocupava a colina do sudeste. Sua posição inexpugnável por natureza, com uma fonte d'água, Giom, ao pé da colina, deu-lhe a localização ideal para ser uma cidade murada.

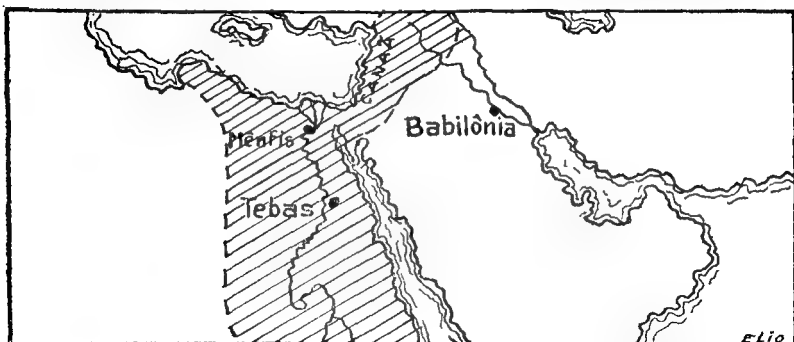
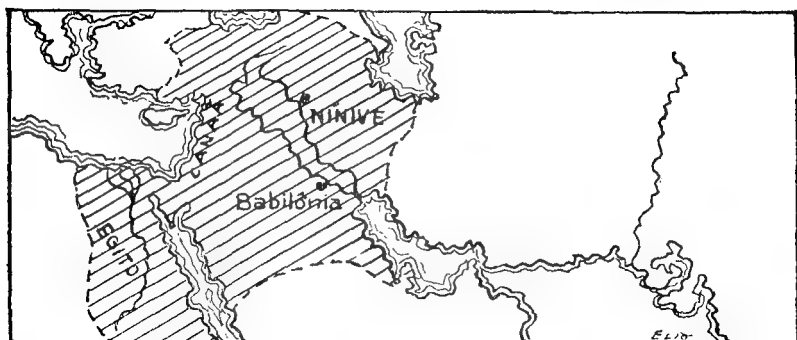
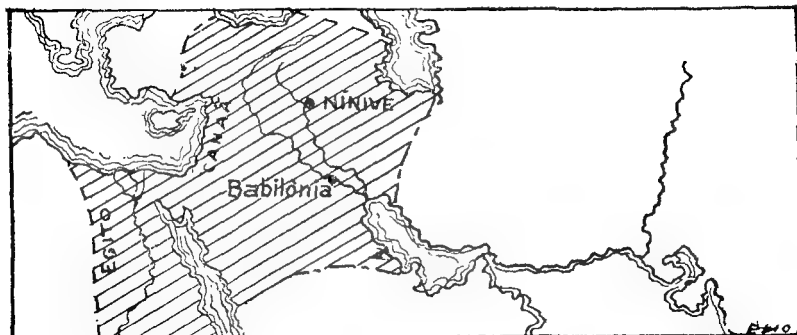
Na colina do sudeste ficava a cidade de Melquisedeque. Na do centro-leste, chamada Moriá, consta que Isaque foi oferecido; nela, 1000 anos mais tarde, edificou-se o Templo de Salomão. Na colina do nordeste, outros 1000 anos mais adiante, Jesus foi crucificado.

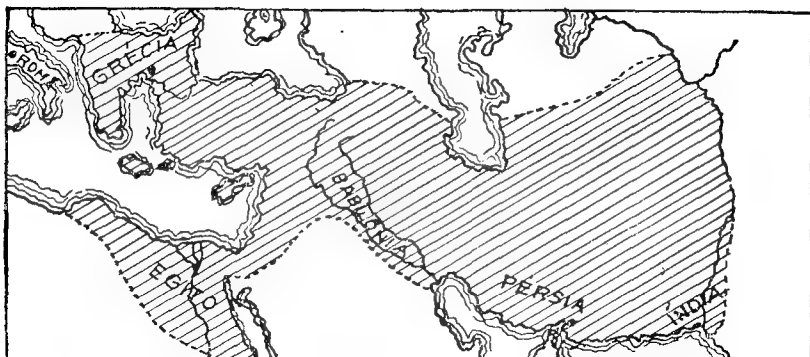
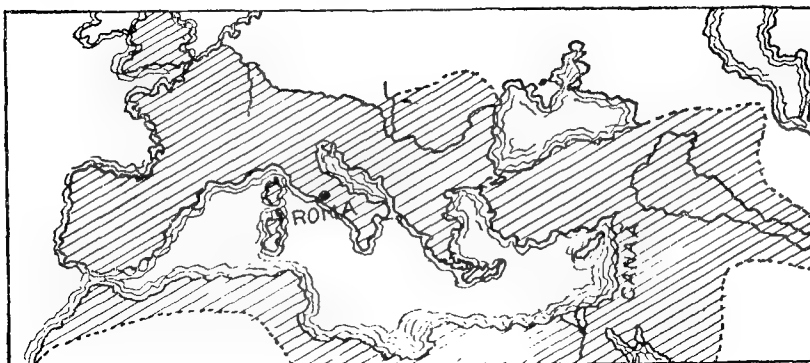
No mapa, a linha cheia indica a cidade de Melquisedeque e de Abraão. A linha interrompida, acima dela, indica a cidade maior, de Davi e Salomão. A linha levemente pontilhada, mais acima desta última, mostra a cidade ainda maior do tempo de Cristo.

Distância entre Jerusalém e outros lugares; o Egito uns 483 km a sudoeste; a Assíria, 1.126 km ao nordeste; a Babilônia, 1.126. km a leste; a Pérsia, 1.609 km a leste; a Grécia, 1.287 km a noroeste; Roma, 2.413 km a noroeste.

Davi fez de Jerusalém a capital de Israel, em 1000 a.C.: cidade magnífica. Foi destruída pelos babilônios em 587 a.C.; nos dias de Cristo já era de novo uma cidade imponente. MATOU, porém, Aquele cujo nascimento era a finalidade de sua fundação. Ver mais à página 587.

(Mapa 8)

Potências Mundiais dos Tempos Bíblicos

Seis Grandes Governos dominaram o mundo de antes de Cristo. Cada qual esteve ligado, de um ou outro modo, com a História Bíblica.

(Mapa 9) Império Egípcio. 1570-1200 a.C. Coevo da Permanência de Israel no Egito. Aí Israel cresceu, de 70 almas para 3.000.000.

(Mapa 10). Império Assírio. 883-612 a.C. Destruiu o Reino do Norte de Israel, em 721 a.C., e cobrou tributo de Judá.

(Mapa 11). Império Babilônico. 605-539 a.C. Destruiu Jerusalém. Levou Judá ao cativeiro. O Cativeiro Judaico foi coevo do Império.

(Mapa 12) Império Persa. 539-331 a.C. Consentiu que os judeus voltassem do cativeiro e ajudou-os em se reinstalarem como nação.

(Mapa 13) Império Grego. 331-146 a.C. Governou a Palestina no período entre o Velho e o Novo Testamentos. Ver págs. 354, 355.

(Mapa 14) Império Romano. 146 a.C. a 476 d.C. Governava o mundo quando **CRISTO** apareceu. Em seus dias a **IGREJA** foi fundada.

Descobertas Arqueológicas

O Vale do Eufrates

O vale dos rios Eufrates e Tigre é o local onde viveram os primeiros habitantes da terra e onde a história bíblica começou. Hoje está pontilhado de cômoros, que são as ruínas de cidades antigas, inclusive as primeiras que já se construíram. Tais cidades foram edificadas com tijolos. Atirava-se lixo nas ruas, ou se o despejava em cima dos muros. As casas, quando reparadas, teriam sido erguidas ao nível das ruas. Quando abandonadas ou destruídas na guerra, e depois ocupadas de novo, as ruínas, ao invés de serem removidas, teriam sido aplanadas para servirem de base à nova cidade. Consistindo de tijolos, que em parte ter-se-iam quebrado e desmanchado, haveriam de fornecer base sólida para a cidade em cima. A nova cidade teria, pois, abaixo de si, sepultados, o entulho e os restos da primeira ocupação.

Dessa forma os cômoros cresciam e se alargavam mais, uma cidade por cima de outra. Quando finalmente abandonadas, os tijolos, molhados pelas chuvas, desmanchavam-se; formou-se uma camada de terra; e, recobertos pelas tempestades de areia do deserto, esses cômoros ocultavam dentro de si os segredos da vida e civilização dos povos que sucessivamente nêles habitaram.

Alguns desses cômoros ou montículos são de 30 ou mais metros de altura e contêm os resíduos de 20 ou mais cidades, cada uma constituindo uma camada distintiva, encerrando em si os utensílios, vasos de barro, lixo, registros e várias relíquias do seu povo. Escavando esses cômoros de ruínas, em anos recentes, os arqueólogos desceram ao fundo, às primeiras cidades e trouxeram a lume o passado havia muito esquecido, e descobriram coisas que, de modo notabilíssimo, confirmam, suplementam ou ilustram a história bíblica.

Começo do Interesse pela Arqueologia

Claude James Rich, agente da Companhia da Índia Oriental Inglesa, residente em Bagdá, 80 km ao nordeste do local da antiga Babilônia, tendo sua curiosidade despertada por alguns tijolos com inscrições, trazidos por um agente seu colega, visitou aquele local, isso em 1811. Ali ficou 10 dias e localizou e cartografou a vasta acumulação de cômoros que tinham sido a Babilônia. Com o auxílio de alguns nativos, escavou os ditos cômoros e conseguiu umas poucas placas (tabletes) de barro, que levou para Bagdá.

Em 1820 visitou Mossul e gastou 4 meses rascunhando um desenho dos cômoros do outro lado do rio, onde suspeitava estivessem as ruínas de Nínive. Colecionou placas e inscrições que nem ele nem ninguém podia ler. Suas descobertas provocaram interesse geral.

Paul Emil Botta, cônsul francês em Mossul, começou a escavar os tais cômoros, em 1842 e nos 10 anos seguintes desvendou o magnificente palácio de Sargão em Corsabade.

Sir Austen Henry Layard, inglês, chamado "Pai da Assiriologia", descobriu (1845-51), em Nínive e Calá, as ruínas dos palácios de cinco dos reis assírios que se mencionam na Bíblia, bem como a grande biblioteca de Assurbanipal, que se supõe ter sido de 100.000 volumes.

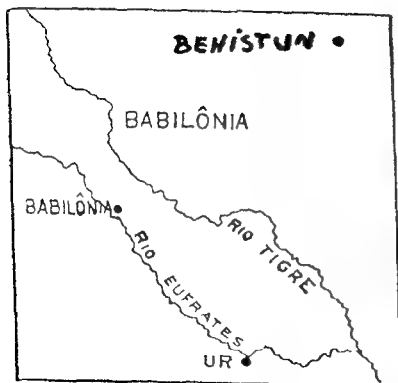
Desde então numerosas expedições, inglêsas, francesas, alemãs e americanas, têm escavado em vários cômoros de ruínas do vale do Tigre-Eufrates, e têm encontrado centenas de milhares de placas e monumentos com inscrições, feitos nos primeiros dias da raça humana. E o trabalho prossegue; uma torrente ininterrupta de inscrições antigas continua a ser despejada nos grandes museus do mundo para estudo e interpretação.

Tais inscrições foram feitas numa língua que há muito caiu em desuso, vindo a esquecer-se. Eram, porém, tão importantes que os sábios ficaram muito interessados em decifrá-las.

O Rochedo de Behistun, Chave da Língua Babilônica

Em 1835, Sir Henry Rawlinson, oficial do exército inglês, notou no monte Behistun, 322 kms, ao nordeste de Babilônia, na estrada para Ecbatana e na fronteira da Média, grande rocha isolada, que se erguia abruptamente 520 ms. acima da planície, e, na superfície desse rochedo, num alcantil perpendicular, 132 ms. acima da estrada, uma superfície alisada, com gravações. Investigou e descobriu que era uma inscrição esculpida em 516 a.C. por ordem de Dario, rei da Pérsia, 522-486 a.C., o mesmo Dario sob cujo governo o Templo de Jerusalém foi reconstruído, como se diz no livro de Esdras, inscrição gravada no mesmo ano em que o templo foi acabado.

A escrita entalhada, nas línguas persa, elamita e babilônica, fornecia longo relato das conquistas de Dario e das glórias do seu reinado. Rawlinson já possuía algum conhecimento da língua persa e, entendendo que se tratava de um relato só, em três línguas diferentes, com admirável pertinácia e em constante perigo de vida, durante mais de 4 anos galgava o rochedo e, de pé, numa beirada de uns 30 cms. de largura na parte inferior da inscrição, com o auxílio de escadas, lançadas de baixo, e de balanços, da parte de cima, tirou moldes das inscrições.

Em mais 14 anos suas traduções, estavam concluídas. Havia achado a chave do antigo idioma babilônico, desvendando assim para o mundo os vastos tesouros da literatura da Babilônia antiga.

(Mapa 15)

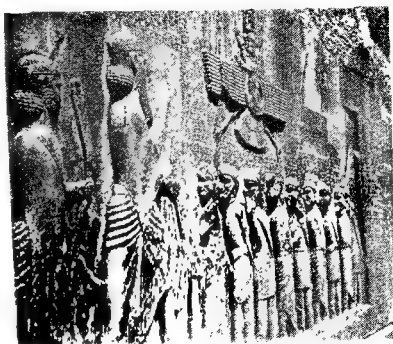



Fig. 1. O Rochedo de Behistum
(Cortesia do Museu da Universidade de Pensilvânia)

A ESCRITA

Até há poucos anos cria-se, geralmente, que a escrita fora desconhecida nos primórdios da história do Antigo Testamento. Era essa uma das bases da teoria da crítica moderna, segundo a qual alguns livros do Antigo Testamento foram escritos muito depois dos fatos por eles relatados, de sorte que continham apenas tradição oral. Hoje, porém, a pá dos arqueólogos vem-nos revelar que registros **ESCRITOS** de importantes acontecimentos foram feitos desde a alvorada da história.

A Origem Antediluviana da Escrita

Beroso relatou uma tradição, segundo a qual Xisutro, o Noé Babilônico, enterrou os Sagrados Escritos antes do dilúvio, em placas de barro cozido, em Sipar, e depois os desenterrou. Havia uma tradição entre árabes e judeus de que Enoque fora o inventor da escrita, e que deixara alguns escritos. Antigo rei babilônico deixou registrado que "gostava de ler os escritos da época do dilúvio." Assurbanipal, fundador da grande biblioteca de Nínive, referiu-se a "inscrições de antes do dilúvio".

Livros Antediluvianos

Têm sido encontradas algumas inscrições de antes do dilúvio. A Fig. 2 é uma placa pictográfica, encontrada pelo Dr. Langdon em Quis, sob um sedimento do dilúvio. A Fig. 3 apresenta sinetes encontrados pelo Dr. Schmidt, em Fara, sob uma camada sedimentada do dilúvio. O Dr. Woolley achou em Ur sinetes de antes do dilúvio.

Os sinetes foram as formas mais primitivas de escrita; representavam o nome de uma pessoa, identificavam uma propriedade, serviam de assinatura de cartas, contratos, recibos e várias espécies de escritura. Cada pessoa possuía seu próprio sinete. Este era gravado em pedacinhos de pedra ou

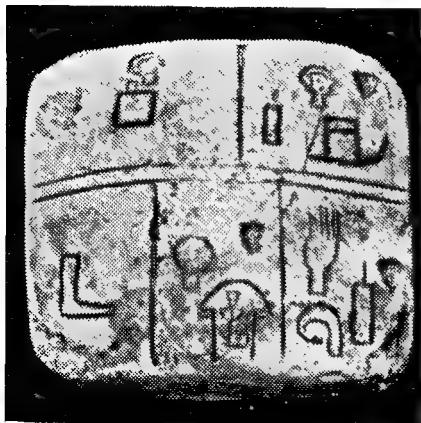



Fig. 2. Placa de antes do dilúvio, Quis
(Cortesia do Museu Field)

Fig. 3. Sinêtes de antes do dilúvio, Fara
(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

metal por meio de serras ou brocas muitíssimo delicadas. Usava-se para impressão em placas de barro, enquanto ainda úmidas.

A Escrita Pictográfica

A escrita aparece pela primeira vez na narrativa bíblica quando Deus pôs uma "marca" ou "sinal" em Caim. Essa marca representava uma idéia. Assim, "marcas", "sinais", "figuras" passaram a ser usadas para registrar idéias, palavras e combinações de palavras. Essas figuras eram pintadas ou insculpidas em cerâmica ou placas de barro. De tal espécie é a escrita nas camadas mais profundas das cidades pré-históricas da Babilônia. Os escritos mais antigos que se conhecem são figuras em placas de barro.

O Âmbito Primitivo da Escrita

Parece que a escrita, quando quer que ela tenha sido inventada, foi usada, a princípio, e por certo tempo, apenas pelos escribas nos principais centros de população. Quando tribos e famílias migravam de comunidades sedentárias para novos territórios não colonizados, aí se desenvolvia, fora da esfera dos fatos anotados, nas nações a crescerem e a se afastarem sempre das normas conhecidas, tôda espécie de tradições grosseiras, panteísticas, idolátricas e absurdas, baseadas no que tinha sido a verdade primitiva.

A Escrita Cuneiforme

A princípio, certa espécie de marca representava uma palavra inteira, ou uma combinação de palavras. Desenvolvendo-se a arte de escrever, passou a haver "marcas" que representavam partes de palavras, ou sílabas. Era este o gênero de escrita em uso na Babilônia no alvorecer do período histórico. Havia mais de 500 marcas diferentes, com umas 30.000 combinações. Geralmente, essas marcas se faziam em tijolos ou placas de barro macio (úmido), medindo de dois a 50 centímetros de comprimento, uns dois terços de largura, e escritos de ambos os lados; depois eram secados ao sol ou cozidos no forno. Por meio dessas inscrições cuneiformes, em placas de barro, é que chegou até nós a vasta literatura dos primitivos babilônios.

A Escrita Alfabética

Já foi outro avanço: as "marcas" passaram a representar partes de sílabas, ou letras, forma grandemente simplificada de escrita, na qual, com 26 marcas diferentes podia-se expressar todas as diferentes palavras que, no sistema cuneiforme, eram expressas por 500 marcas. A escrita alfabética começou antes de 1500 a.C., ver a pág. 54.

Material de Escrita

Palavras tais como "escrita", "livro", "tinta" são comuns a todos os ramos da língua semítica, o que parece indicar que a escrita, num livro com tinta, devia ter sido conhecida dos primitivos semitas antes de se separarem nas suas várias raças. Na Babilônia era, o mais das vezes, em placas de barro que se escrevia. Os egípcios usavam pedra, peles e papiro. Este, o precursor do papel, fazia-se de canas que cresciam em brejos, de 5 a 7 centímetros de diâmetro, e de 3 a 4 m de altura. Tais canas eram abertas em fatias, que se punham transversalmente, em camadas alternadas; eram umedecidas, prensadas e reduzidas a folhas, ou rolos, comumente de uns 30 cm de largura, por 30 cm a 3 m de extensão. Algumas vezes se usava cerâmica quebrada para escrever.

A ESCRITA

Livros Pré-Abraâmicos

Os centros de população mais antigos, após o dilúvio, como é dito nas páginas 84 e 85, ficavam na Babilônia (país), em Quis, Ereque, Lagás, Acade, Ur, Babilônia (cidade), Eridu, Nipur, Larsa e Fara.

Nas ruínas destas cidades encontram-se milhares de livros, escritos em pedra ou em placas de barro, antes da época de Abraão. Cinco dos mais famosos são aqui apresentados.

A Placa da Fundação de Anipada (Fig. 4).

É uma placa de mármore, 7 por 10 centímetros. Foi achada por Wooley (1923) na pedra angular de um templo em Obeide, 6 km a oeste de Ur. Tem esta inscrição: "Anipada, rei de Ur, filho de Messanipada, construiu este para sua senhora Nin-Kharsag" *(Deusa-Mãe). Essa placa acha-se* agora no Museu Britânico. Uma reprodução sua encontra-se no Museu da Universidade de Pensilvânia.

A inscrição foi proclamada como "O Documento Histórico mais Antigo" que já se havia descoberto. Uma profusão de placas mais velhas tinha sido descoberta, mas esse era o REGISTRO ESCRITO mais antigo de um EVENTO CONTEMPORÂNEO. Assinala a linha divisória, nos anais babilônicos, entre os períodos "histórico" e "pré-histórico". Ver mais na pág. 84.

Retrato da Família de Ur-Nina, Fig. 5, o rei de Lagás, seus filhos e servos; avô de Eanatum, com inscrições explicativas.

Estela de En-hedu-ana, Fig. 6, filha de Sargão, com inscrição dizendo que era sacerdotisa da deusa Lua em Ur.

Estela dos Abutres de Eanatum, Fig. 7. Achada em Lagás, por Sarzec. Encontra-se hoje no Louvre, em Paris. Registra suas vitórias sobre os elamitas e descreve seu método de combate: comandava seus guerreiros formados à maneira de cunha, armados de lanças, escudos e capacetes.

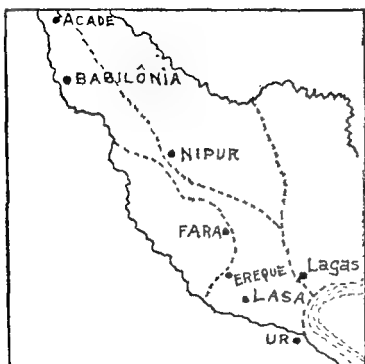
Estela de Ur-Namur, Fig. 8. Uma laje de pedra calcária, 3,1 m de altura, 1,65 m de largura. Achada no piso do Palácio da Justiça, em Ur. Está agora no Museu da Universidade da Pensilvânia. Descreve a constru-

Mapa 16. (Cortesia do Museu da Univ. de Pensilvânia)

Fig. 4. Placa da Fundação.

ção do Zigurate, no auge da glória de Ur. É chamada "Estela dos Anjos Voadores", porque se vêem esculpidos anjos que adejam sobre a cabeça do rei.

Tudo isto tem sua relação com a autoria humana dos primeiros livros da Bíblia. Mostra que a praxe de registrar eventos importantes era comum desde o alvorecer da história, dando como certo que os primeiros eventos do livro de Gênesis podiam ter sido registrados em documentos contemporâneos, o que é muitíssimo verossímil, tornando mais e mais crível que, desde o princípio, Deus preparou o núcleo de Sua Palavra e superintendeu a sua transmissão e desenvolvimento através das eras.

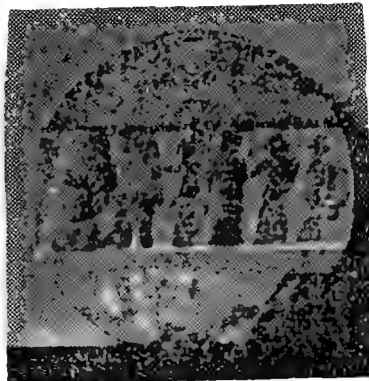



Fig. 5. Ur-Nina. **Fig. 6. A Filha de Sargão**
(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

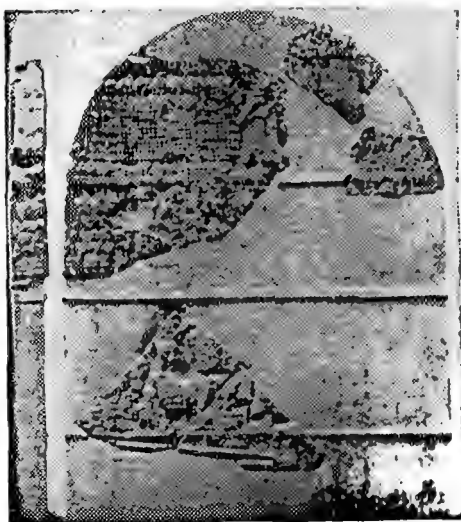



Fig. 7. Estela de Eannatum. **Fig. 8. Estela de Ur-Namur.**
(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

A ESCRITA

Livros e Bibliotecas da Primitiva Babilônia

A Babilônia foi o berço da raça humana, local do Jardim do Éden, cenário do começo da hist6ria bíblica, centro da área do dilúvio, lar de Adão, Noé e Abraão. Os primórdios de sua história são do mais alto interêsse para os estudantes da Bíblia.

Situava-se na foz do Tigre, e do Eufrates, media 402 km de extensão, e 80 km de largura; formara-se de sedimentos aluviais dos dois rios; terras de pântanos drenados, de fertilidade incrível; por muitos séculos centro de população densa. Hoje, na maior parte, são terras êrmas.

Acade

Também chamada Sipar, Akkad, Agade, Abu-Haba. Uma das cidades de Ninrode, Gên. 10:10. Capital do 8.º rei de antes do dilúvio, (ver pág. 71). Capital do império de Sargão (ver pág. 86), 48 km a noroeste de Babilônia (cidade). Um dos lugares onde as leis de Hamurabi foram colocadas. "Sipar", um de seus nomes, significa "Cidade dos Livros", a indicar que era famosa por suas bibliotecas. Era a localidade onde, segundo a tradição, os Sagrados Escritos foram enterrados antes do dilúvio e depois desenterrados. Suas ruínas foram escavadas por Rassam (1881) e por Scheil (1894). 60.000 placas foram encontradas, entre as quais tôda uma biblioteca de 30.000 volumes.

Lagás

Também chamada Telo, Shirpurla. A 80 kms. ao norte de Ur. Capital de um dos primeiros reinos de após o dilúvio. (ver pág. 87). Escavada por Sarzec (1877-1901). Centro de grandes bibliotecas. Encontraram-se mais inscrições aí do que em qualquer outra parte.

Fig. 9. Nipur

(Cortesia do Museu da Pensilvânia)

Nipur

Chamou-se também Nufar, Calné. 80 kms. a sudeste de Babilônia (cidade). Uma das cidades de Ninrode. Escavada sob os auspícios da Universidade da Pensilvânia e sob a direção de Peters, Haynes e Hilprecht, a intervalos, entre 1888 e 1900, os quais encontraram 50.000 placas com inscrições feitas no 3.º milênio a.C., inclusive uma biblioteca de 20.000 volumes; arquivos reais; escolas com grandes cilindros de consultas montados em estantes giratórias, dicionários, enciclopédias, obras completas de direito, ciência, religião e literatura. A Fig. 9 mostra uma ruína onde se acharam vastas bibliotecas.

Jemdet Nasr

Cidade anterior ao dilúvio, 40 kms. a nordeste de Babilônia (cidade). Destruída por incêndio cêrca de 3500 a.C., nunca foi reconstruída. Escavada em 1926 pela expedição do Museu Field, da Universidade de Oxford. Aí o Dr. Langdon encontrou inscrições pictográficas, que lhe indicaram o primitivo monoteísmo (ver pág. 62).

O Prisma Dinástico de Weld

O Primeiro Esbôço conhecido da História Universal. Escrito em 2170 a.C. por um escriba que se assinava Nur-Ninsubur, ao fim da dinastia de Isin, fornece uma lista inteira de reis desde os primórdios da raça até aos seus dias, incluindo os 10 reis longevos de antes do dilúvio. É um belo prisma de barro cozido. Foi conseguido pela Expedição Weld-Blundell (1922), em Larsa, poucos kms. ao norte de Ur. Acha-se hoje no Museu Ashmoleano de Oxford. Já existia há mais de cem anos antes de Abraão, a poucos kms. do seu lar.

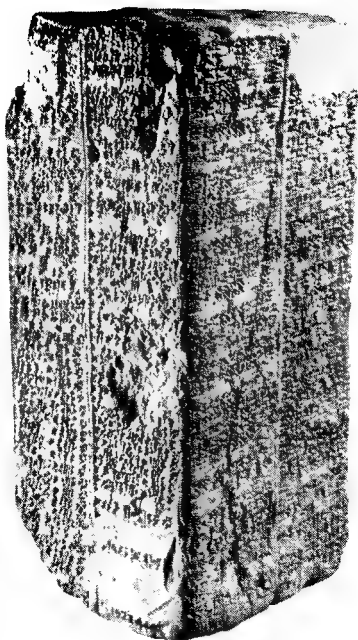
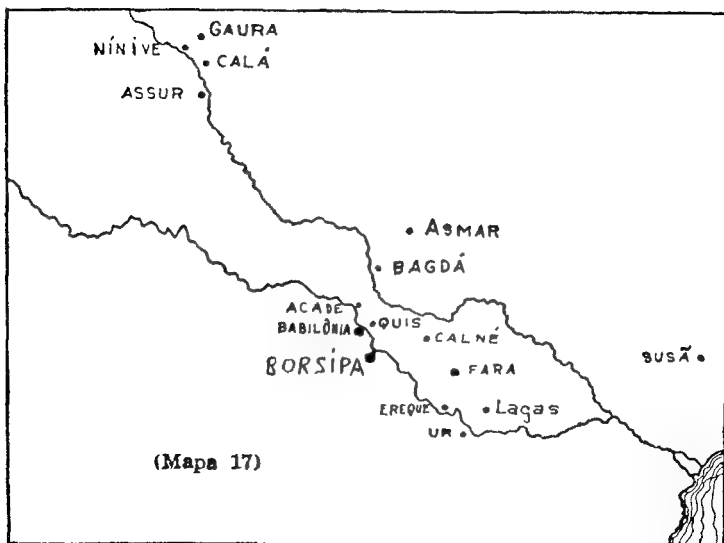



Fig. 10. O Prisma Weld

(Cortesia do Museu Ashmoleano, Oxford)

(Mapa 17)

A ESCRITA

Escritos do Tempo de Abraão

Foi em Obeide, uns 7 km a oeste de Ur, que Woolley achou o "documento histórico mais antigo" (ver pág. 46). E assim fica-se sabendo que a comunidade de Abraão fora um centro de cultura literária durante gerações, antes que o Patriarca nascesse.

O Código de Hamurabi

Foi esta uma das mais importantes descobertas arqueológicas que já se fizeram. Hamurabi, rei da cidade de Babilônia, cuja data parece ser 1792-1750 a.C., é comumente identificado pelos assiriólogos com o "Anrafel" de Gên. 14, um dos reis que Abraão perseguiu para libertar Ló. Foi um dos maiores e mais célebres dos primitivos reis babilônios. Fez seus escribas coligir e codificar as leis do seu reino; e fez que estas se gravassem em pedras para serem erigidas nas principais cidades. Uma dessas pedras originalmente colocada na Babilônia, foi achada em 1902, nas ruínas de Susa (levada para lá por um rei elamita, que saqueara a cidade de Babilônia no século 12 a.C.) por uma expedição francesa dirigida por M. J. de

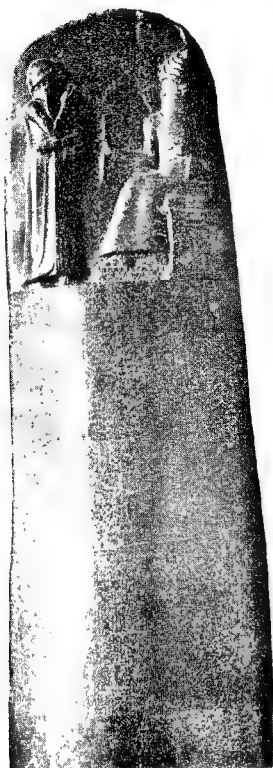



Fig. 11. O Código de Hamurabi
(Cort. do Museu do Louvre)

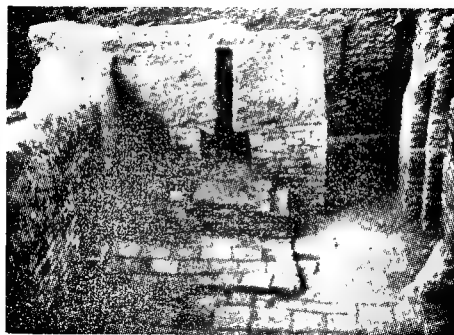



Fig. 12. Sala de Aula, em Ur
(Cortesia do Museu da Universidade de Pensilvânia)

Morgan. Acha-se hoje no Museu do Louvre, em Paris. Trata-se de um bloco lindamente polido de duro e negro diorito, de 2 m 60 cm de altura, 60 cm de largura, meio metro de espessura, um tanto oval na forma, belamente talhado nas quatro faces, com gravações cuneiformes da língua semito-babilôni-

ca (a mesma que Abraão falava). Consta de umas 4.000 linhas, equivalendo, quanto à matéria, ao volume médio de um livro da Bíblia; é a placa cuneiforme mais extensa que já se descobriu. Representa Hamurabi recebendo as leis das mãos do rei-sol Chamás: leis sobre o culto dos deuses nos templos, a administração da justiça, impostos, salários, juros, empréstimos de dinheiro, disputas sobre propriedades, casamento, sociedade comercial, trabalho em obras públicas, isenção de impostos, construção de canais, a manutenção dos mesmos, regulamentos de passageiros e serviço de transporte pelos canais e em caravanas, comércio internacional e muitos outros assuntos.

Temos aí um livro, escrito em pedra, não uma cópia, mas o próprio autógrafo original, feito nos dias de Abraão, ainda existente hoje para testesmunhar não só a favor de um sistema bem desenvolvido de jurisprudência, senão, também, do fato de que já nos dias de Abraão a capacidade literária do homem havia atingido um grau notável de adiantamento.

Bibliotecas do Tempo de Abraão

Em Ur, cidade natal de Abraão, em Lagás, Nipur, Sipar, aliás em cada cidade importante do país de Babilônia, havia, em conexão com escolas e templos, bibliotecas com milhares de livros: dicionários, gramáticas, obras de consultas, enciclopédias, anais oficiais, compêndios de matemática, astronomia, geografia, religião e política. Foi aquele um período de grande atividade literária; produziu muitas das obras-primas que Assurbanipal mandou que fossem copiadas por seus escribas, destinadas à sua grande biblioteca em Nínive.

Quando Abraão visitou o Egito, havia aí, aos milhões, inscrições em monumentos de pedra, em papiro e pele. Em Canaã, perto de Hebrom, cidade de Abraão, havia uma cidade chamada "Quiriate-Séfer", que significa "cidade de escribas", a indicar que seu povo tinha gosto pelas letras.

Uma Escola do Tempo de Abraão

Em Ur, na camada subterrânea correspondente à época de Abraão (Fig. 12), Woolley descobriu uma sala de aulas, com 150 placas de exercícios escolares, textos sobre matemática, medicina, história e mitologia; uma grande placa com colunas paralelas, apresentando a conjugação completa de um verbo sumeriano e seu equivalente em semita; também uma placa com 5 diferentes classes de temas verbais, com explicações. Abraão deve ter freqüentado uma escola deste tipo.

Abraão e os Escritos Sagrados

Sem dúvida, Abraão recebeu de Sem a história da criação, da queda do homem e do dilúvio. Êle próprio recebera de Deus uma chamada direta para tornar-se fundador de uma nação, mediante a qual um dia toda a raça humana seria abençoada. Vivia numa sociedade de cultura, de livros e bibliotecas. Reis contemporâneos conservavam os anais de suas nações nos arquivos dos templos. Abraão era homem de convicções e qualidades de líder. Por certo deve ter tirado cópias cuidadosas de narrações e registros recebidos de seus ancestrais; a esses registros acrescentou a história de sua própria vida e das promessas que Deus lhe fizera, em placas de barro, na língua cuneiforme, destinadas aos anais da nação que ia fundar.

A ESCRITA

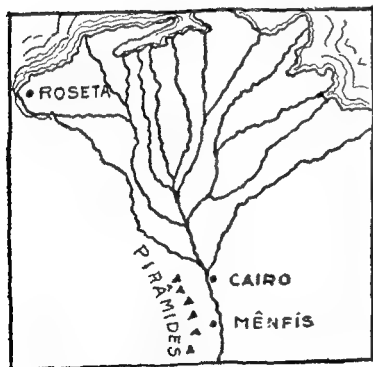
No Egito

Napoleão, em sua expedição ao Egito (1798), levou consigo uma centena de sábios. Estes trouxeram de volta relatórios que despertaram o interêsse dos homens de ciência. J. G. Wilkinson, inglês, foi a Tebas, morou ali, e copiou inscrições dos grandes monumentos (1821-33). É chamado "Pai da Arqueologia Egípcia", e algumas de suas obras ainda são um padrão de autoridade no assunto. Lepsius, alemão, produziu (1842) a primeira grande obra científica sobre arqueologia egípcia. Desde então a iniciativa tem alcançado proporções enormes.

A Pedra de Roseta

É chave da língua egípcia antiga. A língua do antigo Egito era hieroglífica, escrita de figuras, um símbolo para cada palavra. Pelo ano 700 a.C. uma forma mais simples de escrita entrou em uso, chamada "Demótica", mais aproximada do sistema alfabético, e que continuou como língua do povo até aos tempos dos romanos. No quinto século d.C. ambas caíram em desuso e foram esquecidas. De sorte que tais inscrições se tornaram ininteligíveis, até que se achou a chave de sua tradução. Essa chave foi a Pedra de Roseta.

Achou-a M. Boussard, um dos sábios franceses que acompanharam Napoleão ao Egito (1799), numa cidade sobre a foz mais ocidental do Nilo, chamada Roseta. Encontra-se hoje no Museu Britânico. É de granito negro, cerca de 1,30 m de altura, 80 cm de largura, 30 de espessura, com três inscrições, uma acima da outra, em grego, egípcio demótico e egípcio hieroglífico. O grego era conhecido. Tratava-se de um decreto de Ptolomeu V, Epífanes, feito em 196 a.C., nas três línguas usadas então em todo o país, para ser colocado em várias cidades. Um sábio francês, de nome Cham-

Fig. 13. A Pedra de Roseta
(Cortesia do Museu Britânico)

(Mapa 18)

pollion, depois de quatro anos (1818-22) de trabalho meticuloso e paciente, comparando os valores conhecidos das letras gregas com os caracteres egípcios desconhecidos, conseguiu deslindar os mistérios da língua egípcia antiga.

A Atividade Literária do Antigo Egito

Durante mil anos antes dos dias de Moisés, a profissão das letras já era importante não só em Babilônia como também no Egito. Tudo o que era de valor, era registrado. No Egito escrevia-se em pedra, pele e papiro. Usava-se pele ao tempo da 4.ª dinastia. As proezas de Tutmés III (1500 a.C.), na Palestina, foram registradas em rolos de velo muito delicado. Já na época de 3000 a.C. empregava-se o papiro. Mas os registros em pedra eram os mais duráveis; cada Faraó tinha os anais do seu reinado insculpidos nas paredes do seu palácio e em monumentos. Havia amplas bibliotecas de documentos do governo; e fartura de monumentos recobertos de inscrições requintadas. A Fig. 14 mostra inscrições na base do famoso Obelisco da Rainha Hatsepsute, em Tebas. A Fig. 15 é a estátua de um escriba profissional da 5.ª dinastia, séculos antes de Moisés nascer.

As Placas de Tel-el-Amarna

Em 1888 acharam-se nas ruínas de Amarna, a meio caminho de Mênfis a Tebas, umas quatrocentas placas de barro, que tinham sido parte dos arquivos reais de Amenotepe III e Amenotepe IV, os quais reinaram em 1400 a.C. mais ou menos. A maior parte dessas placas acha-se hoje nos Museus de Londres e do Cairo. Medem de 5 a 8 cm de largura por 8 a 23 de comprimento, contendo inscrições de ambos os lados. Contêm correspondência oficial de vários reis da Palestina e Síria, escrita no sistema cuneiforme babilônico, para esses dois Faraós do Egito. Quanto do volume de matéria poderiam, combinadas, formar um livro mais ou menos como Gênesis e Êxodo juntos. Tal como a placa de pedra de Hamurabi, constituem uma das mais importantes descobertas arqueológicas dos últimos tempos.

Fig. 14. O Obelisco de Hatsepsute
(Cortesia do Instituto Oriental)

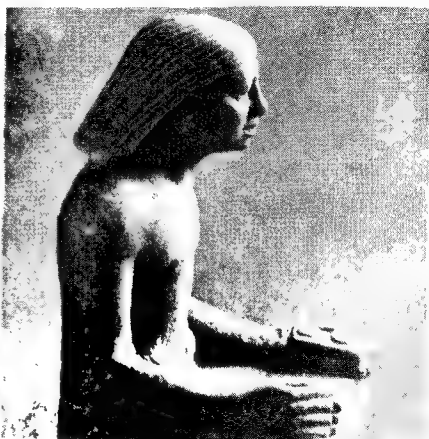



Fig. 15. Um Escriba
(Cortesia do Museu Metropolitano)

A ESCRITA

Na Palestina e Regiões Vizinhas

Quantidades enormes de inscrições cuneiformes da antiga Babilônia e inscrições hieroglíficas do antigo Egito têm sido descobertas, porém, poucas, comparativamente, da antiga Palestina. Tem sido isto uma das bases para a teoria da crítica moderna de que muitos dos livros do Antigo Testamento foram escritos muito depois dos acontecimentos neles referidos, e, assim, encerram em si apenas tradição oral. Pode ter havido muitas razões pelas quais os reis hebreus não erigiam grande número de monumentos com inscrições que perpetuassem sua glória, como os outros fizeram. Contudo, nos últimos tempos, apareceram muitas evidências de que os hebreus eram um povo que sabia escrever.

Siquém. Aqui, Sellin achou placas cuneiformes cananéias do período pré-israelita, documentos particulares, indicativos de que o comum do povo conhecia e usava a escrita.

O Mais Primitivo Escrito Alfabético. Num templo semita, em Serabite, próximo às minas de turquesas, no Sinai, Flinders Petrie, em 1905, achou juntamente com inscrições hieroglíficas egípcias, uma inscrição em linguagem alfabética, o mais primitivo escrito alfabético que se conhece, feito aproximadamente em 1500 a.C. Isto aconteceu na região onde Moisés passou 40 anos, e essa inscrição foi feita uns poucos anos antes de Moisés.

Gezer. Aqui Garstang (1929) achou uma asa de jarro do período 2000-1600 a.C., com inscrição em letras da escrita sinaítica, indicando assim que a escrita em alfabeto sinaítico, já nesse tempo, se usava na Palestina.

Bete-Semes. O Prof. Elihu Grant, da Expedição Arqueológica do Haverford College (1930), encontrou aí um fragmento de jarro de barro, de cerca de 1800 a.C., usado como memorando, com cinco linhas no sistema alfabético semítico, à tinta, similar à escrita sinaítica.

Laquis. . Aí, em 1934, J. L. Starkey, da Expedição Arqueológica Wellcome, achou um jarro para água com inscrição, datando de cerca de 1500 a.C., no mesmo sistema alfabético sinaítico. Laquis foi uma das cidades que Josué destruiu ao tempo em que "o sol se deteve"; e aí está um livro, escrito em cerâmica, desta cidade antes de ser destruída por Josué.

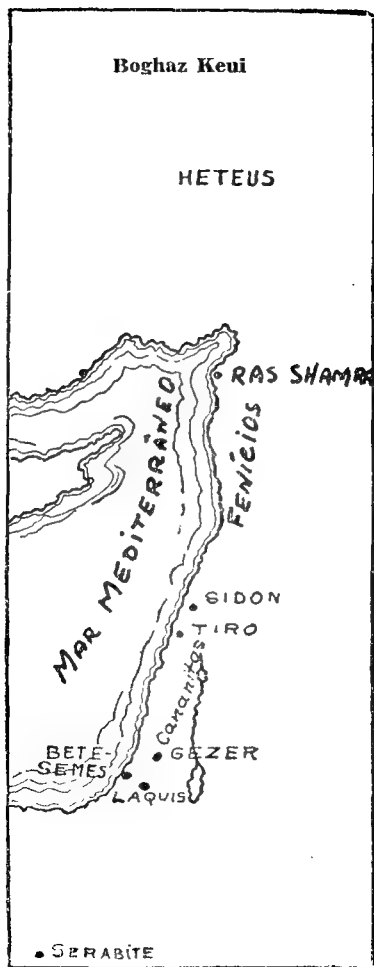
Ras Shamra (Ugarite), ao norte de Sidom, perto de Antioquia, cidade fenícia, porto de mar ligando o Eufrates ao Mediterrâneo, onde civilizações se encontravam e se misturavam. Uma Expedição francesa, em 1929, encontrou aí uma Biblioteca de templo, escola de escribas, espécie de seminário teológico, com quantidades enormes de placas, dicionários e obras de consultas em 8 línguas: babilônio, hebraico, egípcio, hitita, sumeriano antigo, algumas línguas desconhecidas, a escrita sinaítica e um alfabeto de 27 letras muito mais antigo do que outro qualquer que se conheça; muitos datando do meado do segundo milênio a.C.

Boghaz Keui, na Ásia Menor, *primitivo* centro *hitita.* Achou-se aí uma biblioteca em cuneiforme e outras placas, classificadas e dispostas em compartimentos de arquivo; em sumeriano, acadiano, hitita, midianita e outras línguas, com algumas placas bilíngües em cuneiforme e hitita.

(Mapa 19)

Assim sendo, é certo que a escrita era de uso comum na Palestina, Sinai, Síria e Fenícia durante séculos antes de Moisés. O Dr. W. F. Albright, principal autoridade em arqueologia palestinense, diz: "Só uma pessoa muito ignorante pode propor hoje a idéia de que a escrita (em muitas formas) não era conhecida na Palestina e regiões imediatamente circunvizinhas durante todo o segundo milênio a.C.". (Boletim n.º 60 das Escolas Americanas de Pesquisas Orientais, dez. 1935).

Em face disto, não há razão para que os eventos dos primeiros livros da Bíblia deixassem de ser registrados por seus contemporâneos.

Por que, então se perderam esses registros, enquanto vastas quantidades de registros egípcios e babilônicos foram preservados? Por causa da naturzea deteriorável do material usado na escrita: papiro e pele. No Egito também, os registros escritos em papiro e pele, com poucas exceções, se deterioraram. O Pentateuco, mesmo se tivesse sido escrito originalmente em placas de cuneiforme, como alguns têm sugerido, foi logo transliterado para o hebraico e copiado em peles. Os dez mandamentos, núcleo da Lei, foram gravados em pedras, mas o resto foi escrito em "livros", Êx. 17 14. Assim, logo cedo os hebreus tomaram o hábito de empregar peles e papiro, que tinham de ser copiados de novo, quando as cópias mais velhas se estragavam pelo uso.

A ESCRITA

A Autoria do Pentateuco

A opinião tradicional é a de que Moisés escreveu o Pentateuco substancialmente como o possuímos, exceto poucos versos do final, onde se relata a sua morte, e interpolações ocasionais feitas por copistas, para efeito de elucidação, e que é fiel à verdade histórica.

A opinião da crítica moderna é a de que se trata de uma obra heterogênea, produto de várias escolas de sacerdotes, feita desde o 8.º século a.C., com objetivos sectaristas, baseada em tradições orais, sendo os principais documentos chamados "J", "E" e "P". Embora os críticos, entre si, divirjam largamente quanto às secções que devam ser atribuídas a cada um desses documentos, apresentam a teoria capciosamente como sendo "o resultado certo" a que chegaram "eruditos modernos". Segundo esse parecer, não se trata de história verdadeira, porém de uma "colcha de retalhos, coletados de um saco de farrapos de lendas esparsas".

Que Diz a Arqueologia? A Arqueologia, *ultimamente, vem falando tão* alto que está causando uma reação decidida em prol do ponto de vista conservador. A teoria de que a escrita era desconhecida nos dias de Moisés já foi pelos ares, de modo completo. E cada ano, no Egito, Palestina e Mesopotâmia, estão se **excavando** evidências, tanto em inscrições como em camadas de terra, de que as narrativas do Antigo Testamento tratam de verdadeiros fatos históricos. E os "eruditos", decididamente, estão tomando atitude de maior respeito para com a tradição referente à autoria de Moisés.

O Mínimo que se Comprova: Moisés podia ter escrito o Pentateuco. Instruiu-se no palácio de Faraó; "foi educado em toda a ciência dos egípcios", a qual incluía a profissão das letras. Provavelmente ele conhecia mais acerca da história universal anterior do que qualquer pessoa hoje. Foi líder e organizador de um movimento que ele cria ser de imensa importância para todas as gerações futuras. Seria ele tão **ESTÚPIDO** para confiar os anais e princípios do seu movimento unicamente à TRANSMISSÃO ORAL? Moisés, de fato, fez uso da escrita (Êx. 17:14, 24:4, 34:27, Nm. 17:2, 33:2, Dt. 6:9, 24:1,3, 27:3,4, 31:19,24). Quanto ao Gênesis, parece que êle usou registros que vieram de gerações anteriores. Quanto a Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio, todos estes se relacionavam com a própria vida dele e, sem dúvida, foram escritos sob sua direção pessoal. Os fenômenos da estratificação no relato se explicam abundantemente pelo emprego de documentos anteriores de tal antiguidade e santidade, que Moisés não se permitia qualquer alteração ou qualquer integração danificadora.

Em Que Língua foi escrito o Pentateuco? Possivelmente no hebraico antigo, de uso entre os israelitas dos dias de Moisés, em rolos de pele, ou papiro. Ou ainda, possivelmente, na língua cuneiforme da Palestina e Síria (também conhecida no Egito), em placas de barro; e depois traduzida para o hebraico: "seu estilo fragmentário e cheio de repetições, em partes, é exatamente o que se podia esperar de livros traduzidos de placas, cada uma

das quais era um livro em si mesma." Que fim levaram os exemplares originais? Se escritos em pele ou papiro, gastaram-se com o uso e foram substituídos por novas cópias. Se escritos em placas de barro, possivelmente foram destruídos por algum dos reis idólatras de Israel.

* * *

Daqui por diante, as notas sobre descobertas arqueológicas irão aparecer em conexão com os capítulos da Bíblia aos quais se referem. Há mais de cem descobertas arqueológicas mencionadas neste Manual. Podem ser localizadas consultando-se o Sumário Alfabético de tais descobertas, nas págs. 14, 15; ou o Sumário de Descobertas Arqueológicas, págs. 744-755; ou o índice, págs. 762-768.

Muitas dessas descobertas arqueológicas, feitas em anos recentes pelos que estiveram cavando nas ruínas das cidades bíblicas, são registros mais claros do que se tivessem sido escritos num livro. Tais registros coincidem exatamente com as narrativas bíblicas. Pedaço por pedaço, o Antigo Testamento está sendo confirmado, suplementado e ilustrado. Até aquilo que mais parecia ser mitológico vem se mostrando ter sido fato real.

Narrativas suscetíveis de pesquisas vêm-se provando verdadeiras. Isto não realça a fidedignidade da Bíblia no seu todo? E não torna mais fácil confiar em **TUDO** que ela diz? Sim, até em suas maravilhosas promessas, no que respeita a esta vida como à futura.

A declaração individual a mais importante da Bíblia é que CRISTO RESSURGIU DOS MORTOS. Foi para dizer isto que a Bíblia foi escrita, sem o que ela nada significaria. Esse fato é que dá sentido à vida; sem ele a vida não teria significação. Nisso está a base de nossa esperança na ressurreição e na vida eterna.

Não é confortador saber que o Livro, construído em torno desse acontecimento, está provando ser consistente com os fatos históricos que apresenta? Assim é que "duplamente segura é a certeza" de que esse **EVENTO O MAIS IMPORTANTE** dos séculos é um **FATO REAL.**

GÊNESIS

O Começo do Mundo, do Homem, da Nação Hebraica.
A Criação — O Dilúvio — Abraão — Isaque — Jacó — José

A Autoria de Gênesis

Segundo antiqüíssima tradição hebraica cristã, Moisés, dirigido pelo Espírito de Deus, compôs o Gênesis à vista de antigos documentos existentes em seus dias. Os fatos do final do livro ocorreram uns 300 anos antes dos dias de Moisés. Este podia ter recebido as informações somente por revelação direta de Deus, ou mediante aqueles registros históricos recebidos dos seus ancestrais.

Começa com o "Hino da Criação", vindo depois dez "Livros de Gerações" que constituem o arcabouço de Gênesis. Parece que tais livros ou foram incorporados na íntegra por Moisés, com as adições e explicações que Deus o levou a fazer, ou foram compostos por ele, sob a direção divina, à vista de outros registros históricos que lhe vieram às mãos. Ver mais na pág. 56. Os onze documentos são os seguintes:

"O Hino da Criação", 1:1-2:3
"O Livro das Gerações dos Céus e da Terra", 2:4-4:26
"O Livro das Gerações de Adão", 5:1-6:8
"As Gerações de Noé", 6:9-9:28
"As Gerações dos Filhos de Noé", 10:1-11:9
"As Gerações de Sem", 11:10-26
"As Gerações de Tera", 11:27-25:11
"As Gerações de Ismael", 25:12-18
"As Gerações de Isaque", 25:19-35:29
"As Gerações de Esaú", 36:1-43
"As Gerações de Jacó", 37:2-50:26

Estes onze documentos primitivos, originalmente registros de famílias da linhagem escolhida de Deus e de famílias aparentadas, que compõem o livro de Gênesis, cobrem os primeiros milênios da história humana, desde a criação do homem ao estabelecimento do povo escolhido de Deus no Egito.

O "Hino da Criação", 1:1-2:3

É uma descrição poética, em movimento cadenciado e majestoso, das etapas sucessivas da criação, vazada no molde bíblico, tão freqüente, do número "sete". Em toda a literatura, científica ou não, narração mais sublime da origem das coisas não existe.

Quem escreveu o "Hino da Criação"? Foi utilizado por Moisés, porém escrito, sem dúvida, muito antes, talvez por Abraão, ou Noé, ou Enoque, ou Adão. A escrita era de uso comum séculos antes de Moisés, ver págs. 44-55. Alguns dos "mandamentos, estatutos e leis" de Deus existiam nos dias de Abraão, 600 anos antes de Moisés, Gên. 26:5.

Como o autor soube do que aconteceu antes de o homem aparecer? Sem dúvida, Deus "lhe revelou o passado remoto da mesmíssima forma como mais tarde o futuro distante foi dado a conhecer aos profetas."

Quem sabe se Deus mesmo não ensinou este hino, ou a sua essência, ao próprio Adão? E podia ser recitado à viva voz, no círculo das famílias, ou cantado ritualmente no culto primitivo (os hinos constituíam grande parte das mais primitivas formas de literatura), geração após geração, até que se inventou a escrita. Deus presidiu à sua transmissão até que, finalmente, submetido à cerebração pujante de Moisés, tomou seu lugar, como elocução inicial, no Divino Livro dos séculos.

Se a Bíblia é a Palavra de DEUS, como cremos que é, e se Deus sabia desde o princípio que iria usá-la como instrumento importante na redenção do homem, por que será difícil crer que o próprio Deus, na hora da criação do homem, deu a este o germe e a essência dessa Palavra?

Cap. 1:1. A Criação do Universo

"No Princípio" criou DEUS o universo: criação absoluta.

O que se segue, nos "sete dias", é a descrição da formação, de várias maneiras, da substância já criada relativamente à terra, em preparação da superfície terrestre para a criação e habitação do homem. A criação do universo pode ter ocorrido séculos incontáveis antes da criação do homem, nas eras recuadas de um passado infinitamente remoto.

Quem Fez Deus?

Todo menino faz esta pergunta. E ninguém sabe responder. Há algumas coisas que não alcançamos. Não podemos fazer idéia do começo do tempo, nem do fim do tempo, nem dos confins do espaço. O mundo sempre existiu, não tendo tido princípio, ou foi feito do nada, uma coisa ou outra, mas nós não podemos conceber nem uma nem outra. Uma coisa sabemos: de tudo quanto está ao alcance de nossa mente a coisa mais elevada é a personalidade, a mente, a inteligência. E de onde procedeu tudo isso? Podia o inanimado criar a inteligência? Pela FÉ aceitamos um poder que nos é superio, DEUS, na esperança de que algum dia, no além, compreenderemos os mistérios da existência.

O Universo Que Deus Criou

Os astrônomos calculam que a Via-Láctea, a Galáxia a que nossa terra e nosso sistema solar pertencem, contém mais de 30.000.000.000 de sóis, muitos deles imensamente maiores do que o nosso Sol, que é um milhão e meio de vêzes maior do que a Terra. A Via-Láctea tem a forma de um delgado relógio, medindo seu diâmetro 200.000 anos-luz. Ano-luz é a distância que a luz percorre em um ano, à razão de 300.000 km por segundo. E há, pelo menos, 100.000 Galáxias como a Via-Láctea, algumas das quais distam milhões de anos-luz umas das outras. Tudo isto pode ser apenas um tênue argueiro no além do infinito, na extensão infinda do espaço.

Caps. 1:2 a 2:3. Os "Sete Dias"

Se foram dias de 24 horas, ou longos e sucessivos períodos, não sabemos. A palavra "dias" tem vários sentidos. Em 1:5 emprega-se na acepção de luz. Em 1:8,13 parece significar dia de 24 horas. Em 1:14,16 parece querer dizer dia de 12 horas. Em 2:4 parece cobrir todo o período da criação. Em passagens como as de Jl 2:18, At 2:20, Jo 16:23, "aquele dia" parece significar toda a era cristã. Em passagens como 2 Tm 1:12, parece referir-se à era depois da segunda Vinda do Senhor. E no Sl 90:4, como em 2 Pe. 3:8, "um dia é para o Senhor como mil anos, e mil anos como um dia." Assim, talvez seja melhor não dogmatizar muito sobre a duração dos seis dias da criação.

Seja, porém, qual for sua duração, lembremo-nos de que a obra de cada dia concretizava-se como resultado do **Fiat** divino. Este capítulo não é um tratado de ciência, porém assemelha-se mais a um poema ou hino. Contudo, é muito de admirar a harmonia que existe entre ele e os conhecimentos modernos de biologia e zoologia.

O Primeiro Dia, 1:2-5

Luz. A luz deve ter sido incluída nos "céus e na terra", criados no "princípio". Mas a superfície da terra devia estar ainda em trevas, porque a crosta terrestre, esfriando-se, coberta de águas ferventes, devia desprender névoa densa e gases que escondessem completamente a luz do sol. A luz, e a sucessão de dias e noites, apareceu na superfície da terra quando o processo de esfriamento diminuiu a densidade da névoa, o necessário para que a luz a atravessasse. Todavia, o próprio sol tornou-se visível somente no quarto dia.

O Segundo Dia, 1:6-8

O firmamento, chamado "céu", aqui significa, atmosfera, ou camada de ar, entre a terra coberta dágua e as nuvens em cima, atmosfera tornada possível pelo parcial esfriamento dessa água; a superfície da terra, porém, estava ainda quente, o bastante para produzir nuvens que ocultavam o sol.

O Terceiro Dia, 1:9-13

Terra e vegetação. Parece que, até então, a superfície da terra esteve inteiramente coberta dágua, porque o rompimento contínuo da crosta delgada, recém-formada, deve ter conservado lisa a superfície terrestre, como uma bola liqüida. Mas a crosta, à medida que esfriava e engrossava e se tornava mais ou menos imóvel, começava a arquear-se, aparecendo então ilhas e continentes. Nada de chuva ainda, porém neblina densa regava a parte seca recém-formada, ainda quente devido ao seu próprio calor. O clima era tropical em toda parte; a vegetação deve ter crescido rapidamente e em proporções gigantescas; devido às inúmeras submersões e sublevações alternadas da crosta, resultaram dessa vegetação as atuais jazidas de hulha.

O Quarto Dia, 1:14-19

Sol, lua, estrelas. Devem ter sido criados "no princípio". No "primeiro dia" sua luz deve ter atravessado a bruma da terra, 1:3, ao mesmo tempo

ficando eles invisíveis. Agora, porém, devido à menor densidade das nuvens, resultante de mais esfriamento da terra, tornaram-se visíveis da terra. As estações vieram quando a superfície terrestre deixou de ser aquecida de dentro, passando a depender do sol como única fonte de calor.

O Quinto Dia, 1:20-25

Animais marinhos e aves. Note-se a progressão: 1.º e 2.º dias, coisas inanimadas; 3.º dia, vida vegetal; 5.º dia, vida animal.

O Sexto Dia, 1:24-31

Os animais terrestres e o HOMEM. Pronta por fim a terra para ser moradia do homem, Deus o fez à SUA PRÓPRIA IMAGEM e deu-lhe domínio sobre a terra e todas as criaturas dela. Deus viu tudo quanto fizera e achou-o "muito bom", 1:4, 10, 12, 18, 21, 25, 31. Logo, porém esse quadro se tornou escuro. Deus deve ter sabido de antemão que isso aconteceria, e deve ter considerado toda a obra da criação do homem apenas como um passo avante na direção do mundo glorioso que há de proceder daí, como se diz nos últimos capítulos do Apocalipse.

O Sétimo Dia, 2:1-3

Deus descansou. Não completamente, Jo 5:17, mas com relação a essa obra criadora específica. Foi isso em que se baseou o sábado, Êx 20:11. Note-se que não houve "tarde" no dia sétimo. Há nisso uma referência mística ao céu, Hb 4:4,9. Sobre o número "sete" ver as págs. 133, 612. Esse número pode figurar, na feitura do universo, de alguma maneira que escapa ao conhecimento humano.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Histórias Babilônicas da Criação**

Poemas épicos, de várias formas, em placas que circulavam antes da época de Abraão, foram achados em anos recentes nas ruínas de Babilônia, Nínive, Nipur e Assur, notavelmente similares ao "Hino da Criação" do Gênesis.

Há "sete" placas (ou épocas) da criação — "no princípio" um "primitivo abismo" — "um caos de águas" chamado "o profundo" — os deuses "formaram todas as coisas" — fizeram o "firmamento superior e o inferior" — "estabeleceram os céus e a terra" — no 4.º dia "puseram em ordem as estrelas" — "fizeram crescer a relva e as ervas verdes" — "os animais do campo, o gado e todas as coisas vivas" — no 6.º dia "formaram o homem do pó do chão" — "tornaram-se criaturas viventes" — "cada homem com sua esposa habitaram" — "companheiros eram" — "num jardim foi a sua morada" — "vestes não conheciam" — o "7.º" dia foi feito "dia santo", e "ordenada a cessação de todo trabalho."

São todas estas histórias babilônicas e assírias, acerca da criação, grosseiramente politeísticas. Mas, à vista de tantos traços de semelhança com a narrativa do Gênesis parece que tiveram uma origem comum. Não será isto uma evidência de que algumas das idéias do Gênesis embutiram-se bem

na memória dos primeiros habitantes da terra? E que as várias raças, ao se separarem da linhagem escolhida de Deus, descambando para a idolatria, herdaram e transmitiram resquícios de uma verdade antiga, que eles introduziram na cultura de suas nações? Não são essas tradições adulteradas um testemunho do fato de que há um original divino?

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Monoteísmo Original**

A Bíblia apresenta a raça humana, em sua origem, como crendo em UM DEUS, sendo a idolatria politeística um desvio posterior. Vai isto de encontro direto à teoria moderna de que a idéia de um ÚNICO DEUS desenvolveu-se gradativa e ascendentemente do animismo. O ponto de vista da Bíblia foi confirmado recentemente pela arqueologia. O Dr. Stephen Langdon, da Universidade de Oxford, descobriu que as mais primitivas inscrições babilônicas sugerem que a primeira religião do homem consistia na crença de UM DEUS, e daí houve um desvio rápido para o politeísmo e a idolatria. Veja-se "Semitic Mythology", de Langdon, e "Field Museum-Oxford University Expedition to Kish", por Henry Field, Folheto 28.

Sir Flinders Petrie afirmou que a religião original do Egito foi monoteística.

Sayce anunciou em 1898 que havia descoberto, em três placas separadas no Museu Britânico, do tempo de Hamurabi, as palavras "Javé é Deus."

Antropólogos de primeira linha anunciaram, recentemente, que entre todas as raças primitivas havia uma crença generalizada em UM DEUS SUPREMO: veja-se "The Origin and Growth of Religion — Facts and Theories", do Dr. Schmidt.

"As Gerações dos Céus e da Terra", 2:4-4:26

Algumas vezes é chamada a "Segunda Narrativa" da criação. Começa referindo a condição de desolação da terra, 2:5,6, que corresponde à primeira parte do "terceiro dia" na "primeira narrativa", 1:9,10; fornece depois alguns pormenores omitidos na primeira, prosseguindo após com a história da queda do homem. É um suplemento, e não uma contradição. Pormenores que se acrescentam não constituem contradições.

Quem foi o autor original deste documento? Leva a história até à 6.ª geração dos descendentes de Caim, 4:17-22, e termina com Adão ainda vivo (este viveu até à 8.ª geração dos descendentes de Sete, 5:4-25). Assim, tudo nesse documento aconteceu antes da morte de Adão. Se a escrita ainda não se inventara nesse tempo, não seria que Adão contou essas coisas, repetindo-as aos membros de sua família, de modo que pelo menos a substância delas tomou assim uma forma fixa, até que se inventou a escrita? Não pode ter acontecido que Moisés registrou a história da queda do homem, em sua maior parte, nas próprias palavras com as quais o próprio Adão a contava?

Cap. 2:4-17. O Jardim do Éden

No cap. 1 o Criador é chamado "Deus" **(Eloim),** nome genérico do Ser Supremo. Aqui é "o Senhor Deus" (Jeová **Eloim),** Seu nome pessoal: o primeiro passo de um longo processo da auto-revelação de Deus.

"Nenhuma chuva, porém uma neblina", vv. 5,6. Deve isto significar que, durante algum tempo, antes de haver chuva, a terra era regada por neblina pesada, porque, a sua superfície sendo ainda muito quente e os conseqüentes vapores muito densos, as gotas de chuva que se esfriava, na orla mais exterior das nuvens, evaporar-se-iam novamente antes de alcançarem a terra.

"A árvore da vida", 2:9; 3:23, pode ter sido um verdadeiro alimento de imortalidade, indicativa de que nossa imortalidade depende de algo fora de nós. Esta árvore será de novo acessível aos que lavaram suas vestes no sangue do Cordeiro, Apoc. 2:7; 22:2,14.

"A árvore da ciência do bem e do mal", 2:9,17, era "boa para se comer", "agradável aos olhos" e "desejável para dar entendimento", 3:6. Fosse qual fosse a natureza exata desta árvore, literal, figurada ou simbólica, o pecado de Adão e Eva, em parte, foi essencialmente este: a transferência da direção de suas vidas, de Deus para êles mesmos. Deus lhes dissera em substância, que podiam fazer tudo que quisessem, EXCETO aquilo só. Foi um teste de obediência para êles. Enquanto se abstiveram, Deus era o seu SENHOR. Quando, a despeito do mandamento divino, fizeram a única coisa que era proibida, tornaram-se senhores de si próprios. Não é esta mesma a essência do pecado humano? Desde o princípio, Deus destinou o homem a uma **VIDA PERENE,** sob a única condição de obediência a Deus. O homem fracassou. Começou então o processo, longo e vagaroso, da redenção por meio de um Salvador, mediante Quem o homem pode recuperar sua condição perdida. Só na obediência a Deus há vida.

Cap. 2:18-25. A Criação da Mulher

Foi declarado em 1:27 que o homem fora criado "macho e fêmea". Descreve-se aqui, mais detidamente, como foi criada a mulher. E mais: ao começar a raça humana, no início do Escrito Sagrado, ficam estabelecidas a origem divina e a santidade do casamento: Um homem e uma mulher, uma carne, 2:24.

A Escritura apresenta o casamento como um **fac-simile** terreno da relação entre Cristo e a Igreja, Ef 5:25-32; Ap 19:7; 21:2,9. Chama-se a Igreja "noiva" de Cristo. A esposa de Adão foi tirada do lado dele, enquanto ele dormia, 2:21,22. Pode ser isto um retrato primitivo da Igreja, a noiva de Cristo, produzida pelo "sangue e água" que escorreram do lado do Salvador, enquanto Ele "dormia" na cruz, Jo 19:34; 1 Jo 5:6,8.

"Nus e não se envergonhavam", 2:25. É possível que estivessem envoltos na etérea luz de Deus, como Jesus quando foi transfigurado, Mc 9:3; luz que se desvaneceu com a entrada do pecado, e que voltará um dia a envolver os remidos, Ap 3:4; 21:23. De todas as criaturas de Deus, ao que saibamos, só o homem usa vestes, distintivo de nossa natureza pecaminosa.

O Local do Jardim do Éden

Ficava sobre os rios Tigre e Eufrates, na junção destes com o Pisom e o Giom, 2:10-14. O Pisom e o Giom não foram identificados. O Tigre e o Eufrates nascem na região montanhosa do Cáucaso, no sudoeste da Ásia, correm para o sudeste e deságuam no Golfo Pérsico, que é um braço do Oceano Índico. Ver mapa na pág. 73.

Assim, pode-se dizer que o homem foi criado e colocado na terra, mais ou menos no centro de sua superfície, porque esta região do Cáucaso-Eufrates é, aproximadamente, o centro do Hemisfério Oriental, o maior dos dois hemisférios, ver o quadradinho preto no mapa 1, pág. 24.

Os etnólogos quase que geralmente consideram esta região como a residência original de todas as raças da atualidade. Daí vieram o boi, a cabra, a ovelha, o cavalo, o porco, o cão e a maioria dos animais domésticos. Daí também são originários a maçã, o pêssego, a pera, a ameixa, a cereja, o marmelo, a amora, a groselha, a uva, a oliva, o figo, a tâmara, a amêndoa, o trigo, a cevada, a aveia, a ervilha, o feijão, o linho, o espinafre, o rabanete, a cebola e a maioria de nossas frutas e legumes. Foi o berço da raça humana.

A Babilônia

Embora haja quem pense que as regiões montanhosas da Armênia, nas cabeçeiras do Tigre e do Eufrates, as quais talvez não se elevavam tanto sobre o nível do mar como agora (ver o mapa na pág. 73), seriam possivelmente o local específico do Jardim do Éden. O local tradicional e geralmente reconhecido desse jardim é a Babilônia, próximo da foz do Eufrates. "Edin" era o antigo nome sumeriano da planície babilônica.

Atualmente o Tigre e o Eufrates confluem cêrca de 160 km acima do Gôlfo Pérsico. No tempo de Abraão o golfo estendia-se até Ur, e os dois rios entravam nele separados, como está indicado pelas linhas interrompidas no mapa da pág. seguinte. Toda a planície da Babilônia foi formada por depósitos aluviais desses dois rios. O leito dos mesmos mudou de posição muitas vezes. O mesmo acontecia com pequenos rios que ligavam estes dois grandes.

No tempo de Adão, possivelmente, os dois rios corriam juntos uma distância pequena, e se separavam de novo antes de alcançar o golfo, sendo que o jardim situava-se sobre os dois cursos unidos, entre a confluência e a separação deles, formando-se assim os quatro braços, 2:10; prosseguiam os dois rios chamados Giom e Pisom como costa oriental e ocidental do golfo. Em inscrições antigas o Gôlfo Pérsico é chamado "rio".

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Eridu, Tradicional Jardim do Éden**

O sítio específico que a tradição fixou como local do Jardim do Éden é um grupo de cômoros, 19 km ao sul de Ur, conhecido por Eridu (Abu Sharem). Foi residência de "Adapa", o Adão babilônio, ver pág. 67. O Prisma Weld diz que os dois primeiros reis da história reinaram em Eridu, ver págs. 70, 71.

Inscrições babilônicas antigas dizem, "Perto de Eridu havia um jardim, em que existia uma árvore sagrada misteriosa, árvore da vida, plantada pelos deuses, cujas raízes eram profundas, enquanto seus ramos tocavam o céu; era protegido por espíritos guardiões; ninguém penetra nele."

As ruínas de Eridu foram escavadas por Hall e Thompson, do Museu Britânico (1918-19). Encontraram indícios de ter sido uma cidade próspera e culta, reverenciada como primitiva morada do homem.

A Região de Eridu

Foi revelado por escavações que a região ao redor de Eridu era densamente povoada nas eras mais remotas da História, que se conhecem, e que durante séculos *foi um centro que dominou o mundo; é região* onde muitas das inscrições mais antigas e mais valiosas foram encontradas.

Ur, residência de Abraão (ver pág. 86) distava apenas 19 km de Eridu.

Fara, tradicional residência de Noé (ver pág. 79) ficava 112 km além.

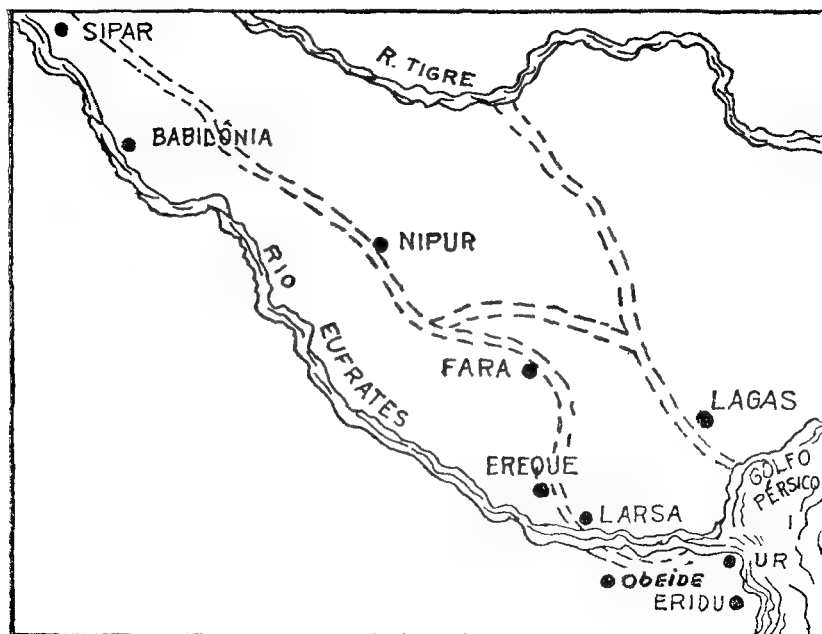
Obeide (Al Ubaid), onde se encontrou o documento histórico mais antigo que se conhece (ver pág. 46), distava só 24 km.

Lagás, onde foram achadas imensas bibliotecas primitivas (ver págs. 48, 85), distava somente 96 km.

Nipur, outro centro de bibliotecas (ver pág. 48), distava 161 km.

Ereque, uma das cidades de Ninrode (ver pág. 85), estava a 80 km de distância.

Larsa, onde se achou o Prisma Weld, cerca de 64 km.

Babilônia (cidade) distava 241 km de Eridu.

(Mapa 20. Berço da Raça Humana)

Cap. 3. A Queda do Homem

Foi causada pela subtileza e astúcia da serpente. Esta apresenta-se falando como por si mesma, porém mais adiante a Escritura indica que foi Satanás quem falou por ela, 2 Co 11:3,14; Ap 12:9; 20:2. Alguns têm pensado que originalmente a serpente mantinha-se erguida e era muito bela, sendo por natureza a que melhor servia como instrumento de Satanás. Seduziu Adão e Eva para desobedecerem a seu Criador. Consumou-se a obra nefanda. A mortalha do pecado, da escuridão, do trabalho árduo, do sofrimento e da morte caiu sobre o mundo que Deus houvera feito tão belo e tão "bom", 1:31. Desobediência, pecado, morte.

Por Que Deus Fez o Homem com a Capacidade de Pecar?

Podia haver criatura moral sem capacidade de escolher? A LIBERDADE é um dom de Deus ao homem: liberdade de pensar, de escolher, liberdade de consciência, ainda mesmo que o homem use essa liberdade para rejeitar e desobedecer a seu Deus.

Em certo desastre de trem, o maquinista, que podia ter poupado sua vida pulando fora, não se arredou do seu posto. Salvou, desse modo, os passageiros, mas perdeu a vida. Os passageiros erigiram um monumento, não ao trem, que só fêz o que a sua maquinaria o forçou a fazer, mas ao maquinista que, voluntàriamente, escolheu dar a vida para salvar os passageiros. Que virtude haverá em obedecer a Deus, se em nossa natureza não houver nenhuma inclinação para agir de outro modo? Porém, se de nossa própria vontade, e contra o impulso firme de nossa natureza, obedecemos a Deus, nisso há caráter.

Mas Deus Não Sabia Que o Homem Haveria de Pecar?

Sim. E Êle previu as terríveis conseqüências disso, e também previu seu resultado final. Sofremos e tornamos a sofrer, e indagamos sem atinarmos porque Deus fez o mundo assim. Um dia, porém, depois que tudo tiver chegado à plena realização, nosso sofrimento acabará e todo enigma se deslindará. Com os remidos de todas as eras, cantaremos infindáveis aleluias de louvor a Deus por nos haver criado como criou, e por nos encaminhar para a vida, o gozo, a glória, nos séculos sem fim da eternidade, Ap 19:1-8.

Os Efeitos do Pecado na Natureza

Nestas páginas iniciais da Bíblia, temos a primeira explicação da natureza como esta hoje se apresenta: o ódio generalizado às cobras, 3:14,15; o parto com dor, 3:15; e a produção espontânea, pela terra, de ervas daninhas, ao passo que a vegetação frutífera tem que ser laboriòsamente cultivada, 3:17-19: como, também, a base do sábado, 2:2,3; do casamento, 2:24; e um vislumbre de Cristo, na descendência da mulher, 3:15, no sacrifício e na expiação, 4:4.

"A Descendência da Mulher", 3:15

Imediatamente após a queda do homem, soa a profecia divina com a certeza de que a criação do homem ainda se mostraria vitoriosa mediante "a Descendência da Mulher". Temos aí a primeira alusão da Bíblia ao Redentor que havia de vir. No v. 15 o uso do pronome "Ele" dá a entender uma Pessoa. Só houve UM descendente de Eva que nasceu de mulher, sem ser gerado de homem. Exatamente aqui, no ponto inicial da história bíblica, temos este primeiro vislumbre de Cristo; e, ao passar das páginas, as alusões, os vislumbres, os quadros e as declarações francas, tornam-se mais evidentes e mais abundantes, de modo que, chegando ao fim do Antigo Testamento, temos, traçado, um perfeito retrato de Cristo.

"A mãe de todos os viventes", v. 20. Nesta unidade da raça, em Adão, baseia-a a expiação efetuada por Cristo. O pecado de um homem trouxe a morte. A morte de um homem trouxe a redenção do pecado, Rm 5:12-19.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS

Tradições Babilônicas da Queda do Homem. Inscrições babilônicas primitivas estão repletas de alusões a uma "árvore da vida", da qual o homem se afastou por influência de um mau espírito personificado numa serpente, e à qual foi impedido um segundc acesso, por querubins, guardas do jardim.

Entre essas placas há a história de "Adapa", tão surpreendentemente paralela, em alguns pontos, à história bíblica de Adão, que é chamado o Adão babilônico. — "Adapa, descende do gênero humano" — "o sábio de Eridu" — "inocente" — acontece que ele "ofendeu os deuses" — "pelo conhecimento" — e então "se tornou mortal" — "o alimento da vida ele não comeu" — "infligiu doença ao povo" — os deuses disseram: "ele não repousará" — "vestiram-no de um manto de luto." Ver "Monuments and the Old Testament", de Price.

Há dois Sinetes antigos, figuras 16 e 17, que parecem apresentar em figuras exatamente o que o Gênesis apresenta em palavras:

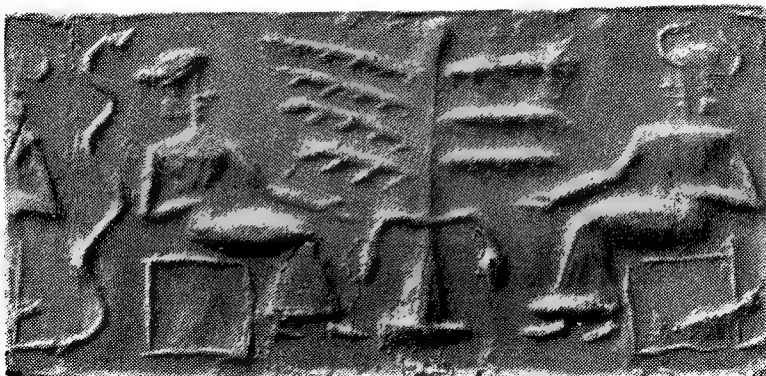



Fig. 16. O Sinete da Tentação. (Cortesia do Museu Britânico)

O Sinete da "Tentação", Fig. 16, descoberto no meio de antigas placas babilônicas e que hoje se encontra no Museu Britânico, parece referir-se, decididamente, à história do Éden. No centro vê-se uma árvore; à direita, um homem; a esquerda, uma mulher tirando um fruto; atrás da mulher, como a cochichar-lhe, uma serpente ereta.

Fig. 17. O Sinête de "Adão e Eva"
(Cortesia do Museu da Univ. da Pensilvânia)

O Sinete de "Adão e Eva", Fig. 17, foi descoberto em 1932 pelo Dr. E. A. Speiser, do Museu da Universidade da Pensilvânia, quase no fundo do Cômoro Tepe Gawra, 19 km ao norte de Nínive. Ele datou este sinete de cerca de 3500 a.C., e declarou que o mesmo era nìtidamente sugestivo da história de Adão e Eva: nus, um homem e uma mulher, andavam como sob profundo abatimento e de coração quebrantado, seguidos por uma serpente. O sinete mede cerca de 2,5 cm de diâmetro e é gravado em pedra. Acha-se hoje no Museu da Universidade, em Filadélfia.

A Significação destas Primitivas Inscrições. Êstes antigos registros, esculpidos em pedra e barro, nos priscos tempos da história, no local da primitiva residência da raça humana, preservados sob o pó dos séculos, hoje trazidos a lume pela pá dos arqueólogos, são evidência muito clara de que os traços principais da história bíblica de Adão fixaram-se profundamente no espírito do homem primitivo.

Outras Tradições da Queda do Homem

Pérsica: nossos primeiros pais, inocentes, virtuosos e felizes, viviam num jardim, onde estava a árvore da imortalidade, até que um espírito mau apareceu sob a forma de serpente.

Indu: na primeira era, o homem estava livre do mal e de doenças; tinha tudo o que desejava e vivia muito tempo.

Grega: os primeiros homens, na idade de ouro, viviam nus; livres do mal e de aflições, gozavam de ininterrupta comunhão com os deuses.

Chinesa: houve uma era feliz, quando o povo tinha alimento com fartura e vivia cercado de animais mansos.

Os mongóis e **tibetanos** tinham tradições semelhantes.

Os Teutões: a raça primeva gozava de uma vida de perpétua festividade.

Todas as raças primitivas têm tradições de uma época de maior civilização.

A história original do Jardim do Éden foi contada, sem dúvida, por Adão a Metuselá; este contou-a a Noé, e Noé a seus filhos; nas tradições culturais, que se seguiram, das várias nações, veio essa história a alterar-se de modo vário e grosseiro. Não são tais tradições uma evidência de que houve um fato original que lhes serviu de base?

Cap. 4. Caim e Abel

Admitindo que Adão e Eva foram criados já adultos, Caim, quando matou Abel, devia ter uns 129 anos; porque Sete nasceu logo depois, 4:25, quando Adão tinha 130 anos, 5:3.

O sacrifício de Abel, 4:4, foi aceitável porque ele era justo, 1 Jo 3:12, e porque foi oferecido pela fé, Hb 11:4. Com a entrada do pecado, parece, Deus ordenou tais sacrifícios. Parece ter sido uma espécie de primeira figura da morte expiatória de Cristo.

A mulher de Caim, 4:17, deve ter sido sua irmã, visto que Eva era a "mãe de todos os viventes", 3:20. Adão teve filhos e filhas cujos nomes não se mencionam, 5:4; diz a tradição que foram 33 filhos e 27 filhas.

A quem Caim podia temer?, 4:14. Nos 130 anos, desde a criação de Adão à morte de Abel, muitas gerações houve, formando uma população, provavelmente de muitos milhares.

O sinal de Caim, 4:15. Fosse qual fosse, o povo deve ter compreendido o seu sentido. Deve estar aí a origem da escrita: a marca em Caim representava uma idéia; e, logo cedo, houve diferentes marcas para diferentes idéias, ideogramas.

A cidade de Caim, 4:17, em alguma parte ao oriente do Éden, foi provavelmente apenas uma vila de rudes cabanas, com um muro por defesa, para servir como espécie de reduto para sua descendência proscrita.

A poligamia, 4:19, logo se seguiu ao homicídio, na família de Caim. Deus ordenara, no princípio, que um homem e uma mulher vivessem juntos pelo casamento, 2:24. Mas o homem logo dispôs do assunto de outra maneira.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Primitivo Emprego dos Metais**

Adão ainda vivia quando seus descendentes aprenderam o uso do cobre e do ferro, e inventaram instrumentos de música, 4:21,22.

Até há pouco pensava-se que antes do século 12 a.C. não se conhecia o emprego do ferro. Eis os têrmos usados por historiadores e arqueólogos na indicação das sucessivas etapas do avanço da civilização:

a) Paleolítica: Idade da Pedra primitiva; usavam-se pedras lascadas.
b) Neolítica: Idade da Pedra posterior; usavam-se pedras polidas, ossos, madeiras.
c) Calcolítica: Cobre-Pedra; transição da pedra para o metal.
d) Idade do Bronze: 2500-1200 a.C.
e) Idade do Ferro: 1200 a.C. em diante.

Em 1933 o Dr. H. E. Frankfort, do Instituto Oriental, descobriu nas ruínas de Asmar, cerca de 160 kms. ao nordeste da cidade de Babilônia, uma lâmina de ferro feita em 2700 a.C. mais ou menos; desse modo ficou recuado de uns 1500 anos o emprêgo conhecido do ferro. Havia ferro nativo nas montanhas, e ferro dos meteoritos.

Inscrições primitivas revelaram que o país de Babilônia nunca foi habitado por gente que não conhecesse o uso dos metais. Instrumentos de cobre têm sido descobertos nas ruínas de várias cidades antediluvianas, ver sobre o cap. 5, pág. 71.

O prisma Weld, que fornece os nomes dos reis longevos de antes do dilúvio, diz que o 3.º, o 5º e o 6.º reinavam em um lugar chamado

"Badgurgurru". Esta palavra significa "cidade de trabalhadores em bronze". Pode ser uma tradição da cidade de Caim, 4:17.

"O Livro das Gerações de Adão", 5:1 a 6:8

É o 3.º documento que entra na composição do Gênesis, ver pág. 58. Leva a história até ao 500.º ano da vida de Noé, 5:32. Pode ter sido começado por Adão, continuado por Enoque e Metuselá, e concluído por Noé. Este pode ter tirado cópias, em placas de barro, deste e dos dois primeiros documentos, e tê-las enterrado, como o refere a tradição, pág. 44, em Sipar.

Cap. 5. Genealogia de Adão a Noé

Suas idades vão relacionadas: Adão, 930 anos. Sete, 912. Enos, 905. Cainã, 910. Maalelel, 895. Jarede, 962. Enoque, 365. Metusalém, 969. Lameque, 777. Noé, 950.

Explica-se ordinariamente essa longevidade com a teoria de que o pecado apenas recentemente começava a exercer sua maléfica influência na raça, que descendera de uma natureza originalmente imortal. Alguns pensam que êsses nomes são de épocas dinâmicas, em vez de indivíduos. Outros julgam que, naquele tempo, os meses eram considerados anos.

Os números neste cap., com 6:6, indicam que houve 1656 anos entre a criação do homem e o dilúvio. Visto que esta genealogia e a do cap. 11 têm, cada qual, 10 gerações, alguns pensam que podem ter sido abreviadas, como a de Jesus em Mat. 1. Mas a fórmula "viveu... anos e gerou" — vai de encontro a essa teoria.

Enoque, 5:21-24

Foi o melhor de todos. Numa sociedade incrivelmente perversa, ele "andou com Deus". Nascido 622 anos após a criação de Adão, foi contemporâneo dêste durante 308 anos. "Deus para Si o tomou" 69 anos antes de Noé nascer e quando tinha 365 anos.

O único outro, a ser trasladado assim, sem experimentar a morte, foi Elias, 2 Rs 2. Enoque e Elias, talvez, foram destinados por Deus para ser uma espécie de figura antecipada da sorte feliz dos santos que ainda estiverem no corpo, à vinda de Cristo, 1 Ts 4:17.

Os árabes contavam uma lenda, segundo a qual foi Enoque o inventor da escrita. O Novo Testamento se refere a uma Profecia de Enoque (Jd 14).

Metusalém, 5:25-27

Foi o mais velho dos dez, 969 anos, filho de Enoque. Sua vida coincidiu em parte com a de Adão 243 anos, e com a de Sem 98 anos, formando assim um traço de união entre o Jardim do Éden e o mundo pós-diluviano. Morreu no ano do dilúvio.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Longevidade Primeva**

Beroso, historiador babilônio de 300 a.C., baseando sua história nos arquivos do Templo de Marduque, copiados de inscrições primitivas, muitas das quais têm sido descobertas, mencionou 10 reis longevos de antes do dilúvio, que reinaram, cada um, de 10.000 a 60.000 anos: Aloros, Alaparos,

Amelon, Amenon, Megalaros, Daonos, Eudoraco, Amenpsinos, Otiartes, Xisutro. "Nos dias de Xisutro", diz Beroso, "ocorreu o grande dilúvio."

O Prisma Weld e as placas de Nipur (ver pág. 48, 49), dando milhares de anos para cada reinado, como Beroso o fez, nomeiam os reis antediluvianos assim, com os nomes sumerianos que Beroso tinha traduzido para o grego:

Alulim	Reinou em Eridu	28.000 anos
Alalmar	idem	36.000 anos
Emenluana	Reinou em Badgurgurru	43.000 anos
Kichuna	Reinou em Larsa	43.000 anos
Enmengalana	Reinou em Badgurgurru	28.000 anos
Dumuzi	idem	36.000 anos
Sibziana	Reinou em Larak	28.000 anos
Emendurana	Reinou em Sipar	21.000 anos
Uburratum	Reinou em Shurupak	18.000 anos
Zinsudu (Utnapistim)		64.000 anos

"Então o dilúvio subverteu a terra."

Estes devem ser os mesmos reis referidos por Beroso, conhecidos por nomes diferentes depois da confusão das línguas em Babel. As placas que trazem esses nomes foram escritas depois de começado o período histório. Parece que os antigos, quando se referiam a seus tempos PRÉ-históricos, caíam na mesma tentação que os modernos experimentam, a de exagerarem desmedidamente a cronologia do seu mundo primevo.

Além dos babilônios, os povos persas, egípcios, indus, gregos e outros tiveram tradições sobre a grande longevidade dos primeiros habitantes da terra. De onde vieram essas tradições, se não do fato de os primeiros homens realmente viverem muito?

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Escavações nas Cidades Antediluvianas**

As cidades mencionadas acima, como tendo sido residências de reis de antes do dilúvio, têm sido identificadas, exceto Badgurgurru. Escavações em suas ruínas e nas de outras cidades antediluvianas, têm trazido à luz muitos aspectos da vida daquela época, e têm tornado muito real, para nós, o mundo dos primeiros capítulos do Gênesis.

Entre as cidades escavadas figuram: Eridu, Obeide, Ereque, Susa, Tepe Gawra, Ur, Quis, Fara (Shurupak), Sipar (Acade), Larsa, Jemdet Nasr. Em suas ruínas os arqueólogos chegaram muito perto dos primórdios da fixação do povo no país da Babilônia.

No meio das relíquias de povos antediluvianos, encontradas nessas ruínas, notam-se cerâmica pintada, instrumentos de pederneira, utensílios, vasos de turquesa, machados e espelhos de cobre, enxadas, foicinhas, vários implementos de pedra, de silex, e de quartzo, anzóis de pesca, modelos de barcos, um forno subterrâneo para cal, e amostras de belíssima cerâmica vitrificada, cosméticos que as mulheres pré-históricas usavam para enegrecer sobrancelhas e pálpebras, ruínas de templos de alvenaria, pintados de vermelho ou cobertos de reboco, cerâmica artisticamente pintada com intrincados desc

nhos geométricos e com figuras de pássaros, até mesmo um coche, e habilidades arquitetônicas que indicam uma "civilização surpreendentemente adiantada".

Cap. 6:1-8. A Maldade Antediluviana

Os "filhos de Deus" (6:2) pensa-se terem sido ou anjos decaídos, a que talvez se refiram 2 Pe 2:4 e Jd 6, ou pessoas de evidência das famílias *setitas que se misturaram pelo casamento com os ímpios*, descendentes de Caim. Tais casamentos anormais, quaisquer que fossem, encheram a terra de corrução e violência.

Jesus considerava o dilúvio um fato histórico e assemelhou o tempo de Sua segunda vinda aos dias de Noé (Mt 24:37-39). O que se passa hoje no mundo faz-nos desconfiar que aquela época está voltando.

Os "120 anos" (6:3) parecem referir-se a um prazo final de oportunidade antes do dilúvio. Ou podem significar a extensão da vida, agora reduzida, em comparação com o período referido no cap. 5.

"As Gerações de Noé", 6:9 a 9:28

É o 4.º documento que entra na composição do Gênesis, ver pág. 58. Contém a história do dilúvio como Noé a contou, e talvez a registrou, legando-a a Sem, por cujas mãos chegou a Abraão.

Cap. 6:9-18. Noé e a Arca

A arca media cerca de 138 ms. de comprimento, 23 de largura e 14 de altura, uns 65.000 metros cúbicos. Tinha três conveses, divididos em compartimentos, com uma carreira de janelas ao redor, na parte superior. Deve ter sido do mesmo tamanho e proporções de um transatlântico moderno. Sendo que vivia nas ribanceiras de um grande rio, a construção de barcos era uma das primeiras ocupações do homem. Placas cuneiformes indicam que nas priscas eras da história, os habitantes do país de Babilônia entregavam-se ao tráfego fluvial e marítimo. O lar de Noé, segundo a tradição babilônica, ficava em Fara, no Eufrates, cerca de 112 km ao noroeste do local do Éden. Assim, Noé deve ter-se familiarizado desde menino com a construção de barcos e com o tráfego fluvial.

Cap. 6:19 a 7:5. Os Animais

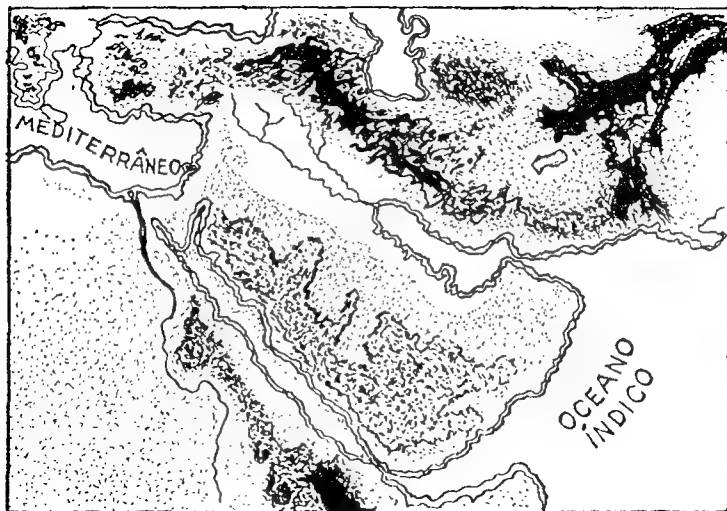
Em 6:19-21 e 7:2 declara-se que sete casais de animais limpos e um casal só dos demais deviam ser levados para a arca. Alguns têm calculado que havia lá espaço para 7.000 espécies de animais. Algumas vezes animais bravios parecem pressentir a aproximação de uma catástrofe e se tornam inofensivos.

Foi tarefa gigantesca construir a arca, reunir os animais e armazenar o alimento necessário. Noé e seus três filhos não podiam fazer isto sozinhos. Neto de Metuselá e bisneto de Enoque, podia ele ter sido um rei de cidade, como refere a tradição babilônica, e então podia ter empregado milhares de homens nessa obra. A melhor parte dos 120 anos (6:3) deve ter ele passado nisso. E sem dúvida foi alvo de constante zombaria, porém manteve-se indômito na sua fé, 2 Pe 2:5, Hc 11:7.

Cap. 7:6 a 8:19. O Dilúvio

"Romperam-se todas as fontes do grande abismo, e as comportas dos céus se abriram", 7:11. O Vale do Eufrates quase podia ser chamado o istmo do Hemisfério Oriental, onde o Mar Mediterrâneo e o Oceano Índico se aproximam um do outro e quase dividem a África, ao sul da Europa e Ásia ao norte. A região montanhosa da Armênia é quase idêntica a um sistema insular, com os mares Cáspio e Negro ao norte, e Mediterrâneo ao oeste, o Golfo Pérsico e o Oceano Índico ao sul. Um abaixamento cataclísmico da região faria que as águas desses mares a invadissem, enquanto de cima se derramava a água da chuva.

A Extensão do Dilúvio

"Todos os altos montes, que havia debaixo de todo o céu, foram cobertos. Pereceu toda a carne que se movia sobre a terra", 7:19,21. Foram estas, sem dúvida, as próprias palavras com que Sem narrou, ou escreveu, a história do dilúvio a seus filhos e netos. Contou como viu. Temos de interpretar sua linguagem conforme sua própria geografia? Ou conforme a geografia de hoje? Toda a raça, exceto Noé e sua família, foi destruída. Para destruir a raça, bastava que o dilúvio cobrisse, apenas, as regiões habitadas da terra. Aceitando a narrativa como está na Bíblia, houve só DEZ gerações, desde Adão, o primeiro homem. Dispondo de meios primitivos para viajar, como podia UMA família, em DEZ gerações, povoar a terra inteira? É muito provável que a raça não se tivesse espraiado para além da Bacia do Eufrates. Não obstante, pensam alguns que o dilúvio cobriu, de fato, a terra toda como hoje a conhecemos, identificando-o com a última grande modificação havida no nível do solo ao fim da Era Glacial, em 10.000 a.C.

(Mapa 21)

O Tempo Passado na Arca

Noé entrou na arca 7 dias antes que começasse a chover (7:4,10). A chuva começou no 17.º dia do 2.º mês do ano 600.º de Noé (7:11). Choveu 40 dias (7:12). As águas prevaleceram 150 dias (7:24; 8:3). A arca repousou no 17.º dia do 7.º mês (8:4). Os picos dos montes começaram a ser vistos no 1.º dia do 10.º mês (8:5). Removeu-se a coberta da arca no 1.º dia do 1.º mês do ano 601.º de Noé (8:13). Saída da arca no 27.º dia do 2.º mês (8:14-19). Na arca passaram 1 ano e 17 dias: 5 meses vogando, 7 meses no monte.

O Monte Ararate

Depois de vogar uns 800 kms. ou mais, além do local de onde partira, a arca repousou no pico de um dos montes da Armênia, chamado Ararate (ver mapa na pág. 81), cerca de 322 kms. ao norte de Nínive. Esse monte tem de altura 5.610 ms. Ao seu sopé fica a cidade chamada Naxuana, ou Nakhitchevan, que alega possuir o túmulo de Noé. O nome significa, "Aqui Noé fixou-se."

Cap. 8:20 a 9:17. O Arco Íris

Se, como pensam alguns geólogos, houve freqüentes inundações antes desse grande dilúvio, devido a freqüentes mudanças de nível do solo, de par com um clima mais quente e a conseqüente densidade da umidade na atmosfera, pode ser que essa grande modificação geológica resultasse em ficar o ar mais transparente, tornando o arco-íris perfeitamente visível. E Deus designou-o como sinal de Sua aliança com o gênero humano, de que não haveria outro dilúvio (9:8-17). A próxima destruição da terra será pelo fogo, 2 Pe 3:7.

Cap. 9:18-28. A Profecia de Noé, 9:25-27

Os descendentes de Cão seriam raças de servos; os semitas preservariam o conhecimento do verdadeiro Deus; as raças jaféticas haveriam de dominar vastíssima porção do mundo e suplantar as raças semíticas como doutrinadores de Deus. Foi cumprido isso quando os israelitas tomaram Canaã, os gregos conquistaram Sidom, e Roma capturou Cartago. Desde então as raças jaféticas têm dominado o mundo e se têm convertido ao Deus de Sem enquanto as raças semíticas têm ocupado posição de relativa insignificância, e as raças camíticas, uma condição servil. Foi uma admirável previsão da história.

Anunciada a Descoberta da Arca de Noé

Anunciou-se em várias publicações que certos aviadores russos, pouco antes da Revolução Bolchevista, declararam ter visto o casco de gigantesco navio nas geleiras perenes e inacessíveis do Monte Ararate; que eles relataram esse achado ao governo russo. Logo por essa época o governo czarista foi derrubado pelos bolchevistas ateus, nunca se publicando tais relatórios.

A Tradição Babilônica do Dilúvio

Arquivos do Templo de Marduque em Babilônia (cidade), como Beroso relata (300 a.C.), continham esta história: Xisutro, rei, foi advertido por um dos deuses que construísse um navio e nele recebesse seus amigos e pa-

rentes e todas as várias espécies de animais, com todo o alimento necessário. Visto isso, construiu um navio imenso que encalhou na Armênia. Baixando o dilúvio, soltou pássaros; na terceira vez estes não voltaram. Ele saiu, edificou um altar e ofereceu sacrifício. Uma versão mais antiga da tradição encontra-se nas placas do dilúvio, achadas em 1872 por George Smith, em Nínive (ver pág. seguinte).

Outras Tradições

Os **egípcios** adotavam a lenda de que os deuses, certa vez, purificaram a terra por um grande dilúvio, do qual só uns poucos pastores escaparam.

Tradição Grega: Deucalião, avisado de que os deuses iam trazer uma inundação à terra, por causa da grande perversidade desta, construiu uma arca, que repousou no monte Parnasso. Uma pomba foi solta duas vezes.

Tradição Indu: Manu, avisado, construiu um navio, no qual ele sozinho escapou de um dilúvio que destruiu todas as criaturas.

Tradição Chinesa: Fa-He, fundador da civilização chinesa, se representa como tendo escapado com sua mulher, 3 filhos e 3 filhas, de uma **inundação,** ocasionada porque o homem se rebelara contra o céu.

Inglaterra: Os drúidas consèrvavam a lenda de que o mundo tinha sido povoado de nôvo por um justo patriarca, que se salvara num possante navio, de uma **inundação** enviada à terra pelo Ser Supremo, para destruir o homem, por causa de sua maldade.

Os **Polinésios** têm histórias de um dilúvio, do qual 8 escaparam.

Os Mexicanos: Um homem, sua mulher e filhos, num navio, foram salvos de um dilúvio que cobriu a terra.

Os Peruanos: Um homem e uma mulher salvaram-se num caïxão que ficou vogando nas águas da inundação.

Os Índios Americanos: Várias lendas, segundo as quais 1, 3 ou 8 pessoas se salvaram num barco acima do nível das águas, no cume de um alto monte.

Groenlândia: Uma vez a terra se tombou e todos os homens se afogaram, exceto um homem e uma mulher, os quais repovoaram a terra. Ver a "International Standard Bible Encyclopaedia".

A Universalidade da Tradição

Babilônios, assírios, egípcios, persas, indus, gregos, chineses, frígios, os insulares de Fiji, esquimós, aborígenes americanos, índios brasileiros, peruanos, e mesmo qualquer ramo de toda a raça humana, semítico, ariano, turaniano — têm tradições da **grande inundação** que destruiu toda a humanidade, menos uma família, fato que se gravou indelevelmente na memória dos ancestrais de todas essas raças, antes de se separarem elas. "Todos esses mitos só se podem compreender na suposição de que algum evento dessa natureza realmente ocorreu. Uma crença assim universal, não procedendo de algum princípio instintivo de nossa natureza, deve fundamentar-se num fato histórico."

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Placas acerca do Dilúvio**

George Smith, do Museu Britânico, descobriu, em 1872, em placas da Biblioteca de Assurbanipal, em Nínive, narrativas do dilúvio curiosamente paralelas à narrativa bíblica, que tinham sido copiadas de placas datadas de época anterior à primeira dinastia de Ur, período, mais ou menos, equidistante do dilúvio e de Abraão. Mais tarde, acharam-se muitas dessas placas antigas, nas quais aparecem repetidas expressões assim: "O Dilúvio", "A Era antes do Dilúvio", "As Inscrições de antes do Dilúvio". O prisma de barro, que fornece os nomes dos 10 reis longevos antediluvianos, diz, após o 10.º nome: "Então o dilúvio subverteu a terra".

A História do Dilúvio segundo o Noé Babilônico

É parte daquilo que se chama o Poema Épico de Gilgamés. Este foi o 5.º rei da dinastia de Ereque, a qual foi uma das primeiras de após o dilúvio. Este poema épico dá a história de suas aventuras, uma das quais foi a visita à morada insular de Utnapistim, o Noé babilônico, em procura do segrêdo da vida eterna, que se supunha Utnapistim possuir. Essa visita vem desenhada num sinête, Fig. 18, encontrado, recentemente, em Tell Billa, perto de Nínive. Respondendo a Gilgamés, Utnapistim (Noé) relata a história do dilúvio e como escapou a ele. Sua história se contém em muitas placas diferentes, com variações. Em substância e em resumo é como segue: "A assembléia dos deuses decidiu mandar um dilúvio. Disseram: Sobre o pecador fique o seu pecado. Ó homem de Shurupak, constrói um navio, salva a tua vida. Constrói-o com seis andares, cada um com sete divisões. Besunta-o com betume, dentro e fora. Lança-o ao oceano. Toma, no navio, sementes de vida, de toda espécie.. Eu o construí. Carreguei-o de tudo quanto tinha, de prata, ouro e tudo quanto eu tinha de coisas vivas. Embarquei nele com minha família e parentes. Fechei a porta. Chegou o tempo marcado. Observei o aspecto do tempo. Era terrível. Toda luz tornara-se trevas.. As chuvas desabaram. A tempestade rugia, como carga em batalha, sobre a humanidade. O barco estremecia. Os deuses choravam. Passei a vista pelo mar. Toda a humanidade virara lodo, como toros de madeira vagava à toa. Cessou a tempestade. Passou o dilúvio. O navio encalhou no Monte Nazir. No sétimo dia, despachei uma pomba; ela voltou. Soltei uma andorinha; ela voltou. Soltei um corvo; ele pousou e caminhou dificultosamente pela lama; crocitou; não voltou. Desembarquei. Ofereci um sa-

Fig. 18. Sinetes de Gilgamés
(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

crifício. Os deuses aspiraram seu cheiro suave. Disseram: Que isto não aconteça mais. Disseram: Em tempos passados Utnapistim era homem; agora seja ele imortal como nós, e more distante, na foz dos rios."

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Sedimento do Dilúvio em Ur**

Estas tradições do dilúvio, embora mescladas de politeísmo e algum mito evidente, mostram que o dilúvio se tornou um fato que se gravou na memória dos primitivos habitantes da Babilônia. Agora, faz poucos anos, uma verdadeira camada de lama, evidentemente depositada pelo dilúvio, achou-se em três lugares separados: em Ur, 19 km do sítio tradicional do Jardim do Éden; em Fara, residência tradicional de Noé, 96 km adiante, rio acima; em Quis, subúrbio da cidade de Babilônia, 161 km mais além; e possìvelmente em um quarto lugar, Nínive, 48 km mais para diante, rio acima, ver pág. 79.

Em Ur, cidade de Abraão, a Expedição Conjunta dos Museus Universidade da Pensilvânia e Britânico, sob a direção do Dr. C. L. Woolley, encontrou, em 1929, perto do fundo dos cômoros de Ur, debaixo de várias camadas de ocupação humana, grande veio de lama de barro, solidificada, de 2,6 m de espessura, *sem mistura de resíduos humanos, ainda com* as *ruínas* de outra cidade sepultada mais em baixo. O Dr. Woolley afirmou que 2,6 m de sedimento implicava numa profundidade muito grande de água e num longo período de inundação, que não podia ter aparecido ali por nenhuma enchente ordinária dos rios, mas somente por uma inundação vasta como o dilúvio da Bíblia. A civilização que ficava sob o sedimento diluvial era tão diferente da que ficava acima que indicou ao Dr. Woolley "uma interrupção brusca e terrífica na continuidade da história." Ver "Ur of the Chaldees", de Woolley.

Outras informações sôbre escavações em Ur aparecem nas págs. 86, 87 dêste Manual.

Fig. 19. Poço da cidade, onde se encontrou sedimento diluvial em Ur.

Fig. 20. O Dr. Woolley cavando abaixo do sedimento diluvial em Ur.

(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Sedimento Diluvial em Quis**

Quis (Ukheimer, El Ohemer, Uhaimir), na orla oriental da cidade de Babilônia, num leito do Eufrates atualmente seco, constava nas placas ter sido a primeira cidade reconstruída após o dilúvio.

A Expedição Conjunto do Museu Field e da Universidade de Oxford, sob a direção do Dr. Stephen Langdon, encontrou (1928-29) um veio limpo de argila sedimentada, nas camadas inferiores das ruínas de Quis, 1,60 m de espessura, indicativo de uma inundação de vastas proporções. No centro da Fig. 21 o depósito diluvial está localizado logo acima das ruínas do muro. Não continha objetos de espécie alguma. O Dr. Langdon sugeriu que podia ter sido o dilúvio mencionado na Bíblia. Abaixo daí, os resíduos apresentavam um tipo de cultura todo diferente. Entre esses resíduos achados havia um carro de quatro rodas, sendo estas de madeira com pregos de cobre, com os esqueletos dos animais que o puxavam, entre os varais, Fig. 22. Ver "Field Museum-Oxford University Expedition to Kish", por Henry Field, Folheto 28.

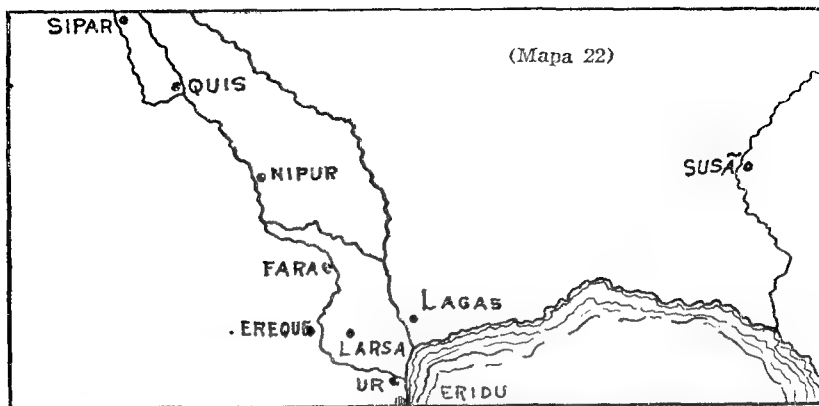



Fig. 21. Ruínas de Quis (Cortesia do © Matson Photo)

Fig. 22. Carro antediluviano (Cortesia do Museu Field de História Natural)

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Sedimento Diluvial em Fara**

Fara (Shurupak, Sukurru), residência do Noé babilônico, a meio caminho mais ou menos da cidade de Babilônia a Ur. Antigamente sobre o Eufrates, hoje a 64 km ao leste. Grupo de cômoros baixos, batidos pela areia do deserto. Escavados (1931) pelo Dr. Eric Schmidt, do Museu da Universidade da Pensilvânia. Aí encontrou os restos de três cidades: a de cima, contemporânea da 3.ª Dinastia de Ur, ver pág. 85; a do meio, sumeriana primitiva; a de baixo, antediluviana.

O sedimento diluvial estava entre a cidade do meio e a de baixo. Consistia em lodo amarelo, uma mistura de areia e argila, decididamente terra sólida aluvial, deixado como sedimento de água, sem restos de ocupação humana, como se vê ilustrado na fig. 24. Abaixo do depósito aluvial estava uma camada de carvão vegetal e cinzas, resíduos de cultura de cor escura que podem ter sido resíduos de muros; cerâmica pintada, esqueletos, sinetes cilíndricos, carimbos, potes, panelas e vasilhas, com aparência de que a população tinha "abandonado apressadamente suas casas, deixando seus pertences." A fig. 23 mostra o pessoal do Dr. Schmidt cavando abaixo do depósito diluvial. (Ver "University Museum Journal", Set. 1931).

Fig. 23. Abaixo do sedimento diluvial em Fara

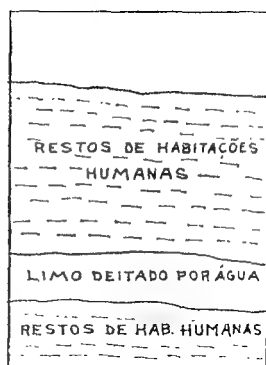



Fig. 24. Corte transversal do Cômoro de Fara

(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

Também em Nínive. Nos "Annals of Archaeology and Anthropology", vol. XX, págs. 134-35, PI 73, M.E.L. Mallowan, diretor das escavações do Museu Britânico em Nínive (1932-33), descrevendo a perfuração de um poço no grande cômoro, de 30 m desde o topo ao solo virgem, declara que 23 dos 30 ms. representavam cinco estratos pré-históricos de ocupação, e que cerca de meio caminho abaixo, entre o 2.º e o 3.º estratos, a contar de baixo, havia um estrato de uns 2,6 m de espessura, constituído de depósitos alternados de lama viscosa e areia de rio com 13 elevações distintas do nível, o que em sua opinião indicava uma série de pesadas estações chuvosas. Havia nítida diferença entre a cerâmica de sob o depósito molhado e a de sobre o mesmo.

1. O fato histórico de ter havido uma inundação vasta cobrindo a área inteira da civilização pristina é comprovado pela camada de 2,5 ms. de limo que faz um corte transversal através dos "níveis culturais" dos sítios do Vale do Eufrates.

2. As Listas dos Reis sumerianos da Baixa Mesopotâmia conservam a tradição de um Dilúvio. Frases tais como: "então o Dilúvio inundou a terra"... "depois do Dilúvio", aparecem na narrativa.

3. Uma placa sumeriana com a data de 2000 a.C. contém um registro detalhado de um Dilúvio. Um homem foi salvo num barco grande, pela intervenção dos deuses.

4. A épica babilônica de Gilgamés se baseia nesta história, mas é muito mais desenvolvida. Este texto, também, vem da biblioteca de Assurbanipal. A história neste poema tem uma semelhança marcante à narrativa de *Gênesis*.

5. As semelhanças são factuais: (i) Ambas as narrativas consideram que o Dilúvio era o julgamento divino da transgressão humana. (ii) Dizem que um homem foi advertido em tempo e preservado por intermédio de uma embarcação. (iii) Ambas as narrativas descrevem as causas físicas; a Bíblia, porém, é mais cataclísmica na sua descrição. (iv) Ambas as narrativas falam de um paradeiro numa montanha, de dois pássaros, dos quais o segundo não voltou mais. (v) Ambas as narrativas falam do culto prestado pelo sobrevivente e das bênçãos concedidas a ele.

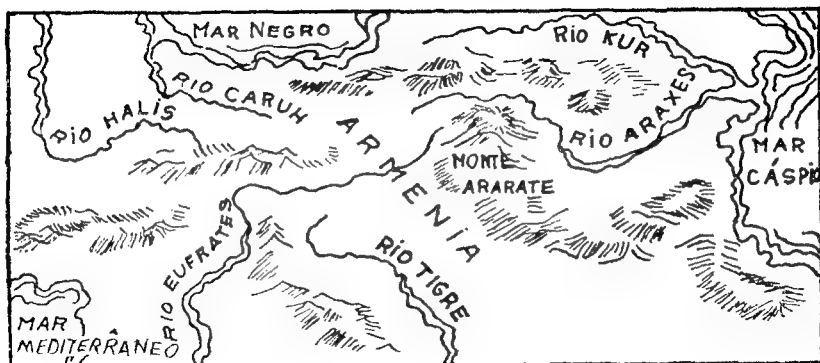
6. As diferenças são espirituais, morais e vitais: (i) A idéia de Deus é vastamente diferente entre as duas narrativas: um conceito nobre de um Deus reto, contrastado com um politeísmo cru. (ii) A noção do pecado é diferente. Jeová julga o pecado flagrante, mas não age por mero capricho, e dá a devida consideração ao justo.

7. Fatos subjazem ambos os relatório. Na Bíblia, os fatos se registram com o devido controle, com um conteúdo teológico, ético e nobre, enquanto o relatório babilônico só conserva um pequeno núcleo de verdade, envolto em mitos e superstições, e despojado de uma boa parte do seu conteúdo moral. Nenhuma destas narrativas é derivada da outra.

"As Gerações dos Filhos de Noé", 10:1 a 11:9

É o 5.º documento que entra na composição do Gênesis, ver pág. 58, preparado provavelmente por Sem, e por este passado a Abraão: Sem viveu desde os 98 anos antes do dilúvio até os 150 anos após o nascimento de Abraão, 11:10.

Cap. 10. Nações Descendentes de Noé

A família de Noé desembarcou da arca no Monte Ararate, perto das cabeceiras do Eufrates. Parece que depois migrou 804 kms. de volta, na direção sudeste, e estabeleceu-se em Babilônia, seu lar de antes do dilúvio. Cem anos depois (10:25) dispersou-se com a confusão das línguas.

(Mapa 23. O lugar onde a arca pousou)
Descendentes de Jafé, Zona Norte de Nações, 2-5

Os jafetitas rumaram para o norte e fixaram-se em regiões à volta dos mares Negro e Cáspio; tornaram-se os progenitores das grandes raças caucásicas da Europa e Ásia.

Descendentes de Cão, Zona Sul de Nações, 6-20

Os camitas rumaram para o sul. Os nomes dados parecem indicar a Arábia Meridional e Central, o Egito, a costa oriental do Mediterrâneo e a costa oriental da África. Canaã, filho de Cão, e seus descendentes fixaram-se na região que mais tarde se tornou residência dos judeus. Chamou-se o Egito a "Terra de Cão." Este mesmo pode ter dirigido a migração para lá. "Khen", deus egípcio, era o equivalente egipciano da palavra hebraica "Cão". O Egito foi chamado "Mizraim", nome de um filho de Cão. Ninrode foi camita, ver a pág. seguinte.

Descendentes de Sem, Zona Central de Nações, 21-31

Os semitas incluíam judeus, assírios, sírios, elamitas, na parte norte do Vale do Eufrates e suas orlas, ver pág. 82.

Ninrode, 8-12

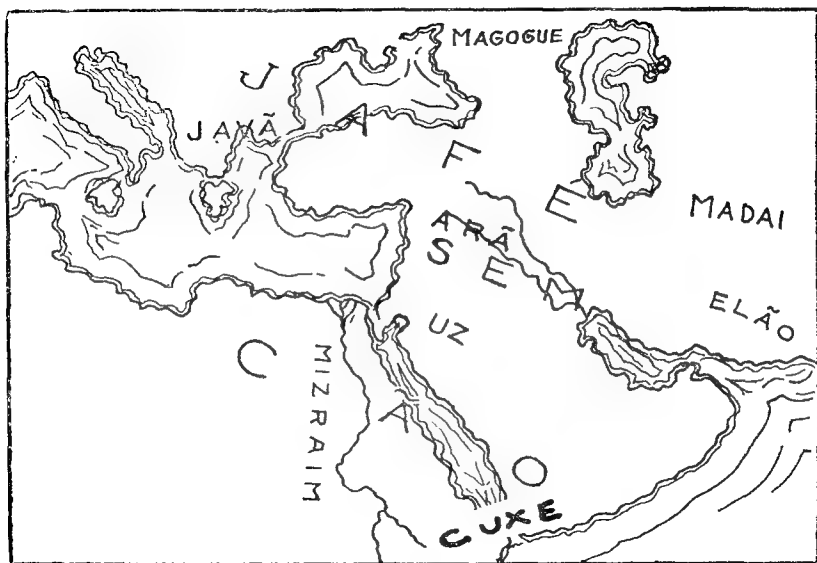
Ninrode foi o mais eminente líder dos 400 anos antre o dilúvio e Abraão. Neto de Cão (8), nascido logo após o dilúvio, a julgar pelas idades mencionadas em 11:10-16, pode ter vivido todo o período Foi um homem deveras empreendedor.

A fama de "poderoso caçador" (10:9) adveio-lhe de ser ele protetor do povo, num tempo em que animais ferozes eram uma constante ameaça de morte. Nos sinetes e relevos babilônicos primitivos muitas vezes se representa um rei em luta com um leão. Pode ser isto uma tradição de Ninrode.

Na ambição de controlar a multiplicação e a dispersão rápidas da raça, parece que ele assumiu a direção da empresa da Torre de Babel (10:10; 11:9). E depois da confusão das línguas e a dispersão do povo, parece que Ninrode, logo mais, continuou a obra da cidade de Babilônia. Construiu então três cidades próximas: Ereque, Acade e Calné, e consolidou-as em um reino sob seu governo.

A Babilônia foi por longo tempo conhecida como "País de Ninrode". Depois fizeram-no deus da cidade do mesmo nome, sendo o nome dele idêntico a "Merodaque".

Ambicionando ainda controlar a raça que sempre se dispersava, Ninrode dirigiu-se 482 km mais para o norte e fundou Nínive (embora haja uma versão de que foi Assur) e três cidades vizinhas, Reobote, Calá e Resen. Constituíam o seu reino setentrional. Durante muitos séculos as duas cidades, Babilônia e Nínive, fundadas por Ninrode, foram as principais do mundo.

Inscrições cuneiformes declaram que a colonização de Nínive partiu da Babilônia, o que é confirmação arqueológica de Gên. 10:11.

(Mapa 24. Origem das Nações)

Cap. 11. Do Dilúvio a Abraão

A Torre de Babel e Confusão das Línguas, 1-9

A confusão das línguas ocorreu na 4.ª geração após o dilúvio, mais ou menos ao tempo do nascimento de Pelegue (10:25), 101 anos após o dilúvio e 326 antes da chamada de Abraão, 10-26. Foi o meio de que Deus se serviu para dispersar a raça e encaminhá-la à tarefa de subjugar a terra. Isto pode explicar, em parte, a variedade de deuses, e, também, a variação por que passaram nomes de pessoas antediluvianas.

O trabalho da Torre de Babel foi suspenso temporariamente; logo mais era reencetado pelos que permaneceram em Babilônia; a Torre tornou-se o centro à volta do qual a cidade da Babilônia foi construída, bem como o modelo de outras torres em outras cidades babilônicas, e pode ter sugerido a forma das pirâmides do Egito.

NOTA ARQUEOLÓGICA: O Local da Tôrre de Babel

A tradicional Torre de Babel fica em Borsipa, 16 km a sudoeste do centro da cidade de Babilônia. Sir Henry Rawlinson encontrou, numa pedra fundamental em Borsipa, um cilindro com a seguinte inscrição: "A torre de Borsipa, que um rei do passado erigiu e levou à altura de 42 cúbitos, cujo cimo não acabou, arruinou-se em tempos antigos. Não houve o devido cuidado com suas calhas dágua; chuva e tempestade levaram-lhe os tijolos e quebraram-se as telhas do teto. O grande deus Marduque insistiu comigo para restaurá-la. Não alterei sua localização, nem mudei as paredes de seu alicerce. Favorecendo o tempo, renovei sua alvenaria e seu telhado, escrevi meu nome nas cornijas do edifício. Deixei-a como havia sido séculos antes; erigi o pináculo como fora em dias remotos." Parece uma tradição da torre inacabada de Babel. (Fig. 25).

Os arqueólogos comumente julgam mais provável que o verdadeiro local ficava no centro de Babilônia (cidade), identificada pelas ruínas bem ao norte do Templo de Marduque, Mapa 50, pág. 303. G. Smith encontrou uma placa antiga que dizia: "*A construção desta torre ilustre ofendeu os deuses.* Numa noite eles derrubaram o que se havia construído. Dispersaram-nos e tornaram desconhecida a língua deles". Isto afigura-se um tradição de Babel. Hoje é uma cova imensa, de 109 m quadrados, Fig. 26, que tem

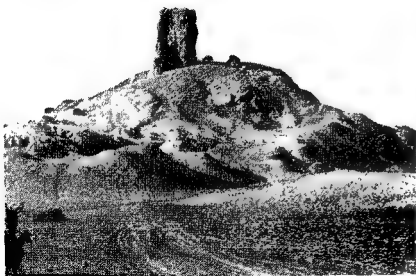



Fig. 25. Birs Ninrode

Fig. 26. Ruínas da Torre de Babilônia

(Cortesia do Instituto Oriental da Universidade de Chicago)

sido aproveitada como pedreira, de onde retiram tijolos. Enquanto esteve de pé, consistiu numa porção de terraços sobrepostos, cada qual menor do que o que lhe ficava abaixo; no topo estava um santuário de Marduque.

A Torre de Babel

1. Gn 11:4 — "uma torre cujo topo chegue até aos céus" exprime o vasto orgulho dos primeiros edificadores de Zigurates, as colinas-templo artificiais da Suméria e da Babilônia.

2. A idéia era concentrar, edificar grupos e cidades poderosos ao invés de obedecer à ordem divina de Gn 9:1. O antigo espírito da rebeldia, da adoração ao homem, e da soberba humana, dominava mais uma vez.

3. A data desta dispersão é irrecuperável. Os cálculos de Ussher dependem de premissas falsas. Não há dúvida de existir abreviações nas genealogias de Gn caps. 5 e 11. Muitas genealogias demonstram este costume de omissão.

4. Alguns Zigurates ainda existem em Ur e Ereque (moderno Warca), e sua construção ilustra Gn 11:3 e 4. Seu único propósito, em todas as descobertas, foi revelado como sendo a adoração idólatra, e nisto se percebe o pecado dos edificadores de Babel.

NOTAS:

(a) As línguas se classificam em poucas famílias grandes. Dentro da família, as semelhanças são aparentes, e às vezes os desenvolvimentos se podem pesquisar até 3.000 anos atrás. Entre grupos principais: e.g. o indo-europeu e o semítico, não há semelhança.

(b) Woolley nos livros "Os Sumerianos" e "Ur dos Caldeus" descreve em detalhes a engenharia espetacular da edificação de um Zigurate.

"As Gerações de Sem", 11:10-26

O sexto documento que entrou na composição do Gênesis, ver pág. 58. Em 10:21-31 os descendentes de Sem se nomeiam. Aqui a linhagem é levada diretamente, de Sem a Abraão, abrangendo 10 gerações, 427 anos. O próprio Sem pode ter registrado toda esta genealogia, porque sua vida abrangeu o período coberto por ela. Vê-se abaixo uma tabela de idades, desde Adão ao dilúvio, conforme se registra no cap. 5, (ver págs. 70, 71); e desde o dilúvio a Abraão, como se vê aqui no cap. 11.

	Idade ao nascer um filho	Idade total		Idade ao nascer um filho	Idade total
Adão	130	930	Arfaxade, nascido após o dilúvio	2	
Sete	105	912	Arfaxade	35	438
Enos	90	905	Selá	30	433
Quenã	70	910	Eber	34	464
Maalalel	65	895	Pelegue	30	239
Jarede	162	962	Reú	32	239
Enoque	65	365	Serugue	30	230
Metusalém	187	969	Naor	29	148
Lameque	182	777	Tera	130	205
Noé, no dilúvio	600	950	Abraão quando entrou em Canaã	75	
	1.656			427	

De acordo com esses números:

Houve 1656 anos entre Adão e o dilúvio; 427 anos do dilúvio a Abraão.
A vida de Adão coincidiu em parte (243) anos com a de Metusalém.
A vida de Metusalém coincidiu em parte (600 anos) com a de Noé; e com a de Sem, 98 anos.
Houve só 126 anos entre a morte de Adão e o nascimento de Noé.
Noé viveu 350 anos após o dilúvio; morreu 2 anos antes de Abraão nascer.
Sem viveu desde 98 anos antes do dilúvio até 502 anos após o dilúvio.
Sem viveu até 75 anos após a entrada de Abraão em Canaã.
Adão era vivo quando nasceram netos dos seus tetranetos.
Noé alcançou a 9.ª geração de sua descendência.
Na coluna à direita, todos, exceto Pelegue e Naor, viviam quando Abraão nasceu.
Nesse período de tanta longevidade, a população cresceu rapidamente.
Antes do dilúvio vivia-se muito. Daí para diante houve redução gradativa da extensão da vida.

"As Gerações de Tera", 11:27 a 25:11

O Sétimo documento que entrou na composição do Gênesis, ver pág. 58. É a história de Abraão registrada provavelmente por este a Isaque.

Caps. 10 e 11. Do Dilúvio a Abraão
Este Período na História Babilônica

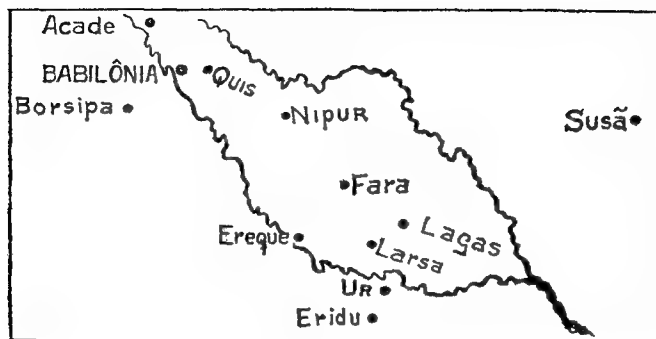
Inscrições babilônicas antigas, depois de nomear 10 reis antediluvianos, acrescentam, "Então o dilúvio subverteu a terra", ver pág. 71.

E, no período entre o dilúvio e Abraão, nomeiam-se 100 reis, de 20 diferentes cidades, ou dinastias.

Nas placas, referentes à primeira parte dêste período, há uma redução súbita da extensão dos reinados, passando os números de enormes para razoáveis, traçando-se a linha divisória entre "históricos", isto é, registros de fatos contemporâneos, e "pré-históricos", a saber, registros de fatos anteriores, tomados à tradição oral, ou reduzidos à escrita cuneiforme à vista da escrita pictográfica anterior àquela, que não tinha sido decifrada, ou fora mal interpretada.

Cidades-Reinos

Ao iniciar-se o período histórico, houve colonizações em Quis, Lagás, Ereque, Ur, Eridu, Nipur, Acade, Babilônia (cidade), Larsa, Fara, e outros lugares. Estas eram pequenas cidades fortificadas, cada uma governada por um rei ou rei-sacerdote. Viviam em constante conflito uns com os outros. Algumas vêzes uma cidade dominava outras, constituindo-se assim um impèriozinho. Essa dominação durava pouco e então se desfazia, ou passava a alguma outra cidade ou cidades. Êsses reis registravam suas proezas em placas de barro, milhares das quais têm sido desenterradas em anos recentes. Entretanto, tais placas não indicam até onde as dinastias-cidade foram contemporâneas, se consecutivas ou coincidentes. Desta sorte a cronologia do período é muito incerta.

As principais dinastias, conforme tais placas, que governaram na Babilônia (país), entre o dilúvio e os dias de Abraão, nomeiam-se na pág. seguinte. Note-se: tais centros de população ainda se agrupavam à volta de Eridu, tradicional Jardim do Éden, e de Fara, tradicional residência de Noé.

(Mapa 25)

A Dinastia de Quis

Nas placas é chamada a Primeira Dinastia pós-diluviana. Quis era subúrbio de Babilônia (cidade), próxima do local da Torre de Babel, primeira grande cidade de após o dilúvio, cidade principal da terra de Babilônia no período que se seguiu imediatamente ao dilúvio. Ver mais na pág. 78. Foi aí que o Dr. Langdon achou restos sedimentares diluvianos.

A Dinastia de Lagás

Lagás era capital do primeiro reino sumeriano ou camítico, depois do dilúvio, na parte sul de Babilônia (país), como Quis foi capital do primeiro reino semítico, na parte norte; foram separadas uma da outra cerca de 160 kms. Um dos reis de Lagás, Eanatum, submeteu a Babilônia toda ao seu domínio, estendendo-o sobre os elamitas no planalto oriental. Lagás foi centro de bibliotecas, escavada por Sarzec (1877-1901), ver págs. 46, 48.

A Dinastia de Ereque

Ereque, também chamada Uruque, ou Warka, uma das cidades de Ninrode, distava apenas 80 kms. do tradicional Jardim do Éden. Um dos seus reis foi Lugalzissi; chamava-se a si mesmo "Senhor do Mundo". Ereque foi escavada por Koldewey (1913), e por Noldeke e Jordan (1928-33). Descobriram que era uma das mais velhas cidades do mundo, com 18 camadas pré-históricas distintas. Foi a principal sede do culto de Istar, onde a prostituição era compulsória.

A Dinastia de Acade

Acade, também chamada Sipar, outra das cidades de Ninrode e outro centro famoso de bibliotecas (ver pág. 48), ficava cerca de 160 km ao noroeste de Fara, residência tradicional de Noé. Produziu SARGÃO I, 2.350 a.C., o mais famoso guerreiro dos tempos pré-abraâmicos, que governou do Elão ao Monte Sinai. Foi notável conquistador, construtor e patrocinador da instrução. Fundou grande biblioteca. Pensa-se que foi mais ou menos contemporâneo de Queops, construtor da Grande Pirâmide do Egito.

As Dinastias de Ur

Ur, apenas a 19 kms. de Eridu, tradicional Jardim do Éden, por um tempo, após o dilúvio, foi sobrepujada por outras cidades próximas. Mas ao tempo de Abraão havia conquistado a liderança do mundo (ver as duas págs. seguintes). Sob dois dos seus reis mais famosos, Ur-Engur e Dungi, Ur imperou do Golfo Pérsico ao Mediterrâneo.

A Dinastia de Babilônia (cidade)

Depois do tempo em que Abraão migrou para Canaã, (2000 a.C. em diante), a cidade de Babilônia, sob Hamurabi, ganhou supremacia. Hamurabi, notável guerreiro, que edificou templos, cavou canais e compilou um código de leis. Ver mais na pág. 50.

Cap. 10 e 11. Do Dilúvio a Abraão
Escavações em Ur, cidade de Abraão

Ur, também chamada Mugheir e Mugayyar, fora antes porto marítimo, no Golfo Pérsico, na foz do Eufrates, 19 km de Eridu, local tradicional do Jardim do Éden, ver mapa na pág. 65. Cidade antediluviana; destruída pelo dilúvio e reconstruída. Logo antes do tempo de Abraão, era a cidade mais magnificente do mundo; centro manufatureiro, fazendeiro e exportador, numa região de fertilidade e riqueza fabulosas, donde partiam caravanas em todas as direções para terras distantes, e navios, que zarpavam de suas docas, e desciam pelo Gôlfo Pérsico, carregados de cobre e pedras duras. Depois, mais ou menos ao tempo de Abraão, foi eclipsada pela cidade de Babilônia, porém manteve sua importância até ao período pérsico. Por esse tempo o Golfo havia recuado e o Eufrates mudara seu curso, correndo 16 km para leste; e Ur foi abandonada, sendo sepultada pelas tempestades de areia do deserto.

As Ruínas de Ur, uma porção de cidades, uma sobre outra, ficando a cidade de Abraão quase no fundo. Tais ruínas consistem num elevado cômoro, cercado de cômoros subsidiários mais baixos, cobrindo uma área de uns 3 km de comprimento na direção noroeste-sudoeste, e uns 800 m de largura. Restos de um muro que a circundava, de 22 m de espessura e 26 m de altura, foram encontrados numa extensão de 4 km. A Área Sagrada, ocupada por templos e palácios, era circundada de um muro interior, tendo 365 m de extensão por 182 m de largura.

O Museu da Universidade da Pensilvânia e o Museu Britânico, numa expedição conjunta sob a direção de C. L. Woolley, durante 12 temporadas (1922-34), cada uma de 4 ou 5 meses invernais, com uns 200 operários em cada temporada, exploraram inteiramente os segredos dessas ruínas.

O Zigurate, ou Torre-Templo, cujo modelo fora a Torre de Babel, é hoje o cômoro mais elevado; no tempo de Abraão era o edifício mais conspícuo da cidade. Foi reconstruído pela última vez por Nabonido, no 6.º

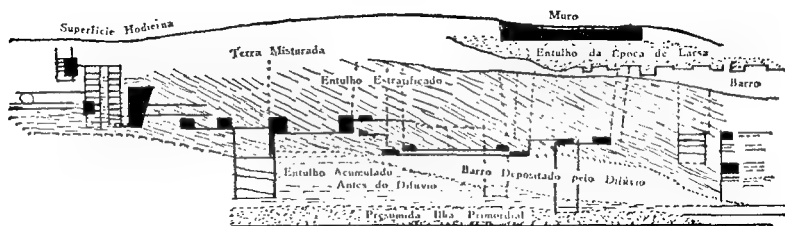



Fig. 27. Corte transversal do Cômoro, mostrando sedimento diluvial
(Cortesia do Museu Universidade da Pensilvânia)

século a.C., sobre as ruínas do templo que havia ao tempo de Abraão, o qual, por sua vez, tinha sido reconstruído sobre as fundações (ainda existentes) de um que lá havia em tempos pré-históricos. A torre, como Abraão chegou a vê-la, era quadrangular, provida de terraços, construída de sólidos tijolos, e os sucessivos terraços eram arborizados; no topo ficava um santuário do deus Lua.

Os Templos. Os dois principais templos eram o do deus Lua, Nanar e da deusa Lua, Ningal; nos dias de Abraão estavam no auge da glória; eram um complexo de santuários, pequenas salas, alojamentos de sacerdotes, sacerdotizas e atendentes: eram divindades que o pai de Abraão cultuava.

Os Túmulos Reais. Uma das descobertas mais impressionantes foram os ricos tesouros dos túmulos da rainha Chubade, de Mes-kalam-dug, e dum rei anônimo, nos níveis mais baixos do cemitério (Fig. 28), de uma época mais ou menos ao meio do período entre Abraão e o dilúvio. Com os ossos da rainha acharam-se uma coroa de ouro, adereços de cabeça, grande profusão de contas, colares, ornamentos de ouro, prata, pedras semi-preciosas, taças, pratos, pires, caixas de **toilette,** vaso de arrebique, uma harpa de ouro; os ossos de 40 criados de corte que foram sacrificados no enterro da rainha, com uma variedade enorme de instrumentos de cobre, bronze, pedra e silex, para servirem à rainha no outro mundo; os restos de um carro com os ossos dos animais que o puxavam. Isto pode ser visto hoje no Museu da Universidade de Filadélfia, em testemunho de um grau elevado de habilidade humana, em eras tão remotas, e também da prática de sacrifícios humanos, como da crença numa vida futura.

Fig. 28. **Cemitério Real**

Fig. 29. Ruínas de Ur, com os restos do zigurate da cidade, localização do templo.

(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

Um Bairro Residencial do tempo de Abraão foi descoberto, casas, lojas escolas e capelas, com milhares de placas, documentos de negócios, contratos, recibos, hinos, liturgias etc. As casas eram de alvenaria, com dois pavimentos, no alinhamento das ruas, com um pátio no lado interno.

Caps. 10 e 11. Do Dilúvio a Abraão

Êste Período na História Egípcia

A história bíblica começa na Babilônia e logo depois se desloca para o Egito; daí por diante o Egito sempre toma vulto no Antigo Testamento.

O Egito foi fundado logo após o dilúvio por Mizraim, filho de Cão. Foi chamado a "Terra de Cão".

Enquanto a civilização avançava na Babilônia sob Ninrode, Sargão e Hamurabi, maior foi no Egito o seu avanço sob as primeiras 12 dinastias, que cobriram o período entre o dilúvio e Abraão.

As 31 Dinastias de Maneto. Maneto, egípcio, cerca de 250 a.C., escreveu uma história do Egito que êle distribuiu em 31 dinastias, desde Menés, primeiro rei histórico, à conquista pelos gregos sob Alexandre, o Grande, 332 a.C., e até hoje a história egípcia antiga é comumente referida em termos dessas 31 dinastias; na maior parte a exatidão desta classificação tem sido corroborada pelas descobertas arqueológicas.

1.ª Dinastia	Menés	Ninrode?
2.ª Dinastia		
3.ª Dinastia		
4.ª Dinastia	Pirâmides	Sargão?
5.ª Dinastia		
6.ª Dinastia		
7.ª Dinastia		
8.ª Dinastia		
9.ª Dinastia		
10.ª Dinastia		
11.ª Dinastia	2134-1991 a.C.	
12.ª Dinastia	1991-1786 a.C.	Abraão
13.ª Dinastia	1786-1710	
14.ª Dinastia		
15.ª Dinastia	1710 a.C.	
16.ª Dinastia	1680 a.C. (?)	José
17.ª Dinastia		
18.ª Dinastia	1580-1319	Moisés
19.ª Dinastia	1319-1183	
20.ª Dinastia	1193-1085	Davi
21.ª Dinastia	1085- 945	
22.ª Dinastia	945- 716	
23.ª Dinastia	727- 716 (no Norte)	
24.ª Dinastia	727- 715 (no Sul)	
25.ª Dinastia	715- 664	
26.ª Dinastia	664- 525	
27-31 Dinastias	525- 331 Persas	
Período Grego	331- 30 a.C.	Septuaginta
Período Romano	30 a.C.-300 d.C.	Cristo

Os egípcios tinham seu "período pré-histórico", isto é, período antes que se registrassem pela escrita fatos contemporâneos; com suas tradições de primitivos deuses, semi-deuses e reis longevos. Sabiam usar o ouro, a prata, o cobre, o chumbo e a pederneira. Faziam barcos e navios.

As Três Grandes Épocas da História Egípcia Foram:

O Reino Antigo: Dinastias 3 a 6. Época de construção de pirâmides. Colocado mais comumente cerca de 2650 até 2200 a.C.

O Reino Médio: Dinastias 11 e 12. Época de construção de canais. Período de grande prosperidade. Cêrca de 2134-1786 a.C. Tempo de Abraão.

O Império: Dinastias 18 e 19. 1570-1214 a.C. Primeiro Império Mundial, que se estendia da Etiópia ao Eufrates. Época de permanência de Israel no Egito.

A Cronologia Egípcia é razoavelmente fixada a partir de 1600 a.C.; além daí é muito incerta. Assim, Menés, primeiro rei histórico, é posto pelos egiptólogos em datas diferentes, como segue: Petrie, 5500 a.C.; Brugsch, 4500; Lepsius, 3900; Bunsen, 3600; Breasted, 3400; Meyer, 3300; Scharff, 3000; Poole, 2700; G. Rawlinson, 2450; Wilkinson, 2320; Scharpe, 2000. Vê-se, pois, que Petrie e Breasted, dois dos mais famosos egiptólogos, divergem em mais de 2.000 anos quanto ao ponto inicial da história egípcia. Os dois ainda divergem em 1.000 anos sobre a data das pirâmides, e em 700 anos sobre o período dos hicsos. A tendência moderna é de baixar as datas, tanto da cronologia egípcia como da babilônica, colocando-se as grandes pirâmides desde 2650 a.C.

Cronologia Bíblica e Egípcia. Os egípcios tinham tradições do dilúvio no período pré-histórico. A civilização das pirâmides desenvolveu-se após o dilúvio. Tempo suficiente para um considerável aumento de população precisava transcorrer desde a época da família de Noé. O texto bíblico parece colocar o dilúvio lá por 2400 a.C., enquanto a média geral dos egiptólogos opina pelo ano 3000 a.C. como início do período histórico egípcio (ver acima); colocando assim 600 anos antes do dilúvio fatos que devem ter ocorrido muito tempo após esse cataclisma. Isso dá a impressão de um conflito entre a cronologia egípcia e a da Bíblia. Contudo, pode-se ver do parágrafo acima, no tocante à cronologia egípcia, que alguns egiptólogos colocam o princípio do período histórico egípcio aquém de 2400 a.C., devendo-se lembrar que a Septuaginta e o Pentateuco Samaritano levam a data bíblica do dilúvio para além de 3000 a.C. (veja-se sobre "Cronologia", págs. 32, 33). De modo que só alguns sistemas cronológicos egípcios é que entram em conflito com alguns sistemas cronológicos bíblicos; outros estão em perfeito acordo.

Caps. 10 e 11. Do Dilúvio a Abraão
Este Período na História Egípcia

1.ª Dinastia. Menés (Mená), primeiro rei do período histórico, consolidou várias tribos e uniu entre si o Baixo e o Alto Egito. Conquistou o Sinai e explorou suas minas de turquesas. Seu nome é identificado por alguns eruditos com Mizraim, filho de Cão. Pode ter sido mais ou menos

contemporâneo de Ninrode; enquanto este lançava os fundamentos do imperialismo entre os pequenos estados da Babilônia, Menés fazia o mesmo no Egito. Seu túmulo foi descoberto em Abidos, e nele um vaso de louça verde vidrada com o seu nome. Esta dinastia teve 9 reis.

2.ª Dinastia. 9 reis. Nomes semíticos indicam relações com a Babilônia. As minas do Sinai foram exploradas.

3.ª Dinastia. 5 reis. Continuaram o trabalho de mineração no Sinai. Construíram navios de 53 m para o comércio do Mediterrâneo; fizeram viagens marítimas ao Líbano. Começo da era das pirâmides. Zozer construiu a "Pirâmide de Degraus" em Sacará, 3 km ao oeste de Mênfis, com 6 plataformas à maneira de degraus, algo parecida com as torres-templos babilônicas. Snefru (Seneferu), a seguir, imitou Zozer, porém encheu as plataformas dispostas em terraços, fazendo rampas lisas, o primeiro tipo verdadeiro de pirâmide, em Meidum, ali por perto.

4.ª Dinastia. 7 reis. Auge da era das pirâmides. As três grandes: de Queops (Khufu), Quéfren (Cephren), Miquerinos (Menkaura), em Gizé, 13 km ao oeste do Cairo. A maior foi a de Queops, um dos maiores governantes do Egito. A seguir vinha a de Quéfren, em conexão com a qual fez esculpir a esfinge como um retrato de si mesmo. A múmia de Miquerinos foi encontrada na sua pirâmide.

5.ª Dinastia. 9 reis. Continuaram a mineração no Sinai. Expedições comerciais pelo Mediterrâneo à Fenícia, Síria e Ofir.

Os egípcios criam vivamente na vida futura. No lado ocidental da pirâmide da rainha Khent-Kawes, da 5.ª dinastia, descobriu-se um barco, 36 m por 5, que ela mandara esculpir fundo na rocha, para transportar sua alma ao outro mundo. Os túmulos dos Faraós tinham boa reserva de tesouros deste mundo, que eles pensavam poder levar consigo para o outro.

6.ª Dinastia. 6 reis. Fim do Reino Antigo. Pepi II, 5.º rei, reinou 90 anos; o reinado mais longo da História.

7.ª, 8.ª, 9.ª e 10.ª Dinastias. 20 reis. Período de desintegração; muitos reinos a contenderem.

11.ª Dinastia. 7 reis. Começo do Grande Reino Médio, que durou por tôda a 12.ª dinastia.

12.ª Dinastia. 8 reis. Amenemate III construiu o Templo de Serabite no Sinai, onde Petrie descobriu recentemente a escrita alfabética mais antiga do mundo. Havia relações freqüentes com a Síria. Construiu-se um canal do Nilo ao Mar Vermelho. Senuserte I construiu o Obelisco de Om que ainda hoje está de pé. Senuserte II, como se pensa, comumente, foi o Faraó de quando Abraão visitou o Egito.

As Pirâmides do Egito, diferentes das torres-templos babilônicas, que tinham no topo um santuário onde se adoravam os deuses, eram simplesmente túmulos que perpetuavam a glória dos Faraós que os construíram. Começando na 1.ª dinastia, a mania de levantar pirâmides atingia o auge na 4.ª dinastia.

Fig. 30. Retrato de Queops.
(Cortesia de Sir Flinders Petrie)

A Grande Pirâmide de Queops. O mais grandioso monumento dos séculos. Ocupava 526,5 acres, 253 metros quadrados (hoje 137), 159 m de altura (hoje 148). Calcula-se que se empregaram nela ... 2.300.000 pedras de 1 metro de espessura média, e peso médio de 2,5 toneladas. Construída de camadas sucessivas de blocos de pedra calcária toscamente lavrada, a camada exterior alisada, de blocos de granito delicadamente esculpidos e ajustados. Estes blocos exteriores foram removidos e empregados na construção de Cairo. No meio do lado norte há uma passagem, 1 m de largura por 1,30 de altura, que leva a uma câmara cavada em rocha sólida, 33 m abaixo do nível do solo, e exatamente 180 ms. abaixo do vértice; duas outras câmaras entre esta e o vértice, com pinturas e esculturas descritivas das proezas do rei. A múmia de Queops não foi encontrada aí.

Como Foi Construída. As pedras foram cortadas somente com instrumentos de pedra e cobre, de uma pedreira, 19 km a leste, transportadas com balsas de um lado ao outro do Nilo durante épocas de inundação, e então arrastadas por longas rampas construídas de terra, por infindas turmas de homens a puxarem cordas. Tais pedras eram levantadas e colocadas nos seus lugares por meio de cunhas batidas alternadamente de um lado e do outro de plataformas, cujos fundos pareciam berços. Dizem que foram necessários 100.000 homens durante 10 anos para a construção da estrada elevada, e outros 20 anos para se construir a pirâmide; tudo foi trabalho forçado; operários e escravos, acossados ao trabalho pelo látego inclemente dos feitores da obra.

Significado. A coisa admirável acerca das pirâmides é que foram construídas no alvorecer da História. Sir Flinders Petrie chama à pirâmide de Queops "a maior e mais esmerada estrutura que o mundo já viu." A Enciclopédia Britânica diz: "O poder mental de que ela dá testemunho é tão grande quanto o de qualquer homem da atualidade."

Cap. 12:13. A Chamada de Abraão

Começa aqui a história da redenção. Dela houve uma idéia vaga no Jardim do Éden (3:15). Agora, 2.000 anos após a criação e a queda do homem, 400 anos após o dilúvio, numa terra que descambara para a idolatria

e a maldade, Deus chamou Abraão para fazê-lo fundador de um movimento que tinha por objetivo a RECUPERAÇÃO e a REDENÇÃO do gênero humano.

Nessa era pioneira do mundo, enquanto as nações não passavam muito de comunidades tribais, vivendo de explorar e colonizar as regiões mais favoráveis, Abraão, homem justo, crente em Deus, não idólatra, um dos poucos que ainda mantinham a tradição do monoteísmo primitivo, recebeu de Deus a promessa de que seus descendentes:

1. Herdariam a terra de Canaã.
2. Tornar-se-iam grande nação.
3. E que mediante eles TODAS AS NAÇÕES SERIAM ABENÇOADAS.

Esta promessa (12:2,3; 22:18) é a idéia fundamental que na Bíblia inteira tem seu desenvolvimento. Deus primeiro chamou Abraão em Ur, At 7:2-4; Gn 11:31. Outra vez em Harã, 12:1-4. Novamente em Siquém, 12:7. Outra vez em Betel, 13:14-17. E duas vezes em Hebrom, 15:5,18; 17:1-8. A promessa foi repetida a Isaque, 26:3,4. E a Jacó, 28:13,14; 35:11,12; 46:3,4.

Abraão

Parece, de 11:26,32; 12:4; At 7:2-4 que Abraão nasceu quando seu pai tinha 130 anos, e não foi o primogênito, como se poderia inferir de 11:26. Tinha 75 anos quando entrou em Canaã. Contava uns 80, quando livrou Ló e encontrou-se com Melquisedeque. Tinha 86 anos quando Ismael nasceu, 99 quando Sodoma foi destruída. Contava 100 ao lhe nascer Isaque, e 137 quando Sara morreu. Tinha 160 anos quando Jacó nasceu, e morreu aos 175 anos, 115 antes de Jacó migrar para o Egito.

O Desenvolvimento da Idolatria

Abraão não era idólatra, mas vivia rodeado de idolatria. No princípio, o homem tivera UM Deus; e, no Jardim do Éden, vivera em íntima comunhão com Ele. Todavia, com seu pecado e o banimento, o homem perdeu seu primitivo conhecimento de Deus; e, tateando nas trevas em busca de uma solução para os mistérios da existência, chegou ao ponto de adorar as forças da natureza que lhe pareciam ser as fontes da vida. O sexo, porque era o meio pelo qual a vida se manifestava, desempenhou importante papel na religião babilônica primitiva. Inscrições cuneiformes têm revelado que grande parte da liturgia deles era descritiva de relações sexuais entre deuses e deusas, mediante as quais, criam eles, todas as coisas vieram a existir. Daí também o sol e a chuva e várias fôrças da natureza serem deificados, porquanto dêles dependia a vida do mundo. Também os reis, visto que eram poderosos, chegaram a ser deificados. Muitas cidades e nações tinham seu fundador como seu deus principal: como Assur, pai dos assírios, tornou-se o deus principal destes; e Marduque (Ninrode), fundador da cidade de Babilônia, tornou-se o deus principal desta. Para que os deuses parecessem ser mais reais, faziam imagens que os representavam; e depois as próprias imagens vieram a ser adoradas como deuses. Deste modo o homem precipitou-se do monoteísmo original no abismo de inumeráveis cultos idólatras politeísticos, alguns dos quais, na prática, eram indiscritivelmente vis e abomináveis.

A Idolatria do Tempo de Abraão

Ur ficava na terra de Babilônia; e os babilônios possuíam muitos deuses e deusas. Adoravam o fogo, o sol, a lua, as estrelas e várias forças da natureza. Ninrode, que se levantara contra Deus, construindo a Torre de Babel, depois disso foi sempre reconhecido como a principal deidade babilônica. Marduque era a forma comum do seu nome; mais tarde tornou-se idêntico a Bel. Chamás era o nome do deus-sol. Sin, o deus-lua, era a principal deidade de Ur, cidade de Abraão. A mulher de Sin chamava-se Ningal, deusa-lua de Ur. Tinha muitos nomes e era adorada em cada cidade como a Deusa-Mãe. Nina era um dos seus nomes, do qual surgiu o nome da cidade de Nínive. Seu apelativo mais comum na Babilônia era Istar. Foi a deificação da paixão sexual; seu culto exigia licenciosidade; a sagrada prostituição, que se praticava nos seus santuários, era costume geral entre as mulheres de Babilônia. Nos seus templos havia câmaras e lugares retirados, atraentes, onde as sacerdotizas mantinham cerimônias ignominiosas com os adoradores. Além dessas sacerdotizas prostitutas, toda moça, esposa ou viúva, pelo menos uma vez na vida tinha de oficiar nesses ritos.

Abraão Cria em Um Só Deus

Seus patrícios eram idólatras. Seu pai o era também, Js 24:2. Existem lendas que dizem haver sido Abraão perseguido em criança, por se recursar a adorar ídolos. Como Abraão chegou a conhecer a Deus? Sem dúvida por uma revelação direta do Senhor. Além disto, aceitando os números como se acham nos caps. 5 e 11, a vida de Noé estendeu-se até ao nascimento de Abraão; e a vida de Noé coincidiu por 600 anos com a de Metusalém, enquanto a de Metusalém coincidiu por 243 anos com a de Adão. Assim, Abraão podia ter recebido diretamente de Sem a narração do dilúvio, feita por Noé, e a de Adão e do Jardim do Éden, feita por Metusalém.

A Entrada de Abraão em Canaã, 12:4-9

Harã, cerca de 965 km ao noroeste de Ur, 643 km ao nordeste de Canaã, foi o primeiro lugar em que Abraão parou. Saíra de Ur à procura de uma terra onde pudesse edificar uma nação livre da idolatria, e saíra sem saber para onde ia, Hb 11:8. Mas Harã já era uma região bem povoada, com estradas para Babilônia, Assíria, Síria, Ásia Menor e Egito, por onde marchavam constantemente caravanas e exércitos. Assim, depois de morto seu pai Tera, Abraão, ao chamado de Deus, passou adiante a procurar uma terra menos povoada.

Siquém, primeiro lugar de Canaã onde parou, no centro exato da região, ficava num vale de extrema beleza, entre os montes Ebal e Gerizim. Aí construiu um altar a Deus, mas logo prosseguiu viagem para o sul, continuando na exploração da terra.

Betel, 32 km ao sul de Siquém, 16 ao norte de Jerusalém, foi seu próximo lugar de parada. Situava-se num dos mais elevados pontos de Canaã, de onde se descortinava magnífico panorama em todas as direções. Abraão seguia na direção dos cumes da cordilheira, provavelmente porque o Vale do Jordão, ao oriente, e a planície marítima costeira, ao ocidente, já estavam

suficientemente povoadas. Em Betel também levantou um altar, como mais tarde faria em Hebrom e como fizera em Siquém, não só em reconhecimento a Deus, mas igualmente como uma declaração pública de sua fé perante o povo, no meio do qual viera habitar. Ele deve ter gostado de Betel, pois foi aí que ficou ao voltar do Egito, até sua separação de Ló.

A Estada de Abraão no Egito, 12:10-20

Viajando de Betel para o sul, deve ter passado perto de Jerusalém, e, se Melquisedeque era Sem, Abraão deve tê-lo procurado, pois já devia conhecê-lo quando ainda na Babilônia. Por causa de haver fome ali, Abraão prosseguiu na direção sul, atingindo o Egito, onde permaneceria até que a fome terminasse. Quase que se meteu numa complicação. Sara sua esposa era linda; os governantes poderosos tinham o costume de confiscar para si as mulheres bonitas, matando seus esposos. Sua astúcia, orientada pela prudência, de chamar Sara sua "irmã", não foi propriamente uma mentira, pois ela era meio irmã sua 20:12. Casamentos entre parentes próximos eram comuns em tempos remotos, até que a expansão das famílias deu margem mais ampla para outras escolhas.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Visita de Abraão ao Egito**

No túmulo de Senuserte II, da 12.ª dinastia, em Benihassen, o qual se pensa ter sido o Faraó daquela época, há uma escultura que apresenta a visita de negociantes asiáticos semitas à sua côrte. Nas narrativas sôbre os patriarcas sugerem claramente um comércio vigoroso com o Egito, Gn 12:10-20; 37:25; 43:11; 46:6.

Cap. 13. Abraão e Ló Separam-se

Ló era sobrinho de Abraão. Tinham estado juntos desde que saíram de Ur, fazia anos. Mas agora seus rebanhos, suas manadas e suas tendas tinham-se estendido tanto, começando os pastôres a contender tanto por causa dos pastos, que lhes pareceu melhor separarem-se. Abraão com magnanimidade permitiu que Ló escolhesse o lugar que quisesse em toda aquela terra. Ló insensatamente escolheu a planície de Sodoma. Então Abraão escolheu Hebrom, que daí por diante foi o lugar de sua residência permanente.

Cap. 14. Abraão Derrota Reis Babilônios

Fez isto para livrar Ló. Abraão devia ter alguma coisa de gênio militar. Com 318 homens seus e algum auxílio de vizinhos confederados, atacou de surprêsa à meia-noite e desbaratou esses quatro famosos reis babilônios. Os exércitos, na época, eram pequenos. Os reis eram governantes de tribos. Abraão era uma espécie de rei, talvez o cabeça de um clã de mil ou mais pessoas.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Hamurabi**

"Anrafel" (v. 1) é comumente identificado com Hamurabi, o mais famoso dos antigos reis babilônios; a descoberta de seu célebre Código de Leis tornou seu nome familiar. Abraão pode tê-lo conhecido pessoalmente, quando em Ur. O "Código de Leis", de Hamurabi, é uma voz que se ergue desde o pó do mundo de Abraão. Ver pág. 50.

NOTA ARQUEOLÓGICA: O "Caminho dos Reis", 5, 6

Os lugares mencionados nos vs. 5, 6, por onde os quatro reis orientais vieram contra Sodoma, ficavam tão a leste da estrada ordinária do comércio que Albright disse haver já considerado o fato como índice do caráter lendário do cap. 14 de Gênesis; mas em 1929 descobriu uma linha de grandes cômoros, em Haurã e ao longo da fronteira oriental de Gileade e Moabe, cômoros de cidades que floresceram lá por 2000 a.C., a indicarem que era uma região bem povoada na rota comercial direta entre Damasco e as regiões de ouro, cobre e manganês de Edom e Sinai.

Melquisedeque, 14:18-20

Rei-sacerdote de Salém (Jerusalém). Uma tradição hebraica diz que ele era Sem, sobrevivente do dilúvio ainda vivo, o homem mais velho na época, sacerdote, na era patriarcal, de toda a raça humana. Se assim é, temos nisso uma indicação de que, muito cedo, logo após o dilúvio, Deus escolhera Jerusalém para servir de cenário à redenção humana. Fosse quem fosse, serviu como um retrato e tipo de Cristo, Sl 110; Hb 5, 6, 7.

Caps. 15, 16, 17. Deus Renova Suas Promessas a Abraão

Fê-lo com a explicação de que, antes de sua descendência herdar Canaã, teria de passar 400 anos num país estrangeiro (15:13), significando o Egito. Depois, tendo Abraão 100 anos e Sara 90, Isaque foi prometido; o concerto da circuncisão foi instituído como sinal da nação escolhida por Deus.

Caps. 18, 19. Sodoma e Gomorra

Essas fossas de iniqüidade ficavam só a poucos km de Hebrom, residência de Abraão, e de Jerusalém, residência de Melquisedeque; eram, porém, tão vis, que seu cheiro nauseabundo chegou ao céu. Fazia só 400 anos que o dilúvio ocorrera, quase estando ainda na memória do povo que então vivia. Todavia, este já havia esquecido a lição daquela destruição cataclísmica da raça. Deus fez chover "fogo e enxofre" sobre essas duas cidades, para reavivar a memória dos homens, e advertir sobre a sua ira reservada para a perversidade deles; e talvez para servir de sinal de condenação final da terra num holocausto de fogo 2 Pe 2:5,6; 3:7,10.

Jesus assemelhou o tempo de Sua volta aos dias de Sodoma, Lc 17: 26-32, como também aos dias do dilúvio. Foram dois períodos de indescritível maldade. Hoje, numa escala nunca antes conhecida na História, de ganância, brutalidade, bestialidade, instinto criminoso dos próprios demônios que imperam nos lugares eminentes da terra, não é preciso muito esforço de imaginação para se ver o fim para onde nos vamos precipitando; apesar de tudo o que homens bons e estadistas possam fazer para evitar esse desfecho. A não ser que advenha um movimento mundial de arrependimento, o dia da condenação pode não estar longe.

A Localização de Sodoma e Gomorra

Na extremidade norte ou sul do Mar Morto. "Sodoma" (Usdom) é o nome do monte no ângulo sudoeste. Houve uma tradição antiga, persistente, de que notáveis alterações topográficas ocorreram à volta da extremidade

sul do Mar Morto, quando Sodoma e Gomorra foram destruídas. Escritores antigos geralmente pensavam que os locais das duas cidades ficaram sepultados debaixo das águas do Mar Morto.

O Mar Morto

O Mar Morto tem uns 64 kms. de extensão por 16 de largura. A extremidade norte é muito profunda, em alguns lugares 300 ms. A terça parte do sul não vai além de 5 ms. de profundidade, e na maioria dos lugares tem menos de 3 ms. O nível de suas águas é mais elevado hoje do que ao tempo de Abraão, por causa do sedimento despejado nele pelo Jordão e outros cursos d'água, que não têm saída. O que hoje é a têrça parte do sul do Mar Morto, antigamente era uma planície.

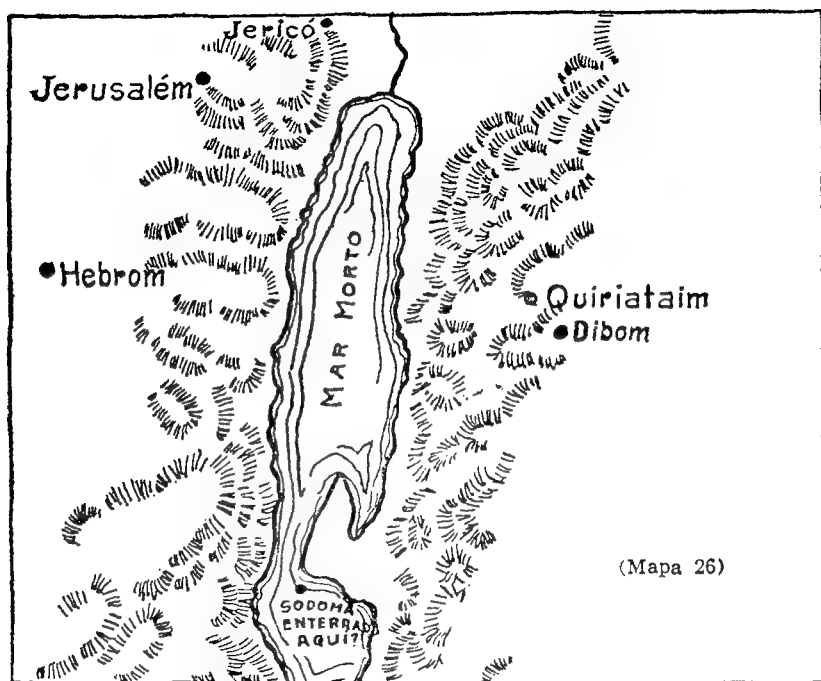
NOTA ARQUEOLÓGICA

Em 1924, os Drs. W. F. Albright e M. G. Kyle, diretores de uma Expedição Conjunta das Escolas Americanas e o Seminário Xenia, descobriram, no ângulo sudeste do Mar Morto, cinco oásis de correntes de água doce e, localizados no centro deles, numa planície 165 ms. acima do nível desse mar, num lugar chamado Bab-el-Dra, os restos de um terreno cercado e muito fortificado, evidentemente um "lugar alto" para festas religiosas. Havia grandes quantidades de cacos de louça de barro, pederneiras e outros resíduos de um período datado entre 2500 a.C. e 2000 a.C., e evidência de que a população acabara instantaneamente cerca de 2000 a.C. Esta evidência de que a região fora densamente populosa e próspera indica que deve ter sido muito fértil, "como o jardim de Deus". Que a população acabara num momento e que desde então aquilo se tornou em verdadeira desolação, isto parece indicar que a tal região fora destruída por algum enorme cataclisma que mudou o solo e o clima.

A opinião de Albright e Kyle, bem como da maioria dos arqueólogos hodiernos, é que Sodoma e Gomorra ficavam naqueles oásis, mais abaixo dos cursos d'água, e que o local hoje se acha coberto pelo Mar Morto.

Os "Poços de Betume" e "Enxofre", 14:10; 19:24

Betume era asfalto, pez, produto de petróleo, preto e lustroso, fusível e inflamável. Há vastas jazidas dele de ambos os lados do Mar Morto, mais abundantes na extremidade sul, e grandes massas no leito do Mar. Consideraveis quantidades têm irrompido à superfície, durante terremotos.

"Enxofre." Kyle disse que sob o monte Usdom existe um veio de sal, de 49 ms. de espessura; e sobre ele um estrato de marga misturada com enxofre livre; e que no tempo próprio Deus ateou fogo aos gases; grande explosão se verificou; o sal e o enxofre, incandescentes, foram atirados pelos ares, de modo que caiu literalmente do céu uma chuva de fogo e enxofre. A mulher de Ló ficou impregnada de sal. Há muitas colunas de sal na extremidades sul do Mar Morto, que tomaram o nome de "Mulher de Ló". Com efeito, tudo ao redor daquela região parece ajustar-se com exatidão à história bíblica de Sodoma e Gomorra.

(Mapa 26)

Cap. 20. Sara e Abimeleque

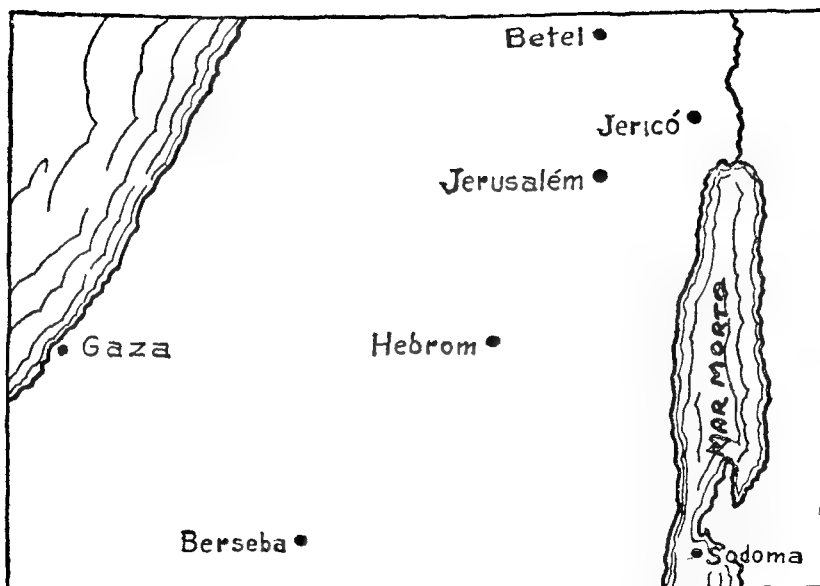
Embora fôsse Hebrom seu principal lugar de residência, de tempos em tempos Abraão mudava-se, para aqui e para ali, à procura de pasto para os seus rebanhos e manadas. Em Gerar, cidade filistéia, uns 64 kms. ao oeste de Hebrom, perto da costa marítima, teve outra experiência, igual àquela que tivera com Faraó, 12:10-20. Sara deve ter sido extremamente bela, para atrair dêsse modo a atenção de reis, especialmente se considerarmos sua idade. Isaque e Rebeca tiveram experiência semelhante com um outro Abimeleque, na mesma cidade, cap. 26.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Cidades Patriarcais**

Em muitas cidades referidas em conexão com Abraão, Isaque e Jacó, tais como Siquém, Betel, Ai, Jerusalém, Gerar e Dotã, Albright e Garstang encontraram, no fundo de suas ruínas, cacos de louça de barro de cerca de 2000 a.C., evidência de que tais cidades realmente existiam então.

Cap. 21. O Nascimento de Isaque

Ismael, por esse tempo, tinha uns 15 anos (5:8; 16:16). Paulo usou a história destes dois meninos, como alegoria dos concertos mosaico e cristão. Gl 4:21-31.

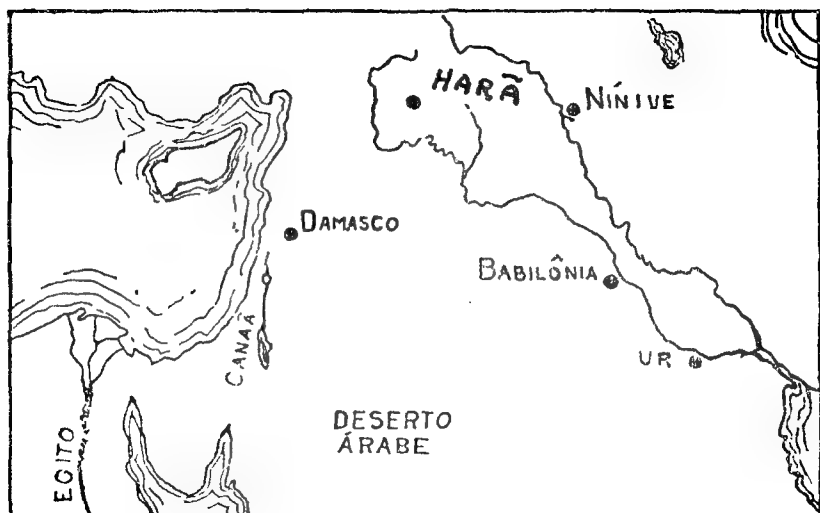
Berseba (20, 31), onde Abraão, Isaque e Jacó habitaram por muito tempo, ficava na fronteira meridional de Canaã, uns 32 km a sudoeste de Hebrom, 241 km do Egito. Era o lugar dos "sete poços". Numa região semi-deserta como aquela, os poços eram propriedades inestimáveis. Os mesmíssimos poços ainda lá se encontram.

(Mapa 27. Região da Residência Temporária de Abraão)

Cap. 22. Abraão Oferece Isaque em Sacrifício

"Deus ordenou-lhe isso para então não deixar que o fizesse." Foi uma prova de sua fé. Prometera Deus que Isaque seria pai de nações, 17:16. Não obstante, ordena agora que Isaque fôsse morto antes de ter filhos. De algum modo Abraão creu que Deus o restituiria à vida, Hb 11:19. Não sabemos de que maneira Deus fêz chegar a Abraão a sua ordem. Mas que era a voz divina, Abraão não duvidou, porque decerto não se teria disposto a executar uma tarefa tão cruel e revoltante sem estar absolutamente seguro de que Deus lha tinha ordenado, direta e definidamente.

O sacrifício de Isaque foi uma figura profética da morte de Cristo. Um Pai a oferecer o Filho. O Filho Morto por Três Dias (na mente de Abraão, v. 4). Uma substituição. Um verdadeiro sacrifício. E foi no Monte Moriá, o mesmíssimo local onde, 2.000 anos mais tarde, o próprio Filho de Deus foi oferecido. De modo que foi uma sombra, na hora do nascimento da nação judaica, do grande evento em prol de cuja realização esta nação foi suscitada.

Cap. 23. A Morte de Sara

A Cova de Macpela, onde Sara foi sepultada, fica na encosta ocidental de Hebrom, numa mesquita, sob a vigilância de maometanos, que vedam a entrada aos cristãos. Em 1862 o Príncipe de Gales entrou ali com permissão especial do Sultão. Viu túmulos de pedra, de Abraão, Isaque, Jacó, Sara, Rebeca e Lia; e uma abertura circular para uma caverna em baixo, que se supunha ser a verdadeira Cova de Macpela, e onde se dizia ninguém haver entrado durante 600 anos.

(Mapa 28. O Mundo de Abraão)

Cap. 24. Os Esponsais de Isaque e Rebeca

Rebeca era prima segunda de Isaque. O propósito de Abraão em mandar buscar do seu próprio povo uma espôsa para o filho, foi resguardar da idolatria sua posteridade. Se Isaque tivesse desposado uma moça cananéia, quão diferente pode ter sido a história de Israel. Que lição para os moços nessa questão da escolha do cônjuge!

Cap. 25:1-11. A Morte de Abraão.

Sara morreu aos 127 anos, quando Abraão tinha 137. Depois disso êle ainda viveu 38 anos, e desposou Quetura. Esta lhe deu seis filhos, de quem procederam os midianitas e outros povos vizinhos. Foi com uma midianita que Moisés se casou, 500 anos depois, Êx 2:16-21. De um modo geral, Abraão foi "o maior, mais puro e mais venerável dos patriarcas, reverenciado por judeus, maometanos e cristãos". "Amigo de Deus". "Pai dos Fiéis". Generoso. Altruísta. *Caráter magnífico, com ilimitada confiança em Deus.*

"As Gerações de Ismael", 25:12-18

O Oitavo documento que entra na composição do Gênesis, ver pág. 58. Ismael foi filho de Abraão e Agar, serva egípcia de Sara, cap. 16. Os ismaelitas fixaram-se na Arábia e se tornaram geralmente conhecidos como árabes. Assim, Abraão se tornou pai do atual mundo árabe. A rivalidade entre Isaque e Ismael perdurou através dos séculos até hoje, no antagonismo existente entre judeus e árabes.

A Arábia é uma grande península, 2.413 km de extensão por 1.287 de largura, cerca de 150 vezes o tamanho da Palestina, ver o Mapa 5, pág. 36. É na maior parte deserta, com oásis esparsos, espaçadamente habitada por tribos nômades. Já foi, mais do que hoje, regada de chuvas e mais densamente povoada. Variações climatéricas fizeram diminuir as chuvas, secando os cursos d'água.

"As Gerações de Isaque", 25:19 a 35:29

Nono documento da composição do Gênesis. É a história de Isaque e Jacó, transmitida por êste a seus filhos.

Cap. 25:19-34. O Nascimento de Jacó e Esaú

Esaú, primogênito, era o herdeiro natural de Isaque, bem como das promessas feitas a Abraão. Deus, porém, conhecendo as qualidades dos dois homens antes que nascessem, escolheu Jacó para ser o transmissor da preciosa herança, como deu a entender à mãe deles (v. 23). Esta fez saber isso a Jacó, desde a sua meninice, e assim se explica o procedimento de Jacó para com Esaú (v. 31).

Da linhagem da promessa, todos os filhos de Abraão foram eliminados, salvo Isaque. Dos filhos deste, foi excluído Esaú, sendo Jacó o único escolhido. Com Jacó cessou o processo de eliminação; todos os descendentes dele seriam incluídos na Nação Eleita.

Cap. 26. A Estada de Isaque entre os Filisteus

Não se diz muito da vida de Isaque, além do incidente com Abimeleque e Rebeca, e da contenda a respeito dos poços. Herdou de seu pai os imensos rebanhos e manadas; prosperou e enriqueceu; homem pacífico, sua vida foi sem novidades.

Nascera quando Abraão tinha 100 anos, e Sara 90. Com 37 anos morreu-lhe a mãe. Com 40 casou-se. Tinha 60 ao nascer Jacó. 75 quando Abraão morreu. 167 quando José foi vendido. Morreu aos 180, no ano em que José se tornou governador do Egito.

Abraão viveu 175 anos. Isaque, 180. Jacó, 147. José, 110.

IMPORTANTE: "Mandados, preceitos e estatutos" de Deus (v. 5). Parece muito ser isto evidência bíblica de que os começos da Palavra de Deus escrita já existiam nos dias de Abraão.

Cap. 27. Jacó Obtém a Bênção de Seu Pai

Já havia comprado de Esaú seu irmão o direito de primogenitura, 25:31-34. Era necessário agora fazer que seu pai tornasse válida a transferência. E conseguiu isto enganando. Na avaliação da qualidade moral do ato de Jacó, certos fatos precisam ser considerados. 1. A mãe incentivou-o. 2. Ele desejou ardentemente o direito de primogenitura, o que em si era louvável, embora usasse de meios duvidosos para alcançá-lo; porquanto tal direito significava o canal da maravilhosa promessa da bênção de Deus para o mundo inteiro. 3. Provavelmente, ele não podia obtê-lo de outro modo. 4. Esaú não lhe dava apreço. 5. Jacó pagou caro a sua fraude, ver a nota do cap. 29. 6. O próprio Deus, lançando os fundamentos de gigantescos planos mundiais, Rm 9:10-13, fez sua escolha antes que os meninos nascessem, 25:23.

As predições de Isaque (29,40). Deus deve ter posto essas palavras na boca de Isaque, visto como se realizaram de maneira admirável. Os descendentes de Jacó realmente alcançaram posição avantajada entre as nações; e no tempo próprio produziram Cristo, mediante Quem estão avançando na direção de um domínio universal. Os descendentes de Esaú, os edomitas, estiveram submetidos a Israel; depois sacudiram o jugo, 2 Rs 8:20-22, e desapareceram da História.

Cap. 28. A Visão de Jacó em Betel

A transferência do direito de primogenitura, de Esaú para Jacó, foi ratificada por Isaque. É agora confirmada do céu; o próprio Deus assegura a Jacó que daqui por diante ele será o veículo reconhecido das promessas. A escada indicava que as promessas de algum modo culminariam em alguma coisa que ligaria o céu à terra. Jesus declarou-se a escada, Jo 1:51.

Julga-se que por essa época tinha 77 anos. Tinha 15 anos de idade quando Abraão morreu. Com 84 casou-se. Aos 99 nasceu-lhe José. Tinha 98 quando regressou a Canaã e uns 100, quando do nascimento de Benjamim. Aos 120, Isaque morreu. Com 130 Jacó foi para o Egito. Morreu aos 147.

Passou seus primeiros 77 anos em Canaã. Os 20 seguintes em Harã. Depois, 33 em Canaã. Os últimos 17 no Egito.

Caps. 29, 30. A Estada de Jacó em Harã

Harã ficava a uns 640 km ao nordeste de Canaã. Foi onde se criou sua mãe, Rebeca, e donde seu avô Abraão migrara anos antes. Labão era tio de Jacó; êste lá esteve durante vinte anos. Foram tempos de lutas e sofrimentos. Foi-lhe impingida por meio de lôgro uma espósa que êle não queria, assim como, por meio de lôgro, conseguira a bênção do pai. Começava a colher exatamente o que semeara. Sua safra foi abundante, Gl 6:7.

A Família de Jacó

Teve duas espôsas e duas concubinas; as quais, com exceção de uma, não quis, sendo obrigado a aceitá-las sob circunstâncias infelizes. Delas nasceram-lhe 12 filhos.

De Lia: Rubem, Simeão, Levi, Judá, Issacar e Zebulom.
De Raquel: José e Benjamim.
De Zilpa, serva de Lia: Gade e Aser.
De Bila, serva de Raquel: Dã e Naftali.

Esta família polígama, com muitos fatos vergonhosos contra si, foi aceita por Deus como um todo, para dar início às doze tribos, que se tornariam a nação messiânica, escolhida por Deus para trazer ao mundo o Salvador. Isto mostra:

1. Que Deus usa os sêres humanos assim como são, para servirem aos Seus propósitos, e, por assim dizer, faz o melhor que pode com o material com que tem de operar.

2. Não há indicação de que todos quantos Deus usa serão salvos eternamente. Alguém pode ser útil aos planos divinos, neste mundo, e todavia não ter qualificações para o mundo eterno, no dia em que Deus julgar os segredos dos homens para lhes determinar o destino de maneira final, Rm 2:12-16.

3. Temos nisso um testemunho da veracidade dos escritores da Bíblia. Nenhum outro livro no mundo narra fraquezas dos seus heróis com tanta sinceridade, e fatos que são tão contrários aos ideais que deseja promover.

Caps. 31, 32, 33. O Regresso de Jacó a Canaã

Havia deixado Canaã 20 anos antes, sòzinho e de mãos vazias. Agora volta como príncipe tribal, rico em rebanhos, manadas e servos. Deus cumpria a promessa que lhe fizera (28:15). Sua separação de Labão (31:49) deu

origem à linda bênção de Mispa, hoje tão largamente usada: "Vigie o SENHOR entre mim e ti, quando nós estivermos separados um do outro."

Quando partira de Canaã, anjos desejaram-lhe feliz viagem (28:12). Agora que está de regresso, anjos lhe dão boas-vindas (32:1).

Isaque ainda vivia. Abraão era morto, fazia uns 100 anos. Entrava Jacó agora na herança da terra prometida de Canaã. Até aqui Deus estivera com êle através de toda a sua vida agitada. Sentia agora que, mais do que nunca, precisava de Deus (32:24-30). Esaú jurara matá-lo (27:41). Jacó ainda temia. Encontraram-se e separaram-se em paz.

Cap. 34. Diná é Vingada por Simeão e Levi

Siquém foi o primeiro lugar de parada de Jacó em Canaã, ao regressar. Aí comprou um pedaço de terra e nêle edificou um altar a Deus, como se planejasse morar naquele lugar, pelo menos temporàriamente. Mas o ato sangrento de Simeão e Levi fizeram-no odiado dos vizinhos. E logo saiu para Betel.

Cap. 35. Deus Renova o Concerto em Betel

Betel foi o lugar onde, 20 anos antes, em sua fuga de Canaã, Jacó vira a escada do céu, e Deus o fizera herdeiro das promessas feitas a Abraão. Agora Deus torna a garantir-lhe que aquelas promessas serão cumpridas. Jacó então passa a Hebrom, residência de Abraão e Isaque.

"As Gerações de Esaú", cap. 36

Décimo documento que entra na composição de Gênesis, ver pág. 58. Breve relato da origem dos edomitas.

Esaú, em seu caráter pessoal, era "profano", irreligioso; "desprezou" seu direito de primogenitura. Jacó, comparado com Esaú, estava mais capacitado para ser o pai da nação messiânica de Deus.

Os Idumeus, a terra de Edom. Ver pág. 322 e Mapa pág. 135.

Os amalequitas (v. 12) eram um ramo dos descendentes de Esaú. Tribo nômade, centralizada principalmente em volta de Cades, na parte setentrional da península do Sinai, mas vagueava em largos círculos, até Judá e muito para o leste. Foram os primeiros que hostilizaram Israel quando este deixou o Egito, e foram seus opressores ao tempo dos juízes.

"Jobabe" (v. 34), alguns pensam ser possìvelmente "Jó", do livro dêste nome. "Elifaz" e "Temã" (10, 11) são referidos no livro de Jó. Este capítulo pode ajudar a situar o livro do patriarca em apreço.

"As Gerações de Jacó", 37:2 a 50:26

Décimo primeiro e último documento da composição do Gênesis. É a história de José e da migração de Israel ao Egito: foi incorporado, sem dúvida, com registros de famílias, que os israelitas receberam de Abraão e conservaram religiosamente através dos anos de sua permanência no Egito.

Cap. 37. José Vendido para o Egito

A "túnica de várias cores" (v. 3) era um distintivo de favoritismo, a indicar possìvelmente a intenção de Jacó de fazer José herdeiro do direito de primogenitura.

Rubem, primogênito de Jacó, foi o herdeiro natural do direito de primogenitura, mas não foi reconhecido como tal devido às suas relações ilícitas com uma das concubinas de seu pai, 35:22; 49:3,4; 1 Cr 5:1,2. Simeão e Levi, segundo e terceiro na linha de sucessão, 29:31-35, foram desconsiderados por causa do crime de violência em Siquém, 34:25-30; 49:5-7. Judá, o quarto, era o próximo na linha sucessória; e é provável que se esperava geralmente, nos círculos da família, que o direito lhe coubesse.

Contudo, José apesar de ser o 11.º filho, era o primogênito de Raquel, a esposa que Jacó mais amava. E Jesé era seu filho favorito (37:3). Por isso a "túnica" tornou-se suspeita. Os sonhos de José, alusivos à sua superioridade (5-10), vieram agravar a situação.

Assim, parece que Judá e José se tornaram rivais para obter direito de primogenitura. Isto pode explicar o papel saliente de Judá na venda de José como escravo (26, 27). A rivalidade entre Judá e José passou à descendência deles. As tribos de Judá e Efraim (filho de José) disputaram continuamente a supremacia. Judá assumiu a direção sob Davi e Salomão. Depois, sob a liderança de Efraim, dez tribos se separaram.

Cap. 38. Os Filhos de Judá

Este capítulo foi incluído provàvelmente porque Judá era antepassado do Messias; concordava isto com os fins propostos pelo Antigo Testamento, de preservar os registros de famílias através da linha de sucessão, ainda que contivessem alguma coisa não muito louvável.

Cap. 39. José é Prêso

José era de caráter impoluto, de boa aparência, fora do comum, com uma inclinação excepcional para a liderança, dotado da habilidade de tirar o melhor partido de tôda sìtuação desagradável. Nascera em Harã, 75 anos depois da morte de Abraão, 30 antes da morte de Isaque, quando seu pai tinha uns 90 anos, e 8 antes de voltarem a Canaã. Aos 17 foi vendido ao Egito. Passou 13 anos na casa de Potifar e na prisão. Aos 30 tornou-se governador do Egito. Morreu aos 110.

NOTA ARQUEOLÓGICA: José e a Mulher de Potifar

A "História dos Dois Irmãos", num antigo papiro, hoje no Museu Britânico, escrita no reinado de Seti II, logo após o Êxodo, tem tanta semelhança com a história de José e a mulher de Potifar, que o publicista da edição inglesa da "História do Egito", de Brugsch, conjeturou que tivesse sido escrita à vista desse incidente, que deve ter sido registrado nos anais da corte egípcia. Um homem casado manda seu irmão mais jovem, solteiro, ao qual havia confiado todos os seus negócios, à sua casa, buscar alguma semente de trigo. A esposa tenta-o. Êle recusa-se. Ela, irada, conta ao marido que o irmão tentou forçá-la. O marido planeja matá-lo. Êle foge; depois torna-se rei do Egito.

Caps. 40, 41. José é Feito Governador do Egito

José desposou uma filha do sacerdote de Om; e, apesar de ter uma esposa pagã, de governar um país pagão e de residir num centro de vil idolatria, manteve a fé, no Deus que desde a infância recebera, de seus pais, Abraão, Isaque e Jacó.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS: **O Palácio de José em Om**

Sir Flinders Petrie, em 1912, descobriu ruínas de um palácio que se julga ter sido o de José.

Os sete anos de fome. Brugsch, no seu livro "Egypt under the Pharaohs", ("Egito sob os Faraós), fala de uma inscrição que ele chama "confirmação muito notável e luminosa" deste fato. No túmulo, cavado na rocha, da família de um certo Baba, governador da cidade de El-Kab, ao sul de Tebas, erigido na 17.ª dinastia, contemporânea da 16.ª dinastia do norte, sob a qual José governou, há uma inscrição em que Baba afirma ter feito por sua cidade o que José fizera pelo Egito, segundo a Bíblia: "Reuni trigo, como amigo do deus da ceifa. E quando a fome chegou, durando muitos anos, distribuí o trigo na cidade, enquanto a fome durou." Brugsch diz: "Visto serem raríssimos no Egito períodos de fome, e visto que Baba viveu por aquele tempo, só pode haver uma conclusão razoável: os 'muitos anos de fome' dos dias de Baba são os 'sete anos de fome', que ocorreram sob o governo de José."

Caps. 42 a 45. José Dá-se a Conhecer

Esta história tem sido chamada a mais bela de toda a literatura. O incidente mais tocante é quando Judá, que, anos antes, tomara a iniciativa de vender José como escravo, 37:26, oferece-se como refém de Benjamim, 44:18-34.

Caps. 46, 47. Jacó e Sua Família Fixam-se no Egito

Deus dispôs que Israel fosse criado, por um tempo, no Egito, centro da civilização mais adiantada da época. Saindo Jacó de Canaã, Deus lhe assegurou que os seus descendentes para lá voltariam, 46:3,4.

Caps. 48, 49. A Bênção e a Profecia de Jacó

Parece que Jacó repartiu o direito de primogenitura, designando Judá como canal da promessa messiânica, 49:10, e todavia concedendo o prestígio nacional a Efraim, filho de José, 48:19-22; 49:22-26; 1 Cr 5:1,2.

A profecia acerca das doze tribos, em grau muito impressionante, corresponde com a história subseqüente das tribos. "Siló" (v. 10) considera-se comumente como um nome do Messias. A tribo de Judá produziu Davi; e a família de Davi produziu Cristo.

Cap. 50. A Morte de Jacó e José

O corpo de Jacó foi levado de volta a Hebrom para ser sepultado. E José, moribundo, fez seus irmãos jurar que, voltando Israel a Canaã, levariam consigo seus ossos. Não foi esquecida a crença de que Canaã seria a pátria deles; e 400 anos mais tarde, partindo para Canaã, levaram consigo os ossos de José, Êx 13:19.

Os 400 anos no Egito

A Saída do Egito

Os Dez Mandamentos

O Tabernáculo

Moisés escrevera o Gênesis à vista de documentos já existentes. Com o Êxodo começa a história do próprio Moisés. Sua vida e sua obra são o assunto de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio; ele mesmo escreveu estes livros. A história de Moisés constitui cerca de um sétimo da Bíblia toda, e ocupa quase dois terços do tamanho do Novo Testamento.

Cap. 1. Israel no Egito

Entre o Gênesis e o Êxodo há um intervalo de quase 300 anos, da morte de José ao nascimento de Moisés, ou um total de 430 anos de migração de Jacó para o Egito, até ao Êxodo, 12:40,41. Nesse intervalo os israelitas aumentaram excessivamente, 1:7. Morrendo José, uma mudança de dinastia levou-os à condição de escravos, sendo o trabalho dêles de muito proveito para os Faraós. Ao tempo do Êxodo havia 600.000 homens maiores de 20 anos, além das mulheres e crianças, Nm 1:46, o que daria um total aproximado de 3.000.000. Para 70 pessoas alcançarem êsse total em 430 anos, necessário se tornaria que o número duplicasse cada 25 anos mais ou menos, o que seria fácil. O aumento de população dos EE.UU. em 400 anos. desde zero a quase duzentos milhões, não apenas pela imigração, torna crível o que se declara sobre o aumento dos israelitas.

Os registros das famílias de Abraão, Isaque e Jacó, sem dúvida, foram levados para o Egito, e aí vieram integrar os anais nacionais de Israel: através dos longos anos de escravidão nesse país foi constantemente acariciada a promessa de que Canaã seria um dia a pátria deles.

O Egito e a Bíblia

Em primeiro lugar, o Egito foi colonizado pelos descendentes de Cão. Abraão passou algum tempo aí. O mesmo fez Jacó. José foi seu governador. A nação judaica, em sua infância, passou 400 anos lá. Moisés foi filho adotivo de uma rainha egípcia e, como preparação para ser o legislador de Israel, foi instruído em toda a ciência e a sabedoria desse país. Salomão casou-se com a filha de um Faraó. A religião do Egito — o culto ao bezerro — veio a ser a religião do reino setentrional de Israel. Jeremias morreu no Egito. Do cativeiro até ao tempo de Cristo houve ali considerável colônia judaica. A tradução chamada Septuaginta do Antigo Testamento foi feita no Egito. Jesus passou aí uma parte de sua infância. O Egito veio a ser importante centro do cristianismo primitivo.

O Egito

É um vale, 3 a 48 km de largo, sendo a largura média uns 16 km; de comprimento, 1.206 km; o Nilo corta-o pela extremidade oriental do deserto do Saara, desde Asuã (ver mapa pág. 113) ao Mediterrâneo; com um planalto deserto de cada lado, de uns 300 m de altitude.

O solo do vale é coberto de rico depósito aluvial negro, procedente das serranias da Abissínia, e é de fertilidade sem igual, sendo cada ano renovado o sedimento pelas enchentes do Nilo.

É irrigado desde a alvorada da história por um sistema vasto e esmerado de canais e reprêsas. A reprêsa Asuã, recentemente construída pelos inglêses, controla a enchente do Nilo; as fomes são coisas do passado.

"Rodeado, isolado e protegido pelo deserto, desenvolveu-se ali o primeiro grande império da História; e em parte alguma, como ali, os testemunhos da civilização antiga foram tão bem conservados."

(Mapa 29a)

A população (em 1959) era de uns 24.000.000; nos tempos dos romanos era de 7.000.000; nos dias da permanência de Israel era provàvelmente isso ou menos.

O Delta, triangular, foz espalhada do Nilo, tem uns 160 km do norte ao sul; e uns 240 km do leste ao oeste, de Porto Said a Alexandria; ver *mapa, pág. 121*. É a parte mais fértil do Egito.

A terra de Gósen, principal centro da região habitada pelos israelitas, ficava na parte oriental do Delta.

A Religião do Egito

Sir Flinders Petrie, famoso arqueólogo egípcio, diz que a religião original do Egito foi monoteísta. Contudo, antes do alvorecer do período hishórico, uma religião desenvolveu-se, na qual cada tribo tinha seu próprio deus, representado por um animal.

Ptá (Apis), foi divindade de Mênfis, representada por um touro.
Amom, deus de Tebas, era representado por um carneiro.
Hator, deusa da alegria, era representada por uma vaca.
Mut, espôsa de Amom, por um abutre.
Horus, deus do céu, por um falcão. Ra, deus sol, por um gavião.
Set, deus da fronteira oriental, por um crocodilo.
Osiris, deus dos mortos, por um bode. Ísis, sua espôsa, por uma vaca.
Tote, deus da inteligência, por um macaco. A deusa Hequite, por uma rã.
Nechebt, deusa do Sul, por uma serpente.
A deusa Bast, por um gato.

Havia muitos outros deuses. Os Faraós eram endeusados. O Nilo era sagrado. Ver mais na pág. 117.

Cap. 1. Israel no Egito

História Egípcia Contemporânea
O Período Entre José e o Êxodo

Durante a permanência de Israel no Egito, este cresceu e tornou-se império mundial. Com a saída de Israel, o Egito decaiu, tornando-se e permanecendo uma potência de segunda classe. Sobre a história egípcia primitiva ver a pág. 90. As dinastias desde os dias de José até depois do Êxodo foram:

13.ª, 14.ª, 17.ª Dinastias. 25 reis. Governaram no Sul, enquanto os hicsos governaram no Norte. Foi um período de grande confusão.

15.ª, 16.ª Dinastias. 11 reis. Os hicsos, ou reis pastores, linhagem semítica de conquistadores vindos da Ásia, parentes próximos dos judeus, assediaram o Egito pelo Norte e uniram os governos do Egito e da Síria. Apepi II cerca de 1.700 a.C., da 16.ª dinastia, segundo se pensa comumente, foi o Faraó que recebeu José. Enquanto os hicsos governaram, os israelitas foram favorecidos no país. Quando, porém, foram expulsos pela 18.ª dinastia, a atitude do governo egípcio mudou, começando as medidas repressivas tendentes a reduzir Israel à condição de escravo.

O Período de Moisés e do Êxodo

18.ª Dinastia, 13 reis; **19.ª Dinastia,** 8 reis; 1570-1200 a.C.

Êstes fizeram do Egito um império mundial. Seus nomes foram os seguintes:

Amósis I (Ahmes, Ahmose) 1570 a.C. Expulsou os hicsos. Fêz da Palestina e Síria tributários do Egito.

Amenotepe I (Amenophis) cerca de 1560 a.C.

Totmés I, (Thotmes, Tutmose) 1540 a.C. Levou seu domínio até ao Eufrates. 1.º túmulo real cavado na rocha.

Totmés II, 1515 a.C. Hatchepsute, sua meio-irmã e esposa, foi a verdadeira governante. Fez freqüentes incursões até ao Eufrates.

Totmés III, 1515-1462 a.C. A rainha Hatchepsute, sua meio-irmã, foi regente nos primeiros 20 anos de seu reinado; e, por mais que êle a desprezasse, ela o dominou completamente. Depois que ela morreu, ele governou sòzinho 30 anos. Foi o maior conquistador na história egípcia. Subjugou a Etiópia e estendeu seu domínio até ao Eufrates, o primeiro grande império da História. Fêz incursões pela Palestina e Síria 17 vezes. Organizou uma armada. Acumulou grandes riquezas e ocupou-se em vastas emprêsas de construção. Registrou seus empreendimentos com pormenores em paredes e monumentos. Seu túmulo está em Tebas; sua múmia, no Cairo. Muitos pensam que foi ele o opressor dos israelitas. Se é verdade, então a famosa rainha Hatchepsute foi a filha do Faraó, que salvou e criou Moisés e se tornou sua poderosa amiga.

Hatchepsute, filha de Totmés I, regente em lugar do seu meio-irmão e marido Totmés II, e de seu meio-irmão Totmés III nos primeiros 20 anos do reinado deste. A primeira grande rainha da História. Mulher notabilíssima; seu governo foi um dos maiores e mais enérgicos do Egito. Mandou fazer muitas das suas estátuas representando-a como homem. Estendeu o império. Construiu muitos monumentos; dois grandes obeliscos em Carnaque, Fig. 32; o grande templo em Deir el Bahri, provido de muitas estátuas suas. Totmés

III odiava-a e, quando ela morreu, um dos seus primeiros atos foi apagar o nome dela em todos os monumentos, e destruir todas as suas estátuas. As que estavam em Bahri foram despedaçadas e arrojadas a uma pedreira perto onde ficaram cobertas de areia levada pelo vento. Recentemente foram achadas pelos enviados do Museu Metropolitano.

Amenotepe II, 1450-1420 a.C. Muitos eruditos julgam que ele foi o Faraó do Êxodo. Manteve o império fundado por Totmés III. Sua múmia acha-se em seu túmulo em Tebas.

Totmés IV, 1420 a.C. O carro de que se servia foi encontrado. Sua múmia acha-se hoje no Cairo.

Amenotepe III, 1405 a.C. Auge do esplendor do império. Fez incursões repetidas pela Palestina. Construiu vastos templos. Sua múmia acha-se no Cairo.

Amenotepe IV (Akhenaten), 1361 a.C. Reformador religioso; não foi guerreiro. Sob seu governo o Egito perdeu o império asiático. Tentou implantar o culto monoteístico do Sol. Opondo-se-lhe os sacerdotes de Tebas, transferiu sua capital para Amarna. Se o Êxodo ocorreu sob Amenotepe II alguns anos antes, então este movimento monoteístico pode ter sido influenciado indiretamente pelos milagres de Moisés.

Semenca, 1362 a.C. Um governante fraco.

Tutankamon, 1360-1350 a.C. Genro de Amenotepe IV. Restaurou a antiga religião e fez voltar a capital a Tebas. Foi um dos governantes menos importantes do Egito, no final do brilhantíssimo período da história desse país, porém hoje é famoso pelas espantosas riquezas e a magnificência do seu túmulo descoberto em 1922 pelo Sr. Howard Carter. Sua múmia encontra-se ainda no túmulo. O esquife interno, que encerra a múmia, é de ouro maciço. O carro e o trono ainda lá se encontram. Foi o primeiro túmulo de um Faraó que se encontrou sem vestígios de furto.

Ai (Eye), Setimeramen, 1350 a.C. Dois governantes fracos.

Harmhab (Horembeb), 1340 a.C. Restaurou o culto de Amom.

Ramsés I, 1319 a.C.

Setos I, (Sethas) 1318-1304 a.C. Reconquista da Palestina. Começou o grande vestíbulo em Carnaque. A múmia encontra-se no Cairo.

Ramsés II, 1304-1238 a.C. Governou 65 anos. Um dos maiores Faraós, embora inferior a Totmés III e Amenotepe III, porém grande construtor, propagandista dos seus próprios feitos e algo plagiário, em reclamar para si, em alguns casos, a glória de realizações de predecessores seus. Restabeleceu o império, desde a Etiópia ao Eufrates. Fez incursões repetidas pela Palestina, pilhando-a. Concluiu o grande Vestíbulo de Carnaque; e outras obras de envergadura, fortificações, canais e templos, construídos por escravos de guerra, ou turmas de cativos vindos do Sul distante, ao lado de operários nativos, a trabalharem em turmas nas pedreiras ou em olarias, e a arrastarem grandes blocos de pedra por cima de terra frouxa. Casou-se com as próprias filhas. Sua múmia encontra-se no Cairo.

Merneptá, 1238-1229 a.C. Muitos julgam ter sido o Faraó do Êxodo. Sua múmia acha-se no Cairo. Sua sala de trono, em Mênfis, foi descoberta pelos enviados do Museu da Universidade da Pensilvânia. (Ver as quatro páginas seguintes).

Amenmeses, Siptá, Seti II, 1220-1200 a.C. Três governantes fracos.

Sobre outras dinastias egípcias, ver a pág. 88.

Cap. 1. Israel no Egito

Quem Foi o Faraó do Êxodo?

Há duas opiniões principais: Amenotepe II, 1450-1420 a.C., ou Merneptá, 1238-1229 a.C. Ver mais na segunda página seguinte.

Se o Êxodo ocorreu sob Amenotepe II, então Totmés III foi o grande opressor de Israel, cuja irmã criou Moisés. Essa irmã seria a famosa Rainha Hatchepsute. Como se ajustam maravilhosamente os fatos do seu reinado com a história bíblica! Ela se interessou pelas minas do Sinai e restaurou o templo em Serabite, obras que Moisés pode ter superintendido, tendo assim oportunidade de se familiarizar com a região do Sinai. E há mais: quando Moisés nasceu, Totmés III seria criança, e Hatchepsute regente; morrendo ela, recrudesceu a opressão contra Israel; deu-se a fuga de Moisés. Aliás, ainda teríamos aí a explicação, em parte, do prestígio de Moisés no Egito.

Se o Êxodo ocorreu sob Merneptá, então Ramsés II foi o grande opressor de Israel, cuja filha criou Moisés.

Assim, Moisés foi criado ou sob o governo de Totmés III, ou de Ramsés II, figurando ambos entre os mais famosos reis do Egito.

E Moisés levou Israel para fora do Egito, ou sob Amenotepe II, ou sob Merneptá.

Fosse quem fosse este Faraó, a s MÚMIAS DE TODOS OS QUATRO foram encontradas. Assim, podemos ver hoje o próprio rosto do Faraó dos dias de Moisés, com quem êste teve trato íntimo.

A Descoberta das Múmias

Em 1871 um árabe descobriu num penhasco íngreme e inacessível, atrás de Tebas, (ver pág. 114), um túmulo repleto de tesouros e os esquifes de 40 múmias dos reis e rainhas do Egito. Guardou segredo durante 10 anos, vendendo os tesouros aos turistas. Cartuchos e escaravelhos dos maiores reis antigos começaram a circular. As autoridades do Museu do Cairo dirigiram-se a Tebas para investigar. Encontraram o árabe, e por meio de suborno, ameaças e torturas fizeram-no revelar o lugar. As múmias não estavam em seus túmulos originais. Tinham sido removidas muitos séculos antes para um lugar secreto, em virtude de logo terem aparecido ladrões profissionais de túmulos. Tais múmias foram removidas para o Cairo.

Fig. 31. Colunas do Hipostilo

Fig. 32. Obelisco de Hatchepsute

(Cortesia do Instituto Oriental; ver nota na pág. 115)

Fig. 33. Totmés III
(Cortesia do Museu da Universidade de Pensilvânia)

Fig. 34. Rainha Hatchepsute
(Cortesia do Museu Metropolitano)

Fig. 35. Amenotepe II
(Cortesia do Museu do Cairo e do Instituto Oriental)

Fig. 36. Ramsés II
(Cortesia do Museu da Universidade de Pensilvânia)

Fig. 37. Merneptá
(Cortesia do Museu do Cairo)

Cap. 1. Israel no Egito

O Faraó do Êxodo: Amenotepe II? ou Merneptá?

Indicações pró Amenotepe II. 1. As Cartas de Amarna, escritas a Amenotepe III e Amenotepe IV, pedindo auxílio urgente do Faraó, indicam que naquele tempo (a data mais remota) a Palestina estava caindo em poder dos "habiri". Vão aqui uns trechos: "Os habiri estão capturando nossas fortalezas; estão tomando nossas cidades; estão destruindo nossos governadores. Saqueiam todo o país do rei. O rei mande soldados depressa. Se não vierem tropas neste ano, o rei perderá todo o país." Entendem muitos eruditos que os "habiri" significam os "hebreus" e, conseqüentemente, que as cartas em apreço contêm uma descrição cananita da conquista de Canaã por Josué. Os eruditos que sustentam uma data posterior para o Êxodo, pensam que o têrmo "habiri" pode se referir a uma invasão ou emigração anterior.

2. Evidência arqueológica da queda de Jericó cêrca de 1400 a.C. O Dr. John Garstang, que fêz escavações completas em Jericó, está muito certo sôbre êste ponto. Ver pág. 150.

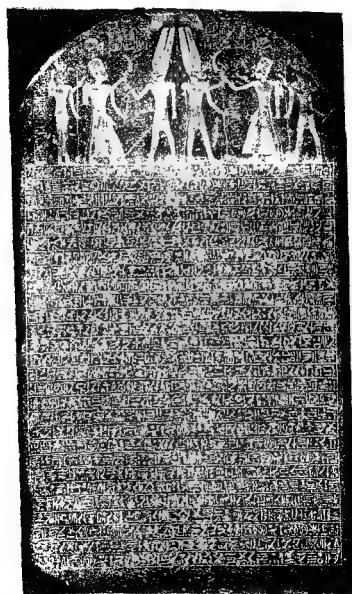



Fig. 38.
A Placa "Israel" de Merneptá.
(Cortesia do Museu do Cairo)

Indicações pró Merneptá. 1. A Placa "Israel" de Merneptá. Em 1906 Sir Flinders Petrie descobriu uma lápide de sienito negro contendo um registro das vitórias de Merneptá, feito no 5.º ano de seu reinado. Mede 3 m. de altura por 1,55 m. de largura. Está hoje no Museu do Cairo. A palavra "Israel" figura no meio da segunda linha a contar de baixo. Diz: "Pilhada está Canaã. Israel está desolado, sua descendência não existe. A Palestina tornou-se viúva para o Egito." Parece ser uma referência ao Êxodo. "Sua descendência não existe", pode referir-se à destruição dos meninos israelitas. Visto como os reis antigos só registravam suas vitórias, pode ser que, embora tudo fizesse para impedir a saída de Israel, registrou contudo essa partida como uma vitória sôbre os israelitas. Os eruditos que sustentam uma data anterior para o Êxodo, consideram que isto seria uma referência a uma incursão de Merneptá pela Palestina uns 200 anos depois que Israel se estabeleceu na terra.

2. A declaração de Ramsés II de que êle construiu Pitom e Ramsés com o trabalho dos israelitas, Êx 1:11.

Naville (1883) identificou o local de Pitom. Na entrada do portão achou uma inscrição de Ramsés II, "Eu construí Pitom na foz do Oriente."

Encontrou um edifício longo e retangular, com paredes grossas fora do comum, cujos tijolos estavam marcados com o nome de Ramsés II.

Petrie (1905) identificou o local de Ramsés. Fisher, do Museu da Universidade da Pensilvânia (1922), encontrou em Bete-Seã, na Palestina, uma estela de Ramsés II, de 2,60 m. de altura por 0,80 m. de largura, na qual êle diz: "Construí Ramsés com escravos asiático-semitas (hebreus)."

Ambas estas inscrições especificam assim Ramsés II como o Faraó para quem estas cidades foram construídas, e como o opressor de Israel; e assim indicam que seu sucessor, Merneptá, seria o Faraó do Êxodo. Entretanto, sabe-se que Ramsés II era um grande plagiador, que se arrogava a glória de alguns dos monumentos de seus predecessores, mandando esculpir seu próprio nome nos monumentos dêles. Os eruditos que sustentam uma data anterior para o Êxodo e Totmés III como o construtor destas cidades, consideram tais inscrições como significando que Ramsés II as reedificou ou reparou com o trabalho dos hebreus que não acompanharam Moisés.

De um modo geral, julgamos que a evidência é mais conclusiva em favor de ser Amenotepe II o Faraó do Êxodo.

Mapa 29b)

Fig. 39. Estela Ramsés II
(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

Cap. 1. Israel no Egito

As Ruínas de Tebas

As ruínas de Tebas, cidade que os israelitas ajudaram a reedificar, contam-se entre as mais importantes do mundo. Tebas situava-se tendo de ambos os lados o Nilo, numa planície a modo de anfiteatro, entre os penhascos do leste e do oeste. Suas ruínas cobrem uma área de uns 8 km de leste a oeste e uns 5 km de norte a sul. Nenhuma outra cidade possuía tantos templos, palácios e monumentos de pedra, insculpidos nas cores mais vivas e deslumbrantes, e cintilante com ouro. Veio a ser notável cidade na 12.ª Dinastia, 2000 a.C., no tempo de Abraão. O auge de seu esplendor foi de 1960 a 1300 a.C., período da permanência de Israel no Egito; muitos dos seus magníficos monumentos, sem dúvida, representam o labor, o suor e o sangue dos milhares sem conta de escravos israelitas. Foi destruída pelos assírios em 661 a.C. Foi reconstruída. Destruída pelos persas em 525 a.C. Arruinada por um terremoto em 27 a.C. Suas ruínas datam daí.

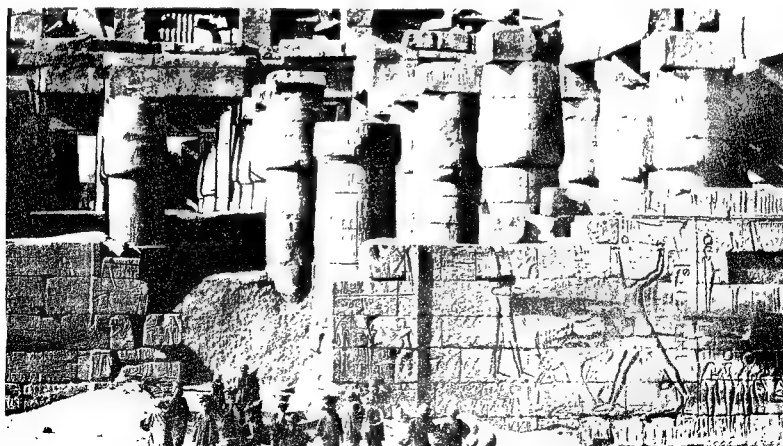
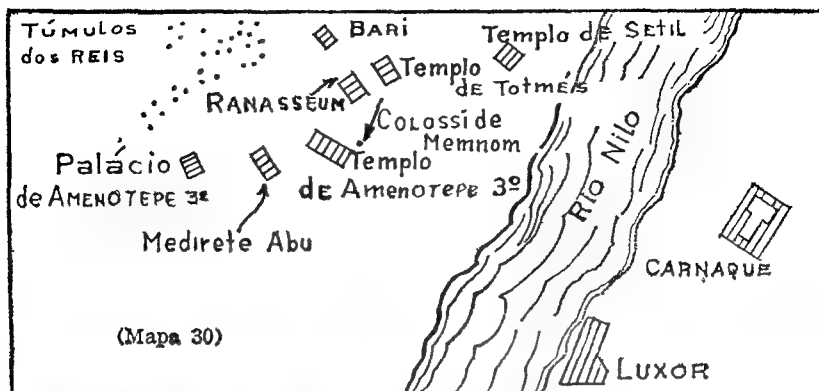



Fig. 40. Ruínas do Templo de Amom
(Cortesia da Baker Book House)

O Grande Templo de Amom

Em Carnaque, na parte oriental de Tebas, havia um dos maiores edifícios já erigidos, Fig. 40. A parte central do mesmo chama-se vestíbulo Hipostilo, cujo modelo, como se julga que foi na época de sua glória, acha-se no Museu Metropolitano, Fig. 42. Sobre a entrada principal, Fig. 41, existe uma pedra, 13 m. de comprimento, pesando 150 toneladas. Há 134 colunas gigantes, as 12 centrais medindo, cada uma 26 m de altura por 3,5 m de diâmetro, Fig. 31. No capitel de uma delas podiam colocar-se de pé cem pessoas.

Dois obeliscos da Rainha Hatchepsute, um ainda de pé, Fig. 32, 29 m

Fig. 41. Entrada para o Templo de Amom em Carnaque
(Cortesia do Museu da Universidade da Pensilvânia)

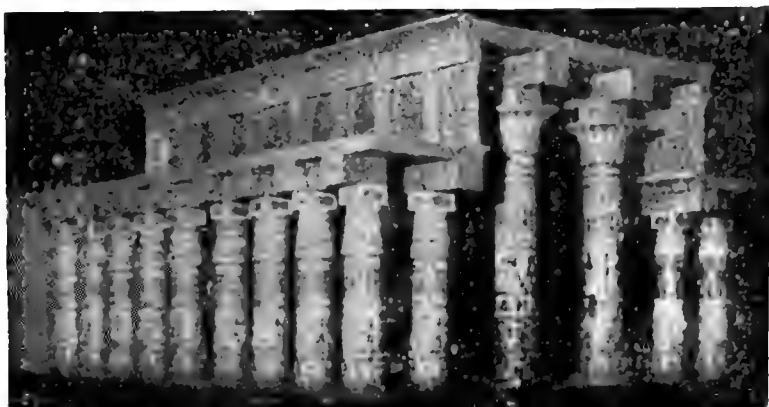



Fig. 42. Modelo do Vestíbulo Hipostilo, centro das ruínas da Fig. 40
(Cortesia do Museu Metropolitano de Arte, Nova York)

de altura, peso de 150 toneladas, têm uma inscrição dizendo que foram rebocados numa barcaça feita de 30 galeras, por 960 remadores, e procedentes de pedreiras a 240 km de distância. Fig. 14.

Cap. 2. Moisés

Os críticos de Moisés vêm e vão, porém êle permanece sobranceiro, como o homem de maior relevância do mundo pré-cristão. Assim foi que êle tomou uma raça de escravos e, sob circunstâncias inconcebìvelmente adversas, moldou-a numa poderosa nação que alterou todo o curso da História.

Era levita (v. 1). A irmã que arquitetou o plano do seu livramento foi Miriã (15:20). Seu pai chamava-se Anrão; sua mãe, Joquebede, 6:20. E que mãe! Gravou nele tão perfeitamente, em sua meninice, as tradições do seu povo, que todo o fascínio do palácio pagão nunca erradicou aquelas primeiras impressões. Recebeu ele a mais fina educação que o Egito podia proporcionar, mas que não pôde virar-lhe a cabeça, nem fazê-lo perder a fé simples recebida na infância. Moisés e Paulo foram dois exemplos de como Deus usa, em Sua obra, os talentos humanos mais requintados.

Seus 40 Anos no Palácio

Geralmente se pensa que a "filha do Faraó", que adotou Moisés, foi a famosa Rainha Hatchepsute, ver pág. 108. Isso podia fazê-lo um herdeiro possível do trono, conquanto tivesse ele renunciado à educação que sua mãe lhe dera, poderia tornar-se rei do mais orgulhoso reino da terra. Seus colegas e companheiros de brincadeiras eram príncipes do palácio.

Pensa-se que, homem já feito, foi designado para exercer elevada função, civil ou militar, no govêrno do Egito. Diz Josefo que êle comandou um exército no Sul. Deve ter conquistado autoridade e reputação consideráveis; de outro modo só dificilmente poderia assumir a tarefa ingente de livrar Israel, o que ele tinha em mente fazer, segundo Atos 7:25, quando interveio, naquela contenda (vs. 11-15). Mas, embora cônscio de sua autoridade e confiando em si, falhou, porque o povo não estava ainda pronto para submeter-se à sua liderança.

Seus 40 Anos no Deserto

Na Providência divina isso fez parte do adestramento de Moisés. A solidão e rusticidade do deserto desenvolveram nêle uma austeridade que só dificilmente poderia alcançar na vida fácil do palácio. Familiarizou-o também com a região por onde teria de conduzir Israel durante outros 40 anos.

MIDIÃ (v. 15). O centro do território midianita, onde Moisés permaneceu, ficava na costa oriental do Golfo de Acaba, embora perambulassem por longe ao norte e oeste. Nos dias de Moisés, os midianitas dominavam as ricas terras de pasto ao redor do Sinai. Sem dúvida os 40 anos de sua vida pastoril levaram-no a percorrer tôda aquela região.

Desposou uma midianita, chamada Zípora (v. 21), filha de Jetro, também chamado Reuel (v. 18; 3:1). Jetro, sendo sacerdote de Midiã, deve ter sido governador. Os midianitas descendiam de Abraão, da parte de Quetura, Gn 25:2, e deviam possuir tradições acêrca do Deus de Abraão. Moisés teve dois filhos, Gérson e Eliézer, 18:3,4. Segundo algumas tradições, Moisés teria escrito o Livro de Jó durante estes 40 anos em Midiã.

Caps. 3, 4. A Sarça Ardente

Depois de uma vida de meditação sobre os sofrimentos do seu povo e sobre as velhas promessas de Deus, afinal, já com 80 anos, soou-lhe clara, da parte de Deus, a chamada definida para livrar Israel. Moisés, porém, não era mais o homem que confiava em si, como antes, quando mais moço. Relutou em ir, excusando-se de todos os modos. Mas, assegurado por Deus de que o ajudaria, e armado com o poder de operar milagres, partiu.

Cap. 5. O Primeiro Pedido de Moisés a Faraó

Faraó foi insolente, e ordenou aos feitores que impusessem trabalhos mais pesados aos israelitas, exigindo-lhes que fizessem a mesma quantidade de tijolos e ainda apanhassem por si mesmos a palha necessária (10-19).

NOTA ARQUEOLÓGICA: Tijolos de Pitom

Naville (1883) e Kyle (1908) acharam em Pitom as fiadas inferiores de tijolos cheios de boa palha picada; as fiadas do meio, com menos palha, e essa era restolho arrancada pela raís; e as fiadas de cima eram de tijolos de puro barro, sem palha alguma. Que admirável confirmação da narrativa do Êxodo!

Cap. 6. A Genealogia de Moisés

Deve estar abreviada, mencionando-se só os ancestrais mais proeminentes. Aqui parece que Moisés foi neto de Coate; mas já em seus dias havia 8.600 coatitas, Nm 3:28.

Cap. 7. A Primeira das Dez Pragas

As águas do Nilo transformadas em sangue. Os magos imitaram este milagre mas em pequena escala. Seus nomes eram Janes e Jambres, 2 Tm 3:8.

Fosse qual fosse a natureza do milagre, os peixes morreram e o povo não podia beber a água.

O Nilo era um deus. As dez pragas visavam diretamente aos deuses do Egito e tiveram o objetivo de provar a superioridade do Deus de Israel sobre os do Egito. Foi repetido várias vezes, que por esses milagres, tanto Israel como os egípcios viriam a "saber que o SENHOR é Deus", 6:7; 7:5, 17; 8:22; 10:2; 14:4, 18; como mais tarde o maná e as codornizes tiveram este mesmo desígnio, 16:6,12.

A Religião do Egito

Na pág. 107, foram nomeados alguns dos principais deuses-animais. Nos vários templos os animais sagrados eram alimentados e tratados da maneira a mais luxuosa, por grandes colégios de sacerdotes. De todos os animais, o touro era o mais sagrado. Incenso e sacrifício se ofereciam perante o touro sagrado. Quando morria, era embalsamado e com pompa e cerimonial próprios dos reis era sepultado em magnífico sarcófago. O crocodilo também recebia muitas honras. Era assistido, em seu templo em Tânis, por 50 ou mais sacerdotes. Tal era a religião do povo, no meio do qual a nação hebraica se criou durante 400 anos.

Cap. 8. As Pragas das Rãs, Piolhos e Moscas

A rã era um dos deuses do Egito. À ordem de Moisés, as rãs saíram do Nilo em grande quantidade e invadiram as casas, quartos de dormir e

cozinhas. Os magos tornaram a imitar o milagre, contudo Faraó fez-se persuadir e prometeu deixar ir Israel. Porém, a seguir, mudou de idéia.

Piolhos. Aarão feriu o pó da terra, o qual se tornou em piolhos que atacaram o povo e os animais. Os magos tentaram imitar este milagre, mas fracassaram, convencendo-se de que o milagre vinha de Deus. Deixaram de se opor a Moisés e advertiram Faraó que devia ceder.

Moscas. Enxames de mòscas cobriram o povo, e encheram as casas dos egípcios. Os israelitas não foram atingidos.

Endurecimento do coração de Faraó (15, 32). Aqui se diz que Faraó endureceu o coração; adiante, que Deus endureceu o coração dele (10:20). Foi uma coisa e outra. O propósito de Deus foi levar Faraó ao arrependimento. Quando, porém, a pessoa resiste a Deus, até as misericórdias divinas resultam em maior endurecimento.

Cap. 9. Morrinha no Gado, Úlceras, Granizo

Morrinha, peste do gado. Foi um golpe terrível nos deuses do Egito. O touro era seu deus principal. Outra vez houve distinção entre os egípcios e os israelitas: o gado daqueles morreu em enorme quantidade, mas nem um animal dos israelitas foi atingido. "Todo", no v. 6, não deve ser tomado em sentido literal. Ficou algum gado, 19-21.

Úlceras. Esta praga caiu sobre o povo e os animais e até sobre os magos, em conseqüência das cinzas que Moisés espalhou no ar.

Granizo (chuva de pedras). Antes de cair esta praga foi feito um aviso misericordioso aos egípcios tementes a Deus, para que recolhessem seu gado. Outra vez houve distinção entre os egípcios e os israelitas: nada de granizo em Gósen.

Já nesta altura o povo do Egito havia-se persuadido, 10:7. O aparecimento e o desaparecimento súbitos das pragas, em tão vasta escala, pela palavra de Moisés, foram aceitos como evidentes milagres de Deus. Faraó, contudo, hesitava em vista da imensa perda em trabalho escravo que a saída dos hebreus representaria. O labor dos israelitas contribuíra grandemente para o poderio do Egito; e, com a sua saída, começou o declínio do país.

Não se sabe quanto tempo duraram as dez pragas. Pensam uns que foi quase um ano. Faraó, sem dúvida, teria matado Moisés, se a tanto se atrevera. Mas, à medida que as pragas se sucediam, o prestígio de Moisés cada vez mais aumentava, 11:3. Podia ser perigoso para Faraó tentar fazer-lhe mal.

Cap. 10. As Pragas dos Gafanhotos e das Trevas

Os gafanhotos foram uma das piores pragas. Viriam em nuvens enormes e comeriam tudo quanto de verde cresceu depois do granizo. À noite pousariam no chão em camadas de 10 a 12 cm. Esmagando-se, o odor seria insuportável. Só com esta simples ameaça os servos de Faraó pediram-lhe que se submetesse a Moisés (v. 7).

Trevas. Foi um golpe direto em Ra, o deus-sol do Egito. Por 3 dias houve trevas de meia-noite no país; mas houve luz onde os israelitas habitavam. Outra vez Faraó cedeu; e outra vez veio a mudar de idéia.

Caps. 11, 12. A Morte dos Primogênitos do Egito

Passara-se quase um ano. Por fim chegou o momento crítico. O golpe foi tão esmagador que Faraó cedeu e Israel partiu.

Não fossem as dez pragas, Israel nunca teria sido liberto, e não teria havido uma nação hebraica.

Jóias "tomadas de empréstimo", 12:35. O hebraico diz que foram "pedidas". Não foram emprestadas, mas francamente presenteadas: pagamento de uma dívida acumulada, durante gerações, de trabalho escravo, que contribuíra para a grandeza do Egito. Deus mesmo ordenou que pedissem êsses presentes, 3:21,22; 11:2,3. Alegremente os egípcios anuíram em dar, porque temeram o Deus de Moisés, 12:33. Grande porção da riqueza do Egito foi assim transferida para Israel. Alguma parte foi utilizada na construção do Tabernáculo.

NOTA ARQUEOLÓGICA: A Morte do Primogênito de Faraó, 12:29

Acharam-se inscrições indicativas de que Totmés IV, sucessor de Amenotepe II, não foi primogênito deste, nem herdeiro necessário.

Também que o primogênito de Merneptá morreu em circunstâncias especiais, e que o seu sucessor não era seu primogênito, nem herdeiro necessário.

Assim, qualquer que fôsse o Faraó, confirma-se a declaração bíblica.

O Começo da Páscoa

O cordeiro, o sangue nas umbreiras das portas, a morte dos primogênitos, o livramento do domínio de um país hostil e a continuação dessa festa através de toda a história de Israel, tudo parece que foi destinado por Deus para ser uma grandiosa figura histórica de Cristo, o Cordeiro Pascal, que, por Seu sangue, nos livra do mundo hostil.

Cap. 13. Pães Asmos. Consagração dos Primogênitos

Pães sem fermento deviam ser usados na festa pascal, como lembrança perene da pressa daquela noite de livramento, 12:34.

Os primogênitos dos israelitas deveriam ser consagrados a Deus perpetuamente, como lembrança de sua redenção pela morte dos primogênitos do Egito.

O caminho para Canaã (v. 17). A rota direta, pela costa marítima, através do país dos filisteus, estava toda guarnecida de tropas egípcias. E naquele tempo havia grande muralha do Mar Vermelho ao Mediterrâneo. O meio mais prático era fazer voltas pelo deserto. Foi isto providencial, porque Israel fora uma raça de escravos e necessitava adestrar-se no deserto para a tarefa da conquista de Canaã.

A coluna de nuvem de dia, e a de fogo de noite (21, 22). Saídos do Egito e tendo agora de viajar através de terras hostis, DEUS tomou-os sob Seu cuidado, dando-lhes este sinal visível de Sua direção e proteção. Nunca essa coluna os abandonou, até entrarem na terra prometida, 40 anos mais tarde; 14:19,24; 33:9,10; 40:34-38; Nm 9:15,23; 10:11.

Cap. 14. A Travessia do Mar Vermelho

Pensa-se que o local da travessia ficava perto do moderno Suez. Deus usou um "forte vento oriental" para secar o mar (v. 21). As águas fizeram-se um "montão", perpendicularmente, "como muro à direita e à esquerda", 15:8; 14:22. Isto e mais a regulação do tempo para o retorno das águas, de

sorte a poderem salvar os israelitas e destruir os egípcios, só podia ser algo direto e miraculoso de Deus. Nações vizinhas alarmaram-se com o fato, 15:14-16.

NOTA ARQUEOLÓGICA:

A linguagem desta narrativa se conserva sem irreverência e sem violar a natureza do relatório, pela teoria que foi o vento forte que dividiu o mar. O braço do Golfo de Suez pode ter penetrado mais para o norte do que acontece hoje. Praias elevadas na área indicam a possibilidade de haver tais alterações no nível da água e da terra. Se este for o caso, então o mar teria fluído mais para o norte, enchendo as depressões que hoje são conhecidos como "Lagos Amargos". Se um vento contínuo (vv. 14-21) diminuísse o nível da água, fenômeno este que se observa freqüentemente, uma ponte terrestre apareceria, ladeada e protegida pelas águas ao norte e ao sul. As águas seriam um "muro", significando apenas que serviam como "defesa". Não precisamos postular um monte perpendicular de água, a desafiar as leis da gravidade. O "muro" seria uma vasta maré forçada pelo golfo abaixo. A perseguição feita pelos egípcios demonstra que o inimigo não via nada mais do que um fenômeno estranho, porém não completamente sobrenatural. Não podiam atacar pelos flancos, pois as águas na depressão ao norte e no golfo ao sul, eram um tipo de "muro". Seguiam através da lama marítima assim exposta, e foram presos e emaranhados pela volta da maré (v. 25), que se seguia ao acalmar-se o vento.

Cap. 15. O Cântico de Moisés

Este livramento do Egito parece tanto com o futuro livramento da Igreja, para fora do mundo, no fim dos tempos, que um dos cânticos triunfais dos remidos chama-se "Cântico de Moisés e do Cordeiro", Ap 15:3. Os feitos poderosos, pelos quais este cântico rende graças a Deus, parecem prefigurar os feitos ainda mais poderosos pelos quais os remidos cantarão louvores a Deus pelas eras sem fim da eternidade.

Cap. 16. Maná e Codornizes

Passou-se um mês só e as durezas da vida no deserto começaram a influir no ânimo deles. E ei-los a reclamar sempre, com os olhos postos nas panelas de carne do Egito, antes que na Terra Prometida (2, 3). O maná consistia de flóculos redondos, usados como pão; diz-se que tinha o sabor de massa feita com mel (31). Foi criado diretamente ou era um produto natural, multiplicado miraculosamente. Caía com o orvalho cada noite, parecido com semente de coentro. Moíam-no na prensa ou batiam-no no pilão, e cozinhavam-no em panelas e dele faziam bolos. A cada pessoa cabia diariamente um ômer (uns 2 litros). Havia bastante no 6.º dia que chegasse para o sábado. Isso começou um mês após deixarem o Egito, e foi dado diàriamente durante 40 anos, até quando atravessaram o Jordão. Nesse ponto cessou de repente, como de repente começara, Nm 11:6-9, Js 5:12. Jesus viu no maná uma figura de Sua Pessoa, Jo 6:31-58.

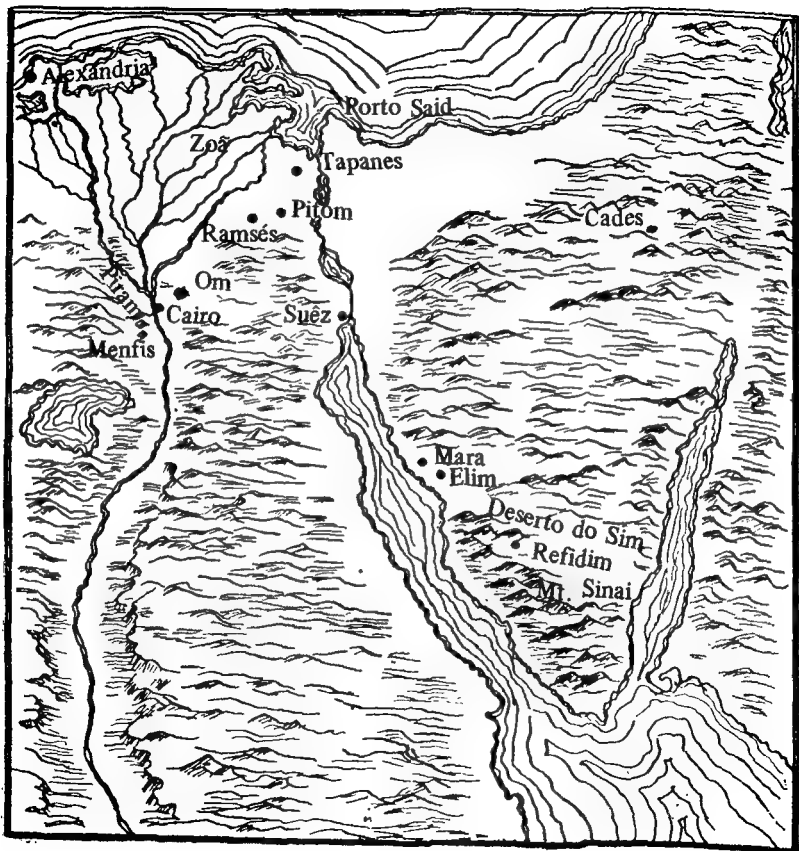
As codornizes (v. 13) não foram enviadas continuadamente como o maná. Só duas vezes se mencionam, aqui e um ano mais tarde, após Israel deixar o Monte Sinai, Nm 11:31-34. Vinham em bandos imensos, voando baixo. O povo tinha muito gado, 12:38, porém precisava economizá-lo como alimento. No Egito a carne que mais usavam era a de peixe.

O Monte Sinai

Também chamado Horebe. A Península do Sinai é triangular, situada entre dois braços do Mar Vermelho. A praia ocidental é de uns 290 km de extensão; a oriental, de uns 209 km; a fronteira ao norte é de cerca de 240 km. A parte norte da península é deserta; a parte sul é um "grande aglomerado de montanhas irregulares e desordenadas".

Provàvelmente essa região tomou o nome do deus-lua babilônio, Sin. Cedo foi conhecida por suas minas de cobre, ferro, ocre e pedras preciosas. Muito antes de Abraão, os reis do Oriente tinham feito uma estrada à volta das orlas norte e oeste do Deserto da Arábia para a região do Sinai.

O pico conhecido como Monte Sinai, onde se presume que Israel recebeu a Lei, situa-se perto da ponta meridional da Península. É uma "massa rochosa isolada, erguida abruptamente sobre a planície, numa imponência que impõe respeito". Do lado noroeste fica uma planície, 3 km de comprimento por 800 ms. de largura, onde Israel podia ter acampado. Mapa 32.

64 km ao noroeste do Monte Sinai, no Vale das Cavernas, há uma escultura, em pedras lisas, 120 m acima das minas, que Semerkhet, rei da

(Mapa 31)

1.ª Dinastia dos Faraós egípcios, mandou fazer, representando-o a matar o rei de Sinai. Há 250 inscrições de outros reis posteriores. 16 km ao norte do Vale das Cavernas fica Serabite-el-Khadem, onde Sir Flinders Petrie descobriu o mais antigo escrito alfabético que se conhece.

Cap. 17. Água da Rocha

Pouco antes disso, Moisés tornara doces as águas de Mara, 15:25. Agora, em Refidim, faz jorrar água de uma rocha. Mais tarde, operará um milagre semelhante em Meribá, Nm 20:1-13.

A Batalha com Amaleque, v. 8-15. Foi esta a primeira tentativa, fora do Egito, de interferência na marcha de Israel para Canaã. Resultou em Deus ordenar o extermínio dos amalequitas (17:14; Dt 25:17-19).

Cap. 18. O Conselho de Jetro

Pelo conselho de Jetro, governante midianita amigo, sogro de Moisés, este, não obstante possuir a inspiração que só a poucos homens foi concedida, foi levado a empreender uma organização mais eficiente do povo.

Mapa 32

Cap. 19. A Voz de Deus no Monte Sinai

Estiveram no monte Sinai cerca de 11 meses (v. 1); Nm 10:11. Debaixo de terrífica trovoada, acompanhada de terremotos e sonido muito forte e sobrenatural de buzina, todo o monte envolto em fumaça, o cume coroado de chamas aterrorizantes, Deus proferiu as palavras dos Dez Mandamentos, e deu a Lei.

500 anos mais tarde, a Eliseu, no mesmo monte, foi dado a entender que a obra de Deus na terra seria executada não por métodos de fogo, nem de terremoto, senão pela voz mansa e delicada de um profeta vindouro, 1 Rs 19.

Cap. 20. Os Dez Mandamentos

Não terás outros deuses diante de mim.
Não adorarás imagem alguma de escultura.
Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão.
Lembra-te do dia do sábado, para o santificar.
Honra a teu pai e a tua mãe.
Não matarás.
Não adulterarás.
Não furtarás.
Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.
Não cobiçarás coisa alguma do teu próximo.

Estes mandamentos foram depois gravados em ambos os lados das duas tábuas de pedra, "escritas pelo dedo de Deus." "As tábuas foram obra de Deus, e a escrita foi escrita de Deus", 31:18; 32:15,16. Durante séculos estiveram guardadas na arca. Julga-se que talvez foram destruídas no cativeiro. Que tal, se um dia vierem a ser descobertas?

Os Dez Mandamentos eram a base da Lei Hebraica. Quatro dizem respeito à nossa atitude para com Deus; seis, às nossas relações com o próximo. Jesus condensou-os em dois: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, alma, força e entendimento; e o teu próximo como a ti mesmo."

Reverência para com Deus é a base dos Dez Mandamentos. Jesus deu a entender que considerava essa reverência a qualidade elementar de nossa aproximação de Deus, e fê-la a primeira petição da Oração Dominical, "Santificado seja o Teu Nome." Surpreende-nos como tanta gente, em conversas ordinárias, blasfema continuadamente do nome de Deus, e usa-o de maneira tão leviana e trivial. Proíbe-se em absoluto a idolatria.

Caps. 21, 22, 23, 24. "O Livro do Concerto"

Depois dos Dez Mandamentos, foi este o primeiro fascículo das leis sobre as quais se edificou a nação judaica. Foram escritas num Livro, e então o Concerto, a que deviam obediência, foi selado com sangue, 24:4,7,8.

Tais leis referem-se a: Escravidão — morte por homicídio — rapto — maldição dos pais — a compensação olho por olho — furto — danificação de safras — restituição — sedução — feitiçaria — coabitação com animais — idolatria — generosidade com viúvas e órfãos — empréstimos — penhores — não amaldiçoar governantes — primícias e primogênitos — boatos falsos — motins — Justiça — consideração aos animais — subórnos — estrangeiros — o sábado — o ano sabático — a páscoa — festa da colheira — não cozinhar o cabrito no leite de sua mãe — nenhuma aliança com cananeus — prêmio de obediência.

Caps. 25 a 31. Instruções sobre o Tabernáculo

Deus mesmo forneceu a planta com seus pormenores, 25:9. Duas vezes foi registrado: aqui, "assim mesmo o fareis"; e nos caps. 35 a 40, onde se repetem os pormenores um a um, se diz, "assim o fizeram."

O Tabernáculo era a "semelhança" de alguma coisa, "cópia e sombra" de coisas celestiais, Hb 8:5.

Tinha um sentido especial para a nação judaica; contudo, era uma "figura de coisas vindouras", Hb caps. 9 e 10.

O Tabernáculo e o Templo, que mais tarde foi construído de acordo com o modelo deste mesmo Tabernáculo, eram o centro da vida nacional judaica.

De origem divina imediata, era uma representação imensamente importante de certas idéias que Deus queria imprimir na humanidade, prefigurando muitos ensinos da fé cristã.

Caps. 32, 33. O Bezerro de Ouro

O touro, representando Horo, era o deus principal do Egito. Mais tarde veio a ser deus das dez tribos do norte, 1 Rs 12:28. Esta lamentável apostasia, logo depois de Deus trovejar no monte, "Não terás outros deuses diante de Mim", e depois dos admiráveis milagres no Egito, mostra os

abismos de idolatria egípcia em que os israelitas caíram. Foi uma crise que reclamou disciplina imediata; o castigo veio rápido e severo. Daquele dia em diante os israelitas "se despojaram dos seus atavios", 33:4-6.

A disposição de Moisés, de ser riscado do livro de Deus, 32:31,32, por amor ao povo, mostra a grandeza do seu caráter.

Cap. 34. Moisés Outra Vez no Monte

Estivera lá a primeira vez 40 dias e noites, 24:18. Agora volta para outros 40 dias e noites, 34:2,28. Da primeira vez recebeu as duas tábuas e as especificações do Tabernáculo. Agora as duas tábuas são feitas de novo.

O rosto de Moisés resplandecia, 34:29-35: Deus estava nele: como brilhou a face de Jesus, tal e qual o sol, ao ser transfigurado, Mt 17:2.

Caps. 35 a 40. O Tabernáculo é Construído

O Tabernáculo e todos os seus pertences agora se fabricam, exatamente conforme as especificações dadas nos caps. 25 a 31.

O Tabernáculo

15 ms. de comprimento por 5 de largura e 5 de altura. Era feito de tábuas perpendiculares e coberto de cortinas. Tinha a frente para o Oriente.

As tábuas, 20 de cada lado norte e sul, 6 na extremidade ocidental, mediam de comprimento 5 m e quase 1 m de largura. Eram de madeira dura de acácia, de fibra compacta, e cobertas de ouro. Tinha cada uma 2 espigas para se ajustarem entre si, levantadas sobre 2 bases de prata; e presas com 5 barras que passavam por argolas de ouro nas tábuas.

As cortinas, em número de 10, cada uma 14 ms. de comprimento por 2 de largura, eram feitas de linho finíssimo, azul, púpura e escarlate, com querubins primorosamente trabalhados nelas; eram ajuntadas aos pares com colchetes de ouro em laçadas de azul para formarem um só cortinado. Este cortinado, assim constituído de 10 cortinas, media 20 m ao leste e ao oeste, 14 m ao norte e ao sul, caindo os 5 m excedentes sobre a parte posterior do Tabernáculo. Este cortinado estendia-se sobre o espaço delimitado pelas tábuas de ouro, formando o Tabernáculo propriamente dito.

O ouro e a prata empregados na construção do Tabernáculo e sua mobília estimam-se em cerca de 1 milhão e 250 mil dólares. Os tesouros que os egípcios deram supriram tudo isto, 12:35.

A Tenda

A tenda cobria o Tabernáculo. Era feita de tecido de pêlos de cabras: 11 cortinas, cada uma de 15 m de comprimento por 2 de largura: ajustadas com grampos de bronze, todo o conjunto medindo 22 m ao leste e ao oeste, 15 m, ao norte e ao sul. Sobre isto havia uma coberta de peles vermelhas de carneiros. E por cima, uma terceira coberta de peles de animais marinhos (focas? ou toninhas?).

A tenda tríplice, de tecidos de pêlos de cabras, peles vermelhas e peles de animais marinhos, era provàvelmente sustentado por um pau de cumieira, com os lados em declive.

O Lugar Santíssimo, ou o Santo dos Santos

Eram os 5 m ocidentais do Tabernáculo, um cubo perfeito. Este representava o lugar da habitação de Deus. Continha apenas a arca. Nele só entrava o Sumo Sacerdote uma vez por ano. Era "a figura do céu", Hb 9:24.

A Arca

Era uma caixa, de 1,20 m de comprimento, 0,75 m de largura, 0,75 m de altura. Era feita de madeira de acácia, recoberta de ouro puro. Continha as duas tábuas dos Dez Mandamentos, um vaso com maná, e a vara de Arão.

O propiciatório era a parte superior da arca, uma tampa de ouro maciço. Um querubim de cada lado, formando uma peça só com a tampa, um defronte do outro, suas asas abertas, olhando os dois para o Propiciatório. Este, ficando em cima das duas tábuas dos Dez Mandamentos, representava o lugar de encontro da Lei e da misericórdia (propiciação): era, pois, uma "figura" de Cristo. Os querubins apresentavam uma idéia muito vívida do interesse dos seres celestiais na redenção humana. Parece ser isto o que Pedro teve em mente quando disse, "coisas essas que anjos anelam perscrutar", 1 Pe 1:12.

A arca provavelmente perdeu-se no Cativeiro Babilônico. Em Ap 11:19, João viu a arca "no templo". Mas isso foi em visão, não querendo certamente dizer que a própria arca material lá estivesse; porque no céu não haverá templo, Ap 21:22.

O Lugar Santo

Eram os 10 ms. orientais do Tabernáculo. Continha a mesa dos pães da Proposição, no lado norte; o castiçal, no lado sul; o altar do incenso, bem defronte do véu. Talvez uma "figura" da Igreja.

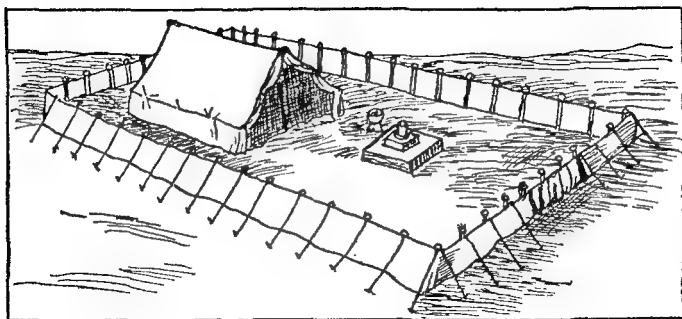



Fig. 43. Aspecto Provável do Tabernáculo

O Véu

Feito de linho finíssimo, azul, púrpura e escarlate, primorosamente bordado de querubins. Separava o lugar Santo do Santíssimo; ou, por assim dizer, a sala do trono de Deus da sala de espera do homem. O véu rasgou-se em duas partes na morte de Cristo, Mt 27:51, significando que, desde aquêle momento, o acesso à presença de Deus estava franqueado ao homem.

Havia outro véu, chamado reposteiro, para a entrada do lado oriental do Tabernáculo: de linho finíssimo, azul, púrpura e escarlate.

O Castiçal

Era feito de ouro puro. Uma haste no centro com 3 ramos de cada lado. Presume-se fosse de uns 165 cm de altura, por 1 m na parte superior, de um extremo ao outro dos ramos. Era alimentado de puríssimo óleo de oliva; espevitado e aceso diariamente, 30:7,8.

Os castiçais do Templo de Salomão, feitos segundo o modêlo deste, que também podia ter sido incluído entre aqueles, estavam, sem dúvida, entre os tesouros levados para a Babilônia e depois devolvidos, Ed 1:7.

O castiçal do Templo de Herodes, nos dias de Jesus, pode ter sido um destes. Foi levado para Roma, 70 d.C.; insculpido no Arco de Tito; depositado no Templo da Paz; levado para Cartago, por Genserico, 455 d.C.; recuperado por Belisário e levado para Constantinopla; depois "depositado respeitosamente na Igreja Cristã em Jerusalém", 533 d.C. Nada mais se sabe dele. A inscultura no Arco de Tito pode ser uma representação razoável do original. Ver Fig. 44.

O castiçal pode ter sido uma "figura" da Palavra de Deus na Igreja; embora que em Ap 1:12,20 os castiçais representem igrejas.

A Mesa dos Pães da Proposição

1 m de comprimento. 50 cm de largura, 70 de altura. Feita de madeira de acácia; revestida de ouro puro. Destinava-se a conter 12 pães perpetuamente, substituídos cada sábado. Ficava no lado norte do Lugar Santo. Era símbolo de gratidão a Deus pelo pão de cada dia, Lc 11:3.

O Altar do Incenso

1 m de altura, quadrado, 50 cm de cada lado. Feito de madeira de acácia, revestido de ouro puro. Ficava defronte do véu. Devia-se queimar incenso nele perpetuamente, de manhã e à tarde, 30:8. Simbolizava oração perpétua, Ap 8:3-5.

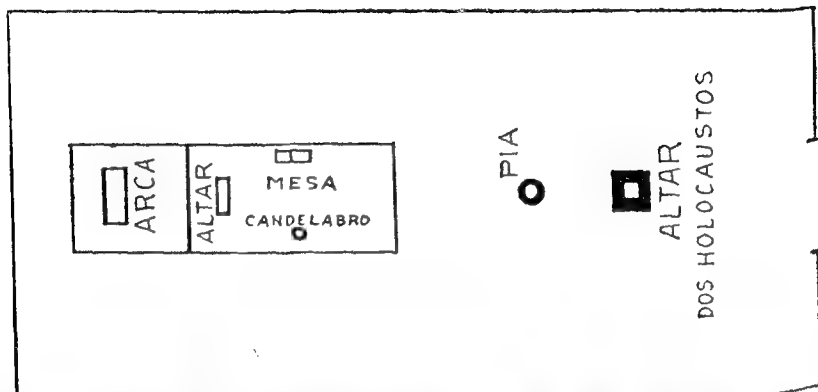
O Altar dos Holocaustos

Grande altar para o sacrifício de animais. Quadrado, 2,50 m de cada lado, 1,50 m de altura. Feito de tábuas de acácia; revestido de cobre; ôco, para encher-se de terra. Tinha uma saliência à volta, de baixo até ao meio dele, onde os sacerdotes se postavam. Ficava ao oriente do Tabernáculo, perto da entrada do pátio. O fogo nêle foi miraculosamente aceso e nunca se apagava, Lv 9:24; 6:9. Símbolo de que o homem não tem acesso a Deus, a não ser como pecador resgatado pelo sangue. "Figura" da morte de Cristo.

A Bacia

Uma grande bacia de cobre para conter água, destinada à lavagem das mãos e pés dos sacerdotes, antes de ministrarem no altar, ou na tenda. Significava limpeza, em sentido literal e também do pecado. "Figura" da purificação do pecado pelo sangue de Cristo, e talvez também figura do batismo cristão.

O Pátio

Era a cêrca em volta do Tabernáculo, 50 m de comprimento por 25 de largura; olhava para o Oriente. Cortinas de linho fino torcido, 2,50 m de altura, sobre colunas de cobre de 2,50 m entre cada uma, com colchetes e faixas de prata, sobre bases de cobre. A porta, na extremidade leste, 10 ms. de largura, com uma coberta de linho, azul e escarlate.

Mapa 33. Planta do Tabernáculo

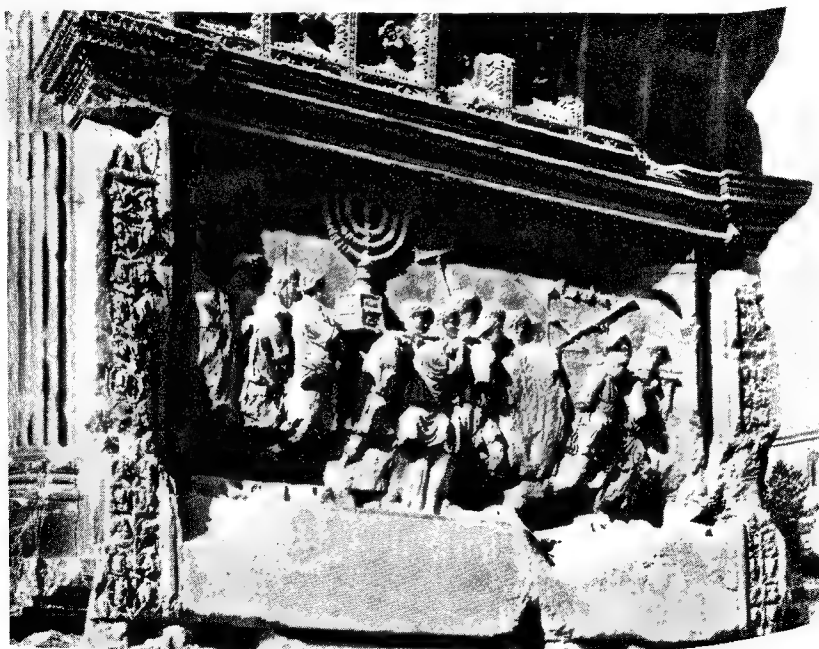



Fig. 44. O castiçal como foi insculpido na Arca de Tito
(Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

LEVÍTICO

Sacrifícios

O Sacerdócio

Épocas Sagradas

Várias Leis

A palavra "Levítico" significa "concernente aos levitas", isto é, o livro contém o sistema de leis administrado pelo sacerdócio levítico, sob o qual vivia a nação hebraica. Tais leis na maior parte foram dadas no Monte Sinai, com adições, repetições e interpretações fornecidas através da peregrinação no deserto.

Os levitas, uma das doze tribos, eram separados para o serviço divino. Deus os tomou para esse mister em lugar dos primogênitos de todo o Israel. Deus reclamou para Si os primogênitos dos homens e dos rebanhos. Eram sustentados com dízimos; tinham 48 cidades, Nm 35:7; Js 21:19.

Uma família de levitas, Arão e seus filhos, foram separados para serem sacerdotes. Os demais levitas tinham que ser assistentes dos sacerdotes. Seu dever era o cuidado e a remoção do Tabernáculo e, mais adiante, cuidarem do Templo e funcionarem como mestres, escribas, músicos, oficiais e juízes. Ver sôbre 1 Cr cap. 23.

Caps. 1 a 5. Várias Espécies de Ofertas

Ofertas queimadas (holocaustos): de novilhos, carneiros, cabras, pombas e pombos: eram totalmente queimados, significando completa dedicação pessoal a Deus.

Ofertas de manjares: de cereais, farinha crua, ou cozida, sem fermento. Um punhado era queimado, o resto pertencia aos sacerdotes.

Ofertas pacíficas: de gado vacum, do rebanho, ou de cabras. A gordura era queimada, o resto era comido, em parte pelos sacerdotes, e em parte pelos ofertantes.

Ofertas pelo pecado e as pela culpa: diferentes ofertas por diferentes pecados. A gordura era queimada, o resto, em alguns casos, era queimado fora do arraial, e noutros, era comido pelos sacerdotes. No caso de alguém defraudar outrem, antes da oferta, teria que fazer a restituição, acrescida de um quinto. Significava o reconhecimento do pecado e sua expiação.

Caps. 6, 7. Outras Instruções sobre Ofertas

Além das ofertas mencionadas, havia ofertas de libações, ofertas movidas e ofertas alçadas: eram complementos de outras ofertas.

O modo de sacrificar: o animal era apresentado no Tabernáculo. O ofertante impunha as mãos sobre ele, fazendo-o assim seu representante. Em seguida, o animal era morto. O sangue era esparzido sôbre o altar. Após o que, a parte especificada era queimada.

Freqüência dos sacrifícios: havia holocaustos diariamente, um cordeiro cada manhã e cada tarde. No primeiro dia de cada mês havia outras ofertas. Nas festas de Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos, grandes quantidades de animais eram oferecidas. Também no Dia da Expiação. Além destas ofertas

regulares pela nação, havia outras, por ocasiões especiais, e por indivíduos, pelo pecado, votos, ação de graças, etc.

Caps. 8, 9. A Consagração de Arão

E de seus filhos, ao sacerdócio. Antes da época de Moisés, os sacrifícios eram oferecidos pelos chefes de família. Mas agora, organizada a nação, reserva-se um lugar para os sacrifícios e prescreve-se um ritual, cria-se uma ordem hereditária especial de homens para o serviço, em cerimônia solene. Arão e seu primogênito, por ordem de sucessão, eram sumos sacerdotes. O sacerdócio era sustentado com dízimos dos dízimos dos levitas, e parte de alguns sacrifícios. Foram-lhes dadas 13 cidades, Js 21:13-19.

As vestes do sumo sacerdote. Todas as minúcias foram ditadas por Deus, Êx 28. Uma túnica de azul com campainhas na orla, para que soassem ao entrar ele no Tabernáculo.

Uma estola, espécie de manto, duas peças juntadas nos ombros, caindo uma na frente e outra nas costas, com uma pedra ônix sobre cada ombro. Cada uma das pedras tinha os nomes de seis tribos. A estola era feita de ouro, azul, púrpura, carmesim e linho fino.

Um peitoral, de 25 cm cada lado, de ouro, azul, púrpura, carmesim e linho fino, dobrado, aberto na parte superior como bôlsa, prêso com cadeias de ouro à estola, adornado com 12 pedras preciosas, cada qual com o nome de uma tribo; continha o Urim e Tumim, utilizados quando se queria conhecer a vontade de Deus, mas desconhece-se o que eram.

Êste Sistema de Sacrifícios era de Origem Divina

Foi pôsto por Deus no centro e âmago exato da vida nacional judaica. Quaisquer que fossem as aplicações e implicações imediatas que tinha para os judeus, o incessante sacrifício de animais e o lampejo incessante do fogo dos altares, sem dúvida, foram designados por Deus para inflamar na consciência dos homens o senso de sua profunda pecaminosidade e para ser uma figura multissecular do sacrifício vindouro de Cristo, para Quem êsses sacrifícios apontavam, e em Quem tiveram seu cumprimento.

O Sacerdócio Levítico

Foi divinamente ordenado como medianeiro entre Deus e a nação hebraica *pelo ministério dos sacrifícios de animais*. Aquêles sacrifícios cumpriram-se em Cristo. Sacrifícios de animais não são mais necessários. Cristo mesmo é o grande Sumo Sacerdote do homem: o único Mediador entre Deus e o homem. Hebreus 8, 9, 10 diz isto com muita clareza.

Cap. 10. Nadabe e Abiú

O castigo deles, veloz e terrível, foi um aviso contra a maneira arbitrária de tratar com as ordenanças divinas; dirige-se até aos líderes de igrejas, que deturpam o Evangelho de Cristo, adicionando-lhe toda sorte de tradições humanas.

Cap. 11. Animais Limpos e Imundos

Antes do dilúvio já havia uma distinção entre animais puros e impuros, Gn 7:2. Moisés legislou sobre essa distinção. Baseava-se, em parte, na salubridade deles como alimento, e, em parte, em considerações de ordem religiosa,

destinada a servir como um dos sinais de separação entre Israel e as outras nações. Jesus ab-rogou essa distinção, Mc 7:19, "considerou puros todos os alimentos." Atos 10:12-15 esclarece que a distinção não existe mais e que os gentios não são mais "imundos" para os judeus.

Cap. 12. Purificação das Mães Depois do Parto

O período de separação, no caso de meninos, era de 40 dias; e no caso de meninas, 80 dias. Pensa-se que o propósito disto era manter equilibrado o fiel da balança dos sexos, visto como os homens, por exigência das guerras, estavam mais sujeitos à morte do que as mulheres.

Caps. 13, 14. Preceitos para a Lepra

Esses regulamentos tiveram o propósito de refrear a propagação de uma das moléstias mais repugnantes e temidas.

Cap. 15. A Impureza

O sistema elaborado de especificações sôbre como podia uma pessoa tornar-se cerimonialmente "impura", e as exigências sôbre o assunto, parece que tiveram o desígnio de fomentar o asseio físico individual, bem como o reconhecimento contínuo de Deus em tôdas as esferas da vida. A penalidade era a pessoa afastar-se do santuário e da congregação. A purificação era, em parte, pelo banho e, em parte, pelo sacrifício.

Cap. 16. A Expiação Anual

Dava-se isto no 10.º dia do mês 7.º, ver pág. 140. Era o dia mais solene do ano: aquêle em que o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, para fazer expiação pelos pecados do povo. Os pecados removidos eram de um só ano, Hb 10:3, mas a cerimônia apontava para a remoção eterna, no futuro, Zc 3:4, 8, 9; 13:1; Hb 10:14.

"Bode emissário" (v. 8) traduz-se do nome hebraico "Azazel", que se pensa ter sido um nome correspondente a Satanás. Depois de oferecido o bode sacrificial, o sumo sacerdote impunha as mãos sôbre a cabeça do bode Azazel, confessando sobre ele os pecados do povo e, em seguida, era levado para fora e o deixavam solto numa região deserta, conduzindo, assim, para longe os pecados do povo. Esta cerimônia, como a do sacrifício anual do cordeiro pascal era uma das prefigurações históricas, dadas por Deus, da futura expiação do pecado humano pela morte de Cristo.

Cap. 17. O Modo de Sacrificar

A lei exigia a apresentação dos animais à porta do Tabernáculo. Comer sangue era rigorosamente proibido, 3:17; 7:26,27; 17:10-16; Gn 9:4; Dt 12:16, 23-25; e ainda o é, At 15:29.

Cap. 18. Abominações Cananéias

Se estranhamos que tais coisas como incesto, sodomia, coabitação com animais cheguem a ser mencionadas, a razão é que eram práticas comuns entre os vizinhos de Israel; contra isso Israel foi advertido.

Caps. 19, 20. Leis Diversas

Sobre o sábado. Idolatria. Ofertas pacíficas. Respigas. Furtos. Juramentos. Salários. Tribunais. Mexericos. Amor fraternal. Criações e plantações promíscuas. Adultério. Pomares. Adivinhação. Danificação da barba e incisões na carne. Meretrício. Respeito aos velhos. Bondade para com estrangeiros. Pesos e medidas justos. Culto de Moloque. Feitiçaria. Pais. Incesto. Sodomia. Animais. Pureza e impureza.

Amarás o Teu Próximo Como a Ti Mesmo, 19:18

Era este um dos pontos salientes da Lei Mosaica. Grande consideração era mostrada aos pobres. Os salários tinham que ser pagos cada dia. Nenhuma usura devia-se tomar. Empréstimos e presentes deviam ser feitos aos necessitados. Espigas caídas deviam ser deixadas nos campos para os pobres. Em todas as partes do Antigo Testamento, dá-se ênfase constante à gentileza com viúvas, órfãos e estrangeiros.

Concubinato, Poligamia, Divórcio, Escravidão

Permitiam-se estas coisas, mas com muita restrição, 19:20; Dt 21:15; 24:1-4; Êx 21:2-11. A lei de Moisés elevou o casamento a um nível muito mais alto do que o existente nas nações vizinhas. A escravidão era cercada de consideração humana; nunca existia em larga escala entre os judeus, nem com as crueldades e horrores prevalecentes no Egito, Assíria, Grécia, Roma e outras nações.

A Pena Capital

Os crimes puníveis com a morte eram: Homicídio, Gn 9:6; Êx 21:12; Dt 19:11-13. Seqüestro, Êx 21:16; Dt 24:7. Morte por negligência, Êx 21: 28,29. Ferimento ou maldição de pai ou mãe, Êx 21:15-17; Lv 20:9; Dt 21:18-21. Idolatria, Lv 20:1-5; Dt cap. 13; 17:2-5. Feitiçaria, Êx 22:18. Profecia por ciências ocultas, Dt 18:10,11,20. Blasfêmia, Lv 24:15,16. Profanação do sábado, Êx 31:14. Adultério, Lv 21:10; Dt 22:22. Estupro, Dt 22:23-27. Imoralidade pré-nupcial, Dt 22:13-21. Sodomia, Lv 20:13. Coabitação com animais, Lv 20:15,16. Casamentos incestuosos, Lv 20:11, 12, 14.

Estas Leis Eram Leis de Deus

Algumas são semelhantes às Leis de Hamurabi, sôbre as quais, sem dúvida, Moisés estava bem informado. Embora pudesse ter sido influenciado pela sua formação egípcia e pela tradição babilônica, contudo, ele repete sempre "Assim diz o Senhor", indicando que estas leis foram promulgadas diretamente pelo PRÓPRIO DEUS.

Algumas podem nos parecer severas. Mas se nós pudéssemos transportar-nos para a época de Moisés, provavelmente não nos pareceriam bastante enérgicas. De modo geral, a Lei de Moisés, "por sua insistência sobre moralidade pessoal e igualdade pessoal, por sua consideração aos velhos e aos moços, aos escravos e aos inimigos, aos animais, a regulamentação de sua alimentação e saúde, era muito mais pura, mais racional, humana e democrática do que qualquer outra da legislação antiga, babilônica, egípcia ou outra qualquer, e patenteava uma sabedoria muito mais avançada do que estas." Temos aí o "milagre moral" do mundo pré-cristão.

A Lei de Moisés foi designada para ser um "mestre-escola para nos conduzir a Cristo", Gl 3:24. Algumas das suas provisões acomodavam-se à "dureza de coração" dêles, Mt 19:8.

Caps. 21, 22. Sacerdotes e Sacrifícios

Um desenvolvimento das provisões dos caps. 1 a 9. Os sacerdotes deviam ser sem defeito físico, e só se podiam casar com uma môça virgem. Os animais para sacrifício deviam ser sem defeito e da idade mínima de 8 dias.

Caps. 23, 24. Festas, Candelabro, Pães da Proposição, Blasfêmias

Festas, ver sobre Dt 16. O candelabro devia se conservar aceso contìnuamente. Os pães da Proposição tinham que ser mudados cada sábado. A blasfêmia era punível com a morte. A legislação "olho por olho", 24:19-21, fazia parte da lei civil, era perfeitamente justa, ver sobre Mt 5:38 e Lc 6:27.

Cap. 25. O Ano Sabático. O Ano do Jubileu

O Ano Sabático era todo 7.º ano. A terra ficava de descanso. Nenhuma semeadura, nem colheita, nem poda dos vinhedos. A produção espontânea devia deixar-se para os pobres e peregrinos. Deus prometia dar bastante no 6.º ano, que sobraria para o 7.º. Cancelavam-se as dívidas dos compatriotas judeus.

O Ano do Jubileu era todo 50.º ano. Seguia-se ao 7.º ano sabático, havendo, pois, dois anos seguidos de repouso. Começava no Dia da Expiação. Todas as dívidas eram canceladas, os escravos eram libertados, as terras vendidas eram restituídas. Parece que Jesus o considerou como uma figura do grande jubileu que Êle veio proclamar, Lv. 25:10; Lc 4:19.

Proprietários da Terra

A terra de Canaã foi dividida entre as 12 tribos e, dentro das tribos, entre as famílias. Com algumas exceções, não podia ser vendida perpetuamente fora das famílias. Uma venda equivalia a um arrendamento até ao jubileu, quando o imóvel voltaria à família original.

O Número SETE

Cada 7.º dia, um sábado.

Cada 7.º ano, um ano sabático.

Cada 7.º ano sabático era seguido de um ano de jubileu.

Cada 7.º mês era especialmente sagrado, tendo 3 festas.

Havia 7 semanas entre a Páscoa e o Pentecostes.

A festa da Páscoa durava 7 dias.

A festa dos Tabernáculos durava 7 dias.

Na Páscoa 14 cordeiros (2 vezes 7) eram oferecidos cada dia.

Na festa dos Tabernáculos 14 cordeiros (2 vezes 7), diàriamente, e 70 novilhos.

No Pentecostes 7 cordeiros eram oferecidos.

Ver mais na pág. 612.

Cap. 26. Obediência ou Desobediência

Êste capítulo, como Dt 28, de magníficas promessas e tremendos avisos, é um dos mais notáveis da Bíblia. Lêde-o muitas vêzes..

Cap. 27. Votos e Dízimos

Dízimos: Gn 14:20; 28:22; Lv 27:30-32; Nm 18:21-28; Dt 12:5,6, 11,17,18; 14:23, 28:29; 26:12. Uma décima parte do produto da terra e do aumento dos rebanhos e manadas devia ser dada a Deus.

Mencionam-se três dízimos: o levítico, o festivo e o dos pobres cada 3.º ano. Pensam alguns que havia só um dízimo, usado em parte para as festas e em parte para os pobres cada 3.º ano. Pensam outros que o dízimo das festas era tirado dos 9/10 deixados, depois que se pagava o dízimo levítico.

O dízimo estêve em uso muito antes dos dias de Moisés. Abraão e Jacó pagaram-no. Entre os judeus destinava-se ao sustento dos levitas; e os levitas se ocupavam do govêrno civil tanto quanto do serviço religioso, ver sobre 1 Cr cap. 23. Certo é que os cristãos devem dispor-se a dar tanto para a manutenção do evangelho quanto os judeus davam para o seu culto, e, ainda mais.

Primícias. Deus declarava seus não só os dízimos, como também os primogênitos de todas as famílias (no lugar destes aceitou a tribo de Levi), e os primogênitos de todos os rebanhos e manadas, e os primeiros frutos dos campos. As primícias das colheitas deviam ser oferecidas na Páscoa, e nada da nova safra podia ser usado enquanto não se fizesse isso, Lv 23:14. A idéia era a seguinte: a safra era impura até que o seu produto fosse dedicado a Deus. Lição: Colocar Deus em primeiro lugar na vida.

NÚMEROS

Os Quarenta Anos no Deserto

A Jornada de Israel para a Terra Prometida

Esbôço e Cronologia da Jornada

A Partida do Egito:	Dia 15 do 1.º mês
A Travessia do Mar Vermelho.	
Em Mara (Mapa 31); Elim; Deserto de Sim;	
A murmuração do povo;	
Codornizes e Maná	Dia 15 do 2.º mês
Em Refidim; água da rocha;	
A batalha com Amaleque; Jetro.	
No Sinai: os Dez Mandamentos; o Concêrto	Dia (?) do 3.º mês
O livro de Leis; Moisés 40 dias no monte;	
O Bezerro de Ouro; outros 40 dias no monte;	
A construção do Tabernáculo; o censo;	1.º dia, 2.º mês, 2.º ano
A partida do Sinai;	20.º dia, 2.º mês, 2.º ano
Estiveram no Sinai cerca de 1 ano.	
Em Tabera: fogo; codornizes; praga.	
Em Hazerote:	
A sedição de Miriã e Arão.	
Em Cades-Barnéia: espias enviados;	
O povo se revolta; Moisés intercede;	
O povo é derrotado; outras leis;	
Coré; morrem 14.700; a vara de Arão.	
38 anos perambulando pelo deserto.	
Em Cades-Barnéia pela segunda vez:	1.º mês, 40.º ano
A morte de Miriã, água da rocha;	
O pecado de Moisés.	
A última arrancada para Canaã.	
Edom recusa passagem.	
No Monte Hor: a morte de Arão;	1.º dia, 5.º mês, 40.º ano
Israel desbarata os cananeus.	
Ao sul do Monte Hor: serpentes.	
Ao Leste e ao Norte em redor de Edom.	
Depois ao Norte ao longo da fronteira leste de Moabe.	
A conquista dos amorreus em Basã.	
Acampam nas campinas de Moabe:	
Balaão; o pecado de Peor;	
24.000 mortos; o censo;	
A destruição de midianitas;	
2 1/2 tribos fixam-se a leste do Jordão;	
A despedida de Moisés; sua morte.	*1.º dia, 11.º mês, 40.º ano*
A travessia do Jordão.	10.º dia, 1.º mês, 41.º ano
A celebração da Páscoa; cessa o Maná.	*14.º dia, 1.º mês, 41.º ano*

Amorreus
Mt. Nebo
Amonitas
Hebrom
Moabitas
Amalequitas
Edomitas
Petra
Cades-Barnéia
Vale de ARABÁ
Midianitas
Eziom-Geber
Mar-Morto
Hazerote
Tabera
Mt. Sinai

Mapa 34

Cap. 1. O Censo

Tomado no Monte Sinai, este censo mostrou que havia 603.550 homens, maiores de 20 anos, excluídos os levitas (vv. 45-47). Outro censo, 38 anos mais tarde, nas ribanceiras do Jordão, revelou haver 601.730, ver sobre o cap. 26.

Caps. 2, 3, 4. A Organização do Acampamento

Cada pormenor foi fixado com precisão militar. Tornou-se necessário fazer assim para se poder movimentar tão vasta multidão. A disposição das tribos foi a da maneira seguinte:

Quando levantavam o acampamento, Judá e as tribos do leste marchavam na vanguarda. No centro, o Tabernáculo era defendido pelas tribos do sul e do oeste; as tribos do norte fechavam a retaguarda.

Caps. 5, 6. Um Conjunto de Leis. Sobre leprosos; restituições: mulheres suspeitas de adultério; votos. A bênção magnífica, 6:24-26.

Caps. 7, 8, 9. A Preparação para a Jornada. Ofertas dos príncipes. Dedicação do Tabernáculo. A Consagração dos Levitas. A Celebração da Páscoa. A nuvem, 9:15-25, ver sôbre Êx 13:21.

Caps. 10, 11. A Partida para a Terra da Promessa. Tinham estado um ano no Monte Sinai. A nuvem ergueu-se. As trombetas de prata soaram. Judá marchou na dianteira. E puseram-se a caminho.

Dentro de 3 dias, em Taberá, começaram a murmurar, 10:33; 11:1-3. Nisto eram especialistas. Sabiam como se queixar. Deus enviou-lhes codornizes, mas então feriu-os com uma praga. Ver sobre Êx 16.

Cap. 12. A Sedição de Miriã e Arão

Pobre Miriã, antes que o fato chegara ao fim, ela desejou nunca o haver provocado. Moisés era "mui manso" (v. 3). Que traço admirável do cará-

ter de um dos maiores homens dos séculos! Jesus, com todo o poder do céu em suas mãos, era "manso", e disse: "Bem-aventurados os mansos", Mt 5:5; 11:29.

Caps. 13, 14. Doze Espias Enviados a Canaã

Moisés planejava ir diretamente do Sinai a Canaã. Dirigiu-se em linha reta a Cades, 241 km ao norte do Sinai, 80 km ao sul de Berseba, a porta meridional de acesso a Canaã, intentando logo ali entrar.

Mas os espias trouxeram um relatório desanimador, e o povo temeu. Recusaram-se a prosseguir e teriam apedrejado Moisés se Deus milagrosamente, não interviesse. Foi êste o ponto crucial da viagem. À vista da Terra Prometida, recuaram. Para êles a oportunidade nunca mais voltou. Calebe e Josué, os dois espias que quiseram prosseguir, foram os únicos, de 600.000 homens maiores de 20 anos, que viveram para entrar em Canaã.

Caps. 15 a 19. Várias Leis. A Rebelião de Coré

Coré, com inveja de Moisés, procurou usurpar-lhe a chefia. Moisés levou o caso diretamente a Deus, como fazia em todo momento crítico. E Deus resolveu a questão ràpidamente. Abriu-se a terra e os rebeldes foram engolidos.

As Tribulações de Moisés

Certo é que êle as teve em quantidade. Mal saíra do Egito começou a luta. Os amalequitas atacaram imediatamente; e um ano mais tarde, em Cades. Edomitas, moabitas, amonitas, amorreus e midianitas, todos cooperaram para entravar o caminho de Israel em demanda de Canaã.

E seu próprio povo, que havia sido libertado do Egito e sustentado por milagres assombrosos, murmurava e tornava a murmurar, queixava-se e tornava a queixar-se, revoltava-se e tornava a revoltar-se. Começaram a queixa no Egito. Depois, no Mar Vermelho. Adiante, em Mara. Depois, no deserto de Sim. Logo mais em Refidim; em Taberá; Hazerote; Meribá; e agora em Cades, às portas da Terra Prometida, recusavam-se positivamente prosseguir, pouco faltando para o coração de Moisés desfalecer.

Além de tudo isto, Moisés não cessava de afligir-se com os seus próprios auxiliares de confiança. Arão fêz o bezerro de ouro no Sinai. Miriã e Arão tentaram desautorizá-lo, cap. 12. Dez dos 12 espias lideraram o povo na recusa de entrar em Canaã. Estavam dispostos a apedrejar Moisés, 14:10; Êx 17:4.

E, por fim, Moisés não teve permissão para entrar na Terra Prometida, o sonho que êle alimentara durante tôda a vida.

A não ser pela graça miraculosa de Deus, não vemos como êle pôde suportar tudo isso. Quando, porém, nas ribanceiras do Jordão, Deus o tomou, não para Canaã, mas para a habitação lá de cima, então êle compreendeu tudo.

Cap. 20. A Arrancada Final para Canaã

Parece haver um lapso de 38 anos entre os caps. 19 e 20, cobrindo o intervalo entre a primeira chegada a Cades, 13:26, e a partida final daí para Canaã; sôbre isso nada se nos diz. No cap. 33 há uma relação de acampamentos, 40 ao todo, desde o Egito às campinas de Moabe. Dêstes, 18 ocorreram entre Ritma e Cades. Pensa-se que Ritma era outro nome de Cades.

Julgamos, pois, da expressão "muitos dias em Cades", Dt 1:46, e da menção desses 18 acampamentos entre a primeira e a segunda chegada a Cades, que possivelmente êsse lugar seria um como quartel-general, com esses outros acampamentos, conforme Deus os dirigia. Não estiveram se mudando todo o tempo. Permaneciam algum tempo num lugar, com seus rebanhos pastando pelas colinas e vales circunvizinhos. Depois, ao sinal vindo da tenda, partiam.

O pecado de Moisés, que lhe custou não pisar na Terra da Promessa, parece que foi não ter dado a Deus a glória da realização do milagre da água da rocha, 20:10, 12.

Miriã, Arão e Moisés, morreram todos no mesmo ano. Miriã, em Cades, v. 1. Arão, no Monte Hor, v. 28. Moisés, no Monte Nebo, Dt 32:50; 34:1,5. Miriã com uns 130 anos. Arão, 123. Moisés, 120.

"Recolhido a seu povo", 24, é uma expressão bela do Antigo Testamento para significar a morte, dando a idéia de uma nova reunião com os queridos no além-túmulo.

NOTA ARQUEOLÓGICA: Cades

Cades-Barnéia, 20:1; Dt 1:19, é hoje, geralmente, identificada com Ain Kadees, um oásis "singularmente belo", regado por duas fontes vivas de água puríssima que mana de sob uma penha. Ao lado há uma fonte extinta. Cobern pensa que Moisés feriu a rocha acima da fonte extinta. Feriu-a "duas vezes", Nm 20:11; e estas duas novas fontes brotaram; e ainda hoje a água corre. Veja-se "Recent Explorations in Palestine", de Cobern.

Cap. 21. De Cades ao Jordão

Talvez a coalizão de amalequitas e cananeus um pouco ao norte de Cades parecia demasiadamente forte para que Israel tentasse fazer caminho direto a Hebrom. De qualquer modo, Deus tinha outros planos.

Partiram na direção leste, para avançar pela praia oriental do Mar Morto, através do território de Edom. Mas Edom não o permitiu.

Moisés então voltou-se na direção sul, abaixo do Arabá, o vale desolado que se estendia do Mar Morto ao Mar Vermelho, "grande e terrível deserto", pela rota extensa, circular e arriscada, que contornava o oriente de Edom e Moabe, e daí na direção norte, ao longo da fronteira da Arábia, até Basã, ao leste do Mar da Galiléia, e daí na direção sudoeste para as campinas de Moabe, do outro lado de Jericó. Deus ordenou a Moisés que não molestasse os edomitas, moabitas ou amonitas, ainda que eles procurassem estorvar a marcha de Israel.

A serpente de bronze, 2:6-9. Uma prefiguração histórica do evangelho. Assim como os que foram mordidos pelas serpentes venenosas olhavam para a serpente de bronze e eram curados, assim, se nós que fomos feridos pela antiga serpente, o diabo, olharmos para Jesus, viveremos, Jo 3:14.

Os israelitas depois fizeram da serpente de metal um ídolo, e chamaram-na Neustã, e lhe queimaram incenso, até que, 700 anos mais tarde, Ezequias a destruiu, 2 Rs 18:4.

Conquista de Gileade e Basã, vv. 21-35. Os amorreus, que atravessaram para o leste do Jordão e fizeram os amonitas retroceder, atacaram

Israel. Moisés havia evitado escrupulosamente atacar qualquer das nações através de cujos territórios marchava. Mas agora que os amorreus atacaram, ele repeliu-os e apoderou-se do território deles. Depois Basã investiu; Moisés desbaratou-o; e a região leste do Jordão tornou-se sua.

NOTA ARQUEOLÓGICA:

O Caminho de Israel

Escavações recentes revelaram as ruínas de centenas de cidades fortificadas que cobriam outrora as colinas de Moabe, Amom e Gileade, indicando população densa e povos poderosos, no tempo de Moisés.

(Mapa 35.)
Viagem para Canaã)

Caps. 22 a 25. Balaão

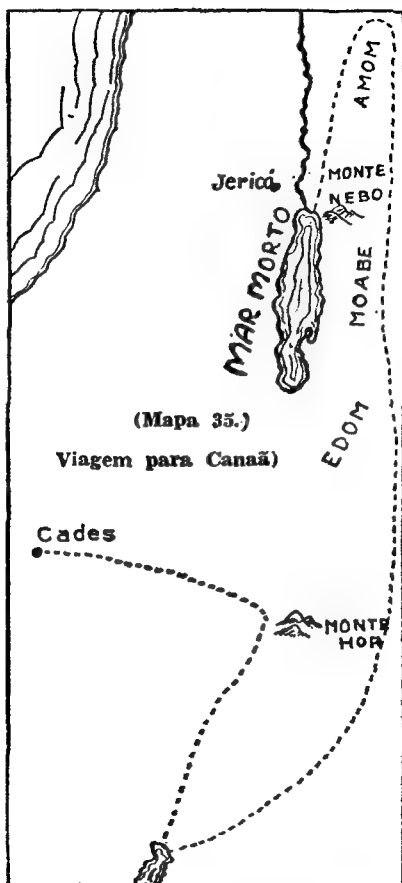
Suas profecias foram uma predição notável do lugar influente e Israel na História, mediante uma "Estrela" a erguer-se de Jacó, 24:17. Embora Deus se servisse dele para proferir profecias certas, Balaão a troco de dinheiro, instigou Israel a cometer pecado vergonhoso com mulheres moabitas e midianitas em virtude do que ele foi morto, perecendo também 24.000 isarelitas, 31:8, 16; 25:9. O nome de Balaão tornou-se sinônimo de falso mestre, 2 Pe 2:15; Jd 11; Ap 2:14.

Cap. 26. O Segundo Censo

A vida no deserto deve ter sido dura, porque dos 600.000 maiores de 20 anos, do primeiro censo, cap. 1, somente duas pessoas de mais de 60 anos de idade sobreviveram. A nova geração, afeita às asperezas do deserto e por elas trabalhada, foi de coragem e fibra, uma classe diferente de pessoas, não como os seus pais, escravos, recém-libertos das panelas de carne do Egito.

O livro de NÚMEROS toma o nome destes dois recenseamentos.

Caps. 27 a 36. Vários Regulamentos e Eventos

Filhas sem irmãos, cap. 27. Festas e ofertas, caps. 28, 29. Votos, cap. 30. Matança dos midianitas, cap. 31. Duas tribos e meia fixam-se a leste do Jordão, cap. 32. Diário resumido dos 40 anos, cap. 33. Instruções sòbre a divisão da terra, cap. 34: ver sobre Js 13. Cidades dos levitas, cap. 35: ver sobre Js 21. Filhas sem irmãos, cap. 36, também cap. 27.

O Calendário Judaico

Havia o ano sagrado e o ano civil. O sagrado começava na primavera. O civil começava no outono. O 7.º mês sagrado era o 1.º mês civil. Dividia-se o ano em 12 meses lunares, com um 13.º mês 7 vezes em cada 19 anos.

O dia natural era do nascer ao pôr do sol. A noite natural do pôr ao nascer do sol. O dia civil, de um nascer do sol ao outro.

Contavam-se as horas desde as 6 da manhã e desde as 6 da tarde. A primeira vigília, à tarde, era das 18 às 21 horas; a segunda vigília, das 21 à meia-noite; a terceira vigília, da meia-noite às 3 da madrugada; a quarta vigília, das 3 às 6 da manhã.

MÊS	NOME	APROXIMADAMENTE	FESTAS
1.º	Abib ou Nisã	Março-Abril	Páscoa
2.º	Ziv ou Iyar	Abril-Maio	
3.º	Sivã	Maio-Junho	Pentecostes
4.º	Tamuz	Junho-Julho	
5.º	Ab	Julho-Agôsto	
6.º	Elul	Agôsto-Setembro	
7.º	Etanim ou Tisri	Setembro-Outubro	Tabernáculos
8.º	Bul ou Marquesevã	Outubro-Novembro	
9.º	Quisleu	Novembro-Dezembro	Dedicação
10.º	Tebete	Dezembro-Janeiro	
11.º	Sebate	Janeiro-Fevereiro	
12.º	Adar	Fevereiro-Março	Purim

A Festa da Dedicação foi instituída mais tarde, ao tempo dos Macabeus; a Festa de Purim, ao tempo de Ester.

Como Podia o Deserto Sustentar 3.000.000 de Pessoas por 40 Anos?

A Bíblia responde simplesmente que o sustento veio de um AUXÍLIO DIRETO E MIRACULOSO DE DEUS. Os milagres eram tão freqüentes e estupendos, que a intenção evidente do registro dos fatos, é que êstes não seriam possíveis a não ser pela mão de Deus. Aos que acham difícil crer nesses fatos, respondemos: para alguns de nós é mais fácil crer nêles, exatamente como vêm relatados, do que acreditar nas teorias estranhas e fantasiosas, inventadas para desacreditá-los. Tais fatos combinam com a história bíblica inteira. Pode ser que os números registrados são passíveis de outra maneira de interpretação: que os "milhares" eram "grupos tribais". Neste caso, pode-se reduzir os números sem desprezar o texto.

O propósito dos milagres do deserto podemos admitir que foram: 1. Preservar a nação. No plano divino estava determinado que uma nação messiânica prepararia o caminho do Messias vindouro. 2. Desenvolver na nação, criada no meio da idolatria egípcia, a fé em DEUS, o único verdadeiro Deus; e ser ela um exemplo, para todos os tempos, de que em Deus se pode confiar em todas as circunstâncias da vida. 3. Influir nas nações vizinhas, nos cananeus em particular, para que compreendessem o movimento de Israel para Canaã, era do plano de Deus, e que teria de ser com Deus que eles ajustariam contas.

Além de vários milagres paralelos, a transplantação em massa de tôda uma grande nação, de uma terra para outra, e, nesse ínterim, a manutenção dela por 40 anos num deserto, foi, em si mesmo, o milagre mais estupendo dos séculos.

Milagres

A Bíblia é a Palavra de Deus. São parte integrante da Bíblia essas narrativas de MILAGRES, com o objetivo específico de mostrar que ela é a Palavra de Deus. Se não fôssem êsses milagres, como saberíamos que ela é a revelação sobrenatural de Deus? Onde não há milagre, não há evidência de divindade.

Pôsto que os milagres se patenteiem tanto na Bíblia, não são abundantes em tôdas as suas partes. Os milagres bíblicos, não incluindo profecias e seu cumprimento, são particularmente observáveis em quatro grandes períodos, separados por séculos um do outro:

No estabelecimento da nação messiânica: Moisés e Josué: 1400 a.C. ou 1280 a.C.

No momento crítico da luta contra a idolatria: Elias e Eliseu: 850 a.C.
No cativeiro, quando a idolatria preponderava: Daniel: 600 a.C.
Na inauguração do cristianismo: Jesus e os apóstolos.

Milagres de Moisés

Afora Jesus, jamais foi dado a qualquer homem ser veículo de tantas e tão assombrosas manifestações do poder divino:

As pragas do Egito — A passagem pelo Mar Vermelho a pé enxuto — A água tornada potável em Mara — As codornizes mandadas ao deserto de Sim e em Taberá — Maná cada dia por 40 anos — A água da rocha em Refidim e em Meribá — Cenas cataclísmicas no Sinai — A voz de Deus de cima do monte — Os Dez Mandamentos escritos em pedra pelo dedo de Deus — O esplendor da face de Moisés — Moisés fala face a face com Deus — A lepra de Miriã, enviada e removida — Coré e seus sequazes rebeldes engolidos pela terra — Flagelos punitivos em Taberá, Cades e Peor — A vara de Arão floresce — A cura do povo pela serpente de bronze — A jumenta de Balaão fala — Balaão profere surpreendentes profecias — Israel conduzido 40 anos por uma nuvem sobrenatural — As vestes não envelheceram nem os pés incharam.

Evidentemente Moisés não poderia tirar Israel do Egito e sustentá-lo no deserto por 40 anos, não fôsse o auxílio direto e milagroso de Deus. Tão alto privilégio espiritual, como no caso de Paulo, acompanhou-se de sofrimento quase inacreditável, ver pág. 540.

Discursos de Despedida de Moisés

Recapitulação da História

Repetição das Principais Leis

Avisos Solenes

Êste livro contém:

A predição de um profeta semelhante a Moisés, 18:15-19
O que Cristo chamou O Grande Mandamento, 6:4
Palavras que Cristo citou contra o Tentador, 6:13,16; 8:3
Trechos da mais aprimorada eloqüência que no mundo existe.

A palavra "Deuteronômio" quer dizer "Segunda Lei", ou "Repetição da Lei". Em Êxodo, Levítico e Números promulgaram-se leis a intervalos. Agora, terminada a peregrinação, nas vésperas de entrarem em Canaã, essas leis são repetidas e comentadas, em antecipação à vida sedentária e aplicadas a esta.

Algumas passagens, pela sua verdadeira eloqüência, ultrapassaram tudo que há na literatura, mesmo tratando-se de Demóstenes, Cícero, Pitt, ou Webster.

Caps. 1, 2, 3. Do Sinai ao Jordão

Uma síntese retrospectiva de Nm caps. 1-33. Depois de ter realizado um dos mais nobres e heróicos empreendimentos dos séculos, o último apelo de Moisés a Deus, para que o deixasse passar o Jordão, não é atendido, 3:23-28, porque Deus tinha algo melhor para êle, num mundo melhor.

Caps. 4, 5. Apegai-vos à Palavra de Deus

Exortações veementíssimas para que os israelitas observem os mandamentos divinos, os ensinem diligentemente aos filhos e fujam da idolatria; com o lembrete reiterado de que a segurança e a prosperidade deles dependeriam de sua lealdade e obediência a Deus.

Os Dez Mandamentos, cap. 5, são dados também em Êx 20.

Cap. 6. O Grande Mandamento

"Amarás o SENHOR teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de tôda a tua fôrça", v. 5. Isto é repetido sempre, 10:12; 11:1,13,22. E foi frisado de nôvo por Jesus, Mt 22:37, em cujo ensino ocupou o primeiro lugar.

Para que se perpetuassem as idéias de Deus entre o povo, êles não deviam depender só da instrução pública; tinham de ensiná-las diligentemente no lar, vv. 6-9. Visto como os livros eram poucos e esparsos, o povo tinha de escrever certas partes importantes da Lei nas umbreiras das portas, atá-las nos braços e testas, e falar sôbre elas constantemente. A finalidade era imprimir neles a Palavra de Deus com tanta persistência que viesse a fazer parte de sua natureza mental.

Cap. 7. Os Cananeus e os Ídolos Deviam ser Destruídos

Nenhum convênio ou casamento se devia celebrar com eles. Isto era necessário para livrar Israel da idolatria e suas abominações.

Cap. 8. Recordação dos Prodígios do Deserto

Por 40 anos tinham sido "provados" e nutridos com maná; suas "vestes não se envelheceram", nem seus pés incharam; para que aprendessem a confiar em Deus, e a viver pela Sua Palavra, vv. 2-5.

Caps. 9, 10. A Persistente Rebelião de Israel

Três vezes Israel é lembrado de que o tratamento admirável que Deus lhe deu não foi por causa da justiça dêle, 9:4,5,6. Ele tinha sido um povo descontente, rebelde e teimoso todo o tempo.

Cap. 11. Bênçãos da Obediência

Capítulo notável. Como os caps. 6 e 28, apela para a devoção à Palavra de Deus e obediência a Seus mandamentos, como base da prosperidade nacional, com magníficas promessas e sinistras advertências.

Caps. 12, 13, 14, 15. Ordenanças Várias

Todos os ídolos tinham que ser destruídos. Criado no canteiro da idolatria egípcia e rodeado durante toda a vida por gente idólatra, Moisés nunca transigiu com a idolatria. E como avisara repetidamente, a idolatria tornou-se a ruína da nação.

"Alegrar-vos-eis": note-se quantas vezes ocorre esta palavra, 12:7,12, 18; 14:26; 28:47. É palavra predileta dos Salmos e das Epístolas. Buscai vossa felicidade em Deus.

Animais limpos e imundos, 14:1-21, ver sobre Lv cap. 11. Dízimos, 14: 22-29, ver sobre Lv cap. 27. O Ano Sabático, 15:1-11, ver sobre Lv cap. 25. Escravidão, 15:12-18, ver sobre Lv cap. 19. Primícias, 15:19-23, ver sobre Lv cap. 27.

Cap. 16. Festas Fixas

Três vezes no ano todos os do sexo masculino tinham de comparecer diante de Deus: nas festas da Páscoa, de Pentecostes e dos Tabernáculos. Além destas havia a Festa das Trombetas e o Dia da Expiação. O objetivo de tais festas era fazer que Deus sempre estivesse no pensamento do povo, e fomentar a unidade nacional.

A Páscoa, também chamada festa dos pães asmos, observava-se na primavera, no dia 15 do 1.º mês e durava 7 dias, como um memorial do livramento dos israelitas do Egito.

O Pentecostes, também chamado festa das semanas, da ceifa, ou das primícias, celebrava-se no 50.º dia depois da Páscoa, e durava 1 dia.

Tabernáculos, também chamada festa da colheita, ocorria no 15.º dia do 7.º mês, 5 dias depois do Dia da Expiação, e durava 7 dias.

A Festa das Trombetas, no 1.º dia do 7.º mês, dava entrada ao ano civil, ver sobre Nm cap. 28.

O Dia da Expiação, no dia 10 do mês 7.º, ver sobre Lv cap. 16.

Cap. 17. A Predição de um Rei

Deus o prediz aqui, com algumas instruções e avisos, vv. 14-20. O Reino inaugurou-se uns 400 anos mais tarde, ver sôbre 1 Sm cap. 8. Samuel disse ao povo que, pedindo um rei, estava rejeitando a Deus. Não há nisso contradição. O fato de Deus saber dantemão que êles iam querer um rei não importa em aprovar essa atitude, mas apenas diz que Êle previu isso, querendo ser consultado na escolha. Repudiando a forma de governo que Deus lhes dera, repudiavam o próprio Deus. Note-se o que diz sobre a obrigação dos reis de serem leitores da Palavra de Deus durante todos os dias de sua vida, vv. 18-20. Que ótima sugestão para os governantes de hoje! Note-se também que os reis começaram logo a fazer o que Deus dissera que não deviam fazer: multiplicar para si mulheres, e cavalos e ouro, vv. 16, 17; 1 Rs 10:14-29; 11:1-13.

Cap. 18. O Profeta Semelhante a Moisés

Esta predição, vv. 15-19, pode no seu sentido mais lato, referir-se à sucessão dos profetas que Deus haveria de suscitar nas emergências da história de Israel. Mas sua linguagem iniludìvelmente aponta para um indivíduo ilustre, O MESSIAS. Temos aí uma das predições mais específicas, a respeito de Cristo, no Antigo Testamento. Jesus assim o entendeu, Jo 5:46. De igual modo Pedro, At 3:22.

A nação judaica estava sendo estabelecida por Deus como meio pelo qual um dia todas as nações seriam abençoadas. Aqui está uma declaração explícita de que o sistema em tôrno do qual a nação estava sendo organizada não seria o sistema pelo qual esta nação abençoaria tôdas as outras; mas que seria suplantado por outro sistema, dado por outro profeta, que traria a mensagem de Deus para todos os povos. O judaísmo seria suplantado pelo cristianismo.

Cap. 19. Cidades de Refúgio

Para proteção dos que causassem morte por algum acidente. Moisés já havia separado três de tais cidades a leste do Jordão: Bezer, Ramote e Golã, 4:41-43. Mais tarde Josué designou três ao oeste do Jordão: Quedes, Siquém e Hebrom. Todas as seis cidades eram cidades dos levitas, incluídas nas suas 48 cidades, Nm 35:6.

Cap. 20. Leis de Guerra

Os que tivessem casa recém-edificada, ou tivessem acabado de plantar uma vinha, ou fossem recém-casados, ou fossem de coração tímido, deviam ser dispensados do serviço militar. Os cananeus deviam ser destruídos; as árvores frutíferas seriam poupadas.

Caps. 21 a 26. Leis Diversas

O caso de ser desconhecido um homicida — Espôsas prisioneiras — Filhos de uniões poligâmicas — Filhos rebeldes — O castigo da morte seria por enforcamento — Animais extraviados — Coisas perdidas — As vestes do homem seriam diferentes das da mulher — Disposição sobre pássaros chocando, a serem poupados — Os tetos das casas teriam parapeito — Sobre trabalhos do campo e sobre vestes — Meretrício — Adultério — Estu-

pro — Eunucos — Bastardos — Amonitas — Moabitas — Edomitas — Limpeza no arraial — Tratamento a dar a escravos refugiados — Prostitutas — Sodomitas — Meretrizes — Usura — Votos — Divórcio — Casamento — Penhores — Rapto — Lepra — Salários — Justiça com os pobres — Respigas — 40 Açoites seriam o limite — Casamentos leviratos — Interferência em brigas — Pesos e medidas diferentes — Amalequitas — Primícias e dízimos, ver sobre Lv cap. 27.

Cap. 27. A Lei Seria Perpetuada no Monte Ebal

Josué fez assim, Js 8:30-32. Num tempo em que os livros eram escassos costumava-se registrar leis em pedras e erigi-las em várias cidades, de modo que o povo as conhecesse. Foi feito assim no Egito e em Babilônia, como por exemplo o Código de Hamurabi, ver pág. 50. Moisés ordenou aos israelitas que fôsse isto a primeira coisa que fizessem em Canaã. As pedras deveriam ser rebocadas com rebôco e as leis nela escritas "muito claramente".

Cap. 28. A Grande Profecia sobre os Judeus

É um capítulo admirável. Esboça-se aí tôda a história futura da nação judaica. O cativeiro babilônico e a destruição pelos romanos são descritos vìvidamente. A "águia" (v. 49) era insígnia do exército romano. Tanto no cêrco dos babilônios como no dos romanos, homens e mulheres de Jerusalém comeram seus próprios filhos, vv. 53-57. A dispersão dos judeus, sua vida errante, as contínuas perseguições que sofrem, o tremor de coração e o desmaio de alma, até à data presente, tudo está aí gràficamente predito. Êste cap. 28 de Deuteronômio, pôsto ao lado da história do povo hebraico, constitui uma das mais estupendas e indiscutíveis evidências da divina inspiração da Bíblia. De que outro modo se explica o fato?

Caps. 29, 30. O Concêrto e os Avisos Finais

Algumas das últimas palavras de Moisés, ao descrever êle as temíveis conseqüências da apostasia: "servi a Deus e tereis o caminho da vida; servi aos ídolos e encontrareis morte certa".

Cap. 31. Moisés Escreveu Esta Lei num Livro

40 anos antes êle escrevera Palavras de Deus num Livro, Êx 17:14; 24:4, 7. Escrevera um diário de suas jornadas, Nm 33:2. Agora que o livro está completo, entrega-o aos sacerdotes e levitas com ordens que seja lido periodicamente ao povo. Ensinar constantemente ao povo a Palavra de Deus escrita é a maneira mais segura e mais eficiente de premuní-lo contra a corrução de sua religião. Quando Israel dava ouvidos à Palavra Divina, prosperava. Quando a negligenciava, sobrevinha-lhe adversidade.

Foi a leitura do Livro de Deus que deu lugar à grande reforma do rei Josias, 2 Rs cap. 23. Igualmente à de Esdras, Neemias cap. 8. Do mesmo modo à de Lutero. Os livros do Nôvo Testamento foram escritos para serem lidos nas igrejas, 1 Ts 5:27; Cl 4:16. A Palavra de Deus em si é poder divino no coração humano. Oxalá os púlpitos de hoje aprendessem, por algum meio, sôbre como se colocar em segundo plano, para que, nêles, a Palavra de Deus possa sobressair!

NOTA ARQUEOLÓGICA:

A Lei tinha muitas raízes históricas:

(a) Muitos dos objetos do culto eram de uso geral. O Tabernáculo e a Arca têm antecedentes egípcios em muitos pormenores. As placas de Ras Shamra contém detalhes semelhantes.

(b) Muita coisa no ritual era de uso anterior, e.g. o sacrifício de animais. As ofertas pela transgressão, as ofertas pacíficas, as ofertas voluntárias, as primícias, o pão asmo, etc., são detalhes das placas de Ras Shamra, e estas não são comprovadamente imitações do ritual mosaico. Realmente, demonstram uma origem em comum, (cf. as Placas da Criação e do Dilúvio).

(c) Muita coisa na legislação social tem paralelos no Código de Hamurabi e nos dos heteus.

Assim, em certo sentido, muita coisa na Lei é pré-Mosaica, no mesmo sentido no qual muita coisa na Oração Dominical é pré-cristão. Não se reivindica nenhuma originalidade no sentido restrito da palavra, nem para uma, nem para a outra. Mas:

(a) O código mosaico é a ordem divinamente sancionada da teocracia.

(b) O código mosaico é mais humano na sua penologia.

(c) O código mosaico nada contém do paganismo dos códigos mais antigos (e.g. as instruções de Ras Shamra sobre como ferver o cabritinho no leite materno).

(d) O código mosaico dá mais valor à vida humana, e relaciona tudo com Deus, com o amor de Deus, e com o amor para com o próximo.

Cap. 32. O Cântico de Moisés

Quando acabou de "escrever o livro", Moisés compôs um cântico para que o povo o cantasse. Celebrara com cântico o livramento dele no Egito. Êx cap. 15. Escrevera outro, conhecido como Salmo 90. Um dos melhores meios de gravar idéias no coração do povo são os cânticos populares. Débora e Davi, cantando, derramaram suas almas diante de Deus. A Igreja, desde seus primórdios até hoje, tem usado este meio de expressão rítmica unida para perpetuar e divulgar as idéias pelas quais ela se bate.

Cap. 33. Bênçãos de Moisés

Aí as tribos são chamadas pelo nome, havendo predições sôbre cada uma; idênticas à bênção de Jacó sôbre seus filhos, Gn cap. 49.

Cap. 34. A Morte de Moisés

"Aos 120 anos, de vista ainda clara, pleno de vigor natural, o ancião galgou o Monte Pisga. Enquanto contemplava a terra da promessa, na qual ansiava entrar, Deus ternamente o trasladou para uma habitação melhor. Num instante sua alma penetrou além do véu e ele se achou em casa com Deus. O SENHOR sepultou-lhe o corpo em lugar que ninguém sabe. Seus restos mortais ficaram, assim, fora do alcance de qualquer idolatria."

Moisés falava com Deus "face a face", v. 10; Êx 33:11; Nm 12:8. Não quer isto dizer que êle via Deus em sua plena refulgência, o que nos é impossível enquanto na carne, Jo 1:18; mas uma manifestação da glória divina mais íntima do que a que outros tiveram.

O Monte Nebo

O mais elevado píncaro do monte Pisca, 13 km a leste da foz do Jordão. Assinala o fim da jornada terrestre de Moisés. De seu cume podiam-se divisar os montes da Judéia e Galiléia, e o Monte Carmelo, onde Elias, 500 anos passados, chamaria fogo do céu, e de onde partiria para o Monte Sinai, onde Moisés deu a Lei, e daí sairia para o Monte Pisga, onde Moisés morreu, como se Elias quisesse estar com Moisés em sua morte. Depois, do lugar onde Moisés morreu, vieram os anjos e transportaram Elias para juntar-se a êle na Glória.

Na Transfiguração de Jesus

Do cume do Pisga, em dia claro podia-se ver distante, ao norte, a crista nevada do Monte Hermon, onde Jesus se transfigurou e onde Moisés foi outra vez visto por olhos mortais, Moisés com Elias, os dois representantes da Lei e dos Profetas, a conversarem com Jesus sobre a obra para a qual a Lei e os Profetas prepararam o caminho. Aí Moisés tomou parte no anúncio celestial de que havia chegado o tempo de a Dispensação por êle inaugurada dar lugar à outra, a do Profeta Maior por ele predito: de que dali por diante não haveria trovões do Sinai, mas a "voz mansa e delicada" de "*Jesus sòmente*". *Sinai, Pisga, Hermom. Moisés, Elias, Jesus*.

Moisés

Encerra-se aqui a primeira quarta parte do Antigo Testamento (quase do tamanho do Novo Testamento inteiro), toda escrita por um homem: Moisés. Que homem foi ele! Tão íntimo com Deus! Que obra a sua! Que benfeitor da humanidade! Quarenta anos no palácio de Faraó. Quarenta anos refugiado em Midiã. Quarenta anos como guia de Israel pelo deserto. Livrou da servidão uma nação de uns 3.000.000 de pessoas: transplantou-a de uma terra para outra; organizou para ela um sistema de jurisprudência em que se tem inspirado grande parte da civilização do mundo.

A Opinião de Winston Churchill sobre Moisés

"Rejeitamos com desprezo todas essas fábulas argutas e bem elaboradas que dizem ser Moisés figura meramente legendária, da qual sacerdotes e povo faziam depender suas ordenanças essenciais, sociais, morais e religiosas. Cremos que a opinião mais científica, a concepção mais moderna e racional, descobrirá sua mais plena satisfação em aceitar ao pé da letra a história bíblica. Podemos ficar certos de que todas essas coisas aconteceram exatamente como são narradas na Sagrada Escritura. Podemos crer que aconteceram a um povo não muito diferente de nós, e que as impressões que êsse povo recebeu foram fielmente registradas e têm sido transmitidas através dos séculos com muito maior precisão do que muitas notícias telegráficas de fatos que ocorrem hodiernamente. Nas palavras de um livro esquecido de Mr. Gladstone, repousamos seguros na 'Rocha Inexpugnável da Santa Escritura'. Os homens de ciência e saber que aumentem seus conhecimentos e investiguem com suas pesquisas cada pormenor dos relatos que chegaram até nós daquelas épocas obscuras. Tudo o que conseguirão fazer é tornar mais sólidas a esplêndida simplicidade e a exatidão da peregrinação do homem."

JOSUÉ

A Conquista de Canaã

A Passagem do Jordão

A Queda de Jericó

Vitórias sôbre os Cananeus

O Sol Detém-se

As Tribos Estabelecidas na Terra

Quem Foi Josué:

Era da *Tribo* de *Efraim*, Nm *13:8*.A forma helenizada de seu nome era "Jesus". Pelo fato de conduzir seu povo à Terra da Promessa, pode ter sido um protótipo de seu sucessor maior, o qual está levando os seus à Terra Prometida da glória eterna.

Josué fora atendente pessoal de Moisés através dos 40 anos de peregrinação no deserto. Esteve com Moisés no monte, Êx 24:13. Foi um dos doze espias, Nm 13:8-16. Diz Josefo que ele tinha 85 anos quando sucedeu a Moisés. Julga-se que levou uns 6 anos na subjugação da terra; o resto da sua vida passou estabelecendo e governando as doze tribos; seu governo sobre Israel, ao todo, durou uns 25 anos. Morreu aos 110; foi sepultado em Timnate-Sera, em Efraim. Foi guerreiro notável; disciplinou suas tropas; enviou espias; mas orava e confiava em Deus.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Nome de Josué**

Nas placas de Amarna, escritas naquela época, da Palestina para o Faraó do Egito, acêrca do desbarato do rei de Pela, se encontram estas palavras: "Pergunte a Benjamim. Pergunte a Tádua. Pergunta a Josué."

Cap. 1. O Livro

É um capítulo grandioso. Israel tinha um Livro. Era só uma fração do que temos hoje na Palavra de Deus. Mas, quão importante! A advertência solene de Deus a Josué, no início de uma empresa gigantesca, era que tivesse todo o cuidado por apegar-se às palavras daquele Livro. Josué atendeu, e Deus o honrou com sucesso fenomenal. Que lição para os dirigentes de igrejas!

Cap. 2. Os Dois Espias e Raabe

Raabe ouvira dos milagres operados em favor de Israel, e se convencera de que o Deus desse povo era o verdadeiro Deus, 10, 11. Quando se defrontou com os espias, resolveu, arriscando a vida, lançar sua sorte com Israel e seu Deus.

Ela pode não ter sido tudo o que a palavra "prostituta" implica. Vivia no meio de um povo sem moral. As sacerdotizas da religião dos cananeus eram prostitutas públicas. Sua profissão era considerada honrosa pelo povo no meio do qual vivia, e não possuía o estigma de vergonha que o termo representa entre nós.

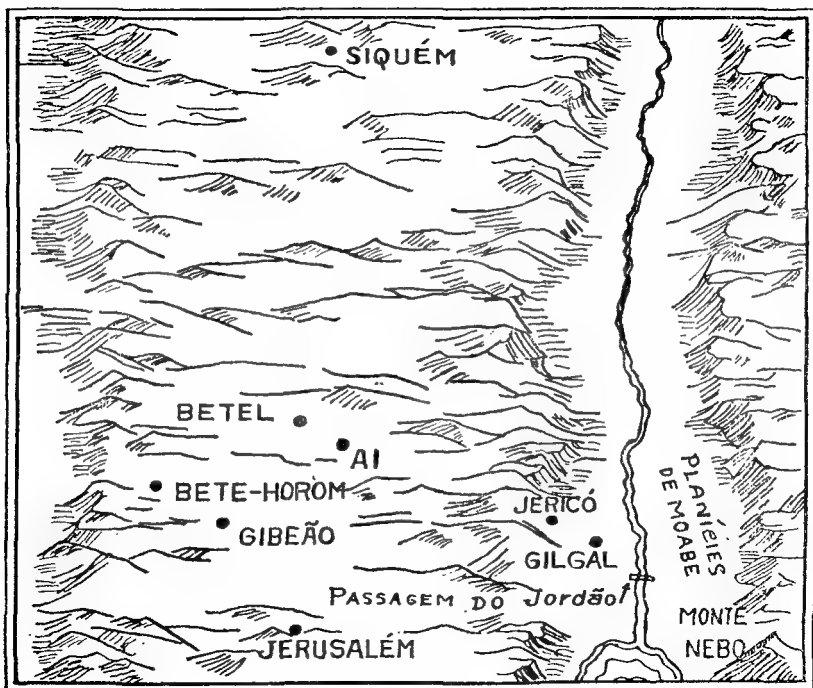
Raabe casou-se depois com um israelita chamado Salmom, Mt 1:5. Calebe tinha um filho com esse nome, 1 Cr 2:51. Pode ter sido o mesmo Salmom. Se assim foi, então ela casou-se com pessoa de uma das famílias influentes de Israel. De qualquer forma, ela veio, assim, a ser ancestral de Boaz, de Davi e de Cristo. Figura entre os heróis da fé, Hb 11:31.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Casa de Raabe sôbre o Muro, 2:15**

Em Jericó edificavam casas sôbre o muro, ver a pág. seguinte.

Cap. 3. A Travessia do Jordão

Quando a arca do Senhor chegou à margem das águas, estas levantaram-se num montão, em Adã (v. 16). Adã ficava 25 km ao norte. Abaixo daí as águas se escoaram, deixando seco o leito, cheio de pedregulhos, o bastante para que se pudesse atravessar. Sendo a época da enchente de primavera do Jordão, o milagre foi tanto mais estupendo. Em Adã, o Jordão corre entre ribanceiras de barro, de 13 m de altura, sujeitas a desmoronamento. Em 1927 um terremoto causou o desabamento dessas ribanceiras, de modo a estancar a correnteza durante 21 horas. Deus pôde ter usado algum meio semelhante para fazer que as águas parassem para Josué. De qualquer modo, foi um grande milagre que aterrorizou os cananeus já amedrontados, 5:1.

Jesus, 1.400 anos mais tarde, foi batizado, no Jordão, no mesmo ponto da travessia de Josué.

(Mapa 36)

Cap. 4. As Pedras Comemorativas

Delas houve duas pilhas: uma onde a arca parou, na margem oriental do rio, v. 9; a outra, onde se alojaram, na banda ocidental, em Gilgal, 4:20; ali ficaram as pedras para que as gerações vindouras não esquecessem o lugar do milagre gigantesco.

Cap. 5. A Celebração da Páscoa

Afinal, dentro da Terra Prometida, no 4.º dia após a passagem do Jordão, o primeiro ato dêles foi celebrarem a Páscoa, 4:19; 5:10. No dia seguinte cessou o maná, 5:12. Então Deus enviou Seu exército invisível a encorajar Josué para a tarefa que havia de enfrentar, 15:13-15.

Cap. 6. A Queda de Jericó

Jericó foi tomada com a ajuda direta de Deus, para inspirar confiança aos israelitas, já que eles começavam a conquistar povos mais aguerridos. Guiados pela arca do Senhor, as buzinas soando, rodearam a cidade durante 7 dias. Em cima, pairavam as hostes invisíveis do Senhor, 5:14, aguardando a hora marcada; no 7.º dia, com o sonido das buzinas e o clamor do povo, os muros caíram.

Numa assombrosa profecia, foi proferida maldição sobre quem quer que ousasse reedificar a cidade, v. 26. Cumpriu-se essa profecia, ver sobre 1 Rs 16:34.

Jericó ficava a uns 10 km do Jordão; Gilgal, quartel-general de Josué, era mais ou menos eqüidistante dos dois.

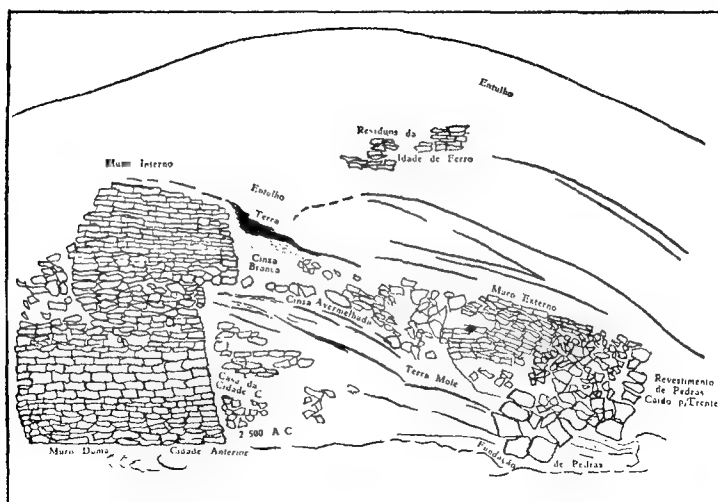
O muro de Jericó cercava uma superfície de uns 7 acres. Era uma cidade interna fortificada para a população densa dos arredores.

A Jericó do Novo Testamento ficava a uns 1.600 m ao sul das ruínas da Jericó do Antigo Testamento. A atual Vila de Jericó fica a uns 1.600 m ao sudeste.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS

O Dr. John Garstang, diretor da Escola Britânica de Arqueologia de Jerusalém, e do Departamento de Antigüidades do Governo da Palestina, escavou as ruínas de Jericó (1929-36). Encontrou cerâmica e escaravelhos que evidenciam que a cidade tinha sido destruída cerca de 1.400 a.C., coincidindo com o tempo de Josué; e descobriu evidências muito pormenorizadas que confirmavam a narrativa bíblica de modo notável.

"Ruíram as muralhas", 20. O Dr. Garstang descobriu que o muro realmente "foi abaixo". Era duplo, os dois muros ficando separados um do outro por uma distância de 5 m; o muro externo tinha 2 m de espessura; o interno, 4 m; ambos de uns 10 m de altura. Eram construídos não muito solidamente, sobre alicerces defeituosos e desnivelados, com tijolos de 10 cm de espessura, por 30 a 60 cm de comprimento, assentados em argamassa de lama. Os dois muros se ligavam entre si por meio de casas construídas de través na parte superior, como a casa de Raabe "sobre o muro". O Dr. Garstang verificou que o muro externo ruiu para fora, pela encosta da colina, arrastando consigo o muro interno e as casas, ficando as camadas de tijolos cada vez mais finas à proporção que rolavam ladeira

Fig. 45. As ruínas da cidade de Jericó do tempo do Antigo Testamento.
(Cortesia da Broadman Press)

(Fig. 46. Diagrama dos Muros Caídos de Jericó, mostrando como ruiram para o lado de fora)

(Cortesia do Dr. John Garstang; extraído da "The Story of Jericho", Fig. XVIII)

abaixo. Os alicerces do palácio, na altura de 4 carreiras de pedras, permanecem no local primitivo, inclinados para fora, Fig. 46. O Dr. Garstang pensa haver indícios de que o muro foi derribado por um terremoto, do qual se podem ver vestígios na Fig. 45; seria o meio de que Deus se serviria tão facilmente como teria usado outro qualquer.

"Queimaram a cidade a fogo", v. 24. Sinais da conflagração e destruição ficaram bem nítidos. Garstang encontrou grandes camadas de carvão *vegetal e cinzas e ruínas do muro avermelhadas pelo fogo. O muro externo* foi o que mais sofreu. As casas ao longo do mesmo foram arrasadas pelo incêndio. O estrato estava todo coberto de grossa camada de detritos carbonizados, sob a qual havia bolsas de cinza branca, cobertas de uma camada de tijolos avermelhados tombados.

"Guardai-vos das coisas condenadas", v. 18. Garstang encontrou, debaixo das cinzas e dos muros caídos, nas ruínas de salas de provisões, abundância de gêneros alimentícios, trigo, cevada, tâmaras, lentilhas e semelhantes, reduzidos a carvão pelo calor intenso, e intactos: evidência de que os conquistadores evitaram apropriar-se dos alimentos, como lhes fora ordenado.

Caps. 7, 8. A Queda de Ai e Betel

Em Ai, Israel a princípio sofreu tremendo revés, devido à transgressão de Acã. Ocorrendo o fato logo após a travessia milagrosa do Jordão e a queda prodigiosa de Jericó, foi um choque terrível para Israel. Serviu de lição disciplinar. Deus estava com ele, mas queria que compreendesse que esperava obediência da sua parte.

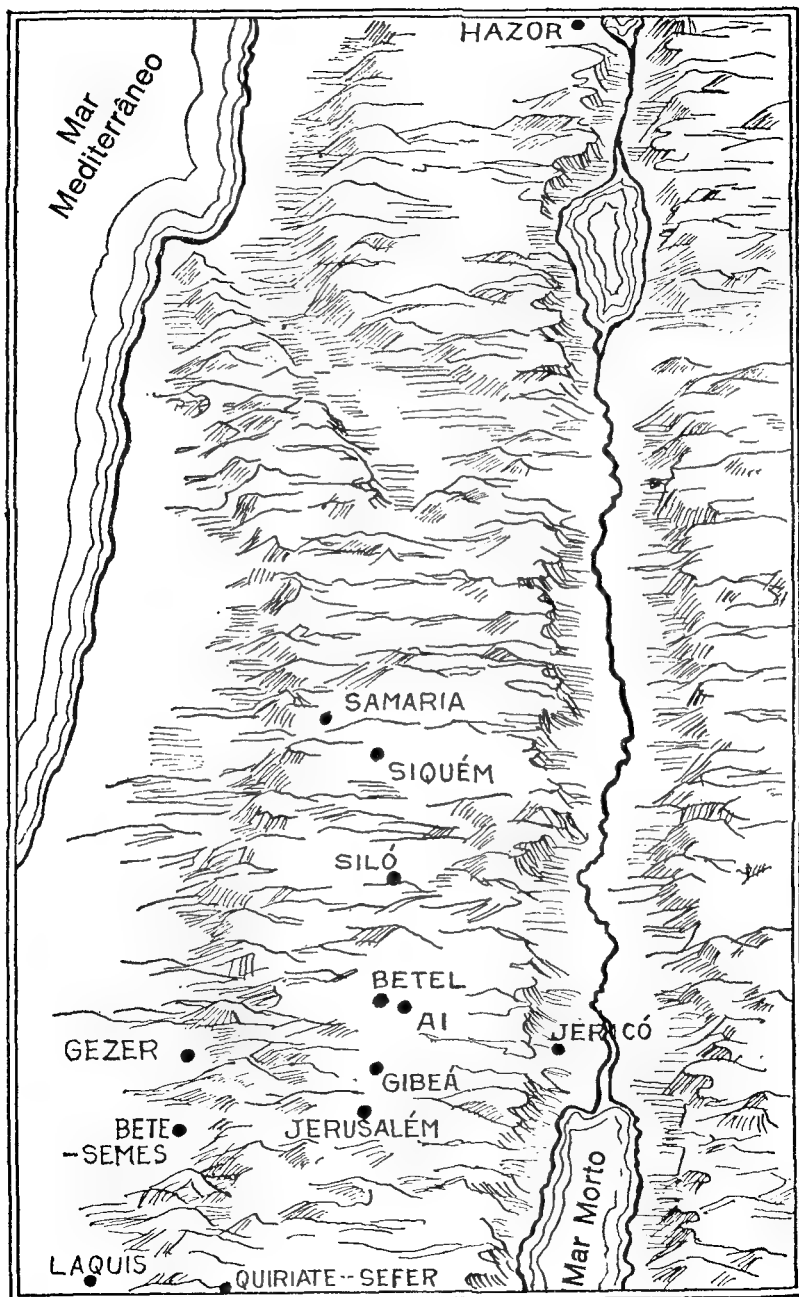
NOTA ARQUEOLÓGICA: **Betel**

As declarações de 8:9,12,17 indicam que foi uma batalha de ação conjunta, estando incluídas Ai e Betel; e de 8:28; 12:9,16 que ambas as cidades foram destruídas. Ficavam só 2.300 m distantes uma da outra.

O cômoro de Betel (Beitan) foi escavado pela Expedição Memorial Kyle sob os auspícios conjuntos da Escola Americana de Jerusalém e do Seminário Teológico Xenia de Pittsburgh, 1934, sob a direção de W. F. Albright. Descobriram que fora destruída numa época coincidente com a invasão de Josué, por uma "tremenda conflagração", que "devastou com particular violência." Havia uma massa sólida, 1,60 m de espessura, de "tijolos derribados, queimados até ficar avermelhados, terra preta impregnada de cinza, e detritos tostados e estilhaçados." Albright disse que não vira em parte alguma da Palestina indícios de uma conflagração mais devastadora do que esta.

Cap. 8:30-35. A Lei Registrada no Monte Ebal

Moisés ordenara que se fizesse isto, ver sobre Dt 27. Siquém, no centro da terra de Canaã, ficava entre o Monte Ebal e o Monte Gerizim, num vale de extrema beleza, sem rival em importância estratégica. Aqui Abraão, 600 anos antes, erigira seu primeiro altar naquele território, e aqui Josué, em cerimônia solene, leu o Livro da Lei para o povo.

HAZOR
Mar Mediterrâneo
SAMARIA
SIQUÉM
SILÓ
BETEL
AI
JERICÓ
GEZER
GIBEÁ
JERUSALÉM
BETE-SEMES
Mar Morto
LAQUIS
QUIRIATE-SEFER

Mapa 37

Caps. 9, 10. A Batalha em Que o Sol se Deteve

Gibeon, cerca de 16 km ao noroeste de Jerusalém, era uma das maiores cidades da região, 10:2. Os gibeonitas, apavorados com a queda de Jericó e Ai, apressaram-se em se render como escravos a Israel. Este fato exasperou os reis de Jerusalém, Hebrom, Jarmute, Laquis e Eglom, que marcharam contra Gibeon. Josué veio então em socorro desta cidade. Deu isto lugar à famosa batalha de Gibeon, Bete-Horom e para o lado do oeste, onde o Sol se deteve durante um dia inteiro. De que modo o Sol parou não sabemos. Pelos cálculos de alguns, o calendário perdeu um dia por essa época. Fosse como fosse, de um modo ou de outro a luz do dia foi miraculosamente prolongada, de sorte que a vitória de Josué se completasse.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS: Laquis, Debir

Ambas estas cidades figuram entre as que foram destruídas, 10:32,39. Laquis. A Expedição Arqueológica Wellcome, 1931, encontrou aí grande camada de cinzas que coincidia com a época de Josué.

Debir (Quiriate-Séfer, Tel Beit Mirsim). Aí a Expedição Conjunta do Seminário Xênia e da Escola Americana de Jerusalém, 1926-28, achou profunda camada de cinzas, carvão e cal, com indícios de terrível incêndio e sinais da cultura existente na época de Josué; tudo abaixo daí era cananeu; e tudo acima era israelita.

Cap. 11. Os Reis do Norte são Derrotados

Na batalha de Bete-Horom, onde o Sol se deteve, Josué quebrara a força dos reis do Sul. Agora, sua vitória sobre os reis do Norte, em Merom, deu-lhe o domínio de toda a região.

Principalmente três milagres estupendos concorreram para isso: a passagem pelo Jordão, a queda de Jericó e a parada do Sol. Foi isso operação de Deus.

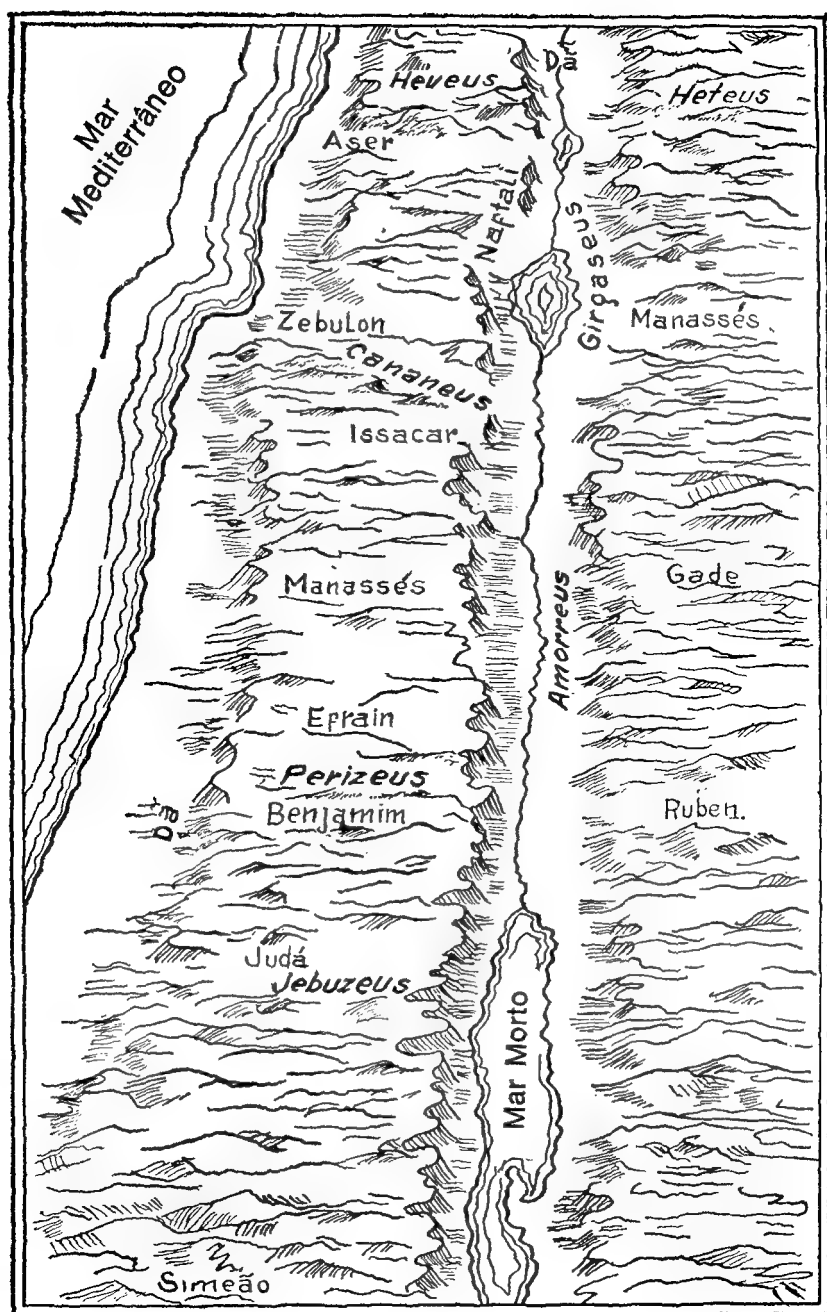
NOTA ARQUEOLÓGICA: Hazor

Josué "queimou com fogo a Hazor", 11:11. Garstang encontrou as cinzas desse incêndio, com evidência pelo estudo da cerâmica de que isso ocorreu cerca de 1400 a.C.

Outrossim: uma placa de Amarna, escrita ao Faraó, 1380 a.C., pelo emissário egípcio no norte da Palestina, diz: "O rei, meu senhor, tenha na lembrança o que Hazor e seu rei já tiveram que sofrer."

Assim, a conquista da Palestina por Josué está testemunhada por grandes camadas de cinzas, com vestígios do tempo dele, em Jericó, Betel, Laquis, Debir e Hazor, em exata confirmação das declarações bíblicas.

Cap. 12. A Lista dos Reis Destruídos

Nomeiam-se 31. De um modo geral, a região toda foi conquistada, 10:40; 11:23; 21:43. Todavia, ficaram pequenos grupos de cananeus, 13:2-7; 15:63; 23:4; Juízes 1:2, 21, 27, 29, 30, 31, 33, 35. Depois de morto Josué, esses grupos perturbaram Israel. Também ficaram por conquistar as regiões dos filisteus, dos sidônios e do Líbano.

Mapa 38. Localização das Tribos

Caps. 13 a 22. A Divisão da Terra

O mapa da página precedente mostra a localização aproximada das nações cananéias, e a distribuição das dozes tribos de Israel. Havia 6 cidades de refúgio, cap. 20, ver sobre Dt cap. 19; e 48 cidades de levitas, inclusive 13 de sacerdotes, 21:19, 14. O altar junto do Jordão, cap. 22, embora a princípio fosse mal compreendido pelas tribos do oeste, teve a finalidade de ser um sinal de unidade nacional para uma nação dividida ao meio por um grande rio.

Caps. 23, 24. O Discurso de Despedida de Josué

Josué recebera de Moisés a Lei Escrita de Deus, 1:8. Agora ajunta-lhe seu próprio livro, 24:26. Josué soube bem usar "livros", como Moisés, ver sôbre Dt cap. 31. Fêz que a região fôsse descrita num "livro", 18:9. Leu para o povo o "livro" de Moisés, 8:34. No Monte Ebal "escreveu em pedras" uma cópia da Lei, 8:32. Citou do "livro dos Justos", 10:13, provàvelmente uma coletânia de cânticos sacros.

No final de seu discurso, Josué fez pressão principalmente contra a idolatria. A idolatria dos cananeus era uma combinação tão bem feita de religião com a livre indulgência de desejos carnais, que só as pessoas de excepcional força de caráter podiam resistir aos seus atrativos.

Os Cananeus

"Cananeus" era designação geral de todos os habitantes da região. Em sentido mais restrito, aplicàva-se aos habitantes da planície de Esdraelom e planícies circunjacentes. "Amorreus" era também uma designação geral, algumas vezes aplicada a todos os habitantes, porém mais especificàmente a uma tribo que habitava ao oeste do Mar Morto, e que conquistara o território a leste do Jordão, afastando os amonitas. "Pereseus" e "Jebuseus" ocupavam as montanhas do Sul. "Heveus" e "heteus", grupos dispersos do poderoso reino do Norte que tinha sua capital em Carquemis, ocupavam a região do Líbano. "Girgaseus", pensa-se que habitavam a leste do Mar da Galiléia, embora nada se saiba ao certo sobre eles. Os limites de todos esses povos variavam, e em diferentes épocas ocuparam diferentes lugares.

A Religião dos Cananeus

Baal era o seu deus principal. Astarote, mulher de Baal, sua principal deusa. Esta era a personificação do princípio reprodutivo da natureza. Istar era o seu nome babilônico; Astarte, seu nome grego e romano. Os Baalins, plural de Baal, eram imagens de Baal, e aspectos locais do mesmo Baal. Astarote era o plural de Astorete. Asera era um poste sagrado, cone de pedra, ou um tronco de árvore, que representava a deusa. Os templos de Baal e Astorete eram comumente contíguos. Sacerdotisas eram prostitutas dos templos. Sodomitas eram homens da mesma espécie e também funcionavam nos templos. O culto de Baal, Astorete e outros deuses dos cananeus consistia nas mais extravagantes orgias; seus templos eram centros de vício.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS: **A Religião dos Cananeus**

A ordem expressa de Deus a Israel foi que destruísse ou expulsasse os cananeus, Dt 7:2,3, e Josué meteu mãos à obra resolutamente; Deus ajudou-o com milagres assombrosos. Na realidade, foi o próprio DEUS QUEM AGIU.

Em escavações em Gezer, Macalister, da "Palestine Exploration Fund", 1904-09, no estrato correspondente à época dos cananeus de cerca de 1500 a.C., a qual precedeu a ocupação israelita, encontrou as ruínas de um "Lugar Alto", que tinha sido um templo, no qual adoravam seu deus Baal e sua deusa Astorete (Astarte).

Era uma superfície de 50 m por 40, cercada de muro, sem cobertura, onde os habitantes celebravam suas festas religiosas. Dentro do muro havia 10 colunas de pedra bruta, de 1,60 m a 3,60 m de altura, diante das quais se ofereciam sacrifícios.

Sob os detritos, neste "Lugar Alto", Macalister encontrou grande quantidade de jarros contendo os despojos de crianças recém-nascidas, que tinham sido sacrificadas a Baal. A área inteira se revelou como sendo cemitério de crianças recém-nascidas.

Outra prática horrível era o que chamavam de "sacrifícios dos alicerces". Quando se ia construir uma casa, sacrificava-se uma criança, cujo corpo era metido no alicerce, a fim de trazer felicidade para o resto da família. Muito disso foi encontrado em Gezer. Também se encontrou em Megido, Jericó e outros lugares. Sobre sacrifícios de crianças ver mais na pág. 185.

Outrossim, nesse Lugar Alto, debaixo do entulho, Macalister encontrou enormes quantidades de imagens e placas ornamentais, de Astorete, exibindo, grosseiramente exagerados, os órgãos sexuais, destinados à provocação de desejos sensuais.

Era assim, praticando a licenciosidade como rito, que os cananeus prestavam seu culto aos deuses, e também assassinando seus primogênitos, como sacrifício aos mesmos deuses.

Parece que, em grande escala, a terra de Canaã tornou-se uma espécie de Sodoma e Gomorra de âmbito nacional.

Seria ainda de estranhar que Deus ordenasse a Israel o extermínio dos cananeus? Teria direito de continuar a existir por mais tempo uma civilização de tão abominável imundície e brutalidade? Temos aí um dos exemplos da história de como a ira de Deus se revelou contra a perversidade de certas nações.

Alguns arqueólogos que têm escavado as ruínas das cidades dos cananeus admiram-se de Deus não as haver destruído há mais tempo.

O objetivo de Deus em mandar exterminar os cananeus, além de ser o de castigá-los, foi preservar Israel da IDOLATRIA e das suas práticas vergonhosas. Deus estava estabelecendo a nação israelita com o grande e especial propósito de preparar o caminho para a vinda de Cristo, implantando, assim no mundo a IDÉIA de que há um só Deus, vivo e verdadeiro. Se Israel caísse na idolatria, então deixaria de haver qualquer razão para existir como nação. Como medida de precaução, era necessário varrer daquela região os últimos vestígios de culto idólatra. Neste particular, Josué ensinou a Israel como encetar a limpeza. Bastava que os israelitas prosseguissem desse modo, para que a história fosse outra.

JUÍZES

Os Primeiros 300 Anos na Terra Prometida

Os Períodos Alternados de Opressão e Livramento

A Narração de Grandes Proezas

Agora que se achava em sua terra, a nação hebraica, após a morte de Josué, não tinha um governo central forte. Era uma confederação de doze tribos independentes, sem qualquer força unificadora, exceto o seu Deus. A forma de governo nos dias dos juízes diz-se comumente que era "teocrática", isto é, acreditava-se que Deus era o governante direto da nação. Mas o povo não levava o seu Deus muito a sério e estava continuamente a lhe voltar as costas, caindo na idolatria. Dominada mais ou menos pela anarquia e acossada às vezes pela guerra civil, cercada de inimigos que de tempos em tempos procuravam exterminá-la, a nação hebraica teve desenvolvimento muito moroso e não se tornou grande de fato até que foi organizada em reino, nos dias de Samuel e Davi.

É incerta a duração exata do período dos juízes. Os anos de opressão, 111, ver abaixo, e os governos dos juízes, com os períodos de descanso, 299, somam 410. Mas algumas dessas cifras podem coincidir em parte com outras. Jefté, que viveu perto do fim do período, fala deste como sendo de 300 anos, 11:26. E pensa-se geralmente que foi, em números redondos, de uns 300 anos; mais ou menos de 1400-1100 a.C. Do Êxodo a Salomão, incluídos também os períodos do deserto, de Eli, Samuel, Saul e Davi, são 480 anos, como se diz em 1 Rs 6:1.

Opressões pelos:	
Mesopotâmios	8 anos
Moabitas, Amonitas, Amalequitas	18 anos
Filisteus	
Cananeus	20 anos
Midianitas, Amalequitas	7 anos
Amonitas	18 anos
Filisteus	40 anos
Total dos períodos	111 anos

Juízes, ou Períodos de Descanso	
Otoniel de Quiriate-Sefer, em Judá	40 anos
Eúde, de Benjamim	80 anos
Sangar	
Débora, de Efraim, Baraque de Naftali ..	40 anos
Gideão, de Manassés	40 anos
Abimeleque (usurpador), de Manassés ..	3 anos
Tola, de Issacar	23 anos
Jair, de Gileade, em Manassés oriental ..	22 anos
Jefté, de Gileade, em Manassés oriental ..	6 anos
Ibsã, de Belém, em Judá (?)	7 anos
Elom, de Zebulom	10 anos
Abdom, de Efraim	8 anos
Sansão, de Dã	20 anos
	299 anos

"40 Anos"

Otoniel, Débora e Baraque, e Gideão, cada um, conforme se diz, julgou Israel durante 40 anos; e Eúde duas vezes 40. Mais adiante Eli julgou 40 anos; Saul, Davi e Salomão cada qual reinou 40 anos. "40 anos" parece ser um número redondo, indicando uma geração. Notem-se as vezes que o número 40 ocorre em toda a Bíblia: no dilúvio choveu 40 dias; Moisés fugiu aos 40; esteve em Midiã 40 anos; no monte, 40 dias. Israel peregrinou 40 anos no deserto. Os espias estiveram 40 dias em Canaã. Elias jejuou 40

dias. Um prazo de 40 dias foi dado a Nínive. Jesus jejuou 40 dias e ainda permaneceu na terra 40 dias após ressurgir.

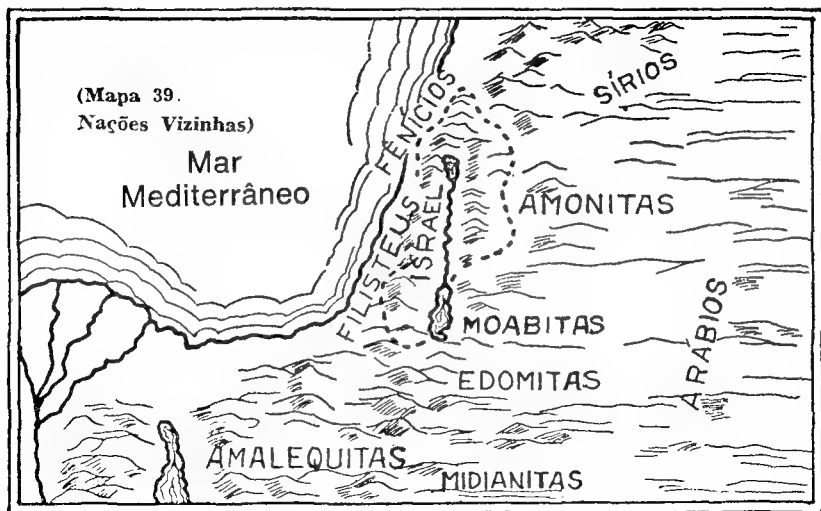
Cap. 1. Cananeus que Foram Deixados na Terra

Josué destruiu completamente os cananeus em algumas partes da região e sujeitou alguns outros, Js 10:40, 43; 11:23; 13:2-7; 21:43-45; 23:4; 24:18. Depois de morto Josué, ainda ficaram na terra em número considerável, Jz 1:28, 29, 30, 32, 33, 35.

Deus ordenara que Israel destruísse totalmente ou expulsasse os cananeus, Dt 7:2-4. Se tivessem obedecido, os israelitas teriam sido poupados de muita tribulação.

NOTA ARQUEOLÓGICA: Ferro na Palestina

A Bíblia afirma que o ferro, em poder dos cananeus e filisteus, foi a razão por que Israel não pôde expulsá-los, 1:19; 4:3; Js 17:16-18; 1 Sm 13:19-22. E também diz que só depois de Saul e Davi quebrarem a fôrça dos filisteus é que o ferro passou a ter uso em Israel, 2 Sm 12:31; 1 Cr 22:3; 29:7.

Escavações têm revelado muitas relíquias de ferro na Filístia de 1100 a.C.; porém nenhuma na região montanhosa da Palestina até 1000 a.C.

Cap. 2. A Apostasia Depois da Morte de Josué

Quando morreu aquela geração robusta que se criara nas durezas do deserto, a qual, sob a direção de Josué, conquistara a terra, a nova geração, estabelecida numa região de fartura e desprovida de um governo central, logo resvalou para o comodismo dos seus vizinhos idólatras.

O Refrão do Livro Inteiro

Cada pessoa fazia como parecia bom aos seus olhos. Estavam amiúde afastando-se de Deus e caindo no culto aos ídolos. Quando isto acontecia, Deus os entregava nas mãos dos seus opressores. E quando, em seu sofrimento e aflição, voltavam e clamavam a Deus, o SENHOR se compadecia deles e suscitava juízes que os livravam dos seus inimigos. Enquanto vivia o juiz,

o povo servia a Deus. Quando, porém, o juiz morria, o povo tornava a abandonar o SENHOR e prostituía-se após os ídolos.

Invariavelmente, quando serviam a Deus, prosperavam e, quando serviam aos ídolos, padeciam. As aflições de Israel deviam-se diretamente à sua desobediência. Não se guardavam dos ídolos. Não exterminavam os habitantes da região, como lhes fora ordenado; e de tempos em tempos surgia de novo a luta pelo domínio daquelas terras.

Cap. 3. Otoniel, Eúde, Sangar

Otoniel, de Quiriate-Sefer, no extremo sul da região, livrou Israel dos mesopotâmios, invasores vindos do nordeste.

Eúde, benjamita, salvou Israel dos moabitas, amonitas e amalequitas.

Os moabitas descendiam de Ló. Ocupavam o planalto ao oriente do Mar Morto. Seu deus, chamado Camos, era adorado com sacrifícios humanos. Tiveram repetidas guerras com Israel. Rute era moabita.

Os amonitas descendiam de Ló. Seu território confinava com Moabe ao norte, começando cerca de 48 km a leste do Jordão. Seu deus, Moloque, era adorado pelo holocausto de criancinhas.

Os amalequitas descendiam de Esaú; eram uma tribo nômade, centralizada principalmente na parte norte da península do Sinai, mas vagueavam para longe, indo até Judá e para os lados distantes do leste. Foram os primeiros a atacar Israel quando este saía do Egito. Moisés autorizou a extinção deles, Êx 17:8-16. Desapareceram da História.

Sangar, de quem pouco se fala, salvou Israel dos filisteus.

Os filisteus eram descendentes de Cão. Ocupavam a planície costeira da fronteira sudoeste de Canaã. A palavra "Palestina" deriva-se de seu nome. Mais adiante, nos dias de Sansão, reaparecem como opressores de Israel.

Caps. 4, 5. Débora e Baraque

Salvaram Israel dos cananeus que tinham sido submetidos por Josué, mas que de novo se fortaleceram e com seus carros de ferro estavam esmagando a vida de Israel.

NOTA ARQUEOLÓGICA

Opressão dos Cananeus, 4:3. Vitória de Israel em Megido, 5:19

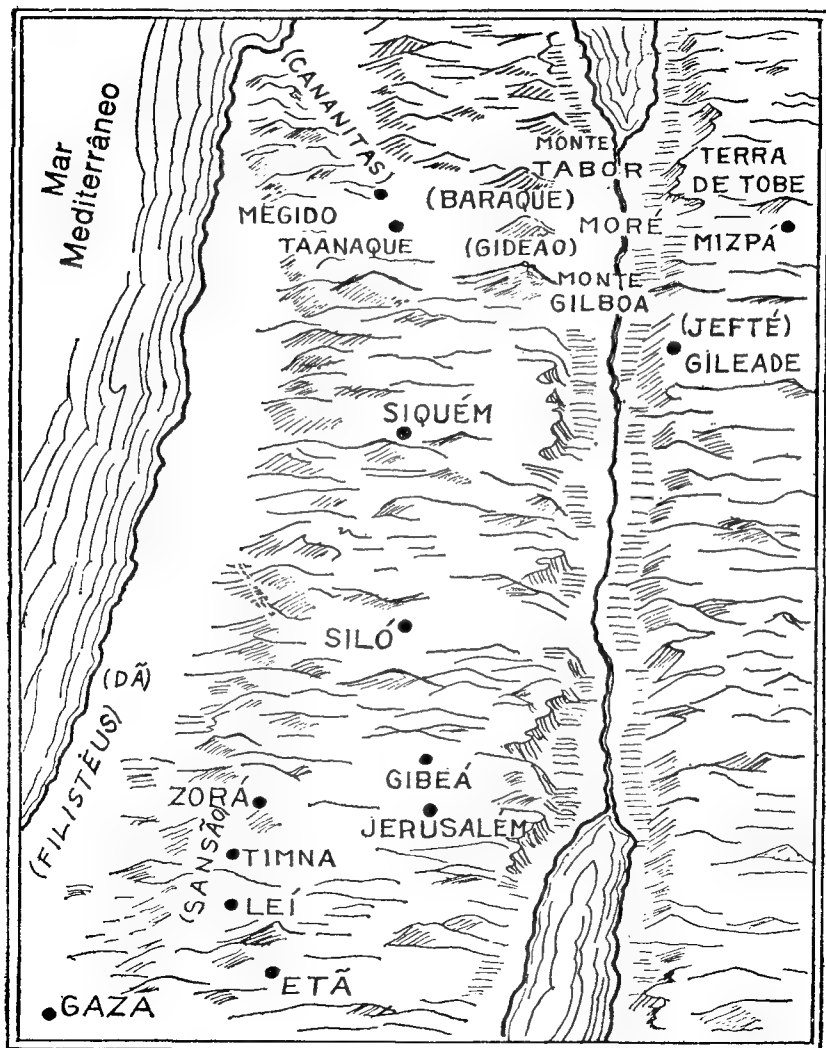
O Instituto Oriental, escavando em Megido, encontrou, em 1937, no estrato do século 12 a.C., (tempo de Débora e Baraque), indícios de um tremendo incêndio. E sob o piso do palácio, umas 200 peças ornamentais de marfim e ouro, belamente insculpidas, uma das quais representa o rei cananeu recebendo uma fila de cativos desnudos, circuncidados. Parece muito uma evidência de tremenda derrota infligida aos cananeus, e de sua anterior opressão a Israel.

Caps. 6, 7, 8. Gideão

"Midianitas, amalequitas e povos do Oriente" (árabes, 6:3; 8:24) enxamearam a região em tão grande número e poder, durante 7 anos, que os israelitas refugiavam-se em cavernas e faziam covas às ocultas onde escon-

diam seus cereais, 6:2-4, 11. Gideão, com uma força de 300 homens, armados de tochas escondidas em cântaros, em Moré, com o auxílio direto de Deus, aplicou-lhes um castigo tão terrível que eles nunca mais apareceram.

Amalequitas. Foi esta a segundo invasão. Ver sobre o cap. 3.

Os midianitas descendiam de Abraão e Quetura. O principal centro deles ficava bem a leste do Monte Sinai, porém percorriam grandes áreas. Moisés vivera 40 anos entre eles e casou-se com uma midianita. Gradualmente foram se incorporando aos árabes.

(Mapa 40)

Os árabes descendiam de Ismael. A Arábia era uma grande península, 2.413 km de N. a S., 1.287 km de E. a O., 150 vezes maior que a Palestina. Era um elevado planalto com declive ao N. para o deserto sírio. Habitada *esparsamente por tribos nômades*.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Covas de Cereais**

Escavações feitas em Quiriate-Sefer pelo Seminário Xenia e pela Escola Americana, sob a direção de Kyle e Albright, 1926-28, revelaram, no estrato pertencente ao tempo dos juízes, a existência de muitas covas ocultas de cereais: índice de que a vida e as propriedades não tinham segurança.

Cap. 9. Abimeleque

Filho de um homem extraordinário, porém ele mesmo um homem brutal. Uma história típica da eterna luta dos celerados pelo poder.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Abimeleque Destrói Siquém**

Com dinheiro do templo de Baal (v. 4) alugou homens para matar seus irmãos, e depois, "assolou a cidade, semeando-a de sal", v. 45.

Sellin, 1913-14, 1926-28, identificou um cômoro perto da atual cidade de Siquém como sendo as ruínas da Siquém antiga. Encontrou um estrato de ruínas dos cananeus, de 1600 a.C., e acima daí uma camada do período israelita, com indícios de que tinha sido destruída a cidade e abandonada cerca de 1100 a.C. (período de Abimeleque). Nessa camada achou as ruínas de um templo de Baal, crendo-se ser o mesmo que se menciona no v. 4.

Caps. 10, 11, 12. Tola, Jair, Jefté, Ibsã, Elom, Abdom

Tola e Jair se mencionam como tendo sido juízes.

Jefté era de Mizpá, em Gileade, terra de Jó e Elias, em Manassés do Leste. Os amonitas, cuja força fora quebrada por Eúde, um dos primeiros juízes, fortaleceram-se de novo e estavam saqueando Israel. Deus deu a Jefté grande vitória sobre eles e livrou Israel. O fato doloroso na história de Jefté foi o sacrifício de sua filha.

Ibsã, Elom e Abdom também são mencionados como juízes.

Caps. 13, 14, 15, 16. Sansão

Da tribo de Dã, na fronteira da Filístia, antes de nascer foi designado por Deus para livrar Israel dos filisteus. Deus dotou-o de força sobre-humana e, sob a influência divina, suas proezas foram admiráveis. É o último juiz mencionado no livro. Logo depois veio a organização do reino.

Caps. 17, 18. A Migração dos Danitas

O território atribuído aos danitas incluía a planície dos filisteus, a qual não puderam conquistar; e, premida pela exigüidade de espaço, parte da tribo, com um ídolo furtado, migrou para o norte distante e fixou-se perto das cabeceiras do Jordão.

Caps. 19, 20, 21. O Ato Vergonhoso dos Benjamitas

Narrativa de um ato de justiça cruel por um crime indescritìvelmente horrível, do que resultou o quase desaparecimento da tribo de Benjamim.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Incêndio de Gibeá, 20:40**

Albright, 1922-23, encontrou nas ruínas de Gibeá uma camada de cinzas, de um incêndio ocorrido cerca de 1200 a.C. Deve ter sido o incêndio em questão.

Heróis da Fé

Baraque, Gideão, Jefté e Sansão estão incluídos entre os heróis da fé, em Hb 11:32. Apesar de certas coisas estranháveis na vida deles, tiveram fé em Deus.

Milagres no Livro dos Juízes

Aparições de anjos a Gideão e aos pais de Sansão. O sinal do orvalho no velo. Gideão e seus 300 desbaratam os midianitas. Sansão nascido de mãe estéril, e sua força sobre-humana. Tudo isto mostra que Deus, em Sua misericórdia, ainda considerava seu povo, apesar de ter caído nos abismos mais profundos.

Descobertas Arqueológicas

Os filisteus tinham ferro, quando Israel não tinha nenhum. Em Megido, a opressão de Israel pelos cananeus e a derrota de Israel. Covas ocultas de cereais em Quiriate-Sefer. Destruição de Siquém por Abimeleque. O incêndio de Gibeá. São evidências de que o Livro dos Juízes é história real.

Por Que Este Livro Está na Bíblia?

Ora, é história simplesmente. Deus estabelecera a nação com o fim de preparar o caminho para a vinda de um Redentor da raça humana, e estava determinado a manter essa nação. Não obstante a idolatria, a fraqueza e a maldade do povo, Deus a manteve. Não fossem líderes tais como foram os juízes, e o auxílio miraculoso de Deus em tempos críticos, Israel teria sido exterminado.

RUTE

Bisavó de Davi

Origem da Família Messiânica

Esta graciosa história de uma graciosa mulher, seguindo-se às cenas de turbulência do livro dos Juízes como calmaria depois de tempestade, é um retrato delicioso e encantador da vida doméstica em tempos de anarquia e aflição.

Mil anos antes, Abraão tinha sido chamado por Deus para fundar uma nação, com o propósito de um dia trazer um Salvador para a humanidade. Neste livro de Rute temos a constituição da família, dentro dessa nação, que traria o Salvador. Rute foi bisavó do rei Davi. Daqui por diante, através do resto do Antigo Testamento, o interesse gravita principalmente em torno da família de Davi.

Cap. 1. A Peregrinação em Moabe

Uma família belemita, Elimeleque, Noemi e dois filhos, por causa de uma fome, saíram a peregrinar em Moabe. Os moabitas descendiam de Ló, Gn 19:37; eram, pois, parentes distantes dos judeus, todavia idólatras. Seu deus, Camos, era adorado com o sacrifício de crianças. Os dois rapazes belemitas desposaram duas moças moabitas. Depois de dez anos, o pai e os dois filhos morreram. Rute, viúva de um deles, num rasgo de devotamento, de rara e suma beleza, 1:16,17, voltou com sua sogra Noemi a Belém.

Cap. 2. Rute Respiga no Campo de Boaz

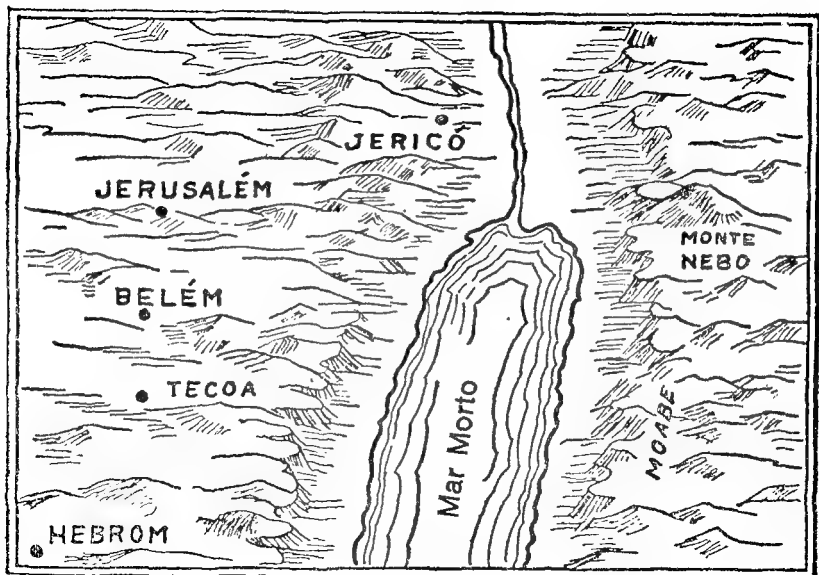
Boaz era filho de Raabe, a prostituta cananéia de Jericó, Js 2:1; Mt 1:5; ver sobre Js cap. 2. Assim, a bisavó de Davi era moabita e o bisavô era meio cananita, sangue estrangeiro na constituição da família escolhida: prenúncio de um Messias para todos os povos.

Cerca de 1.600 m ao leste de Belém existe um campo, chamado "Campo de Boaz", onde, segundo reza uma tradição, Rute respigava. Contíguo fica o "Campo dos Pastores", onde, conforme a tradição, os anjos anunciaram o nascimento de Jesus aos pastores. De acordo, pois, com essas tradições, o cenário do romance de Rute com Boaz, que levou à formação da família de onde sairia Cristo, foi escolhido por Deus, 1.100 anos mais tarde, para ser o lugar do anúncio celestial da chegada do mesmo Cristo.

Caps. 3, 4. O Casamento

Sob a Igreja da Natividade, em Belém, há uma sala na qual, conforme se declara, Jesus nasceu. Segundo antiga tradição, esta mesma sala fazia parte do lar ancestral de Davi, e, antes de Davi, de Boaz e Rute. Assim, de acordo com essa tradição, Boaz tomou Rute como noiva e deu origem à família que traria Cristo ao mundo, na mesmíssima sala em que, 1100 anos depois, o próprio Cristo nasceu.

A genealogia, 4:17-22, que diz ser Obede filho de Rute, e Jessé filho de Obede, e Davi filho de Jessé, é a razão de ser do Livro de Rute. Daqui por diante, o pensamento do Antigo Testamento gira em torno do Rei dos Reis vindouro, que haveria de nascer da linhagem de Davi.

Fig. 47. Wadi Zared com Moabe à direita e Edom à esquerda. Este riacho corre para a extremidade sul do Mar Morto.
(Cortesia da Broadman Press)

(Mapa 41)

1 SAMUEL

Organização do Reino

Samuel, Saul, Davi

Samuel Foi o Elo de Ligação Entre os Juízes e o Reino

Data Aproximada, 1100-1050 a.C.

O Cenário do Ministério de Samuel

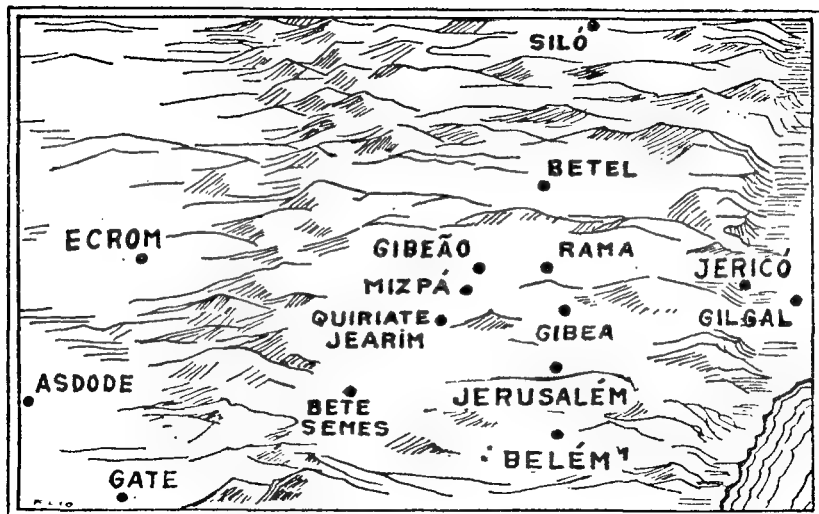
Ramá, uns 10 km ao norte de Jerusalém, foi o lugar de seu nascimento, sede de seu juizado, e local de seu sepultamento, 1:19; 7:17; 25:1.
Betel, uns 8 km ao norte de Ramá, foi um centro de atividades de Samuel, no norte. Era Betel um dos quatro pontos mais altos da região, sendo os outros o Monte Ebal, Hebrom e Mizpá. O panorama da região que se descortina do alto de Betel, é magnífico. Aí, 800 anos antes, Jacó vira a escada do céu. Mais tarde tornou-se sede do culto do bezerro.

Mizpá, 5 km ao oeste de Ramá, sobre o Monte Neby Samwil (que significa "Profeta Samuel") foi seu centro de atividades no oeste. Aí Samuel erigiu a pedra "Ebenézer", 7:12. Na encosta setentrional ficava Gibeon, onde muito antes Josué fez "o sol deter-se".

Gibeá (seu nome moderno é Tell-el-Ful), mais ou menos eqüidistante de Ramá e Jerusalém, foi residência de Saul.

Belém, terra natal de Davi e, mais tarde, de Jesus, ficava 19 km ao sul de Ramá.

Siló, uns 24 km ao norte de Ramá, foi o lugar onde permaneceu o Tabernáculo, de Josué a Samuel, e onde este, ainda criança, exerceu seu ministério.

Quiriate-Jearim, onde ficava a arca depois que foi devolvida pelos filisteus, ficava uns 13 km ao sudoeste de Ramá.

(Mapa 42. Cenário do Ministério de Samuel)

Caps. 1:2-11. O Nascimento de Samuel

Seus pais eram levitas, 1 Cr 6:33-38. Toda honra à sua mãe, Ana. Nobre exemplo de maternidade; seu filho tornou-se um dos homens de caráter mais nobre e mais puro da História.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Siló, 1:3**

Josué erigiu o Tabernáculo em Siló, Js 18:1.
Cada ano Israel ia a Siló sacrificar, 1 Sm 1:3.
Davi trouxe a arca para Jerusalém, 2 Sm 6:15, cerca de 1000 a.C.
Jeremias, 7:12-15, cerca de 600 a.C., se referiu a Siló como tendo sido destruída.

O que se deduz dessas passagens é que Siló foi cidade importante, desde Josué a Davi, e que, depois disso, algum tempo antes de 600 a.C., foi destruída, desertada, deixando de existir.

Uma Expedição Dinamarquesa, 1922-31, encontrou nas ruínas de Siló cacos de louça de 1200-1050 a.C., apresentando evidência de cultura israelita, sem qualquer sinal de ocupação prévia, nem de ocupação posterior até cêrca de 300 a.C. Albright data a destruição de Siló de cerca de 1050 a.C. Assim, as escavações combinam exatamente com o registro bíblico concernente a essa cidade.

Cap. 2:12-36. Anunciada a Mudança do Sacerdócio

As palavras de vv. 31-35 parecem aplicar-se imediatamente a Samuel, que sucedeu a Eli no juizado, e também no sacerdócio interino, 7:9; 9:11-14; têm também referência a um sacerdócio que durará "sempre", v. 35.

Cumpriram-se quando Salomão expulsou Abiatar, da família de Eli, substituindo-o por Zadoque, de outra linhagem de Arão, 1 Rs 2:27; 1 Cr 24:3, 6.

Seu cumprimento final, no entanto, deu-se no Sacerdócio Eterno de Cristo. Nos caps. 8, 9, 10 conta-se como Samuel iniciou uma mudança na forma de governo, de juízes para o reino. No reino, os ofícios de rei e de sacerdote foram mantidos separados e distintos.

Como aqui, no v. 35, se tem a promessa de um sacerdócio eterno, assim em 2 Sm 7:16 promete-se a Davi um trono eterno. Tanto o sacerdócio eterno como o trono eterno apontam para o Messias, para quem convergem e em quem se fundem, tornando-se Cristo o Sacerdote eterno e o Rei eterno do homem.

A fusão temporária dos ofícios de juiz e de sacerdote na pessoa de Samuel, no período de transição dos Juízes para o Reino, parece ter sido uma como prefiguração histórica da fusão final dos dois ofícios em Cristo.

Cap. 3. A Chamada Profética de Samuel

Samuel era "Profeta", 3:20. Serviu como "sacerdote", oferecendo sacrifícios, 7:9. E "julgou" a Israel, 7:15-17, sendo o giro de seu itinerário por Betel, Gilgal e Mizpá; sua sede principal era Ramá. Foi o último "juiz", o primeiro "profeta" e o fundador da "monarquia"; foi governante exclusivo entre Eli e Saul. Sua principal missão foi organizar o reino.

A forma de governo no regime dos juízes fracassou de certo modo, veja-se a nota introdutória do livro dos Juízes. Assim, Deus suscitou Samuel para unificar a nação sob o governo de um rei. Ver sobre os caps. 8, 9, 10.

Profetas

A palavra "profeta" ocorre ocasionalmente antes de Samuel, como por exemplo em Gn 20:7 e Êx 7:1. Mas Samuel, ao que parece, foi o fundador de uma ordem regular de profetas, mantendo escolas, primeiro em Ramá, 1 Sm 19:20; depois houve tais escolas em Betel, Jericó e Gilgal, 2 Rs 2:3,5; 4:38. O sacerdócio estava quase todo corrompido; e simultaneamente com a organização do reino, Samuel, ao que parece, iniciou essas escolas como uma espécie de freio moral para sacerdotes e reis.

Esses profetas funcionaram durante o período de uns 300 anos antes do tempo dos profetas que escreveram os últimos 17 livros do Antigo Testamento. Chamam-se profetas "orais", para se distinguirem dos profetas "literários", que escreveram os livros.

Os profetas "orais" de maior evidência foram: Samuel, organizador do Reino; Natã, conselheiro de Davi; Aías, conselheiro de Jeroboão; Elias e Eliseu que comandaram notável batalha contra o baalismo.

Caps. 4, 5, 6, 7. A Arca, Capturada pelos Filisteus, é Devolvida

A arca, depois de capturada pelos filisteus, nunca mais voltou a Siló. Dali por diante, Siló deixou de ser lugar de importância. A arca permaneceu em cidades filistéias por 7 meses, tempo em que grandes flagelos acometeram esse povo, que decidiu mandá-la de volta a Israel.

Foi levada para Bete-Semes. Daí para Quiriate-Jearim, onde ficou 20 anos, 7:2. Depois foi removida para Jerusalém por Davi, que lhe edificou um tabernáculo, 2 Sm 6:12; 2 Cr 1:4; aí ficou até que Salomão edificou o Templo. Nada se sabe do que lhe aconteceu após a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor.

O Tabernáculo, depois que a arca saiu de Siló, esteve um tempo em Nobe, 21:1; Mc 2:26; e outro tempo em Gibeom, 1 Cr 21:29; até que Salomão a guardou no Templo, 1 Rs 8:4.

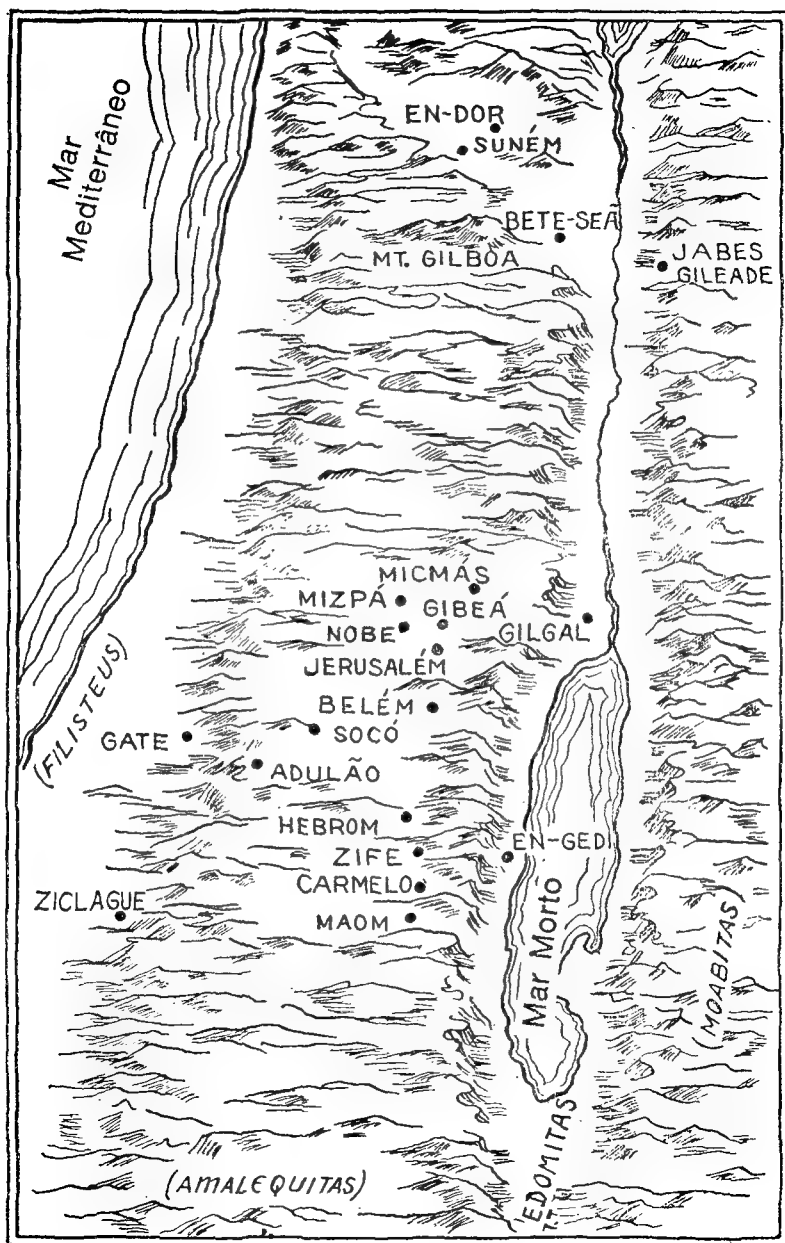
Depois da devolução da arca pelos filisteus, Samuel, com o auxílio direto de Deus infligiu-lhes uma derrota terrífica no mesmo local onde a haviam capturado, 4:1; 7:12.

Caps. 8, 9, 10. A Organização do Reino

Até aí a forma de governo fora a "teocracia", ver acima na página 158. Em um mundo de rapinagem, onde tôdas as nações roubavam e onde só se reconhecia a lei das selvas, um povo para sobreviver precisava ser suficientemente forte. Assim, Deus, acomodando-se aos métodos humanos, permitiu que seu povo se UNIFICASSE, como os outros, debaixo do governo de um rei. O primeiro rei, Saul, foi um fracasso. Mas o segundo rei, Davi, foi um magnífico sucesso.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Casa de Saul em Gibeá, 10:26**

Albright, 1922-23, encontrou em Gibeá, no estrato de 1000 a.C., as ruínas da fortaleza edificada por Saul.

Mar Mediterrâneo
EN-DOR
SUNÉM
BETE-SEÃ
MT. GILBOA
JABES GILEADE
MICMÁS
MIZPÁ
GIBEÁ
NOBE
GILGAL
JERUSALÉM
BELÉM
SOCÓ
GATE
(FILISTEUS)
ADULÃO
HEBROM
EN-GEDI
ZIFE
CARMELO
ZICLAGUE
MAOM
Mar Morto
(MOABITAS)
EDOMITAS
(AMALEQUITAS)

Mapa 43

Caps. 11, 12, 13, 14, 15. Saul Como Rei

Saul era da tribo de Benjamim, a qual, no tempo dos Juízes, quase que fora aniquilada; e pertencia à cidade de Gibeá, onde começou a horrível catástrofe, ver a pág. 163.

Alto, elegante e humilde, Saul começou seu reinado com brilhante vitória sobre os amonitas. Todas as dúvidas a respeito do novo "reino" se dissiparam. A nação parecia encaminhar-se para a grandeza.

Seguiu-se o solene aviso de Samuel à nação e ao rei, para que não se esquecessem do seu DEUS, aviso confirmado com uma trovoada miraculosa, cap. 12.

O primeiro êrro de Saul, cap. 13. Seus sucessos fizeram-no logo perder a cabeça. A humildade cedeu lugar ao orgulho. Ofereceu sacrifício, função esta privativa dos sacerdotes. Foi êste o primeiro sinal de sua presunção ao se considerar de suma importância.

O segundo êrro de Saul, cap. 14. Sua ordem tola ao exército para que se abstivesse de alimento, e sua insensata sentença de morte contra Jônatas, mostraram ao povo que o indivíduo que ocupava o trono era um estulto.

O terceiro erro de Saul, cap. 15. Desobediência deliberada a Deus no caso de Amaleque, o que deu lugar à sinistra declaração de Samuel, "Visto que rejeitaste a palavra do Senhor, ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei."

Cap. 16. Davi é Ungido Rei Secretamente

Não podia ser ato público, porque Saul mataria a Davi. O objetivo era dar a Davi oportunidade de exercitar-se para o ofício. Desse dia em diante Deus tomou-o sob seu cuidado, v. 13.

Davi era de pequena estatura, tez rosada, de belo aspecto, elegante, de grande força física e de muita simpatia pessoal; homem de guerra, prudente no falar, muito valente, excelente musicista e muito religioso.

Sua fama de musicista foi levada ao conhecimento de Saul, que não sabia então ter êle sido ungido para ser seu sucessor. Tornou-se escudeiro de Saul. Isso colocou-o em contacto com o rei e seus conselheiros.

Cap. 17. Davi e Golias

Parece que a primeira permanência de Davi na corte foi só por um tempo, e que regressou a Belém, passando-se alguns anos; e que, nesse ínterim, o rapaz Davi mudara tanto de aspecto que Saul não o reconheceu, vv. 55-58.

Socó, onde Golias estava acampado, ficava uns 24 km ao oeste de Belém. Golias media quase 3 m de altura; sua armadura pesava uns 50 kg, e a ponta de sua lança, uns 6 kg. O oferecimento de Davi, munido só de um cajado e de uma funda, para dar cabo de Golias, foi um ato de bravura sem precedente e de admirável confiança em Deus. Sua vitória sacudiu a nação. Logo após tornava-se genro do rei, comandante dos exércitos e o herói popular da nação.

Caps. 18, 19, 20. Saul Tem Ciúmes de Davi

A popularidade de Davi indispôs Saul contra ele. Saul repetidamente procurou matá-lo. Davi evadiu-se, e durante anos esteve foragido pelos montes.

A amizade de Jônatas por Davi, cap. 20. Jônatas era herdeiro do trono. Sua brilhante vitória sobre os filisteus, cap. 14, e sua nobreza de caráter, eram bons sinais de que seria um digno soberano. Contudo, soube que Deus havia ordenado Davi para o trono. Sua tocante renúncia ao direito à sucessão e seu devotamento altruístico ao rival, constituem uma das mais nobres e mais belas histórias de amizade de que há notícia.

Caps. 21 a 27. Davi, Fugitivo da Presença de Saul

Davi escapou para os filisteus, fingindo-se louco. Pressentindo perigo, fugiu para a Caverna de Adulão, no oeste de Judá; depois passou a Moabe, donde voltou ao sul de Judá, em Queila, Zife e Maom. Ajuntara uma companhia de 600 homens; Saul encarniçava-se atrás dêle; mas ele escapava sempre. Muitos dos Salmos compôs nessa época. Em En-Gedi, Saul caiu numa armadilha, porém Davi, recusando-se a subir ao trono por meio de um ato de violência, poupou-lhe a vida. Outra vez, em Zife, não quis matá-lo. Saul reconheceu sua "loucura", mas continuou nela.

Em Maom, Abigail, mulher rica, discreta e graciosa, tornou-se sua esposa. Davi, por fim, buscou outra vez refúgio entre os filisteus, ficando entre eles até à morte de Saul.

Caps. 28, 29, 30, 31. A Morte de Saul

Os filisteus invadiram a terra e acamparam-se no Monte Gilboa. Um dos príncipes deles quis que Davi e seus homens os acompanhassem. Mas os outros não confiavam em Davi. De modo que este ficou atrás e, com seus 600 homens, guarneceu o Sul contra os amalequitas.

Nesse ínterim, Saul, todo atemorizado, procurou mediante uma feiticeira, em Endor, entrevistar o espírito de Samuel. A narrativa singela, sem rodeios, de fato parece implicar em que o espírito de Samuel apareceu mesmo. Contudo, as opiniões divergem sobre se a aparição foi real ou fraudulenta. De qualquer forma, Saul foi morto na batalha. Reinou 40 anos, At 13:21.

NOTA ARQUEOLÓGICA: As Armas de Saul, 31:10

Declara-se, aqui, que as armas de Saul foram postas "no templo de Astarote" em Bete-Seã; e em 1 Cr 10:10 se diz que "a sua cabeça fixaram na casa de Dagão".

Bete-Seã (Beisan) fica um pouco a leste do Monte Gilboa, na junção dos vales de Jizreel e do Jordão, nas encruzilhadas das principais estradas que dominam os dois vales. O Museu da Universidade da Pensilvânia, 1921-30, descobriu em Bete-Seã, no estrato de 1000 a.C., as ruínas de um templo de Astarote e também um de Dagão, os mesmos edifícios em que fixaram as armas e a cabeça de Saul: pelo menos são uma prova de que existiam tais templos em Bete-Seã nos dias de Saul.

2 SAMUEL

O Reinado de Davi

Davi, Chefe de uma Eterna Dinastia de Reis

Caps. 1 a 6

O pesar de Davi pela morte de Saul. Davi aclamado rei de Judá. Sete anos de guerra com Isbosete, filho de Saul. Davi aclamado rei de todo o Israel. Escolha de Jerusalém como capital do reino. A arca é levada para Jerusalém.

Cap. 7. Deus Promete a Davi um Trono Eterno

O Antigo Testamento é a história das relações de Deus com a nação judaica, com o propósito de um dia Ele abençoar a todas as nações.

À medida que a história se desenrola, torna-se claro que o meio de serem abençoadas todas as nações será a família de Davi.

Tanto mais prossegue a história, quanto mais se torna evidente que o meio de a família de Davi abençoar o mundo será UM GRANDE REI que um dia nascerá dessa família e que pessoalmente VIVERÁ PARA SEMPRE, estabelecendo um REINO que NÃO TERÁ FIM.

Aqui, neste cap. 7 de 2 Samuel, começa a linha extensa de promessas, segundo as quais a FAMÍLIA DE DAVI reinaria PARA SEMPRE sobre o povo de Deus; isto é, procederia de Davi uma linhagem eterna de reis, que culminaria em UM REI ETERNO. Vão aqui algumas das promessas:

"Teu trono será estabelecido para sempre", 7:16.

"Se teus filhos guardarem o seu caminho, para andarem perante a minha face fielmente, de todo o seu coração e de toda a sua alma, nunca te faltará sucessor ao trono de Israel", 1 Rs 2:4. **(Deus, a Davi. Esta promessa, a princípio condicional, mais tarde se tornou absoluta, porque a condição foi plenamente satisfeita em um Rei eterno.)**

"Eis que te nascerá um filho... Salomão será o seu nome... Estabelecerei para sempre o trono de seu reino sobre Israel", 1 Cr 22:8,9,10 **(Deus, a Davi).**

"Se andares diante de mim, como andou Davi teu pai... também confirmarei o trono do teu reino segundo a aliança que fiz com Davi teu pai, dizendo: Não te faltará sucessor que domine em Israel", 2 Cr 7:17,18 **(Deus, a Salomão).**

"Fiz aliança com meu escolhido; jurei a Davi, meu servo.

"A tua posteridade estabelecerei para sempre e edificarei o teu trono de geração em geração...

"Fá-lo-ei por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra...

"A minha aliança lhe será firme.

"Farei durar para sempre a sua descendência, e o seu trono como os dias do céu...

"Não violarei a minha aliança, nem modificarei o que meus lábios proferiram. Uma vez jurei por minha santidade, (e serei eu falso a Davi?)... Seu trono... durará para sempre", Sl 89:3, 4, 27-29, 34-37.

"O Senhor jurou a Davi com firme juramento, e dele não se apartará: Um rebento da tua carne farei subir para o teu trono", Sl 132:11.

"Naquele dia levantarei o tabernáculo caído de Davi, para que possuam... todas as nações que são chamadas pelo nome, diz o Senhor", Am 9:11, 12.

"Um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros, e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz.

"Para que se aumente o seu governo e venha paz sem fim, sobre o trono de Davi", Is 9:6, 7.

"Do trono de Jessé, sairá um rebento, e das suas raízes um renovo. Naquele dia recorrerão as nações à raiz de Jessé, que está posta por estandarte dos povos", Is 11:1, 10.

"E tu, Belém Efrata (cidade de Davi)... de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade... será ele engrandecido até aos confins da terra", Mq 5:2, 4.

"Ó terra, terra, terra! ouve a palavra do SENHOR... Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e rei que é, reinará... será este o seu nome, com que será chamado: O SENHOR, JUSTIÇA NOSSA", Jr 22:29; 23:5, 6.

"Se puderdes invalidar a minha aliança com o dia, e a minha aliança com a noite, de tal modo que não haja nem dia e noite a seu tempo, poder-se-á também invalidar a minha aliança com Davi", Jr 33:20, 21.

"Eis que eu farei vir o meu servo, o Renovo...

"E tirarei a iniqüidade desta terra num só dia", Zc 3:8, 9.

"O homem cujo nome é RENOVO ... edificará o templo do SENHOR .. e será revestido de glória e assentar-se-á no seu trono e dominará... e o seu domínio se estenderá de mar a mar, e desde o Eufrates até às extremidades da terra", Zc 6:12,13; 9:10.

"Naquele dia... a casa de Davi será como Deus...

"Naquele dia haverá uma fonte aberta para a casa de Davi... para remover o pecado, e a impureza", Zc 12:8; 13:1.

Assim, repetiu-se muitas vezes a promessa de um Rei eterno, a levantar-se na família de Davi: ao próprio Davi, a Salomão, e repetidas vêzes nos Salmos, tanto quanto pelos profetas Amós, Isaías, Miquéias, Jeremias e Zacarias, durante um período de uns 500 anos.

Passaram-se os anos e, na plenitude dos tempos, o anjo Gabriel foi enviado a Maria, em Nazaré, a qual era da família de Davi, e lhe disse:

"Maria, não temas; pois achaste graça diante de Deus.

"Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem chamarás pelo nome de JESUS.

"Êste será grande, e será chamado Filho do Altíssimo; Deus, o Senhor, lhe dará o TRONO de DAVI seu pai.

"Êle reinará PARA SEMPRE sobre a casa de Jacó, e o seu reinado NÃO TERÁ FIM", Lc 1:30-33.

NESSE MENINO as promessas davídicas tiveram cumprimento.

Caps. 8, 9, 10. As Vitórias de Davi

Com a morte de Saul, Davi foi aclamado rei de Judá, com sua capital em Hebrom. 7 anos mais tarde fizeram-no rei de todo o Israel. Tinha

30 anos quando subiu ao trono. Sobre Judá reinou 7 e 1/2 anos, e sobre todo o Israel, 33 anos; 40 anos ao todo, 5:3-5. Morreu aos 70.

Logo depois de ser aclamado rei de todo o Israel, fez de Jerusalém a sede de seu governo. Situada em posição inexpugnável e possuindo a tradição de Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo, pensou Davi que ela se prestaria mais que outra qualquer para ser capital da nação. Conquistou-a, introduziu nela a arca de Deus, e planejou a edificação do Templo, caps. 5, 6, 7.

Davi teve muito êxito em suas guerras. Sujeitou completamente os filisteus, moabitas, sírios, edomitas, amonitas, amalequitas e todas as nações inimigas vizinhas, entre o Egito e o Eufrates. "O Senhor dava vitórias a Davi por onde quer que ia", 8:6.

Recebeu uma nação insignificante e, dentro de poucos anos, tornou-a num reino poderoso. Ao sudoeste, o império mundial egípcio estava em decadência. A leste os impérios mundiais assírio e babilônico ainda não tinham surgido. E aqui, na grande estrada entre aquele e estes, sob a mão de Davi, o reino de Israel, quase de uma hora para outra, torna-se não um império mundial, mas, talvez, o mais poderoso reino independente da terra, naquele tempo.

Caps. 11, 12. Davi e Bate-Seba

Foi esta a mancha mais negra na sua vida; o adultério e, virtualmente, um homicídio, éste para esconder aquele. O remorso abateu-o. Deus perdoou-o, mas pronunciou esta terrível sentença, "Não se apartará a espada jamais de tua casa", 12:10, e nunca se apartou mesmo. Colheu a medida exata do que semeara, e mais do que isso; fòi uma safra longa, penosa e amargurada. Sua filha Tamar foi violentada pelo irmão dela, Amnom, que por sua vez foi morto pelo irmão deles, Absalão. Este desencadeou uma revolta contra o pai, morrendo na luta. As mulheres de Davi foram violadas publicamente, em troca de haver ele violado secretamente a mulher de Urias. Assim, o reinado glorioso de Davi foi anuviado, nos últimos anos, por incessantes perturbações. Que lição para os que pensam poder pecar e tornar a pecar, e acabar muito bem!

Todavia, era êste o "homem que agrada a Deus", 1 Sm 13:44; At 13:22. A maneira como reagiu ao seu pecado bem que mostrou que êle o era de fato. Alguns dos Salmos, como o 32 e o 51, brotaram desta experiência amarga de sua vida.

Caps. 13 a 21. As Tribulações de Davi

Tamar violentada. Amnom morto. A fuga de Absalão. A revocação do mesmo.

A conspiração de Absalão para se apoderar do reino, caps. 15 a 19. Provàvelmente Absalão sabia que Salomão fôra indicado para suceder a Davi, no reino. Daí seu esforço por subtrair o trono de Davi, seu pai. A julgar pelo espaço ocupado pela narrativa, deve ter sido uma das maiores

tribulações do reinado de Davi. Envolveu a defecção de alguns dos seus conselheiros de maior confiança, e abateu-lhe totalmente o ânimo. Absalão, porém, foi, finalmente morto e Davi restaurado ao trono.

Seguiu-se a Rebelião de Seba, cap. 20. A tentativa de Absalão, de usurpar o trono, provavelmente enfraqueceu a autoridade de Davi sobre o povo. Daí Seba procurar aproveitar-se da situação, sendo, porém, logo esmagado. Os filisteus por esse tempo ficaram atrevidos de nôvo, cap. 21; e outra vez Davi alcança vitória.

Cap. 22. O Cântico de Louvor, de Davi

Aqui, como em tantos Salmos, Davi manifesta sua incansável confiança em Deus, e sua ilimitada gratidão pelo cuidado constante do SENHOR.

Cap. 23. As Últimas Palavras de Davi

Isto é, seu último Salmo. Revela em que êle tinha o pensamento, ao encerrar-se sua vida gloriosa, ainda que perturbada: a justiça de seu reinado; a produção dos seus Salmos; sua devoção à Palavra de Deus; a aliança divina com ele acerca de uma dinastia eterna.

Cap. 24. O Povo é Contado

É difícil ver ao certo onde estava o pecado de fazer um recenseamento nacional. O próprio Deus ordenara um, no princípio e no fim dos 40 anos das peregrinações no deserto, Nm 1:2; 26:2. Talvez, no caso em apreço, o censo indicasse em Davi um começo de fraqueza, com tendências para confiar na grandeza do seu reino, ele que durante toda a sua vida confiara sempre implìcitamente em Deus. O censo foi uma idéia de Satanás, 1 Cr 21:1. Satanás pode ter considerado aquilo uma oportunidade de demover Davi de sua confiança em Deus, para confiar em si mesmo. Fôsse como fôsse, Deus considerou o ato um pecado passível de castigo.

O censo revelou uma população de cêrca de um milhão e meio de guerreiros, não contando os de Levi e Benjamim, 1 Cr 21:6; ou uma população total de, provàvelmente, entre seis e oito milhões.

Como castigo, Deus enviou o anjo da pestilência para destruir Jerusalém. No lugar onde a mão do anjo se deteve, aí Davi edificou um altar, 25. Onde ele levantou o altar, Salomão edificou o Templo, 2 Cr 3:1.

Davi

Tomando-o no conjunto de suas qualidades, Davi foi pessoa ilustre: intensamente humano, impulsivo, de alma grande, excessivamente generoso. Fez algumas coisas muito erradas; mas, tendo-se em conta sua condição de soberano oriental, foi um homem notabilíssimo. De alma e coração devotou-se a Deus e aos caminhos de Deus. Num mundo de idolatria e numa nação que amiúde resvalava para o culto dos ídolos, Davi permaneceu firme como rocha em favor de Deus. Em toda circunstância da vida procurava contato com Deus na oração, na ação de graças e no louvor. Suas duas grandes realizações: o Reino e os Salmos.

1 REIS

O Reinado de Salomão

O Templo

O Esplendor da Corte de Salomão

A Idade Áurea da História dos Hebreus

A Apostasia das Dez Tribos

Elias

Os livros, 1 e 2 Reis, no Antigo Testamento Hebraico, eram um livro só, ver pág. 26. Foram divididos pelos tradutores da Septuaginta. Narram mais ou menos o seguinte: 1. O reinado de Salomão. 2. A Divisão do reino e a história paralela dos dois reinos. 3. A história subseqüente de Judá até ao Cativeiro.

1 Reis começa com a nação judaica no seu apogeu. 2 Reis termina com a nação arruinada. Juntos os dois cobrem um período de uns 400 anos, aproximadamente, 1000-600 a.C.

O Autor

Não se conhece o autor. Reza uma tradição judaica que foi Jeremias. Quem quer que fosse, faz freqüentes referências a anais oficiais e a outros registros históricos existentes na época como, por exemplo o "Livro da História de Salomão", "Livro da História dos Reis de Israel", "Livro da História dos Reis de Judá", 1 Rs 11:41; 14:19,29; 15:7,23,31; 16:5,14,27, etc. Assim, ao que parece, havia abundância de narrativas escritas, às quais o escritor sagrado recorreu, guiado, naturalmente, pelo Espírito de Deus.

Caps. 1, 2. Salomão Torna-se Rei

Nasceu de Bate-Seba, mulher à qual Davi não tinha direito, e, embora não estivesse habilitado à sucessão, foi escolhido por Davi e aprovado por Deus para sucessor no trono, 1:30; 1 Cr 22:9,10.

Adonias, 4.º filho de Davi, parece que era herdeiro natural do trono, 2:15,22; 2 Sm 3:3,4, visto que Amnon, Absalão e provàvelmente Quileabe estavam mortos. De modo que, estando Davi já para morrer, e antes de Salomão ser formalmente ungido rei, Adonias conspirou para apoderar-se do reino. Mas a trama foi frustrada pelo profeta Natã. Salomão foi generoso com Adonias. Este, no entanto, continuou se esforçando por lançar mão do trono; e não demorou muito que ele fosse morto.

Cap. 3. Salomão Escolhe a Sabedoria

Foi em Gibeom, 3:4, onde, naquele tempo, estavam o Tabernáculo e o altar de bronze, 1 Cr 21:29, uns 16 km ao noroeste de Jerusalém, apesar de que a arca estivesse em Jerusalém, 3:15. Deus mandou que Salomão pedisse o que quisesse. Salomão pediu sabedoria para governar o povo. Isso agradou a Deus, que o recompensou ricamente, 10-12. "Não se tem notícia na história de melhores promessas de verdadeira grandeza, ou de um quadro mais belo de piedade juvenil do que este."

Cap. 4. O Poder, a Riqueza e a Sabedoria de Salomão

Herdara de seu pai Davi o reino mais poderoso então existente. Foi uma era de paz e prosperidade. Salomão manteve vastos empreendimentos e negócios, e criou fama por suas realizações literárias. Escreveu 3.000 provérbios, 1.005 cânticos e obras científicas de botânica e zoologia, 32, 33. Escreveu três dos livros da Bíblia: Provérbios, Eclesiastes e Cântico dos Cânticos.

Caps. 5, 6, 7, 8. Salomão Edifica o Templo. (Ver sôbre 2 Cr 2 a 7.)

Caps. 9, 10. O Esplendor do Reino de Salomão

Ambos estes capítulos são, um desenvolvimento do cap. 4. Salomão devotou-se ao comércio e a gigantescas obras públicas. Entrou num acordo com o rei de Tiro, para usar seus navios no Mediterrâneo. Tinha uma frota em Eziom-Geber, com a qual dominava a rota comercial do Sul, através de Edom, às costas da Arábia, Índia e África. Construiu seu império com transações pacíficas de comércio, e não por conquista militar.

(Mapa 44. A linha interrompida indica a extensão do reino de Salomão)

Foi esta época de Davi e Salomão a Idade de Ouro da história dos judeus. Davi fora guerreiro. Salomão construiu. Davi fizera o reino. Salomão edificou o Templo. No mundo exterior, foi esta a época de Homero, o começo da história dos gregos. O Egito, a Assíria e a Babilônia, naquele tempo, eram fracos. Israel era o reino mais poderoso do mundo inteiro; Jerusalém, a cidade mais magnificente, e o Templo, o edifício mais rico e suntuoso da terra. Dos confins do mundo pessoas vinham ouvir a sabedoria de Salomão e ver a sua glória. A famosa rainha de Sabá exclamou: "Não me disseram metade."

NOTA ARQUEOLÓGICA: As Cavalariças de Salomão

O escritor bíblico fala aqui dos cavalos de Salomão, 10:26,28. Menciona-se Megido como uma das cidades onde ele mantinha seus cavalos, 9:15,19.

O Instituto Oriental descobriu, em Megido, ver pág. 192, as ruínas das cavalariças de Salomão. Na foto abaixo podem ser vistos os moirões de pedra, onde se prendiam os cavalos, e os cochos onde comiam.

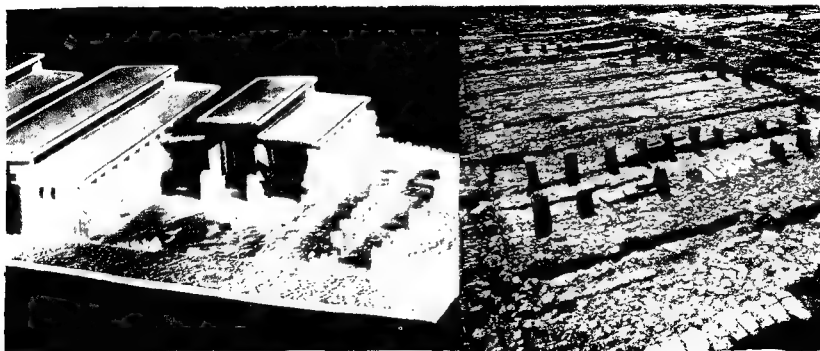



Fig. 48. Modelo e Ruínas das Cavalariças de Salomão.
(Cortesia do Instituto Oriental da Universidade de Chicago)

NOTA ARQUEOLÓGICA: O Ouro de Salomão

A renda anual de Salomão e os fornecimentos, em ouro, diz-se que eram enormes: paveses de ouro, broquéis de ouro, de ouro todos os vasos do palácio, o trono de marfim coberto de ouro. A prata e o ouro, em Jerusalém, tornaram-se vulgar como as pedras, 10:10-22; 2 Cr 1:15. Cinco anos depois da morte de Salomão, Sisaque, rei do Egito, foi e tomou todo esse ouro, 14:25, 26; 2 Cr 12:2, 9-11.

Admira saber que, ainda recentemente, 1939, a múmia de Sisaque foi encontrada em Tânis, no Egito, num sarcófago coberto de ouro, talvez parte daquele que ele tomou de Salomão.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Frota Marítima de Salomão em Eziom-Geber**

Aqui se diz que Salomão fez naus em Eziom-Geber, 9:26. Destinavam-se ao comércio com a Arábia, Índia e a costa oriental da África. Eziom-Geber situava-se na extremidade norte do Golfo de Akaba, no Mar Vermelho.

Suas ruínas foram identificadas e escavadas, 1938-39, pelo Dr. Nelson Glueck, das Escolas Americanas de Pesquisas Orientais. Encontrou ruínas de fundições, fornalhas, cadinhos e refinarias de Salomão; também depósitos de minério de cobre e ferro nas vizinhanças, de que se fabricavam bacias, pregos, pontas de lança e anzóis, que se exportavam em troca de marfim e ouro.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Pedras do Muro de Salomão**

"Pedras de valor, pedras grandes, pedras de dez côvados" foram empregadas nos edifícios de Salomão e no Muro de Jerusalém, 7:9-12; 9:15.

No ângulo sudeste da área do Templo, o muro ergue-se 23 m. Em 1868 perfurou-se um poço de 23 m de profundidade até tocar na rocha viva. O muro mede, pois, 46 m. Sua pedra angular mede 4,60 m de comprimento por 1,30 m. de altura. Há indícios evidentes dos reparos feitos por Salomão, 11:27.

Barkley, 1852, descobriu a pedreira de onde saíram as grandes pedras de Jerusalém. É hoje imensa caverna que se estende sob grande parte da cidade. A entrada é uma pequena abertura perto da porta de Damasco. Vêem-se lá pedras parcialmente cortadas, que indicam quais os métodos que eles adotavam para extrair pedras das pedreiras. Com picaretas de cabos compridos faziam cortes acima, abaixo e dos lados da pedra selecionada. Brocavam carreiras de pequenos buracos, nos quais metiam cunhas de madeira, e sobre estas derramavam água. As cunhas dilatavam-se com a umidade e arrebentavam a pedra. Cavavam buraquinhos nas rochas onde colocavam velas, a fim de poderem trabalhar naquela escuridão total.

Cap. 11. As Mulheres e a Apostasia de Salomão

O reinado glorioso de Salomão foi anuviado por um grande erro: seu casamento com mulheres idólatras. Teve 700 esposas e 300 concubinas, 11:3, o que em si era enorme crime, tanto contra si mesmo como contra elas. Homem sábio de fama multissecular, neste particular, pelo menos, ao nosso ver, não passou de um insensato vulgar. Muitas de tais mulheres eram idólatras, filhas de príncipes pagãos, desposadas por motivos políticos. Ele, que edificara o Templo de Deus, construiu, ao lado, para elas, altares pagãos. Assim, a idolatria, que Davi com tanto zelo suprimira, foi reinstalada no palácio. Deu isso lugar ao fim da gloriosa era inaugurada por Davi, e encaminhou a nação para a ruína: foi o ocaso da Idade Áurea de Israel. A apostasia embriagada da velhice de Salomão é uma das cenas da Bíblia que mais causa dó. Talvez que, narrando o fato, Deus tivesse o intuito de mostrar um exemplo do ponto a que a luxúria e a busca contínua de prazeres podem levar até mesmo os melhores homens.

Cap. 12. A Divisão do Reino

O Reino unido durou 120 anos: Saul, 40 anos, At 13:21; Davi, 40 anos, 2 Sm 5:4; Salomão, 40 anos, 1 Rs 2:42. Depois da morte de Salomão, dividiu-se o reino: dez tribos formaram o reino do Norte, chamado "Israel";

Judá e Benjamim formaram o reino do Sul, chamado "Judá". O reino do Norte durou pouco mais de 200 anos, e foi destruído pela Assíria, 722 a.C. O reino do Sul foi um pouco além de 300 anos, e foi destruído pela Babilônia, no período entre 605 e 587 a.C.

A separação das dez tribos "veio de Deus", 11:11, 31; 12:15, como castigo da apostasia de Salomão e como uma lição para Judá.

A Cronologia do Reino Dividido

A data da divisão do reino é calculada de vários modos, entre 983 a.C. e 931 a.C., sendo a data menor a que geralmente mais se aceita hoje. Existem dificuldades na cronologia do período, e discrepâncias aparentes que podem ser explicadas, parcialmente, com "reinados coincidentes em parte", "soberanias associadas", "intervalos de anarquia", e "frações de anos tomadas por anos inteiros". Veja uma explicação completa no artigo "Cronologia" no Novo Dicionário da Bíblia. As datas abaixo não podem estar muito longe da realidade:

Reis de Israel		Reis de Judá	
Jeroboão	931-909	Roboão	931-913
Nadabe	*910-908*	*Abias*	*913-911*
Baasa	909-886	Asa	911-870
Elá	886-885		
Zinri	885- -		
Onri	885-874		
Acabe	874-853	Josafá	870-848
Acazias	853-852	Jorão	848-841
Jorão	852-841	Acazias	841- -
Jeú	841-814	Atalia	841-835
Jeoacaz	814-798	Joás	835-796
Jeoás	798-782	Amazias	796-767
Jeroboão II	782-753	Uzias	767-740
Zacarias	753-752	Jotão	740-732
Salum	752- -		
Menaém	752-742		
Pecaías	742-740	Acaz	732-716
Peca	740-732	Ezequias	716-687
Oséias	732-723	Manassés	686-642
		Amom	642-640
		Josias	640-609
		Jeoacaz	609- -
		Jeoaquim	609-597
		Joaquim	597- -
		Zedequias	597-587

A Religião do Reino do Norte

Jeroboão, fundador do reino do Norte, adotou para manter separados os dois reinos, o culto do bezerro, a religião do Egito, como religião oficial do reino recém-formado. O culto de Deus identificara-se em Judá com a família de Davi. O bezerro veio a constar como símbolo da independência de Israel. Jeroboão incutiu tão profundamente o culto do bezerro no

reino do Norte que não pode ser arrancado daí senão com a queda desse reino.

O culto de Baal, introduzido por Jezabel, prevaleceu por uns 30 anos, mas foi exterminado por Elias, Eliseu e Jeú, nunca mais reaparecendo, embora persistisse, com intermitências, em Judá, até ao cativeiro deste.

Todos os 19 reis do Norte seguiram o culto do bezerro de ouro. Alguns dêles serviram também a Baal, porém nenhum tentou alguma vez fazer o povo voltar para Deus.

A Religião do Reino do Sul

Foi o culto de Deus: posto que a maioria dos reis servisse aos ídolos e andasse nos maus caminhos dos reis de Israel, contudo alguns dos reis de Judá serviram a Deus e por vezes houve notáveis reformas no meio desse povo. Entretanto, apesar dos repetidos e enérgicos avisos dos profetas, Judá acabou por abismar-se nas práticas horríveis do culto de Baal e de outras religiões dos cananeus, até que não houve mais remédio

Reis de Israel			Reis de Judá		
Jeroboão	Mau	22 anos	Roboão	Quase sempre mau	17 anos
Nadabe	Mau	2 anos	Abias	Idem	3 anos
Baasa	Mau	24 anos	Asa	Bom	41 anos
Elá	Mau	2 anos	Josafá	Bom	25 anos
Zinri	Mau	7 dias	Jeorão	Mau	8 anos
Onri	Muito mau	12 anos	Acazias	Mau	1 ano
Acabe	O pior	22 anos	Atalia	Demoníaca	6 anos
Acazias	Mau	2 anos	Joás	Quase sempre bom	40 anos
Jorão	Quase sempre mau	12 anos	Amazias	Idem	29 anos
Jeú	Idem	28 anos	Uzias	Bom	52 anos
Jeoacaz	Mau	17 anos	Jotão	Bom	16 anos
Jeoás	Mau	16 anos	Acaz	Perverso	16 anos
Jeroboão II	Mau	41 anos	Ezequias	O Melhor	29 anos
Zacarias	Mau	6 meses	Manassé	O Pior	55 anos
Salum	Mau	1 mês	Amom	O Pior	2 anos
Manaém	Mau	10 anos	Josias	O Melhor	31 anos
Pecaías	Mau	2 anos	Jeoacaz	Mau	3 meses
Peca	Mau	20 anos	Jeoaquim	Perverso	11 anos
Oséias	Mau	9 anos	Joaquim	Mau	3 meses
			Zedequias	Mau	11 anos

Alguns reinados foram, em parte, simultâneos. Ver sobre "Cronologia". Todos os reis de Israel serviram ao bezerro; os piores serviram a Baal. A maioria dos reis de Judá serviu aos ídolos; poucos serviram a Jeová. Alguns maus reis foram parcialmente bons; alguns bons foram parcialmente maus.

Caps. 13, 14. Jeroboão, Rei de Israel, 931-910 a.C.

Foi um oficial no governo de Salomão. Animado pelo profeta Aías e tendo a promessa do trono das dez tribos e de uma casa firme, se apenas se conduzisse nos caminhos de Deus, encabeçou uma revolta contra Salomão. Este procurou matá-lo. Ele fugiu para o Egito, abrigando-se na corte de Sisaque; provàvelmente chegou a um acordo com este, em quem despertou cobiça pelas riquezas de Salomão.

Morto Salomão, ele voltou e estabeleceu as dez tribos como reino independente. Mas, não atendendo ao aviso de Aías, passou logo a instituir

o culto do BEZERRO. Deus enviou Aías a dizer-lhe que sua casa seria derribada e Israel desarraigado da terra e espalhado na região além do Eufrates. 14:10, 15.

A impressionante profecia que chamou Josias por seu nome, 300 anos antes de nascer, 13:2, cumpriu-se, 2 Rs 23:15-18.

Houve guerra contínua entre Israel e Judá, após a divisão do reino.

O Reino do Norte, "Israel", 931-922 a.C.

Nos primeiros 50 anos: Hostilizado por Judá e Síria.
Durante mais 40 anos: Bem próspero, sob a casa de Onri.
Durante mais 40 anos: Aviltado, sob Jeú e Jeoacaz.
Durante mais 50 anos: Alargadas ao máximo as fronteiras, sob Jeroboão II.
Nos últimos 30 anos: Anarquia, ruínas e cativeiro.

O Reino do Sul, "Judá", 931-605 a.C.

Nos primeiros 80 anos: Muito próspero, com incremento do poderio.
Durante mais 70 anos: Considerável desastre; introdução do Baalismo.
Durante mais 50 anos: Sob Uzias, ampliadas ao máximo suas fronteiras.
Durante mais 15 anos: Sob Acaz, feito tributário da Assíria.
Durante mais 30 anos: Sob Ezequias, recuperada a independência.
Nos últimos 100 anos: Pela maior parte, vassalo da Assíria.

As Relações Recíprocas dos Dois Reinos

Nos primeiros 80 anos: Guerra contínua entre ambos.
Durante mais 80 anos: Estiveram em paz.
Nos últimos 50 anos: Guerra intermitente, até ao fim.

Dinastias

No reino do Norte houve 9 dinastias (séries de reis de uma só família). 1. Jeroboão, Nadabe. 2. Baasa, Elá. 3. Zinri. 4. Onri, Acabe, Acazias, Jorão. 5. Jeú, Jeoacaz, Jeoás, Jeroboão II, Zacarias. 6. Salum. 7. Menaém, Pecaías. 8. Peca. 9. Oséias. 19 reis ao todo. Média de uns 11 anos para cada reinado. Muita luta entre eles. 8 destes reis tiveram morte violenta.

No reino do Sul houve só 1 dinastia, a de Davi: excetuada a usurpadora Atalia, do reino do Norte, que se intrometeu pelo casamento na linhagem de Davi, e interrompeu a sucessão por 6 anos. 20 reis ao todo. Média de uns 16 anos para cada reinado.

Cap. 14:21-31. Reoboão, rei de Judá. Ver sobre 2 Cr 10
Cap. 15:1-8. Abias, rei de Judá. Ver sobre 2 Cr 13
Cap. 15:9-24. Asa, rei de Judá. Ver sobre 2 Cr 14
Cap. 15:25-32. Nadabe, rei de Israel, 910-909 a.C.

Filho de Jeroboão. "Andou nos pecados de seu pai." Reinou 2 anos. Foi assassinado por Baasa, que trucidou toda a casa de Jeroboão.

Caps. 15:33-16:7. Baasa, rei de Israel, 909-886 a.C.

Conquistou o trono pela violência. Reinou 24 anos. "Andou nos pecados de Jeroboão." Guerreou Judá. Este contratou a Assíria para atacá-lo.

Cap. 16:8-14. Elá, rei de Israel, 886-885 a.C.

Filho de Baasa. Reinou 2 anos. Foi um devasso. Estando bêbado, foi assassinado por Zinri, que trucidou toda a sua casa.

Cap. 16:15-20. Zinri, rei de Israel, 885 a.C.

Reinou 7 dias. Oficial do exército, cuja única realização foi o extermínio da dinastia de Baasa. Morreu queimado.

Cap. 16:21-28. Onri, rei de Israel, 885-874 a.C.

Reinou 12 anos. "Fez pior do que todos quantos foram antes dele." Ganhou tal proeminência que por muito tempo depois de morto, Israel era conhecido como "a terra de Onri". Fêz de Samaria sua capital. Tirza até então fora a capital do Norte, 14:17; 15:33.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS: **Onri**

A Pedra Moabita, cerca de 850 a.C., menciona "Onri, rei de Israel". Uma inscrição de Adade-nirari III, 810-781 a.C., refere-se a "terra de Onri".

O Obelisco Negro, de Salmaneser III, 859-824 a.C., fala de tributo recebido de Jeú, "sucessor de Onri".

Samaria. Em 16:24 se diz que Onri edificou Samaria. Uma expedição da Universidade Harvard, ver pág. 192, encontrou nas ruínas de Samaria os alicerces do palácio de Onri, em rocha viva, com relíquias e registros, porém nada mais antigo do que Onri, evidência de que foi ele o fundador da cidade.

Caps. 16:29-22:40. Acabe, rei de Israel, 874-853 a.C.

Reinou 22 anos. O mais perverso de todos os reis de Israel. Casou-se com Jezabel, princesa sidônia, mulher imperiosa, inescrupulosa, vingativa, decidida, diabólica, o demônio em carne. Devota do culto de Baal, construiu-lhe um templo em Samaria, manteve 850 profetas desse deus e de Astorete, matou os profetas de Jeová e aboliu o seu culto, 18:13,19. Seu nome veio a ser aplicado a uma profetisa de tempos depois, que procurou inculcar práticas voluptuosas do culto idólatra na igreja, Ap 2:20.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Reconstrução de Jericó, 16:34**

O cumprimento espantoso da predição de Josué, 500 anos antes, Jr 6:26. As ruínas de Jericó revelam que foi habitada continuadamente desde os tempos pré-abraâmicos até cerca de 1400 a.C., sem quaisquer sinais de habitação daí ao século nono a.C., tempo de Acabe. Suas ruínas são diminutas. Nesse estrato, uma grande casa foi descoberta, a qual pode ter sido de Hiel, 16:34. Um jarro com os despojos de uma criança foi achado na alvenaria de um portão, e dois de tais jarros nas paredes de uma casa. Desde então o local foi abandonado. A Jericó do Nôvo Testamento ficava uns 1.600 metros distantes.

Elias. 1 Reis 17 a 2 Reis 2

Seis capítulos são reservados aos anais do reinado de Acabe, enquanto a maioria dos reis tem só uma fração de capítulo. A razão é que em grande parte narram a história de Elias. Este foi a resposta que Deus deu a Acabe e a Jezabel, os quais haviam-no substituído por Baal. Deus mandou Elias para que erradicasse o Baalismo, religião vil e cruel.

"Os aparecimentos raros, súbitos e breves de Elias, sua coragem indômita e seu zelo ardente, o fulgor de seus triunfos, o patético de seu desânimo, a glória de seu passamento, e a tranqüila beleza de sua reaparição no Monte da Transfiguração, tornam-no um dos vultos mais grandiosos e românticos que Israel produziu."

Caps. 17, 18. A Seca

Deus deu a Elias o poder de fechar os céus por 3 anos e meio, tempo em que foi alimentado pelos corvos do ribeiro de Querite, e pela viúva de Zarefate, cuja panela de farinha e botija de azeite não se esvaziaram.

Sua aventura de fé, no Monte Carmelo, foi magnífica. Deus devia ter-lhe revelado, de um ou outro modo, que iria mandar o fogo e a chuva. Nada disto, porém, impressionou Jezabel.

Fig. 49. Despojos de uma criança sepultada num jarro.
(Cortesia do Instituto Oriental)

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Culto de Baal**

O Instituto Oriental, escavando em Megido, ver pág. 192, que fica perto de Samaria, encontrou, na camada do tempo de Acabe, as ruínas de um templo de Astarote, deusa esposa de Baal. Os templos dos dois comumente não eram muito afastados. A poucos passos desse templo de Astarote havia um cemitério, onde se acharam muitos jarros contendo despojos de crianças sacrificadas no dito templo, um dos quais se vê na Fig. 49. Vale isso como amostra do que era o culto de Baal. Os profetas de Baal e de Astarote eram

assassinos oficiais de criancinhas. Isso esclarece a razão da matança deles por Elias, 18:40, e ajuda-nos a compreender por que Jeú se mostrou tão impiedoso no extermínio do Baalismo.

Cap. 19. A "Voz Mansa e Delicada"

Desanimado de todo, Elias fugiu para o Monte Horebe, onde, 500 anos antes, Moisés organizara a nação e pedira a Deus que o deixasse morrer, 19:4. Deus ensinou-lhe esplêndida lição: o Senhor não estava no "vento", nem no "terremoto" e nem no "fogo", mas na "voz mansa e delicada", vv. 11, 12. O ministério de Elias fora de milagres, fogo e espada. Fechara os céus, sendo sustentado pelos corvos, por uma panela de farinha e uma botija de azeite que não se esvaziavam; ressuscitara um morto, chamara fogo do céu, matara os profetas de Baal a espada e trouxera chuva sobre a terra.

Parecia como se Deus lhe quisesse dizer que, embora as demonstrações de força fossem necessárias às vezes, em razão de crises nos planos divinos, a verdadeira obra principal de Deus no munda não se executa com esses métodos: que Deus às vezes faz, e outras vezes convoca homens para fazer, coisas que são totalmente contrárias à Sua natureza, porém que, em certas emergências, têm de ser feitas.

Muitos séculos depois, Elias reapareceu a olhos mortais, no Monte da Transfiguração, conversando com Cristo, para quem ajudara a preparar o caminho, a respeito da obra que, por fim, estava se inaugurando na terra, a saber, a transformação de vidas humanas conforme a imagem de Deus, mediante a "voz mansa e delicada" de Cristo a soar nos corações.

Caps. 20, 21, 22. A Morte de Acabe

Terminou seu reinado com um crime brutal contra Nabote; e foi morto em guerra com a Síria; assim acabou o homem de caráter desprezível.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS: **Acabe**

Uma inscrição de Salmaneser III, 859-824 a.C., menciona Acabe: "Em Karkar destruí... 2.000 carros e 10.000 homens de Acabe, rei de Israel."

Sua "casa de marfim", 22:39. Uma Expedição da Universidade Harvard, ver pág. 192, encontrou, em Samaria, as ruínas dessa casa. Suas paredes eram revestidas de marfim. Havia milhares de peças de painéis, placas ornamentais, estojos, canapés primorosamente insculpidos e embutidos. Ficavam logo acima das ruínas do palácio de Onri.

Cap. 22:41-50. Josafá, rei de Judá. Ver 2 Cr 17

Cap. 22:51-53. Acazias, rei de Israel. Ver 2 Rs 1

2 REIS

O Reino Dividido

Eliseu

Os Últimos 130 Anos do Reino do Norte

Os Últimos 250 Anos do Reino do Sul

Israel Cativo pela Assíria

Judá Cativo pela Babilônia

2 Rs é a continuação de 1 Rs, começando cerca de 80 anos depois da divisão do reino, leva adiante as narrativas paralelas dos dois reinos por uns 130 anos, até à queda do reino do Norte; depois prossegue com a história do reino do Sul por outros 120 anos, até sua queda. O livro abrange os últimos 12 reis do reino do Norte e os últimos 16 reis do reino do Sul, ver sobre 1 Reis 12; ao todo, um período de uns 250 anos, aproximadamente 850-600 a.C.

O reino do Norte, chamado Israel, caiu em 722 a.C. nas mãos dos assírios, cuja capital era Nínive; ver nota no cap. 17.

O reino do Sul, chamado Judá, caiu em cerca de 600 a.C. nas mãos dos babilônios, cuja capital era Babel; ver nota no cap. 25.

Elias e Eliseu foram profetas que Deus enviou, num esforço por salvar o reino do Norte. O ministério deles, tomado em conjunto, durou uns 75 anos, no período central do reino do Norte, cerca de 875-800 a.C., através dos reinados de 6 reis, Acabe, Acazias, Jorão, Jeú, Jeoacaz e Joás.

Cap. 1. Acazias, rei de Israel, 853-852 a.C.

A narrativa de seu reinado começa em 1 Rs 22:51. Reinou 2 anos. Governou com seu pai Acabe, e foi tão perverso quanto este. Temos aqui outro milagre de "fogo", de Elias, vv. 9-14.

Cap. 2. A Trasladação de Elias

Elias era natural de Gileade, terra de Jefté. Filho da solidão selvática das ravinas dos montes, usava uma capa de pele de carneiro e pelo cru de camelo, com seus próprios cabelos compridos a lhe caírem às costas. Sua missão era varrer de Israel o Baalismo. Seu ministério pode ter durado uns 25 anos, o período dos reinados dos perversos Acabe e Acazias. A tarefa que lhe cumpria realizar era dura, áspera e muito desagradável. Pensou que não alcançara êxito. E embora gozasse de intimidade com Deus, numa medida que só a poucos homens tem sido dada, era tão humano quanto nós; e pediu a Deus que lhe levasse a vida. Deus, porém, não julgou que ele houvesse fracassado. Realizada sua tarefa, o Senhor enviou um carro de fogo para conduzí-lo em triunfo ao céu.

Elias estivera, havia pouco, no Monte Horebe, onde Moisés dera a Lei. Agora que estava cônscio de que o tempo de sua partida chegara, encaminhou-se diretamente à região onde Moisés fora sepultado, no Monte Nebo, Dt 34:1, a leste do Jordão, como querendo estar com ele em sua morte. Imaginamos que não demorou em encontrar-se com Moisés, tornando-se os

dois imediatamente companheiros no céu, achando seu maior gozo aguardar a vinda do companheiro maior, com quem permitiu Deus graciosamente aparecessem por um momento na terra, Mt 17:3.

Elias fora profeta do "fogo". Chamou "fogo" do céu no Monte Carmelo e também para destruir os emissários de Acazias. É agora levado ao céu em "carros de fogo". Somente um outro, Enoque, foi levado para Deus sem passar pela morte, Gn 5:24.

Possivelmente a trasladação destes dois homens foi designada por Deus para ser uma pálida amostra do arrebatamento da Igreja, naquele dia alegre quando os carros angélicos descendo nos arrebatarem para a recepção do Salvador em Seu regresso.

Eliseu. 2 Reis caps. 2 a 13

Elias recebera instruções de Deus para ungir Eliseu como seu sucessor, 1 Rs 19:16-21, e para dar-lhe orientação. Quando foi levado para o céu, sua capa caiu sobre Eliseu, que começou imediatamente a operar milagres, tal como ele fizera.

Dividiram-se as águas do Jordão para Eliseu voltar, como antes se *dividiram para Elias, 2:8,14. O manancial das águas de Jericó foi curado,* 2:21. Os 42 rapazes idólatras de Betel foram despedaçados pelas ursas, 2:24. Deus, e não Eliseu, mandou as ursas. Betel era sede do culto a Baal. Os apupos dos rapazes, presumivelmente, dirigiam-se ao Deus de Eliseu.

Deus dera a entender a Elias que métodos de fogo e espada não realizavam a obra verdadeiramente divina, 1 Rs 19:12. Apesar disto, o fogo e a espada não paravam de agir. O Baalismo não compreendia outra linguagem. Eliseu ungiu a Jeú, para dar cabo do Baalismo oficial, 1 Rs 19:16,17; 2 Rs 9:1-10. E Jeú o fez violentamente, caps. 9, 10.

Caps. 3 a 9. Jorão, rei de Israel, 852-841 a.C.

Reinou 12 anos. Foi morto por Jeú, 9:24. No seu reinado o rei de Moabe, que pagara tributo a Acabe, rebelou-se, 3:4-6.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Pedra Moabita**

O cap. 3 narra os esforços de Jorão para tornar a sujeitar Moabe. "Mesa, rei de Moabe", referido em 3:4, fez sua própria narrativa dessa rebelião. E achou-se essa narrativa. Chama-se "Pedra Moabita". Foi encontrada, 1868, em Dibom, Moabe, 32 km a leste do Mar Morto, por F. A. Klein, missionário alemão. É uma pedra de basalto azulada, 1,30 m. de altura, 66 cm de largura, 35 cm de espessura, contendo uma inscrição de Mesa. Quando o Museu de Berlim negociava a sua aquisição, o Consulado Francês de Jerusalém ofereceu por ela grande soma. Oficiais turcos interferiram no negócio.

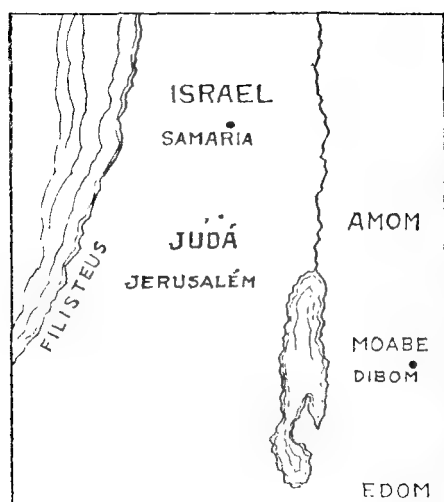
No ano seguinte os árabes, acendendo uma fogueira em redor da pedra e derramando água sobre ela, fragmentaram-na para usar os pedaços como amuletos. Mais tarde os franceses adquiriram a maior parte dos fragmentos que, ajuntados, salvaram a inscrição. Acha-se hoje no Museu do Louvre.

(Mapa 45)

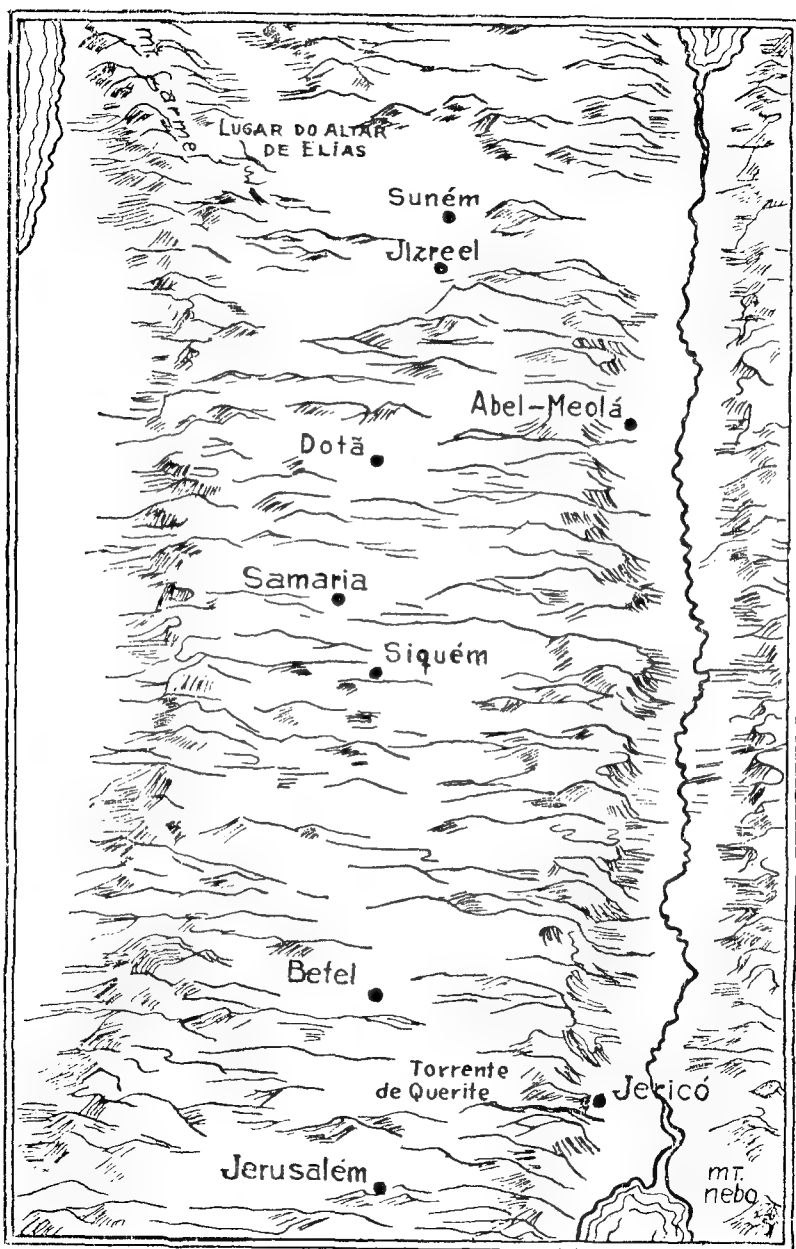
Fig. 50. A Pedra Moabita
(Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

Diz assim: "Eu, Mesa, rei de Moabe, fiz este monumento a Camos (deus de Moabe), para comemorar o livramento de sob o poder de Israel. Meu pai reinou em Moabe 30 anos, e eu reinei depois de meu pai. Onri, rei de Israel, oprimiu Moabe muitos dias, e seu filho (Acabe) após ele. Mas eu guerreei o rei de Israel e expulsei-o e tomei suas cidades, Medeba, Atarote, Nebo e Jahaz, as quais construiu enquanto me moveu guerra. Destruí suas cidades e dediquei os despojos a Camos, e as mulheres e moças a Astar. Edifiquei Qorhah, com prisioneiros de Israel. Em Bete-Diblataim coloquei criadores de ovelhas."

Caps. 4, 5, 6, 7. Milagres de Eliseu

Eliseu começou seu ministério com milagres, como se diz no cap. 2. Segue-se milagre após milagre. O azeite da viúva é aumentado. O filho da sunamita é ressuscitado. O saneamento do caldo de ervas venenosas. Os pães multiplicados. A lepra de Naamã curada. O ferro do machado é levado a flutuar. Samaria é liberta pelos carros invisíveis de Eliseu. Os sírios são afugentados pelos cavalos e carros de Deus, 7:6. Quase tudo quanto se registra de Eliseu são milagres. Como os milagres de Jesus, a maioria dos de Eliseu foram obras de bondade e misericórdia.

Jesus tomou a cura de Naamã por Eliseu como uma predição de que Ele próprio também seria enviado a outras nações. Lc 4:25-27.

LUGAR DO ALTAR
DE ELIAS
Suném
Jizreel
Abel-Meolá
Dotã
Samaria
Siquém
Betel
Torrente
de Querite
Jericó
Jerusalém
mT.
nebo

Mapa 46

Cap. 8:1-15. Elizeu Unge Hazael

Para suceder a Bene-Hadade, rei da Síria, o profeta de Israel ungiu um rei estrangeiro para que este castigue a terra desse profeta. Deus ordenara que isto se fizesse, 1 Rs 19:15, designando Hazael como um de seus instrumentos para punir os terríveis pecados de Israel, 10:32, 33.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Bene-Hadade e Hazael, 8:7-15**

A sucessão de Hazael ao trono de Bene-Hadade é corroborada por uma inscrição de Salmaneser, rei da Assíria: "Batalhei contra Bene-Hadade. Consegui destroçá-lo. Hazael, filho de um ninguém, apoderou-se de seu trono."

Eliseu

Eliseu começou seu ministério no reinado de Jorão, 3:1,11, provavelmente cerca de 850 a.C., continuando através dos reinados de Jeú e Jeoacaz, *e morrendo no reinado de Jeoás, 13:14-20, pouco depois de 800 a.C.*

Fora lavrador, de Abel-Meolá, no vale do alto Jordão, 1 Rs 19:16,19. Recebeu de Elias sua orientação profética, 1 Rs 19:21; 2 Rs 3:11. Ele e Elias eram muito diferentes. Elias era como a tempestade e o terremoto; ele, como uma voz mansa e delicada. Elias era duro como pedra; Eliseu, brando, gracioso, diplomata. Elias, homem do deserto, usava uma capa de pelo de camelo; Eliseu vivia nas cidades, trajava como os demais homens. Todavia, a capa de Elias caiu sobre ele, 1 Rs 19:19; 2 Rs 2:13.

Os Milagres de Eliseu

São enumerados nos caps. 2, 4, 5, 6, 7. Entre eles houve um dos sete casos bíblicos de ressurreição. Os sete casos foram os seguintes.

Elias: o filho da viúva, 1 Rs 17. Eliseu: o filho da sunamita, 2 Rs 4. Jesus: a filha de Jairo, Mc 5; o filho da viúva de Naím, Lc 7; Lázaro, Jo 11. Pedro: Dorcas, At 9. Paulo: Êutico, At 20.

Estes sete não incluem a ressurreição de Jesus, que foi a cúpula de todos eles, realizada sem intervenção humana; nem o incidente inesperado dos ossos de Eliseu, 2 Rs 13:21.

Eliseu e Seu Seminário

Parece, de 1 Sm 19:20, que Samuel fundara uma escola, ou seminário, de profetas, em Ramá. Eliseu teve tais escolas em *Betel, Jericó, Gilgal* e outros lugares, 2 Rs 2:3,5; 4:38; 6:1. Além desses, parece que ele residiu no Carmelo, Suném, Dotã e Samaria, 2 Rs 2:25; 4:10-25; 6:13,32. Deve ter sido uma espécie de pastor-profeta-mestre. Era também conselheiro do rei e de influência decisiva. Seus conselhos eram sempre seguidos. Não aprovou tudo quanto os reis fizeram, mas em tempos críticos vinha em socorro deles.

Eliseu, no reino do Norte, pode ter sido contemporâneo de Joel, no reino do Sul. Pode ter sido mestre de Jonas e de Amós, visto como estes eram rapazes na época.

Elias e Eliseu, atuando juntos como par, na sua vida e na sua obra pública, pareceram um protótipo, espécie de prefiguração viva de João Batista e Jesus, tomados estes em conjunto. João foi chamado Elias, Mt 11:14, e o ministério de bondade de Jesus foi amplo desenvolvimento do de Eliseu, e da mesma natureza. Isso ilustra como homens de tipos inteiramente diferentes podem operar juntos para os mesmos fins.

Cap. 8:16-24. Jeorão, rei de Judá. Ver sôbre 2 Cr 21

Cap. 8:25-29. Acazias, rei de Judá. Ver sôbre 2 Cr 22

Caps. 9, 10. Jeú, rei de Israel. 841-814 a.C.

Reinou 28 anos. Era oficial da guarda pessoal de Acabe. Ouviu Elias proferir a condenação da casa de Acabe. Foi ungido rei por Elias, a fim de eliminar a casa de Acabe e erradicar o Baalismo. Começou logo, e com furor, a sua tarefa sanguinolenta. Foi trabalho duro e cruel. Mas Jeú era o homem talhado para executá-lo — intrépido, inexorável, impiedoso, decidido. Talvez ninguém mais o fizesse. Matou Jorão, rei de Israel, Jezabel, Acazias, rei de Judá (genro de Acabe), os 70 filhos de Acabe, os irmãos de Acazias, todos os amigos e partidários da casa de Acabe, todos os sacerdotes de Baal e todos os adoradores desse deus; e destruiu o templo e as colunas do mesmo. Apesar de erradicar o culto de Baal, "não teve o cuidado de andar de todo o seu coração na lei do SENHOR Deus de Israel, nem se apartou dos pecados de Jeroboão".

Se estranhamos que Deus usasse um agente como Jeú, lembremo-nos de que o Baalismo era indescritivelmente vil, depravado e cruel. Para executar seus juízos sobre os maus, algumas vezes Deus emprega homens e nações que estão longe de ser o que deviam.

Enquanto Jeú se ocupava em sua revolução sangrenta dentro de Israel, Hazael, rei da Síria, tomava Gileade e Basã, aquela parte do reino de Israel a leste do Jordão, 10:32,33. Jeú também teve suas dificuldades com a Assíria, cujo poderio tomava incremento com rapidez ameaçadora.

Fig. 51

O Obelisco Negro

(Cortesia do Museu Britânico)

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Jeú**

Em Calá, perto de Nínive, Layard, 1845-49, encontrou, nas ruínas do palácio de Salmaneser III, um bloco de pedra negra, 2,20 m de altura, coberta de relevos e inscrições, narrando as façanhas deste rei assírio. Chama-se "Obelisco Negro". Acha-se hoje no Museu Britânico. Na segunda fila, a contar de cima para baixo, está uma figura de traços acentuadamente judaicos, ajoelhada aos pés do rei, e acima dela esta inscrição:

"O tributo de Jeú, filho (sucessor) de Onri, prata, ouro, tigelas de ouro, cálices de ouro, copos de ouro, vasos de ouro, chumbo, cetros para o rei e hastes de lança, eu recebi."

NOTA ARQUEOLÓGICA: Jezabel

Jezabel "pintou-se em volta dos olhos", 9:30. Uma expedição patrocinada pela Universidade Harvard, pela Universidade Hebraica de Jerusalém, pela Escola Britânica de Arqueologia e pelo Fundo de Exploração da Palestina, 1908-10, 1931 — encontrou em Samaria, nas ruínas da "casa de marfim" de Acabe, os próprios pires, caixinhas de pedra, nos quais Jezabel misturava seus cosméticos. Tinham uma porção de buraquinhos que continham as várias tintas: cosmético de carvão (preto), turqueza (verde), ocre (vermelho); e uma depressão no centro, onde se fazia a mistura. Ainda tinham vestígios de vermelho.

NOTA ARQUEOLÓGICA: Megido

Foi em Megido, perto de Samaria, no estrato do tempo de Acabe, e Jezabel, que se encontraram jarros contendo despojos de crianças sacrificadas a Baal, ver pág. 185; ilustrando, assim, a natureza horrível do culto desse deus.

Megido foi o famoso campo de batalha, Armagedom, que empresta seu nome à grande e final batalha dos séculos, Ap 16:16. Situava-se no lado sul da planície de Esdraelom, 16 km ao sudoeste de Nazaré, à entrada de uma garganta transversal da cordilheira do Carmelo, na estrada principal entre a Ásia e a África, principal encruzilhada do mundo antigo, posição-chave entre o Eufrates e o Nilo, lugar de encontro dos exércitos vindos do Oriente e do Ocidente. Tutmés III, que fez do Egito um império mundial, disse: "Megido tem o valor de mil cidades." Foi em Megido, na primeira Guerra Mundial que o General Allenby, 1918, quebrou a força do exército turco. Diz-se que mais sangue se tem derramado à volta dessa colina do que em outro ponto da terra.

O Instituto Oriental da Universidade de Chicago, auxiliado pelo governo da Palestina, 1924, adquiriu o direito de escavar a Colina, e dessa data em

Fig. 52. A Colina de Megido. (Cortesia do Instituto Oriental)

diante tem estado sistematicamente a remover camada após camada, registrando e preservando tudo quanto tem valor histórico. Ver mais nas págs. 184, 185.

Cap. 11. Atalia, rainha de Judá. Ver sobre 2 Cr 22

Cap. 12. Joás, rei de Judá. Ver sobre 2 Cr 24

Cap. 13:1-9. Jeoacaz, rei de Israel. 814-798 a.C.

Reinou 17 anos. Sob seu governo Israel foi muito humilhado pelos siros.

Cap. 13:10-25. Jeoás, rei de Israel. 798-781 a.C.

Reinou 16 anos Fez guerra à Síria e recuperou cidades que seu pai perdera. Guerreou contra Judá e saqueou Jerusalém.

Cap. 14:1-22. Amazias, rei de Judá. Ver sobre 2 Cr 25

Cap. 14:23-29. Jeroboão II, rei de Israel. 782-753 a.C.

Reinou 41 anos, incluindo 11 anos de co-regência com seu pai. Prosseguiu nas guerras vitoriosas de seu pai Jeoás contra a Síria e, auxiliado pelo profeta Jonas (v. 25), levou o Reino do Norte à sua maior extensão e poderio. A idolatria e as abomináveis condições sociais do reinado de Jeroboão reclamaram o ministério dos profetas Amós e Oséias.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Sinete de um Servo de Jeroboão**

Em Megido, Schumacher, 1903-05, encontrou, na camada de ruínas correspondente ao tempo de Jeroboão, belo sinete de jaspe, com a inscrição: "Pertence a Sema, Servo de Jeroboão." Foi colocado no tesouro real do Sultão da Turquia.

Cap. 15:1-7. Azarias, rei de Judá. Ver sobre 2 Cr 26

Cap. 15:8-12. Zacarias, rei de Israel. 753 a.C.

Reinou 6 meses.

Cap. 15:13-15. Salum, rei de Israel. 752 a.C.

Reinou 1 mês.

Cap. 15:16-22. Menaém, rei de Israel. 752-742 a.C.

Reinou 10 anos. De sangue frio e brutal, assassinou seu predecessor.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Menaém**

Seu Tributo a Pul, rei da Assíria, 15:19,20. Numa de suas inscrições, Pul diz: "Tributo de Menaém de Samaria... recebi." As inscrições de Pul mencionam: "Uzias", "Acaz", "Peca" e "Oséias".

Cap. 15:23-26. Pecaías, rei de Israel. 742-740 a.C.

Reinou 2 anos. Como Zacarias e Salum, foi assassinado.

Cap. 15:27-31. Peca, rei de Israel. 740-732 a.C.

Reinou 20 anos, incluindo seus períodos de co-regência. Fora poderoso oficial do exército; governou de parceria com Menaém e Pecaías, desde 752 a.C. Aliado à Síria, atacou Judá. Este pediu auxílio à Assíria. Veio o rei da Assíria e conquistou tanto a Israel como a Síria, levando os habitantes de Israel do norte e do leste. Foi este o cativeiro galileu, 732 a.C. Somente Samaria foi deixada, no reino do Norte. O fato é narrado mais amplamente em 2 Cr 28 e Is 7.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Cativeiro de Israel Setentrional**

Por Tiglate-Pileser, 15:29. Diz a inscrição deste: "Deportei para a Assíria o povo da terra de Onri, com as suas propriedades."

Cap. 15:32-38. Jotão, rei de Judá. Ver sobre 2 Cr 27
Cap. 16. Acaz, rei de Judá. Ver sobre 2 Cr 28

O CATIVEIRO DE ISRAEL, pela Assíria, 722 a.C.

Cap. 17. Oséias, 732-723 a.C., último rei de Israel. Reinou 9 anos. Pagou tributo ao rei da Assíria, *porém fez uma aliança secreta com o rei do Egito*. Vieram então os assírios e aplicaram o último golpe de morte ao reino do Norte. Samaria caiu e seu povo acompanhou o resto de Israel ao cativeiro. Os profetas da época foram Oséias, Isaías e Miquéias. O reino do Norte durara cerca de 200 anos. Cada um dos seus 19 reis andou nos pecados de Jeroboão, seu fundador. Deus enviara profeta após profeta, e *castigo após castigo, num esforço para fazer* a nação voltar dos seus pecados. Tudo, porém, debalde. Israel aderira aos seus ídolos. Não havia *remédio; a ira de Deus manifestou-se* e removeu Israel de sua terra.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Oséias**

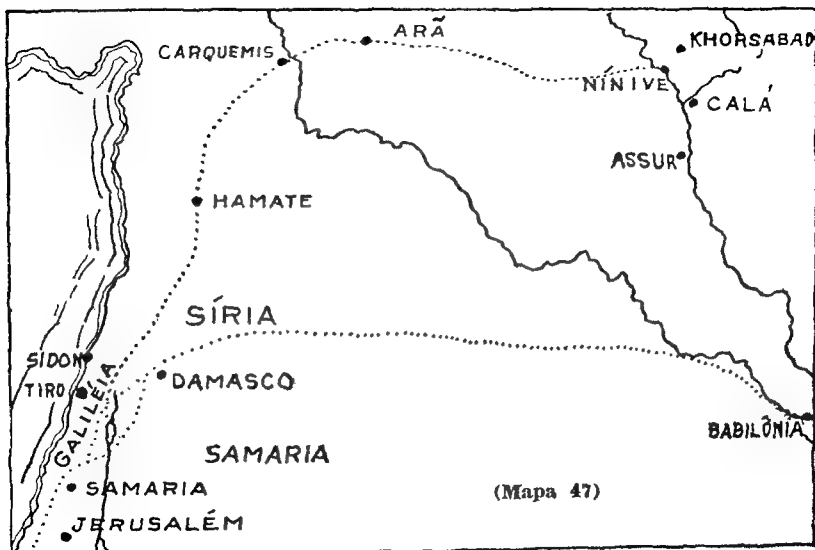
"Oséias matou Peca e reinou em seu lugar", 15:30. "Oséias ficou sendo servo do rei da Assíria", 17:3.

Uma inscrição de Tiglate-Pileser diz: "Peca, seu rei, eles derribaram. Coloquei Oséias sobre eles. Dele recebi 10 talentos de ouro e 1.000 talentos de prata."

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Cativeiro de Israel**

"O rei da Assíria cercou Samaria 3 anos... tomou-a... e transportou Israel para longe... e trouxe gente de Babilônia... e a fez habitar nas cidades de Samaria", 17:5,6,24.

Uma inscrição de Sargão, ver pág. 256, diz: "No meu primeiro ano capturei Samaria. Levei cativas 27.290 pessoas. Gente de outras terras, que nunca pagaram tributo, fiz habitar em Samaria."

(Mapa 47)

ASSÍRIA

Foi pelo Império Assírio que o reino de Israel foi destruído. Em anos recentes acharam-se os anais dos reis da Assíria, nos quais eles próprios mandaram registrar suas façanhas. Nesses anais ocorrem os nomes de dez reis: Onri, Acabe, Jeú, Menaém, Peca, Oséias, Uzias, Acaz, Ezequias, Manassés. Há muitas declarações que confirmam, suplementam, ou ilustram os registros bíblicos. Nínive era sua capital, ver as págs. 327, 331.

A política assíria era deportar para outras terras os povos conquistados, de modo a extinguir neles o sentimento nacionalista e sujeitá-los mais facilmente. Os assírios eram grandes guerreiros. Estavam sempre incursionando por outras terras. A maioria das nações naquele tempo dava-se à pilhagem. A Assíria parece que foi a pior de todas. Construiu sua nação à custa de pilhar outros povos. Era um povo cruel. Esfolavam vivos seus prisioneiros, ou cortavam-lhes as mãos, os pés, o nariz, as orelhas, ou lhes vazavam os olhos, ou lhes arrancavam a língua; faziam montes de caveiras humanas, tudo para inspirar terror.

A Assíria fora fundada, algum tempo antes de 3000 a.C., por colonizadores saídos de Babel, e por muitos séculos esteve sujeita a essa cidade, ou em conflito com ela. Salmaneser I (1274-1245 a.C.) sacudiu o jugo de Babel e governou todo o Vale do Eufrates. Então veio a decadência da Assíria. Tiglate-Pileser I, 1115-1077 a.C. (mais ou menos contemporâneo de Samuel), fez a Assíria de novo um grande reino. Sobreveio depois outro período de declínio, quando se levantou o reino de Davi e Salomão. Seguiu-se a brilhante época de 300 anos, em que a Assíria foi império mundial, sob os seguintes reis:

Assurbanipal II, 885-860 a.C. Guerreiro cruel. Transformou a Assíria na melhor máquina de guerra do mundo antigo.

Salmaneser III, 859-824 a.C. Primeiro rei assírio a entrar em conflito com Israel. Acabe combateu-o. Jeú pagou-lhe tributo.

Sansi-adad, 823-810 a.C. **Adad-nirari,** 810-781 a.C. **Salmaneser IV,** 781-772 a.C. **Assur-dayan,** 772-753 a.C. **Assur-lush,** 753-747 a.C. Declínio.

Tiglate-Pileser III, 747-727 a.C. "Pul" era seu nome pessoal. Levou ao cativeiro o Norte de Israel, 732 a.C. Ver sobre Is 7.

Salmaneser V, 727-722 a.C. Sitiou Samaria; morreu no sítio.

Sargão II, 722-705 a.C. Completou a destruição de Samaria e o cativeiro de Israel. Sargão I foi rei babilônio de 2.000 anos antes.

Senaqueribe, 705-681 a.C. O mais famoso rei assírio. Derrotado por um anjo diante de Jerusalém. Incendiou Babilônia (cidade). Ver sobre 2 Cr 32.

Esar-Hadom, 681-669 a.C. Reconstruiu Babilônia. Conquistou o Egito. Foi um dos maiores reis assírios.

Assurbanipal, 669-627 a.C. (Sardanapalos, Osnapper). Destruiu Tebas. Organizou grande biblioteca. Poderoso, cruel, literato.

Assur-etil-elani, Sin-sar-iskun (Saracos), 626-607 a.C. Assediado pelos citas, medos e babilônios, o império feroz caiu.

Caps. 18 a 25 falam dos 9 reis restantes de Judá, de Ezequias a Zedequias. Ver notas sobre estes reis e sobre o Cativeiro de Judá nesta página e sobre 2 Crônicas caps. 29 a 36.

O CATIVEIRO DE JUDÁ, pela Babilônia, 605 a.C.

Cap. 25. Zedequias, 597-587 a.C., último rei de Judá. O Cativeiro de Judá foi consumado em quatro etapas:

605 a.C. Nabucodonosor subjugou Jeoaquim, levou os tesouros do templo, a descendência real, inclusive Daniel, para Babilônia, 2 Cr 36:6-7; Dn 1:1-3.

597 a.C. Nabucodonosor voltou e levou o restante dos tesouros e o rei Jeoaquim, e 10.000 dos príncipes, oficiais e homens principais, todos cativos à Babilônia, 2 Rs 24:14-16.

587 a.C. Voltaram os babilônios, incendiaram Jerusalém, quebraram seus muros, vazaram os olhos ao rei Zedequias e levaram-no algemado para Babilônia, com 832 cativos, deixando só um resto da classe mais pobre na região, 2 Rs 25:8-12; Jr 52:28-30. O sumário de cativos é menor em Jeremias do que nos livros dos Reis, provàvelmente porque inclui só os mais importantes. Os babilônios levaram um ano e meio para subjugar Jerusalém. Cercaram-na no 9.º ano de Zedequias, no 10.º mês e no 10.º dia. A queda se deu no ano 11.º, 4.º mês, 9.º dia. Um mês depois a cidade era incendiada, isto é, no 7.º dia do 5.º mês.

Assim, Nabucodonosor levou 20 anos na destruição de Jerusalém. Podia tê-lo feito no princípio, se tivesse querido. Mas quis sòmente o tributo. Demais disto Daniel, a quem levou para a Babilônia no princípio dos 20 anos, logo se tornou seu amigo e conselheiro. É possível que exercesse sobre Nabucodonosor uma influência aplacadora; até que a persistência de Judá em fazer aliança com o Egito forçou-o a riscar Jerusalém do mapa.

582 a.C. 5 anos após o incêndio de Jerusalém, vieram os babilônios outra vez e levaram mais 745 cativos, Jr 52:30, mesmo depois que um grupo considerável, inclusive Jeremias, fugira para o Egito, Jr 43. A queda de Jerusalém deu ensejo ao ministério dos três grandes profetas, Jeremias, Ezequiel e Daniel.

O cativeiro de Judá pela Babilônia fôra predito 100 anos antes por Isaías e Miquéias, Is 39:6; Mq 4:10. Agora que se realiza, Jeremias prediz que durará 70 anos, Jr 25:11, 12.

Foi o fim do reino terrestre de Davi, que durara 400 anos. Reviveu, em sentido espiritual, com a vinda de Cristo, para consumar-se na glória quando Ele voltar.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Nabucodonosor**

Incendiou as cidades de Judá, 25:9; Jr 34:7. Em Laquis, Betel, Quiriate-Séfer e Bete-Semes, tem sido encontradas camadas de cinza dos incêndios destruidores ocorridos cerca de 600 a.C. Foram incêndios de Nabucodonosor. Em Laquis e Bete-Semes os incêndios lavraram tão de súbito nas cidades que sob as grandes camadas de detritos, cinza e carvão, acharam-se:

em Laquis, tesouros do templo, altar, incensório, salvas e ossos de sacrifícios, e em Bete-Semes, provisões de gêneros alimentícios, lentilhas, uvas, olivas e outros.

Babilônia (Babel)

A Assíria levou ISRAEL ao cativeiro, 732-722 a.C.

A Babilônia levou JUDÁ ao cativeiro, 605-587 a.C.

A Assíria era a parte norte do Vale Tigre-Eufrates.

A Babilônia (nação) era a parte sul do Vale Eufrates-Tigre.

Nínive era a capital do Império Assírio.

Babilônia (cidade) era a capital do Império Babilônico.

Nínive e Babilônia distavam uns 480 kms. uma da outra, Ver Mapa na pág. 194.

O Antigo Império Babilônico

A Babilônia foi o berço da raça humana, ver págs. 42, 64, 65.

Desde 2350 a.C. a Babilônia era a potência dominadora do mundo. Passou um período sob o domínio de Ur, em 2000 a.C.

Depois, durante 1.000 anos, houve lutas intermitentes entre Babilônia e Assíria.

Depois, vieram quase 300 anos de supremacia assíria, 883-608 a.C., ver pág. 195.

O Novo Império Babilônico

605-539 a.C. Algumas vezes chamado Império Neobabilônico. Foi este o império que abateu a força da Assíria e que no seu avanço para o oeste, destruiu JUDÁ e conquistou o Egito. Seus reis foram:

Nabopolassar, 626-605 a.C., vice-rei de Babilônia, a capital. Sacudiu o jugo da Assíria, 626 a.C., e estabeleceu a independência de Babilônia. Com o auxílio de Ciaxares, o Medo, conquistou e destruiu Nínive, 612 a.C., ver pág. 330. Seu filho Nabucodonosor, 609 a.C., regeu o império.

Nabucodonosor, 605-562 a.C., o maior rei babilônico, um dos mais poderosos monarcas de todos os tempos. Reinou 45 anos. O império babilônico em grande parte foi obra sua. Estendeu o poderio de Babel sobre a maioria do mundo então conhecido e embelezou-a quase além do que se pode imaginar, ver pág. 300-305. Foi ele quem levou os judeus ao cativeiro, inclusive Daniel e Ezequiel. Afeiçoou-se muito a Daniel e fê-lo um dos seus principais conselheiros. A influência de Daniel, sem dúvida, deve ter abrandado a condição dos cativos judeus. Ver mais sôbre Nabucodonosor, seu camafeu e sobre Babilônia, nas págs. 300-308.

Evil-Merodaque, 562-560 a.C. Neriglisar, 560-556 a.C.
Labás-Marduque, 556 a.C.

Nabonidos, 556-539 a.C. Seu filho Baltasar, nos últimos poucos anos de seu reinado, governou com êle. Babilônia caiu. A supremacia passou à Pérsia. Sôbre a história da escrita na parede e a queda de Babilônia, ver pág. 308.

O império babilônico durou 70 anos. Os 70 anos do cativeiro de Judá foram exatamente os mesmos 70 anos em que Babilônia governou o mundo. No ano em que Ciro, rei da Pérsia, conquistou Babilônia, 536 a.C., nesse mesmo ano autorizou o retorno dos judeus para sua terra.

Babilônia, opressora do povo de Deus do Antigo Testamento, emprestou seu nome à Igreja apóstata, opressora do povo de Deus de tempos depois, Ap 17.

1 CRÔNICAS

Genealogias

O Reinado de Davi

Os doze livros precedentes da Bíblia findaram com a narrativa do cativeiro da nação hebraica. Estes dois livros de Crônicas contam de novo a mesma história e terminam no mesmo ponto. São uma recapitulação de tudo quanto ocorreu, dando especial atenção aos reinados de Davi, Salomão e aos reis subseqüentes de Judá.

1 Crônicas é, em parte, o mesmo que 2 Samuel. Trata apenas da história de Davi, prefaciando-a com 9 capítulos de genealogias. Estas cobrem o período inteiro de Adão à volta dos judeus do cativeiro; é uma espécie de epítome de toda a história sagrada anterior.

O Autor

1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias eram, originalmente, uma única série de livros. Uma tradição constante dos judeus dizia ter sido Esdras o seu autor.

Freqüentes referências se fazem a outras histórias, anais e arquivos oficiais. "A História do rei Davi", 1 Cr 27:24; "Crônicas de Samuel, o vidente, crônicas do profeta Natã e crônicas de Gade, o vidente", 1 Cr 29: 29; "Livro da história de Natã, o profeta, profecia de Aías, o silonita, e as visões de Ido, o vidente", 2 Cr 9:29. "Livros de história de Semaías, o profeta, e de Ido, o vidente", 2 Cr 12:15; "História do profeta Ido", 2 Cr 13: 22. "Crônicas registradas por Jeú, filho de Hanani, que as inseriu na história dos reis de Israel", 2 Cr 20:34. "Livro da história dos reis", 2 Cr 24:27. "Os atos de Uzias, que Isaías escreveu", 2 Cr 26:22; "Visão do profeta Isaías", 2 Cr 32:32; "Livro dos reis de Judá e Israel", 2 Cr 32:32; "Livro dos videntes", 2 Cr 33:19; "A história escrita por Hozai".

Vê-se, assim, que o autor recorreu a diários e registros públicos que hoje não são conhecidos. Também teve acesso a todos os livros anteriores do Antigo Testamento. Guiado por Deus, transcreveu, omitiu ou acrescentou o que convinha ao propósito do seu próprio livro. Sendo assim, temos nesta parte do Antigo Testamento uma narrativa dupla.

A Significação da Repetição da Narrativa

Crendo, como cremos, que toda a Bíblia é a Palavra de Deus, destinada a uso universal, ficamos a pensar se com a REPETIÇÃO desta parte da história sagrada Deus teve algum propósito além da necessidade imediata de Esdras, de repovoar a terra e reorganizar a nação.

Ordinariamente, a repetição significa importância. Pelo menos é uma advertência para que não se negligencie esta parte da Bíblia. Embora se possa considerar Reis e Crônicas como livros de leitura árida, eles contêm a história das relações de Deus com o seu povo; e sempre, aqui e ali, nessa leitura, achamos algumas das mais lindas jóias da Escritura.

A Diferença entre Reis e Crônicas

Reis apresenta um relato paralelo dos reinos do Norte e do Sul, enquanto Crônicas se atém ao reino do Sul. Crônicas parece preocupar-se

primeiramente com o reino de Davi, desenvolvendo sua linhagem até à época do escritor sagrado.

Caps. 1 a 9. As Genealogias

Estas genealogias parecem ter tido como escopo imediato o repovoamento da região, de acordo com os registros públicos. Os que voltaram do cativeiro tinham direito ao território anteriormente em poder de suas famílias. Segundo o Antigo Testamento a região tinha sido repartida pelas famílias, e não podia ser alienada em perpetuidade, fora do âmbito de cada uma delas. Se fosse vendida, voltaria à posse da família original no ano do jubileu, ver sobre Lv 25.

Assim, o sacerdócio era herança de família. O sacerdote devia ser sucedido por seu filho. Era esta a lei da terra.

Foi assim com a linhagem real de Davi. De todas as promessas, a mais importante e preciosa era a de que o Salvador do mundo viria da família de Davi. O interesse central destas genealogias é acompanhar a descendência da linhagem de Davi. Ver mais na pág. 366.

Estas genealogias, na sua maioria, são incompletas; há lacunas nas listas. A linhagem principal, porém, lá está. Provavelmente foram compiladas de muitos registros, que se escreveram em placas, papiros ou velos; em parte copiadas de livros anteriores do Antigo Testamento.

Estes 9 capítulos de genealogias apresentam o enlaçamento das sucessivas gerações de toda a história bíblica precedente. Não precisam ser lidos com propósitos devocionais tão freqüentemente como algumas outras partes das Escrituras. Contudo, na realidade, estas e outras genealogias espalhadas pelo Antigo Testamento, são o arcabouço do mesmo, aquilo que faz da Bíblia inteira um todo, e lhe dá unidade, e que faz que ela se reconheça como HISTÓRIA verdadeira, e não como lendas.

Caps. 10, 11, 12. Davi Aclamado Rei

2 Samuel e 1 Crônicas, excetuando-se as genealogias, dedicam-se inteiramente ao reinado de Davi. Os dois livros, até certo ponto, narram os mesmos fatos. Mas 1 Crônicas dá especial atenção à organização do culto no Templo. Escrito após a volta do cativeiro, não seria fora de propósito dizer que este livro era uma espécie de sermão histórico, baseado em 2 Samuel, com o objetivo de animar os repatriados na obra de recolocar o culto no seu lugar próprio na vida nacional deles.

Em 2 Sm caps. 2-4 conta-se como Davi foi aclamado rei de Judá, depois da morte de Saul, tendo Hebrom como capital; aí reinou durante 7 1/2 anos; nesse tempo havia guerra com Isbosete, filho de Saul; depois da morte de Isbosete, Davi foi aclamado rei de todo o Israel.

O primeiro ato de Davi, como rei de Israel inteiro, foi tomar Jerusalém e fazê-la capital da nação. Isto se narra mais amplamente em 2 Sm 5. Jerusalém era mais central; situada num monte e rodeada de vales ao leste, oeste e sul, era inexpugnável. Durante os 400 anos, de Josué a Davi, Israel não pudera capturá-la. Os jebuseus ainda lá se achavam, Js 15:63; 2 Sm 5:6-10; 1 Cr 11:4, 5.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Canal Subterrâneo**

Esse canal, 2 Sm 5:8, por onde os homens de Davi entraram em Jerusalém, foi descoberto, 1866, por Warren, do Fundo de Exploração da Pales-

tina. É um túnel inclinado, com degraus, cavado na rocha viva, desde o cume do monte à fonte de Giom, (ver mapa pág. 39), a qual ficava na base leste do monte, pondo assim em comunicação o interior da cidade com o local do abastecimento d'água. O monte era cercado por um muro de 8 ms. de espessura. Foi inexpugnável até o momento em que Davi descobriu essa passagem secreta, da fonte à cidade.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Muro de Davi**

Em 1 Cr 11:8 se diz que Davi "foi edificando a cidade em redor". Os restos desse muro foram descobertos, numa extensão de 120 m os velhos alicerces dos jebuseus ainda são visíveis aqui e ali, sob a edificação de Davi.

Caps. 13, 14, 15, 16. É Levada a Arca para Jerusalém

A arca havia sido capturada pelos filisteus, 1 Sm 4:11. Ficara com êles durante 7 meses, 1 Sm 6:1. Depois foi devolvida a Israel, e ficou em Quiriate-Jearim, 16 kms. ao noroeste de Jerusalém, durante 20 anos, 1 Sm 7:2. Tendo estabelecido Jerusalém como capital nacional, Davi reuniu todo o Israel a fim de trazer a arca para lá, numa grandiosa procissão cerimonial.

Mas o infeliz incidente com Uzá, 1 Cr 13:10, interrompeu a procissão. A morte de Uzá, conseqüência do seu gesto impulsivo para salvar a arca, 13:9, parece-nos severa em excesso. Todavia, só aos levitas cabia conduzir a arca, 15:2, 13. Demais disto, o ato de Uzá foi uma violação direta da lei, Nm 4:15; sua morte foi um aviso, no sentido de haver cuidado.

Depois de 3 meses na casa de Obede-Edom, 13:14, levita, 15:17,18,21, 24, a arca foi levada a Jerusalém, em meio de grande regozijo, e colocada numa tenda que Davi lhe preparou, 15:1. A tenda original ficara em Gibeon, 21:29.

A poligamia de Davi, 14:3, foi contra a lei de Deus. Contudo, era esse o costume dos reis antigos, um dos sinais de prestígio e realeza que, segundo parece, o povo esperava de seus governantes. Com respeito a isso, nos tempos do Antigo Testamento, Deus pareceu tolerante. Mas, em perturbações domésticas, Davi teve boa safra, ver sobre 2 Sm 13.

Cap. 17. Davi Propõe-se a Edificar o Templo

Foi idéia de Davi. Deus satisfazia-se com a tenda, vv. 4-6; entretanto aquiesceu. Mas não ia consentir que Davi lhe edificasse o Templo, visto ter sido "homem de guerra", e ter derramado "muito sangue", 22:8; 28:3; e passou esse encargo a Salomão, 17:11-14; 28:6.

Caps. 18, 19, 20. Vitórias de Davi. Ver sobre 2 Sm 8.

Cap. 21. O Censo do Povo. Ver sobre 2 Sm 24.

Cap. 22. Preparativos de Davi para o Templo.

Embora proibido de ele mesmo edificar o Templo, Davi fez os planos para isso e dedicou grande parte do seu reinado a coletar vastas quantidades de ouro, prata e toda espécie de material de construção, tudo estimado

hoje, mais ou menos, de dois a cinco bilhões de dólares. Devia ser a casa "sobremodo magnificente, para nome e glória em todas as terras", 22:5. Deveria ser a coroa de glória do reino. A ordem de Davi a Salomão, dada aqui, é desenvolvida no cap. 28.

Cap. 23. Especificados os Deveres dos Levitas

Não havendo mais necessidade de transportar o Tabernáculo (v. 26), visto que agora o Templo permaneceria em Jerusalém, a tarefa dos levitas foi de novo especificada. Alguns deles teriam de supervisionar o trabalho no templo, v. 4. Outros seriam porteiros, v. 5. Outros, músicos, v. 5; 15:16, um coro de 4.000. Outros, "oficiais e juízes", "para negócios externos" e por certo, parece indicar que cabia aos levitas algo referente ao governo civil, tanto quanto ao serviço religioso.

Cap. 24. A Organização dos Sacerdotes

Em 24 turmas, para o culto no santuário. Foram denominados "príncipes do santuário", "príncipes de Deus", v. 5. Eram os responsáveis pelos sacrifícios. Sua obrigação cessou com a vinda de Cristo. Com bastante ironia, foram "sacerdotes" os que idealizaram a crucifixão de Cristo, Mt 27:1, 6, 20, 41. Os ministros do Evangelho em parte alguma do Novo Testamento são chamados "sacerdotes". A Epístola aos Hebreus foi escrita para mostrar que os "sacerdotes" não eram mais necessários. Os únicos lugares onde essa palavra ocorre em sentido cristão são Ap 1:6; 5:10; 20:6; e aí aplicam-se a **TODOS** os crentes, e não a uma classe particular entre eles, com pretensões de domínio sobre a parte restante.

Caps. 25, 26, 27. Outras Providências

Para a eficiência do culto no Templo e do governo da nação; especialmente no que dizia respeito aos músicos, cujo mister não cessou com a vinda de Cristo, antes adquiriu nova significação. Davi foi grande musicista. De toda a sua alma deleitava-se em fazer vibrar os céus com os cânticos de louvor a Deus, 15:27, 28; 16:41, 42.

Caps. 28, 29. A Última Palavra e a Oração de Davi

A respeito do Templo. Era isso em que estava o seu coração, enquanto sua alma levantava vôo para a "casa não feita por mãos". O "homem segundo o coração de Deus" "servira à sua geração" nobremente. E que alegria não deve ter sido a sua quando se encontrou com Aquele que mais tarde assumiu o nome de "Filho de Davi".

2 CRÔNICAS

O Reinado de Salomão

O Templo

A História de Judá após a Separação das Dez Tribos

2 Crônicas abrange os mesmos assuntos de 1 e 2 Reis, apenas omitindo as narrativas acerca dos reis das dez tribos separadas.

Caps. 1 a 9. O Templo e a Glória do Reinado de Salomão

Ver também sobre 1 Rs, caps. 1 a 11.

Israel passara 400 anos com apenas uma tenda como lugar de habitação de Deus entre eles; e Deus, ao que parece estava satisfeito com aquele arranjo, 2 Sm 7:5-7. Contudo, quando pareceu conveniente que tivessem um templo, Deus quis ter uma palavra sobre como deveria ser o edifício, e deu o desenho deles, "por escrito por mandado do SENHOR", a Davi, 1 Cr 28:19; Êx 25:9, para que fosse "sobremodo magnificente, para nome e glória em todas as terras", 1 Cr 22:5.

Davi desejou edificar o Templo, porém isto lhe foi vedado, visto como foi homem de guerra, 1 Cr 22:8. Deus ajudou a Davi em suas guerras. Mas, ao que parece, não julgou bom um homem de guerra ser o construtor de Sua Casa, para que as nações subjugadas não sentissem rancor ao Deus de Israel; afinal das contas, o propósito divino na fundação da nação hebraica foi o de, por meio desta, ganhar outras nações para Si.

O Templo foi construído de grandes pedras, traves e tábuas de cedro, revestidas por dentro de ouro, 1 Rs 6:14-22; 7:9-12. O ouro, a prata e outros materiais empregados na sua construção, 1 Cr 22:14-16; 29:2-9, são estimados de modos diferentes, correspondendo em moeda americana de 2 a 5 bilhões de dólares; sem dúvida, foi o mais dispendioso e esplêndido edifício do mundo de então. Sua pompa e esplendor pode ter servido a um propósito, mas o seu ouro tornou-se objeto da cupidez de outros reis.

Foi edificado segundo o traçado geral do Tabernáculo, ver pág. 127, cada parte com o dobro do tamanho: isto é (dando o cúbito como 50 cm) 30 m de comprimento, 10 de largura e 15 de altura, 1 Rs 6:2.

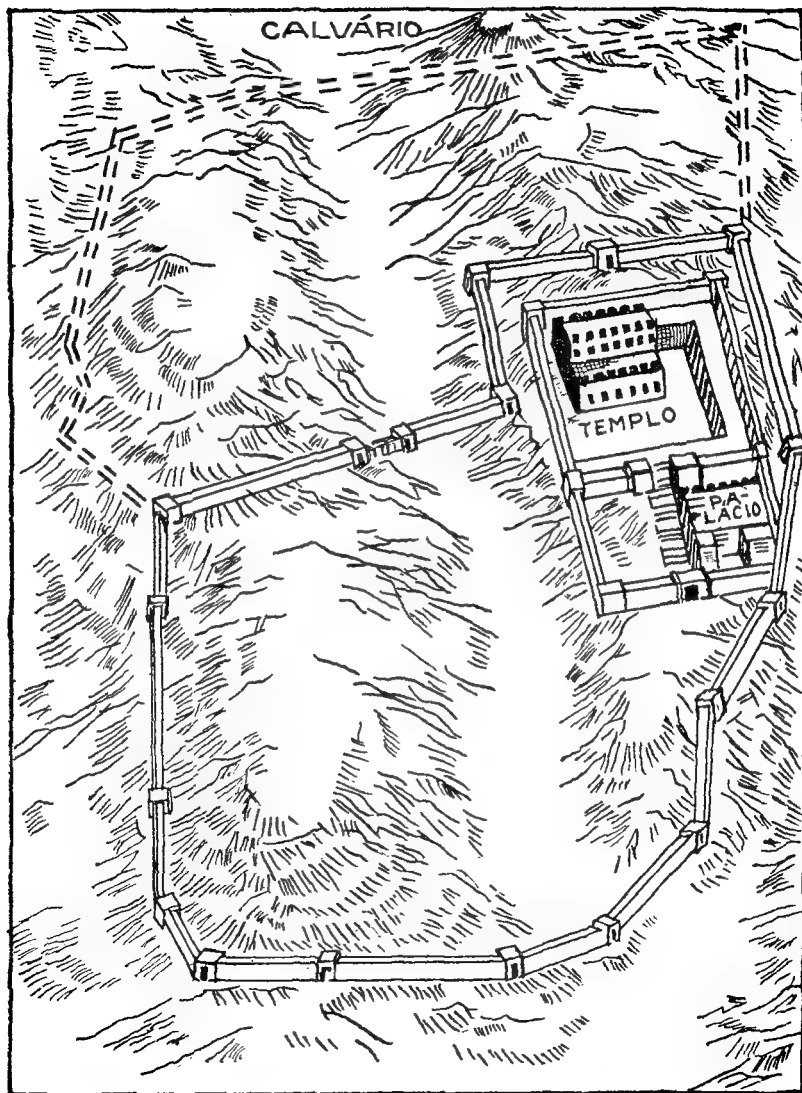
Tinha a frente para o Oriente. Os 10 m do Ocidente constituíam o Santo dos Santos, ou oráculo. Os 20 m do Oriente eram o Santo Lugar, ou Casa, 1 Rs 6:16-20. Eram separados um do outro pelo véu, 2 Cr 3:14.

No Santo dos Santos estava a arca, coberta pelos dois querubins, 1 Rs 6:23-28. No Santo Lugar, perto do véu, no centro, ficava o altar de ouro do incenso; e 5 castiçais de ouro do lado norte, 5 do lado sul; e 5 mesas dos pães da proposição do lado norte, e 5 do lado sul, 1 Rs 7:48,49; 2 Cr 4:8.

Na frente, no lado oriental, estava o pórtico, de toda a largura da Casa e 5 m de fundo.

No pórtico havia duas colunas de cobre, cada uma de uns 2 m de diâmetro e 9 m de altura, uma de cada lado, 1 Rs 6:3; 7:15-21.

Em redor da parede do Templo, dos lados norte, sul e oeste, havia três andares de câmaras colaterais, para os sacerdotes, 1 Rs 6:5-10.

Defronte do Templo ficava o grande altar de bronze, dos holocaustos, quadrado, 10 m cada lado, e 5 m de altura, 2 Cr 4:1; pensa-se que ficava sobre a pedra onde Abraão ofereceu Isaque, hoje chamada Pedra do

Mapa 48. Disposição provável do Templo de Salomão e dos edifícios do palácio

Domo, bem abaixo do centro da atual mesquita maometana. Perto, ao sul ficava a grande pia de cobre, ou "mar", circular, 5 m de diâmetro, 2,50 m de profundidade, montada sobre 12 bois de cobre, todos eles obra inteiriça de fundição, para conter a água destinada às abluções dos sacerdotes. Havia 10 pias portáteis menores, 5 do lado norte e 5 do lado sul, que continham água para os sacrifícios, 1 Rs 7:38,39; 2 Cr 4:1-6.

O Templo era rodeado por dois átrios: o "átrio interior" e o "grande átrio", 1 Rs 6:36; 7:12. Suas dimensões não são conhecidas. Pensa-se que o átrio grande podia incluir os edifícios do palácio.

O Templo foi construído por 30.000 israelitas e 150.000 cananeus, 1 Rs 5:13-16; 2 Cr 2:17,18; 8:7-9. Levaram 7 anos a construí-lo, 1 Rs 6:38. Cada parte era preparada distante do local da edificação e colocada no seu lugar sem se ouvir ruído de martelo ou outro instrumento, 1 Rs 6:7.

Jerusalém era edificada sobre 5 colinas, ver pág. 39. O Muro de Davi abrangia a colina do sudeste. Pensa-se que o de Salomão abrangia as colinas do centro-leste e sudoeste. O Palácio de Salomão ficava abaixo da colina, bem ao sul do pátio do Templo. Ao oeste do palácio, a casa da filha de Faraó; e ao sul do palácio, a sala do trono de Salomão; ao sul desta, a casa do bosque do Líbano, que se julga ter sido um arsenal, 1 Rs 7:2, 8. Na página precedente temos uma ilustração aproximada.

O Templo de Salomão permaneceu de pé uns 400 anos, 967-587 a.C. O de Zorobabel, uns 500 anos, 520-20 a.C. O de Herodes, 90 anos, 20 a.C.-70 d.C.

Os Templos de Deus

O Tabernáculo. Uma simples tenda. O lugar de habitação de Deus no meio de Israel por 400 anos. A maior parte do tempo esteve em Siló. Ver sobre Êx caps. 25 a 40.

O Templo de Salomão. Sua glória durou pouco. Foi saqueado 5 anos depois da morte de Salomão. Destruído pelos babilônios, 587 a.C.

O Templo de Ezequiel, Ez caps. 40-43. Não era, em realidade, um templo, mas uma visão do templo ideal, restaurado no futuro.

Sinagogas. Surgiram durante o cativeiro. Não eram templos, porém pequenos prédios, nas comunidades espalhadas dos judeus, para reuniões locais. Ver pág. 362.

O Templo de Zorobabel. Construído depois da volta do cativeiro. Ver sobre Esdras e Neemias. Durou 500 anos, até ser substituído pelo Templo de Herodes.

O Templo de Herodes. Foi este o templo em que Jesus esteve. Edificado por Herodes, de mármore e ouro. De magnificência indescritível. Destruído pelos romanos em 70 d.C. Ver sôbre Jo 2:13 e Mt 24.

O Corpo de Cristo. Jesus chamou seu corpo um templo, Jo 2:19-21. Nele, Deus tabernaculou entre nós. Jesus disse que templos terrestres não eram necessários ao culto de Deus, Jo 4:20-24.

A Igreja, coletivamente, é um templo de Deus, lugar de habitação de Deus no mundo, 1 Co 3:16-19.

Cada crente, individualmente, é um templo de Deus, 1 Co 6:19, do qual a grandeza do Templo de Salomão pode ter sido um tipo.

Edifícios da Igreja, algumas vezes, são chamados templos de Deus, mas não o são em parte alguma da Bíblia.

O templo no céu. O Tabernáculo era o modelo de alguma coisa no céu, Hb 9:11,24. João viu um templo no céu, Ap 11:19. Adiante, porém, declara-se que Deus e o Cordeiro eram esse templo, Ap 21:22.

Caps. 10, 11, 12. Reoboão, rei de Judá, 931-913 a.C.

Filho de Salomão. Reinou 17 anos. Referido também em 1 Rs 12,13, 14. Jovem insensato, sob cujo reinado o magnificente reino de Salomão precipitou-se ràpidamente do pináculo da glória às profundezas da vergonha e insignificância. Dez das doze tribos separaram-se do seu reino; e Sisaque, rei do Egito, saqueou Jerusalém, 12:2-9.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Sisaque Invade Judá**

O relato do próprio Sisaque acêrca dessa campanha está inscrito no muro meridional do grande templo de Amom em Carnaque, no qual ele se mostra presenteando 156 cidades da Palestina a esse deus.

Fig. 53. Relevo de Sisaque.

Descobriu-se uma camada de cinzas do incêndio por ele ateado a Quiriate-Séfer.

Descobriu-se também um fragmento de um monumento por ele erigido em Megido.

Achou-se a múmia de Sisaque, 1938, em Tânis, num sarcófago de prata revestido de ouro maciço, possìvelmente algum ouro de Salomão, que Sisaque levara de Jerusalém.

Cap. 13. Abias, rei de Judá, 913-911 a.C.

Reinou 3 anos. É também referido em 1 Rs 15:1-8. Mau, como seu pai. Contudo, em batalha contra Jeroboão, porque "confiou no SENHOR" derrotou-o, reavendo algumas das cidades do Norte.

Caps. 14, 15, 16. Asa, rei de Judá, 911-870 a.C.

Reinou 41 anos. É também referido em 1 Rs 15:9-24. Seu longo reinado coincidiu, em parte, com os reinados de 7 reis do reino do Norte, desde o final do de Jeroboão ao começo do de Acabe. Foi bom rei; serviu ao SENHOR com muito zelo. Grande movimento reformador sacudiu a nação. Derribou os altares estranhos, os lugares altos, as colunas, as imagens do sol e os postes-ídolos; expulsou os sodomitas; despojou sua mãe da função de rainha porque adorava um ídolo. Prosperou muito.

Caps. 17, 18, 19, 20. Josafá, rei de Judá, 870-848 a.C.

Reinou 25 anos, incluindo sua co-regência desde 873 a.C. É também referido em 1 Rs 22:41-50. Muito religioso: "buscou ao Senhor em tudo." Inaugurou um sistema de instrução pública, por meio de sacerdotes e levitas que faziam circuitos regulares, levando consigo "o livro da lei", para ensinar o povo. Instalou tribunais de justiça por toda a nação, e um tribunal de apelação em Jerusalém. Manteve vasto exército e muito se engrandeceu.

Cap. 21. Jeorão, rei de Judá, 848-841 a.C.

Reinou 8 anos. Também consta em 2 Rs 8:16-24. Teve bom pai e bom avô; aviltou-se pelo casamento com uma mulher perversa, Atalia, filha da infame Jezabel. Sob seu reinado, Jerusalém foi pilhada pelos árabes e filisteus. Teve morte horrível. "Saíram-lhe as entranhas com a doença" e ele "se foi sem deixar de si saudades."

Cap. 22:1-9. Acazias, rei de Judá, 841 a.C.

Reinou 1 ano. Também consta em 2 Rs 8:25-29. Filho de Atalia, neto de Jezabel; rebento da casa de Davi numa vinculação horrível. Muito perverso. Foi morto por Jeú.

Cap. 22:10-23:21. Atalia, rainha de Judá, 841-835 a.C.

Reinou 6 anos. Também é referida em 2 Rs 11. Era filha da infame Jezabel; e diabólica, como sua mãe. Casou-se com Jeorão, rei de Judá; foi mãe do rei dessa nação, que se seguiu, Acazias. Assim, fora rainha 8 anos, e rainha-mãe 1 ano, antes dos 6 anos que governou por direito próprio: 15 anos ao todo. Devota fanática de Baal, massacrou seus netos, e usurpou o trono.

Cap. 24. Joás, rei de Judá, 835-796 a.C.

Reinou 40 anos. Também mencionado em 2 Rs 12. Joás foi neto de Atalia. Quando esta matava a família real, Joás, filho de Acazias, ainda criancinha, foi subtraído e escondido no Templo durante 6 anos. Quando Joás completou 7 anos, Joiada, sumo sacerdote, seu tio, planejou a deposição de Atalia, e a Joás colocou no trono. Joiada foi o verdadeiro governante, enquanto viveu. Sob sua tutela, Joás limpou a terra do baalismo, reparou o Templo, que Atalia havia arruinado, e restaurou o culto divino.

Joás "fez o que era reto todos os dias de Joiada" 2 Rs 12:2. Morrendo este, apostatou e erigiu ídolos. Os príncipes que conheciam o culto licencioso de Astarote foram a ruína de Joás. Este chegou a ordenar a morte, por apedrejamento, de Zacarias, filho de Joiada que o pusera no trono. Dentro de um ano, após a morte de Zacarias, vieram os siros e saquearam Jerusalém, mataram os príncipes e "executaram os juízes de Deus contra Joás", visto como "deixara ao Senhor". Isto indispôs o povo contra ele.

Cap. 25. Amazias, rei de Judá, 796-767 a.C.

Reinou 29 anos. Também se refere em 2 Rs 14:1-22. "Fez o que era reto, porém não com inteireza de coração." Moveu guerra a Edom e serviu aos deuses dessa nação. Guerreou contra Israel, cujo rei saqueou Jerusalém.

Cap. 26. Uzias (Azarias), rei de Judá, 767-740 a.C.

Reinou 52 anos, incluindo sua co-regência desde 791 a.C. Também se refere em 2 Rs 15:1-7. Por um tempo regeu a nação ao lado de seu pai Amasias. "Fez o que era reto. Propôs-se buscar a Deus." "Enquanto buscou ao SENHOR, Deus o fez prosperar." Teve um exército enorme, com o melhor equipamento bélico. Ganhou vitórias sobre os filisteus, árabes e amonitas. Deu muita atenção à agricultura. O reino estendeu ao máximo suas fronteiras, *como não* o havia feito desde a separação das dez tribos. Tornou-se, porém, arrogante, e Deus feriu-o de lepra.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Uzias**

Uma inscrição de Tiglate-Pileser III, rei assírio, 745-727 a.C., que levou o Norte de Israel ao cativeiro, menciona quatro vezes "Azarias (Uzias) o judeu".

A pedra tumular de Uzias, foi descoberta no museu Arqueológico Russo do Monte das Oliveiras, pelo Dr. E. L. Sukenik, da Universidade Hebraica de Jerusalém. Tem a seguinte inscrição em caracteres aramaicos do tempo de Cristo: "Para aqui vieram os ossos de Uzias, rei de Judá — não abram." Uzias tinha sido sepultado na cidade de Davi, 2 Rs 15:17; mas, por alguma razão, parece que o local do túmulo foi limpado, removendo-se os ossos para outra parte.

Cap. 27. Jotão, rei de Judá, 740-732 a.C.

Reinou 16 anos, a maior parte dos quais com seu pai, desde 750 a.C. Também é referido em 2 Rs 15:32-38. "Foi-se tornando mais poderoso porque dirigia os seus caminhos segundo a vontade do SENHOR seu Deus", como fizera seu pai Uzias.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Jotão**

Um sinete foi descoberto nas escavações de Eziom-Geber, com a inscrição: "Pertence a Jotão."

Cap. 28. Acaz, rei de Judá 732-716 a.C.

Reinou 16 anos. Também é referido em 2 Rs 16. Parece que parte do tempo regeu a nação com seu pai, porém era completamente diferente dêle. Foi jovem rei perverso, que se opôs à política de seus ascendentes. Reintroduziu o culto a Baal, reviveu o culto de Moloque; passou pelo fogo seus próprios filhos. "Porém isso não o ajudou." A Síria e Israel atacaram-no pelo norte; os edomitas, do leste; e os filisteus, do oeste. E Judá foi muito humilhado por sua causa.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Acaz**

Achou-se um Sinete, cuja inscrição dizia pertencer a um "oficial de Acaz".

Acaz e seu tributo a Tiglate-Pileser, 28:16; 2 Rs 16:6-8. Uma inscrição de Tiglate-Pileser diz: "O tributo de Acaz, o judeu, recebi, ouro, prata, chumbo, estanho e linho. Destruí Damasco. Tomei Rezim. Empalei vivos,

em estacas, os seus oficiais. Abati seus pomares; não deixei uma árvore de pé." Isto concorda exatamente com as narrativas de 2 Rs 16 e Isaías 7.

Caps. 29, 30, 31, 32. Ezequias, rei de Judá, 716-687 a.C.

Reinou 29 anos, e era co-regente desde 729 a.C. Também, consta em 2 Rs 18, 19, 20. Herdou um reino desorganizado e um pesado tributo à Assíria. Começou seu reino com uma grande reforma. Derribou os ídolos levantados por Acaz. Reabriu e limpou o Templo. Restaurou o culto divino. "Confiou em Deus." "Deus esteve com ele, e ele prosperou." Recuperou as cidades filistéias e alcançou independência do poder da Assíria. Durante o seu reinado, o profeta Isaías foi seu conselheiro de confiança.

No sexto ano da co-regência de Ezequias, 722 a.C., o reino do Norte caiu. Em seu 4.º ano, 712 a.C., ao que parece, Senaqueribe, como comandante dos exércitos de seu pai Sargão, invadiu Judá. Ezequias pagou-lhe tributo. No ano seguinte, 711 a.C., sobreveio-lhe a doença, 2 Rs 20:1-11, e teve a promessa de mais 15 anos de vida. Depois, houve a visita da embaixada babilônica, 2 Rs 20:12-15, a qual pareceu suspeita a Senaqueribe que, outra vez, 701 a.C., invadiu Judá. Ezequias fortificou o muro, construiu o aqueduto e fez grandes preparativos militares. Seguiu-se o grande livramento pelo anjo, 2 Rs 19:35. Esta vitória grangeou, para Ezequias, grande prestígio e poder.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS

Os reparos do muro, por Ezequias, 32:5, feitos às pressas e descuidadamente, sob a pressão do cerco assírio, estão perfeitamente visíveis nos muros como se apresentam hoje. Os alicerces do "muro externo" foram descobertos, e correm paralelamente ao muro de Davi, 10 metros separados um do outro.

O Aqueduto de Ezequias, 32:3,4; 2 Rs 20:20, pelo qual trouxe água para a cidade, foi descoberto. A Fonte de Giom, também, chamada "Fonte da Virgem", situava-se no sopé oriental da colina Ofel, ver Mapa 8, fora do muro. Os operários de Ezequias cavaram um aqueduto através da rocha, sob a colina, numa extensão de 510 m a sudoeste da fonte, até ao Tanque de Siloé, dentro do muro, desviando, assim, a água da fonte de seu curso natural para o Ribeiro de Cedrom. O aqueduto tem a altura média de quase 2 m, e de largura média 80 cm. A queda das águas é de 2,30 m. Na sua embocadura encontrou-se a Inscrição de Siloé.

A Inscrição de Siloé. Um menino gazeador de aulas, 1880, brincando na embocadura do aqueduto de Ezequias, notou certas marcas insculpidas na parede de pedra, a 6 ms. da entrada, que pareciam alguma coisa escrita. Falou a respeito com o seu professor, Dr. Schick, o qual descobriu tratar-se de um relato, em hebraico, da construção do aqueduto. Foi cortada da parede e enviada ao Museu de Constantinopla, onde hoje se acha. Diz assim:

"O aqueduto está concluído. Esta é a sua história: Enquanto os canteiros erguiam a picareta, cada um em frente do seu vizinho (do lado oposto) e, enquanto, ainda, estavam 3 cúbitos separados, ouviu-se a voz de um chamando a um outro; depois disso, as picaretas, feriram uma de encontro à

outra; e as águas fluíram da fonte para o tanque, 1.200 cúbitos, e 100 cúbitos era a altura da rocha em cima."

Judá invadido por Senaquerribe, 32:1, que tomou "cidades fortificadas" desse país, 2 Rs 18:13; sitiou Jerusalém, 2 Rs 18:17, voltou sem tomar Jerusalém, 2 Rs 19:35, 36.

Descobriu-se a narrativa que o próprio Senaqueribe fez dessa invasão, num prisma de barro por ele mesmo mandado fazer, Fig. 54. Acha-se, hoje, no Museu do Instituto Oriental, em Chicago. Diz assim:

"Quanto a Ezequias, rei de Judá, que não se submetera ao meu jugo, 46 de suas cidades fortificadas e inúmeras cidades menores, com meus aríetes, máquinas, galerias subterrâneas, abrindo brechas, e com machados, eu cerquei e capturei 200.150 pessoas, pequenas e grandes, machos e fêmeas, e cavalos, mulos, jumentos, camelos, bois, ovelhas, sem número, tomei como despojo. Ao próprio Ezequias, como pássaro em gaiola, encurralei em Jerusalém, sua cidade real. Construí uma linha de fortes contra ele e repeli todos quantos saíram da porta de sua cidade. Suas cidades capturei, dei-as ao rei de Asdode, rei de Ecrom e rei de Gaza."

Fig. 54. Prisma de Senaqueribe

(Cortesia do British Museum)

Embora nenhum rei assírio jamais fizesse registrar uma derrota sua, tal como a do exército de Senaqueribe diante dos Muros de Jerusalém, 2 Rs 19:35, 36, é significativo que ele não declarasse haver tomado Jerusalém. É isto, com efeito, uma confirmação muito notável da história bíblica.

Senaqueribe "sitiava Laquis com todo o seu exército", 32:9. Nas paredes do palácio de Senaqueribe, em Nínive, descoberto por Layard, um relevo insculpido do seu acampamento em Laquis trazia esta inscrição: "Senaqueribe, rei do mundo, rei da Assíria, sentou-se no seu trono oficial e fez passar diante de si o espólio de Laquis."

O tributo que Ezequias enviou a Senaqueribe, 2 Rs 18:14-16. A inscrição diz: "O temor da minha majestade aterrou Ezequias. E enviou tributo: 30 talentos de ouro, 800 talentos de prata, pedras preciosas, marfim, mulheres do seu palácio, músicos, e tôda sorte de presentes."

Laquis e Gibeá, 32:9; Is 10:29, nomeiam-se entre as cidades que sofreram às mãos de Senaqueribe. Em Laquis, a Expedição Arqueológica Wellcome encontrou uma camada de cinzas, de um incêndio de 700 a.C. E em Gibeá, Albright achou uma camada idêntica, de um incêndio de 700 a.C. Assim, as ruínas da Palestina, ainda, apresentam vestígios da incursão de Senaqueribe.

O Assassínio de Senaqueribe por seus próprios filhos, 31:21; 2 Rs 19: 36, 37. Reza uma inscrição assíria: "No dia 20 de Tebete, Senaqueribe foi morto por seus filhos, numa revolta. No dia 18 de Sivã, Esar-Hadom, seu filho, ascendeu ao trono."

Cap. 33:1-20. Manassés, rei de Judá, 687-642 a.C.

Reinou 55 anos, além de ter sido co-regente desde 696 a.C. Também é referido em 2 Rs 21:1-8. Foi o mais perverso dos reis de Judá; e seu foi

o mais longo reinado. Reedificou os ídolos que seu pai Ezequias destruíra. Restabeleceu o culto de Baal. Queimou seus próprios filhos no fogo. O reino do Norte acabara de ser destruído por sua maldade, mas isso não causou impressão em Manassés, que encheu Jerusalém de sangue. Diz a tradição que ele mandou serrar Isaías pelo meio.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Manassés**

Uma inscrição de Esar-Hadom, rei assírio, 681-669 a.C., diz: "Compeli 22 reis da Terra Ocidental a fornecer material de construção para meu palácio." Entre eles menciona "Manassés, rei de Judá".

Cap. 33:21-25. Amom, rei de Judá, 642-640 a.C.

Reinou 2 anos. Também é referido em 2 Rs 21:19-25. Mau como Manassés.

Caps. 34-35. Josias, rei de Judá, 640-609 a.C.

Reinou 31 anos. Também, referido em 2 Rs caps. 22, 23. Começou a reinar quando tinha 8 anos. Aos 16 começou a buscar o Deus de Davi. Aos 20, encetou suas reformas. Aos 26, a descoberta do "Livro da Lei" deu grande impulso às suas reformas, as mais amplas que Judá conheceu. O povo, porém, era idólatra de coração, porque o reinado longo e perverso de Manassés quase que obliterou a idéia de Deus em seus pensamentos. As reformas de Josias adiaram, mas não afastaram, a condenação de Judá que se avizinhava célere.

Nos dias de Josias a invasão cita, ver pág. 277, varreu a Ásia Ocidental e enfraqueceu muito a Assíria. A marcha de Faraó para Carquemis, 35:20-24, deveria conservar em pé o decadente Império Assírio, como estado tampão. Josias, tendo sofrido muito da Assíria, julgou necessário atacar Faraó em Megido. Foi morto.

Cap. 36:1-4. Joacaz, rei de Judá, 609 a.C.

Reinou 3 meses. Também é referido em 2 Rs 23:30-34. Foi deposto por Faraó e levado ao Egito, onde faleceu.

Cap. 36:5-8. Jeoaquim (Eliaquim), rei de Judá, 609-597 a.C.

Reinou 11 anos. Também é referido em 2 Rs 23:34-24:7. Foi posto no trono por Faraó, a quem pagou tributo. Depois de 3 anos foi submetido pelo rei da Babilônia, Dn 1:1. Serviu a ele 3 anos. Depois se rebelou. O rei da Babilônia veio e, eventualmente, pô-lo em grilhões para conduzi-lo à sua cidade, 2 Cr 36:6. Antes, porém, de sair, morreu, ou foi morto; foi lançado fora e sepultado como um jumento, Jr 22:18,19; 36:30. Era presunçoso, duro de coração e perverso, exatamente o contrário de seu pai Josias. Foi inimigo figadal de Jeremias, a quem várias vezes intentou matar, Jr 26:21; 36:26.

Cap. 36:8-10. Joaquim (Jeconias, Conias), rei de Judá, 597 a.C.

Reinou 3 meses. Também é referido em 2 Rs 24:6-17. Foi levado à Babilônia, onde, no mínimo, viveu 37 anos, 2 Rs 24:15; 25:27.

NOTAS ARQUEOLÓGICAS: **Joaquim**

Sinete do mordomo de Joaquim. Em Quiriate-Séfer, 1928, Kyle e Albright encontraram, na camada de cinzas resultantes do incêndio de Nabucodonosor, duas asas de jarro com a marca: "Pertence a Eliaquim, Mordomo de Joaquim." Uma delas acha-se hoje no Seminário Pittsburgh-Xenia. A mesma impressão foi encontrada, 1930, em Bete-Semes, por Grant.

Fig. 55. Impressão do Sinete de Eliaquim
(Cortesia do Dr. J. L. Kelso)

Fig. 56 . Pormenor dos dizeres do Sinete de Eliaquim
(Cortesia do Dr. W. F. Albright)

Joaquim foi honrado, e recebeu uma pensão vitalícia, 2 Rs 25:27,30. Albright relatou que Weidner descobriu, nas ruínas dos jardins suspensos de Babilônia, placas com a relação dos nomes daqueles aos quais se concedia fornecimentos contínuos de azeite e cereais, entre eles "Joaquim, rei da terra de Judá".

Cap. 36. Zedequias (Matanias), rei de Judá, 597-587 a.C.

Reinou 11 anos. Também é referido em 2 Rs 24, 25. Foi posto no trono por Nabucodonosor. Foi rei fraco. No seu 4.º ano visitou a Babilônia, porém mais adiante rebelou-se contra ela. Veio, pois, Nabucodonosor e destruiu Jerusalém, prendeu Zedequias, vazou-lhe os olhos, e levou-o algemado à Babilônia, onde morreu na prisão, Jr 52:11. Assim findou, aparentemente, o reino de Davi. Ver mais sobre 2 Rs 25.

Gedalias é feito governador, 2 Rs 25:22. Ver sobre Jr 40.

A fuga do remanescente para o Egito, 2 Rs 25:26. Ver sobre Jr 42. A proclamação de Ciro, 36:22. Ver sobre Ed 1.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Zedequias**

A fuga de Zedequias "entre os dois muros", 2 Rs 25:4. Esse "caminho entre os dois muros", na orla sudeste de Jerusalém, pode-se ver hoje numa extensão de quase 50 m.

ESDRAS-NEEMIAS-ESTER

A Volta do Cativeiro

Jerusalém é Reedificada

Estes três livros terminam a parte histórica do Antigo Testamento. Contam a história da volta dos judeus da Babilônia, a reedificação do Templo e de Jerusalém, e o restabelecimento da vida nacional judaica em sua terra natal. Abrangem uns 100 anos, 538-433 a.C.

Os três últimos profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias viveram e trabalharam nesta era de restauração dos judeus.

Houve Dois Períodos Distintos:

538-516 a.C. 22 anos, nos quais, sob o governador Zorobabel e o sacerdote Jesuá, o Templo, centro de sua vida nacional, foi reconstruído, Ed caps. 3 a 6. A esse período pertenceram Ageu e Zacarias.

458-433 a.C., 25 anos, nos quais, sob o governador Neemias e o sacerdote Esdras, o muro foi reconstruído e Jerusalém restaurada, como cidade fortificada. A este período pertenceu Malaquias.

Esdras faz uma narração dos dois períodos.
Neemias faz uma narração do segundo período.
Ester ocorre entre os dois períodos.

Houve Três Regressos:

538 a.C. Zorobabel, com 42.360 judeus, 7.337 servos, 200 cantores, 736 cavalos, 245 mulos, 435 camelos, 6.720 jumentos e 5.400 vasos de ouro e prata.

458 a.C. Esdras, com 1.754 homens, 100 talentos de ouro, 750 talentos de prata, que incluíam ofertas feitas pelo rei. Não se declara se mulheres e crianças vieram. Levou 4 meses.

444 a.C. Neemias, como governador, com uma escolta militar, veio reconstruir e fortificar Jerusalém, às custas do governo.

A Cronologia da Restauração:

538 a.C. 49.897 voltam de Babilônia a Jerusalém.
538 a.C. No 7.º mês, edificaram o altar e ofereceram sacrifício.
537 a.C. Iniciada a obra do Templo, e suspensa.
520 a.C. Reencetada a obra por Ageu e Zacarias.
516 a.C. O Templo é concluído.
479 a.C. Ester torna-se rainha da Pérsia.
458 a.C. Esdras vem de Babilônia a Jerusalém.
444 a.C. Neemias reedifica o muro.
433 a.C. Neemias parte de novo de Babilônia.
Israel tinha sido levado cativo pela Assíria, 722 a.C.
Judá tinha sido levado cativo pela Babilônia, 605 a.C.
A volta do cativeiro foi permitida pela Pérsia, 538 a.C.

O Império Persa

A política dos reis assírios e babilônios fora expatriar os povos conquistados, isto é, tirá-los de suas pátrias e espalhá-los por outras, mas a política dos reis persas, exatamente ao contrário, foi repatriar esses povos, isto é, mandá-los de volta às suas terras. Os reis persas eram mais humanos do que os reis assírios e babilônios.

Um dos primeiros atos do primeiro rei persa, Ciro, "monarca singularmente nobre e justo", no seu primeiro ano, foi autorizar a volta dos judeus à sua pátria.

A Pérsia era o grande planalto montanhoso oriental da extremidade inferior do Vale Tigre-Eufrates. O Império Persa era mais vasto do que os dos seus predecessores; estendia-se para o Oriente até às fronteiras da Índia, e atingia para o Ocidente às da Grécia. Suas capitais foram Persépolis e Susã; seus reis residiam às vezes em Babilônia. Como império mundial durou 200 anos, 539-331 a.C. Seus reis foram:

Ciro, 539-530 a.C. Conquistou Babilônia, 539 a.C. Fez da Pérsia um império mundial. Permitiu aos judeus voltar à sua pátria, em cumprimento da profecia de Isaías, ver págs. 269, 270.

Cambises, 530-522 a.C. Pensa-se que foi o "Artaxerxes" mencionado em Ed 4:7, 11, 23, o qual suspendeu a obra do Templo.

Dario I (Hystapes), 522-486 a.C. Autorizou o acabamento do Templo, Ed 6. Fez a famosa inscrição "Behistun", ver pág. 43.

Xerxes (Assuero), 486-465 a.C. Famoso por suas guerras com a Grécia. Ester foi sua esposa, ver pág. 218. Mordecai foi seu primeiro ministro.

Artaxerxes I (Longimanus); 464-423 a.C. Muito favorável aos judeus. Autorizou seu copeiro Neemias a reedificar Jerusalém.

Xerxes II, 423 a.C. **Dario II** (Noto), 423-404 a.C. **Artaxerxes II** (Mnemon), 404-359 a.C. **Artaxerxes III** (Oco), 359-338 a.C. **Arses,** 338-335 a.C.

Dario III (Codomano) 335-331 a.C. Foi derrotado por Alexandre, o Grande, 331 a.C., na famosa batalha de Arbela, perto do local de Nínive. Significou isso a queda da Pérsia e a elevação da Grécia. O império passou da Ásia para a Europa.

Mapa 49

ESDRAS

A Volta do Cativeiro

A Reedificação do Templo

A Viagem de Esdras a Jerusalém

Pensa-se que o próprio Esdras foi o autor deste livro. Ver pág. 216.

Cap. 1. A Proclamação de Ciro

Os dois últimos versículos de 2 Crônicas são os mesmos dois primeiros de Esdras, provavelmente porque Crônicas e Esdras eram originalmente um livro só. Esta proclamação, permitindo aos judeus voltar para Jerusalém, foi dada logo após Daniel ter lido a escrita na parede, na qual se declarava que a Babilônia cairia em poder da Pérsia; o que sucedeu naquela mesma noite, Dn 5:25-31. Provavelmente Daniel mostrou a Ciro as profecias que desse modo haviam sido cumpridas, Jr 25:11-12; 29:10; como também as profecias de Isaías que 200 anos antes chamara Ciro pelo nome, dizendo que sob o seu govêrno os judeus voltariam e reedificariam Jerusalém, Is 44: 26-28; 45:1,13. Não admira o alto conceito em que Ciro tinha o Deus dos judeus, v. 3. "Sesbazar", v. 8, era provavelmente o nome babilônico de Zorobabel, 3:2.

Cap. 2. O Registro dos que Voltaram

42.360, afora os servos (vs. 64, 65). O total dos números citados em itens separados fica sendo cerca de 11.000 menos do que essa quantidade. Este excesso de 11.000 pensa-se ter sido de exilados de outras tribos além de Judá. Efraim e Manassés são mencionados em 1 Cr 9:3. "Israel" é nomeado em Ed 10:25. A expressão "todo o Israel" refere-se aos que voltaram, 2:70; 6:17; 8:35. 12 novilhos e 12 bodes foram oferecidos por "todo o Israel." Parece que exilados de Judá que voltavam à pátria, reuniram pelo caminho alguns que desejavam regressar ao torrão natal. Isto nos ajuda a compreender por que, nos tempos do Novo Testamento, ainda se fala dos judeus como "Doze Tribos", Lc 22:30; At 26:7; Tg 1:1.

Cap. 3. Lançam-se os Alicerces do Templo

No 7.º mês do 1.º ano de seu regresso, edificaram o altar e observaram a Festa dos Tabernáculos em alegre ação de graças a Deus. No 2.º mês do ano seguinte, quando os fundamentos do Templo foram lançados, fizeram vibrar os céus com os seus jubilosos hosanas. Mas as pessoas mais idosas, que tinham visto o primeiro Templo, caíram em pranto, tão insignificante era o novo templo comparado com o anterior. "Jesua", v. 2, chamado "Josué" em Ag 1:1, era filho do sacerdote Jozadaque que fora levado a Babilônia, 1 Cr 6:15. "Zorobabel", v. 2, era governador, Ag 1:1, neto do rei Joaquim, que também fora levado a Babilônia, 1 Cr 3:17-19. Era quem seria rei, se houvesse reino. Com requintada cortesia, Ciro nomeou-o governador de Judá.

Cap. 4. A Obra é Suspensa

Progredindo a obra do Templo e do muro de Jerusalém, v. 16, os povos aos quais tinha sido dada a terra dos judeus, e seus vizinhos, começaram a

fazer objeção; e por meio de logro e intriga, conseguiram fazer parar a obra por 15 anos, até ao reinado de Dario. "Assuero", do v. 6, é Xerxes I, 486-465 a.C., v. 7, temos referência a Artaxerxes I, 464-423 a.C. O autor cita exemplos posteriores.

Caps. 5, 6. O Templo é Acabado

Dario procedeu amigavelmente com os judeus; e no seu 2.º ano, 520 a.C., 16 anos depois de estarem os judeus em sua pátria, sob as palavras de animação dos profetas Ageu e Zacarias, recomeçaram a obra do Templo. Logo veio o decreto de Dario para que o Templo fosse concluído, e mais a ordem para que do tesouro real se fornecesse o dinheiro necessário. Dentro de 4 anos, 520-516 a.C., foi concluído e dedicado com muito regozijo.

A famosa inscrição Behistun, que forneceu a chave do antigo idioma babilônico, ver pág. 43, foi feita pelo mesmo Dario no ano em que o Templo foi concluído.

Por alguma razão desconhecida, depois de acabado o Templo a obra de restauração da cidade não progrediu por uns 70 anos.

Caps. 7, 8. A Viagem de Esdras a Jerusalém

Deu-se em 458 a.C., no reinado de Artaxerxes, que foi enteado da rainha Ester, uns 60 anos depois de acabado o Templo, 80 depois da primeira ida dos judeus a Jerusalém. Esdras era sacerdote. Foi a Judá para ensinar a Lei de Deus, embelezar o Templo e restaurar o culto divino.

Caps. 9, 10. Casamentos Mistos

Chegando Esdras a Jerusalém, encontrou uma situação que lhe causou mágoa. O povo, sacerdotes, levitas, príncipes e governadores tinham-se misturado livremente pelo casamento com seus vizinhos idólatras: coisa que Deus repetidamente proibira aos judeus, e que os levara à idolatria, causa do cativeiro. Deus enviara-lhes profeta após profeta, castigo após castigo e, por fim, recorrera ao cativeiro, quase extinguindo a nação. Agora voltara à pátria um pequeno remanescente curado. E a primeira coisa que fizeram foi a velha artimanha de se misturarem com povos idólatras. As providências de Esdras, para livrá-los de suas mulheres idólatras, podem nos parecer severas, mas foram eficazes. Os judeus que até ao cativeiro babilônico se davam à idolatria, curaram-se; e dessa data até hoje, de um modo geral, permaneceram curados.

Esdras ajudou em outras reformas, como se faz notar no livro de Neemias. A tradição o considera como idealizador do culto em sinagogas e presidente da "Grande Sinagoga" que, como foi dito, completou a formação do Cânon do Antigo Testamento, ver pág. seguinte e pág. 362.

Reedifica-se o Muro de Jerusalém

De acordo com uma tradição judaica persistente, Esdras foi o autor dos livros 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias, sendo êstes quatro livros originalmente um só, ver pág. 198; embora alguns pensem que o próprio Neemias escreveu o livro que traz o seu nome.

Esdras foi o bisneto do sacerdote Hilquias que, 160 anos antes, orientara a reforma do rei Josias, Ed 1:1; 2 Rs 22:8; descendente muito digno de seu famoso ancestral. Foi de Babilônia a Jerusalém, 458 a.C.; 80 anos depois da volta da primeira leva de judeus, e 13 anos antes da vinda de Neemias. Era sacerdote e escriba, Ed 7:11.

Neemias foi a Jerusalém em 445 a.C. Esdras estivera lá 13 anos. Este, porém, era sacerdote, que ensinava religião ao povo. Neemias veio como governador civil, com autoridade do rei da Pérsia para reconstruir o muro e restaurar Jerusalém como cidade fortificada. Os judeus já estavam na pátria perto de 100 anos, e pouco progresso fizeram, além da reedificação do Templo, e até este era muito insignificante; porque quando quiseram encetar a obra do muro, seus vizinhos, mais poderosos, ou os intimidaram pela fôrça, ou mediante intriga obtiveram ordem da corte persa para que a obra cessasse.

Caps. 1, 2. A Viagem de Neemias a Jerusalém

Alguns trechos do livro têm o pronome na primeira pessoa, sendo citações diretas dos relatórios oficiais de Neemias.

Neemias era homem de oração, patriotismo, ação, coragem e perseverança. Sempre seu primeiro ímpeto era orar, 1:4; 2:4; 4:4-9; 6:9,14. Levou 4 meses em oração, antes de fazer seu pedido ao rei, 1:1; 2:1.

Era copeiro do rei Artaxerxes, 1:11; 2:1, um oficial importante e de confiança. Artaxerxes foi rei da Pérsia, 464-423 a.C.; era filho de Xerxes e, pois, enteado de Ester, a rainha judia. Esta tornou-se rainha da Pérsia uns 60 anos depois que os judeus tinham voltado para Jerusalém. Este fato deve ter prestigiado muito os judeus na corte persa. Ester muito provavelmente ainda vivia, sendo personagem de influência no palácio, quando Esdras e Neemias vieram a Jerusalém. Supomos que a ela cumpre-nos agradecer a benevolência de Artaxerxes para com os judeus, e seu interesse pela reedificação de Jerusalém.

Cap. 3. As Portas São Reparadas

NOTA ARQUEOLÓGICA:

"Os degraus que descem da cidade de Davi", v. 15; "o ângulo do muro", v. 25; "a torre alta", v. 26; as ruínas destes podem ser percebidas hoje claramente.

Caps. 4, 5, 6. O Muro é Edificado

Velhos inimigos dos judeus, então de posse da terra, moabitas, amonitas, asdoditas, árabes e os recém-importados samaritanos, com astúcia e amargura opuseram-se à reedificação do Muro de Jerusalém. Mobilizaram seus exércitos e marcharam contra Jerusalém. Neemias, porém, com fé em

Deus, armou e dispôs seus homens com habilidade, deu impulso à obra, dia e noite, de modo que, apesar de todos os obstáculos, o muro se concluiu em 52 dias. Jerusalém, afinal, era de novo cidade fortificada, 142 anos depois de sua destruição em 587 a.C.

Caps. 7, 8. A Leitura Pública do Livro da Lei

Depois da construção do muro de Jerusalém, Neemias e Esdras reuniram o povo para a organização de sua vida nacional. O cap. 7 é quase o mesmo que Ed 2, com a lista dos que voltaram a Jerusalém com Zorobabel perto de 100 anos antes. Havia certos assuntos de ordem genealógica aos quais se precisava atender.

Então, durante sete dias, de manhã cedo ao meio-dia, Esdras e seus auxiliares abriram "o livro à vista de todo o povo... E leram no Livro, na lei de Deus; dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia." Esta pública leitura e exposição do Livro Divino ocasionou grande onda de arrependimento no meio do povo, grande "reavivamento", e um pacto solene de guardarem a Lei, como se vê nos caps. 9, 10.

Foi a descoberta do Livro da Lei que operou grande reforma dos dias de Josias, 2 Rs 22. O fato de Martinho Lutero redescobrir a Bíblia, foi o que fez a Reforma protestante e trouxe liberdade religiosa ao mundo moderno. A desgraça da Igreja Romana está no fato de ela substituir a Palavra de Deus pelos decretos dos papas. A fraqueza do Protestantismo dos dias atuais vem de negligenciar a Bíblia, que ele professa seguir. A grande necessidade do púlpito hodierno é pregar, simples e expositivamente, a Bíblia.

Caps. 9, 10, 11, 12. A Aliança.. A Dedicação do Muro

Em profundo arrependimento e grande fervor, fizeram "uma aliança fiel" e a escreveram e selaram, "e convieram numa imprecação e num juramento, de que andariam na lei de Deus", 9:38; 10:29. Concluído o muro e dedicado, um décimo da população veio morar na cidade, organizando-se os serviços do seu governo e do Templo.

Cap. 13. O Fim da Obra de Neemias

Correção de relaxamento a respeito dos dízimos, do sábado, de casamentos mistos. Neemias foi governador de Judá 12 anos no mínimo, 5:14. Diz Josefo que ele viveu muito e governou Judá todo o resto de sua vida. 2 Macabeus diz: "Neemias, fundando uma biblioteca, reuniu os livros acerca dos reis e profetas, os livros de Davi e as cartas dos reis, que se haviam dispersado com a guerra." (2 Mac 2:13).

ESTER

Os Judeus são Libertos do Extermínio

Os judeus voltaram de Babilônia para Jerusalém, 538 a.C.
O Templo foi reedificado, 537-516 a.C.
Ester, judia, tornou-se rainha da Pérsia, 478 a.C.
Ester livrou os judeus de serem massacrados, 473 a.C.
Esdras saiu de Babilônia para Jerusalém, 458 a.C.
Neemias reconstruiu o Muro de Jerusalém, 445 a.C.

Assim Ester entrou em cena uns 40 anos depois da reedificação do Templo, e uns 30 anos antes da reedificação do muro de Jerusalém.

Cronologicamente, embora este livro venha depois do de Neemias, seus eventos anteciparam-se a ele por uns 30 anos. Ao que parece, Ester possibilitou o trabalho de Neemias. Seu casamento com o rei deve ter prestigiado muito os judeus. É impossível adivinhar o que teria acontecido à nação hebraica se Ester não existisse. Sem ela, Jerusalém jamais podia ter sido reedificada, e outra poderia ser a história a contar, em todos os séculos que se seguiriam.

Este livro de Ester gira em torno de um fato histórico muito importante, não simplesmente uma história com finalidades morais: O livramento da nação hebraica, de ser aniquilada depois do cativeiro babilônico. Se a nação hebraica tivesse deixado de existir 500 anos antes de trazer Cristo ao mundo, isso alteraria o destino da humanidade: sem a nação hebraica não haveria Messias: sem Messias o mundo se perderia. Essa formosa judia de tempos idos, ainda que não o soubesse, contribuiu com sua parte na preparação do caminho para a vinda do Salvador do mundo.

Cap. 1. A Deposição da Rainha Vasti

"Assuero" foi o mesmo Xerxes, que governou a Pérsia 486-465 a.C., um dos mais ilustres monarcas do mundo antigo. A grande festa que se descreve neste capítulo, como se sabe de inscrições persas, foi feita em preparação de sua famosa expedição contra a Grécia, na qual empreendeu as batalhas das Termópilas e Salamina, 480 a.C. Parece que ele fez a deposição de Vasti 482 a.C., antes de sair, e casou-se com Ester, 478 a.C., depois de voltar dessa expedição desastrosa contra a Grécia, 1:3; 2:16.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Cidadela de Susã**

Susã, ou Susa, 322 kms. a leste de Babilônia, era capital do Elão e residência de inverno dos reis persas. Seu local foi identificado por Loftus, 1852, que achou uma inscrição de Artaxerxes II (404-359 a.C.): "Meu antepassado Dario edificou este palácio tempos atrás. No reinado de meu avô (Artaxerxes I) foi incendiado. Eu o restaurei."

Assim, o palácio em questão foi residência de Dario, que autorizou a reedificação do Templo; de Xerxes, que foi marido de Ester; e de Artaxerxes I, que autorizou Neemias a reconstruir Jerusalém.

Um francês, Dieulafoy, continuou as escavações, 1884-86, e localizou definitivamente, nas ruínas, a "porta do rei", 4:2; o "pátio interior", 5:1; o "pátio exterior", 6:4; o "jardim do palácio", 7:7; e achou até um dos dados "Pur", 3:7, com os quais se lançara as sortes.

Cap. 2. Ester Torna-se Rainha

Assuero morreu 13 anos depois. Sem dúvida, Ester viveu durante grande parte do reinado de seu enteado Artaxerxes; como rainha-mãe pode ter sido pessoa de considerável influência nos dias de Esdras e Neemias.

Caps. 3, 4, 5, 6, 7. O Decreto de Hamã

Para que fossem mortos todos os judeus em todas as províncias, 3:12, 13. Deu-se isto no duodécimo ano do rei, 3:7, cinco anos após a elevação de Ester à rainha.

Quando Ester se dirigiu ao rei para interceder por seu povo, ele mostrou-se cordial, 5:3, indicando assim que, embora ela já fosse sua esposa havia cinco anos, ainda a adorava.

O resultado veio a ser o enforcamento de Hamã, cujo lugar foi dado a Mordecai, primo de Ester.

O nome de Deus não é mencionado no livro de Ester, porque talvez tenha sido copiado de registros persas. Contudo, o cuidado providencial de Deus por seu povo em parte alguma é mais evidente do que nesta narrativa.

Caps. 8, 9. O Livramento. A Festa de Purim

Visto como não se podia mudar o decreto de um rei persa, 8:8; Dn 6:15, este que ordenava o massacre dos judeus não se podia revogar. Todavia, Ester persuadiu o rei a expedir novo decreto autorizando os judeus a resistir e matar todos quantos os atacassem; e isso fizeram, matando 75.000. Deste modo Ester salvou a raça judaica de ser aniquilada.

Ester não somente era formosa mas sábia. Admiramo-la não só por seu patriotismo e bravura, mas por seu tato e sagacidade.

Tal foi a origem da festa de Purim, observada ainda hoje pelos judeus.

Cap. 10. A Grandeza de Mordecai

Mordecai foi grande na casa do rei, o segundo depois deste; cada vez mais se engrandecia; sua fama estendeu-se a todas as províncias, 9:4, 10:3. Isso aconteceu no reinado de Xerxes, poderoso monarca do império persa: judeu, seu primeiro ministro; judia, sua esposa favorita: Mordecai e Ester, o cérebro e o coração do palácio! Isso preparou o caminho para o trabalho de Esdras e Neemias. Como José no Egito, e Daniel na Babilônia, assim foram Mordecai e Ester na Pérsia.

JÓ

O Problema do Sofrimento

Meditações Poético-Filosófica Sobre os Modos de Deus Agir

Os Livros Poéticos

Jó é o primeiro do grupo de livros do Antigo Testamento chamados poéticos; os outros são Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Cântico dos Cânticos. Muitos trechos de tais livros são escritos em forma poética.

Este grupo de livros, na maior parte do seu conteúdo, pertence à Idade de Ouro da história dos hebreus, a era de Davi e Salomão; Jó é geralmente atribuído a uma data mais remota; e alguns dos Salmos são mais recentes. Contudo, grande parte dos Salmos se atribui a Davi; e os três livros, Provérbios, Eclesiastes e Cantares, são geralmente atribuídos a Salomão. Assim, não é fora de propósito classificá-los de um modo geral, não em sentido exclusivo, como pertencentes à era de Davi e Salomão.

A Poesia hebraica não tem métrica nem rima, como a nossa. Consiste antes em paralelismos, ou idéias rítmicas. O mesmo pensamento é repetido com palavras diferentes, o segundo contrastando-se com o primeiro, ou levando-o a uma culminância, formando uma parelha de versos, sinônimos ou antitéticos. "Os sentimentos de uma linha repercutem na seguinte." "Às vezes as parelhas são duplas, triplas, ou quádruplas, formando dísticos, quadras, sextilhas ou oitavas."

O Valor Literário do Livro de Jó

Victor Hugo disse: "O livro de Jó é talvez a maior obra-prima do espírito humano."

Thomas Carlyle: "Denomino este livro, à parte de todas as teorias a seu respeito, uma das maiores coisas que já se escreveram. É nossa primeira e mais antiga declaração sobre o problema interminável: O destino do homem e a maneira de Deus tratá-lo, aqui na terra. Penso que nada existe escrito de igual valor literário."

Philip Schaff: "Ergue-se como pirâmide na história da literatura, sem precedente e sem rival."

O Cenário do Livro

Pensa-se que a "terra de Uz", 1:1, ficava ao longo dos limites da Palestina com a Arábia, estendendo-se de Edom, pelo Norte e Leste, ao rio Eufrates, e ladeando a rota de caravanas entre a Babilônia e o Egito. O distrito da terra de Uz que a tradição tem dado como pátria de Jó era Haurã, região ao leste do mar da Galiléia, conhecida pela fertilidade do solo e seus cereais, que já foi densamente povoada, hoje pontilhada de ruínas de 300 cidades. Há nessa região um lugar chamado Deir Eyoub, que se diz ter sido residência de Jó.

Quem foi Jó

A Septuaginta, num pós-escrito, segundo velha tradição, identificou Jó com "Jobabe", o segundo rei de Edom, Gn 36:33. Nomes e lugares mencionados no livro, ver sobre o cap. 2, parecem dar os descendentes de Esaú como o meio de onde se originou. Se é certo e se Haurã foi o lugar de residência de Jó, isso indica que os primeiros reis de Edom, de vez em quando, podiam migrar da região pedregosa de Edom rumo ao Norte, às planícies mais férteis de Haurã. Seja como for, o livro respira a atmosfera de tempos muito primitivos e parece ter, como o ambiente que lhe deu origem, as tribos primevas descendentes de Abraão que viviam ao longo da fronteira norte da Arábia, mais ou menos ao tempo da permanência de Israel no Egito.

O Autor do Livro

Uma velha tradição judaica atribuía o livro a Moisés. Enquanto este esteve no deserto de Midiã, Êx 2:15, ver mapa 34, o qual servia de limite ao país dos edumeus, pode facilmente ter ouvido a história de Jó dos lábios dos descendentes imediatos deste patriarca; ou mesmo o próprio Jó podia ainda estar vivo e ter contado pessoalmente a história a Moisés, dando-lhe uma cópia dos registros de sua família. Sendo Jó descendente de Abraão, naturalmente Moisés pôde reconhecê-lo como estando dentro do círculo da revelação divina. A crítica moderna, alardeando erudição, presume que o livro de Jó é de data muito posterior; mas isso não passa de uma teoria. Cremos que o ponto de vista tradicional tem mais probabilidade de estar certo.

A Natureza do Livro

Podia chamar-se um poema histórico, isto é, baseado num evento real. Parece tratar-se de um debate público sobre o significado da aflição de Jó. Parece ter havido opiniões escritas, 13:26. Quando se diz que os amigos de Jó foram declaradamente "consolá-lo", 2:11, ficamos a imaginar se isso não foi uma espécie de tribunal público, onde os homens de maior evidência da época manifestaram suas idéias. A aflição de Jó durou meses, 7:3. Não é necessário pensar que os discursos foram improvisados. A linguagem é muito elevada para que isto se desse. O debate podia ter-se prolongado por uma série de dias, com várias sessões, dando-se a cada pessoa que falava, algum tempo para preparar sua resposta.

O Assunto do Livro

O livro é uma discussão filosófica, em linguagem altamente poética, acerca do problema do sofrimento humano. Muito cedo na história os homens começaram a se perturbar com as tremendas desigualdades e injustiças da vida: como podia um Deus de bondade fazer o mundo tal qual é, onde há tanto sofrimento, e onde tanto padece quem menos o merece. Não compreendemos esse problema hoje mais do que os homens da época de Jó. Entramos nesta vida sem nada decidir sobre nossa vinda. Abrimos os olhos, olhamos ao redor, e não passamos de um enorme ponto de interrogação: "De que se trata?" E quanto mais velhos ficamos e vamos vendo as desigualdades e injustiças do mundo, tanto mais se agiganta o ponto de interrogação: Como podia um Deus de bondade fazer o mundo tal qual é?

Mas, embora não nos avantajemos aos da época de Jó na compreensão deste problema, temos, mais do que êles, razão para nos conformarmos com o mesmo. Porquanto, nesse meio tempo, o próprio Deus desceu a nós, na Pessoa de Jesus Cristo, e participou de nossos sofrimentos. Não se trata de ter Ele feito um mundo onde haveria o que sofrer e depois ficasse de longe e dissesse: Deixa que sofram. A história de Jesus, que foi a um só tempo o homem mais justo e o maior sofredor dêste mundo, é uma ilustração de como Deus sofre com a Sua criação; e não devemos ter qualquer dificuldade em crer que tudo isso tem um propósito bom, embora não possamos compreendê-lo agora. Demais disto, Jesus ressurgiu dos mortos, dando certeza de uma vida futura, onde todos os mistérios serão desvendados e todas as injustiças serão ajustadas.

Capítulo 1. A Súbita Aflição de Jó. O livro começa com uma informação a repeito de Jó, chefe patriarcal, príncipe do deserto, ou o que na época se chamava rei, de riqueza e influência imensas, famoso por sua integridade, piedade e caridade; um homem bom que sofreu vicissitudes terríveis, as quais lhe vieram tão de súbito e esmagadoramente que o fato se tornou conhecido largamente, assunto de conversas e de especulação, fazendo toda a gente pasmar.

Os sabeus levaram-lhe os bois; um raio matou-lhe as ovelhas; os caldeus tomaram-lhe os camelos; um furacão roubou-lhe os filhos; e Satanás feriu-o com uma doença horrível; tudo em rápida sucessão. Os sabeus eram do Sul da Arábia, descendentes de Sem, Gn 10:28. Os caldeus eram do Oriente, terra de Abraão.

Capítulo 2. A Participação de Satanás no Caso. Satanás, o anjo acusador, insinua que Jó, em sua integridade, era interesseiro, isto é, que Jó somente servia a Deus porque isto lhe rendia alguma coisa, materialmente falando. Deus, pois, permite-lhe fazer um teste dessa acusação sua, e Jó, ao vencer, ficou ainda mais abençoado.

A doença de Jó pensa-se ter sido uma horrível modalidade de lepra, complicada com elefantíase, uma das mais repelentes e dolorosas moléstias que se conhecem no Oriente.

Os três amigos. Elifaz, temanita, descendia de Esaú, Gn 36:11; era edomita. Bildade, suíta, descendia de Abraão e Quetura, Gn 25:2. Zofar, naamatita, de origem e localidade desconhecidas. Todos os três eram príncipes nômades dos desertos, reizinhos da época. Eliú, buzita, descendia de Naor, irmão de Abraão, Gn 22:21.

Capítulo 3. A Queixa de Jó. Desejou nunca haver nascido e ansiou pela morte.

Nas conversações que se seguem, Jó fala 9 vezes; Elifaz, 3; Bildade, 3; Zofar, 2; Eliú, 1; Deus, 1.

De um modo geral, as discussões deles foram desapaixonadas, porém algumas vezes muito sentimentais.

Nem sempre é fácil saber o que querem dizer. Em algumas de suas passagens desconfiamos se eles mesmos sabiam exatamente a que visavam, além da preocupação de ver qual deles empregava a mais bela retórica; e, de fato, muitas das suas passagens são simplesmente majestosas. Sobre

muitos fatos parecem harmonizar-se. Suas principais alegações percebe-se que são as seguintes:

Os três amigos de Jó pareciam pensar que todo sofrimento que sobrevém ao homem é castigo dos seus pecados; e que, se muito sofremos, é prova muito clara de que muito pecamos; e se nossos pecados são secretos, então o sofrimento vem revelar nossa hipocrisia.

A idéia do jovem Eliú parecia ser que o sofrimento sobrevém ao homem não tanto como castigo do pecado, mas para resguardá-lo de pecar; é corretivo, antes que punitivo.

A alocução divina, no fim do livro, parece indicar que o ponto de vista de Deus é que os homens, de mentalidade finita, não devem esperar compreender todos os mistérios da criação de Deus e do governo do universo.

A sublime lição do livro como um todo, parece ser esta: Jó, no fim de tudo, através de sua paciência em sofrer, chegou a ver a Deus e foi abundantemente recompensado, com bem-aventurança e prosperidade, 42: 12-16.

Capítulos 4, 5. A Réplica de Elifaz. "Quem já pereceu sendo inocente?" A visão noturna que teve de Deus é sublime, 4:12-19. Aconselha a Jó que se volte para Deus, 5:8, e sugere-lhe que, se se arrepender, suas tribulações passariam, 5:17-27.

Capítulos 6, 7. O Segundo Discurso de Jó. Está desapontado com os amigos. O que desejava era de gozar simpatia, e não de receber repreensões pungentes, 6:14-30. Parece aturdido. Bem sabe que não é um perverso. Todavia, sua carne "vestiu-se de vermes", 7:5, sendo intensos os seus sofrimentos. Simplesmente não pode compreender isso. Ainda que tivesse cometido pecado, estava certo de que não era tão odioso assim para merecer tão terrível castigo. Ora, pedindo a morte, 6:9.

Capítulo 8. O Primeiro Discurso de Bildade. Denomina as palavras de Jó "vento impetuoso", v. 2; ou, como se diria hoje na gíria, "saco de vento" de um palrador. Essa, a sua opinião. Insiste em que Deus é justo em suas relações com o homem, que as aflições de Jó devem ser evidência de sua maldade, e que, se apenas se voltar para Deus, tudo tornará novamente à normalidade.

Capítulos 9, 10. O Terceiro Discurso de Jó. Insiste em que não é culpado, 10:7, e que Deus envia castigo tanto aos retos como aos iníquos, 9:22; queixa-se amargamente da maneira como Deus o trata, e deseja nunca haver nascido, 10:18-22.

Capítulo 11. O Primeiro Discurso de Zofar. Segue a mesma orientação de Elifaz e Bildade, e diz grosseiramente que o castigo de Jó ainda não é tudo o que ele merece, v. 6. Chama-o jactancioso de sua justiça própria, vv. 2-4; e insiste em que se Jó deixar sua iniqüidade, os sofrimentos passarão, e serão esquecidos, e a segurança, a prosperidade e a felicidade voltarão.

Capítulos 12, 13, 14. O Quarto Discurso de Jó. Torna-se sarcástico ante as palavras contundentes deles, 12:2; pede que se calem e deixem-no só, 13:13. Reafirma que os maus prosperam e os retos padecem. A palavra

"escreves" em 13:26 pode significar que eles escreveram seus discursos e os leram. Num estado de completo desalento, Jó parece duvidar da vida além-túmulo, 14:7, 14. Todavia, mais adiante, sua certeza neste ponto é magnífica, ver a respeito no cap. 19.

Capítulo 15. O Segundo Discurso de Elifaz. Seu sarcasmo torna-se ainda mais cortante. Admite a impiedade de Jó, e chama-o presunçoso. O debate acalora-se cada vez mais. Excitam-se e zangam-se. Os olhos de Jó "flamejam", v. 12. "Despedaça sua alma na ira", 18:4. "Bate as palmas", 34:37. Meneiam suas cabeças contra ele, 16:4.

Cap. 16, 17. O Quinto Discurso de Jó. "Se estivésseis no meu lugar, e eu no vosso, menearia minha cabeça contra vós", 16:4. Continua sua queixa. "O meu rosto está todo afogueado de chorar", 16:16. Seus amigos zombam dele, 16:20. É "um provérbio no meio do povo", e "cospem na sua face", 17:6.

Capítulo 18. O Segundo Discurso de Bildade. Num acesso de ira, brada-lhe: "Ó tu, que te despedaças na tua ira", v. 4; e admitindo maldade em Jó, continua procurando intimidá-lo para levá-lo ao arrependimento, com a descrição da terrível sorte dos ímpios.

Capítulo 19. O Sexto Discurso de Jó. Seus amigos o "abominam", v. 19; tornou-se "intolerável" à sua mulher, v. 17; os filhos o "desprezam", v. 18; os ossos se lhe "apegam" à pele, v. 20; desalentado para onde se vire, suplica compaixão, v. 21. Depois, das profundezas do seu desespero, subitamente, como se um raio de sol atravessasse uma fenda do nevoeiro, prorrompe numa das mais sublimes expressões de fé que já se pronunciaram: "EU SEI QUE O MEU REDENTOR VIVE, e que por fim se levantará sobre a terra. Depois, revestido este meu corpo da minha pele em minha carne VEREI A DEUS. Vê-lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos o verão, e não outros", vv. 25-27.

Capítulo 20. O Segundo Discurso de Zofar. Seguindo o mesmo tom de Bildade, e admitindo maldade em Jó, põe-se a descrever a sorte deplorável reservada aos ímpios.

Capítulo 21. O Sétimo Discurso de Jó. Concordando que no fim os ímpios sofrem, insiste em que muitas vezes prosperam.

Capítulo 22. O Terceiro Discurso de Elifaz. Investe sempre mais vigorosamente contra a maldade de Jó, referindo de modo especial à maneira cruel pela qual trata com os pobres.

Capítulo 23, 24. O Oitavo Discurso de Jó. Protesta sua retidão. "As palavras de sua boca", 23:12; esta expressão indica que nos dias de Jó havia escritos que eram reconhecidos como a Palavra de Deus.

Capítulo 25. O Terceiro Discurso de Bildade. "Como, pois, seria justo o homem perante Deus?" Foi muito breve e não falou mais.

Capítulos 26-31. O Último Discurso de Jó. Anima-se mais no protesto de sua inocência. "Até que eu expire, nunca afastarei de mim a minha integridade", 27:5. Contrasta sua prosperidade, felicidade, honra, respeitabilidade, benignidade, bondade e utilidade passadas, cap. 29, com os seus cruéis padecimentos de agora, cap. 30; "canção de motejo" e "provérbio", 30:9,12; "cospem no seu rosto", 10; fêz-se irmão dos chacais, 30:29; sua pele está enegrecida, 30:30. Passa depois a negar peremptoriamente que tivesse jamais oprimido os pobres, ou que tivesse sido cobiçoso, ou imoral, ou que tivesse encoberto seus pecados, cap. 31.

Idolatria. A única idéia de idolatria no livro de Jó está em 31:26-28, que parece uma referência ao culto do sol. Temos aí um dos índices de ser êste livro de data primitiva, quando a tradição do monoteísmo primevo era ainda sustentada largamente.

Capítulos 32-37. O Discurso de Eliú. Jó silenciou os três amigos. Eliú zanga-se com eles, por emudecerem e não darem resposta a Jó. Exaspera-se com Jó, porque se tem como justo aos seus próprios olhos e por se justificar a si e não a Deus. Agora é a vez de Eliú dizer-lhe algumas coisas. É presunçoso? Silencie toda a terra; Eliú vai falar. Boa parte de seu discurso consiste em dizer que vai referir-lhes coisas maravilhosas. Mas, como os outros, sua principal sapiência está em usar palavras que escondem o que ele quer dizer, em vez de lhe aclarar o sentido. Parece que se bate principalmente pela idéia de que o sofrimento, Deus tenciona corrigir antes que punir.

Capítulos 38:41. A Alocução de Deus. Falou do meio do redemoinho, detendo-se em considerar a ignorância, impotência, desamparo e pequenez infinitesimal do homem, comparado com Deus. Fez pergunta sobre pergunta que infundiram terror em Jó, fizeram-no calar-se e pôr-se de joelhos. São capítulos grandiosos, sublimes.

Capítulo 42. O Arrependimento e a Restauração de Jó. Exclamou ele: "Me abomino e me arrependo no pó e na cinza", v. 6. Deus sancionou as idéias expressas por Jó, e não as dos outros, v. 7. Não era um ímpio, como haviam sustentado, mas um homem genuinamente piedoso, que, vendo-se face a face com Deus, "abominava" sua justiça própria e se humilhava até ao pó. Jó suportou suas provas de maneira magnífica, e Deus abençoou sua velhice.

SALMOS

Cânticos da Confiança

Hinos de Devoção

Chamado em Hebraico "Livro de Louvores"

150 Poemas Musicados para o Culto

O Hinário e Livro de Oração de Israel

Para Uso na Vida Particular e no Culto Público

O Livro mais Amado do A. T.

O Produto mais Glorioso da Idade Áurea de Israel

De 283 Citações do A. T. no Novo, 116 são dos Salmos

A Autoria dos Salmos

Pelos títulos, 73 Salmos são atribuídos a Davi; 12 a Asafe; 11 aos filhos de Coré; 2 a Salomão (72 e 127); 1 a Moisés (90); 1 a Etã (89); e 50 são anônimos. Pensa-se que alguns destes anônimos podem ser atribuídos ao autor do Salmo precedente. Davi, sem dúvida, foi o autor de alguns deles.

Os títulos não são indicação segura de autoria, porque "de", "a" e "para" são uma só preposição no hebraico. Um Salmo "de" Davi pode ser de sua autoria, ou pode ter sido escrito "para" Davi, ou "a" ele dedicado.

Entretanto, os títulos são muito antigos e o que mais naturalmente se presume é que indicam a autoria. A velha, universal e ininterrupta tradição é que Davi foi o principal autor deles. Alguns críticos modernos têm feito esforço desesperado para eliminar dos Salmos a idéia da autoria de Davi. Existe, porém, muita razão para se aceitar, e nenhuma para se pôr em dúvida, que este livro é em grande parte obra sua. O Novo Testamento assim reconhece.

Falamos, pois, em Salmos de Davi porque foi ele o principal escritor ou compilador dos mesmos. Admite-se geralmente que uns poucos já existiam antes da época de Davi, constituindo o germe de um hinário destinado ao culto. Esse hinário foi muito aumentado por ele e foi se expandindo, através de gerações, até que Esdras (segundo diz a tradição), o completou, dando-no-lo como o temos hoje.

Davi foi um guerreiro de bravura sem precedente, gênio militar e estadista, que levou sua nação ao pináculo do poder. Foi também poeta e musicista, que de todo o seu coração amava a Deus. Seus Salmos são, na realidade, um empreendimento de mais vasta importância do que o próprio reino por ele fundado. É um dos mais nobres monumentos dos séculos. Nestes Salmos está retratado o seu próprio caráter; neles o povo de Deus em geral também se vê razoavelmente retratado, palpitando aí suas lutas, pecados, dores, aspirações, alegrias e vitórias. Por séculos sem fim, milhões de redimidos do SENHOR sentir-se-ão gratos a Davi pelos seus Salmos.

Jesus Apreciava Muito os Salmos

Tanto se impregnaram os Salmos na natureza mental de Cristo, que Suas últimas palavras, expressas quando agonizava na Cruz, eram citações deste livro, 22:1; 31:5; Mt 27:46; Lc 23:46. Disse que muita coisa a Seu respeito tinha sido escrita nos Salmos, Lc 24:44.

W. E. Gladstone Afirmou:

"Todas as maravilhas da civilização grega, tomadas no seu conjunto total, são menos admiráveis do que este simples livro dos Salmos".

Foram Escritos para Serem Cantados

Moisés cantava e ensinava o povo a cantar, Êx cap. 15; Dt caps. 32, 33. Israel cantava durante a peregrinação para a Terra da Promessa, Nm 21:17. Débora e Baraque cantavam, Jz cap. 5. Davi foi musicista consumado e cantava de todo o seu coração, 2 Sm 6:5,14,16. Os cantores de Ezequias cantavam palavras de Davi, ao som da trombeta, 2 Cr 29:28-30. Os cantores de Neemias cantavam com alto e bom tom na dedicação dos muros, Ne 12:42. Paulo e Silas cantavam na prisão, At 16:25. Na aurora da criação "As estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e rejubilavam todos os filhos de Deus", Jó 38:7. No céu, milhões de anjos cantam, e toda a criação redimida se junta ao coro, Ap 5:11-13. Ali todos cantam e nunca, pelos séculos sem fim, se cansarão de entoar louvores a Deus.

Títulos Musicais e Litúrgicos

O significado de certas palavras que aparecem nos títulos de alguns Salmos, não é de todo conhecido. São palavras muito antigas, anteriores à Septuaginta. Damos aqui uma lista alfabética desses títulos, referindo seu sentido provavel. Estas palavras hebraicas aparecem transcritas nas versões portuguesas mais antigas, mas a Edição Revista e Atualizada já as traduz para o português.

Aijelete-Hás-Saar, ver sobre o Sl 22. Alamote, ver sobre o Sl 46. Al-Tachete, ver sobre o Sl 57. Gitite, ver sobre o Sl 8. Higaiom, ver sobre o Sl 9. Jedutum, ver sobre o Sl 39. Jonate-Elém-Recoquim, ver sobre o Sl 56. Maalate, ver sobre o Sl 53. Maalate Leanote, ver sobre o Sl 88. Masquil, ver sobre o Sl 32. Mictão, ver sobre o Sl 56. Mute-Labem, ver sobre o Sl 9. Neginote, ver sobre o Sl 4. Neilote, ver sobre o Sl 5. Selá, ver sobre o Sl 3. Seminite, ver sobre o Sl 6. Sigaiom, ver sobre o Sl 7. Sosanim, ver sobre o Sl 45. Susâ Edute, ver sobre o Sl 60. Há 55 Salmos com o título: "Ao mestre de canto".

Instrumentos Musicais

Eram instrumentos de corda, principalmente a harpa e o saltério; instrumentos de sopro: a flauta, a gaita, a corneta e a trombeta; e instrumentos de percussão: o pandeiro e os címbalos. Davi tinha uma orquestra de 4.000 instrumentalistas, 1 Cr 23:5.

A Classificação dos Salmos

Foram dispostos em cinco Livros: Salmos 1-41; 42-72; 73-89; 90-106; 107-150. Indicava-se essa subdivisão, tanto na Septuaginta como no He-

braico, desde tempos muito antigos, e pensa-se que isto era para imitar a divisão do Pentateuco em cinco Livros. Cada divisão termina com uma doxologia.

Outros Subgrupos

Salmos dos filhos de Coré, Sl 42-49, ver sobre Sl 42. Salmos de Asafe, 73-83, ver sobre Sl 73. Salmos Mictãos, ou Hinos, 56-60, ver sobre Sl 56. Cânticos dos Degraus, ou de romagem, 120-134, ver sobre Sl 120.

Outras Classificações

Quanto à estrutura e aos assuntos: Messiânicos, ver sobre Sl 2. Históricos, ver sobre Sl 78. Penitenciais, ver sobre Sl 32. Imprecatórios, ver sobre Sl 35. Acrósticos ou alfabéticos, ver sobre Sl 9. Teocráticos, ver sobre Sl 95. Salmos Halel, ver sobre Sl 113. Salmos Aleluíticos, ver sobre Sl 146.

Alguns são muito longos. Outros, muito breves. O Sl 119 é o mais extenso, sendo também o capítulo mais longo da Bíblia. O Sl 117 é o mais breve, sendo também o capítulo mais breve da Bíblia, além de ser o capítulo central da Bíblia, pela contagem do número de capítulos. Por semelhante contagem de versículos, é Sl 118:8 o versículo central da Bíblia.

Idéias Dominantes nos Salmos

"Confiança" é a primeira e principal idéia do Livro, muitas vezes repetida. Qualquer que fosse a ocasião, de alegria ou de terror, essa idéia levava Davi diretamente a Deus. Fossem quais fossem suas fraquezas, Davi VIVIA EM DEUS.

"Louvor" era palavra que estava sempre em seus lábios. Ele sempre estava pedindo alguma coisa a Deus, e sempre agradecia-Lhe de toda a sua alma as respostas às suas orações.

"Regozijai-vos" é outra palavra favorita de Davi. As constantes tribulações não podiam nunca ofuscar seu regozijo em Deus. Exclama sempre: "Cantai", "celebrai a Deus com júbilo". Assim também Paulo em Fp 4:4.

"Benignidade" e "Misericórdia" ocorrem centenas de vezes. Davi se referiu muitas vezes à justiça, retidão e ira de Deus. Mas a "benignidade" divina era a coisa em que se gloriava.

"Os ímpios". A impiedade reinante afligia-o grandemente. Para Davi, como para outros escritores bíblicos, havia só duas classes de pessoas: os retos e os iníquos.

"Inimigos". Fica-se surpreso ante a incessante referência a inimigos. Não sabemos como vivia perpetuamente assediado de inimigos um rei justo e bom como Davi. Os inimigos aos quais se refere, em alguns casos, são inimigos pessoais; outras vezes são inimigos de Israel, ou de Deus.

Salmos Messiânicos

Muitos Salmos, escritos mil anos antes de Cristo, contêm referências a Ele, e de modo nenhum se aplicam a outra pessoa da História. Algumas referências a Davi parecem prenunciar o futuro Rei da família davídica. Além de passagens claramente messiânicas, há muitas expressões nos Salmos, que, de modo menos direto, parecem referir-se veladamente ao Messias.

Os Salmos mais claramente messiânicos são os seguintes: Sl 2 — A Deidade e o reinado universal do Ungido de Deus; Sl 8 — O Homem, mediante o Messias, torna-se dominador da criação. Sl 16 — Sua ressurreição dentre os mortos. Sl 22 — Seus sofrimentos. Sl 45 — Sua noiva real e Seu trono eterno. Sl 69 — Outra vez, os sofrimentos do Messias. Sl 72 — A glória e a eternidade do Seu reinado. Sl 89 — O juramento divino que Seu trono não terá fim. Sl 110 — O Rei e Sacerdote eterno. Sl 118 — Será rejeitado pelos chefes do Seu povo. Sl 132 — O Herdeiro eterno do trono de Davi.

Passagens Messiânicas

Vão aqui declarações dos Salmos que o Novo Testamento aplica explicitamente a Cristo (ver mais sobre 2 Sm 7 e Mt 22:22):

"Tu és meu Filho; eu hoje te gerei", Sl 2:7; At 13:33.

"Sob seus pés tudo lhe puseste", Sl 8:6; Hb 2:6-10.

"Não deixarás minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo veja corrupção", Sl 16:10; At 2:27.

"Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?", Sl 22:1; Mt 27:46.

"Confiou no SENHOR! livre-o ele", Sl 22:8; Mt 27:43.

"Traspassaram-me as mãos e os pés", Sl 22:16; Jo 20:25.

"Repartem entre si as minhas vestes, e sobre minha túnica lançam sortes", Sl 22:18; Jo 19:24.

"Eis aqui estou para fazer a tua vontade, ó Deus", Sl 40:7,8; Hb 10:7.

"Até o meu amigo íntimo... que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar", Sl 41:9; Jo 13:18.

"O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre", Sl 45:6; Hb 1:8.

"O zelo da tua casa me consumiu", Sl 69:9; Jo 2:17.

"Por alimento me deram fel, e na minha sede me deram a beber vinagre", Sl 69:21; Mt 27:34, 38.

"Tome outro o seu encargo", Sl 109:8; At 1:20.

"Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés", Sl 110:1; Mt 22:44.

"O SENHOR jurou e não se arrependerá: tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque", Sl 110:4; Hb 7:17.

"A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular", Sl 118:22; Mt 21:42.

"Bendito o que vem em nome do SENHOR", Sl 118:26; Mt 21:9. Ver mais sobre 2 Sm 7 e Mt 2:22.

Salmo 1. A bem-aventurança daqueles que derivam seus conceitos da vida da Palavra de Deus, e não dos seus vizinhos mundanos. A eles pertencem a felicidade e a prosperidade. Esta não é a situação dos ímpios. Repetidas vêzes contrastam-se os justos e os ímpios.

Desta maneira, o Livro dos Salmos começa com uma exaltação da Palavra de Deus. Se Davi amava desta maneira as poucas escrituras que naquela época constituíam a Palavra de Deus, quanto mais nós deveríamos amar esta mesma Palavra, que agora se completou com a linda história de Cristo. Outros Salmos que falam da Palavra de Deus são Sl 19 e Sl 119. Nota-se também que a primeira palavra no Livro dos Salmos é "Bem-aventurado", uma Beatitude, como o Sermão do Monte; ver mais abaixo.

Algumas das Bem-Aventuranças de Davi

"Bem-aventurado o homem que teme ao SENHOR", Sl 112:1.
"Bem-aventurado o que acode ao necessitado", Sl 41:1.
"Bem-aventurada a nação cujo Deus é o SENHOR", Sl 33:12.
"Bem-aventurado aquele cuja iniqüidade é perdoada", Sl 32:1.
"Bem-aventurados, SENHOR, os que habitam em tua casa", Sl 84:4.
"Bem-aventurado o homem, SENHOR, a quem tu repreendes", Sl 94:12.
"Bem-aventurados todos os que nele se refugiam", Sl 2:12.
"Bem-aventurado o homem que no SENHOR se refugia", Sl 34:8.
"Bem-aventurado o homem cuja força está no SENHOR", Sl 84:5.
"Bem-aventurados os que guardam as suas prescrições, e o buscam de todo o coração", Sl 119:2.
"Bem-aventurado o homem... cujo prazer está na lei do SENHOR", Sl 1:1, 2.

Salmo 2. Um Hino do Messias Vindouro

Sua deidade e Seu reinado universal. É o primeiro Salmo Messiânico.

Salmo 3. Davi Confiava em Deus

Este incidente pertence ao tempo da rebelião de Absalão, 2 Sm 15. Podia dormir porque "O SENHOR o sustenta", v. 5.

"Selá", v. 2, é palavra que ocorre 71 vezes nos Salmos. Pensa-se que significava um interlúdio orquestral.

Salmo 4. Outro Hino de Confiança

Cantado por Davi ao recolher-se para dormir em paz, por assim dizer, no regaço divino. Confiança em Deus, v. 5. Alegria de coração, v. 7. Paz de espírito, v. 8. Comunhão com Deus, v. 4.

Salmo 5. Oração Matutina

Assediado de inimigos traiçoeiros, Davi ora, e dá brados de alegria, na confiança de que Deus o defenderá. Muitos dos Salmos os mais majestosos surgiram das situações augustiosas de Davi.

"Neilote", no título, significa "para flautas".

Salmo 6. O Brado de um Coração Abatido

Em tempo de enfermidade, angústia, humilhação e vergonha perante os inimigos; possivelmente devido ao seu pecado com Bate-Seba. É o primeiro Salmo Penitencial, ver sobre Sl 32.

"Seminite", no título deste e do Sl 12, significa "em tom de oitava", provavelmente indicando a voz de baixo, ou vozes masculinas.

Salmo 7. Outra oração

Como no Sl 5, Davi pede proteção contra inimigos ímpios. Davi protesta sua retidão, ver sobre o Sl 32.

"Cuxe", no título, possivelmente era um dos oficiais de Saul que perseguia Davi, ver sôbre o Sl 54.

"Sigaiom", ou "canto", no título, era provavelmente o nome de uma melodia animada.

Salmo 8. O homem foi feito para dominar a criação divina

Isto se dará quando Cristo reinar triunfalmente, v. 6; Hb 2:6-10. Ver sobre Sl 2.

"Gitite", no título deste e dos Salmos 81 e 84, possivelmente era o nome de um instrumento musical, ou era uma melodia de Gate.

Salmo 9. Agradecimento por vitórias conquistadas

Deus toma assento, na qualidade de rei, para sempre. Saibam as nações que são constituídas de simples homens. Este Salmo, como o Sl 10, forma um acróstico.

Salmos "Acrósticos" ou "alfabéticos" são aqueles cuja letra inicial de cada verso sucessivo obedece à ordem do alfabeto hebraico; pensa-se que era um artifício para ajudar a memória. Outros Salmos acrósticos são: Sl 25; 34; 37; 111; 119 e 145.

"Mute-Labem", nos títulos, era provavelmente o nome de uma melodia.

"Higaiom", v. 16, era provavelmente uma nota musical.

Salmo 10. Davi pede auxílio em oração

A situação é a luta de Davi contra a impiedade, a opressão e o latrocínio aparentemente dominantes dentro do seu próprio reino. A multiplicação de malfeitores preocupava muito a Davi, mormente quando se tratava de zombaria do próprio Deus.

Salmos 11, 12, 13. A prevalência da iniqüidade

Os ímpios andam por toda parte. Mas Davi, apesar de muito sofrer, confia no resultado final e exulta em Deus. Salmos deste tipo devem ser atribuídos ao período durante o qual Davi estava fugindo de Saul.

Salmo 14. A pecaminosidade universal do homem

Versa sobre o mesmo assunto do Sl 53. É citado em Rm 3:10-12 para mostrar a necessidade que o homem tem de um Salvador. Os pecadores são chamados insensatos. A maldade dos homens demonstra a loucura humana. Mas haverá um dia de julgamento para os ímpios, dia este que para o povo de Deus será de júbilo.

Salmo 15. Verdadeiros cidadãos de Sião

São os retos, sinceros, justos e honestos. Thomas Jefferson disse que este Salmo contém o retrato de um autêntico cavalheiro.

Salmo 16. Salmo da ressurreição do Messias

Davi parece falar de si mesmo, todavia são palavras místicas sobre o futuro Rei davídico, que se intrometem nos seus lábios, v. 10. É citado no N.T. como sendo uma profecia da ressurreição de Jesus, At 2:27. Ver sobre Sl 2. Notam-se os magníficos versículos 8 e 11.

Salmo 17. Davi ora e protesta sua retidão

Rodeado de inimigos perversos, Davi confia em Deus. Cercado por pessoas que amam este mundo, Davi se apega ao mundo além, vv. 14 e 15. Ver sobre Sl 32.

Salmo 18. Hino de ação de graças de Davi

Escrito quando Davi ascendeu ao trono, depois de muitos anos fugindo de Saul. Atribui suas vitórias a Deus, sua força, rocha, cidadela, libertador, refúgio e baluarte. Quanto a ser "cabeça das nações", vv. 43-45, ele o foi só em parte. A frase apontava para um tempo depois dele, para o trono do seu Filho maior. Ver sobre Sl 2. Este Salmo se registra também em 2 Sm 22.

Salmo 19. A Natureza e a Palavra

As glórias e maravilhas da criação, e a perfeição e poder das leis de Deus. O Deus da natureza Se torna conhecido ao homem mediante Sua Palavra escrita. As idéias acerca da Palavra de Deus; vv. 7-14, são muito desenvolvidas no Sl 119. A oração final, vv. 13 e 14, é uma das melhores da Bíblia inteira.

Salmo 20. Um Salmo sobre a confiança

Pensa-se que era uma oração cantada quando Davi entrava em batalha. Alguns julgam que aqui está sendo descrito o rei Messias, como acontece com os Salmos 2; 18; 21; 45; 61; 72; 89; 110 e 132.

Salmo 21. Gratidão pela vitória

Após a batalha, agradece-se pela vitória pedida no Sl 20, antes da luta. Suas referências messiânicas são mais evidentes do que no Sl 20. O aspecto eterno do reinado do rei deve referir-se a Cristo antes que a Davi, v. 4.

Salmo 22. Salmo da crucifixão

Escrito mil anos antes que ela ocorresse; retrata cenas tão ao vivo que alguém pensaria ter estado o autor pessoalmente ao pé da cruz; as palavras de Jesus no momento extremo, v. 1, os escárnios dos inimigos, vv. 7 e 8, Suas mãos e pés traspassados, v. 16, as vestes repartidas, v. 18. Algumas destas declarações não se aplicam a Davi, nem a nenhum acontecimento na História, salvo à crucifixão de Jesus. Ver sobre Sl 2.

"Aijelete-Hás-Saar", no título, significa literalmente "corça da manhã". Pode ser uma indicação do compasso musical, ou o título de uma melodia.

Salmo 23. Salmo do pastor

O capítulo mais estimado do A.T. Beecher expressou-se assim: "Este Salmo tem voado para cima e para baixo na terra, como um pássaro, cantando o mais doce cântico jamais ouvido. Tem acalmado mais aflições do que todas as filosofias do mundo. Prosseguirá gorjeando para vossos filhos, para os meus, e para os filhos deles, até ao fim do tempo. Quando tiver realizado sua missão, voará de volta para o seio de Deus, recolherá as asas e continuará para sempre, cantando no feliz coro daqueles que ajudou a levar para lá".

Davi pode ter composto este Salmo enquanto ainda era o menino-pastor, vigiando os rebanhos de seu pai naquele Campo dos Pastores onde, mil anos mais tarde, o côro angelical anunciou o nascimento de Jesus.

Salmo 24. A chegada do rei a Sião

Possivelmente foi escrito para a trasladação da arca a Jerusalém, 2 Sm 6:12-15. Talvez o cantemos na recepção do rei em regresso, neste dia alegre de Sua volta. Em parte, assemelha-se ao Salmo 15.

Salmo 25. Oração de uma alma oprimida pelo pecado

Davi tem períodos de depressão espiritual por causa de seus pecados e problemas. Ver sobre Sl 32. Há muitas petições aqui que podemos adotar como nossas.

Salmo 26. Davi protesta sua retidão

O faz positivamente, muito diferente do Salmo precedente. Ver sobre Sl 32.

Salmo 27. Devoção à Casa de Deus

E confiança corajosa em Deus, fortaleza da sua vida. Davi gostava de cantar, de orar e de esperar em Deus por meio da oração.

Salmo 28. Uma oração e agradecimento pela resposta

Davi confiou em Deus, e foi auxiliado. Portanto, cantava e se rejubilava.

Salmo 29. A voz de Deus na trovoada.

Ele sentou-se como soberano sobre muitas águas; Deus senta-se na qualidade de rei para sempre.

Salmo 30. Cântico de louvor, de Davi, na dedicação do seu palácio

Depois de conquistar Jerusalém, e de fazê-la sua capital, 2 Sm 5:11; 7:2. Davi tinha arriscado sua vida muitas vezes, mas Deus a preservava. Portanto, sempre estaria disposto a louvar a Deus.

Salmo 31. Salmo de sofrimento e vitória

Jesus apreciava-o. Sua última palavra na cruz foi tirada do v. 5. Davi, no meio de perigos, problemas, angústias ou humilhações, sempre confiava totalmente em Deus.

Salmo 32. Salmo de arrependimento, confissão e perdão

Sem dúvida, este Salmo pertence à história do pecado de Davi com Bate-Seba, 2 Sm caps. 11 e 12. Ele não achou palavras suficientes para exprimir sua vergonha e humilhação. Todavia, era o mesmo Davi que repetidamente afirmava sua retidão, Sl 7:3,8; 17:1-5; 18:20-24; 26:1-4.

Como conciliar estes aspectos paradoxais de sua vida? 1) Os Salmos da sua "retidão" podem ter sido escritos antes de cometer aquele erro terrível. 2) Na maior parte, Davi era um homem reto. 3) A retidão de Davi era somente relativa, não absoluta. Comparado com o proceder geral dos ímpios, Davi era um santo de primeira ordem. Comparado com Deus, sua justiça era como trapos imundos. Existe uma diferença, tão vasta como o mar, entre os homens bons, ainda que às vezes cedam às tentações carnais, e os ímpios, que deliberada e propositadamente escarnecem de todas as regras da decência. Ver sobre 1 Jo 3.

Consta que Agostinho escreveu este Salmo na parede do seu quarto de dormir; lia-o incessantemente, chorando.

Outros Salmos Penitenciais: 6; 25; 38; 51; 102; 130 e 143.

"Masquil", no título deste e dos Salmos 42; 44; 45; 52; 53; 54; 55; 74; 78; 88; 89 e 142, pensa-se que significava poema didático ou de reflexão.

Salmo 33. Salmo de alegria e louvor

Cântico "novo", v. 3, expressão esta que ocorre muitas vezes, 40:3; 96:1; 98:1; 144:9; Há certos cânticos antigos que nunca envelhecem; mas o povo de Deus, à medida que vai viajando pela estrada da vida, experimenta sempre novos livramentos e novas alegrias que fornecem novo sentido aos velhos cânticos, até chegarem à culminância, por fim, com novas explosões de regozijo no raiar das glórias celestiais, Ap 5:9; 14:3.

Salmo 34. Gratidão e louvor, de Davi, por ter sido libertado dos filisteus

Em toda tribulação ia direto a Deus em oração. Em cada livramento, ia logo à presença dEle com agradecimento e louvor. Que maravilha VIVER assim EM DEUS! E como isto Lhe agrada! Alguém disse, "agradece a Deus a luz das estrelas, e Ele te dará o luar. Agradece-lhe o luar, e Ele te dará a luz do sol. Agradece-lhe a luz do sol, dentro em breve Ele te levará para onde Êle mesmo é a Luz".

Salmo 35. Salmo imprecatório

Outros, deste tipo, são: 52, 58, 59, 69, 109 e 137. Respiram vingança contra os inimigos. Não temos aí os pronunciamentos da ira divina sobre os ímpios, senão as súplicas de um homem por vingança sobre seus inimigos; justamente o oposto do ensino de Cristo quanto ao dever de amarmos nossos inimigos. Como explicar isto? No A.T. o propósito divino era manter uma NAÇÃO no mundo, que preparasse o caminho para a vinda de Cristo. Deus utilizava-se da natureza humana tal qual era, e não sancionava necessàriamente tudo quanto os Seus servos, mesmo os mais consagrados, faziam e diziam. Alguns destes Salmos eram hinos de guerra, expressões de intenso patriotismo, que, nas lutas de vida e morte com inimigos poderosos, foram destinados a ajudar a nação a sobreviver. Com a vinda de Cristo, a revelação de Deus quanto ao sentido da vida humana e de seus padrões de conduta ficou completa; e Deus deixou de enfatizar Sua obra da manutenção de uma nação, para destacar Sua obra da transformação de INDIVÍDUOS na espécie de pessoas que Ele quer que sejamos; e Deus AGORA não desculpa algumas coisas que tolerava OUTRORA. Nos tempos do A.T., até certo ponto, por motivo de conveniências, Deus condescendeu com as idéias dos homens. Nos tempos do N.T. Deus começou a tratar os homens de acordo com as Suas próprias idéias. Ver sobre Lc 6:27.

Salmo 36. Meditação sôbre a impiedade dos homens

E sobre a retidão, fidelidade, misericórdia e benignidade de Deus.

Salmo 37. Confiança em Deus

Este é um dos Salmos mais queridos. Davi, sempre atônito com a prevalência da impiedade, declara aí sua filosofia acerca de como viver no meio dos que odeiam a Deus e as coisas que ele ama; faze o bem; confia em Deus; não te indignes. Faz-nos lembrar Jo 15:19 e Fp 2:15.

SALMOS

Salmo 38. Salmo de profunda angústia

Um dos salmos penitenciais, ver sobre Sl 32. Parece que Davi sofria de uma doença repulsiva, causada por seu pecado, em virtude do que seus amigos mais íntimos e parentes mais achegados tornaram-se-lhe estranhos, multiplicando-se os inimigos, e tornando-se muito atrevidos. Isso mostra como o "homem segundo o coração de Deus", às vezes, se afundava nas profundezas do sofrimento e da humilhação por causa de seus pecados.

Salmo 39. Uma elegia sobre a brevidade, fragilidade e vaidade da vida

"Jedutum", no título deste e do 62 e 77, era um dos três regentes de música de Davi; os outros eram Asafe e Hemã, 1 Cr 16:37-42. Conforme 2 Cr 13:15, ele era "vidente do rei".

Salmo 40. Louvor por um grande livramento

A lei de Deus estava no seu coração, v. 8; não obstante, estava completamente esmagado por suas iniqüidades, v. 12. A última parte deste Salmo é igual a Sl 70. Parece haver referência messiânica, vv. 7 e 8; Hb 10:5-7.

Salmo 41. Davi roga pelo livramento

Pensa-se que este Salmo pertenceu à época da revolta de Absalão, 2 Sm 15, quando a doença de Davi, vv. 2-8, ofereceu oportunidade ao desfecho da conspiração. O "amigo íntimo", v. 9, devia ser Aitofel, o Judas do A.T., 2 Sm 15:12; Jo 13:18.

Salmos 42, 43. O exilado tem sêde da Casa de Deus

Parece que estava na região do Hermom, leste do Jordão, v. 6, no meio de gente ímpia e hostil. Estes dois Salmos formam um poema só.

"Filhos de Coré", no título dos Salmos 42-49, 84, 85, 87 e 88, eram uma família de poetas levitas, organizados por Davi numa esmerada corporação musical, em preparação para o serviço do Templo, e que existiu por muitas gerações, 1 Cr 6:31-48; 9:19, 22, 23.

Salmo 44. Um brado de desespero

Em tempo de desastre nacional, quando seus exércitos, ao que parece, tinham sido derrotados por completo.

Salmo 45. Cântico nupcial de um soberano

É chamado pelo nome de Deus e sentado num trono eterno. É possível que em parte se refira imediatamente a Davi, ou a Salomão. Algumas de suas declarações, porém, são de todo inaplicáveis a um ou a outro, ou a qualquer soberano da terra. Parece ser um cântico do Messias, em antecipação do casamento do Cordeiro, Ap 19:7.

"Sosanim", no título deste e do 69 e 80, significa "lírios". Talvez fosse uma canção de primavera, ou uma metáfora designando um coro feminino.

Salmo 46. Canção marcial de Sião

Nele se baseou Lutero para escrever o seu famoso "Castelo Forte é nosso Deus", hino de guerra da Reforma.

"Alamote", no título, significa "virgens", ou coro de moças, ou voz de soprano.

Salmos 47, 48. O Senhor é rei

O Senhor reina. Sião é a cidade de Deus. Este Deus é para sempre o nosso Deus. Deus está no trono. Regozije-se toda a terra.

Salmo 49. A vaidade das riquezas terrenas

Não difere de alguns dos ensinos de Jesus, Mt 6:19-34; Lc 12:16-21; 16:19-31.

Salmo 50. Deus é o dono da terra e de tudo quanto nela há

Em dar a Ele, apenas Lhe devolvemos o que é Seu.

Salmo 51. Davi suplica misericórdia

Sofre as conseqüências do seu pecado com Bate-Seba, 2 Sm caps. 11-12. Um Salmo penitencial. Ver sobre Sl 32.

"Cria em mim, ó Deus, um coração puro", v. 10, deve ser nossa oração constante.

Salmo 52. Davi confia em Deus

Cântico de Davi, no qual expressa a confiança de que será livrado de Doegue, 1 Sm caps. 21 e 22. Belo contraste com a atitude jactanciosa do seu inimigo.

Salmo 53. A pecaminosidade universal do homem

Assemelha-se ao Sl 14. É citado em Rm 3:10-12.

"Maalate", no título, pensa-se que significa "para cítara".

Salmo 54. Oração de Davi, em Zife

Quando se escondia de Saul, Davi foi denunciado pelos zifitas, 1 Sm 23:19-28; 26:1-25. Outros Salmos, compostos quando fugia de Saul, são: 7; 34; 52; 54; 56; 57; 59; 63 e 142.

Salmo 55. Traído por amigos, Davi põe sua confiança em Deus

Como o Sl 41, parece pertencer ao tempo da revolta de Absalão e referir-se especialmente a Aitofel, vv. 12-14; 2 Sm 15:12,13.

Salmo 56. Oração de Davi para ser livrado dos filisteus

Lançou mão de todos os recursos humanamente possíveis, até fingir-se louco, como se narra em 1 Sm 21:10-13. Todavia, orou e confiou em Deus pelos resultados. O Sl 34 é seu cântico de agradecimento por haver escapado.

"Mictão" aparece nos títulos dos Salmos 16 e 56-60. Pensa-se que significava "jóia", ou "áureo", isto é, de pensamentos dignos de serem gravados ou registrados permanentemente. Um Hino.

"Jonate-Elem-Recoquim", "A pomba nos terebintos distantes", provavelmente era o título de uma melodia.

Salmo 57. Oração de Davi, quando se escondia de Saul

Cf. 1 Sm 22:1; 24:1; 26:1. Seu coração se firmou na fé em Deus, v. 7. "Al-Tachete", no título dos Salmos 57-59 e 75, significa "não destruas." parecendo referir-se a 1 Sm 26:9.

Salmo 58. Oração contra os ímpios

O dia da retribuição deles é certo. Ver sobre Sl 35. Davi se queixou muito contra a prevalência da maldade. E repetia que a maldade não vale a pena.

Salmo 59. Outra oração

Foi quando Saul enviou soldados para apanharem a Davi de surprêsa em casa, 1 Sm 19:10-17. Mas ele confiou em Deus.

Salmo 60. Oração em vicissitude nacional

Situação semelhante se reflete nos Salmos 44; 74; 79; 108. Aqui se trata de revezes na guerra com os sírios e edomitas, 2 Sm 8:14.

"Susã-Edute", título dos Sl 60 e 80, significa "lírios do testemunho", ver sobre Sl 45.

Salmo 61. Hino de confiança

Foi quando Davi se achava ausente de casa; foi em alguma expedição, ou possivelmente ao tempo da revolta de Absalão.

Salmo 62. Um poema de fervente devoção a Deus

É de confiança inabalável em Deus. Davi teve muitos problemas, mas não deixou nunca de confiar em Deus.

Salmo 63. Hino do deserto

Pensa-se que pertence, possivelmente, ao tempo em que Davi fugia da presença de Absalão, para o deserto de En-gedi, 1 Sm 24, conservando, porém, a certeza de ser restaurado.

Salmo 64. Oração de Davi, pedindo proteção

Davi invoca a proteção divina contra a conspiração de inimigos ocultos, confiando que triunfará com Deus.

Salmo 65. Cântico do mar e da ceifa

Deus coroa o ano com a Sua bondade. A terra dá brados de alegria, com seus produtos abundantes.

Salmo 66. Salmo de ações de graças nacionais

Louvai a Deus. Temei-O. Cantai. Regozijai-vos. Os olhos de Deus observam as nações.

Salmo 67. Salmo missionário

Cantado em antecipação das boas novas do Evangelho, a circundarem a terra. Cantem de gozo as nações.

Salmo 68. Marcha de guerra

Descreve os exércitos vitoriosos de Deus. Este Salmo era favorito dos cruzados, dos huguenotes, de Savonarola e de Oliver Cromwell.

Salmo 69. Salmo do sofrimento

Semelhante ao Salmo 22. Através do véu dos padecimentos de Davi vislumbram-se os de Cristo; assim foi citado no N.T., cf. vv. 4, 9, 21, 22, e 25 com Jo 2:17; 15:25; 19:28-30; At 1:20; Rm 11:9; 15:3.

Salmo 70. Grito urgente por socorro

É quase igual à última parte do Sl 40. O crente se regozija em Deus numa época de perseguição. Deus nunca faltou a Davi.

Salmo 71. Salmo da velhice

É o retrospecto de uma vida cheia de confiança, cercada de perturbações e de inimigos por todo o caminho; seu regozijo em Deus nunca fora ofuscado.

Salmo 72. A glória e a grandeza do reinado do Messias

É um dos Salmos de Salomão; o outro é Sl 127. O reino de Salomão estava no auge da glória. Podemos pensar que este Salmo era, em parte, uma descrição do seu próprio reinado pacífico e glorioso. Mas algumas das suas declarações e o seu teor geral só podem aludir ao reino de UM maior que Salomão. Ver sobre Sl 2.

Salmo 73. A prosperidade dos ímpios

Solução do problema: considerar a sorte final deles. "Asafe", consta no título dos Salmos 50 e 73-83. Asafe era o regente de canto de Davi, 1 Cr 15:16-20; 16:5. O grupo coral de Ezequias cantou Salmos de Asafe, 2 Cr 29:30.

Salmo 74. Oração em tempo de calamidade nacional

Jerusalém estava em ruínas; possivelmente há alusão à invasão de Sisaque, 1 Rs 14:25,26; 2 Cr 12:2,9; ou ao cativeiro babilônico.

Salmo 75. Deus é Juiz

Certa é a destruição dos ímpios; certo o triunfo dos justos; no dia em que a terra for dissolvida.

Salmo 76. Graças por uma grande vitória

Parece referir-se à destruição do exército de Senaqueribe, por um anjo de Deus, perante os muros de Jerusalém, 2 Rs 19:25.

Salmos 77 e 78. Salmos Históricos

Estes, bem como os Salmos 81, 105, 106 e 114, são chamados "Salmos Históricos". São recitações poéticas da história passada de Israel, e da intervenção divina nela, para manter viva a lembrança das relações prodigiosas de Deus com esse povo, contrastadas com a desobediência e a infidelidade dos israelitas.

Salmos 79 e 80. Lamentos sobre a desolação de Jerusalém

Pensa-se que se refere à invasão de Sisaque, à queda de Samaria, ou ao cativeiro babilônico.

Salmos 81 e 82. A prevaricação de Israel

A desobediência de Israel é a causa das suas desgraças. Se tivesse prestado ouvidos a Deus, sua situação seria diferente. Os juízos injustos são censurados pela impiedade reinante, por causa de se esquecer da sua responsabilidade perante o Juiz Supremo.

Salmo 83. Oração pedindo proteção

O perigo aqui é uma conspiração de edumeus, árabes, moabitas, amonitas, amalequitas, filisteus e outros.

Salmo 84. A Casa de Deus

A bem-aventurança do devotamento à Casa de Deus. O Senhor ama aos que amam os caminhos que levam a Sião, que aqui simboliza a Igreja. Ver Sl 27.

Salmo 85. Graças pela volta do cativeiro

Com uma oração pela restauração da terra e por um futuro melhor.

Salmo 86. Apelo por misericórdia

Os piedosos ainda precisam de perdão; ver sobre Sl 32.

Salmo 87. Sião, cidade de Deus

É um dos nomes poéticos da Igreja, e tem o registro dos herdeiros do céu, v. 6; Hb 12:22. Deus a ama.

Salmo 88. Brado lastimoso de alguém que sofre toda a vida

O triste cântico de um recluso, acamado com uma doença prolongada e terrível. "Hemã", no título, era um dos regentes de canto de Davi, 1 Cr 15:17-19, contemporâneo de Salomão, 1 Rs 4:31. "Maalate-Leanote", cântico para a cítara.

Salmo 89. O juramento divino sobre a eternidade do trono de Davi

Salmo magnífico. Ver sobre Sl 2 e sôbre 2 Sm 7. "Etã" era um dos regentes de canto de Davi, juntamente com Asafe e Hemã, 1 Cr 15:16-19.

Salmo 90. A eternidade de Deus e a brevidade da vida humana

Sendo da autoria de Moisés, que viveu 400 anos antes de Davi, pode ser o primeiro Salmo que já se compôs. Moisés escreveu outros cânticos, Êx 15 e Dt 32. A tradição rabínica atribuiu a Moisés os dez seguintes Salmos anônimos, 91-100. Se é verdade, então este grupo pode ter sido o núcleo original do Livro dos Salmos.

Salmo 91. Hino magnífico de confiança

Um dos Salmos mais queridos. Promessas maravilhosas de segurança para os que confiam em Deus. Deve ser lido com freqüência.

Salmo 92. Hino de louvor do dia de descanso

Parecendo olhar retrospectivamente para o descanso da criação, e encarar a era futura do descanso eterno. Os ímpios perecem. Os fiéis florescem.

Salmos 93 e 94. A majestade de Deus

E a destruição dos ímpios. A majestade, o poder, a santidade e a eternidade do trono de Deus. Ele reina desde todo o sempre e para sempre. Neste mundo prevalecem os maus, mas seu castigo é certo; é um tema freqüente nas Escrituras.

Salmos 95-100. O Reino de Deus

Continuando a idéia do Sl 93, estes se chamam Salmos "Teocráticos", porque relatam a soberania de Deus, dando a entender algo sobre o reinado do Messias vindouro.

Salmo 95

Cantai: Regozijai-vos. O Senhor é rei. Ajoelhemo-nos diante dEle. Nós somos Seu povo. Escutemos Sua voz. Os vv. 7-11 são citados em Hb 3:7-11 como sendo palavras do Espírito Santo.

Salmo 96

Cantai. Deus reina. Alegrem-se os céus e regozije-se a terra. O dia do julgamento está chegando. Será um dia de triunfo para o povo de Deus.

Salmo 97

O Senhor vem. A terra se comove. É uma antífona de "coroação", referindo-se possivelmente tanto ao primeiro como ao segundo advento.

Salmo 98

Parece ser um cântico do "dia da coroação". Sendo um cântico "novo", v. 1, pode ser um daqueles que se cantam no céu, Ap 5:9-14.

Salmo 99

Deus reina. Tremam as nações. Deus é santo. Ele ama a justiça e a retidão. Ele responde às orações.

Salmo 100

Louva a Deus. Sua misericórdia dura para sempre e Sua fidelidade a todas as gerações.

Salmo 101. Um Salmo para governadores

Pensa-se que, possivelmente, foi escrito quando Davi subiu ao trono; enuncia os princípios que haveriam de nortear seu governo.

Salmo 102. Oração penitencial

Foi proferida em tempo de terrível aflição, humilhação e contumélia. Ver sobre Sl 32. A eternidade de Deus, vv. 25-27, é citada em Hb 1:10-12, aplicando a citação a Cristo.

Salmo 103. Salmo da misericórdia divina

Supõe-se que foi escrito quando Davi já era velho; resume a maneira como Deus o tratou. É um dos Salmos mais altamente apreciados.

Salmo 104. Salmo da natureza

O cuidado de Deus com Suas obras, em cada pormenor, no universo inteiro. Faz-nos lembrar a expressão de Jesus, "Nenhum pardal cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai".

Salmo 105. Síntese poética da história de Israel

Ver sobre Sl 78. Detém-se de modo particular no livramento miraculoso do Egito.

Salmo 106. Outro Salmo histórico

Aqui se contrasta a misericórdia admirável de Deus com a desobediência persistente de Israel.

Salmos 107, 108, 109. A misericórdia e a justiça de Deus

Salmo 107. As maravilhas da benignidade de Deus em tratar com Seu povo e no modo de reger as obras da natureza.

Salmo 108. Parece tratar-se de uma das canções marciais de Davi. É quase idêntico a alguns trechos dos Salmos 57 e 60.

Salmo 109. Vingança contra os inimigos de Deus. É um dos Salmos imprecatórios, ver sobre Sl 35. Judas é prenunciado aqui, v. 8; At 1:20.

Salmo 110. O domínio e o sacerdócio eternos do rei vindouro

Este Salmo não se pode referir a ninguém mais da História, a não ser a Cristo; e todavia foi escrito 1.000 anos antes de Jesus, vv. 1-4. É assim que o Salvador é citado no N.T., Mt 22:44; At 2:34; Hb 1:13; 5:6. Ver sobre Sl 2.

Salmos 111 e 112. Cânticos de louvor

Salmo 111. A respeito da majestade, honra, retidão, misericórdia, fidelidade, verdade, justiça, santidade e eternidade de Deus.

Salmo 112. A bem-aventurança do homem que teme a Deus, e é reto, misericordioso, gracioso, benévolo para com os pobres, que ama à lei do SENHOR, e cujo coração está firme em Deus.

Salmos 113 a 118. São chamados Salmos "Halel"

Cantavam-se, no círculo das famílias, na noite da Páscoa: 113 e 114 no início da ceia, e 115 a 118 no fim. Devem ter sido os hinos que Jesus e Seus discípulos cantaram na Última Ceia, Mt 26:30. Halel quer dizer "louvor".

Salmo 113. Cântico de louvor. Começa e finda com a palavra "aleluia", que significa "louvai ao Senhor". Louvai-O para sempre.

Salmo 114. Hino do Êxodo, que traz à lembrança as maravilhas do livramento de Israel do Egito, na ocasião da primeira festa da Páscoa.

Salmo 115. O SENHOR é o único Deus. Bendito é o Seu povo. Felizes os que nEle confiam, e não nos deuses das nações. A glória de Deus. Sua misericórdia e verdade. Nosso socorro, nosso escudo. Louvai-O para sempre. Deus nos abençoará, e nós bendiremos Seu nome para sempre.

Salmo 116. Cântico de gratidão a Deus pelo livramento da morte, da tentação, e pelas repetidas respostas às orações.

Salmo 117. Um apelo às nações para que aceitem ao SENHOR. Neste sentido é citado em Rm 15:11. É capítulo que marca o meio da Bíblia, e é o mais curto. Louvor. Misericórdia. Fidelidade. Para sempre.

Salmo 118. Foi o hino da despedida de Jesus dos Seus discípulos, ao fim da Páscoa, ao encaminhar-Se ao Getsêmane e ao Calvário, Mt 26:30. Encerrava uma profecia de Sua rejeição, vv. 22, 26; Mt 21:9, 42.

Salmo 119. As glórias da Palavra de Deus

É o capítulo mais longo da Bíblia. Tem 176 versículos. Cada versículo, menos os vv. 90, 121, 122 e 132, menciona a Palavra de Deus sob um ou outro destes nomes: Lei, Testemunhos, Juízos, Decretos, Mandamentos, Preceitos, Palavra, Prescrições, e Caminhos. É um desenvolvimento dos Sl 1 e 19. É um Salmo acróstico ou alfabético, e contém 22 estâncias. Cada estância tem 8 versículos, e cada uma destas começa com a mesma letra, que se repete no início de cada versículo da estância, ver sobre Sl 9. Era o Salmo favorito de Ruskin.

Salmos 120-134. Cânticos de romagem. Chamam-se cânticos dos "degraus", ou das "subidas", ou ainda "cânticos dos peregrinos". Destinavam-se à música vocal, e pensa-se comumente que eram cantados pelos peregrinos a caminho das festas de Jerusalém; ou, enquanto subiam os 15 degraus que levavam ao pátio dos homens. Ou, "subidas" pode significar "a voz altissonante em que eram cantados".

Salmo 120. Súplica para alcançar proteção, feita por alguém que vivia entre pessoas enganadoras e traiçoeiras, longe de Sião.

Salmo 121. Pode ter sido o hino que os peregrinos costumavam cantar logo que avistavam as montanhas que circundavam Jerusalém.

Salmo 122. Pode ter sido o hino que os peregrinos cantavam, assim que se aproximavam da porta do Templo, já dentro dos muros da cidade.

Salmo 123. Uma vez no Templo, os peregrinos cantavam este, erguendo os olhos para Deus em oração, suplicando-lhe Sua misericórdia.

Salmo 124. Um dos hinos de ação de graças e louvor, cantado no Templo, pelos repetidos livramentos nacionais em tempos de perigo medonho.

Salmo 125. Hino da confiança. Como os montes cercam Jerusalém, assim Deus está ao redor do Seu povo para sempre.

Salmo 126. Cântico de ação de graças pela volta do cativeiro. Aquilo era bom demais para se acreditar; parecia-lhes um sonho, cf. Sl 137.

Salmo 127. Parece dois poemas conjugados: a edificação do Templo e a edificação da família. Foi um dos Salmos de Salomão; o outro foi o 72.

Salmo 128. Cântico nupcial. Continuação da segunda metade do 127. As famílias piedosas são a base da prosperidade nacional.

Salmo 129. Oração de Israel pela derrota dos seus inimigos, os quais, desde os primórdios da nação, geração após geração, tinham-na afligido.

Salmo 130. Olhando sempre para Deus. Grito da alma oprimida pela consciência de pecado. Um dos Salmos penitenciais, ver sobre Sl 32.

Salmo 131. Salmo da confiança humilde e filial em Deus. Silenciou e aquietou sua alma em Deus, como uma criança no regaço materno.

Salmo 132. A reiteração poética da promessa inviolável de Deus a Davi, quanto a um herdeiro eterno do seu trono. Ver sobre Sl 2.

Salmos 133, 134. Dois Salmos do amor fraternal e da vida para sempre Dois Salmos dos vigias noturnos do Templo.

Salmos 135-139. Salmos de Ações de Graças

Salmo 135. Cântico de louvor pelas obras portentosas de Deus, na natureza e na História. Nuvens, relâmpagos, ventos, milagres no Egito e no deserto.

Salmo 136. Parece ser uma expansão do Sl 135, que trata das obras portentosas de Deus na Criação, e Seu comportamento com Seu povo Israel; com arranjo para o cântico antifonal. "Sua benignidade é para sempre", ocorre em cada versículo. Salmo do grande Halel. Cantava-se no início da Páscoa. Era um cântico favorito do Templo, 1 Cr 16:41; 2 Cr 7:3; 20:21; Ed 3:11.

Salmo 137. Salmo do cativeiro. Exilados em terra estranha, com saudades da pátria. A retribuição certa para os que os levaram cativos. Êste não é um Salmo de ações de graças. Mas seu companheiro, Sl 126, escrito depois da volta do cativeiro, é cheio de gratidão.

Salmo 138. Cântico de agradecimento, aparentemente por ocasião de alguma notável resposta a orações.

Salmo 139. O infinito conhecimento de Deus e Sua presença universal. Nada se esconde dÊle. Conhece cada pensamento, palavra ou ato nosso. As trevas não nos encobrem de Sua vista. Os vv. 23 e 24 são uma oração importantíssima.

Salmos 140-143. Orações pela proteção

Salmo 140. Uma das orações de Davi, em que pede proteção contra inimigos ímpios, e a destruição dêles. Salmo imprecatório. Ver sobre Sl 35.

Salmo 141. Outra oração de Davi, em que pede proteção contra inimigos, e libertação do pecado. Os inimigos de Davi levaram-no a aprender a aproximar-se de Deus.

Salmo 142. Uma das orações de Davi, de sua vida passada, quando numa caverna se escondeu de Saul, 1 Sm 22:1; 24:3. Ver sobre Sl 54.

Salmo 143. Apelo por socorro e diretrizes, de Davi penitente; possivelmente quando era perseguido por seu filho Absalão, 2 Sm caps. 17 e 18.

Salmo 144. Um dos cânticos marciais de Davi

É possível que seu exército cantasse tais hinos em marcha para o combate.

Salmo 145. Hino de louvor

Talvez Davi fizesse seu exército cantar hinos como este, depois das batalhas, em ações de graças pelas vitórias.

Salmos 146-150. São chamados Salmos "Aleluíticos"

Cada um começa e finda com a palavra "aleluia", que significa "louvai ao SENHOR". A palavra em apreço aparece muitas vezes em outros Salmos. A grande explosão de aleluias com a qual o Livro dos Salmos vai chegando ao fim culminante, repercute pelo resto da Bíblia até ao seu final, e ecoa no coro celestial dos remidos, Ap 19:1, 3, 4, 6.

Salmo 146. Louvarei ao SENHOR enquanto eu viver. Deus reina. Enquanto eu existir louvá-lo-ei.

Salmo 147. Toda a criação louve a Deus. Cantai-Lhe em ação de graças. Louve Israel a Deus. Louve Sião ao SENHOR. Aleluia!

Salmo 148. Aleluia! Os anjos louvem a Deus. Louvem-nO o sol, a lua e as estrelas. Bradem os céus: aleluia!

Salmo 149. Aleluia! Os santos louvem a Deus. Cantem de júbilo. Exultem no SENHOR. Sião regozije-se. Aleluia.

Salmo 150. Aleluia! Louvai a Deus com trombetas, com o saltério e a harpa. Tudo quanto tem fôlego louve ao SENHOR. Aleluia!

PROVÉRBIOS

Ditados de Sabedoria,

Na Maior Parte, Escritos por Salomão,

Sobre Questões Práticas da Vida,

Especialmente com Enfase na Retidão e no Temor de Deus

Este Livro, como o dos Salmos e o Pentateuco, divide-se, segundo os seus títulos, em cinco partes: Provérbios de Salomão, caps. 1-9; Provérbios de Salomão, caps. 10-24. Provérbios de Salomão, que os homens de Ezequias transcreveram, caps. 25-29; Palavras de Agur, cap. 30; Palavras do rei Lemuel, cap. 31.

Assim, a maior parte dos Provérbios atribui-se a Salomão, que manteve para com eles quase a mesma relação de Davi para com os Salmos. Um e outro foram os principais autores. Salmos é livro de devoção. Provérbios é livro de moral prática.

Salomão, quando moço, teve uma paixão absorvente pela ciência e pela sabedoria, 1 Rs 3:9-12. Veio a ser o prodígio literário do mundo. Suas realizações intelectuais foram a maravilha da época. Dos confins do mundo, reis foram ouvi-lo. Fazia preleções sobre botânica e zoologia. Além de cientista, governador político e homem de negócios, à frente de vastas empresas (ver sobre 1 Rs 9), era também poeta, moralista e pregador. Ver mais sobre 1 Rs 4 e 9.

O Provérbio é um ditado curto, sentencioso e axiomático, cuja vivacidade está na antítese ou na comparação. São inteiramente desconexos. Destinaram-se em primeiro lugar aos jovens. O método oriental de ensino consistia em constante repetição de pensamentos sábios ou práticos, de modo a fixarem-se na mente.

Assuntos. Sabedoria. Retidão. Temor a Deus. Entendimento. Moralidade. Castidade. Diligência. Domínio próprio. Confiança em Deus. Dízimos. O uso próprio das riquezas. Considerações aos pobres. O domínio da língua. A generosidade com inimigos. A escolha de companheiros. A abstenção de mulheres más. O louvor das boas mulheres. A educação dos filhos. O trabalho. A honestidade. A abstenção da ociosidade. O pecado da preguiça. A justiça. A prestimosidade. O contentamento. A jovialidade. O respeito. O bom senso.

A Técnica da Abordagem dos Assuntos. O escopo do livro é inculcar virtudes sobre as quais se insiste em toda a Bíblia. Repetidamente, nas Escrituras, de maneiras multiformes e métodos diversos, Deus forneceu ao homem instrução abundantíssima, linha sobre linha, preceito sobre preceito, um pouco aqui, um pouco ali, quanto ao modo de vida que Êle deseja para nós, de sorte que não haja desculpa se errarmos o alvo. Os ensinos deste livro de Provérbios não se exprimem sob a fórmula "Assim diz o SENHOR", como na Lei de Moisés, onde as mesmas verdades são ensinadas por meio de ordens diretas de Deus; antes são ministrados com base na experiência de um homem que experimentou e provou plenamente quase tudo aquilo a que a humanidade se possa entregar. Moisés dizia: São

estes os mandamentos de Deus. Salomão diz aqui, que o que Deus mandou, prova-se, pela experiência, ser a melhor coisa para o homem; a essência da sabedoria humana é o temor de Deus e a observância dos Seus mandamentos.

Deus, no longo registro da revelação de Si mesmo e de Sua Vontade ao homem, parece que recorreu a todo método possível, não só por mandamento e preceito, mas igualmente pelo exemplo (ver nota sobre o Eclesiastes), a fim de convencê-lo de que os mandamentos divinos são verdadeiros e dignos de se viver por eles. A fama de Salomão era qual tempo harmônico de instrumento musical, que levava sua voz aos confins da terra e fê-lo, para todo o mundo, exemplo da sabedoria das idéias de Deus. Este livro dos Provérbios tem sido chamado "A melhor norma que um jovem pode seguir com vistas ao sucesso."

Capítulo 1. Objetivo do livro. Promover Sabedoria, Ensino, Entendimento, Retidão, Justiça, Eqüidade, Prudência, Conhecimento, Discreção, Conselhos Sãos, vv. 2-7. Que esplêndidas palavras! O ponto de partida é o temor de Deus, v. 7. Depois, observância da instrução dos pais, vv. 8-9. Segue-se abstenção de más companhias, vv. 10-19. A Sabedoria, personificando-se, brada suas advertências, vv. 20-33.

Capítulos 2 até 6

Capítulo 2. A Sabedoria alcança-se se for procurada de todo o coração. O lugar onde encontrá-la é a Palavra de Deus, v. 6. Vem depois uma advertência contra a "mulher estranha", repetida muitas vezes.

Capítulo 3. Soberbo e lindo capítulo. Bondade. Verdade. Vida longa. Paz. Confiar em Deus. Honrá-lO com os nossos haveres. Prosperidade. Segurança. Felicidade. Bem-aventurança.

Capítulo 4. A Sabedoria é a coisa principal. Portanto, adquire sabedoria. A vereda dos justos vai brilhando cada vez mais; o caminho dos ímpios, porém, cada vez mais escurece.

Capítulo 5. A alegria e a lealdade conjugais. Advertência contra o amor livre. Salomão teve muitas mulheres, porém avisou contra isso. Parecia que julgava melhor a monogamia, vv. 18-19.

Capítulo 6. Adverte contra obrigações comerciais duvidosas; contra a preguiça, a hipocrisia ardilosa, a altivez, a mentira, a provocação de contendas, a desconsideração dos pais e o amor ilegítimo.

Capítulos 7 até 14

Capítulo 7. Adverte contra a adúltera, cujo marido anda fora de casa. Os caps. 5, 6, 7 ocupam-se de mulheres levianas. A julgar pelo espaço que Salomão lhes dedica, deve ter havido grande quantidade das mesmas na época. Ver Ec 7:28.

Capítulos 8, 9. A Sabedoria, personificada numa mulher, convida a todos para um banquete seu, onde serve coisas excelentes; em contraste com

as mulheres voluptuosas que chamam para a ingenuidade das "doces águas roubadas", 9:13-18.

Capítulo 10. Contrastes breves entre os sábios e os tolos, os retos e os ímpios, os diligentes e os preguiçosos, os ricos e os pobres.

Capítulo 11. A balança falsa é abominação para Deus. Como jóia de ouro em focinho de porca, assim é a mulher formosa, porém indiscreta. A alma liberal prosperará. Aquele que ganha almas é sábio.

Capítulo 12. A mulher digna é a glória do seu marido. Os lábios mentirosos são abomináveis a Deus. A fortuna do homem é ser diligente. Na senda do justo não existe morte.

Capítulo 13. Quem guarda sua boca, guarda sua vida. A esperança protelada faz enfermo o coração. O caminho do transgressor é duro. Anda com os sábios e serás um deles.

Capítulo 14. Quem facilmente se zanga, fará doidices; quem é tardo em irar-se é de grande compreensão. O temor de Deus é uma fonte de vida. A tranqüilidade de coração é a vida da carne. Quem oprime ao pobre insulta Aquele que o criou.

Capítulos 15 até 20

Capítulo 15. A resposta branda desvia o furor. Os olhos do SENHOR estão em todo lugar. A língua gentil é árvore de vida. A oração do justo é deleitável a Deus. O de coração alegre tem um banquete contínuo. O filho sábio alegra a seu pai.

Capítulo 16. O coração do homem planeja como deve agir, mas o SENHOR é quem lhe dirige os passos. A soberba precede a ruína. As cãs são coroa de glória, se se acham no caminho da justiça.

Capítulo 17. Quem gera um tolo, para sua tristeza o faz. O coração alegre é bom remédio. Até o tolo, quando se cala, é reputado por sábio.

Capítulo 18. A boca do tolo é a sua própria destruição. A morte e a vida estão no poder da língua. O que acha uma esposa acha uma coisa boa. Na frente da honra marcha a humildade.

Capítulo 19. Uma esposa prudente vem de Deus. Quem se compadece dos pobres empresta ao SENHOR, que lhe pagará o benefício. Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá.

Capítulo 20. O vinho é escarnecedor. Honroso é para o homem desviar-se de contendas, mas todo tolo se intromete nelas. Os lábios de pessoas entendidas são jóia preciosa. Duas espécies de peso, e balanças enganosas, são abomináveis ao SENHOR.

Capítulos 21 até 26

Capítulo 21. Melhor é morar num canto do telhado, ou em terra deserta, do que com mulher rixosa numa casa ampla. O que tapa o seu ouvido ao clamor do pobre também clamará e não será ouvido. O que

guarda a sua língua, guarda das angústias a sua alma. O cavalo prepara-se para a batalha, mas do SENHOR vem a vitória.

Capítulo 22. Mais digno de ser escolhido é um bom nome do que as muitas riquezas. O rico e o pobre se encontraram; a ambos fez o SENHOR. Instrui o menino no caminho em que deve andar, e até quando envelhecer não se desviará dele. O generoso será abençoado. Viste a um homem diligente na sua obra? Perante reis será posto.

Capítulo 23. Não te canses para enriqueceres. Ouve a teu pai e à tua mãe; regozijem-se eles em ti quando forem velhos. Para quem são os ais? Para os que se demoram perto do vinho. No seu fim morderá como a cobra, e como o basilisco picará.

Capítulo 24. Há segurança na multidão de conselheiros. Não te aflijas por causa dos malfeitores. Passei pelo campo do preguiçoso; estava cheio de cardos. Vendo-o, recebi instrução: um pouco de sono, encruzando as mãos outro pouco, para dormir, e assim sobrevirá a pobreza.

Capítulo 25. Como maçãs de ouro em salvas de prata, assim é a palavra dita a seu tempo. Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sêde, dá-lhe de beber; e Deus te recompensará (citado em Rm 12:20).

"Homens de Ezequias", 25:1. Este grupo de Provérbios de Salomão, caps. 25-29, segundo aqui se diz, foi transcrito pelos "homens de Ezequias". Este viveu mais de 200 anos depois de Salomão. O manuscrito deste deve ter ficado gasto pelo uso, ou escondido num canto obscuro do templo. Um dos pontos básicos da reforma de Ezequias foi o renovado interesse pela Palavra de Deus, 2 Rs 18.

Capítulos 26 até 31

Capítulo 26. Tens visto a um homem que é sábio a seus próprios olhos? Maior esperança há no tolo do que nele. Como a porta se revolve nos seus gonzos, assim o preguiçoso na sua cama. A língua mentirosa aborrece aqueles a quem fere.

Capítulo 27. Não te glories do dia de amanhã; porque não sabes o que ele trará. Mais provérbios a respeito dos tolos.

Capítulos 28, 29. Quem desvia seus olhos dos pobres terá muitas maldições. O tolo extravaza toda a sua ira, mas o sábio reprime-a e silencia. Outras dissertações sobre os tolos. Salomão não gostava de tolos, pelo que não se cansava de fustigá-los.

Capítulo 30. Provérbios de "Agur". Não se sabe quem foi Agur. Provavelmente amigo de Salomão. Este apreciava-lhe tanto os provérbios que julgou valer a pena incluí-los no seu livro.

Capítulo 31. Conselho de uma mãe a um Soberano. "Rei Lemuel" pensa-se que era outro nome de Salomão. Se é verdade, então Bate-Seba foi a mãe que lhe ensinou este belo poema. Poucas mães têm criado rapaz mais excelente. Como jovem, o caráter de Salomão era quase tão esplêndido como o de qualquer outro da História. Em sua velhice, entretanto, "desviou-se do caminho", contrariamente ao seu próprio provérbio, 22:6. Vê-se que este poema trata de mães, e não de reis. É um acróstico.

ECLESIASTES

A Vaidade da Vida Terrena,

Quando Afastada da Segura Esperança da Imortalidade,

Exemplificada na Experiência de Salomão

Salomão, autor deste livro, foi o mais famoso e mais poderoso rei do mundo, em sua época; notável por sua sabedoria, riquezas e conhecimentos literários; ver sobre 1 Rs caps. 4 e 9.

"Vaidade de Vaidades; Tudo é Vaidade" é o *tema* deste livro. Encerra também uma tentativa de resposta filosófica à pergunta: Como viver do melhor modo possível num mundo onde tudo é vaidade? O livro contém muita coisa de majestosa beleza e de transcendente sabedoria, mas o seu tom predominante é indizivelmente melancólico, muito diferente da alegria vivaz dos Salmos.

Davi, pai de Salomão, em sua luta, longa e árdua, por edificar o reino, sempre estava a exclamar: regozijai-vos, dai brados de júbilo, cantai, louvai a Deus. Salomão, sentado segura e pacificamente no trono que o pai erigira, tendo riquezas, honra, esplendor e poder jamais sonhado, luxo fabuloso, era *o único homem no mundo a quem os outros poderiam* considerar feliz. Contudo, emprega o incessante estribilho "Tudo é Vaidade"; e o livro, produto que era da velhice de Salomão, deixa-nos a impressão clara de que ele não era um homem feliz. A palavra "vaidade" ocorre 37 vezes.

A Eternidade, 3:11, pode sugerir o pensamento chave do livro. A palavra, no hebraico, ocorre sete vezes: 1:4,10; 2:16; 3:11,14; 9:6; 12:5, traduzida de modo vário: "para sempre", "séculos passados", "durará eternamente", "eterna casa". "Deus pôs a ETERNIDADE no coração deles." No mais profundo de sua natureza, o homem anseia pelo que é eterno, e a esta ansiedade nada da terra pode satisfazer. Mas, naquela época, Deus ainda não revelara muito a respeito de coisas eternas.

Em vários lugares do A.T. há idéias e vislumbres da vida futura, e Salomão parece ter tido idéias vagas sobre ela. Todavia, foi CRISTO quem "trouxe à luz a vida e a imortalidade mediante o Evangelho", 2 Tm 1:10. Cristo, por sua ressurreição dentre os mortos, deu ao mundo uma demonstração matemática da certeza da vida além-túmulo. Salomão, que viveu mil anos antes de Cristo, não podia ter sobre a vida futura a mesma certeza que Cristo deu mais tarde ao mundo.

Contudo, viu a vida terrena no que tinha de melhor. Não havia um capricho a que ele não pudesse satisfazer e quando entendesse, parecendo que a principal preocupação de sua vida foi satisfazer tais caprichos, descobrir o melhor partido que podia tirar das coisas. E este livro, que contém te Salomão sua filosofia a respeito da vida, tem a percorrê-lo inexprimível acento patético, como se dissesse: "A vida que vivi foi nada, uma coisa oca. Tudo é vaidade e vexação de espírito."

Como pode este Livro ser Palavra de Deus? É Palavra Divina no sentido de Deus fazer que fosse escrito. Não que todas as idéias de Salomão fossem idéias de Deus; ver nota sobre 1 Rs 11. Mas de um modo geral as lições do livro são evidentemente de procedência divina. Deus deu sabedoria a Salomão e inigualável oportunidade de observar e explorar todas as moda-

lidades da vida terrena. E, depois de muito rebuscar e experimentar, Salomão concluiu que, geralmente falando, a humanidade não encontrava na vida uma felicidade muito estável; e no seu próprio coração sentia um desejo ardente de algo além de si mesmo. Assim, este livro é como que uma expressão do brado da humanidade por um SALVADOR.

Com a vinda de Cristo, a "vaidade" da vida desapareceu. O brado foi respondido. Já não era "vaidade", senão "gozo", "paz" e "alegria". Jesus nunca pronunciou a palavra "vaidade", mas falou muito de seu "gozo", mesmo sob a sombra da cruz. "Gozo" é uma das palavras chaves do N.T. Em Cristo, a humanidade encontrou o desejo dos séculos: Vida plena, abundante, alegre, gloriosa e eterna.

Capítulos 1, 2, 3, 4. Tudo é Vaidade. Num mundo onde tudo passa e nada satisfaz, Salomão propôs-se a responder à pergunta sobre qual é a solução para a vida em tal mundo, 1:3,13,17; 2:3; 3:9; 5:16; 6:16. Cap. 1: Meditação sobre a interminável monotonia das coisas terrestres. Cap. 2: O sentimento que Salomão tinha da vaidade, vacuidade e inutilidade de seus próprios empreendimentos vastos. Até a sabedoria, por ele procurada com tanta diligência, e tão altamente apreciada, decepcionava-o, 1:17,18; 2:15. Cap. 3: As atividades e os prazeres da humanidade, em geral, são mera porfia atrás de vento. Cap. 4: E tudo piora com a impiedade e as crueldades reinantes nos homens. Pensando nisso, não via vantagem em ter nascido, 2:17; 4:2, 3; 6:3; 7:1.

Capítulos 5 a 10. Provérbios Vários, intercalados de várias observações, e relacionados com o tema geral do livro. O gênero literário favorito de Salomão era o de provérbios (ver nota sobre o livro deste nome). Em 7:27, 28 podemos ver uma informação incidental sobre o seu harém. Teve mil mulheres, 1 Rs 11:1-11. De 7:26-28 pode-se adivinhar que ele considerava difícil manter na linha as damas infiéis de sua corte.

Capítulos 11, 12. A Resposta de Salomão à pergunta-assunto do livro: que vale a pena fazer num mundo onde tudo é vaidade? Sua resposta está espalhada pelo livro e vem resumida no fim: Come, bebe, regozija-te, faze o bem, goza a vida com a tua mulher, faze conforme as tuas forças tudo quanto te vier às mãos para fazer, 2:24; 3:12,13,22; 5:18; 8:15; 9:7-10; 11:1, 9 e, acima de tudo **TEME A DEUS,** não perdendo de vista o dia do julgamento final, 3:14,17; 5:7; 7:18; 8:12,13; 11:9; 12:1,13,14. Apesar de tanto se queixar em torno da natureza da criação, Salomão não tinha dúvidas quanto à existência e à justiça do Criador. "Deus" é mencionado pelo menos quarenta vezes neste Livro.

A pergunta de Salomão encontra plena resposta em Rm 8:18-25, onde se explica que, para os filhos de Deus, este mundo de vaidade será substituído por um mundo de glória eterna.

CANTARES DE SALOMÃO

A Glorificação do Amor Conjugal

É um cântico de amor, produzido em florida primavera, com fartura de metáforas e profusão de figuras orientais de linguagem, a exibir o gosto de Salomão pela natureza, jardins, prados, vinhas, pomares e rebanhos, 1 Rs 4:33. É chamado "Cântico dos Cânticos", indicando possìvelmente que Salomão o considerava superior a todos os 1.005 cânticos de sua autoria, 1 Rs 4:32. Pensa-se que o escreveu para celebrar seu casamento com a esposa favorita.

Como poema

Os eruditos, familiarizados com a estrutura da poesia hebraica, consideram-no soberbo na composição. Mas a transição brusca de um interlocutor para outro, e de um para outro lugar, sem explicação sobre a mudança de cenas e de atores, torna difícil compreendê-lo. No hebraico a mudança de interlocutor indica-se pelo gênero, o que, na Versão Revista e Atualizada de Almeida, se dá a conhecer pelos títulos em negrito.

Os interlocutores

Parece que são: a noiva, chamada "Sulamita", 6:13; o rei; e um coro de damas do paço, denominadas "filhas de Jerusalém". O harém de Salomão ainda era pequeno, apenas 60 esposas, 80 concubinas e um sem número de virgens na lista de espera, 6:8. Mais adiante cresceu para 700 esposas e 300 concubinas, 1 Rs 11:3, ver nota sobre esta passagem.

A noiva

Uma opinião vulgarizada, e provavelmente a melhor, é que a "Sulamita" era Abisague, sunamita, "a moça mais formosa de tôda a região", que servira a Davi em seus últimos dias, 1 Rs 1:1-4, e que, sem dúvida, veio a ser esposa de Salomão, porquanto seu casamento com outro seria uma ameaça contra o trono, 1 Rs 2:17, 22. Pensam uns que a noiva podia ser a filha de Faraó, 1 Rs 3:1.

Interpretações

Evidentemente, o poema é um elogio das alegrias do amor conjugal; deve-se ver sua essência nas expressões de ternura e devotamento relacionadas com as intimidades e delícias desse amor. Mesmo que não fosse além daí, bem merece um lugar na Palavra de Deus, embora o nome de Deus não seja mencionado; visto como o casamento é de ordenação divina, e que das atitudes mútuas e próprias nas familiaridades da vida conjugal dependem, em larga escala, a felicidade e o bem da humanidade.

Entretanto, judeus e cristãos têm descoberto neste poema significados mais profundos do que a simples referência ao casamento. Os judeus lêem-no pela Páscoa, como referência alegórica ao Exodo, quando Deus desposou Israel, sendo seu amor por esse povo exemplificado aqui no "amor espontâneo de um grande rei por uma donzela humilde". No A.T. Israel é chamado esposa de Deus, Jr 3:1; Ez 16 e 23.

Os cristãos, quase que geralmente, têm considerado os Cantares de Salomão um cântico pré-nupcial de Cristo e da Igreja, porque no N.T. a Igreja é chamada "noiva" de Cristo, Mt 9:15; 25:1; Jo 3:29; 2 Co 11:2; Ef 5:23; Ap 19:7; 21:2; 22:17, a indicarem que as alegrias do casamento são uma imagem e antegozo da relação arrebatadora entre Cristo e Sua Igreja.

Como podia um homem com mil mulheres ter amor a qualquer uma delas que prestasse para servir de tipo do amor de Cristo pela Igreja? O fato é que muitos santos do A.T. foram polígamos. Embora a lei de Deus fosse contrária a isso desde o princípio, como Cristo o disse claramente, contudo nos tempos do A.T. Deus pareceu condescender, até certo ponto, com os costumes reinantes. Os reis geralmente tinham muitas esposas. Era isto um dos sinais de realeza. O devotamento de Salomão por essa moça amável parecia sincero e inequívoco. Outrossim, ele era rei na família que haveria de produzir o Messias. E não parece impróprio que seu casamento prefigure o casamento eterno do Messias com Sua noiva. O júbilo destes cantares, ao nosso ver, terá sua culminância nos aleluias da ceia das bodas do Cordeiro, Ap 19:6-9.

Os Assuntos dos Capítulos

Para apreciar o sentido, é necessário identificar quem está falando em cada passagem, o que não é sempre fácil.

Capítulo 1. O amor da noiva pelo rei. Na maior parte, são palavras da própria devoção dela, apaixonada, com breves respostas do rei e do coro.

Capítulo 2. A noiva deleita-se no amor do rei. Na maior parte, são palavras dela, em solilóquio, a respeito dos abraços do rei.

Capítulo 3:1-5. A noiva sonha que o seu amado desapareceu; e o seu gozo por encontrá-lo de novo.

Capítulo 3:6-11. O cortejo nupcial. A recepção do carro nupcial, no jardim do palácio, pelas damas do paço.

Capítulo 4. O rei adora sua noiva. Ela replica-lhe, convidando-o ao seu jardim de delícias conjugais.

Capítulo 5. Outro sonho, de desaparecimento de seu amado, logo depois seguido da união conjugal; o devotamento apaixonado que ela tem por ele.

Capítulo 6. A Sulamita é a mais querida de todas, entre as 140 beldades do paço, e tanto por estas como pelo rei é assim considerada.

Capítulo 7. A dedicação recíproca e apaixonada deles ambos, numa profusão de metáforas de cânticos de primavera.

Capítulo 8. O amor inextingüível de ambos, e sua união indissolúvel: as palavras são em parte da noiva, e em parte do coro.

Os Livros Históricos do Antigo Testamento, Gênesis a Ester, contêm a história da elevação e queda da nação hebraica.

Os Livros Poéticos, Jó a Cantares de Salomão, aproximadamente, pertencem à Idade de Ouro da nação hebraica.

Os Livros Proféticos, Isaías a Malaquias, pertencem aos dias da queda da nação hebraica.

São 17 os Livros dos profetas para somente 16 profetas, visto que Jeremias escreveu dois: o livro que traz o seu nome e Lamentações.

Ordinariamente se chamam estes livros "profetas maiores" e "profetas menores", como segue:

Profetas maiores: Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel.

Profetas menores: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Baseia-se esta classificação no tamanho dos livros. Cada um dos três livros, Isaías, Jeremias, ou Ezequiel, é em si mesmo maior do que todos os 12 profetas menores, tomados em conjunto. Daniel é quase igual ao tamanho combinado dos dois maiores Profetas Menores, Oséias e Zacarias.

Classificados quanto ao tempo: 13 dos profetas se relacionaram com a desruição da nação hebraica; 3 com a sua restauração.

A destruição da nação foi consumada em dois períodos.

O reino do Norte caiu, 732-722 a.C. Antes desse período e durante ele houve: Joel, Jonas, Amós, Oséias, Isaías, Miquéias.

O reino do Sul caiu, 605-587 a.C. Neste período houve: Jeremias, Ezequiel, Daniel, Obadias, Naum, Habacuque, Sofonias.

A restauração da nação ocorreu em 538-445 a.C. Relacionados com ela houve os seguintes: Ageu, Zacarias e Malaquias.

Classificados quanto à mensagem: embora encerrando mensagens maiores, foram dirigidos principalmente aos seguintes:

A Israel: Amós, Oséias.
A Nínive: Jonas, Naum.
A Babilônia: Daniel.
Aos cativos na Babilônia: Ezequiel.
A Edom: Obadias.
A Judá: Joel, Isaías, Miquéias, Jeremias, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias.

Todo leitor da Bíblia deve DECORAR os nomes desses profetas, a fim de se capacitar a achá-los prontamente.

O fato histórico que deu ocasião à obra dos profetas foi a apostasia das dez tribos no fim do reinado de Salomão (ver sobre 1 Rs 12). Como medida política, para conservar separados os dois reinos, o reino do Norte adotou como religião oficial o culto do Bezerro, um aspecto da religião do Egito. Logo depois adicionaram o culto de Baal, que também teve grande influência no reino do Sul. Nessa crise, quando o povo de Deus O estava abandonando e se entregando à idolatria das nações vizinhas, e quando o nome de Deus estava desaparecendo do espírito do povo e os planos divinos, que visavam à redenção final do mundo, reduziam-se a zero, nesse tempo surgiram os profetas.

Profetas e sacerdotes. Os sacerdotes eram os mestres religiosos do povo, regularmente designados. Constituíam uma classe hereditária e muitas vezes

foram os homens mais ímpios da nação. Ainda assim eram mestres religiosos. Ao invés de bradar contra os pecados do povo, caíam com ele nas mesmas faltas e tornavam-se líderes na iniqüidade. Os profetas não eram uma classe hereditária. Cada um recebia diretamente de Deus o seu chamado. Procederam de diferentes profissões. Jeremias e Ezequiel foram sacerdotes; e talvez também Zacarias. Isaías, Daniel e Sofonias pertenceram à realeza. Amós foi pastor. Quanto aos demais, não se sabe o que foram.

A Missão e a Mensagem dos Profetas foram:

1. Procurar salvar a nação de sua idolatria e impiedade.
2. Falhando nisso, anunciar que a nação seria destruída.
3. Não porém completamente destruída. Um remanescente seria salvo.
4. Do meio desse remanescente sairia uma influência que se espalharia pela terra e traria a Deus tôdas as nações.
5. Essa influência seria um grande Homem, que um dia se levantaria na família de Davi. Os profetas chamaram-no de "REBENTO". A árvore da família de Davi, que fora a mais poderosa do mundo, foi cortada nos dias dos profetas, para governar um reinozinho desprezado que tendia a desaparecer; uma família de reis sem reino: esta família faria uma volta espetacular. Reaparecia. Do seu tronco brotaria um renovo, um rebento tão grande que se chamaria O Rebento.

O período inteiro dos profetas cobriu mais ou menos uns 400 anos, 800-400 a.C. O fato central desse período foi a destruição de Jerusalém, cronològicamente no meio aproximado do período. Com esse fato, de um outro modo, sete dos profetas estiveram relacionados, efetiva ou cronologicamente: Jeremias, Ezequiel, Daniel, Obadias, Naum, Habacuque, Sofonias. A queda de Jerusalém foi o tempo da maior atividade profética, que procurava evitá-la ou explicá-la. Ainda que Deus mesmo causasse a destruição de Jerusalém, humanamente falando, Ele fez o que pode para evitá-la. Parece que Deus preferia ter uma instituição que se batesse pela idéia dEle no mundo, mesmo essa instituição sendo eivada de impiedade e corrupção, a não ter nenhuma. Talvez esteja aí a razão pela qual Ele permitiu ao papado uma existência continuada, através da Idade Média. De qualquer modo, Deus enviou uma falange brilhante de profetas, num esforço por salvar Jerusalém.

Não conseguindo salvar a Cidade Santa pecadora, os profetas refulgem literalmente com explicações e garantias de que o colapso do povo de Deus não significa o aniquilamento dos planos divinos; que, depois de um período de castigo, haverá uma restauração e, para o povo de Deus, um futuro glorioso.

A mensagem social dos profetas. Obras modernas sobre os profetas dão grande ênfase à mensagem social deles, à denúncia que fazem da corrupção política, da opressão e podridão moral da nação. No entanto, o

que mais incomodava os profetas era a **IDOLATRIA** do povo; a nação tinha idéias erradas a respeito de Deus. Admira como escritores modernos passem tão desapercebidos sobre esse fato, especialmente em vista da verdade universalmente reconhecida de que a vida social de um povo é reflexo direto da religião que segue.

O elemento profético. Eruditos modernos inclinam-se a reduzir ao mínimo o elemento profético da Bíblia. Mas esse elemento aí está. A idéia mais persistente de todo o A.T. é esta: O SENHOR, o Deus da nação hebraica eventualmente vai tornar-se o Deus de todas as nações. As gerações sucessivas de escritores do A.T. passam do geral ao particular na descrição dos pormenores desse fato e da maneira como se vai realizar. E nos profetas, embora eles mesmos possam não ter compreendido todo o alcance de algumas de suas palavras, e ainda que algumas de suas predições estejam obscurecidas por fatos históricos dos seus dias, mesmo assim toda a história de Cristo e da propagação do cristianismo na terra está descrita antecipadamente, em linhas gerais e em detalhe, numa linguagem que não se pode referir a nenhum outro evento da História.

A Mensagem de cada profeta, expressa em poucas palavras:

Joel: visão da dispensação do evangelho, colheita das nações pelo SENHOR.

Jonas: vislumbre do interesse do Deus de Israel nos inimigos de seu povo.

Amós: a Casa de Davi, ora repudiada por Israel, ainda regerá o mundo.

Oséias: o SENHOR repudiado por Israel, será um dia Deus de todas as nações.

Isaías: Deus tem um remanescente, para o qual existe um futuro glorioso.

Miquéias: o Príncipe vindouro de Belém, e seu reinado universal.

Naum: Juízo pendente sobre Nínive.

Sofonias: a vinda de nova revelação, chamada por um nome novo.

Jeremias: o pecado, a condenação e a futura glória de Jerusalém.

Ezequiel: a queda de Jerusalém, sua restauração e futuro glorioso.

Obadias: Edom perecerá de todo, por causa de sua inimizade ao povo do SENHOR.

Daniel: os quatro reinos, e o reino universal e eterno de Deus.

Habacuque: certeza de triunfo final para o povo do SENHOR.

Ageu: o segundo templo, e o templo maior que há de vir.

Zacarias: o rei vindouro, sua casa e seu reino ilustre.

Malaquias: mensagem final à nação messiânica.

Situação Histórica e Datas Aproximadas dos Profetas

Divisão do Reino, 931 a.C.

Israel		Judá		Profetas	
Jeroboão	931-910	Reoboão	931-913		
Nadabe	910-909	Abias	913-911		
Baasa	909-886	Asa	911-870		
A Assíria torna-se Potência Mundial, cerca de 900 a.C.					
Elá	886-885				
Zinri	885-				
Onri	885-874				
Acabe	874-853	Josafá	870-848	Elias	875-850
Acazias	853-852	Jeorão	848-841	Eliseu	850-800
Jorão	852-841	Acazias	841-		
Jeú	841-814	Atalia	841-835		
Deus começa a "diminuir" Israel, 2 Rs 10:32					
Jeoacaz	814-798	Joás	835-796	Joel (?)	840-830
Jeoás	798-782	Amazias	796-767		
Jeroboão II	782-753	Uzias	767-740	Jonas	790-770
Zacarias	753-752	Jotão	740-732	Amós	780-740
Salum	752-			Oséias	760-720
Menaém	752-742			Isaías	745-695
Pecaías	742-740				
Peca	740-732	Acaz	732-716	Miquéias	740-700
Cativeiro de Israel Setentrional, 732 a.C.					
Oséias	732-723	Ezequias	716-687		
Fim do Reino do Norte, 722 a.C.					
		Manassés	687-642		
		Amom	642-640		
		Josias	639-609	Sofonias	639-608
		Jeoacaz	609-	Naum	630-610
		Jeoaquim	609-597	Jeremias	626-586
Queda da Assíria, 609 a.C. Elevação da Babilônia					
		Joaquim	597-	Habacuque	606-586
		Zedequias	597-586	Obadias	586-
Jerusalém é Vencida e Incendiada, 605-587 a.C. O Cativeiro, 605-586 a.C.					
				Daniel	605-534
				Ezequiel	592-570
Queda da Babilônia, 539, a.C. Elevação da Pérsia Volta do Cativeiro, 538 a.C.					
		Jesua	538-516	Ageu	520-516
		Zorobabel	538-516	Zacarias	520-516
A Reconstrução do Templo, 520-516 a.C.					
		Esdras	458-430		
		Neemias	445-433	Malaquias	450-400

ISAÍAS

O Profeta Messiânico

É chamado Profeta Messiânico porque viveu completamente imbuído da idéia de que seu povo seria uma nação messiânica para o mundo, isto é, nação mediante a qual, um dia, grande e prodigiosa bênção desceria de Deus para todas as nações. E continuamente sonhava com o tempo em que aquela ingente e maravilhosa obra seria realizada entre as nações.

O Novo Testamento diz que Isaías "viu a glória de Cristo e dEle falou", Jo 12:41.

Quem foi Isaías

Foi profeta do reino do Sul, Judá, ao tempo em que o reino do Norte, Israel, fora destruído pelos assírios.

Isaías viveu nos reinados de Uzias, Jotão, Acaz e Ezequias. Sua vocação se deu no ano em que Uzias morreu; porém algumas de suas visões podem ter ocorrido mais cedo, ver sobre 6:1. Segundo tradição judaica, foi morto por Manassés. Podemos conjecturar que a data de seu ministério ativo enquadra-se mais ou menos em 740-687 a.C., abrangendo assim um período de 50 anos, ou mais.

Reza uma tradição rabínica que Amós, pai de Isaías (não Amós o profeta), foi irmão do rei Amazias. Neste caso, Isaías foi primo em 1.º grau do rei Uzias e neto do rei Joás, sendo pois de sangue real, e membro da corte.

Sua obra literária. Escreveu outros livros que não chegaram até nós: uma biografia de Uzias, 2 Cr 26:22; um livro dos reis de Israel e de Judá, 2 Cr 32:32. Foi historiador e vidente. É citado no N.T. mais do que outro profeta. Que intelecto foi o seu! Em algumas de suas rapsódias atinge culminâncias jamais igualadas, mesmo por Shakespeare, Milton ou Homero.

Seu martírio. Uma tradição talmúdica, aceita como autêntica por muitos dos primitivos pais da Igreja, declara que ele resistiu aos decretos idolátricos de Manassés, pelo que foi preso, emprensado entre duas pranchas de madeira e "serrado ao meio", sofrendo assim morte penosíssima e horrível. Pensa-se que a isto se refere Hb 11:37.

Fundo Assírio sobre que se projeta o Ministério de Isaías

Por 150 anos antes de Isaías o império assírio estivera se expandindo e absorvendo nações vizinhas. Já em 840 a.C. Israel, sob Jeú, começara a pagar tributo à Assíria. Isaías era ainda moço, 732 a.C., quando esse país levou cativo todo o Israel do norte. 13 anos mais tarde, 722, Samaria caiu, e o resto de Israel foi levado cativo. Poucos anos ainda e os assírios vieram sobre Judá, destruíram 46 cidades muradas, e levaram 200.000 cativos. Finalmente, em 701 a.C., sendo Isaías já idoso, os assírios pararam diante dos muros de Jerusalém, quando seu exército foi desbaratado por um anjo de Deus. Assim, Isaías passou a sua vida toda sob a sombra das ameaças do poderio assírio, e ele próprio testemunhou a ruína de sua nação toda às mãos daqueles inimigos, exceto Jerusalém.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Rolo de Isaías.**

Todas as cópias originais dos livros da Bíblia, tanto quanto se sabe, perderam-se. Nossa Bíblia nos veio através de cópias tiradas de outras cópias. Até à invenção da imprensa, 1454 d.C., tais cópias eram feitas à mão.

Os livros do A.T. foram escritos em hebraico. Os do N.T. em grego. Os mais velhos manuscritos conhecidos que agora existem da Bíblia tôda datam do 4.º ao 5.º século d.C. São escritos em grego, contendo, com relação ao A.T., a Septuaginta, que foi uma tradução grega do A.T. hebraico, feita no 3.º século a.C. Ver págs. 354-63, 664-69.

Os mais velhos manuscritos hebraicos existentes dos livros do A.T. que se conhecem foram produzidos cerca de 900 d.C. Sobre eles baseia-se o que se chama o texto massorético do A.T. hebraico, à vista do qual se fizeram as nossas versões portuguesas dos livros do A.T. O texto massorético proveio de uma comparação de todos os manuscritos disponíveis, copiados de cópias anteriores feitas por diferentes escolas de escribas. Entre tais manuscritos existem tão poucas variações, que os hebraístas concordam geralmente em que o texto de nossa Bíblia atual, salvo pequenas variantes, é na essência o mesmo dos próprios livros originais.

E ainda há pouco, em 1947, em 'Ain Fashkha, cerca de 11 kms. ao sul de Jericó, 1.600 metros a oeste do Mar Morto, uns beduínos árabes errantes, que transportavam mercadorias do vale do Jordão para Belém, procurando uma cabra que se perdera, próximo de um riacho que desemboca no Mar Morto, deram com uma caverna desmoronada em parte, na qual encontraram uma porção de jarros de onde saíam as extremidades de rolos de pergaminho. Os beduínos puxaram os rolos, levaram-nos dali, os quais foram entregues ao Convento Ortodoxo Sírio de S. Marcos, em Jerusalém, de onde foram doados para as Escolas Americanas de Pesquisas no Oriente.

Um desses rolos foi identificado como sendo o LIVRO DE ISAÍAS, escrito há 2.000 anos passados, 1.000 anos mais antigo do que qualquer manuscrito conhecido de qualquer livro do A.T. hebraico. Foi uma DESCOBERTA SENSACIONAL!

Trata-se de um rolo de pergaminho, de quase 8 ms. de comprimento, feito de folhas de um 25 por 38 cms. costuradas umas às outras, no escrito hebraico antigo, com evidência de que foi feito no século 2.º a.C.

Este e os outros pergaminhos tinham sido envoltos em linho, cobertos de cera preta e cuidadosamente lacrados em jarros de barro. Evidentemente faziam parte de uma biblioteca judaica, que foi escondida nessa caverna isolada, em tempo de perigo, talvez por ocasião da conquista da Judéia pelos romanos.

Em sua essência é o mesmo livro de Isaías que conhecemos, uma voz do pó de 2.000 anos passados, preservado pela admirável Providência de Deus em confirmação da integridade de nossa Bíblia. W. F. Albright denomina-o "A maior descoberta de manuscrito feita na atualidade".

A Grande Façanha de Isaías

A libertação de Jerusalém dos assírios. Por sua oração, por seu conselho ao rei Ezequias e pela intervenção direta e miraculosa de Deus, o temível exército assírio foi destroçado diante dos muros de Jerusalém. Foi Isaías quem salvou sua cidade, quando a condenação dela parecia certa, ver caps. 36, 37. Senaqueribe, rei da Assíria, embora vivesse mais 20 anos após este fato, nunca mais atacou Jerusalém.

Reis de Judá Contemporâneos

Uzias	767-740 a.C.	Bom rei. Reinado longo e bem sucedido.
Jotão	740-732 a.C.	Bom rei. Na maior parte do tempo governou com Uzias.
Acaz	732-716 a.C.	Muito mau. Ver sobre 2 Cr 28.
Ezequias	716-687 a.C.	Bom rei. Ver sobre 2 Cr 29.
Manassés	687-642 a.C.	Muito mau. Ver sobre 2 Cr 33.

Reis de Israel Contemporâneos

Jeroboão II	782-753 a.C.	Reinado longo, próspero e idólatra.
Zacarias	753-752 a.C.	Assassinado por Salum (752 a.C.).
Menaém	752-742 a.C.	Extremamente cruel e brutal.
Pecaías	742-740 a.C.	Assassinado por Peca.
Peca	740-732 a.C.	Cativeiro do Norte de Israel, 732 a.C.
Oséias	732-723 a.C.	Queda de Samaria, 722 a.C. Fim do reino do Norte.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Sargão**

Em Is 20:1 se diz: "Sargão, rei da Assíria, enviou Tartã e guerreou contra Asdode e a tomou."

Esta é a única menção conhecida do nome de Sargão, na literatura antiga existente. Por mencionar assim o nome de um rei que nunca se soube haver existido, os críticos diziam tratar-se de um dos disparates históricos da Bíblia.

Mas, é admirável que, em 1842, Botta descobriu as ruínas do palácio de Sargão, em Corsabade, na fronteira norte de Nínive, contendo tesouros e inscrições que mostravam ter sido um dos maiores reis assírios. Contudo, seu nome desaparecera da história, salvo esta menção isolada em Isaías, até à recente descoberta arqueológica de Botta.

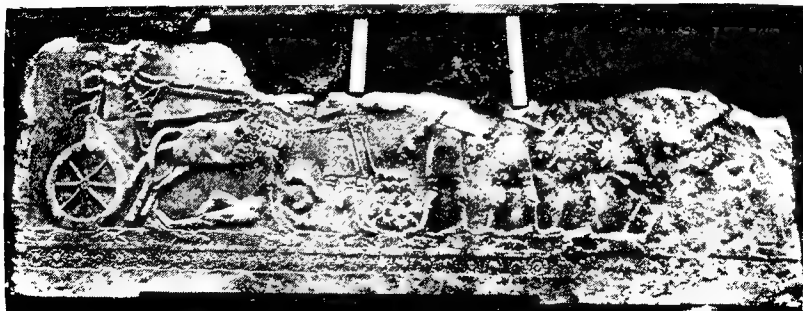
Nos últimos anos, as ruínas do palácio de Sargão têm sido escavadas pelo Instituto Oriental. Na página seguinte vêem-se reproduções de fotografias das ruínas da sala do seu trono, o próprio trono, e o grande touro de pedra que lhe guardava o vão da porta.

Sabe-se, de inscrições, que Salmaneser morreu quando sitiava Samaria, e que foi sucedido por Sargão, que levou a cabo a captura. Além disso, confirmando a declaração acima citada de Is 20:1, diz uma inscrição de Sargão: "Azuri, rei de Asdode, intentou em seu coração não pagar tributo. Na minha ira marchei contra Asdode com a minha escolta costumeira. Venci Asdode e Gate. Tomei seus tesouros e seu povo. Coloquei nelas povo das terras de leste. Recebi tributo de Filístia, Judá, Edom e Moabe."

Fig. 57. Sala do Trono, no Palácio de Sargão. Ao fundo vê-se a base do seu trono. À esquerda está o vão da porta central.

Fig. 58. Grande touro alado, com cabeça humana, insculpido em pedra, 5 m de altura, ficava no vão da porta do Palácio de Sargão. Acha-se hoje no Instituto Oriental.

Fig. 59. Base do Trono de Sargão, 4 por 5 ms., 1,60 m. de espessura, esculpido nos lados, representando Sargão em seu carro, no campo de batalha, enquanto oficiais levantam diante dêle uma pilha de cabeças, tipificando sua brutal façanha militar.

(Cortesia do Instituto Oriental da Univ. de Chicago)

Capítulo 1. A Impiedade Aterradora de Judá

Esta terrível acusação ao povo parece pertencer ao período médio do reinado de Ezequias, após a queda do reino do Norte, quando os assírios invadiram Judá e levaram-lhe grande parte da população, sobrando só Jerusalém, vv. 7-9. Ezequias foi bom rei, mas suas reformas apenas arranharam a superfície da vida apodrecida do povo. O tremendo furacão assírio aproximava-se cada vez mais. Mas ninguém se preocupava. Continuava a mesma situação. A nação, enferma, ao invés de purificar-se, apenas dava maior e mais meticulosa atenção à camuflagem de devoção ao culto religioso. A denúncia causticante que Isaías fez da religiosidade hipócrita do povo, vv. 10-17, lembra-nos a condenação impiedosa de escribas e fariseus por parte de Jesus, Mt 23. Não se deve compreender que ele queria afastar o povo do dever de freqüentar fielmente o culto na casa de Deus, porque foi o próprio Deus Quem ordenou esse culto. A questão é que de nada vale a "Sodoma", v. 10, sua religião aparatosa, porém hipócrita. Só verdadeiro arrependimento e obediência os salvarão, 16-23. Depois Isaías volta-se dêsse quadro contristador para o dia da purificação e redenção de Sião, entregando-se os ímpios à sua própria consumição eterna, vv. 24-31.

Capítulos 2, 3, 4. A Previsão da Era Cristã

Êstes três capítulos parecem um desenvolvimento do pensamento final do cap. 1: A glória futura de Sião, em contraste com o julgamento dos ímpios. A alusão (2:6-9) à prevalência dos ídolos e de costumes estranhos pode situar esta visão no reinado de Acaz.

Sião será o centro de civilização mundial, numa era de paz universal e sem fim, 2:2-4. Esta passagem, de magnífico otimismo, foi proferida numa época em que Jerusalém era uma verdadeira sentina de imundícia e devassidão. Seja o que for, quando ou onde for, essa era feliz será herança do povo de Deus, da qual serão excluídos os ímpios. Ver mais sobre 11:6-9.

O castigo vindouro dos ídolos dos adoradores, 2:5-22. Sofrimento e cativeiro à vista, para Judá e seus pecados, 3:1-15; inclusive as damas insensíveis de Jerusalém, 3:16-26 (tais as sibaritas de Samaria, Am 4:1-3). "Sete mulheres para um homem", 4:1, porque os homens terão sido mortos em guerra.

O futuro "renovo", 4:2-6. Esta é a primeira menção de Isaías do futuro Messias. "**RENOVO**" era o seu nome, isto é, rebento, a brotar do toco da árvore caída da família de Davi, 11:1; 53:2; Jr 23:5; 33:15; Zc 3:8; 6:12. Seria ELE quem havia de purificar a imundícia de Sião e dela fazer uma bênção para o mundo.

Capítulo 5. A Canção da Vinha

Uma espécie de canto fúnebre. Depois de séculos, durante os quais Deus manifestou o seu mais extraordinário cuidado, a vinha do seu povo, infrutífera e decepcionante, vai ser agora abandonada. A parábola da Vinha, proferida por Jesus, Mt 21:33-45, parece ser um eco e um desenvolvimento desta. Os pecados, que em especial aí se denunciam, são: Ganância, injustiça, embriaguez. As vastas propriedades acumuladas dos ricos, roubadas aos pobres, cedo se tornariam terras devastadas. "Bato" (v. 10), isto é, 22

litros. "Ômer", 10 batos ou jeiras; "Efa", 1 bato ou jeira; quer dizer que a safra seria muito menor do que o que se plantara. "Levado em cativeiro", v. 13; como no cap. 53, o futuro é tão certo que dele se fala como já passado. Aliás, naquele tempo, grande parte do povo já havia partido para o cativeiro. Nações invasoras vindas de longe, vv. 23-30: os assírios, já na época de Isaías; os babilônios que, 100 anos depois, destruíram Jerusalém; os romanos que, em 70 d.C. deram o golpe de morte que extinguiu Israel como nação.

Capítulo 6. A Chamada de Isaías

Divergem as opiniões dos estudantes da Bíblia sobre se esta visão precedeu as outras, dos cinco primeiros capítulos. As datas mencionadas no livro tem seqüência cronológica: 6:1, 7:1, 14:28, 20:1, 36:1. Isto indica que o livro obedece a uma ordem cronológica geral, porém não necessàriamente em todos os particulares. Isaías, mais adiante, na sua vida, provàvelmente pôs em nova disposição as visões que escrevera nos vários períodos do seu longo ministério, sendo guiado em parte pela seqüência de pensamento, de modo que alguns capítulos podem realmente antecipar-se a outros que os precedem cronologicamente.

Outrossim, variam as opiniões sobre se foi esta a primeira chamada de Isaías para a vocação de profeta, ou se foi um apelo para uma missão especial. A declaração de 1:1, de que algo do seu ministério ocorreu nos dias de Uzias, e a outra de 6:1, que a chamada agora em apreço se deu no ano em que este morreu, podem implicar que ele já fizera alguma pregação, e que a chamada de agora foi a autorização divina para as suas falas.

A tarefa específica a que foi chamado parece, à primeira vista, ter sido dar ocasião ao endurecimento final da nação, de modo a tornar certa a destruição dela, vv. 9-10. Mas, naturalmente, o propósito divino não foi endurecer mais a nação no seu pecado, antes levá-la ao arrependimento, para salvá-la do aniquilamento. Todo o ministério de Isaías, com as suas visões admiráveis, tendo como ponto culminante um dos mais estupendos milagres dos séculos, foi, se assim podemos dizer, como se Deus agitasse freneticamente uma bandeira vermelha diante da nação, a fim de fazê-la parar na sua disparada louca para a voragem. Quando, porém, um povo se põe contra Deus, até as misericórdias admiráveis do SENHOR só resultam em seu maior endurecimento.

"Até quando?", v. 11: isto é, até quando vai este processo de endurecimento? Resposta: até que a terra fique assolada e o povo desapareça, vv. 11-12. "Décima parte", v. 13: um restante será deixado, o qual, por sua vez, será também destruído, ficando só o tôco, do qual ainda brotará um rebento. Isso foi dito em 733 a.C. Dentro de um ano Israel do Norte foi levado pelos assírios. Dentro de 11 anos todo o resto do Norte caiu (722 a.C.), e Judá somente (mais ou menos um "décimo", uma tribo dentre as doze) foi deixado. Mais 100 anos e Judá também foi destruído.

Capítulo 7. O Menino "Emanuel"

A ocasião desta profecia foi a invasão de Judá pelos reis confederados da Síria e de Israel. Atacaram Judá cada qual por sua vez, 2 Cr 28:5-6, depois se juntaram, 2 Cr 16:5. Seu objetivo foi substituir Acaz por outro

rei, v. 6. Acaz apelou para o rei da Assíria pedindo-lhe socorro, 2 Rs 16:17. O rei da Assíria respondeu invadindo a Síria e o Norte de Israel, e levando os respectivos povos ao cativeiro, 2 Rs 15:29; 16:9. Foi este o Cativeiro Galileu, 732 a.C.

Foi na primeira parte desse ataque siro-israelítico contra Jerusalém que Isaías ousou assegurar a Acaz que o ataque falharia, a Síria e Israel seriam destruídos e Judá seria salvo. Pensa-se que os 65 anos (v. 8) cobriram o período desde a primeira deportação de Israel, 732 a.C., ao estabelecimento de estrangeiros na terra por Esar-Hadom, cerca de 670 a.C., 2 Rs 17:24; Ed 4:2.

A "virgem" e seu filho "Emanuel", vv. 10-16, são referidos como um "sinal", destinado a assegurar ao cético Acaz um livramento rápido. "Sinal" é um milagre, operado com a finalidade de provar alguma coisa. A "virgem" não é mencionada pelo nome, mas a referência é a alguma coisa muito fora do comum, que vai sem explicação, prestes a acontecer na família de Davi (a casa de Acaz). É o caso, muito freqüente nos profetas, de dois quadros, de perspectivas diferentes, no presente e no futuro distante, se moldarem num só. O caráter real do menino vem indicado em 8:8, e o contexto identifica-o com o menino Maravilhoso de 9:6-7, que outro não pode ser senão o Messias futuro. Assim é citado em Mt 1:23. De modo que, falando Isaías a Acaz de sinais em sua própria família, a casa de Davi, Deus projeta no espírito dele a imagem de um dos maiores sinais a ocorrer ainda na família de Davi: A concepção virginal do Filho maior do mesmo Davi.

Judá será assolado pela Assíria, vv. 17-25; essa mesma Assíria que agora auxiliava Judá contra Israel e a Síria. Isso aconteceu ainda durante a vida de Isaías, sobrando então, só Jerusalém.

Capítulo 8. "Maer-Salal-Has-Baz" ou "Rápido-despojo-Presa-segura"

Em conexão com a invasão siro-israelítica de Judá, mencionam-se três meninos: um na família de Davi, "Emanuel", 7:13-14; e dois na família de Isaías, "Sear-Jasube", 7:3, e "Maer-Salal-Has-Baz", 8:1-4.

"Sear-Jasube" significa "um resto volverá." Isaías, dando já como fato consumado o cativeiro babilônico, cem anos antes de acontecer, tem visão de um remanescente libertado, e dessa idéia tira o nome para o filho.

Esse remanescente e seu glorioso futuro fornecem o tema principal do livro de Isaías.

"Maer-Salal-Has-Baz" quer dizer "rápido-despojo-presa-segura", isto é, a Síria e Israel serão depressa despojados. Assim, dando ao filho um nome que expressava a idéia de rápido livramento, Isaías com isso reforçou o que já havia predito em 7:4, 7, 16. E prontamente sucedeu como ele predissera. Os assírios vitoriosos deram com ímpeto contra Judá, v. 8 e só foram contidos pela intervenção direta de Deus (37:36).

Assim, os nomes dos filhos de Isaías encerravam as idéias de sua pregação diária: Livramento presente, cativeiro vindouro, glória futura.

A aflição e a tristeza do cativeiro, vv. 9-22. Isaías recebe ordem de escrever sua profecia e guardá-la para referência no dia do seu cumprimento, v. 16.

Cap. 9. O Menino Maravilhoso

Deu ocasião a esta sublime visão do Messias, a queda de Israel, predita por Isaías nos caps. 7 e 8. Zebulom e Naftali, v. 1, na região da Galiléia, foi a primeira parte a cair perante os assírios, 2 Rs 15:29. Mas essa mesma região, um dia, teria a insigne honra de dar ao mundo o Redentor da humanidade, o Rei dos séculos. Em 2:2-4, Isaías relanceara a vista pelo reinado universal futuro de Sião; em 4:2-6 vira o próprio Rei, Jo 12:41; em 7:14 predissera sua concepção virginal; e aqui, em 9:6-7, com palavras ritmadas e majestosas, fala de sua deidade e da eternidade do seu trono. Ver mais sobre os caps. 11 e 12.

A impenitência obstinada de Samaria, 9:8-10:4. De acôrdo com o seu hábito de freqüente e sùbitamente retroceder à sua própria época e avançar para o futuro, Isaías abruptamente volta suas vistas para Samaria. A maior parte de Israel tinha sido levada ao cativeiro, 732 a.C.; porém Samaria permaneceu até 722 a.C. Estas linhas de Isaías parecem pertencer aos 13 anos de interregno, quando o povo que fora deixado, ainda persistia em seus desafios a Deus e aos assírios. É um poema de quatro estrofes, cada qual terminando com o mesmo refrão de aviso a Samaria a respeito do que está reservado para ela.

Capítulo 10:5-34. Aproximam-se os Assírios

Foi isto escrito depois da queda de Samaria, v. 11, lançando desafio aos jactanciosos assírios, quando estes marchavam contra Judá, chegando até às portas de Jerusalém. As cidades nomeadas nos vv. 28-32 ficavam bem ao norte de Jerusalém. Deus usara os assírios para castigar Israel, mas aqui adverte-os para que não se fiem demasiado no seu próprio poderio, v. 15, e promete-lhes uma derrota humilhante, v. 26, como a dos midianitas perante Gideão, Jz 7:19-25, e a dos egípcios no Mar Vermelho, Êx 14, sendo ambos os casos milagres estupendos. Sargão, um ano após destruir a Samaria, voltou-se na direção do Sul, invadiu Judá, 720 a.C., tomou certas cidades filistéias e derrotou o exército egípcio. Outra vez, 712 a.C., o exército de Sargão (pensa-se que sob o comando de seu filho Senaqueribe) invadiu Judá, Filístia, Edom e Moabe. Novamente, 701 a.C., Senaqueribe, à testa de vasto exército, entrou na terra; foi quando Deus cumpriu sua promessa, aplicando nos assírios um golpe tão repentino e violento que eles nunca mais marcharam contra Jerusalém, 37:36.

Capítulos 11, 12. O "Rebento" e Seu Reino

Um desenvolvimento de 2:2-4; 4:2-6; 7:14 e 9:1-7. Aqui, depois de predizer o desbarato do exército assírio, Isaías outra vez de súbito volta seu olhar para o futuro e nos dá um dos mais gloriosos retratos do mundo vindouro, vistos nas Escrituras. O mundo sem guerras, sob o reinado de um justo e benevolente rei da descendência de Davi, composto dos remidos de todas as nações, junto com o remanescente restaurado de Judá. Não sabemos se isto vai acontecer no nosso mundo de carne e sangue, ou se numa era além do véu. Mas, que vai chegar, isto é tão certo como o raiar do dia. O assunto continua em 25:6. O cap. 12 é um hino de louvor para o dia do alegre

triunfo, que Deus pôs na boca de Isaías; é um dos cânticos do hinário do céu, que todos haveremos de cantar quando lá chegarmos, depois da derrota de todos os elementos de discórdia.

Capítulos 13, 14:1-27. A Queda da Babilônia

No tempo de Isaías, a Assíria era a potência dominadora do mundo. A Babilônia era uma dependência dela, que se tornou potência mundial em 609 a.C., e caiu em 530 a.C. Isaías, pois, cantou a queda de Babilônia cem anos antes da elevação dela. Críticos modernos, portanto, opinam que estas palavras não podem ser de Isaías, mas de algum profeta posterior. Entretanto, declara-se categoricamente que são palavras de Isaías, 13:1.

O esplendor a que chegou a Babilônia, cem anos depois da época de Isaías, como a cidade soberana do mundo pré-cristão, "jóia dos reinos", 13:19, é aqui tão claramente vista pelo profeta, como se ele estivera presente. É o Espírito de Deus iluminando de modo assombroso a mente de Isaías. Mas o peso da profecia é a queda da Babilônia, descrita com tantas minúcias que nos surpreende e espanta. Os medos, que nos dias de Isaías eram um povo quase desconhecido, são mencionados como destruidores da Babilônia, 13:17-19.

A substância da profecia: A Babilônia suplantará a Assíria, 14:25; A Média suplantará a Babilônia, 13:17, e esta desaparecerá pára todo o sempre, 13:19-22; 14:22-23. Quanto ao cumprimento desta espantosa predição, ver sobre 2 Rs 25.

O ponto de especial interesse para os judeus patrícios de Isaías era que a queda da Babilônia significaria a liberdade dos cativos, 14:1-4. Um ano depois dessa queda, Ciro, rei medo-persa, expediu o decreto que autorizou a volta dos judeus para a sua pátria, Ed 1:1.

Cem anos depois de Isaías, estando a Babilônia no auge do poder, e estando a demolir Jerusalém, Jeremias assume o lugar de Isaías e brada por vingança, ver Jr caps. 50, 51.

A Babilônia, opressora dos judeus, tornou-se símbolo e modelo de uma potência do Novo Testamento que escravizaria a Igreja, Ap caps. 17 a 19.

Capítulo 14:28-32. A Filístia

A "cobra", v. 29, significa, provavelmente, Tiglate-Pileser, que havia capturado certas cidades filistéias e que morreu pouco depois de Acaz, v. 28. A "áspide" e seu sucessor foram provavelmente Sargão e Senaqueribe, que completaram a assolação da Filístia. "Mensageiros", v. 32, eram provavelmente embaixadores filisteus que foram pedir auxílio a Jerusalém contra os assírios. Outras denúncias dos filisteus se encontram em Jr 47; Am 1:68; Sf 2:4-7; Zc 9:5-7.

Capítulos 15, 16. Moabe

Moabe era um planalto ondulado, de ricas pastagens, a leste do Mar Morto. Os moabitas descendiam de Ló, Gn 19:37, sendo, pois, um povo aparentado dos judeus. Foi esta uma das primeiras predições de Isaías, agora repetida dando um prazo de 3 anos, 16:14. As cidades referidas foram pilhadas por Tiglate-Pileser, 734 a.C.; por Sargão, 712 a.C.; e por Senaqueribe, 701 a.C. Não está indicado a qual dêstes Isaías se refere. Contudo, adverte os moabitas de que seria vantajoso para eles renovarem sua lealdade à Casa de Davi, 16:1-5, e mencionando isso, vê ele em visão uma ima-

gem do Messias futuro, v. 5. Os moabitas tiveram sua parte no estabelecimento da Casa de Davi, na pessoa de Rute. Quanto a outras profecias sobre Moabe, ver Jr 48, Am 2:1-3, Sf 2:8-11.

Capítulo 17. Damasco

É continuação do pensamento do cap. 7, escrito provavelmente pela mesma época, durante o ataque siro-israelítico contra Judá, 732 a.C., e cumprido logo depois nas invasões de Tiglate-Pileser e Sargão. É também dirigido contra Israel, vv. 3-4, porquanto estava em aliança com Damasco. "Atentará para o seu Criador", v. 7: que o restante deixado no reino do Norte voltou para o SENHOR está indicado em 2 Cr 34:9. Termina com uma visão da derrocada dos assírios, depois da sua vitória sobre a Síria e Israel, vv. 12-14, especialmente o v. 14, que parece uma referência definida a 37:36.

Capítulo 18. A Etiópia

A Etiópia era o Sul do Egito, cujo poderoso rei, na época, dominava sobre todo este país. Esta não é uma profecia de condenação, antes parece referir-se ao alvoroço entre os Etíopes e à convocação de suas armas, à vista do avanço do exército de Senaqueribe sobre Judá, cuja queda deixaria aberto o caminho para a marcha dos assírios sobre o Egito, vv. 1-3; o miraculoso livramento de Jerusalém, vv. 4-6, 37-36; e a mensagem de gratidão da Etiópia pela destruição do exército assírio, v. 7, 2 Cr 32:23.

Capítulo 19. O Egito

Período de anarquia e perturbação interna, vv. 1-4, que realmente começou na 25.ª dinastia, mais ou menos ao tempo da morte de Isaías. "Senhor duro", v. 4; Esar-Hadom, logo após a morte de Isaías, subjugou o Egito e dividiu-o numa porção de estadozinhos, cujo principal dever era "matar, saquear e roubar os seus súditos".

Preditos o declínio e a desintegração do Egito, vv. 5-17. Tudo isto aconteceu. Ver sobre Jr 46, Ez 29.

A penetração no Egito e na Assíria da religião de Judá, vv. 18-25. Após o cativeiro, muitos judeus ficaram no Vale do Eufrates, e grande número deles se estabeleceu no Egito. Alexandria, a segunda cidade do mundo, na época de Jesus, era predominantemente judaica. Foi ali que se fez a tradução Septuaginta do A.T. em Heliópolis, "Cidade do Sol", foi erigido em 149 a.C. um templo conforme o modêlo do de Jerusalém, para servir de centro de culto aos judeus egípcios, o qual pensa-se ter sido o "altar" previsto no v. 19. Ao tempo da aparição de Cristo, a nação judaica compunha-se de três partes principais, ligadas por estradas, v. 23: A palestinense, a egípcia e a mesopotâmica: o que tornava Israel uma como nação tríplice, v. 24. Estas regiões estavam entre as primeiras que aceitaram o cristianismo. Assim, este capítulo antecipa, meticulosamente, uma carta geográfica de uma fase da história de Israel, referente aos seiscentos anos seguintes.

Capítulo 20. O Egito e a Etiópia

Isaías adverte sobre o desbarato e o cativeiro dessas nações, com o fim de dissuadir Judá de olhar para o Egito, esperando dele auxílio contra

a Assíria. A predição, feita em 713 a.C., cumpriu-se 12 anos depois. Os anais de Senaqueribe referentes a 701 a.C. rezam: "Combati os reis do Egito, levei a cabo seu destrôço e capturei vivos cocheiros e filhos do rei." Esar-Hadom depois assolou o Egito, ver sobre 19:1-4. "Tartã", v. 1, não era nome de uma pessoa, e sim um título oficial, equivalente a "vice-rei" ou "governador". "Sargão", v. 1: era esta a única menção que se conhecia do nome de Sargão, até que escavações arqueológicas do século passado revelaram-no como um dos maiores monarcas assírios, ver págs. 256, 257.

Capítulo 21. Babilônia, Edom, Arábia

Babilônia, vv. 1-10, cercada de vasto sistema de represas e canais, era qual cidade no mar. Temos aí um anúncio gráfico de sua queda. A menção do Elão e da Média, v. 2, aponta para a sua captura por meio de Ciro, 539 a.C. Ver mais sobre os caps. 13, 14.

Dumá, vv. 11-12, era nome de um distrito ao sul de Edom, e aqui se emprega para indicar Edom, do qual Seir era o distrito central.

Arábia, vv. 13-17, era o deserto entre Edom e Babilônia. Dedanim, Tema e Quedar eram centros de tribos árabes de projeção. É uma predição de que experimentarão um golpe terrífico dentro de um ano. Sargão invadiu a Arábia em 716 a.C.

Capítulo 22. Jerusalém

Chamada "Vale da Visão", porque a colina em que se situava era rodeada de vales, com colinas mais altas à distância, e foi o lugar onde Deus se revelara. É repreendida aqui por se entregar a indulgência temerária, enquanto o exército assírio a sitiava. A preparação que faziam para defender-se, vv. 9-11, 2 Cr 32:3-5, incluía tudo, menos o voltarem-se para Deus.

A degradação de Sebna, vv. 15-25. Como alto funcionário da Casa de Davi, pode ter liderado a cidade em sua conduta frívola, à vista do grave perigo. Na elevação de Eliaquim ao ofício pode haver sugestões vagas de implicação messiânica, vv. 22-25.

Capítulo 23. Tiro

Tiro havia sido, durante séculos, o centro marítimo do comércio mundial. Estabelecera colônias em volta das praias do Mediterrâneo. O trigo do Egito era um dos principais artigos do seu comércio. Sofreu terrìvelmente às mãos dos assírios, que acabaram por estender seu domínio sobre a Babilônia, v. 13. São preditos aqui seu destroço, sua depressão por 70 anos, e sua restauração, vv. 14-18. Pensa-se que a referência aí é à sua subjugação por Nabucodonosor. Ver mais sobre Ez caps. 26 a 28.

Capítulos 24 a 27. A Destruição Final da Terra

Nos caps. 13 a 23 proferiram-se juízos contra nações em particular. Agora é o juízo final do mundo inteiro.

Capítulo 24. Convulsões Mundiais

Esta visão parece relacionar-se com o mesmo período de que Jesus falou em Mt 24. Delineia as tremendas calamidades sob as quais a terra se extinguirá, com todas as suas castas, ocupações e distinções sociais. Como disse Jeremias acerca de Babilônia, que "será afundada e não se levantará",

Jr 51:64, assim diz Isaías aqui da terra inteira, v. 20. Mais adiante ele olha ao longe para "um novo céu e uma nova terra", 65:17-66:24.

Capítulo 25. A Abolição da Morte

Aqui Isaías se transportou para além dos mundos em choque, à era dos novos céus e da nova terra, e pôs nos lábios dos remidos um cântico de louvor a Deus por suas obras maravilhosas. O mais maravilhoo de tudo é a destruição da morte, v. 8, "neste monte", v. 6, de Jerusalém. Isto só se pode referir à ressurreição de Jesus dentre os mortos, que foi a única coisa que anulou a morte e trouxe à humanidade a garantia de vida eterna; a "festa com vinhos velhos bem clarificados a todos os povos", v. 6, o brado alegre dos séculos; o evento que "enxuga as lágrimas de todos os rostos". A menção de Moabe nesta conexão, v. 10, ilustra o hábito mental de Isaías, de retroceder e avançar abruptamente, entre a glória futura e as presentes circunstâncias locais. A má sorte de Moabe, rival constante e inimigo periódico de Judá, pode figurar aí como típica da sorte dos inimigos de Sião em geral.

Capítulo 26. Cântico de Confiança e Triunfo

É continuação do cântico do capítulo precedente. "Cidade forte", v. 1, ponto central de reunião do povo de Deus. "Cidade elevada", v. 5, reduto idealizado dos ímpios. O v. 3 é notável. O mais grandioso verso deste cap. é o v. 19: a ressurreição. Em 25:8 foi a ressurreição de Cristo. Aqui é a ressurreição geral do povo de Deus. "Descobrirá o sangue", v. 21: No dia do julgamento, quando o longo reinado do homem, de impiedade e derramamento de sangue, terminará em juízo.

Capítulo 27. A Revivificação da Vinha do Senhor

Em 5:1-7 Isaías entoou o cântico fúnebre da vinha do SENHOR. Aqui é o cântico alegre do revivescimento da vinha. Que figura bela, a da florescência do cristianismo, do meio do restante de Judá assolado, a espalhar suas benignas influências por toda a terra! "Dragão", "serpente", "monstro", v. 1: possivelmente significam a Assíria, a Babilônia e o Egito: ou podem ser nomes figurativos das potências do mal. Juízos corretivos sobre Judá, vv. 7-11. A reunião final de Israel na Igreja triunfante, vv. 12-13.

"Naquele dia", vv. 1, 2, 12, 13. Note-se quantas vezes se usa estra frase em Isaías: 4:2; 7:20,23; 11:10,11; 12:1; 14:3; 17:4,7,9; 19:16,18,19,23, 24; 22:12; 26:1; 28:5; 29:18; 30:23, etc. Quase que podíamos dizer que o assunto do livro é "Naquele dia"; com trechos e sentenças acerca "daquele dia" e dos próprios dias de Isaías, todos misturados.

Capítulo 28. Denúncia de Samaria e Jerusalém

Voltando das visões "daquele dia", Isaías adverte energicamente seu próprio povo, que se entrega à indulgência sensual, advertência a respeito de uma calamidade iminente, como o fez no cap. 22. Isto evidentemente se deu antes da queda de Samaria, 722 a.C. "Gloriosa formosura", v. 1: Samaria, capital do reino do Norte, situava-se numa colina bem contornada, em rico e belo vale, coroada de palácios e jardins luxuriantes. "Homem valente", v.

2: o poder assírio que, depois de um cerco de 3 anos, tomou Samaria, mas que recuou "à porta" de Jerusalém, v. 6. Os foliões zombadores denominavam pueris as advertências de Isaías, vv. 9-10. A réplica de Isaías, vv. 11-13: haverão de achar a escravidão assíria tão monótona quanto suas advertências. Autoridades de Jerusalém, escarnecedoras, vv. 14-22; Ezequias foi bom rei, porém muitos nobres poderosos de seu governo, zombando de Isaías e de Deus, contavam com seu próprio poderio e com o Egito. "Aliança com a morte", v. 15: a jactância escarninha deles, de estarem seguros. "Pedra angular", v. 16: a promessa de Deus a Davi, com a qual é que deviam contar. "Obra estranha", v. 21: o castigo de Deus sobre seu povo, pela espada de estrangeiros. Consolação para os fiéis, vv. 23-29: o sentido destas palavras parece ser que o povo de Deus necessita de tratamento variado e a seu tempo, adaptado à sua condição.

Capítulo 29. O Iminente Cêrco de Jerusalém

"Ariel", v. 1: é nome de Jerusalém, que significa "Lareira de Deus", centro de adoração a Deus por meio de sacrifícios. A cidade sofrerá as privações de um longo assédio, vv. 2-4. O exército sitiante, composto de soldados de muitas nações, será de súbito destroçado, vv. 5-8, o que logo aconteceu, 37:36. A cegueira de Sião para com o seu Deus, pois embora prestasse culto de lábios, vv. 9-16, ao mesmo tempo substituía a Palavra de Deus por mandamentos de homens. Jesus citou este fato, aplicando-o aos fariseus de seus dias. Pensamos que ainda acontece isto hoje com muitos religiosos professos. "Obra maravilhosa", v. 14, o livramento miraculoso de Jerusalém, 37:36. O campo e o bosque trocarão seus lugares, vv. 17-24: esta linguagem difícil pode dar a entender o dia em que os gentios serão enxertados no povo de Deus, Rm 11.

Capítulo 30. Judá Depende do Egito

Caravanas carregadas de ricos presentes, saindo de Jerusalém e atravessando o deserto do Sul, infestado de feras, a fim de obter ajuda do Egito, vv. 6-7. O cativeiro de Judá, vv. 8-17. O Egito de nada aproveitará. Judá será quebrantado. Escreve isto num livro, de sorte que gerações futuras possam ver que foi predito. Aconteceu 100 anos adiante, às mãos da Babilônia. A restauração após um período de castigo, vv. 18-26. A destruição da Assíria, vv. 27-33. Logo depois o exército assírio era dizimado, 37:36, e dentro de 100 anos o Império Assírio era destruído.

Capítulo 31. Deus Promete Livramento

Isaías afirma sua confiança de que Sião sairá vencedora da crise assíria, 37:36, evento futuro que parece servir de cenário de fundo a quase todo versículo deste capítulo.

Capítulo 32. O Reinado do Messias

Enquanto Isaías pensa nos jubilosos resultados do livramento de Sião de sob a pressão do exército assírio, e no conseqüente prestígio do reino de Ezequias, grandemente aumentado, aparece no recuado horizonte de sua visão uma figura do futuro rei de Davi, para quem apontavam todas as profecias do A.T., sob cujo reinado, justo e feliz, pessoas e coisas assumirão seu lugar exato e serão chamadas por seus nomes certos. É difícil ver que

relação tem com isso a referência digressiva feita às "mulheres despreocupadas", vv. 9-15. Devia haver um grupo de mulheres ímpias e influentes na corte, que se opunham a tudo quanto Isaías defendia, 3:12, 16-26. O sentido aqui parece ser que um período de perturbação haverá entre a derrota do exército assírio e o reinado do Messias. "Bosque", no v. 19, é o exército assírio. "Cidade", no mesmo vers., é Nínive, ou as forças centralizadas do mal nos últimos dias. "Semeais junto a todas as águas", v. 20: é o prosseguir calmo e paciente na senda do dever diário, como expressão de confiança em Deus, enquanto se aguarda uma era feliz de prosperidade.

Capítulo 33. Logo antes da Batalha

Os caps. 28 a 33 pertencem aos dias terríficos do assédio de Jerusalém pelos assírios, como se refere nos caps. 36 e 37. O exército de Senaqueribe estava pilhando cidades e desvastando campos, vv. 8-9. As negociações haviam fracassado, v. 7. Senaqueribe aceitara pesado pagamento em dinheiro, 2 Rs 18:14-16, mas faltou traiçoeiramente ao ajuste, v. 8, e aproximava-se de Jerusalém. O povo foi tomado de pânico, vv. 13-14, salvo os que confiavam em Deus, vv. 2, 15-16. Pelo meio de tudo isso, Isaías andava calmamente a garantir ao povo que Deus ferirá o inimigo com terror, o qual fugirá deixando enorme despojo, vv. 3-4; Deus mesmo protegerá Jerusalém, cercando-a como corrente d'água em que naufragarão as naus desmanteladas do inimigo, vv. 21-23. Ver caps. 36, 37.

Capítulo 34. A Ira de Deus Contra as Nações

Como o cap. 24, este parece conter uma visão do fim do tempo. Edom é usada como amostra típica da ira de Deus. Antes populosa e fértil, é agora uma das regiões mais assoladas da terra, habitada principalmente por feras, aves e reptis nocivos, vv. 10-15. Ver sobre Obadias. Note-se o apêlo de Isaías às eras futuras, para que comparem suas palavras com o que irá acontecer a Edom, vv. 16-17.

Capítulo 35. O Dia da Igreja Triunfante

Um dos mais preciosos capítulos da Bíblia. Poema de rara e empolgante beleza. É um retrato dos últimos tempos, quando a Igreja, após longa aflição, brilha afinal com todo o fulgor de sua glória celestial. Os vs. 5-6 parecem uma previsão dos milagres de cura de Cristo. O quadro dos cativos que regressam, viajando pela estrada, vv. 8-10, é uma representação primorosíssima de todos os remidos quando voltarem ao lar de Deus.

Capítulos 36, 37. O Exército Assírio é Destroçado

Registra-se este fato três vezes: aqui, em 2 Rs caps. 18, 19 e em 2 Cr 32. Um dos mais estupendos milagres do A.T.; numa noite o exército assírio é destruído com um golpe direto do céu, 37:36. Foi o grande desfecho, de que Isaías dera reiterada certeza: 10:24-34; 17:12-14; 29:5-8,14; 30:27-33; 31: 4-9; 33:3-4, 21-23; 38:6. Estes capítulos parecem uma narrativa combinada de duas invasões. Senaqueribe, como comandante dos exércitos de seu pai Sargão, invadiu Judá, 712 a.C. e tomou-lhe muitas cidades. Ezequias pagou para livrar-se dele, 2 Rs 18:14-16. Ele voltou, 701 a.C.; desta vez o Anjo do SENHOR feriu-o. Ver sobre 2 Rs 17.

Capítulos 38, 39. A Doença de Ezequias. A Embaixada Babilônica

A doença de Ezequias ocorreu 15 anos antes de sua morte, 38:5, isto é, em 699 a.C. O livramento do poder da Assíria era ainda futuro, 38:6. O restabelecimento miraculoso de Ezequias despertara interesse na Babilônia, 2 Cr 32:31, Is 38:7-8. A embaixada babilônica, enviada a Jerusalém, sem dúvida, pareceu suspeita a Senaqueribe e pode ter apressado sua segunda invasão.

Capítulos 40-66. Magníficas Rapsódias do Futuro

Isaías, pela maior parte, vivera sob a ameaça do temível Império Assírio. Este destruíra Israel do Norte, 732 a.C. e o restante desse reino 722 a.C.; invadira Judá, 712 a.C.; e em 701 a.C. capturara todo Judá, exceto Jerusalém. Através desses anos, Isaías veio predizendo firmemente que Jerusalém resistiria. E resistiu. Foi esta a grandiosa realização de toda a vida de Isaías. Salvou sua cidade quando a condenação parecia certa. Mas agora, passada a crise assíria, tendo ele profetizado que Jerusalém mais tarde sucumbiria à Babilônia, 39:6-7, admite que o cativeiro babilônico é um fato consumado e, mentalmente, toma sua posição ao lado dos cativos. Tão claras eram algumas de suas visões que ele falava do futuro como se já jazia no passado.

Dois Isaías?

Em parte alguma deste livro, ou em qualquer outro da Bíblia, ou em tradição judaica ou cristã, existe menção ou sequer uma idéia, de dois ou mais autores para este Livro. O "segundo Isaías" é uma invenção da crítica moderna. O livro de Isaías, em nossa Bíblia como nos dias de Jesus, é um livro só, e não **dois.** Não é uma colcha de retalhos, porém do princípio ao fim caracteriza-se por uma **unidade** de pensamento, expresso na mais sublime linguagem, que torna o livro um dos mais grandiosos que já se escreveram. Só houve um único Isaías, e este é seu Livro.

Capítulo 40. Vozes de Consolação

Algumas das sentenças parecem fala de anjos, bradando a Isaías, ou um ao outro, exultantes à vista das coisas maravilhosas reservadas para o povo de Deus, quando tiver passado a longa noite de aflição. O advento de Cristo é o assunto de vv. 1-11. Os vs. 3-5 são citados nos quatro Evangelhos, como sendo referências à chegada de Cristo à terra, Mt 3:3, Mc 1:3, Lc 3:4-6, Jo 1:23. Nesta conexão, a referência à Palavra de Deus como eternamente indestrutível, vv. 6-8, significa que as promessas proféticas de Deus não podem falhar; Cristo e o céu são firmes. O poder infinito de Deus e a eterna juventude dos que nEle confiam, constituem a matéria de vv. 12-31. É um capítulo grandioso.

Capítulo 41. A Elevação de Ciro

Ciro não é nomeado aqui, mas só em 44:28 e 45:1, e sem dúvida é "aquele do Oriente", v. 2, e "um do Norte", v. 25 (exércitos vindos do Oriente sempre entravam na Palestina pelo Norte). Isaías morreu 150 anos antes da época de Ciro; todavia, recebe aqui uma visão da rápida conquista que este fez do mundo, a qual se atribui à providência divina, v. 4. Deus

promete proteção a Israel, vv. 8-20; e depois desafia os deuses das nações a mostrarem capacidade de predizer o futuro, vv. 21-29. Ver mais sobre o cap. 44.

Capítulo 42. O Servo do SENHOR

Outra visão do Messias vindouro e de sua obra entre as nações, vv. 1-17. É assim citado em Mt 12:17-21. Mas nos vs. 18-25 o servo do SENHOR é a nação de Israel, que teve de ser castigada muitas vezes por sua cegueira e perversidade.

Capítulo 43. O Cuidado de Deus para com Israel

Deus tinha formado a nação para Si mesmo. Ela fora sempre desobediente, todavia, ainda era a nação de Deus, e mediante todos os pecados e sofrimentos dela, Deus passaria a demonstrar a todo o mundo que Ele, somente Ele, é Deus.

Capítulos 44, 45. Ciro

Ambos estes capítulos são uma previsão da volta de Israel do cativeiro, sob Ciro, com ênfase especial sobre o poder exclusivo de Deus de predizer o futuro. Ciro, rei da Pérsia, reinou em 539-530 a.C. Consentiu que os judeus voltassem para Jerusalém e expediu um decreto autorizando a reedificação do Templo, 2 Cr 36:22-23, Ed 1:1-4. Isaías profetizou em 745-695 a.C., mais de 150 anos antes dos dias de Ciro. Todavia, chama-o pelo nome e prediz que ele reconstruirá o Templo, o qual nos dias de Isaías ainda não tinha caído.

O ponto principal destes dois capítulos é que a superioridade de Deus sobre os ídolos prova-se por Sua capacidade de predizer o futuro, idéia esta que aparece várias vezes nos caps. 40 a 48: ver 41:21-24; 42:8-9; 43:9-13; 44:6-8; 45:20-21; 46:9-11; 48:3-7. A chamada de Ciro pelo nome, muito antes que ele nascesse, vem como exemplo do poder que Deus tem de "declarar as coisas ainda futuras", 45:4-6. Se isto não é uma predição, nem sequer faz sentido na conexão em que está. Os críticos, que dizem pertencer o autor destes capítulos à época pós-exílio, têm idéias estranhas sobre unidade contextual.

Que a profecia vaticinadora seja uma evidência de deidade foi uma das principais teses de Isaías. Ele gostava de ridicularizar os ídolos e seus adoradores, dizendo: Os deuses que as nações cultuam nem sequer podem fazer o que os homens fazem, pois não vêem, nem falam, nem ouvem. Mas, continua ele, nosso Deus, a quem adora nosso povo hebreu, não somente pode fazer o que os homens fazem, como é capaz de fazer coisas que os homens não podem executar, como predizer o futuro. Passa a convidar as nações para uma conferência de comparação de deuses; e pergunta se alguma nação tem em sua literatura predições antigas de fatos que aconteceram depois. Nós temos, diz ele, em nossos anais oficiais antigos, uma torrente contínua de predições de fatos que depois sucederam sem falta. O autor dêsse manual gostaria de fazer hoje a mesma pergunta que Isaías fêz há 2.600 anos: Haverá, na literatura de todo este mundo vasto, seja religiosa, seja política, filosófica ou poética, predições de longa data do desenrolar de toda a história religiosa do homem — se não na Bíblia?

Capítulos 46, 47, 48. A Queda de Babilônia

São uma continuação dos caps. 13, 14. A multidão dos deuses de Babilônia, dos seus feiticeiros e encantadores, de nada serviria contra os exércitos de Ciro, 47:12-15. Pelo contrário, as imagens de ouro dos deuses, de que se gabavam, incapazes de salvar, não só a sua cidade, como até a si mesmas, seriam levados embora como espólio sobre animais e em carros, 46:1-2. Reitera-se a afirmação do poder único e exclusivo de Deus, de vaticinar e dirigir o curso da história. É uma solene repetição do vaticínio da queda da Babilônia às mãos de Ciro, e do livramento dos judeus. "O SENHOR o amou", 48:14, isto é, a Ciro, que foi um monarca singularmente nobre e justo.

Capítulos 49, 50. O Servo do SENHOR

Nos caps. 40-48 precedentes, há uma idéia dominante: a predição que Deus faz do futuro é evidência de Sua deidade.

Nos caps. 49-55 os pensamentos gravitam em torno do Servo do SENHOR. Em algumas passagens esse Servo parece ser a nação de Israel, e em outras, o Messias, Aquele em quem Israel seria personificado. As passagens se entrosam tão bem que só o próprio contexto indica o que querem dizer.

É uma prossecução de idéias que vêm sendo acumuladas: 41:8; 42:1,19; 43:10; 44:1,2,21; 49:3-6; 52:13; 53:11.

Estes caps. parecem uma espécie de solilóquio do Servo, com respostas entremeadas de Deus, relacionando-se principalmente com a sua obra de trazer a Deus todas as nações do mundo.

Capítulos 51, 52. A Redenção e Restauração de Sião

A libertação de Israel dos sofrimentos do cativeiro é tão certa quanto as obras portentosas de Deus no passado. É parte do plano eterno do SENHOR a formação, mediante um casal, 51:2, e através dos séculos, de um mundo redimido, de glória sem fim, 51:6. O cap. 52 é um cântico do dia triunfal de Sião.

Capítulo 53. O Homem de Dores, o Servo do SENHOR

É um dos mais queridos capítulos da Bíblia. Retrata o Salvador a padecer. Começa em 52:13. É tão vívido nos pormenores que quase se diria ter estado Isaías ao pé da cruz. Os fatos aparecem tão claros em sua mente, que ele coloca a narrativa no passado, como se já houvesse acontecido. Não é possível adequar-se esta descrição a outra pessoa, senão a Cristo. Entretanto, foi escrito sete séculos antes do Calvário.

Capítulos 54, 55. A Grande Expansão de Sião

O Servo do SENHOR, em virtude do seu sofrimento, rejuvenescerá Sião e fá-la-á avançar e guindar-se à alturas vertiginosas, de alcance ilimitado e de glória infinda. O cap. 55 é o convite do Servo a todo o mundo, para ingressar no Seu reino e participar de Suas bênçãos.

Capítulos 56, 57, 58, 59. Pecados da Época de Isaías

A profanação do sábado; a glutonaria dos chefes de Israel; a prevalência da idolatria, com suas práticas vis; meticulosidade nos jejuns, ao lado de injustiças flagrantes; tudo será vingado sem falta.

Capítulos 60, 61, 62. O Remidor de Sião

Cântico da era messiânica, começando em 59:20, e descrevendo um tempo de evangelização mundial, que culmina com a eterna glória do céu. O cap. 60 é um dos mais sublimes capítulos da Bíblia. Jesus citou 61:1-3 como se referindo a Ele, Lc 4:18. O "Novo Nome" de Sião, 62:2: repete-se em 65:15 que os servos de Deus serão chamados por "outro Nome". Até à vinda de Cristo, o povo de Deus era conhecido por "judeu" ou "hebreu". Depois disso foi chamado "cristão", "Coroa de glória", 62:3: tal é a Igreja no conceito divino. Embora a igreja visível se tenha corrompido às mãos dos homens e não tenha sido nada parecida com uma "coroa de glória", todavia isto é uma verdade com relação ao corpo dos fiéis, santos do SENHOR. Por toda a eternidade serão eles o deleite e o gozo de Deus, 62:3-5.

Capítulos 63, 64. Oração dos Exilados

É bem difícil ver a razão por que se menciona Edom neste lugar, 63:1-6. Ambos estes caps., excetuando-se os 6 primeiros versos, têm forma de oração a Deus, para que liberte Israel cativo. Os edomitas, velhos inimigos de Judá, associaram-se aos babilônios na destruição de Jerusalém (ver sobre Obadias), e podem ser mencionados aqui como símbolo de todos os inimigos do povo de Deus. O guerreiro salpicado de sangue, "pisando" Edom em sua ira, "poderoso para salvar" Sião, é idêntico ao remidor desta cidade, nos três capítulos precedentes. A linguagem serve de base às figuras de linguagem com que se retrata a vinda do SENHOR em Ap 19:11-16.

Capítulos 65, 66. Os Novos Céus e a Nova Terra

Estes dois capítulos são a resposta de Deus à oração dos exilados, contida nos dois precedentes. A oração será respondida. O restante fiel será restaurado, 65:8-10. Os desobedientes serão completamente destruídos, 65:2, 7, 11-12. Novas nações serão trazidas ao aprisco, 65:1; 66:8. Todos serão chamados por um novo nome, 65:15. Herdarão novos céus e nova terra, 65:17; 66:22. Nem templo, nem sacrifício serão necessários na nova ordem, 66:1-4. Os fiéis e os desobedientes serão para sempre separados, com bênção eterna para os primeiros, e castigo eterno para os últimos, 66:22-24. Jesus endossou estas palavras, Mc 9:48. A última exortação de Pedro aos cristãos foi que se conservassem atentos aos novos céus e à nova terra, 2 Pe 3:10-14. A Bíblia chega ao seu clímax final com uma visão magnífica dos novos céus e nova terra, Ap caps. 21, 22; visão que é um desenvolvimento de Is 66.

SUMÁRIO DAS PREDIÇÕES DE ISAÍAS

Cumpridas em sua própria época

Judá seria libertado da Síria e de Israel, 7:4-7, 16.

A Síria e Israel seriam destruídos pela Assíria, 8:4; 17:1-14.

A Assíria invadiria Judá, 8:7-8.

Os filisteus seriam subjugados, 14:28-32.

Moabe seria saqueada, caps. 15 e 16.

O Egito e a Etiópia seriam conquistados pela Assíria, 20:4.

A Arábia seria pilhada, 21:13-17.
Tiro seria subjugada, 23:1-12.
Jerusalém seria protegida contra a Assíria, ver sobre cap. 36.
A vida de Ezequias seria prolongada por mais 15 anos, 38:5.

Cumpridas depois de sua época

O Cativeiro Babilônico, 39:5-7.
A Babilônia seria derribada por Ciro, 46:11.
E pelos medos e elamitas, 13:17; 21:2; 48:14.
A Desolação perpétua de Babilônia, 13:20-22.
Ciro é chamado pelo nome, 44:28; 45:1, 4.
Ciro conquista o mundo, 41:2-3.
Ciro liberta os cativos, 45:13.
Ciro reedifica Jerusalém, 44:28; 45:13.
Israel é restaurado, 27:12-13; 48:20; 51:14.
O Egito e a Assíria impregnam-se com a religião de Israel, 19:18-25.
A religião de Israel propaga-se no mundo inteiro, 27:2-6.
O cativeiro e a restauração de Tiro, 23:13-18.
A desolação perpétua de Edom, 34:5-17.

A respeito do Messias

Seu advento, 40:3-5.
Sua concepção virginal, 7:14.
A Galiléia seria o cenário de seu ministério, 9:1-2.
Sua deidade e a eternidade do seu trono, 9:6-7.
Seus sofrimentos, 53.
Morreria com os perversos, 53-9.
Seria sepultado com o rico, 53:9.
O poder e a ternura do seu reinado, 40:10-11.
A retidão e beneficiência do seu reinado, 32:1-8; 61:1-3.
Sua justiça e bondade, 42:3-4, 7.
Seu domínio sobre os gentios, 2:2-3; 42:1, 6; 49:6; 55:4, 5; 56:6; 60:3-5.
Sua vasta influência, 49:7, 23.
Os ídolos desaparecerão, 2:18.
Passará a existir um mundo sem guerras, 2:4; 65:25.
A terra será destruída, 24; 26:21; 34:1-4.
A morte será destruída, 25:8; 26:19.
O povo de Deus será chamado por um nome novo, 62:2; 65:15.
Haverá novos céus e nova terra, 65:17; 66:22.
Haverá separação eterna entre justos e ímpios, 66:15, 22-24.

O Esforço Final de Deus por Salvar Jerusalém

Jeremias viveu uns cem anos depois de Isaías.
Isaías salvara Jerusalém da Assíria.
Jeremias tentou salvá-la da Babilônia, mas não conseguiu.

Jeremias foi chamado para o ofício profético em 627 a.C. Jerusalém foi parcialmente destruída em 605 a.C.; outra vez devastada em 597 a.C.; finalmente incendiada e assolada em 587. Jeremias assistiu às agruras desses terríveis quarenta anos, "o fim da monarquia", "a agonia de morte da nação"; vulto patético e solitário, último mensageiro de Deus à Cidade Santa, que se apegara desesperada e fanaticamente aos ídolos; bradava incessantemente que se se arrependessem, Deus os salvaria da Babilônia.

De modo que, assim como a Assíria servira de cena de fundo ao ministério de Isaías, assim também a Babilônia serviu ao ministério de Jeremias.

A Situação Interna

O reino do Norte havia caído, assim como grande parte de Judá. Haviam sofrido reveses sobre reveses, até que Jerusalém fora deixada só. Continuaram não prestando atenção aos avisos incessantes dos profetas, obstinando-se cada vez mais na idolatria e perversidade. A hora da condenação estava prestes a soar.

A Situação Internacional

Continuava a porfia, partida de três lados, pela supremacia mundial: a Assíria, a Babilônia e o Egito. Por 300 anos a Assíria, no vale do Norte do Eufrates, capital Nínive, havia dominado o mundo, mas agora ia se enfraquecendo. Babilônia, no vale do Sul do Eufrates, tornava-se poderosa. O Egito, no Vale do Nilo, que 1.000 anos antes fora uma potência mundial e decaíra, outra vez enchia-se de ambição. Babilônia venceu, lá pelo meado do ministério de Jeremias. Quebrou a força da Assíria, 609 a.C., e 4 anos depois esmagou o Egito na batalha de Carquemis, 605 a.C.; e por 70 anos regeu o mundo, os mesmos 70 anos do cativeiro dos judeus.

A Mensagem de Jeremias

Desde o começo, 20 anos antes do desfecho da porfia, Jeremias veio insistindo que Babilônia seria a vencedora. Em todas as suas queixas, contínuas e amargas, contra a impiedade de Judá, as seguintes idéias sempre aparecem:

1. Judá vai ser destruído pela vitoriosa Babilônia.

2. Se Judá deixar sua impiedade, de algum modo Deus o livrará de ser destruído às mãos de Babilônia.

3. Mais adiante, quando já não parece haver qualquer esperança de Judá arrepender-se, Jeremias trouxe a mensagem de uma última oportunidade: se, apenas como expediente político, ele se submeter à Babilônia, será poupado.

4. Judá, destruído, será restabelecido e ainda dominará o mundo.

5. Babilônia destruidora de Judá, será ela mesma destruída, para nunca mais se reerguer.

A Ousadia de Jeremias

Jeremias, sem cessar, advertia Jerusalém para que se rendesse ao rei da Babilônia, tanto assim que seus inimigos o acusaram de traição. Nabucodonosor recompensou-o por essa advertência ao povo, não só lhe poupando a vida, mas lhe oferecendo uma honraria qualquer que ele quisesse aceitar, até mesmo uma dignidade na corte babilônica, 39:12. Todavia, Jeremias bradava, alto e de contínuo, que o rei da Babilônia estava cometendo um crime hediondo na destruição do povo do SENHOR, e por essa causa, no devido tempo, esse país seria assolado e para sempre, ver caps. 50, 51.

Reis de Judá Contemporâneos

Manassés, 687-642 a.C. 55 anos, inclusive dez anos de co-regência. Muito perverso (ver sobre 2 Cr 33). Reinava quando Jeremias nasceu.

Amom, 642-640 a.C. 2 anos. O longo e mau governo do seu pai Manassés selara a condenação de Judá.

Josias, 640-609 a.C. 31 anos. Bom rei. Grande reforma. Jeremias começou seu ministério no 13.º ano de Josias. A reforma foi só exterior. No íntimo o povo continuou idólatra.

Jeoacaz, 609 a.C. 3 meses. Foi levado para o Egito.

Jeoaquim, 609-597 a.C. 11 anos. Francamente favorável à idolatria, desafiou atrevidamente a Jeová, e era inimigo rancoroso de Jeremias.

Joaquim, 597 a.C. 3 meses. Foi levado para Babilônia.

Zedequias, 597-587 a.C. 11 anos. De certo modo amigo de Jeremias, mas foi rei fraco, instrumento nas mãos de autoridades ímpias.

Cronologia da Época de Jeremias

628 a.C. Josias começou suas reformas. Ver sobre 2 Cr 34.
627 a.C. Chamada de Jeremias.
627 a.C. Invasão Cita. Ver sobre Jr 4.
622 a.C. Achado o livro. Grande reforma de Josias. 2 Rs 22, 23.
609 a.C. Morto Josias em Megido, por Faraó.
612 a.C. Nínive destruída pela Babilônia.
605 a.C. Judá é subjugado pela Babilônia. Primeiro cativeiro.
605 a.C. Batalha de Carquemis: Babilônia esmaga o Egito.
597 a.C. Cativeiro de Joaquim.
593 a.C. Zedequias visita Babilônia.
587 a.C. Jerusalém é incendiada. Fim temporário do reinado de Davi.

Profetas Contemporâneos

Jeremias sobressaiu na brilhante constelação de profetas agrupados à volta do evento da destruição de Jerusalém.

Ezequiel, seu colega de sacerdócio, algo mais moço do que ele, pregava na Babilônia, no meio dos cativos, a mesma mensagem que ele, Jeremias, pregava em Jerusalém.

Daniel, de sangue real, influente no paço de Nabuconosor.

Habacuque e Sofonias, que ajudavam Jeremias em Jerusalém.

Naum, que ao mesmo tempo predizia a queda de Nínive.

Obadias, que simultaneamente predizia a ruína de Edom.

Cronologia do Livro de Jeremias

Algumas de suas mensagens têm data. Outras não. As datas indicadas são as seguintes: No reinado de Josias: 1:2, 3:6. No reinado de Jeoaquim: 22:18, 25:1, 26:1, 35:1, 45:2. No reinado de Zedequias: 21:1, 24:1,8, 27:3, 12, 28:1, 29:3, 32:1, 34:2, 37:1, 38:5, 39:1, 49:34, 51:59. No Egito: 43:7,8, 44:1. Por aí se vê que o livro não é arranjado em ordem cronológica. Algumas mensagens posteriores vêm no princípio do livro, e algumas do princípio vêm depois. Tais mensagens foram proferidas oral e talvez repetidamente, durante anos, possivelmente, antes que Jeremias as escrevesse: A redação de um tal livro foi tarefa longa e afanosa. Pergaminhos de escrever, feitos de peles de carneiro ou de cabra, eram escassos e caros. Deles faziam-se longos rolos, tendo como eixo uma vara. Isto pode explicar, em parte, a falta de ordem no livro de Jeremias. Após redigir um incidente ou discurso, alguma outra alocução, proferida anos antes, seria lembrada e ele passaria a escrevê-la, em alguns casos sem datá-la, enchendo assim o pergaminho, à proporção que o desenrolava.

Capítulo 1. A Chamada de Jeremias

Foi chamado para uma tarefa difícil e ingrata. Como Moisés (Êx 3:11, 4:10), foi com relutância que aceitou a responsabilidade. A chamada soou-lhe aos ouvidos quando ele era ainda "criança", provàvelmente aos 20 anos. "Anatote", v. 1, lugar de sua residência, ficava uns 4 kms. a N.E. de Jerusalém. Hoje chama-se "Anata". A "panela ao fogo", v. 13, significava o exército babilônico. A alocução inicial tratava da destruição de Jerusalém pela Babilônia, v. 14.

Capítulo 2. A Apostasia de Israel

Numa repreensão patética e apaixonada de sua idolatria desavergonhada, Israel é comparado a uma esposa que abandona seu esposo, em troca de associações promíscuas com outros homens, fazendo-se assim protituta pública.

Capítulo 3. Judá é Pior do que Israel

No capítulo 2, "Israel" significa a nação toda. Neste cap., significa o reino do Norte, que 300 anos antes havia-se apartado de Judá, e 100 anos antes havia sido levado cativo pelos assírios. Judá, fechando os olhos à significação da queda de Israel, não só não se arrependia como, sob o longo e ímpio reinado de Manassés, se afundava mais e mais nos abismos da depravação. É predita a reunificação de Judá e Israel, vv. 17-18, também 50:4-5, Os 1:11.

Capítulo 4. A Desolação de Judá que Se Aproxima

Este capítulo descreve o avanço dos axércitos devastadores babilônicos, que destruíram Jerusalém, 605-587 a.C. Em parte pode também referir-se à invasão dos citas, que precedeu de pouco à dos babilônios.

A Invasão dos Citas

No mesmo ano da chamada de Jeremias, 627 a.C., enxames enormes de bárbaros vindos do Norte aterrorizavam as nações do S.O. da Ásia. Deram um golpe terrífico no cambaleante poder assírio. Não fôsse terem sido

comprados por Faraó, em Asdode, provavelmente teriam sido a ruína de Judá. Assim se expressa Rawlinson a respeito dêles: "Correndo pelos desfiladeiros do Cáucaso — de onde vinham ou o que pretendiam, ninguém sabia — hordas após hordas de citas escureciam as ricas planuras do Sul. Avançavam como uma nuvem de gafanhotos, incontáveis, irresistíveis, achando as terras que encontravam tal e qual um jardim, e deixando-as após si como um deserto ululante. Não poupariam idade nem sexo. Os habitantes das terras seriam impiedosamente massacrados pelos invasores, ou, na melhor das hipóteses, forçados à escravidão. As colheita seriam devoradas, os rebanhos tomados ou destruídos, as vilas ou fazendas incendiadàs, a região toda tornada um espetáculo de assolação." Suas destruições assemelhar-se-iam às dos hunos, quando se derramaram pela Itália, ou às dos búlgaros, quando inundaram as mais formosas províncias do Império Bizantino.

Capítulo 5. A Depravação Total de Judá

Não havia nem um justo sequer, v. 1, generalizada e promíscua a satisfação sexual, até entre as pessoas casadas, como a de animais, vv. 7-8; zombavam dos avisos do profeta quanto ao castigo iminente, v. 12; inteiramente dados à fraude, à opressão, a furtos, vv. 26-28; todos satisfeitos com a corrupção do govemo, vv. 30-31. Quanto à nota sobre falsos profetas, v. 30, ver sobre o cap. 23.

Capítulo 6. A Destruição Vinda do Norte

Descrição profética, vívida, da destruição de Jerusalém às mãos dos invasores babilônios, duros e cruéis, vv. 22-26, o que mais tarde sucedeu, nos próprios dias de Jeremias. Repetidamente, ano após ano, como aqui, vv. 16-19, adverte-os com insistência patética que no arrependimento estaria sua última oportunidade possível de escaparem à ruína.

Capítulo 7. O Arrependimento, Sua Única Esperança

É êste um dos apelos de Jeremias, de dilacerar corações, no sentido de que se arrependam, baseado na promessa divina admirável, de que, se apenas o povo der ouvidos ao seu Deus, Jerusalém jamais cairia, vv. 5-7. Com todas as suas práticas abomináveis, vv. 9, 31, e embora houvessem levantado ídolos no Templo, v. 30, mantinham uma consideração supersticiosa para com êste e o culto lá celebrado, parecendo julgar que, acontecesse o que acontecesse, Deus não permitiria que Jerusalém fôsse destruída, visto que o Templo lá estava, vv. 4, 10. Lembra-lhes Jeremias o exemplo de Siló, vv. 12-14 (ver sôbre 1 Sm 1). Jesus citou as palavras de Jeremias, aplicando-as ao Templo dos Seus dias, v. 11, Mt 21:13. A "Rainha do céu", v. 18, Astarote, principal divindade feminina dos cananeus, cujo culto se acompanhava das mais degradantes imoralidades. "Hinom", vv. 31-32, vale do lado sul de Jerusalém, onde crianças eram queimadas em sacrifício a Moloque, veio depois a ser usado como sinônimo de inferno, "Geena."

Capítulo 8. "Passou a Sega"

Perfeitamente cônscio da futilidade dos seus apelos e repreensões, Jeremias fala da assolação iminente de Judá como se já houvera sido consu-

mada, v. 20. Falsos profetas, vv. 10-11, a insistência deles sobre a segurança de Jerusalém constituía um dos mais difíceis problemas de Jeremias, ver sobre o cap. 23.

Capítulo 9. O Profeta de Coração Despedaçado

Jeremias, homem de dores, no meio de um povo entregue a tudo quanto era vil, 8:6; 9:2-9, chorando dia e noite quando pensava na tremenda retribuição que estava prestes a vir, andava pelo meio deles pedindo, argumentando, persuadindo, convidando, implorando que abandonassem a impiedade. Mas em vão.

Capítulo 10. O SENHOR, o Verdadeiro Deus

Parece que a ameaça da invasão babilônica incitava o povo de Judá à grande atividade na manufatura de ídolos, como se estes os pudessem salvar. Deu isto ocasião a Jeremias de lembrar-lhes que, o que faziam não somente era inútil, como até agravava mais o pecado já em si horroroso, que cometiam contra Deus.

Capítulo 11. A Aliança Violada

Este capítulo parece pertencer ao período de reação que se seguiu à grande reforma de Josias, como se narra em 2 Rs 23, quando o povo restaurava seus ídolos, renunciando à aliança que havia pouco tinha feito. Em resposta à repreensão de Jeremias, conspiraram sua morte, 9:21.

Capítulo 12. A Queixa de Jeremias

Contrastando seus sofrimentos com a aparente prosperidade daqueles contra quem pregava, e que ridicularizavam suas ameaças, v. 4, queixa-se Jeremias da maneira de Deus agir. A resposta que Deus lhe dá implica que maiores tribulações lhe estão reservadas, vv. 5-6, e que a prosperidade da nação perversa depressa terá fim, vv. 7-14. Segue-se a promessa de restauração futura, vv. 15-17.

Capítulo 13. O Cinto Estragado

Jeremias fez considerável uso de símbolos em sua pregação, ver sobre 19:1. É provavel que o cinto fosse ricamente adornado, chamava a atenção, quando ele andava pelas ruas de Jerusalém. Agora, apodrecido, roto e sujo, servia para atrair as atenções por sua feialdade. Aglomerando-se o povo curioso ao redor dele, dava-lhe isto oportunidade de explicar que do mesmo modo Judá, com quem Deus Se havia cingido para andar antre os povos, antes belo e glorioso, deteriorar-se-ia e seria lançado fora.

Capítulos 14, 15. A Intercessão de Jeremias

Uma seca prolongada havia privado a terra de alimento. Embora o povo o odiasse, dele mofando e procurasse várias vezes matá-lo, o coração de Jeremias confrangia-se ao vê-los sofrer. A intercessão que fez diante de Deus em favor desse povo, aproximou-se tanto do espírito de Cristo que não se tem outro exemplo igual no A.T. O que se chama "Gruta de Jeremias", um dos lugares retirados a que ele, segundo se diz, se recolhia para chorar, ficava no sopé do próprio outeirinho em que, 600 anos mais tarde, foi erigida a cruz de Cristo, ver Fig. 72.

Capítulo 16. Jeremias é Proibido de Casar-se

A vida doméstica dos profetas, em alguns casos, usava-se como reforço do significado da pregação deles. Isaías e Oséias foram casados, e deram aos filhos nomes representativos das principais idéias pelas quais se batiam. Jeremias recebeu ordem de ficar solteiro, como uma espécie de pano de fundo simbólico para as suas persistentes predições de matança iminente: "Que aproveita criar família, só para ser assassinada na horrível carnificina prestes a desencadear-se sobre os habitantes de Judá?" Note-se outra vez a promessa de futura restauração, vv. 14-15.

Capítulo 17. Indelével o Pecado de Judá

Sua derrocada é inevitável. Todavia, proclama-se outra vez a promessa de que, se somente voltarem para o SENHOR, Jerusalém permanecerá para sempre, vv. 24-25.

Cap. 18. O Vaso do Oleiro

Uma ilustração muito adequada do poder que Deus tem de alterar os destinos de um povo. Jeremias usou-a como base de outro apelo à nação perversa, para que emendasse sua conduta. Mas foi debalde.

Capítulo 19. A Botija

Pode ter sido de fabricação esmerada. Foi quebrada de propósito, na presença dos chefes de Jerusalém como um meio impressionante de tornar a anunciar a ruína que pendia sobre a orgulhosa cidade.

Alguns outros símbolos, empregados por Jeremias a fim de chamar a atenção para a sua pregação, foram: o cinto estragado, cap. 13; abstinência do casamento, cap. 16; o vaso do oleiro, cap. 18; brochas e canzis, cap. 27; a compra de um campo, cap. 32.

Capítulo 20. Jeremias é Preso

Jeremias saiu direto do encontro com os chefes no vale de Hinom, para o Templo, e começou a proclamar ali a mesma mensagem ao povo. Por isso Pasur, um dos principais funcionários do Templo, prendeu-o. O "Tronco", v. 2, era uma peça de madeira onde se prendiam os pés, o pescoço e as mãos, de modo a manter o corpo numa posição forçada e dolorosa. Isso provocou da parte de Jeremias outra reclamação violenta contra Deus, vv. 7-18, ver sobre o cap. 12.

Capítulo 21. Começa o Assédio

Embora este capítulo figure na parte anterior do livro, pertence aos últimos dias de vida de Jeremias. O rei Zedequias, apavorado com a aproximação do exército babilônico, apela a Jeremias para que interceda junto a Deus. O profeta aconselha-o a que entregue a cidade aos babilônios, a fim de salvar a vida do povo.

Capítulo 22. Aviso ao Rei Jeoaquim

Este capítulo pertence ao reinado de Jeoaquim, rei duro, perverso e cruel. "Salum", v. 11, foi Jeoacaz, que foi levado para o Egito e lá faleceu, 2 Rs 23:31-34. A morte miserável de Jeoaquim, vv. 18-19, é indicada em 2 Rs 24:6; 2 Cr 36:6. Conias (Jeconias, Joaquim) "não teve filhos",

v. 30: ele os teve, sim, 1 Cr 3:17, Mt 1:12, dos quais procedeu Cristo, porém ele e seu tio Zedequias foram os últimos reis terrestres a sentar-se no trono de Davi. Marcaram o fim do reino temporal de Judá: não tiveram sucessores.

Capítulo 23. Falsos Profetas

Grave acusação contra os chefes do povo de Deus. A denúncia mordaz que Jeremias apresenta contra os reis davídicos fornece o fundo de cena para uma visão prévia do Messias davídico vindouro, 23:5-8, ver sobre o cap. 33. Quanto aos falsos profetas: eram eles o maior obstáculo à aceitação das prédicas de Jeremias: homens que se arvoravam em profetas de Deus, pregavam seus próprios sentimentos e serviam aos seus próprios fins: bradavam, "Jeremias mente. Somos profetas de Deus, e Deus nos tem dito que Jerusalém está segura."

Capítulo 24. Os Dois Cestos de Figos

Os figos bons representavam o melhor do povo, que fora levado à Babilônia no cativeiro de Joaquim, 597 a.C., e antes, inclusive Ezequiel e Daniel. Os figos ruins, aqueles que ficaram em Jerusalém, intentavam com a ajuda do Egito resistir à Babilônia, 2 Rs 24:10-20.

Capítulo 25. Preditos Setenta Anos de Cativeiro

Foi isso na primeira parte do reinado de Jeoaquim, v. 1, cerca de 606 a.C., quando todo o mundo conhecido começava a ser pisado pela Babilônia, vv. 15-38. O fato notável é que se prediz a duração exata do domínio babilônico, vv. 11-14; 29:10. 2 Cr 36:21; Ed 1:1; Dn 9:2; Zc 7:5. É uma profecia surpreendente. A não ser pela revelação direta de Deus, não havia possibilidade de Jeremias conhecer isso.

Capítulo 26. Jeremias é Julgado Perante os Príncipes

Seus acusadores foram os sacerdotes e os falsos profetas. Jeremias, porém, contava com amigos, entre os príncipes, especialmente um de nome Aicão, que o livrou da morte. No entanto, um dos profetas seus colegas, chamado Urias, não teve a sua sorte, vv. 20-24.

NOTA ARQUEOLÓGICA: Urias; Elnatã; Nedabias; Salum. Urias fugiu para o Egito, vv. 20-24. O rei Jeoaquim enviou lá "Elnatã", um dos príncipes, v. 22, 36:12, para trazê-lo de volta.

Uma das "cartas de Laquis", escritas por esse tempo, (ver sôbre o cap. 34) faz referência ao "comandante da tropa, Quebarias, filho de Elnatã, que passou em demanda do Egito." Parece aludir ao incidente referido nos vv. 20-24.

Essa carta de Laquis também fala na "carta de Nedabias, servo do rei, que veio a Salum da parte do profeta." Nedabias era neto do rei Jeoaquim, 1 Cr 3:18. Salum (Jeoacaz) era irmão de Jeoaquim, 2 Rs 23:30,34; 1 Cr 3:15; Jr 22:11, que foi levado ao Egito.

Capítulos 27, 28. Brochas e Canzis

Jeremias pôs ao pescoço uma canga (canzil), igual à dos bois, e andou pela cidade, dizendo: do mesmo modo a Babilônia porá uma canga no pescoço deste povo. Um dos falsos profetas, Hananias, desaforadamente, quebrou a canga, 28:10; e, como castigo, morreu dentro de dois meses, 28:1,27.

Capítulo 29. A Carta de Jeremias aos Exilados

Escrita depois que o rei Joaquim e o melhor do povo tinham sido levados a Babilônia, aconselhando-os a ser cativos pacíficos e obedientes, e prometendo-lhes que voltariam à pátria depois de 70 anos, v. 10. Mas até na Babilônia os falsos profetas, inimigos figadais de Jeremias, não deixaram de lhe dar combate, vv. 21-32.

Capítulos 30, 31. Cântico de Restauração

Cântico para Israel e Judá, com vislumbres messiânicos, registrado por escrito por ordem específica de Deus, v. 2, de modo a poder ser guardado para ser comparado com os eventos dos séculos posteriores.

A nova aliança, 31:31-34. O Antigo Testamento é a história das relações de Deus com a nação judaica, na base da aliança feita no monte Sinai. Temos aqui uma predição definida de que a aliança mosaica seria ultrapassada e completada por outra. A substituição da aliança mosaica pela aliança cristã é a principal tese da Epístola aos Hebreus.

Capítulo 32. Jeremias Adquire um Campo

Foi isso um ano antes da queda de Jerusalém. O incêndio da cidade e a assolação de Judá estavam quase às portas. No meio do horror e do desespero daquela hora, Jeremias recebeu ordem de Deus para comprar um campo, em cerimônia pública, e entregar a escritura para ser guardada em segurança, a fim de, por essa forma, dar ênfase à sua predição de que os cativos regressariam, e a terra seria de novo lavrada.

Capítulo 33. O "Renovo"

Dos 20 reis davídicos, que reinaram em Judá durante os 400 anos entre Davi e o cativeiro, a maior parte foram homens muito maus. Somente poucos foram dignos do nome de Davi. Nos capítulos 22 e 23, Jeremias faz acusações graves a essa linhagem de reis, aos quais Deus dera a promessa de um TRONO ETERNO. Aqui, no cap. 33, ele repete, explicando mais amplamente, a profecia sobre um grande rei, chamado "O Renovo", em quem a promessa seria cumprida.

Capítulo 34. Zedequias Proclama Liberdade

Durante o assédio Zedequias proclamou liberdade a todos os escravos, evidentemente para ganhar o favor de Deus, porém não tornou efetiva a proclamação.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **As "cartas de Laquis".** Em 34:7 Laquis e Azeca se mencionam como estando sitiadas pelo rei da Babilônia. Fragmentos de 21 cartas, escritas durante este sítio, de um posto avançado de Laquis, ao capitão da guarda que defendia esta cidade, foram achados, em 1935, pela Expedição Arqueológica Wellcome, sob a direção de J. L. Starkey e Sir Charles Marston.

Tais cartas foram escritas pouco antes de Nabucodonosor lançar seu ataque final, ateando grandes fogueiras contra o muro da cidade.

Estas cartas foram encontradas num depósito de cinzas e carvão, no piso da sala da guarda.

Numa das cartas, a informação do posto avançado diz que "aguardava sinais de Laquis" e que "não podia divisar quaisquer sinais de Azeca", (talvez por já haver caído).

Essas cartas mencionam e se referem a certas pessoas, cujos nomes aparecem na narrativa bíblica, "Gemarias", oficial do rei Zedequias, Jr 29:3. "Jazanias", capitão de Nabucodonosor, 2 Rs 25:23. "Matanias", primitivo nome do rei Zedequias, 2 Rs 24:17. "Nerias", pai de Baruque, amanuense de Jeremias, Jr 43:3. Estas cartas foram escritas em hebraico clássico, por um contemporâneo desse profeta. Como voz oriunda dentre os mortos, confirmam a realidade da história de Jeremias.

Capítulo 35. O Exemplo dos Recabitas

Os recabitas eram uma tribo que vinha dos tempos de Moisés, 1 Cr 2:55, Nm 10:29-32, Jz 1:16, 2 Rs 10:15, 23, os quais, através dos séculos, observavam estritamente uma vida simples e ascética.

Capítulo 36. O Rei Queima o Livro de Jeremias

Jeremias, por esse tempo, já fazia 23 anos que vinha profetizando, desde o 13.º ano de Josias ao 4.º de Jeoaquim. Agora recebe ordem de colecionar essas profecias num livro, de modo a poderem ser lidas ao povo, porquanto nesse tempo o próprio Jeremias não gozava de liberdade para falar-lhe, v. 5. Levou um ano ou mais em escrever o livro, vv. 1, 9. Sua leitura acusou profunda impressão em alguns dos príncipes, porém o rei, descarada e desafiadoramente, queimou o livro. Jeremias teve de escrever tudo outra vez.

Capítulos 37, 38. A Prisão de Jeremias

Durante o cerco, quando os babilônios se retiraram temporariamente por causa da aproximação do exército egípcio, Jeremias, provavelmente devido à escassez de alimento em Jerusalém, tentou deixar a cidade e ir para sua residência em Anatote. Isto pareceu a seus inimigos uma tentativa de se juntar aos babilônios, visto que aconselhara insistentemente a rendição ao rei da Babilônia. De sorte que, suspeitando-o de ser traidor, a agir no interesse dos babilônios, foi preso. Zedequias revelou-se favorável a Jeremias, mas era um rei fraco.

Capítulo 39. Jerusalém é Incendiada

O fato vem narrado também no cap. 52 e em 2 Rs 25 (ver a nota) e em 2 Cr 36. Nabucodonosor, sabendo da advertência que de longa data Jeremias viera fazendo a Jerusalém, para que se lhe submetesse, agora se dispõe a conferir ao profeta qualquer honraria que ele queira aceitar, até mesmo um lugar digno na corte babilônica, vv. 11-14, 40:1-6.

Capítulos 40, 41. Gedalias é Nomeado Governador

Gedalias, a quem Nabuconosor nomeou governador de todos quantos ficaram em Judá, era filho de Aicão, poderoso amigo de Jeremias, 40:5 26:24. Mas no espaço de 3 meses foi assassinado, 39:2, 41:1.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **O Sinète de Gedalias.** Em Laquis, 1935, Starkey, da Expedição Arqueológica Wellcome, encontrou, na camada de cinzas do incêndio ateado por Nabucodonosor, no meio das "cartas de Laquis", um sinete com esta inscrição, "Pertence a Gedalias, chefe da casa."

Também o sinete de Jazanias (Jezanias), Jr 40:8, 2 Rs 25:23, que foi um dos capitães do exército de Gedalias. Em 1932 W. F. Bade, da "Pacific School of Religion", encontrou nas ruínas de Mizpá, 10 km a N.O. de Jerusalém, sede do governo de Gedalias, Jr 40:6, um primoroso sinete de ágata com a inscrição, "Pertence a Jazanias, servo do rei."

Capítulos 42, 43. A Partida para o Egito

O remanescente do povo, temeroso de uma vindita de Nabucodonosor pelo assassínio de Gedalias, fugiu para o Egito, embora explìcitamente avisado por Deus de que isto significaria sua extinção. Levaram Jeremias consigo.

NOTA ARQUEOLÓGICA: Tafnes, 43:8-13. Era uma fortificação de fronteira egípcia, na rota para a Palestina. Foi identificada sua localização, cerca de 16 km a Oeste do Canal de Suez. Em 1886, Sir Flanders Petrie descobriu as ruínas de grande castelo, diante do qual havia "grande plataforma descoberta, feita de alvenaria", o lugar onde, segundo acreditava Petrie, Jeremias encaixou as pedras, 43:8.

Outrossim, sabe-se dos anais de Nabucodonosor de que ele de fato invadiu o Egito no seu 37.º ano, isto é, 568 a.C., 18 anos depois que Jeremias profetizou que isso aconteceria, 43:10. Três das inscrições de Nabucodonosor foram descobertas perto de Tafnes.

Capítulo 44. O Último Apelo de Jeremias

Este último esforço para induzi-los a abandonar sua idolatria e práticas idolátricas falhou. Eram insolentes. A "rainha dos céus", v. 17, era Astarote, de cujo culto faziam parte atos imorais, com o assentimento dos maridos, vv. 15, 19.

O lugar e a maneira da morte de Jeremias ninguém sabe. Diz uma tradição que foi morto apedrejado pelos judeus no Egito. Reza outra que Nabucodonosor o levou do Egito, com Baruque, à Babilônia, onde faleceu.

Capítulo 45. Baruque

Baruque, amanuense de Jeremias, era irmão de Seraías, camareiro-mor do rei, 51:59. Era homem proeminente e de altas ambições, v. 5. Agora no Egito, registra o aviso de Deus, dado 18 anos antes, e a promessa de que sobreviveria à invasão. Foi reconhecido como de grande influência junto a Jeremias, 43:3.

Capítulo 46. O Egito

Descrição da derrota do exército egípcio em Carquemis, 605 a.C., no período médio da vida de Jeremias, vv. 1-12; e uma profecia posterior de que Nabucodonosor invadiria o Egito, vv. 13-26, que é um desenvolvimento de 43:8-13 (ver esta passagem). Mais de 100 anos antes, Isaías profetizara as invasões do Egito pelos assírios, ver sobre Is caps. 18 a 20. Ezequiel teve também algo a dizer sobre o Egito, Ez caps. 19 a 32.

Capítulo 47. Os Filisteus

Esta profecia da assolação da Filístia pela Babilônia foi cumprida quando Nabucodonosor capturou Judá. Outros profetas que se ocuparam dos filisteus foram: Is 14:28-32; Am 1:6-8; Ez 25:15-17; Sf 2:4-7; Zc 9:1-7.

Capítulo 48. Moabe

É um quadro da assolação que pende sobre Moabe. Este ajudou Nabucodonosor contra Judá, porém mais adiante foi devastado por ele, 582 a.C. Durante séculos o país de Moabe tem permanecido desolado e escassamente habitado, testemunhando as ruínas das suas muitas cidades à densidade demográfica de outrora. Sua restauração, cap. 47, e a de Amom, 49:6, podem ter sido cumpridas na sua absorção pela raça árabe em geral, alguns de cujos representantes estavam presentes no Pentecostes, quando as bênçãos do evangelho foram primeiro proclamadas ao mundo, At 2:11. Ou pode significar que esse país ainda será próspero. Outras profecias sobre Moabe são: Is caps. 15, 16, Ez 25:8-11, Am 2:1-3, Sf 2:8-11.

Capítulo 49. Amom. Edom. Síria. Hazor. Elão.

Predição de que Nabucodonosor conquistaria estas nações, o que aconteceu em 599 a.C. Amom, ver sobre Ez 25:1-11. Edom, ver sobre Obadias. Elão foi conquistado por Nabucodonosor, 586 a.C.

Capítulos 50, 51. Predição da Queda da Babilônia

A queda e assolação perpétua da Babilônia são aqui preditas em linguagem condizente com a magnitude do tema, 51:37-43, como Isaías fizera antes, Is 13:17-22. Os medos, liderando grande companhia de nações, são nomeados como sendo os conquistadores, 50:9, 51:11, 27, 28. Estes dois capítulos, que anunciam a condenação da Babilônia, foram copiados num livro separado que se enviou a esse país por uma delegação .encabeçada pelo rei Zedequias, sete anos antes que Nabucodonosor queimasse Jerusalém, 51:59-64. Daniel estivera na Babilônia havia uns 15 anos, e já havia predito a Nabucodonosor a queda do seu reino, Dn 2. O livro era para ser lido publicamente e depois, em cerimônia solene, submerso no Eufrates com estas palavras, "Assim afundará a Babilônia e não se levantará."

Capítulo 52. O Cativeiro de Judá

Ver sobre 2 Rs caps. 24, 25.

LAMENTAÇÕES

Cântico Fúnebre sobre a Desolação de Jerusalém

A dor de Jeremias à vista da cidade pela qual ele tudo fizera para a salvar, não que não cresse que ela ainda se ergueria de suas ruínas, caps. 31, 32 — faz-nos lembrar o lamento de Jesus sobre a mesma Jerusalém, Mt 23:37,38; Lc 19:41-44. Jerusalém reergueu-se, sim, e deu seu nome à capital de um Mundo Remido de Glória Eterna, Hb 12:22, Ap 21:2.

Apêndice a Jeremias

O último capítulo de Jeremias, sobre o incêndio de Jerusalém e o começo do exílio babilônico, deve ser lido como introdução a este livro. A Septuaginta apresenta este prefácio: "E aconteceu que, depois de Israel ter sido levado em cativeiro e Jerusalém ter ficado devastada, Jeremias sentou-se a chorar e proferiu esta lamentação sobre ela, dizendo:".

Todavia, no Antigo Testamento Hebraico este livro não segue o de Jeremias, como é o caso em nossa Bíblia, porém figura no grupo denominado "Hagiógrafos" ou "Escritos": Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester. Estes figuravam em rolos separados, porque eram lidos em festas diferentes. Estas Lamentações, até hoje, pelo mundo inteiro, onde quer que haja judeus, são lidas nas sinagogas, no dia 9 do 4.º mês, Jr 52:6, em memória da destruição de Jerusalém.

A "Gruta de Jeremias"

É o nome do lugar, um pouco fora do muro setentrional de Jerusalém, onde, segundo reza a tradição, Jeremias chorou lágrimas amargas, e compôs esta pesarosa elegia. Essa gruta fica sob o outeirinho que hoje se chama "Gólgota", a mesma colina onde foi levantada a cruz de Jesus. Assim, o profeta sofredor chorou onde mais tarde o Salvador padecente morreu.

Um Acróstico Alfabético

O livro consiste em cinco poemas, quatro dos quais são acrósticos, isto é, cada verso começa com uma letra do alfabeto hebraico, na mesma ordem alfabética. Era esta uma forma favorita de poesia hebraica, usada para ajudar a memória. Os nomes das letras do alfabeto hebraico são: "Aleph, Beth, Gimel, Daleth, Hê, Vav, Zayin, Heth, Teth, Yodh, Kaph, Lamedh, Mem, Num, Sâmekh, Ayin, Pê, Tsadhe, Qoph, Resh, Sin, Tav". Em cada um dos capítulos 1, 2, e 4 há 22 versos, um para cada letra. No cap. 3 havia 3 versos para cada letra, perfazendo 66 ao todo. O cap. 5 tem 22 versos, porém não em ordem alfabética.

Seu Uso Imediato

O livro deve ter sido composto nos 3 meses entre o incêndio de Jerusalém e a partida do remanescente para o Egito, Jr 39:2, 41:1,18; 43:7, tempo em que a sede do governo esteve em Mizpá, Jr 40:8, cerca de 9 km a N.O. de Jerusalém. Provavelmente foi feita uma porção de cópias; algumas levadas para o Egito, outras enviadas à Babilônia, para que os cativos as decorassem e cantassem.

Capítulo 1. Sião Desolada

Não é fácil dar o assunto de cada capítulo. As mesmas idéias, expressas de modo diferente, percorrem todos os capítulos: os horrores do cerco; a desolação das ruínas; tudo por causa dos pecados de Sião. Jeremias, aturdido, tonto, de coração quebrantado, chora inconsolavelmente. Um dos fatos a que se dá ênfase especial neste capítulo é o de que o povo provocou esta catástrofe que lhe sobreveio por causa do seu próprio pecado.

Capítulo 2. A Ira de Deus

A devastação de Jerusalém é atribuída diretamente à ira de Deus, vv. 1, 2, 3, 4, 6, 21, 22. Jerusalém, situada num monte e cercada de outros, era, quanto à localização física, a mais bela cidade então conhecida, "a perfeição da formosura", v. 15, mesmo comparada com Babilônia, Nínive, Tebas e Mênfis, que ficavam em planícies, à margem de rios. Demais disto, era a cidade do cuidado especial de Deus, por Ele escolhida para uma missão ímpar, principal meio das relações de Deus com os homens, a mais favorecida e altamente privilegiada cidade de todo o mundo, amada de Deus de um modo excepcional e muito particular, gozando de Sua especial proteção. Além do que, era tão bem fortificada que geralmente se acreditava fôsse inexpugnável, 4:12. Porém esta cidade de Deus havia-se feito pior do que Sodoma, 4:6; e muros inexpugnáveis não são defesa contra a ira de Deus. Que o Deus de amor infinito e insondável é também um Deus de ira terrível para com os que persistentemente escarnecem de Seu amor, isto é um ensinamento declarado e ilustrado muitas e muitas vezes pela Bíblia toda.

Capítulo 3. A Aflição de Jeremias

Neste capítulo Jeremias parece queixar-se de que Deus não fizera caso dele e de suas orações, v. 8; "de nuvens te encobriste para que não passe a nossa oração", v. 44. Posto que se queixe, justifica a Deus, reconhecendo que o povo merecia castigo, v. 22. O ponto alto do livro é o trecho que vai de v. 21 a v. 39, neste capítulo.

Capítulos 4, 5. Os Sofrimentos Provenientes do Cerco

Enumerados e sumariados. Jeremias não podia desviar o pensamento dos horrores do cerco, o choro das crianças a morrerem de fome, 2:11,12,19; 4:4, as mulheres cozendo os próprios filhos como alimento, 2:20; 4:10.

Não obstante, a despeito de seus sofrimentos horríveis, Jerusalém não aprendeu a lição. Depois do cativeiro foi reedificada, e nos dias de Cristo já se havia tornado novamente grande e poderosa cidade, cujo pecado chegou ao extremo de crucificar o Filho de Deus. Seguiu-se sua extirpação pelos exércitos de Roma, 70 d.C. Ver sobre Hb 13.

EZEQUIEL

A Queda de Jerusalém

Julgamentos de Nações Vizinhas

A Restauração de Israel

"Saberão que Eu Sou o Senhor"

Ezequiel foi profeta do cativeiro. Foi levado para a Babilônia em 597 a.C., 11 anos antes de Jerusalém ser destruída.

O Cativeiro Assírio de Israel dera-se 120 anos antes:

732 a.C. A Galiléia e todo o Norte e Leste de Israel, por Tiglate-Pileser.
722 a.C. Samaria e o resto de Israel, por Sargão.
701 a.C. 200.000 habitantes de Judá, por Senaqueribe.

O Cativeiro Babilônico de Judá foi consumado:

605 a.C. Alguns cativos levados à Babilônia, inclusive Daniel.
597 a.C. Mais cativos levados à Babilônia, inclusive Ezequiel.
587 a.C. Jerusalém é incendiada. Ver mais na pág. 196.

O cativeiro durou 70 anos, 605-538 a.C. De 597 a.C. até pelo menos 570 a.C. Ezequiel esteve lá.

Ezequiel e Daniel

Daniel fazia 9 anos que estava na Babilônia, quando Ezequiel chegou, e já havia alcançado grande fama, 15:14-20. Daniel no palácio; Ezequiel no campo.

Ezequiel e Jeremias

Ambos eram sacerdotes, sendo Jeremias mais velho. Ezequiel pode ter sido seu discípulo. Ezequiel pregava entre os exilados o mesmo que Jeremias anunciava em Jerusalém: a certeza do castigo de Judá, devido aos seus pecados.

Ezequiel e João

Algumas das visões de Ezequiel parecem estender-se ao livro do Apocalipse: os querubins, Ez 1, Ap 4; Gogue e Magogue, Ez 38, Ap 20; a ordem de comer o livro, Ez 3, Ap 10; a Nova Jerusalém, Ez 40-48, Ap 21; o rio de Água da Vida, Ez 47, Ap 22.

"Saberão Que Eu Sou o Senhor"

É uma nota predominante no livro. Contamos 62 lugares onde ocorre a frase, em 27 dos 48 capítulos, a saber: 6:7,10,13,14; 7:4,9,27; 11:10,12; 12:15,16,20; 13:9,14,21; 14:8; 15:7; 16:62; 17:21,24; 20:12,20,28,38, 42,44; 21:5; 22:16,22; 23:49; 24:24,27; 25:5,7,11,17; 26:6; 28:22,23, 24,26; 29:6,9,16,21; 30:8,19,25,26; 32:15; 33:29; 34:27,30; 35:4,9,12, 15; 36:11,23,36,38; 37:6,13,14,28; 38:16,23; 39:6,7,22,23,28.

A missão de Ezequiel parece ter sido explicar e justificar a ação divina em causar ou permitir o cativeiro de Israel, que foi devido às indizíveis abominações de que esse povo se fez culpado; as mesmas abominações que levaram outros povos a serem riscados do mapa. Quanto, porém, a Israel foi uma punição. Por esse castigo chegaria a saber que o SENHOR é Deus. O que aconteceu de fato. O Cativeiro Babilônico curou-os da idolatria.

Até àquele tempo queriam ser idótratas, custasse o que custasse. Daquela época até hoje, os judeus podem ter sido culpados de outros pecados, menos do pecado de idolatria.

A Cronologia do Livro de Ezequiel

O pivô central do livro é a destruição de Jerusalém, ocorrida em 587 a.C. Suas profecias começaram 6 anos antes disso, e continuaram por 16 anos depois, abrangendo um período de 22 anos. Até à queda de Jerusalém, Ezequiel de um ou outro modo, e sem cessar, predizia a certeza do fato, caps. 1-24. Depois, suas profecias trataram da derrocada das nações pagãs vizinhas, caps. 25-32, e do restabelecimento e futuro glorioso de Israel, caps. 33-48.

Suas visões, com pequenas exceções, apresentam-se em seqüência cronológica. Contam-se os anos a partir do cativeiro de Joaquim, que se deu em 597 a.C. Pensa-se que o "30.º ano", 1:1, equivalente ao "5.º ano" do cativeiro de Joaquim, 1:2, foi o 30.º ano da vida de Ezequiel (idade em que os levitas começavam a ministrar, Nm 4:3; Jesus e João Batista começaram seus ministérios aos 30). Ou pode ter sido o 30.º ano do calendário babilônico, contando-se da independência da Babilônia de sob o poder da Assíria, conquistada por Nabopolassar, 626 a.C.

As datas das visões de Ezequiel são as seguintes:
Capítulo 1:2, 5.º ano 4.º mês (julho) dia cinco, 592, a.C.
Capítulo 8:1, 6.º ano 6.º mês (setembro) dia cinco, 591, a.C.
Capítulo 20:1, 7.º ano 5.º mês (agosto) dia dez, 590 a.C.
Capítulo 24:1, 9.º ano 10.º mês (janeiro) dia dez, 587 a.C.

O Cerco de Jerusalém Começou no 9.º Ano, 10.º Mês, dia 10

Capítulo 26:11, 11.º ano 5.º (?) mês (agosto) dia primeiro, 586 a.C.
Capítulo 29:1, 10.º ano 10.º mês (janeiro) dia doze, 586 a.C.
Capítulo 29:17, 27.º ano 1.º mês (abril) dia primeiro, 570 a.C.
Capítulo 30:20, 11.º ano 1.º mês (abril) dia sete, 586 a.C.
Capítulo 31:1, 11.º ano 3.º mês (junho) dia primeiro, 586 a.C.

Jerusalém Caiu no 11.º Ano, 4.º Mês, Dia 9

Capítulo 32:1, 12.º mês (março) dia primeiro, 584 a.C.
Capítulo 32:17, 12.º ano 12º(?) mês (março) dia quinze, 584 a.C.
Capítulo 33:21, 12.º ano 10.º mês (janeiro) dia cinco, 584 a.C.
Capítulo 40:1, 25.º ano 1.º (?) mês (abril) dia dez, 572 a.C.

Visto que Ezequiel é tão meticuloso nas datas de suas visões, dando até o dia exato, admite-se que toda a narrativa que segue uma data pertence àquela época, até mencionar-se a data seguinte.

Capítulo 1:1-3. A Época de Ezequiel e Onde Morava

Foi levado cativo com o rei Joaquim, 597 a.C. (ele o chama "nosso" exílio, 33:21; 40:1). Teve esposa, 24:15-18, e lar, 8:1. Viveu entre os cativos junto ao rio Quebar, que era o grande canal navegável derivado do Eufrates acima de Babilônia e que, depois de atravessar Nipur, desaguava no Tigre.

Nipur, uns 80 km a S.E. de Babilônia, era Calné, uma das cidades que Ninrode construiu logo após o dilúvio, Gn 10:10. Tel-Abibe parece ter sido cidade de residência de Ezequiel, 3:15,24. Pensa-se que ficava perto de Nipur, ver mapa à pág. 67. Existe na região uma vila chamada "Kilfil", palavra árabe correspondente a "Ezequiel", na qual, segundo reza a tradição, ele morou e onde foi sepultado. Uns 64 km distante ficava Fara, tradicional lugar de residência de Noé. Este fato pode ter sugerido o emprego do nome de Noé, 14:14,20. Eridu, local tradicional do Jardim do Éden, distava apenas 160 km. Talvez fosse isto que sugerisse a Ezequiel a freqüente referência ao Jardim do Éden, 28:13; 31:8,9,16,18; 36:35.

"Filho do Homem": 90 vezes Ezequiel é assim chamado. Em Dn 7:13 usa-se esta expressão a respeito do Messias. Foi o título que comumente Jesus aplicou a Si, ver sobre Jo 1:14.

Visões e atos simbólicos são característicos do livro de Ezequiel. Alguns de seus atos simbólicos acompanharam-se de sofrimentos pessoais intensíssimos e de amarguríssimas tristezas. Teve de ficar mudo por longo tempo, 3:26; 24:27; 33:22. Deitou-se de um lado só por mais de um ano, 4:5. Alimentou-se de comida repugnante, 4:15. A esposa, a quem amava ternamente, foi-lhe arrebatada de súbito, 24:16-18.

Capítulo 1:4-28. Ezequiel tem uma visão de Deus

Os "seres viventes" identificam-se com os "querubins", 10:20. Postava-se cada um deles no meio de cada lado de um quatrilátero; suas asas estendidas tocavam os ângulos desse quadrilátero. Cada querubim tinha quatro rostos: o rosto de homem, olhando para fora do quadrilátero; à sua direita, o rosto de leão; à sua esquerda, o rosto de boi; na retaguarda, olhando para o centro do quadrilátero, o rosto de águia. Havia quatro enormes rodas móveis (10:6), uma ao lado de cada querubim. As rodas pareciam ser de berilo, pedra preciosa de cor verde; suas bordas eram cheias de olhos. Este ser vivente quádruplo ziguezagueava de um lugar para outro, como relâmpago; seu ruído era como o bramido do oceano.

Acima do ser vivente havia um firmamento de cristal. Sobre o firmamento, um trono de safira azul. Sentado no trono, um vulto semelhante a um homem, envolto no fulgor de incandescente luz e cercado de arco-íris. Tudo isto figurava dentro de enorme nuvem escura e tempestuosa, a despedir relâmpagos. Foi sob esta forma que Deus apareceu a Ezequiel. Significava Sua glória, poder, onisciência, onipresença, onipotência, soberania, majestade e santidade.

Querubins guardavam o acesso à árvore da vida, Gn 3:24. Figuras de querubins foram colocadas sobre a Arca do Concerto, Êx 25:18-20, e bordadas no véu do Tabernáculo, Êx 26:31, as quais foram reproduzidas no Templo, 1 Rs 6:23,29; 2 Cr 3:14. Estiveram entretecidos no pensamento bíblico desde o começo, como atendentes angélicos de Deus. Em Ap 4:6,7; 5:6; 6:1,6; 7:11; 14:3; 15:7; 19:4; estão intimamente relacionados com o desenrolar do destino da Igreja.

Capítulos 2, 3. A Comissão de Ezequiel

Logo no princípio Ezequiel é avisado de que está sendo chamado a uma vida de aspereza e perseguição. A mensagem lhe é entregue da parte de Deus sob a forma de um livro, que ele recebe ordem de comer, como

aconteceu com João, Ap 10:9. Em sua boca o livro é doce, o que parece significar ter ele achado alegria em ser mensageiro de Deus, embora a mensagem contivesse anúncio de aflição. Comer o livro, fosse literalmente, fosse só em visão, significava que ele assimilava inteiramente o seu conteúdo, de modo que a mensagem dele se tornava parte da sua personalidade. Em 3:17-21 parece que Deus coloca sobre Ezequiel a responsabilidade pela condenação de seu povo, da qual só se poderá eximir por uma fiel declaração da mensagem divina. É também avisado de que Deus, às vezes, lhe imporá silêncio, 3:26; 24:27; 33:22; sendo isto uma advertência para que ele fale, não suas próprias idéias, mas somente o que Deus lhe ordenar.

Capítulos 4, 5, 6, 7 O Cerco Simbólico de Jerusalém

A mensagem inicial de Ezequiel aos exilados, os quais esperavam regressar logo a Jerusalém, consistiu num aviso pitoresco de que esta cidade estava para ser destruída, que em breve outros cativos se lhes juntariam, e que o seu cativeiro duraria no mínimo 40 anos. Estes 40 anos podem querer significar um número redondo, denotando uma geração. Por esse tempo, 592 a.C., alguns dos cativos já estavam lá fazia 14 anos. Seis anos mais tarde, Jerusalém foi queimada. A partir daí o cativeiro durou 50 anos, 586-538 a.C.

Quanto aos 390 anos da iniqüidade de Israel, 4:5: a Septuaginta tem 190, que foi o período aproximado de 722 a 538 a.C. Se 390 é a expressão correta, os 200 anos adicionais dilatariam o tempo até ao período grego de Alexandre, o Grande, que nas conquistas que fez daquelas terras mostrou grande consideração a todos os judeus. Alguns julgam que os 430 anos (390 mais 40), a duração da permanência no Egito, Êx 12:40, estão aí como símbolo de um segundo cativeiro.

Como sinal da fome que os cativos sofreriam Ezequiel alimentou-se de pão repugnante. Durante o cerco deitou-se de lado, fosse de contínuo, fosse a maior parte de cada dia, o que, juntamente com a dieta de fome significava grande incômodo.

Capítulo 5. Findo o cerco, recebe ordem, como outro simbolismo do triste fim dos habitantes de Jerusalém, de rapar o cabelo e queimar-lhe uma parte, ferir outra à espada e o resto espalhar aos ventos.

Capítulos 6, 7. Espécie de canto fúnebre sobre a destruição e desolação da terra de Israel; sua principal particularidade é que os judeus, por esse castigo terrível, virão a saber que o SENHOR é Deus.

Capítulos 8, 9, 10, 11. A Viagem de Ezequiel a Jerusalém, em Visão

Setembro, 591 a.C., um ano e dois meses após sua chamada, foi transportado em êxtase a Jerusalém, onde Deus lhe mostrou as execráveis idolatrias praticadas no Templo. A "imagem dos ciúmes", 8:3, provavelmente era Astarte (a Vênus da Síria). O Culto secreto de animais, 8:10, provavelmente um culto egípcio, dirigido por Jazanias, v. 11, cujo pai, Safã, liderara a reforma de Josias, 2 Rs 22:8, e cujos irmãos Aicão e Gemarias foram amigos íntimos de Jeremias, Jr 26:24; 36:10,25, mesmo enquanto o profeta bradava, horrorizado com esse sacrilégio. Tamuz, v. 14, era o Adônis babilônico, consorte de Vênus da Síria, cujo culto se celebrava em meio a

orgias imorais. Assim, a despeito de aviso sobre aviso, castigo sobre castigo, o reino de Judá, outrora poderoso, mas agora reduzido ao ponto de quase extinção, ainda estava se afundando mais nos abismos de infame idolatria, — horrores que a justiça divina não mais podia tolerar.

Capítulo 9. Visão da matança dos idólatras de Jerusalém, excetuados os fiéis que traziam o sinal do anjo-escrevedor, vv. 3, 4.

Capítulo 10. Reaparição dos querubins do cap. 1, um dos quais superintende a destruição e o morticínio de Jerusalém.

Capítulo 11. Visão da futura restauração dos exilados, humilhados, purificados e curados da idolatria, vv. 10, 12.

Finda sua missão, Ezequiel foi levado de volta, no carro dos querubins, à sua morada no exílio, e prestou relatório aos anciãos, 8:1; 11:25.

Capítulo 12. Ezequiel Faz Mudança com Sua Bagagem

Outro ato simbólico, para enfatizar mais o cativeiro iminente de Jerusalém. Contém surpreendente e minuciosa profecia da sorte de Zedequias; sua fuga secreta, captura e remoção para a Babilônia, sem nada ver, vv. 10, 12, 13. Cinco anos mais tarde aconteceu exatamente como Ezequiel dissera: Zedequias tentou escapar às ocultas, foi preso, seus olhos foram vazados, e ele foi conduzido à Babilônia, Jr 52:7-11.

Capítulo 13. Falsos Profetas

Eram muito numerosos, tanto em Jerusalém como no meio dos cativos, ver Jr caps. 23 e 29, a enganar o povo com falsas esperanças, como se construíssem uma parede sem argamassa. Os "invólucros cosidos" (almofadas), v. 18, e "véus" (mantas) v. 21, deviam ser usados em alguma espécie de rito mágico.

Capítulo 14. Inquiridores Hipócritas

A uma delegação de apreciadores de ídolos a resposta de Deus não consiste em palavras, mas na *destruição rápida e terrível de Israel idólatra*. Pode ser que por influência de Daniel, cap. 14, Nabucodonosor tivesse até aí poupado Jerusalém.

Capítulo 15. A Parábola do Pau de Videira

Inútil para produzir fruto e inútil como madeira. Só servia para combustível. Assim, Jerusalém para nada mais prestava, senão para o fogo.

Capítulo 16. A Alegoria da Esposa Infiel

Este capítulo é um retrato muito vívido da idolatria de Israel, sob a figura de uma esposa, amada do seu marido, que dela fez rainha, e cumulou-a de sedas e peles e toda coisa bela; a qual se fez meretriz de todo homem que passava, envergonhando a própria Sodoma e Samaria.

Capítulo 17. A Parábola das Duas Águias

A primeira águia, v. 3, era o rei de Babilônia. A "ponta mais alta dos ramos", v. 4, foi Joaquim, que foi levado para aquele país, 2 Rs 24:11-16, seis anos antes que esta parábola fosse proferida. A "muda da terra", 17:5 que se plantou foi Zedequias, 2 Rs 24:17. A outra águia, v. 7, era o rei do

Egito, em quem Zedequias confiava. Por sua traição, este será levado à Babilônia, para ser castigado e aí morrer, vv. 13:21. Isto aconteceu 5 anos mais tarde, 2 Rs 25:6,7, uma repetição do que Ezequiel havia antes profetizado, 12:10-16. O "renovo mais tenro", vv. 22:24, que Deus plantaria mais adiante, na família real restaurada de Davi, teve seu cumprimento no Messias.

Capítulo 18. "A Alma Que Pecar, Essa Morrerá"

Muito se diz nos profetas para deixar claro que o cativeiro de Israel era devido aos pecados acumulados das gerações precedentes. A geração que sofreu o cativeiro, olvidando o fato de que era "pior do que seus pais", procurava agora lançar neles a culpa. A idéia central deste capítulo é que Deus julga cada pessoa à vista da sua conduta individual e pessoal, vv. 21-24. É um apelo vibrante aos ímpios para que se arrependam, vv. 30-32.

Capítulo 19. Canto Fúnebre sobre a Queda do Trono de Davi

Sob a figura de uma Leoa, a família de Davi, outrora grande e poderosa, agora está por terra. O primeiro cachorrinho, v. 3, foi Jeoacaz (Salum), que foi levado para o Egito, 2 Rs 23:31-34. O segundo cachorrinho, v. 5, foi Joaquim ou Zedequias, os quais foram levados para a Babilônia, 2 Rs 24:8-25:7.

Capítulo 20:1-44. Enumeração das Idolatrias de Israel

Geração após geração vieram se chafurdando na imundície do culto aos ídolos. Note-se a profecia de restauração, ver sobre o cap. 37.

Capítulos 20:45-49 e 21. "Cântico da Espada"

Prestes a ser desembainhada contra Jerusalém e Amom. "O Sul", 20:46, era a terra de Judá. Nabucodonosor apresenta-se hesitante sobre se deve atacar primeiro Jerusalém, ou Amom, vv. 21:21. Decidiu-se por Jerusalém, e atacou Amom 5 anos mais tarde. "Até que venha aquele a quem ela pertence de direito", 21:27: isto é, a derrocada do trono de Zedequias, vv. 25-27, seria o fim do reino de Davi até à vinda do Messias, 34:23-24; 37:24; Jr 23:5, 6.

Capítulo 22. Os Pecados de Jerusalém

Repetida e explicitamente Ezequiel nomeia os pecados de Jerusalém: contamina-se com os ídolos, derrama sangue, devora as almas, oprime o órfão e a viúva, despreza pai e mãe, profana o sábado, dá-se à usura, à calúnia, ao roubo, ao adultério indiscriminado, e os príncipes, sacerdotes e profetas são quais lobos vorazes atrás de lucros desonestos.

Capítulo 23. Oolá e Oolibá

Duas irmãs, insaciáveis em sua lubricidade. É uma parábola da idolatria de Israel. Oolá, Samaria; Oolibá, Jerusalém. Ambas bem desenvolvidas em seu adultério. Muitas e muitas vêzes a relação entre marido e mulher se usa para representar a relação entre Deus e seu povo, ver sobre o cap. 16. O adultério promíscuo deve ter sido muito vulgar, 16:32; 18:6,11,15; 22:11; 23:43; Jr 5:7-8; 7:9; 9:2; 23:10, 14; 29:23.

Capítulo 24. A Panela ao Fogo

Símbolo da destruição de Jerusalém, agora próxima. A carne retirada da panela representava os cativos. A ferrugem representava o derrame de sangue e a imoralidade da cidade. A panela vazia, levada de volta ao fogo, é o incêndio da cidade.

A morte da mulher de Ezequiel, vv. 15-24. Foi isto no dia em que começou o cerco de Jerusalém, vv. 1,18; 2 Rs 25:1: sinal aflitivo para os exilados, de que sua Jerusalém amada, orgulho e glória de sua nação, ia ser agora tomada. Foi imposto silêncio a Ezequiel até que viesse notícia da queda da cidade, 3 anos mais tarde, v. 27; 33:21,22.

Capítulo 25. Amom, Moabe, Edom, Filístia

Estas quatro nações eram as vizinhas mais próximas de Judá, que se regozijaram com a destruição de Judá pela Babilônia. Ezequiel prediz aqui para elas a mesma sorte, como Jeremias também fizera, Jr 27:1-7. Nabucodonosor submeteu aos filisteus, quando capturou Judá, e quatro anos depois invadiu Amom, Moabe e Edom.

Capítulos 26, 27, 28. Tiro. Visões de 587 a.C.

Estas visões da condenação de Tiro foram dadas a Ezequiel no mesmo ano da queda de Jerusalém, isto é, o 11.º ano, 26:1.

Capítulo 26. Profecia do assédio por Nabucodonosor e da assolação permanente de Tiro. Logo no ano seguinte, 587 a.C., Nabucodonosor sitiou Tiro. Levou 13 anos para conquistar essa cidade, 587-574 a.C.

Tiro, situada a 96 km ao N.O. de Nazaré, era uma cidade dupla, parte numa ilha e parte no continente, numa planície fértil e bem irrigada, ao sopé ocidental da cordilheira do Líbano, 8 km ao Sul da foz do Rio Leontes. Foi a grande potência marítima do mundo antigo, e estava no fastígio de sua glória, que durou do 12.º ao 6.º século a.C., possuindo colônias nas costas N. e O. da África, na Espanha e Bretanha. Dominava o comércio do Mediterrâneo, passando pelo seu porto as mercadorias de todas as nações. Era cidade famosa por seu esplendor e riqueza fabulosa. Subjugada por Nabucodonosor, deixou de ser potência livre. Foi adiante submetida pelos persas, e outra vez por Alexandre, o Grande, 332 a.C., que a capturou construindo um molhe de um quilômetro de largura, do continente à ilha. Nunca mais recuperou sua glória antiga; durante séculos tem sido uma "penha descalvada", onde os pescadores estendem suas redes para as enxugar, 26:4,5,14, cumprimento impressionante da profecia de Ezequiel, de que nunca mais subsistiria, 26:14, 21; 27:36; 28:19.

Capítulo 27. Tiro, senhora do Mediterrâneo, é retratada sob a figura de majestoso navio, de beleza incomparável, carregado das mercadorias e tesouros das nações, prestes a se submergir.

Capítulo 28:1-19. A derrocada do orgulhoso rei de Tiro, o qual, no trono de sua ilha inascessível e inexpugnável, zombava de qualquer ameaça à sua segurança.

Capítulo 28:20-24. A derrota de Sidom, 32 km ao N. de Tiro. Foi tomada por Nabucodonosor quando este capturou Tiro.

Capítulos 29, 30, 31, 32. Egito. Seis Visões

Predizendo a invasão do Egito por parte de Nabucodonosor, e a redução de Egito a uma posição de importância menor para todo o tempo futuro.

Nabucodonosor invadiu e despojou o Egito em 572 e 568 a.C. O Egito nunca obteve de volta a sua glória anterior, e, a partir de então, tem desempenhado um papel muito secundário na história do mundo, cumprindo num sentido muito real a profecia deEzequiel de que se tornaria "o mais humilde dos reinos" (29:15).

29:1-16. Janeiro, 587 a.C., 6 meses antes da queda de Jerusalém. 15 anos depois desta profecia, Nabucodonosor invadiu o Egito. Nesta visão, Israel é representado por um Crocodilo, assim como Tiro foi representado por um Navio no capítulo 27. O Crocodilo, monarca do Nilo, era um dos deuses do Egito. Os "40 anos" do cativeiro e da desolação do Egito 11, 1): passaram quase 40 anos entre a subjugação do Egito levada a efeito por Nabucodonosor e o Surgimento da Pérsia, 539 a.C., o que permitiu a todos os povos cativos voltarem às suas pátrias.

29:17-30:19. Abril, 579 a.C.: 16 anos após a queda de Jerusalém. Esta visão, dada muitos anos depois das outras cinco, e nas vésperas de Nabucodonosor marchar sobre o Egito, é inserta aqui por motivo de unidade de assunto. "Não houve paga para o seu exército," 29:18: Nabucodonosor, servo de Deus para castigar as nações, fazia já 13 anos que sitiava Tiro, 587-574 a.C. Relativamente ao tempo gasto, o despojo fora decepcionante, visto que muitos habitantes fugiram levando suas riquezas. Mas agora vai descontar no Egito, v. 20. "Já não haverá príncipe", 30:13, isto é, um governante nativo de importância.

30:20-26. Abril, 587 a.C. Três meses antes da queda de Jerusalém, "quebrei", v. 21, provavelmente se refere à derrota do exército de Faraó, Jr 37:5-9.

Cap. 31. Junho, 587 a.C. Um mês antes da queda de Jerusalém. O Egito é avisado no sentido de atentar na sorte da Assíria, que era mais poderosa do que ele, e no entanto sucumbira à Babilônia.

31:1-16. Março, 585 a.C. Um ano e 8 meses após a queda de Jerusalém. Lamentação sobre o Egito, a ser esmagado pela Babilônia.

32:17-32. Março, 585 a.C. Um ano e 8 meses depois da queda de Jerusalém. Retrata o Egito e seus comparsas no reino dos mortos.

Capítulo 33. A Notícia da Queda de Jerusalém

Ano e meio depois da queda da cidade, ver cronologia sobre 1:1-3. Ezequiel guardava silêncio desde o dia em que o cerco começava, um período de 3 anos, 24:1,26,27; 33:22. As visões dos caps. 26 a 31, na maior parte ocorridas nesses 3 anos e que visaram diretamente o Tiro e o Egito, devem

ter sido escritas, não proferidas.

Em sua primeira fala, após receber a notícia, Ezequiel declarou que os poucos ímpios deixados em Judá seriam exterminados, vv. 23-29. Cinco anos mais tarde, Nabucodonosor levou mais 745 cativos, Jr 52:30.

E segue-se uma nota acerca da popularidade de Ezequiel entre os exilados, vv. 30-33, que estavam empolgados com os seus discursos, mas continuavam impenitentes.

Capítulo 34. Acusação Contra os Pastôres de Israel

A responsabilidade pelo cativeiro de Israel é aqui lançada diretamente sobre os reis e sacerdotes gananciosos e cruéis, que haviam explorado e desencaminhado o povo. Servindo isto de fundo de cenário, Ezequiel tem uma visão do futuro pastor do povo de Deus, na pessoa do Messias vindouro, a brotar de Davi, vv. 15, 23, 24, sob o qual nunca mais o povo sofrerá, e haverá "chuvas de bênçãos", v. 26.

Capítulo 35. A Condenação de Edom

Tendo sido levados os habitantes de Judá e Israel, Edom pensou que chegara a oportunidade de se apossar dessas terras, v. 10; 36:2, 5. Mas 3 anos depois, Edom teve a mesma sorte. Ver sobre Obadias.

Capítulo 36. A Terra de Israel Será Reabitada

Desolada agora, tornar-se-á um dia qual jardim do Éden, v. 35; povoada de um Judá e um Israel arrependidos, vv. 10, 31. Isto acontecerá, não por amor a eles, mas para a glória do Nome de Deus, vv. 22, 32.

Capítulo 37. A Visão dos Ossos Secos

Predição da ressurreição nacional de Israel disperso, seu retorno à pátria, a reunificação de Judá e Israel sob o reinado de um rei eterno chamado "Davi", vv. 24-26. É uma clara previsão da conversão dos judeus a Cristo, como Paulo também predisse em Rm 11:15,25,26.

A visão abrange "toda a casa de Israel", vv. 11-22, tanto Judá como Israel. O retorno de Judá é narrado em Esdras e Neemias, onde nada se diz de cativos de Israel terem sido repatriados. Contudo, os que voltaram chama-se "Israel", Ed 9:1; 10:5; Ne 9:2; 11:3.

Divergem as opiniões sobre até onde esta linguagem deve ser interpretada literalmente com relação aos judeus, e o que pode ser "sombra" da aliança cristã em seu aspecto universal, vv. 26-28. Nem sempre é fácil traçar linha de demarcação entre o que deve ser tomado em sentido literal e o que é figurado. Por exemplo, na grande batalha de Gogue e Magogue, dos caps. 38, 39, ainda futura, não parece que podem ser empregados, literalmente, "arcos e flechas, bastões de mão e lanças", 39:9. "Davi", 37:24, não se entende como o Davi histórico se refere ao Messias. O termo "Israel" no N.T., embora comumente se refira aos judeus, é algumas vezes aplicado aos cristãos, Gl 6:16, e está indicado que os gentios estão incluídos no seu significado, Gl 3:7-9,29; Rm 2:28-29; 4:13-16; Fp 3:3. Assim, esta visão de uma região reabitada e de uma nação revivificada e glorificada, enquanto dá margem a um sentido literal evidente, pode por outro lado ser também uma figura simbólica da terra regenerada; assim como o Apocalipse descreve o céu sob a imagem de magnificente cidade terrestre, Ap 21. As profecias

bíblicas do futuro foram muitas vezes apresentadas em termos de coisas presentes na época. Achamos que em passagens tais como esta, pode haver um sentido literal e outro figurado, assim como em Mt 24 algumas das palavras de Jesus parecem referir-se tanto à destruição de Jerusalém como ao fim do mundo, sendo uma típica do outro.

O Messias é figura central nas visões de Ezequiel acerca do futuro de Israel. É chamado "Príncipe", 34:23,24; 37:24,25; 44:3; 45:7; 46:16,17, 18; 48:21.

Capítulos 38, 39. Gogue e Magogue

Gogue era governador da terra de Magogue. Em Gn 10:2, Magogue, Meseque, Tubal e Gômer apresentam-se como filhos de Jafé e fundadores do grupo de nações do Norte. Em Ezequiel 27:13, Meseque e Tubal são mencionados como vendedores de escravos à cidade de Tiro; e em 32:26 como antigas nações salteadoras. Meseque entendem uns que significa Moscou, ou Moscóvia, nome antigo russo; ou um povo chamado Mosqui, do qual se fala nas inscrições assírias, como habitante do Cáucaso. Julga-se que Tubal é Tobolsk, cidade da Sibéria; ou um povo chamado Tibareni, das praias S. E. do Mar Negro. Gômer pensa-se ter sido a nação dos cimerianos que do Norte vieram em grande número através do Cáucaso, nos dias do Império Assírio, e ocuparam partes da Ásia Menor, mas que foram repelidos. Togarma julga-se que era a Armênia.

Seja qual for a exata identificação destes povos, Ezequiel declara que habitavam nas "bandas do norte", 38:6,15; 39:2, e não pode haver muita dúvida de que ele queria significar nações além do Cáucaso. Relanceando-se a vista pelo mapa ver-se-á que ele tinha em mente aquela parte do mundo conhecida hoje como Rússia.

Estes povos eram bárbaros e de modo geral, na literatura antiga, eram denominados citas. Mais ou menos quando Ezequiel nasceu, o S.O. da Ásia tomou-se de terror com as vastas hordas dessa gente que se espalhava, vinda do Norte; ver "A Invasão dos Citas", sobre Jr 4:4. A memória desse horror ainda estava viva nos mais idosos companheiros de Ezequiel.

Nestes dois capítulos ele prediz outra invasão dos citas na Terra Santa, numa escala muito mais estupenda, confederados com povos do Oriente, 38:5, contra Israel restaurado, "no fim dos anos", 38:8, aparentemente durante a era messiânica; e que, com o auxílio de Deus, serão derrotados tão esmagadoramente que suas armas suprirão combustível por 7 anos, 39:9, e 7 meses será o tempo necessário para sepultar seus mortos, 39:14.

No Apocalipse as mesmas palavras Gogue e Magogue são empregadas como representativas de todas as nações em ataque furioso e final de Satanás ao povo de Deus, Ap 20:7-10.

Capítulos 40 a 48. O Templo Reedificado

Abril, 573 a.C. A época da Páscoa. 14 anos após a destruição de Jerusalém. A segunda viagem de Ezequiel a Jerusalém, em visão, tendo ocorrido a primeira 19 anos antes, 8:1-3, em missão de condenação à cidade. A presente vem dar instruções para a sua reconstrução, tratando largamente de pormenores do Templo.

Não se cumpriu esta visão quando os exilados voltaram de Babilônia.

Muito evidentemente prediz a era messiânica.

Alguns interpretaram-na literalmente, como significando que as Doze Tribos um dia tornarão a habitar aquela terra, e serão distribuídas exatamente como aí está indicado; que o Templo será literalmente reedificado com todos os particulares aí especificados, e que haverá literalmente sacrifícios de animais. Chamam-no "Templo do Milênio".

Outros interpretam-na figuradamente, considerando-a previsão metafórica da era cristã toda, sob a descrição simbólica de uma nação revivificada, restaurada e glorificada.

Este Templo da visão de Ezequiel, com seus pátios, toda a disposição de suas partes e utensílios, apesar de conter muitas variações, obedece mais ou menos ao plano geral do Templo de Salomão.

Deus habitaria neste Templo "para sempre", 43:7. Tal modo de falar certamente não visa a um Templo no sentido literal, material. Deve ser uma representação figurada de alguma coisa; porque Jesus, em Jo 4:21-24 ab-rogou o culto no Templo, e no céu não haverá Templo, Ap 21:22.

Ofertas e sacrifícios, 45:9-46:24. Não se atina por que deva haver sacrifícios sob o reinado do "Príncipe". A Epístola aos Hebreus declara explicitamente que tais sacrifícios foram cumpridos e abolidos na morte de Cristo, "uma vez para sempre". Os que julgam que este Templo é literalmente um "Templo do Milênio", acham que tais sacrifícios de animais serão oferecidos pela nação judaica ainda não convertida, ou que os sacrifícios serão comemorativos da morte de Cristo.

A torrente de águas vivificantes, 47:1-12. Esta é uma das mais sublimes passagens de Ezequiel. Joel e Zacarias também falaram dessa torrente, Joel 3:18; Zc 14:8. Parece ser uma figura do "rio de água da vida", do céu, Ap 22:1-2. Qualquer que seja o modo, específico ou literal, de entender essa água, certamente, sem forçar em nada o seu sentido, pode de modo geral ser considerada como bela figura das influências benignas de Cristo, a procederem de Jerusalém e a se espalharem numa torrente cada vez mais larga e mais profunda pelo mundo a fora, abençoando as nações com as suas qualidades vivificantes, até à eternidade celestial.

A porta oriental do Templo será fechada, exceto para o "Príncipe", 44:1-3.

A área sagrada, reservada à cidade, ao Templo, aos sacerdotes e levitas, deveria estar no centro aproximado daquela terra, com os territórios do "Príncipe" de um e de outro lado, 45:1-8.

Limites da terra e localização das tribos, 47:13-48:29. O território não seria tão extenso como o do domínio de Davi. Mais ou menos seria a metade sul da praia oriental do Mediterrâneo, acerca de 643 km de N. a S., fazendo a média de uns 160 km de L. a O. As tribos não ficavam na sua disposição primitiva, mas como aqui está indicado.

A cidade, 48:30-35. 12 km quadrados. O traçado, em parte, é o da Nova Jerusalém, Ap 21. A habitação de Deus, v. 35.

	Dan	
	Aser	
	Naftali	
	Manassés	
	Efraim	
	Rubem	
	Judá	
	Templo	
Príncipe		Príncipe
	Cidade	
	Benjamim	
	Simeão	
	Issacar	
	Zebulom	
	Gade	

O Profeta-Estadista Hebreu na Babilônia

Quando ainda jovem, Daniel foi levado para a Babilônia, onde viveu durante todo o período do cativeiro, desempenhando por vezes elevada função nos Impérios Babilônico e Persa.

A Cidade de Babilônia

Babilônia, que serviu de cenário ao ministério de Daniel, era a cidade maravilhosa do mundo antigo. Situada no berço da raça humana, próxima da região do Jardim do Éden, edificada à volta da Torre de Babel (ver pág. 84), primeira sede imperial, residência favorita dos reis babilônios, assírios e persas, mesmo de Alexandre o Grande, cidade que dominou durante tôda a era pré-cristã, Babilônia foi levada ao apogeu do poder e da glória nos dias de Daniel por Nabucodonosor, seu amigo, o qual durante seu reinado de 45 anos nunca se cansou de edificar e embelezar seus palácios e templos.

As dimensões de Babilônia. Dizem historiadores antigos que seu muro media 96 km de extensão, 24 km de cada lado da cidade, por 90 m de altura e 25 de espessura, medindo seus alicerces 12 m de profundidade, para que os inimigos não cavassem túneis por baixo deles; construído de tijolos de 30 cm quadrados, 8 a 10 cm de espessura; havia 400 m de espaço livre entre a cidade e o muro, por todo o seu circuito; o muro era protegido por valas (canais) largas e profundas, cheias d'água; havia 250 torres no muro, salas de guarda para soldados; 100 portões de cobre. O Eufrates dividia a cidade em duas partes quase iguais, ambas as margens protegidas por muros de alvenaria em toda a sua extensão, com 25 portas ligando ruas a barcos de passageiros; uma ponte sobre pilastras de pedra, de 800 m de comprimento, 10 de largura, com passagens levadiças que à noite eram removidas. Sob o rio passava um túnel de 5 m de largura, 4 de altura. Escavações de anos recentes têm confirmado, em grande medida, as descrições aparentemente fabulosas desses historiadores antigos.

O Grande Templo de Marduque (Bel), contíguo à Torre de Babilônia (Babel?), era o mais famoso santuário de todo o vale do Eufrates. Continha uma imagem de Bel, de ouro, e uma mesa de ouro, os quais, juntos, pesavam nada menos de 22.500 quilos. No topo havia imagens de ouro de Bel e Istar, 2 leões de ouro, uma mesa de ouro de 13 m de comprimento por 5 de largura, e uma figura humana, de ouro maciço, com 6 m de altura. A cidade era muito religiosa: tinha 53 templos, e 180 altares dedicados a Istar.

Pode ter sido na planície entre a Tôrre de Babilônia e o Palácio de Nabucodonosor que foi erigida a "imagem de ouro", 3:1.

O Palácio de Nabucodonosor, onde muitas vezes esteve Daniel, era um dos mais magnificentes edifícios que já se erigiram na terra. Suas vastas ruínas foram descobertas por Koldewey, 1899-1912. As paredes do lado sul da sala do trono, tinham 6,6 m de grossura, ver a Fig. 63 à pág. 306. O lado norte do palácio era protegido por três muros. Bem ao Norte deles, havia mais muros de 16 m de espessura. Um pouco além, outros muros mais sólidos. E cerca de 1.600 m mais para fora ficava a muralha interior da cidade, que consistia em dois muros paralelos de alvenaria, cada qual de uns 7 m de espessura, 13 de distância um do outro, sendo o espaço no meio preenchido de cascalho, fazendo uma espessura total de uns 26 m,

com uma vala (canal) larga e profunda do lado de fora. Mais além ficava a muralha exterior, construída do mesmo modo. Para as guerras da antigüidade, a cidade era simplesmente inexpugnável.

Os Jardins Suspensos de Babilônia eram uma das Sete Maravilhas do mundo antigo, construídos por Nabucodonosor para a sua rainha meda, linda filha de Ciaxares, o qual ajudara ao pai dele na conquista de Nínive; sobre várias fileiras de arcos, sobrepostos uns aos outros, cada um sustentando sólida plataforma; 132 m quadrados; no alto, havia terraços e cumieiras cobertas de flores, arbustos e árvores, jardins sobre o teto; regados de um reservatório na parte superior, para onde subia a água do rio, propelida por bombas hidráulicas. Embaixo, nas arcadas, havia apartamentos luxuosos, área de prazeres do palácio. Foram construídos quando Daniel era governador chefe dos sábios de Babilônia. Koldewey descobriu arcadas no ângulo N.E. do palácio, que lhe pareceram ser os Jardins Suspensos.

A Via Processional, a grande estrada imperial e sagrada, começava ao N. e aos poucos ia subindo, passava pelos terrenos do palácio no ângulo N. E., atravessava a porta de Istar e subia ao centro da cidade, descendo aos poucos para o ângulo S.E. do muro da Torre de Babilônia; nesse ponto dobrava diretamente para O. e se dirigia à ponte do rio. De ambos os lados havia muros altamente defensivos, de 6,6 m de espessura, adornados de brilhantes relevos vitrificados de leões, de muitas cores. A via era pavimentada de lajes de pedra, de 1 m. quadrado cada. Próximo à entrada do palácio os blocos ainda se acham em seus lugares, na posição em que estavam quando Daniel andava sobre eles.

Fig. 60. Ruínas dos Jardins Suspenso
(Cortesia do Instituto Oriental)

A Cidade de Babilônia

Profetizada sua destruição. "Babilônia, a jóia dos reinos, glória e orgulho dos caldeus, tornar-se-á um deserto, terra seca, totalmente desolada. Nunca jamais será habitada, ninguém morará nela de geração em geração.

Porém nela as feras do campo repousarão, e as suas casas se encherão de corujas; os chacais uivarão nos seus palácios de prazer. Babilônia se tornará em montões de ruínas. Dormirão sono eterno e não acordarão", Is 13:17-22, Jr 51:37-43.

Continuou sendo cidade importante durante o período persa. Alexandre, o Grande, ter-lhe-ia restaurado a glória, não fosse a morte ter vindo anular seus planos. Depois dele, começou a decadência. No tempo de Cristo, sua supremacia política e comercial desaparecera, e no primeiro século d.C. sua maior parte estava em ruínas. Seus tijolos foram empregados na construção de Bagdá e no reparo de canais. Por séculos tem sido um amontoado de cômoros desolados, lugar de feras do deserto; notável cumprimento da profecia; ainda está hoje desabitada, existindo apenas uma vilazinha no ângulo S.O.

As Ruínas. Os cômoros atuais são ruínas dos grandes edifícios que ocupavam a parte central da cidade. A maioria fica no lado Leste do rio, e cobrem uma área de uns 5.600 m por 4.800. Os três principais cômoros, como se pode ver no mapa, são Babil, o do N.; Kasr, o do centro, e Amrã, o do Sul. Babil era a fortaleza que guarnecia a entrada N. da cidade, distante de Kasr uns 2.400 m; mede de altura uns 40 m, tendo apenas cerca de 1/3 do tamanho de Kasr. Este, de uns 800 m quadrados, 23 m de altura, esconde as ruínas do palácio de Nabucodonosor. Amrã, 800 m ao S. de Kasr, e mais ou menos do mesmo tamanho e altura, encerra as ruínas do

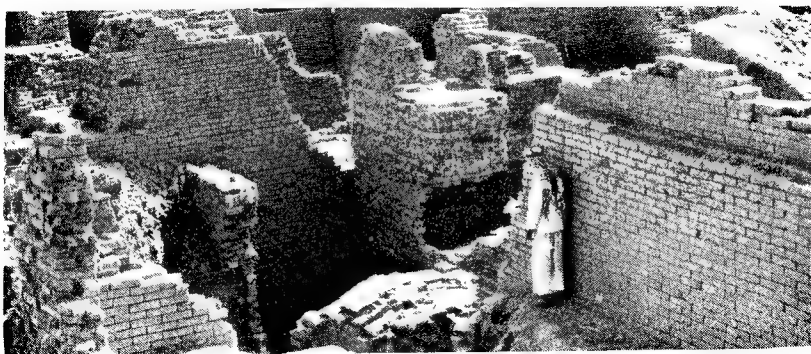



Fig. 61. Ruínas de Babilônia
(Cortesia do © Matson Photo)

grande Templo de Marduque (Esagila). Na planície, à orla N. do cômoro Amrã, ficam as ruínas da grande Torre de Babilônia, comumente identificada com a Tôrre de Babel. Os cômoros menores entre Kasr e Amrã um tanto para Leste, chamam-se Merkes, centro comercial e residencial da cidade.

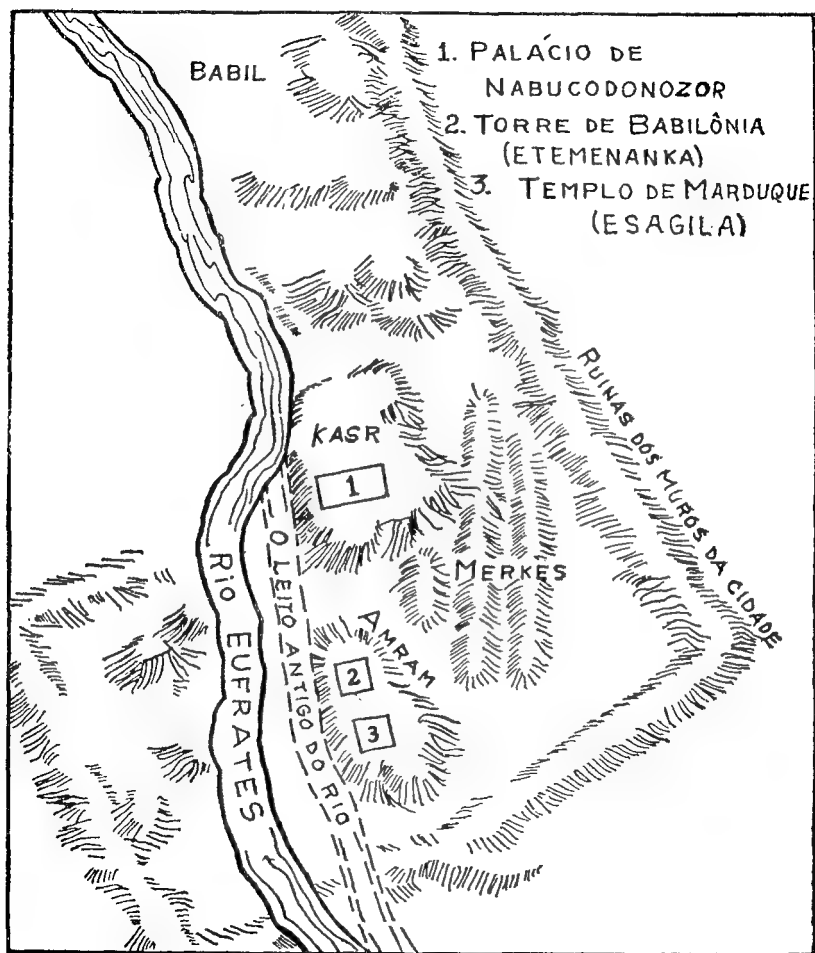
Contemplando as ruínas (Fig. 61), é difícil reconhecer que ali, outrora, ficava a Grande Babilônia, cidade extravagante e de pervertida suntuosidade além do que se possa imaginar, sem rival na história do mundo, hoje totalmente arruinada e desolada.

As Escavações começaram com Rich, em 1811 d.C.; foram continuadas por Layard, 1850; Opert, 1854; Rassam, 1878-89; porém o trabalho mais

meticuloso e completo foi realizado por uma expedição germânica, dirigida por Robert Koldeway, 1899-1912.

O Império Babilônico

Nos dias de Daniel, a cidade de Babilônia não somente era a principal cidade do mundo pré-cristão, como dominava o mais poderoso império que até então existira. Esse império durou 70 anos. Daniel lá esteve desde a elevação à queda do mesmo. Ver pág. 197.

Os reis sob os quais Daniel viveu foram: Nabopolassar, 626-605 a.C.; Nabucodonosor, 605-562 a.C.; Evil-Merodaque, 562-560 a.C.; Neriglissar, 560-556 a.C.; Labasi-Marduque, 556 a.C.; Nabonido, 556-539 a.C.; seu filho Baltasar regeu o império com ele durante os últimos poucos anos de seu reinado.

Mapa 50. Ruínas de Babilônia

A estada de Daniel em Babilônia, portanto, começou no primeiro ano de Nabucodonosor e atravessou os reinados dos cinco reis seguintes; viu ele a queda de Babilônia, passou ao Império Persa, atravessou o reinado de Dario, o Medo, indo até ao terceiro ano de Ciro, o Persa, 10:1; ao todo 70 anos, de 605 a.C. a 536 a.C., desde o primeiro ano de cativeiro judaico até 2 anos depois da volta dos cativos — testemunha de Deus no palácio do império que dominou o mundo.

Nabucodonosor

Daniel era amigo e conselheiro de Nabucodonosor. Este foi o genial e verdadeiro edificador do império babilônico. De seus 70 anos de vida, governou 43.

Nabopolassar, pai de Nabucodonosor, vice-rei de Babilônia, sacudiu o jugo assírio, 626 a.C., fez a independência de Babilônia e governou a cidade 626-605 a.C.

Em 609 a.C. Nabucodonosor pôs-se à frente dos exércitos do pai. Invadindo os países ocidentais, arrebatou ao Egito o domínio da Palestina, 605 a.C., e levou alguns judeus para Babilônia como cativos, entre os quais o próprio Daniel.

No mesmo ano, 605 a.C., tornou-se regente com o pai; e governou sozinho desde o fim do ano. Provou-se um dos mais poderosos monarcas de todos os tempos.

Na mesma ocasião, abateu o poder do Egito, na famosa batalha de Carquemis.

Em 597 a.C. esmagou nova rebelião na Palestina, e levou o rei Joaquim e muitos cativos para Babilônia, entre os quais o profeta Ezequiel.

Em 587 a.C. incendiou Jerusalém e levou mais cativos. Depois, durante 13 anos seu exército sitiou Tiro, 587-574 a.C.

Em 582 a.C. invadiu e saqueou Moabe, Amom, Edom e o Líbano; e levou outra vez cativos de Judá. Invadiu e saqueou o Egito em 568 a.C. Morreu em 562 a.C.

Daniel exerceu poderosa influência sobre ele; três vezes reconheceu que o Deus de Daniel era o verdadeiro Deus, 2:47; 3:29; 4:34.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Camafeu de Nabucodonosor.** Declara-se no Dicionário Bíblico de Schaff que "no museu de Berlim existe um camafeu negro, ostentando a efígie de Nabucodonosor, esculpido por sua ordem, com a inscrição 'Em honra de Merodaque, seu senhor, Nabucodonosor, rei de Babilônia, em vida, mandou fazer este." Em baixo se vê uma reprodução fotográfica desse camafeu.

Fig. 62. Camafeu de Nabucodonosor

(Reproduzido do Dicionário de Schaff. Cortesia da "American Sunday-School Union")

O Livro de Daniel

O próprio livro informa que Daniel foi seu autor, 7:1,28; 8:2; 9:2; 10:1,2; 12:4,5. Sua autenticidade foi sancionada por Cristo, Mt 24:15. Assim é que foi reconhecido por Jesus e primitivos cristãos. Porfírio, um infiel do 3.º século d.C., propôs a teoria de que o livro teria sido uma falsificação, do período da revolta dos macabeus, 168-164 a.C. Entretanto, o ponto de vista tradicional, de que o livro é um documento histórico verídico, que data da época de Daniel mesmo, persistiu unanimemente entre os eruditos cristãos e judeus, até o aparecimento da crítica moderna. Hoje os críticos, em nome da "erudição moderna", revivem a teoria de Porfírio, e dão como fato consumado que o livro foi escrito por autor desconhecido, o qual, vivendo 400 anos depois de Daniel, assumiu o nome deste e impingiu à sua geração seu livro espúrio como obra autêntica de um herói morto já fazia muito tempo. Todavia, insistem esses críticos que isto não anula o valor religioso do livro. Se o livro não é exatamente o que pretende ser, como admitir que Deus possa ter parte nessa impostura? Não tem a mínima honestidade o escritor que publica suas próprias idéias sob o nome de heróis que viveram já há muito tempo. Suspeitamos que o verdadeiro ponto crucial do esforço em desacreditar o livro de Daniel é a indisposição do orgulho intelectual de aceitar os estupendos milagres e admiráveis profecias registradas nele.

A língua do livro é aramaica ou caldaica de 2:4 a 7:28; era essa a língua do comércio e da diplomacia da época. O restante está escrito em hebraico. Era o que se podia esperar de um livro escrito para judeus que viviam no meio de babilônios, o qual continha cópias de documentos babilônicos oficiais na própria língua em que foram escritos originalmente.

Capítulo 1. Quem Foi Daniel

Daniel estava no primeiro grupo de cativos levados de Jerusalém para a Babilônia, 605 a.C. Pertencia à nobreza, era de descendência real, v. 3. Diz Josefo que ele e seus três amigos eram parentes do rei Zedequias. Isto lhes facilitaria o acesso ao palácio de Babilônia. Jovens de boa aparência, talentosos, estavam sob o cuidado especial de Deus, e por Ele foram preparados para dar testemunho do Seu nome na corte pagã que naquela época governava o mundo. As "finas iguarias do rei", v. 8, que recusaram comer, eram provavelmente alimentos que antes haviam sido oferecidos em sacrifício aos ídolos babilônicos. A rápida ascensão de Daniel a uma posição de fama mundial está indicada em Ez 14:14,20; 28:3; passagens estas escritas só 15 anos mais tarde, quando ele era ainda muito moço. Que homem notável! De todo inabalável em suas próprias convicções religiosas, e, todavia, tão leal ao seu rei idólatra que este lhe confiou os negócios do seu império.

Capítulo 2. O Sonho da Imagem

Foi isto no 2.º ano do reinado de Nabucodonosor, quando reinava sozinho. Daniel era ainda um simples rapaz, fazendo só 3 anos que estava na Babilônia.

Os quatro impérios mundiais, aqui preditos, geralmente se compreende que eram o Babilônico, o Persa, o Grego e o Romano. Da época de Daniel à vinda de Cristo, o mundo foi governado por êstes quatro impérios, exata-

mente como ele predisse. Nos dias do Império Romano, Cristo apareceu e estabeleceu um reino que, começando como grão de mostarda e passando por muitas vicissitudes, hoje oferece evidência de que se tornará um reino universal e eterno e que desabrochará em plena glória quando o Senhor voltar.

Os críticos que atribuem ao livro de Daniel a data do tempo dos macabeus, de modo a fazê-lo referir-se a fatos do passado ao invés de ser uma predição do futuro, acham necessário colocar os quatro impérios antes da composição do livro, e assim dizem que o Império Persa vale por dois, o Medo e o Persa, para fazer que o Império Grego venha a ser o quarto. Todavia, é fato que não houve um Império Medo e outro Persa, depois da queda da Babilônia. Para ser como os críticos querem, precisam, em abono de sua teoria, torcer os fatos da história. Os medos e persas constituíram um império só, sob a gestão de reis persas. Dario, o Medo, foi somente um vice-rei, que governou por um pouco, sob Ciro, o Persa, até que este chegasse.

Ademais, nada sucedeu no período dos macabeus que pudesse corresponder à "pedra cortada do monte", ou que de algum modo se pudesse chamar princípio do reino de Deus.

Esta profecia dos quatro reinos é ainda desenvolvida no cap. 7, o dos quatro animais; no cap. 8, do carneiro e do bode; no cap. 9, das Setenta Semanas; e no cap. 11, dos conflitos entre os reis do Norte e os do Sul.

Capítulo 3. A Fornalha de Fogo

Segundo a Septuaginta, este incidente ocorreu no 18.º ano do reinado de Nabucodonosor, quando já fazia uns 20 anos que Daniel e seus três amigos estavam em Babilônia. Foi no mesmo ano que Nabucodonosor queimou Jerusalém, 587 a.C.

Assim como Deus revelara a Daniel o sonho de Nabucodonosor e sua interpretação, anos antes, assim agora põe no coração destes três homens a firme determinação de serem fiéis; e então entra com eles no fogo, não somente para honrar sua fé, como para demonstrar aos dignitários do imenso império, ali reunidos, o poder do Deus de Jerusalém sobre os deuses de Babilônia, de que se vangloriavam. Assim, pela segunda vez, Deus se manifestou no palácio do poderoso império, e pela segunda vez o poderoso Nabucodonosor curvou-se diante do SENHOR, a quem proclamou como verdadeiro Deus até às mais distantes paragens do seu império.

O livro apócrifo chamado "Cântico dos Três Moços" pretende conter o hino de louvor por seu livramento destes três homens. Vem inserto depois do v. 23 do cap. 3. Encerrava uma tradição popular, porém nunca foi reconhecido como parte da Bíblia Hebraica.

Oppert, que fez escavações nas ruínas de Babilônia, 1854, achou o pedestal de uma colossal estátua que pode ter sido resto da gigante imagem de ouro de Nabucodonosor, v. 1.

Capítulo 4. A Loucura de Nabucodonosor e seu Restabelecimento

É a história de outro sonho de Nabucodonosor, interpretado por Daniel, e que se realizou. Nabucodonosor foi acometido de uma doença mental, que o levou a julgar-se animal e a proceder como tal, vagueando entre os animais do parque do palácio. Pela terceira vez curvou-se perante Deus, cujo poder ele proclamou a todo o mundo. "Sete tempos", v. 32: a palavra

quer dizer "estações". Acham alguns que significam anos; outros, meses. Rendal Harris diz que na Babilônia "só se contavam duas estações, verão e inverno", de modo que seriam 3 anos e meio.

Numa das inscrições de Nabucodonosor, que relata a história de suas construções e realizações, ocorre o seguinte, conforme Sir Henry Rawlinson: "Durante quatro anos a residência de meu reino não me deleitou o coração. Em nenhuma de minhas possessões erigi qualquer edifício importante com o meu poder. Nada construí em Babilônia para mim mesmo nem em honra do meu nome. No culto do meu deus Merodaque não cantei seus louvores, nem provi de sacrifício o seu altar, nem limpei os canais." Alguns pensam que aí está, possivelmente, uma referência eufêmica à sua loucura, embora os reis antigos, ao mandarem fazer suas inscrições, evitassem registros desta natureza.

Lenormant declara que entre os caldeus corria a tradição de que Nabucodonosor subiu ao teto de seu palácio e bradou: "Babilônios, um persa virá escravizar-vos. Um medo se associará a eles." No caso de ser verídico, é como se ele tivesse assimilado algumas das idéias de Daniel.

Capítulo 5. A Festa de Belsazar

Foi na noite da queda de Babilônia. Fazia 70 anos que Daniel estava naquela cidade, e já era muito velho.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Belsazar.** Até 1853 d.C. não se achara nenhuma referência a Belsazar nos arquivos babilônicos; e Nabonido, 556-539 a.C., era conhecido como o último rei da cidade. Para os críticos era isto uma das evidências de não ser histórico o livro de Daniel. Mas em 1853, descobriu-se uma inscrição na pedra angular de um templo construído por Nabonido a um deus em Ur, a qual dizia: "Não peque eu, Nabonido, rei da Babilônia, contra ti. Perdure reverência por ti no coração de Belsazar, meu *primogênito, filho favorito.*"

Sabe-se de outras inscrições que Nabonido grande parte do tempo esteve aposentado, longe de Babilônia, e que Belsazar dirigia o exército e o governo,

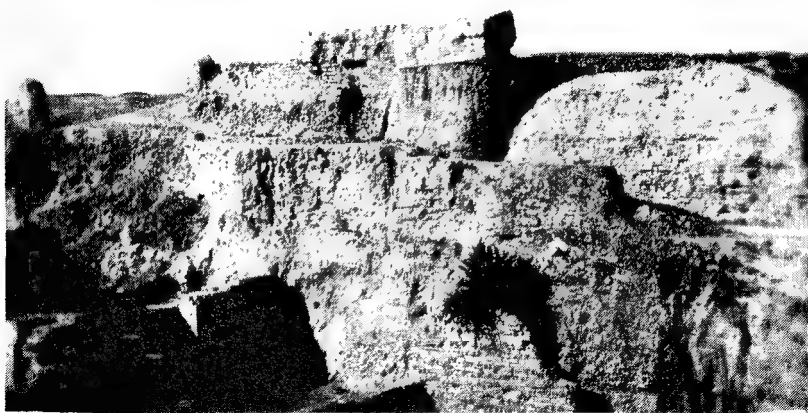



Fig. 63. Ruínas da Parede da Sala do Trono de Nabucodonosor

(Cortesia do Instituto Oriental)

regente com seu pai, e que foi ele quem se rendeu a Ciro. Temos aí explicado como Daniel podia ser "o terceiro no reino", vv. 16, 29. "Teu pai Nabucodonosor", v. 11, significa, não o pai físico, porém o predecessor real no trono.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **A Escritura na Parede,** vv. 25-28. Os alicerces dessa mesma parede foram descobertos. Ver abaixo.

A queda de Babilônia é narrada por Xenofonte, Heródoto e Beroso, do seguinte modo: "Ciro desviou o Eufrates para o novo canal e, guiado por dois desertores, marchou pelo leito seco cidade a dentro, enquanto os babilônios farreavam numa festa a seus deuses."

Inscrições encontradas em anos recentes, declaram que o exército persa, sob Gobrias, tomou Babilônia sem luta, e que ele matou o filho do rei; e que Ciro entrou mais tarde.

Dario, o Medo, que se apoderou do reino, v. 31, e reinou em Babilônia até que Ciro assumisse o lugar, 6:28; 9:1, e sob cujo reinado Daniel foi lançado à cova dos leões, não é mencionado nas inscrições. Pensa-se que ele foi, ou Gobrias, referido nas placas babilônias, como conquistador de Babilônia, ou, como diz Josefo, Ciaxares, medo, sogro de Ciro. Era comum a pessoa ter um nome babilônico e outro nativo, assim como Daniel e seus três amigos receberam novos nomes, 1:7. Mas, quer fosse Dario sogro de Ciro, quer um de seus generais, comandou o exército que conquistou Babilônia, enquanto Ciro se ocupava com suas guerras no Norte e no Oeste; e, até a chegada pessoal de Ciro, reinou como rei da Babilônia, provavelmente por uns dois anos, 539-537 a.C.

Fora predito que os medos seriam os conquistadores de Babilônia, Is 13:17; 21:2; Jr 51:11,29. Até Ciro assumir o poder, a ordem era "medos e persas", 5:28; 6:8. Depois, falava-se "persas e medos", Et 1:14,18,19.

Capítulo 6. Daniel na Cova dos Leões

Daniel fora alto funcionário do Império Babilônico durante todos os 70 anos da ascendência deste, e agora, já muito velho, provavelmente de mais de 90 anos, é imediatamente encarregado por Dario, conquistador de Babilônia, do governo da cidade. Isto provàvelmente porque Daniel predissera a vitória dos medos, 5:2. Foi muita consideração à sua sabedoria, integridade e probidade. Todavia, era inflexível na devoção ao seu Deus, v. 10. Que fé! Que coragem! E que velho valoroso!

Os Milagres deste Livro

Coisas maravilhosas se dizem neste livro. Aos que acham difícil crer nelas, dizemos: lembremo-nos de que durante mil anos Deus viera adestrando a nação judaica com o propósito de, por meio dela, estabelecer num mundo de nações idólatras a idéia de que o SENHOR é Deus. Agora, a nação de Jeová tinha sido destruída por um povo que adorava ídolos. Para todas as nações do mundo era isto clara evidência de que os deuses de Babilônia eram mais poderosos do que o Deus dos judeus. O momento era crítico, na luta de Deus contra a idolatria. Se houve tempo em que Deus precisava fazer algo para mostrar Quem é Deus, foi durante o Cativeiro Babilônico. De fato, seria estranhável se nada fora do comum acontecesse. Alguma coisa

haveria de faltar na história bíblica, se estes milagres estupendos não fossem operados. Se parece difícil crer neles, mais difícil será crer no resto da história sem eles.

Pelo menos os judeus, que desde o princípio, geração após geração, estiveram caindo sempre na idolatria, agora, por fim, no Cativeiro Babilônico, convenceram-se de que o seu Deus era o verdadeiro Deus; e desde então nunca mais resvalaram para o culto dos ídolos. Não há dúvida de que estes milagres desempenharam sua parte nesta convicção. Tais milagres exerceram poderosa influência tanto em Nabucodonosor como em Dario, 3:29; 6:26.

Capítulo 7. Os Quatro Animais

É continuação da profecia do cap. 2, a qual fôra proferida 60 anos antes: "dois aspectos de um grandioso plano da história": quatro impérios mundiais e depois o reino de Deus. No cap. 2, esses impérios são representados por uma imagem com cabeça de ouro, peito de prata, quadris de bronze, pernas de ferro e pés parte de barro e parte de ferro, que se esmiuçaram ao impacto de uma pedra cortada do monte. No presente capítulo êsses mesmos quatro impérios são representados por um leão, um urso, um leopardo e um animal terrível.

Comumente se entendem por estes quatro impérios mundiais a Babilônia, a Pérsia, a Grécia e Roma, ver sobre o cap. 2, representativos do período que vai desde os dias de Daniel até à época de Cristo. Estes animais parecem servir de base à representação da besta de sete cabeças e dez chifres em Ap 13.

Os "dez chifres" do quarto animal, v. 24, entende-se que são os dez reinos em que o Império Romano se decompôs. O "outro chifre", vv. 8, 20, 24, 25, que subiu entre os dez, é uma combinação do leopardo e do cordeiro mencionados em Ap 13. Os "três reis" abatidos por ele, vv. 8, 24, pensa-se que correspondem aos estados dos lombardos, de Ravena e de Roma, que foram entregues aos Papas como início do reino temporal dos mesmos, em 754 d.C.

Com esta interpretação, temos um sumário completo de história universal: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma e Roma Papal. Roma foi seguida de "dez reinos", número redondo, supomos, a denotar o domínio do mundo conferido a um blocc de nações. Uma espécie de continuação décupla do Império Romano, até ao fim. Desde então nunca houve um império mundial. Napoleão tentou criá-lo, mas fracassou. O Kaiser igualmente, mas também falhou. De igual modo Hitler, mas em vão.

O "outro chifre", 8, 20, 24, 25, provavelmente se refere ao anticristo.

Os Períodos de Tempo do Livro de Daniel

"Um tempo, dois tempos e metade dum tempo", 7:25, é frase que assinala a duração do outro chifre do quarto animal.

"Um tempo, dois tempos e metade dum tempo", 12:7, denota o período que vai de Daniel ao tempo do fim, 12:6.

"Um tempo, tempos e metade dum tempo" emprega-se em Ap 12:14 como igual a 42 meses e 1.260 dias, Ap 11:2,3; 12:6,14; 13:5; expressões estas que denotam o período durante o qual a Cidade Santa foi calcada aos pés dos gentios, as duas testemunhas profetizaram, a mulher estêve no deserto, e a besta revivificada ocupou o trono.

"2.300 tardes e manhãs", 8:14, tempo em que o santuário foi pisoteado pelo pequeno chifre do terceiro animal. Significa 2.300 dias, ou 2.300 metades de dias, isto é, 1.150 dias, o que é quase sete anos, ou um pouco menos de 3 anos e meio, dependendo da interpretação das "tardes e manhãs"

"1.290 dias", 12:11, é a duração da abominação desoladora, ou o período desde o seu começo até ao tempo do fim.

"1.335 dias", 12:12, aparentemente é um prolongamento de 45 dias além do período de 1.290 dias, culminando na bem-aventurança final.

"70 semanas", 9:24, é o período que vai do decreto da reconstrução de Jerusalém à vinda do Messias. Inclui "sete semanas" de tempos angustiosos, 9:25, e "uma semana" em que o ungido seria morto, 9:26,27.

A palavra "tempo", na frase "um tempo, dois tempos e metade dum tempo", geralmente se entende por "ano", querendo dizer a frase 3 anos e meio, ou sejam 42 meses que, sendo de 3O dias, dão 1.260 dias.

Alguns entendem que significa literalmente 3 anos e meio. Outros, tomando um dia por ano, Nm 14:34, Ez 4:6, consideram como sendo um período de 1.260 anos. Ainda outros vêem esses números, não como limites de tempo ou períodos, mas como símbolos: 7 é sinal de inteireza, 3 e 1/2, que é a metade de 7, representa coisa incompleta, significando que o reinado do mal será apenas temporário.

Estes períodos de tempo empregam-se em íntima conexão com a frase "abominação desoladora" operada pelo pequeno chifre do terceiro animal, 8:13; 11:31; "abominação" essa que também segue a morte do Messias, 9:27; e é o ponto de partida dos 1.290 dias, 12:11. Jesus cita a expressão "abominação desoladora" em referência à iminente desruição de Jerusalém pelo exército romano, Mt 24:15, num discurso em que as palavras se prestam para descrever, entre outras coisas, o fim do mundo.

"Tempos angustiosos" se diz das 7 semanas no começo, e de 1 semana no fim do período das 70 semanas, 9:25,27. "Tempo de angústia, qual nunca houve", 12:1, é predito de referência ao "tempo do fim", 12:4,9,13; e Jesus cita a expressão como se referindo duplamente à destruição e ao fim do mundo, Mt 24:21.

A profanação do Templo por Antíoco durou 3 e 1/2 anos, 168-165 a.C. A guerra dos romanos contra Jerusalém levou 3 e 1/2 anos, 67-70 d.C. O papado dominou o mundo por uns 1.260 anos, do 6.º ao 18.º século d.C. O maometanismo apoderou-se da Palestina em 637 d.C., e se passaram aproximadamente 1.260 anos até que a cristandade entrou a dominá-la, 1917 d.C.

Pensamos que nenhuma interpretação única pode esgotar o sentido destes sinais do tempo que Daniel emprega. É possível tomá-los tanto literal como figurada e simbolicamente. É possível que se tenham cumprido primariamente num fato da história, secundariamente em outro fato, e terem ainda um cumprimento final no tempo do fim. A profanação do Templo por Antíoco, a destruição de Jerusalém por Tito, a usurpação papal na Igreja, todos estes fatos podem ser precursores e símbolos da grande tribulação dos dias do Anticristo. Não devemos ficar desapontados se não podemos ter compreensão segura desta matéria, porquanto o próprio Daniel se sentiu enfermo por causa de não entendê-la, 8:27.

Capítulo 8. O Carneiro e o Bode

Este capítulo contém outras predições acerca do segundo e terceiro impérios mundiais dos quais se fala nos caps. 2 e 7, isto é, os impérios Persa e Grego.

O Império Persa, representado em 7:5 por um urso devorador, é aqui apresentado como um carneiro de dois chifres, vv. 3-4, sendo uma coalisão de medos e persas.

O Império Grego, retratado em 7:6 como um leopardo de quatro cabeças, é aqui pintado como um bode veloz, arremetendo furiosamente do Oeste, tendo um grande chifre, o qual, quebrando-se, foi substituído por quatro chifres.

O grande chifre foi Alexandre, o Grande, que abateu o império Persa em 331 a.C. Esta profecia foi escrita em 539 a.C., mais que 200 anos antes de cumprir-se. É uma predição muito notável do choque entre dois impérios mundiais, e suas conseqüências, nenhum dos quais existia ainda ao tempo em que se predisse esta luta.

Os quatro chifres, vv. 8, 21-22, e as quatro cabeças de 7:6, foram os quatro reinos em que se dividiu o império de Alexandre; ver sobre o cap. 11.

O pequeno chifre, v. 9, que saiu dos quatro, geralmente se concorda que significava Antíoco Epifânio, 175-163 a.C., do ramo siro do império Grego, o qual fez um esforço estrênuo por extinguir a religião judaica; ver sobre 11:21-35. Outrossim, a frase repetida "tempo do fim", vv. 17, 19, pode significar que, de par com a perspectiva próxima de Antíoco, podia estar no fundo distante da visão o esboço sinistro de um destruidor muito mais terrível, v 26, a perturbar os últimos dias da história, do qual Antíoco foi um precursor simbólico.

Capítulo 9. As Setenta Semanas

O cativeiro que então chegava ao fim, durou 70 anos. Daniel é agora informado pelo anjo que ainda haveria "70 semanas" até à vinda do Messias, v. 24.

Compreende-se geralmente que "70 semanas", aí, significa 70 semanas de anos, isto é, 70 setenários de anos, ou sete vezes 70 anos, ou seja 490 anos. É como se o anjo dissesse: O cativeiro tem durado 70 anos; o período entre o cativeiro e a vinda do Messias será sete vezes tanto.

O número sete, e ciclos de sete, algumas vezes têm sentido simbólico; todavia os fatos reais desta profecia são admirabilíssimos, como segue:

A data a partir da qual se contariam as 70 semanas foi a do decreto de reedificação de Jerusalém, v. 25. Houve a este respeito três decretos expedidos pelos reis persas, 539 a.C., 458 a.C. e 444 a.C., ver sobre Esdras. Destes o principal foi o de 458 a.C.

As 70 semanas subdividem-se em 7 semanas, 62 semanas e 1 semana, vv. 25, 27. É difícil ver em que consistem as "7 semanas"; mas as 69 (incluindo as 7) correspondem a 483 dias, isto é, na base da teoria de cada dia representar um ano, Ez 4:6, que é a interpretação comumente aceita, são 483 anos.

Estes 483 anos são o período que vai do decreto da reedificação de Jerusalém à vinda do "Ungido", v. 25. Esse decreto, como vimos acima, saiu em 458 a.C. Somando 483 anos a 458 a.C. chegamos a 25 d.C., o ano exato em que Jesus foi batizado e começou seu ministério público. É um cumprimento muito notável da profecia de Daniel, até com relação ao ano.

E mais: dentro de 3 e 1/2 anos Jesus foi crucificado, isto é, "na metade da semana" "o Ungido" foi "morto", "expiando a iniqüidade e trazendo a justiça eterna", vv. 24, 26, 27.

Assim, Daniel não somente predisse o tempo em que o Messias apareceria, como também a duração do Seu ministério público e Sua morte expiatória pelo pecado humano.

Pensam alguns que a cronologia de Deus foi suspensa quando Cristo morreu, para ficar assim enquanto Israel estiver disperso, e que a última metade da "semana" pertence ao tempo do fim.

Sumário das Profecia de Daniel

Os quatro reinos e depois o reino eterno de Deus, cap. 2.
A loucura de Nabucodonosor e seu restabelecimento, cap. 4.
A queda de Babilônia e elevação do Império Persa, cap. 5.
O "quarto" império, seus "dez chifres" e o "outro chifre", cap. 7.
O Império Grego e seus "quatro chifres", cap. 8.
As setenta semanas, de Daniel ao Messias, cap. 9.
Angústias da Cidade Santa no período inter-testamentário, cap. 11.
Sinais do tempo do fim. cap. 12.

Capítulo 10. Anjos das Nações

Esta última visão, caps. 10, 11, 12, foi dada dois anos depois que os judeus voltaram à Palestina, 536 a.C. Deus levantou o véu e mostrou a Daniel algumas realidade do mundo invisível — a prossecução de conflitos entre inteligências super-humanas, boas e más, num esforço por controlar os movimentos das nações, algumas das quais procurando proteger o povo de Deus. Miguel era o anjo guardião de Israel, vv. 13, 21. Outro anjo, anônimo, falou com Daniel. A Grécia tinha seu anjo, v. 20; e igualmente a Pérsia, vv. 13, 20. Parece que Deus mostrava a Daniel alguns de Seus agentes secretos em operação para levar a efeito a volta de Israel. Um deles ajudou a Dario, 11:1. Neste capítulo apresentam-se interessados no destino de Israel; no Apocalipse, é no destino da Igreja. Em Ap 12:7-9, Miguel e seus anjos entram em guerra com Satanás e os seus. Em Ef 6:12 as potestades do mundo invisível são os principais inimigos contra quem os cristãos têm de lutar. Houve muita atividade de anjos quando Jesus nasceu. Jesus cria em anjos, ver sobre Mt 4:11.

Capítulo 11. Reis do Norte e Reis do Sul

Os capítulos 2, 7, 8, 11 contêm predições acerca de quatro impérios e dos eventos de Daniel a Cristo, e parecem ter referências a potências mundiais e a eventos posteriores, desde a época de Cristo até ao fim. Vai aqui um esboço geral de história universal abrangendo o tempo seguinte:

Império Babilônico, 605-539 a.C.
Império Persa, 539-331 a.C.
Império Grego, com suas quatro divisões, 331-146 a.C.
Guerras de reis siros e greco-egípcios, 323-146 a.C.
Antíoco Epifânio e a profanação de Jerusalém, 175-163 a.C.
Império Romano, 146 a.C. — 400 d.C.
Ministério público de Cristo, 26-30 d.C.
Destruição de Jerusalém pelo exército romano, 70 d.C.

O Papado como poder mundial, do 6.º ao 18.º século.
Domínio maometano da terra santa, do 7.º ao 20.º século.
Perturbações mundiais e a ressurreição, no "tempo do fim".

Estas predições são progressivas na sua explicação dos respectivos detalhes. No cap. 2 há uma declaração geral de que, dos dias de Daniel aos do Messias, haveria quatro impérios mundiais. No cap. 7 são dados pormenores do quarto império. No cap. 8 temos detalhes do segundo e do terceiro impérios. No cap. 11 há mais detalhes do terceiro império.

O terceiro império foi o Grego, fundado por Alexandre, o Grande, 331 a.C. Na hora da sua morte, foi dividido entre os seus generais como segue: Grécia, Ásia Menor, Síria e Egito. Neste capítulo os reis da Síria são chamados "reis do norte". Os reis do Egito chamam-se "reis do sul". As predições de Daniel acerca dos movimentos desses reis foram proferidas 200 anos antes que existisse o império grego e perto de 400 anos antes que tais reis existissem. A descrição minuciosa que faz dos seus movimentos é um paralelo muitíssimo extraordinário entre a predição e a história subsequente.

O cap. 11 é uma história antecipada do período inter-testamentário. Vai aqui uma sinopse dos eventos correspondentes aos versos em que foram preditos:

"Três reis na Pérsia", v. 2: Ciro, Cambises, Dario Histaspes. O "quarto": Xerxes, o mais rico e mais poderoso rei persa, invadiu a Grécia, mas foi derrotado em Salamina, 480 a.C.

O "Rei poderoso", v. 3: Alexandre, o Grande. Seu reino estava dividido em quatro, v. 4: Grécia, Ásia Menor, Síria, Egito.

O "Rei do Sul", v. 5: Ptolomeu I do Egito. "Um de seus príncipes", Seleuco Nicator, a princípio oficial de Ptolomeu I, veio a ser rei da Síria, o mais poderoso dos sucessores de Alexandre.

"A Filha do rei" v. 6: Berenice, filha de Ptolomeu II, foi dada em casamento a Antíoco II e foi assassinada.

"Um renovo da linhagem dela", v. 7: Ptolomeu III, irmão de Berenice, em represália, invadiu a Síria e obteve grande vitória, v. 8.

"Dois filhos", v. 10: Seleuco III e Antíoco III (o Grande), v. 11-12: Ptolomeu IV derrotou Antíoco III com grande perda na batalha de Ráfia, perto da fronteira do Egito, 217 a.C. v. 13: Antíoco III, depois de 19 anos, voltou com grande exército contra o Egito; v. 14: Judeus ajudaram Antíoco; v. 15: ele derrotou as forças do Egito; v. 16: Antíoco conquistou a Palestina; v. 17: Antíoco deu sua filha Cleópatra, em traiçoeira aliança de casamento, a Ptolomeu V, esperando por meio dela dominar o Egito. Ela, porém, aliou-se ao marido, 18:19: Antíoco então invadiu a Ásia Menor e a Grécia, e foi derrotado pelo exército romano em Magnésia, 190 a.C. Voltou à pátria e foi morto.

"Um homem vil", vv. 21-35: Antíoco Epifânio; v. 21: Não sendo herdeiro legal, subiu ao trono por traição; vv. 22-25: Fez-se senhor do Egito, em parte pelas armas, em parte pela astúcia e por fraude; v. 26: Ptolomeu VI, filho de Cleópatra, sobrinho de Antíoco, foi derrotado pela traição de seus

próprios súditos; v. 27: Sob o disfarce de amizade, Antíoco e Ptolomeu rivalizavam um com o outro em traição; v. 28 Regressando do Egito, Antíoco atacou Jerusalém, matou 80.000, capturou 40.000 e vendeu outros tantos judeus como escravos; v. 29: Antíoco outra vez invadiu o Egito. Mas a esquadra romana compeliu-o a retirar-se, v. 30. V. 31: Desabafou sua ira em Jerusalém e, furioso, profanou o Templo. V. 32: Foi auxiliado por judeus apóstatas. Vv. 32-35: Proezas dos heróicos irmãos macabeus.

Quanto aos vv. 36-45, há divergência de opiniões. Pensam alguns que se referem a Antíoco Epifânio; outros, à posse da Terra Santa pelos maometanos; outros, ao Anticristo; outros ainda pensam que se referem a todos os três acima.

Capítulo 12. O Tempo do Fim

Daniel encerra a sinopse que faz das épocas e dos acontecimentos da história universal, com um movimento rápido para o tempo do fim, vv. 4, 9, 13, quando haverá angústia como nunca houve, v. 1, seguida da ressurreição dos mortos e da glória eterna dos santos, vv. 2, 3.

"Tempo de angústia, qual nunca houve", v. 1, nao se aplica menos à nossa própria geração: torturas, sofrimentos e morte de populações inteiras, infligidos por ditadores demoníacos, não mais intensos talvez do que as atrocidades perpetradas por Antíoco, Tito, os imperadores romanos e os papas da Inquisição, mas em escala que não encontra paralelo em toda a história passada. E ainda não é o fim.

"Muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará", v. 4, será esta uma característica do tempo do fim. Também isto se aplica à geração de hoje, como a nenhuma outra: trens, automóveis, navios, aviões, livros, jornais e rádio, como meios de transporte e de disseminação do saber, numa escala nunca dantes sonhada em qualquer período da história passada.

E hoje, cumulando tudo isso, temos a bomba atômica que tem infundido terror nos corações de tal forma que nos faz desconfiar estarmos hoje no período que, Jesus disse, seria o cenário de Sua vinda, "sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas; haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo", Lc 21:25,26.

OSÉIAS

O Israel Apóstata Será Lançado Fora

As Outras Nações Serão Admitidas

Oséias foi profeta do reino do Norte: fala do respectivo rei chamando-o "nosso" rei, 7:5. Sua mensagem dirigiu-se ao reino do Norte, com referências ocasionais a Judá.

A Época de Oséias

Mais ou menos nos últimos 40 anos do reino do Norte. Começou seu ministério quando Israel, sob Jeroboão II, estava no zênite de seu poder; ver sobre 2 Rs 14. Assim, foi testemunha da sua queda rápida. Foi contemporâneo de Amós, sendo, porém, mais moço; contemporâneo de Isaías e Miquéias, mais velho que estes. Quando criança, possivelmente conheceu Jonas. Os reis em cujos reinados profetizou foram Uzias, Jotão, Acaz, Ezequias, todos de Judá, e Jeroboão II, de Israel. As datas aproximadas dêstes reis foram como segue:

Reis de Israel, o Reino do Norte

Jeroboão II, 782-753 a.C. Reinado de grande prosperidade. **Oséias** começa.

Zacarias, 753-752 a.C. Reinou 6 meses. Foi morto por Salum.
Salum, 752 a.C. Reinou 1 mês. Foi morto por Menaém.
Menaém, 752-742 a.C. Incrivelmente cruel. Títere da Assíria.
Pecaías, 742-740 a.C. Foi morto por Peca.
Peca, 740-732 a.C. Morto por Oséias. Cativeiro galileu, 732 a.C.
Oséias, 732-723 a.C. Queda de Samaria, 722 a.C. Fim do reino.

Reis de Judá, o Reino do Sul

Uzias, 767-740 a.C. Bom rei, **Oséias** começa.
Jotão, 740-732 a.C. Bom rei.
Acaz, 732-716 a.C. Muito perverso. Cativeiro galileu, 732 a.C.
Ezequias, 716-687 a.C. Bom rei. Queda de Samaria, 722 a.C.

Algumas destas datas em parte coincidem com outras e são de difícil compreensão. O período máximo, pois, em que Oséias pode ter profetizado seria 782-687 a.C., e o período mínimo cerca de 753-716 a.C. Admitindo que seu ministério se estendeu a uma parte considerável dos reinados de Jeroboão e Ezequias, talvez fosse seguro colocá-lo em mais ou menos 770-710 a.C.

A Situação

Uns 200 anos antes da época de Oséias, dez tribos, dentre as doze, separaram-se do reino de Davi e se constituíram em reino independente, tendo o bezerro de ouro como seu deus nacional. Entrementes Deus enviara os profetas Elias, Eliseu, Jonas, Amós, e agora vocacionou Oséias.

Capítulos 1, 2, 3. A Esposa e os Filhos de Oséias

Oséias recebeu ordem de Deus para tomar uma esposa de "prostituições", 1:2. Israel, como "noiva" de Deus (Ez 16:8-15), o havia abandonado,

entregando-se ao culto de outros deuses, como mulher casada que se entrega a outro homem. Assim, "prostituição" era termo que convinha à nação, como um todo, em seu adultério espiritual, e não implica necessariamente em que Gômer fosse pessoalmente uma mulher devassa.

Entretanto, a inferência simples e natural da linguagem empregada é que foi uma experiência real na vida de Oséias; a interpretação geralmente aceita é que ele, profeta de Deus, recebeu de fato ordem divina para desposar uma mulher impúdica, como símbolo do amor de Deus por Israel transviado; ou uma mulher que, se foi casta no princípio, depois se tornou infiel ao marido, deixou-o e amasiou-se com outro que melhor pudesse satisfazer seu desejo pelo luxo, 2:5; mulher a quem Oséias ainda amava e resgatou para si, 3:1-2. O culto idólatra do país acompanhava-se tão freqüentemente de práticas imorais, 4:11-14, que era difícil a uma mulher ser casta, porquanto "prostituição", no seu sentido literal, era provavelmente uma realidade com relação à maioria das mulheres daqueles tempos.

Algo da linguagem aplica-se literalmente à família de Oséias, outro tanto à nação figuradamente, e mais alguma coisa a uma e à outra, alternando-se o sentido literal com o figurado. "Suas frases acompanham o ritmo das pulsações de um coração ferido."

Oséias recupera sua esposa, 3:1-5. Comprou-a de volta, porém pediu-lhe que se privasse por um tempo do privilégio conjugal, como figura profética da permanência de Israel por "muitos dias sem rei e sem sacrifício", antes do seu eventual regresso a seu Deus e a Davi seu rei, vv. 3, 4.

Os filhos. Não somente o casamento de Oséias foi uma ilustração daquilo que pregava, mas até aos filhos deu os nomes das principais mensagens de sua vida. "Jezreel", 1:4,5, o primogênito. Jezreel fora a cidade da brutalidade sanguinária de Jeú (2 Rs 10:1-14). O vale de Jezreel (hoje chamado Esdraelom) foi o velho campo de batalha em que o reino por um triz não entrou em colapso. Dando ao filho o nome de Jizreel, Oséias estava dizendo ao rei e à nação: Retribuição; a hora do castigo chegou.

"Lo-Ruama", "Desfavorecida", 1:6, foi o nome do segundo filho, uma menina, que significava "Não há mais misericórdia" para Israel, embora houvesse uma prorrogação para Judá, v. 7. "Lo-Ami", 1:9, nome do terceiro filho, significava "Não-meu-povo". Oséias então repete os dois nomes sem a partícula "Lo" (não), 2:1, significando agora "Meu povo" e "Favor", referindo-se, com um jogo de palavras, ao tempo em que outras nações seriam chamadas povo de Deus, 1:10, passagem que Paulo cita como significando a extensão do evangelho aos gentios, Rm 9:25.

Capítulo 4. "Efraim Está Entregue aos Ídolos"

A idolatria é a fonte de seus crimes nefandos, vv. 1-3. Os sacerdotes alimentam-se dos pecados do povo, vv. 4-10. As jovens são meretrizes; mulheres casadas recebem outros homens em casa; os homens se retiram com prostitutas, vv. 11-14. Judá, v. 15, não se afundara tanto na idolatria quanto Israel, e foi poupado por uns 100 anos depois que Israel foi destruído. "Gilgal", v. 15, santuário de culto idólatra, pensa-se que ficava uns 11 km a N.O. de Betel. "Bete-Áven", v. 15, outro nome de Betel, era o principal santuário idólatra do reino do Norte. "Efraim", v. 17, sendo a maior e mais

central das tribos do Norte, tornou-se sinônimo de todo o reino Setentrional. "O vento", v. 19, já havia envolvido a nação pecadora em suas asas para levá-la a outra terra: metáfora muitíssimo impressionante.

Capítulo 5. "Efraim Tornar-se-á Assolação"

Sacerdotes, rei e povo são "rebeldes" contra Deus, vv. 1-3. Mergulhados no pecado, com o que se orgulham, "o seu proceder não lhes permite voltar para o seu Deus", vv. 4-5. "Filhos bastardos (estranhos)", v. 7, isto é, de outros homens que não são seus maridos. "Subiu à Assíria", v. 13; o esforço do rei em pagar tributo para livrar-se da Assíria (2 Rs 15:19) de nada adiantaria.

Capítulo 6. "Sacerdotes Matam e Praticam Torpezas"

O "terceiro dia", v. 2, significava provàvelmente que, após curto prazo, Israel seria restaurado, e geralmente se entende como alusão antecipada à ressurreição do Messias ao terceiro dia. "Gileade", v. 8, e "Siquém", v. 9, duas das principais cidades do país, eram particularmente horríveis como centros de vício e violência.

Capítulo 7. "Todos Eles São Adúlteros"

"Quentes como um forno e consomem os seus juízes", vv. 4, 7, refere-se provavelmente ao período de concupiscência e violência apaixonada, no qual quatro de seus reis foram assassinados em rápida sucessão, mesmo enquanto Oséias profetizava. "Pão que não foi virado", v. 8, assado só de um lado, cru no outro, portanto impróprio para se comer. "Cãs", v. 9, sintomas do fim que se aproxima.

Capítulo 8. "Semeiam Ventos, Segarão Tormentas"

Estabeleceram rei, mas não da minha parte", v. 4. Deus designara a família de Davi para governar seu povo. As dez tribos se rebelaram e estabeleceram para si uma linhagem diferente de reis (1 Rs 12:16-33). "Mercou (alugou) amores", v. 9: namorando a Assíria, com a paga de tributo (2 Rs 15:19-20).

Capítulo 9. "Tornaram-se Abomináveis como Aquilo que Amaram"

"Tornará ao Egito", v. 3, não literalmente (ver 11:5), mas a uma escravidão na Assíria igual à do Egito, embora que após o cativeiro muitos judeus se estabelecessem no Egito mesmo. "Seu profeta é um insensato", v. 7: fosse esta a opinião de Oséias acerca dos falsos profetas, fosse, o que é mais provável, a opinião do povo sobre o mesmo Oséias. "Profundamente se corromperam", v. 9, como nos dias de Gibeá, quando uma mulher foi brutalizada, toda uma noite, por indivíduos bestiais (Jz 19:24-26). "Andarão errantes entre as nações", v. 17: isso começou no tempo de Oséias e continuou, sem parar, até hoje.

Capítulo 10. "A Glória de Betel já Se Foi"

Os "Bezerros de Betel", v. 5, em pedaços, serão desfeitos (8:6); espinheiros e abrolhos crescerão sobre os seus altares , v. 8. "Salmã", v. 14, é provavelmente Salmaneser III.

Capítulo 11. "Como Te Deixarei?"

"Do Egito chamei", v. 1: é citado em Mt 2:15 como se referindo à fuga dos pais de Jesus para o Egito; como a nação messiânica, em sua infância, fora chamada do Egito, assim o próprio Messias foi chamado de lá. "Inclinado a desviar-se de Deus", v. 7, mas o coração divino se comovia, v. 8.

Capítulo 12. "Em Betel Achou a Deus"

"Assíria" e "Egito", v. 1: a diplomacia mentirosa de Israel, que entrava em acordo secreto com esses países, contrários um ao outro, resultaria em desastre. "Betel", v. 4: o centro da abominável idolatria deles ficava no mesmo lugar onde seu pai Jacó dedicara sua vida a Deus (Gn 28:13-15).

Capítulo 13. "Pecam Mais e Mais"

"Fez-se culpado no tocante a Baal", v. 1: a adição do culto de Baal ao culto do bezerro, sob Acabe (1 Rs 16:31-33), foi a infecção que desencadeou a morte nacional. "Ó morte", v. 14: promessa de ressurreição nacional, citada em 1 Co 15:55, como referente à ressurreição literal do cristão.

Capítulo 14. "Israel Voltará para Deus"

A noiva extraviada do SENHOR voltará para o seu esposo e outra vez corresponderá ao seu amor, como nos dias de sua mocidade, 2:14-20.

O livro de Oséias versa sobre quatro assuntos: A idolatria de Israel, sua perversidade, seu cativeiro e sua restauração. Quase cada sentença é um parágrafo, alternando-se sobre estes assuntos aparentemente sem conexão.

Oséias teve de arrostar com uma sujeira tão repelente como se pode achar em qualquer parte da Bíblia. A degradação bestial do povo era simplesmente incrível. Contudo, Oséias labutou e sofreu, sem cessar, por fazê-lo ver que Deus ainda o amava. É um livro admirável.

JOEL

Uma Praga de Gafanhotos

O Dia Vindouro do Senhor

A Predição da Era do Evangelho

E do Derramamento do Espírito Santo

Como Sofonias, é um livro de Juízo Vindouro. Como o Apocalipse, vaticina a Ceifa da Terra, 3:13,14; Ap 15:15,16.

A Época de Joel

Não vem indicada no livro. Comumente se considera que foi um dos primeiros profetas de Judá, no tempo de Joás, cerca de 830 a.C., ou possivelmente no reinado de Uzias, mais ou menos em 750 a.C.

Capítulos 1:1-2:27. A Praga de Gafanhotos

Fome aterradora, causada por uma praga de gafanhotos sem precedente, seguida de prolongada seca, devastara o país. Os quatro diferentes termos usados em 1:4 indicam diferentes espécies de gafanhotos, ou diferentes estágios em seu crescimento. Nuvens enormes deles, que escureciam o sol, enxameavam na terra e devoravam tudo quanto era verde, fizeram o povo prostrar-se de joelhos. Deus ouviu os clamores desse povo, afastou os gafanhotos e prometeu uma era de prosperidade. Essa praga ofereceu ocasião ao profeta para falar de um juízo mais terrível, ainda por vir. Tais gafanhotos sugerem os mencionados em Ap 9:1-11 e deles podem ser típicos.

Capítulos 2:38-3:21. O Dia Vindouro do Senhor

Em At 2:17-21, Pedro cita Jl 2:28-32 como vaticínio do "dia" que ele estava inaugurando. Significa isto que Deus quis, por essa passagem, predizer a dispensação do evangelho. Seria um dia de julgamento das nações, 3:1-12. Para Joel isto significava as nações inimigas que havia no seu tempo: sidônios, filisteus, egípcios e edomitas, 3:4,19. Havia, porém, mais. A grande batalha do vale de Josafá (vale de Cedrom, ao lado oriental de Jerusalém), 3:9-12, é referida em conexão com a "ceifa", v. 13, o "vale da decisão", v. 14, Deus "bramando de Jerusalém", v. 16, "os céus e a terra" tremendo, v. 16, "saindo uma fonte da casa do Senhor", v. 18 — sendo tudo isto uma continuação do pensamento a respeito da era do Espírito Santo, de 2:28-32. Assim, no seu conjunto, a passagem parece que tem a intenção de apresentar um quadro da era cristã, na qual a Palavra de Deus, corporificada no evangelho de Cristo, e levada a todo o mundo pelas graciosas influências do Espírito Santo, seria a foice de uma grandiosa ceifa de almas.

AMÓS

A Apostasia e a Perversidade de Israel

A Condenação Certa

A Restauração

A Glória Futura do Reino de Davi

Esta profecia parece ter sido proferida por ocasião de uma visita a Betel, 7:10-14, uns 30 anos antes da queda de Israel.

Amós foi profeta de Judá, o reino do Sul, tendo uma mensagem para Israel, o reino do Norte, nos reinados de Uzias, rei de Judá (767-740 a.C.) e de Jeroboão II, rei de Israel (782-753 a.C.), 1:1.

O "terremoto", 1:1, diz Josefo que coincidiu com a imposição da lepra em Uzias, 2 Cr 26:16-21. Foi no princípio da co-regência de Jotão, cerca de 740 a.C.; e, segundo esse cálculo, a profecia de Amós ocorreu cerca de 742 a.C.

O reinado de Jeroboão havia sido de muito sucesso. O reino fora consideravelmente ampliado, 2 Rs 14:23-29. Israel estava no auge da prosperidade, mas em descarada idolatria e exalando o mau cheiro de sua podridão moral: era uma terra de falsos juramentos, furtos, injustiças, opressões, roubalheiras, adultérios e homicídios.

Fazia uns 200 anos que as dez tribos se haviam separado do reino de Davi (931 a.C.) e estabelecido o reino independente do Norte, tendo como religião o culto do bezerro, 2 Rs 12:25-33. Durante parte desse tempo o culto de Baal também fora adotado, e muitas das práticas abomináveis da idolatria cananita ainda predominavam. Entrementes, Deus enviara Elias, depois Eliseu e mais adiante Jonas. Mas, sem nenhum efeito sobre o povo. Israel, empedernido na idolatria e perversidade, descambava, agora, veloz para a ruína. Foi então que Deus enviou Amós e Oséias, num derradeiro esforço por frear a nação na sua arremetida para a morte.

Contemporâneos de Amós

Amós, quando menino, provavelmente conheceu Jonas, e pode tê-lo ouvido contar a visita que fizera a Nínive. É possível também que tivesse conhecido Eliseu, ouvindo-o narrar sua intimidade com Elias. Jonas e Eliseu estavam se retirando do palco da História, quando Amós chegou. Joel também pode ter sido seu contemporâneo, ou predecessor próximo. A praga de gafanhotos a que se refere, 4:9, pode ter sido a do tempo de Joel. Oséias foi seu cooperador. Podia estar em Betel ao tempo da visita de Amós. Sem dúvida, eles se conheciam bem e podem ter comparado notas muitas vezes sobre as mensagens que Deus lhes havia dado. Oséias, sendo mais moço, continuou a obra depois que Amós se afastou. Outrossim, quando Amós, encerrava seu trabalho, Isaías e Miquéias começavam o seu.

Capítulos 1, 2. Condenação de Israel e Nações Vizinhas

Amós começa com uma condenação geral da região inteira, oito nações: Síria, Filístia, Fenícia, Edom, Amom, Moabe, Judá e Israel. Depois focaliza a atenção em Israel. Chama a juízo cada uma delas com a mesma fórmula "Por três transgressões e por quatro", especificando as transgressões particulares de cada uma. "Cativeiro" é uma das palavras-chaves do livro, 1:5,15; 5:5,27; 6:7; 7:9,17. Dentro de 50 anos cumpriram-se estes vaticínios. Os poucos remanescentes que escaparam dos assírios caíram mais adiante perante os babilônios e os gregos.

Tecoa, 1:1, lugar de residência de Amós, ficava 16 km ao Sul de Jerusalém, 8 km de Belém, numa elevação de 890 m nas terras descampadas de pasto que dominavam o deserto da Judéia, na mesma região onde se pensa que João Batista, 8 séculos mais tarde, cresceu e se tornou homem. Amós dizia-se leigo, visto não ser sacerdote nem profeta de profissão, 7:14, e sim boiadeiro e colhedor de sicômoros. O sicômoro era uma espécie de figueira brava.

O "terremoto", 1:1, devia ter sido muito forte, pois foi guardado na lembrança durante 200 anos, e assemelhado ao dia do juízo, Zc 14:5.

Capítulo 3. Os Palácios Suntuosos de Samaria

Samaria, capital do reino do Norte, situava-se numa colina a 100 m de altitude, num vale de beleza extrema, cercado de montes por três lados, tão inexpugnável quanto bela. Mas, seus palacetes residenciais haviam-se construído à custa do sangue dos pobres, 2:6, 7; 3:10; 5:11; 8:4-7; — com uma crueldade de chocar até os pagãos egípcios e filisteus, vv. 9-10.

Betel, v. 14, onde Amós falava, 7:13, era o centro religioso do reino do Norte, 19 km ao Norte de Jerusalém, um dos lugares onde Jeroboão I erigiu um bezerro de ouro, 2 Rs 12:25-33, que ainda lá se encontrava, Os 13:2. A esse centro corrompido de idolatria chegou Amós com um derradeiro aviso para o reino apóstata.

Capítulo 4. "Prepara-te para Te Encontrares com o Teu Deus"

As senhoras mimadas de Samaria, vv. 1-3, viviam opulentamente dos ganhos extorquidos aos pobres. Amós chama-as "vacas de Basã", v. 1, animais cevados à espera da matança. Dentro de poucos anos foram levadas "com anzóis", v. 2. Os assírios conduziam seus cativos literalmente presos pelos beiços com anzóis.

A religiosidade de Israel, vv. 4-5. Impiedosos em sua crueldade, contudo intensamente religiosos. Que satírio contra a religião!

Os esforços repetidos de Deus, vv. 6-13, por salvá-los, foram por eles baldados. Chegara o tempo de a nação iníqua encontrar-se com o seu Deus.

Capítulo 5. O Dia do Senhor

Lamento sobre a queda de Israel, vv. 1-3; outro apelo para que volte a Deus, vv. 4-9; e outra denúncia dos seus maus caminhos, vv. 10-27. Os vv. 18-27 parecem indicar que estavam querendo voltar à oferta de sacrifícios a Deus, ao invés de fazê-los ao bezerro. Mas o que Amós queria não era sacrifícios, e sim uma reforma da maneira de vida do povo.

Capítulo 6. O Cativeiro

Repetidamente Amós contrasta o ócio sensual, o luxo palaciano e o sentimento de segurança dos dirigentes e dos ricos, com os intoleráveis sofrimentos prestes a sobrevir-lhes.

Capítulo 7. Três Visões de Destruição

Gafanhotos, vv. 1-3, simbolizando a destruição da região. Amós intercede. O SENHOR se compadece.

O fogo, vv. 4-6. Outro símbolo de destruição vindoura. Outra vez Amós intercede, e outra vez o SENHOR se compadece.

O prumo, vv. 7-9. A cidade é medida para a destruição. Duas vezes Deus se compadecera. Não o faria mais. Castigara e tornara a castigar; perdoara e tornara a perdoar. O caso deles é desesperador.

O sacerdote de Betel, vv. 10-17. Quanto tempo Amós passou em Betel não se sabe, mas as suas denúncias e avisos repetidos estavam agitando o povo, v. 10. O sacerdote fê-lo saber a Jeroboão. Contudo, Amós ficou cada vez mais afoito e disse ao sacerdote que ele mesmo seria cativo e sua mulher se prostituiria, v. 17, isto é, ficaria à mercê dos soldados assírios invasores.

Capítulo 8. O Cesto de Frutos de Verão

Outro símbolo de que o reino pecador estava maduro para a ruína. É uma reiteração das causas: a ganância, a desonestidade e a brutalidade para com os pobres. Repetidamente, sob muitas figuras, a Bíblia deixa claro que não há possibilidade de escapar das conseqüências inevitáveis do pecado persistente.

Capítulo 9. A Glória Futura do Reino de Davi

Outro vaticínio do cativeiro, vv. 1-8. Dentro de 30 anos aconteceu, e o reino apóstata deixou de existir.

O trono restaurado a Davi, vv. 8-15. Visão profética sempre repetida, de luminosos dias além das trevas. Amós viveu perto de Belém, cidadezinha de Davi. Sentia-se muito de haverem as dez tribos renunciado ao trono davídico, que Deus ordenara para o seu povo, a cujo aprisco por 200 anos haviam recusado obstinadamente a voltar. Sua última palavra: Em dias próximos o reino de Davi, por eles desprezado, reabilitar-se-á e dominará não somente uma nação, mas um mundo de nações, em glória eterna.

OBADIAS

A Condenação do Edom

Os Edomitas

Edom era a cordilheira de montes rochosos a leste do Vale de Arabá (ver pág. 135), que se estendia uns 160 km de Norte a Sul, e uns 32 km de Leste a Oeste. Era bem irrigado e tinha abundantes pastagens. Sela (Petra) era a capital, cravada no alto de um penhasco íngreme que dominava um vale de extraordinária beleza, muito para dentro dos profundos vales das montanhas. Os edomitas podiam sair para suas expedições de assalto e depois recolher-se aos seus redutos intransponíveis, nos desfiladeiros rochosos.

Os edomitas descendiam de Esaú; eram, todavia, sempre inimigos rancorosos dos israelitas, perpetuando assim a inimizade entre Esaú e Jacó, Gn 25:23; 27:41. Recusaram passagem a Moisés, Nm 20:14-21, e sempre estavam prontos a ajudar um exército que atacava os israelitas.

A Data desta Profecia

A profecia foi provocada por um saque de Jerusalém, do qual os edomitas participaram. Houve quatro de tais saques:

1. No reinado de Jeorão, 848-841 a.C., 2 Cr 21:8,16,17; Am 1:6.
2. No reinado de Amazias, 796-767 a.C., 2 Cr 25:11,12,23,24.
3. No reinado de Acaz, 732-716 a.C., 2 Cr 28:16-21.
4. No reinado de Zedequias, 597-587 a.C., 2 Cr 26:11-21; Sl 137:7.

Há várias opiniões quanto a qual destes pertence Obadias, visto que a "destruição" de Judá é mencionada, vv. 11-12, a profecia é geralmente fixada no reinado de Zedequias, quando Jerusalém fora incendiada pelos babilônios, 587 a.C.

Outras Escrituras que vaticinaram a condenação de Edom foram: Is 34:5-15; Jr 49:7-22; Ez 25:12-14; 35:1-15; Am 1:11-12.

O Cumprimento da Profecia

Obadias vaticinou que os edomitas seriam "exterminados para sempre" e seriam "como se nunca tivessem sido", vv. 10, 16, 18; e que um restante de Judá seria salvo, e que o reino do Deus de Judá ainda prevaleceria, vv. 17, 19, 21.

Dentro de 4 anos após Jerusalém ter sido queimada, Edom foi invadido e assolado, 581 a.C., pelos mesmos babilônios que eles haviam ajudado contra Jerusalém. Os nabateanos apoderam-se de Edom. Os poucos edomitas que ficaram retiraram-se para uma região na parte sul da Judéia, onde por quatro séculos continuaram a existir como inimigos ativos dos judeus. Em 126 a.C. foram submetidos por João Hircano, um dos governantes macabeus, e obrigados à circuncisão, sendo absorvidos pelo estado judaico. Quando a Palestina foi conquistada pelos Romanos, 63 a.C., os Herodes, que eram uma família iduméia foram postos à testa de Judá. Foram eles os últimos edomitas. Com a destruição de Jerusalém, 70 d.C., desapareceram da história.

JONAS

Um Recado de Misericórdia para Nínive

Nínive era a capital do Império Assírio. Este foi império mundial por uns 300 anos, 900-612 a.C. Começou sua elevação à potência universal mais ou menos pela época da divisão do reino judaico, no fim do reinado de Salomão. Pouco a pouco absorveu e destruiu o reino do Norte de Israel. Os reis assírios que tiveram relações com Israel e Judá foram:

Salmaneser III, 859-824 a.C. Começou a "diminuir" Israel.
Adade-Nirari, 808-783. Recebeu tributo de Israel. **Visita de Jonas?**
Tiglate-Pileser III, 745-727 a.C. Deportou a maior parte de Israel.
Salmaneser V, 727-722 a.C. Sitiou Samaria.
Sargão II, 722-705 a.C. Levou cativo o resto de Israel. Isaías.
Senaqueribe, 705-681 a.C. Invadiu Judá. Isaías.
Esar-Hadom, 680-669 a.C. Muito poderoso.
Assurbanípal, 669-627 a.C. Poderosíssimo e brutal. **Naum?**
Dois reis fracos, 626-609 a.C. O gigantesco império caiu, 609 a.C.

De modo que Jonas foi chamado por Deus para prolongar a vida da nação inimiga que já procedia ao extermínio de seu povo. Não admira que ele fugisse na direção oposta; foi o receio patriótico de uma máquina militar, brutal e implacável, que estava acometendo o povo de Deus.

Jonas era natural de Gate-Hefer. Viveu no reinado de Jeroboão II (782-753 a.C.) e ajudou a recobrar algum território perdido de Israel, 2 Rs 14:25, o que pode ter ocorrido depois de sua visita a Nínive e durante o intervalo ocasionado pelo arrependimento temporário dessa cidade.

A Historicidade do Seu Livro

Naturalmente, por causa da história do peixe, a mentalidade incrédula revolta-se e não aceita o livro como histórico. Dizem que é ficção, ou alegoria, parábola, ou poema escrito em prosa, etc. etc. Jesus indubitavelmente considerou o caso como fato histórico, Mt 12:39-41. É necessário fazer considerável violência à sua linguagem para que seja outro o seu sentido. Jesus chamou o caso um "sinal" de Sua própria ressurreição. Colocou o peixe, o arrependimento dos ninivitas, a Sua própria ressurreição e o dia do juízo, tudo debaixo da mesma categoria. Certo que Ele tratava de realidades quando falou de Sua ressurreição e do dia do juízo. Assim foi que Jesus aceitou a história de Jonas. Para nós isto resolve a questão. Cremos que o fato ocorreu realmente, do modo como é narrado, e que Jonas, sob a direção do Espírito de Deus, escreveu o livro sem procurar desculpar-se de sua indigna atitude; e que esse livro, ainda sob a direção do mesmo Espírito, foi posto entre os Sagrados Escritos no Templo, como parte da Revelação que Deus fez de Si.

O peixe. O vocábulo, erradamente traduzido "baleia", significa "grande peixe", ou "monstro marinho." Têm-se achado muitos monstros marinhos bastante grandes para engolir uma pessoa. Entretanto, o que caracteriza a

história é ela tratar de um **milagre,** que era um atestado divino de que Jonas havia sido enviado a Nínive. Sem um milagre assim assombroso, os ninivitas teriam dado pouca atenção a Jonas, Lc 11:30.

Confirmação Arqueológica. Ao que saibamos, não há registro do arrependimento dos ninivitas nas inscrições assírias. Existem, no entanto, vestígios de que Adade-Nirari fez reformas similares às de Amenófis IV no Egito. E, sob os reinados dos três reis que se seguiram a Adade-Nirari, houve uma cessação das conquistas assírias. Nesse período Israel recobrou território perdido, 2 R 14:25. Isto sugere que a influência de Jonas em Nínive foi profunda.

O Propósito de Deus no Caso

Uma coisa é que o fato pode ter adiado o cativeiro de Israel, visto que a ganância de conquista foi um dos pecados de que se arrependeram, 3:8.

Principalmente, parece que a intenção de Deus foi dar a entender ao Seu próprio povo que Ele também estava interessado em outras nações.

Demais disto, o lar de Jonas ficava em Gate-Hefer (2 Rs 14:25), perto de Nazaré, residência de Jesus, de quem Jonas era um "sinal".

Mais ainda: Jope, onde Jonas embarcou para não pregar a uma outra nação, foi o lugar exato, escolhido por Deus 800 anos mais tarde, para ali dizer a Pedro que recebesse pessoas de outras nações, At 10.

E ainda mais: Jesus citou o caso como figura profética de Sua própria ressurreição ao "terceiro" dia, Mt 12:40.

Assim, em tudo, a história de Jonas é uma grandiosa figuração histórica da ressurreição do Messias e da Sua missão a todas as nações.

Capítulo 1. A Fuga de Jonas

"Társis", v. 3, pensa-se que era Tartessos, na Espanha. Jonas dirigia-se às partes mais afastadas do mundo então conhecido.

Capítulo 2. A Oração de Jonas

Ele devia ter o hábito de orar empregando palavras dos Salmos, assim como fez nesta bela oração. Seu lançamento de volta à terra firme pode ter-se dado perto de Jope, e pode ter sido presenciado por muitos.

Capítulo 3. O Arrependimento de Nínive

Jonas, em sua pregação, sem dúvida contava sua experiência com o peixe, apresentando testemunhas que comprovavam sua história. Falando em nome do Deus da nação à qual os ninivitas haviam começado a saquear, estes tomaram-no a sério e ficaram aterrorizados.

Capítulo 4. O Desapontamento de Jonas

Fora lá, não para chamá-los ao arrependimento, mas para anunciar a sentença da condenação deles. No entanto, agradou a Deus haverem-se arrependido, pelo que adiou o castigo, muito a contragosto de Jonas. (Ver mais sobre Naum).

Ao nosso ver, o traço mais tocante do livro está no último versículo: a compaixão de Deus pelas criancinhas. Influiu em Deus, para sustar a destruição da cidade, o fato de Seu coração ser refratário à idéia do morticínio de inocentes crianças. Jesus gostava muito de crianças e de atitudes de crianças em pessoas adultas.

Nínive

Nínive propriamente dita media de extensão 4.800 m e 2.400 m de largura. A Nínive maior incluía Calá, 32 km ao Sul, e Corsabade, 16 km ao Norte. O triângulo formado pelo Tigre e o Zabe fazia parte das fortificações de Nínive.

Calá, posto avançado ao Sul de Nínive, cobria 40.470 ares. Aí Layard e Loftus descobriram palácios de Assurnasipal, Salmaneser e seu Obelisco Negro, Tiglate-Pileser e Esar-Hadom.

Corsabade, posto avançado ao Norte de Nínive, foi construída por Sargão, que destruiu Israel, 722 a.C., e cujo palácio, o primeiro depois do de Senaquerībe, era o mais magnificente de todos, ver págs. 255-257, 331-333.

O Cômoro "Jonas". O segundo cômoro em volume, das ruínas de Nínive, chama-se "Yunas", que é a palavra nativa correspondente a "Jonas". O cômoro cobre 1.618 ares, e tem 33 m de altura. Encerra o túmulo que se diz ser de Jonas. Foi isto uma das coisas que sugeriram a Rich tratar-se aí das ruínas de Nínive, e que levaram à sua identificação, ver pág. 42. Esse túmulo é tão sagrado para os naturais do lugar que estes não têm permitido nenhuma escavação em larga escala no cômoro. Layard descobriu as ruínas do palácio de Esar-Hadom. Espera-se que um dia os segredos deste palácio possam ser explorados. Sobre outras notas acerca de Nínive, ver as págs. 331-333.

Fig. 64. O Cômoro Yunas, Nínive. (Cortesia do ©Matson Photo)

MIQUÉIAS

A Queda Iminente de Israel e Judá

O Messias Nascerá em Belém

Miquéias profetizou nos reinados de Jotão (740-732 a.C.), Acaz (732-716 a.C.), e Ezequias (716-687 a.C.). Jotão e Ezequias foram bons reis, porém Acaz foi mau em extremo. Miquéias, pois, testemunhou a apostasia do governo e sua restauração. Sua residência ficava em Moresete, na fronteira dos filisteus, perto de Gate, uns 48 kms. a S.O. de Jerusalém. Foi contemporâneo de Isaías e Oséias.

A mensagem de Miquéias dirigia-se a Israel e Judá, endereçada primeiramente às respectivas capitais, Samaria e Jerusalém. Suas três idéias principais eram: Os pecados, a destruição e a restauração deles. Tais idéias, no livro, vão misturadas, com transições súbitas da descrição da desolação presente à da glória futura. Muitas sentenças parecem desconexas.

Capítulo 1. Samaria é Condenada

Samaria era a capital do reino do Norte. Seus governantes eram responsáveis diretos pela corrupção nacional dominante, v. 5. Desde que, 200 anos antes, apostataram de Deus e adotaram o culto do bezerro e a Baal, e outros ídolos e práticas idólatras dos cananeus, siros e assírios, Deus lhes enviara Elias, Eliseu e Amós para fazê-los abandonar os ídolos. Foi debalde. Já estavam quase amadurecidos para o golpe de morte. Miquéias chegou a ver a realização de suas palavras, v. 6. Em 732 a.C. os assírios levaram todo o Norte de Israel, e em 722 a.C. Samaria mesma tornou-se um "montão". Os lugares referidos nos vv. 10-15 ficavam na parte Oeste de Judá e ao longo da fronteira dos filisteus, no próprio torrão natal de Miquéias. Foram invadidas e devastadas pelos assírios, enquanto o reino do Norte era derribado.

Capítulo 2. A Brutalidade dos Governantes

Além de serem idólatras, 1:5-7, as classes governantes eram impiedosas no tratamento dos pobres, tomando-lhes os campos, até sua roupa, expulsando de suas casas mulheres com criancinhas, e para cúmulo de tudo amontoavam para si falsos profetas que fechavam os olhos às suas práticas injustas e cruéis, 6:11. Miquéias, havendo mencionado o cativeiro, 1:16, agora de repente retrata a restauração deles, a cuja frente Deus marchará, 2:12-13.

Capítulo 3. A Brutalidade dos Governantes

Continuação da denúncia da crueldade arbitrária e desumana das classes governantes, com referência especial a Jerusalém, v. 10, e em particular aos

líderes religiosos, vv. 5-7,11. Miquéias profere a sentença condenatória de Jerusalém, v. 12, como fizera, em 1:6, referentemente a Samaria.

Capítulo 4. O Reinado Universal de Sião

Visão de um mundo temente a Deus, sem guerras, feliz e próspero, com Sião à frente. Que contraste! 4:1-3 é o mesmo que Is 2:2-4: sublimes, palavras majestosas, muito dignas de serem repetidas. Súbito, ao meio desta rapsódia do futuro, o profeta volta para a sua época atribulada e à condenação de Jerusalém, que acabou de mencionar, 3:12, anunciando que o povo será levado cativo para a Babilônia, 4:10. É uma profecia estupenda. Nesse tempo a Assíria estava varrendo tudo que encontrava. Foi isso 100 anos antes da elevação do Império Babilônico. Todavia, Jerusalém sobreviveu à arremetida dos assírios, e permaneceu até à derrocada desse povo pela Babilônia, à cujas mãos Jerusalém caiu, 605 a.C., e seu povo foi levado àquele país.

Capítulo 5. O Rei Futuro de Sião

Um Governador vindo de Belém à frente de Sião. Em 4:1-8, o futuro glorioso. Em 4:9-10, um retrocesso ao cativeiro. Em 4:11-12, mais para trás, à época do profeta, o cerco de Jerusalém pelos assírios, então em andamento. Em 4:13, um avanço ao futuro. Depois, em 5:1, um retorno ao cerco de Jerusalém. São estas as circunstâncias que cercam a aparição do LIBERTADOR a proceder de BELÉM, vv. 2-5. No horizonte visual de Miquéias era um livramento da Assíria, vv. 5-6. Mas, além desse horizonte, numa distância obscura, assomava o vulto majestoso do REI MESSIAS vindouro, procedendo do seio da eternidade, 2, pelo caminho de Belém. O livramento de Sião, de sob o poder da Assíria, pelo anjo do SENHOR (Is 37:33-37) era, em alguns respeitos, a prefiguração de uma libertação maior por vir operada pelo Salvador dos homens. Muitos vaticínios do A.T. acerca de Cristo, apresentaram-se envoltos nas névoas de situações históricas dos próprios tempos dos profetas, todavia, bastante claros para não se prestarem a equívocos. Inquestionavelmente, o governante eterno a proceder de Belém, v. 2, identifica-se com o Menino Maravilhoso de Is 9:6-7. Este é o único lugar do A.T. onde se declara especificamente que o Cristo nasceria em Belém (ver sobre Mt 2:2)

Capítulo 6. Controvérsia do SENHOR com o Seu Povo

Novamente, os pecados da época de Miquéias: a ingratidão a Deus, a presunção religiosa, a desonestidade, a idolatria; haveria castigo certo.

Capítulo 7. O Triunfo Final de Sião

Miquéias lamenta a traição, a violência e a sede de sangue reinantes. Outra vez ameaça castigo. Encerra com uma visão do tempo futuro, em que Deus e Seu povo serão supremos, e a promessa feita a Abraão será plenamente cumprida.

A Sentença Condenatória de Nínive

Dos profetas, dois ocuparam-se só de Nínive: Jonas, cerca de 780 a.C., e Naum, mais ou menos em 630 a.C.: um distante do outro uns 150 anos. A mensagem de Jornas foi de misericórdia; a de Naum, de condenação. Juntos, ilustram o modo de Deus tratar com as nações: prolongando o dia da graça, mas no fim castigando-as por seus pecados.

Quem Foi Naum

Pouco se sabe de Naum. É chamado "elcosita", 1:1. Seu nome figura na palavra "Cafarnaum", que significa "vila de Naum". Pode isto indicar que ele residiu em Cafarnaum, ou foi seu fundador, tornando-se famoso mais tarde o lugar como centro do ministério de Jesus. Elcós, lugar de seu nascimento, ficava provavelmente perto. Dizem que havia uma Elcós sobre o rio Tigre, 32 km ao Norte de Nínive, e que Naum podia ter estado entre os israelitas cativos. Havia também uma Elcós ao Sul de Jerusalém. Se Cafarnaum foi lugar de sua residência, então foi ele da mesma localidade de Jonas e Jesus.

A época de Naum. O livro indica o tempo ao qual pertence. Tebas (Nô-Amom) havia caído, 3:8-10, — 663 a.C. A queda de Nínive é dada como iminente. Ocorreu em 612 a.C. Assim, Naum situa-se entre 663 e 612 a.C. Como Nínive é apresentada no auge de sua glória e como suas tribulações começaram com a invasão dos citas, 626 a.C., pode ser sensato colocar esta profecia logo antes dessa invasão, digamos cerca de 630 a.C. Isso faz Naum contemporâneo de Sofonias, que também predisse a ruína de Nínive em linguagem admiravelmente vívida, Sf 2:13-15.

Capítulos 1, 2, 3. A Completa Ruína de Nínive

Por todos estes três capítulos, ora falando de Nínive, ora lhe falando, sua destruição é predita com minúcias espantosas e pitorescas.

O fato de Deus ser tardio em irar-se, 1:3, pode ter sido mencionado como a lembrar a visita de Jonas a essa cidade, anos antes. A ira de Deus, 1:2-8, através de toda a Bíblia, é o reverso de Sua misericórdia.

A queda da cidade sanguinária, 3:1, seria uma notícia de gozo inefável para o mundo que ela havia tão impiedosamente esmagado, especialmente para Judá. Ver na pág. 195 uma nota sobre a brutalidade assíria.

"Como um açude de águas", 2:8 o grande número de canais protetores ao longo dos muros dava à cidade esse aspecto.

Sofonias também vaticinou a queda de Nínive, nestas palavras: "Esta é a cidade alegre e confiante, que dizia consigo mesma: Eu sou a única e não há outra além de mim. Como se tornou em desolação, em pousada de animais! Qualquer que passar por ela assobiará com desprezo", Sf 2:13-15.

NÍNIVE

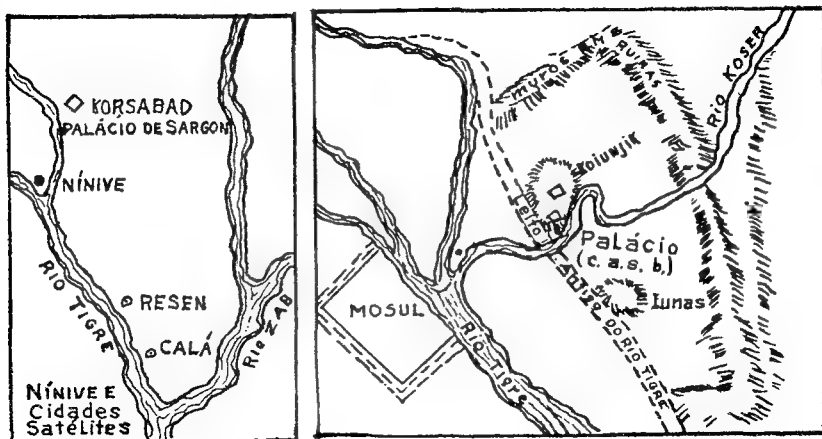
Nínive era a capital do Império Assírio, que destruíra Israel, ver pág. 195. Fundada por Ninrode, logo após o dilúvio, Gn 10:11-12, desde o princípio, fora rival de Babilônia: esta, na parte sul do Vale do Eufrates; Nínive, na parte norte; distantes, uma da outra, uns 480 km, ver mapa na

pág. 49. Nínive elevou-se à potência mundial cerca de 900 a.C. Logo depois, começou a "diminuir" Israel. Lá por 780 a.C., Deus enviou-lhe Jonas numa tentativa de fazê-la desviar-se desse caminho de conquistas brutais. Dentro dos seguintes 60 anos, em 722 a.C., os exércitos assírios haviam acabado de destruir o reino do Norte de Israel. Por mais outros 100 anos, Nínive continuou ganhando, mais e mais, poderio e ficando mais arrogante.

Ao tempo da profecia de Naum, era ela a cidade soberana da terra, poderosa e brutal além do que se possa imaginar, cabeça de um estado guerreiro feito às custas do despojo das nações. Riquezas ilimitadas, procedentes dos confins da terra, abarrotavam os seus cofres. Naum compara-a com um covil de leões vorazes, animais de rapina, a alimentar-se do sangue das nações, 2:11-13.

O nome Nínive abrangia um complexo de vilas associadas, servidas por um único sistema de irrigação, protegidas por uma única rede de fortificações baseada nas defesas formadas pelos rios. A cidade central, que era a grande área palaciana no meio do grande sistema, também se chamava Nínive.

A Nínive maior media uns 48 km de extensão e uns 16 de largura; ver pág. 325. Era protegida por 5 muralhas e 3 valas, construídas com o trabalho forçado de milhares sem conta de cativos estrangeiros. Jonas menciona 120.000 criancinhas (Jonas 4:11); isto sugere que sua população podia ser de, quase, um milhão. A cidade interior de Nínive, propriamente, era de uns 4.800 m de extensão, e 2.400 de largura, construída na junção do Tigre com o Kôser e protegida por muralhas de 30 m de altura, bastante largas para sobre elas correrem 4 carros emparelhados, e de 12 km de circuito.

No apogeu do poderio de Nínive e às vésperas de sua derrocada súbita, apareceu Naum com esta profecia, chamada, por alguns, de "canto fúnebre de Nínive", "clamor da humanidade pela justiça".

Mapa 51. Ruínas de Nínive

Nínive

A Queda de Nínive, 612 a.C. Dentro de uns 20 anos depois do vaticínio de Naum, um exército de babilônios e medos acometeu Nínive. Após 2 anos de cerco, uma enchente repentina do rio levou parte das muralhas. Naum vaticinara que as comportas do rio se abririam para o exército destruidor, 2:6. Pela brecha feita desse modo, os babilônios e medos atacantes penetraram para sua obra de destruição. Cavalos curveteavam, os chicotes estalavam, rodas matraqueavam, carros saltavam e estrondeavam, espadas cintilavam e havia montões de cadáveres, 2:3-4; 3:1-7. Tudo aconteceu exatamente como Naum descrevera; e a cidade vil e sanguinária passou para o esquecimento.

Sua destruição foi tão completa que até a sua localização foi esquecida. Quando Xenofonte e seus 10.000 passaram por ali 200 anos mais tarde, supôs que os montões eram as ruínas de alguma cidade dos Partos. Quando Alexandre, o Grande, empreendeu a famosa batalha de Arbela, 331 a.C., perto do local de Nínive, não sabia que ali já tinha existido uma cidade.

A Descoberta das Ruínas de Nínive. Tão completamente haviam desaparecido todos os vestígios da glória do Império Assírio que muitos eruditos chegaram a pensar serem lendárias as referências que a Bíblia e outras histórias antigas lhe faziam, e que na realidade tal cidade e tal império nunca existiram. Em 1820, o inglês Claude James Rich gastou 4 meses a esboçar os cômoros do outro lado do Tigre, defronte de Mossul, o que ele suspeitava fossem as ruínas de Nínive. Em 1845, Layard identificou em definitivo o local; ele e seus sucessores descobriram as ruínas dos magníficos palácios dos reis assírios, com cujos nomes estamos hoje familiarizados, e centenas de milhares de inscrições nas quais lemos a história da Assíria, contada pelos naturais do país, a qual em grau impressionante suplementa e confirma a Bíblia.

Koyunjik é o nome do principal cômoro. A Leste do Tigre, bem defronte de Mossul, cidade moderna. Cobre uns 4.047 acres e sua altitude média é de uns 30 m (Fig. 66). Encerra os palácios dos reis Senaqueribe e Assurbanipal. Senaqueribe era o rei que invadiu Judá. Seu palácio era o mais soberbo de todos. Foi desenterrado por Layard, 1849-50. Tinha mais ou menos o tamanho de três grandes quarteirões de uma cidade.

A Biblioteca de Assurbanipal. Talvez foi a descoberta arqueológica que, mais do que outra, marcou época. Foi descoberta essa biblioteca por Layard, Rassam e Rawlinson, 1852-54, no palácio de Senaqueribe. Originalmente continha 100.000 volumes. Cerca de um terço deles foi restaurado e acha-se no Museu Britânico. Assurbanipal foi um tanto inclinado à arqueologia; fez seus escribas pesquisar e copiar as bibliotecas da antiga Babilônia, de 2.000 anos antes. Somos-lhe, pois, gratos por haver preservado o conhecimento da primitiva literatura babilônica.

Fig. 65. Relevo encontrado no palácio de Tiglate-Pileser em Nínive.
Mostra habitantes duma cidade conquistada.
(Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

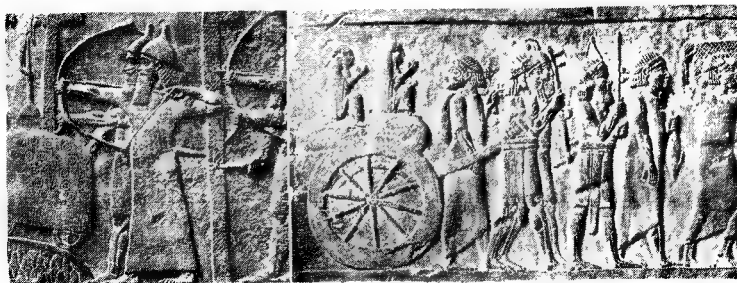



Fig. 66. Cenas de guerra em relevo, mostrando um ataque dos soldados cercando uma cidade. A direita se encontra uma coluna de presos.
(Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

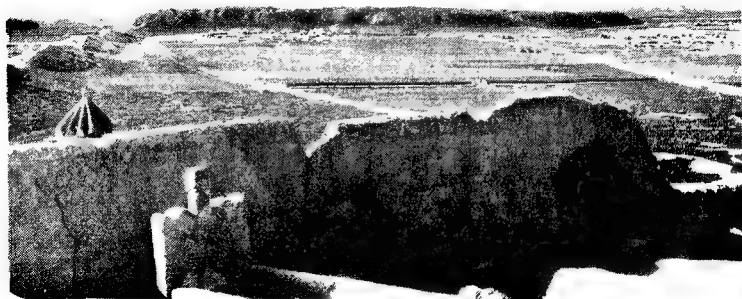



Fig. 67. Ruínas de Nínive. Cistas do Cômoro Yunas, na direção N.O.
(Cortesia do Instituto Oriental)

H A B A C U Q U E

A Invasão de Judá

A Condenação dos Caldeus

"O Justo Viverá pela Sua Fé"

Esta profecia pertence ao período entre 625 e 605 a.C., provavelmente mais ou menos 607 a.C., no começo do reinado de Jeoaquim. Os caldeus (babilônios) investiam na direção do Oeste, 1:6, mas ainda não haviam alcançado Judá, 3:16. A cronologia do período foi:
640-609 a.C. Josias. Grande reforma. **Sofonias.**

630 a.C. A Assíria grandemente enfraquecida pela invasão dos citas.
626 a.C. A Babilônia declarou-se independente da Assíria.
612 a.C. Os babilônios destruíram Nínive
609 a.C. Jeoacaz reinou 3 meses. Levado para o Egito.
609-597 a.C. Jeoaquim. Reinado muito perverso. **Habacuque?**
605 a.C. Os babilônios invadiram Judá. Levaram cativos.
605 a.C. Os babilônios derrotaram os egípcios em Carquemis.
597 a.C. Joaquim reinou 3 meses. Levado para a Babilônia.
597-587 a.C. Zedequias. Rei fraco e perverso. Levado para a Babilônia.
587 a.C. Jerusalém é queimada. Assolação do país.

Capítulo 1:1-4. A Queixa de Habacuque

A profecia é uma queixa dirigida a Deus, por permitir que sua nação, em virtude de sua maldade, seja destruída por outra nação ainda mais perversa. Habacuque não podia ver onde, no caso, havia justiça.

Capítulo 1:5-11. A Resposta de Deus

Deus replicou-lhe que, nas conquistas aterrorizadoras dos exércitos dos caldeus, Ele tinha um propósito.

Capítulos 1:12-2:1. A Segunda Queixa de Habacuque

Reconhecendo que Judá merecia castigo e correção por seus pecados, Habacuque procura mais esclarecimentos, 2:1.

Capítulo 2:2-20. Deus Responde pela Segunda Vez

O poderio caldaico, embriagado com o sangue das nações, será destruído por seu turno; e o povo de Deus ainda encherá a terra.

Capítulo 3. A Oração de Habacuque

Clama ele, orando que Deus torne a operar Suas maravilhas, como na antigüidade, contudo o faz com sublime resignação e confiança na segurança eterna do povo de Deus, vv. 16-19. A lição do livro é: O homem viverá pela sua fé, 2:2-4. A fé consiste na capacidade de a pessoa sentir-se tão certa a respeito de Deus que, não importando quão escuras sejam as circunstâncias, dúvida nenhuma tem sobre o que daí possa resultar. Para o povo de Deus há um **futuro glorioso.** Pode ainda estar distante, mas é absolutamente certo. Assim, no meio de sua melancolia e desespero, Habacuque era um otimista de primeira ordem.

SOFONIAS

O Grande Dia do SENHOR Está Próximo

O Advento de uma "Linguagem Pura"

Sofonias profetizou nos dias de Josias, 1:1. Foi trineto de Ezequias, 1:1, sendo pois de sangue real e parente de Josias. Este, 640-609 a.C. procedendo do longo e mau reinado de Manassés, empreendeu grande reforma, ver sobre 2 Cr 34, da qual Sofonias foi ótimo promotor. Esta profecia, pois, foi proferida apenas poucos anos antes que soasse a hora da condenação de Judá.

Capítulos 1:1-2:3. Às Portas o Dia de Ira para Judá

É chamado o grande dia do SENHOR, que se menciona várias vezes, 1:7, 8,9,10,14,15,16,18; 2:2,3; 3:8. Dia de terror, prestes a sobrevir a Judá e às nações vizinhas: com referência parcial, talvez, à invasão dos citas (ver sobre Jr 4); porém com referência definida, inequívoca, à invasão babilônica e ao cativeiro de Judá, que se deram 20 anos adiante: possivelmente também uma espécie de delineamento simbólico de catástrofes a ocorrerem no tempo do fim. "Exército do céu", 1:5, o culto do sol e da lua, idolatria assíria. Milcom, 1:5, ou Moloque, deus amonita. "Porta do peixe", 1:10, a porta do Norte, por onde passava o peixe trazido da Galiléia, mais tarde conhecida como porta de Damasco. "Mactés", 1:11, uma parte do vale Tiropoeom, distrito comercial de Jerusalém.

Capítulo 2:4-15. O Dia de Ira para as Nações

Gaza, Asquelom, Asdode, Ecrom: v. 4, cidades da Filístia. "Quereteus", v. 5, outro nome pelo qual se chamavam os filisteus. Etiópia, v. 12, era o Sul do Egito; seus governantes na época dominavam todo este país. Assíria, v. 15, com Nínive, sua orgulhosa capital, terror do mundo. Dentro de 20 anos, todas estas terras ficaram assoladas sob o calcanhar da Babilônia.

Capítulo 3:1-8. O Dia de Ira para Jerusalém

Desenvolvimento do pensamento do cap. 1: os pecados de Judá, especialmente dos governantes e chefes religiosos, e o castigo certo.

Capítulo 3:9-20. O Advento de uma "Linguagem Pura" (Lábios Puros)

A bonança depois da tormenta. Três vezes o profeta fala de um restante a ser salvo, 2:3,7; 3:12-13, e duas vezes do seu regresso do cativeiro, 2:7; 3: 20, com a adoção, no país, de uma "linguagem pura", v. 9, isto é, um sistema correto de pensar e falar a respeito de Deus. A linguagem é o veículo e expressão da verdade. É o vaticínio de um dia por vir, quando uma revelação completa e perfeita de Deus seria outorgada ao homem (referência óbvia ao Evangelho de Cristo), resultando que convertidos dentre todas as nações seriam trazidos a Deus, alegres, com jubilosos cânticos de redenção, ressoando por toda a terra os louvores do povo de Deus.

AGEU

A Reedificação do Templo

Previsão de um Templo mais Glorioso Ainda Por Vir

Após voltarem do cativeiro, a primeira providência tomada pelos judeus na restauração da vida nacional, em sua pátria, foi reedificarem o Templo.

Ageu, Zacarias, Malaquias

Estes três profetas pertenceram ao período de após o regresso do cativeiro: período do qual se fala nos livros de Esdras, Neemias e Ester. Ver sobre Esdras.

Ageu e Zacarias ajudaram na construção do Templo, 520-516 a.C. Pensa-se que Malaquias se associou a Neemias perto de 100 anos mais tarde, na reconstrução dos muros de Jerusalém.

A Cronologia do Período

538 a.C.: 50.000 judeus, sob Zorobabel, voltam a Jerusalém.
538 a.C.: No 7.º mês, edificam o altar e oferecem sacrifício.
537 a.C.: No 2.º mês, começa a obra do Templo e é suspensa.
520 a.C.: No 6.º mês (setembro), dia 1.º, Ageu chama para a construção.
No 6.º mês, dia 24, começa a construção.
No 7.º mês (outubro), dia 21, segundo apelo de Ageu.
No 8.º mês (novembro), alocução inicial de Zacarias.
No 9.º mês (dezembro), dia 24, 3.º e 4.º apelo de Ageu.
No 11.º mês (fevereiro), dia 24, visões de Zacarias.
518 a.C.: No 9.º mês (dezembro), dia 4, visões de Zacarias.
516 a.C.: No 12.º mês (março), dia 3, acaba-se o Templo.
515 a.C.: No 1.º mês (abril), dias 14 a 21, Páscoa jubilosa.
458 a.C.: Esdras vem a Jerusalém e empreende certas reformas.
444 a.C.: Neemias reconstrói os muros. Período de Malaquias.

Ageu e Seu Livro

Era provável que Ageu fosse um homem idoso, que tivesse visto o primeiro templo (2:3?). Seu livro encerra quatro discursos muito breves.

A Situação

Judá fora conquistado, Jerusalém queimada, o Templo demolido e o povo levado para Babilônia, 605-587 a.C., como se diz em 2 Rs caps. 24, 25. Depois do cativeiro de 70 anos, uns 50.000 judeus retornaram à pátria, conforme o edito do rei Ciro (Ed caps. 1, 2), 538 a.C., e sob a direção do governador Zorobabel e do sacerdote Jesua, começaram a reedificar Jerusalém, principiando pelo Templo. Mas, antes que removessem o entulho e

lançassem as fundações desse Templo (Ed 3:10), a obra foi suspensa pelos seus vizinhos inimigos (Ed 4).

Nada mais se fez durante 15 anos. Nesse ínterim, novo rei, Dario, subiu ao trono da Pérsia. Tinha boa vontade para com os judeus. O tempo era auspicioso. E sob a pregação e o encorajamento imediato de Ageu e Zacarias, a obra foi reencetada e o Templo acabado em quatro anos, 520-516 a.C. (Ed caps. 5, 6).

Capítulo 1. Começa a Obra do Templo

15 anos antes os alicerces do Templo tinham sido lançados, Ed 3:10. Mas, entrementes nada mais se fizera. O povo perdera o interesse. O SENHOR, falando mediante Ageu, informa-os que nisso estava a razão de serem minguadas suas safras. Um dos ensinos do A.T. mais insistentes é que a adversidade nacional deve-se à desobediência da nação a Deus.

A mensagem de Ageu logrou efeito imediato. O povo aceitou-a como palavra de Deus, e dentro de 24 dias a obra recomeçou.

Capítulo 2. A Glória Futura da Casa de Deus

Dentro de mais 27 dias, os velhos alicerces foram desobstruídos e se edificou o bastante para que se vissem os contornos e a configuração geral do edifício. A insignificância deste, comparada com a grandeza do Templo de Salomão, fez que os mais velhos, que tinham visto este, sentissem grande tristeza. Foi então que Ageu entrou em cena com a visão do futuro do Templo, ao lado de cuja glória o de Salomão ficaria ofuscado e reduzido à insignificância.

Esta é distintamente uma visão messiânica. A mente de Ageu estava posta naquele Templo, que ele, ao lado de Zorobabel, ajudava a construir. Contudo, suas palavras eram palavras de Deus; e a mente divina, num sentido mais profundo talvez do que aquele que Ageu podia alcançar, visava outro Templo, ainda por vir, do qual o de Salomão e o de Zorobabel eram apenas pálidas figuras: A Igreja, edificada não de pedras, mas de almas remidas. A Igreja, de glória inalterável, infinda e inefável, consumação de todas as obras maravilhosas de Deus, é o Templo do Senhor, 1 Co 3:16-17; 2 Co 6:16; Ef 2:21, com o qual Ageu está sonhando aqui.

"Farei abalar o céu e a terra", vv. 6, 7. Posto que isto possa se referir imediatamente a convulsões políticas, cita-se em Hb 12:26 como tendo referência ao desvanecimento das coisas terrenas no alvorecer do reino eterno dos céus.

O inverno ia em meio, v. 10. A terra ainda não tivera tempo de dar seus frutos. Mas o povo se entusiasmara e pusera mãos à obra da construção da Casa de Deus; e aqui o SENHOR lhes promete que, doravante, suas safras serão certas e abundantes.

Ageu termina com uma visão do dia da coroação de Zorobabel. Este representava a família de Davi, ver sobre Zc 4.

ZACARIAS

A Reedificação do Templo

A Previsão do Templo Maior do Futuro

Visões do Messias Vindouro

Seu Reino Universal

Zacarias foi coevo de Ageu. Enquanto parece que Ageu era já muito idoso, Zacarias aparentava ser muito jovem, visto que era neto de Ido, o qual voltara para Jerusalém 16 anos antes, Ne 12:4,16. Já fazia 2 meses que Ageu pregava e a obra do Templo tinha começado, quando Zacarias entrou em cena. Todo o ministério de Ageu, de que se tem notícia, durou pouco menos de 4 meses; o de Zacarias, cerca de 2 anos. Mas, sem dúvida, eles cooperaram por todos os 4 anos, exortando, animando, ajudando, trabalhando.

O livro de Zacarias é consideravelmente maior que o de Ageu. Apresenta abundantes traços, rápidos e brilhantes, do Messias, mencionando literalmente muitos pormenores da vida e obra de Cristo.

Capítulo 1:1-6. O Cativeiro é Devido à Desobediência

Esta mensagem inicial de Zacarias ocorreu entre a 2.ª e a 3.ª de Ageu, situando-se entre os vv. 9 e 10 de Ageu 2, quando a obra do Templo tinha pouco mais de um mês, e sua manifesta insignificância desencorajava o povo. Zacarias adverte-os contra a evidente e crescente inclinação deles de voltar às práticas dos seus pais desobedientes, as quais os trouxeram àquela condição lastimável. Depois passa a animá-los com visões que Deus lhe dera do futuro magnificente.

Capítulo 1:7-17. A Visão dos Cavalos

A única informação quanto à data das visões, daqui ao fim do cap. 6, está em 1:7, quando a obra do Templo já se fazia há 5 meses. Supomos, assim, que as visões vieram uma após outra; e que foram escritas nesse tempo.

As mensagens de Deus pelos profetas geralmente vinham por um movimento direto do Espírito do SENHOR na mente deles. Mas aqui são dadas por um anjo que fala com o profeta e lhe responde às perguntas. Ver nota sobre Mt 4:11, com referência a anjos.

Esta visão dos cavalos significa que o mundo inteiro estava tranqüilo, debaixo da mão de ferro do Império Persa, cujo rei, Dario, era favorável aos judeus, e que decretara fosse edificado o Templo. De modo que a época era auspiciosa para que a obra avançasse. A visão termina declarando que Jerusalém ainda outra vez seria cidade grande e próspera, ver sobre o cap. 2.

Capítulo 1:18-21. A Visão dos Chifres e dos Ferreiros

Os quatro chifres representavam as nações que destruíram Judá e Israel. Os quatro ferreiros representavam os destruidores daquelas nações, por Deus enviados. Era um modo figurado de dizer que as potências mundiais então dominantes seriam abatidas, e Judá outra vez seria exaltado. Deus

é mais poderoso do que os potentados da terra. Ele está no trono, mesmo quando seu povo é vencido temporariamente.

Capítulo 2. A Visão do Cordel de Medir

É um capítulo grandioso. É a previsão de uma Jerusalém tão populosa, próspera e segura que transbordará dos muros, sendo Deus mesmo a sua proteção. A obra do Templo, já de 5 meses, prosseguia satisfatoriamente, e o povo, sem dúvida, fazia planos de reconstruir os muros de Jerusalém os quais, no entanto, só se construíram 75 anos mais adiante. Esses planos, porém, deram o pano de fundo da presente visão do dia em que "muitos povos e nações fortes, de todas as línguas que há na terra", virão ao Deus dos judeus.

Capítulo 3. A Visão do Sumo Sacerdote Jesua

É previsão da obra expiatória de Cristo. Jesua, sumo sacerdote, está vestido de roupas sórdidas, que simbolizam a pecaminosidade do povo. As vestes sujas de Jesua são tiradas, significando que os pecados do povo são perdoados e este é aceito por Deus. É uma figura do tempo em que os pecados da humanidade seriam removidos "num só dia", v. 9, quando o "renovo" que nasceria na Casa de Davi (o Messias) fosse traspassado, 12:10, e "uma fonte" fosse aberta para lavar os pecados, 13:1. Ver mais sobre 13:1-9.

Capítulo 4. O Candelabro e as Duas Oliveiras

O que aqui se fala diretamente a Zorobabel e à casa que está edificando. Há, porém, uma referência inequívoca a uma casa mais gloriosa no futuro, a ser edificada por um descendente de Zorobabel, chamado Renovo. É uma exortação para que tomemos coragem no dia dos pequenos começos, fixando nossos olhos na grandeza do fim. O candelabro era uma representação simbólica da casa de Deus. Esteve no Tabernáculo e no Templo. Em Ap 1:20 representa a Igreja. As duas oliveiras parecem representar Jesua e Zorobabel. No cap. 3 a visão referia-se especialmente a Jesua. Aqui ressalta Zorobabel. As figuras aqui são transportadas para a visão das duas testemunhas em Ap 11.

Capítulo 5:1-4. O Rolo Volante

Uma folha, com um mapa de parede desenrolado, 10 m de comprimento por 5 de largura, escrita com maldições contra o furto e o falso juramento, alçando o vôo sobre a terra e removendo o pecado com a destruição dos pecadores.

Capítulo 5:5-10. O Efa Volante

Outra representação da remoção do pecado, igual à retirada das vestes sujas de Jesua, 3:3-8, e à fonte aberta para purificação do pecado, 13:1. Uma efa que continha uma mulher, tampada com um selo de chumbo, seria um cesto maior com o aspecto de era, cesto de medida de secos, 22 litros. Enquanto o pecado é aqui representado por uma mulher, também por mulheres é ele removido, v. 9. Daria isto a entender profeticamente que o Renovo vindouro, o qual removeria o pecado humano em um só dia, 3:8-9, seria

trazido ao mundo por uma mulher sem concurso de homem? A figura aqui é algo semelhante à do "bode emissário" de Lv 16, sobre cuja cabeça se punham os pecados do povo, e se levava para o deserto.

Capítulo 6:1-8. Os Quatro Carros de Guerra

Mensageiros dos juízos de Deus, a patrulharem a terra, com olhos vigilantes, a executarem os decretos de Deus contra os inimigos de Israel. É um desenvolvimento da idéia contida na visão dos chifres e dos ferreiros, 1:18-21.

Capítulo 6:9-15. A Coroação de Jesua

É um ato profético e simbólico, que amplia a visão do "Renovo", 3:8-9, e a visão a respeito de Zorobabel, 4:6-9.

"Renovo", v. 12, era o nome do Messias vindouro, da família de Davi a chamar-se "Nazareno" (ver sobre Mt 2:23); Is 4:2; 11:1,10; Jr 23:5,6; 33:15-17; Ap 5:5; 22:16).

O governador Zorobabel era, naquela época, o representante vivo da família de Davi, mediante quem tinham prosseguimento as promessas messiânicas. Era neto do rei Joaquim (Jeconias), que fora levado para Babilônia, e era herdeiro do trono de Davi. Se o reino de Judá existisse, seria ele o rei. O que aí se diz dele, refere-se, em parte, à sua pessoa, em parte à sua família, isto é, família de Davi, mais particularmente ao grande representante dessa família, o Messias vindouro.

À família de Davi, entre outras coisas, Deus havia reservado a tarefa de edificar a Sua Casa. Ao próprio Davi dera Ele a planta, por Ele mesmo manuscrita, e especificações do Templo, 1 Cr 28:11,19. Salomão, filho de Davi, edificou o Templo segundo essas especificações, 2 Cr 2:7, o edifício mais magnificente do mundo naquele tempo. Zorobabel, descendente de Davi, estava então (520-516 a.C.) ocupado em reconstruí-lo. O profeta garantiu-lhe que o acabaria, 4:6-9, dando-se-lhe a entender, misticamente, que ainda outro templo seria edificado pelo "Renovo", com o auxílio de muitos "que estão longe", 6:12-15. Ver sobre Ageu 2.

O "Renovo" seria da família de Zorobabel (de Davi), da descendência real. Mas aqui o sacerdote Jesua é coroado e apresentado como esse "Renovo", sentando-se no trono de Davi, 6:12-13. Tem-se aí uma fusão simbólica dos dois ofícios, de rei e de sacerdote, na pessoa do Messias vindouro.

Capítulos 7, 8. A Pergunta Acerca do Jejum

Durante 70 anos o povo viera jejuando, no 4.º, 5.º, 7.º e 10.º meses, 8:19, e chorando a destruição do Templo. Agora, como tudo indicava que em breve iam ter novo Templo, surgiu a questão, sobre se deviam continuar tais jejuns. Em resposta, Zacarias lembra-lhes que tinha havido boas razões para jejuarem, penitenciando-se de sua desobediência e da conseqüente aflição; mas agora seus jejuns haviam-se tornado mero sinal exterior de exibição de santidade fingida, e assim suas festas religiosas só tinham o intuito de deleite pessoal.

Então, segundo o costume dos profetas, de alternarem cenas de aflição presente com as de glória futura, Zacarias traça um quadro da era messiânica vindoura, quando os jejuns se converterão em alegres festas, 8:19.

Os judeus, outrora povo poderoso, com velhas tradições de que haviam sido predestinados pelo seu Deus para ser o principal povo do mundo, mas agora um resto insignificante e desprezado, estavam em sua pátria tão somente por permissão dos reis persas. Zacarias procurou com afinco encorajá-los, dizendo-lhes muitas vezes que a coisa não ia ficar assim para sempre; e que no futuro o poderoso império, então dominante, seria abatido, e o povo de Deus ainda possuiria o que era seu.

O quadro pintado por Zacarias, de uma Sião próspera e pacífica, suas ruas cheias de meninos e meninas, velhos e velhas, todos felizes, 8:3-5, centro da civilização mundial, todas as nações indo aos judeus para aprenderem do seu Deus, 8:22-23, esse quadro também se encontra em outras passagens, 1:17; 2:4,11; 14:8,16. Fosse qual fosse o intuito original destas passagens, sua linguagem, sem dúvida, retrata impressionantemente o que tem acontecido durante vinte séculos: as influências que emanam de Jerusalém, em nome do cristianismo, moldando o curso da História e trazendo as nações da terra ao Deus dos judeus.

Capítulos 9, 10, 11. Juízos de Deus sobre Nações Vizinhas

Os capítulos 9-14 contêm coisas que com muita clareza se referem as guerras gregas, ocorridas 200 anos depois da época de Zacarias.

O capítulo 9 parece ser uma previsão da luta de Judá com a Grécia. Alexandre Magno, invadindo a Palestina em 331 a.C., devastou as cidades nomeadas nos vv. 1-7, pela ordem em que aí estão, e contudo poupou Jerusalém, v. 8. Os vv. 13-17 parecem referir-se a continuação da luta de Judá contra os ptolomeus e selêucidas gregos até ao período macabeu.

Um quadro do rei vindouro de Sião, 9:9-10, é aqui colocado no meio de cenas da luta feroz de Judá com a Grécia. O v. 9 é citado no N.T. como se referindo à entrada triunfal de Cristo em Jerusalém, Mt 21:5; Jo 12:15. No mesmo fôlego, v. 10, o profeta avança para o dia do triunfo final. É um vislumbre do começo do reino do Messias, seguido de outro vislumbre do fim.

O cap. 10 é uma previsão da restauração do povo disperso de Deus. Naquele tempo só um pequeno restante havia voltado.

O cap. 11 é a parábola dos pastores. O rebanho de Deus tinha-se dispersado e havia sido morto porque seus pastores foram falsos. Nesta acusação aos falsos pastores, há uma representação do povo a rejeitar o Bom Pastor, vv. 12-13. À vista do contexto, não relacionaríamos esta passagem com a traição a Cristo por Judas Iscariotes; mas o fato é que no N.T. vem citada nessa relação, Mt 26:15; 27:9-10 (ver sobre Mc 14:10-11). Temos nisso a chave do sentido que Deus dá a essa passagem. A rejeição de seu verdadeiro pastor foi acompanhada da quebra das varas Graça e União, isto é, o concerto do cuidado protetor de Deus e o adiamento da reunião deles em sua terra. Em seguida são entregues ao pastor insensato, vv. 15-17. Pensa-se que há aí referência à destruição de Jerusalém pelos romanos, logo após a morte de Cristo e a conseqüente nova dispersão dos judeus; ou, possivelmente, é uma personificação de todos os perseguidores dos judeus, desde o período macabeu até ao tempo da besta de Ap 13.

Capítulos 12, 13, 14. A Visão do Futuro de Israel

Como os caps. 9, 10, 11 são chamados "sentença" concernente às nações vizinhas, 9:1, assim os caps. 12, 13, 14 são chamados "sentença" com referência a Israel, 12:1. As duas secções são bem semelhantes. Ambas são uma continuação ampliada das idéias encerradas nas visões dos primeiros 8 capítulos, as mesmas idéias sempre repetidas de maneira diferente.

12:1-6. A luta vindoura de Judá com todas as nações da terra. Em 14:1-8 continua a descrição dessa luta. Alguns consideram a linguagem aí uma representação figurada da luta de Deus com as nações através de toda a era cristã. Outros aplicam-na mais literalmente ao tempo do fim.

12:7-13:9. O pranto na casa de Davi. Muito claramente os pensamentos aqui se concentram nessa casa. Se bem que a linguagem seja difícil, pinta-se aí com clareza uma tragédia, seja qual for, a se dar na família de Davi, que ocasionará grande dor, quando algum personagem eminente dessa família será ferido, 13:7, suas mãos transpassadas, 12:10; 13:6, e aberta uma fonte para purificação do pecado, 13:1. Isto acontecerá no dia em que "a casa de Davi" fosse "como Deus", 12:8. Deus, só um membro da família de Davi o foi, a saber, Jesus. Isto identifica a pessoa aí referida com o "Renovo" de 3:8, que tiraria "a iniqüidade" da terra "num só dia", 3:9, e edificaria o "templo do Senhor", 6:12, e dominaria de um ao outro mar (ver sobre 6:9-15). É uma previsão admirável e minuciosa da morte de Jesus, de modo algum aplicável a outra pessoa conhecida. Assim, a morte do Renovo da família de Davi seria a origem do poder de Deus contra as nações, 12:2-4 e sua eficiência se mostraria na eventual remoção dos ídolos e dos falsos profetas de sobre a terra, 13:2-5. Os "dois terços", 13:8, podem significar a maior parte da nação, que sucumbiu na destruição de Jerusalém, 70 d.C., o que se seguiu à rejeição de Cristo; e "o terço", 13:9, o restante que cria e foi perseguido por causa de sua fé.

14:1-2. A luta de Judá com as nações. Ver sobre 12:1-6.

14:3-21. A vitória e o reinado universal de Deus. A grandiosa consumação dos sonhos proféticos, o dia da volta do SENHOR e a inauguração do seu reino eterno. Alguns versados na Bíblia pensam que os vv. 4-8 significam que Jesus, ao voltar, erigirá literalmente Seu trono no monte das oliveiras; que esse monte será fendido e águas correrão literalmente de Jerusalém, para Leste e Oeste, e que a mesma Jerusalém será literalmente o centro das peregrinações das nações, como vem esboçado nos vv. 10:21. Outros consideram a linguagem figurada, representando os novos céus e a nova terra, sob a imagem de um reino terreno, benigno, próspero e todo poderoso, assim como Ap 21 descreve o céu sob a figura de magnífica cidade terrestre.

Sumário dos Prenúncios de Cristo em Zacarias

Sua morte expiatória para a remoção do pecado, 3:8-9; 13:1.

Edificador do Templo do SENHOR, 6:12.

Seu reinado universal, como sacerdote e rei, 6:13; 9:10.

A entrada triunfal em Jerusalém, 9:9, citado em Mt 21:5; Jo 12:15.

Traição por 30 moedas de prata, 11:12, citado em Mt 27:9,10.

Sua deidade, 12:8.

Suas mãos transpassadas, 12:10; 13:6, citado em Jo 19:37.

O pastor ferido, 13:7, citado em Mt 26:31; Mc 14:27.

Aí estão declarações óbvias, nos quadros que Zacarias pinta das lutas e triunfos futuros de Israel, as quais vaticinam, em linguagem específica e inequívoca, não só as grandes doutrinas da morte expiatória do Messias vindouro pelo pecado humano, Sua deidade, e Seu reino universal, como também mencionam incidentes minuciosos de Sua vida, tais como Sua entrada em Jerusalém, montado num jumento, Sua entrega, à traição, por 30 moedas de prata, que se empregaram na compra do campo do oleiro, e o transpassar de Suas mãos. Quatro destes incidentes são diretamente citados no N.T., como acima se vê.

MALAQUIAS

A Última Mensagem do A.T. a uma Nação Desobediente

A época exata de Malaquias não é conhecida. Geralmente se admite que ele viveu perto de 100 anos depois de Ageu e Zacarias, e que esteve associado a Esdras e Neemias nas reformas que empreenderam. Sua época é fixada aproximadamente em 450-400 a.C.

Um restante voltara do cativeiro, 538 a.C. Sob a direção de Ageu e Zacarias reedificaram o Templo, 520-516 a.C. Sessenta anos depois, 458 a.C. Esdras viera de Babilônia a Jerusalém, para ajudar a reorganizar e a estabelecer a nação. 13 anos mais tarde, em 444 a.C., veio Neemias e reconstruiu os muros.

De sorte que, no tempo de Malaquias, os judeus já tinham voltado de Babilônia fazia uns 100 anos, curados, pelo cativeiro, de sua idolatria, mas inclinados a negligenciar a Casa de Deus. Os sacerdotes tinham-se tornado relaxados e degenerados. Os sacrifícios eram de qualidade inferior. Negligenciavam os dízimos. O povo voltara ao seu velho costume de misturar-se pelo casamento com os vizinhos idólatras, ver sobre Ed 9.

Assim é que os judeus, favorecidos do SENHOR acima de todas as nações, desanimados pela sua fraqueza, apegados aos seus pecados, estavam tranqüilos, num estado de letargia mental, aguardando a vinda do Messias prometido. Malaquias assegurou-lhes que o Messias viria no tempo marcado, mas isto significaria juízo para pessoas da espécie deles.

Capítulo 1. Desdém pelos Sacrifícios no Templo

Os vv. 2-3 citam-se em Rm 9:10-13, em referência à escolha que Deus fez de Jacó ao invés de Esaú, Gn 25:22-34. Malaquias emprega a linguagem com referência às duas nações que sugiram de Jacó e Esaú, os israelitas e os edomitas. Ambas foram destruídas pelos babilônios. Israel fora restaurado, mas Edom era ainda uma desolação. Prova do amor de Deus por Israel.

A oferta que faziam de animais enfermos e defeituosos, os quais eles não ousariam oferecer ao seu governador, v. 8, era na realidade um insulto a Deus. Reprovando tal atitude, Malaquias encara o dia em que o Deus a quem sua própria nação despreza dessa forma, tornar-se-á o Deus amado da terra inteira, v. 11.

Capítulo 2. Casamentos com Vizinhos Pagãos

Os sacerdotes, designados por Deus para ensinar e guiar o povo na retidão, vv. 5-7, eram responsáveis por aquela situação deplorável. Rebaixaram-se tanto, haviam-se tornado tão mercenários e corrutos que o termo "sacerdote" ficou sendo alvo de desprezo entre o povo.

Idéias levianas acerca do casamento, vv. 10-16. Os judeus divorciavam-se de suas esposas para se casarem com mulheres pagãs. Era pecado duplicado, desastroso para uma criação adequada dos filhos, e à manutenção do culto nacional a Deus.

O ceticismo estava na raiz dessa indiferença religiosa e baixa moralidade. Observando que as nações ímpias eram mais prósperas, o povo comumente dizia: "Que aproveita servir a Deus?" Ver sobre 3:13-18.

Capítulo 3:1-6. O Dia Vindouro do SENHOR

Malaquias replica ao ceticismo deles: O dia vindouro do juízo dará resposta ao motejo deles, e mostrará se no fim de contas valeu a pena servir a Deus, v. 5. Ver mais sobre 3:13-18.

Capítulo 3:7-12. Os Dízimos

Outra mudança brusca de assunto. Sonegar os dízimos chama-se "roubar a Deus"; porque, pela constituição mosaica, o dízimo era propriedade de Deus, sobre a qual o doador não tinha mais direito do que sobre a propriedade de outrem. Notar a promessa de prosperidade que Deus faz aos dizimistas fiéis, e o desafio para se averiguar se Ele a cumpre.

Capítulo 3:13-18. Outra Vez o Ceticismo Nacional

Os judeus não criam na promessa divina concernente aos dízimos. Achavam que o dinheiro e o esforço oferecidos a Deus eram perdidos. Resposta de Malaquias: Esperem e vejam: o fim mostrá-lo-á, vv. 16-17. Esta bela passagem retrata os poucos fiéis, num tempo de geral apostasia, a animarem-se uns aos outros, e Deus registrando os nomes deles para memória "naquele dia".

Capítulo 4. O Dia Vindouro do SENHOR

Quatro vezes, Malaquias olha à frente para o "dia do SENHOR", 1:11; 3:1-6, 16-18; 4:1-6. Chama-lhe "o dia", 3:2,17; 4:1,3,5. Parece significar toda a Era Cristã, com especial aplicação ao tempo do fim.

A admoestação final do A.T.: Lembrai-vos da lei de Moisés, v. 4.

Seu último vaticínio: Elias introduzirá o "dia do SENHOR", v. 5. Ele o fez, 400 anos mais tarde, na pessoa de João Batista, Mt 3:1-12; 11:14, que deu ênfase às suas fases de juízo.

A última virtude mencionada: Amor de pais e filhos, v. 6, inclusive, como vem citado em Lc 1:17, a consideração pelos ideais dos antepassados.

Sua derradeira palavra: "Maldição", significando que a condição do gênero humano seria desesperadora se o SENHOR não vier.

E assim termina o A.T. Passaram-se 400 anos. Então veio o Messias, para cuja origem a nação judaica viera à luz. Como, durante séculos, rejeitaram os profetas de Deus, assim, quando o Messias chegou, rejeitaram-no também. Desde então os judeus têm estado sem lar, vagueando pela face da terra, tragédia e milagre dos séculos.

A Linhagem Messiânica do Antigo Testamento

Prefigurações e Profecias do Messias Vindouro

O Antigo Testamento foi escrito para criar a expectação da vinda de Cristo e preparar-Lhe o caminho. É a história da nação judaica; refere-se a fatos e conjunturas dos tempos dessa nação. Mas, através de toda essa história palpita uma expectação e previsão da vinda de um personagem majestoso que governará o mundo e operará nele grande e maravilhosa obra. Esse personagem, muito antes de chegar, veio a ser conhecido por Messias. As predições e vislumbres de Sua vinda constituem a linhagem messiânica do Antigo Testamento. São o fio de ouro que passa por essas páginas, ligando-as, de modo que os muitos e diferentes livros se juntam e formam uma admirável unidade.

Começando com indicações vagas, logo surgem predições definidas e específicas que, à medida que a história avança em passos, mais específicas, mais definidas e mais abundantes se tornam. E ao multiplicarem-se as predições definidas, também vão aumentando de número os símbolos que as acompanham, os quadros, tipos e referências indiretas. De sorte que, quando chegamos ao fim do Antigo Testamento, toda a história de Cristo já está traçada, prefigurada, em palavras e em quadros que, tomados no seu conjunto, não é possível que se refiram a ninguém mais da História.

De par com as predições e tipos mais patentes, pode haver muitas alusões que à superfície não sejam palpáveis de pronto, até que os eventos as revelam. Contudo, julgamos melhor não nos excedermos nesta questão de tipos, a não ser que sejam explicados na Escritura, ou que sejam tão patentes que não se prestem a equívocos.

Nosso propósito agora é oferecer, seguindo a ordem bíblica, breve esboço das passagens que mais claramente apontam para a vinda de Cristo.

Gênesis 3:15. A Descendência da Mulher. Esta primeira declaração, de que "a descendência da mulher" esmagaria "a cabeça da serpente", parece dizer que Deus, a despeito do pecado do homem, está determinado a levar este homem de sua criação a um fim bem sucedido. Como pela mulher o homem caiu, através da mulher será redimido. Parece dar a entender, de maneira obscura, a concepção virginal do Redentor. Pois só houve um descendente de Eva que nasceu de mulher sem ser gerado por um homem.

Gênesis 4:4-7. A oferta de Abel. Parece tratar-se da instituição dos sacrifícios de sangue, já aí no começo da história, como condição de Deus aceitar o homem; é a primeira idéia, numa fileira de muitos quadros e predições, da morte expiatória de Cristo pelo pecado humano.

Gênesis 12:3; 18:18; 22:18. Deus chama Abraão para fundar uma nação. Por meio desta nação, todos os povos serão abençoados. Temos aí uma declaração bem definida do propósito de Deus, de estabelecer a nação judaica, de par com a predição de que, nessa nação, Ele faria alguma coisa que significaria bênção para o mundo inteiro. Assim veio a ser chamada a nação Messiânica.

Gênesis 14:18-20. Melquisedeque. Rei de Salém e sacerdote do Deus Altíssimo, a quem Abraão e, na sua pessoa, toda a nação judaica que ele estava estabelecendo, pagaram dízimos. Parece que foi uma espécie de prefiguração da Pessoa que, para ser trazida ao mundo, o povo de Abraão estava sendo estabelecido. Ver sobre Hb 7.

Gênesis 22:1-19. Abraão oferece Isaque. Como Melquisedeque foi uma *primeira* "sombra", na época de Abraão, da PESSOA que o povo do mesmo Abraão traria ao mundo, assim temos aqui uma "sombra" do ACONTECIMENTO da vida da Pessoa vindoura, pelo qual essa Pessoa "abençoaria o mundo": A morte vicária de Cristo pelo pecado humano, e Sua Ressurreição. Aqui está a figura: Um pai oferece o Filho; o Filho morto (na mente de Abraão, 22:4) por Três Dias; uma substituição, 22:13; no monte Moriá, 22:2, o mesmo onde Jesus foi crucificado, e o mesmo onde Abraão pagou dízimos a Melquisedeque, 14:18.

Gênesis 26:4; 28:4. A repetição da promessa original feita a Abraão. Na sua descendência "todas as nações seriam abençoadas", a promessa é aqui repetida a Isaque e depois a Jacó; cinco vezes ao todo, três a Abraão, uma a Isaque e uma a Jacó.

Gênesis 49:10. "Siló" governará as nações. É a primeira predição clara e definida de que uma Pessoa se levantaria na nação judaica para governar todas as nações; dando-se assim a entender que seria por essa **Pessoa** que o povo de Abraão cumpriria sua missão divina de abençoar todas as nações. Essa Pessoa é chamada "Siló". Apareceria na tribo de Judá. Devia ser Aquele de quem Melquisedeque foi "sombra". As vestes lavadas no sangue das uvas podem prenunciar a Crucificação.

Êxodo 12. A Instituição da Páscoa. Tornou-se a principal festa religiosa dos judeus. Morte dos primogênitos do Egito. O sangue nas ombreiras das portas. É inequivocamente uma gigantesca prefiguração histórica da morte de Cristo. *Livramento pela morte dos primogênitos. Segurança para os assinalados* com o sangue do Cordeiro. A festa da Páscoa, assim chamada porque o anjo da morte "passou sobre" os marcados com o sangue; observada anualmente por 1.400 anos, em comemoração de se haverem livrado do Egito, sacrificando-se cordeiros pascais todos os anos, como haviam feito na primeira noite, até que por fim o Cordeiro de Deus expirou na cruz, à hora exata em que milhares de cordeiros pascais estavam sendo mortos em Jerusalém; trazendo ao Seu povo libertação eterna do pecado, como na antigüidade foram libertos do Egito. Mostra como a mente de Deus pensava na Vinda de Cristo já muitos séculos antes.

Levítico 16. O dia da expiação. Uma vez por ano. Dois bodes. Um sacrificado como oferta pelo pecado. O outro, sobre o qual o Sumo Sacerdote confessava o pecado do povo, se chamava Bode Expiatório, e era enviado ao deserto, "carregando" consigo os pecados. O bode emissário que levava os pecados do povo. Outra figura da morte expiatória de Cristo. Isto, como todo o sistema total dos sacrifícios levíticos, que caracterizavam continuamente a vida do povo judaico, indicava a proeminência da morte expiatória de Cristo nos pensamentos proféticos da Bíblia.

Números 21:6-9. A serpente abrasadora. Este incidente foi explicado por Jesus (Jo 3:14) como prefiguração histórica do poder de Cristo para salvar do pecado. No deserto, as serpentes mordiam os israelitas, e muitos morriam. Moisés fez uma serpente de bronze; quem a olhava, pela fé, era salvo.

Números 24:17,19. A Estrela. Outro vaticínio definido de uma Pessoa a levantar-se em Israel, que seria uma "Estrela", um "Cetro", "Um que teria domínio", evidentemente significando a mesma pessoa "Siló" de Gn 49:10, que governaria "as nações."

Deuteronômio 18:15-19. Um Profeta Semelhante a Moisés. Mais outro vaticínio definido de uma Pessoa a levantar-se em Israel, um "profeta", "semelhante a Moisés", por meio de quem Deus falaria à humanidade, evidentemente outra caracterização do "Siló" e da "Estrela" acima mencionados.

Assim, nos primeiros cinco livros do A.T. existe vaticínio específico, cinco vezes repetido, de que a nação judaica estava sendo lançada ao mundo com o fim expresso de abençoar todas as outras; e também vaticínios específicos de que surgiria nessa nação uma PESSOA, chamada "Siló", "Estrêla", "profeta semelhante a Moisés"; e mais sugestões claras de que seria por essa Pessoa que a nação cumpriria sua missão de abençoar o mundo. Outrossim, há várias alusões à natureza da obra dessa Pessoa, caracterizando em especial Sua morte sacrificial. De modo que bem cedo, 1.400 anos antes de Cristo vir, foram traçadas em linhas razoavelmente distintas algumas das principais características da sua vida e obra.

Josué. Este livro parece que não contém predição direta do Messias, embora se julgue que o próprio Josué, em certo sentido, era tipo de Jesus. Os dois nomes são iguais, "Jesus" forma grega do hebraico "Josué". Como Josué conduziu os israelitas à Terra da Promessa, assim Jesus conduz os crentes ao céu.

Rute. Rute foi bisavó de Davi; deu origem à família pela qual o Messias veio. O fato de ser ela moabita pode sugerir que Cristo foi enviado aos gentios.

1 Samuel 16. Davi. Davi ungido rei de Israel. Daqui por diante Davi é a figura central da história do A.T. O maior número de profecias messiânicas e as mais específicas giram em torno de seu nome.

1 Samuel 7:16. Promete-se a Davi um trono eterno. Promessa que é repetida muitas vezes através do resto do A.T. com pormenores cada vez mais abundantes e explicações específicas de que terá seu cumprimento final em um Rei a levantar-se na sua família, o qual pessoalmente viverá para sempre e estabelecerá um reino que durará eternamente. Ver pág. 172. Esse "Rei eterno" muito evidentemente é a mesma pessoa antes chamada "Siló", "Estrela" e "Profeta semelhante a Moisés".

1 Reis 2:4; 8:25; 9:5. Repete-se a Salomão a promessa de um trono eterno.

2 Reis. É a história da queda do reino de Davi, o que aparentemente reduz a nada a promessa de Deus, feita à sua família, de um trono eterno. Mas no período coberto por este livro, muitos profetas se levantaram bradando que a promessa seria cumprida. Ver sobre os diferentes profetas, nas notas a seguir.

1 Crônicas 22:8-10. Outra vez se repete a Salomão a promessa de um trono eterno.

2 Crônicas 6:16; 7:17,18. Outra vez ora Salomão para que a promessa se cumpra; Deus reitera a promessa.

Esdras, Neemias, Ester contam a história da volta da nação judaica, que caíra e se dispersara. Não contêm predições messiânicas diretas. Contudo o restabelecimento da nação em sua terra foi um necessário antecedente da vinda do Messias.

Jó. Discussão do problema do sofrimento, sem muita relação direta, tanto quanto podemos ver, como a missão messiânica da nação judaica, a não ser o êxtase da fé exultante de Jó: "Eu sei que o meu Redentor vive, e por fim se levantará sobre a terra", 19:25.

Salmos. Chegamos a um livro cheio, transbordante de prefigurações messiânicas, escrito por Davi pessoalmente na sua maior parte mil anos antes de Cristo vir. Algumas dessas prefigurações podem-se aplicar ao próprio Davi pessoalmente, num sentido limitado e secundário; porém muitas não se aplicam a ninguém mais da História, fora de Cristo.

Salmo 2. O Ungido do Senhor. "O Ungido do SENHOR, v. 2... "Constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião, v. 6 ... Tu és meu filho, v. 7 ... Te darei as nações por herança, v. 8... Beijai o Filho, v. 12 ... Bem-aventurados todos os que nele se refugiam".

Claramente descreve o Rei Eterno que surgiria na família de Davi. Há uma declaração muito positiva quanto à Sua divindade, Seu reinado universal, e a bem-aventurança daqueles que nEle confiam.

Salmo 16:10. Sua Ressurreição. "Não permitirás que o teu Santo veja corrupção". Isto é citado em At 2:27,31, como sendo uma referência à Ressurreição de Cristo. Já tinha havido muitas alusões indiretas à morte do Messias que haveria de vir; mas aqui temos uma profecia bem nítida da Sua vitória sobre a morte. E da Sua vida para toda a eternidade.

Salmo 22. Um Quadro Profético da Crucifixão. "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste;", v. 1. Até Suas palavras ao morrer foram preditas, Mt 27:46.

"Todos os que me vêem zombam de mim... Confiou no SENHOR! livre-o ele", vv. 7, 8. Prevista a zombaria dos Seus inimigos, citando de antemão suas palavras exatas, Mt 27:43.

"Traspassaram-me as mãos e os pés", v. 16. Isto indica que a maneira da Sua morte seria a Crucifixão, Jo 20:20, 25.

"Repartem entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica deitam sortes", v. 18. Até este pormenor é profetizado, Mt 27:35.

Ao que poderia se referir tudo isto, senão à Crucifixão de Jesus? Mas foi escrito mil anos antes de acontecer.

Salmo 41:9. Traído por um Amigo. "Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar".

Aparentemente, Davi faz alusão ao seu próprio amigo, Aitofel, 2 Sm 15:12. Mas Jesus citou o caso como sendo um quadro profético da Sua própria traição, sofrida às mãos de Judas, Jo 13:18-27; Lc 22:47, 48.

Salmo 45. O Reinado do Ungido de Deus. "O teu Deus te ungiu com o óleo de alegria como a nenhum dos seus companheiros", v. 7. "O teu trono, ó Deus, é para todo o sempre", v. 6. "Nessa majestade cavalga prosperamente", v. 4. "De geração a geração... os povos te louvarão para todo o sempre", v. 17.

Descreve-se aqui o reinado glorioso de um rei que tem o nome de Deus, assentado num trono eterno. Só pode ser o Rei Eterno a surgir na família de Davi. Canto nupcial de Cristo e Sua Noiva, a Igreja.

Salmo 69:21. Fel e Vinagre. "Por alimento me deram fel, e na minha sede me deram a beber vinagre".

Mais um incidente no quadro profético dos sofrimentos do Messias vindouro, Mt 27:34, 48.

Salmo 72. Seu Reinado Glorioso. "Floresça em seus dias o justo", v. 7. "Domine ele de mar a mar, e desde o rio até aos confins da terra", v. 8. "Todos os reis se prostrem perante ele; todas as nações o sirvam", v. 11.

"Bendito para sempre o seu glorioso nome, e da sua glória se encha toda a terra", v. 19.

Este Salmo parece, parcialmente, ter sido uma descrição do reinado de Salomão. Mas algumas das suas declarações, e seu teor geral, com certeza se referem a ALGUÉM maior do que Salomão.

Salmo 78:2. Falará em Parábolas. "Abrirei os meus lábios em parábolas". Mais um detalhe da vida do Messias: Seu método de ensinar por meio de parábolas. Citado em Mt 13:34,35, como sendo o cumprimento desta profecia.

Salmo 89. A Eternidade do Trono de Davi. "Fiz aliança com o meu escolhido, e jurei a Davi, meu servo". v. 3. "Firmarei o teu trono de geração em geração", v. 4. "Fá-lo-ei, por isso, meu primogênito, o mais elevado entre os reis da terra", v. 27. "Conservar-lhe-ei... firme a minha aliança", v. 28. "Jurei por minha santidade... A sua posteridade durará para sempre, e o seu trono como o sol perante mim", vv. 35-37.

O juramento de Deus, várias vezes repetido, garante a eternidade do trono de Davi, sob o Primogênito de Deus.

Salmo 110. O Messias será Rei e Sacerdote. "Disse o SENHOR ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés", v. 1. "Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque", v. 4.

O eterno domínio e o sacerdócio eterno do Rei vindouro. Jesus citou esse trecho como sendo uma referência à Sua Pessoa, Mt 2:42-44.

Salmo 118:22. O Messias será Rejeitado pelas Autoridades. "A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular". Jesus citou isto como sendo uma profecia de Si mesmo, Mt 21:42-44.

Isaías 2:2-4. Magnífica Visão Prévia da Época Messiânica. "Nos últimos dias acontecerá que o monte da casa do SENHOR será estabelecido no cume dos montes, e se elevará sobre os outeiros, e para ele afluirão todos os povos. Irão muitas nações, e dirão: Vinde, e subamos ao monte do SENHOR, e à casa do Deus de Jacó, para que nos ensine os seus caminhos, e andemos pelas suas veredas; porque de Sião sairá a lei, e a palavra do SENHOR de Jerusalém. Ele julgará entre os povos, e corrigirá muitas nações; estes converterão as suas espadas em relhas de arados, e suas lanças em podadeiras: uma nação não levantará a espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra".

Isaías, preeminentemente o Livro de profecias messiânicas do Antigo Testamento, em linguagem que nunca foi superada em toda a literatura do mundo, chega ao cúmulo do êxtase no assunto das glórias do reinado do Messias vindouro.

Isaías 4:2-6. O Renovo do SENHOR. "Naquele dia o Renovo do SENHOR será de beleza e de glória", v. 2. "Uma nuvem de dia, e fumo e resplendor de fogo chamejante de noite", v. 5. "Pavilhão... refúgio e esconderijo", v. 6.

O Messias é aqui representado como sendo um renovo brotando do toco da árvore genealógica de Davi, tornando-se guia e refúgio para seu povo. Explicado mais detalhadamente em Isaías 11:1-10.

Isaías 7:13,14. Emanuel. "Ó casa de Davi... Eis que a virgem conceberá, e dará à luz um filho, e lhe chamará Emanuel".

Isto parece ensinar que Alguém, que será chamado Emanuel, nascerá de uma virgem, dentro da família de Davi: evidentemente é a mesma Pessoa que o Renovo de 4:2 e 11:1, e o Menino Maravilhoso de 9:6. A divindade deste Filho é implicada no nome Emanuel, que quer dizer Deus conosco. Assim, o nascimento virginal e a divindade do Messias se profetizam aqui. O trecho é citado em Mt 1:23 como sendo uma referência a Jesus. Ver pág. 261.

Isaías 9:1, 2, 6, 7. O Menino Maravilhoso. "Na Galiléia... o povo que andava em trevas viu grande luz", vv. 1, 2. "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; o governo está sobre os seus ombros; e o seu nome será: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz; para que se aumente o seu governo e venha paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre seu reino, para o estabelecer e o firmar mediante o juízo e a justiça, desde agora e para sempre", vv. 6, 7.

Este Menino, sem dúvida alguma, é o REI ETERNO prometido à família de Davi, 2 Sm 7:16; a mesma Pessoa descrita séculos antes, sob os nomes "Siló", "Estrela", o "Profeta semelhante a Moisés". Aqui se enfatiza Sua divindade. Seu Ministério será cumprido na Galiléia. Uma previsão muito acurada de Jesus e Sua obra.

Isaías 11:1-10. O Reinado do Renovo. "Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes um renovo", v. 1.

Este Renovo brotando do toco da árvore genealógica de Davi, é o Messias.

"Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e entendimento", v. 2. "Recorrerão as nações à raiz de Jessé que está posta por estandarte dos povos", v. 10.

"Ferirá a terra com a vara da sua boca", v. 4. "O lobo habitará com o cordeiro, e o leopardo se deitará junto ao cabrito; o bezerro, o leão novo e o animal cevado andarão juntos, e um pequenino os guiará. A vaca e a ursa pastarão juntas, e as suas crias juntas se deitarão; o leão comerá palha como o boi... Não se fará mal nem dano algum em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar", vv. 6-9.

Uma magnífica descrição da paz universal no mundo futuro, sob o reinado do Messias vindouro.

Isaías 25:6-9; 26:1,19. A Ressurreição dos Mortos. "O SENHOR dos Exércitos... destruirá neste monte a coberta que envolve todos os povos. Tragará a morte para sempre, e assim enxugará o SENHOR Deus as lágrimas de todos os rostos", vv. 6, 8. "Naquele dia... Os vossos mortos e também o meu cadáver viverão e ressuscitarão... e a terra dará à luz os seus mortos", 26:1, 19.

Uma previsão da ressurreição de Jesus no Monte Sião, e também da Ressurreição geral.

Isaías 32:1,2. Mais uma vez, o Reinado do Rei Vindouro. "Eis aí está que reinará um rei com justiça, e em retidão governarão príncipes. Cada um (lit, "um homem") servirá de esconderijo contra o vento, de refúgio contra a tempestade, de torrentes de águas em lugares secos, e de sombra de grande rocha em terra sedenta".

Em Isaías 9:6 predisse-se a divindade do Rei vindouro. Aqui, é Sua humanidade, "um Homem", v. 2. Um Homem que será refúgio pessoal para cada um dos Seus, no meio de cada tribulação.

Isaías 35:5, 6. Os Milagres do Messias. "Então se abrirão os olhos dos cegos, e se desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos saltarão como cervos, e a língua dos mudos cantará".

Uma descrição exata do Ministério de Jesus em operar milagres.

Isaías 35:8-10. O Caminho do Messias. "E ali haverá bom caminho, caminho que se chamará o Caminho Santo", v. 8. "Os resgatados do SENHOR voltarão, e virão a Sião com cânticos de júbilo; alegria eterna coroará as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, e deles fugirá a tristeza e o gemido", v. 10.

Santidade, alegria, cânticos, gozo, sem tristeza, sem gemidos: promessas para o povo do Messias vindouro.

Isaías 40:5,10,11. A Ternura do Messias. "A glória do SENHOR se manifestará, e toda a carne a verá, pois a boca do SENHOR o disse", v. 5. "Eis que o SENHOR Deus virá com poder, e o seu braço dominará", v. 10. "Como pastor apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no seio; as que amamentam, ele guiará mansamente", v. 11.

Mas uma visão prévia da glória de Jesus, do Seu poder, e da Sua ternura para com os fracos no Seu rebanho.

Isaías 42:1-11. Os Gentios. "Eis aqui o meu servo, v. 1. ... luz para os gentios, v. 6. ... as terras do mar aguardarão a sua doutrina, v. 4. ... Cantai ao SENHOR um cântico novo, e o seu louvor até às extremidades da terra", v. 10.

O Rei vindouro de Israel reinará também sobre gentios, e encherá a terra inteira com cânticos de louvor e de alegria.

Isaías 53. Os Sofrimentos do Messias. "Desprezado e rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer... Tomou sobre si as nossa enfermidade, e as nossas dores levou sobre si... Foi traspassado pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniqüidades... Pelas suas pisaduras fomos curados".

"O SENHOR fez cair sobre ele a iniqüidade de todos nós. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro... Derramou sua alma na morte... levou sobre si o pecado de muitos".

"Ao SENHOR agradou moê-lo, fazendo-o enfermar; quando der ele a sua alma como oferta pelo pecado... e a vontade do SENHOR prosperará nas suas mãos... com o seu conhecimento justificará a muitos".

O aspecto mais marcante nas profecias acerca do Rei vindouro é que Ele haveria de sofrer. Isto já tinha sido aludido profeticamente no sacrifício oferecido por Abel, e quando Abraão foi imolar Isaque, e vividamente previsto no quadro profético que era a instituição da Festa da Páscoa, no Dia da Expiação, e em alguns detalhes do Salmo 22. E aqui, em Isaías 53, se acrescenta *pormenor sobre pormenor, completando o quadro*. E, *nos* caps. 54, 55, 60, 61, o Rei Sofredor enche a terra com cânticos de júbilo, em maravilhosas profecias da época cristã.

Isaías 60. O Messias será a Luz do Mundo. "Eis que as trevas cobrem a terra", v. 2. "Dispõe-te, resplandece, porque vem a tua luz, e a glória do SENHOR nasce sobre ti", v. 1. "O SENHOR será a tua luz perpétua, e o teu Deus a tua glória... e os dias do teu luto findarão", vv. 19, 20.

No Novo Testamento, Jesus é repetidas vezes chamado a Luz do Mundo.

Isaías 62:2; 65:15. O Novo Nome. "Serás chamado por um nome novo", 62:2. "O SENHOR Deus... a seus servos chamará por outro nome", 65:15.

No Antigo Testamento os membros do povo de Deus foram os israelitas. Desde os dias de Cristo, estas pessoas são os cristãos.

Jeremias 23:5,6. O Renovo. "Eis que vêm dias, diz o SENHOR, em que levantarei a Davi um Renovo justo; e, rei que é, reinará, e agirá sabiamente, e executará o juízo e a justiça na terra... Será êste o seu nome, com que será chamado: O SENHOR Justiça Nossa".

Assim como Isaías, caps. 4 e 11, fala do Rei vindouro como sendo um Renovo da família de Davi, assim também aqui, Jeremias repete este nome, e assevera Sua divindade.

Ezequiel 34. O Príncipe da Casa de Davi. "Suscitarei para elas um só pastor, e ele as apascentará; o meu servo Davi é que as apascentará; ele lhes servirá de pastor... O meu servo Davi será príncipe no meio delas... Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente", 34:22-24; 37:24,25.

Ao descrever o reinado do Príncipe, surge um quadro transcendentalmente belo, das influentes bem-aventuranças que surgem de Jerusalém, simbolizadas pela torrente de águas purificadoras, surgindo do Templo e fluindo para o mundo inteiro, Ez 47:1-12 (profecia descrita logo abaixo).

Ezequiel 47:1-12. A Torrente das Águas Purificadoras. "Eis que saíam águas debaixo do limiar do templo, para o oriente... Saiu aquele homem *para o oriente, tendo na mão um cordel de medir; mediu mil* côvados, e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos artelhos. Mediu mais mil, e me fez passar pelas águas, águas que me davam pelos joelhos; mediu mais mil, e me fez passar pelas águas que me davam pelos lombos. Mediu ainda outros mil, e era já um rio que eu não podia atravessar, porque as águas tinham crescido, águas que se deviam passar a nado, rio pelo qual não se podia passar... Então me disse: Estas águas descem e entram no Mar Morto... aonde chegarem estas águas tornarão saudáveis as do mar, e tudo viverá por onde quer que passe este rio".

Assim crescerá em razão geométrica o alcance do Evangelho de Jesus Cristo, multiplicando-se sua pregação em ritmo sem precedentes. Esta multiplicação se faz pelo sistema de cada um discipular vários outros.

Daniel 2. Os Quatro Reinos. "Nos dias destes reis... o quarto reino... o Deus do céu suscitará um reino que não será jamais destruído... Ele mesmo subsistirá para sempre", 2:40,44.

No decurso dos seis séculos entre Daniel e Cristo existiam quatro impérios mundiais: a Babilônia, a Pérsia, a Grécia e a Roma. São descritos com exatidão nos símbolos deste segundo capítulo de Daniel. No cap. 7, descrevem-se os mesmos impérios mundiais com mais fartura de detalhes. Foi no período do domínio do Império Romano que Cristo veio. (Ver mais sobre o assunto no comentário destes capítulos de Daniel).

Daniel 9:24-27. Informações Exatas sobre a Data da Vinda do Messias

"Desde a saída da ordem para restaurar e para edificar Jerusalém, até ao Ungido, ao Príncipe, sete semanas; e em sessenta e duas semanas... Depois das sessenta e duas semanas será morto o Ungido... na metade da semana fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares", 25-27. "Setenta semanas estão determinadas sobre o teu povo, e sobre a tua santa cidade,

para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados, para expiar a iniqüidade, para trazer a justiça eterna, para selar a visão e a profecia, e para ungir o Santo dos Santos", v. 24.

Aqui, Daniel fixou a data exata para a vinda do Messias (ver págs. 310 e 311). E além disto, predisse, 600 anos antes da vinda do Messias, que depois de um Ministério de três anos e meio, será morto o Messias, como expiação pela iniqüidade. Uma profecia espantosamente exata!

Oséias 1:10. A Inclusão dos Gentios. "No lugar onde se lhes dizia: Vós não sois meu povo, se lhes dirá: Vós sois filhos do Deus vivo".

Aqui, Oséias repete aquilo que já tinha sido predito muitas vezes, que o Reino do Messias haveria de incluir todas as nações.

"Do Egito chamei o meu filho", 11:1. Uma maneira de dizer que uma parte da infância do Messias seria passada no Egito, Mt 2:15.

Joel 2:28,32; 3:13,14. A Época do Evangelho. "Derramarei o meu Espírito sôbre tôda a carne... Todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo... Lançai a foice, porque está madura a seara... Multidões, multidões no vale da decisão!"

O Messias instituiria uma época de evangelização em escala mundial, liderada pelo Espírito Santo, At 2:16-21.

Amós 9:11,12,14. Ressurgirá o Trono Caído de Davi. "Mudarei a sorte (restaurarei o cativeiro) do meu povo Israel... Plantá-los-ei na sua terra... Naquele dia levantarei o tabernáculo caído de Davi... para que possuam... todas as nações que são chamadas pelo meu nome".

Jonas 1:17. Um Sinal para Nínive. "Esteve Jonas três dias e três noites no ventre do peixe". Jesus aceitou isto como sendo um milagre de três dias que prenunciava Sua própria ressurreição do túmulo, como sinal para o mundo inteiro, Mt. 12:40.

Miquéias 5:2-5. Belém será o Local do Nascimento do Messias. "E tu, Belém... de ti me sairá o que há de reinar em Israel, e cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade... Será ele engrandecido até aos confins da terra. Este será a nossa paz".

Decerto, profetiza-se aqui o REI tantas vezes anunciado pelos profetas.

Sofonias 3:9. Lábios Puros. "Então darei lábios puros aos povos, para que todos invoquem o nome do SENHOR, e o sirvam de comum acordo". Isto se refere a um sistema correto de pensar e falar sobre Deus, decerto só pode ser o Evangelho de Cristo.

Ageu 2:6,7. As Coisas Preciosas das Nações. "Dentro em pouco... as coisas preciosas de todas as nações, virão, e encherei de glória esta casa". Êste será o dia do coroamento do Filho de Davi, aqui tipificado na pessoa de Zorobabel, 2:23.

Zacarias. "Eis que farei vir o meu servo, o Renovo", 3:8. "Exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta", 9:9. "Naquele dia... a casa de Davi será como Deus", 3:9. "Pesaram, pois, por meu salário, trinta moedas de prata... Tomei as trinta moedas de prata, e as arrojei ao oleiro na casa do SENHOR", 11:12,13. "Olharão para mim, a quem traspassaram", 12:10. "Naquele dia haverá uma fonte aberta... para remover o pecado e a impureza", 13:1. (Ver mais na página 341).

Malaquias 3:1; 4:5. Uma Previsão de João Batista. "Eis que eu envio o meu mensageiro que preparará o caminho diante de mim... Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR". Jesus, ao falar sobre João Batista, Mt 11:7-14, cita esta passagem de Malaquias, e diz declaradamente que é uma referência a João Batista.

Sumário

Quase no princípio do A.T. declara-se que a nação hebraica estava sendo fundada com o propósito de serem "abençoadas todas as nações". E então começa a aparecer o vulto de uma Pessoa mediante quem a nação cumpriria sua missão.

Primeiro é chamado "Siló", a erguer-se da tribo de Judá para governar as nações. Depois denomina-se "Estrela", que dominará. Adiante, é um "Profeta" semelhante a Moisés, por meio de quem Deus falará à humanidade. E então, repetidamente, fala-se dele como sendo "Rei", a levantar-se na família de Davi, chamado "Renovo", "Príncipe", "Ungido", "Primogênito de Deus", "Maravilhoso", "Deus Forte', "Pai da Eternidade", "Príncipe da Paz".

Foi predito o tempo exato de Sua vinda. Nasceria de uma virgem. Em Belém. Passaria Sua infância no Egito. Cresceria em Nazaré. Seria apresentado ao Seu povo por um mensageiro semelhante a Elias. A Galiléia seria o cenário do Seu ministério. Operaria milagres de cura. Falaria por parábolas. Seria rejeitado pelos chefes do Seu povo. Como pastor, seria ferido. Seria um sofredor. Entraria em Jerusalém montado num jumento. Seria homem de dores. Seria traído por um amigo, ao preço de 30 moedas de prata, que se dariam por um campo de oleiro. Seria levado como cordeiro ao matadouro.

Morreria com os ímpios, abrindo uma fonte para lavar o pecado, e removeria este num só dia. Até Suas palavras nas ânsias da morte foram preditas. Em Sua agonia dar-lhe-iam a beber fel e vinagre. Suas mãos e pés seriam traspassados. Nem um osso Lhe quebrariam. Lançariam sorte sobre Suas vestes. Seria sepultado com o rico. Ficaria três dias no túmulo. Levantar-Se-ia dos mortos. Subiria para a destra de Deus.

Foi predito que Ele traria à terra uma nova linguagem, isto é, uma nova idéia, Salvação. Que faria Nova Aliança com a humanidade e daria ao povo de Deus um novo nome. Que daria entrada à era do Espírito Santo. Que Seu reino incluiria os gentios, seria universal e não teria fim.

Estas coisas foram escritas séculos antes de Jesus vir, a história de Cristo escrita de antemão, tudo tão espantosamente minucioso que parece falar uma testemunha ocular de Sua vida e obra.

Suponhamos que uma porção de pessoas, vindas de diferentes países, e que nunca se tivessem visto nem tido comunicação entre si de qualquer que fosse o modo, entrassem num salão e cada qual depusesse aí um pedaço de mármore cinzelado. Êsses pedaços, quando reunidos e ajustados, formariam uma estátua perfeita. — Como se explicaria isso, se não que algum Personagem traçou as especificações e enviara a cada pessoa a sua parte da estátua? E como pode esse admirável composto que é a vida e obra de Jesus, reunido por diferentes escritores, de diferentes épocas, séculos antes de Cristo vir, ser explicado sobre outra base, senão que **UMA MENTALIDADE SÔBRE-HUMANA** supervisionou esse escrito?

Entre os Testamentos

Aproximadamente 400 Anos

Período Pérsico, 430-331 a.C.

Ao encerrar-se o A.T., lá pelo ano 430 a.C., a Judéia era uma província da Pérsia. Esta havia sido potência mundial por uns 100 anos. Continuou a sê-la por outros 100 anos, durante os quais não se conhece muito acerca da história judaica. O domínio pérsico, na sua maior parte, foi brando e tolerante, gozando os judeus de considerável liberdade.

Os reis persas desse período foram:

Artaxerxes I, 464-423 a.C. Sob seu governo, Neemias reconstruiu Jerusalém.

Xerxes II, 423 a.C. Dario II (Notos), 423-404 a.C. Artaxerxes II (Mnemom), 404-359 a.C. Artaxerxes III (Ocos), 358-338 a.C. Arses, 338-335 a.C. Dario III (Codomano), 335-331 a.C. Sob o governo deste, o império pérsico caiu.

Período Grego, 331-167 a.C.

Até esse tempo as grandes potências do mundo tinham estado na Ásia e na África. Mas, assomando agourentamente do horizonte ocidental, via-se o poder crescente da Grécia. Os começos da história dos gregos estão envoltos em mito. Julga-se ter começado lá pelo Século 12 a.C., época dos juízes de Israel. Veio depois a guerra de Tróia, e Homero, cerca de 1000 a.C., tempo de Davi e Salomão. O início da autêntica história grega conta-se comumente a partir da primeira olimpíada, 776 a.C. Ocorreu depois a formação dos estados helênicos, 776-500 a.C. Seguiram-se as guerras Pérsicas, 500-331 a.C. E as famosas batalhas: Maratona, 490 a.C.; Termópilas e Salamina, 480 a.C. Veio depois a brilhante era de Péricles, 465-429 a.C., e Sócrates, 469-399, contemporâneo de Esdras e Neemias.

Alexandre Magno, 336 a.C., com a idade de 20 anos assumiu o comando do exército grego e, à maneira de meteoro, investiu para o Oriente, sobre as terras que estiveram sob o domínio do Egito, Assíria, Babilônia e Pérsia. Em 331 a.C. o mundo inteiro jazia ao seus pés. Invadindo a Palestina em 332 a.C., mostrou muita consideração pelos judeus, poupando Jerusalém e oferecendo-lhes imunidades para se estabelecerem em Alexandria. Fundou cidades gregas por todos os seus domínios a elas levou a cultura e a língua do seu povo. Após breve reinado faleceu, em 323 a.C.

Morrendo Alexandre, seu império passou a quatro dos seus generais; as duas secções orientais, Síria e Egito, couberam a Seleuco e a Ptolomeu, respectivamente. A Palestina, que ficava entre a Síria e o Egito, pertenceu primeiro àquela, mas logo passou para este, 301 a.C. e permaneceu sob o controle do Egito uns 100 anos, até 198 a.C.

Sob os reis do Egito, chamados "Ptolomeus", a condição dos judeus foi sobretudo pacífica e feliz. Os que estavam no Egito construíam sinagogas em todas as partes onde se estabeleciam. Alexandria veio a ser um centro influente do judaísmo.

Antíoco, o Grande, reconquistou a Palestina, 198 a.C., que voltou para os reis da Síria, chamados "Selêucidas".

Antíoco Epifânio, 175-163 a.C., foi violentamente rancoroso com os judeus; fez um esforço titânico e decidido por exterminá-los e à sua religião. Devastou Jerusalém, 168 a.C., profanou o Templo, em cujo altar ofereceu uma porca, erigiu um altar a Júpiter, proibiu o culto no Templo, impediu a circuncisão sob pena de morte, destruiu todas as cópias das Escrituras que foram encontradas, matando a todos quantos foram achados de posse das mesmas, vendeu milhares de famílias judias para o cativeiro, e recorreu a toda espécie imaginável de tortura para forçar os judeus a renunciar sua religião. Isso deu ocasião à revolta dos Macabeus, uma das mais heróicas façanhas da história.

Os Ptolomeus (Reis Gregos do Egito) foram:

Ptolomeu I, (Sóter) 323-285 a.C.
Ptolomeu II (Filadelfo), 285-247a.C.
Ptolomeu III (Euergetes), 247-222.
Ptolomeu IV (Filopater), 222-205.
Ptolomeu V (Epifânio). 205-182.
Ptolomeu VI (Filometor), 182-146.
Ptolomeu VII (Euergetes II), 146-117.

Os Selêucidas (Reis Gregos da Síria) foram:

Seleuco Nicator, 312-281 a.C.
Antíoco I (Soter), 281-261.
Antíoco II (Teos), 261-246.
Seleuco II (Callínico), 246-226.
Seleuco III (Cerauno), 226-223.
Antíoco III (Grande), 223-187.
Seleuco IV (Filopator), 187-175.
Antíoco IV (Epifânio), 175-164.
Antíoco V (Eupator), 163-162.
Demétrio I, 162-150.
Alexandre Balas, 150-146.
Antíoco VI (Teos), 146-143.
Trifon, 143-139.
Antíoco VII (Sidetes), 139-129.

Período da Independência, 167-63 a.C.

Também chamado período Macabeu ou Hasmoneano. Matatias, sacerdote, de intenso patriotismo e imensa coragem, furioso com a tentativa de Antíoco Epifânio de destruir os judeus e sua religião, reuniu um bando de leais compatriotas e desfraldou a bandeira da revolta. Tinha cinco filhos heróis e guerreiros: Judas, Jônatas, Simão, João e Eleazar. Matatias faleceu em 166 a.C. Seu manto caiu sobre o filho Judas, guerreiro de admirável gênio militar. Ganhou batalha após batalha em condições de inferioridade incríveis e impossíveis. Reconquistou Jerusalém, 165 a.C., purificou e reedificou o Templo. Foi esta a origem da Festa da Dedicação. Judas uniu em si a autoridade sacerdotal e a civil, e assim estabeleceu a linhagem dos sacerdotes-governadores hasmoneanos, que pelos seguintes 100 anos governaram uma Judéia independente. Foram: Matatias, 167-166 a.C.; Judas, 166-161; Jônatas, 161-143; Simão, 143-135; João Hircano I, 135-104, filho de Jônatas. Aristóbulo e filhos, 104-63, indignos do nome dos Macabeus.

Período Romano, 63 a.C. ao tempo de Cristo

No ano 63 a.C. a Palestina foi conquistada pelos romanos sob as ordens de Pompeu. Antipator, idumeu (edomita, descendente de Esaú) foi designado governador da Judéia. Sucedeu-lhe seu filho Herodes, o Grande, que foi rei da Judéia, 37-4 a.C. Herodes, para obter o favor dos judeus, reedificou o Templo com grande esplendor. Mas era brutal e cruel. Foi este o Herodes que governava Judá quando Jesus nasceu, e que trucidou os meninos de Belém.

O Cânon do Antigo Testamento

A palavra "cânon" significa literalmente "cana" ou "vara de medir". Passou a ser usada para designar a lista dos livros reconhecidos como a genuína original, inspirada e autorizada **PALAVRA DE DEUS**, e distinguí-los de todos os outros livros como "regra" de fé.

Bem cedo na história, Deus começou a formação do Livro que haveria de ser o meio de Sua revelação ao homem.

Os Dez Mandamentos, escritos em pedra, Dt 10:4,5.

As Leis de Moisés, escritas num livro, e postas ao lado da arca, Dt 31:24-26.

Cópias dêsse livro, que foram tiradas, Dt 17:18.

Acréscimos de Josué feitos ao livro, Js 24:26.

Samuel escreveu num livro e pô-lo diante de Deus, 1 Sm 10:25.

400 anos mais tarde esse livro era bem conhecido, 2 Rs 22:8-20.

Os profetas escreveram num livro, Jr 36:32; Zc 1:4; 7:7-12.

Esdras leu esse livro de Deus publicamente, Ed 7:6; Ne 8:5.

Nos dias de Jesus esse livro era chamado "Escrituras"; era ensinado regularmente e lido pùblicamente nas sinagogas. Entre o povo era comumente considerado como a "Palavra de Deus". O próprio Jesus aceitava essa crença e repetidamente a chamava "Palavra de Deus".

Em o Nôvo Testamento há umas 300 citações dessas "Escrituras". Nenhum livro, à parte dessas "Escrituras", é assim citado em o N.T., excetuando-se apenas as palavras de Enoque no livro de Judas. Muitas dessas citações são feitas da versão Septuaginta do A.T., de uso comum nos tempos do N.T.; e apesar de a Septuaginta conter os livros "apócrifos", não existe uma citação sequer dos mesmos. Isto é evidência de que nem Jesus, nem os apóstolos reconheciam os livros apócrifos como parte das "Escrituras".

Essas "Escrituras" compunham-se de 39 livros, que constituíam nosso Antigo Testamento, embora dispostos noutra ordem. Chamavam-se "Lei", 5 livros; "Profetas", 8 livros; e "Escritos", 11 livros; assim:

Lei: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Profetas: Josué, Juízes, Samuel, Reis, Isaías, Jeremias, Ezequiel, os Doze.

Escritos: Salmos, Provérbios, Jó, Cantares, Rute, Lamentações, Eleciastes, Ester, Daniel, Esdras-Neemias, Crônicas.

De modo que, fazendo-se de cada parelha de livros de Samuel, Reis e Crônicas um livro só; Esdras e Neemias um só; e os 12 Profetas Menores (escritos num rôlo) um só, estes 24 livros são exatamente os mesmos 39 de nosso Antigo Testamento.

Quando é que ficou completo esse grupo de livros e quando foi separado como Palavra de Deus definitivamente reconhecida, é assunto envolto em obscuridade. A tradição judaica diz que isso foi feito por Esdras. Cremos que, à proporção que iam sendo escritos, a começar de Moisés, eram logo reconhecidos como inspirados por Deus e colocados no Tabernáculo ou no Templo, juntando-se ao grupo crescente dos Escritos Sagrados. Tiravam-se cópias quando se fazia necessário. No cativeiro babilônico se dispersaram, e muitas cópias foram destruídas. Foi Esdras quem, após a volta do cativeiro, reuniu cópias espalhadas, colocou-as em ordem e restaurou-as ao seu lugar

no Templo como coleção completa. Das cópias do Templo outras foram feitas para uso das sinagogas.

Josefo considerou fixado o cânon do A.T. desde os dias de Artaxerxes (a época de Esdras). Vão aqui suas palavras:

"Temos somente 22 livros, que contem a história de todo o tempo, livros que cremos serem divinos. Destes, 5 pertencem a Moisés, os quais contem suas leis e as tradições da origem da humanidade até ao tempo da morte dele. Da morte de Moisés até ao reinado de Artaxerxes, os profetas que sucederam aquele escreveram a história dos fatos ocorridos em sua própria época, em 13 livros. Os 4 livros restantes compreendem hinos a Deus e preceitos para a conduta humana. Dos dias de Artaxerxes à nossa época, cada evento tem sido de fato registrado; mas estes registros recentes não têm sido considerados dignos de crédito igual aos daqueles que os precederam, por causa da falta de exata sucessão de profetas. Existe prova prática do espírito com que tratamos nossas Escrituras; porque, apesar de já haver decorrido tão grande intervalo de tempo, nenhuma alma se tem aventurado a acrescentar ou a retirar, ou a alterar nelas uma só sílaba; e é do instinto de todo judeu, desde o dia em que nasce, considerar estas Escrituras como sendo ensino de Deus, submeter-se a elas e, se necessário, prazerosamente dar por elas a vida."

Este testemunho não é de pequeno valor. Josefo nasceu em 37 d.C., em Jerusalém, da aristocracia sacerdotal. Recebeu vasta educação na cultura judaica e grega. Foi governador da Galiléia e comandante militar nas guerras contra Roma; presenciou a destruição de Jerusalém. Foi levado a Roma onde se devotou a pesquisas literárias. Escreveu quatro livros, "Guerras Judaicas", "Antigüidades dos Judeus", "Contra Apion" (do qual foi feita a citação acima) e sua "Autobiografia".

Tais palavras suas são um testemunho indiscutível da crença da nação judaica dos tempos de Cristo sobre quais livros eram compreendidos nas Escrituras hebraicas, e que essa coleção de livros tinha ficado completa e fixara-se, já havia 400 anos antes de sua época.

Quanto aos "22" livros de Josefo: Rute algumas vezes era escrito num rolo à parte, outras vezes num rolo com Juízes; Lamentações às vezes ficava num rolo separado, outras vezes com Jeremias. De modo que o número total de rolos reduzia-se às vezes de 24 para 22, a fim de ficar igual ao número de letras do alfabeto hebraico. Ver mais na pág. 26.

Com relação à disposição desses livros: os tradutores da Septuaginta reclassificaram-nos de acordo com os assuntos, no que foram seguidos pelos tradutores latinos e portugueses. Os livros de nosso Antigo Testamento, no entanto, embora em ordem diferente, são idênticos aos livros das Escrituras hebraicas. Só foram chamados "Antigo Testamento" depois que se completaram as "Escrituras Cristãs", e para se distinguirem destas.

Os Apócrifos

É esta a denominação que comumente se dá aos 14 livros contidos em algumas Bíblias, entre os dois Testamentos. Originaram-se do 3.º ao 1.º Século a.C., a maioria dos quais de autores incertos, e foram adicionados à Septuaginta, tradução grega do A.T. feita naquele período. Não foram escritos no A.T. hebraico. Foram produzidos depois de haverem cessado as profecias, oráculos e a revelação direta do A.T. Josefo rejeitou-os totalmente. Nunca foram reconhecidos pelos judeus como parte das Escrituras hebraicas. Nunca foram citados por Jesus, nem por ninguém mais do N.T. Não foram reconhecidos pela Igreja Primitiva como sendo de autoridade canônica, nem de inspiração divina. Quando se traduziu a Bíblia para o latim, no 2.º Século d.C., seu A.T. foi traduzido não do A.T. hebraico, mas da versão grega Septuaginta do A.T. Da Septuaginta esses livros apócrifos foram levados para a tradução latina; e daí para a Vulgata latina, que veio a ser versão comumente usada na Europa Ocidental até ao tempo da Reforma. Os protestantes, baseando seu movimento na autoridade divina da Palavra de Deus, rejeitaram logo esses livros apócrifos como não fazendo parte dessa Palavra, assim como a Igreja Primitiva e os hebreus antigos fizeram. A Igreja Romana, entretanto, no Concílio de Trento, 1546 d.C., realizado para deter o movimento protestante, declarou canônicos tais livros, que ainda figuram na Versão de Matos Soares, etc. (Bíblia Católica Romana). Os livros apócrifos são os seguintes:

1 Esdras

É uma compilação de passagens do livro canônico de Esdras, 2 Crônicas e Neemias, com lendas a respeito de Zorobabel. Seu objetivo foi descrever a liberalidade de Ciro e Dario para com os judeus, como modelo para os Ptolomeus.

2 Esdras

Às vezes chamado "4 Esdras". Pretende conter visões dadas a Esdras referente ao governo do mundo por Deus, a uma nova era futura, e à restauração de certas Escrituras que se haviam perdido.

Tobias

Romance, inteiramente destituído de valor histórico, de um jovem israelita rico, cativo em Nínive, o qual foi guiado por um anjo a desposar uma "casta viúva" que perdera sete esposos.

Judite

Romance histórico, de uma viúva israelita, rica, bela e devota, que nos dias da invasão babilônica de Judá jeitosamente penetrou na tenda do general babilônio e, fingindo entregar-se a ele, decepou-lhe a cabeça e deste modo salvou sua cidade.

O Resto de Ester

Passagens interpoladas na versão Septuaginta do livro de Ester, principalmente para mostrar a intervenção de Deus na história. Esses fragmentos foram reunidos e agrupados por Jerônimo.

A Sabedoria de Salomão

Muito semelhante a partes de Jó, Provérbios e Eclesiastes. Espécie de mistura do pensamento hebreu com a filosofia grega. Escrito por um judeu alexandrino que faz o papel de Salomão.

Eclesiástico

Também chamado "Sabedoria de Jesus, filho de Siraque". Assemelha-se ao livro de Provérbios. Escrito por um filósofo judeu muito viajado. Apresenta regras de conduta para todos os particulares da vida civil, religiosa e doméstica. Enaltece grande número de heróis do A.T.

Baruque

Apresenta-se como da autoria de Baruque, amanuense de Jeremias, que é representado a passar a última parte de sua vida na Babilônia. É endereçado aos exilados. Consiste, na maior parte, de paráfrases de Jeremias, Daniel e de outros profetas.

O Cântico dos Três Moços

Adição inautêntica ao livro de Daniel, inserta depois de 3:23, que pretende ser a oração que os moços fizeram na fornalha, e seu cântico triunfal de louvor pelo livramento.

A História de Susana

Outra ampliação inautêntica do livro de Daniel. Relata como a esposa piedosa de um judeu rico de Babilônia, acusada falsamente de adultério, foi inocentada pela sabedoria de Daniel.

Bel e o Dragão

Outra adição inautêntica ao livro de Daniel. Duas histórias, nas quais Daniel prova que os ídolos Bel e o Dragão não são deuses; uma delas baseia-se na história da cova dos leões.

A Oração de Manassés

Apresenta-se como sendo a oração de Manassés, rei de Judá, quando esteve cativo na Babilônia, oração mencionada em 2 Cr 33:12-13. O autor é desconhecido. Data provavelmente do 1.º século a.C.

1 Macabeus

Obra histórica de grande valor sobre o Período Macabeu. Relata acontecimentos da luta heróica dos judeus pela liberdade, 175-135 a.C. Escrito cerca de 100 a.C., por um judeu palestinense.

2 Macabeus

É também uma narrativa da luta dos macabeus, restrita ao período de 175-161 a.C. Afirma-se ser um resumo da obra escrita por um certo Jason de Cirene, de quem nada se sabe. É suplemento de 1 Macabeus, porém inferior a este.

Outros Escritos

Além dos Apócrifos referidos nas duas páginas precedentes, houve outros escritos judaicos, originários do período de entre o 2.º Século a.C. e o 1.º d.C., muitos deles do gênero "apocalíptico", cujos autores "tomando o nome de um herói, morto já de há muito tempo, escreveram de novo a história em termos de profecia." Compõem-se em grande parte de visões pretensamente oriundas de antigas personagens da Escritura, algumas das quais contendo as mais extravagantes fantasias. Ocupam-se, em escala considerável, do Messias vindouro. Os sofrimentos do período dos Macabeus intensificaram a expectação judaica de estar próximo o tempo do Messias. Baseiam-se parcialmente em tradições incertas, e parcialmente em imaginação. Alguns dos mais conhecidos são:

Os Livros de Enoque

Grupo de escritos fragmentários, de vários autores desconhecidos, produzidos no 2.º e 1.º Séculos a.C., contendo revelações pretensamente feitas a Enoque e Noé. Falam do Messias e do dia do juízo. Ver mais sobre Judas v. 14.

A Assunção de Moisés

Escrito por um fariseu, mais ou menos quando Cristo nasceu. Contém profecias atribuídas a Moisés, de quando estava para morrer, e por ele confiadas a Josué.

A Ascensão de Isaías

Apresenta uma narrativa legendária do martírio de Isaías, e algumas de suas pretensas visões. Julga-se que foi escrito em Roma, por um judeu cristão, durante a perseguição aos judeus movida por Nero.

O Livro dos Jubileus

Comentário do Gênesis. Escrito provavelmente no período dos Macabeus, ou um pouco depois. Tira o nome do seu sistema de contar o tempo, baseado nos períodos jubilares de 50 anos.

Os Salmos de Salomão

Um grupo de cânticos, por um fariseu desconhecido, sobre o Messias vindouro, escritos provavelmente logo após o período dos Macabeus.

O Testamento dos Doze Patriarcas

Produzido no 2.º Século a.C., pretende ser as últimas instruções dos doze filhos de Jacó aos seus filhos, cada qual contando a história de sua própria vida e as lições dela.

Os Oráculos Sibilinos

Escritos nos tempos dos Macabeus, com adições ulteriores, imitando os oráculos gregos e romanos. Tratam da queda dos impérios opressores e do raiar da era messiânica.

A Septuaginta

Foi uma versão em grego do Antigo Testamento hebraico, feita em Alexandria, onde havia muitos judeus que falavam grego. Reza a tradição que, a pedido de Ptolomeu Filadelfo (285-247 a.C.), 70 judeus, hábeis lingüistas, foram mandados de Jerusalém ao Egito. Traduziram primeiro o Pentateuco. Depois, os restantes livros do A.T. Chamou-se Septuaginta porque 70 foram os tradutores que a começaram, conforme se diz. São incertas algumas tradições a seu respeito. Concorda-se, porém, geralmente, que foi começada no reinado de Ptolomeu Filadelfo, e levada adiante nos 100 anos seguintes. O grego era língua universal naquele tempo. Nos dias de Cristo essa versão era de uso comum. O N.T. foi escrito em grego. Muitas citações suas do A.T. são feitas da Septuaginta.

O Texto do Antigo Testamento

Crê-se que os livros do Antigo Testamento foram originalmente escritos em peles, e em hebraico todos eles, exceto partes de Esdras e Daniel que se escreveram em aramaico. Eram copiados a mão. O hebraico tinha caracteres quadrados, escrevia-se da direita para a esquerda com pequenos pontos ou sinais que se colocavam de modo vário à guisa de vogais (o sistema vocálico só foi adotado no 6.º século d.C.) Apesar de se fazerem as cópias com o maior cuidado, dava lugar facilmente a lições várias. Até ao cativeiro, cópias oficiais eram guardadas no Templo. Depois fizeram-se muitas outras para as sinagogas. Aparentemente, em alguns casos, notas marginais feitas por certos copistas foram incorporadas ao texto mais adiante por outro. A invenção da imprensa afastou o perigo de erros no texto. Hoje, como resultado do trabalho de eruditos através de longos anos de esforço penoso, no cotejo de vários manuscritos, existe um texto hebraico reconhecido e que se denomina texto massorético.

A Língua Aramaica

Era a língua comum da Palestina, nos dias de Jesus. Foi o idioma antigo da Síria, muito parecido com o hebraico. Depois da volta do cativeiro babilônico, substituiu pouco a pouco o hebraico na fala ordinária do povo.

Os Targuns

Foram versões em aramaico dos livros do A.T. hebraico. À proporção que se generalizava o uso do aramaico, tornou-se necessário, na leitura pública da Escritura, explicar o sentido das palavras hebraicas. Mais tarde essas versões orais, paráfrases e interpretações foram reduzidas a escrita.

O Talmude

Coletânea de várias tradições judaicas e explicações orais do A.T., postas em escrito no 2.º Século d.C., com um comentário ulterior sobre elas.

A Grande Sinagoga

É o nome pelo qual se designa o conselho composto de 120 membros, que se diz ter sido organizado por Neemias, cerca de 410 a.C., sob a presidência de Esdras, com o propósito de reconstituir o culto e a vida religiosa dos cativos repatriados, e ao qual a tradição atribui importante papel no ajuntar, grupar e restaurar os livros canônicos do A.T. Pensa-se que foi uma corporação que teve continuidade e governou os judeus repatriados até mais ou menos 275 a.C.; depois deu lugar ao sinédrio.

O Sinédrio

O conselho supremo, reconhecido, dos judeus no tempo de Cristo. Pensa-se que sua origem data do 3.º Século a.C. Compunha-se de 70 membros, na maioria sacerdotes e saduceus nobres, alguns fariseus, escribas e anciãos (cabeças de tribo ou família), presidido pelo sumo sacerdote. Desapareceu com a destruição de Jerusalém, 70 d.C.

As Sinagogas

As sinagogas surgiram nos dias do cativeiro. Destruído o Templo e dispersa a nação, houve necessidade de lugares de instrução e culto, onde quer que existissem comunidades judaicas. Após o repatriamento, continuaram as sinagogas, tanto na terra natal como nos centros judaicos de outros países. As cidades maiores tinham uma ou mais. Em Jerusalém, apesar de lá se achar o Templo, havia muitas sinagogas. Eram presididas por um corpo de anciãos ou chefes. Cada uma possuía cópias dos livros da Escritura, que eram lidos regular e publicamente. As primeiras reuniões de cristãos e os primitivos lugares de reunião deles tiveram em parte por modelo as sinagogas.

A Dispersão

É o nome pelo qual se denominam os judeus que viviam fora da Palestina e mantinham seus costumes religiosos no meio dos gentios. Muitos preferiram ficar nas terras do cativeiro. No período inter-testamentário, os judeus de fora da Palestina vieram a ser muito mais numerosos do que os da terra natal. Formaram-se importantes colônias de judeus em todos os países e em todas as cidades principais do mundo civilizado: Babilônia, Assíria, Síria, Fenícia, Ásia Menor, Grécia, Egito, Norte da África e Roma. A dispersão estava principalmente sediada na Babilônia, Síria e Egito. No tempo de Cristo estimava-se num milhão o número de judeus no Egito. E havia densa população deles em Damasco e Antioquia. Em cada lugar tinham suas sinagogas e suas Escrituras. Assim, na providência de Deus, enquanto eles eram levados cativos para terras estranhas, em conseqüência dos seus pecados, esse cativeiro convertia-se em bênção para as nações entre as quais se espalhavam. Influíram sobre o pensamento delas, e também por elas foram influenciados.

Os Fariseus

Pensa-se que a seita dos fariseus se originou no 3.º Século a.C., nos dias que antecederam as guerras dos Macabeus, quando, sob a dominação da Grécia e do esforço grego por helenizar os judeus, havia entre estes forte

tendência para aceitar a cultura grega com os seus costumes religiosos pagãos. O surto dos fariseus foi uma reação e um protesto contra essa tendência manifesta de compatrícios seus. Tinham por alvo preservar sua integridade nacional e conformar-se rigorosamente à lei mosaica. Começaram assim nesse espírito de férvido patriotismo e de devotamento religioso, porém mais adiante se transformaram em seita de formalistas, virtuosos aos seus próprios olhos, e hipócritas. Ver mais sobre Mt 23.

Os Saduceus

Julga-se que os saduceus, como seita, originaram-se mais ou menos na mesma época dos fariseus. Orientados por considerações de ordem secular, eram favoráveis à adoção dos costumes gregos e tomaram o partido dos helenistas. Não participaram da luta dos Macabeus em prol da liberdade de sua nação. Constituíam uma facção sacerdotal, e apesar de serem os oficiais religiosos de seu povo, eram franca e declaradamente irreligiosos. Não eram numerosos, mas abastados e influentes. Embora racionalistas e de mentalidade mundana, até certo ponto dominavam o sinédrio.

Os Escribas

Os escribas eram copiadores das Escrituras. Sua profissão era antiqüíssima e de grande importância antes do advento da imprensa. Como classe regularmente organizada, pensa-se que primeiro surgiram durante o exílio. Sua função era estudar, interpretar, tanto quanto copiar as Escrituras. Em virtude de sua familiaridade minuciosa com a lei, chamavam-se também doutores dela e eram reconhecidos como autoridades. As decisões de escribas eminentes tornaram-se lei oral, ou "tradição". Bem numerosos no período dos Macabeus, vieram a ser muito influentes no meio do povo.

A Preparação para Cristo

O A. T. é a história de como Deus tratou a nação judaica com o fim de, por meio dela, trazer ao mundo um Messias para **TODAS** as nações. O A.T. é uma espécie de hino triunfal do Messias vindouro. Começando piano, com notas esparsas e indistintas, à medida que o tempo avança, expande-se num crescendo até atingir a tonalidade clara, vibrante, robusta e exultante do Rei que se aproxima. Entrementes, Deus em Sua providência preparava as nações. A Grécia uniu as civilizações da Ásia, Europa e África, e estabeleceu uma língua universal. Roma fez do mundo inteiro um império só; as estradas romanas tornaram acessíveis todos os pontos dele. A dispersão dos judeus entre as nações, com suas sinagogas, suas Escrituras, sua religião, seu monoteísmo, fizera conhecida em toda parte a expectação deles por um Messias. Foi assim que Deus preparou o caminho para a propagação do Evangelho de Cristo entre as nações.

MATEUS

Jesus, o Messias

A ênfase especial de Mateus é sobre o fato de ser Jesus o Messias vaticinado pelos profetas do A.T., por ele citado repetidamente. Parece que visou, de modo particular, leitores judeus. Tão freqüente ocorre a expressão "reino dos céus", que este Evangelho é comumente chamado "Evangelho do Reino". Embora obedeça, não em cada incidente, mas no conjunto deles, uma ordem cronológica geral, seu material é antes agrupado por assuntos. Apresenta-se pormenorizadamente os discursos de Jesus, especialmente o Sermão do Monte e o discurso sobre Sua vinda e o fim do mundo.

Mateus

O Evangelho não menciona seu autor. Todavia, desde os primitivos pais da Igreja, a começar de Papias (discípulo do Apóstolo João), admitiu-se que esse autor foi o Apóstolo Mateus.

Quase nada sabemos de Mateus, que também foi chamado Levi. É mencionado nas quatro listas dos Doze, Mt 10:3; Mc 3:18; Lc 6:15; At 1:13. A única outra menção vem quando é chamado para seguir a Jesus, Mt 9:9-13; Mc 2:14-17; Lc 5:27-32.

A única informação que Mateus dá de si é a de ter sido "publicano". Os publicanos eram cobradores dos impostos de Roma, de ordinário extorquidores e geralmente desprezados. Lucas informa que Mateus deu grande banquete a Jesus, e que "deixou tudo" para segui-lo. Ele, porém, nem sequer assume as honras desse feito. Perde de vista a sua própria pessoa em total adoração ao seu Herói. Amamo-lo por essa humildade com que se retraiu.

Maravilhamo-nos diante da graça de Deus que escolheu um homem assim para ser o autor do livro que dizem ser "o mais lido do mundo".

Diz uma tradição que Mateus pregou na Palestina por alguns anos e depois viajou para outros países; que escreveu seu Evangelho originalmente em hebraico, e anos mais tarde, talvez lá pelo ano 60 d.C., apresentou dêle uma edição mais completa em grego. Não há registro de suas pregações. Todavia, quanto serviço prestou à humanidade com a produção deste livro!

A profissão de coletor de impostos fê-lo acostumar-se a tomar notas. Foi companheiro pessoal de Jesus por uns dois anos ou mais, no decurso de todo Seu Ministério público. A hipótese muito disseminada hoje, contudo sem base, de que ele copiou seu Evangelho do de Marcos, é patentemente absurda. Não se tem absoluta certeza de Marcos haver sequer conhecido Jesus (ver sôbre Mc 1:1). Por que haveria Mateus de copiar, de um que não fora testemunha ocular, narrativas de fatos que ele mesmo vira com seus próprios olhos e ouvira muitas e muitas vezes com seus próprios ouvidos?

Os Quatro Evangelhos

Os quatro Evangelhos, decididamente, são a parte mais importante da Bíblia; mais importante que todo o resto da Bíblia reunido; mais importante que todos os livros juntos do mundo, visto que podíamos arriscar passar sem o conhecimento de tudo no universo, menos do conhecimento de Cristo. Os livros da Bíblia que os precedem são preparatórios, os que os seguem são explicativos, do Herói dos quatro Evangelhos.

Por que Quatro? Houve muito mais de quatro fontes de onde se podia partir, Lc 1:1. Foi um período de grande atividade literária: a era de César, Cícero, Salústio, Virgílio, Horácio, Sêneca, Lívio, Tácito, Plutarco e Plínio: foi por assim dizer a "era dourada" do Império Romano. No período de uma geração a história de Jesus propagou-se por todo o mundo conhecido, conquistando milhares sem conta de fiéis seguidores. Naturalmente surgiu grande procura de narrativas escritas de Sua vida. Deus cooperou na preparação e preservação destas quatro que continham, cremos nós, o que Ele queria que fosse conhecido a respeito de Cristo. No A.T. há algumas narrativas em duplicada, mas esta é a única parte da Bíblia onde há quatro livros acerca de uma só pessoa. Uma coisa é fato: significa isto suma importância.

Os Autores. Mateus foi publicano. Lucas, médico. João, pescador. Não se declara o que Marcos foi. Mateus e João foram companheiros de Jesus. Marcos o foi de Pedro. Seu Evangelho contém o que ele ouviu Pedro contar vezes sem conta. Lucas foi companheiro de Paulo. Seu Evangelho diz que ele ouviu Paulo pregar de um extremo ao outro do Império Romano, verificando-o ele mesmo por iniciativa própria. Todos eles contaram a mesma história. Viajaram muito. Muitas vezes se encontraram. João e Pedro foram companheiros íntimos. Marcos andou associado a Pedro e a Paulo. Lucas e Marcos estiveram juntos em Roma, entre 61 e 63 d.C.

Pode ser que escreveram muitas cópias, parciais ou completas, dêstes mesmos Evangelhos, para diferentes igrejas ou pessoas. É possível que todos os apóstolos e seus auxiliares, às vezes, escrevessem o que haviam contado de Jesus, para as igrejas que fundaram ou visitaram. Mas fossem quais fossem os escritos que houvesse, desapareceram, na maior parte, sem dúvida, nas perseguições dos três primeiros séculos movida pelo império, salvando-se as que possuímos no N.T., pelas quais, em Sua providência, Deus zelou, preservando-as como suficientes para transmitir a Sua Palavra a todas as gerações futuras.

Ver mais a respeito em Mc 1:1; Lc 1:1; Jo 1.

Capítulo 1:1-17. A Genealogia de Jesus

É dada também em Lc 3:23-38. A vinda de Cristo fora prevista, não sòmente desde a eternidade, no céu, mas também desde os primórdios da história do mundo.

No passado obscuro, Deus escolhera uma família, a de Abraão, e, mais adiante, outra família dentro da família abraâmica, a de Davi, para ser o veículo pelo qual Seu Filho desse entrada no mundo. A nação judaica foi fundada e protegida por Deus, através dos séculos, para salvaguardar a linhagem dessa família.

A genealogia, como está em Mateus, é abreviada. Omitem-se alguns nomes. 42 gerações cobrem 2.000 anos. Dividem-se em três partes, de 14 gerações cada, talvez para ajudar a memória: a 1.ª cobrindo 1.000 anos; a 2.ª, 400 anos; a 3.ª, 600 anos. 3 grupos de 14.

No 3.º grupo, entretanto, nomeaiam-se só 13 gerações, dando-se a entender evidentemente que Maria seria a 14.ª.

A Genealogia em Lucas é algo diferente. Mateus começa com Abraão; Lucas vai até Adão. Uma é descendente, "gerou"; a outra é ascendente, "filho de".

A partir de Davi separam-se em linhas divergentes, que se tocam em Selatiel e Zorobabel.

A opinião comumente aceita é que Mateus dá a linhagem de José, mostrando que Jesus é o herdeiro legal das promessas feitas a Abraão e a Davi; e Lucas dá a linhagem de Maria, mostrando a descendência física de Jesus, "filho de Davi segundo a carne", Rm 1:3. A genealogia de Maria, de acordo com a praxe judaica, dependia do esposo. José era "filho de Heli", Lc 3:23, isto é, "genro dele". Heli foi o pai de Maria. Jacó foi o pai de José.

Estas genealogias, registradas mais detalhadamente em 1 Cr caps. 1-9, formam a espinha dorsal dos anais do A.T. Guardadas cuidadosamente através de longos séculos de vicissitudes históricas, contêm "uma linhagem de família, pela qual se transmitiu uma promessa por 4.000 anos, fato este sem exemplo na história."

Os Quatro Evangelhos Comparados

Os quatro Evangelhos são quatro narrativas paralelas acerca do mesmo Homem, expondo em grande parte os mesmos fatos, porém com algumas diferenças.

Somente Mateus e Lucas contam o nascimento e a infância de Jesus. Mateus e Marcos detêm-se no ministério da Galiléia. Lucas, no da Peréia. João, no da Judéia. João omite a maior parte do ministério da Galiléia e registra visitas a Jerusalém que os outros omitem. Os outros omitem o ministério da Judéia, exceto a última semana, que todos os quatro apresentam na íntegra. A última semana ocupa 1/3 de Mateus, 1/3 de Marcos, 1/4 de Lucas e a metade de João. Este dedica 7 capítulos, cerca de 1/3 do seu livro, ao dia da crucifixão, de um por do sol ao outro.

Mateus tem 28 capítulos, Marcos, 16, Lucas, 24 e João, 21. Lucas tem maior número de páginas e é o mais longo. Marcos é o mais breve.

VISTA COMPARATIVA DOS QUATRO EVANGELHOS

	Mateus	Marcos	Lucas	João
A existência de Jesus antes da Incarnação				1:1-3
O nascimento e Infância de Jesus	1, 2		1, 2	
João Batista	3:1-12	1:1-8	3:1-20	1:6-42
O Batismo de Jesus	3:13-17	1:9-11	3:21-22	
A Tentação	4:1-11	1:12,13	4:1-13	
O Milagre Preliminar				2:1-11
O Princípio do Ministério na Judéia (uns 8 meses)				2:13 a 4:3
Visita a Samaria				4:4-42
O Ministério da Galiléia (uns 2 anos)	4:12 a 19:1	1:14 a 10:1	4:14 a 9:51	4:43-54 6:1-7:1
Visita a Jerusalém				5:1-47
O Ministério da Peréia e Fim do da Judéia (uns 4 meses)	19, 20	10	9:51 a 19:28	7:2 a 11:57
A última Semana	21 a 27	11 a 15	19:29 a 24:1	12 a 19
O Ministério de Após-Ressurreição	28	16	24	20 a 21

Capítulo 1:18-25. O Nascimento de Jesus

Somente Mateus e Lucas contam o nascimento e a infância de Jesus, cada qual narrando incidentes diferentes. Ver sobre Lc 1:5-80.

Maria passou com Isabel os três primeiros meses seguintes à visita que lhe fez o mensageiro celeste. Quando voltou a Nazaré e José soube do seu estado, este deve tê-lo levado a uma "perplexidade estranha, agônica". Era, porém, um homem bom e dispôs-se a resguardar a reputação de Maria do que ele supunha ser uma desmoralização pública ou coisa pior. Foi quando o anjo apareceu-lhe e explicou tudo. Teve ainda de guardar o segredo de família, para evitar escândalo, porque ninguém acreditaria na história de Maria. Mais tarde, quando a natureza divina de Jesus foi comprovada por Seus milagres e Sua ressurreição dentre os mortos, Maria podia falar livremente do seu segredo celestial e da concepção sobrenatural de seu filho. Ver sobre a concepção virginal a nota acerca de Lc 1:26-38.

José

Muito pouco se diz de José. Foi com Maria a Belém e estava com ela quando Jesus nasceu, Lc 2:4,16. Com ela estava quando Jesus foi apresentado no Templo, Lc 2:33. Guiou-os na fuga para o Egito e na volta para Nazaré, Mt 2:13,19-23. Levou Jesus a Jerusalém quando Este tinha 12 anos, Lc 2:43, 51. Depois disso o que mais se sabe dele é que era carpinteiro e chefe de família de pelo menos sete filhos, Mt 13:55,56. Com certeza devia ser um homem exemplarmente bom, para que Deus assim o acolhesse a fim de servir de pai adotivo do Seu Filho. Comumente se pensa que ele faleceu antes de Jesus entrar em seu ministério público, embora a linguagem de Mt 13:55 e João 6:42 possa implicar que ainda vivia por essa época. Seja como for, já devia ter morrido antes que Jesus fosse crucificado, de outro modo não haveria razão para Jesus entregar sua mãe aos cuidados de João, Jo 19: 26-27.

Maria

Depois da história do Nascimento de Jesus e de Sua visita a Jerusalém aos 12 anos, muito pouco se diz de Maria. De acordo com a interpretação corrente de Mt 13:55-56, ela foi mãe de pelo menos seis filhos, além de Jesus. Por sugestão sua, Jesus converteu água em vinho, em Caná, Seu primeiro milagre, Jo 2:1-11. Depois menciona-se que ela procurou entrar em contacto com Ele, no meio de uma multidão, Mt 12:46; Mc 3:31; Lc 8:19; quando Jesus indicou claramente que as relações de família entre Ele e Sua mãe não ofereciam a esta nenhuma vantagem espiritual particular. Ela esteve presente à crucifixão e foi entregue por Jesus aos cuidados de João, Jo 19:25-27. Não há notícia de Jesus haver aparecido a ela após a ressurreição, embora aparecesse a Maria Madalena. A última menção que dela se faz é em At 1:14, quando esteve com os discípulos a orar. Eis tudo quanto a Escritura diz de Maria. Das mulheres que acompanharam Jesus na sua vida pública, Maria Madalena parece ter desempenhado papel mais preponderante do que a mãe de Jesus, Mt 27:56 61; 28:1; Mc 15:40,47; 16:9; Lc 8:2; 24:10; Jo 19:25; 20:1-18 (**ver nota sobre Lc 8:1-31**).

Maria foi uma mulher calma, meditativa, devotada, prudente, a mais honrada das mulheres, rainha das mães, que partilhou dos cuidados próprios da maternidade. Admiramo-la, honramo-la e amamo-la porque foi a mãe do nosso Salvador.

Quem foram os "irmãos" e "irmãs" de Jesus, mencionados em Mt 13: 55-56 e Mc 6:3? Filhos da própria Maria?; Ou filhos de José, de um matrimônio anterior? Ou primos? O sentido claro, simples e natural destas passagens é que foram mesmo filhos de Maria. É esta a opinião comum dos comentadores protestantes. E é apoiada pela declaração de Lc 2:7, de que ela "deu à luz seu filho PRIMOGÊNITO". Por que "primogênito", se não houve outros filhos?

Capítulo 2:1-12. A Visita dos Magos

Deve ter ocorrido quando Jesus tinha entre 40 dias e 2 anos de idade, Mt 2:16; Lc 2:22,39. Os "2 anos" parecem denotar o tempo quando a estrêla primeiro apareceu, v. 7, época em que os magos empreenderam a viagem, que durou muitos meses; não assinalam necessariamente o tempo exato do nascimento do menino. Herodes, porém, como medida de precaução, aceitou o limite extremo. Pelo menos o menino não estava mais na manjedoura, como tantas vezes se vê em gravuras, mas na "casa", v. 11. Ver sobre Lc 2:6-7.

Estes magos vieram da Babilônia, ou de país mais além, região onde a raça humana teve sua origem, terra de Abraão e do cativeiro judaico, onde muitos judeus ainda viviam. Pertenciam à classe de pessoas ilustradas, eram conselheiros de reis. Talvez estivessem familiarizados com as Escrituras judaicas e sabiam da expectação existente pelo rei Messias. Era a terra de Daniel e, sem dúvida, conheciam a profecia das 70 Semanas, e também a de Balaão acerca da "Estrela a proceder de Jacó", Nm 24:17. Eram homens de elevada posição social, tanto que tiveram acesso à presença de Herodes. Comumente são mencionados como "Três Magos", mas as Escrituras não dizem quantos foram. Provavelmente foram mais de três, ou pelo menos vieram com uma comitiva de dezenas ou centenas de pessoas, como medida de segurança, visto que não seria seguro um pequeno grupo viajar milhares de quilômetros, através de desertos infestados de bandidos. A chegada dêles a Jerusalém foi bastante espetacular, para alvoroçar a cidade inteira.

Além de simbolizar a homenagem da sabedoria e de terras distantes ao rei recém-nascido, e de chamar a atenção de Jerusalém para a Sua chegada, um dos objetivos dessa visita, que eles mesmos não souberam, foi prover o dinheiro para a fuga do menino ao Egito. Seus pais eram pobres, e sem o ouro trazido pelos Magos não lhes seria possível escapar de Herodes. A volta dos Magos para sua própria terra, teria preparado o caminho para a posterior pregação do Evangelho naquelas regiões.

A Estrela

Calcula-se que houve uma conjunção de Júpiter e Saturno, 6 a.C. Mas isto não explica o fato de "a estrela ir adiante deles até que se deteve sôbre o lugar onde o menino estava." Pensam uns que, possìvelmente, foi uma **"nova"**, isto é, estrela que explode e por um tempo se queima fulgurantemente. Dizem

os astrônomos que na Via Láctea umas 30 estrelas explodem cada ano assim de súbito, e se tornam mais de 10.000 vezes mais brilhantes, voltando depois à luminosidade ordinária. Mas como pode esse fato ajustar-se ao caso?

A estrela, vista pelos magos, foi, sem dúvida, um fenômeno distinto, uma luz sobrenatural que, pela direta revelação de Deus, foi adiante deles e indicou-lhes o lugar exato; anúncio sobrenatural de um nascimento sobrenatural.

Capítulo 2:13-15. A Fuga para o Egito

Até este incidente não escapou à vista infalível de Deus, na linha extensa das profecias acerca do Messias, v. 15, Os 11:1. O anjo, v. 13, que os dirigiu na fuga para o Egito provavelmente foi Gabriel, a quem Deus confiou o cuidado da criança; ver sobre Lc 2:8-20.

A estada no Egito foi breve, provavelmente um ano só, ou dois, porque Herodes morreu logo e já não havia perigo em voltar. Ver a cronologia da infância de Jesus, sobre Lc 2:39.

Não se diz onde, no Egito, residiram José, Maria e o Menino. Diz a tradição que foi em Om, também chamada Heliópolis. Fora este o lugar de onde outro José governara o Egito, longos séculos antes (Gn 41:45). Um obelisco, erigido nos dias de Abraão, e que ainda está de pé, assinala as ruínas da cidade.

Capítulo 2:16-18. O Morticínio das Crianças

É estranhável que uma pessoa crente na vinda do Cristo, v. 4, fosse tão presunçosa e estúpida ao ponto de pensar que podia frustrar essa vinda.

Herodes

Os Herodes eram uma linhagem edomita de reis que, sob o governo romano, dominavam a Judéia pouco antes da aparição de Cristo. Herodes, o Grande, 37-3 a.C., subiu ao trono e o conservou por meio de crimes indizivelmente brutais, pois matou até sua esposa e dois filhos. Era cruel, astuto e de sangue frio. Foi ele quem matou os meninos de Belém, num esforço por eliminar Cristo.

Seu filho, Herodes Antipas, uns 33 anos mais tarde, matou João Batista, Mc 6:14-29, e escarneceu de Cristo, Lc 23:7-12.

Seu neto, Herodes Agripa I, 14 anos ainda mais adiante, matou o Apóstolo Tiago, At 12:1-2.

Seu bisneto, Herodes Agripa II, 16 anos mais adiante, foi aquele perante quem Paulo foi julgado, At 25:13-26:32.

Capítulo 2:19-21. O Regresso do Egito

Também nisto foram dirigidos pelo anjo. Parece, do v. 22, que José planejava voltar a Belém. Provavelmente já havia deliberado fixar residência na cidade natal de Davi, como sendo o lugar próprio para aí criar o Messias infante. Deus, porém, tinha outro plano, e fê-los voltar à sua residência na Galiléia.

Nomes de Jesus

O A.T. predissera a vinda de grande e maravilhoso Rei na linhagem da família de Davi, o qual governaria e abençoaria o mundo inteiro. Muito antes de aparecer, esse Rei foi chamado "MESSIAS" (hebraico), ou "CRIS-

TO" (grego). As duas palavras significam "Ungido": "O Ungido de Deus" para realizar a obra mundial de que falaram os profetas. "Jesus" era Seu nome pessoal. "Messias" ou "Cristo" expressavam o ofício que Ele veio exercer.

Capítulo 2:22-23. A Volta a Nazaré

Mateus não menciona que José e Maria tivessem residido anteriormente em Nazaré. Sabemos isto de Lucas.

O fato que Mateus assinala especialmente é que foi isto em cumprimento de profecia.

A profecia que Mateus aí cita pensa-se que é a de Is 11:1, onde o Messias é chamado "Renovo"; também Jr 23:5 e Zc 3:8. A palavra "Renovo", no hebraico, é muito parecida com "Nazaré". É um jogo de palavras. Jesus foi "Nazareno" em dois sentidos.

Profecias de Cristo no A.T., Citadas nos Evangelhos

Visto que Mateus emprega abundantes citações do A.T., mostrando assim seu gosto por enquadrar os incidentes e aspectos da vida de Cristo nas previsões proféticas, é conveniente fornecer agora uma lista das profecias do A.T., citadas nos quatro Evangelhos, particularmente Mateus, como referentes a Cristo. A maioria delas refere-se bem claramente ao Messias. Algumas não diríamos que a Ele se referem senão porque escritores inspirados o dizem. Quanto a nós, entretanto, estamos inteiramente satisfeitos com as interpretações que o N.T. apresenta de passagens do A.T. Registram elas o que Deus quis dar a entender nessas passagens.

Cristo seria da família de Davi, Mt 22:44; Mc 12:36; Lc 1:69,70; 20:42-44; Jo 7:42; 2 Sm 7:12-16; Sl 89:3-4; 110:1; 132:11; Is 9:6,7; 11:1.

Nasceria de uma virgem, Mt 1:23; Is 7:14.
Nasceria em Belém, Mt 2:6; Jo 7:42; Mq 5:2.
Peregrinaria no Egito, Mt 2:15; Os 11:1.
Viveria na Galiléia, Mt 4:15; Is 9:1-2.
Em Nazaré, Mt 2:23; Is 11:1.

Sua vinda seria anunciada por um mensageiro semelhante a Elias, Mt 3:3; 11:10-14; Mc 1:2-3; Lc 3:4-6; 7:27; Jo 1:23; Is 40:3-5; Ml 3:1; 4:5.

Sua vinda daria ocasião a um massacre de meninos em Belém, Mt 2:18; Gn 35:19-20; 48:7; Jr 31:15.

Proclamaria um jubileu ao mundo, Lc 4:18-19; Is 58:6; 61:1.
Seria enviado aos gentios, Mt 12:18-21; Is 42:1-4.
Seu ministério seria de cura, Mt 8:17; Is 53:4.

Ensinaria por parábolas, Mt 13:14,15,35; Is 6:9-10; Sl 78:2.

Seria desacreditado, odiado e rejeitado pelos governantes, Mt 15:8, 9; 21:42; Mc 7:6,7; 12:10,11; Lc 20:17; Jo 12:38-40; 15:25; Sl 69:4; 118:22; Is 6:10; 29:13; 53:1.

Entraria triunfalmente em Jerusalém, Mt 21:5; Jo 12:13-15; Is 62:11; Zc 9:9; Sl 118:26.

Seria como um pastor ferido, Mt 26:31; Mc 14:27; Zc 13:7.

Seria traído por um amigo e por 30 moedas de prata, Mt 27:9-10; Jo 13:18; 17:12; Zc 11:12-13; Sl 41:9.

Morreria com malfeitores, Lc 22:37; Is 53:12.
Seria sepultado por um rico, Is 53:9; Mt 27:57-60.
Dar-Lhe-iam a beber vinagre e fel, Mt 27:34; Jo 19:29; Sl 69:21.
Lançariam sortes sobre as Suas vestes, Jo 19:24; Sl 22:18.
Até Suas palavras ao morrer foram preditas, Mt 27:46; Mc 15:34; Lc 23:46; Sl 22:1; 31:5.
Nem um osso Lhe seria quebrado, Jo 19:36; Êx 12:46; Nm 9:12; Sl 34:20.
Seu lado seria traspassado, Jo 19:37; Zc 12:10; Sl 22:16.
Ressurgiria ao terceiro dia, Mt 12:40; Lc 24:46; nenhuma passagem específica é citada sobre isto. Que Ele ressurgiria dos mortos lê-se em At 2:25-32; 13:33-35; citado definidamente do Sl 16:10-11. Jesus disse estar escrito que Ele ressurgiria "ao terceiro dia", Lc 24:46. Devia ter em mente estas passagens: Os 6:2; Jonas 1:17. E possìvelmente o quadro de Isaque sendo livre da morte ao terceiro dia, Gn 22:4. Os Dez Mandamentos foram dados no terceiro dia, Êx 19:16.
Sua rejeição seria seguida da destruição de Jerusalém, e da grande tribulação, Mt 24:15; Mc 13:14; Lc 21:20; Dn 9:27; 11:31; 12:1,11.
O próprio Jesus reconheceu que em Sua morte cumpriria a Escritura, Mt 26:54,56.

Eis aqui um fato admirável: a história completa da vida de Jesus, seus principais aspectos, acontecimentos e os incidentes que a acompanharam, até os menores detalhes, foi tudo claramente predito nas Escrituras do A.T. Não é isto prova esmagadora da existência e operação de uma **MENTE** que transcende o espírito humano de uma forma que nos espanta e nos faz humildes?

Capítulo 3:1-12. A Pregação de João Batista

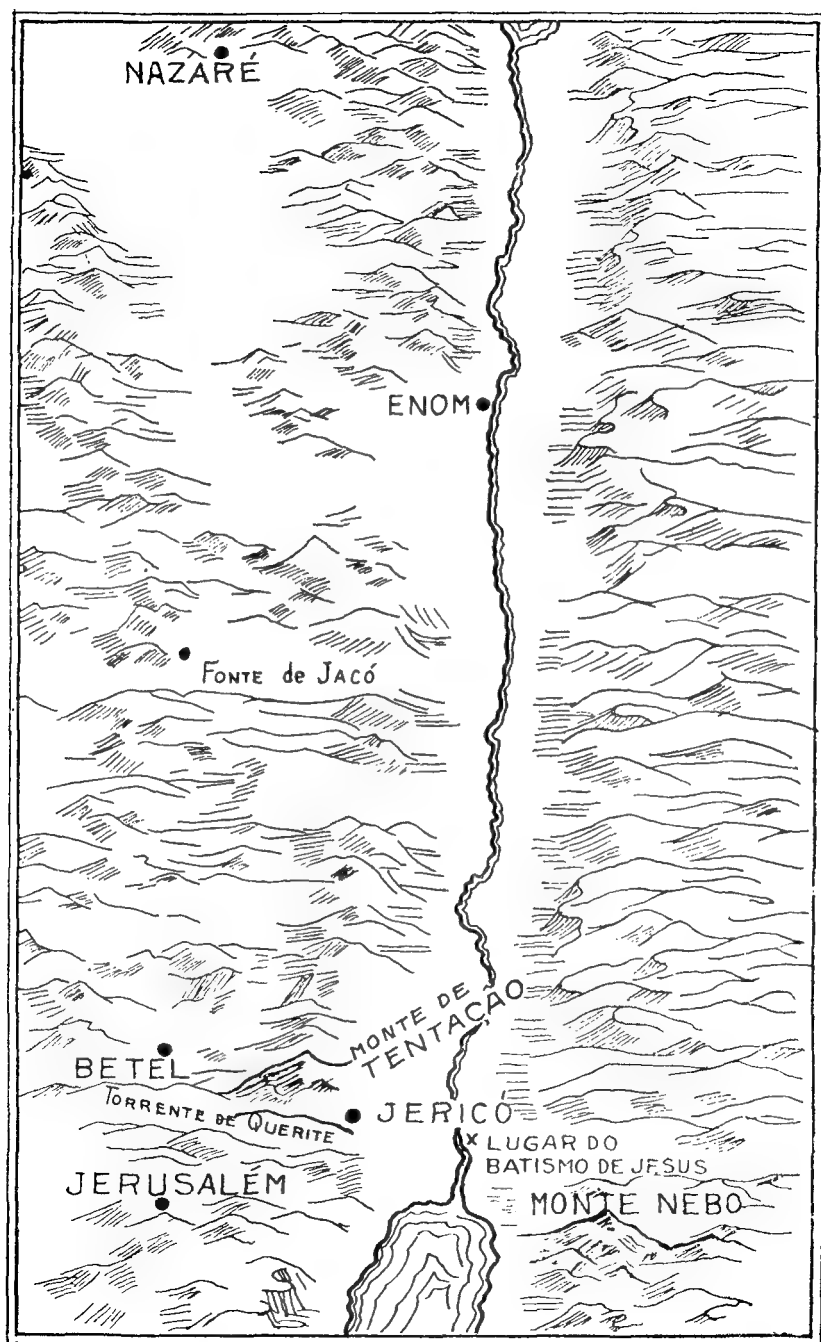
Ver sobre Lc 3:1-12. Mateus passa direto da volta do Egito à pregação de João, período de quase 30 anos.

Capítulo 3:13-17. O Batismo de Jesus

Narra-se também em Mc 1:9-11; e Lc 3:21-22. Em todas as três narrativas e em Jo 1:31-33, os fatos que se especificam são a descida do Espírito Santo e a voz do céu. Parece, de Jo 1:31-33, que João não conhecia Jesus, porém Mt 3:14 implica que ele já O conhecia. Sem dúvida, quando meninos, Jesus e João se conheceram, porque suas famílias eram aparentadas, Lc 1:36, e as respectivas mães estiveram juntas por três meses imediatamente antes que eles nascessem, Lc 1:39,56. E parece certo que seus pais contaram-lhes os anúncios celestes que houvera sobre a missão respectiva de ambos. Mas, a partir da época quando João se afastou para viver no deserto, Lc 1:80, pode não ter mais visto a Jesus, até o dia do batismo deste. Naturalmente não reconheceu o homem a quem não via desde os dias da meninice, senão quando Deus lho indicou. Então, sob a sanção direta do céu, Jesus foi publicamente ungido como o Filho de Deus, o Messias do povo e o Salvador do mundo.

O Local do Batismo de Jesus

O local escolhido por Deus para apresentar o Messias à nação foi o baixo Jordão, no mesmo ponto, ou perto, onde as águas se dividiram para a travessia de Josué, quando da entrada de Israel em Canaã. Aí João Ba-

NAZARÉ
ENOM
FONTE de JACÓ
MONTE DE TENTAÇÃO
BETEL
TORRENTE DE QUERITE
JERICÓ
x LUGAR DO BATISMO DE JESUS
JERUSALÉM
MONTE NEBO

Mapa 54

tista se fixou e começou a obra de levar o povo à expectação. Logo todos os olhares convergiam nele, indagando todos se não seria este o Messias. Depois, apoiado por uma demonstração lá do céu, declarou que Jesus era o Messias. Aí, logo após, nessa mesma região, seguiu-se o primeiro ministério de Jesus: Aí também exerceu Ele o Seu último ministério. Quantas lembranças aquele local não evocava! Na direção de Leste, nos limites do Vale do Jordão, erguia-se o Monte Nebo, onde Moisés tivera um vislumbre da Terra Prometida e onde o Senhor o sepultara. Também ali, em alguma parte entre o Jordão e o Nebo, os carros celestes transportaram Elias para se juntar a Moisés na glória. Oito km ao Oeste, nos limites do vale, ficava Jericó, cujos muros caíram ao som da trombeta de Josué. Logo acima de Jericó, nos contrafortes do ribeiro de Querite, os corvos alimentaram Elias. Um pouco acima, no cume da cadeia de montanhas, ficava Betel, onde Abraão erigira um altar a Deus, e onde Jacó vira a escada celeste por onde os anjos subiam e desciam (à qual se reportou Jesus, conversando com Natanael, logo depois da tentação naqueles arredores). Próximo, para o Sul, na mesma cadeia montanhosa, jazia Jerusalém, a Cidade Santa, cidade de Melquisedeque e Davi. Para o Sul, além do Mar Morto, a planície onde jaziam as ruínas de Sodoma e Gomorra.

Capítulo 4:1-10. A Tentação dos Quarenta Dias

Também se narra em Lc 4:1-13, e, muito abreviadamente, em Mc 1:12-13. O Espírito Santo, Satanás (ver nota sobre Lc 4:1-13), e Anjos (ver nota sobre Mt 4:11), tiveram sua parte na tentação de Jesus. O Espírito Santo impeliu-O, anjos ajudaram-nO, enquanto Satanás procurou várias vezes desviá-Lo de Sua missão de Redentor do gênero humano. O universo inteiro estava interessado. O destino da criação estava em jogo.

Não sabemos por que a tentação de Jesus seguiu-se logo ao Seu batismo. A descida do Espírito Santo sobre Ele nessa ocasião envolvia possivelmente duas coisas novas na Sua experiência humana: uma, o poder ilimitado de operar milagres; a outra, plena restauração de Seu conhecimento de antes da encarnação.

Antes, na eternidade, Jesus sabia que viria ao mundo sofrer como o Cordeiro de Deus pelo pecado humano. Veio, porém, pelo caminho do berço. Devemos supor que Jesus, criancinha, conhecia tudo quanto sabia antes de assumir as limitações da carne humana? Não é mais natural pensar que o conhecimento que tinha antes de encarnar-Se veio-Lhe gradativamente à proporção que crescia, em paralelo com a Sua educação humana? Naturalmente Sua mãe contou-Lhe as circunstâncias do Seu nascimento. Ele sabia que era o Filho de Deus e o Messias. Sem dúvida, Ele e Sua mãe conversaram muitas vezes sobre planos e métodos de realizar Sua obra como Messias no mundo. Quando, porém, o Espírito Santo desceu sobre Ele no batismo, "sem medida", então Lhe veio plena e claramente, pela primeira vez como homem, a ciência de algumas coisas que Ele conhecera antes de humanar-Se: entre elas, a CRUZ como o meio pelo qual cumpriria Sua missão. Isto O aturdiu; fê-Lo perder o apetite; afastou-O do convívio dos homens, e por 40 dias Ele não pensou noutra coisa.

Qual foi a natureza de Sua tentação? Esta pode ter incluído as tentações ordinárias dos homens na luta pelo pão e no desejo de fama e poder. Foi, porém, mais. Jesus era muito grande para pensarmos que tais motivos pesassem muito no Seu espírito. A julgar pelos Seus antecedentes e Sua formação, devemos crer que Ele já alimentava uma paixão absorvente de salvar o mundo. Sabia ser esta a Sua missão. A pergunta era, Como realizá-la? Usando os poderes miraculosos que Lhe acabavam de ser concedidos — poderes que nenhum mortal conhecera antes — para fornecer pão aos homens, sem que estes precisassem trabalhar, e para vencer as forças ordinárias da natureza, Ele podia ter-Se imposto ao domínio do mundo e pela **FORÇA** levar os homens a fazer Sua vontade. Foi essa a sugestão de Satanás. Mas a missão de Jesus foi não compelir os homens à obediência, mas transformar seus corações.

A essência da tentação de Jesus foi fazê-Lo procurar alcançar Seus fins por meios mundanos, antes que pelo sofrimento. Produzir resultados espirituais por métodos mundanos. O que Jesus recusou fazer, a igreja, através dos séculos, tem feito e, em escala, ainda hoje faz, permitindo-se a cobiça do poder do mundo.

O diabo esteve realmente presente? Ou foi só uma luta íntima? Não se diz sob que forma o diabo apareceu a Jesus. Mas evidentemente Jesus reconheceu que as sugestões partiam de Satanás, que ali estava resolvido, seriamente, a frustrar-Lhe a missão (ver nota sobre Satanás, Lc 4:1-13).

Pensa-se que o local da tentação de Jesus foram as alturas desoladas e estéreis da região montanhosa que dominava Jericó, acima do ribeiro de Querite, onde os corvos alimentaram Elias, e de onde possivelmente se divisava ao longe o Gólgota, local da última batalha de Cristo. Ver Mapa 54 sobre Mt 3:13-17.

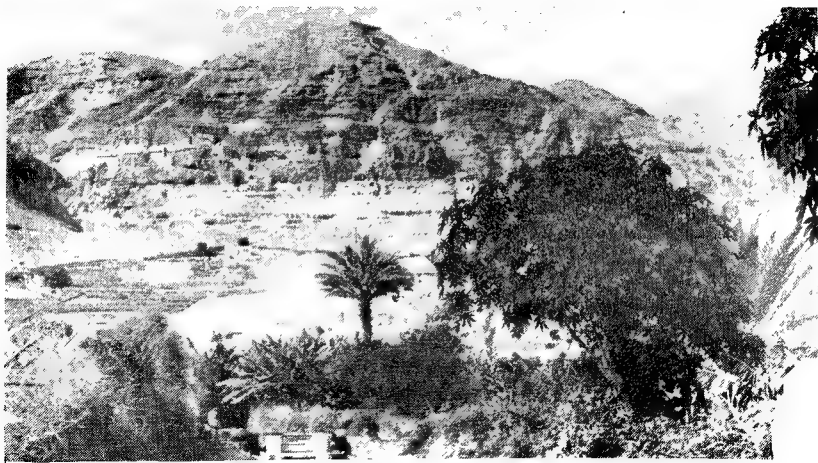



Fig. 68. Tradicional Monte da Tentação.
(Cortesia do ©Matson Photo)

Jesus jejuou 40 dias, v. 2. Moisés jejuara 40 dias no Monte Sinai, quando os Dez Mandamentos foram dados, Êx 34:28. Elias jejuara 40

dias, a caminho para o mesmo monte, 1 Rs 19:8. Moisés representava a Lei. Elias, os profetas. Jesus era o Messias, para quem a Lei e os profetas apontavam. Os três grandes representantes da revelação divina ao homem. Do alto do monte onde Jesus jejuava, olhando a Leste para o outro lado do Jordão, podia divisar a Cordilheira do Nebo, onde Moisés e Elias, séculos antes, subiram para Deus.

Uns três anos depois, estes três homens tiveram um encontro, em meio às glórias celestes da transfiguração, no Monte Hermom (Mapa 57, sobre Mc 10), 160 km ao Norte, cujo pico nevado via-se distintamente do Monte da Tentação: companheiros no sofrimento e agora companheiros na glória.

Depois da tentação, Jesus voltou ao Jordão, onde João estava batizando. Ver nota sobre Jo 1:19-34.

Capítulo 4:11. Anjos

Aqui se diz que anjos serviram a Jesus

Os anjos estiveram presentes em grande parte da vida de Jesus:

Um anjo anunciou o nascimento de João, Lc 1:11-17.
E deu-lhe o nome, Lc 1:13.
Um anjo anunciou a Maria o nascimento de Jesus, Lc 1:26-37.
Um anjo anunciou a José esse mesmo nascimento, Mt 1:20-21.
E deu-lhe o nome, Mt 1:21.
Anjos anunciaram aos pastores o nascimento de Jesus, Lc 2:8-15.
E cantaram aleluias, Lc 2:13,14.
Um anjo dirigiu Sua fuga para o Egito e no regresso, Mt 2:13-20.
Anjos serviram a Jesus depois da tentação, Mt 4:11; Mc 1:13.
Um anjo esteve com Jesus, na agonia do Getsêmane, Lc 22:43.
Um anjo removeu a pedra do sepulcro, Mt 28:2.
E anunciou a ressurreição às mulheres, Mt 28:5-7.
Dois anjos apresentaram o Salvador ressurrecto a Maria Madalena, Jo 20: 11-14.

Jesus disse muita coisa a respeito dos anjos:

Falou em anjos que subiam e desciam sobre Ele, Jo 1:51.
Disse poder contar com 12 legiões de anjos para O livrarem, Mt 26:53.
Os anjos estarão com Ele, quando voltar, Mt 25:31; 16:27; Mc 8:38; Lc 9:26.
Os anjos serão os ceifeiros, Mt 13:39.
Ajuntarão os eleitos, Mt 24:31.
E separarão os ímpios dos justos, Mt 13:41,49.
Anjos conduziram o mendigo para o seio de Abraão, Lc 16:22.
Os anjos se alegram com o arrependimento dos pecadores, Lc 15:10.
As crianças têm anjos que as guardam, Mt 18:10.
Jesus confessará os Seus perante os anjos, Lc 12:8.
Os anjos não têm sexo e não morrem, Lc 20:35-36; Mt 22:30.
O diabo tem anjos malignos, Mt 25:41.
Foi o próprio Jesus quem disse estas coisas.
As declarações de Jesus a respeito dos anjos foram de tal modo específicas, variadas e abundantes que, explicá-las sob a teoria de que Ele estava apenas se acomodando às crendices do povo é enfraquecer a validade de quaisquer palavras de Jesus, como verdades que são.

No livro dos Atos:

Um anjo abriu as portas da prisão aos apóstolos, At 5:19.
Um anjo encaminhou Filipe ao oficial etíope, At 8:26.
Um anjo soltou Pedro da prisão, At 12:7, 8, 9.
E foi chamado "seu" anjo, At 12:15, anjo da guarda de Pedro.
Um anjo feriu Herodes de Morte, At 12:23.
Um anjo orientou Cornélio em mandar buscar Pedro, At 10:3.
Um anjo esteve com Paulo, durante a tempestade, At 27:23.

Anjos no Antigo Testamento

Um anjo socorreu Hagar, Gn 16:7-12.
Anjos anunciaram a nascimento de Isaque, Gn 18:1-15.
E a destruição de Sodoma, Gn 18:16-33.
Anjos destruíram Sodoma e salvaram Ló, Gn 19:1-29.
Um anjo impediu a morte de Isaque, Gn 22:11-12.
Anjos guardaram Jacó, Gn 28:12; 31:11; 32:1; 48:16.
Um anjo comissionou Moisés a redimir Israel, Êx 3:2.
Um anjo guiou Israel no deserto, Êx 14:19; 23:20-23; 32:34.
Um anjo dirigiu os esponsais de Isaque e Rebeca, Gn 24:7.
A Lei foi dada por anjos, At 7:38,53; Gl 3:19; Hb 2:2.
Um anjo repreendeu Balaão, Nm 22:31-35.
Um "príncipe do exército do Senhor" apareceu a Josué, Js 5:13-15.
Um anjo repreendeu os israelitas por sua idolatria, Jz 2:1-5.
Um anjo comissionou Gideão a livrar Israel, Jz 6:11-40.
Um anjo anunciou o nascimento de Sansão, Jz 13.
Um anjo feriu o exército assírio, 2 Rs 19:35; Is 37:36.
Um anjo acudiu Elias, 1 Rs 19:5-8, quando este fugia de Jezabel.
Eliseu esteve cercado de anjos invisíveis, 2 Rs 6:14-17.
Um anjo livrou Daniel dos leões, Dn 6:22.
Um anjo feriu o exército assírio, 2 Rs 19:35; Is 37:36.
Anjos acampam-se em redor do povo de Deus, Sl 34:7; 91:11.
Anjos ajudaram Zacarias a escrever, Zc 1:9; 2:3; 4:5 etc.

Anjos nas Epístolas e no Apocalipse

Há anjos eleitos, 1 Tm 5:21.
Os anjos são "inumeráveis", Hb 12:22; Ap 5:11.
Ministram a favor dos herdeiros da salvação, Hb 1:13-14.
Virão com Jesus em chama de fogo, 2 Ts 1:7.
Um anjo dirigiu a redação do Apocalipse, Ap 1:1.
As igrejas têm anjos que as guardam, Ap 1:20; 2:8,12,18; 3:1,7,14.
O livro do Apocalipse, em grande parte, é um drama de anjos.
Os anjos não devem ser adorados, Cl 2:18; Ap 22:8-9.
Há diferentes ordens de anjos, com diferentes categorias e dignidades.
São organizados em "principados, poderes, tronos, domínios", Rm 8:38; Ef 1:21; 3:10; Cl 1:16; 2:15; 1 Pe 3:22.

Miguel é o nome do Arcanjo. Foi ele o defensor de Judá, Dn 10: 13,21 12:1. Contendeu com o diabo a respeito do corpo de Moisés. Judas 9. Luta com Satanás em favor da Igreja, Ap 12:7. Estará com Cristo quando Este vier, e sua voz ressuscitará os mortos, 1 Ts 4:16. Gabriel é o nome de um dos príncipes angélicos, ver nota sobre Lc 2:8-20.

Ocasionalmente a palavra "anjo" parece se referir a forças inanimadas da natureza. Mas em geral significa inequivocamente personalidades do mundo invisível. Tanto se fala na Bíblia a respeito do ministério dos anjos que somos constrangidos a crer que Deus Se serve deles, em parte, para executar a Sua vontade no governo do universo.

Capítulo 4:12. Jesus Começa Seu Ministério na Galiléia

Entre os vs. 11 e 12 passou-se cerca de um ano, que inclui o princípio do ministério de Jesus na Judéia e cobre os acontecimentos de Jo 1:19 a 4:54 e Lc 4:16-30. Ver nota sobre Mc 1:14-15.

Ao Ministério da Galiléia:
Mateus dedica a metade do seu livro, 14 capítulos, 4:12 a 19:1.
Marcos dedica a metade do seu, 8 capítulos, 1:14 a 10:1.
Lucas dedica menos de 6 capítulos, 4:14 a 9:51.
João quase não o menciona.

O MINISTÉRIO DA GALILÉIA

Vista Comparativa das Quatro Narrativas

MATEUS

A chamada de Simão, André, Tiago e João, 4:18-22.
Viagens, pregação, curas, multidões, fama, 4:23-25.
O Sermão do Monte, caps. 5, 6, 7.
Um leproso e o servo do Centurião, curados, 8:1-13.
A sogra de Pedro e muitos outros, curados, 8:14-17.
A tempestade é acalmada, 8:23-27. Os endemoninhados gadarenos, 8:28-34.
Um paralítico é curado, 9:1-8.
A chamada de Mateus e seu banquete, 9:9-13. "Jejum", 9:14-17.
A filha de Jairo e a mulher hemorrágica, 9:18-26.
Dois cegos e um mudo endemoninhado, curados, 9:27-38.
Os doze enviados, 10.
Mensageiros de João Batista, 11:1-19.
Cidades reprovadas, 11:20-24. "Vinde a Mim", 11:25-30.
Espigas comidas, e cura, no sábado, 12:1-14.
Um cego, mudo e endemoninhado, curado, 12:15-23.
Jesus acusado de ter aliança com Belzebu, 12:24-45.
A mãe e os irmãos de Jesus, 12:46-50.
Parábolas: o semeador, o joio, a mostarda, o fermento, o tesouro, a pérola, a rede, 13:1-50.
A visita a Nazaré, 13:54-58.
João Batista é decapitado, 14:1-12.
Os 5.000 alimentados, Jesus anda sobre o mar, 14:13-33.
Multidões curadas em Genezaré, 14:34-36.
Fariseus, tradição e contaminação, 15:1-20.
A mulher cananéia, 15:21-28.
Os 4.000 alimentados, 15-29-39.
"Fermento dos fariseus", 16:1-12.

A confissão de Pedro. É predita a Paixão, 16:13-28.
A transfiguração. De novo predita a Paixão, 17:1-13.
O menino epilético. Outra vez predita a Paixão, 17:14-23.
O imposto do Templo, 17:24-27. Os "pequeninos", o "perdão", cap. 18.

MARCOS

A chamada de Simão, André, Tiago e João, 1:14-20.
O endemoninhado, a sogra de Pedro e muitos outros, curados, 1:21-34.
Viagens, milagres; um leproso e um paralítico, curados, 1:40-2:12.
A chamada de Levi e o banquete, 2:13-17, "jejum", 2:18-22.
Espigas comidas, e cura, no sábado, 2:23-3:6.
Multidões, fama, milagres, 3:7-12.
A escolha dos doze, 3:13-19.
Jesus acusado de manter aliança com Belzebu, 3:20-30.
A mãe e os irmãos de Jesus, 3:31-35.
Parábolas: o semeador, a semente que cresce, a semente de mostarda, 4:11-34.
A tempestade é acalmada, 4:35-41. O endemoninhado geraseno, 5:1-20.
A filha de Jairo e a mulher hemorrágica, 9:18-26.
A visita a Nazaré, 6:1-6.
Os doze enviados, 6:7-13.
João Batista é decapitado, 6:14-29.
Os 5.000 alimentados, Jesus anda sobre o mar, 6:30-52.
Multidões curadas em Genezaré, 6:53-56.
Fariseus, tradição e contaminação, 7:1-23.
A mulher siro-fenícia, um surdo-mudo, 7:24-37.
Os 4.000 alimentados, "fermento dos fariseus", 8:1-21.
O cego de Betsaida recobra a vista, 8:22-26.
A confissão de Pedro, é predita a Paixão, 8:27-9:1.
A transfiguração, a Paixão outra vez predita, 9:2-13.
O menino epilético, outra vez predita a Paixão, 9:14-32.
"Quem é o maior", o anônimo operador de maravilhas, 9:33-50.

LUCAS

A visita a Nazaré, 4:14-30.
O endemoninhado, a sogra de Pedro e muitos outros, curados, 4:31-44.
Chamada de Pedro, Tiago e João, 5:1-11.
Um leproso e um paralítico curados, 5:12-26.
A chamada de Levi e o banquete, 5:27-32, "jejum", 5:33-39.
Espigas comidas, e cura, no sábado, 6:1-11.
A escolha dos doze, 6:12-19.
O Sermão do Monte, 6:20-49.
O servo do centurião, o filho da viúva, os mensageiros de João, 7:1-35.
A mulher pecadora, as mulheres, a parábola do semeador, 7:36-8:18.
A mãe e os irmãos de Jesus, a tempestade, o endemoninhado geraseno, 8:19-30.
A filha de Jairo, a mulher hemorrágica, 8:40-48.
Os doze enviados, 9:1-6.
João Batista é decapitado, 9:7-9. Os 5.000 alimentados, 9:10-17.

A confissão de Pedro, é predita a Paixão, 9:18-27.
A transfiguração, 9:28-36.
O menino epilético, outra vez predita a Paixão, 9:28-43.
"Quem é o maior", o anônimo operador de maravilhas, 9:46-50.

JOÃO

Milagre preliminar em Caná, permanência em Cafarnaum, 2:1-12.
O filho do oficial do rei é curado. Os 5.000 alimentados, 6:1-7:1.

Cap. 4.13-17. Jesus Reside em Cafarnaum. Foi uma das coisas preditas do Messias, ver sobre Mt 2:22-23. Ver também sobre Mc 1:21.

Cap. 4:18-22. A Chamada de Simão, André, Tiago e João. Ver sobre Mc 1:16-20. Também sobre Mt 10.

Cap. 4:23-25. Viagens, Fama, Multidões, Milagres. Ver sobre Mc 1:38-39.

A DURAÇÃO E CRONOLOGIA DO MINISTÉRIO DA GALILÉIA

O ministério da Galiléia começou "quatro meses antes da ceifa" (dezembro), Jo 4:35, 43.

Terminou pouco antes da Festa dos Tabernáculos (outubro), ou pouco antes da Festa da Dedicação (dezembro), Lc 9:51; Jo 7:2; 10:22.

Abrangeu uma Páscoa, Jo 6:4; e outra Páscoa se, como em geral se pensa, a festa de Jo 5:1 foi uma Páscoa.

Começando pois em dezembro e estendendo-se além da segunda Páscoa até outubro ou dezembro do outro ano, durou uns 2 anos; ou, somente um ano, se a festa de Jo 5:1 não foi uma Páscoa.

Mateus, Marcos e Lucas, de um modo geral, parecem seguir uma ordem cronológica, embora não nos particulares, porquanto diferem quanto à ordem de muitos dos incidentes. Sobre qual dos três é mais estritamente cronológico, há diferença de opinião entre os estudantes da Bíblia. Visto que os evangelistas parecem guiar-se por outras considerações na classificação do seu material, e visto que notícias sobre época e lugar, em grande parte, são desprezadas, não é possível classificar em ordem rigorosamente cronológica todo o material registrado.

Entretanto, há alguns fatos e períodos bem assinalados no ministério da Galiléia, em torno dos quais pode-se tentar agrupar outros.

Os 5.000 foram alimentados na época da Páscoa, Jo 6:4. João Batista foi decapitado logo antes disso, Mt 14:12-13. Por esse mesmo tempo os doze voltaram de sua viagem evangelística, Lc 9:10.

Todos os três escritores colocam a Transfiguração logo antes da última partida da Galiléia.

A última partida da Galiléia foi logo antes, ou da Festa dos Tabernáculos (outubro), ou da Festa da Dedicação (dezembro), Lc 9:51; Jo 7:1-10; 10:22.

Isso faz um período de cinco ou oito meses, entre a alimentação dos 5.000 e a Transfiguração, sendo que parte desse tempo Jesus passou em regiões ao norte da Galiléia, sobre o que não se diz muito.

A parte principal da história do Ministério da Galiléia relaciona-se com os dezesseis meses que precederam a alimentação dos 5.000, período de intensa atividade e de grande popularidade.

O quadro seguinte oferece uma sinopse geral do Ministério da Galiléia, com alguns fatos centrais postos em negrito, sendo que a situação cronológica de alguns dos incidentes é apenas conjectural.

O MINISTÉRIO DA GALILÉIA
Tentativa de Arranjo Cronológico

30 d.C.:	**Começo do ministério da Galiléia.**
Dezembro:	Em Caná Êle cura o filho do oficial do rei em Cafarnaum.
	Visita Nazaré e é rejeitado.
	Faz de Cafarnaum base de Suas operações.
	Chama Simão, André, Tiago e João.
	Cura o endemoninhado, a sogra de Pedro e muitos outros.
	Viaja ao redor, cura um leproso e um paralítico.
	Chama Mateus.
	Questões a respeito do jejum e do sábado.
31 d.C.	
Páscoa?:	**Visita Jerusalém.**
	Cura no sábado, ocasiona a reação dos líderes religiosos.
	Afirma Sua divindade, volta à Galiléia.
Pleno Verão:	Viagens, multidões, milagres, fama.
	A escolha dos doze.
	O Sermão do Monte.
	Viaja ao redor, profere muitas parábolas.
	Acalma a tempestade, cura o endemoninhado geraseno.
	Ressuscita a filha de Jairo.
	É acusado de aliança com Belzebu.
	Ressuscita o filho da viúva de Naim.
	Recebe os mensageiros da parte de João Batista.
	Outra vez visita Nazaré.
	Cura o servo do centurião, perdoa a mulher pecadora.
32 d.C.	
Fevereiro?:	**Os doze são enviados.**
Páscoa:	Voltam os doze, João Batista é decapitado.
	Os 5.000 alimentados, Jesus anda sobre o mar.
	Discursa sobre o pão da vida.
	Recusa fazer-Se rei pelo povo.
	Cura a muitos, fala sobre contaminação.
	Reprova cidades; "Vinde a mim".
	Retira-Se para o Norte; a mulher siro-fenícia.
	Volta à Galiléia, cura o surdo-mudo, 4.000 alimentados.
	Em Magadã, "O sinal de Jonas", o cego curado.
Outubro?:	**Visita Jerusalém,** discursos, a mulher apanhada em adultério.
	O cego curado, conflito aberto com os líderes religiosos.
	Volta à Galiléia.
Novembro?:	Retira-se à Cesaréia de Filipe, a confissão de Pedro.
	A transfiguração, o menino epilético.
	Predita a Paixão três vezes.
	De novo na Galiléia, o dinheiro do tributo, "quem é o maior?"
	"Meninos", "o anônimo operador de maravilhas", "o perdão".
Dezembro?:	Partida final da Galiléia (ou outubro?).

Capítulos 5, 6, 7. O Sermão do Monte

Mateus coloca o Sermão do Monte *no princípio da história* do Ministério da Galiléia, embora pareça que foi proferido alguns meses depois, ao tempo da escolha dos doze, Lc 6:12-20, se com efeito em Lucas se relata ao mesmo sermão. Podia ser que Mateus considerasse o Sermão do Monte um epítome do ensino de Jesus, do qual todo o Seu ministério foi uma ilustração.

Nunca vimos uma análise do Sermão do Monte que satisfizesse. Parece ser necessário um esforço considerável para fazê-lo ajustar-se a qualquer esquema idealizado por aqueles que o consideram uma unidade, um desenvolvimento lógico de alguma tese específica, como fazem muitos comentadores. Duas de suas partes, 5:17-48 e 6:1-18, parecem ser desenvolvimentos regulares de dois temas distintos: A relação de Jesus para com a Lei, e os motivos íntimos da vida religiosa. O resto assemelha-se mais a um aglomerado de declarações proverbiais sobre vários assuntos, cuja repetição constante era o método favorito de ensino entre os orientais.

O monte de onde este sermão foi proferido não se menciona pelo nome. Diz a tradição que foram os Picos (Cornos) de Hatim. Ver Mapa 56.

Ver, sobre Lc 6:20-49, a nota sobre a comparação com o registro de Lucas.

Capítulo 5:1-12. As Bem-aventuranças

Bem-aventurados, ou felizes, os descoroçoados, os que sofrem, os humildes, os deprimidos de espírito, os misericordiosos, os intimamente puros, os de ânimo pacífico e os perseguidos. É exatamente o oposto dos padrões do mundo, segundo parece. Mas em cada caso a felicidade não está propriamente no infortúnio, mas nas recompensas gloriosas do futuro. O Céu, para Jesus que o conhecia, era tão infinitamente superior à vida terrena, que Ele considerava uma bênção qualquer condição que tornasse mais vivo o desejo de entrar no Céu.

Capítulo 5:13-16. Os Cristãos — Sal e Luz do Mundo

Isto é, o que preserva e guia. Jesus disse que era a luz do mundo, Jo 8:12. Ele brilha através dos que O seguem; estes refletem Sua glória. O motivo mais grandioso para a vida cristã que alguém pode ter é que, por sua maneira de vida, seus companheiros sejam constrangidos a glorificar a Deus.

Capítulo 5:17-48. Jesus e a Lei

Jesus veio, não para revogar a Lei, mas para cumpri-la. Não há contradição aqui, entre o ensino de Jesus e a doutrina de Romanos, Gálatas e Hebreus, de que somos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da Lei. O que Ele quer dizer é que a lei moral de Deus é a expressão da santidade divina, sendo, pois, de eterna obrigação para o Seu povo. E que, na realidade, Ele veio dar às declarações antigas da Lei um sentido mais profundo, veio reforçá-las, não somente no que diz respeito aos atos externos como nas profundezas recônditas do coração humano. Passa, então, a ilustrar com cinco itens: Homicídio, adultério, juramento, vingança e ódio aos inimigos.

Capítulo 5:21-26. O Homicídio

A lei que proibia matar era uma dos Dez Mandamentos, Êx 20:13. Jesus reprova a conservação de rancor e ódio no coração, pois isto conduz ao ato.

Capítulo 5:27-32. O Adultério

A lei contrária ao adultério era também uma dos Dez Mandamentos, Êx 20:14. Jesus proíbe alimentar a cobiça que leva ao ato. Note-se que em conexão tanto do ódio como da cobiça Jesus adverte contra o "fogo do inferno", vv. 22, 29, 30. Não só nos adverte que devemos vigiar nossos sentimentos íntimos, como vai muito além de Moisés na restrição ao divórcio, v. 32. Ver também Mt 19:3-12; Mc 10:2-12; 1 Cr 7.

Capítulo 5:33-37. O Juramento

Aplica-se provavelmente aos juramentos em juízo, à praxe de blasfemar e até à menção leviana do nome de Deus na conversação ordinária.

A legislação do "olho por olho" era parte da lei civil, administrada pelos juízes, Êx 21:22-25. Jesus não está legislando, aqui, para os tribunais de justiça. O governo civil é de ordenação divina, Rm 13:1-7, para livrar a sociedade humana dos seus elementos criminosos. Quanto mais rigorosos forem os tribunais na distribuição da justiça, tanto melhor para a sociedade. Mas aqui Jesus está ensinando princípios pelos quais os indivíduos como indivíduos devem tratar-se mutuamente. Ver sobre Lc 6:27-38.

Cap. 5:43-48. O Ódio aos Inimigos. "Odiarás o teu inimigo," v. 43, não é prescrição do Pentateuco. Pode estar implícito na maneira de Israel tratar seus inimigos, em alguns casos do A.T. e em alguns dos Salmos. Embora que assim tenha sido, Jesus o proíbe. Ver sobre Lc 6:27-38.

Cap. 6:1-18. Os Motivos Secretos da Vida. Ver sobre Lc 12:1-12. Vêm aqui ilustrados em três itens: Esmolas, 6:2-4; Oração, 6:5-15 (ver sobre Lc caps. 11 e 18); Jejum, 6:16-18 (ver sobre Mc 2:18-22).

Cap. 6:19-34. Tesouros no Céu. Ver sobre Lc 12:13-34.

Cap. 7:1-5. Não Julgueis. Ver sobre Lc 6:39-45.

Cap. 7:6. "Pérolas a Porcos". Significa que devemos usar bom senso e tato quando falamos de nossa religião. Do contrário, poderemos causar mais mal do que bem.

Cap. 7:7-11. A Oração Persistente. Ver sobre Lc 18:1-8.

Cap. 7:12. A Regra Áurea. Ver sobre Lc 6:27-38.

Cap. 7:13-14. O Caminho Estreito. Ver sobre Lc 13:22-30 Muitos são perdidos. Poucos são salvos, em comparação com o número dos perdidos, mas, no fim, haverá uma grande multidão dos glorificados, Ap 7:9.

Cap. 7:15-23. Falsos Mestres. Jesus advertiu e profetizou a respeito de falsos mestres, Mt 24:11, 24. Assim fizeram os escritores do N.T. uma e muitas vezes. O obstáculo mais ruinoso ao progresso do cristianismo entre os homens tem sido a corrupção impiedosa dele às mãos daqueles mesmos que o promovem — tão conspurcado está que quase não é reconhecido.

Cap. 7:24-27. Edificando sobre a Rocha. Ver sobre Lc 6:46-49. Uma declaração direta que é inútil nos chamarmos cristãos, se não praticamos aquilo que Jesus nos ensina neste Sermão.

Cap. 7:28-29. "Autoridade". Jesus era sua própria autoridade: "Ouvistes que foi dito", "Eu, porém, vos digo". Jamais alguém falou assim.

Cap. 8:1-4. Um Leproso é Purificado. Ver sobre Mc 1:40-44.
Cap. 8:5-13. O Servo do Centurião. Ver sobre Lc 7:1-10.
Cap. 8:14-15. A Sogra de Pedro. Ver sobre Mc 1:29-31.
Cap. 8:16-17. Multidões Curadas. Ver sobre Mc 1:32-34.
Cap. 8:18-22. "As Raposas Têm Covis". Ver sobre Lc 9:57-62.
Cap. 8:23-27. Acalmada a Tempestade. Ver sobre Mc 4:36-41.
Cap. 8:28-34. Os Endemoninhados Gadarenos. Ver sobre Mc 5:1-20.
Cap. 9:1-8. Um Paralítico é Curado. Ver sobre Mc 2:1-12.
Cap. 9:9-13. A Chamada de Mateus. Ver sobre Mt 1:1.
Cap. 9:14-17. A Questão do Jejum. Ver sobre Mc 2:18-22.
Cap. 9:18-26. A Filha de Jairo. Ver sobre Lc 8:40-56.
Cap. 9:27-31. Dois Cegos. Ver sobre Mc 8:22-26.
Cap. 9:32-34. O Mudo Endemoninhado. Ver sobre Mc 7:31-37.
Cap. 9:35-38. Viagens ao Redor. Ver sobre Mc 1:39.

Capítulo 10. Os Doze São Enviados

Vem também narrado, mais abreviadamente, em Mc 6:7-13 e Lc 9:1-6. Deve ter sido pouco antes da Páscoa, visto terem voltado no tempo dessa festa, logo antes da alimentação dos 5.000, Lc 9:10-17; Jo 6:4.

Essas instruções de Jesus aos Doze contêm alguns conselhos maravilhosos para os cristãos: no sentido de serem prudentes como as serpentes e inofensivos como as pombas; de esperarem provações; de confiarem no cuidado infalível de Deus pelos que são Seus; e conservarem os olhos fitos no alto eterno.

Algumas das instruções de Jesus foram de aplicação apenas temporária; por exemplo, não levar dinheiro. Dotados da capacidade de curar, não haveria dificuldade em conseguir hospedagem e comida. Todavia, depois foi-lhes ordenado que levassem dinheiro, Lc 22:35-38.

A Chamada dos Doze

Jesus levou cerca de um ano e meio para completar Sua escolha. Depois disso estiveram com Ele durante uns dois anos.

29 d.C. novembro? João, André, Simão, Filipe, Natanael creram nÊle através do batismo de João, Jo 1:35-51; acompanharam-no a Caná; depois voltaram aos seus afazeres até que foram de novo chamados.

30 d.C. janeiro? Depois de terminada a primeira parte do Seu ministério na Judéia, e ao iniciar o ministério da Galiléia, chamou a Simão, André, Tiago e João a fim de deixarem seu negócio de pescaria e se associarem definitivamente a Ele, Mc 1:16-20.

Pouco depois Mateus foi convidado a aderir ao grupo, Mt 9:9.
31 d.C. maio? Os Doze foram formalmente escolhidos, Lc 6:12-16.
32 d.C. março? Receberam o poder de curar e foram enviados aos pares, numa excursão de mais ou menos um mês, Mt 10.

33 d.C. maio. A comissão final que receberam de levar o Evangelho aos confins da terra, Mt 28:16-20.

O Adestramento dos Doze

A escolha e o adestramento dos homens a quem Jesus ia confiar Sua obra foram parte em extremo importante da Sua missão terrena. O propósito primário da Sua vinda ao mundo foi morrer como Cordeiro de Deus para a expiação do pecado humano, e ressurgir dos mortos para trazer a vida eterna à humanidade. Contudo, Sua vida, morte e ressurreição seriam de nenhum proveito para o mundo, a menos que este viesse ao conhecimento desses fatos. Se os homens a quem Ele confiou sua obra lhe faltassem, Sua vinda à terra teria sido em vão.

A primeira excursão dos doze fez parte do seu adestramento; era possível que tivesse por escopo proporcionar-lhes serviço prático, e participar do método adotado por Jesus para avisar à nação que o Messias chegara. Não havia jornais. O único meio de espalhar notícias era a palavra falada. Mais adiante os setenta foram despachados com o mesmo propósito. Esses homens comprovavam sua mensagem com milagres especiais, não só para chamar a atenção como para indicar à nação a natureza extraordinária **DAQUELE** que proclamavam.

O adestramento deles não foi fácil, porque a obra para a qual se adestravam era de todo diferente daquela para a qual imaginavam estar se preparando. Começaram a seguir o Mestre como políticos, sem qualquer idéia de se tornarem os pregadores que vieram a ser. Esperavam que, como Messias, Jesus estabeleceria um império político, de âmbito mundial, do qual seriam funcionários. Ver mais sobre Mt 13.

O método adotado por Jesus para mudar-lhes o modo de pensar acerca da obra que Ele e os discípulos estavam para realizar foi, primeiro, apresentar-Se a eles em toda a plenitude da Sua glória divina, de modo que, por muito que falasse e agisse diferentemente da maneira como eles esperavam que o Messias devia falar e agir, ainda assim ficariam crendo que Ele era esse Messias. Foi esta uma das razões dos Seus milagres e de Sua transfiguração.

Demais disto, também falava por parábolas, que eram ensinos velados, para dar-lhes a impressão de que nem sempre Êle queria dizer exatamente o que Suas palavras pareciam significar. Conservou-os por um tempo assim em suspenso. Se lhes tivesse falado claramente logo no início, poderiam não ter o mínimo interesse em segui-Lo.

Quando, por fim, lhes disse que ia ser crucificado, ao invés de subir a um trono, ficaram aturdidos. Contudo, persistiram em pensar que se tratava apenas de uma parábola. Mesmo na última Ceia, ainda cogitavam qual deles haveria de exercer a função mais alta.

Só depois da ressurreição e a descida do Espírito Santo foi que afinal vieram a compreender que o reinado de Jesus seria sobre os corações, e que a parte que a eles, discípulos, tocava era simplesmente **CONTAR A HISTÓRIA DE CRISTO.** Era só isso. A História realizaria sua obra. Se os homens tiverem conhecimento de Jesus, amá-Lo-ão. Amando-O, começará a operar neles Sua bendita influência.

Capítulo 11:1-9. Os Mensageiros de João Batista

Foi quando João estava preso. Jesus estava no auge de Sua popularidade. João evidentemente esperava um Messias político, ver sobre Lc 3:1-20, e não podia entender por que Jesus não tomava medidas naquele sentido.

A resposta de Jesus indicava que Ele considerava Seus milagres prova suficiente de Sua obra messiânica.

Note-se que a dúvida de João não o rebaixou na estima de Jesus. Não tinha aparecido um maior do que ele, disse o Mestre.

Todavia, os menores no reino de Cristo são maiores do que João, isto é, em matéria de privilégio. Como isto exalta o privilégio de ser cristão!

"É tomado por esforço", v. 12, isto é, os seguidores tanto de João como de Jesus faziam todo esforço para compelir o Mestre a assumir a chefia de um movimento político, de natureza militar e mundana.

"Quem tem ouvidos, ouça", v. 15, era um dos dizeres fávoritos de Jesus, Mt 13:9,43; Mc 4:9,23: Lc 8:8; 14:35. Também de João, Ap 2:7, 11,17,29; 3:6,13,22; 13:9. Jesus sabia haver alguns que estavam além da esfera dos fatos espirituais.

Contrastando Sua própria maneira de vida com a de João, Jesus disse que um e outro procediam de Deus e tinham seu papel a desempenhar no esforço divino por apelar àquela geração.

Capítulo 11:20-24. As "Obras Poderosas" de Jesus

Três cidades, no extremo norte do Mar da Galiléia, nomeiam-se como os principais cenários dos milagres de Jesus, ver Mapa 56 sobre Mc 6:45-52. Cafarnaum foi o principal lugar de Sua residência. Betsaida, 4.800 m ao Nordeste, na entrada do Jordão, era a cidade de Pedro, André e Filipe. Corazim, no meio das duas e ao Norte. Eram as mais favorecidas de todas as cidades da terra; se Jesus proferiu a condenação delas é porque considerava Seus milagres como possuindo valor probatório que era perigoso desprezar.

Capítulo 11:25-30. "Vinde a Mim"

As mais preciosas e mais doces palavras que já soaram em ouvidos humanos. Jesus parecia alegrar-se no fato de serem os humildes do comum do povo que O receberam. Paulo afirmou o mesmo, 1 Co 1:26. Aos intelectuais parece difícil, no seu orgulho mental, humilharem-se ao ponto de reconhecerem a necessidade que têm de um Salvador. Jesus mostra a qualidade de mansidão que Ele bendissera em Mt 5:5. Também foi dito de Moisés que era um homem manso, Nm 12:3.

Capítulo 12:1-8. Comendo no Sábado. Ver sobre Mc 2:23-27.
Capítulo 12:9-4. A Cura no Sábado. Ver sobre Mc 3:1-6.

Capítulo 12:15-21. Muitos Milagres

Em Mc 3:7-12 declara-se que as multidões, além das da Galiléia, reuniram-se, vindas da Judéia, Jerusalém, Iduméia (Edom, S. do Mar Morto), dalém do Jordão e da região de Tiro e Sidom. De modo que, numa extensão de 160 km ao redor, Norte, Sul e Leste, numa época em que as viagens se faziam a pé, grandes turbas, ouvindo dos milagres de Cristo, vinham trazendo seus enfermos, e Ele a todos curava, v. 15.

Capítulo 12:22-23. O Endemoninhado Cego e Mudo é Curado

Também é narrado em Lc 11:14-15. Foi um grande milagre esse, porque o povo, apesar de já se ter acostumado com milagres, ficou "admirado".

"Filho de Davi", v. 23, era o título comumente aceito para o Messias esperado Mt 1:1; 9:27; 15:22; 20:30; 21:9; 22:42; Jo 7:42.

Capítulo 12:24-37. O Pecado Imperdoável

Também se menciona em Mc 3:22-30; Lc 11:14-26; 12:8-10. Note-se que os fariseus, odiando como odiavam visceralmente a Jesus, não negavam Seus milagres que eram por demais numerosos e bem conhecidos para serem negados. Apesar de serem tais milagres benéficos em sua natureza, tão empedernidos e hipócritas eram os fariseus, que os atribuíram a Satanás. Tais acusações vis e diabólicas eram evidência de uma natureza quase além do alcance da redenção. Pode ser este o sentido das palavras de Jesus: descreviam uma condição de alma da qual os fariseus se aproximavam perigosamente. Em Lc 12:10 o pecado imperdoável se relaciona com a negação de Cristo. Parece que Jesus distingue entre pecado contra Si e pecado contra o Espírito Santo, v. 32. Alguns compreendem por pecado imperdoável o seguinte: rejeitar a Cristo enquanto Ele ainda estava na carne, Sua obra ainda por acabar, quando até os discípulos não O compreendiam, isso era perdoável. Mas depois de completar Sua obra e de ter vindo o Espírito Santo, então, com conhecimento pleno, rejeitar deliberada e finalmente o oferecimento que o Espírito Santo faz de Cristo é cometer o "pecado eterno que não tem perdão". De pecado semelhante fala-se em Hb 6:6; 10:26 e 1 Jo 5:16. Ver notas sobre estas passagens. "Palavras frívolas", v. 36, são mencionadas aqui em conexão com o pecado imperdoável. Nosso falar revela nosso caráter, v. 34. Cada palavra nossa, tanto quanto cada ato secreto (ver sobre Lc 12: 1-12), está sendo registrado para ser reproduzido no Dia do Julgamento.

Capítulo 12:38-45. O Sinal de Jonas

Também se descreve em Lc 11:29-32. Era imprudência descarada pedir a Jesus um sinal logo depois de o terem acusado de operar sinais com o auxílio de Belzebu. Jesus prometeu-lhes um sinal ainda mais notável, por Ele chamado "o sinal de Jonas", — Sua própria ressurreição dentre os mortos, o **MAIOR SINAL DE TODOS OS SÉCULOS.** Hábitos dos demônios, vv. 43-45, ver sobre Mc 5:1-20.

Capítulo 12:46-50. Sua Mãe e Seus Irmãos

O caso é citado também em Mc 3:31-35; Lc 8:19-21. A réplica de Jesus, aqui, ensina que os laços espirituais são mais fortes que os laços carnais, e implica distintamente que Sua mãe não lhe era mais chegada que todo aquele que faz a vontade de Deus.

Capítulo 13:1-53. Parábolas do Reino

Uma parábola é uma espécie de "metáfora ampliada"; é uma comparação; a ilustração de fatos espirituais com coisas habituais. Geralmente falando, parábolas são estórias que ilustram certas verdades.

Jesus usava de parábolas, em parte, como maneira velada de falar, de sentido aparentemente de modo duplo, "para ocultar por um tempo o que tinha que revelar". O reino que Jesus intentava estabelecer era por tal forma diferente daquilo que comumente se esperava do Messias, que Lhe foi necessário usar de muito cauteloso tato. Por isso, usou essas estórias para ilustrar a "origem, o desenvolvimento, o caráter misto e a consumação" do

Reino, que a nós parecem muito claros, porém eram enigmas para os ouvintes imediatos, cujas mentes estavam preocupadas com uma concepção diferente dessas coisas.

Na interpretação das parábolas, o problema é saber quais detalhes têm significação e quais deles são meros incidentes sem sentido para a história. Ordinariamente a parábola teve por escopo mostrar **UM** fato que importava, e não devem ser tiradas à força lições de cada pormenor.

O número de parábolas de Jesus se calcula variadamente entre 27 e 50. O que alguns chamam parábolas, outros chamam metáforas: como, por exemplo, a das "ovelhas e bodes", "a casa edificada na rocha e na areia", "a candeia sob o alqueire", "o remendo novo em roupa velha", etc. Ordinariamente, o número de parábolas calcula-se em cerca de 30. Algumas são bastante semelhantes. Jesus usou diferentes estórias para ilustrar a mesma verdade; e às vezes a mesma estória para ilustrar verdades diferentes. Algumas destas parábolas, sem dúvida, Ele as proferiu centenas de vezes.

Capítulo 13:1-23. A Parábola do Semeador

É registrada também em Mc 4:1-25; Lc 8:4-16. A semente é a Palavra de Deus, Lc 8:11. As almas nascem dessa Palavra, 1 Pe 1:23. Esta parábola é uma profecia da recepção do Evangelho. Alguns nem sequer ouvirão. Outros o aceitarão, mas logo apostatarão. Uns se firmarão um pouco mais, porém paulatinamente perderão o interesse. Alguns perseverarão, uns mais e outros menos, até à fruição final.

Capítulo 13:24-30, 36-43, 47-53. O Joio e a Rede

Duas ilustrações, com ênfase ligeiramente diferente, de que, embora a terra seja levedada pelo Evangelho, os maus permanecerão ao lado dos bons até ao fim do mundo, quando haverá uma separação final, indo os ímpios para o seu desgraçado destino, e os justos para o reino da glória eterna. Jesus não tinha qualquer ilusão acerca de vir a ser este mundo uma utopia. Ele sabia plenamente que até ao fim Seu Evangelho seria rejeitado por grande parte do mundo. Só reconhecia duas classes, os salvos e os perdidos. Muitas vezes Se referiu à desgraça dos perdidos, ao seu "choro e ranger de dentes".

Capítulo 13:31-33. A Semente de Mostarda e o Fermento

Estas parábolas também se contam em Mc 4:30-32; Lc 13:18-20. Duas parábolas semelhantes, que ilustram o começo diminuto do reino de Cristo, seu crescimento gradual e imperceptível, tanto no indivíduo como no mundo em geral, até por fim alcançar vastas proporções, levedando tôdas as instituições, filosofias e governos da terra.

Cap. 13:44-46. O Tesouro Escondido e a Pérola de Grande Preço

Ilustração dupla da mesma verdade: o valor inapreciável de Cristo para a alma humana. Vale a pena abrir mão de tudo, até da própria vida, para aceitar o que Cristo oferece.

O Reino

Note-se com quanta freqüência a palavra "reino" ocorre no Evangelho de Mateus: 3:2; 4:17,23; 5:3,10,19,20; 6:10,33; 7:21; 8:11; 9:35; 10:7; 11:11, 12; 12:28; 13:11,24,31,33,43,44,45,47,52; 16:19,28; 18:23; 19:12,14,23,24; 20:1; 21:31,43; 22:2; 23:13; 24:14; 25:1,34; 26:29.

Um reino político, no qual a nação judaica, sob o seu Messias, governaria o mundo, eis o que os judeus esperavam. Herodes partilhava dessa noção; procurou destruir Jesus na Sua infância porque pensava que o reino de Cristo seria político, rival do seu. João Batista comungava a mesma idéia, pois quando Jesus não dava nenhuma indicação de ser essa espécie de rei, João começou a duvidar se afinal de contas Ele era o Messias, Mt 11:3. Os doze apóstolos tiveram essa noção até depois da ressurreição. A última pergunta que fizeram a Jesus foi, "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?", At 1:6. Cogitavam de independência política para o seu país, e não de salvação pessoal e eterna.

Que era o reino que Jesus veio fundar? Não era um reino político, mas um **REINADO NO CORAÇÃO DOS HOMENS,** e, mediante os corações, a direção e a transformação das vidas. O coração humano é a esfera onde Jesus veio reinar, para levar toda a humanidade a **AMÁ-LO.** E por que amá-lo? Para transformar-nos em Sua própria imagem e fazer-nos capazes de estar para sempre com o nosso Criador. Da afeição que Lhe dediquemos, da devoção que Lhe tenhamos e da adoração que Lhe prestemos surgirão toda a beleza e todo o prazer da vida, a transformação do caráter, a regeneração da alma.

A palavra "reino", como é usada no N.T., é maleável. Às vezes significa o reinado de Deus no indivíduo. Outras vezes, o domínio geral da retidão entre os homens. Ainda, às vezes, é a Igreja. Outras, é a cristandade. Outras, é o reino do milênio. Outras, é o céu. A idéia básica da palavra implica o domínio de Jesus no coração de Seu povo através de todas as dispensações até à eternidade. O reino tem muitos aspectos e fases. Algumas vezes a palavra pode se referir especialmente a um desses aspectos ou fases, e outras vezes a outro.

Cap. 13:54-58. A Visita a Nazaré. Ver sobre Mc 6:1-6.
Cap. 14:1-12. João é Decapitado. Ver sobre Lc 3:1-20.
Cap. 14:13-21. Os 5.000 Alimentados. Ver sobre Jo 6:1-15.
Cap. 14:22-33. JesusAnda Sobre o Mar. Ver sobre Jo 6:16-21.

O PERÍODO DESDE A ALIMENTAÇÃO DOS 5.000 ATÉ A TRANSFIGURAÇÃO

Capítulos 14:34 a 16:12. Ver sobre Mc 6:53

Cap. 14:34-36. Multidões em Genezaré. Ver sobre Mc 6:53.
Cap. 15:1-20. Os Fariseus e a Contaminação. Ver sobre Mc 7:1-23.
Cap. 15:21-28. A Mulher Cananéia. Ver sobre Mc 7:24-30.
Cap. 15:29-39. Os 4.000 Alimentados. Ver sobre Mc 8:1-9.
Cap. 16:1-12. O "Fermento dos Fariseus". Ver sobre Mc 8:10-21.

Capítulo 16:13-20. A Confissão de Pedro

Também se narra em Mc 8:27-29 e Lc 9:18-20. Já fazia uns três anos que Pedro, pela primeira vez, aceitara a Jesus como o Messias, Jo 1:41,42.

Chamou-o "Senhor", um ano mais tarde, Lc 5:8. Seis meses depois chamou-o "O Santo de Deus", Jo 6:68,69. Agora, depois de dois anos e meio de intimidade com Jesus, expressa sua firme convicção de que Ele é Deus.

A "Pedra", v. 18, sobre a qual Cristo edificaria sua igreja não era Pedro, mas a **Verdade** por ele confessada, isto é, que Jesus é o Filho de Deus. A divindade de Jesus é o fundamento sobre o qual se assenta a Igreja, credo fundamental da cristandade. É este o significado inequívoco das palavras de Cristo.

"As chaves do reino", v. 19. A interpretação comum destas palavras é que Pedro abriu a porta da salvação no dia de Pentecostes aos judeus, At 2, e depois aos gentios, At 10. Não é que lhe fosse dado o poder pessoal de perdoar pecados, mas o de proclamar as condições do perdão. Fosse qual fosse a autoridade que essas palavras conferiram a Pedro, também foi conferida aos outros apóstolos, Mt 18:18; Jo 20:23. Esta autoridade é apenas declarativa. Em Cristo há misericórdia e perdão para todos. Cristo perdoa. Os apóstolos foram inspirados pelo Espírito Santo para proclamar, e registrar no N.T., as condições desse perdão.

Cap. 16:21-28. É Predita a Paixão. Ver sobre Mc 9:30-32.

Cap. 17:1-13. Jesus é Transfigurado. Ver sobre Mc 9:2-13.

Cap. 17:14-20. O Menino Epilético. Ver sobre Mc 9:14-29.

Cap. 17:22-23. Outra Vez é Predita a Paixão. Ver sobre Mc 9:30-32.

Cap. 17:24-27. O Dinheiro do Imposto. Era qual imposto **per capita,** para o santuário, exigido de todo homem maior de 20 anos, Êx 30:11-15. Equivalia a Cr$ 2,00 (1977). Jesus como Senhor do Santuário, estava isento. No entanto, a fim de que sua atitude para com o Templo não fosse mal compreendida, pagou o imposto, recorrendo a um milagre para obter o dinheiro.

Cap. 18:1-6. "Quem é o Maior?" Ver sobre Lc 9:46-48.

Cap. 17:7-14. "Ocasiões de Tropêço". Ver sobre Mc 9:41-50.

Cap. 18:15-35. O Perdão. Um talento, v. 24, valia cerca de Cr$ 12.000,00. Um denário, v. 28, valia Cr$ 2,00. O homem teve perdoada uma dívida de Cr$ 120 milhões, mas não se dispunha a perdoar uma de Cr$ 200,00. É assim que Jesus compara nossos pecados contra Deus com os pecados de uma pessoa contra nós. Note-se que Jesus declara categoricamente não haver absolutamente esperança de perdão, a não ser que perdoemos, v. 35.

O MINISTÉRIO DA PERÉIA

Capítulos 19 e 20. Ver Lc 9:51

Cap. 19:1-2. A Partida da Galiléia. Ver sobre Lc 9:51.

Cap. 19:3-12. A Questão sobre o Divórcio. O ensino de Jesus a respeito do divórcio é registrado aqui e em Mt 5:31-32; Mc 10:2-12; Lc 16:18; e Paulo discute o assunto em 1 Co 7. Um homem e uma mulher, casados por toda a vida, é esta a vontade de Deus para a raça humana. Cristo parece permitir apenas uma causa para o divórcio, v. 9.

Cap. 19:13-15. Os Pequeninos. Ver sobre Lc 18:15-17.

Cap. 19:16-30. O Jovem Rico. Ver sobre Lc 18:18-30.

Cap. 20:1-16. A Parábola dos Trabalhadores na Vinha. Não significa que todos serão tratados no céu do mesmo modo, ou que não haverá recompensas. A Parábola dos Talentos, Mt 25:14-30, parece ensinar que have-

rá galardões. E Paulo ensinou isso, 1 Co 3:14-15. A intenção de Jesus foi ensinar aí uma só coisa, a saber: alguns que julgam ser os primeiros neste mundo vão descobrir que são os últimos no céu. Disse isto uma porção de vezes, Mt 19:30; 20:16; Mc 10:31; Lc 13:30. Os padrões do céu e os da terra são completamente diferentes, ao ponto de muitos dos mais humildes crentes, escravos e empregados, terem os mais elevados lugares no céu; e muitos dos altos dignitários da Igreja, se até ali chegarem, ficarão abaixo daqueles que aqui foram seus serventuários. Ver mais sobre Lc 16:19-31.

Cap. 20:17-19. Outra Vez Predita a Paixão. Ver sobre Mc 9:30-32.

Cap. 20:20-28. O Pedido de Tiago e João. A nota patética do incidente é que ele veio como reação ao anúncio feito por Jesus de que ia morrer na cruz. Até João, o amado João, manifestou-se tão cegamente egoísta! Tampouco compreendera ele ao seu Mestre! Ver sobre Lc 9:46-48.

Cap. 20:29-34. O Cego de Jericó. Ver sobre Lc 18:35-43.

A ÚLTIMA SEMANA DE JESUS

Capítulos 21 a 28

Capítulo 21:1-11. A Entrada Triunfal

Narra-se também em Mc 11:1-10; Lc 19:29-38; Jo 12:12-19. Foi no domingo antes de Sua morte. Viera Jesus como o Messias de há muito vaticinado. Durante três anos Jesus proclamara-Se à nação em constantes viagens e milagres, e nas viagens e milagres dos doze e dos setenta. Sabia que Sua morte já havia sido resolvida pelas autoridades. Estava pronto para ela. Numa grandiosa demonstração pública e como aviso final à Cidade Santa, entrou nela em meio aos aleluias e hosanas das multidões em expectativa. O povo regozijava-se. Pensava que a hora do livramento estava perto. Jesus cavalgava um jumento, porquanto fora predito que o rei Messias viria desse modo, Zc 9:9.

Capítulo 21:12-17. Jesus Purifica o Templo

É também narrado em Mc 11:15-18; Lc 19:45-47. Foi numa segunda-feira. Fizera a mesma coisa três anos antes, no começo do Seu ministério público, ver nota sobre Jo 2:13-22. Os enormes lucros do comércio das barracas instaladas dentro da área do Templo, junto ao Pórtico de Salomão, iam enriquecer a família do sumo sacerdote. Jesus ardeu de indignação, diante de tamanho abuso da Casa de Deus. Era o que se esperava do Messias, Ml 3:1-3. Ver mais sobre Jo 2:13-25.

Capítulo 21:18-22. Jesus Faz Secar-se a Figueira

Também se conta em Mc 11:12-14, 20-24. Foi na manhã da segunda-feira, quando ia de Betânia a Jerusalém, pela estrada que passava pelo Monte das Oliveiras. Os discípulos notaram-no na manhã seguinte, quando vieram à cidade. Evidentemente haviam saído para Betânia na tarde da segunda-feira, pela estrada ao redor do sopé meridional do monte.

Capítulo 21:23-27. "Com Que Autoridade?"

Também se registra em Mc 11:27-33; Lc 20:1-8. As autoridades se indignavam amargamente, visto que o povo estava com Jesus; faziam, pois, todo esforço imaginável para armar-lhe uma cilada. Ele, porém, era mestre em dialética; aparou todos os golpes para a confusão daqueles inimigos.

Capítulo 21:28-32. A Parábola dos Dois Filhos

Esta parábola visou diretamente os chefes religiosos, os principais sacerdotes, anciãos, escribas e fariseus. Rejeitavam a Jesus. Mas o comum do povo aceitava-O alegremente.

Capítulo 21:33-46. A Parábola da Vinha

Também se conta em Mc 12:1-12; Lc 20:9-19. A parábola dos dois filhos, que a precedeu, visou primeiramente os chefes da nação judaica. Esta agora visa a própria nação.

Capítulo 22:1-14. A Parábola da Festa de Casamento

Outra ilustração do mesmo fato: a nação eleita do SENHOR, pelo vergonhoso tratamento dispensado aos mensageiros de Deus, estava agora para ser lançada fora, sua capital queimada e outras nações seriam admitidas. Outrossim, é uma espécie de parábola dupla: contém um aviso para os novos admitidos, a fim de que tomem cuidado e não venham a ter a mesma sorte.

Cap. 22:15-22. O Tributo a César. Ver sobre Mc 12:13-17.
Cap. 22:23-33. A Ressurreição. Ver sobre Mc 12:18-27.
Cap. 22:34-40. O Grande Mandamento. Ver sobre Mc 12:28-34.
Cap. 22:41-46. "O Filho de Davi." Ver sobre Mc 12:35-37.

Capítulo 23. Ai dos Escribas e Fariseus

Os fariseus eram a seita religiosa mais numerosa, poderosa e influente dos dias de Jesus. Legalistas rigorosos. Defendiam a rígida observância da letra e das formas da Lei, como também das tradições. Havia entre êles alguns homens bons. Mas em geral eram conhecidos por sua cobiça, crueldade, justiça-própria e hipocrisia.

Os escribas eram copistas das Escrituras. Devido à familiaridade com os pormenores da Lei, vieram a ser reconhecidos como autoridades. Às vezes, eram chamados "doutores". Os escribas e os fariseus eram os líderes religiosos do povo.

Estas palavras de Jesus, a eles endereçadas, constituem a mais cortante acusação que saiu dos Seus lábios. Jesus nunca falou desse modo a pecadores, a publicanos, nem ao comum do povo. Era Ele o mais autêntico religioso que já existiu. Mas, quanto Sua alma aborrecia a hipocrisia religiosa!

Aquela classe de gente não morreu de todo. Através dos séculos a Igreja tem curtido a maldição de líderes exatamente iguais a esses descritos no cap. 23 de Mateus, irreligiosos que professam religião, exibindo-se com vestes sagradas, ensinando aos outros do que eles próprios não têm, gente aparatosa, importantes aos seus próprios olhos, apavonando-se como barões, a pregar religião sem ter nenhuma.

Jesus Se Despede do Templo

Na segunda-feira Ele purificara o Templo. Na terça-feira, depois do último aviso de que o reino de Deus ia ser tomado aos judeus e dado a outras nações, Ele deixou o Templo para nunca mais ali voltar, abandonando-o à sua ruína. Despedindo-se, assim, do Templo, encerrava Ele Seu ministério público, para aguardar calmamente Sua morte três dias depois.

O GRANDE DISCURSO SOBRE O FIM

Capítulos 24, 25. Consta também em Mc 13 e Lc 21

Capítulo 24:1-44. A Queda de Jerusalém, A Vinda de Cristo e o Fim do Mundo

Este discurso foi proferido após Jesus ter deixado o Templo pela última vez. Versou sobre a destruição de Jerusalém, Sua vinda e o fim do mundo. Algumas de Suas palavras se referem a um fato, outras aludem a outro. Algumas estão de tal forma intricadas que é difícil saber a qual dos eventos se referem. Talves esse estilo pouco claro fosse intencional. Parece claro que Ele tinha em mente dois eventos distintos, separados por um intervalo, indicados por "esta geração" em 24:34, e por "aquele dia" em 24:36. Alguns entendem por "esta geração", 24:34, "esta nação", isto é, a raça judaica que não passaria sem que o SENHOR voltasse. A opinião mais comum é que Jesus quis significar o seguinte: Jerusalém seria destruída ainda naquela geração que então vivia. Quem olha para dois cumes de montanhas distantes, estando um atrás do outro, parece vê-los juntos, embora estejam muito afastados um do outro. Assim, na perspectiva de Jesus, esses dois eventos, um em alguns respeitos típico do outro, estavam muito aproximados entre si, apesar de longo intervalo entre os dois. O que disse numa sentença pode referir-se a uma era inteira. O que aconteceu num caso pode ser o "princípio de cumprimento" do que acontecerá no outro.

Suas palavras a respeito de Jerusalém cumpriram-se literalmente dentro de 40 anos. Os edifícios magníficos de mármore e ouro foram tão completamente arrasados pelo exército romano, 70 d.C., que, segundo Josefo, o local parecia que nunca fora antes ocupado. (Ver mais sobre Hb 13).

A Segunda Vinda de Jesus

Grande parte deste grande discurso dedica-se à segunda vinda de Jesus. Vendo que Sua morte ocorreria dentro de três dias e sabendo que os discípulos ficariam assombrados quase ao ponto de perder a fé nEle e no Seu reino, empreende a difícil tarefa de explicar que eles ainda verão realizadas suas esperanças de um modo muito mais grandioso do que jamais sonharam.

Os pensamentos de Jesus detêm-se largamente em Seu segundo advento:
"Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com Ele", Mt 25:31.

"O Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos e então retribuirá a cada um conforme as suas obras", Mt 16:27.

"Assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem", Mt 24:27.

"Assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem", Mt 24:37.

"O mesmo aconteceu nos dias de Ló... assim será no dia em que o Filho do homem se manifestar", Lc 17:28-30.

"Então se verá o Filho do homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória", Lc 21:27.

"Qualquer que (...) se envergonhar de mim (...) também o Filho do homem se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos", Mc 8:38.

"Vou preparar-vos lugar (...) voltarei e vos levarei para mim mesmo", Jo 14:2-3.

Sua vinda será anunciada "com grande clangor de trombeta", Mt 24:31, como outrora se fez para reunir o povo. Êx 19:13,16,19. O fato de Paulo haver repetido esta expressão "a trombeta soará", em conexão com a ressurreição, 1 Co 15:52, e em 1 Ts 4:16 onde diz, "O Senhor mesmo (...) ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus", indica que pode ser mais do que mera figura de linguagem. Um grandioso acontecimento histórico, real e repentino, quando Ele agregará os Seus a Si, dentre os vivos e os mortos, numa escala vasta e maciça.

Nem Sua vinda a Jerusalém no juízo de 70 d.C., nem a vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes; nem Sua vinda ao Seu povo em novas experiências sempre repetidas; nem nossa ida para Ele na morte; nenhum destes casos pode esgotar o sentido das palavras de Jesus quanto a vir outra vez.

É melhor que não sejamos por demais dogmáticos a respeito de certos eventos concomitantes, relacionados com a Sua vinda. Mas, se a linguagem é de qualquer modo um veículo de idéias, decerto seria preciso muita explanação e interpretação para se compreender as palavras de Jesus de outro modo, e não perceber que Ele considerava a Sua segunda vinda um evento histórico definido, quando pessoal e literalmente aparecerá a fim de reunir a Si e para a glória eterna aqueles que foram redimidos pelo Seu sangue.

E é melhor não obscurecer a esperança de Sua vinda com uma teoria muito circunstanciada sobre o que irá acontecer quando Ele vier. Muita gente, supomos, vai ficar tremendamente desapontada, se Jesus não proceder de acordo com o programa que ela já traçou para Ele.

Conta-se que a rainha Vitória, profundamente emocionada com um sermão de F. W. Farrar, sobre a segunda vinda do SENHOR, disse-lhe: "Cônego Farrar, gostaria de estar viva quando Jesus viesse, para depositar aos Seus pés a coroa da Inglaterra".

Cap. 24:45-51. Servos Fiéis e Prudentes. Daqui por diante o discurso de Jesus é uma exortação à vigilância. Sua segunda vinda absorvia-Lhe todos os pensamentos. O mesmo deve acontecer conosco.

Cap. 25:1-13. A Parábola das Dez Virgens. Esta parábola significa só uma coisa: devemos conservar nossas mentes no SENHOR e estar prontos para quando Ele vier.

Cap. 25:14-30. A Parábola dos Talentos. Esta, como a outra das minas, Lc 19:11-27, significa que estamos sendo adestrados para um serviço maior, numa esfera ainda por vir, e que nosso lugar e posição lá dependem da fidelidade de nossa mordomia aqui.

Cap. 25:31-46. Cena do Juízo Final. Esta é uma das passagens mais magnificentes da Bíblia, um quadro concreto de como a simples benevolência influirá para a nossa posição no mundo eterno.

Cap. 26:1-5. A Cilada para Matar a Jesus. Ver sobre Mc 14:1-2.
Cap. 26:6-13. Jesus é Ungido em Betânia. Ver sobre Mc 14:3-9.
Cap. 26:14-16. A Transação de Judas. Ver sobre Mc 14:10-11.

Capítulo 26:17-29. A Última Ceia

Também se narra em Mc 14:12-25; Lc 22:7-38; Jo 13 e 14. Foi na noite que precedeu a morte de Jesus. Houve duas ceias: a Ceia Pascal e a Ceia do Senhor. Esta foi instituída no final daquela. Lucas menciona dois cálices, 22:17-20; Mateus, Marcos e Lucas mencionam ambas as ceias. João só cita a Páscoa.

Durante 14 séculos a Páscoa viera apontando para a vinda do Cordeiro Pascal. Jesus comeu a Páscoa, substituiu-a pela Sua Ceia e depois foi morto como o Cordeiro Pascal. Ele expirou na cruz no mesmo dia que no Templo se imolavam os cordeiros pascais.

A Páscoa servira a seus fins e deu agora lugar à nova Ceia comemorativa, que devia ser observada em grata lembrança de Jesus, até que Êle viesse, 1 Co 11:26.

Assim como a Páscoa apontava para o livramento passado do Egito e para a vinda futura de Cristo, assim agora o novo memorial aponta para a Sua morte no passado, e para a Sua vinda futura em glória.

A ordem dos incidentes ocorridos na Ceia parece-nos algo confusa. Mateus e Marcos parecem colocar a Ceia do SENHOR depois da saída de Judas. Lucas parece dizer que Judas assistiu a ela. João cita a altercação primeiro. Lucas cita-a após a Ceia. Os escritores evidentemente foram guiados, no arranjo dos incidentes, por outras considerações que não a ordem em que esses incidentes ocorreram. Eis aqui a ordem provável:

1. A altercação deles. Jesus lava-lhes os pés.
2. Jesus anuncia a traição. Todos perguntam: "Sou eu?"
3. O bocado molhado entregue a Judas. Ele diz, "Sou eu?", e sai.
4. A Ceia do SENHOR é instituída.
5. O "novo mandamento" e as palavras afetuosas de João 14.

O Cálice

Em 1910 achou-se, nas ruínas de uma catedral no local de Antioquia, um cálice contendo um outro, que os peritos supõem ter sido possivelmente o verdadeiro cálice usado por Jesus naquela noite sagrada. O cálice interno é de prata, sem adorno. O externo, também de prata, é primorosamente insculpido com doze gravuras, representando Cristo e os apóstolos. Sua mão direita toca em um prato com cinco pães e dois peixes. Adiante do prato, uma pomba; ao lado de Cristo, um cordeiro e ramos de videira: tudo é simbolismo cristão. O cálice externo evidentemente foi feito para conter o outro, como objeto sagrado e precioso, mais antigo que ele. A arte e o acabamento considera-se pertencerem ao primeiro século. A última Ceia pensa-se que foi provavelmente em casa da mãe de Marcos. Este visitou Antioquia freqüentemente.

Depois da queda de Jerusalém, Antioquia veio a ser o principal centro do cristianismo. Nada mais natural que esse objeto de valor ilimitado para os cristãos, fosse conservado na principal igreja daquela cidade, em cujas

ruínas, ao ser ela destruída, ficou sepultado, até ser descoberto recentemente. Hoje é propriedade do Sr. Fahim Kouchakji, de Nova York, à gentileza de quem devemos a foto reproduzida abaixo.

Fig. 69. O Cálice de Antioquia visto de frente, a mostrar Cristo no centro, Pedro e Paulo em baixo
(Cortesia do Sr. Fahim Kouchakji)

Cap. 26:30-46. A Agonia no Getsêmane. Ver sobre Lc 22:39-46.
Cap. 26:47-56. A Traição e Prisão. Ver sobre Jo 18:1-12.
Cap. 26:57-68. Perante o Sumo Sacerdote. Ver sobre Mc 14:53.
Cap. 26:69-75. A Negação de Pedro. Ver sobre Jo 18:15-27.
Cap. 27:1-2. Jesus é Oficialmente Condenado. Ver sobre Mc 14:53.
Cap. 27:3-10. O Suicídio de Judas. Ver sobre Mc 14:10-11.

Capítulo 27:11-25. O Julgamento perante Pilatos

Ver nota sobre as sucessivas etapas do julgamento de Jesus, sobre Marcos 14:53 e segs.

Pilatos era o governador romano da Judéia, 26-37 d.C. Assumira a função pouco antes da época quando Jesus começou Seu ministério público. Sua residência oficial era em Cesaréia. Vinha a Jerusalém, por ocasião das festas, a fim de manter a ordem. Era impiedoso, cruel e conhecido por sua habitual brutalidade. Como os imperadores romanos do seu tempo, sentia prazer em ver supliciar e matar qualquer pessoa. Certa vez misturou o sangue de alguns galileus com o sacrifício que os mesmos realizavam, Lc 13:1.

Um dos fatos mais inesperados da História foi a impressão causada por Jesus nesse governador romano de coração duro. Quer Jesus estivesse ereto e de boa aparência, como diz uma tradição, que estivesse de ombros caídos e de aspecto feio, como outra tradição o relata, devia haver algo tão divino e tão imponente em Seu semblante e comportamento, que apesar de O haverem vestido, por zombaria, de vestes reais, cingindo uma coroa de espinhos, o sangue a Lhe escorrer pelo rosto, Pilatos não despregava dEle os olhos.

O esforço que fez esse governador para se livrar da crucifixão de Jesus é uma história de causar dó. Não queria que tal acontecesse. Apelou das autoridades judaicas para Herodes. Depois, de Herodes de volta às autoridades. Daí para a multidão. E quando a turba se voltou contra Jesus, Pilatos procurou despertar a comiseração dela, mandando açoitá-lo, na esperança de que ficaria satisfeita com uma parte do castigo, e não exigiria dele que prosseguisse até à crucifixão. Falhando nisso, ainda não se dispunha a crucificá-Lo, até que os judeus ameaçaram denunciá-lo a César. Somente quando a coisa começou a parecer que ia custar-lhe a posição de governador da Judéia foi que ele consentiu na morte de Jesus.

Seis anos depois foi chamado a Roma para se defender da acusação de haver matado, sem motivo, um grupo de samaritanos; suicidou-se, por isso, conforme consta. Diz uma tradição que Prócula, sua esposa, tornou-se cristã.

"Caia sobre nós o seu sangue, e sobre nossos filhos", v. 25. Quão terrivelmente isto se cumpriu!

Capítulo 27:26. Jesus é Açoitado

Era comum açoitar antes de executar a pena capital. Neste caso Pilatos parecia esperar que a turba considerasse suficiente este castigo. Os açoites eram dados com chicote feito de uma porção de tiras de couro, cada qual tendo na ponta um pedaço de chumbo ou outro metal cortante. A vítima era despida até à cintura, depois era encurvada e amarrada a um poste, surrada nas costas nuas com o açoite até que as carnes ficavam expostas. Sucedia às vezes não resistir e morrer.

Capítulo 27:27-31. Jesus é Escarnecido

Os judeus, quando O julgaram, zombaram dEle, Lc 22:63-65. Herodes e seus soldados O ridicularizaram, Lc 23:11. Agora é a vez dos soldados de Pilatos. Pouco depois, já sôbre a cruz, são os principais sacerdotes, os anciãos, os escribas e soldados que dEle mofam, 27:39-43. Para aquêles espíritos brutalizados, aquilo era um grande espetáculo: ver submetido à tamanha humilhação e tortura quem Se afirmara ser o Filho de Deus.

Capítulo 27:32. Simão Cireneu

Em Jo 19:17 se diz que Jesus saiu levando a cruz. Exausto, pela noite passada em agonia e pelos açoites, não andou muito, até Se sentir fraco, e

não podia levá-la adiante. Foi quando obrigaram Simão aquele serviço. Pouco se sabe deste Simão. Qual não é, porém, seu orgulho no céu, por toda a eternidade, quando se lembra de haver ajudado Jesus a levar Sua cruz!

Capítulo 27:33-56. Jesus é Crucificado

Ver também sobre Mc 15:21-41; Lc 23:32-43 e João 19:17-30.

As Trevas

Durante três horas, v. 45, a natureza inanimada escondeu sua face, envergonhada diante da inenarrável perversidade dos homens. Deus pode ter dado a entender pelas trevas o pranto simbólico da criação por Jesus, ao sofrer Este as dores da expiação dos perdidos.

O Terremoto

Fazendo a terra tremer, partindo as pedras e abrindo os túmulos, vv. 51-55, Deus saudou o Salvador triunfante. O rompimento do véu no templo, v. 51, foi a proclamação divina de que na morte de Cristo afastou-se a barreira que havia entre Deus e o homem, Hb 9:8. Os santos ressuscitados, vv. 52-53, foram a prova e a garantia dadas por Deus de que o poder da morte havia sido quebrado. Note-se que até o centurião, oficial dos soldados romanos que crucificaram Jesus, convenceu-se de que Este de fato era o Filho de Deus, v. 54.

Cap. 27:57-61. O Sepultamento. Ver sobre Jo 19:38-42.

Cap. 27:62-66. O Túmulo é Selado. Ver sobre Mt 28:11-15.

O "Terceiro Dia"

"No terceiro dia", v. 64, usa-se aqui como sendo idêntico a "depois de três dias", v. 63. Conforme o costume dos judeus, parte de um dia, no começo e no fim de um período, era contada como um dia, Et 4:16; 5:1. "Três dias e três noites", Mt 12:40 (modo extenso de dizer "três dias", 1 Sm 30:12-13); "depois de três dias", Mc 8:31; 10:34; Jo 2:19; e "no terceiro dia", Mt 16:21; 17:23; 20:19; Lc 9:22; 24:7,21,46; são frases que se usam uma pela outra para significar o período de tempo que Jesus passou no sepulcro, desde a tarde da sexta-feira à manhã do domingo.

Capítulo 28:1-8. As Mulheres Visitam o Sepulcro

Conta-se isto em todos os quatro Evangelhos, Mc 16:1-8; Lc 24:1-11; Jo 20:1-3. Maria Madalena é mencionada em todos eles. Maria, mãe de Tiago e de José. Também chamada "a outra Maria" (Mateus, Marcos, Lucas). Salomé, mãe de Tiago e João (Marcos). Joana, mulher do procurador de Herodes (Lucas). E "outras mulheres" (Lucas). Ao todo, meia duzia, ou talvez uma dúzia ou mais. Levavam especiarias para completar o embalsamamento do corpo de Jesus, com vistas ao sepultamento definitivo, sem nenhuma idéia de que Ele houvesse ressurgido.

"Quando já despontava" (Mateus). "Muito cedo", "ao despontar do sol" (Marcos). "Alta madrugada" (Lucas). "Sendo ainda escuro" (João).

Essas notas variantes acerca do tempo significam, evidentemente, que elas partiram quando ainda era escuro e chegaram ao sepulcro ali pelo despontar do sol. Os vários lugares em que elas se haviam alojado, em Betânia ou Jerusalém, variavam provavelmente de 2 a 4 quilômetros ou mais de distância.

"Um anjo" sentado sobre a pedra (Mateus). "Um jovem" sentado no túmulo (Marcos). "Apareceram-lhes dois varões" (Lucas). "Dois anjos" sentados no túmulo (João). Estas expressões diferentes significam simplesmente que os anjos, em *forma humana*, esperavam, *fora do túmulo*, o momento de saudar as mulheres; depois levaram-nas ao interior do mesmo e explicaram que Jesus ressurgira. Parte do tempo, dois eram visíveis, e outra parte, somente um. Provavelmente havia miríades de anjos esvoaçando sobre o túmulo naquela manhã, esperando saudar o Salvador ressurrecto, porquanto aquele era um momento de triunfo, nos anais celestes. Os anjos terão a seu cargo a ressurreição geral, Mt 24:31 (ver nota sobre os "Anjos" em Mt 4:11).

"No findar do sábado", v. 1. Rigorosamente falando, o sábado ia de um ao outro pôr do sol. Mas no uso corrente, como aqui, estendia-se pela noite a dentro, como está indicado pela expressão "ao entrar o primeiro dia da semana".

"Um grande terremoto", v. 2. Tinha havido um quando Jesus expirara na cruz, Mt 27:51. E na outorga da lei, no Sinai, Êx 19:16,18. É uma das maneiras de Deus chamar a atenção para acontecimentos importantes.

Capítulo 28:9-10. Jesus Aparece às Mulheres

Entre os vv. 8 e 9, segundo colhemos dos outros Evangelhos, as mulheres contaram tudo aos discípulos e iam voltando ao sepulcro; nesse intervalo Pedro e João correram até lá e voltaram, e Maria Madalena, na dianteira das outras, ficou sozinha ao lado do sepulcro, quando Jesus lhe apareceu. Pouco depois apareceu às outras mulheres. Ver, a respeito, sobre Mc 16, "A ordem dos acontecimentos". De modo que as duas primeiras aparições de Jesus foram a mulheres. Pela mulher, sem auxílio de homem, veio o Salvador, e foi a uma mulher que primeiramente se deu a notícia gloriosa da ressurreição.

Capítulo 28:11-15. Os Guardas São Subornados

Foram postos no túmulo por requisição do sinédrio, como precaução contra a possibilidade de ser roubado o corpo de Jesus. Aterrorizados com o terremoto, com o anjo e com a falta do corpo de Jesus, correram a relatar tudo ao sinédrio. Este subornou-os para que dissessem terem ferrado no sono. Este conhecimento íntimo do que ocorrera no túmulo, sem dúvida, contribuiu algo para a conversão, mais tarde, de uma multidão de sacerdotes, At 6:7.

Na tarde daquele dia, Jesus apareceu aos dois, Lc 24:13-32.

E pelo mesmo tempo, a Pedro, Lc 24:34.

E, à tardinha, aos dez, Jo 20:19-25.

Uma semana depois, aos onze, em Jerusalém, Jo 20:26-29.

Algum tempo depois, aos sete, junto ao Mar da Galiléia, Jo 21.

E a Tiago, em tempo e lugar não conhecidos, 1 Co 15:7.

Capítulo 28:16-20. Jesus Aparece aos Onze

Num monte da Galiléia, por indicação Sua, 26:32, 28:7. Pensa-se que foi a vez quando "mais de 500" estavam presentes, 1 Co 15:6. A "Grande Comissão", vv. 18:20, é registrada, substancialmente, quatro vezes, ver sobre Mc 16:14-18. "Batizando-os", v. 19, temos aqui Jesus diretamente ordenando e sancionando a bela ordenança do batismo cristão, ver sobre At 8:36-39.

"Estou convosco todos os dias", v. 20. De toda a Bíblia, é este o nosso versículo favorito. Jesus ergueu-Se para nunca mais morrer. Ele **VIVE** hoje, e está com o Seu povo todo o tempo, guiando-o e protegendo-o poderosamente.

Não se trata apenas do comandante supremo de alguma vasta organização de anjos e arcanjos. Ele o é. O comandante supremo das hostes do céu está pessoalmente interessado em cada um e pessoalmente presente com cada um dos do Seu povo, e sempre.

Não podemos compreender como uma única pessoa possa estar com milhões e bilhões de pessoas ao mesmo tempo, se não é Deus. E Jesus falou na linguagem mais clara possível, **"ESTOU CONVOSCO TODOS OS DIAS"**. Foi Ele quem o disse. Ele não usava palavras ociosas. Não conversava somente para ouvir a Si mesmo conversando. Quis significar alguma coisa quando disse essas palavras, e cremos que, em algum sentido real, além de nosso entendimento, mística mas realmente, Ele está sempre com cada um de nós.

Não importa nossa fraqueza, humildade ou desvalor: **ELE** é nosso amigo e nosso companheiro. Invisível, mas presente. Agora, agora mesmo. À noite, quando dormirmos. Amanhã, quando estivermos trabalhando. Na próxima semana. No próximo ano. Cobre-nos com a Sua sombra pela vida afora. Anda ao nosso lado. Vigia com benévolo interesse cada pormenor de nossa triste luta pela vida, procurando pacientemente levar-nos a um lugar de felicidade imortal na casa de Seu Pai. Tudo isto só parece um lindo sonho, mas é um **FATO,** o único fato fundamental de nossa existência.

Depois disso, Jesus apareceu uma vez mais, Lc 24:44-51.

NOTA ARQUEOLÓGICA: O Decreto de Nazaré

O Decreto de Nazaré é uma inscrição lavrada numa placa de mármore branco, enviada de Nazaré em 1878, para a coleção particular dum antiquário alemão chamado Froehner. Contudo, só em 1930, ao morrer Froehner, quando a inscrição chegou ao Cabinet de Medaillés do Louvre, foi que o historiador Michel Rostovtzeff notou seu significado. O Abade Cumont publicou a primeira descrição em 1932.

O Decreto reza assim: "Ordenança de César. É minha vontade que as sepulturas e os túmulos permaneçam inviolados por toda a perpetuidade, para as pessoas que os instalaram para o culto dos seus ancestrais, ou

dos seus filhos, ou de qualquer membro do seu lar. Se, porém, alguém prestar informações que uma outra pessoa os tenha demolido, ou de qualquer forma tenha retirado os enterrados, ou que maliciosamente os tenha transferido para outros lugares, a fim de lesá-los, ou que tenha deslocado a pedra que sela a entrada, ou qualquer outra pedra, contra os tais eu ordeno que seja levantado um processo, e que as mesmas leis aplicadas ao culto dos deuses, sejam também aplicadas ao culto dos mortais. Pois será muito mais obrigatório honrar os sepultados. Seja absolutamente proibido que alguém os perturbe. No caso de qualquer contravenção, desejo que o culpado seja condenado à pena capital, sob a acusação de violação de sepultura".

A evidência sugere que a inscrição pertence à década até os 50 d.C. O govêrno central romano não assumiu a administração da Galiléia até a morte de Agripa, em 44 d.C. Isto limita a data, segundo a opinião de estudiosos competentes, a cinco anos sob o Imperador Cláudio, (vd. e. g. A. Momigliano, The Emperor Claudius and His Acheivement, 1932). É impossível atribuir uma data mais exata à inscrição. Os Atos dos Apóstolos, confirmados pelos historiadores Orósio e Suetônio, informam que Cláudio expulsou os judeus de Roma, At 18:2. Isto ocorreu em 49 d.C. Suetônio acrescenta que isto foi feito "à instigação de um certo Cresto". A referência é obviamente a Cristo, e a narrativa confusa de Suetônio confunde as duas palavras gregas **christos** e **chrestos.**

Cláudio era um homem de estudos, não devidamente valorizado pelos seus contemporâneos por causa dos seus defeitos físicos, provavelmente devidos aos efeitos daquilo que se pensa ter sido a doença de Parkinson. Seu interesse em continuar a política religiosa de Augusto levou-o a ter um largo conhecimento das religiões do Império, e isto encorajaria sua investigação nas cortes de qualquer processo jurídico envolvendo cultos ou crenças religiosas. A frase de Suetônio, e o ato de expulsão, provavelmente reflete o primeiro impacto do cristianismo em Roma, com tumultos no gueto, procedimentos nos foros, e um exame das queixas dos rabinos, acompanhadas pelas apologias dos cristãos que se defendiam das queixas, tudo isto feito numa corte perante o próprio Imperador. Ele ouve as explicações dadas pelos fariseus, quanto ao assunto do Túmulo vazio, Mt 28:13, e sendo que Nazaré recentemente tinha caído sob o controle imediato do Imperador, este trata imediatamente do assunto no local mesmo. Pesquisas se levantam na Palestina, e autoridade local pede instruções. O resultado é um "rescrito", ou regulamentação imperial. Cláudio escreveu mais do que uma carta comprida sobre assuntos religiosos (e.g. uma carta notável aos judeus da Alexandria em 41 d.C.). O decreto estabelecido em Nazaré seria uma citação de uma comunicação deste tipo, ou copiado ao pé da letra, ou extraído de um texto maior.

MARCOS

Jesus, o Maravilhoso

A ênfase especial de Marcos é sobre o poder sobre-humano de Jesus, a demonstrar Sua deidade por Seus milagres. Omite o Sermão do Monte e a maioria dos longos discursos de Cristo. Narra o que Jesus fez, de preferência ao que disse. Parece ter visado particularmente leitores gentios.

Desde o princípio, uma tradição ininterrupta considera-o da autoria de Marcos, contendo substancialmente a história de Jesus como Pedro a contava.

Marcos

João Marcos era filho de certa Maria, cuja casa em Jerusalém era lugar de reunião dos discípulos, At 12:12. Sendo primo de Barnabé, Cl 4:10, pode ter sido levita, At 4:36. Conjectura-se que foi ele o moço que "fugiu desnudo", na noite em que Jesus foi preso, Mc 14:51,52, quando começou a interessar-se por Jesus. A linguagem de 1 Pe 5:13 pode querer dizer ter sido ele um convertido desse apóstolo.

Provavelmente, a mãe de Marcos tinha posição de considerável influência na Igreja em Jerusalém. Foi a casa dela que Pedro procurou logo ao ser libertado da prisão pelo anjo, At 12:12.

14 anos mais tarde, cerca de 45 d.C., seguiu com Paulo e Barnabé a Antioquia, At 12:25; e esteve com eles no princípio de sua primeira viagem missionária, não prosseguindo. Depois, lá por 50 d.C., quis fazer com Paulo a segunda viagem, porém este recusou-se a levá-lo. Deu isso ocasião a que Paulo e Barnabé se separassem, At 13:5,13; 15:37-39. Marcos, então, partiu com Barnabé para Chipre.

Uns 12 anos depois, cerca de 62 d.C., acha-se em Roma com Paulo, Cl 4:10; Fm 24. Quatro ou 5 anos mais adiante, este apóstolo, logo antes do martírio, pede que Marcos vá ter com ele, 2 Tm 4:11. Parece, assim que Marcos, nos seus últimos anos, tornou-se um dos auxiliares íntimos e queridos do Apóstolo Paulo.

Esteve com Pedro em Babilônia (Roma?), quando este apóstolo escreveu sua primeira epístola, 1 Pe 5:13. Antiga tradição cristã reza que ele, pela maior parte do tempo, foi companheiro de Pedro e escreveu a história de Jesus como a ouviu desse Apóstolo em suas pregações.

Julga-se que este Evangelho foi escrito e divulgado em Roma, entre 60 e 70 d.C.

O que Papias disse de Marcos. Papias, discípulo do Apóstolo João, escreveu na sua "explanação dos discursos do SENHOR", que tomara a peito inquirir dos "anciãos" e dos seguidores dos "anciãos", e que "o ancião disse também isto: Marcos, vindo a ser o intérprete de Pedro, escreveu acuradamente tudo de que se lembrava, — não, entretanto, em ordem, — as palavras e os feitos de Cristo. Porque ele nem ouvira ao SENHOR, nem foi um dos que O seguiam, porém, depois, como eu disse, juntou-se a Pedro, e quis

adaptar sua instrução às necessidades da ocasião, porém não ensinar, como se estivesse compondo um relato seguido por ordem natural dos 'oráculos' do SENHOR; de modo que Marcos não cometeu nenhum engano em assim descrever alguns fatos conforme a lembrança que deles tinha. Porque um objetivo ele teve em mente — nada omitir do que ouvira, e nem declarar inverdades."

OS QUATRO EVANGELHOS

A quem foram escritos. Os quatro Evangelhos foram escritos para a instrução da humanidade inteira, apesar de terem sido originalmente endereçadas a certas Igrejas ou indivíduos. O original de Mateus foi escrito provavelmente para a igreja em Jerusalém. Dele outras igrejas conseguiram cópias, feitas à mão. Pensa-se que Marcos destinou o seu livro à igreja em Roma. Cópias teriam sido enviadas a outras igrejas. Lucas escreveu para um particular, chamado Teófilo, alto funcionário do governo romano. João destinou o seu à igreja em Éfeso. Embora Deus inspirasse esses homens a escrever exatamente o que Ele quis que escrevessem, para uso de toda a humanidade e de todas as gerações, eles deviam, entretanto, ter tido em mente as condições dos seus leitores imediatos, o que influiu na escolha do material de cada um.

Características individuais dos escritores. Embora tivessem seus leitores em mira, cada um deles, no que escreveu, refletiu sua própria personalidade. Tinham uma história a contar em comum, a simples história de um **HOMEM,** como viveu, o que fez e o que disse. Contavam a mesma história, porém cada qual a seu modo, aquilo que de maneira particular apelava aos seus sentimentos; isto explica as diferenças dos livros entre si.

"Contradições" nos Evangelhos. É de surpreender a desenvoltura com que, em obras modernas de erudição, se afirma que os quatro Evangelhos estão "cheios de contradições". E quando a gente procura saber que contradições são estas, quase que se é tentado a perder o respeito por esses chamados "eruditos". O fato de haver pormenores diferentes e ligeiras variantes na descrição de um mesmo incidente faz que o testemunho dos vários escritores se torne tanto mais digno de fé, visto afastar a possibilidade de terem entrado em combinação prévia.

Quando foi escrito. A tendência moderna é considerar o Evangelho de Marcos como o primeiro Evangelho que se escreveu. Entretanto, a primitiva tradição universal dizia ter sido o de Mateus o primeiro. Nos primeiros códices, os quatro Evangelhos, geralmente, figuram na ordem em que hoje se acham, fato este que corresponde à tradição primitiva quanto à seqüência em que foram escritos. Ocasionalmente, João foi posto na frente, nunca, porém, Marcos.

Capítulo 1:1-8. A Pregação de João Batista

Vem narrada nos quatro Evangelhos. Ver nota sobre Lc 3:1-20. Marcos começa o seu livro citando o A.T. Passando por cima da história do nascimento de Jesus, vai logo direto ao acervo de memórias de Sua vida pública.

Cap. 1:9-11. Jesus é Batizado. Ver sobre Mt 3:13-17.

Cap. 1:12-13. A Tentação dos Quarenta Dias. Ver sobre Mt 4:1-10.

A DURAÇÃO E CRONOLOGIA DA VIDA PÚBLICA DE JESUS

Jesus tinha uns 30 anos no 15.º ano de Tibério César, Lc 3:1,23. Era ainda criança quando Herodes morreu, Mt 2:19-20. Este fato marca o lugar de Jesus no calendário romano, substituído mais adiante pelo calendário cristão (ver sobre Lc 2:39).

Logo após Seu batismo, visitou Jerusalém, pela Páscoa, Jo 2:13. A Páscoa, na maioria das vezes, caía em abril.

Entre o Seu batismo e Sua visita a Jerusalém, intervêm os fatos de Jo 1:29-2:12, e a tentação dos quarenta dias, Mt 4:1-11.

A tentação ocorreu imediatamente após o Seu batismo, e durou quarenta dias, Mc 1:12-13.

Depois da tentação reapareceu no Jordão, onde João pregava, Jo 1:26, e esteve lá três dias seguidos, Jo 1:29,35,43. No "terceiro dia" depois, chegou a Caná, onde fez da água vinho, Jo 2:1.

Depois disto desceu a Cafarnaum, onde ficou "não muitos dias", Jo 2:12, antes de seguir a Jerusalém para purificar o Templo.

Assim, os 40 dias, os três dias seguidos, o "terceiro dia" depois e os "não muitos dias" perfazem o tempo decorrido do batismo à Páscoa e que, ao todo, podia ser no máximo uns poucos meses.

De sorte que Seu batismo, que marca o início de Sua vida pública, deve ter ocorrido no outono ou no princípio do inverno.

Quanto à duração de Sua vida pública: mencionam-se três Páscoas: quando purificou o Templo, Jo 2:13; quando alimentou os 5.000, Jo 6:4; e quando foi crucificado, Lc 22:15.

Se a "festa" de Jo 5:1 foi uma Páscoa, como geralmente se supõe, então temos quatro Páscoas, com três anos inteiros entre a primeira e a quarta. Se foi alguma outra festa, que interferiu entre duas Páscoas, neste caso só houve três Páscoas, com dois anos entre a primeira e a terceira.

Assim, a duração do ministério público de Jesus ou foi de uns 3 e 1/2 anos, ou de uns 2 e 1/2 anos. A opinião prevalecente é a favor de 3 anos e meio.

ESBOÇO DA VIDA PÚBLICA DE JESUS

Sua Provável Cronologia

Outono de 29 d.C.:	O batismo, no baixo Jordão.
	A tentação, no deserto próximo.
	Os primeiros discípulos, no baixo Jordão.
	O primeiro milagre, em Caná.
30 d.C. Páscoa:	A purificação do Templo, em Jerusalém.
	O princípio do ministério da Judéia, no baixo Jordão, (8 meses. Ver sobre Jo 3:22-36).
Dezembro:	A volta através de Samaria.
	O começo do ministério da Galiléia. (2 anos. Ver sobre Mt 4:13-25).
31 d.C. Páscoa?:	Jesus visita Jerusalém (Jo 5:1).
Verão:	A escolha dos doze.
	O Sermão do Monte.
32 d.C.	Os doze são enviados.
Fevereiro?:	João Batista é decapitado.
	O regresso dos doze.
Páscoa:	Os 5.000 são alimentados.
Outubro:	Jesus visita Jerusalém (Jo 7:2,10).
Novembro?:	A Transfiguração.
Dezembro?:	O fim do ministério da Galiléia (Ver sôbre Lc 9:51).
Dezembro:	Jesus outra vez em Jerusalém (Jo 10:22).
	O ministério posterior da Judéia e Peréia (cêrca de 4 meses).
33 d.C. Páscoa:	A crucifixão.

O Ministério da Galiléia. 1:14 a 10:1

O ministério da Galiléia ocupa cerca da metade de Marcos.
Ver o esboço no quadro comparativo sobre Mt 4:12.
Ver quadro cronológico sobre Mt 4:13-25.

Capítulo 1:14-15. Jesus Inicia o Ministério da Galiléia

Entre os vs. 13 e 14, isto é, entre a tentação de Jesus e o começo do ministério da Galiléia, devem-se colocar os fatos de Jo 1:19 a 4:54, que cobrem o período de mais ou menos um ano:

Os primeiros discípulos, através do batismo de João.
A água convertida em vinho, em Caná.
A purificação do templo.
A conversa com Nicodemos.
A pregação no baixo Jordão, uns 8 meses.
A conversa com a mulher samaritana.
A cura do filho de um oficial do rei, à distância, em Caná.
A rejeição em Nazaré, Lc 4:16-30.

Jesus tinha estado a pregar no baixo Jordão com muito êxito, Jo 3:22-24; 4:1-3. Mas a hostilidade crescente dos fariseus, Jo 4:1-3, e a prisão de João ordenada por Herodes, Mt 4:12, fizeram parecer perigoso para Jesus continuar naquela região. Tendo algum trabalho a realizar antes de Sua morte, preferiu afastar-Se de Jerusalém.

Capítulo 1:16-20. A Chamada de Simão, André, Tiago e João

Também se narra em Mt 4:18-22, Lc 5:1-11. Três destes haviam crido em Jesus um ano antes, no batismo de João, Jo 1:35-42. São agora chamados para se tornarem seus companheiros de viagem. Ver mais sobre Mt 10 e Mc 3:13-19.

Capítulo 1:21-28. O Endemoninhado é Curado

Também se conta em Lc 4:31-37. É o primeiro milagre de Jesus em Cafarnaum, de que se tem notícia, depois de fazer dali a base de Suas operações. Um pouco antes curara ali o filho do oficial do rei, por mero ato de Sua vontade, estando em Caná, 24 km distante, Jo 4:46-54. Ver nota sobre a natureza da possessão demoníaca, sob Mc 5:1-20.

Cafarnaum

Chegando à Galiléia, depois de 8 meses de ausência, tempo em que desempenhou a primeira parte do ministério da Judéia, Jo 2:13 a 4:43, Jesus dirigiu-Se a Caná, onde, perto de um ano antes, fizera da água vinho. Então, depois da cura do filho do nobre, foi a Nazaré, mas O rejeitaram (ver sobre Lc 4:16-30). A seguir fixou-Se em Cafarnaum como centro onde pudesse prosseguir em Seu ministério de pregação, ensino e cura. De Cafarnaum fez muitas viagens pela Galiléia, indo ocasionalmente a Jerusalém, e ocasionalmente às regiões do Norte da Galiléia. Viajava a pé, comumente com um grupo de discípulos, muitas vezes acompanhado de grandes multidões.

Cafarnaum é identificada hoje com as ruínas chamadas Tel Hum, 5 km a S.O. do local onde o Jordão desemboca no Mar da Galiléia. Ver mais sobre Lc 7:1-10, e o Mapa sobre Mc 6:45-52.

Capítulo 1:29-31. A Sogra de Pedro é Curada

Também se narra em Mt 8:14-15; Lc 4:38-39. Por aí se vê que Pedro era casado. O primeiro milagre de Jesus foi uma bênção para um casamento. Aqui Ele cura a sogra de Seu eminente apóstolo.

Capítulo 1:32-34. Multidões Curadas

Também se conta em Mt 8:16-17; Lc 4:40-41. Foi depois do pôr do sol, porque o ocaso marcou o fim do sábado. A notícia do endemoninhado e da sogra de Pedro espalhou-se por toda a cidade, e grandes multidões, que traziam seus enfermos, reuniram-se à volta da casa. Jesus curou-os. Eram Seus milagres que atraíam as multidões. A luz da compaixão divina pela humanidade sofredora começava a brilhar. Foi aquele um grande dia para Cafarnaum.

Capítulo 1:35-37. Jesus Se Afasta para Orar

Também se narra em Lc 4:42-43. O dia havia sido de muito trabalho. Jesus curara, possivelmente, centenas de pessoas. Estava agora em plena atividade de Sua obra pública. Muitas vezes escapulia-se das multidões, procurando, na solidão, conservar francas e limpas as vias de comunicação entre Si e Deus. Ver nota sobre a Sua vida de oração sobre Lc 11:1-13.

Capítulo 1:38-39. Viagens pela Galiléia

Jesus fazia muitas viagens, voltando amiúde a Cafarnaum, Mt 4:23-25; 9:35-38; Lc 4:44. A Galiléia era cortada por famosas estradas internacionais que se estendiam entre o Eufrates e o Nilo. E havia muitos caminhos subsidiários. Ver Mapa sobre Mc 3:7-12.

Capítulo 1:40-45. Um Leproso é Purificado

Também se narra em Mt 8:2-4; Lc 5:12-16. A lepra era uma moléstia repelente e de causar dó. Isolavam-se os portadores dela. Jesus disse que o homem fosse mostrar-se ao sacerdote, porque era assim que a lei exigia de um leproso que se curava, capacitando-se deste modo a reingressar na sociedade, Lv caps. 13, 14. Ordenou-lhe que nada dissesse a respeito, a fim de que o movimento popular tendente a fazer Jesus rei não tomasse incremento incontrolável.

Capítulo 2:1-12. Um Paralítico é Curado

É também contado em Mt 9:2-8 e Lc 5:18-26. O paralítico, deitado na cama, não podia ser conduzido através das portas apinhadas de gente. A determinação dos quatro amigos deste de chegar à presença de Jesus, agradou a Este. Aprouve sempre a Jesus observar a fé no Seu poder de curar. Certamente que ainda hoje Lhe apraz.

A fama de Jesus espalhara-se tanto que os fariseus e escribas de Jerusalém e de todo o país, Lc 5:17, vieram fazer sindicâncias. Diante dos

olhos deles, críticos e hostis, Jesus afirmou ousadamente Sua divindade, ao Se oferecer para perdoar os pecados do homem, e operou o milagre para provar que perdoava. Foi um milagre que Jesus declarou operar expressamente para demonstrar a Sua divindade. O efeito no povo foi espantoso, porém irritou ainda mais os fariseus e escribas.

Capítulo 2:13-17. A Chamada de Levi (Mateus)

Jesus escolhera, havia pouco, quatro pescadores para se associarem a Ele no estabelecimento do Seu reino. Agora acrescenta um publicano. Ver nota sobre Mateus, na Introdução a esse Evangelho, e em Mt 10.

Capítulo 2:18-22. A Pergunta sobre o Jejum

Também se narra em Mt 9:14-17; Lc 5:33-38. Provàvelmente, foi ocasionada pela participação de Jesus no banquete de Mateus, o que muito surpreendeu os discípulos de João e os fariseus, e provavelmente também alguns dos Seus próprios discípulos. O gênero de vida de João Batista nada tinha que lembrasse festa. Pode haver tempos de crise em que jejuar será expressão apropriada de humildade, penitência e devoção religiosa. No caso de João Batista o jejum tinha significação especial, ver sobre Lc 3:1-20. Mas os religiosos fanáticos do tempo de Jesus excediam-se. O Mestre não dava muita importância ao jejum como era geralmente praticado, Mt 6: 16-18. Moisés, Elias e o próprio Jesus, todos eles jejuaram 40 dias. Mas, foi isso num período de grande tensão. As três metáforas, do noivo, do vestido roto e dos odres velhos (garrafões feitos de peles de cabra), parecem significar que há ocasiões em que o jejum tem seu lugar, mas não tem cabimento na vida ordinária, especialmente como prática regular para servir de alguém fazer propaganda de sua própria santidade, Mt 6:16-18.

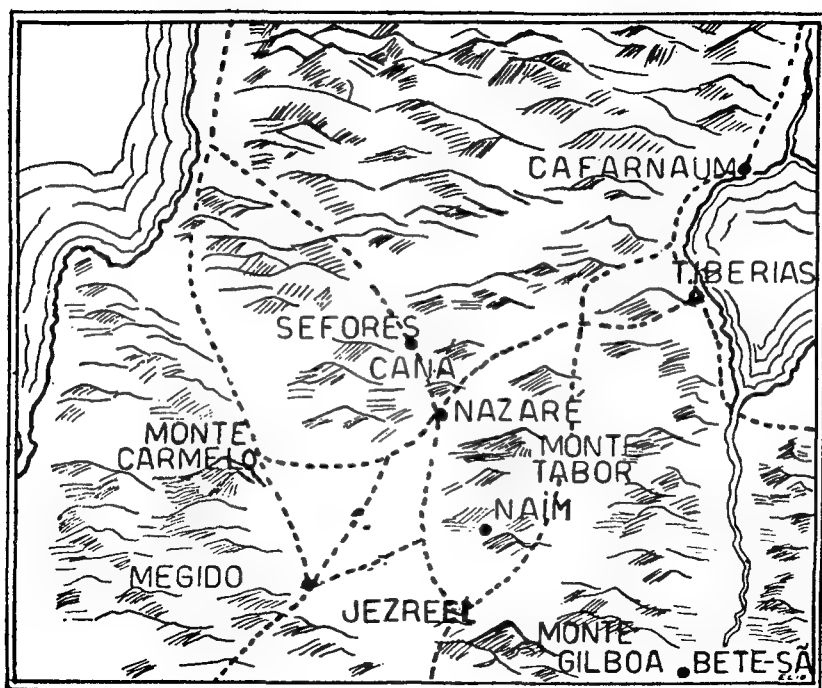
Capítulo 2:23-27. Comendo Espigas no Sábado

Também se menciona êste incidente em Mt 12:1-8; Lc 6:1-5. O A.T. tinha, aliás, leis severas sobre a obsèrvância do sábado, mas a tradição judaica acrescentara restrições tão absurdamente extremas que inutilizavam a intenção original de Deus. A afirmação de Jesus, de ser Senhor do sábado, equivalia a uma afirmação de divindade.

Capítulo 3:1-6. A Cura no Sábado

Também se menciona em Mt 12:9-14; Lc 6:6-11. A cura, no sábado, do homem da mão ressequida irritou tanto os fariseus e os herodianos que êstes entraram a conspirar para matarem a Jesus. Para esses fanáticos, endurecidos e depravados, um ato comum de beneficência, praticado no sábado, era um crime terrível. Há registro de sete curas operadas por Jesus em dia de sábado, ver João 5.

Capítulo 3:7-12. Multidões e Milagres

As multidões que vinham ver Jesus e que O seguiam, eram movidas por dois motivos: um, era a cura dos seus enfermos; o outro, era a expectação popular de ser Jesus o Messias.

Mapa 55

As linhas pontuadas no Mapa 55 indicam as estradas mais freqüentadas nos dias de Jesus

A Vida Pública de Jesus

Na maior parte foi passada na Galiléia. Fez cinco visitas a Jerusalém, de que se tem notícia. Três vezes se registra que Êle Se afastou da publicidade: para a região de Tiro e Sidom; para Cesaréia de Filipe; e para o deserto de Efraim, a fim de aguardar Sua morte.

Capítulo 3:13-19. A Escolha dos Doze

Seus nomes estão relacionados em quatro lugares, ver abaixo. Alguns deles tiveram dois nomes, fosse um sobrenome, fosse um nome dado de qualquer outro modo. Por que Jesus escolheu doze, não sabemos. Três deles formavam uma roda íntima. Além dos 12, Jesus enviou 70 numa missão especial. Os números 3, 12 e 70 figuram largamente no simbolismo bíblico. As 12 tribos de Israel foram o fundamento da nação judaica. Os 12 apóstolos lançaram os fundamentos da Igreja, Ap 21:12-14. Moisés teve 70 anciãos. O sinédrio compunha-se de 70 membros. Esses números podem ter algum sentido místico desconhecido de nós.

Dos doze, quatro foram pescadores. Um foi publicano. Um, Zelote. Não sabemos o que os outros foram. Todos eram galileus, exceto Judas, o traidor. Não havia nenhum religioso profissional no grupo, nenhum que alardeasse piedade pela espécie de roupa que usava.

Mt 10:2-4	Mc 3:16-19	Lc 6:12-19	At 1:13
Simão	Simão	Simão	Pedro
André	Tiago	André	Tiago
Tiago	João	Tiago	João
João	André	João	André
Filipe	Filipe	Filipe	Filipe
Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu	Tomé
Tomé	Mateus	Mateus	Bartolomeu
Mateus	Tomé	Tomé	Mateus
Tiago, de Alfeu	Tiago, de Alfeu	Tiago, de Alfeu	Tiago, de Alfeu
Tadeu	Tadeu	Simão Zelote	Simão Zelote
Simão Zelote	Simão Zelote	Judas, de Tiago	Judas, de Tiago
Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Matias

Pedro. Mencionado primeiro no batismo de João, Jo 1:40-42. Nesse primeiro encontro com Jesus, de que se tem notícia, Este lhe deu novo nome, como se já tivesse decidido fazê-lo apóstolo. "Simão" era o seu nome natural. Seu novo nome foi "Pedro" (grego), "Cefas" (aramaico), ambos significando "pedra". Foi reafirmado três anos depois, em sua confissão, Mt 16:18.

Pedro era casado, Mt 8:14; Mc 1:30; Lc 4:38. Sua esposa acompanhava-o na sua obra apostólica, 1 Co 9:5. Era natural de Betsaida, Jo 1:44. Tinha casa em Cafarnaum, Mc 1:29. Ou tinha duas casas, ou mudara-se de Betsaida para Cafarnaum.

Era sócio de Tiago e João numa empresa de pesca, Lc 5:10. Evidentemente, foi homem de muitos recursos.

Dinâmico, entusiasta, impulsivo, impetuoso, líder por natureza, com boa dose de sentimentos humanos. Geralmente falava pelos doze.

O nome "Rocha", que Jesus lhe deu, indicava seu verdadeiro caráter, muito bem compreendido pelo SENHOR: Força de convicção, coragem, ousadia, embora uma vez negasse a seu Mestre e outra vez "dissimulasse" em Antioquia. Era absolutamente destemido sob perseguição. Lançou os fundamentos da Igreja judaica e deu-lhe tamanho impulso que as autoridades ficaram estupefatas. Ver mais na introdução a 1 Pedro.

João. Ver a nota introdutória ao Evangelho de João.

Mateus. Ver a nota introdutória ao Evangelho de Mateus.

Tiago. Irmão mais velho de João. Jesus chamou os dois, "Boanerges", filhos do trovão. Não mostra isso que Jesus tinha possivelmente um engraçado senso de humor? Não se sabe muito de Tiago. Dos doze foi o primeiro a morrer, sendo morto por Herodes em 44 d.C. Rezam tradições que a maioria dos doze morreu mártir.

Duas famílias eram sócias na empresa de pesca: os irmãos Tiago e João, com o pai Zebedeu; e os irmãos Simão e André. Tinham serventes assalariados. Deve ter sido uma empresa razoavelmente grande. Todos os quatro vieram a ser apóstolos. Três deles constituíam a roda íntima dos amigos de Jesus. Os doze, no seu conjunto, deviam ter sido homens da mais alta qualidade, porque Jesus conhecia as pessoas. Estes três, que homens magníficos devem ter sido!

André. De Betsaida. Ele e João foram os primeiros convertidos de Jesus. Levou a Este seu irmão Pedro. Diz a tradição que ele pregou na Ásia Menor, na Grécia e na Cítia (Rússia).

Filipe. De Betsaida. Conterrâneo de Pedro e André. Levou Natanael a Cristo. Mentalidade prática, positiva e realista. De acordo com a tradição, pregou na Frígia e morreu em Hierápolis.

Bartolomeu. Pensa-se que era o sobrenome de Natanael, o qual era de Caná, 5 km de Nazaré. Talvez, por meio dele é que Jesus foi à festa de casamento. Tradição: pregou na Pártia.

Tomé. Gêmeo. Cauteloso, refletido, cético, taciturno. Rezam tradições que trabalhou na Síria, Pártia, Pérsia e Índia.

Tiago. Filho de Alfeu. Chamado "Menor", talvez devido à estatura. A tradição diz que pregou na Palestina e no Egito.

Tadeu. Pensa-se que era o mesmo Judas, filho de Tiago. Em alguns manuscritos é chamado Lebeu. Há uma tradição que diz ter sido enviado a Abgaro, rei de Edessa, e à Síria, Arábia e Mesopotâmia.

Simão. O Zelote (grego), ou Cananeu (aramaico). Nada se sabe dele. Os zelotes eram uma seita intensamente nacionalista, o extremo oposto dos publicanos. Jesus escolheu um zelote e um publicano, de partido rancorosamente rivais, para se irmanarem nEle e na Sua obra.

Judas Iscariotes. O traidor. De Queriote, cidade de Judá. O único apóstolo que não era galileu. Avarento, desonesto. Esperava rica recompensa quando seu Mestre se sentasse no trono de Davi. Ficou desapontado quando viu desvanecer-se seu sonho mundano. Após seu crime horrendo, enforcou-se, desprendendo-se da corda e arrebentando as entranhas.

Cap. 3:209-30. O Pecado Imperdoável. Ver sobre Mt 12:24-37.
Cap. 3:31-35. Sua Mãe e Seus Irmãos. Ver sobre Mt 12:46-50.
Cap. 4:1-25. A Parábola do Semeador. Ver sobre Mt 13:1-23.
Cap. 4:30-34. A Semente de Mostarda. Ver sobre Mt 13:31-32.

Capítulo 4:26-29. A Parábola da Semente que Cresce

Esperava-se geralmente que o reino Messiânico fosse inaugurado em glória e poder que abalassem o mundo. Esta parábola significa que o seu começo seria muito pequeno, o crescimento seria longo e vagaroso, calmo, secreto, imperceptível e irresistível até ao dia da ceifa.

Capítulo 4:35-41. A Tempestade é Acalmada

Também se conta em Mt 8:23-27; Lc 8:22-25. No barco agitado, os discípulos ficaram excitados e com medo, porém Jesus dormia tranquilo. Como gostaríamos de penetrar nos processos e forças ocultas, pelos quais Sua palavra silenciou as águas raivosas! Que repreensão para os discípulos! "Por que temeis? Onde está a vossa fé? Pode algum mal vos atingir, estando eu aqui?"

Capítulo 5:1-20. O Endemoninhado Geraseno

Também se narra em Mt 8:28-34; Lc 8:26-37. Mateus diz gadarenos. Marcos e Lucas, gerasenos. Gerasa identifica-se com as ruínas hoje chamadas "Querza" (Quersa, Gergesa), ver Mapa sobre 6:45-52. Gadara pensa-se que ficava mais ao Sul, perto da curva S.E. do mar, cidade maior que deu

seu nome à região circunjacente. Gerasa era a vila isolada perto da qual se deu o fato. Fica uns 8 km da foz do Jordão. Ao Sul da mesma fica o único lugar onde as colinas escarpadas se aproximam da água, Mt 8:32.

Mateus diz que foram dois endemoninhados. Marcos e Lucas só mencionam um, provavelmente porque era o mais notável e mais violento dos dois e quem falava. Lunático perigoso, bravio, de imensa força muscular, que vivia desnudo entre os túmulos e no deserto, mutilando-se e bramindo de dor.

Havia muitos demônios, uma "legião", nos dois homens, provavelmente a maior parte no mais violento. Havia 2.000 porcos, provavelmente o mesmo tanto, no mínimo, de demônios.

Reconheceram de pronto a autoridade de Jesus.

Notar que os demônios preferiram viver nos porcos a ir para o seu lugar próprio. Logo, porém, tiveram que ir mesmo.

Puderam controlar os homens, porém não os porcos. Não foram eles que impeliram os porcos para o mar. Nem os porcos, nem os demônios quiseram precipitar-se ali. Os animais encheram-se de pânico, sentindo os demônios dentro de si, perderam o domínio próprio, estando na encosta íngreme da colina. E uma vez de ladeira a baixo não puderam conter a disparada.

Nota-se também que as pessoas do lugar quiseram que Jesus Se afastasse daquela região, porque embora tivesse curado os loucos, no ato da cura destruíra-lhes os porcos. Tinham mais consideração aos seus porcos do que à sua gente. Essa raça ainda hoje existe.

Jesus mandou que o homem fosse contar a sua cura, v. 19. Ordenara ao leproso que nada dissesse, Mt 8:4, e aos dois cegos, Mt 9:29, e a muitos que curara na Galiléia, Mt 12:16. A razão dessa diferença é que em Gerasa Ele ainda não era muito conhecido, ao passo que na Galiléia Sua publicidade ia degenerando num movimento popular tendente a proclamá-Lo rei político.

Demônios

Considerável número de pessoas curadas por Jesus, diziam-se estar "possessas de demônios": Mt 4:24; 8:16; 9:32; 12:24,26,43; Mc 1:24,32, 34; 3:11,12; Lc 4:41; 6:18; etc.

Que eram demônios? Eram seres reais? Ou será que Jesus e os escritores do N. T. assim se expressaram porque se acreditava geralmente estarem aquelas pessoas aflitas dominadas por espíritos maus, e eles não fizeram nenhum esforço para corrigir o erro dessa crendice?

Nos Evangelhos apresentam-se os demônios como sendo cientes de que Jesus era o Filho de Deus, como seres pertencentes ao reino de Satanás, como passando por lugares secos, aguardando o tormento do abismo, preferindo morar em porcos a ir ao seu lugar próprio. Muitos podiam ficar numa só pessoa. Falavam, reconhecendo que tinham uma personalidade e uma consciência separadas daquela da pessoa por eles ocupada, dela claramente distintas. Encaravam o julgamento futuro com tremor. Jesus não Se interessou por eles, senão pelas pessoas a quem faziam sofrer.

Somente em alguns casos as doenças foram atribuídas à possessão demoníaca. Num deles o homem ficou louco; noutro, ficou mudo; noutro, cego e mudo; ainda noutro, epilético. Todos estes foram efeitos da possessão demoníaca, mas não se identificavam com ela.

Parece que há "espíritos maus", "espíritos imundos", "espíritos sedutores", "anjos caídos", "anjos do diabo", e que são organizados em "principados", "poderes", "governadores das trevas", "hostes espirituais da maldade", contra os quais os seres humanos têm de lutar continuamente, Mt 12:43, 45; 25:41; 2 Pe 2:4; Ef 6:12.

O que se pode inferir claramente da Escritura é que não foram os "endemoninhados" meros lunáticos, porém casos de "personalidade invadida", e que os demônios, qualquer que fosse sua origem ou natureza, eram espíritos maus que realmente entravam, dum ou doutro modo, em certas pessoas e as atormentavam.

Pensa-se ter sido uma exibição especial do diabo contra Jesus, permitida por Deus, durante o tempo que Ele passou na terra, para demonstrar que o poder de Cristo alcançava até a região do invisível. Jesus está destruindo o império de Belzebu e seus demônios. A fé em Cristo é a proteção contra qualquer mal que eles possam fazer.

Daquilo que às vezes sucede no mundo, pode-se quase inferir que ainda hoje há homens que estão de fato possessos de demônios.

Cap. 5:21-43. A Filha de Jairo é Ressuscitada. Ver sobre Lc 8:40-56.

OS MILAGRES DE JESUS

Além das manifestações sobrenaturais, como o anúncio do anjo, a concepção virginal, a estrela que orientou os magos, a passagem de Jesus pelo meio de turbas hostis, a purificação do templo, a transfiguração de Cristo, o recuo dos soldados, as trevas na crucifixão, o véu rasgado, os túmulos abertos, o terremoto, a ressurreição de Jesus, as aparições de anjos, etc., há registrados 35 milagres operados por Jesus.

17 curas físicas:

O filho do oficial do rei, Jo 4:46-54, Cafarnaum.
O homem enfermo, Jo 5:1-9, Jerusalém.
A sogra de Pedro, Mt 8:14-17; Mc 1:29-31; Lc 4:38,39, Cafarnaum.
Um leproso, Mt 8:2-4; Mc 1:40-45; Lc 5:12-15.
Um paralítico, Mt 9:2-8; Mc 2:3-12; Lc 5:17-26.
O homem da mão ressequida, Mt 12:9-14; Mc 3:1-6; Lc 6:6-11.
O servo do centurião, Mt 8:5-13; Lc 7:1-10.
Dois cegos, Mt 9:27-31.
O surdo-mudo, Mc 7:31-37.
O cego de Betsaida, Mc 8:22-26.
O cego em Jerusalém, Jo 9.
A mulher que estivera enferma, havia 18 anos, Lc 13:10-17.
A mulher hemorrágica, Mt 9:20-22; Mc 5:25-34; Lc 8:43-48.
O hidrópico, Lc 14:1-6.
Os dez leprosos, Lc 17:11-19.
Bartimeu, o cego, Mt 20:29-34; Mc 10:46-52; Lc 18:35-43.
A orelha de Malco, Jo 18:10-11; Lc 22:50-51.

9 milagres sobre as forças da natureza:

A água transformada em vinho, Jo 2:1-11, Caná.
A redada de peixes, Lc 5:1-11, perto de Cafarnaum.
Outra redada de peixes, Jo 21:6.

A tempestade é acalmada, Mt 8:23-27; Mc 4:35-41; Lc 8:22-25.
5.000 alimentados, Mt 14:13-21; Mc 6:34-44; Lc 9:11-17; Jo 6:1-14.
Jesus anda sobre o Mar, Mt 14:22-23; Mc 6:45-52; Jo 6:19.
4.000 alimentados, Mt 15:32-39; Mc 8:1-9.
O dinheiro do imposto, Mt 17:24-27.
A figueira que murchou, Mt 21:18-22; Mc 11:12-14, 20-26.

6 curas de endemoninhados (ver sobre Mc 5:1-20):

Um endemoninhado na sinagoga, Mc 1:21-28; Lc 4:31-37, Cafarnaum.
O endemoninhado cego e mudo, Mt 12:22; Lc 11:14.
Os endemoninhados gerasenos, Mt 8:28-34; Mc 5:1-20; Lc 8:26-39.
Um endemoninhado mudo, Mt 9:32-34.
A filha da siro-fenícia, Mt 15:21-28; Mc 7:24-30.
O menino epilético, Mt 17:14-21; Mc 9:14-29; Lc 9:37-43.

3 ressurreições:

A filha de Jairo, em Cafarnaum, Mt 9:18-26; Mc 5:22-43; Lc 8:41-56.
O filho da viúva, em Naim, Lc 7:11-15.
Lázaro, em Betânia, Jo 11:1-44.

Outros milagres. Além dos 35 casos referidos e descritos acima, Jesus operou inúmeros outros milagres, indicados assim:

"Muitos, vendo os sinais que ele fazia, creram no seu nome", Jo 2:23, em Jerusalém.

"Percorria Jesus... curando toda sorte de doenças", Mt 4:23; 9:35.

Da Síria, Galiléia e Decápolis "trouxeram-lhe todos os doentes acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou", Mt 4:24.

Maria Madalena foi por Ele curada de sete demônios, Lc 8:2.

Em Cafarnaum "todos os que tinham enfermos de diferentes moléstias lhos traziam; e ele os curava, impondo as mãos sobre cada um", Lc 4:40.

"E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e outros muitos, e os largaram junto aos pés de Jesus; e ele os curou. De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam", junto ao Mar da Galiléia, Mt 15:30-31.

"Chegaram a terra em Genesaré.... E percorrendo toda aquela região, traziam em leitos os enfermos, para onde ouviam que ele estava. Onde quer que ele entrasse, nas aldeias, cidades ou campos, punham os enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados", Mc 6:53-56.

"Deixou a Galiléia e foi para o território da Judéia, além do Jordão. Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali", Mt 19:1-2.

"Grande multidão do povo de toda a Judéia, de Jerusalém e do litoral de Tiro e de Sidom, que vieram para ouvi-lo e ser curados de suas enfermidades; também os atormentados por espíritos imundos eram curados", Lc 6:17-19.

"Toda a cidade estava reunida à porta. E Ele curou muitos doentes de toda sorte de enfermidades e endemoninhados", Mc 1:32-34.

"Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas, uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos", Jo 21:25.

O método dos milagres. Comumente eram operados por um ato da vontade de Jesus, ou por uma palavra Sua; algumas vezes com um toque, ou imposição das mãos. Ocasionalmente, usou saliva.

O propósito dos milagres. Os milagres de Jesus implicam o exercício de poder criador. "Harmonizam-se com a Sua origem miraculosa, Sua natureza impecável e Sua perfeição moral." Faziam parte do método de Deus autenticar a missão de Seu Filho. Jesus disse que se não houvesse feito tais obras, quais nenhum outro fez, os judeus não teriam pecado, ao não crer nEle, Jo 15:24; mostrando, assim, que considerava Seus milagres como provas de que Ele viera de Deus. Outrossim, Seus milagres eram a expressão natural de Sua simpatia pela humanidade sofredora.

Capítulo 6:1-6. Visita a Nazaré

Também, se conta em Mt 13:54-58. Esta parece ter sido a segunda visita de Jesus a Nazaré, depois de iniciado Seu ministério público, cerca de um ano após a visita registrada em Lc 4:16-30. Nota-se que Jesus tinha quatro irmãos, e "irmãs" (mais de uma). Por aquela época, não criam nEle, Jo 7:5. Depois creram e, segundo a opinião geral, dois deles, Tiago e Judas, foram os autores das duas Epístolas que trazem os seus nomes. Os outros dois foram José e Simão.

Cap. 6:7-13. Os doze são enviados. Ver sobre Mt 10.

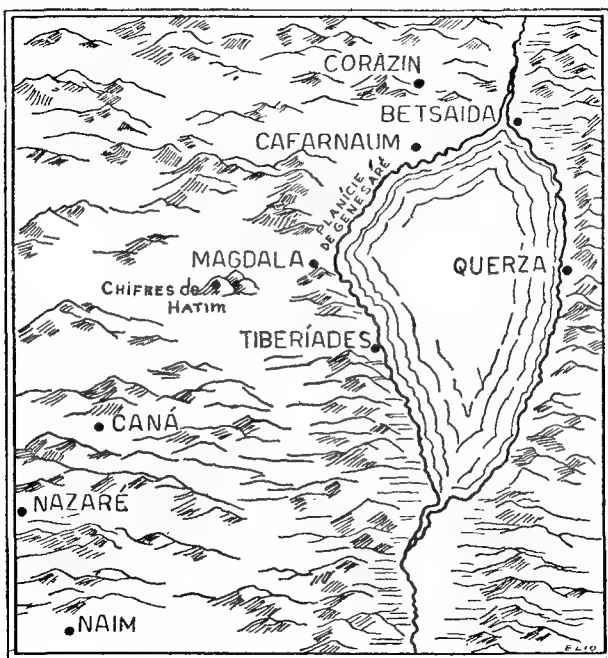
Cap. 6:14-29. João é decapitado. Ver sobre Lc 3:1-20.

Fig. 70. A parte sul do Mar da Galileia onde o Rio Jordão começa sua corrida em direção ao Mar Morto.
(Cortesia da Broadman Press)

Fig. 71. O Mar da Galiléia.
(Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

Cap. 6:30-44. Os 5.000 alimentados. Ver sobre Jo 6:1-14.

Cap. 6:45-52. Jesus anda sobre o Mar. Ver sobre Jo 6:15-21.

O Mar da Galiléia. 21 km de extensão, 11 de largura, 224 m abaixo do nível do mar. Cercado de montes, que medem de altitude média cerca de 100 m. De 800 m mais ou menos é a média da largura da costa, exceto a N.O., onde a planície de Genesaré mede uns 6 km de largura, e ao N., na embocadura do Jordão e ao S. onde ele sai. Os montes hoje não tem vegetação, mas no tempo de Jesus eram densamente arborizados, de acordo com Josefo. Seus litorais eram bem populosos. 10 cidades de

Mapa 56

não menos de 15.000 habitantes cada. Rodeado de uma linha de habitações quase ininterrupta. A praia ocidental era fértil em extremo. O clima de inverno era brando. Lavoura tropical de todas as espécies dava seus produtos todos os meses. Além da agricultura e pomicultura, suas indústrias consistiam principalmente em tinturaria, curtume, construção de barcos, pesca, e cura de peixe. Suas águas eram muito piscosas; exportava-se peixe para todo o império romano. O extremo N. foi o principal cenário do ministério de Jesus, — santificado para sempre como o lugar onde Deus, revestido de forma humana, andou entre os homens; Sua história é o que de mais belo existe nos anais da humanidade.

Período desde a Alimentação dos 5.000 à Transfiguração

Mc 6:53 a 8:26; Mt 14:34 a 16:12

Foi um período da vida de Jesus de uns seis a oito meses, entre abril e novembro, sobre o qual sabemos pouco. É contado só por Mateus e Marcos.

Lucas passa diretamente da alimentação dos 5.000 para os incidentes da transfiguração, Lc 9:17,18. João vai imediatamente da alimentação dos 5.000 à visita de Jesus a Jerusalém pela festa dos Tabernáculos, seis meses depois, Jo 6:71; 7:1.

Considerável parte destes seis ou oito meses foi passada fora da Galiléia: nas regiões de Tiro e Sidom, Decápolis e Cesaréia de Filipe, de populações gentílicas em grande parte. Decápolis era a região oriental do Mar da Galiléia que se estendia na direção norte até Damasco. Ficava sob a jurisdição de Filipe, governante muito bom e justo e que não tinha nenhuma razão especial para se opor a Jesus. Herodes governava a Galiléia. Havia assassinado João Batista, fazia pouco, e começava a olhar para Jesus com suspeita, especialmente depois que uma parte do povo se voltou contra o Senhor, em seguida à alimentação dos 5.000 (ver sobre Jo 6).

Capítulo 6:53-56. Multidões em Genesaré

Também se narra em Mt 14:34-36. Genesaré era a planura que marginava a praia sul de Cafarnaum. Parece que no dia seguinte ao da alimentação dos 5.000, Jesus explicou à multidão em Cafarnaum a natureza de Sua missão, e muitos se afastaram dEle, Jo 6:66. Após isto dirigiu-Se ao Sul, para Genesaré, onde se juntou uma turbamulta e Êle curou multidões.

Capítulo 7:11-23. Os Fariseus e a Contaminação

Também se relata em Mt 15:1-20. As autoridades em Jerusalém já estavam determinadas a matar Jesus, Jo 5:18. Sem dúvida, ouviram que decrescia na Galiléia a popularidade dEle, e então enviaram essa delegação de fariseus para ativar a campanha de propaganda deles, esperando indispor mais Jesus com Seus próprios discípulos, porque é provável que muitos deles mantivessem as mesmas tradições como os fariseus. A lavagem das mãos aqui referida não tinha por motivo o asseio, mas era puramente uma cerimônia religiosa, não da Lei, mas inventada pelos escribas. Disse-lhes Jesus que tais cerimônias não eram de nenhum valor, que a verdadeira contaminação vem do coração, e, pois, sem rodeios denunciou-os de invalidarem a Palavra de Deus com algumas de suas tradições de origem humana. Tais palavras aplicam-se diretamente a muitas práticas que, no decurso dos séculos, têm-se insinuado na igreja. Admira a astúcia e ingenuidade com que muitos líderes de igreja porfiam por conformar com a Palavra de Deus suas formas e práticas, reconhecidamente sendo de mera origem humana. Sujeição servil à tradição. Pouca consideração à Palavra de Deus.

Capítulo 7:24-30. A Mulher Siro-Fenícia

Também se conta em Mt 15:21-28. Em Mateus é chamada mulher cananéia. Os fenícios eram de descendência cananita. Foi a uns 80 km ao Norte de Cafarnaum, fora do território dos judeus, numa região de gentios, o mesmo distrito onde Elias fora enviado à mulher de Sarepta, 1 Rs 17:9. Jesus não teve a intenção de chamá-la de "cachorro", v. 27. Apenas serviu de eco ao que estava na mente dos discípulos. A persistência da mulher, sua humildade e fé alcançaram o que ela pediu. Ver sobre Lc 18:1-8.

Capítulo 7:31-37. A Cura de um Surdo-Mudo

Jesus voltou da região de Tiro e Sidom aonde fora para Se afastar temporariamente da publicidade, e dirigiu-se ao Leste e ao Sul através de Decápolis para a costa oriental do Mar da Galiléia. Agora estava de volta à região onde poucas semanas antes haviam tentado fazê-Lo rei. Por isso advertiu o homem que guardasse silêncio, para evitar publicidade.

Capítulo 8:1-9. A Alimentação dos 4.000

Narra-se, também, em Mt 15:29-39. Foi, provavelmente, em alguma parte próxima do lugar onde alimentara os 5.000, poucas semanas antes. Mateus acrescenta que se deu o fato quando Jesus estava curando grandes multidões. O povo da Galiléia deve ter sabido que Êle voltara aos seus termos.

Capítulo 8:10-21. "O Fermento dos Fariseus"

Também se relata em Mt 16:1-12. Deu-se o incidente em Dalmanuta, v. 10. Mt 15:39 diz Magdala ou Magadã, cidade de Maria Madalena, numa região denominada Dalmanuta, na costa centro-oeste do lago (ver Mapa 56 sobre Mc 6:45-52). Assim que Jesus voltou à Galiléia, Seus inimigos começaram a imaginar o que podiam fazer para desacreditá-Lo diante do povo. Pediram um "sinal". Já fazia dois anos que Ele vinha curando vastas multidões de gente, enferma de toda espécie de doença, e isso fazia sem interrupção. Alimentara os 5.000 e depois os 4.000. E ainda queriam um "sinal" (ver sobre Mt 12:38-45). Disse-lhes Jesus que o desejo de qualquer sinal além dos que já vinha fazendo, era evidência de serem "uma geração má e adúltera", isto é, corações feitos para Deus, porém entregues às práticas deste mundo. E ficou aflito com a morosidade dos discípulos em compreender a significação espiritual dos Seus milagres e com a clara tendência de se deixarem influenciar pelo materialismo dos fariseus, vv. 7-12. Preocupavam-se com pães, tendo o Pão da Vida no seu meio.

Capítulo 8:22-26. A Cura de um Cego

Isto ocorreu em Betsaida, cidade de Pedro, onde Jesus operara muitos milagres, Mt 11:21, perto da qual alimentara os 5.000. Daí a advertência ao homem para que evitasse publicidade desnecessária.

Cap. 8:27-30. A Confissão de Pedro. Ver sobre Mt 16:13-20.

Cap. 8:31-33. É Predita a Paixão. Ver sobre Mc 9:30-32.

Cap. 8:34-9:1. O Custo do Discipulado. Ver sobre Lc 14:25-35.

Capítulo 9:2-13. Jesus é Transfigurado

Também se conta em Mt 17:1-13 e Lc 9:28-36. Pensa-se que ocorreu no Monte Hermom, pouco antes da última partida da Galiléia, uns quatro ou seis meses antes de Sua morte (ver sobre Lc 9:51). Um dos propósitos da transfiguração foi confirmar a fé dos três principais discípulos em a natureza divina da pessoa de Cristo, contra o choque dos dias perturbados que iam chegar. Pedro nunca esqueceu o fato. Dava-lhe um senso de segurança ao encarar ele o martírio, anos mais tarde, 2 Pe 1:14-18. Tam-

bém foi como o clímax grandioso do testemunho direto do céu, de que Jesus era **O ÚNICO** em quem convergiam todas as profecias do A.T. que nEle tinham seu cumprimento.

Capítulo 9:14-29. O Menino Epilético

Conta-se também em Mt 17:14-19; Lc 9:37-42. Foi um caso grave de possessão demoníaca que desafiou os discípulos. Ver sobre Mc 5:1-20.

Capítulo 9:30-32. Outra Vez é Predita a Paixão

Até ao tempo da confissão de Pedro, Jesus de certo modo evitara o assunto de Sua morte próxima. Dera a Nicodemos uma idéia vaga a respeito, no início do Seu ministério, Jo 3:14. Agora, que o tempo de Sua crucifixão se aproximava, passou a fazer-lhe clara referência. Queria que entendessem claramente o que haveria de acontecer a Ele. Ver nota sobre Mt 10. Entre a confissão de Pedro e a chegada de Jesus a Jerusalém, parece que Ele lhes falou sobre o assunto cinco vezes, como segue:

A primeira vez, após a confissão de Pedro, Mt 16:21; Mc 8:31; Lc 9:22.

A segunda vez, após a transfiguração, Mt 17:9,12; Mc 9:12.

A terceira vez, após a cura do epilético, Lc 9:44.

A quarta vez, quando atravessava a Galiléia, Mt 17:22-23; Mc 9:31.

A quinta vez, ao se aproximar de Jerusalém; Mt 20:17-19; Mc 10:32-34; Lc 18:31-34.

Cap. 9:33-37. "Quem é o Maior?" Ver sobre Lc 9:46-48.

Cap. 9:38-40. O Anônimo Operador de Maravilhas. Ver sobre Lc 9:49-50.

Cap. 9:41-50. Ocasiões de Tropeço. Um dos supremos incentivos da vida cristã é procedermos de tal forma que ninguém venha a se perder por causa de nosso exemplo. Jesus disse isto uma porção de vezes, em diferentes relações, Mt 18:7-14; Lc 17:1-10.

O MINISTÉRIO DA PERÉIA. Cap. 10. Ver sôbre Lc 9:51

Cap. 10:1. A Partida da Galiléia. Ver sobre Lc 9:51.

Cap. 10:2-12. A Pergunta acerca do Divórcio. Ver sôbre Mt 19:3-12.

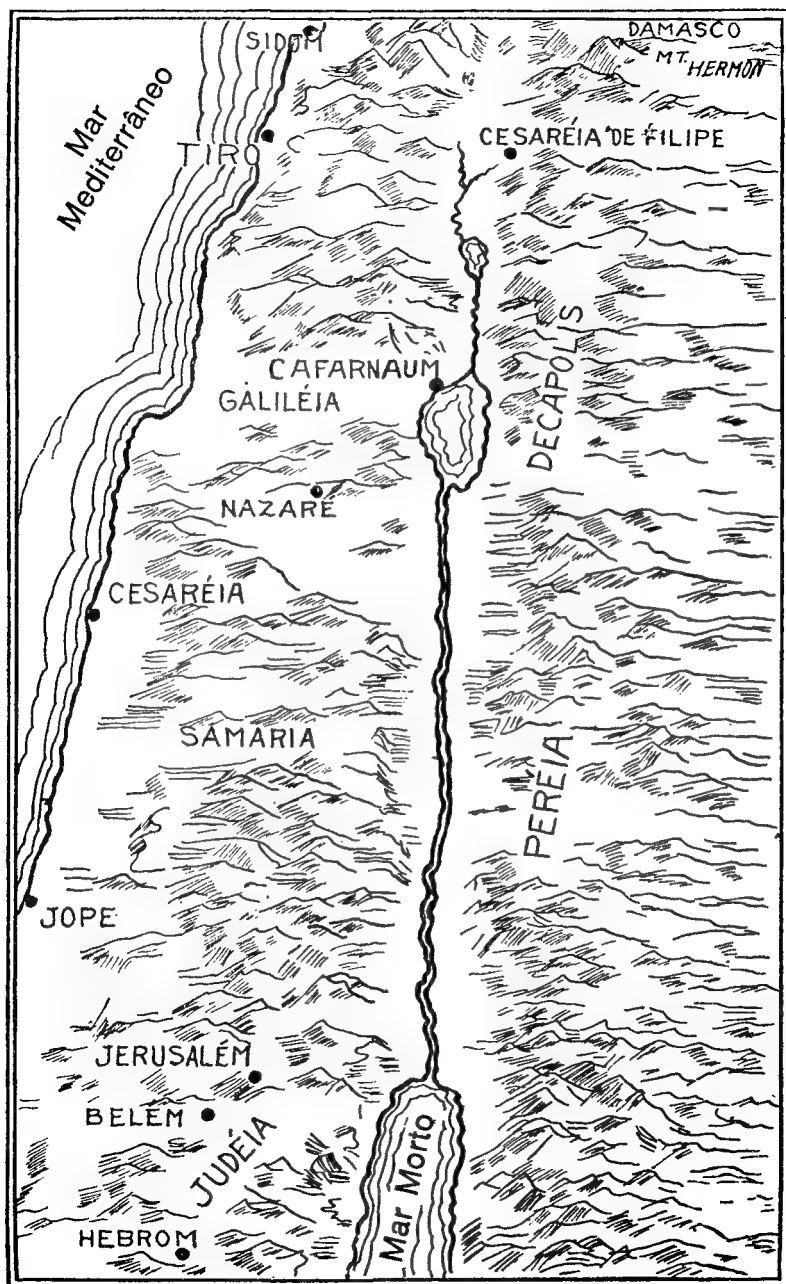
Cap. 10:13-16. Os Pequeninos. Ver sobre Lc 18:15-17.

Cap. 10:17-31. O Jovem Rico. Ver sobre Lc 18:18-30.

Cap. 10:32-34. A Paixão Predita de Novo. Ver sobre Mc 9:30-32.

Cap. 10:35-45. O Pedido de Tiago e João. Ver sobre Mt 20:20-28.

Cap. 10:46-52. Bartimeu, o Cego. Ver sobre Lc 18:35-43.

SIDOM
DAMASCO
MT. HERMON
Mar Mediterrâneo
TIRO
CESARÉIA DE FILIPE
CAFARNAUM
GALILÉIA
DECÁPOLIS
NAZARÉ
CESARÉIA
SAMARIA
PERÉIA
JOPE
JERUSALÉM
BELÉM
JUDÉIA
Mar Morto
HEBROM

Mapa 57

A ÚLTIMA SEMANA DE JESUS. Caps. 11 a 16

Cap. 11:1-11. A Entrada Triunfal. Ver sobre Mt 21:1-11.

Cap. 11:15-18. O Templo é Purificado. Ver sobre Mt 21:12-17.

Cap. 11:12-14, 19-25. A Figueira. Ver sobre Mt 21:18-22.

Cap. 11:27-33. "Com Que Autoridade?" Ver sobre Mt 21:23-27.

Cap. 12:1-12. A Parábola da Vinha. Ver sobre Mt 21:33-46.

Capítulo 12:13-17. O Tributo a César

Também se registra em Mt 22:15-22; Lc 20:20-26. Foi um esforço por apanhar Jesus numa declaração que pudesse servir de base à acusação de ser desleal ao governo romano, e assim ser Ele entregue a Pilatos. Os herodianos eram partidários da família de Herodes, cujo trono real dependia do apoio do imperador romano. Eles e os fariseus, conluiados, propuseram uma questão a respeito da qual eles próprios divergiam de parecer entre si. Jesus, com um golpe de mestre, declarou a separação entre a Igreja e o Estado. Os cristãos devem obedecer ao seu governo. Mas este não tem direito de impor religião aos seus súditos.

Capítulo 12:18-27. A Pergunta sobre a Ressurreição

Registra-se também em Mt 22:23-33; Lc 20:27-40. Os saduceus eram os materialistas da época. Não eram numerosos, mas eram instruídos, ricos e influentes. Não criam na ressurreição. A pergunta com que procuraram enredar Jesus envolvia um caso que exigiria poligamia no céu. Jesus resolveu a questão num instante: no céu não haverá casamento. E citou a Escritura para mostrar que há uma ressurreição.

Capítulo 12:28-34. O Grande Mandamento

Também é registrado em Mt 22:34-40. O que Jesus deu como o primeiro mandamento foi citado de Dt 6:4-5; o segundo, de Lv 19:18. Notar que Jesus pôs em primeiro lugar Deus, e depois nosso próximo. A coisa mais importante na vida é nossa atitude para com Deus. Tudo depende daí. Jesus é Deus encarnado. A única coisa que Ele quer é que O amemos mais até do que à própria vida. A única coisa que Ele quis saber de Pedro no seu último encontro na terra, estava na pergunta que lhe fez três vezes — "Amas-me?", Jo 21:15, 16, 17.

Capítulo 12:35-37. "O Filho de Davi"

Também se diz em Mt 22:41-46; Lc 20:41-44. A lógica da pergunta era, como podia um homem chamar Senhor ao seu filho? A resposta parece-nos simples, mas fê-los silenciar, Mt 22:46. Jesus era Mestre em dialética, antagonista à altura dos seus inimigos.

Capítulo 12:38-40. Os Escribas São Denunciados. Ver sobre Mt 23.

Capítulo 12:41-44. As Moedinhas da Viúva

Também narrado em Lc 21:1-4. Deu-se logo após a denúncia terrível que Jesus apresentou dos escribas e fariseus. Foi a última coisa que fez no Templo, depois de um dia afanoso de rude controvérsia. Tirou do seu

tempo para prestar este brilhante tributo à sempre lembrada viúva que deu tudo quanto tinha. Após o que, deixou o Templo, para nunca mais lá voltar.

Capítulo 13. Discurso sobre a Sua Vinda. Ver sobre Mt 24.

Capítulo 14:1-2. A Trama para Matar a Jesus

Também se registra em Mt 26:1-5; Lc 22:1-2. Foi na tarde da terça-feira. Cerca de um mês antes disto, depois que Jesus ressuscitou a Lázaro, o sinédrio decidira definitivamente matá-Lo, Jo 11:53. Mas a popularidade dEle tornou-o difícil, Lc 22:2. Até em Jerusalém as multidões não O deixavam, Mc 12:37; Lc 19:48. A oportunidade chegou, na segunda noite depois desta, com a traição de Judas que, num movimento de surpresa, entregou-O a eles de noite, enquanto a cidade dormia. Apressaram-se em fazer que fosse condenado antes que clareasse o dia e, de manhã, antes que as multidões na cidade despertassem, já O tinham pregado na cruz.

Capítulo 14:3-9. Jesus é Ungido em Betânia

Também é narrado em Mt 26:6-13; Jo 12:1-8. Parece que isso ocorreu realmente na tarde do sábado antes da entrada triunfal, Jo 12:2,12. Mateus e Marcos, porém, narram o fato em conexão com a trama dos sacerdotes, tendo isso oferecido ocasião para a transação de Judas. Ver mais sobre Jo 12:1-8.

Capítulo 14:10-11. O Acordo de Judas

Vem também narrado em Mt 26:14-16; Lc 22:3-6. Cabia-lhe entregar Jesus a eles, na ausência das multidões. Não ousavam prendê-lo abertamente, para não serem apedrejados pelo povo. Judas levou-os a Jesus em um dos Seus lugares secretos de retiro, depois que a cidade se recolheu.

Jesus "sabia desde o princípio" que Judas o trairia. Por que foi escolhido, é um dos mistérios de Deus. Trinta moedas de prata eram equivalentes ao preço de um escravo, Êx 21:32. Judas pode ter pensado que Jesus usaria Seu poder miraculoso para livrar-Se, ou pode ser que ele procurasse forçar Jesus a revelar-Se. Todavia, aos olhos de Deus foi um ato de perfídia, porque Jesus disse que fora melhor para Judas não ter nascido, Mt 26:24. Tudo isso foi admiravelmente predito, Zc 11:12-13. "Jeremias", Mt 27:9-10, ou entrou aí por engano do copista, ou porque o grupo inteiro de livros proféticos era algumas vezes chamado pelo nome de Jeremias.

Cap. 14:12-25. A Última Ceia. Ver sobre Mt 26:17-29.

Cap. 14:26-31, 66-72. A Negação de Pedro. Ver sobre Lc 22:39-46.

Cap. 14:43-52. Traição e Prisão. Ver sobre Jo 18:1-12.

Capítulo 14:53-15:20. O Julgamento de Jesus

É também contado em Mt 26:57-27:31; Lc 22:54-23:25; Jo 18:12-19:16. Houve dois julgamentos: diante do sinédrio e diante de Pilatos, o governador romano. A Judéia estava sujeita a Roma. O sinédrio não podia executar sentença de morte sem o consentimento do governador romano. Houve três etapas em cada julgamento, seis ao todo.

1. Diante de Anás, Jo 18:12-24. Cerca de meia-noite. Caifás era o sumo sacerdote. Mas seu sogro, Anás, que fora deposto em 16 d.C., ainda retinha, mediante os filhos, a influência e a autoridade do ofício. A família enriquecera imensamente às custas das barracas de negócio no Templo. Sobre o sumo sacerdote da nação judaica recai a primeira responsabilidade da morte de Jesus.

2. Diante do sinédrio, na casa de Caifás, Mt 26:57; Mc 14:53; Lc 22: 54; Jo 18:24. Deu-se entre a meia-noite e o clarear do dia. Foi este o principal julgamento da parte dos judeus. Incapazes de apresentar alguma acusação baseada em testemunho, condenaram-no sob a acusação de blasfêmia, por Se haver Ele declarado Filho de Deus, Mc 14:61-62. Depois, enquanto esperavam que o dia clareasse, escarneceram dEle (ver sobre Mt 27: 27-31). Foi quando Pedro O negou. Esta sessão deles, processada à noite, era ilegal por força da própria lei que os regia.

3. O dia já claro, o sinédrio ratifica oficialmente sua decisão de meia-noite, Mt 27:1; Mc 15:1; Lc 22:66-71, para lhe dar aparência de legalidade. A acusação era de "blasfêmia". Mas diante de Pilatos isso não valeria muito. De modo que, para ele, excogitaram a acusação de sedição contra o governo romano. A verdadeira razão era a inveja que tinham da popularidade de Jesus, Mt 27:18.

4. Diante de Pilatos, Mt 27:2, 11-14; Mc 15:1-5; Lc 23:1-5; Jo 18: 28-38, pouco depois de o dia clarear. Jesus não replicou às acusações deles. Pilatos admirou-se. Depois fê-Lo entrar no palácio para uma entrevista particular, que mais o convenceu da inocência de Jesus. Vindo a saber ser Ele da Galiléia, mandou-O a Herodes, que tinha jurisdição sobre aquela parte do país. Ver sobre Mt 27:11-25.

5. Diante de Herodes, Lc 23:6-12. Foi este o Herodes que matara João Batista, e cujo pai assassinara os meninos de Belém. Ver nota sobre Mt 2:16-18. Jesus não fez absolutamente caso dele, recusando-Se firmemente a responder suas perguntas. Herodes escarneceu dEle, vestiu-O de uma roupa aparatosa, e mandou-O de volta a Pilatos.

6. Diante de Pilatos outra vez, Mt 27:15-26; Mc 15:6-15; Lc 23: 13-25; Jo 18:39-19:16. Pilatos tenta desviar-se das autoridades e dirigir-se ao povo diretamente. Mas o povo no tribunal, em peso, escolhe Barrabás. Depois Pilatos ordena o açoite de Jesus (ver sobre Mt 27:26), na esperança de que isto satisfaria à turba. Ouve dizer que Jesus Se afirmara Filho de Deus, e fica com mais medo. Outra entrevista particular e nova tentativa de soltá-Lo. Sua esposa manda contar o sonho que tivera. Pilatos pasma diante da calma majestosa de Jesus com Sua coroa de espinhos. Ruge, porém, o início de um motim, e o ardil da ameaça de denunciá-lo a César. Lavra a sentença, às 6 horas, Jo 19:14.

Capítulo 15:21-41. A Crucifixão

Ver também sobre Mt 27:32-60; Lc 23:26-49 e Jo 19:17-30.

O Local da Crucifixão

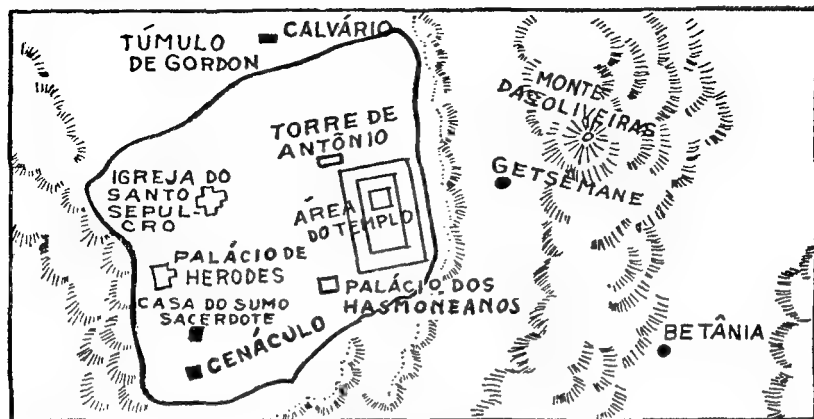
Jesus foi crucificado "fora da cidade", Jo 19:17,20; Hb 13:12. Num lugar chamado "Caveira", Mt 27:33; Mc 15:22; Lc 23:33; Jo 19:17. "Calvário" é palavra latina; "Gólgota" é hebraica, significando "Caveira". Existe só um lugar nas vizinhanças de Jerusalém que tinha e ainda tem o nome de Monte da Caveira. Fica fora do muro, lado norte, perto da porta de Damasco. Ver Mapa 58. É uma saliência rochosa, de uns 10 m de altura, bem em cima da "Gruta de Jeremias", tendo impressionante semelhança com uma caveira humana.

Mapa 58

Fig. 72. O Calvário, chamado, "de Gordon", um local onde alguns pensam que a cruz foi erguida. (Cortesia da Braodman Press)

O lugar tradicional da crucifixão é a Igreja do Santo Sepulcro, que fica dentro do muro. A opinião dominante dos arqueólogos é que o muro ocupa hoje o lugar exato dos dias de Jesus, e que o verdadeiro lugar da crucifixão foi muito provavelmente o Monte da Caveira.

Capítulo 16:1-8. As Mulheres Visitam o Túmulo

Ver nota sobre Mt 28:1-8. "E a Pedro", v. 7. Pedro, humilhado amargamente por haver negado o SENHOR, sem dúvida, se sentia repudiado, e precisava deste recado especial. Como Jesus foi gracioso em mandar-lhe aquela mensagem! Mais tarde, naquele mesmo dia, Jesus apareceu a ele, Lc 24:34. O que houve nesse encontro só se pode conjecturar. Lágrimas quentes, vergonha ardente, um amável perdão. Foi, assim, selado um devotamento que nunca mais se interrompeu, até ao martírio de Pedro. Ver mais sobre Jo 21:15-19.

As mulheres apressaram-se a contar o fato aos discípulos. Pedro e João saíram correndo ao túmulo, Jo 20:3-10.

Capítulo 16:9-20. Os Últimos 12 Versículos de Marcos

Não constam nos manuscritos Sinaítico e Vaticano, mas desde os primórdios foram aceitos como parte genuína do Evangelho de Marcos. Pensa-se ser provável que a última página da cópia original se perdera, sendo adicionada depois. Não parece que o vers. 8 seja um final próprio para o livro.

Cap. 16:9-11. Jesus Aparece a Maria Madalena

Ver Jo 20:11-18. E às outras mulheres, Mt 28:9-10. E aos dois, Mc 16:12-13. Ver sobre Lc 24:13-32.

Capítulo 16:14-18. Jesus Aparece aos Onze

Conta-se também em Lc 24:33-43 e Jo 20:19-25. Ver notas sobre estas passagens. A comissão final, de irem a todo o mundo, vv. 15-16, parece ter sido proferida nesta aparição. Pode, entretanto, ter sido um resumo das instruções finais que Jesus repetiu muitas vezes durante o Seu ministério de 40 dias de após ressurreição. A sua substância vem registrada quatro vezes:

Aqui, em conexão com a Sua primeira aparição aos onze.
Outra vez, quando apareceu na Galiléia, Mt 28:18-20.
Ainda outra vez, em Sua última aparição em Jerusalém, Lc 24:47.
E na ascensão, At 1:8. Ver notas sobre estas passagens.

O poder de operar milagres, vv. 17-18, era um atestado divino da missão dêles de fundarem a Igreja. Ver sobre At 3.

Entre os vv. 18 e 19 há um intervalo de 40 dias, nos quais Jesus aparece aos onze, uma semana mais tarde, Jo 20:26-31.
Aos sete, junto ao Mar da Galiléia, Jo 21.
Aos onze, na Galiléia, com os 500? Mt 28:16-20.

A Tiago, 1 Co 15:7. Tempo e lugar desconhecidos. Não se sabe qual Tiago foi, mas geralmente se supõe ter sido o irmão do SENHOR que depois veio a ser dirigente da Igreja Judaica e escreveu a Epístola que traz o seu nome. Ver introdução a Tiago.

E a última aparição em Jerusalém, Lc 24:44-49; At 1:3-8.

Cap. 16:19-20. A Ascensão de Jesus ao Céu. Ver sobre Lc 24:44-53.

A Ordem dos Acontecimentos na Manhã da Ressurreição

Não é fácil harmonizar, numa narração bem encadeada, os registros fragmentários dos quatro Evangelhos, a respeito da ressurreição de Jesus. Em poucas frases há generalizações de muitos pormenores. Não se nos contam todos os incidentes na ordem precisa em que ocorreram.

Tenha-se em mente que houve diferentes grupos de discípulos, alojados em vários lugares, que foram ao sepulcro com diferentes companheiros, os quais não esperavam que Jesus ressuscitasse (ver sobre Jo 20), porém que foram visitar o túmulo para completar o embalsamamento do corpo com vistas ao seu sepultamento definitivo.

A primeira visão do túmulo vazio e o anúncio do anjo, de haver Jesus ressurgido, provocaram neles enorme excitação.

Correram para contar aos outros, voltavam e tornavam a ir, apressados, num misto de gozo, temor, ansiedade, espanto e confusão.

Muitas coisas sucederam, que não foram registradas. Do que se registrou, um escritor diz uma coisa, outro diz outra. Um dá numa frase o que o outro descreve com minudências. Alguns, numa declaração geral, abrangem vários incidentes. Nenhum fornece uma narração completa.

Há diversas maneiras de se harmonizarem as narrativas. A seguinte, que não é a última palavra no assunto, é aceita geralmente:

1. Aos primeiros alvores do dia, dois ou mais grupos de mulheres, saindo de seus alojamentos em Jerusalém ou Betânia, provavelmente dois ou três km de distância, saíram tateando o caminho, rumo ao sepulcro.

2. Foi provàvelmente por esse tempo que Jesus saiu do túmulo, acompanhado de anjos que removeram a pedra e dobraram com cuidado o sudário.

3. Os guardas, nesse ínterim, trementes e aturdidos, correram a contar aos sacerdotes, que os haviam posto lá, o que acontecera.

4. Ali pelo despontar do sol, ao se aproximarem do túmulo as mulheres, Maria Madalena, adiantando-se ao grupo, vendo que o túmulo estava vazio, mas não vendo o anjo nem ouvindo o seu anúncio sobre a ressurreição de Jesus (Jo 20:13,15), volta e corre para contar a Pedro e João.

5. As outras mulheres aproximam-se. Vêem e ouvem os anjos. Precipitam-se de volta, por outro caminho, a contar o fato ao principal grupo de discípulos.

6. Por esse tempo Pedro e João chegam ao sepulcro. Entram. Vêem que a mortalha está vazia. Partem, João crendo e Pedro se maravilhando.

7. Nesse meio tempo Maria Madalena, indo atrás de Pedro e João, volta ao túmulo e fica ali sozinha, a chorar. É quando vê os anjos. E Jesus lhe aparece.

8. Logo depois, Jesus aparece às outras mulheres, quando elas ainda estão no caminho para contar o fato do túmulo vazio aos discípulos, ou, já havendo falado a estes, vêm de novo ao túmulo.

Tudo isto sucedeu provavelmente em menos de uma hora.

LUCAS

Jesus, o Filho do Homem

A ênfase especial de Lucas é sobre a humanidade de Jesus. Como os outros evangelistas, apresenta-O como o Filho de Deus, porém de algum modo sublinha a Sua simpatia pelos fracos, pelos sofredores e pelos proscritos.

A opinião comum é que, embora cada Evangelho se destinasse em última instância a toda a humanidade, Mateus visou imediatamente os judeus, Marcos, os romanos, e Lucas, os gregos.

A civilização judaica fizera-se em torno das Escrituras, daí Mateus apelar para estas.

A civilização romana gloriava-se na idéia de governo, e de poder, donde Marcos chamar atenção específica para os milagres de Jesus, que eram demonstrações do Seu poder sobre-humano.

A civilização grega representava a cultura, a filosofia, a sabedoria, a razão, a beleza, a educação, motivo por que, para apelar ao espírito meditativo, culto e filosófico dos gregos, Lucas, numa obra completa, coordenada e clássica, que tem sido chamada "a mais bela que já se escreveu", esboça a beleza e a perfeição gloriosas da vida de Jesus, o homem ideal e universal.

Depois, a estes três Evangelhos João acrescentou o seu, para tornar claro e iniludível que Jesus era DEUS encarnado, em forma humana.

Seu nome menciona-se só três vezes no N.T.: Cl 4:14, onde Paulo o chama "médico amado"; Fm 24, onde o chama "cooperador"; e 2 Tm 4:11, onde aparece ao lado de Paulo nas horas negras da aproximação do martírio. Em todas estas passagens também se menciona Marcos, indicação de que ele e Lucas eram cooperadores. Lucas revela sua presença pelo pronome pessoal "nós", empregado em diversas partes dos Atos: 16:10,11,16; 20:5,6,7,13,14,15; 21:1, etc. Isto indica que Lucas acompanhou Paulo de Trôade para Filipos no começo da segunda viagem missionária de Paulo, e que, seis anos mais tarde, voltou a acompanhar Paulo em Filipos no fim de sua terceira viagem missionária, e então ficou com ele em Cesaréia e em Roma, até ao fim. Ver mais na introdução aos Atos.

Data

Supõe-se geralmente que Lucas escreveu seu Evangelho cerca do ano 60 d.C., quando Paulo estava preso em Cesaréia; em seguida escreveu os Atos, durante a detenção desse apóstolo em Roma nos dois anos seguintes, visto que, sendo os dois livros, endereçados à mesma pessoa, são praticamente dois volumes de uma obra só. Sua estada em Cesaréia propiciou-lhe abundantes oportunidades de conseguir, em primeira mão, dos primeiros companheiros de Jesus e fundadores da igreja, informações acuradas de todos os pormenores. A mãe de Jesus possivelmente ainda vivia, na casa de João em Jerusalém. Lucas deve ter passado muitas horas preciosas ao lado dela, ouvindo-lhe as reminiscências do Filho maravilhoso. E Tiago, bispo de Jerusalém, irmão de Jesus, pode ter contado a Lucas muitos fatos interessantes sobre a vida inteira de Jesus.

Quando Paulo escreveu sua Primeira Carta a Timóteo, lá por 65 d.C., ou o Evangelho de Lucas ou o de Mateus já circulava entre as igrejas,

reconhecido como "Escritura", porquanto Paulo cita, como "Escrituras", as palavras — "Digno é o obreiro do seu salário" — 1 Tm 5:18, que não se encontram em parte alguma da Bíblia, salvo Mt 10:10 e Lc 10:7.

O "Problema dos Sinóticos"

Mateus, Marcos e Lucas são chamados Evangelhos Sinóticos, porque apresentam da vida de Cristo o mesmo ponto de vista geral, registrando, até certo ponto, os mesmos fatos, "A autoria deles, as relações de uns com outros e uma possível conexão com um original comum" é o que se chama "problema dos sinóticos". Pensam alguns que Marcos foi o primeiro Evangelho escrito, ampliado por Mateus, e que Lucas se utilizou de ambos. Outros opinam que Mateus escreveu primeiro e Marcos fez dele uma edição abreviada.

Não é necessário pensar que Mateus, Marcos ou Lucas fizeram citações um do outro, ou que de um modo qualquer se servisse um do escrito de outro. Os fatos da vida de Jesus e as Suas palavras foram repetidos oralmente durante anos pelos apóstolos e outras pessoas, e circulavam entre os cristãos. Eram a substância da pregação diária dos apóstolos. É provável que desde o princípio muitos desses fatos fossem escritos, alguns talvez de modo apenas fragmentário, outros de maneira mais completa. E quando Mateus, Marcos e Lucas escreveram seus Evangelhos, escolheram o que se prestava ao seu propósito, tirando-o do acervo de fatos, cujo conhecimento oral ou escrito era posse comum dos cristãos e entre eles circulava geralmente; de muitos desses fatos Mateus fora testemunha ocular, aos quais os próprios cristãos faziam referência milhares de vezes, falando a inúmeros auditórios.

Capítulo 1:1-4. Introdução

"Muitas narrações", v. 1, a respeito de Jesus já haviam aparecido. Lucas examinou todos os registros autênticos, cuidadosa e pacientemente, e consultou tòdas as "testemunhas oculares" e os primeiros companheiros de Jesus, que havia disponíveis, a fim de joeirar tudo e apresentar fatos verídicos.

"Exposição em ordem", v. 3; não necessariamente em ordem cronológica, embora que, na maior parte, nossa opinião é que ele obedece essa ordem.

"Teófilo", v. 3, a quem este Evangelho e o livro dos Atos são endereçados, ou dedicados. Pode ser que ele assumisse os compromissos da despesa da publicação do livro, mandando tirar cópias para muitas igrejas. Não se sabe quem foi. O adjetivo "excelentíssimo" indica tratar-se de um oficial romano de alta categoria. Talvez fosse um dos convertidos de Lucas, em Filipos ou Antioquia.

"A mim", v. 3. O autor não diz quem é. Mas este emprego, assim, do pronome pessoal mostra que os primeiros destinatários do livro sabiam quem era o autor. Desde o princípio e através de uma tradição constante é identificado com Lucas.

Capítulo 1:5-80. O Nascimento de João Batista

Só Mateus e Lucas falam do nascimento e infância de Jesus, sendo Lucas mais circunstanciado do que Mateus, narrando ambos diferentes incidentes.

Mateus	Lucas
A Genealogia, 1:1-17	O aviso a Zacarias, 1:5-25
O aviso a José, 1:18-25	O aviso a Maria, 1:26-38
A visita dos Magos, 2:1-12	Maria e Isabel, 1:39-56
A fuga para o Egito, 2:13-15	O nascimento de João, 1:57-80
A matança dos Meninos, 2:16-18	O nascimento de Jesus, 2:1-7
O regresso do Egito, 2:19-23	Os pastores, 2:8-20
	A apresentação, 2:21-38
	O regresso a Nazaré, 2:39

Ver o arranjo cronológico destes incidentes concatenados, em Lc 2:39.

Capítulo 1:5-25. O Anúncio a Zacarias

Aproximava-se o **EVENTO** para o qual convergiam todas as profecias do A.T., a saber, a chegada do Messias. A última declaração do A.T. falava da reaparição de Elias como Seu precursor, Ml 4:5-6. Aparece agora um anjo ao velho e piedoso sacerdote, e notifica-lhe que o seu filho, ainda por nascer, é aquele para quem a referida profecia apontava, v. 17. Foi assim que mais tarde Jesus interpretou essa passagem, Mt 11:14. João foi o Elias escolhido para apresentar o rei Messias.

A Expectação Geral do Messias

Josefo, Tácito e Suetônio declaram que havia expectação geral no Oriente, de que se avizinhava o tempo da aparição do Messias. Baseava-se, pelo menos em parte, na profecia das "70 semanas" de Daniel, Dn 9:24-27. O povo interpretava as 70 semanas como sendo 70 semanas de anos, isto é, 490 anos. O decreto da reconstrução de Jerusalém, a partir do qual elas seriam contadas, Dn 9:25, fora expedido em 458 a.C. Via-se, pois, que o tempo se completava.

O Esplendor do Sobrenatural

A intenção evidente dos evangelistas foi mostrar que o cristianismo tivera uma origem sobrenatural. Predito de longa data, não se consumou sem que do céu viesse o anúncio de estar próximo o evento dos séculos. Jesus nasceu de uma virgem. Seu precursor nasceu de uma mulher estéril e já fora de idade de conceber. Anjos anunciaram o fato a Zacarias, a Maria, a José e aos pastores; e livraram a criança de ser morta. Magos, de terras distantes, foram guiados sobrenaturalmente a prestar sua homenagem e a prover os meios para que o menino fugisse de Herodes. O Filho de Deus, o Filho de Davi, o Rei Eterno estava prestes a aparecer. Seria de estranhar se não tivesse havido nenhum sinal do sobrenatural.

Capítulo 1:26-38. O Anúncio a Maria

É o que comumente se chama Anunciação. O Messias nasceria na família de Davi. Depois deste haviam-se passado já mil anos e tinha havido milhares de famílias de descendência davídica. Deus passava a vista sobre todas elas, a fim de escolher uma pela qual seu Filho viesse ao mundo; ia deixando de parte as famílias notáveis dos arredores de Jerusalém, quando Seus olhos baixaram numa humilde mulher, de uma casa modesta, numa vila obscura das distantes colinas da Galiléia. Que mulher não devia

ser ela, para ser assim escolhida por Deus a fim de dar a natureza humana ao Seu Filho e modelá-la! E como não deve ter exultado em extremo o coração dela, diante da mensagem angélica, de que seria mãe do Rei divino dos séculos!

A Concepção Virginal

Pensa-se que Lucas conseguiu essa história do nascimento de Jesus diretamente de Maria. Mateus provavelmente conseguiu de José a sua. Jesus nasceu de uma virgem, segundo a declaração clara, explícita, inconfundível e insofismável de ambos. Desde os seus primórdios, em seqüência ininterrupta, foi isto sustentado pela Igreja como um princípio doutrinário, até surgir a crítica moderna. Se cremos na divindade de Jesus e em Sua ressurreição, que é que se ganha em descrer de Sua concepção virginal? A ressurreição é o maior de todos os milagres. Se não cremos nela, em que é que Jesus nos pode interessar afinal de contas? Mas se cremos, então por que fazer reparo nas outras partes da miraculosa história? A maneira sobrenatural como Ele saiu do mundo pressupõe uma entrada também sobrenatural. Afirmar que Jesus era filho ilegítimo é nada mais que proferir a mais sórdida blasfêmia.

Capítulo 1:39-56. A Visita de Maria a Isabel

Maria e Isabel eram parentas, 1:36. A cidade onde residia Isabel não é mencionada, dizendo-se apenas que ficava na região montanhosa de Judá, v. 39. Como era da tribo de Levi, 1:5, podia ser Hebrom, que era uma cidade levítica, Js 21:11. O cântico de ação de graças de Maria, vv. 46-55, chamado "Magnificat", assemelha-se ao de Ana, pelo nascimento de Samuel, 1 Sm 2:1-10. Em suas meditações, provavelmente ela formulou esses pensamentos muitas vezes até que tomaram a bela forma poética em que aparecem como seu ato de culto pessoal.

Maria ficou com Isabel durante três meses, v. 56, quando se completou o tempo de João nascer, v. 36. Depois voltou para Nazaré. Ver sôbre Mt 1:18-24.

Capítulo 1:57-80. Nasce João Batista

O nome dado ao menino e a profecia de seu pai encheram aquela região de expectação. Ver mais sobre Lc 3:1-20.

Capítulo 2:1-38. O Nascimento de Jesus

O que se diz nos capítulos 1 e 2 está omitido completamente nos outros Evangelhos, salvo a simples declaração em Mt 1:25-2:1 de que Jesus nasceu em Belém, e o registro do regresso à Galiléia, Mt 2:22-23.

Capítulo 2:1-5. O Alistamento de Quirino

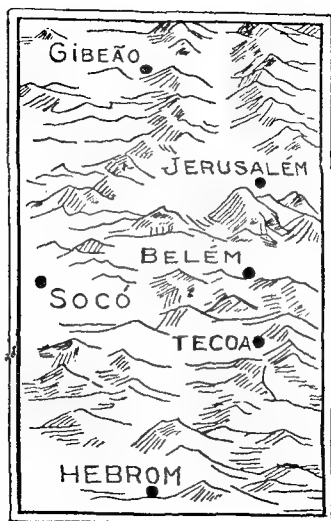
Foi um recenseamento do Império Romano. Os registros históricos romanos colocam o alistamento de Quirino em 7 d.C., 10 ou 12 anos depois do nascimento de Jesus. Esta discrepância histórica por muito tempo causou dor de cabeça aos estudantes da Bíblia. Mas recentemente encontraram-se antigos papiros e outras evidências por onde se sabe que Quirino foi **DUAS VEZES** governador da Síria. Lucas expressamente diz que esse foi "o pri-

meiro" recenseamento. Descobriu-se também que se exigia do povo fosse recensear-se em suas próprias cidades. A pá dos arqueólogos prossegue assim confirmando, nos mínimos detalhes, a exatidão histórica das declarações bíblicas, uma a uma.

Belém

O lugar onde Jesus nasceu era um centro de evocações históricas. Era a cidade de Davi. Ali estava sepultada Raquel. Fora domicílio de Rute. 24 km ao Sul ficava Hebrom, lugar de residência de Abraão, Isaque e Jacó. 16 km ao Noroeste estava Gibeão, onde Josué fizera o sol deter-se. 9 km ao Oeste ficava Socó, onde Davi matara Golias. 10 km ao Norte ficava Jerusalém, onde Abraão pagara dízimos a Melquisedeque, capital magnífica de Davi e Salomão, sede do trono de Davi durante 400 anos, cenário do ministério de Isaías e Jeremias, centro onde por longas eras se desenvolveu o esforço de Deus por Se revelar à humanidade.

Mapa 59

A Igreja da Natividade em Belém, o mais antigo templo da cristandade, foi construído primeiramente por Helena, mãe de Constantino, primeiro imperador cristão do império romano, 330 d.C. Há uma sala à semelhança de gruta, no subsolo do templo, que se diz ser a própria sala da manjedoura em que Jesus nasceu. Diz uma tradição que essa mesma sala pertenceu à casa ancestral de Davi, Boaz e Rute. Ver mais sobre Rute. Nessa sala Jerônimo, o latinista, levou 30 anos a traduzir a Bíblia para o Latim.

A Admirável Providência de Deus

O Messias deveria ser da família de Davi e nascer em Belém, Mq 5:2-5. Os que foram escolhidos para serem Seus pais viviam em Nazaré, 160 km de Belém. Um decreto de Roma imperial exige que eles vão a Belém, justamente quando a criança está nos dias de nascer. E assim Deus fez que o decreto de um império pagão fosse o meio pelo qual se cumprissem as Suas profecias.

Capítulo 2:6-7. Nascido numa Manjedoura

A palavra traduzida "hospedaria" pode significar um lugar de alojamento coletivo, ou o quarto de hóspedes contíguo a uma casa particular. Pensa-se que no presente caso tinha esta última significação, sendo provavelmente a casa de um parente deles, de linhagem davídica, a mesma "casa" aonde mais adiante chegaram os magos, Mt 2:11. A jornada de 160 km desde Nazaré, a pé ou em lombo de burro, para uma mulher em dias de dar à luz, deve ter sido longa e penosa. Já estando cheio o quarto de hóspedes, ocupado por pessoas que chegaram antes, tiveram temporariamente de alojar-se no estábulo. Chegando o momento sagrado, o Filho de Deus teve

por berço um cocho dos animais. Como isso ilustra "a simpatia divina pela dura sorte dos pobres" e o Seu "desdém pelo esplendor humano"! Depois que os pastores vieram e contaram sua história, sem dúvida a casa ofereceu a José e Maria o que tinha de melhor.

Capítulo 2:8-20. Os Pastôres

O tradicional "Campo dos Pastores", onde os coros angélicos entoaram os aleluias da natividade do novo rei da terra, fica a uns 1.200 m de Belém. Ver nota e foto sobre o livro de Rute.

O Natal de Jesus

Celebra-se atualmente a 25 de dezembro. Nada há na Bíblia que indique essa data. Apareceu primeiro no Ocidente, como dia do nascimento de Jesus, no 4.º Século. No Oriente é o dia 6 de janeiro.

Gabriel

Gabriel era o nome do príncipe angélico enviado do céu a fim de fazer os preparativos para a chegada do Filho de Deus, Lc 1:19,26. Presumimos que foi ele o anjo que, com a milícia celestial, apareceu aos pastores, 2:9,13. E também o que fora enviado a José, Mt 1:24, e dirigiu a fuga para o Egito, Mt 2:13,19. Dera a Daniel a profecia das setenta semanas, Dn 9:21. Como estava ele interessado na redenção humana! E como apreciaremos conhecê-lo, quando chegarmos ao céu!

Capítulo 2:21-38. A Circuncisão e Apresentação de Jesus

O fato de oferecerem duas pombas, em vez de um cordeiro e uma pomba, indica que José e Maria eram pobres, Lv 12:8.

Capítulo 2:39. O Regresso a Nazaré

Lucas neste ponto passa direto da apresentação no Templo ao regresso a Nazaré, omitindo os fatos registrados em Mt 2:1-21, a visita dos magos, a fuga para o Egito, a matança dos meninos e a volta do Egito.

Cronologia do Nascimento e Infância de Jesus

Marcos e João não dizem nada sobre o nascimento e a infância de Jesus. Mateus e Lucas registram incidentes diferentes, ver sobre Lc 1:5-80. Harmonizá-los e colocá-los em seqüência cronológica exata não é fácil. Vão aqui datas aproximadas e prováveis:

5 a.C.	O Anúncio a Zacarias	Lc 1:5-25
6 meses depois	O Anúncio a Maria	Lc 1:26-38
	A Visita de Maria a Isabel	Lc 1:39-56
3 meses depois	Maria Regressa a Nazaré	Lc 1:56
	O Anúncio a José	Mt 1:18-24
	O Nascimento de João Batista	Lc 1:57-80
	O Nascimento de Jesus	Mt. 1:25; Lc 2:1-7
	O Anúncio aos Pastores	Lc 2:8-20
8 dias depois	A Circuncisão de Jesus	Lc 2:21
32 dias depois	A Apresentação de Jesus	Lc 2:22-38
3 a.C.	A Visita dos Magos	Mt 2:1-12
	A Fuga para o Egito	Mt 2:13-15
	A Matança dos Meninos	Mt 2:16-18
2 a.C.	O Regresso a Nazaré	Lc 2:39; Mt 2:19-23

Por Que Cristo Nasceu 4 Anos "antes de Cristo"

Quando Cristo nasceu contava-se o tempo no império romano a partir da fundação da cidade de Roma. Quando o cristianismo se tornou religião universal do que, até então, fora mundo romano, um monge chamado Dionísio Exíguo, a pedido do imperador Justiniano, fez um calendário, em 526 d.C., computando o tempo a partir do nascimento de Cristo, em substituição do calendário romano. Muito tempo depois que o calendário cristão substituíra o romano, verificou-se que Dionísio cometera um engano em colocar o nascimento de Cristo no ano 753 (Da Fundação de Roma). Deveria ter sido 749 ou um ano ou dois mais cedo. Assim, a razão de dizermos que Cristo nasceu em 4 a.C. está somente nisto: quem fez o calendário cristão cometeu um engano de 4 ou 5 anos, na coordenação dele com o calendário romano substituído.

Capítulo 2:40. A Infância de Jesus

Os primeiros poucos meses, passou-os em Belém. Depois, um ano ou dois no Egito. Após isto morava em Nazaré. O incidente no Templo indica que Ele era um menino notavelmente precoce. Contudo, de Sua infância a Bíblia diz pouco. Os Evangelhos Apócrifos estão cheios de fábulas ridículas, acerca de milagres que, conforme dizem, Jesus operou quando criança. São de todo inautênticos. A Bíblia diz que o milagre de Caná foi o primeiro, Jo 2:11. Segundo se entende comumente (ver nota sobre Mt 1:18-25) Jesus foi o mais velho de uma família de sete filhos. Eram pobres. Daí inferirmos que logo cedo Ele assumiu responsabilidades. Quanto desejaríamos ter uma idéia do que foi sua vida no lar! Como o Filho de Deus, criança que se desenvolvia, enfrentava diariamente as irritações comuns de tal situação!

A Educação de Jesus

Jesus teve uma mãe devota e sensata, que desde a mais tenra idade lhe ensinou as histórias e os preceitos do A.T. Depois, havia escolas anexas às sinagogas, nas quais os meninos aprendiam as Escrituras do A.T. e os escritos rabínicos. Depois dos 12 anos deve ter visitado Jerusalém regularmente, pelo menos três vezes ao ano nas grandes festas; sem dúvida, logo cedo, a pompa pervertida, a corrupção manifesta e a total impiedade da hierarquia que dominava em nome de Deus, chocaram-No, enchendo-O

de santo zelo por lhes dar fim. Outrossim, à proporção que Se educava, devia ir surgindo nEle, gradualmente, o conhecimento que tivera antes da encarnação.

Capítulo 2:41-50. Sua Visita a Jerusalém

Tinha 12 anos. Pensa-se ter sido esta a primeira vez que foi a Jerusalém. Tanto Se interessou e Se deixou absorver pelas alocuções dos mestres que não deu pela falta dos pais durante três dias, depois que se foram. E os pais não notaram a falta dEle no grupo de caravaneiros durante um dia inteiro, senão quando à noite chegaram ao lugar de pousada. Devia ser um grupo bem grande, a se estender pela estrada a fora. Os pais estavam certos que o seu menino, que sabia o que fazia, estava em alguma parte do grupo e que era muito capaz de cuidar de Si; assim pensaram até por volta da tarde.

O conhecimento que Jesus tinha do A.T., v. 47. Naquele tempo o A.T. constituía a Palavra de Deus escrita. Jesus amava-a. Ver sobre Lc 11:27-28. Sua familiaridade com ela, na idade de 12 anos, espantou os grandes teólogos do Templo. Jesus vivia por ela. Usou-a para resistir ao tentador, Mt 4:4,7,10. Foi à cruz para cumpri-la, Mt 26:54. Suas palavras ao morrer foram citações dela, Mt 27:46. Aos escritos do A.T. foram acrescentados outros, chamados N.T., que giram em torno da vida do próprio Jesus. Se a parte que Jesus tinha de nossa Bíblia era-Lhe tão cara, mil vezes mais caro para nós deve ser o que temos hoje. Entretanto, a negligência generalizada da Bíblia por parte do povo cristão é de estarrecer.

"Na casa de meu Pai", v. 49. "Tratar dos negócios de meu Pai" (Alm. ant.). Essa resposta embaraçou Sua mãe. Provavelmente ela ainda não Lhe havia falado sobre como Ele viera ao mundo. Acabara de chamar José seu "pai", v. 48. Com essa resposta, chamando Deus "meu Pai", é possível que levasse Maria a suspeitar que Ele já estava a par do seu segredo.

Capítulo 2:51-52. O Silêncio de 18 Anos

Como gostaríamos de saber algo da vida de Jesus, dos 12 aos 30 anos. Deus, entretanto, em Sua sabedoria, cobriu-a com um véu.

O Idioma Falado na Galiléia

O aramaico era a linguagem comum do povo. Era, pois, a língua que Jesus falava. Aprendeu o hebraico, a língua das Escrituras do A.T. e de Seu povo. Devia conhecer o grego, visto ser a língua de grande parte da população e idioma universal na época. Jesus estava familiarizado com o A.T., tanto em hebraico como na versão Septuaginta. Sua própria linguagem é esplêndida.

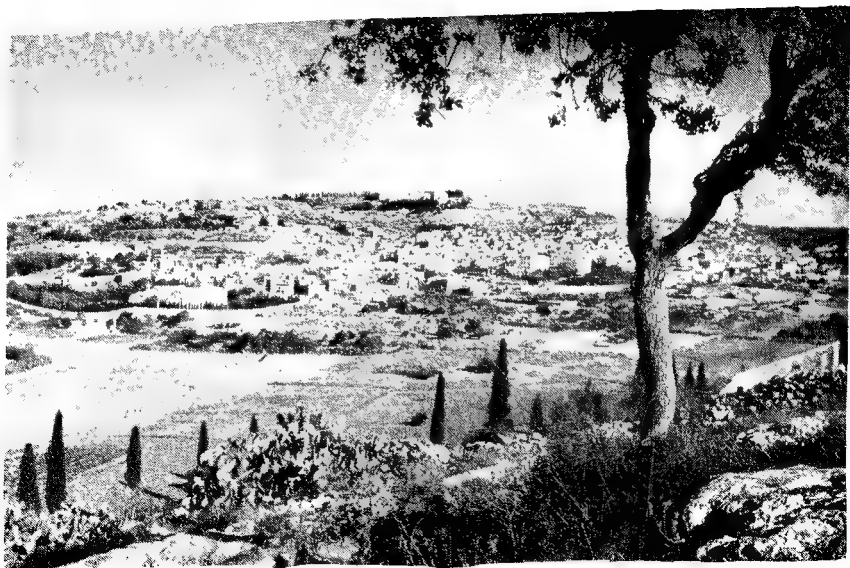
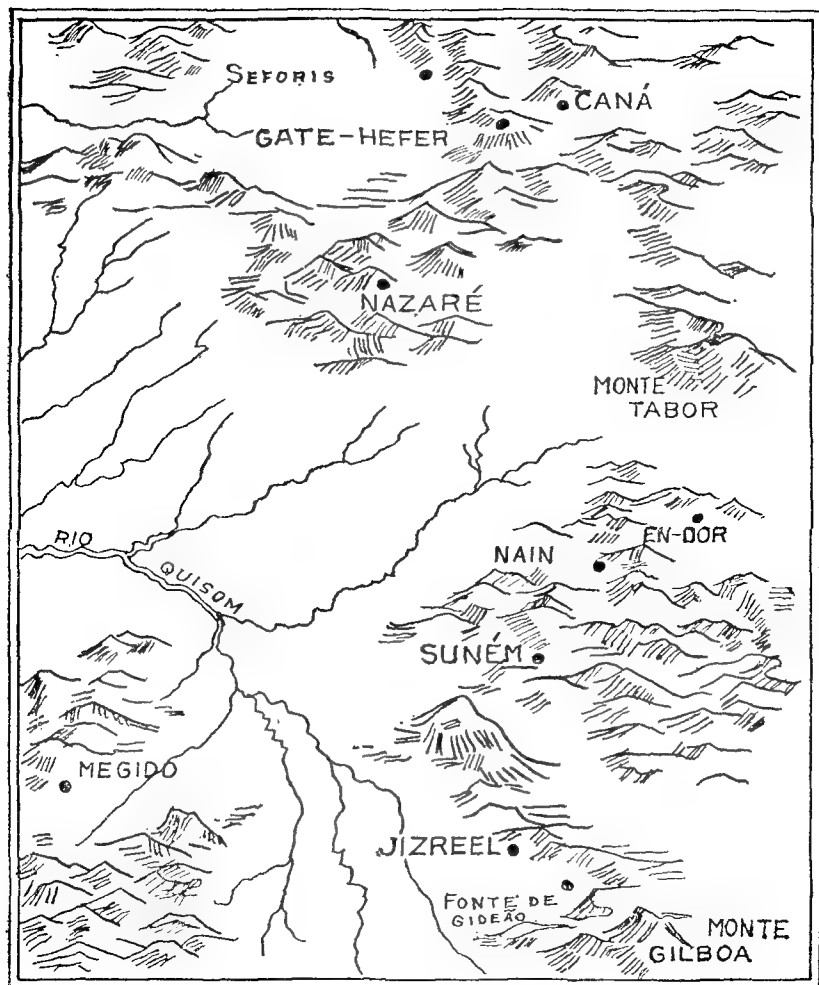



Fig. 73. Nazaré
(Cortesia do ©Matson Photo)

Nazaré

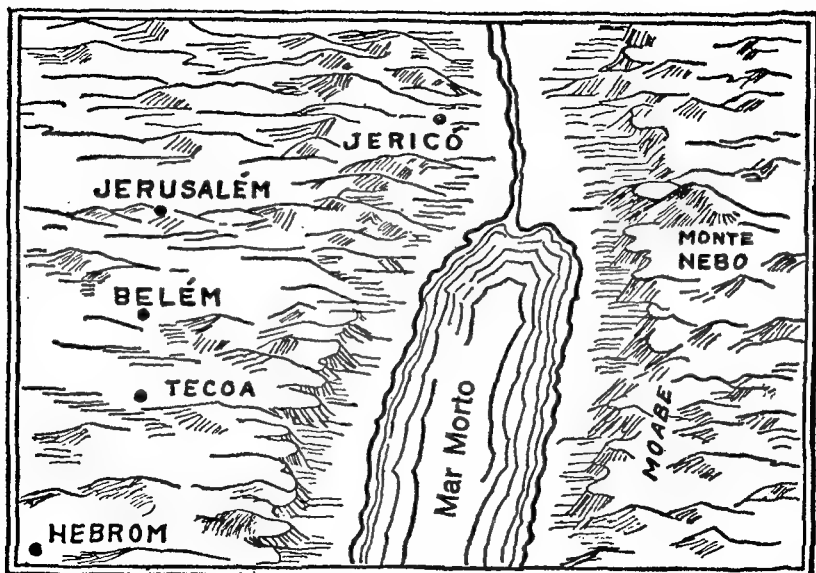
Situada numa depressão da encosta meridional de um monte, 380 m acima do nível do mar. Do cume desse monte, dez minutos de escalada, descortina-se incomparável vista da Galiléia. Ao Norte, belo panorama de montes e vales férteis, pontilhados de prósperas cidades, o Hermom de pico nevado ao longe. Perto, 5 km de distância, ficava Gate-Héfer, a velha cidade de Jonas. Ao Sul, a planície de Esdraelom estendendo-se do Jordão ao Mediterrâneo, cenário principal da luta outrora de Israel pela existência. Dezesseis km ao Oeste de Nazaré, bem à vista, ficava o Monte Carmelo, onde Elias, em sua contenda com Baal, chamara fogo do céu. Ao Sudoeste, cerca da mesma distância, o passo de Armagedom, famoso campo de batalha das nações, que sugeriu a Jesus o nome da grande batalha final dos séculos, em que Ele mesmo levará os Seus à vitória. Ao Sul de Nazaré, 13 km apenas, ficava Suném, onde Eliseu ressuscitou o filho da sunamita. Por perto ficava a fonte de Harode, onde Gideão e os seus 300 puseram os midianitas em fuga. E Jizreel, onde a infame Jezabel encontrou seu fim trágico. E o Monte Gilboa, onde o rei Saul foi morto pelos filisteus. E Endor, onde a feiticeira invocou o espírito de Samuel. O Rio Quisom, onde Débora e Baraque submeteram os cananeus. Tudo isto estava bem à vista do cume do Monte de Nazaré. Que local para evocações históricas! Podemos imaginar que Jesus muitas vezes subia o monte e meditava profundamente na história que se desenrolara para trazê-Lo ao mundo.

Mapa 60

Capítulo 3:1-20. João Batista

A pregação de João é contada nos quatro Evangelhos, Mt 3:1-12; Mc 1:1-8; Jo 1:6-8,19-28. Lucas é o mais circunstanciado de todos.

A história da infância e mocidade de João é resumida numa única frase, 1:80. Evitava morar em sociedade e vivia na solidão da região selvagem e descampada ao Oeste do Mar Morto.

Sabia desde menino que o Evento dos séculos estava próximo, e que nascera para anunciar sua chegada.

Nasceu na cidade de Abraão, fundador da nação cuja finalidade era trazer à luz o Messias; cresceu vendo todos os dias o Monte Nebo, de cujas alturas Moisés divisara, com olhos saudosos, a Terra Prometida, e

Mapa 61

falara do Messias também prometido; este monte dominava o Jordão, no ponto atravessado por Josué e Jericó, cujos muros ruíram ao buzinar do mesmo; vivia na mesma região onde Amós apascentara seus rebanhos e sonhara com o Rei davídico vindouro que governaria as nações; visitava amiúde o ribeiro de Querite, onde Elias fora alimentado pelos corvos; meditava profundamente na História que estava se encaminhando para o seu clímax, e aguardava a chamada de Deus.

Sabendo que seria o Elias profetizado, 1:17; Mt 11:14; 17:10-13; Ml 4:5 (não Elias em pessoa, Jo 1:21), de propósito, talvez, copiou os hábitos e a maneira de trajar daquele profeta.

Alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre, Mt 3:4. Aqueles, desde os primitivos tempos que se usam como alimento. Assam-se, ou secam-se ao sol, e se comem como grãos tostados. Dizem que têm o sabor de camarão.

Quando João tinha 30 anos foi chamado. A nação, gemendo sob as crueldades da servidão romana, ficou eletrizada com a voz estentórea desse eremita esquisito, rude e corajoso, a bradar das ribanceiras do Jordão que o Libertador, de há muito vaticinado, estava às portas.

O local de suas pregações era o baixo Jordão, defronte de Jericó, numa das principais encruzilhadas da região e uma das principais vias de acesso a Jerusalém. Ver Mapa sobre Mt 3:13-17.

A ênfase de seus brados era "arrependei-vos". Suas pregações obtiveram imenso êxito popular. O país inteiro foi sacudido nos seus alicerces. Grandes multidões vinham ao seu batismo, Mt 3:5. Até Herodes ouviu-o com alegria, Mc 6:20. Diz Josefo que João "tinha grande influência sobre o povo, que parecia pronto a fazer o que ele aconselhasse."

Aos que se confessavam arrependidos, pedia que se submetessem ao batismo, que foi uma introdução à bela cerimônia do batismo cristão.

No auge de sua popularidade, batizou Jesus e proclamou-O Messias. Depois, cumprida a sua missão, com presteza se retirou da cena. Despertara a nação de sua letargia e apresentara-lhe o Filho de Deus. Estava feita a sua obra.

No entanto, continuou pregando e batizando por poucos meses, quando se mudou para Enom, na direção do Norte, Jo 3:23. Ver Mapa sobre Mt 3:13-17.

Cerca de um ano depois que batizou Jesus, Herodes prendeu a João, para satisfazer ao capricho de uma mulher perversa, Mt 14:1-5. Foi isto ao encerrar-se o primeiro ministério de Jesus na Judéia, dezembro, Mt 4:12; Jo 3:22; 4:35.

Não se menciona o lugar em que ficou detido, mas supõe-se que foi ou Maquero, a Leste do Mar Morto, ou Tiberias, na praia ocidental do Mar da Galiléia; em ambos os lugares Herodes tinha residência. Foi decapitado mais ou menos pela segunda Páscoa que se seguiu, Mt 14:12-13; Jo 6:4.

Não atinamos com a razão da dúvida de João, Mt 11:3. Dera um testemunho positivo e de muita fé acerca de ser Jesus o Cordeiro de Deus e o Filho de Deus, Jo 1:29-34. Mas agora, posto a cismar atrás das paredes do cárcere, estava confuso. Jesus não estava fazendo o que ele julgava que o Messias fizesse. Evidentemente, comungava a idéia popular de um reino Messiânico de caráter político. Deus não lhe revelara tudo com relação à natureza do reino. Mesmo os doze demoraram a aprender isso, e não o compreenderam senão depois da ressurreição. Ver sobre Mt 10.

Admitindo que João começou Seu ministério pouco antes de batizar Jesus, provavelmente no verão de 29 d.C., o mesmo durou cerca de um ano e meio, ou menos. 30 anos de isolamento. Ano e meio, ou menos, de pregação pública. Um ano e 4 meses na prisão. Depois cerrou-se a cortina. Temos aí breve sumário da vida do homem que introduziu em cena o Salvador do mundo, e de quem Jesus disse ter sido maior que qualquer outro, Mt 11:11. João não operou milagres, Jo 10:41.

Cap. 3:21-22. Jesus é Batizado. Ver sobre Mt 3:13-17.
Cap. 3:23-38. Genealogia de Jesus. Ver sobre Mt 1:1-17.

Capítulo 4:1-13. A Tentação dos Quarenta Dias

Ver nota sobre Mt 4:1-11. Em todas as três narrativas de Mateus, Marcos e Lucas declara-se que foi Satanás quem tentou Jesus.

SATANÁS

Jesus declarou muita coisa a respeito de Satanás:

Chamou-o "o inimigo", Mt 13:39.
"O maligno", Mt 13:38.
"Príncipe deste mundo", Jo 12:31; 14:30.
"Mentiroso" e "pai da mentira", Jo 8:44.
"Homicida", Jo 8:44.
Disse tê-lo visto "cair do céu", Lc 10:18.
Que tem um "reino", Mt 12:26.

Que os malignos são seus filhos, Mt 13:38.
Que ele "semeou joio no meio do trigal", Mt 13:38,39.
Que "arrebata a Palavra aos ouvintes", Mt 13:19; Mc 4:15; Lc 8:12.
Que "trazia presa uma mulher por 18 anos", Lc 13:16.
Que "reclamou" Pedro, Lc 22:31.
Que tem "anjos", Mt 25:41.
Que "fogo eterno" está preparado para ele, Mt 25:41.

A Bíblia apresenta Satanás como:

"O Tentador", Mt 4:3.
"Príncipe dos demônios", Mt 12:24; Mc 3:22; Lc 11:15.
"Causa da possessão demoníaca", Mt 12:22-29; Lc 11:14-23.
Quem pôs a traição no coração de Judas, Jo 13:2,27.
Pervertedor da Escritura, Mt 4:4; Lc 4:10,11.
"Deus deste mundo", 2 Co 4:4.
"Príncipe das potestades do ar", Ef 2:2.
Que "se transforma em anjo de luz", 2 Co 11:14.
Nosso "adversário", 1 Pe 5:8.
Enganador do mundo inteiro, Ap 12:9; 20:3,8,10.
"Grande dragão", "serpente antiga", Ap 12:9; 20:2.
Sedutor de Adão e Eva, Gn 3:1-20.
Que foge, quando resistido, Tg 4:7.
Que causou o "espinho na carne" de Paulo, 2 Co 12:7.
Que embaraçou os planos missionários desse apóstolo, 1 Ts 2:18.
Fez Ananias mentir, At 5:3.
E tem os gentios sob o seu poder, At 26:18.
Cega a mente dos incrédulos, 2 Co 4:4.
Os falsos mestres são sinagoga sua, Ap 2:9; 3:9.
Pode operar falsos milagres, 2 Ts 2:9.
O espírito que promove a "apostasia", 2 Ts 2:9.
O leão que ruge, e procura devorar os crentes, 1 Pe 5:8.
É vencido pela fé, 1 Pe 5:9.
Astucioso, Ef 6:11.
O espírito que opera nos desobedientes, Ef 2:2.
Incitou Davi a pecar, 1 Cr 21:1.
Causou as tribulações de Jó, Jó 1:7-2:10.
Foi adversário de Josué, Zc 3:1-9.
Alcança vantagem sobre os crentes, 2 Co 2:11.
Os maus são seus filhos, 1 Jo 3:8,10.

Existe realmente o diabo? A linguagem de Jesus indica certamente Sua crença na existência de um diabo pessoal. Ele sabia de que estava falando. Sabia muitas coisas a respeito do mundo invisível, das quais nada sabemos. Se Ele apenas Se acomodava ao erro do povo, Suas palavras de modo algum seriam a revelação da verdade, porquanto quem, afinal, pode discernir entre a verdade pura que Ele visava ensinar e o erro a que Se referia como se fosse verdade? Lutou contra tantos conceitos errados, que não poderia apoiar tacitamente uma doutrina falsa.

O MINISTÉRIO DA GALILÉIA, 4:14 a 9:51

Lucas não dedica tanto espaço ao ministério da Galiléia como fazem Mateus e Marcos. Ver notas sôbre Mt 4:12 e Mc 1:14.

Capítulo 4:14-15. Jesus Começa o Ministério da Galiléia

Lucas, como Mateus e Marcos, omite inteiramente os fatos do ano decorrido entre a tentação de Jesus e o início do ministério da Galiléia, fatos que João cita, Jo 1:19 a 4:54. Ver sobre Mc 1:14-15.

Capítulo 4:16-30. Jesus é Rejeitado em Nazaré

Parece que foi esta a primeira vez que voltou a Nazaré, depois de Seu batismo, fazia mais de um ano. Tanto quanto sabemos, passou esse intervalo no deserto, em Caná, em Cafarnaum e na Judéia, Jo 2:1,12; 4:46.

Maravilhavam-se da graça, do magnetismo e da força evidente de Sua personalidade quando falava, e ficaram espantados. Dificilmente acreditavam tratar-se de humilde conterrâneo seu. Aliás, naquela cidadezinha Jesus vivera tão quietamente, sendo de família tão humilde, que a congregação na sinagoga mal O reconheceu, v. 22. O ponto a sublinhar na referência feita a Elias e Eliseu é que foram enviados a gentios, não a israelitas, — e isto apontava para a missão de Jesus. Isto e mais os milagres operados noutras cidades, e não naquela, tanto ofenderam o bairrismo deles que se encheram de furor e quiseram matá-Lo. A beira do monte, de onde tentaram arrojá-Lo e despedaçá-Lo em baixo, pode-se ver à direita da foto sobre Lc 2:51-52.

Cap. 4:1-37. A Cura de um Endemoninhado. Ver sobre Mc 1:21-28.
Cap. 4:38-39. A Sogra de Pedro. Ver sobre Mc 1:29-31.
Cap. 4:40-41. Multidões Curadas. Ver sobre Mc 1:32-34.
Cap. 4:42. Jesus Se Afasta para Orar. Ver sobre Mc 1:38-39.
Cap. 4:43-44. Viagens em Redor. Ver sobre Mc 1:38-39.
Cap. 5:1-11. A Chamada de Pedro, Tiago e João. Ver sobre Mc 1:16-20.
Cap. 5:12-16. Purificado um Leproso. Ver sobre Mc 1:40-45.
Cap. 5:17-26. Curado um Paralítico. Ver sobre Mc 2:1-12.
Cap. 5:27-32. A Chamada de Levi (Mateus). Ver sobre Mt 9:9.
Cap. 5:33-39. A Pergunta sobre o Jejum. Ver sobre Mc 2:18-22.
Cap. 6:1-11. Comendo e Curando no Sábado. Ver sobre Mc 2:23.

Capítulo 6:12-19. A Escolha dos Doze

A esses homens Jesus confiou a continuação da Sua obra. Naturalmente, sabia que Ele mesmo, do céu, mediante Seu Espírito, os dirigiria e ajudaria. Apesar disto, era preciso levar em conta as características e os talentos naturais de cada um deles. E antes de fazer a escolha final, Jesus passou toda a noite em oração.

Depois de dois anos de preparação e treinamento (ver sobre Mt 10), enviou-os como Suas "testemunhas até aos confins da terra". O N.T. conta só um pouco do trabalho deles — na Palestina, Ásia Menor, Grécia e Roma — e quase que só menciona Pedro, João e Paulo.

Talvez os doze tivessem acertado antes os diferentes rumos que iam tomar. Ou pode ser que cada um fosse dirigido na escolha do destino que melhor lhe parecesse. Durante certo tempo saíram aos pares. Sem dúvida, cada qual visitava a obra de outros, ajudando a confirmar as igrejas em toda a parte.

Paulo, cerca de 62 d.C., disse em Cl 1:23 que o Evangelho fora "pregado a toda criatura debaixo do céu". Dentro de 30 anos a história de Cristo foi contada a todo o mundo então conhecido.

Rezam tradições, variantes e incertas, que a maior parte dos doze selou seu testemunho a Cristo com o martírio.

A escolha de Jesus e o adestramento dos doze tiveram esplêndido êxito, mesmo havendo um traidor no grupo.

Capítulo 6:20-49. O Sermão do Monte

Admite-se geralmente que este é um resumo do mesmo sermão registrado em Mt caps. 5, 6, 7. Em Mt 5:1 se diz que ele "subiu ao monte e assentou-se". Em Lc 6:17: "descendo com eles, parou numa planura", isto é, desceu de um lugar mais alto. Pode ter feito as duas coisas, visto que os fatos envolvidos tomaram tempo considerável.

Os dois registros são algo diferentes. Não temos certeza se se trata de dois registros diferentes do mesmo sermão, ou se é substancialmente o mesmo sermão, pronunciado em ocasiões diferentes. Jesus ensinava, continuamente, e é provável que Ele proferisse algumas destas palavras sob variadas formas, centenas de vezes. Pode ser isto, então, uma coletânia de Suas expressões costumeiras, uma espécie de sumário dos Seus principais ensinos. Sua beleza literária, assim como seu ensino incomparável, não tem igual na literatura.

Cap. 6:20-26. As Bem-aventuranças. Ver sobre Mt 5:1-12.

Capítulo 6:27-38. A Regra Áurea

Temos aqui uma espécie de condensação da matéria de Mt 5 e 7. Alguns dos ensinos de Jesus, como amar o próximo tanto quanto a nós mesmos, amar os nossos inimigos, fazer aos outros o que desejamos que no façam, ficam de tal modo acima de nossa natureza egoísta que nos habituamos a escusar-nos de sequer tentar viver esses ensinos, dizendo, com os nossos botões, que Jesus decerto sabia que estava pondo diante de nós ideais impraticáveis e impossíveis.

Entretanto, Jesus viveu esses ensinos e ensinou inequivocamente que devemos abster-nos de ressentimentos, qualquer que seja a maneira pela qual nos maltratem; e não só isso, mas que devemos de fato procurar o bem daqueles que procuram prejudicar-nos, amar os que nos odeiam. Impossível? Até certo ponto, por uma rigorosíssima auto-disciplina, e com o auxílio gracioso de Deus, é possível amar aqueles que nos odeiam.

A prática da Regra Áurea, mesmo em pequena escala, faz-nos felizes, ajuda-nos em nossos negócios e em todas as relações da vida. É o que de mais prático existe neste mundo. Servindo aos outros, servimos a nós mesmos. Experimente-se e veja-se. O povo gosta de tratar com aqueles que crêem na Regra Áurea e a praticam.

A Regra Áurea não oferece base suficiente para isenção do serviço militar. Jesus falava a INDIVÍDUOS, não a governos. Os governos são ordenados por Deus, Rm 13:1-7, 1 Pe 2:13-17. Os elementos criminosos têm de ser supressos à força. Jesus declarou expressamente que o Seu reino podia existir dentro do reino de César, Mt 22:21. O primeiro gentio a ser admitido na Igreja foi um soldado romano, At 10:1. Não se lhe exigiu que renunciasse ao serviço militar. Um juiz, um policial, ou um militar, pode, no seu próprio coração e na sua própria vida, praticar os princípios da Regra Áurea, até onde o possa fazer como indivíduo, enquanto que como oficial da lei ou do governo deve seguir rigorosamente as regras da justiça.

Os governos, em certos respeitos e até certo limite, podem observar a Regra Áurea. Mas se não se recorrer à força, teremos anarquia, carta branca para homicidas, ladrões, violadores da honra alheia e todo outro crime vil. Tenhamos idéias certas sobre este ponto. Por mais que detestemos a guerra, um cristão não é de modo algum elogiável se se prevalece da Regra Áurea para deixar que os outros lutem para lhe preservar a liberdade.

Capítulo 6:39-45. Julgando ao Irmão

As palavras e a conduta de uma pessoa são índice certo do seu caráter. Todavia, não devemos ser demasiadamente críticos dela, para não suceder que façamos um juízo errado a seu respeito. Demais disto, nós mesmos costumamos ser culpados daquilo que condenamos nos outros.

Capítulo 6:46-49. Construindo na Rocha ou na Areia

Palavras como estas, e há abundância delas, deixam bem patente que Jesus quer ser tomado a sério. Vai chegar um dia de triste desilusão para muitos que fazem profissão fácil do nome de Cristo, Mt. 7:22-23. Praticar em nossas vidas o que Jesus ensinou, é aquilo que tem valor real, afinal de contas.

Capítulo 7:1-10. O Servo do Centurião

Também se conta em Mt 8:5-13. O Centurião era um oficial romano encarregado de cem soldados. Naquela época já fazia uns cem anos que a Palestina estava sob o domínio de Roma. Muitos dos oficiais romanos, loteados na Palestina, eram brutais e desprezados. Alguns, porém, por influência da religião judaica, eram bons homens. O primeiro gentio a ser recebido na Igreja foi um centurião, de nome Cornélio, At 10.

O centurião do presente caso construíra em Cafarnaum para os judeus a sua sinagoga, v. 5. Nesta mesma sinagoga Jesus muitas vezes ensinou, e curou o endemoninhado, Mc 1:21-23. Em 1905 uma expedição alemã descobriu as ruínas de uma sinagoga que parecia ter sido construída no 4.º

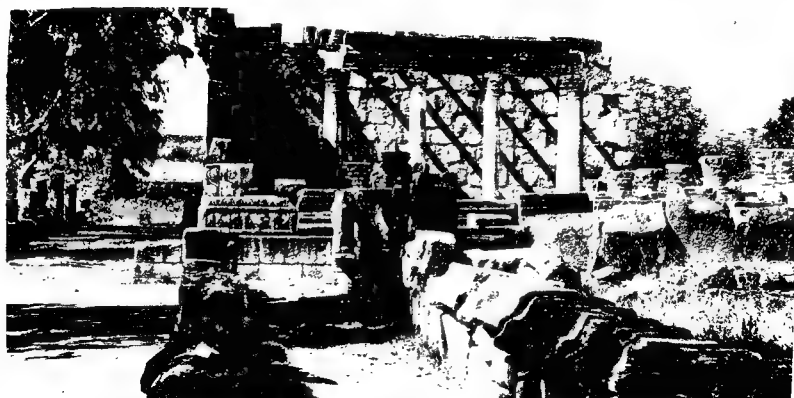



Fig. 74. **Restos duma sinagoga em Cafarnaum, que pode ocupar a mesma área da sinagoga onde Jesus ensinava.** (Cortesia da Broadman Press)

Século d.C. e debaixo dela o piso de outra mais velha, que se presume ter sido exatamente aquela em que Jesus ensinava, Mc 1:21; Lc 7:5. Junto à parede ocidental estão os assentos de pedra, onde os escribas e fariseus se sentavam. O púlpito ficava na extremidade norte. Pode-se ver quase o lugar exato onde o Senhor ficava de pé.

Capítulo 7:11-17. Ressuscita o Filho da Viúva de Naim

Foi esta uma das três ressurreições operadas por Jesus. Ver Mc 5:22 e Jo 11:1. Jesus pode ter ressuscitado outros, Lc 7:22. Ele comissionou os doze a ressuscitar os mortos, Mt 10:8.

Cap. 7:18-35. Os Mensageiros de João. Ver sobre Mt 11:1-19

Capítulo 7:36-50. A Mulher Pecadora

Não há a menor base para se identificar esta mulher com Maria Madalena, ou com Maria de Betânia. Esta unção **NÃO** foi a mesma que houve em Betânia (Jo 12:1-8). Esta mulher, muito conhecida na cidade por sua má reputação, v. 37, era provavelmente uma das meretrizes que se converteram fosse por João Batista, fosse por Jesus, Mt 21:31-32, e agora, profundamente envergonhada, arrependida e humilhada, vinha protestar francamente sua gratidão a Jesus. Foi na casa de um fariseu. Um banquete no Oriente era mais ou menos aberto ao público. Jesus, meio reclinado num divã, Seu rosto voltado para a mesa, Seus joelhos dobrados, foi acessível à mulher aproximar-se. Chorando, beijando-lhe os pés, banhando-os com o rico perfume e enxugando com os seus cabelos as lágrimas que caíam — a nós, os respeitáveis que somos, ela faz que nos envergonhemos, assim inclinada, em inteira humildade e adoração reconhecida aos pés do seu Senhor.

Jesus tinha maneiras muito delicadas com mulheres que haviam errado (Jo 4:18; 8:11). Todavia, ninguém nunca Lhe atribuiu motivos duvidosos, Jo 4:27. Ver mais sobre Lc 15.

Capítulo 8:1-3. As Mulheres

Nomeiam-se três, além de "muitas outras". Nada mais se sabe de Susana. Joana era a mulher do procurador de Herodes, oficial do palácio real. Ela pertencia ao grupo dos amigos mais íntimos de Jesus. Estava entre aquelas que foram ao túmulo, Lc 24:10.

Maria Madalena

Maria Madalena era a mais proeminente daquelas mulheres, líder notável entre elas. É mencionada mais do que outra qualquer, e comumente em primeiro lugar: Mt 27:56,61; 28:1; Mc 15:40,47; 16:1,9; Lc 8:2; 24:10; Jo 19:25; 20:1,18. Foi a que primeiro Jesus apareceu depois de ressurgir. O fato de ser nomeada entre as que "prestavam assistência com os seus bens", v. 3, sugere que era mulher de algumas posses. O ter sido curada de "sete demônios", v. 2, não quer dizer que fosse depravada. Os demônios causavam doenças e mazelas de várias espécies (ver sobre Mc 5:1-20), mas em parte alguma isso se relaciona com a imoralidade humana. Inquestionavelmente, era uma mulher de caráter inatacável. Ela **NÃO** foi a pecadora do capítulo precedente.

Pode ser recomendável que nós, humanos, façamos entre nós mesmos distinção entre pecados respeitáveis e pecados grosseiros, e estigmatizemos

aquelas pessoas culpadas de certas modalidades de pecados vulgares. Assim procedendo, podemos ajudar a salvar nossa sociedade humana da completa ruína. Mas, para Deus, todo pecado é pecado. E, sem dúvida, a Deus tanto custa perdoar nossos pecados decentes como aqueles que atraem sobre o pecador a maldição da sociedade. Uma prostituta ter seus pecados perdoados, e ser aceita na companhia dos salvos é uma coisa, mas seria outra bem diferente colocar logo tal pessoa à frente de uma obra religiosa.

Cap. 8:4-18. A Parábola do Semeador. Ver sobre Mt 13:1-23.

Cap. 8:19-21. A Mãe e os Irmãos de Jesus. Ver sobre Mt 12:46-50.

Cap. 8:22-25. A Tempestade é Acalmada. Ver sobre Mc 4:35-41.

Cap. 8:26-39. O Endemoninhado Geraseno. Ver sobre Mc 5:1-20.

Cap. 8:40-56. A Filha de Jairo é Ressuscitada. Também se conta em Mt 9:18-26; Mc 5:22-43. Três vezes Jesus ressuscitou mortos. Ver sobre Lc 7:11-17 e Jo 11.

Cap. 9:1-6. Os Doze São Enviados. Ver sobre Mt 10.

Cap. 9:7-9. A Perplexidade de Herodes. Ver sobre Lc 3:1-20.

Cap. 9:10-17. Os 5.000 Alimentados. Ver sobre Jo 6.

Entre os vv. 17 e 18, houve um intervalo de 6 ou 8 meses. Ver sobre Mc 6:53.

Cap. 9:18-20. A Confissão de Pedro. Ver sobre Mt 16:13-20.

Cap. 9:21-27. Predita a Paixão. Ver sobre Mc 9:30-32.

Cap. 9:28-36. A Transfiguração. Ver sobre Mc 9:2-13.

Cap. 9:37-43. O Menino Epilético. Ver sobre Mc 9:14-29.

Cap. 9:43-45. Outro Vez Predita a Paixão. Ver sobre Mc 9:30-32.

Capítulo 9:46-48. Quem é o Maior?

A nota patética deste incidente é ter ocorrido quando os discípulos acabavam de assistir à Transfiguração. E ainda causa dó por ter vindo como resposta ao prenúncio que Jesus fizera de Sua próxima crucifixão. Pior ainda, repetiram o caso quando chegaram a Cafarnaum, Mt 18:1-5; Mc 9:33-37. E outra vez, quando estavam perto da crucifixão, ver sobre Mt 20:20-28. Que paciência infinita deve ter sido a de Jesus! E que mestre em modelar homens!

Capítulo 9:49-50. O Anônimo Operador de Maravilhas

Também se narra em Mc 9:38-40. Outra censura a João, por querer monopolizar o privilégio de operar milagres. E outra ainda logo a seguir, por causa da sua indignação, vv. 52-56. Três repreensões em série.

O Ministério da Peréia e o Último da Judéia. Caps. 9:51-19:28

O período entre a última partida de Jesus da Galiléia e Sua última semana, comumente se denomina o ministério da Peréia, ou última parte do ministério da Judéia. Na realidade, foi uma e outra coisa — parte na Peréia e parte na Judéia. A Peréia era a região leste do baixo Jordão (Mapa 57). Sob a jurisdição de Pilatos. A Judéia, a oeste do Jordão, estava sob a jurisdição de Pilatos.

Capítulo 9:51. A Partida Final da Galiléia

Também se menciona em Mt 19:1; Mc 10:1. Pensa-se que é o mesmo que a visita de Jesus a Jerusalém pela Festa da Dedicação (dezembro), Jo 10:22. Assim, o ministério da Peréia e o último da Judéia cobriram um período de quatro meses.

AS QUATRO NARRATIVAS DO MINISTÉRIO PEREU-JUDAICO

Mateus 19 e 20

O divórcio, 19:1-12.
Os pequeninos, 19:13-15.
O jovem rico, 19:16-30.
Os trabalhadores na vinha, 20:1-16.
Predita a Paixão, 20:17-19.
O pedido de Tiago e João, 20:35-45.
Os cegos de Jericó, 20:29-34.

Marcos 10

O divórcio, 10:1-12.
Os pequeninos, 10:13-16.
O jovem rico, 10:17-31.
Predita a Paixão, 10:32-34.
O pedido de Tiago e João, 10:35-45.
O cego Bartimeu, 10:46-52.

João 7 a 11

Na Festa dos Tabernáculos, 7:1-52.
A mulher adúltera, 8:1-11.
Discurso de Jesus, 8:12-59.
Um cego curado, 9:1-41.
O Bom Pastor, 10:1-21.
Na Festa da Dedicação, 10:22, 39.
No Baixo Jordão, 10:40-42.
A Ressurreição de Lázaro, 11:1-53.
Em Efraim, 11:54-57.

Lucas 9:51-19:29

Os samaritanos inospitaleiros, 9:51-56.
"Raposas têm covis", 9:57-62.
Os 70 enviados, 10:1-16.
Voltam os 70, 10:17-24.
O bom samaritano, 10:25-37.
Maria e Marta, 10:38-42.
A oração dominical, 11:1-4.
Importunação na oração, 11:5-13.
"Por Belzebu", 11:14-26.
A Palavra de Deus, 11:27-28.
O sinal de Jonas, 11:29-32.
A candeia acesa, 11:33-36.
Acusados os fariseus, 11:37-54.
O pecado imperdoável, 12:1-12.
O rico insensato, 12:13-21.
Tesouros no céu, 12:22-34.
A vigilância, 12:35-40.
O mordomo fiel, 12:41-48.
"Fogo sobre a terra", 12:49-53.
Sinais dos tempos, 12:54-59.
O sangue dos galileus, 13:1-5.
A figueira estéril, 13:6-9.
A *mulher encurvada*, 13:10-17.
A semente de mostarda, o fermento, 13:18-21.
"Poucos os salvos?" 13:22-30.
"Dizei a essa raposa", 13:31-35.
O hidrópico, 14:1-6.
"Primeiros lugares", 14:7-11.
"Banquete aos pobres", 14:12-14.
Escusas, 14:15-24.
Levar a cruz, 14:25-35.
A ovelha e a moeda perdidas, 15:1-10.
O filho pródigo, 15:11-32.
O administrador infiel, 16:1-17.
O divórcio, 16:18.
O rico e Lázaro, 16:19-31.
O perdão, 17:1-4.
O poder da fé, 17:5-10.
Os dez leprosos, 17:11-19.
A vinda do SENHOR, 17:20-37.
A viúva importuna, 18:1-8.
O fariseu e o publicano, 18:9-14.
Os pequeninos, 18:15-17.
O jovem rico, 18:18-20.
Predita a Paixão, 18:31-34.
O cego de Jericó, 18:35-43.
Zaqueu, 19:1-10.
A parábola das minas, 19:11-28.

Capítulo 9:52-56. Os Samaritanos Rejeitam a Jesus

Com isso Tiago e João se enfureceram, com o que mostraram a razão de ser do sobrenome que Jesus lhes dera, "Filhos do Trovão" (Mc 3:17). Jesus, sem ressentir-Se, mudou de rumo.

Capítulo 9:57-62. "As Raposas Têm Covis"

Mais de um ano antes, Jesus dissera isso mesmo a um escriba que se oferecera para segui-Lo ao outro lado do mar, Mt 8:19-22. Provavelmente, deu essa resposta muitas vezes àqueles que sabia estarem esperando uma espécie de promoção que Ele não tinha para oferecer. Suas respostas ao segundo e ao terceiro homem naturalmente não significaram que devemos menosprezar as ternas ministrações da vida terrestre. A Bíblia ensina muitas vezes que um dos mais autênticos sinais do cristão é ser ele ponderado e cortês em todas as relações da vida em família, especialmente em tempos de dor. O que Jesus quer dizer é que as coisas de Deus são de importância infinitamente maior, e em caso de conflito não deve haver um momento de hesitação. Deus sempre está em primeiro lugar.

Capítulo 10:1-16. Os Setenta São Enviados

Parece que se deu o fato na partida final da Galiléia. Seu propósito foi completar o aviso à nação de estar presente o Messias. Provavelmente, foram enviados à Sua dianteira, pelo Vale do Jordão, poucos meses antes da morte de Jesus. As instruções aqui foram semelhantes às que foram dadas aos doze.

Como Jesus Financiava Sua Obra?

Jesus era pobre, "não tinha onde reclinar a cabeça." Durante uns três anos viajou, grande parte do tempo com uma considerável comitiva. Duas vezes, pelo menos, organizou grandes expedições de pregadores. Em parte, estes dependeram da hospitalidade do povo, Mt 10:11, como era costume naquele tempo fazer com forasteiros e viajantes. Jesus recebia ofertas das pessoas de recursos e de outros, Lc 8:3. Isso fornecia os meios com que compravam o de que precisavam, Jo 12:6; 13:29. Das multidões que O seguiam e dos enfermos que curou, Ele podia ter conseguido uma fortuna e viver nababescamente, se assim o quisesse. Viveu, porém, e morreu pobre.

Capítulo 10:17-24. A Volta dos Setenta

Até onde foram não se diz. Provavelmente, até à região de Jericó, Jesus indo mais devagar atrás deles. O êxito que alcançaram foi para o Mestre um prenúncio da queda de Satanás. Notar, porém, que Jesus os advertiu para que não exultassem demasiadamente sobre suas boas obras. A causa verdadeira de gozo é o céu, v. 20.

Capítulo 10:25-37. O Bom Samaritano

É um dos trechos clássicos, dos mais majestosos, que existem na literatura sobre essa questão de benevolência. Lucas acabara de dizer que Jesus fora rejeitado pelos samaritanos, 9:52. Jesus aqui reage: exalta um samaritano, fazendo-o objeto do amor de todos os séculos futuros.

A Benevolência

Jesus mesmo foi o homem mais benévolo que já existiu. DEle se diz, e de mais ninguém na História que, se todas as obras de bondade que praticou em três curtos anos fossem escritas, no mundo não caberiam os livros, Jo 21:25.

Jesus conversou muito a respeito de benevolência, aquele mesmo hábito singelo, diário, à moda antiga, de afabilidade.

A julgar pelo que disse, queria antes ver isso em Seus seguidores do que outro qualquer traço de caráter. Não é que nossa bondade nos salve. Se há salvação, é **Ele** quem salva. Não devemos nunca nos esquecer disto. Há, porém, coisas em nós que O agradam ou desagradam.

Tanta ênfase Ele dá a essa questão de boa vontade, que chega a identificar-Se com os que dela precisam, e de fato nos diz que não podemos ser Seus amigos e ao mesmo tempo ser indiferentes aos que sofrem, Mt 25:40, 45.

Dá a entender que no céu habitarão exclusivamente os que sabem ser benévolos, somente benévolos e sempre benévolos. Jesus veio construir um mundo de seres semelhantes a Ele, e quando esse mundo estiver completo ninguém mais, a não ser esses, terá lugar aí, Mt 25:34,41.

Indica ainda que vai haver algumas surpresas no dia do julgamento. Alguns que se habituaram a pensar que são muito religiosos vão descobrir, já tarde demais, que se esqueceram completamente daquilo que os anjos têm anotado nos seus registros, Mt 25:44.

Jesus ainda faz a notável declaração de que nem um só ato de bondade, por menor que seja, ficará sem recompensa na economia do governo universal de Deus. Este nos pagará cada um dos atos de bondade que fizermos, Mt 10:42.

Devemos lembrar, no entanto, que Jesus não quer dizer que devemos estimular os preguiçosos, fisicamente capazes, que procuram depender dos outros e atravessar a vida sem fazer a sua parte. A preguiça é um dos maiores pecados. A Bíblia não tem desculpas para ela, em parte alguma. "Se alguém não quer trabalhar, também não coma", 2 Ts 3:10.

Capítulo 10:38-42. Maria e Marta

Pensa-se que se deu o fato ao fim da grande propaganda de Jesus pelo Vale do Jordão, a cargo dos Setenta. Aproximava-se agora de Jerusalém para a Festa da Dedicação (?), Jo 10:22. Maria e Marta moravam em Betânia, que ficava na encosta oriental do Monte das Oliveiras, uns 3 km de Jerusalém. O incidente foi registrado para mostrar que Jesus considerava o escutar a Palavra do SENHOR como coisa bem importante.

Capítulo 11:1. Jesus Ora

Apesar de ser o Filho de Deus e declarar-se igual a Deus sob alguns aspectos, nos dias de Sua vida terrena Jesus pareceu sentir-Se de todo dependente de um poder mais alto do que Ele, e, por isso, orava muito. Vão aqui alguns exemplos registrados nos Evangelhos:

Orações de Jesus

No seu batismo, Lc 3:21.
Num lugar solitário, Mc 1:35.
No deserto, Lc 5:16.
A noite inteira, antes de escolher os doze, Lc 6:12.
Antes do convite, "Vinde a Mim", Mt 11:25-27.
Na alimentação dos 5.000, Jo 6:11.
Depois da Alimentação dos 5.000, Mt 14:23.
Quando ensinou a Oração Dominical, Lc 11:1-4.
Em Cesaréia de Filipe, Lc 9:18.
Antes de Sua transfiguração, Lc 9:28-29.
Pelos pequeninos, Mt 19:13.
Antes de ressuscitar a Lázaro, Jo 11:41-42.
No Templo, Jo 12:27-28.
À ceia, Mt 26:26-27.
Por Pedro, Lc 22:32.
Pelos discípulos, Jo 17.
No Getsêmane, Mt 26:36,39,42,44.
Na cruz, Lc 23:34.
Em Emaús, Lc 24:30.

Em toda oração Sua de que se tem notícia, Jesus Se dirigiu a Deus, chamando-O "Pai", Mt 6:9; 11:25; 26:39,42; Lc 11:2; 23:34; Jo 11:41; 12: 27,28; 17:1,5,11,21,24,25 — tão diferente da maneira pomposa, bombástica, elaborada, altiva e pesada como começam muitas orações "pastorais".

Capítulo 11:2-4. A Oração Dominical

Apresentada em forma mais ampliada em Mt 6:9-13. Duvidamos que Jesus tivesse a intenção de que essa oração fosse repetida em uníssono, nos cultos. Tais repetições podem ter algum valor, tendem, porém, certamente a depreciar estas preciosas palavras, fazendo-as cair em rotina inexpressiva. Antes pensamos que a intenção foi apresentá-la como modelo da maneira de nos dirigirmos a Deus, bem como do que devem ser os assuntos de nossas petições.

A Oração Secreta

Jesus deu considerável ênfase à oração secreta, Mt 6:6, sem, contudo, excluir as orações públicas e nossa participação nelas. Jamais devemos ter vergonha de orar, ou de dar testemunho de nossa fé pela oração, quando a ocasião assim o exigir. Devemos, porém, precaver-nos de nos preocupar com a impressão que nossa oração possa causar nos ouvintes. Orar é expressarmo-nos diante de Deus. É assunto a tratar entre nós e Ele; não é nada a respeito do que se converse. Decididamente, a maior parte de nossa vida de oração há de ser absolutamente **SECRETA** de modo a não dar nenhuma oportunidade de nos enganarmos quanto aos nossos motivos. Se, antes e depois de cada ato ou decisão importante, elevarmos nosso coração a Deus, pedindo direção, ou força, ou lhe dando graças, e nunca dissermos nada a ninguém sobre o caso, nem mesmo ao amigo mais íntimo, nem ao marido ou à esposa, mas deixarmos o assunto rigorosamente em segredo entre nós e Deus — se fizermos isto muitas vezes, guardando-o decididamente conosco,

não haverá outro hábito que nos proporcione tanto gozo na vida e tanta força para todas as emergências, como este de atravessar a vida de mãos dadas com o Amigo Todo-Poderoso, em quem confiamos e a quem consultamos acerca de tudo quanto temos para fazer, até nos mínimos pormenores.

Cap. 11:5-13. Persistência na Oração. Ver sobre Lc 18:1-8.

Cap. 11:14-26. Expulsão de Demônios. Ver sobre Mt 12:24-37.

Capítulo 11:27-28. A Palavra de Deus

Uma mulher disse a Jesus: "Bem-aventurada aquela que te concebeu." Jesus respondeu-lhe: "Antes bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam."

Nos dias de Jesus havia na literatura de Seu povo uma coleção de livros, que hoje chamamos Antigo Testamento, e que o mesmo povo geralmente considerava como tendo vindo de Deus, de um modo como nenhum outro escrito havia dEle procedido. Jesus partilhava dessa noção popular. Amava aqueles escritos. Para Ele não representavam o "pensamento judaico", mas eram realmente a Palavra de Deus. O próprio Jesus tomara parte na produção deles. E eles ocuparam o principal lugar na Sua educação, ver sobre Lc 2:40.

Em Betânia, Maria sentou-se aos seus pés para ouvir-Lhe a Palavra. Jesus denominou isso "a melhor parte", Lc 10:42.

Certa feita, ao ensinar à multidão, veio alguém e disse: "Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem ver-te." Jesus respondeu: "Minha mãe e meus irmãos são aqueles que ouvem a palavra de Deus e a praticam", Lc 8:19-21.

Outra vez disse, "A **SEMENTE** do reino é a Palavra de Deus", Lc 8:11. Só pela Palavra de Deus, semente do reino, podem as almas nascer nesse reino de Deus, 1 Pe 1:23.

"Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus", Mt 4:4.

Se alguém não crer nas Escrituras, não crerá ainda que algum morto ressuscite, Lc 16:31. "Passará o céu e a terra, mas as minhas Palavras não passarão", Mt 24:35.

Cap. 11:29-32. Sinais. Ver sobre Mt 12:39-42.

Cap. 11:33-36. A Candeia Acesa. Ver sobre Mt 5:13-16.

Cap. 11:37-54. Acusados os Fariseus. Ver sobre Mt 23.

Capítulo 12:1-12. Os Motivos Secretos da Vida

Jesus ocupou-Se muito com os motivos, isto é, com aquilo que em nós nos leva a fazer o que fazemos, e dirige a nossa conduta. À Sua vista, nossos motivos somos nós mesmos. Nosso único e grande motivo deve ser o desejo de sermos aprovados por Deus, e o medo de por Ele sermos desaprovados. O povo religioso dos dias de Jesus executava muitos dos seus ritos para receber a aprovação pública, Mt 6:1-18. Aliás, isso faz parte de nossa natureza, contra o que movemos uma luta constante. Quando estamos com pessoas sem religião, somos tentados a ter vergonha da nossa; mas quando estamos com pessoas religiosas, queremos que nos considerem religiosos, e esse desejo nosso algumas vezes nos leva a fingir ser mais religiosos do

que realmente somos, e nos faz ser hipócritas. O desejo de aprovação humana, até certo ponto, é legítimo e louvável. Mas o grande e único fato da existência é **DEUS.** A única coisa que realmente importa são nossas relações com **ELE.** Tenhamo-lO sempre em mente e cuidemos de nossos pensamentos, motivos e obras — como é que se apresentam à Sua vista.

Muita matéria deste capítulo está contida no Sermão do Monte, Mt 5, 6, 7, e nas instruções de Jesus aos doze, Mt 10. Jesus tinha frases favoritas, que Ele proferia muitas vezes. Uma delas era sobre o cuidado infalível de Deus por Seu povo e a direção deste, vv. 6-12.

Nota-se especialmente o aviso de Jesus acerca do inferno, v. 5. Apelava repetidamente para o temor do inferno como um motivo de vida. Ver sôbre Lc 16:19-31.

Nota-se também o que diz sobre cada coisa secreta a respeito de nós, os hipócritas que somos, e que um dia será conhecida, vv. 2-3. Os discos inerrantes de Deus, onde estão sendo gravados cada pensamento e cada ato oculto, serão tocados um dia bem alto diante de nós mesmos alarmados e de todo o universo reunido, quando seremos reconhecidos pelo que realmente somos. "Pecado imperdoável", v. 10, ver sobre Mt 12:24-37.

Capítulo 12:13-21. A Parábola do Rico Insensato

Nota-se que Jesus recusou-Se a entrar na questão de família dêsse homem. Êle não tentava intrometer-Se nos negócios de ninguém.

O rico insensato obtivera sua fortuna honestamente — através da produtividade de seus campos. Não obstante, à vista de Deus, era um "louco", v. 20, uma vez que tinha seu coração neste mundo, e não no mundo por vir. Rico, aqui, e pobre no mundo do além. Este mundo dura por pouco tempo; o outro permanece para sempre.

Capítulo 12:22-34. Tesouros no Céu

É uma parte do Sermão do Monte, Mt 6:19-34, que Jesus repetiu. Estava bem à vontade quando falou a respeito do céu. Sua linguagem é magnífica. E os sentimentos alinham-se entre os mais importantes que Ele já expressou. Os crentes somos cidadãos do céu, aqui residentes por algum tempo, sobrecarregados de preocupações diárias, mas com os olhos sempre fitos na pátria eterna. Temos lá uma propriedade que construímos enquanto aqui estamos. Só aquilo que damos a Deus nos pertence para sempre. Perguntou um cidadão a outro, a respeito de um conhecido que acabara de falecer: "Quanto ele deixou?" Replicou o outro, "Deixou **TUDO.**" É assim mesmo. Em breve cada um de nós deixará este tabernáculo terrestre e deixará para outros aquilo que chama seu. Felizes de nós se tivermos de antemão feito uma reserva na eterna mansão de Deus!

Capítulo 12:35-40. A Vigilância

Os pensamentos de Jesus passam do céu para o dia glorioso da Sua segunda vinda, e adverte que o fato poderá acontecer como em altas horas da noite, ao mundo que dorme, v. 38. Bem-aventurados são os fiéis que conservam suas lâmpadas em boa ordem, acesas, para dar as boas-vindas ao Senhor no Seu regresso.

Capítulo 12:41-48. O Mordomo Fiel

Esta parábola visou todos os cristãos. Mas as qualidades diferentes de talentos e a variação de encargos envolvem diferentes graus de responsabilidade que lhes corresponderão. Terrível é aqui a advertência aos pastores infiéis.

Capítulo 12:49-53. A Luta Que Vem

Embora Jesus viesse trazer paz, sabia que daria ocasião à luta. Isso fê-lo lembrado da hostilidade do mundo contra Êle, e quanto desejava que ela já tivesse passado.

Capítulo 12:54-59. A Falta de Bom Senso

As multidões eram versadas em coisas de somenos importância, mas lamentàvelmente ignorantes em sua atitude para com Ele.

Capítulo 13:1-5. "Se Não Vos Arrependerdes"

Os dois desastres recentes que haviam horrorizado a nação, a Jesus lembravam os horrores do dia do juízo.

Capítulo 13:6-9. A Figueira Estéril

Ilustra a paciência de Deus com Jerusalém, cuja condenação se aproximava rapidamente, e a paciência que tem com todos em geral.

Capítulo 13:10-17. A Mulher Encurvada

Jesus, movido de compaixão, não esperou que ela pedisse uma cura. Além disso, gostou da oportunidade de fazer que os fariseus tivessem vergonha. Ver sobre Mc 3:1-6, e sobre Jo 5, que trata de outras curas no sábado.

Cap. 13:18-21. A Semente de Mostarda e o Fermento. Ver sobre Mt 13· 31-33.

Cap. 13:22-30. "São Poucos os Que Se Salvam?" Jesus, aqui, apenas responde que muitos que esperam salvar-se vão ficar tristemente desapontados. Mas em Mt 7:14 Ele responde à pergunta claramente.

Cap. 13:31-35. "Herodes Quer Matar-te." Parece que Jesus estava na Peréia, jurisdição de Herodes, viajando pelo lado oriental do Jordão. Ali estava mais seguro do que na Judéia. Sua resposta: "Sois vós, e não Herodes, os que me matais. Jerusalém, não a Peréia, será o lugar para isso."

Capítulo 14:1-6. Outra Cura no Sábado

Acabara de curar uma mulher na sinagoga, no sábado, 13:10-17. O presente caso deu-se na casa de um fariseu, numa festa em dia de sábado. Os fariseus não tinham escrúpulos de fazer festas nesse dia, mas curar enfermos era simplesmente imperdoável para eles. Ver sobre Mc 3:1-6.

Capítulo 14:7-11. Aviso aos Convidados

Jesus insistia em que a pessoa que procurava impor-se não atingia o alvo visado. Melhor é ser humilde; isso leva a pessoa a ser promovida de fato. São os "mansos" que herdarão a terra, Mt 5:5. É o humilde publicano,

não o orgulhoso fariseu, que agrada a Deus, Lc 18:9-14. São os humildes que serão finalmente exaltados, v. 11. Jesus afirmou isso uma porção de vêzes, Lc 18:14; Mt 23:12.

Capítulo 14:12-14. Bondade para com os Infelizes

Não há virtude em recepcionar aqueles de quem esperamos façam o mesmo conosco. Vale antes o esforço, o benefício por aqueles que nada podem fazer por nós, tendo-se em mira a recompensa celestial. Quantas vezes Jesus advertiu que tivéssemos os olhos no céu. Ver sobre Lc 10:25-37.

Capítulo 14:15-24. Desculpas

Jesus não mantinha ilusões quanto à recepção geral do Seu reino. Sabia que muitos, desde os líderes religiosos de Sua nação, a própria nação e até os gentios distantes, zombariam dEle e de Sua oferta de redenção eterna, apresentando as mais triviais excusas, preferindo para si as ninharias do mundo.

Capítulo 14:25-35. O Custo do Discipulado

São palavras severas. Seguir a Jesus era muito mais sério do que aquilo que as multidões imaginavam. Sabia que O seguiam por fazerem do Seu reino uma idéia trivial. Esta é a razão por que fez declarações tão fortes. Jesus não quis dizer que devemos odiar nossos pais ou filhos, v. 26. Dedicação fiel aos que são nossa carne e nosso sangue é um dos ensinos infalíveis das Escrituras. O que quer dizer é que, se for necessário ter de escolher entre Êle e os parentes, não deve haver a menor hesitação.

A Severidade de Jesus

Jesus afirmou algumas coisas que parecem tão difíceis e impossíveis que, em si mesmas, à parte de outras afirmações (ver sobre Sua ternura, na pág. seguinte) podem desanimar a qualquer um de até mesmo tentar segui-lo. Veio trazer-nos o dom inapreciável da vida eterna, contudo, não nos obriga a aceitá-lo. A principal condição para ser obtido é nós o desejarmos e **AMARMOS** mais do que outra coisa qualquer. Jesus requer, e deve ter, o **PRIMEIRO** lugar em nosso coração. Se Ele alcança esse lugar, Sua misericórdia será infinita. Mas se O quizermos subornar a todos os nossos caprichos e O tratarmos como coisa secundária, Ele nos vomitará de Sua boca.

Capítulo 15. A Ovelha e a Moeda Perdidas — O Filho Pródigo

Êste capítulo, seguindo-se às palavras austeras do anterior, é como bonança depois de tempestade. Tão diferentes são as palavras que difìcilmente as atribuiríamos à mesma pessoa. Todavia, não são contraditórias, senão complementares.

O ponto de partida é que devemos nos dar a Cristo sem reservas. Não pode haver partilha da lealdade. Desde que O entronizemos como Senhor amado de nossa vida, Sua compaixão é sem limites. Podemos tropeçar e tornar a tropeçar. Todavia, enquanto tivermos nEle os olhos, Ele nos perdoará e tornará a perdoar, até que, por fim, por Sua graça e poder, tudo quanto Lhe desagrada será banido de nossa vida.

Isto está ilustrado pelas três parábolas neste belo capítulo: Gozo pela reconquista da ovelha perdida, pela recuperação da moeda perdida, e pelo

regresso do filho pródigo. É capítulo companheiro da história da mulher pecadora, de Lc 7:36:50, e do caso da mulher adúltera, de Jo 8:1-11.

É um glorioso quadro do Pai celestial e de Seus anjos a darem as boas-vindas às almas que regressam ao lar. Quando estivermos desanimados, por motivo de nossa pecaminosidade, vale a pena ler este capítulo.

A Ternura de Jesus

Jesus não foi somente o homem mais benévolo que já existiu (ver sobre Lc 10:25-37). Foi o mais terno. Gostava de perdoar. Ele próprio não tinha pecados, mas quanto Seu coração não doía de piedade e simpatia pelos que experimentavam os vexames do pecado.

Um dos quadros mais belos da Bíblia é o de Jesus cheio de ternura para com a pecadora que chorava aos seus pés, Lc 7:36-50.

O fato de Jesus ser terno e perdoador para com a transviada e proscrita é uma espécie de garantia de que será o mesmo para com Sua Igreja.

Mesmo que não pequemos como essa mulher pecou, o fato é que pecamos. E para Deus, todo pecado é pecado.

E, sem dúvida, é tão difícil, quiçá mais difícil ainda, Deus perdoar nossos pecados respeitáveis, finos, polidos, egoísticos, esnobísticos, como perdoar os pecados mais grosseiros das pobres almas que têm perdido a batalha da vida.

Não é pequeno consolo sabermos que Aquele perante Quem compareceremos um dia para sermos julgados é esse terno Jesus. Ele foi misericordioso para com aquela mulher abatida, exatamente naquilo em que ela precisava da Sua misericórdia. Podemos, portanto, reconhecer que Ele será misericordioso para conosco naquelas coisas em que precisamos que Ele se compadeça de nós.

Será que esta delicadeza de Jesus para com os fracos e transviados é um estímulo para que se continue pecando? Não. É exatamente o que nos leva a aborrecer os nossos pecados e a fazer o propósito de vencê-los. Quanto mais unidos a Ele andarmos, por mais paradoxal que pareça, tanto mais descobriremos nossa pecaminosidade e a necessidade que temos de Sua misericórdia.

Capítulo 16:1-13. O Administrador Infiel

Jesus elogia a previsão dele, não a sua desonestidade; sua provisão para o futuro, não o método tortuoso adotado para isso.

Um "cado" de azeite equivalia a 22 litros. Um coro de trigo equivalia a 220 litros.

Como o administrador fez amigos usando os bens de seu patrão, assim, diz Jesus, devemos fazer amigos usando nossos próprios recursos.

Jesus disse algumas coisas duras a respeito do dinheiro, ou antes, do amor ao dinheiro. A cobiça do dinheiro é a causa da maioria dos crimes e de muitas guerras devastadoras. A ganância é um dos pecados mais sutis e mais ruinosos.

Precisamos de dinheiro para as nossas necessidades diárias. Mas a luta fica no nosso coração: decidir a quem realmente sirvamos e de quem vamos depender, se do dinheiro mesmo, ou d'Aquele que no-lo concede.

Capítulo 16:14-18. Os Fariseus Escarnecem

Ridicularizaram o ensino de Jesus a respeito do dinheiro, porque amavam a este, religiosos profissionais de mentalidade mundana que eram.

É difícil ver a conexão dos versículos que tratam da lei e do divórcio, com os assuntos acima. Talvez Jesus quisesse dizer que, em vista de o Evangelho estar influenciando o povo tão profundamente, agora era mais difícil para os fariseus justificar seus ensinos hipócritas. Professavam ser os guardiães da lei, mas desdenhavam dos ensinos desta, acerca do divórcio, que eles permitiam por qualquer futilidade, decerto cobrando boas despesas legais.

Capítulo 16:19-31. O Rico e Lázaro

"Seio de Abraão", v. 22, é um dos nomes do Paraíso, estado intermediário em que as almas dos justos aguardam a ressurreição. "Hades" é o estado intermediário dos perdidos, a aguardarem o julgamento.

Jesus aqui nos mostra um diálogo entre Abraão e Lázaro depois de morto. Até onde esse quadro é imaginário não sabemos. Mas o que nele está implícito e que Jesus quis ensinar, é bem claro:

Uma coisa, os anjos estão juntos dos crentes que morrem, para levá-los à glória.

Outra é que os perdidos ficam em tormentos, v. 23.

E há um precipício intransponível entre o Paraíso e o Hades, dando a entender que termina na morte nossa oportunidade de salvação.

E que as Escrituras são de todo suficientes para levar os homens ao arrependimento, v. 31.

E que os padrões deste mundo não continuarão a vigorar no mundo celeste: Muitos dos que aqui são primeiros, lá serão últimos. Os que ocupam posição elevada aqui, mesmo na Igreja, poderão lá ocupar a mais baixa. E muitos que são desprezados, por altos dignitários eclesiásticos aqui, podem ser seus superiores lá. Mt 19:30; 20:1-16; Mc 10:31.

Céu e Inferno

A história do Rico e Lázaro é uma das muitas ilustrações sobre a vida futura que se vêem nos ensinos de Jesus. Muito falou Ele a respeito da outra vida. Apelava à esperança do céu e ao temor do inferno. Referiu-se, muitas vezes, à sorte infeliz dos perdidos, como à bem-aventurança dos remidos, contrastando uma com a outra. Perlustrem-se as seguintes passagens e vê-se: Mt 5:12,22,29,30; 6:20; 7:21-27; 10:28; 13:39-43, 49-50; 18: 8-9; 22:13; 23:33; 25:23,30,34,41,56; Mc 9:43-48; Lc 12:4-5; 16:22-28; Jo 3:15-16,36; 5:24, 28-29,39; 6:27,39-40,44,47,49,50,51,54; 17:2.
Notar quantas vezes ocorrem as palavras "céu", "inferno", "vida eterna".

Pena é que os púlpitos de hoje desaprovem tão geralmente os motivos que Jesus procurava despertar. Um dos mais poderosos incentivos à prática do bem, como freio à prática do mal, nesta vida, é a profunda convicção da realidade da vida futura, e de que a nossa situação lá dependerá de nosso comportamento aqui. Um coração firmemente atento ao céu significa, certamente, um procedimento mais cauteloso neste mundo. Este tem fim. O outro dura para sempre.

Capítulo 17:1-10. O Perdão

Jesus aqui dá a entender que a nossa indisposição de perdoar é a causa da perdição de muitas almas.

Em Mt 18:21-35 Pedro perguntou quantas vezes deveríamos perdoar. Jesus respondeu que "setenta vezes sete".

Então os discípulos exclamaram, "SENHOR, aumenta-nos a fé." Para termos tamanho espírito de perdão, precisamos de mais fé.

Depois, para lhes ajudar a fé, Jesus falou do poder ilimitado dessa mesma fé (ver sobre Lc 18:1-8), e em seguida, pela Parábola do Servo Obediente, mostra-lhes que a humildade é a base fundamental da fé.

Capítulo 17:11-19. Os Dez Leprosos

Parece que se narra o fato não somente como um dos milagres de Jesus, mas para mostrar que Ele usou alegremente o Seu poder de curar em benefício dos que nem sequer Lhe agradeceram, demonstrando assim como deveria ser o coração benévolo de que estivera falando, que não se ressente do mal. Outrossim, apresenta o samaritano sob uma luz favorável, comparado com os da própria raça de Jesus. Os nove leprosos judeus de certo eram empedernidos de coração, que nem sequer agradeceram a Jesus o benefício.

Capítulo 17:20-37. O Reino Vindouro

Aos fariseus Jesus disse "O reino de Deus está no meio de vós"; era uma questão de coração. Depois passou a falar do futuro, e discorreu a respeito do dia glorioso em que Ele voltaria, com poder, acompanhado dos remidos de todas as eras. Ver sobre Mt 24.

Capítulo 18:1-8. A Viúva Importuna

Esta, como a história do amigo à meia-noite, em Lc 11:5-13, foi contada com o propósito específico de ensinar que Deus honrará a oração paciente, persistente e perseverante. Em Mt 6:7 Jesus advertiu contra as "vãs repetições" e o "muito falar" em oração, práticas pagãs, cujo fim é "serem vistas pelos homens"; e acrescentou, "vosso Pai sabe o de que precisais, antes que lho peçais"; como se dissesse: Não fiqueis pedindo, freneticamente, a mesma coisa muitas vezes. Como conciliar isto com a persistência da viúva e a importunação do amigo à meia-noite, Lc 11:8, recomendadas por Jesus? Nem sempre é fácil conciliar as duas faces de qualquer que seja a verdade. Nossos desejos devem ser moderados por uma submissão calma à vontade de Deus. Todavia, Ele quer que Lhe apresentemos nossos desejos, sem nos permitirmos desânimo, se a resposta demora. Orar com sucesso é matéria que temos de estudar a vida inteira, e exige severa auto-disciplina. Há uma coisa: devemos aprender a perdoar, Mc 11:25. E em Mt 7:12 a oração está diretamente relacionada com a prática da "Regra Áurea". O principal requisito, entretanto, é a **FÉ.** Admitido que façamos todo o possível para alcançar o objeto de nossas orações, as promessas de Deus àqueles que têm **FÉ** são simplesmente admiráveis. Veja-se abaixo a ênfase que Jesus deu à fé, nos Seus ensinos.

O Poder da Fé

Jesus orou muito, ver sobre Lc 11:1. E falou muito a respeito de oração. Vai, aqui, alguma coisa que Ele disse acerca da **FÉ** como parte do ato da oração:

Em Nazaré "não fez muitos milagres por causa da incredulidade deles", Mt 13:58.

Aos discípulos, na tempestade: "Por que sois assim tímidos? como é que não tendes fé?" Mc 4:40; Lc 8:25.

À mulher hemorrágica: "A tua fé te salvou", Mt 5:34.

A Jairo: "Não temas, crê somente, e ela será salva", Lc 8:50.

O centurião a Jesus: "Manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado." Jesus: "Nem mesmo em Israel achei fé como esta." E o servo foi curado, Mt 8:8,10,13.

Aos cegos: "Credes que eu posso fazer isso? Faça-se-vos conforme a vossa fé", Mt 9:28, 29.

Aos discípulos, 'Se tiverdes fe e não duvidardes, fareis o que foi feito à figueira", Mt 21:21.

À mulher siro-fenícia: "Ó mulher, grande é a tua fé. Faça-se, contigo, como queres", Mt 15:28.

A Pedro, submergindo-se na água: "Homem de pequena fé, por que duvidaste?" Mt 14:31.

Aos discípulos: "Ó geração incrédula! até quando vos sofrerei?" Mc 9:19.

Os discípulos a Jesus: "Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo?" Jesus: "Por causa da pequenez da vossa fé", Mt 17:19, 20.

Aos discípulos: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda, e não duvidardes no vosso coração, mas crerdes que o que dizeis se fará, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível. E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis. Tudo é possível ao que crê" Mt 17:20; 21:22; Mc 9:23; 11:22-25.

A Marta, junto ao túmulo de Lázaro: "Se creres verás a glória de Deus", Jo 11:40.

Às multidões em Cafarnaum: "A obra de Deus é esta, que **CREIAIS** naquele que por ele foi enviado", Jo 6:29.

Algumas destas declarações parecem como hipérboles orientais. Não obstante, a ênfase que Jesus dá à **FÉ** é simplesmente pasmosa. Não temos certeza se pode ser explicada como "hipérbole". Nem podem tais palavras estranhas, fortes, ser interpretadas como significando apenas que Jesus conferia aos apóstolos poderes miraculosos especiais como atestação divina da missão que tinham, de fundar a Igreja. Sabemos que Jesus deu mesmo aos apóstolos o poder de operar milagres. Sabemos, também, que os apóstolos não podiam usar tais poderes ao seu talante. Algumas vezes puderam operar milagres. Outras vezes, não. Em Éfeso multidões foram curadas por meio de lenços em que Paulo havia tocado, At 19:12. Não obstante, aconteceu outra vez que esse apóstolo não pôde curar nem sequer seu prezado cooperador, e escreveu, "Deixei Trófimo doente em Mileto", 2 Tm 4:20. Assim, parece que Deus reservou a Si decidir quando os apóstolos operariam milagres, quando não.

Quando Jesus conversava acerca da oração e da fé, por mais estranho que nos soem algumas de Suas palavras, Ele sabia de que estava falando.

Viera do mundo invisível e estava perfeitamente a par das forças e poderes que agem atrás do véu e dos quais nada sabemos. Não devemos tomar o propósito de explicar tudo o que Jesus disse da oração, de modo a pretender que tudo isso esteja ao alcance de nossa compreensão finita. Se somente nos aplicássemos com bastante paciência, persistência e perseverança à prática da oração, podia ser que realizássemos coisas sobre cuja possibilidade ordinàriamente não sonhamos.

Jesus, decerto, quis significar alguma coisa por essas palavras. Não falou apenas por falar. Pensamos que Ele visava ensinar algumas das mais fundamentais lições da vida à humanidade de todas as gerações: uma delas é que algumas das melhores coisas desta vida podem vir a ser realidade conosco se somente **CRERMOS** dantemão que elas podem se realizar; que a **FÉ**, num sentido, é criadora; que há poderes no mundo invisível, disponíveis a nós neste mundo, por meio da **FÉ** em Deus, que sustenta em Suas mãos o funcionamento e inter-funcionamento das forças do universo, e que é capaz de fazer que operem poderes de que nada sabemos, para suplementarem e ajudarem a controlar àqueles de que sabemos. Jesus disse que Deus pode ser induzido a fazer isto mediante nossa **FÉ** nEle.

Capítulo 18:9-14. O Fariseu e o Publicano

O fariseu satisfeito consigo mesmo, e o publicano arrependido. Os fariseus eram geralmente tão justos aos seus próprios olhos, e tão hipócritas em sua altivez com o próximo, que a palavra se tornou sinônima de "impostor". Mantinham a mesma satisfação de si mesmos na atitude para com Deus, como se julgassem que Deus Se sentia honrado em receber a homenagem de pessoas tão boas. Jesus aborrecia de coração a simulação religiosa. As palavras mais duras que proferiu foram contra a hipocrisia dos fariseus (Mt 23). Ele não fechava os olhos aos pecados dos publicanos e meretrizes. Viera salvá-los. Reconhecendo-se pecadores, era-lhes mais fácil dar o primeiro passo e confessar que o eram. Esta parábola visa mostrar que o aproximarmo-nos de Deus funda-se no reconhecimento de nossa pecaminosidade e da necessidade que temos de Sua misericórdia.

Capítulo 18:15-17. Os Pequeninos

Este incidente também é relatado em Mt 19:13-15 e Mc 10:13-16. Acabara de referir-se ao publicano que estava no caminho da salvação, em virtude do desgosto que sentia por seus pecados. Aqui Ele indica que o céu será ocupado exclusivamente pelas pessoas parecidas com crianças. Não há no céu ninguém arrogante, altivo, como se fosse dono do universo. Há muita gente assim na igreja. Não, porém, no céu. Jesus disse claramente: "Se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo nenhum entrareis no reino dos céus", Mt 18:3. A criança é suscetível de ensino, é confiante, livre de orgulho mental, não tem artifícios, é afetuosa. Jesus amava os pequeninos. Os discípulos não pensavam que as crianças fossem tão importantes para que eles se preocupassem com elas. Jesus "indignou-se" com isso, Mc 10:13-14.

Capítulo 18:18-30. O Jovem Rico

Também se narra em Mt 19:16-30; Mc 10:17-31. Jesus mandou que desse tudo, sabendo que ele não se tornaria discípulo se isto lhe custasse alguma coisa. Estava muito afeiçoado às suas riquezas para servir ao reino de Cristo. Jesus não quis dizer que todo o mundo se desfizesse dos seus haveres para segui-lo. Zaqueu ofereceu a metade, e Jesus o declarou salvo, Lc 19:9.

"Fundo de uma agulha", v. 25, pensam alguns que era uma portinhola para pedestres, colocada na porta grande da cidade, ou ao seu lado, por onde um camelo, ajoelhando-se e com muita dificuldade, podia passar. Mais geralmente se pensa que era uma agulha mesmo. Seja como for, Jesus quis significar uma impossibilidade, v. 27. Depois modificou a afirmação, dizendo que o impossível aos homens é possível a Deus, isto é, Deus pode salvar até os ricos.

Notar a maravilhosa promessa àqueles que abrem mão de tudo para seguir a Jesus, vv. 28-30. Vem ampliada em Mc 10:28-31. O cêntuplo nesta vida, com perseguições, e no mundo por vir a vida eterna.

A Posição Social dos Discípulos

A maioria proveio das classes mais humildes. Alguns, porém, eram ricos e influentes. Pedro, Tiago, João e André foram negociantes abastados. Mateus, sendo arrendatário ou coletor de impostos, provavelmente estava em boas condições financeiras. Entre as mulheres que acompanhavam a Jesus, estava Joana, mulher do procurador de Herodes, senhora que freqüentava o palácio real. Marta, Maria e Lázaro figuravam entre as famílias ricas das cercanias de Jerusalém (ver sobre Jo 12:1-8). José de Arimatéia e Nicodemos eram membros do Sinédrio. O nobre de Cafarnaum (Jo 4:46) provavelmente era funcionário da corte de Herodes. O centurião de Cafarnaum, que construiu a sinagoga (Lc 7:1-10), era oficial do exército romano. O publicano Zaqueu era rico (Lc 19:2).

Capítulo 18:31-34. Outra Vez Predita a Paixão

Pela quinta vez (ver sobre Mc 9:30-32). Falou-lhes na linguagem mais clara possível. Mas ainda não compreenderam, v. 34, tão diferente era da idéia que faziam do reino messiânico.

Capítulo 18:35-43. O Cego de Jericó

Também se narra em Mt 20:29-34 e Mc 10:46-52. Mateus fala em dois cegos. Marcos e Lucas só mencionam um. Lucas diz que Jesus ia entrando em Jericó. Mateus e Marcos dizem que o fato se deu quando Ele saía. Marcos chama-o Bartimeu. Possivelmente, um foi curado ao entrar Jesus na cidade, e o outro ao sair. Podem ter sido dois casos diferentes. Ou, mais provavelmente, os dois ou um deles, atraídos pelo rumor da multidão, quando Jesus entrava, foram seguindo e depois que Ele tinha sido hospedado na casa de Zaqueu puseram-se à beira do caminho, por onde sabiam que Jesus passaria de volta.

Capítulo 19:1-10. Zaqueu

Zaqueu era chefe de publicanos, estava à frente de uma grande coletoria. Os publicanos tinham a mesma classificação, na opinião dos judeus, que a das meretrizes, v. 7, Mt 21:31-32. Em geral eram odiados, porque os impostos se destinavam a uma potência estrangeira. Jericó era uma cidade de sacerdotes. Jesus preferiu um publicano a um sacerdote, para com ele se hospedar. Zaqueu converteu-se imediatamente e deu verdadeira prova disso. Jesus dissera ao jovem rico que desse "tudo", Lc 18:22. Zaqueu deu a "metade", v. 8, e Jesus declarou-o herdeiro da salvação.

Capítulo 19:11-28. A Parábola das Minas

Difere, em alguns pontos, da parábola dos talentos, Mt 25:14-30, mas ilustra as mesmas verdades gerais: que somos responsáveis perante o SENHOR pelo modo como usamos nosso tempo e haveres: que haverá prêmios e castigos quando Jesus vier; que aqui nos preparamos para a vida do além. É uma parábola da segunda vinda. "País distante", v. 12, nesta parábola, e "depois de muito tempo", na dos talentos, Mt 25:19, dão a entender longo intervalo entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. As virgens "prudentes" preparam-se para esta. Ver mais sobre 2 Ts 2 e 2 Pe 3.

A ÚLTIMA SEMANA DE JESUS. Capítulo 19:29 ao capítulo 24.

Cap. 19:29-44. A Entrada Triunfal. Ver sobre Mt 21:1-11.

Cap. 19:45-48. A Purificação do Templo. Ver sobre Mt 21:12-17.

Cap. 20:1-8. "Com Que Autoridade?" Ver sobre Mt 21:23-27.

Cap. 20:9-20. A Parábola da Vinha. Ver sobre Mt 21:33-46.

Cap. 20:21-26. O Tributo a César. Ver sobre Mc 12:13-17.

Cap. 20:27-40. "A Ressurreição". Ver sobre Mc 12:18-27.

Cap. 20:41-44. "Filho de Davi". Ver sobre Mc 12:35-37.

Cap. 20:45-47. Denunciados os Escribas. Ver sobre Mt 23.

Cap. 21:1-4. As Moedinhas da Viúva. Ver sobre Mc 12:41-44.

Cap. 21:5-36. Discurso sobre o Fim. Ver sobre Mt 24.

Cap. 21:37-22:2. A Cilada para Matar a Jesus. Ver sobre Mc 14:1-2.

Cap. 22:3-6. A Transação de Judas. Ver sobre Mc 14:10-11.

Cap. 22:7-38. A Última Ceia. Ver sobre Mt 26:17-29.

Esboço Cronológico da Última Semana de Jesus

Sábado:	Chega a Betânia, Jo 12:1.
	Tarde: a Ceia.
Domingo:	A entrada triunfal. Chora sobre Jerusalém.
Segunda-feira:	Seca-se a figueira. Purifica o Templo.
Terça-feira:	Seu último dia no Templo.
	Sua "autoridade" impugnada pelo Sinédrio.
	A Parábola dos dois filhos.
	A Parábola da Vinha.
	A Parábola da Festa Nupcial.
	A pergunta sobre o tributo devido a César.
	A pergunta sobre a ressurreição.
	Qual é o grande mandamento?
	Como podia o Filho de Davi ser Senhor deste?
	Alguns gregos desejam ver a Jesus (ou segunda-feira).
	Terrível acusação a escribas e fariseus.
	Jesus observa as moedinhas da viúva.
	Deixa o templo pela última vez.
	No Monte das Oliveiras, o grande discurso:
	A destruição de Jerusalém e Sua vinda.
	A Parábola das Dez Virgens e a dos Talentos.
	Cena do juízo final.
	Judas negocia com os sacerdotes (ou no dia seguinte?).
Quarta-feira:	Dia calmo em Betânia.
Quinta-feira:	Tarde: A última Ceia. Ver nota sobre Mt 26.
	Noite: A agonia no Getsêmane. Ver pág. seguinte.
Sexta-feira:	O julgamento e a crucifixão. Ver sobre Mc 15 e Lc 23.
Domingo:	Jesus ressurge dos mortos. Ver sobre Jo 20 e 21.

Capítulo 22:39-46. A Agonia no Getsêmane

Também se narra em Mt 26:36-46; Mc 14:32-42; Jo 18:1. O Getsêmane era um jardim perto do sopé da encosta ocidental do Monte das Oliveiras. O lugar tradicional, oposto à porta de ouro (ver Mapa 63 a respeito de Jo 14), não deve ficar distante do verdadeiro local.

A raça humana começou num jardim. Jesus padeceu Sua agonia num jardim. Foi crucificado e sepultado num jardim, Jo 19:41. O Paraíso será um jardim.

O mais doloroso incidente de toda a história dos sofrimentos de Jesus ocorreu naquela noite, no Getsêmane.

Não atinamos por que Ele temeu a morte. Lemos de mártires que foram queimados vivos, cantando de gozo. Mas Jesus, que consideramos mais forte do que os homens em geral, quando Se viu face a face com a morte, procedeu como se não pudesse arrostá-la, e bradou angustiosamente que, se possível, passasse dEle.

Jesus morreu pelos pecados do mundo. Seja qual for a teoria de expiação que sustentemos, Ele num ou noutro sentido morreu para salvar-nos da perdição. Deve, pois, ter sofrido algo do que se sofre nesse estado de perdição. De outro modo, como podia Sua morte salvar-nos dela?

Jesus procedeu da eternidade sabendo que a cruz estava no término do Seu caminho, porque sabia que vinha como o Cordeiro de Deus para

tirar o pecado do mundo. Como homem, deixou a Galiléia e dispôs-Se firmemente a ir a Jerusalém, e marchou de passo firme, nunca hesitando, jamais cambaleando, ciente de que a cruz estava no fim da estrada.

Agora, porém, chega a esse fim de estrada; lá se ergue aquela coisa horrível. Faz até Jesus, o Filho de Deus, agasalhar temporariamente o pensamento de retroceder. A linguagem de Suas três orações mostra que a "possibilidade" de não ir à cruz estava em Sua mente.

Depois, passadas aquelas duas, três ou quatro horas de hesitação, expulso de Sua mente todo pensamento de fuga, e posta Sua face, firme como aço, na direção do caminho, o que este significa para Ele fá-Lo suar gotas de sangue, e tão abatido fica que Deus envia um anjo para fortalecê-Lo.

Nunca poderemos, neste mundo, compreender o tremendo mistério da expiação, — a razão pela qual teve de acontecer. Somente isto: foi para salvar-nos. A história simples dos sofrimentos de Jesus, outro qualquer que seja o seu significado, tem sido a mais bendita influência que já houve no mundo.

Cap. 22:47-52. Jesus é Preso. Ver sobre Jo 18:1-12.

Cap. 22:54-62. A Negação de Pedro. Ver sobre Jo 18:15-18.

Cap. 22:63-23:25. O Julgamento de Jesus. Ver sobre Mc 14:53.

Cap. 23:26. Simão Cireneu. Ver sobre Mt 27:32.

Capítulo 23:27-31. A Multidão Que Chorava

Deu-se a caminho do Calvário. "Não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas e por vossos filhos", v. 28, parece um eco das palavras assassinas que fazia pouco haviam soado, "caia sobre nós o seu sangue, e sobre nossos filhos", Mt 27:25. "Lenho verde, e seco", v. 31; se a **MIM** tratam deste modo, como não será na condenação que se avizinha da cidade perversa!

Capítulo 23:32-49. A Crucifixão de Jesus

Ver sobre Mt 27:26-56; Mc 15:21-41 e Jo 19:17-37.

Capítulo 23:32-43. O Ladrão Arrependido

Ambos os ladrões, a princípio, fizeram coro na zombaria, Mt 22:44. Um, porém, mudou de idéia. E, sob um aspecto, envergonhou os discípulos. Durante dois anos ou mais Jesus procurara a muito custo ensinar-lhes que o Seu reino não era deste mundo. Agora, ia morrer. Para eles isso era o fim do dito reino. Não pensavam que Ele tornaria a viver para reinar em glória (ver nota sobre "Morosidade em Crer", etc. sobre Jo 20). Mas com o ladrão não foi assim. Talvez tivesse visto Jesus antes, e, perto da multidão, O tivesse ouvido falar do Seu reino. E, apesar de vê-Lo moribundo, cria ainda que Ele tinha um reino além do túmulo, v. 42. Admirável! Um ladrão compreendeu a Jesus melhor do que os próprios amigos íntimos dEste. Bendito Jesus! Ele certamente amava os pecadores. Voltando para Deus, conduziu nos braços a alma de um ladrão, primícias de Sua missão redentora neste mundo.

A Pena da Crucifixão

Era com a crucifixão que Roma punia escravos, estrangeiros e os mais vis criminosos, que não fossem cidadãos seus. Era a morte mais agoniada e ignominiosa que uma época de crueldade podia inventar. Batiam-se pregos nas mãos e pés e deixava-se a vítima ali suspensa a agonizar, submetida à fome, à sede intolerável e a convulsões de dores cruciantes. Comumente a morte sobrevinha depois de quatro a seis dias. No caso de Jesus veio depois de seis horas. Ver sobre Jo 19:33-34.

A "Verdadeira Cruz"

Existe uma tradição de que a verdadeira cruz em que Jesus foi crucificado descobriu-se em 325 d.C., sob a atual Igreja do Santo Sepulcro, identificada por um milagre de cura numa pessoa que tocou nela. Venderam-se pequenos fragmentos. Choveram tantos pedidos deles que se inventou o milagre da "multiplicação da cruz", isto é, retiravam-se pedaços dela e ela ficava intacta.

Capítulo 23:50-56. O Sepultamento. Ver sobre Jo 19:38-42

Esboço da História da Crucifixão

Coordenada à Vista das Quatro Narrativas

Às 9 da manhã chegam ao Gólgota. Quando se preparam para cravar as mãos e os pés de Jesus, oferecem-Lhe vinho misturado com fel, como entorpecente, para Lhe diminuir as dores. Ele, porém, recusa beber. O Mestre bendito suportou as dores todas, por nós; amamo-Lo por isso.

"Pai, perdoa-lhes: porque não sabem o que fazem", diz quando O pregam à cruz. É difícil para nós conter a indignação, apenas com a leitura do fato. Quanto mais para Ele. Mas Jesus não tem absolutamente qualquer ressentimento. Admirável domínio próprio!

Suas vestes dividem-nas os soldados entre si. Colocam a inscrição "Rei dos Judeus" sobre a Sua cabeça, redigida em três línguas — hebraico, latim e grego — de modo que todos leiam e entendam qual é o crime de que O acusam.

É escarnecido, ouve chacotas, é injuriado, vilipendiado pelos principais sacerdotes, anciãos, escribas e soldados. Que multidão de coração duro, desumana, brutal e vil!

"Hoje estarás comigo no Paraíso", diz ao ladrão arrependido, possivelmente depois de uma ou duas horas. Ver sobre Lc 23:32-43.

"Mulher, eis aí teu filho." A João, "Eis aí tua mãe." Provavelmente, quando estava perto do meio-dia, após afastar-se a turba dos escarnecedores. Que morte gloriosa! Orou pelos Seus algozes; prometeu o Paraíso ao ladrão; e providenciou um lar para Sua mãe — Seu último ato neste mundo.

Trevas, desde o meio-dia às 3 da tarde. Suas primeiras três horas na cruz foram assinaladas por palavras de misericórdia e ternura. Agora, entra na última fase da expiação pelo pecado humano. Talvez as trevas simbolizem o afastamento de Deus, de modo a ser um ato de completa expiação. O que Jesus sofreu naquelas horrendas três horas jamais saberemos neste mundo. Ver sobre Jo 19:33-34.

Suas quatro últimas frases, proferiu-as já expirando.

"Deus meù, Deus meu, por que me abandonaste?" Sozinho, sofrendo as dores do inferno, para que não fôssemos parar ali.

"Tenho sede." Febre ardente e sede excruciante acompanhavam a crucifixão. Pode ter significado mais, ver Lc 16:24. Oferecem-Lhe vinagre, que Ele toma, já passadas as dores.

"Está consumado." Exclamação de alívio e gozo triunfais. Está por terra o longo reinado do pecado humano e da morte.

"Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito." Foi para o Paraíso.

Treme a terra, rasga-se o véu, os túmulos se abrem. É a salva de Deus.

O centurião crê. As multidões ficam compungidas.

"Sangue e água" do lado de Jesus. Ver sobre Jo 19:34.

José e Nicodemos pedem o corpo, para sepultá-lo.

Cai a noite sobre o mais negro e mais revoltante crime da História.

Cap. 24:1-10. As Mulheres ao Lado do Túmulo. Ver sobre Mt 28:1-8.

Cap. 24:11-12. Pedro Corre até Lá. Ver sobre Jo 20:3-10.

Capítulo 24:13-32. Jesus Aparece aos Dois

Também se menciona em Mc 16:12-13. Foi no caminho de Emaús. Pensa-se que Emaús ficava no caminho de Jope, uns 11 km ("60 estádios") ao N.O. de Jerusalém. É possível que esses dois discípulos residissem lá. Um deles era Cleopas; o nome do outro não é mencionado.

Já era tardinha. Jesus havia já aparecido de manhã cedo a Maria Madalena, Mc 16:9-11; Jo 20:11-18; e às outras mulheres, Mt 28:9-10. Mas estes dois discípulos só sabiam da notícia de estar vazio o túmulo, e que os anjos anunciaram a ressurreição de Jesus, vv. 22-24.

Capítulo 24:33-35. Jesus Aparece a Pedro

Não se diz quando. Provavelmente, logo antes ou depois de aparecer aos dois, à tarde. De manhã cedo, enviara a Pedro um recado especial pelos anjos e pelas mulheres, Mc 16:7. Ver nota ali.

Capítulo 24:36-43. Jesus Aparece aos Onze

Ver também sobre Mc 16:14-18 e Jo 20:19-23. "Os onze", v. 33, era como se denominava o grupo. No presente caso eram somente dez, porque Tomé estava ausente, Jo 20:24. Notar como agiam alegremente, v. 34, e não obstante como descriam, v. 41, mesmo depois que Ele lhes mostrou Suas mãos e pés. A Fé e a dúvida se alternavam.

Uma semana mais tarde aparece aos onze, em Jerusalém, Jo 20:26-29.

Depois aos sete, junto ao Mar da Galiléia, Jo 21.

Outra vez aos onze, num Monte na Galiléia, Mt 28:16-20.

E a Tiago, tempo e lugar desconhecidos, 1 Co 15:7.

Capítulo 24:44-53. Última Aparição e Ascensão

Também se descreve em Mc 16:19 e At 1:3-12. Os vv. 44-49 parecem referir-se à última aparição e não àquela há pouco mencionada nos vv. 36-43, porque aquela evidentemente se deu na tarde do primeiro domingo,

e nesta Ele lhes diz que permaneçam em Jerusalém, v. 49, o que pode ter acontecido depois que foram à Galiléia e voltaram a Jerusalém. Após isto levou-os fora desta cidade, para a sua amada Betânia. Terminados os quarenta dias do ministério de após-ressurreição, realizada Sua missão na terra, o Salvador voltou triunfante ao trono de Deus.

As Quatro Narrativas da Ressurreição Comparadas

Mateus	As mulheres visitam o túmulo.
	Jesus lhes aparece.
	Os guardas são subornados.
	Jesus aparece aos onze, na Galiléia.
Marcos	As mulheres visitam o túmulo.
	Jesus aparece a Maria Madalena.
	E aos dois, no caminho de Emaús.
	Aos onze, em Jerusalém, na primeira tarde.
	A ascensão.
Lucas	As mulheres visitam o túmulo.
	Pedro corre até lá.
	Jesus aparece aos dois e a Pedro.
	E aos onze, em Jerusalém, na primeira tarde.
	A última aparição, 40 dias mais tarde.
	A ascensão.
João	Maria Madalena visita o túmulo.
	Pedro e João correm ao túmulo.
	Jesus aparece a Maria Madalena.
	Aos onze, na primeira tarde, Tomé ausente.
	Aos onze, uma semana depois, Tomé presente.
	Aos sete, junto ao Mar da Galiléia.

Aparições de Jesus depois da Ressurreição

1. A Maria Madalena, Mc 16:9-10, de manhã cedo.
2. Às outras mulheres, Mt 28:9-10, de manhã cedo.
3. Aos dois, no caminho de Emaús, Mc 16:12-13; Lc 24:13-32.
4. A Pedro, Lc 24:34, em alguma hora naquele dia.
5. Aos onze, Mc 16:14; Lc 24:36 segs.; Jo 20:19 segs.; à noite daquele dia.
6. Aos onze, Jo 20:26-31, uma semana depois, Tomé presente.
7. Aos sete, junto ao Mar da Galiléia, Jo 21.
8. Aos onze (e aos 500?), num monte da Galiléia, Mt 28:16-20.
9. A Tiago, 1 Co 15:7. Tempo e lugar desconhecidos.
10. Última aparição e a ascensão, Mc 16:19; Lc 24:44 e segs.; At 1:3.

Mais adiante, Jesus apareceu de maneira especial a Paulo.

Em 1 Co 15:5-8, 27 anos depois da ressurreição, Paulo fez uma relação das aparições, a saber: "Apareceu a Cefas, depois aos doze, depois a mais de 500 irmãos de uma vez... depois foi visto por Tiago, depois a todos os apóstolos, e depois de todos a mim."

A declaração de At 1:3, de que "se apresentou vivo, com muitas provas incontestáveis, aparecendo-lhes durante 40 dias e falando das coisas concernentes ao reino de Deus", de par com declarações similares em At 10:41 e 13:31, implica a possibilidade de ter aparecido muitas vezes além das que foram registradas, e de ter sido o Seu ministério de após-ressurreição mais extenso do que podemos saber.

JOÃO

Jesus, o Filho de Deus

A ênfase especial de João é sobre a divindade de Cristo. Consiste principalmente em discursos e conversas de Jesus. Apresenta o que Ele disse, de preferência ao que fez. Schaff chama este Evangelho "a mais importante composição literária já produzida."

O Autor

O autor não se dá a conhecer senão no fim do livro, 21:20,24, onde declara ser o "discìpulo a quem Jesus amava", 13:23; 20:2, isto é, o apóstolo João, o amigo pessoal mais íntimo de Jesus. A tradição antiga e subseqüentemente um parecer ininterrupto reconheceram a autoria dele, até que surgiu a crítica moderna. A mesma classe de críticos que negam a concepção virginal de Jesus, Sua divindade, Sua ressurreição corporal, baseando sua hipótese numa antiga, vaga e ambígua menção a um certo "João presbítero", concluiu apressadamente que o autor não foi o Apóstolo João, e sim um outro João de Éfeso. Naturalmente, isto inutilizaria o valor do livro como testemunho da divindade de Jesus. Baseia-se a teoria em evidência tão frágil e no desejo tão patente de desacreditar o livro, que nem merece a consideração séria dos crentes; se a mencionamos aqui é somente porque faz parte da propaganda favorita de certa escola "erudita" da atualidade.

Data. Comumente lhe atribuem a data de mais ou menos 90 d.C., Ferrar Fenton, na Bíblia de sua tradução (Oxford Press), expressa a opinião de que o Evangelho de João foi o primeiro dos livros do N.T.; que João o escreveu originalmente em hebraico, não muito depois da ressurreição, e mais adiante o verteu para o grego, com o acréscimo de notas, sendo esta a edição de Éfeso, que deu origem a todos os manuscritos existentes.

Pela primeira teoria, os três Evangelhos Sinóticos já circulavam, fazia anos. A maioria das igrejas tinha cópias dos mesmos. O Evangelho de João é suplementar; apresenta quantidade imensa de material riquíssimo, que não se encontra nos demais, e retrata-nos com muitíssima intimidade a mente e o coração de Jesus.

João

O nome de seu pai era Zebedeu, Mt 4:21. Sua mãe parece que foi Salomé, Mt 27:56; Mc 15:40, a qual, comparando-se com Jo 19:25, é possível que fosse irmã de Maria, mãe de Jesus. Se assim foi, então João era primo em primeiro grau de Jesus, e sendo de quase a mesma idade, deve tê-Lo conhecido desde a infância.

João foi homem de negócios e de algum recurso. Foi um dos cinco sócios de uma empresa de pesca, bastante grande para ocupar empregados, Mc 1:16-20. Além de sua empresa de pesca em Cafarnaum, tinha casa em Jerusalém, Jo 19:27, e era pessoa conhecida da família do sumo sacerdote, Jo 18:15-16.

Fora discípulo de João Batista, Jo 1:35,40. Se era primo de Jesus, como parece de passagens acima citadas, então foi também parente de João Batista, Lc 1:36, e devia estar a par dos anúncios angélicos a respeito de João e de Jesus, Lc 1:17,32. Assim, quando João Batista apareceu nas ribanceiras do Jordão, bradando que o reino dos céus estava próximo, João, filho de Zebedeu, estava pronto a decidir-se por Ele.

Com o testemunho do Batista, logo se tornou discípulo de Jesus, Jo 1:35-51, um dos primeiros cinco discípulos, e voltou com Jesus à Galiléia, Jo 2:2,11. Depois, ao que parece, regressou à sua pesca. Mais tarde, talvez um ano mais ou menos, Jesus convidou-o a deixar o negócio e seguir em Sua companhia. Daí por diante esteve continuamente com Ele, tornando-se testemunha ocular do que escreveu no Evangelho.

Jesus deu-lhe o sobrenome de "Filho do Trovão", Mc 3:17, o que parece implicar ter ele um temperamento violento. Mas conseguiu dominar-se. O caso de haver proibido o estranho de usar o nome de Cristo na expulsão de demônios, Mc 9:38, e o desejo de pedir fogo do céu sobre os samaritanos, Lc 9:54, são ilustrações interessantes de sua natureza.

Foi um dos três discípulos da roda íntima, e foi reconhecido como o mais chegado a Jesus. Cinco vezes é referido como "o discípulo a quem Jesus amava", Jo 13:23; 19:26; 20:2; 21:7,20. Deve ter sido um homem de qualidades raras de caráter para atrair assim o companheirismo de Jesus.

Ele e Pedro vieram a ser reconhecidos como líderes dos doze e, apesar de completamente diferentes de índole, geralmente estavam juntos, Jo 20:2; At 3:1,11; 4:13; 8:14.

Durante anos residiu principalmente em Jerusalém. Segundo tradição bem firmada, passou seus últimos anos em Éfeso. Nada se sabe de suas atividades ou por onde andou nesse tempo. Em Éfeso alcançou idade provecta, escreveu seu Evangelho, suas três Epístolas e o Apocalipse. Ver mais sobre 1 João.

Capítulo 1:1-3. A Eternidade e a Deidade de Jesus

Esta sublime passagem faz-nos lembrar as palavras iniciais de Gênesis. Jesus é aí expressamente chamado "Deus" e "Criador" (ver sobre Jo 7). João declara muito positivamente que Jesus era uma pessoa existente desde a eternidade. O próprio Jesus falou da glória que tivera com o Pai "antes de existir o mundo", Jo 17:5. Uma das coisas que implica o nome **VERBO**, dado a Jesus, é ser Ele a expressão pessoal de Deus para a humanidade. Jesus era Deus. Jesus era como Deus Jesus é a mensagem de Deus para a humanidade.

Capítulo 1:4-13. Jesus, a Luz do Mundo

João ouviu Jesus dizer isto muitas vezes, 8:12; 9:5; 12:46. É um de seus pensamentos predominantes acerca de Jesus, 1 Jo 1:5-7. Uma das idéias da palavra "Luz", aplicada a Jesus, é ser Ele quem aclara o sentido e o destino da existência humana.

Capítulo 1:14-18. A Encarnação

Deus Se fez homem para ganhar para Si o homem. Deus podia ter feito o homem com o instinto de Lhe fazer a vontade; todavia, escolheu antes lhe dar o poder de decidir por si qual a atitude a tomar para com o seu Criador. A primeira lei da existência é que a criatura ame o seu Criador de todo o seu coração, alma, força e entendimento. Deus, porém, é espírito, e o homem está encerrado nas limitações de um corpo material e tem concepção acanhada do que seja um Espírito. Assim, o Criador veio às Suas criaturas na forma de uma delas, para lhes dar uma idéia da espécie de ser que Ele é. Deus é semelhante a Jesus. Jesus é semelhante a Deus.

"Filho do Homem"

Foi este o nome que Jesus gostava de aplicar a Si. Ocorre umas 80 vezes nos Evangelhos: Mateus, 30 vezes; Marcos, 15; Lucas, 25; João, 10.

Foi usado em Dn 7:13,14,27 como um nome de Messias vindouro. Pensa-se que o fato de Jesus adotá-lo, vale por uma afirmação de ser Ele o Messias.

Sugere, outrossim, que Jesus Se regozijava na Sua experiência de Deus encarnado, em forma humana, a partilhar da vida comum da humanidade. Levou consigo esse título para o céu, At 7:56; Ap 1:13; 14:14.

Ezequiel umas 90 vezes foi assim chamado por um mensageiro celeste (Ez 2:1,3,6,8 etc.), dando a entender a baixeza do homem comparado com Deus.

O Mundo de Jesus

Embora fosse cidadão do universo, familiarizado com os caminhos de Deus pelos espaços estelares dos abismos infinitos, Sua vida terrena foi passada em círculo muito limitado, e, não obstante, estrategicamente importante. A Palestina era o ponto de junção de três continentes, situada entre o Mar Mediterrâneo e o grande deserto da Arábia, convergência das estradas do mundo. Nos dias de Jesus, dividia-se em quatro partes, todas sob o domínio de Roma:

Judéia, parte sul, baluarte do conservadorismo judaico.
Galiléia, parte norte, com grande mistura de população grega.
Samaria, no meio, raça híbrida, em parte de sangue judaico.

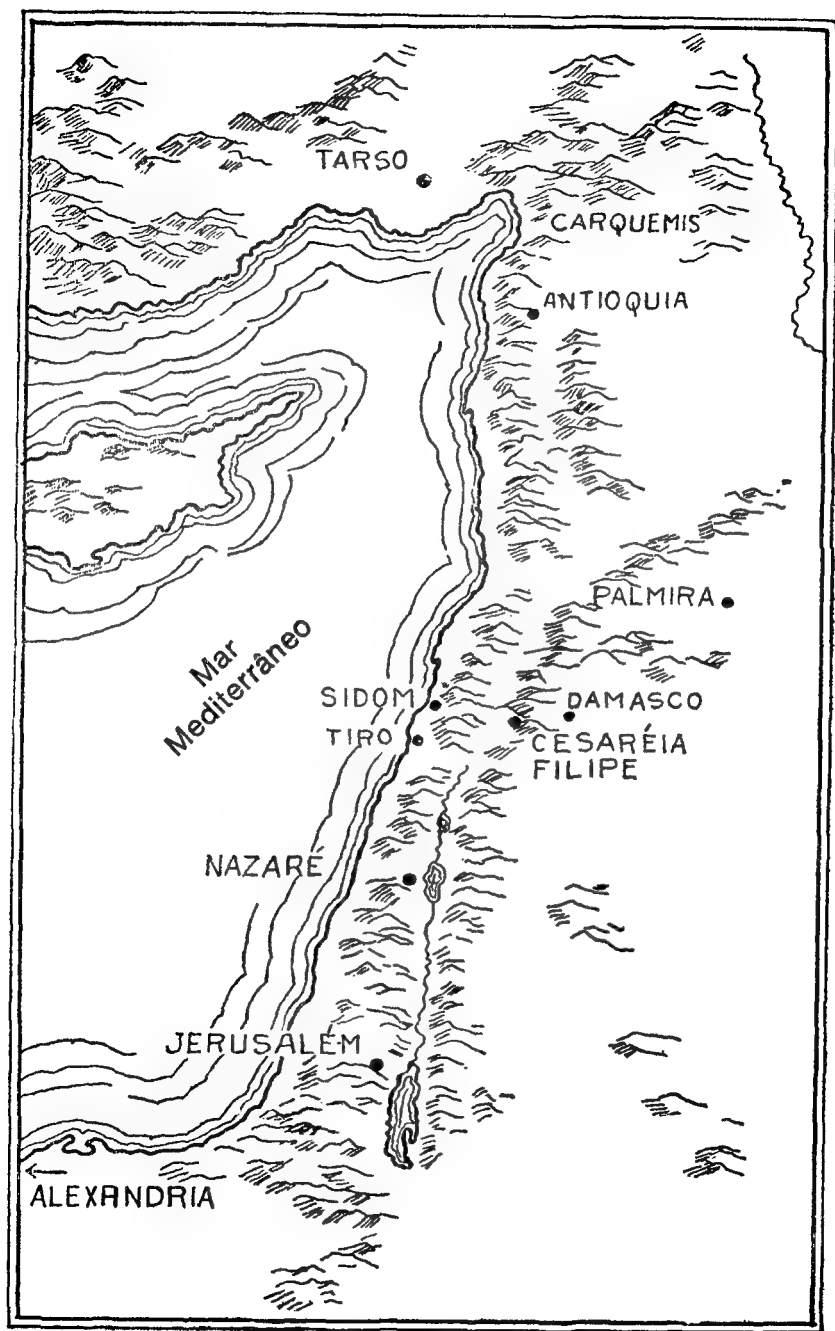
Peréia, ao leste do baixo Jordão, com muitas e prósperas cidades romanas. Herodes governava na Galiléia e Peréia. Pilatos, na Judéia e Samaria.

Alexandria, segunda cidade do império romano, ficava uns 500 km a S.O. Antioquia, terceira cidade do mesmo império, uns 500 km ao N. Ao longo das costas palestinenses e através da Galiléia, passavam o comércio e os exércitos do mundo. À parte a fuga, quando menino, para o Egito, não há notícia de Jesus ter-Se afastado de Nazaré mais de 110 km. Jerusalém ao sul, Sidom ao norte, Decápolis e Peréia a leste, foram os limites de Suas viagens conhecidas.

Galiléia. Sua população foi estimada por Josefo em 3.000.000. Era pontilhada de ricas cidades gregas. Foi um centro considerável de cultura mundial. Sua capital romana e residência real de Herodes foi Seforis, a 6 km apenas de Nazaré.

Capítulo 1:19-34. O Testemunho de João

Depois de breves declarações acerca da divindade de Jesus, sua preexistência e encarnação, o Evangelho de João, passando completamente por sobre a história do nascimento, infância, batismo e tentação de Jesus, começa com este testemunho de João Batista, perante a comissão enviada pelo Sinédrio, sobre a divindade do Senhor Jesus.

TARSO
CARQUEMIS
ANTIOQUIA
PALMIRA
Mar Mediterrâneo
SIDOM
TIRO
DAMASCO
CESARÉIA FILIPE
NAZARÉ
JERUSALÉM
ALEXANDRIA

Mapa 62

Foi isso no fim da tentação dos quarenta dias. Em parte alguma se declara que Jesus voltou da tentação no deserto para o Jordão, onde João batizava. Os três Sinóticos passam diretamente da tentação ao ministério da Galiléia, Mt 4:11-12; Mc 1:13-14; Lc 4:13-14. Mas os três sucessivos "dias seguintes", vv. 29, 35, 43, seguidos de "três dias depois", 2:1, para que Ele chegasse à Galiléia, tornam claro que Jesus voltou do deserto ao lugar onde João pregava, antes de partir para a Galiléia.

"O Profeta", v. 21, era denominação profética do Messias, e assim compreendido geralmente pelo povo nos dias de Jesus, Jo 6:14.

Notar a profunda humildade de João em sua devoção a Cristo, v. 27 — indigno de sequer lhe desatar as correias das sandálias. Tão digno de nota é o fato que foi registrado nos quatro Evangelhos, Mt 3:11; Mc 1:7; Lc 3:16. Que benefício para o mundo, se todos os pregadores pudessem exibir a mesma humilde adoração ao Senhor por eles pregado!

Capítulo 1:35-51. Os Primeiros Discípulos

Foram cinco: João, André, Simão, Filipe e Natanael. Prepararam-se com a pregação de João Batista e todos mais tarde se tornaram apóstolos. Foi esta uma das contribuições do ministério do Batista para a obra de Cristo. Todavia, voltaram temporariamente às suas ocupações ordinárias. Cerca de um ano depois foram chamados a seguir a Cristo continuamente. Ver nota sobre Mt 10.

Presume-se que o discípulo não nomeado no v. 40 fora o Apóstolo João. Se era primo de Jesus (ver nota introdutória a este Evangelho), então já devia conhecê-Lo antes disso.

A "hora décima", v. 39, eram 10 da manhã. João emprega o sistema romano de contar as horas, igual ao nosso, pois contavam da meia-noite e do meio-dia, 4:6; 19:14.

Simão, sendo sócio comercial de João, podia já conhecer a Jesus pessoalmente, porém como Messias só agora, ao ouvir a proclamação pública do Batista. O fato de Jesus lhe dar um novo nome, neste primeiro encontro que se registra, parece indicar que já o tinha em mira para o apostolado.

Natanael converteu-se pela evidente majestade da pessoa de Jesus, vv. 46-49. O que o Mestre afirma dos anjos, v. 51, assinala-O como o traço de união entre a terra e o céu. Comp. Gn 28:12.

A Aparência Pessoal de Jesus

Houve alguma coisa nos modos de Jesus que produziu um efeito instantâneo em Natanael, 1:49. No N.T. não se colhe nenhuma idéia da aparência pessoal de Jesus. A mais antiga descrição lendária data do 4.º Século. É uma carta apócrifa atribuída a Públio Lêntulo, amigo de Pilatos, escrita ao senado romano. Não é autêntica. Temos adiante uma parte da mesma:

"Atualmente apareceu um homem revestido de grandes poderes. Seu nome é Jesus. Seus discípulos chamam-no Filho de Deus. É de estatura nobre e bem proporcionada, seu rosto cheio de bondade, todavia, firme, de modo que os que o vêem, amam-no e temem-no. Seus cabelos têm a cor do vinho, estirados e sem lustro, mas a partir do nível dos ouvidos são anelados e brilhosos. Sua testa, lisa e macia; suas faces não têm falha, realçadas por um rubor moderado; seu semblante é franco e bondoso. O

nariz e a boca não têm defeito algum. Sua barba é cheia, da mesma cor dos cabelos; seus olhos, azuis e brilhantes em extremo. Reprovando ou censurando, é formidável; exortando e ensinando, é gentil e de linguagem afável. Ninguém o tem visto rir, porém muitos, ao contrário, têm-no visto chorar. Esbelto e alto de porte, suas mãos são belas e finas. No falar é ponderado, grave, pouco dado à loquacidade; excede à maioria dos homens em beleza."

Há tradições outras. Uma diz que era ereto e de boa presença. Outra, que tinha os ombros encurvados e era feio. Qualquer que fosse Sua aparência pessoal, deve ter havido algo em Seu semblante e nos Seus modos que era majestoso, dominador, divino. O vislumbre que dEle se tem no cap. 53 de Isaías, dá a entender uma aparência sem atrativos; mas isso refere-se provavelmente à Sua maneira humilde de vida, sem afetação, Ele que ia ser rei, e não à Sua aparência pessoal.

Sendo carpinteiro, devia ter considerável força física. Falava tão impressionantemente a vastas multidões, ao ar livre, que imaginamos possuir Ele uma voz poderosa. À vista dos Seus discursos, conversas e ensinos, julgamos que sempre mantinha o domínio de Si mesmo, nunca Se apressava, equilibrava-Se perfeitamente, calmo e majestoso em todos os Seus movimentos.

Quanto à lenda acima citada que diz ter Ele chorado muitas vezes e nunca ter rido, o N.T. confirma que Ele chorou, como por exemplo sobre Jerusalém e junto ao túmulo de Lázaro, porém quanto a nunca rir, o N.T. guarda silêncio. Todavia, há fatos que dão a entender que Ele tinha senso de humor.

Períodos da Vida de Jesus

Há certos períodos da vida de Jesus, nos quais se pode agrupar tudo quanto dEle se narra:

Seu nascimento e infância.
Seu batismo, tentação e início da obra pública.
O primeiro ministério da Judéia, 8 meses.
O ministério da Galiléia, uns 2 anos?
O ministério da Peréia e último da Judéia, uns 4 meses?
Sua última semana.
Seu ministério de após-ressurreição.

Capítulo 2:1-11. Água Transformada em Vinho

Caná ficava uns 6 km a N.E. de Nazaré. Natanael era de lá, 21:2. Não tinha em conceito muito alto sua cidade vizinha, Nazaré, 1:46. O casamento, evidentemente, foi na casa de algum amigo ou parente, ou de Jesus, ou de Natanael.

"Mulher", v. 4, era um termo de tratamento respeitoso, em voga naquele tempo. Jesus empregou-o outra vez, na cruz, quando não era possível ter qualquer ressaibo de desrespeito, 19:26. Sua observação parecia cifrar-se no seguinte: "Admitindo que o vinho se acabou, que tenho eu a ver com isso? Não é da minha conta. Meu tempo de operar milagres ainda não chegou." Provavelmente, Jesus falara a Maria dos novos poderes miraculosos que Lhe haviam sido concedidos no batismo, com a descida do Espírito Santo sobre Ele (ver nota sobre a Sua tentação, Mt 4:1-11). Ela viu naquela

situação uma oportunidade para Ele. Embora tenha operado este milagre por sugestão dela, sua "hora", v. 4, de uso geral dos Seus poderes miraculosos, só chegou uns quatro meses depois, no início oficial do Seu ministério público em Jerusalém, pela Páscoa, v. 13.

"Duas ou três metretas", v. 6. A metreta media uns 22 litros. As jarras de pedra tinham capacidade aproximada de meio barril.

Significação do milagre: Jesus acabara de Se submeter, por quarenta dias, a toda sugestão de que Satanás fora capaz, quanto ao emprego de Seus poderes miraculosos, e havia-se negado firmemente a usá-los em Seu próprio benefício. Do deserto passou diretamente à festa do casamento. E, apesar de Seus subseqüentes milagres serem operados em grande parte no alívio dos que sofriam, este foi feito numa festa de casamento, contribuindo para a alegria humana, tornando felizes as pessoas, como se Ele quisesse anunciar, logo de início, que a religião que estava introduzindo no mundo não era religião ascética, mas uma religião de alegria natural. Foi aqui Sua maneira de abençoar o casamento.

"Deu princípio a seus sinais", v. 11. Este foi o primeiro milagre de Jesus. As histórias fabulosas e tolas, dos escritos apócrifos, acerca de milagres de Sua infância, foram de todo forjadas.

"Manifestou a sua glória", v. 11, como Criador, 1:3, 14. O milagre envolveu um processo instantâneo que requereu verdadeiro poder criador. Ver nota sobre os milagres de Jesus, em Mc 5:21-43.

"Seus discípulos creram nele", v. 11. Já haviam crido, mas este milagre confirmou-lhes a fé na divindade de Jesus.

Capítulo 2:12. A Breve Estada em Cafarnaum

Foi uma espécie de visita de família, em que tomaram parte Sua mãe e Seus irmãos, provavelmente à casa de João, ou Pedro, ou outros discípulos, para acertar planos sobre o Seu futuro. Cerca de um ano mais tarde, Cafarnaum veio a ser Seu principal lugar de residência. Não operou mais milagres na Galiléia, até que voltou do Seu ministério na Judéia, 4:54.

O Primeiro Ministério da Judéia, 2:13 a 4:3

É narrado somente no Evangelho de João. Durou 8 meses, começando na Páscoa, 2:13, abril, e terminando "quatro meses" antes da ceifa, 4:3,35, dezembro. Inclui a purificação do Templo, a visita de Nicodemos e o ministério junto ao Jordão.

Capítulo 2:13-22. Jesus Purifica o Templo

Parece claro que houve duas purificações, três anos separadas uma da outra: esta, no início do Seu ministério público (notar a palavra "depois", 3:22); a outra, no fim, durante Sua última semana, Mt 21:12-16; Mc 11: 15-18; Lc 19:45-46. Nesta, Ele expulsou os animais; na outra, expulsou os que negociavam. Nesta, chamou ao Templo "casa de negócio"; na outra, "covil de salteadores".

Desde Suas primeiras visitas a Jerusalém, como aconteceu com Lutero em Roma, ficara, sem dúvida, pasmado ante a inenarrável impiedade da hierarquia que governava em nome de Deus. O ato formal de abertura de Sua obra pública, que Ele quis fosse um sinal à nação de ser Ele o Messias (porque assim se esperava do Messias, Ml 3:1-3) foi um desafio franco e,

peremptório à panelinha das autoridades, cujo antagonismo foi logo despertado, não parecendo nunca que Jesus cuidasse em apaziguá-lo. Foi assim que começou Seu ministério público, e foi assim que o encerrou.

Deve ter havido algo de muita majestade na aparência pessoal de Jesus, ou, mais provavelmente, foi usando Seu poder miraculoso que Ele, um estranho, sozinho, a empunhar um simples azorrague, pôde limpar a área do Templo e dela tomar conta, de modo que (na segunda vez) nem permitia que levassem qualquer utensílio por ali, Mc 11:16. Até a polícia do Templo ficou acovardada, em silêncio.

Que foi que tanto desagradou a Jesus no Templo? Traficavam ali com coisas necessárias aos sacrifícios, no próprio interesse dos que vinham de longe. O mal estava em ser aquilo dentro da área sagrada, que fora dedicada a outros fins, e também por visarem lucro a tal ponto que todo o culto de Deus estava mercantilizado, provocando escândalos. Ver mais sobre Mt 21: 12-17.

O Templo, construído pelos Herodes, de mármore e ouro, era magnificente, além do que se possa imaginar. Cercado de quatro pátios sucessivos, cada qual de nível mais baixo que o outro: para sacerdotes, para o povo Israel, para mulheres e para gentios. Limitado por colunatas cobertas, com suportes de mármore alvíssimo, cada qual com 13 m de altura, e feitas de pedras inteiriças. A do lado leste chamava-se Pórtico de Salomão, onde estavam os negociantes. Toda a área era cercada de um muro maciço, medindo 330 m de cada lado, cerca do tamanho médio de quatro quarteirões de uma cidade.

Capítulo 2:23-25. Milagres em Jerusalém

Jesus, até ali, fizera só um milagre, na Galiléia, 2:11; 4:54. Mas agora, abrindo a Sua campanha com a demonstração espetacular no Templo, operou tão grande abundância de milagres que muitos estavam prontos a aceitá-Lo como Messias, Jesus, porém, sabia muito bem o que eles esperavam do Messias.

Capítulo 3:1-21. Nicodemos

A purificação do Templo e os milagres que se seguiram impressionaram profundamente a cidade. Nicodemos, fariseu e um dos membros do Sinédrio, influente, procura cautelosamente uma entrevista particular com Jesus. Está interessado, mas deseja convencer-se acerca das pretensões dEle. Até que ponto creu, não sabemos. Dois anos depois tomou o lado de Jesus no Conselho, 7:50-52. Mais tarde, ele e José, outro membro do Conselho. sepultaram o Mestre, 19:39. Foi um discípulo secreto nos dias de formação de sua fé, porém adiante se dispôs abertamente a partilhar com Jesus da vergonha da cruz. O fato de sair da sombra, na hora da humilhação do Mestre, quando até os doze procuraram esconder-se, arriscando a própria vida naquele último serviço de amor, é um dos mais nobres incidentes narrados na Escritura. Isto decerto o redimiu da primitiva inclinação para o sigilo, especialmente considerando-se que era membro do Sinédrio, estando pois no próprio centro do arraial do inimigo.

O "Novo Nascimento" de que Jesus fala não é simples metáfora, mas uma realidade concreta, que resulta de ficar o coração humano impregnado

do Espírito de Deus (ver sobre Rm 8:1-11). Sem dúvida, Nicodemos participava da noção comum, de que o reino do Messias seria político, sob o qual sua nação se libertaria do domínio romano. Jesus procura falar-lhe da natureza pessoal e espiritual do Seu reino, tão diferente daquilo que Nicodemos tinha em mente que este não sabia do que Ele fala. Apenas não podia compreender como é que ele, um homem bom, genuíno fariseu uma das autoridades da nação messiânica, não podia ser recebido de braços abertos no reino do Messias, nas condições em que se achava. Apenas não podia conceber como, ao invés disso, teria de refazer completamente suas idéias e sua própria personalidade.

"Seja levantado", v. 14. Temos aí um anúncio, no início do ministério de Jesus, de que a cruz será o Seu trono messiânico. É referência à serpente de metal, para a qual olhavam e viviam todos quantos foram mordidos pelas cobras, Nm 21:9, significando que o "novo nascimento" para a vida eterna, de que acabara de falar, dar-se-ia pela virtude de Sua morte. Isto foi a base do mais querido versículo da Bíblia, Jo 3:16.

Capítulo 3:22-36. O Ministério de Jesus no Baixo Jordão

Pensa-se que foi na mesma região onde fora batizado, uns seis meses antes. Nesse ínterim, João transferira-se para uns 64 km Jordão acima, a um lugar chamado Enom (ver Mapa 54 sobre Mt 3:13-17). Ambos ficaram pregando a mesma coisa: O reino dos céus, predito de longa data, estava próximo. Jesus logo Se viu seguido de maior multidão do que a de João, em parte, sem dúvida, devido aos milagres, Jo 10:41, e em parte porque era o Messias proclamado por João, e também por causa de Sua personalidade mais impressionante.

Depois de 8 meses, João foi preso, Mt 4:12; as autoridades em Jerusalém apercebiam-se da situação, Jo 4:1; começou a parecer que seria perigoso para Jesus continuar naquela região, e, para não ser morto, prematuramente, antes de completar Sua obra, afastou-Se para a Galiléia, onde podia estar mais livre da interferência dos inimigos.

Que este período foi de 8 meses está indicado pelo seguinte: começou mais ou menos pela Páscoa, em abril, Jo 2:13; 3:22; e encerrou-se, faltando "quatro meses para a ceifa", em dezembro, Jo 4:35.

Capítulo 4:1-42. A Mulher Samaritana

Jesus ia voltando à Galiléia através de Samaria, em vez de ir pela rota mais comum, pelo Vale do Jordão acima, possivelmente como medida de prudência. Samaria ficava fora da jurisdição de Herodes, que acabara de prender João. Jesus não ia lá pregar, apenas ia passando, rumo à Galiléia. Sua conversa com a samaritana foi só incidental e foi um dos fatos mais lindos, deliciosos e proveitosos da história da vida de Jesus.

Os samaritanos eram colonos, de raça estranha, estabelecidos ali pelos assírios, 700 anos antes, 2 Rs 17:6,24,26,29; Ed 4:1,9,10; aceitavam o Pentateuco e adotavam, em parte, a religião judaica. Esperavam que o Messias fizesse de Samaria, não Jerusalém, a sede do seu governo.

Jesus estava sendo visto com suspeita pelas autoridades de Sua própria nação. Mas aqui os desprezados samaritanos O receberam alegremente. Um dos contrastes que sempre se vêem nos Evangelhos é ser Jesus repudiado

pelos guardiães religiosos de Sua nação e ser aceito pelos proscritos, pecadores e o comum do povo.

O poço de Jacó ainda lá existe, 33 m de profundidade por 3 de diâmetro. É um dos poucos lugares relacionados com a história de Jesus, que podem ser identificados com exatidão.

A "hora sexta", v. 6, hora romana, é o mesmo que 6 horas da tarde, entre nós.

Esta visita de Jesus lançou os fundamentos para a recepção cordial do Evangelho pelos samaritanos, poucos anos mais tarde, At 8:4-8.

Capítulo 4:43-54. O Filho do Oficial do Rei

No percurso de Samaria a Caná, Jesus deve ter passado perto de Nazaré, ver Mapa 55 sobre Mc 3:7-12. Caná ficava 6 km a N.E. de Nazaré. Era a cidade de Natanael, lugar onde, um ano antes, Jesus operava Seu primeiro milagre, Jo 2:1-11.

O pai do moço era um dos oficiais de Herodes, em Cafarnaum. Esta ficava 24 km a N.E. de Caná. O presente milagre foi realizado por uma palavra de Jesus numa pessoa a 24 km de distância. "Segundo sinal", v. 54, significa o segundo na Galiléia. Êle fizera, nesse meio tempo, milagres em Jerusalém, Jo 2:23.

Depois deste milagre parece que foi a época quando Jesus voltou a Nazaré, Lc 4:16-30. A cura do filho do oficial do rei em Cafarnaum foi o de que ouviram falar os de Nazaré, e quiseram que Jesus repetisse milagre semelhante em Sua cidade, Lc 4:23.

Capítulo 5. Um Milagre no Sábado, em Jerusalém

Foi durante uma festa, v. 1. Não se diz qual. As festas que os judeus observavam nos dias de Jesus, e às quais Este assistia, sem dúvida regularmente, eram:

Páscoa. Abril. Celebrava a saída do Egito, 1.400 anos antes.
Pentecostes. Junho. 50 dias depois. Celebrava a outorga da Lei.
Tabernáculos. Outubro. Celebrava o recolhimento das safras.
Dedicação. Dezembro. Chamada "luzes". Foi começada por Judas Macabeu.

Purim. Pouco antes da Páscoa. Não é mencionada nos Evangelhos.

Jesus voltara à Galiléia em dezembro, mais ou menos pela Festa da Dedicação, ver sobre Jo 3:22-36. A festa seguinte seria Purim, celebrada geralmente em qualquer parte do país, não sendo obrigatório ir a Jerusalém. Depois vinha a Páscoa, que se aceita geralmente como tendo sido o tempo desta visita.

Um ano antes, Jesus purificara o Templo, como grandioso e introdutório sinal de ser o Messias. Desta vez opera um milagre em dia de sábado, com o propósito, parece, de ofender os escrúpulos que tinham do sábado, e atrair a atenção das autoridades, de modo a emprestar às afirmações de Sua divindade a maior publicidade possível na capital do país. Conseguiu assim que O ouvissem explicar minuciosamente as Suas afirmações, o que resultou na determinação do Sinédrio de matá-Lo, v. 18; entretanto, só dois anos depois é que o conseguiram.

O Tanque de Betesda, tradicionalmente, localizava-se ao norte do Templo. Contudo, alguns eruditos identificam-no com o que hoje se chama Tanque da Virgem, ao sul do Templo, o qual ainda é uma fonte intermitente.

Jesus referiu-Se a este milagre e à determinação dêles de matá-Lo, um ano e meio depois, e chamou-lhes a atenção para a incoerência deles em praticarem a circuncisão aos sábados, e se oporem à cura nesses mesmos sábados. Era este um dos principais pontos sobre que se batiam os Seus inimigos, Jo 9:14; Lc 13:14. Porque curara no sábado o homem da mão ressequida, conspiraram para matá-lo, Mc 3:6.

O único exemplo registrado de Jesus "indignar-se" é este, diante da objeção que fizeram por curar no sábado, Mc 3:5, além do outro caso de indignação por procurarem os discípulos impedir que as crianças fossem a Ele, Mc 10:14.

Curas no Sábado

Registram-se sete, operadas pelo Senhor do Sábado, como segue:
Um endemoninhado, em Cafarnaum, Mc 1:21-27.
A sogra de Pedro, **idem,** Mc 1:29-31.
Um paralítico, em Jerusalém, Jo 5:1-9.
O homem da mão ressequida, Mc 3:1-6.
A mulher encurvada, Lc 13:10-17.
O hidrópico, Lc 14:1-6.
O cego de nascença, Jo 9:1-14.

Capítulo 6. A Alimentação dos 5.000

Este é o único milagre de Jesus que se narra em todos os quatro Evangelhos, Mt 14:13-33; Mc 6:32-52; Lc 9:10-17.

Local: na praia N.E. do Mar da Galiléia. Um lugar que existe 3 km ao S.E. da foz do Jordão serve bem ao caso como é aqui descrito.

Foi pela Páscoa, 6:4, um ano antes da morte de Jesus, quando as multidões que passavam se dirigiam a Jerusalém. Jesus não foi a Jerusalém para esta Páscoa, por causa de haverem conspirado matá-Lo em Sua visita anterior, Jo 5:1,18. Foi provavelmente a primeira Páscoa que deixou de assistir na capital, desde os 12 anos de idade. Celebrou-a operando um de Seus milagres mais maravilhosos, para as multidões que se dirigiam àquela festa.

Notar como Jesus gostava de ordem: fez o povo sentar-se em grupos de 50 e de 100, Mc 6:39-40, provavelmente dispostos ao redor dEle, num círculo ou semi-círculo.

Notar também que, embora pudesse operar milagres, não era esbanjador. Mandou recolher as sobras, vv. 12-13.

O milagre produziu uma impressão poderosa. O povo quis entronizá-Lo rei imediatamente, vv. 14:15.

Jesus anda sobre o mar, vv. 16-21. Deu-se isto na "quarta vigília", Mc 6:48, depois das três da madrugada. Passara a maior parte da noite sozinho no monte, em oração, Mc 6:46.

Os discípulos remavam para Cafarnaum, Jo 6:17. via Betsaida, Mc 6:45. Betsaida ficava na foz do Jordão. Cafarnaum situava-se a uns 8 km ao S.O. dessa foz, ver Mapa 56, sobre Mc 6:45-52. Iam costeando, devido à tempestade. Quando Jesus apareceu, já haviam navegado uns "25 ou 30 estádios", isto é, uns 5 a 7 km, metade da travessia.

Pedro, ao ver Jesus andando sobre as águas, quis fazer o mesmo. Querido, cativante e impulsivo Pedro! Mas começou a afundar. Jesus repreendeu-o por sua falta de fé. A nós parece que Pedro tinha um bocado de fé, que o levou a tentar fazer aquilo — um bocado de acordo com a maneira humana de ver as coisas, mas à vista de Jesus era pouca.

O Discurso de Jesus sobre o pão da vida, 22-71. Operara esse poderoso milagre para servir de fundo à conversa clara com os discípulos e o povo em geral a respeito de Sua verdadeira missão no mundo.

Embora que gastasse muito tempo em atender às necessidades corporais dos homens, o propósito real de Sua vinda ao mundo foi salvar as almas. Quando lhes disse isto, começaram a perder o interesse. Enquanto lhes deu comida, acharam que Ele era grande. Queriam que fosse o seu soberano.

Parece que o povo em geral esperava que o Messias inaugurasse uma ordem social em que se pudesse arranjar comida sem trabalhar. Seria mesmo uma maravilha para eles, se tivessem um rei que todos os dias os alimentasse miraculosamente, como fizera um dia antes, assim como Moisés dera o maná diariamente.

Capítulo 7. Jesus Outra Vez em Jerusalém

Foi pela Festa dos Tabernáculos, outubro, ano e meio depois de Sua última estada ali, e seis meses antes de Sua morte.

Quando de Sua visita anterior, curara um homem no sábado, e anunciara às autoridades que era o Filho de Deus, Jo 5:18, pelo que planejaram matá-Lo. Daí ter ficado fora de Jerusalém durante a Páscoa seguinte, Jo 6:4.

Mas agora Sua obra encaminha-se ao fim e Ele outra vez vai à capital de Sua nação para afirmar de novo que foi enviado por Deus. Todavia, a hora de Sua morte ainda não havia soado. Conhecendo os planos que tinham, de matá-Lo (porque todo o mundo sabia disto, 7:25), fez incógnito sua viagem, até aparecer no meio das multidões do Templo. Então começou Seu discurso referindo-se à conspiração deles, para matá-Lo, feita ano e meio antes, quando da cura de um homem no sábado, 7:19-23.

Quando as autoridades ouviram isso, mandaram guardas para prendê-Lo. Estes, todavia, de algum modo se impressionaram com a presença dÊle. E Jesus continuou pregando a mensagem de Deus.

A DIVINDADE DE JESUS

Jesus é chamado "o Filho de Deus" em todos os quatro Evangelhos:
Mateus 3:17; 4:3, 6; 8:29; 14:33; 16:16; 17:5; 26:63; 27:54.
Marcos 1:1, 11; 3:11; 5:7; 9:7; 16:61, 62.
Lucas 1:32, 35; 3:22; 4:41; 9:35; 22:70.
João 1:34; 1:49; 3:16, 18; 5:25; 9:35; 10:36; 19:7; 20:31.

Jesus chamou-se a Si mesmo "o Filho de Deus", Jo 5:25, "fazendo-se igual a Deus", Jo 5:18. Três vezes afirmou categoricamente "Eu sou **O FILHO DE DEUS",** Mc 14:61-62; Jo 9:35-37; 10:36.

Repetidamente usou expressões a respeito de Si que só podem ser aplicadas à divindade:

"Eu sou a verdade", Jo 14:6.
"Eu sou o caminho" (para Deus), Jo 14:6.
"Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e achará pastagem", Jo 10:9.
"Ninguém vem ao Pai senão por mim", Jo 14:6.
"Eu sou o pão da vida", Jo 6:35, 38.
"Eu sou a vida", Jo 11:25; 14:6.
"Eu sou a ressurreição", Jo 11:25.
"Quem crê em mim não morrerá eternamente", Jo 11:26.
"Eu sou o Messias", Jo 4:25, 26.
"Antes que Abraão existisse, eu sou", Jo 8:58. É uma admirável declaração, além do alcance da concepção finita; elimina o passar do tempo e resolve o passado e o futuro num eterno agora.
"Glorifica-me, ó Pai, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo", Jo 17:5. Clara lembrança de Sua existência antes de encarnar-Se.
"Quem me vê a mim, vê o Pai", Jo 14:9.
"Eu e o Pai somos um", Jo 10:30.
"Tenho autoridade para perdoar pecados", Mc 2:10.
"Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra", Mt 28:18.
"Estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos", Mt 28:20.
Quem mais podia dizer tais coisas de si mesmo? De quem mais podíamos dizê-las?
Marcos chamou a Jesus "o Filho de Deus", Mc 1:1.
João chamou a Jesus "o Filho de Deus", Jo 3:16, 18; 20:31.
João Batista chamou a Jesus "o Filho de Deus", Jo 1:34.
Natanael chamou a Jesus "o Filho de Deus", Jo 1:49.
Pedro chamou a Jesus "o Filho de Deus", Mt 16:16.
Marta chamou a Jesus "o Filho de Deus", Jo 11:27.
Os discípulos chamaram a Jesus "o Filho de Deus", Mt 14:33.
O anjo Gabriel chamou a Jesus "o Filho de Deus", Lc 1:32, 35.
DEUS MESMO chamou a Jesus, numa voz lá do céu, Seu **"FILHO AMADO"**, Mt 3:17; 17:5; Mc 1:11; 9:7; Lc 3:22; 9:35.
Os espíritos maus chamaram a Jesus "o Filho de Deus", Mt 8:29; Mc 3:11; 5:7; Lc 4:41 (ver nota sobre Demônios, sobre Mc 5:1-20).
Reconhecia-se geralmente que Ele afirmara isso de Si:
"Se tu és o Filho de Deus", Mt 4:3, 6.
"Verdadeiramente és o Filho de Deus", Mt 14:33.
"Se és o Filho de Deus, desce da cruz", Mt 27:40.
"Êle disse: Sou Filho de Deus", Mt 27:43.
"Verdadeiramente este era o Filho de Deus", Mt 27:54.
"A si mesmo se fez Filho de Deus", Jo 19:7.

Os profetas do A.T. predisseram Sua divindade: "Seu nome será Deus Forte, Pai da Eternidade", Is 9:6. "Será este o seu nome, com que (o renovo vindouro da casa de Davi) será chamado: O SENHOR, justiça nossa", Jr 23:6; 33:16. "Naquele dia a casa de Davi será como Deus", Zc 12:8.

A "Pedra" sobre a qual Jesus disse edificaria Sua Igreja, Mt 16:18, era a verdade de ser Ele o Filho de Deus.

Jesus é chamado "Deus", Jo 1:1; 10:33; 20:28; Rm 9:5; Cl 1:16; 2:9; 1 Tm 1:17; Hb 1:8; 1 Jo 5:20; Jd 25.

Assim, pois, nem Jesus nem as Escrituras deixam qualquer dúvida possível sobre a Sua natureza. Por que não aceitar o registro como está? Se foi apenas um homem bom, nada pode fazer por nós, a não ser darnos um exemplo. Se foi realmente Deus, pode ser para nós um Salvador, tanto quanto um exemplo.

Capítulo 8:1-11. A Mulher Apanhada em Adultério

Não consta o incidente em alguns manuscritos antigos, mas é geralmente reconhecido como autêntico. Há três exemplos de Jesus tratar com mulheres que deram passo em falso: Este; a mulher pecadora de Lc 7:36-50; e a samaritana, Jo 4:18. Em todos estes casos Jesus usou de extrema consideração e ternura. Ver sobre Lc 15.

A linguagem do v. 7 pode implicar, embora não necessariamente, que Jesus sabia serem os acusadores da mulher culpados daquilo mesmo de que a acusavam.

Capítulo 8:12-59. Jesus Continua o Discurso sobre Sua Divindade

Suas declarações categóricas e admiráveis a respeito de Si mesmo enfureceram as autoridades, as quais tentaram atacá-Lo, v. 59. Além das declarações das duas páginas precedentes, Jesus fez outras afirmações de Si, que se aproximavam de uma declaração da Sua divindade.

Frases de Jesus Que Se Aproxivavam de Afirmações de Divindade

"Eu sou a luz do mundo", Jo 8:12.

"Eu sou o bom pastor", Jo 10:11.

"Vós sois déste mundo. Eu não sou deste mundo. Vós sois cá de baixo. Eu sou lá de cima", Jo 8:23.

"Vosso pai Abraão alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se", Jo 8:56.

"Moisés escreveu a meu respeito", Jo 5:46.

"Vós examinais as Escrituras porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim", Jo 5:39.

"O Pai que me enviou, esse mesmo é que tem dado testemunho de mim", Jo 5:37.

"As obras que o Pai me confiou para que eu as realizasse, essas que eu faço, testemunham a meu respeito", Jo 5:36.

"Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, pecado não teriam", Jo 15:24.

"Se não crerdes que eu sou, morrereis nos vossos pecados", Jo 8:24.

"Bem-aventurados os olhos que vêem as coisas que vós vedes, pois eu vos afirmo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes, e não viram, e ouvir o que ouvis, e não o ouviram", Lc 10:23, 24.

"A rainha do Sul veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão. Os ninivitas se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas", Mt 12:41-42.

Nomes e Títulos Dados a Cristo pela Escritura

"O Cristo" — "O Messias" — "Salvador" — "Redentor" — "Maravilhoso Conselheiro" — "Fiel Testemunha" — "O Verbo de Deus" — "A Verdade" — "A Luz do Mundo" — "O Caminho" — "O Bom Pastor" —

"Libertador" — "O Grande Sumo Sacerdote" — "Autor e Consumador de nossa Fé" — "Capitão de nossa Salvação" — "Nosso Advogado" — "O Filho de Deus" — "O Filho do Homem" — "Deus" — "O Santo de Deus" — "Unigênito de Deus" — "Deus Forte" — "A Imagem de Deus" — "Pai da Eternidade" — "Senhor" — "Senhor de Todos" — "Senhor da Glória" — "Senhor dos Senhores" — "Bendito e Único Soberano" — "Rei de Israel" — "Rei dos Reis" — "Governador dos Reis da Terra" — "Príncipe da Vida" — "Príncipe da Paz" — "O Filho de Davi" — "O Renovo" — "Davi" — "Raiz e Rebento de Davi" — "Brilhante Estrela da Manhã" — "Emanuel" — "Segundo Adão" — "O Cordeiro de Deus" — "O Leão da Tribo de Judá" — "O Alfa e o Ômega" — "O Primeiro e o Último" — "O Princípio e o Fim" — "O Princípio da Criação de Deus" — "Primogênito de toda a Criação" — "O Amém".

O Que Napoleão Disse de Cristo

O seguinte é aceito geralmente como palavras autênticas de Napoleão. Alguns duvidam de sua autenticidade: "Conheço os homens, e vos digo isto: Jesus não é um homem. Manda-nos que creiamos e para isso não dá outra razão senão Sua tremenda palavra, **EU SOU DEUS.** Os filósofos procuram solver os mistérios do universo com suas dissertações vãs! Tolos: são como as crianças que choram pedindo a lua para com ela brincar. Cristo jamais hesita. Fala com autoridade. Sua religião é um mistério, porém subsiste por sua própria força. Procura e requer de modo absoluto o amor dos homens, a coisa, neste mundo, mais difícil de se conseguir. Alexandre, César, Aníbal conquistaram o mundo, mas não tiveram amigos. Talvez seja eu a única pessoa da atualidade que ame Alexandre, César, Aníbal. Carlos Magno e eu mesmo fundamos impérios; mas sobre quê? Sobre a Força. Jesus fundou Seu império sobre o Amor; e nesta hora milhões morreriam por Ele. Eu próprio tenho inspirado a multidões tamanha afeição que elas morreriam por mim. Mas a minha presença era necessária. Agora que estou em Sta. Helena, onde estão meus amigos? Estou esquecido, para voltar em breve à terra e tornar-me pasto de vermes. Que abismo entre a minha miséria e o reino eterno de Cristo que é proclamado, amado, adorado e que se vai estendendo por todo o mundo. Isso é morte? Digo-vos, a morte de Cristo é a morte de um Deus. Eu vos digo, **JESUS CRISTO É DEUS.**"

O Que Disse Josefo a Respeito de Cristo

Josefo foi um historiador judeu, 37-100 d.C., que nasceu e se educou em Jerusalém. General do exército judaico, foi levado para Roma depois da queda de Jerusalém. A declaração que faz sobre Cristo é por muitos eruditos considerada autêntica, porém alguns pensam que pode ter sido uma interpolação. É como segue:

"Houve por esse tempo um homem sábio, Jesus, se é que é lícito chamá-lo homem, porque fez obras maravilhosas. Era Cristo. Pilatos, por sugestão dos principais dentre nós, condenou-o à cruz. Apareceu, aos que o seguiam, outra vez vivo, depois de três dias. Os cristãos, que dele derivam o nome, ainda hoje existem."

Capítulo 9. Jesus Cura um Cego de Nascença

Numa visita anterior a Jerusalém, 5:9, Jesus curara um paralítico em dia de sábado, pelo que, e por Se declarar o Filho de Deus, procuraram apedrejá-Lo, Jo 8:52-59. Agora prosseguiu operando um milagre sabático ainda mais notável, 9:14.

Capítulo 10:1-21. Jesus, o Bom Pastor

É continuação do discurso ocasionado pela cura do cego. Jesus declara-Se o Pastor da humanidade, isto é, de quantos da raça humana O aceitem como seu Pastor. É uma linda metáfora, sempre querida dos cristãos, essa do cuidado terno e devotado de Jesus por Seu povo.

Capítulo 10:22-39. Na Festa da Dedicação

Há um intervalo de três meses entre os vv. 21 e 22. A Festa dos Tabernáculos era em outubro. A visita de Jesus a essa festa é referida em Jo 7:2 a 10:21. Agora é a Festa da Dedicação (dezembro). Nesse intervalo de três meses voltara à Peréia, ou mais provavelmente à Galiléia e sua região norte, onde foi transfigurado, para confirmação final da fé dos doze, à vista de Sua morte iminente.

Capítulo 10:40-42. Além do Jordão

Fora essa a região onde Jesus passara oito meses, quando do início de Seu ministério público, Jo 3:22. Esteve lá, provavelmente, uns dois meses. Era região densamente povoada, com muitas e prósperas cidades romanas, sob o governo de Herodes, fora do alcance das autoridades de Jerusalém. A essa visita refere-se Lc caps. 11 a 18.

Capítulo 11. Jesus Ressuscita a Lázaro

Provavelmente, cerca de um mês antes de Sua própria morte. Foi Seu terceiro caso de ressurreição: a filha de Jairo, Mc 5:21-43, recém-falecida; o filho da viúva de Naim, Lc 7:11-17, a caminho do enterro; e Lázaro, morto havia quatro dias; essas ressurreições tiveram como clímax o próprio ressurgir de Jesus, para nunca mais morrer. O milagre causou profunda impressão em Jerusalém, mas levou o Sinédrio à decisão final de matá-Lo, v. 53. Por isso, Jesus retirou-Se para o deserto de Efraim, uns 19 km ao norte de Jerusalém, a fim de, sossegadamente com os doze, aguardar a Páscoa.

Capítulo 12:1-8. A Ceia em Betânia

João coloca esta ceia no dia antes da Entrada Triunfal, v. 12, ou seja na tarde do sábado (ver mais sobre Mc 14:3-9). Foi, provavelmente, cerca de um mês depois da ressurreição de Lázaro. Era uma família rica. 300 denários correspondiam a 10 meses de salário-mínimo naquela época. Só as pessoas ricas podem ter vidros de perfume deste preço. Provavelmente, Jesus falara de Sua próxima crucifixão. Maria, compassiva, bondosa, solícita e afetuosa, talvez observando no olhar de Jesus um quê de sofrimento, dissesse de si para si, "Isto não é parábola. Ele quer dizer isto mesmo." Foi, trouxe o raríssimo tesouro da família, derramou-o na cabeça e nos pés de Jesus e enxugou-os com os seus cabelos. Talvez não pronunciasse uma palavra sequer. Jesus, porém, compreendeu-a. Sabia que ela procurava dizer-lhe quanto seu coração sofria. Jesus apreciou tanto esse ato, que disse que o incidente seria contado aonde quer que o nome dEle chegasse, até aos confins da terra e ao fim do tempo.

Betânia

Betânia fica a uns 3 km de Jerusalém, na encosta oriental do Monte das Oliveiras. Era lá que Jesus pousava quando de Suas visitas a Jerusalém. Dos altos de Betânia Jesus subiu ao céu.

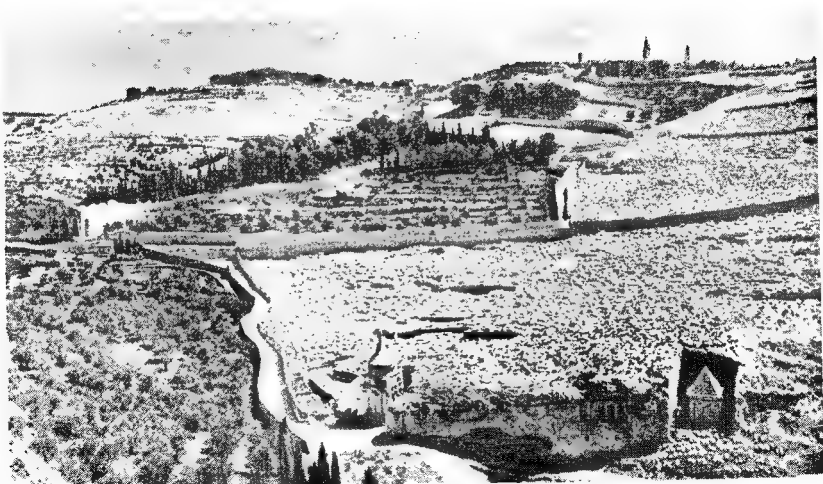



Fig. 75. **O Monte das Oliveiras vista do templo em Jerusalém.**
(Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

Cap. 12:9-19. A Entrada Triunfal. Ver sobre Mt 21:1-11.

Cap. 12:20-36. Os Gregos Desejam Ver a Jesus. Não se declara quando, mas pensa-se que pode ter sido na terça-feira, no Templo, quando se tornava manifesta a resoluta hostilidade das autoridades. Pessoas de terras distantes vieram prestar-Lhe sua homenagem, dando ocasião a uma espécie de solilóquio-oração-conversa sobre a necessidade de Sua morte. Como sentia apreensão por causa dela!

Cap. 12:37-43. A Incredulidade Deles. Por que, apesar da evidência esmagadora dos milagres de Jesus, as autoridades da nação judaica não creram nEle, é um dos problemas mais intrincados da Escritura. João explicou que foi para cumprir-se essa mesma Escritura.

Cap. 12:44-50. A Última Mensagem de Jesus no Templo. Provavelmente ao deixar o Templo no fim da terça-feira, para nunca mais lá voltar.

Capítulos 13 e 14. A Última Ceia

Ver mais circunstanciadamente em Mt 26:17-29.

Jesus lava-lhes os pés, 13:1-20. Deu ocasião a isso a contenda que tiveram sobre quais deles exerceria as principais funções no reino. Era esse um dos problemas permanentes deles, ver sobre Lc 9:46-48. A despeito das declarações reiteradas de Jesus, de que ia ser crucificado (ver sobre Mc 9:30-32), o que eles de algum modo, até ao fim, tomaram como parábola,

pareciam pensar que a entrada triunfal, cinco dias antes, pressagiava que chegara o tempo de Jesus desfechar um golpe e, por Seu miraculoso poder, erigir em Jerusalém o trono de um império mundial. A preocupação deles era: Quem vai ser o quê? Primeiro ministro, secretário de Estado, etc. Jesus teve por fim de Se pôr sobre as mãos e os joelhos e lavar-lhes os pés, serviço de escravo, para gravar no espírito deles que os chamara para servir e não para dominar. Oh! quanto a Igreja tem sofrido, através dos séculos, por causa de tantos dos seus dirigentes se terem consumido pela paixão de grandeza! Organizações poderosas e elevadas funções têm sido criadas para satisfazer a ambições mundanas e egoísticas dos eclesiásticos. Grandes homens da Igreja, ao invés de humildemente servirem a Cristo, têm usado o nome de Cristo para servirem a si próprios, e continuam fazendo assim.

Jesus indica o traidor, vv. 21-30. Tão astutamente Judas guardara seu segredo que nenhum dos discípulos suspeitava dele. Ver sobre Mc 14:10-11. Judas sabia que Jesus estava a par do seu segredo. Mas com um coração de aço prosseguiu no seu crime covarde.

Jesus despede-se dos doze, 13:31 a 17:26, estando Judas ausente. Estes quatro capítulos contêm as palavras mais afetuosas da Bíblia. As do cap. 14 foram proferidas quando Jesus ainda estava no Cenáculo. As dos caps. 15, 16 e 17, a caminho do Cenáculo para o Getsêmane.

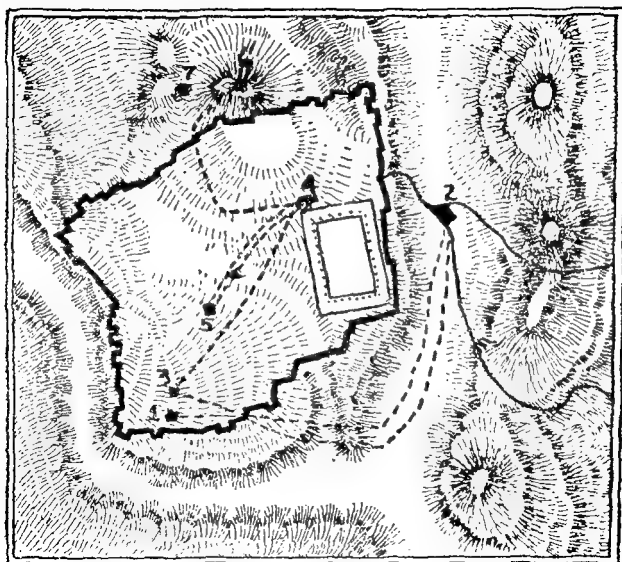
Sabia que o fim chegara, afinal. Estava preparado para ele. Em vez de dizer "crucifixão", disse "glorificação", 13:31. Temia o sofrimento mas conservava o olhar no gozo depois do padecimento.

Ficaram confusos ao declarar Jesus que ia deixá-los. Que queria dizer com isso? Já não lhes havia falado tantas vezes? Pensamos que o Seu coração doía mais por eles do que em pensar no Seu sofrimento.

Pedro, suspeitando que Jesus significava que iria a uma arriscada missão, ofereceu-se para acompanhá-Lo ao custo até da próprio vida. Jesus lembrou a Pedro que este não sabia o que estava dizendo.

Capítulo 14. A Casa de Muitas Moradas

O capítulo mais querido da Bíblia, que nos acompanha à medida que nos aproximamos do vale sombrio. Jesus, como mestre artífice, está preparando o palácio celestial para o dia glorioso em que receberá para Si Sua noiva, a eleita de todas as eras. A noiva, no entanto, também, precisa aprontar-se. A Igreja precisa ser reunida, alimentada e aperfeiçoada para se adaptar às moradas de Deus. O povo, tanto quanto o lugar, deve ser preprado. Partindo, Jesus, a fim de aprontar o lar eterno, promete enviar o Espírito Santo para adestrar, consolar e guiar os santos pelo caminho que conduz ao lar celestial.

1. O Cenáculo é o nome do lugar tradicional da última Ceia, que se julga, fosse a casa de Maria, mãe de Marcos. Daí, lá pelas 8 ou 9 da noite, saiu Jesus para o Getsêmane, 1.600 m distante, estando indicados os Seus movimentos pelas linhas pontilhadas.

Mapa 63. Mostra por Onde Jesus Se Movimentou *na Última Noite.*

2. Getsêmane. Aí esteve em agonia durante 2, ou 3, ou 4 horas. Depois, *foi preso e levado* à casa do sumo sacerdote que ficava para trás, nas vizinhanças do lugar onde comeu a última Ceia.
3. A casa do sumo sacerdote. Aí permaneceu Jesus da meia-noite ao romper do dia. Foi, aí, condenado, escarnecido, cuspido, negado por Pedro e, já clareando o dia, sentenciado, oficialmente, e enviado a Pilatos, governador romano.
4. A sala de julgamento, de Pilatos, na Torre Antônia. Pilatos procurou evadir-se da responsabilidade e enviou Jesus a Herodes.
5. O Palácio de Herodes. Aí foi escarnecido e devolvido a Pilatos.
4. Outra vez, com Pilatos. Foi açoitado e sentenciado à crucifixão.
6. O Calvário, fora do muro, lado norte, onde foi crucificado. Fig. 72.
7. O túmulo do jardim, onde foi sepultado. Ver Figs. 76-78.

Capítulos 15, 16, 17. A Caminho do Getsêmane

As idéias que aparecem repetidamente nestes preciosos capítulos são a respeito do amor recíproco dos discípulos, da guarda dos mandamentos de Cristo e da permanência dos discípulos em Cristo. Os discípulos devem esperar a vara de podar e perseguições. É necessário que Ele vá e o Espírito Santo tome Seu lugar. A tristeza deles se mudará em gozo, e, na ausência de Cristo, maravilhosas respostas serão concedidas às orações deles. O bendito Mestre, descendo às profundezas de Sua tristeza e dor, fazia o melhor que podia para confortar Seus discípulos perplexos.

Capítulo 17. A Oração Intercessória de Jesus

Termina Sua afetuosa despedida encomendando-os a Deus, orando por Si e por eles, quando então Se afasta para, **SOZINHO,** pisar o lagar. A lembrança de Sua existência pré-humana e de Sua "glória", v. 5, encorajou-O.

Orou pelos Seus, v. 9, não pelo mundo. Viera salvar o mundo, mas Seu interêsse especial era por aqueles que criam nEle. Traçou uma linha definida entre os que eram Seus e os que não o eram. Esta idéia percorre todos os escritos de João. Ver nota sobre a unidade cristã em Ef 4.

Capítulo 18:1-12. Jesus é Prêso

Também se narra em Mt 26:47-56; Mc 14:43-50 e Lc 22:47-53. Era cerca de meia-noite. Soldados da guarnição romana, constituída de uma coorte de soldados, uns 500 ou 600, comandados por um capitão, com emissários do sumo sacerdote, evidentemente pensando que iam a uma missão perigosa, foram guiados por Judas (ver sobre Mc 14:10-11) ao lugar do retiro de Jesus. Quando irromperam da Porta Oriental e desciam pelo caminho de Cedrom, conduzindo lanternas, archotes e armas, eram visíveis desde o jardim onde Jesus estava. Ao se aproximarem, Jesus, por Sua força invisível, fê-los cair ao solo, para que soubessem que não podiam prendê-Lo contra a Sua vontade. Para que não se enganassem na identificação de Jesus, Judas o indicou, beijando-O.

Cap. 18:12 a 19:16. O Julgamento de Jesus. Ver sobre Mc 14:53

Capítulo 18:15-27. A Negação de Pedro

Ocorreu no pátio do sumo sacerdote, quando Jesus estava sendo condenado. Havia pouco Pedro quis combater sozinho soldados da guarnição romana. Não era covarde, absolutamente. Seguiria "de longe". Os outros, exceto João, não seguiram de forma nenhuma. Pedro merece alguma consideração. Jamais podemos saber o turbilhão emocional que estraçalhou sua alma naquela noite. Ele não podia compreender por que Jesus, o SENHOR dos ventos, das ondas e das multidões, recusava usar o poder que tinha naquele momento crítico. Quando ele negava com veemência que conhecia a Jesus, Êste se voltou e olhou para ele. Esse olhar abateu-lhe o coração.

Capítulo 19:17-37. Jesus é Crucificado

Ver também as notas sobre Mt 27:33-56; Mc 15:2-41 e Lc 23:32-49. As pernas dos ladrões foram quebradas, v. 32, para que morressem logo, o que doutra sorte só se daria quatro ou cinco dias depois.

Capítulo 19:33-34. "Sangue e Água"

Jesus já estava morto quando a lança Lhe abriu o lado, depois de seis horas na cruz. Algumas autoridades médicas têm dito que no caso de rutura do coração, e só neste caso, o sangue acumula-se no pericárdio, membrana que envolve o coração, e se divide numa espécie de pasta sanguínea e soro aquoso. Se é fato, então a verdadeira causa física imediata da morte de Jesus foi rutura do coração. Sob intensa dor e pressão violenta do sangue, o coração rompeu-se. Pode ter acontecido que Jesus literalmente, morreu de coração rompido por causa do pecado do mundo. Pode ser que o sofrimento pelo pecado humano vá além do que a constituição física humana possa suportar.

Capítulo 19:38-42. O Sepultamento

Ver nota sobre o lugar do sepultamento, na pág. seguinte. José e Nicodemos, membros do Sinédrio, discípulos ocultos — ocultos na hora da popu-

laridade de Jesus, — agora, na hora da Sua humilhação, apareceram ousadamente para partilhar com Ele a vergonha da cruz. Salve, José! Salve, Nicodemos! Ver mais sobre Jo 3:1-21.

A 'mortalha sagrada". O "Scientific American", de março 1937, publicou o artigo de um cientista francês a respeito de um lençol de linho que hoje se encontra numa igreja católica de Turim, Itália, que ele acreditava fosse o verdadeiro lençol que envolveu o corpo de Jesus. Deu-o como medindo 4,60 m de comprimento, por 1 m e pouco de largura, contendo imagens negativas da frente e costas do corpo de um homem, indicando que esse homem foi posto numa metade do lençol e que a outra metade foi enrolada no corpo, no sentido do comprimento. As figuras, afirmou ele, não foram pintadas, mas são imagens produzidas por vapores amoniacais resultantes da fermentação da uréia, que se desprende em grande quantidade do suor produzido por sofrimento atroz. Há resíduos de aloés e de partículas de sangue, no lenço. As marcas dos açoites, as feridas das mãos, da cabeça e do lado são perfeitamente visíveis, com evidência de que soro e sangue saíram da lançada. É iniludivelmente a imagem de um homem crucificado, todas as minúcias combinando com o registro bíblico e apresentando o semblante de um homem de nobre aparência. Apareceu primeiro na França, em 1355 d.C., com a notícia de que fora visto em Constantinopla em 1204. Não sabemos com certeza se é uma impostura ou a verdadeira mortalha de Jesus.

Capítulo 19:41-42. O Túmulo de Jesus

"No lugar onde Jesus fora crucificado, havia um jardim, e neste um sepulcro novo, no qual ninguém tinha sido, ainda, posto" Significa que o sepulcro em que Jesus foi sepultado ficava bem perto do lugar onde foi crucificado. Ver sobre Mc 15:21-41.

O General Christian Gordon, 1881, encontrou, no pé ocidental do "Monte da Caveira" um jardim". Pôs uma turma a cavar e, debaixo de 1,60 m de entulho, achou um túmulo do tempo dos romanos, cavado numa parede de rocha sólida, com um sulco na frente, por onde a pedra rolava para a porta.

Fig. 76. O jardim no sopé do Monte Calvário. (Cortesia do ©Matson Photo)

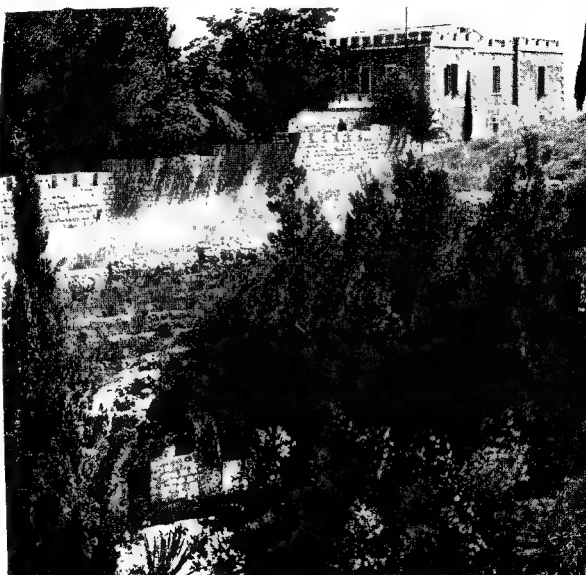
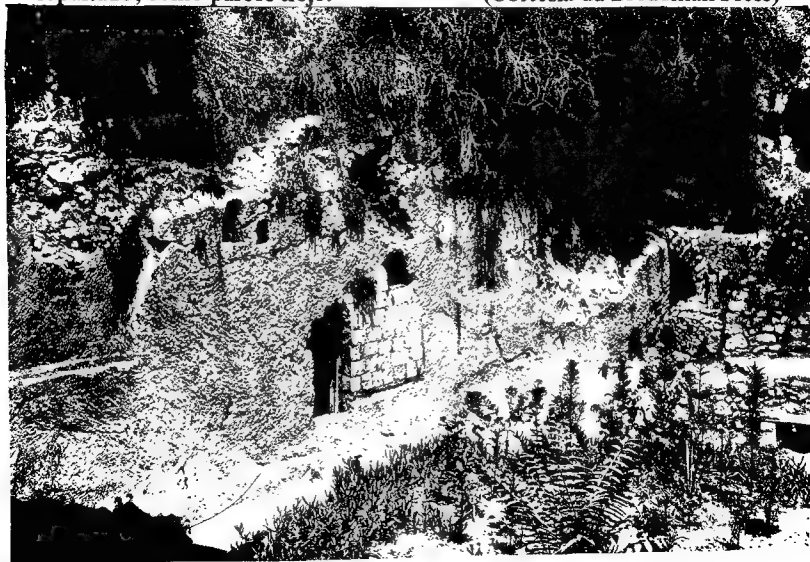
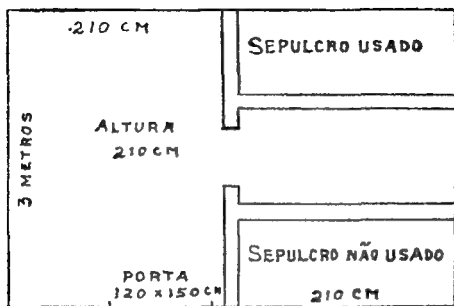



Fig. 77 A vista interior do túmulo onde Jesus pode ter sido seputado.

(Cortesia do © Matson Photo)

O túmulo é uma sala de 4,60 m de largura, 3,30 m de fundo, 2,50 m de altura. Ao entrar, vêem-se, à direita, duas sepulturas, uma junto à parede da frente, e outra na do fundo, como está ilustrado no Mapa 64. Ficam um pouco abaixo do nível do piso da sala, separadas por uma parede baixa. A sepultura da frente parece que nunca foi concluída. Tudo indica que só a sepultura do fundo foi alguma vez ocupada, e ainda assim sem indícios de restos mortais. O túmulo é suficientemente grande para acomodar um grupo de mulheres e dois anjos, com espaço à cabeça e aos pés onde um anjo podia sentar-se, Mc 16:5; Jo 20:12. À direita da porta, na Fig. 78, vê-se uma janela por onde, ao romper do dia, a luz solar teria penetrado na sepultura ocupada. Cada pormenor destes combina com a narrativa bíblica.

Fig. 78. O túmulo no jardim em que Jesus pode ter sido de fato sepultado, como parece hoje. (Cortesia da Broadman Press)

Mapa 64. Plano do Túmulo

Demais disto, segundo Eusébio, o imperador romano Adriano, na perseguição que moveu aos cristãos em 135 d.C., construiu um templo de Vênus sobre o túmulo onde Jesus fora sepultado. Constantino, primeiro imperador cristão d.C., destruiu esse templo. O General Gordon, no entulho que removeu do túmulo, achou uma pedra sagrada da Vênus. Descobriu vestígios de um edifício que fora levantado sobre o dito túmulo. Acima da entrada deste, duas reentrâncias, características dos templos de Vênus.

Numa cripta funerária, junto ao túmulo, foi achada uma pedra tumular, inscrita: "Enterrado perto do seu Senhor."

No acúmulo da evidência, parece haver base para a opinião que este túmulo no jardim é o verdadeiro lugar onde Jesus foi sepultado e donde surgiu vivo. Para os cristãos, é o lugar sagrado donde surgiu a garantia da vida eterna.

Capítulo 20:1-2. Maria Madalena Vai ao Sepulcro

Outras mulheres acompanharam-na. Ver sobre Mt 28:1-8 e nota sobre a "ordem dos acontecimentos" em Mc 16.

Capítulo 20:3-10. Pedro e João Correm ao Sepulcro

Narra-se também em Lc 24:12. Podiam-se ter alojado em local mais perto do que os outros discípulos, provavelmente na casa de João, onde a mãe de Jesus estava (19:27).

Capítulo 20:11-18. Jesus Aparece a Maria Madalena

Foi Sua primeira aparição, Mc 16:9-11. As outras mulheres tinham ido embora. Pedro e João, também. Maria lá estava só, chorando como se fosse lhe arrebentar o coração. Nada de pensar que Jesus ressuscitara. Ela não ouvira o anjo anunciar que Jesus estava vivo. O próprio Jesus dissera repetidamente que ressuscitaria ao terceiro dia. Fosse como fosse, ela não O compreendera. Mas, oh! quanto O amava! E agora, eis que estava morto. Até o Seu corpo desaparecera. Nesse momento de aflição, Jesus postou-Se ao lado, e chamou-a pelo nome. Ela reconheceu Sua voz e deu um brado em transportes de alegria. Jesus não estava morto, mas vivo!

Um pouco depois apareceu às outras mulheres, Mt 28:9-10.
Naquela tarde apareceu aos dois, Lc 24:13-32.
E a Pedro, Lc 24:33-35.

Capítulo 20:19-25. Jesus Aparece aos Onze

À tardinha daquele dia, em Jerusalém, Tomé ausente, v. 24. Essa aparição vem registrada três vezes: aqui e em Mc 16:14 e Lc 24:33-43. Ver notas sobre essas passagens. Jesus estava no mesmo corpo, ostentando as

marcas em suas mãos, pés e lado: e comeu na presença deles. Contudo, podia passar através de paredes, a parecer e desaparecer à vontade. "Se de alguns perdoardes os pecados", v. 23. Ver sobre Mt 16:19.

Capítulo 20:26-29. Outra Vez Aparece aos Onze

Uma semana depois, em Jerusalém, Tomé presente. Nenhum crítico moderno poderia ser mais "científico" do que Tomé.

Capítulo 20:30-31. A Finalidade do Livro

Aqui está a declaração inequívoca do autor, de que seu objetivo foi demonstrar e ilustrar a divindade de Jesus.

A Morosidade em Crer Que Jesus Ressuscitara

Eles não esperavam isso, apesar de Jesus lhes ter dito repetida e claramente que ressuscitaria ao terceiro dia, Mt 16:21; 17:9,23; 20:19; 26:32; 27:63; Mc 8:31; 9:31; Lc 18:33; 24:7. Devem ter tomado Suas palavras como parábola de algum sentido misterioso. Quando as mulheres foram ao túmulo, não foi para ver se Ele ressuscitara, mas para Lhe prepararem o corpo, com vistas ao sepultamento definitivo.

De todos os discípulos, somente João creu à vista do sepulcro vazio, Jo 20:8.

Maria Madalena só pensava numa coisa: que alguém tinha tirado o corpo, Jo 20:8.

A notícia das mulheres, de haver Jesus ressuscitado, pareceu aos discípulos como "delírio", Lc 24:11.

Quando os dois, voltando de Emaús, disseram aos onze que Jesus lhes aparecera, "não lhes deram crédito", Mc 16:13.

Pedro relatou que Jesus lhe aparecera. Lc 24:34. Mas ainda não acreditaram, Mc 16:14.

Assim, Jesus o predissera reiteradamente. Os anjos o anunciaram. O túmulo estava vazio. O corpo saíra. Maria Madalena viu-O. As outras mulheres viram-No. Cleópas e seu companheiro viram-No. Pedro viu-O. E ainda o grupo, de um modo geral, não acreditava. Parecia-lhe uma coisa incrível.

Então, ao aparecer Jesus aos dez naquela noite, lançou-lhes em rosto sua indisposição e dureza de coração para crer naqueles que O haviam visto, Mc 16:14. Ainda pensavam que era apenas um espírito, pelo que os convidou para olhar de perto Suas mãos, lado e pés, e apalpá-Lo. Em seguida, pediu o que comer, e "comeu diante deles", Lc 24:28-43; Jo 20:20.

Depois de tudo isso, Tomé, taciturno, de cabeça dura, duvidador, estava certo de que havia por aí um engano qualquer, e não creu senão quando pessoalmente viu a Jesus uma semana depois, Jo 20:24-29.

De modo que os que primeiro proclamaram a história da ressurreição de Jesus estavam de todo desprevenidos para crer, determinados a não crer, e chegaram a crer a despeito de si mesmos. Isto torna insustentável qualquer possibilidade de haver essa história surgido de uma imaginação excitada e em expectativa. Não há meio concebível de explicar a origem dessa história, senão que foi um **FATO REAL.** Também nós um dia, pela graça de Cristo, ressurgiremos.

De Wette: "Embora um mistério, que não pode ser dissipado, permaneça quanto ao modo da ressurreição, o fato dessa ressurreição, em si, não pode ser posto em dúvida por evidência histórica honesta, mais do que o assassinato de César."

Edersheim: "A ressurreição de Cristo pode, sem hesitação, ser declarada o fato mais fundamentado da História."

Ewald: "Nada é mais historicamente certo do que Jesus haver ressurgido dos mortos e aparecido outra vez aos que O seguiam."

John A. Broadus: "Se não sabemos que Jesus de Nazaré ressurgiu dos mortos, não sabemos de mais nenhum fato histórico."

Capítulo 21. Jesus Aparece aos Sete

Os discípulos estavam agora, de volta, na Galiléia, segundo Jesus lhes ordenara, Mt 28:7,10; Mc 16:7, a fim de aguardarem novas instruções. Indicara-lhes um certo monte, Mt 28:16, e, provavelmente, marcara o tempo. Enquanto esperam, voltam à antiga ocupação. Pode ter sido perto, ou no mesmo local onde dois ou três anos antes Jesus pela primeira vez os chamara para serem pescadores de homens, Lc 5:1-11. Agora, como antes, dá-lhes uma redada miraculosa de peixes. Pode ter tido a intenção de, com isso, dar-lhes uma idéia simbólica do grande êxito do movimento redentor entre os homens, que em breve iniciariam.

"A terceira vez", v. 14, isto é, aos discípulos reunidos, sendo mencionadas as outras em 20:19,26. Contando os indivíduos a quem já aparecera, Maria Madalena, as outras mulheres, os dois, Pedro, era esta a sétima aparição.

"Mais do que estes", v. 15. Estes objetos? Ou, estes homens? As formas masculina e neutra do pronome "estes", no grego, são idênticas. Não há meio de saber-se em que sentido é aí usado. "Amas-me mais do que estes outros discípulos?" Ou, "amas-me mais do que a este negócio de pesca?" Estaria Jesus increpando a Pedro sua tríplice negação? Ou estaria censurando-o, delicadamente, por ter voltado ao negócio da pescaria? Inclinamo-nos a admitir esta segundo hipótese.

"Amas-me?", vv. 15, 16, 17. Jesus emprega o verbo "agapao". Pedro usa "phileo". Dois verbos gregos que significam "amar". "Agapao" exprime um tipo mais elevado de devotamento. Pedro recusa empregá-lo. Na terceira vez Jesus toma a palavra usada pelo apóstolo.

"Pastoreia as minhas ovelhas", vv. 15, 16, 17, três vezes variando na forma. A idéia pode ser mais ou menos esta: "Pedro, amas-ME mais do que a esta pescaria? Então, melhor para ti será dedicares o teu tempo ao cuidado de meu rebanho; à minha empresa, Pedro, antes que à tua."

Jesus prediz o martírio de Pedro, vv. 18-19. Realizou-se muito antes de João escrever isto. Ver nota sobre 1 Pedro.

Identificação do autor, v. 24. Uma declaração específica de ser João, o apstolo amado, o autor deste livro.

"Muitas outras coisas", v. 25. Uma hipérbole, porém certamente um modo enérgico de referir os atos de bondade do Salvador, enquanto na terra.

Mais adiante apareceu aos onze, na Galiléia, Mt 28:16-20.

Em tempo e lugar desconhecidos apareceu a Tiago, 1 Co 15:7.

A última aparição e a ascenção, em Betânia, Lc 24:44-51.

Os cinco capítulos mais importantes da Bíblia achamos que são: Mateus, 28, Marcos, 16, Lucas, 24, João 20 e 21, porque narram o fato mais importante da história humana, a ressurreição de Cristo dentre os mortos, cúpula da Bíblia inteira.

A RESSURREIÇÃO

A ressurreição de Cristo dentre os mortos é o **único** ponto **importantíssimo** de todo o cabedal de conhecimentos humanos: o grandioso evento dos séculos para o qual se movimentou toda a história anterior, e no qual tôda a história subseqüente encontra seu sentido. A narrativa desse fato abriu caminho através dos séculos e mudou a face da terra. Ver nota sobre 1 Co 15.

É fato? Ressuscitou realmente dos mortos? Se não é fato, que é do Seu corpo? Se os inimigos o furtaram, certo que o teriam exibido, pois não trepidavam diante de nada para desacreditar a história, chegando a matar os que a contavam. Se os amigos o furtaram, deviam saber que estavam acreditando numa mentira; mas ninguém vai ao martírio por aquilo que sabe ser uma falsidade.

Uma coisa é certa: os que primeiro publicaram a história da ressurreição de Jesus **CRIAM** que era um fato. Baseavam sua fé, não só no túmulo vazio, como no fato de terem **VISTO** Jesus **VIVO** depois do sepultamento; não uma vez, nem duas, mas pelo menos dez vezes, de que se sabe; não apareceu a pessoas isoladas, mas a grupos de dois, sete, dez, onze, quinhentos.

Alucinação? Não podia ter sido êxtase? Sonho? Fantasia de imaginação excitada? Um espectro? Diferentes grupos de pessoas não mantêm uma mesma alucinação. 500 pessoas agrupadas não teriam, juntas, o mesmo sonho e ao mesmo tempo. Demais disto, ninguém esperava que acontecesse. Consideravam "delírio", a princípio, Lc 24:11. Não acreditaram até que não houve outro jeito.

Não passou de um desmaio? Não se podia ter dado o caso de Jesus não ter estado morto de fato, quando O sepultaram, e ter voltado a Si depois? Neste caso, fraco e exausto, dificilmente teria removido a pedra pesada da porta do sepulcro e saído. Além disso, apareceu com novos poderes, nunca manifestados antes — aparecia e desaparecia atravessando portas fechadas. Os onze (ou 120?), agrupados, pessoalmente viram-No elevar-Se lentamente da terra, e desaparecer nas nuvens.

Alteradas as narrativas? Não podia ter acontecido que o capítulo da ressurreição foi mais adiante acrescentado à história de Cristo, inventado anos depois para glorificar um herói falecido? Sabe-se, de narrativas históricas fora da Escritura, que a seita conhecida dos cristãos começou a existir no reinado de Tibério, e a coisa que lhe deu existência foi a crença de haver Jesus ressurgido dos mortos. A ressurreição não foi um acréscimo posterior à fé cristã, mas sua própria causa, seu ponto de partida. Baseavam sua fé não em narrativas, mas no que tinham visto com seus próprios olhos. As narrativas já foram o resultado da fé, não sua causa. Não houvesse ressurreição, não teria havido N.T. nem igreja.

De que auréola de glória esta simples fé não envolve a vida humana! Nossa esperança de ressurreição e de vida eterna baseia-se, não em palpite filosófico em torno da imortalidade, mas em um fato histórico.

ATOS

A Formação e a Propagação da Igreja

Este livro narra a propagação do Evangelho de Cristo desde Jerusalém até Roma. Dentro da geração dos apóstolos o Evangelho expandiu-se em todas as direções até alcançar cada nação do mundo então conhecido, Cl 1:23. O N.T., entretanto, limita-se à história dessa expansão na Palestina, na direção norte até Antioquia, e daí para o oeste, através da Ásia Menor e Grécia, até Roma, abrangendo a região que constituía a espinha dorsal do império romano.

O livro é chamado Atos dos Apóstolos. Trata principalmente dos atos de Pedro e de Paulo, mais deste último. Paulo foi o apóstolo dos gentios, isto é, das nações não judaicas. Um dos assuntos principais do livro, se não mesmo o principal, em sua relação com o esquema geral dos livros da Bíblia, é a extensão do Evangelho aos gentios.

O A.T. é a história das relações de Deus, desde os tempos antigos, com a nação judaica, as quais tiveram o propósito de, por meio desta nação, abençoar todas as outras.

Neste livro de Atos começa, afinal, entre as nações essa grande e maravilhosa obra. É aqui que a família de Deus deixa de ser uma questão de interesse nacional para ser de interesse internacional, e torna-se uma instituição mundial.

A Autoria de Atos. Diferentemente das Epístolas de Paulo, os Atos não mencionam seu autor. O emprego do pronome pessoal "Eu", na frase inicial, é evidência de que os seus primeiros destinatários sabiam de quem partia o livro. Desde o princípio este livro, bem como o terceiro Evangelho, têm sido reconhecidos, sem questão, como sendo da autoria de Lucas.

Data. Cerca de 63 d.C., ao fim de dois anos de prisão de Paulo em Roma, At 28:30. Parece incrível que o autor deixasse de mencionar o resultado do julgamento de Paulo, se é que se realizou. Alguns pensam que possivelmente uma das finalidades imediatas que Lucas desejava para o livro era a de ser lido como sumário de argumento no julgamento do Apóstolo. Alguns críticos modernos atribuem uma data posterior à redação dos Atos, mormente sobre o fundamento de que foi escrito depois do Evangelho de Lucas, e este Evangelho, dizem eles, deve ter sido escrito depois da queda de Jerusalém, 70 d.C., porque as palavras de Lc 21:20-24 não podiam ter sido escritas antes dessa queda. Esse raciocínio não tem valor para os crentes por duas razões: primeiro, não nos dispomos a crer que Lucas, quarenta anos depois da morte de Jesus, atribuísse a Este palavras que Ele não proferiu; e segundo, não temos a menor dificuldade em crer que Jesus pudesse predizer o futuro.

Lucas. Pouco se sabe de Lucas. É mencionado seu nome só três vezes no N.T. Em Cl 4:14 Paulo chama-o "médico amado", e é classificado entre gentios, v. 11. Os outros dois lugares são Fm 24 e 2 Tm 4:11. É o único escritor da Bíblia que foi gentio. Eusébio diz que ele era natural de Antioquia. Ramsey, um dos maiores eruditos paulinos modernos, pensa que era de Filipos. Homem de cultura e erudição científica, versado nos clássicos hebraicos e gregos. É possível que tivesse estudado na Universidade de Atenas. Juntou-se a Paulo em Trôade, At 16:10, onde emprega o pronome "nós". Ficou em Filipos até à volta dêsse apóstolo, seis ou sete anos depois, At 16:40

("dirigiram-se"), quando tornou a se juntar a ele, 20:6 ("navegamos") e com ele ficou até ao fim. Sendo médico, foi útil a Paulo de um modo especial.

A Cronologia de Atos. Numa narrativa corrida como esta de Atos, é desejável ter uma seqüência coordenada dos acontecimentos, porque em alguns casos os acontecimentos têm sentido conforme venham antes ou depois de outros que com eles se relacionem.

Não há dados bastantes para uma cronologia exata, porém suficientes para se ter uma aproximação da maioria das datas. Aceitando o ano 30 ou 33 d.C., data da crucifixão como ponto de partida, e a data da morte de Herodes, mencionada no cap. 12, como 44 d.C., e a designação de Festo, 24:27, como 60 d.C., e mais certas expressões em Atos e Gálatas, pode-se organizar uma cronologia aproximada para o livro inteiro.

A principal dificuldade diz respeito aos 3 anos de Gl 1:18 e aos 14 anos de Gl 2:1: se os 14 incluem os 3, ou se se adicionam a eles, e se a visita a Jerusalém, mencionada em Gl 2:1, é a mesma de At 11:27-30, ou se é aquela de At 15:2.

O seguinte pode ser considerado como um esquema provável de datas, mais ou menos correto, como uma aproximação de um ou dois anos, para mais ou para menos:

A fundação da Igreja em Jerusalém, 30 ou 33 d.C.
O apedrejamento de Estêvão e dispersão da Igreja, 31 ou 33 d.C.
A conversão de Saulo, 32 ou 35 d.C.
A primeira visita de Paulo a Jerusalém, depois da conversão, 34 ou 38 d.C.
A conversão de Cornélio, entre 35 e 40 d.C.
A fundação da Igreja gentílica em Antioquia, 42 d.C.
A segunda visita de Paulo a Jerusalém, 44 d.C.
O Concílio de Jerusalém, 48 ou 50 d.C.
A segunda viagem missionária de Paulo, Grécia, 48-51 ou 50-53 d.C.
A terceira viagem missionária de Paulo, Éfeso, 53 ou 54-57 d.C.
Paulo chega a Éfeso, 54 d.C.
Paulo deixa Éfeso, junho, 1 Co 16:8, 57 d.C.
Paulo na Macedônia, verão e outono, 1Co 16:5-8, 57 d.C.
Paulo em Corinto, três meses, At 20:2-3, inverno, 57-58 d.C.
Paulo deixa Filipos, abril, At 20:6, 58 d.C.
Paulo chega a Jerusalém, junto, At 20:16, 58 ou 59 d.C..
Paulo em Cesaréia, verão 58 ou 59 d.C. ao outono 60 ou 61 d.C.
Viagem de Paulo a Roma, inverno 60-61 ou 61-62 d.C.
Paulo em Roma 61-63 ou 62-64 d.C.

Capítulo 1. A Ascensão de Cristo

Teófilo, v. 1, a quem o livro é endereçado, ou dedicado, era provavelmente distinto cidadão romano, talvez da Grécia. Nada se sabe dele, a não ser que dois dos mais importantes livros do N.T. lhe foram dedicados. O "primeiro livro" é o Evangelho de Lucas. "Começou", v. 1, faz supor que o que se narra nos Atos ainda são obras de Jesus.

Os Quarenta Dias, vv. 1-5. No decurso dos quarenta dias entre a Ressurreição de Jesus e Sua Ascensão, Jesus apareceu 10 ou 11 vezes aos Seus discípulos, segundo os relatórios nos Evangelhos, para banir para sempre das suas mentes qualquer dúvida quanto à Sua continuada existência como

Pessoa viva. Que experiência maravilhosa, durante aqueles 40 dias, ter visto Jesus com Seu próprio corpo no qual foi crucificado, corpo que ao mesmo tempo era glorificado, ter conversado com Ele, ter participado de refeições com Ele, ter tocado a Ele com sua mãos, enquanto Jesus aparecia e desaparecia, surgindo do nada através de portas fechadas, e voltando para nenhures. O ponto culminante foi quando, com Suas mãos erguidas a abençoar, subiu, paulatinamente, mais e mais alto, até desaparecer através das nuvens.

O primeiro livro, 1:1. O Evangelho de Lucas, v. 3.

Teófilo, v. 1. Um oficial romano de alta patente, ver Nota sobre Lc 1:3.

Capítulo 1:6-11. A Ascensão de Cristo

Restaurarás o reino a Israel?", v. 6. Independência política para a sua nação e um lugar de liderança do mundo, eis o que esperavam do Messias. Maneirosamente Jesus lhes diz que há algumas coisas que não lhes compete saber.

"Confins da terra", v. 8. Foi esta Sua última palavra para depois Se ocultar entre as nuvens. Eles não a esqueceram. A maioria deles, diz a tradição morreu mártir em terras distantes.

"Virá do mesmo modo", v. 11. Deixara-os dos altos de Betânia, Lc 24:50. Voltaria de modo visível ao mundo inteiro, Mt 24:27-28. A esperança de Sua volta estava no centro da mensagem dos apóstolos.

O Cenáculo, vv. 12-14. Possivelmente, o mesmo salão onde Jesus celebrou a última Ceia, Lc 22:12, e talvez na casa de Maria, mãe de Marcos, At 12:12. Aí, durante dez dias, perseveraram em oração, talvez pressentindo que o Pentecostes seria o dia marcado, v. 8.

As mulheres, v. 14. Esta é a última vez que se menciona Maria, mãe de Jesus. Embora virtuosa, admirável, afável e venerável como era, os apóstolos não pareciam sentir necessidade de sua mediação entre eles e Cristo, como ensinou mais tarde a Igreja apóstata.

A escolha do sucessor de Judas, vv. 15-26. Visto Jesus querer que o colégio apostólico, para o lançamento dos fundamentos da Igreja, fosse constituído de "doze" pessoas, deve ter havido alguma significação nesse número, para se harmonizar com outro simbolismo bíblico. Judas "adquiriu um campo", v. 18. Em Mt 27:7 se diz que os sacerdotes compraram o campo para Judas, com o dinheiro deste. Não há contradição. Judas adquiriu o campo mediante os sacerdotes. "Precipitando-se, rompeu-se pelo meio", v. 18. Em Mt 27:5 se diz que se enforcou. Também não há contradição. Esteve pendurado até que o corpo, em decomposição, caiu e arrebentou-se. Para cumprir a profecia, v. 20, e para completar o simbolismo, Ap 21:12-14, foi escolhido Matias. Deste nada mais se sabe.

Capítulo 2. A Fundação da Igreja de Jerusalém

Pentecostes. 30 ou 33 d.C. O aniversário da Igreja. 50 dias depois da crucifixão de Jesus. 10 dias após Sua ascensão. Pensa-se que esse Pentecostes caiu no primeiro dia da semana. A festa de Pentecostes era também chamada festa das Primícias e festa da Colheita, porque as primícias da colheita eram por essa ocasião apresentadas a Deus. Outrossim, comemorava a promulgação da Lei no Sinai. Apropriava-se, pois, para ser o dia da promul-

gação do Evangelho e da recepção das primícias da colheita mundial do *mesmo Evangelho*.

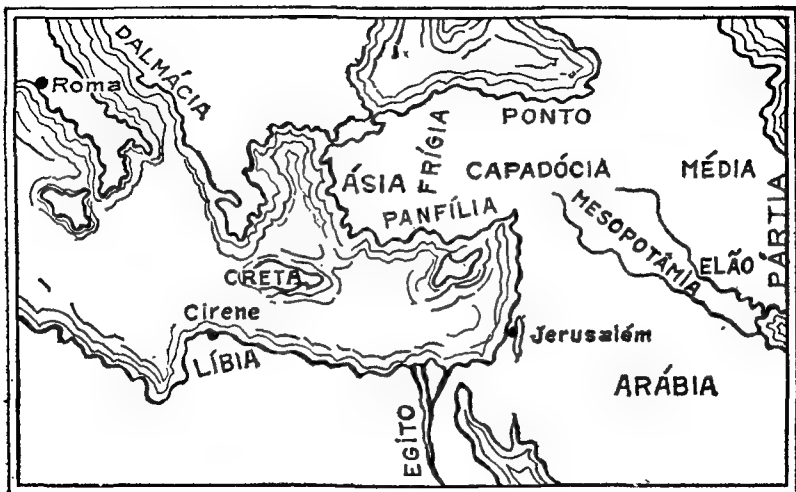
Jesus, em Jo 16:17-24, tinha falado da inauguração da época do Espírito Santo. E agora, está sendo de fato inaugurada, numa poderosa manifestação milagrosa do Espírito Santo, com o som como de um vento impetuoso, e com línguas como de fogo pousando sobre cada um dos Apóstolos, com a primeira proclamação pública da Ressurreição de Jesus, proclamação esta feita para representantes do mundo inteiro, a judeus e a prosélitos ao judaísmo reunidos em Jerusalém para celebrar o Pentecostes, vindo de todas as terras do mundo que então se conheciam (mencionando-se 15 nações, 2:9-11) — e os Apóstolos da Galiléia falavam para eles nas suas próprias línguas.

Capítulo 2:14-26. O Sermão de Pedro

O espetáculo espantoso de Apóstolos falando, sob a influência das línguas de fogo, nas línguas de todas as nações ali representadas. Isto, segundo a explicação de Pedro, vv. 15-21, era o cumprimento da Profecia registrada em Jl 2:28-32.

Pode ser que o que aconteceu naquele dia não foi o cumprimento total e final daquela profecia, e que aquilo seria o começo apenas, de uma era grandiosa e notável que foi iniciada; a profecia pode se aplicar também, ao fim desta era.

O Cumprimento das Profecias

Nota-se as declarações repetidas que o que acontecia já tinha sido predito: A traição de Judas, 1:16,20; a Crucifixão, 3:18; a Ressurreição, 2: 25-28; a Ascensão de Jesus, 2:33-35; a vinda do Espírito Santo, 2:17. "Todos os profetas", 3:18,24 — ver o Artigo "Linhagem Messiânica do Antigo Testamento".

Mapa 65. Nações representadas no Pentecostes

Milagres no Livro dos Atos. O lugar que se dá aos milagres neste livro é *simplesmente admirável.* O Livro começa com a aparição visível de Cristo, depois, da Sua morte, aos Seus discípulos, 1:3. Depois, perante os próprios olhos deles, Sua Ascensão ao céu, 1:9. Então há uma manifestação miraculosa do Espírito Santo em línguas de fogo, 2:3.

Seguem-se imediatamente sinais e prodígios operados pelos apóstolos, 2:43.

Depois vem a cura do coxo, 3:7-11, que muito impressionou o povo, 4:16-17.

Deus responde à oração dos discípulos com um terremoto, 4:31.

Ananias e Safira morrem com um golpe miraculoso do SENHOR, 5:5-10.

Sinais e maravilhas continuam sendo operados pelos apóstolos, 5:12-16.

Multidões das cidades vizinhas são curadas pela sombra de Pedro, e multidões crêem, 5:15-16. Parece a história de Jesus na Galiléia.

Abrem-se as portas da prisão por um anjo, 5:19.

Estêvão opera sinais e prodígios, 6:9.

Crêem os samaritanos à vista dos milagres operados por Filipe, 8:5-7, 13.

Saulo é convertido por uma voz direta do céu, 9:3-9. Caem dos seus olhos as escamas por instrumentalidade de Ananias, 9:18.

A região de Lida converte-se a Cristo mediante a cura de Enéias por Pedro, 9:32-35.

Em Jope, muitos crêem por causa da ressurreição de Dorcas, 9:42.

Converte-se Cornélio com a aparição de um anjo e o falar de línguas, 10:3-4, 44-46.

Pedro é levado a receber os gentios mediante a visão e a voz de Deus, 10:9-22.

Foi a manifestação miraculosa do Espírito Santo que convenceu os judeus de que Pedro tinha razão, 11:18.

A porta da prisão abre-se automaticamente, 12:10.

O procônsul de Chipre crê à vista da cegueira prodigiosa do mágico, 13:11-12.

Paulo faz sinais e maravilhas em Icônio, 14:3, onde grande multidão crê.

Em Listra a cura do aleijado faz as multidões pensar que Paulo é um deus, 14:8-13.

Entre os cristãos de Jerusalém os sinais que Deus operou pela mão de Paulo são narrados para convencer os outros que o trabalho dêsse apóstolo é de Deus, 15:12.

Em Filipos Paulo cura a jovem adivinha, e o terremoto converte o carcereiro, 16:16-34.

Em Éfeso os 12 homens falam em outras línguas com a manifestação prodigiosa do Espírito Santo, 19:6 e os milagres especiais operados por Paulo fazem que a palavra do Senhor prevaleça poderosamente, 19:11-20.

Em Trôade Paulo ressuscita um jovem, 20:8-12.

Na Ilha de Malta a cura da mão de Paulo, picada pela víbora, e a cura de muitos doentes por ele impressionam muito os naturais do lugar, 28:1-10.

Tirem-se os milagres do livro de Atos e pouco restará. Embora os críticos menoscabem do valor probatório dos milagres, permanece o fato de que Deus fez abundante uso deles, quando iniciou o cristianismo do mundo.

Capítulo 3. O Segundo Sermão de Pedro

No dia de Pentecostes, o som como de vento impetuoso reuniu as multidões atônitas. Isto deu para Pedro um vasto auditório para sua primeira proclamação pública do Evangelho. Parece que agora passara algum tempo, 2:46,47. As multidões da época de Pentecostes já voltaram para casa. O povo já estava mais calmo. Os Apóstolos estavam ocupados em instruir os crentes e operar milagres, 2:42-47. E agora, um milagre notável, a cura de um coxo, bem à porta do Templo, um caso conhecido à cidade inteira, mais uma vez emocionou a cidade. E perante as multidões assombradas, Pedro atribuiu a cura ao poder do Cristo Ressuscitado. E isto fez o número dos crentes chegar a atingir cinco mil homens, 4:4, enquanto pregava mais uma vez a amada história do Evangelho.

Capítulo 4:1-31. Pedro e João São Presos

As autoridades que crucificaram Jesus, alarmados agora pela notícia que se alastrava, que Jesus ressuscitara dentre os mortos, e vendo a crescente popularidade do Seu nome, prenderam Pedro e João, ordenando-lhes que não falassem em o nome de Jesus. Nota-se a coragem de Pedro, 4:9-12, 19, 20. Este é o mesmo Pedro que, poucas semanas antes, no mesmo lugar e perante as mesmas pessoas, ficara acovardado perante a zombaria de uma moça, e negara o seu Mestre. Agora, sem vestígio de medo, desafia aos assassinos do seu Mestre.

A ressurreição de Jesus, v. 2. Foi a proclamação da ressurreição de Jesus dentre os mortos que exacerbou contra os apóstolos aqueles que O crucificaram. Notar a incessante ênfase sobre a ressurreição através deste livro. Foi o ponto central do sermão pentecostal de Pedro, e a prova convincente da obra messiânica de Jesus, 2:24,31,32,36. Foi a referência principal no segundo discurso desse apóstolo, 3:15, e em sua defesa perante o Conselho, 4:10. A pregação dos apóstolos era chamada testemunho da ressurreição de Jesus, 4:33. Foi assim na defesa de Pedro, na sua segunda citação em juízo, 5:30. A visão de Cristo ressuscitado converteu Paulo, 9:3-6. Pedro pregou a ressurreição a Cornélio, 10:40. Igualmente Paulo, em Antioquia, 13:30-31. Em Tessalônica, 17:3. E em Atenas, 17:18,31,32. Em sua defesa em Jerusalém, Paulo referiu a visão que tivera de Jesus ressuscitado como a causa de sua conversão, 22:6-11. Explicou a Festo que a esperança da ressurreição era a base de todo o seu procedimento, e foi o que fez Felix tremer, 24:15,25. Foi a defesa de Paulo perante Agripa, 26:8, 23. Ver mais sobre 1 Co 15.

O rápido crescimento da igreja, v. 4. 3.000 no primeiro dia, 2:41. Depois 5.000 homens, 4:4. Seguiu-se uma multidão, tanto de homens como de mulheres, 5:14. Depois do que o número "se multiplicava grandemente", incluindo muitíssimos sacerdotes, 6:7. Era um movimento formidável e poderoso, de avanço irresistível. Não admira que as autoridades se alarmassem e ficassem atemorizadas com a crescente popularidade do Nazareno, a quem haviam crucificados; temiam que o povo se levantasse e descarregasse sobre elas sua vingança por esse crime covarde, 5:28.

A vida comunitária da igreja, vv. 32-35; 2:44-47. Parece que vem aí como um exemplo extraordinário, a ilustrar os princípios fundamentais da igreja, não tendo a intenção de ser norma permanente mais do que os milagres operados pelos apóstolos todos os dias, ou o rigor impressionante no caso de Ananias e Safira. Aquilo foi voluntário, temporário e limitado. Não era obrigatório. Só os que se sentiam inclinados é que o faziam. Acompanhava a demonstração grandiosa de milagres a serviço da introdução do cristianismo no mundo, e cuja finalidade, a nosso ver, era chamar a atenção, de modo impressionante, para o que podia o Espírito de Cristo fazer pela humanidade. Não se menciona esta prática em outras Igrejas neo-Testamentárias. O diácono Filipe passou a viver no seu próprio lar em Cesaréia, 21:8.

Barnabé, vv. 36-37. É a primeira referência que se lhe faz. Natural de Chipre e primo de João Marcos, Cl 4:10. Era homem bom e cheio do Espírito Santo, 11:24. Era de porte impressionante, 14:12. Foi ele quem persuadiu os discípulos de Jerusalém a receber Paulo, 9:27. E foi ele o enviado para receber a igreja gentílica em Antioquia, 11:19-24. É ele quem foi a Tarso buscar Paulo e o pôs a trabalhar, 11:25-26. Acompanhou-o em sua primeira viagem missionária.

Capítulo 5:1-11. Ananias e Safira

A mentira deles consistiu em simular que deram tudo, quando só haviam dado uma parte. Queriam gozar de reputação entre os irmãos, mais do que aquela a que faziam jus. Sua morte foi um ato de Deus, não de Pedro. Tal e qual a morte de Acã, Js 7, teve o desígnio de tornar-se um exemplo para todos os tempos do desagrado de Deus pelo pecado da cobiça, e da hipocrisia religiosa. Deus não nos dá golpes mortais toda vez que cometemos estes pecados. Se o fizesse, nas igrejas sempre haveria gente caindo morta. Mas o incidente indica qual é a atitude de Deus para com um coração iníquo. Pode ter tido o desígnio não só de punir Ananias e Safira, como de causar um efeito salutar na igreja, v. 11. Deus avisou, bem nos primeiros dias da Igreja, que não é tolerável usar a Igreja como meio de promoção pessoal.

A segundo prisão dos apóstolos, vv. 12-42. Notar o poder e a popularidade admiráveis dos apóstolos, vv. 12-16. Os doentes de todas aquelas redondezas vieram em multidões, e foram todos curados. Lembra os dias de Jesus na Galiléia. Certo que Deus realizava Sua parte em fazer com que o público conhecesse que Ele estava com os apóstolos e no movimento por êles dirigido. Mas isso encheu de furor as autoridades. Não fosse o medo do povo e a influência pacífica de Gamaliel, teriam apedrejado os apóstolos. Gamaliel era o mais famoso rabino daquele tempo. Era fariseu. A hostilidade entre fariseus e saduceus era considerável. Sacerdotes e saduceus faziam a maioria do Conselho. Detestavam a idéia de ressurreição dos mortos. Gamaliel, embora não fôsse cristão, parecia simpatizar com os cristãos contra os saduceus. Notar a inabalável ousadia de Pedro em desafiar as autoridades, 4:8-13; 5:29-32. Foi o mesmo Pedro que, poucas semanas antes, acovardara-se diante da expressão escarninha de uma criada, e negara seu Mestre. Os apóstolos, apesar de serem açoitados, v. 40, continuavam a proclamar Jesus, e regozijavam-se a sofrer por Ele, vv. 41, 42.

Capítulo 6. A Designação dos Sete

Até este tempo, parece que os Apóstolos tinham administrado os assuntos financeiros da Igreja, 4:37. Mas dentro de poucos meses, ou um ou dois anos, a Igreja crescera enormemente, e a obra da beneficência chegara a tais proporções que estava tomando muito tempo aos apóstolos. Estes tinham outra coisa a fazer. Eram eles que tinham conhecimento de primeira mão da preciosa história de Jesus. O único meio de fazê-la conhecida era a palavra falada. Não deviam permitir que nada, ainda que importante, os desviasse dessa tarefa. De manhã à noite, de público ou em particular, até onde lhes permitissem as forças, seu único dever seria continuar contando a história, nos seus detalhes ou resumidamente, às multidões que iam e vinham.

A designação dos sete parece que produziu bom efeito, porquanto logo se declara que os discípulos continuaram a se multiplicar muito, v. 7.

Capítulo 6:8-15. Estêvão

Dos Sete Diáconos, dois eram grandes pregadores: Estêvão e Filipe. Estêvão é honrado como sendo o primeiro mártir da Igreja. Filipe levou o Evangelho para a Samaria e para o oeste da Judéia.

A esfera específica da atuação de Estêvão parece ter sido entre os judeus helenísticos. Naquela época havia umas 460 sinagogas em Jerusalém, algumas das quais foram construídas por judeus de várias nacionalidades, para seu uso particular. Cinco destas pertenciam a cidadãos de Cirene, Alexandria, Cilícia, Ásia e Roma, 6:9. Tarso sendo na Cilícia, Saulo pode ter pertencido a este grupo. Alguns destes judeus nascidos no estrangeiro, educados em centros de cultura grega, se sentiam superiores aos judeus da pátria. Mas em Estêvão acharam um campeão da verdade, que não conseguiam vencer por argumentos; subornaram falsas testemunhas e levaram-no ao Sinédrio. Decerto, Estêvão era um homem brilhante, e Deus estava com ele confirmando sua obra por meio de milagres, 6:8.

Capítulo 7. O Martírio de Estêvão

Estava perante o mesmo Concílio que crucificou Jesus, e que pouco antes proibira os Apóstolos de falar em nome de Jesus, 4:18 — e ali estavam os mesmos sacerdotes Anás e Caifás, 4:6.

O discurso de Estêvão perante o Concílio era, na sua mór parte, um resumo interpretativo da História do Antigo Testamento, culminando numa repreensão mordaz por causa de os judeus terem assassinado Jesus, 7:51-53. Enquanto falava, seu rosto brilhava como se fosse rosto de anjo, 6:15. Lançaram-se contra ele como feras. Enquanto as pedras começavam a ser lançadas, Estêvão olhava para o céu e via a glória de Deus, e Jesus, que estava à Sua direita, como se o véu se abrira para lhe oferecer entrada. Morreu como morrera Cristo, sem vestígio de ressentimento contra seus assassinos desprezíveis, orando: "Senhor, não lhes imputes este pecado", 7:60.

"Um jovem chamado Saulo", Temos aí um MOMENTO DECISIVO da história. Embora o efeito imediato fosse fazer Saulo disparar na perseguição aos discípulos podemos ficar certos de que as últimas palavras de Estêvão atingiram o alvo em cheio e se alojaram bem no fundo de sua natureza, preparando o caminho, dentro da sua consciência, para a visão da estrada de Damasco, 26:14. O martírio de Estêvão, podemos pensar, pelo menos em parte, foi o preço pago pela alma de Saulo. E que alma! Depois de

Jesus, era o maior homem de todos os tempos. Aquele que muito mais do que qualquer outro, estabeleceu o cristianismo nos centros principais do mundo então conhecido, e alterou assim o curso da história.

Capítulo 8:1-4. A Dispersão da Igreja

Esta foi a primeira perseguição que a Igreja sofreu. Na época, a Igreja provàvelmente contava com apenas um ou dois anos de existência. A perseguição durou, provavelmente, uns poucos meses. Paulo era um líder desta perseguição. Tinha dois parentes que já eram crentes, Rm 16:7. Esta perseguição que começou com o apedrejamento de Estêvão, era furiosa e severa. Saulo, respirando ameaças e morte, 9:1, devastava a Igreja, arrastando homens e mulheres para a prisão, 8:3; açoitava os crentes, 22:19, 20, matando muitos deles, 26:10, 11, perseguindo sobremaneira a Igreja, Gl 1:13.

Esta perseguição provocou a dispersão da Igreja. Em Jerusalém, a Igreja já se tornara um movimento poderoso, avançando irresistivelmente. O último mandamento que Jesus deu aos discípulos era que o Evangelho seja proclamado para o mundo inteiro, Mt 28:19; At 1:8. Agora, pela providência de Deus, esta perseguição lançou a obra missionária da Igreja. Os membros da Igreja já tiveram bastante oportunidade para ter ouvido os Apóstolos contarem a história completa de Jesus, da Sua morte e da Sua ressurreição. E agora, por onde quer que viajassem, tinham condições para anunciar as Boas Novas. Os Apóstolos, talvez isentos da perseguição por causa do apoio popular do qual gozavam, ainda permaneciam em Jerusalém para cuidar da igreja central. Mais tarde, eles também fizeram suas viagens.

Capítulo 8:4-40. Filipe Em Samaria e Judéia

Deus autenticou a mensagem de Filipe com milagres, vv. 6, 7, 13. Mesmo assim, foram os Apóstolos Pedro e João que foram enviados para orar para que os crentes recebessem o Espírito Santo, v. 15.

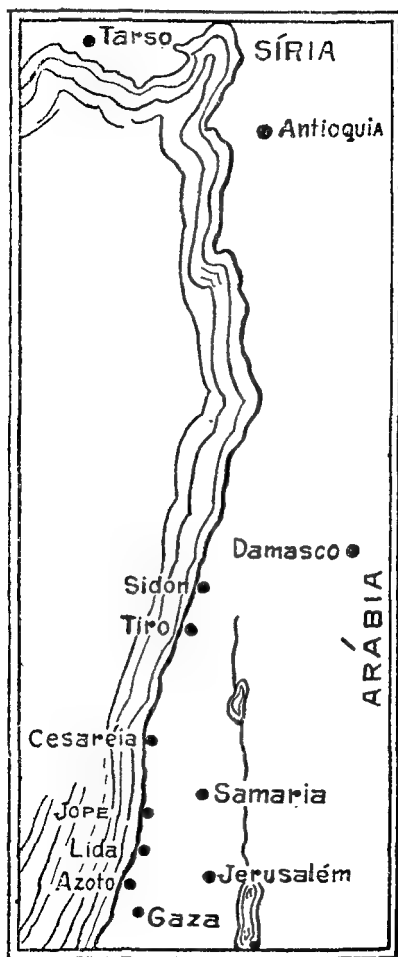
Então Deus guiou Filipe para o sul, para um encontro com o superintendente do tesouro da Etiópia, que no seu turno levaria o Evangelho para o coração da África.

Então Filipe foi pregando o Evangelho em todas as cidades entre Azoto e Cesaréia, cidade onde morava, 21:8, 9.

O batismo, vv. 36-39. Sua menção aqui é bastante notável. Rito inicial da carreira cristã. Jesus ordenara-o, Mt 28:19. Os 3.000 que se converteram no Pentecostes, primícias do Evangelho, foram batizados, 2:38. Os samaritanos, quando receberam o Evangelho, foram batizados, 8:12,16. Saulo foi batizado, 9:18; 22:16. Cornélio, primeiro gentio convertido, foi batizado, 10:47, 48. Lídia foi batizada, 16:15. De igual modo o carcereiro filipense, 16:33. E os Coríntios, 18:8. E os Efésios 19:5. Paulo fala do batismo como representação da morte e ressurreição de Jesus, e de nossa união com Ele na morte e na esperança da ressurreição, Rm 6:3-7; Cl 2:12.

Capítulo 9:1-30. A Conversão de Saulo

Era da tribo de Benjamim, Fp 3:5; nativo de Tarso, terceiro centro universitário do mundo, sendo superado em importância, naquela época, apenas por Atenas e Alexandria; tinha a cidadania romana como direito de nascença, At 22:8, de família influencial; tinha, portanto, uma herança judaica, grega e romana.

Resolvera destruir a Igreja. Esmagou e espalhou a Igreja de Jerusalém, e então empreendeu viagem para Damasco para procurar os crentes que para lá tinham fugido.

Mapa 66

No caminho, numa intervenção celestial, o Senhor Se revelou a ele. Sua conversão se narra três vêzes: aqui, e 22:5-16 e 26:12-18. Foi uma visão real, não um sonho; sua cegueira foi real, vv. 8, 9, 18. Os companheiros ouviram a voz, v. 7. Doravante, com dedicação sem par na História, serviu ao Cristo cuja Igreja procurara destruir.

Pedro em Lida, vv. 32-35. Os apóstolos permaneceram em Jerusalém, talvez para conter a severidade perseguidora das autoridades. Agora, porém, Pedro estava livre para visitar o território que com tanto êxito fôra evangelizado pelo *diácono Filipe*. Notar como a cura do paralítico fêz que toda a região se voltasse para o Senhor, v. 35. Sarom era a planície litorânea de Jope e Cesaréia.

A Ressurreição de Dorcas, vv. 36-43. Esta é uma das sete ressurreições, além da de Cristo, narradas na Bíblia, sendo operadas as outras por Elias, 1 Rs 17; Eliseu, 2 Rs 4; Jesus, Mc 5; Lc 7; Jo 11; Paulo, At 20. Notar outra vez que esse milagre fêz que muitos cressem no SENHOR, v. 42.

Pedro, v. 43, fazia agora de Jope, provisoriamente, seu quartel general. Foi isso provavelmente cinco a dez anos depois da fundação da Igreja de Jerusalém. A região costeira era densamente povoada. Havia muitas igrejas para Pedro ajudar a pastorear. Sua residência ali preparou o caminho de sua missão junto a Cornélio.

Capítulos 10, 11. A Extensão do Evangelho aos Gentios

Cornélio era o primeiro cristão entre os gentios. Anteriormente, o Evangelho só tinha sido pregado para judeus, prosélitos judeus, e samaritanos, que observavam a Lei de Moisés.

Os apóstolos deviam ter entendido, da última comissão de Jesus, Mt 28:19, que teriam de pregar o Evangelho a todas as nações. Mas ainda

não lhes tinha sido revelado que os gentios deviam ser recebidos como tais. Pareciam pensar que os gentios tinham que primeiro ser circuncidados e tornar-se prosélitos dos judeus para serem cristãos. Havia judeus espalhados entre todas as nações, e os apóstolos, até que Deus lhes tirou essa idéia, podiam pensar que a missão deles era pregar aos tais. Pelo menos, durante certo tempo, pregavam o Evangelho somente a judeus, 11:19.

Foi preciso uma visão especial para induzir Pedro a se dirigir ao gentio Cornélio. E mesmo depois que os apóstolos se convenceram, pela orientação direta do Espírito Santo, que deviam receber gentios na Igreja como gentios, o assunto ainda ficou sendo alvo de muita controvérsia naquela geração apostólica porque, de um modo geral, o preconceito judaico era bastante forte para ser completamente vencido pelo doutrinamento dos apóstolos.

Cornélio

O primeiro gentio, escolhido por Deus, que recebeu a oferta do Evangelho, era um oficial do exército romano em Cesaréia, chamado Cornélio.

Cesaréia, na costa marítima da Palestina, uns 80 km ao nordeste de Jerusalém, era a capital romana da Palestina, residência do governador romano, e quartel geral militar da Província. A coorte da qual era centurião era, segundo se pensa, a guarda do próprio Governador. Depois do Governador, Cornélio deve ter sido um dos homens mais importantes e mais conhecidos da região.

Cornélio era um homem bom e piedoso. Deve ter sabido algo sobre o Deus dos judeus e dos cristãos. Cesaréia era cidade onde Filipe morava, 8:40; 21:8. Mas, apesar de Cornélio ter o costume de orar ao Deus dos judeus, assim mesmo era gentio.

Era da vontade divina que Cornélio fosse o primeiro gentio a passar pela porta do Evangelho. O próprio Deus dirigiu os acontecimentos todos. Mandou Cornélio enviar um recado a Pedro, v. 5. Uma visão celestial induziu Pedro a aceitar a chamada, vv. 9-23. Deus colocou Seu próprio selo de aprovação sobre a aceitação de Cornélio como membro da Igreja, vv. 44-48, sendo èle as primícias do mundo gentio.

Isto deve ter acontecido uns cinco ou dez anos depois da fundação da Igreja em Jerusalém, talvez 40 d.C. Não há dúvida que o acontecimento deu ímpeto para a fundação da Igreja dos gentios, em Antioquia, 11:20. Mas foi difícil para alguns judeus aceitarem a situação (ver o capítulo seguinte).

Foi de Jope, v. 5, que Deus enviou o judeu, Pedro, ao gentio, Cornélio. Foi desta mesma cidade de Jope que Deus enviou o judeu, Jonas, para a cidade gentia de Nínive, 800 anos antes, com bastante fôrça persuasiva, Jn 1:3.

Nota-se que Cornélio não tinha que deixar sua situação de oficial das Fôrças Armadas.

Os anciãos de Jerusalém aprovam, 11:1-18. Foi a referência de Pedro à evidente mão de Deus na conversão de Cornélio, que convenceu os anciãos de Jerusalém de que os gentios deviam ser aceitos na Igreja sem se exigir deles que se tornassem prosélitos dos judeus. Houve, todavia, um partido forte em Jerusalém que relutou em aceitar a decisão apostólica, 15:5.

Capítulo 11:19-26. A Igreja em Antioquia

Fundada pouco depois do apedrejamento de Estêvão, pelos cristãos que foram dispersos pela perseguição que se seguia, começou sendo exclusivamente de cristãos de raça judaica, v. 19.

Alguns anos mais tarde, talvez em 42 d.C., certos cristãos de Chipre e de Cirene, tendo ouvido que Cornélio fôra recebido na Igreja, chegaram a Antioquia e pregaram que os gentios não precisariam se tornar prosélitos judeus a fim de serem cristãos. Nisto Deus mostrou Sua aprovação, v. 21.

A Igreja em Jerusalém ficou sabendo do caso. As autoridades da Igreja, convencidas pelas provas que Pedro levara para mostrar que a conversão de Cornélio era obra de Deus, aprovaram esta obra também, e enviaram Barnabé com as bênçãos da Igrêja-mãe, e entraram muitos gentios, v. 24.

Barnabé foi para Tarso, uns 160 km ao nordeste de Antioquia, e procurou Saulo, trazendo-o para Antioquia. Parece que isto ocorreu uns dez anos depois da conversão de Saulo. Neste ínterim, Saulo tinha passado uns três anos em Damasco e Arábia, e o restante em Tarso, segundo se pensa. Deus tinha enviado Saulo para longe, aos gentios, 22:21. Não há dúvida, portanto, que seja qual for o lugar onde passara este período, seu tempo tinha sido ocupado em narrar incessantemente a história de Jesus. Agora vem para ser um líder ativo neste novo centro de cristianismo entre os gentios.

Antioquia. Terceira cidade do império romano (somente Roma e Alexandria a sobrepujavam). População de 500.000. Uns 500 km ao norte de Jerusalém. Porta de acesso do Mediterrâneo às grandes estradas orientais. Centro oriental de operações de César, Augusto e Tibério. Chamava-se "Antioquia, a bela", "rainha do Oriente", embelezada com tudo quanto a "riqueza romana, a estética grega e o luxo oriental podiam produzir". Todavia, era uma das "mais sórdidas e depravadas cidades do mundo". O culto de Astarote pelas mulheres de Antioquia era tão indecente que Constantino mais adiante o aboliu pela força. Todavia, multidões de seu povo aceitaram Cristo; foi lá que surgiu o nome de **"CRISTÃO"**, tornando-se a cidade o centro de um **ESFORÇO ORGANIZADO PARA A CRISTIANIZAÇÃO DO MUNDO.**

Capítulo 11:27-30. A Antioquia Envia Alívio a Jerusalém

Barnabé e Saulo levaram a oferta. Parece que esta foi a segunda vez que Saulo visitou Jerusalém depois da sua conversão, Gl 2:1. Na primeira visita, os judeus helenistas procuraram tirar-lhe a vida, At 9:26-30. Sua chegada em Jerusalém, 11:30, pouco antes de Herodes matar Tiago e encarcerar Pedro, 12:1-4, e sua volta para Antioquia, 12:25, pouco depois da morte de Herodes, 12:33, demonstra que esta visita pertence ao ano 44 d.C., ano da morte de Herodes.

Capítulo 12. A Morte de Tiago. A Prisão de Pedro

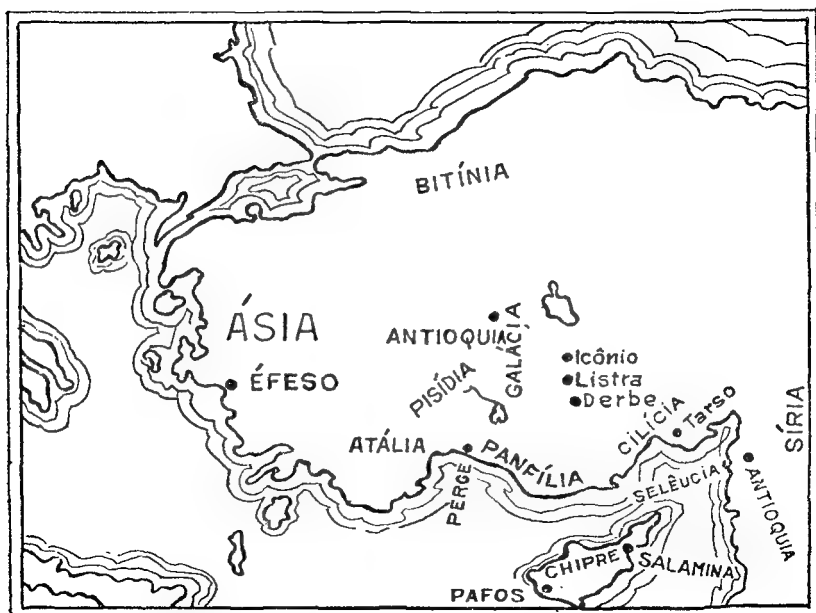
A Morte de Tiago, 12:1-2. Foi o primeiro dos doze a morrer, 44 d.C. Este Tiago, irmão de João, fôra um dos três na roda íntima de Jesus. O Herodes de que se fala foi o filho do outro que matara João Batista. Outro Tiago, irmão de Jesus, assumiu a liderança em Jerusalém.

A Prisão de Pedro, vv. 3-25, e seu prodigioso livramento. Narrando-se este incidente entre a visita de Paulo a Jerusalém, 11:30, e seu regresso a Antioquia, 12:25, parece que a morte de Tiago, a prisão de Pedro e a morte de Herodes ocorreram tôdas durante a estada de Paulo em Jerusalém.

Capítulos 13, 14. Primeira Viagem Missionária de Paulo
Seu Trabalho na Galácia. Cerca de 46-47 d.C.

A Igreja de Antioquia, 13:1-3, primeiro centro do cristianismo gentílico, de onde Paulo empreendeu a evangelização do império romano. Um dos mestres dessa igreja era irmão colaço de Herodes, do que presumimos ter sido ela, de muito prestígio. Tornou-se o centro da obra missionária de Paulo. De lá saía nas viagens, e para lá voltava para dar seu relatório.

Paulo já tinha sido um cristão desde uns 12 ou 14 anos passados, e se tornara um líder da Igreja na Antioquia. Já chegara a hora da sua saída missionária, para levar o nome de Cristo para as partes mais longínquas do mundo gentio, 22:21.

A região gálata, no centro da Ásia Menor, para onde se dirigiu, ficava uns 500 km ao nordeste de Antioquia. Era uma viagem considerável. Naqueles dias não havia transportes modernos, tais como trens, carros ou aviões: só cavalos, burros, camelos e navios a vela ou remo. Ou o caminhar a pé.

Mapa 67. A primeira viagem missionária de Paulo

Chipre, 13:4-12. A viagem teria sido mais direta por terra, passando por Tarso, a entrada sulina da Ásia Menor. Mas Paulo acabara de passar 7 ou 8 anos naquela cidade; preferia então, atravessar pela Ilha de Chipre, e da extremidade do oeste da Ilha, velejar ao norte para chegar bem no centro da Ásia Menor.

Aí se converteu o governador romano. O milagre foi o fator decisivo, vv. 11, 12. A cegueira do mágico não foi ato de Paulo, mas de Deus. Saulo é daqui por diante chamado Paulo, v. 9. A forma hebraica do seu nome era Saulo. Paulo era a forma romana.

Antioquia da Pisídia, 13:13-52. Paulo, conforme seu costume, começou sua obra na sinagoga judaica. Alguns judeus creram, e igualmente muitos gentios das regiões em redor, vv. 43, 48, 49. Mas os judeus que não tinham crido, levantaram uma perseguição, e expulsaram Paulo e Barnabé da cidade.

Icônio, 14:1-6. Uns 160 km ao leste de Antioquia da Pisídia. Aí ficou "muito tempo", v. 3. Operou sinais e prodígios. Grande multidão de judeus e gentios creu. Paulo veio a ser assunto de discussão na cidade. Seus inimigos conspiraram para apedrejá-lo e ele fugiu para Listra, uns 32 km ao sul.

Listra, 14:6-20. Aí a cura do coxo muito impressionou a cidade. Aclamaram Paulo e Barnabé como deuses, porém logo mudaram de idéia e os apedrejaram. Listra era cidade de Timóteo, 16:1. Talvez este presenciasse a ocorrência, 2 Tm 3:11.

Derbe, 14:20-21. Expulso de Listra, Paulo dirigiu-se a Derbe, 48 km a sudeste, onde fez muitos discípulos. Depois, com a sua costumeira coragem, voltou a Listra, Icônio e Antioquia para animar e confirmar os discípulos.

O Espinho na carne de Paulo, mencionado em 2 Co 12:7, deve tê-lo acometido durante esta visita à Galácia, porque isso aconteceu catorze anos antes de escrever 2 Coríntios, que foi mais ou menos o tempo de sua entrada na Galácia, Gl 4:13.

Capítulo 15. O Concílio de Jerusalém

A Questão da Circuncisão dos Gentios Convertidos

Foi em 48 d.C. mais ou menos. Vinte anos depois da fundação da Igreja. Dez anos depois da recepção de gentios como membros da Igreja.

Apesar de Deus haver revelado expressamente a Pedro que os gentios deviam ser recebidos na Igreja sem a circuncisão, cap. 10, e os apóstolos e anciãos estarem convencidos disto, 11:18, um partido poderoso de discípulos fariseus persistia em ensinar que a circuncisão era necessária, 15:5. A Igreja estava dividida sobre esta questão. Deus, mediante Seu Espírito neste Concílio, levou os apóstolos a decidir unânime e formalmente que a circuncisão não era necessária aos gentios. Foi enviada uma carta branda, exigindo apenas que os novos membros se abstivessem das imoralidades comuns no mundo pagão.

Pedro. É esta a última vez que se menciona Pedro no livro de Atos. Até o cap. 12 é a figura dominante. Foi quem liderou o movimento no dia de Pentecostes e nos seguintes. Recebeu o primeiro gentio na Igreja, cap. 10. Durante estes 20 anos, tendo Jerusalém como centro de suas operações, julgamos que ele visitou as igrejas pela Palestina, na direção norte até Antioquia. Ver nota sobre sua vida posterior, em 1 Pedro.

Separação entre Paulo e Barnabé, vv. 36-41. Foi por causa de Marcos. Este havia-os deixado na primeira viagem, 13:13. Não se diz por que. Talvez sua timidez, ou medo; ou possivelmente não estivesse de todo convencido que fosse necessário evangelizar os gentios. Entretanto, agora mudara de parecer e estava pronto para ir. Paulo não estava disposto a levá-lo. Barnabé estava. De modo que Paulo e Barnabé concordaram em trabalhar separados. Esta separação, embora pungente, não foi colérica. Mais tarde eles trabalharam juntos, 1 Co 9:6; Cl 4:10.

Capítulos 15:36-18:22. A Segunda Viagem Missionária de Paulo Seu Trabalho na Grécia. Cerca de 48-51 d.C.

Silas. Companheiro de Paulo nesta viagem, 15:40. Pouca coisa se sabe sobre ele. O primeiro registro sobre ele o coloca entre os líderes da Igreja de Jerusalém, 15:22, 27, 32. Como Paulo, era judeu e cidadão romano, 16:21,37. Foi enviado com a carta de Jerusalém para os gentios, 15:27. Também é chamado Silvano. Era companheiro de Paulo quando as Epístolas aos Tessalonicenses foram escritas, 1 Ts 1:1; 2 Ts 1:1. Levou 1 Pedro aos seus primeiros leitores, 1 Pe 5:12.

Nova visita às igrejas da Galácia, 16:1-6. Em Listra, Paulo encontra Timóteo e tanto se agrada deste que o leva consigo. Timóteo tornou-se seu companheiro constante, depois disso. Ver nota a respeito em 1 Timóteo.

Paulo muda de plano, 16:6-7. Parece que se dirigia a Éfeso ("Ásia"), porém Deus lho impediu. Depois planejou ir à Bitínia. Outra vez Deus lhe embargou os passos. Então se dirigiu a Trôade. Não é algo consolador para os crentes hesitantes o fato de até mesmo Paulo, tão íntimo que era do Espírito Santo, em alguns casos demorar a descobrir qual era a vontade de Deus a seu respeito?

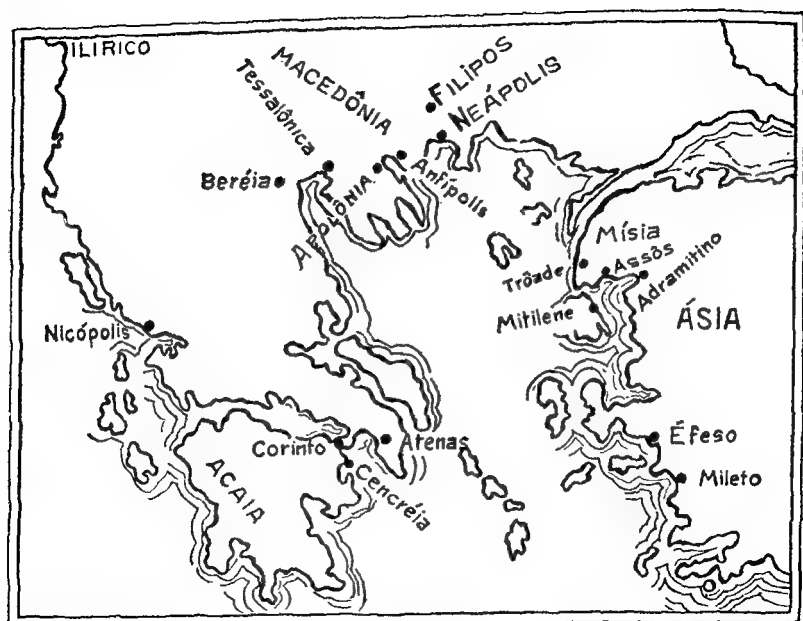
A visão de Trôade, 16:8-10. Trôade estava perto da velha Tróia. Lucas, como se indica pela mudança da pessoa, "ele" para "nós", v. 10, viera acompanhar o grupo.

Em Filipos, 16:11-40. A primeira convertida foi Lídia, negociante vinda de Tiatira. Possivelmente, veio a fundar a igreja nesta cidade, Ap 2:18. Filipos foi a primeira igreja de Paulo na Europa, uma das suas igrejas mais fiéis, a única, ao que saibamos, da qual recebeu paga pelo seu trabalho. Deixou Lucas aí, 17:1 ("chegaram"), o qual tornou a juntar-se a ele seis anos depois, 20:6 ("navegamos"). Cinco anos mais adiante escreveu a Epístola aos Filipenses.

Em Tessalônica, 17:1-9. A maior cidade da Macedônia, 160 km ao oeste de Filipos. Ver nota introdutória a 1 Tessalonicenses. Aí muita gente se converteu, e seus inimigos o acusaram de "transtornar o mundo", o que não foi pequeno elogio à magnitude de sua obra. Ver mais sobre as Epístolas aos Tessalonicenses.

Em Beréia, 17:10-14. Uns 80 km ao oeste de Tessalônica. Declara-se dos bereanos que estudavam as Escrituras com muita receptividade. Aí Paulo alcançou bom êxito.

Em Atenas, 17:15-34. Aqui foi onde Paulo teve a mais fria recepção. Cidade de Péricles, Sócrates, Demóstenes e Platão. Durante mil anos, de 500 a.C. a 500 d.C. foi centro de Filosofia, Literatura, Ciência e Arte. Sede da maior Universidade do mundo. Lugar de encontro das classes cultas do mundo. Todavia, estava de todo entregue à idolatria. O discurso de Paulo no Areópago é uma das obras primas de oratória de todos os tempos, e revela sua competência no pensamento grego. Entretanto, os atenienses escarneceram da ressurreição, embora, alguns cressem!

Em Corinto, 18:1-18. Uma das principais cidades do império romano. Ver Nota Introdutória de 1 Coríntios. Aí Paulo ficou ano e meio e estabeleceu uma igreja grande, vv. 10, 11.

Mapa 68. A segunda viagem missionária

Áqüila e Priscila. Hospedaram Paulo em Corinto, vv. 2, 3. Há inscrições nas catacumbas que dão a entender ter sido Priscila de família distinta, de categoria elevada em Roma, a qual, todavia, se desclassificou por se ter casada com um judeu. É sempre mencionada primeiro. Sem dúvida, era mulher de talento excepcional. Quando ela e o marido se converteram a Cristo, em Corinto, pela influência de Paulo, deram-se logo totalmente ao trabalho da igreja. Foram com Paulo a Éfeso, 18:18, onde mais tarde a casa deles foi lugar de reunião de uma igreja, 1 Co 16:19. Poucos meses depois voltaram a Roma, onde novamente ofereceram a casa para a reunião de uma igreja, Rm 16:3-5. Alguns anos adiante estavam outra vez em Éfeso, 2 Tm 4:19. Foram sempre amigos leais e devotados de Paulo.

Saindo de Corinto, Paulo voltou para Jerusalém e Antioquia, e no caminho, visitou Éfeso, visita que já havia muito queria fazer. Na sua primeira viagem missionária, é possível que estava visando chegar a Éfeso quando, na Antioquia da Pisídia, foi desviado de volta para o leste, por causa de seu espinho na carne, Gl 4:13; 2 Co 12:7. Assim ficou na área da Galácia. Na sua segunda viagem missionária, estava procurando chegar a Éfeso, quando Deus o desviou para o norte, mandando-o a Trôade e à Grécia, 16:6,7. E, finalmente, na sua terceira viagem, a porta se abre para ir a Éfeso.

Capítulos 19, 20. A Terceira Viagem de Paulo
Seu Trabalho em Éfeso. Cerca de 54-57 d.C.

Éfeso. População de 225.000. Era a metrópole da "Ásia", nome este da província romana que abrangia a parte ocidental do que hoje se conhece por Ásia Menor. Era importante e magnificente cidade, na estrada imperial

de Roma para o Oriente, espinha dorsal do império romano, do qual Éfeso era o centro. Porta de acesso para a Ásia Menor. Sede do culto de Diana.

Aí Paulo realizou o trabalho mais maravilhoso de toda a sua vida prodigiosa. Vasta multidão de adoradores de Diana tornou-se cristã. Fundaram-se igrejas em cidades situadas até 160 km ao redor. Éfeso tornou-se rapidamente o principal centro do mundo cristão. Aí residiu o Apóstolo João em sua velhice. Aí oito dos livros do N.T. foram escritos pela primeira vez: o Evangelho de João, suas três Epístolas, 1 Coríntios, 1 e 2 Timóteo, e o Apocalipse; provavelmente também 1 e 2 Pedro e Judas.

O Templo de Diana, em Éfeso, era uma das sete maravilhas do mundo. Levou 220 anos para ser construído. "Feito do mais puro mármore, cintilava como um meteoro." O culto de Diana era "impuro e vergonhoso, perpétuo festival de vício". As grandes multidões que assistiam às suas festas, vindas das regiões vizinhas, deram a Paulo grande ensejo de disseminar o Evangelho. Em três anos o Apóstolo conseguiu tão grande número de adeptos que o prestígio de Diana correu perigo. A influência dela mais tarde atingiu as igrejas, Ap 2.

Apolo, 18:24-28. Um judeu eloqüente. Veio a ser um líder poderoso na Igreja de Corinto, 1 Co 3:6, e na de Éfeso, 1 Co 16:12. Passados alguns anos, ainda estava ajudando Paulo, Tt 3:13. Os três, Apolo, Áqüila e Priscila, permaneceram como fiéis assistentes de Paulo em Éfeso e Corinto.

Os três anos. Durante três meses ensinou na sinagoga, 19:8. Depois, por dois anos na escola de Tirano, v. 9, diariamente. Era a sala de aulas de um filósofo, pequena, onde cabiam apenas umas doze pessoas sentadas. Daquela saleta Paulo abalou uma poderosa cidade até aos alicerces. Coisa espantosa: naqueles primitivos tempos, sem edifícios de igrejas nem seminários, e a despeito de perseguições, a Igreja fazia mais rápido progresso do que em outra qualquer época depois. Paulo diz que sua permanência ali foi de "três anos", 20:31. Assim, deve ter ele ensinado poucos meses em algum lugar, além da sinagoga e da escola, provavelmente pelas casas, 20:20.

Milagres especiais, 19:11. Foi esta a principal razão do êxito assinalado de Paulo. Sem os milagres o resultado, sem dúvida, teria sido apenas uma parte do que foi. Parece que Deus estava particularmente interessado em estabelecer o Evangelho em Éfeso.

Era só às vezes que Paulo podia operar milagres. Não se registrou nenhum em Damasco, Jerusalém, Tarso, Antioquia, Antioquia da Pisídia, Derbe, Atenas ou Roma. Sim em Chipre, Icônio, Listra, Filipos, Corinto, Éfeso e Malta. O Senhor usava seu próprio critério na concessão de poderes sobrenaturais. Em Éfeso, multidões de estranhos foram curadas mediante lenços que tocavam no corpo de Paulo, 19:12. Não obstante, de outra vez ele não pôde curar Trófimo, seu prezado amigo e cooperador, 2 Tm 4:20.

Os mágicos, 19:13-20. Uma classe de pessoas que se converteram, tão numerosas e tão radicalmente, que fizeram uma fogueira dos seus livros, cujo valor subiu a 8 mil dólares. Seus milagres falsos valiam nada perante os milagres operados por Paulo.

O plano de Paulo para visitar Roma, 19:21-22. Havia terminado a evangelização da Ásia Menor e Grécia, Rm 15:19, e estava pronto para avançar na direção do Oeste.

O tumulto, 19:23-41. Foi causado por invasão nos interesses comerciais de Diana, tão gigantesco era o movimento popular que abandonava o culto

dessa deusa. Acabou num tumulto furioso, no teatro de 24.000 assentos, no qual por pouco o Apóstolo não perdeu a vida, 2 Co 1:8. Se esse Alexandre, v. 33, é o mesmo que se menciona em 2 Tm 4:14, também de Éfeso, então de amigo de Paulo tornou-se mais tarde inimigo.

Paulo torna a visitar a Grécia, 20:1-4. Deixou Éfeso em junho, 1 Co 16:8; e saiu de Filipos em abril seguinte, Atos 20:6; passando quase um ano na Grécia, três meses na Acaia, vv. 2-3, e o resto na Macedônia. Provavelmente, desta vez é que ele foi ao Ilírico, Rm 15:19, a N.O. da Macedônia.

Quatro grandes Epístolas de Paulo foram produzidas neste período. 1 Coríntios, antes de deixar Éfeso. 2 Coríntios, quando na Macedônia. Gálatas, mais ou menos ao mesmo tempo, segundo tradição aceita geralmente. Romanos, quando estava em Corinto.

Em Trôade, vv. 7-12. Aqui, uns sete ou oito anos antes, tivera a visão que o levou à Macedônia. Fazia um ano que passara por lá, 2 Co 1:12. Os discípulos em Trôade observavam a Ceia do Senhor semanalmente, aos domingos, v. 7. Paulo teve de esperar por um domingo, v. 6, para poder falar-lhes. A ressurreição de Êutico é uma das sete mencionadas na Bíblia, ver sobre 4:36.

Paulo despede-se dos anciãos de Éfeso, 20:17-38. Foram palavras de grande ternura. Não tinha a mínima expectativa de tornar a vê-los, v. 25. Mas parece que, depois da sua prisão em Roma, ainda teve mais um ministério no local, depois do fim da narrativa de Atos.

Este foi o final do período das três viagens missionárias, um total de uns doze anos, entre 46 e 59 d.C. Poderosos centros cristãos tinham sido implantados em quase cada cidade da Ásia Menor e da Grécia, no coração do mundo civilizado de então.

Capítulos 21, 22, 23. A Prisão de Paulo em Jerusalém

O Objetivo da viagem a Jerusalém, 21:1-16. Entregar a oferta proveniente das igrejas gentílicas para os crentes pobres de Jerusalém. Foi uma grande oferta. Paulo levou um ano a arrecadá-la, 2 Co 8:10. Todavia, foi avisado muitas vezes, ao passar pelas cidades da Ásia, que essa viagem resultaria em prisão, 20:23. Em Tiro, 21:4, e em Cesaréia, 21:11, o aviso foi repetido com ênfase especial. De cada vez é o Espírito Santo quem adverte. Até Lucas fez coro na rogativa, 21:12. Mas estava arraigado, definitivamente, no espírito de Paulo que aquela era a vontade de Deus, mesmo que significasse sua morte, 13:14. Por que esses avisos da parte de Deus? Podia dar-se o caso de Paulo estar enganado e de Deus estar procurando fazê-lo ciente disso? Ou seria que Deus o estava provando? Ou o preparando? De qualquer modo, Paulo estava determinado a fazer a viagem. Uma coisa é que ele a prometera anos antes, Gl 2:10. Considerava aquilo o meio mais prático de demonstrar a unidade da Igreja. Levara sua vida a ensinar aos gentios de que podiam ser cristãos sem se tornarem prosélitos dos judeus, razão por que muitos dos seus irmãos judeus o odiavam rancorosamente. Agora, desejava coroar esse trabalho com uma demonstração genuína e proveitosa de fraternidade cristã da parte dos seus convertidos gentios, como último e duradouro sinal de amor fraternal entre judeus e gentios. Vista sob este aspecto, esta visita de Paulo a Jerusalém é um dos eventos históricos mais im-

portantes do N.T. Possìvelmente, também, ele nunca podia esquecer a agonia dos crentes judeus, homens e mulheres, quando os lançava em prisão, anos antes, At 8:3, e estava há muito tempo resolvido, tanto quanto estivesse em suas forças, a compensar a Igreja Judaica pelos sofrimentos pelos quais a fizera passar.

Filipe, 21:8-10. Foi o Filipe diácono, do cap. 8, que levara o Evangelho à Samaria e ao O. da Judéia, região esta, fronteiriça à sua cidade natal. Tinha casa em Cesaréia, bastante espaçosa para agasalhar Paulo e seus acompanhantes, v. 8. Era ainda, um dos homens que foram designados anos atrás, para administrar a beneficência da igreja, quando "tinham todas as coisas em comum", 6:1-6; este é um dos fatos que dão a entender não ter tido aquele expediente a intenção de ser permanente.

O voto de Paulo, 21:17-26. Fizera antes um voto, 18:18, a que se refere Nm 6:2,9,18. Apesar de insistir tenazmente que não era necessário aos gentios, ele mesmo era extremamente meticuloso na observância de todas as ordenanças judaicas. Cumprindo esse voto e pagando pelos outros quatro, neutralizaria as notícias propaladas de que ele falava contra a lei de Moisés.

Capítulos 21:17-23:30. Paulo em Jerusalém

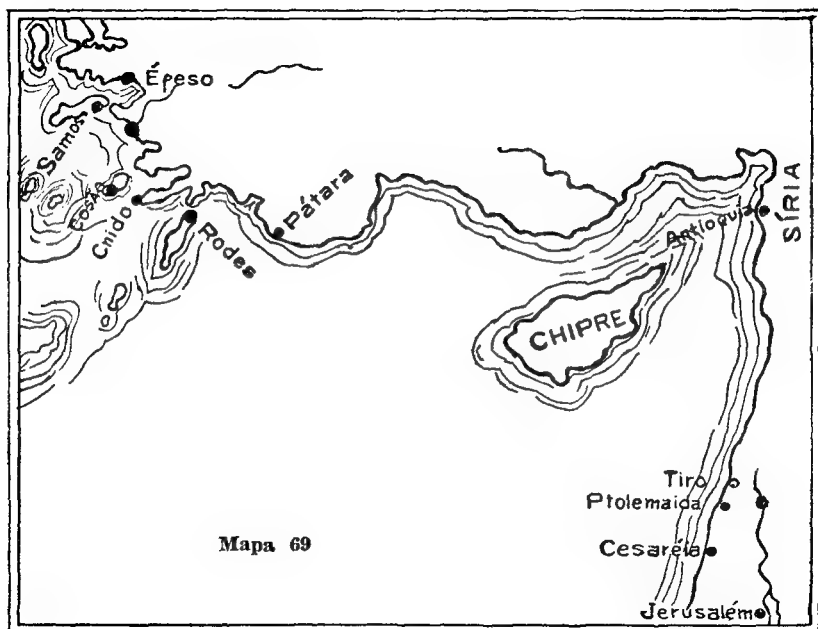
Chegou ali mais ou menos em junho, 59 d.C., 20:16. Foi a quinta visita que se registra, depois da sua conversão. No decurso deste período, tinha ganho vastas multidões de gentios para a fé cristã, e por causa disto era odiado pelos judeus descrentes.

Depois de ter passado quase uma semana em Jerusalém, cumprindo seus votos no Templo, certos judeus o reconheceram. Começaram a gritar, e dentro de um instante, a turba estava por cima de Paulo como uma matilha de cães. Os soldados romanos apareceram em cena em tempo para salvá-lo de ser morto às pancadas.

Na escada do castelo romano, o mesmo onde Pilatos condenara Jesus à morte 28 anos antes, Paulo, com permissão do comandante, fez um discurso à turba, contando como Cristo lhe aparecera no caminho para Damasco. Escutaram até que mencionou a palavra "gentios", e então a turba se enfureceu contra ele.

No dia seguinte, os oficiais romanos trouxeram Paulo perante o Sinédrio, para descobrir o que os judeus tinham contra ele. Foi o mesmo Concílio que entregou Cristo para ser crucificado; o mesmo Concílio do qual Paulo fôra membro; o mesmo Concílio que apedrejara Estêvão, e que repetidos esforços fizera para esmagar a Igreja. Paulo correu perigo de ser espedaçado ali, e os soldados o retiraram dali, levando-o de volta ao castelo.

Na noite seguinte, lá no castelo, o Senhor Se revelou a Paulo, assegurando-lhe que protegeria seu caminho até Roma, 23:11. Paulo muitas vezes acalentara a esperança de chegar em Roma, 1:13. Em Éfeso, foi combinado que Paulo iria a Roma depois desta visita a Jerusalém, 19:21, mas depois, Paulo nem teria certeza de sair vivo de Jerusalém, Rm 15:31,32. Mas agora, Paulo estava com absoluta CERTEZA, pois o próprio Deus prometera que faria a viagem.

No dia seguinte, os judeus enredaram outra cilada contra Paulo. Fervia a fúria popular. Tornou-se necessário preparar uma escolta excepcional, de 70 cavaleiros, 200 soldados, e 200 lanceiros para tirar Paulo de Jerusalém, e mesmo assim, na escuridão da noite.

Capítulos 24, 25, 26. A Prisão de Paulo em Cesaréia
Dois anos, do Verão de 59 ao Outono de 61 d.C.

Cesaréia fora o lugar onde 20 anos antes Pedro recebera na igreja o primeiro gentio, Cornélio, oficial do exército romano. Possivelmente, foi esta a razão pela qual Félix conhecia alguma coisa a respeito do "caminho", 24:22.

Lucas esteve com Paulo em Cesaréia. Pensa-se que foi por esse tempo que ele escreveu seu Evangelho. Esta é a única visita de Lucas a Jerusalém de que se tem notícia. Sem dúvida, aproveitou oportunidades de visitar Jerusalém muitas vezes, talvez também a Galiléia, para conversar com todos os apóstolos e primeiros companheiros de Jesus que pôde encontrar. Maria, mãe de Jesus, podia ainda estar viva, de cujos lábios ele pode ter ouvido, diretamente, a história com que inicia o seu Evangelho.

NOTA ARQUEOLÓGICA: **Cesaréia**

Israel moderno, cônscio da sua história como nação, toma grande cuidado dos monumentos históricos antigos, e agora Cesaréia está recebendo a atenção dos arqueólogos. As obras do porto antigo têm sido examinadas por escafandristas, que obtiveram informações interessantes. O teatro está sendo escavado, e um achado surpreendente tem sido uma inscrição fragmentária com o nome de Pôncio Pilatos. A cidade era seu quartel-general como Procurador romano, e cenário de um debate famoso entre ele e uma deputação de judeus de Jerusalém. Obstinado e arrogante, Pilatos tinha pendurado escudos votivos no palácio de Herodes, consagrado ao Imperador. Os judeus, enviando representantes ao Imperador Tibério,

venceram na sua objeção contra símbolos pagãos na Cidade Santa, e Pilatos tinha que levar ao santuário de Roma, em Cesaréia, estes símbolos de sua lealdade desajeitada ao Império.

Mais informações surgirão enquanto se descobrem os remanescentes enterrados da cidade antiga. Não se trata de serem totalmente escondidos pelas obras de construção acumuladas pelos séculos, como o é o caso das relíquias de muitas cidades antigas. Cesaréia hoje é um terreno abandonado, aberto para o escavador. Uma cidade que tipifica tão bem os três mundos que entraram em choque e se mesclaram na Palestina, de onde surgiu o Novo Testamento como documento grego, romano e judaico, deve revelar muita coisa de interesse para ilustrar o mundo de Cristo e de Paulo.

Paulo perante Félix, 24:1-27. As acusações, v. 5: era "uma peste", acusação muito vaga; "promotor de sedições entre os judeus", absolutamente falso, porque Paulo invariavelmente ensinava obediência ao governo; "tentara profanar o templo", v. 6, levando lá Trófimo, 21:29, o que não fez; "principal agitador dos nazarenos", o que ele reconheceu e que não era contra nenhuma lei, judaica ou romana. Paulo nunca deixou de mencionar a ressurreição, v. 15.

Félix casara-se com uma judia, estava familiarizado com as praxes judaicas e conhecia algo a respeito de Cristo. Estava profundamente impressionado e mandou chamar Paulo para que lhe explicasse mais o Evangelho, com o que ficou aterrorizado. Sua cupidez, porém, v. 26, impediu que ele aceitasse Cristo ou soltasse Paulo.

Festo foi nomeado sucessor de Félix em 60 d.C. Foi no intervalo entre a partida de Félix e a chegada de Festo que as autoridades de Jerusalém se aproveitaram da ausência de um oficial romano do executivo e assassinaram Tiago, irmão de Jesus.

Paulo perante Festo, 25:1-12. Os judeus ainda armavam emboscada a Paulo, v. 3, porque parece que tinham pouca esperança de convencer um governador romano de ter Paulo feito alguma coisa digna de morte. Sendo acusado perante Festo e vendo que este se propunha a agradar aos judeus, e que não havia esperança de que lhe fizessem justiça, Paulo anunciou, ousadamente, a Festo, que estava pronto a morrer se merecesse a morte, e apelou para César o que como cidadão romano tinha o direito de fazer. Diante disto, Festo nada pôde fazer senão anuir à apelação. Naquele tempo o César era Nero, bruto e desumano. Paulo, porém, sabia que, se deixasse o seu caso com Festo, seria devolvido ao sinédrio judaico, o que significaria condenação certa. Sendo assim, escolheu Nero. Além disso, queria ir a Roma.

Paulo perante Agripa, 25:13-26-32. O discurso de Paulo perante Agripa e o outro em Atenas são, geralmente, considerados dois dos mais soberbos exemplos de oratória da literatura. São ambos muito breves, simples resumo do que ele deve ter dito, porque é dificilmente crível que, num e noutro caso, ele falasse menos de uma hora.

Esse Agripa era Herodes Agripa II, filho de Herodes Agripa I, que, 16 anos antes, matara Tiago, o irmão de João, 12:2; era neto de Herodes Antipas que matara João Batista e escarnecera de Jesus, e bisneto de Herodes, o Grande, que trucidara os meninos de Belém, ao tempo do nascimento de Cristo. Sua capital era Cesaréia de Filipe, próxima do cenário da transfiguração de Jesus, 30 anos antes.

Berenice era sua irmã, vivendo com ele como esposa. Fora casada com dois reis, voltara para ser esposa do próprio irmão, e mais tarde veio a ser amante de Vespasiano e Tito. Imagine-se Paulo a defender-se diante de um par de pessoas desse quilate.

Festo não pôde descobrir nenhuma acusação contra Paulo que, a seu juízo, fosse digna de ser relatada a Nero, e julgou que talvez Agripa pudesse ajudá-lo.

Agripa, cuja família estivera tão intimamente relacionada com toda a história de Cristo, naturalmente estava curioso por ouvir um homem do calibre de Paulo, que tanta excitação causara entre as nações a respeito de uma Pessoa que sua própria família houvera condenado.

A única discordância que Festo pôde ver entre Paulo e seus acusadores era que aquele pensava ainda estar vivo Jesus, ao passo que os acusadores O julgavam morto, 25:19.

A grande pompa, v. 23, que Festo arranjou para a ocasião era testemunho da personalidade dominante de Paulo, porque certamente um preso comum não provocaria tal exibição de esplendor real.

Notar *a cortesia uniforme de Paulo, do princípio ao fim,* se bem que conhecesse o caráter dissoluto do rei.

Notar, outrossim, que ele reconheceu ser a ressurreição de Jesus a única causa da questão.

Capítulos 27:1-28:15. A Viagem de Paulo a Roma

Começou no outuno de 61 d.C. e Terminou na primavera de 62 d.C.

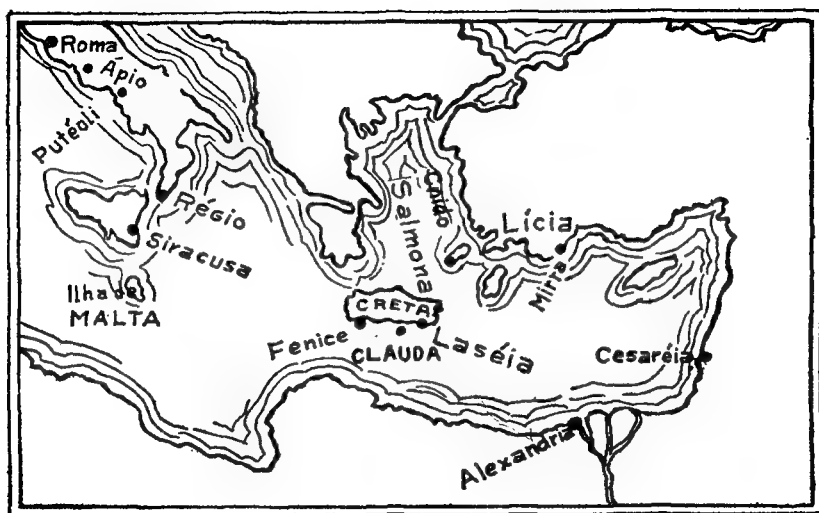
Foi feita em três navios: Um de Cesaréia a Mirra; outro de Mirra a Malta; o terceiro de Malta a Potéoli.

"O jejum", v. 9, foi o dia da expiação, mais ou menos no meado de setembro. Daquele tempo ao meado de novembro a navegação no Mediterrâneo era perigosa. Do meado de novembro ao primeiro de março esteve suspensa.

Pouco depois de ter deixado Mirra, caíram em ventos contrários, e depois de se abrigarem um pouco em Bons Portos, se arriscaram outra vez, e foram acometidos por um tufão que os levou longe da sua rota; depois de muitos dias, não havendo mais esperança, Deus, que dois anos antes, em Jerusalém, prometera a Paulo que o levaria a Roma, 23:11, mais uma vez aparece a Paulo para lhe assegurar que Sua promessa seria cumprida, 27:24. E foi.

Capítulo 28:16-31. Paulo em Roma

Paulo passou dois anos ali, no mínimo, 28:30. Apesar de ser prisioneiro, tinha licença de morar numa casa própria alugada, com seu guarda, 28:16. Tinha licença de receber visitas, e de ensinar sobre Cristo. Já havia um bom número de cristãos ali (ver as saudações que enviou três anos antes, Rm 16). Os dois anos que Paulo passou ali foram muito frutíferos, atingindo o próprio Palácio, Fp 1:13; 4:22. Enquanto estava em Roma, escreveu as Epístolas aos Efésios, Filipenses, Colossenses, Filemom e possivelmente, Hebreus.

A vida posterior de Paulo. Acredita-se, geralmente, que ele foi absolvido, cerca de 63 ou 64 d.C. Se foi à Espanha, como planejara, Rm 15:28, não

Mapa 70. Viagem de Paulo a Roma

se sabe. A tradição dá a entender que sim. Mas se foi, não demorou muito por lá. Parece certo que voltou à Grécia e à Ásia Menor lá por 65 a 67 d.C.; nesse período escreveu as Epístolas a Timóteo e a Tito. Depois foi de nôvo prêso, levado de volta a Roma, e decapitado cerca de 67 d.C. Ver mais sôbre 2 Timóteo.

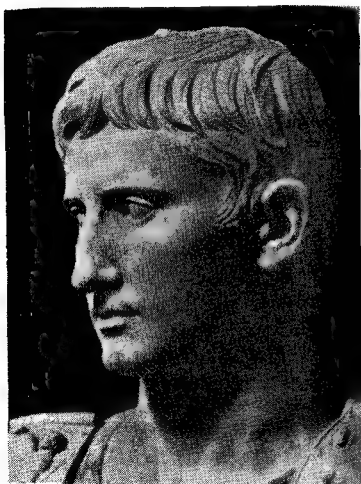
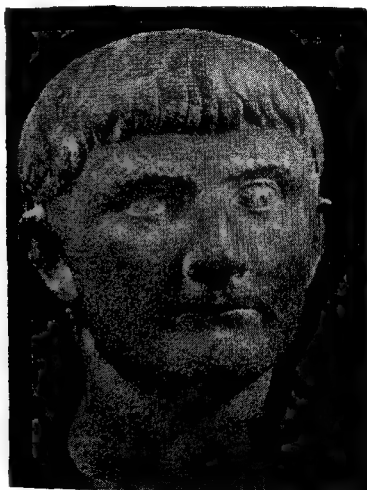
Sumário. Nasceu em Tarso, de família distinta, honrado com a cidadania romana, educado em Jerusalém mais do que qualquer dos seus patrícios. Converteu-se por um milagre especial. Passou três anos na Arábia. Depois uns cinco ou seis em Tarso. Esteve em Antioquia, com intermitência, dois ou três anos. Seguiram-se suas viagens missionárias pela Ásia Menor e Grécia, durante uns quinze anos. Levou cinco anos prêso, em Cesaréia e Roma. Depois, dois ou três anos de volta ao Oriente. Em Roma novamente. Passou, afinal, para o céu, aos braços do seu amado SENHOR.

O cenário dos labores de Paulo. Na maior parte, ao longo da estrada imperial que se estendia de Roma a 1.600 km para leste, atravessando Grécia e Ásia Menor, até Antioquia, onde fazia junção com as rotas comerciais de caravanas que se dirigiam ao Oriente. Essa estrada imperial era a espinha dorsal do Império Romano. Paulo fêz o seu trabalho com tanto êxito que, cinqüenta anos mais tarde, no reinado de Trajano, os cristãos eram tão numerosos na Ásia Menor que os templos pagãos quase que ficaram abandonados. E nos anos seguintes, o império pagão caiu. Não literalmente, mas quase literalmente, este pequeno homem procedente de Tarso cristianizou o império romano. O maior homem mortal dos séculos.

Tarso. Cidade natal de Paulo. Grande e rica, numa região populosa e imensamente fértil. Ao pé do desfiladeiro do Monte Tarso, junção das rotas de comércio e de guerra entre o Oriente e o Ocidente. Lugar de encontro das civilizações grega e oriental.

A cidadania romana de Paulo, conferida ao seu pai, talvez por algum serviço assinalado ao Estado. Não fosse essa cidadania, Paulo teria sido morto ainda bem não tinha começado sua obra. Isto ilustra como Deus usa o talento humano. Nenhum dos outros apóstolos era capacitado por natureza a fazer o trabalho que Paulo fez.

Roma. Cidade rainha da terra. Centro de interesse histórico. Durante dois milênios (2.º Século a.C. ao 18º d.C.) foi a potência dominadora do mundo. É ainda chamada "Cidade Eterna". A população, na época, era de 1.500.000, metade de escravos. Capital de um império que se estendia 4.800 km de leste a oeste, 3.200 km de norte a sul. População total do Império: 120 milhões.

Às vezes, Deus o ajudou com milagres. Em quase cada cidade foi perseguido. Muitas e muitas vezes foi acometido pelas turbas, que procuraram matá-lo. Foi surrado, açoitado, encarcerado, apedrejado, expulso de cidade em cidade. Além disto, havia seu "espinho na carne" (2 Co 12). Seus sofrimentos são quase incríveis. Deve ter tido uma disposição de ferro. Só por intervenção da parte de Deus é que Paulo podia sobreviver a tudo isto.

Augusto, 31 a.C. - 14 d.C. No seu reinado, CRISTO naceu. (Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

Tibério, 14 - 37 d.C. No seu reinado, Cristo foi crucificado. (Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

ROMANOS

A Natureza Fundamental da Obra de Cristo
A Base da Posição do Homem perante Seu Criador

Esta Epístola é a explicação mais completa que Paulo dá do seu modo de compreender a natureza do Evangelho, tendo sido ele escolhido por Deus para ser o principal expositor desse Evangelho. Coleridge diz que é "A obra mais profunda que existe."

Difícil de entender. Ordinariamente, julgamos que Romanos é difícil de entender. Há duas razões para isso. Uma é o estilo literário de Paulo. Tinha o hábito de começar uma sentença e depois fazia uma digressão, mais outra e ainda outra, de modo que, em alguns casos, as frases em vez de modificarem as que as precedem imediatamente, modificam alguma coisa remota, tornando difícil ver a conexão. A outra razão é que a Epístola gira em torno de um problema, que para nós não constitui problema, mas que, em sua época, foi problema aceso, causticante, a saber: se um gentio podia ser cristão sem se tornar um prosélito dos judeus. Comumente, pensamos que o cristianismo é religião de gentios, visto que muito poucos judeus são cristãos. Mas quando o cristianismo começou, era uma religião judaica, e certos líderes judeus poderosos estavam decididos em fazê-lo continuar assim.

Data e Ocasião da Epístola

Inverno de 57-58 d.C. Paulo estava em Corinto, encerrada sua terceira viagem missionária, às vésperas de partir para Jerusalém, levando a oferta para os crentes pobres, 15:22-27. Uma senhora chamada Febe, de Cencréia, subúrbio de Corinto, estava de saída para Roma, 16:1-2. Paulo aproveitou a oportunidade para enviar por ela esta carta. Não havia serviço postal no Império Romano, exceto para a correspondência oficial. O serviço de correios, como conhecemos hoje, é de origem recente. Naquela época a correspondência particular tinha de ser conduzida por amigos ou outros viajantes que por acaso houvesse.

Objetivo da Carta

Fazer saber aos irmãos de Roma que ele estava de partida para lá. Aliás, foi antes de Deus dizer a Paulo que o queria em Roma, At 23:11, de modo que ele ainda não estava certo se escaparia vivo de Jerusalém, Rm 15:31. Neste caso, parecia conveniente que ele, apóstolo aos gentios, tivesse arquivada na Capital do mundo gentílico uma explicação escrita de seu modo de compreender a natureza da obra de Cristo.

A Igreja em Roma

Paulo ainda não tinha ido lá. Chegou em Roma três anos depois de escrita esta Epístola. O núcleo dessa igreja formara-se, provavelmente, dos romanos que estiveram em Jerusalém no Dia de Pentecostes, At 2:10. No período interino de 28 anos, muitos cristãos, de várias partes do Oriente, por qualquer motivo migraram para a metrópole, alguns deles convertidos de Paulo e seus amigos íntimos. Ver o cap. 16. O martírio de Paulo, e provavelmente o de Pedro, ocorreu em Roma, uns 8 anos depois de ser escrita esta Epístola.

A Situação para a qual a Epístola foi Escrita

Era a crença comum judaica na finalidade da Lei de Moisés como expressão da vontade de Deus e de obrigação universal, bem como a insistência judaica de que os gentios que quisessem ser cristãos deveriam circuncidar-se e guardar a Lei. De modo que a questão de se alguém pudesse tornar-se cristão sem ser primeiro um prosélito judeu jazia no fundo do espírito de cada um. A circuncisão era o rito físico que vigorava como cerimônia inicial da naturalização judaica.

A Principal Insistência de Paulo

A justificação do homem repousa, fundamentalmente, não na Lei de Moisés, mas na misericórdia de Cristo. Não é, absolutamente, uma coisa afeta à Lei, porque o homem, por causa de sua natureza pecaminosa, não pode, inteiramente, corresponder às exigências da Lei, a qual é expressão da santidade divina. Mas provém, totalmente, de Cristo, levado pela bondade do Seu coração, perdoar os pecados do homem. Em última análise, a posição do homem diante de Deus depende, não tanto do que ele tenha feito ou possa fazer por si mesmo, mas do que Cristo fez por ele. Por conseguinte, Cristo tem direito à absoluta e cordial sujeição, lealdade, obediência e devotamento de cada ser humano.

Capítulo 1, 2. A Necessidade Universal do Evangelho

A pecaminosidade universal do gênero humano, 1:1-32. A primeira sentença é longa, vv. 1-7, um resumo da vida de Paulo: Jesus, predito nas profecias, ressuscitado dos mortos, comissionou este apóstolo a pregá-Lo a todas as nações. O velho desejo seu de ir a Roma, vv. 9-15. Impedido por campos alhures ainda por evangelizar, 15:20. Não se envergonha do evangelho, v. 16, mesmo em Roma, a dourada e altiva sentina de toda coisa ruím. A terrível depravação do homem, pintada nos vv. 18-32, abismara-se aí. Especialmente, no tocante às práticas sexuais dos vv. 26-27.

Os judeus incluídos, 2:1-29. O quadro terrível que Paulo pinta da pecaminosidade do homem inclui os judeus, embora sejam o povo de Deus, visto praticarem a maioria dos pecados comuns da raça humana. "Quem quer que sejas", v. 1, inclui cada um de nós. Não que todos façamos tudo quanto se menciona em 1:29-31. Esse é o retrato da raça em sua generalidade. Cada um de nós porém, é culpado de algumas coisas aí mencionadas. "Julgar os segredos dos homens", v. 16. Nesse dia, não é a raça, seja judaica ou gentílica, mas a natureza íntima do coração e sua atitude para com as práticas da vida, que servirá de critério na prova.

Capítulo 3. Cristo, a Propiciação pelo Pecado do Homem

Por que existem os judeus? vv. 1-20. Se eles, em matéria de pecaminosidade, ocupam a mesma posição das outras nações diante de Deus, por que é necessário, afinal, que haja uma nação judaica? Resposta: para que lhe sejam confiados os oráculos de Deus e prepare ela o caminho para a vinda de Cristo. Sob a direção divina, a nação judaica foi fundada para servir a um desígnio especial na execução do antigo plano de Deus de redimir o homem. Mas isto não quer dizer que intrínsecamente, em si, seja algo me-

lhor à vista de Deus do que outras nações. Um dos propósitos da Lei foi fazer o homem compreender que é pecador, v. 20, necessitado de um Salvador.

Cristo, nossa propiciação, vv. 21-31. Pela natureza eterna das coisas, visto que pecado é pecado, retidão é retidão, e Deus é justo, não pode haver misericórdia separada da justiça. O pecado deve ser punido. O próprio Deus tomou sobre Si a punição do pecado do homem, na pessoa de Cristo. Por conseguinte, pode perdoar êsse pecado e considerar que os que, em gratidão, aceitam o sacrifício do Salvador, estão de posse da própria justiça dEle, justiça imputada.

Capítulo 4. O Caso de Abraão

É referido o seu caso porque os que apresentavam a necessidade de os gentios guardarem a Lei baseavam seus argumentos a favor da circuncisão na promessa feita a Abraão e à sua descendência; que se alguém não era dessa descendência por natureza, teria de se tornar descendente pela circuncisão. Paulo explica que a promessa foi feita na base da fé exercida por Abraão, quando ele ainda era incircunciso, e que seus herdeiros são os que têm a mesma fé, e não os que são circuncidados. O grande fato da vida de Abraão foi sua fé, não sua circuncisão.

Capítulo 5. Cristo e Adão

Paulo baseia o argumento da eficácia da morte de Cristo para resgate do pecado humano na unidade da raça em Adão.

Como podia um morrer por muitos? Diriam os oponentes. Morrer um como substituto de outro — percebe-se aí alguma justiça. Morrer, porém, um para satisfazer ao castigo merecido por milhões — como seria possível?

A resposta de Paulo é que o homem não merece censura por ser pecador. Nasceu assim, e nada dispôs a respeito do seu nascimento. Nem sequer foi consultado se queria existir. Quisesse ou não, quando abriu os olhos viu-se num corpo com uma natureza pecaminosa. Todavia, diz Paulo, o fundador de nossa raça, Adão, não surgiu assim. Não teve uma natureza pecaminosa no princípio de sua existência.

Paulo explica a doutrina da expiação do pecado, não contrapondo Cristo a cada um de nós em particular, mas contrapondo-O ao cabeça de nossa raça. Adão, cabeça natural da raça. Cristo, cabeça espiritual. O que um cabeça fez, o outro desfez. O pecado de um levou nossa raça a esta condição. Portanto, a morte de um é suficiente para tornar possível aos membros da raça saírem desta mesma condição.

Capítulo 6. Que Motivo, Pois, Existe para uma Vida Reta?

Se Cristo perdoa nossos pecados e nós não estamos mais sob a lei, por que não continuar pecando? Continue-se pecando e Cristo continuará perdoando.

Paulo responde que tal coisa é inconcebível. Cristo morreu para salvar-nos de nossos pecados. Seu perdão tem o propósito de fazer-nos odiar êsses mesmos pecados.

Não podemos ser servos do pecado e servos de Cristo. Devemos escolher uma coisa ou outra. Não é possível viver no pecado e ao mesmo tempo agradar a Cristo.

Isto não quer dizer que nos é possível vencer completamente todos os nossos pecados, e assim colocarmo-nos fora da necessidade da misericórdia do SENHOR. O que quer dizer é que há dois modos de vida essencialmente diferentes: o modo de Cristo e o modo do pecado. De coração ou pertencemos a um, ou a outro, não aos dois ao mesmo tempo.

Cristo, personificação perfeita da Lei de Deus, dá-nos o incentivo e provê para nós a fôrça de lutar até alcançarmos aquela perfeita santidade que, mediante Sua graça, no fim será nossa.

Capítulo 7. Por Que a Lei?

Se não mais estamos sob a Lei, porque pois foi ela dada? Não foi dada como um programa de salvação, mas como medida preparatória, para educar o homem a ver a necessidade que tem de um salvador. Para fazer-nos ver a diferença que há entre a retidão e a iniqüidade. Enquanto não nos sentimos desamparados não desejamos um salvador.

A luta entre a natureza carnal e a espiritual, vv. 14-25. Não sabemos se aí Paulo apresenta sua própria luta íntima. Em 1 Co 4:4, diz que de nada lhe argúi a consciência. Contudo, deve ter impulsos poderosos em sua natureza, contra os quais mantinha uma luta contínua e desesperada. De outro modo, jamais teria escrito estas palavras. Sua indizível gratidão a Cristo por havê-lo livrado daquilo contra o que se sentia impotente, lembra-nos das alegrias ilimitadas de Lutero quando descobriu de uma vez que Cristo podia fazer por ele o que em vão lutara para fazer por si. É ilustração da força da lei numa alma ardente, deprimida por sua incapacidade de viver por ela, bem como do alívio achado em Cristo.

Capítulo 8. A Lei do Espírito

Este é um dos Mais Queridos Capítulos da Bíblia

O Espírito no íntimo, vv. 1-11. Em Cristo, não só temos os pecados perdoados, mas a concessão de nova vida. Um novo nascimento. Nossa vida natural, por assim dizer, é impregnada pelo Espírito de Deus, e nasce um espírito em estágio "infantil", uma natureza divina, de um modo algo semelhante àquele em que nossa vida física, nossa natureza adâmica, foi começada pelos nossos pais.

Nossa vida natural vem de Adão. A nova vida divina procede de Cristo. Esta é uma realidade em nós. Podemos não senti-la nem ter consciência dela. Contudo, ela aí está. Aceitamos isto pela fé. Há dentro de nós, além do alcance de nosso conhecimento sensível, uma vida divina, nascida do Espírito de Deus, sob o Seu terno cuidado, operando silenciosamente, sem se cansar, sem ficar exausta, para dominar todo o nosso ser, e transformar-nos na imagem de Deus. É esta a vida que desabrochará em glória imortal no dia da ressurreição.

Nossa obrigação para com o Espírito, vv. 12-17. Andar no Espírito quer dizer que, enquanto dependemos total e implicitamente de Cristo para nossa salvação, ainda lutamos o mais possível para viver de acordo com a Sua lei. Paulo é suficientemente explícito em declarar que a graça de Cristo

não nos exime de fazer tudo quanto está em nossas forças para vivermos retamente. Andar na carne significa entregarmo-nos à satisfação de nossos desejos carnais.

Nosso corpo é carne. Temos de viver nessa carne. Alguns desejos carnais são perversos. Outros são perfeitamente naturais e necessários. Dos perversos devemos abster-nos completamente. Os outros podemos desfrutar, mas tomando cuidado de conservar nossos sentimentos dentro de limites retos.

A criação que sofre, vv. 18-25. Toda a criação natural, inclusive nós mesmos, geme por uma ordem melhor de existência, a ser revelada no dia da completa redenção, por Deus operada, quando o "corpo desta morte", 7:24, receberá a liberdade da glória celeste. É esta uma grandiosa concepção da obra de Cristo.

A intercessão do Espírito, vv. 26-30. Não somente o Espírito no íntimo é nosso penhor de ressurreição e glória futura, mas também, por Suas súplicas, em nosso favor, somos assegurados de que Deus fará redundar em nosso bem tudo quanto nos aconteça. Podemos nos esquecer de orar. Ele nunca esquece. Olhará por nós até ao fim. Nunca nos esqueçamos de confiar nEle.

O indefectível amor de Cristo, vv. 31-39. Ele morreu por nós. Ele nos tem perdoado. Deu-Se a Si mesmo a nós na pessoa do Seu Espírito. Se somos Seus, nenhum poder na terra, no céu ou no inferno pode impedir que Ele nos leve para Si, ao seio eterno de Deus. Esta é uma das passagens as mais magníficas da Bíblia inteira.

Capítulos 9, 10, 11. O Problema da Incredulidade dos Judeus

O maior tropeço à aceitação geral do Evangelho de Cristo era a incredulidade dos judeus. Embora considerável número de judeus, especialmente na Judéia, abraçasse o cristianismo, a nação em sua totalidade não somente era incrédula, mas também rancorosamente antagônica. As autoridades judaicas crucificaram a Cristo. Não perdiam oportunidade de perseguir a Igreja. Eram os judeus incrédulos que faziam tumultos em quase todo lugar aonde Paulo ia.

Se Jesus era, realmente, o Messias das profecias deles, por que o próprio povo de Deus O havia rejeitado assim? Nestes três capítulos está a resposta de Paulo.

A tristeza de Paulo por Israel, 9:1-5. Modo muito expressivo de declará-la: quase que se dispunha a dar sua própria alma.

A soberania de Deus, 9:6-24. Nesta passagem, Paulo não discute a predestinação de indivíduos para a salvação ou a condenação, mas afirma a soberania absoluta de Deus, na escolha e governo das nações com vistas a funções mundiais, de modo a trazer, por fim, todos sujeitos a Si. A declaração forte do v. 16 pode incluir indivíduos. Outras passagens semelhantes certamente incluem: At 2:23; 4:28; 13:48; Rm 8:28-30. Como conciliar a soberania de Deus com a liberdade da vontade humana não sabemos. Ambas as doutrinas são claramente ensinadas na Bíblia. Cremos em ambas. Mas explicar como é que ambas se ajustam é coisa que deixaremos para outros.

Preditas nas Escrituras, 9:25-33. A rejeição de Israel e a adoção dos povos gentílicos foram preditas nas Escrituras. Assim, ao invés de tropeçar nisso, as pessoas deviam esperar mesmo que aconteça.

Os judeus merecem censura, 10:1-21. Deus não levou os judeus a rejeitar Cristo. Eles agiram por si mesmos. É simplesmente uma questão de ouvir, vv. 8-17. Os judeus ouviram e voluntariamente desobedeceram, vv. 18-21. Como conciliar isto com 9:16 não sabemos. Há alguns fatos da existência que ficam além do alcance da compreensão finita. Este é um deles.

A futura salvação de Israel, 11:1-36. A rejeição deles é temporária. Resultou na salvação dos gentios. Mas dia virá quando todo o Israel será salvo, v. 26. Quando ou como será isto, não se declara aqui. Tampouco se declara que estará relacionado com a volta deles para a Palestina, mas apenas o simples fato de que isto vai acontecer. Um dos pontos mais escuros no panorama da história humana é o sofrimento desse povo aflito e desobediente. Um dia, porém, isso terá fim. Israel voltará arrependido ao SENHOR, a quem crucificou. Haverá perdão e alegria. E toda a criação dará graças a Deus pela sabedoria insondável de Sua providência.

Capítulo 12. A Vida Transformada

Capítulo magnífico, cujo teor nos faz pensar no Sermão do Monte, de Jesus. Invariavelmente, Paulo encerra qualquer discussão teológica com uma ardente exortação sobre a maneira cristã de vida. Aqui também. Em capítulos anteriores, insistiu em que nossa posição diante de Deus depende inteiramente da misericórdia de Cristo, e não de nossas próprias obras. Mas essa misericórdia, que perdoa tão graciosamente, é que nos estimula poderosa e irresistivelmente para as boas obras, e transforma toda a nossa maneira de encarar a vida.

A humildade de Espírito, vv. 3-8. Isto visa especialmente os dirigentes de igrejas. Não raro, uma posição de liderança, que nos deve tornar humildes, nos faz inchados de vanglória. E tantas vezes sucede que uma pessoa dotada de certo talento se inclina a depreciar o valor dos talentos dos outros. Paulo discute isto mais circunstanciadamente em 1 Co caps. 12-14.

Qualidades celestiais, vv. 9-21. Amor fraternal. Aversão ao mal, especialmente o que está em nosso íntimo. Diligência. Alegria. Paciência. Oração. Hospitalidade. Compaixão. Interesse pelo que é honroso. Espírito pacífico. Não ter ressentimentos.

Capítulo 13. Obediência à Lei Civil

O governo civil é ordenado por Deus, v. 1, embora muitas vezes esteja nas mãos de homens maus, e se destine a reprimir os elementos criminosos da sociedade humana. Os crentes devem ser cidadãos cumpridores das leis do governo sob o qual vivem, em todas as relações da vida diária.

Tudo se resume no amor, vv. 8-10. Uma devida consideração aos direitos do próximo, como se fossem nossos, serve-nos de freio. É a prática da Regra Áurea.

O dia já vem, vv. 11-14. Refere-se a indivíduos que já foram cristãos por algum tempo, ou à era cristã que se dirige para a sua consumação, ou

ambos. Paulo regozijava-se na antecipação da próxima aparição do SENHOR, e da nossa ida para Ele, na morte. Ver sobre 1 e 2 Tessalonicenses.

Capítulo 14. Julgamento Mútuo

Todo este capítulo se dedica à questão de os crentes se condenarem mutuamente a propósito de coisas tais como comidas e guarda de dias. As comidas aí referidas, embora não especificadas deviam ser viandas que tinham sido sacrificadas aos ídolos. Ver sobre 1 Co 8. Quanto aos dias: não se menciona o sábado, mas deve haver aí referência à insistência judaica sobre a guarda desse dia e de outros dos seus dias de festa, pelos cristãos gentios. O dia do SENHOR, primeiro da semana, era o dia do cristão. Se, além desse, alguém quisesse guardar o sábado ou outro dia judaico, era um direito dele. Mas não devia insistir que outros o fizessem também.

Capítulo 15:1-14. Unidade Fraternal

Continuação das exortações do capítulo anterior. Suspeitamos, de 16:17 e da discussão acerca de dias e comidas no cap. 14, que Paulo soubera, fosse como fosse, que certos líderes judeus em Roma estavam resolvidos a impor hábitos judaicos aos cristãos gentios.

Capítulo 15:15-33. O Plano de Paulo para Ir a Roma

Se Paulo fosse como certas pessoas, assim que recebesse de Cristo a comissão de apóstolo especial dos gentios, teria imediatamente partido para Roma, capital do mundo gentílico, e, fazendo daí a base de suas operações, teria empreendido a evangelização do Império Romano. Uma razão pela qual não fez assim foi, provavelmente, porque, a partir do dia de Pentecostes, At 2:10, uma igreja considerável existia em Roma. E sua missão era levar Cristo a regiões onde ainda não era conhecido, v. 20. Seu plano era ir conquistando terreno, palmo a palmo, e, gradualmente, ir abrindo caminho na direção do Oeste. E agora, depois de vinte ou trinta anos, tendo plantado firmemente o Evangelho na Ásia Menor e na Grécia, está pronto a avançar até à Espanha, parando em Roma no caminho, v. 24. Se esteve na Espanha, ver sobre Atos 28.

Capítulo 16. Assuntos Particulares

É um capítulo de saudações pessoais. Vinte e seis nomes de líderes de igreja, amigos particulares de Paulo.

Febe, vv. 1-2, foi a portadora da Epístola; provavelmente, ia a Roma a negócios. Cencréia era o porto leste de Corinto.

Priscila e Áqüila, vv. 3-5, antes tinham morado em Roma, At 18:2, estiveram com Paulo em Corinto e Éfeso, e agora estavam de volta em Roma. Uma igreja reunia-se na casa deles.

Epêneto, v. 5, primeiro convertido da Ásia, agora em Roma.

Maria, v. 6. Notar quantos desses amigos são mulheres.

Andrônico, Junias, v. 7, parentes de Paulo. Eram já velhos, pois se tornaram cristãos muito antes de Paulo, e com ele estiveram presos.

Amplíato, Urbano, Estáquis, Apeles, vv. 8-10, amigos do Apóstolo.

Os da casa de Aristóbulo, v. 10, e de Narciso, v. 11, provavelmente, igrejas nas casas deles. Herodião, outro parente de Paulo.

Trifena, Trifosa, Pérside, v. 12, nomes de mulheres.

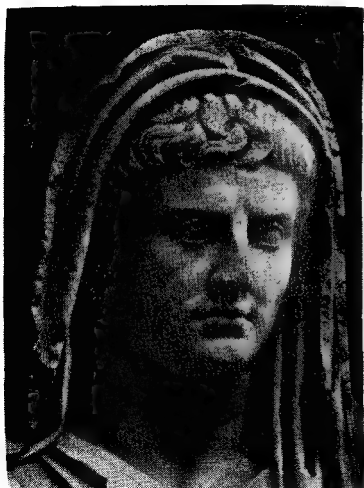
Rufo, v. 13, provavelmente, filho do Simão que levou a cruz de Jesus, Mc 15:21, cuja mãe tinha um interesse maternal por Paulo.

Asíncrito, v. 14, e os irmãos de sua congregação.

Filólogo, v. 15, e os santos que com ele se reuniam.

Tércio, v. 22, escreveu o que Paulo ditou, seu amanuense.

Gaio, v. 23, em cuja casa Paulo morava nesse tempo, e que era lugar de reunião geral dos cristãos coríntios.

Erasto, v. 23, devia ser homem de considerável influência, tesoureiro que era da cidade de Corinto.

Cláudio, 41 - 54 d.C.
(Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

Nero, 54 - 68 d.C. Perseguiu os cristãos. Executou Paulo.
(Cortesia da Atlas Van de Bijbel)

1 CORÍNTIOS

Trata na Maior Parte de Certas Desordens na Igreja

Facções. Imoralidade. Demandas judiciais. Alimentos oferecidos aos ídolos. Abusos da Ceia do SENHOR. Falsos apóstolos. Problemas de casamento. Falta de ordem nas reuniões. Participação da mulher no culto. Heresias acerca da ressurreição.

Corinto

Ver mapa sob Atos 18. Metrópole comercial da Grécia, uma das maiores, mais ricas e importantes cidades do Império Romano, com uma população de 400.000, só ultrapassada por Roma, Alexandria e Antioquia. Situada no istmo da Grécia, uns 80 km de Atenas, na principal rota comercial do império, pelos seus ancoradouros passava o comércio do mundo. "Célebre e voluptuosa cidade, onde se defrontavam os vícios do Oriente e do Ocidente." Aí Paulo ficou ano e meio, e fundou uma de suas maiores igrejas, bem à sombra da filosofia de Atenas. Ver Atos 18.

O Que Deu Ocasião à Carta

Uns três anos depois de Paulo sair de Corinto, estando em Éfeso, cerca de 320 km a leste, do outro lado do Mar Egeu, ver mapa sobre Atos 18, onde fazia a obra mais maravilhosa de toda a sua prodigiosa vida, uma delegação de líderes da Igreja de Corinto foi enviada a essa cidade para consultá-lo sobre alguns problemas e desordens muito sérios que surgiram. Foi quando ele escreveu esta Carta. Já antes, havia mandado uma, de que hoje está perdida, 5:9; possivelmente, escreveu muitas. As duas cidades ficavam numa rota comercial movimentada; navios faziam travessia constante entre ambas.

Data. Na primavera de 57 d.C., antes do Pentecostes, 16:18. Paulo planejava ir a Corinto, via Macedônia, 16:5-8.

Capítulo 1. Facções na Igreja

A situação. Em Corinto, como em todas as cidades (exceto Jerusalém), os cristãos não tinham um lugar espaçoso e central onde se reunissem. Templos só 200 anos mais tarde começaram a ser construídos, isso quando a época das perseguições foi passando. Reuniam-se em casas, ou salões, ou onde lhes fosse possível. Havia milhares de cristãos em Corinto. Não uma congregação grande, porém uma porção de pequenas congregações, cada qual com o seu próprio dirigente.

E elas se iam tornando rivais, segundo parece, a competirem umas com as outras, em vez de cooperarem na causa geral de Cristo, dentro da cidade pervertida.

Alguns gregos, no seu gosto pelas especulações intelectuais e no seu orgulho pelos conhecimentos, jactavam-se muito das interpretações filosóficas que davam do cristianismo. Por outro lado, os judaizantes, inimigos inveterados de Paulo, logo apareceram por lá a insistir que os gregos não podiam ser cristãos sem observar a lei mosaica. Além de formarem grupos em torno de uma ou outra doutrina, arregimentavam-se como partidários ao redor de um ou outro líder. Assim, a igreja se dividiu em muitas facções, cada qual procurando monopolizar Cristo, e rotulá-Lo com sua própria marcazinha registrada. Ainda hoje se faz assim, de maneira espantosa.

Capítulo 2. A Sabedoria de Deus

O partido "Sabedoria" recebeu o peso do choque da censura mordaz de Paulo. Corinto ficava perto de Atenas, em cuja atmosfera dominavam indivíduos tolos que se exibiam como filósofos. Contudo, o espírito ateniense penetrara na Igreja de Corinto. Paulo foi universitário, de notável erudição em sua época, mas aborrecia as exibições pedantes de cultura. A verdadeira erudição e cultura é muito desejável, e deve tornar os que a possuem mais humildes e mais tolerantes com os ignorantes.

Capítulo 3. A Gradenza da Igreja

A jactância filosófica deles era índice de sua infância espiritual, produzia facções, tendia a destruir a igreja, v. 17, e não resultava em nada de valor permanente, vv. 12-15. A Igreja de Cristo é grandiosa demais para aninhar em seu seio, com exclusividade, um grupo destes partidários, vv. 21-23. Por que não ter a grandeza de ver os males desse partidarismo?

Capítulo 4. Paulo Defende-se

Deve ter havido um grupo considerável de líderes, convertidos de Paulo, que, na ausência dêste, se tornara influente e importante, e estava procurando assenhorear-se da igreja. Eram pessoas altivas, autoritárias e jactanciosas em sua atitude para com Paulo. Daí o apóstolo defender-se.

Capítulo 5. O Caso de Incesto

Um deles estava abertamente coabitando com a mulher de seu pai. A igreja, ao invés de discipliná-lo, orgulhava-se de sua tolerância em acobertar tal pessoa. Esta passagem é uma ordem direta de Paulo "para que seja o tal entregue a Satanás", v. 5, isto é, que seja, formalmente, pösto fora da comunhão da igreja. Por duas razões: uma, para servir de exemplo e evitar que essa prática se generalizse na igreja; outra, a esperança de levar a parte culpada a arrepender-se. O caso volta a ser referido em 2 Co 2.

Capítulo 6. Demandas Judiciais. Imoralidade

Demandas perantes os tribunais pagãos, vv. 1-8. É muito inconveniente aos adeptos de uma religião de amor fraterno tornar públicas suas dificuldades perante os pagãos. Os crentes tomarão parte com Deus no julgamento final do mundo, e, não obstante, êsses coríntios eram incapazes de resolver suas próprias pendências, vv. 2-7. Por que, pois, não se dispunham a sofrer o dano?

Imoralidade, vv. 9-20. Vênus era a principal divindade de Corinto. Seu templo era um dos mais magníficos da cidade. Nele havia mil sacerdotisas, prostitutas públicas, mantidas às expensas do povo, onde sempre e sempre estavam prontas para se entregar a prazeres imorais, como culto à deusa. Alguns dos cristãos coríntios, que antes se davam a essa religião fomentadora de vida imoral, achavam um tanto difícil acostumar-se com a sua nova religião, que proibia uma vida assim. Paulo dissera, provavelmente na carta referida em 5:9, ao discutir o uso de carnes que fossem oferecidas aos ídolos (questão outra vez apreciada em 10:14-33), que "todas as coisas são lícitas",

v. 12. Evidentemente, alguns citavam isto para justificar as relações sexuais livres. Paulo repete a frase para dizer que não se aplica ao caso, e proíbe, positivamente, aos cristãos esse desregramento.

Capítulo 7. O Casamento

Decerto, haviam escrito perguntando se era lícito aos cristãos casar. É de estranhar que andassem cheios de empáfia relativamente ao caso de incesto, 5:2, e depois tivessem escrúpulos a respeito do casamento legítimo. Paulo aconselha a casar, salvo no caso dos que têm o "dom" da continência. Ele próprio não era casado, v. 8. Pensam alguns que, possivelmente, era viúvo, havendo perdido a esposa quando ainda moço, por duas razões: uma é que ele era membro do Sinédrio, At 26:10, onde, ao que se informa, só os casados tinham direito de dar "voto"; outra é que éste capítulo parece que só podia ser escrito por alguém que conhecesse as intimidades da vida conjugal.

Capítulo 8. Coisas Sacrificadas aos Ídolos

Havia muitos deuses na Grécia; e muita carne exposta à venda nos mercados públicos já tinha sido antes oferecida em sacrifício a certos ídolos. A questão em foco envolvia não só o uso de carne, como também a participação em festas sociais dos seus amigos pagãos, fosse nos templos do paganismo, fosse em casas particulares, acompanhando-se, não raro, muitas dessas festas de vergonhosa licenciosidade. O caso é discutido, ainda, em 10:14-33.

Capítulo 9. O Salário dos Ministros

Uma das objeções que seus oponentes levantavam era que ele não tinha recebido paga do seu trabalho, em Corinto, 2 Co 12:13, o que parecia suspeito à mentalidade de cobiça deles. Paulo explica que tinha o direito de ser sustentado pela igreja, vv. 4-7. O SENHOR ordenara, definidamente, que o ministério fosse sustentado assim, v. 14. Tanto quanto se saiba, Paulo não recebeu paga de nenhuma igreja, exceto da de Filipos. Em Corinto, Éfeso, Tessalônica, ganhou sua subsistência trabalhando no seu ofício. Era um dos princípios de sua vida, até onde lhe fosse possível pregar sem receber pagamento, vv. 16-18. Dava-lhe, isto, grande satisfação pessoal, saber que fazia mais do que o que lhe fora mandado. Demais disto, não queria que abusassem do seu exemplo os falsos mestres, cujo principal interesse era receber salário, 2 Co 11:9-13.

Capítulo 10. O Perigo de Queda. Alimentos

Tomar cuidado, 10:1-13. Paulo acabara de dizer que se esforçava ao máximo para não ser por fim rejeitado. Isto lembra-lhe o mesmo perigo que correm os cristãos em geral. Era bom que tomassem a sério sua religião. A maioria dos que escaparam do Egito pereceu antes de atingir a Terra Prometida. As tentações que os fizeram cair à beira do caminho assemelhavam-se muito às que os coríntios estavam enfrentando, vv. 7-8, deleites lascivos. Se lutassem de todo o coração, inteiramente resolvidos a vencer, como ele fazia, 9:25-27, a promessa de Deus seria certa contra qualquer tentação, v. 13.

Coisas sacrificadas aos ídolos, vv. 14-33, outra vez. É continuação do cap. 8. Aí, declarou o princípio geral de governo de nossa conduta nesses assuntos, que é o princípio do amor fraterno. Há algumas coisas mais importantes do que comer. Aqui, proíbe aos cristãos participar em festivais em templos pagãos, mas explica que não é necessário, ao comprar carne nos mercados, indagar se foi sacrificada a um ídolo, v. 25, nem numa festa, em casa particular, v. 27, porém devem abster-se, se alguém informa que é carne de sacrifício.

Capítulo 11. A Participação da Mulher no Culto. A Ceia do Senhor

Mulheres falando na igreja, sem véu, vv. 2-16. Era costume nas cidades gregas e orientais as mulheres cobrirem a cabeça, em público, salvo as mulheres devassas. Corinto estava cheia de prostitutas, que funcionavam nos templos. Algumas mulheres cristãs, prevalecendo-se da liberdade recém-achada em Cristo, afoitavam-se em pôr de lado o véu nas reuniões da igreja, o que horrorizava as outras mais modestas. Diz-lhes o Apóstolo que não afrontem a opinião pública com relação ao que é considerado conveniente à decência feminil.

Homens e mulheres têm o mesmo valor à vista de Deus. Há, porém, certas distinções naturais entre homens e mulheres, sem as quais a sociedade humana não poderia existir. Mulheres cristãs vivendo em sociedade pagã, devem ser cautelosas em suas inovações, para não trazer descrédito à sua religião. Geralmente, vai mal quando as mulheres querem parecer homens. "Anjos", v. 10, parecem ser aí apresentados como espectadores do culto cristão.

A Ceia do Senhor, vv. 17-34. Parece que, depois de cessar a comunidade de bens, At 2:44-45, os membros mais ricos traziam comida e bebida para certas reuniões de culto, destinadas a uma "festa de amor", Judas 12, que se celebrava após a comunhão, da qual festa ricos e pobres participavam. Essa festa, em Corinto, parece que eclipsara inteiramente a Ceia do SENHOR. Os que traziam alimento comiam-no com os da sua roda íntima, sem esperar que toda a congregação se reunisse. Imitando as bebedeiras dos pagãos em seus templos, tornavam, assim, as suas "festas de amor" em ocasião de glutonaria, perdendo, de vista inteiramente o significado da Ceia do SENHOR.

Capítulo 12. Dons Espirituais

Enquanto o N.T. estava em processo de formação, em certos lugares e tempos, Deus concedeu manifestações especiais e miraculosas do Espírito Santo para ajudar as igrejas a se orientarem na verdade. Era isto necessário porque os apóstolos eram poucos, as igrejas distantes umas das outras, os meios de transporte e comunicação vagarosos, sem estradas de ferro, nem telégrafo, nem rádio, as idéias se propagavam no mesmo passo das pessoas, as igrejas em toda parte infestadas de falsos mestres, a afirmarem toda espécie de coisas a respeito de Cristo, não tendo elas nenhum registro escrito dos verdadeiros fatos.

Segundo parece, tinha havido, fazia pouco, uma exibição brilhante dos dons do Espírito Santo em Corinto. Um deles era o falar em "línguas". Pensam alguns que era uma espécie de "algaravia extática", ininteligível quer

a quem falasse, quer aos outros, a não ser que interviesse o outro dom de "interpretação". Mais provavelmente era o falar em línguas estrangeiras, como os apóstolos fizeram no dia de Pentecostes, At 2:8. Era este o dom desejado pelos coríntios, que o procuravam ansiosamente. Se um irmão se levantava numa reunião e se punha a falar numa língua que os circunstantes sabiam nunca ter ele estudado, isto era clara evidência de que estava sob o domínio direto do Espírito Santo. E todos ficavam olhando para ele com respeito.

Os vários Dons do Espírito Santo, conforme enumerados nos vv. 8-10, se definem assim: Palavra de Sabedoria, Palavra de Conhecimento, Fé, Dons de Curar, Operações de Milagres, Profecia, Discernimento de Espíritos, Variedade de Línguas, Interpretação. Ver o livro de Gordon Choon "Os Dons do Espírito Santo". O capítulo do amor propõe-se a discutir o valor relativo destes dons espirituais.

Capítulo 13. O Amor

O ensinamento principal do cristianismo. Uma expressão imorredoura da doutrina de Cristo sobre o amor celestial. Mais potente para a edificação da igreja do que qualquer das variadas manifestações do poder de Deus. O amor, a arma mais eficaz da Igreja. O amor, sem o qual os vários Dons do Espírito Santo não atingem sua finalidade. O amor, a essência da natureza divina. O amor, a perfeição do caráter humano. O amor, a força a mais poderosa do universo.

Ainda que eu distribua todos os meus bens aos pobres, ainda que eu entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará, v. 3. Que passagem para nos fazer pensar! O Dom de falar como um anjo, o Dom da Profecia, o Dom da Sabedoria, a Fé que remove montanhas, a caridade até ao último tostão, o próprio martírio, nada disso nos aproveita se não tivermos um espírito de AMOR cristão. Que chamada para que nos examinemos a nós mesmos!

Capítulo 14. Línguas e Profecia

Seu valor relativo, vv. 1-3. Em 12:8-10, Paulo enumerou os vários dons do Espírito, explicando que todos eram necessários, cada um em seu lugar. A Igreja é um organismo complexo, qual corpo humano, a requerer muitas funções, todas elas devendo operar em harmonia. E, como se dá com o corpo, algumas de suas partes mais humildes, das quais comumente não se fala, são, em realidade, as mais necessárias. Este capítulo propõe-se a discutir as "línguas" e a "profecia", provavelmente, porque eram os dons mais em evidência e os mais procurados. "Profecia", embora algumas vezes signifique predição do futuro, aqui parece significar "ensino" com o auxílio especial do Espírito. Normalmente era de muito mais valor do que "falar em línguas", porque todos a compreendiam.

Mulheres falando na igreja, vv. 33-40. Paulo, aqui, proíbe, vv. 34, 35, o que parece permitir em 11:5. Deve ter havido circunstâncias locais, desconhecidas de nós, que justificassem estas instruções. Possivelmente, algumas mulheres muito afoitas, estavam querendo sobressair. Ver mais sobre 1 Tm 2.

Capítulo 15. A Ressurreição

O fato de alguns líderes coríntios negarem a ressurreição, v. 12, é índice de quanto as falsas doutrinas haviam penetrado na igreja. Paulo insiste, empregando a mais enérgica linguagem de que é capaz, em que, excluída a esperança de ressurreição, não há justificativa para o cristianismo existir, vv. 13-19.

A ressurreição de Jesus dentre os mortos era o refrão invariável dos Apóstolos. Ver sobre At 4:2. Este cap. 15 de 1 Coríntios apresenta a mais completa discussão do assunto no N.T. É, de maneira singular, o mais grandioso capítulo da Bíblia.

Foi um fato atestado por testemunhas reais, que viram Jesus vivo após a ressurreição. Paulo mesmo O vira. Fora daí, não há explicação para o fenômeno da vida deste Apóstolo. O que ocorrera na estrada de Damasco não fôra alucinação. Jesus mesmo lhe aparecera.

Além de muitas aparições aos Apóstolos, isoladamente ou em grupos, Jesus aparecera a mais de 500 pessoas de uma vez. Fazia isso já 27 anos, e mais da metade desses 500 ainda vivia, v. 6.

Os discípulos a princípio demoraram a crer que Jesus ressuscitara. Quando, porém, afinal, se convenceram de que era um fato haver Jesus quebrado os grilhões da morte e ter saído vivo do túmulo, isto lhes deu tão nova significação à vida, que para eles nada mais tinha valor. Conheciam a ressurreição de Jesus como fato real. Percorriam as estradas do Império Romano, acima e abaixo, contando essa história com tanto fervor e sinceridade que milhares sem conta creram nela, mesmo que tivessem de morrer por isso.

A ressurreição de Jesus é o fato mais importante e mais bem firmado de toda a História.

A história dessa ressurreição chegou até nós, atravessando os séculos, embelezando e glorificando a vida humana com o halo da imortalidade, dando-nos a certeza de que também viveremos, e isto porque Êle reviveu; fazendo-nos exultar quando pensamos que somos imortais; que temos começado uma existência que jamais findará; que nada nos pode prejudicar; que a morte é mero acidente, na passagem de uma fase da existência para outra; que seja aqui seja lá, somos dEle, ocupados a fazer o que Êle tem para fazermos; que milhões de eras após o sol haver esfriado, ainda seremos jovens nas eternidades de Deus.

A coisa mais animadora de toda a experiência humana é pensar que somos imortais, que não podemos morrer, que aconteça o que acontecer ao corpo, sempre e sempre viveremos. Isto temos como certo em nossos corações porque Jesus ressuscitou.

Se esta história de Jesus é verídica, a vida é bela, a vida é gloriosa, a descortinar uma vista que não acabará jamais. Mas se esta história é um mito, então o mistério da vida é um enigma insolúvel, restando para a humanidade nada mais do que o vazio e o negrume do eterno desespero.

Todas as leis de evidência histórica confirmam a veracidade dessa história. Cristo foi, Cristo é uma pessoa viva, ao lado do Seu povo, guiando-o e protegendo-o poderosamente, conduzindo-o para o dia de sua também gloriosa ressurreição.

O reinado mediador de Cristo, vv. 23-28. Temos, aqui, um vislumbre das sucessivas eras futuras até ao eterno fim das coisas, quando a obra mediadora de Cristo terá terminado, e o universo criado por Deus terá entrado em seu estágio final de existência.

"Batizados por causa dos mortos", v. 29. Parece significar batismo vicário, isto é, batismo em lugar de um amigo falecido. Não há, todavia, nenhuma outra referência bíblica a tal prática, e nem há prova de que ela tinha existido na Igreja Apostólica. Talvez fosse melhor traduzir: "batizados na esperança da ressurreição dentre os mortos."

A ressurreição do corpo, vv. 35-38. Não esperamos somente a imortalidade do espírito, senão real ressurreição do corpo. O ensino do N.T. sobre isto é muito claro, Rm 8:23; 1 Ts 5:23; 2 Co 5:4. Não será o mesmo corpo terreno e corruto, mas um corpo espiritual que participará da natureza da própria glória celeste de Deus.

Capítulo 16. Assuntos Particulares

A Coleta, vv. 1-4. Era para os crentes pobres de Jerusalém, começada um ano antes, 2 Co 8:10. A ordem dada às igrejas da Galácia, v. 1, não é mencionada na Epístola aos Gálatas. Deve ter-lhes escrito uma outra Carta, não conservada. "Primeiro dia da semana", v. 2, o dia estabelecido para o culto cristão, At 20:7.

Os planos de Paulo, vv. 5-9. Foi na primavera, 57 d.C., antes do Pentecostes, v. 8. O verão passou-o ele na Macedônia, de onde escreveu 2 Coríntios. Chegou a Corinto no outono. Invernou aí. Escreveu Romanos. Na primavera seguinte partiu para Jerusalém.

Apolo, v. 12. Provavelmente, pediram-lhe que fosse a Corinto, porém recusou ir dessa vez, sem dúvida, porque certos coríntios estavam resolvidos a fazer dele um chefe de partido.

"De próprio punho", v. 21. Sóstenes, provavelmente, escrevera a Carta, Paulo ditando-a, 1:1. Era coríntio, que mudara para Éfeso, At 18:17. Paulo assina-a de próprio punho e acrescenta uma expressão sua, "Maranata", v. 22, que significa: "Vem, Senhor."

2 CORÍNTIOS

Paulo Defende Seu Apostolado

A Glória do Seu Ministério

E o Longo Martírio de Sua Vida

Data e Ocasião da Carta. Paulo passara um ano e meio em Corinto, na parte final da sua segunda viagem missionária, cerca de 50-51 d.C., e ali fizera uma multidão de discípulos, At 18:10,11. Depois, na sua terceira viagem missionária, passara três anos em Éfeso, 54-57 d.C. Então, na primavera de 57 d.C., ainda estando em Éfeso, Paulo escreveu 1 Coríntios, 1 Co 16:8. Logo depois, houve o grande tumulto no qual Paulo quase perdeu sua vida, At 19.

Deixando Éfeso, Paulo foi para a Macedônia, no seu caminho para Corinto, veja o Mapa, sobre At 18. Enquanto estava na Macedônia, no verão e no outono, visitando as Igrejas na região de Filipos e Tessalônica, no meio de muita ansiedade e sofrimento, esperando por notícias de Corinto, Paulo encontrou Tito que estava de volta de Corinto, com a notícia que a Carta de Paulo tinha feito bom efeito, 2 Co 7:6, mas que ainda havia líderes na Igreja que quiseram negar que Paulo fosse um genuíno Apóstolo de Cristo.

Foi então que Paulo escreveu esta Epístola, e a mandou pela mão de Tito, 8:6,17, antes de ele pessoalmente viajar para Corinto.

O propósito da Epístola parece ter sido a vindicação de Paulo de sua posição de Apóstolo de Cristo, lembrando aos membros da Igreja que ele a fundara, e que tinha portanto, seu direito de dirigi-la.

Um pouco mais tarde, Paulo chegou em Corinto, e invernou ali, At 20:23, conforme planejara, 1 Co 16:5,6. Enquanto estava em Corinto, escreveu sua Epístola aos Romanos.

Capítulo 1. O Consolo de Paulo no Sofrimento

"A Consolação", vv. 3,4, a que se refere no começo da Carta foi ocasionada pelo seu encontro com Tito, 7:6,7, o qual regressara de Corinto com a boa notícia da lealdade dos irmãos dali. Isto, somado à sua jubilosa gratidão por haver escapado à morte em Éfeso, vv. 8, 9; At 19:23-41, explica por que se sente feliz no meio de seu constante sofrer.

Éfeso e Corinto distavam entre si pouco mais de 320 km; navios iam de uma à outra, constantemente. A "segunda" visita foi "em tristeza", 2:1. Evidentemente, uma crise muito grave surgira em suas relações com a igreja coríntia. Sua ansiedade por encontrar Tito foi devida em parte ao desejo de saber o resultado dessa breve segunda visita.

Capítulo 2. O Caso de Disciplina

Parece tratar-se do indivíduo incestuoso que, na primeira Epístola, 1 Co 5:3-5, Paulo ordenara fôsse "entregue a Satanás"; em vista disso, desencadeou-se na igreja uma revolta de consideráveis proporções contra o Apóstolo.

Foi tão sério o caso que ele pessoalmente se dirigiu de Éfeso a Corinto, v. 1; porém foi repelido de tal forma que aqui diz ter sido triste a visita.

Outrossim, julga-se à vista de 2:3,9; 7:8,12; 10:10, passagens que implicam fatos não referidos em 1 Coríntios, que Paulo escreveu outra Carta, entre as duas que temos, a qual hoje está perdida. Deve ter sido bem enérgica, visto como mudou o curso das coisas em Corinto, a tal ponto que os que apoiavam o indivíduo disciplinado, voltaram-se, furiosamente, contra este, 7:11. Paulo, porém, não soube disto senão quando se encontrou com Tito, 7:6-7.

Os "sofrimentos, angústias e muitas lágrimas", v. 4, foram causados não só pela terrível experiência por que passara em Éfeso, 1:8,9, como pela amarga ansiedade em torno da situação em Corinto. Tão aflito estava por não encontrar Tito em Trôade, conforme fora o plano, 2:12,13, que deixou passar esplêndida oportunidade para o Evangelho nesta cidade, para ir às pressas à Macedônia, na esperança de achar Tito, que ele sabia estar de caminho com notícias de Corinto.

"Fragrância", vv. 14-16, é uma figura de linguagem, baseada nas procissões triunfais dos imperadores vitoriosos, que trescalavam a incenso, quando voltavam a Roma com extensas filas de cativos, alguns dos quais seriam mortos e outros recebiam permissão de continuar vivos. Assim, levava Paulo consigo a "fragrância" de Deus, a qual segundo a reação de cada um, significava vida ou morte. Ele considerava sua vida ministerial uma marcha triunfal.

Capítulo 3. A Glória do Seu Ministério

"Cartas de recomendação", v. 1. Esta expressão foi-lhe sugerida, provàvelmente, pelo fato de os mestres judaizantes levarem cartas de apresentação fornecidas por Jerusalém. Os tais sempre estavam se infiltrando na obra de Paulo; figuravam entre os seus principais perturbadores e aproveitaram-se de qualquer pretexto ou oportunidade para dar-lhe combate. Agora, perguntavam, quem é Paulo? É capaz de apresentar cartas de alguém de evidência em Jerusalém? O que, logo à primeira vista, era um absurdo. Cartas de recomendação para uma igreja que ele próprio fundara? A igreja mesmo era sua carta.

Isso leva Paulo a fazer um contraste entre o seu ministério e o deles: entre o Evangelho e a Lei. Esta se escrevera em pedras, aquele era escrito nos corações. A Lei era da letra, o Evangelho era do espírito. A Lei era para a morte, o Evangelho para a vida. A Lei era velada, o Evangelho era revelado. A Lei era para condenação, o Evangelho para justificação. Aquela é passageira, este permanece. Olhando para Cristo somos transformados em Sua imagem.

Capítulo 4. Paulo Martirizado em Vida

Nesta Epístola, Paulo fala muito dos seus sofrimentos, especialmente nos caps. 4, 6, e 11. Quando de sua conversão, o Senhor lhe dissera: "Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo meu nome", At 9:16. Os sofrimentos começaram imediatamente e continuaram sem interrupção por mais de trinta anos.

Tramaram tirar-lhe a vida em Damasco, At 9:24. E em Jerusalém, At 9:29. Expulsaram-no de Antioquia, At 13:50. Tentaram apedrejá-lo em Icônio, At 14:5. Apedrejaram-no e deram-no como morto em Listra, At 14:19. Em Filipos, açoitaram-no com varas e puseram-no ao tronco, At

16:23,24. Em Tessalônica, os judeus e o populacho acometeram-no junto com o povo amotinado, At 17:5. Expulsaram-no de Beréia, At 17:13,14. Conspiraram contra êle em Corinto, At 18:12. Em Éfeso, quase perdeu a vida às mãos da turba enfurecida, At 19:29; 2 Co 1:8,9. Outra vez em Corinto, pouco depois de escrever esta Epístola, tramaram sua morte, At 20:3. Em Jerusalém ainda, só não o liqüidaram num instante por causa dos soldados romanos, At 22:22,23. Depois esteve preso dois anos em Cesaréia e mais dois em Roma.

Além de tudo isto, ainda houve açoites, prisões, naufrágios e incessantes privações, de toda espécie, que não foram escritas, 2 Co 11:23-27. Finalmente, foi levado preso a Roma para ser executado como criminoso, 2 Tm 2:9.

Deve ter tido uma admirável paciência no sofrimento, pois cantava quando padecia. Só uma pessoa de constituição férrea podia suportar isso e, mesmo assim, não bastava, sem a graça maravilhosa de Deus. Sempre consciente da presença do seu Senhor "sentia-se imortal até que realizasse sua obra."

Capítulo 5. Que Haverá Após a Morte?

Neste capítulo, continua a dizer a razão pela qual Paulo se alegrava em seus sofrimentos. Acabara de dizer que, quanto maior fosse o padecer no presente mundo, tanto maior seria a glória na eternidade, 4:17,18. Sua mente está posta no mundo por vir.

Qual é o ensino, aqui? Revestir-nos-emos do novo corpo no momento da morte? Fala-se aí da morte não como um "despir", mas como um "revestir", v. 4. Estar ausente do corpo é estar em casa com o Senhor, v. 8. Em Fp 1:23, êle considera a morte uma partida para estar com Cristo, o que é "muito melhor". Mas, em 1 Co 15 e 1 Ts 4, ele relaciona o corpo da ressurreição com a vinda de Cristo. Decerto, o ensinamento é que os que morrem antes da vinda do Senhor entram num estado de consciente felicidade com Êle, o que é muito melhor do que a vida na carne, mas ainda não é aquela existência gloriosa que se segue à ressurreição.

Capítulo 6. Outra Vez os Sofrimentos de Paulo

Paulo continua a defesa de seu ministério. A desafeição na Igreja coríntia para com êle devia ser considerável, v. 12. Doutro modo, certamente, não teria devotado tão grande parte desta Epístola a essa defesa. Nos vv. 14-18 parece levar aquela perturbação, em parte pelo menos, à conta da atmosfera pagã na qual viviam. Os coríntios eram de moral relaxada.

Capítulo 7. A Informação de Tito

Timóteo fora enviado antes, 1 Co 4:17; 16:10. Era tímido por natureza e não a pessoa exatamente indicada para tomar as medidas disciplinares enérgicas, que a situação em Corinto exigia. Depois, Paulo enviou Tito, 2 Co 2:13; 7:6,13; 12:18, o qual em situações tais era, provàvelmente, o auxiliar mais capaz de que o Apóstolo dispunha. Êle, provavel-

mente, foi lá, depois da "segunda" visita de Paulo, e levou a Carta referida em 2:3. Sua missão foi bem sucedida.

A pessoa que dera lugar à perturbação, 1 Co 5:1-5, era, provavelmente, homem de muita influência, o qual a princípio persistiu no seu pecado, e encabeçou franca rebelião contra Paulo, conseguindo a adesão de muitos líderes. Contudo, pela influência da "segunda" carta do Apóstolo e da presença de Tito, a Igreja, no seu todo, entrou outra vez em forma, resultando na humilhação do ofensor. Foi essa a boa notícia de que Tito foi portador, vv. 7-16.

Capítulos 8, 9. A Oferta para a Igreja-Mãe

Estes dois capítulos contêm instruções acerca da oferta para os crentes pobres de Jerusalém. Foi esse um notável cometimento da vida de Paulo, ver nota sobre Atos 21. Provavelmente, essa oferta foi arrecadada entre todas as igrejas da Ásia Menor e Grécia, se bem que só as da Macedônia, Acaia e Galácia sejam mencionadas. Começara a ser arrecadada um ano antes, 8:10. As igrejas macedônicas haviam entrado, nessa campanha, de todo o coração. Até os muito pobres deram abundantemente. Paulo estava lá quando escreveu isto. Filipos, a principal igreja macedônica, foi a única da qual o apóstolo aceitou paga pelo seu trabalho, e isso depois que de lá saiu.

Nestes dois capítulos temos as mais completas instruções do N.T. a respeito de contribuições na Igreja. Embora seja uma oferta de beneficência, presumimos que os princípios, aqui declarados, devem orientar as igrejas no levantamento de todas as suas ofertas, sejam as do seu próprio sustento, sejam as que se destinem à obra missionária e à beneficência. Ofertas voluntárias. Proporcionais. Sistemáticas. Sua administração deve ficar acima de qualquer censura, 8:19-21. Frisa-se, especialmente, que Deus galardoará aos que contribuem liberalmente. "O dom inefável", 9:15, parece, do contexto, ser a relação bendita que se estabelece entre os doadores e os beneficiados.

Capítulo 10. A Aparência Pessoal de Paulo

O que se diz, neste capítulo, parece ter sido sugerido pela crítica feita pelos inimigos de Paulo, de ter ele fraca aparência pessoal, vv. 1, 10. No N.T. não se colhe nenhuma idéia de como era a aparência desse Apóstolo. Uma lenda que vem do segundo Século diz que era "homem de estatura mediana, cabelos crespos, pernas curtas e arqueadas, olhos azuis, grandes e cerradas sobrancelhas, nariz comprido; era cheio da graça e compaixão do Senhor, algumas vezes parecendo homem, outras vêzes parecendo anjo." Diz outra tradição que era "pequeno de estatura, careca, pernas tortas, robusto, sobrancelhas cerradas, nariz um pouco saliente, e cheio de graça."

O N.T. dá idéia de ele sofrer dos olhos, o que às vezes lhe dava uma aparência desagradável. Mas a crítica dos inimigos, de ser ele de personalidade fraca, v. 10, certamente era sem base. Pensar isso de um homem que revolucionava cidades, uma após outra, como Paulo fazia, é simplesmente inconcebível. Inquestionavelmente, era de personalidade poderosa e dominadora, e em tudo e por tudo tão grande homem, como qualquer que haja existido, excetuando-se só Jesus.

Em resposta à crítica de ser fraco, diz que pelo menos fundou suas igrejas e não andava perturbando as que outros fundaram, como faziam esses inimigos.

Capítulo 11. Paulo Justifica a Sua Jactância

Em certas partes desta Epístola, Paulo se dirige à maioria que lhe era leal, noutras partes à minoria desleal. Esta última parece estar em sua mente nos quatro últimos capítulos.

Vê, perfeitamente, a impropriedade de jactar-se de si mesmo, e detesta ter necessidade de fazê-lo, mas eles o forçam a isso.

Tiravam partido do fato de ter ele recusado paga pelo trabalho em Corinto, vv. 7-9. Explica que, embora como Apóstolo de Cristo, tivesse o direito, 1 Co 9, de propósito recusou pagamento, para que seu exemplo não servisse de estímulo a falsos mestres que procuravam fazer da igreja um negócio. Desde o princípio de seu trabalho em Corinto, Paulo devia ter notado tendências em alguns de seus convertidos para a liderança mercenária, e por isso tratou de seguir uma orientação diferente. Uma das coisas de que se gloriava era não poderem acusá-lo de cobiça.

Então, numa passagem poderosa e dramática, vv. 22-23, desafia os seus críticos a que se comparem com ele sob todos os aspectos: como hebreu leal, como obreiro eficiente de Cristo — havia feito mais do que toda a tribo deles, tomada em conjunto; como sofredor por Cristo — toda a sua carreira de apóstolo cristão fora uma história ininterrupta de martírio em vida.

Capítulo 12. O Espinho na Carne

A visão do paraíso, vv. 1-7. Foi arrebatado "ao" paraíso, v. 4, "até ao" terceiro céu, v. 2; como se paraíso e terceiro céu fossem duas regiões separadas do mundo futuro. Jesus entrou no paraíso, imediatamente, quando morreu, Lc 23:43. Quanto ao "terceiro céu", não há outra passagem em que apareça a expressão para lhe esclarecer o sentido. Pensam alguns que são expressões sinônimas de habitação de Deus. Mas, dizendo "ao" e "até ao", parece querer se referir a dois lugares distintos.

Visto que Jesus passou, imediatamente, ao paraíso, pensa-se que este é a habitação de espíritos desencarnados, entre a morte e a ressurreição. O terceiro céu pensa-se que é a habitação final dos remidos em seus corpos de ressurreição: uma existência muito mais gloriosa do que a do paraíso é muito mais gloriosa do que a existência na terra. Que há um estado intermediário entre a morte e a ressurreição, parece estar implícito, claramente, no ensino do N.T., ver nota sôbre o cap. 5.

O que Paulo viu e ouviu não lhe era "lícito" relatar, v. 4. Pode significar que, para fortalecê-lo em vista de sua missão especial e dos sofrimentos excepcionais que tinha de suportar, Deus lhe deu uma visão especial da glória futura, parte da qual estava ele proibido de revelar a outros. Contudo, é mais provável que a palavra "possível" seja melhor interpretação do que a palavra "lícito", querendo dizer que não há linguagem humana que consiga descrever a glória do céu, assim como a idéia de cor não pode ser comunicada a um cego de nascença.

O espinho na carne de Paulo, v. 17. Algumas pessoas versadas na Bíblia pensam que era epilepsia. Outros acham que era febre palustre. Outros que era uma dor de cabeça aguda. Mas a opinião mais corrente é, sem dúvida, que se tratava de oftalmia crônica, doença dos olhos, que não somente era em extremo dolorosa, como às vezes lhe dava uma aparência repulsiva.

É o que se deduz de expressões em suas Epístolas. Catorze anos antes de escrever esta Epístola, vv. 2, 7, que foi mais ou menos quando entrava na Galácia, em sua primeira viagem missionária, êste "espinho na carne" o acometera. Sua entrada na Galácia fôra ocasionada por certa enfermidade física, Gl 4:13, de tão repelente aspecto que se constituía séria tentação para qualquer pessoa em sua presença, Gl 4:14. Os gálatas teriam-lhe dado seus próprios "olhos", Gl 4:15. Por que "olhos", se não era isso que êle precisava de modo particular? As letras "grandes" de sua escrita costumeira, Gl 6:11, podiam ter sido causadas por sua vista fraca, razão por que ditava suas cartas a alguns assistentes.

Capítulo 13. A Visita Prometida a Corinto

Paulo escreveu no verão de 57 d.C. Chegou lá no outono. Passou três meses, At 20:3. Na primavera seguinte, partiu para Jerusalém, levando a oferta.

GÁLATAS

Pela Graça, Não Pela Lei

A Finalidade do Evangelho

Galácia

Ver mapa sobre Atos 13. No centro da Ásia Menor. Região da primeira viagem missionária de Paulo. Seus limites exatos são incertos. Incluía Icônio, Listra, Derbe e, provavelmente, Antioquia da Pisídia. Como preâmbulo à leitura desta Epístola, é bom ler a narrativa do trabalho de Paulo aí, At caps. 13, 14.

Os gálatas eram um ramo dos gauleses, originários do norte do Mar Negro, que se cindiram da principal corrente migratória que se dirigiu ao Oeste, à França, e se estabeleceram no centro da Ásia Menor no 3.º Século a.C.

A Razão Desta Epístola

O trabalho de Paulo na Galácia fora muito bem sucedido. Grandes multidões, na maior parte de gentios, aceitaram a Cristo com entusiasmo. Algum tempo depois de Paulo sair dali, certos mestres judeus chegaram e se puseram a insistir em que os gentios não podiam ser cristãos sem guardar a Lei de Moisés. Os gálatas deram ouvidos a essa doutrina com a mesma disposição de alma com que a princípio receberam a mensagem de Paulo; e houve uma "epidemia" generalizada de circuncisão entre êsses cristãos gentios. Paulo teve conhecimento do fato e escreveu esta Carta para dizer-lhes como eram insensatos, pois, embora a circuncisão participasse, necessariamente, da vida nacional judaica, não fazia parte do Evangelho e nada tinha a ver com a salvação.

A Data

Paulo fundara estas igrejas mais ou menos em 46-47 d.C. Tornou a visitá-las no curso de sua segunda viagem, cerca de 48 d.C., e outra vez ao partir para a terceira viagem, cêrca de 53 d.C. A data tradicional e geralmente aceita da redação desta Epístola é cerca de 57 d.C., ao fim da terceira viagem, quando Paulo estava em Éfeso, Macedônia ou Corinto, pouco antes de escrever a Epístola aos Romanos. Teria sido dez ou doze anos depois da fundação dessas igrejas, e nesse ínterim o apóstolo teria tornado a visitá-la duas vezes.

Alguns pensam que mais provavelmente foi escrita cerca de 47 d.C., de Antioquia, logo depois de Paulo regressar da Galácia pela primeira vez, antes do Concílio de Jerusalém de 48 d.C., cuja decisão, que declarava não ser necessária a circuncisão, foi transmitida sem demora às igrejas da Galácia, At 15:1-16:4; porque, se esta Epístola fôsse escrita depois dessa decisão, pareceria que o apóstolo se referiria à carta do Concílio de Jerusalém. Mas a frase "primeira vez", de 4:13, implica visitas subseqüentes que intervieram. De modo que a suposição não é segura.

Os Judaizantes

Eram uma seita dentre os cristãos judeus que, não querendo aceitar o ensino apostólico sobre a questão, Atos 15, continuavam a insistir que os cristãos tinham de ir a Deus por meio do judaísmo; que para um gentio ser cristão precisava tornar-se judeu e guardar a Lei judaica.

Tomaram a peito visitar, agitar e perturbar as igrejas gentílicas. Estavam apenas resolvidos a rotular Cristo com a marca da fábrica judaica. Contra isto Paulo se mostrou inexorável. "Se a observância da Lei tivesse sido imposta aos convertidos gentios, todo o trabalho da vida de Paulo teria sido arruinado." "A expansão do cristianismo, rompendo os diques de uma seita judaica, e tornando-se religião mundial, foi a paixão ardente de Paulo; para consegui-la, arrebentou todos os obstáculos e pôs nisso todo o seu esfôrço mental e físico durante mais de trinta anos."

O esforço por judaizar as igrejas gentílicas tivera fim com a queda de Jerusalém, 70 d.C., pela qual "ficaram cortadas todas as relações entre o judaísmo e o cristianismo. Até essa época o cristianismo era considerado seita ou ramo do judaísmo. Daí por diante, judeus e cristãos se separaram. Permaneceu uma pequena seita de cristãos judeus, chamados ebionitas, que duraram dois séculos, a decrescer em número, mal reconhecidos pela igreja em geral, e, pelos de sua própria raça, havidos como apóstatas."

A Circuncisão

É como se designa o rito de iniciação do judaísmo. Se alguém, não judeu de nascimento, desejava tornar-se herdeiro dos privilégios e bênçãos que Deus prometera à nação judaica, podia vir a ser judeu por adoção, isto é, circuncidando-se e observando a lei cerimonial dos judeus. Em alguns respeitos, não todos, era análogo ao direito de cidadania em nosso País. Se um estrangeiro deseja tornar-se cidadão brasileiro, pode consegui-lo tratando de arranjar seus papéis de naturalização, e então passa a ser considerado cidadão brasileiro, tanto quanto os nascidos aqui. Assim, pois, um gentio podia tornar-se judeu, ou antes um prosélito dos judeus.

Capítulo 1. O Evangelho de Paulo Veio Direto de Deus

Para desacreditar Paulo aos olhos dos gálatas, os mestres judaizantes, ao que parece, diziam que ele não era um dos primeiros Apóstolos, e que derivava dos doze o seu ensino. Pode isto dar a razão da defesa apaixonada que faz de si como Apóstolo independente. Recebeu seu Evangelho por direta revelação de Deus, e não há outro Evangelho.

"Arábia", v. 17. Nos Atos não se menciona este fato. Os três anos, v. 18, incluem o tempo que esteve em Damasco e na Arábia, At 9:23. Segundo o costume judaico de contar uma fração de ano como um ano, no princípio e no fim de um período, os três anos podem ter sido só um inteiro e partes de dois anos. Arábia é a região deserta a leste da Palestina, estendendo-se na direção sudeste de Damasco. Paulo ficou de tal modo aturdido com o golpe recebido do céu e com a percepção inesperada de ter sido errado durante tôda a sua vida, que achou melhor reconsiderar os fatos; procurou a solidão para refazer-se. Foi na Arábia que teve algumas de suas revelações, v. 16.

Capítulo 2. A Relação entre Paulo e os Outros Apóstolos

A visita a Jerusalém vv. 1-10. Paulo esperou três anos, depois de convertido, para voltar a Jerusalém, onde devastara a Igreja. Passou lá somente 15 dias, discutindo os fatos com Pedro, v. 18. Comparar com a narrativa de At 9:26-30. Depois de 14 anos foi outra vez a Jerusalém. Deve ter sido a visita registrada em At 11:27-30, que foi em 38 d.C., visto como o con-

texto, a par do que implica a "outra vez" do v. 1, parece significar sua segunda visita a Jerusalém depois de convertido, embora o assunto dêste capítulo calhe melhor à terceira visita narrada em At 15:2. Levou consigo Tito, um de seus convertidos gentios, para servir de teste na debatida questão da circuncisão desses mesmos gentios. Firmou-se em sua posição e conquistou pleno apoio dos outros apóstolos, v. 9.

A Dissimulação de Pedro em Antioquia, vv. 11-21. Não se diz quando ocorreu. Provavelmente, foi logo depois de Paulo chegar a Antioquia, de volta da visita referida no v. 1, e antes de partir para sua primeira viagem missionária. Para ter uma idéia das circunstâncias e da significação dêste incidente, tentaríamos uma cronologia mais ou menos assim: Pedro recebeu o primeiro gentio convertido, Cornélio, sem circuncisão, Atos 10, provavelmente, cerca de 40 d.C., nascia a igreja gentílica, em Antioquia, com aprovação de Barnabé, enviado de Jerusalém, At 11:22-24. Seguiu-se, em 45 d.C., esta viagem de Paulo, com Tito, a Jerusalém, onde Pedro juntou sua palavra de apoio ao ato de Paulo em receber gentios sem circuncidá-los. Logo depois disso, cerca de 46 d.C., deu-se essa viagem de Pedro a Antioquia, onde ele se separou dos gentios incircuncisos, e recebeu de Paulo uma veemente repreensão, v. 11. Mas cinco ou seis anos depois, no Concílio de Jerusalém, 48 d.C., Pedro foi o primeiro a manifestar-se em favor da obra de Paulo, At 15:7-11.

Por que essa vacilação de Pedro e tal discordância em torno de ensino tão fundamental, entre ele e Paulo, eminentes Apóstolos? Em que isso interfere com a inspiração de ambos, escritores que são do N.T.? Neste incidente isolado um dos dois estava errado. Como saber quem o estava? Se um e outro estavam enganados nesse ponto, como sabemos que não podiam se enganar em outros? Não será que este incidente fere de frente a doutrina de serem os Apóstolos inspirados por Deus? Não, absolutamente, pelo simples fato de Deus não ter revelado de uma vez, como num relâmpago, aos Apóstolos, a verdade completa a respeito do Seu reino, o que não fez nem mesmo no dia de Pentecostes. Em sua última noite, Jesus dissera-lhes que tinha muitas coisas a lhes ensinar, as quais não podiam suportar ainda, Jo 16:12. Jesus tratava a fraqueza e os preconceitos humanos com muita paciência e ternura, permitindo que conservassem suas velhas noções acerca do reino messiânico até que, surgindo a necessidade, os dirigiu, passo a passo, a novas fases desse reino. Não os importunou com o problema dos gentios até que esse problema surgiu. Então, depois de ter sido o Evangelho amplamente proclamado entre os judeus em sua pátria, Deus, por direta e especial revelação, empreendeu a instrução de Pedro sobre o caso desses gentios, Atos 10, o que se deu, provavelmente uns dez anos depois do nascimento pentecostal da Igreja. Nesse ponto, Deus tinha paciência para vencer o preconceito judaico profundamente enraizado. Alguns anos tiveram de passar antes que os Apóstolos se reajustassem à nova doutrina. Paulo deixou a velha noção mais depressa do que Pedro. O incidente em apreço ocorreu depois de Paulo se ter desvencilhado de todo dessa velha noção, enquanto Pedro ainda estava se desvencilhando. Contudo, Pedro se libertou de todo antes de qualquer dos livros em o N.T. ter sido escrito, não havendo aí um til de discrepância entre os seus ensinamentos e os de Paulo.

Capítulos 3, 4. Servidão à Lei

Esses gálatas gentios haviam-se impregnado tanto do ensino dos judaizantes que chegaram a instituir festas e cerimônias judaicas, 4:8-11, aparentemente, procurando combinar o Evangelho com a Lei mosaica. Paulo, porém, lhes diz que os dois sistemas não se combinam. Operaram os judaizantes entre eles algum milagre, como Paulo fizera? 3:5. Isto para eles nada significava? Abraão figura largamente nestes dois capítulos, porque o ensino judaico por eles aceito baseava-se, amplamente, na promessa a este patriarca. Interpretavam mal a promessa, como Paulo bem lhes mostrou na própria narrativa do caso de Abraão, 4:21-31. O primeiro amor que votaram a Paulo contrastava, agora tristemente, com frieza, 4:12-20. Ver nota sobre sua "enfermidade", 4:13, sob 2 Co 12.

Capítulos 5, 6. Liberdade em Cristo

Paulo não podia aceitar que um ser humano escolheria, deliberadamente, arriscar sua salvação, baseando-a em suas obras antes que na misericórdia graciosa de Cristo. É Cristo quem nos salva. Não nos salvamos a nós mesmos. É essa a diferença que há entre liberdade e servidão. Mas, liberdade em Cristo não quer dizer licença para continuar no pecado. Paulo não deixa nunca de frisar bem isso. Os que vão atrás de cobiças da carne não podem estar salvos, 5:19-21. Uma das "leis espirituais do mundo natural" é que o homem "ceifa o que semeia", 6:7, lei inevitável em sua operação, quer se semeie trigo ou joio. "Letras grandes", 6:11, prova da autenticidade de sua caligrafia, ver nota sobre o "espinho na carne" em 2 Co 12. "Marcas de Jesus", 6:17. Os inimigos diziam que Paulo não era um genuíno Apóstolo de Cristo. Seu corpo maltratado, contundido e coberto de cicatrizes era um testemunho a seu favor. Ver 2 Co 4:6-11.

A Unidade da Igreja

Judeus e Gentios São Um em Cristo

Paulo dedicou a vida a ensinar aos gentios que eles podiam ser cristãos sem se tornar prosélitos dos judeus. Em geral, isso desagradava a estes porquanto, na sua concepção, a Lei mosaica obrigava a todos, e tinham fundos preconceitos contra os gentios incircuncisos que se atreviam a se ter na conta de discípulos do Messias judeu.

Por um lado, Paulo ensinava aos gentios que permanecessem firmes como rochedo na liberdade que tinham em Cristo, como fez nas cartas aos Gálatas e aos Romanos; por outro lado, não queria que esses gentios tivessem preconceitos contra os judeus, seus companheiros cristãos, antes os considerassem como irmãos em Cristo.

Não queria ver duas igrejas: uma judaica e outra gentílica: mas **UMA IGREJA:** judeus e gentios **UM** em Cristo.

Seu gesto, em favor dessa unidade, visando os elementos judaicos da Igreja, foi a grande oferta em dinheiro que levantou nas igrejas gentílicas, ao fim de sua terceira viagem missionária, em prol dos crentes pobres da igreja-mãe em Jerusalém. Ver Atos 21. Esperava que esta demonstração de amor cristão levasse os cristãos judeus a ser mais benévolos para com seus irmãos gentios.

Seu gesto, em favor dessa mesma unidade, tendo em mira os elementos gentílicos da Igreja, foi esta Epístola, escrita ao principal centro de seus convertidos gentios, onde exalta a **UNIDADE, UNIVERSALIDADE** e **GRANDEZA INDIZÍVEL** do corpo de Cristo.

Para o Apóstolo, Cristo era algo imenso, em quem havia lugar não somente para pessoas das mais diferentes raças, pontos de vista e preconceitos, mas que possuía o poder de resolver todos os problemas da humanidade, bem como levar a unir-se e harmonizar-se com Deus não só toda a vida da sociedade e da família, 5:22-6:9, como até as miríades de seres do universo invisível, 3:10.

Esta é uma das quatro "Epístolas da prisão", escritas por Paulo quando detento em Roma, 62-64 d.C.; as outras foram Filipenses, Colossenses e Filemom. Três destas foram escritas ao mesmo tempo e conduzidas pelos mesmos portadores: 6:21; Cl 4:7-9; Fm 10-12. Houve outra, que não existe hoje, Cl 4:16.

Capítulo 1. Bênçãos Espirituais

"Em Éfeso", v. 1, não consta em alguns dos mais antigos manuscritos. Pensa-se que, provavelmente, a intenção foi fazer desta uma carta circular às igrejas da Ásia, sendo Tíquico portador de uma porção de cópias, deixando espaço para se inserir o nome de cada cidade, sendo a cópia de Éfeso a que deu origem à maioria dos manuscritos, mas não todos. A carta a Laodicéia, Cl 4:16, possivelmente, seria uma dessas cópias. Isto explica a ausência de saudações pessoais, de que são abundantes as Cartas de Paulo. Este passara três anos em Éfeso e tinha lá amigos muito devotados. Todavia, se esta carta foi circular, enviada a Éfeso e outras cidades vizinhas, isso explicaria a razão de ser mais formal o seu teor.

O eterno propósito de Deus, vv. 3-14. Magnífico epítome dos planos de Deus: redenção, adoção, perdão e selagem de um povo para ser propriedade Sua, o que foi resolvido desde a eternidade, agora realizado pelo exercício eficaz da vontade divina.

"Regiões celestiais", v. 3, é uma frase-chave deste livro, 1:10,20; 2:6; 3:10; 6:12. Significa a esfera invisível acima deste mundo sensível, que é a última morada do cristão, com a qual, de certo modo, temos hoje comunicação.

A oração de Paulo por eles, vv. 16-23. É a sua maneira usual de começar as cartas. Quatro de tais orações são especialmente belas: Esta e as seguintes: 3:14-19; Fp 1:9-11 e Cl 1:9-12.

Capítulos 2, 3. A Igreja Universal

Salvos pela graça, vv. 1-10. O corpo de Cristo está sendo edificado de pecadores indignos, para ser uma demonstração eterna da bondade de Deus. Quando a obra de Deus estiver completa em nós, seremos criaturas de inefável felicidade num estado de glória celeste além do que se possa imaginar. Será obra divina, e não nossa; e através dos séculos o céu não deixará de vibrar com os alegres aleluias partidos dos corações gratos dos remidos.

Outrora uma só nação, agora todas as nações, 2:11-22. "Circuncisão" veio a ser usado como termo designativo dos judeus, distintos das outras nações denominadas "incircuncisão", v. 11. Por um tempo os judeus constituíam o corpo do povo de Deus, cujo sinal carnal era a circuncisão, e do qual outras nações estavam excluídas. Agora, porém, o apelo de Deus soava claro e forte a **TODOS**, chamando-os de toda tribo e nação, para vir juntar-se à Sua família.

O "mistério" de Cristo, 3:3-9, oculto em Deus durante séculos, v. 9, nesta passagem, quer dizer claramente que as demais nações são herdeiras das promessas que Deus fez aos judeus, mas promessas que esses judeus até aí pensavam que lhes pertenciam com exclusividade. Essa fase do plano de Deus estivera oculta, se bem que estivesse no seu propósito desde o princípio, 1:5, até que veio Cristo, mas agora está plenamente revelada, a saber: que o futuro mundo glorioso de Deus será construído, não da nação judaica, mas de todo o gênero humano.

A grandeza da Igreja, 3:8-11. Mediante a Igreja, Deus unifica os elementos hostis da raça humana em **UM** corpo, e mostra Sua sabedoria às ordens supra-humanas de seres celestiais, resumindo de fato todas as coisas em Cristo.

Capítulo 4. A Unidade da Igreja

Um corpo, vv. 1-16. Um organismo complexo, com muitas funções, cada uma em seu próprio lugar, operando harmonicamente, sendo o amor o seu princípio básico, v. 16, e Cristo sua cabeça e fôrça diretiva.

Sendo composto de muitos membros, de talentos e temperamentos diversos, o requisito fundamental para seu funcionamento adequado é um espírito de humildade e de tolerância mútua dos membros entre si, v. 2.

Seu objetivo é o nutrimento de cada um dos seus membros para que se tornem a imagem perfeita de Cristo, vv. 12-15. A idéia de crescimento, como vem expressa nestes versículos, parece aplicar-se tanto a indivíduos quanto à Igreja como um todo. A infância da Igreja passará. Sua maturidade chegará. Comparar a passagem correlata, 1 Co caps. 12, 13.

A Igreja existe há quase 2.000 anos e, a este respeito, ainda está em seu estado infantil. Ainda não conheceu a unidade, em sua manifestação como um todo, visivelmente conhecida. A luta constante de Paulo era contra elementos facciosos em igrejas locais e contra a dissensão entre judeus e gentios. Depois vieram as amargas controvérsias do 2.º ao 4.º Século. Seguiu-se a Igreja imperial, com o seu aspecto externo de unidade sob a autoridade estatal, porém de influência venenosa para a sua vida espiritual. Veio depois a hierarquia papal com a sua unidade autoritária, que arrebatou aos homens seus direitos de consciência e pôs a Bíblia fora de circulação.

Há 400 anos, sobreveio o rompimento protestante pró liberdade. Naturalmente, quando o povo começou de novo a pensar por si, depois da longa noite de escravidão ao Papa, tinha de ver as coisas algo diferente, e, inevitavelmente, o movimento protestante no decurso dos anos diversificou-se em várias correntes. Assim, temos ainda uma cristandade dividida. Se ainda vai haver, neste mundo, uma unidade orgânica, exterior, da Igreja visível, não sabemos. O egoísmo e o orgulho dos homens são contrários a isso. Mas sempre houve e ainda hoje há uma unidade na Igreja invisível, dos verdadeiros santos de Deus, a qual de algum modo, em algum tempo e em alguma parte virá a ser plenamente conseguida, como resposta à oração de Cristo, Jo 17, e se manifestará a Igreja como corpo da plena estatura do Senhor Jesus.

Novas obrigações, vv. 25-32. Olhando a Igreja como irmandade, é necessário que seus membros se considerem mutuamente. "Irai-vos", v. 26; talvez Paulo achasse demais dizer-lhes que de modo algum se irassem; assim, adverte-os que cuidem de não conservar a ira. "Furtar", v. 28: alguns deles, evidentemente, tinham sido de caráter mau, porém agora devem respeitar o direito alheio. Ver nota sôbre 2 Ts 3:6-15.

Capítulos 5, 6. Novas Obrigações

Nestes dois capítulos, Paulo continua o que começou em 4:17: a obrigação deles de viver diferentemente da sua vida passada.

A Impudicícia, 5:3-14, isto é, imoralidade, liberdades sexuais. Era este um pecado muito comum nos dias de Paulo, sendo que, em muitos lugares, fazia parte do culto pagão. Paulo previne contra isso, repetidamente. Ver notas sobre 1 Co 7 e 1 Ts 4:1-8.

Cantar ao Senhor, 5:18-21. O louvor alegre nas reuniões de cristãos é aqui posto em contraste com os deleites tumultuosos das pândegas barulhentas dos embriagados, vv. 18, 19. O cântico de hinos é, sem dúvida, de todos os exercícios religiosos, o mais natural, simples, amado e, sob qualquer termo de comparação, o que mais estimula espiritualmente.

Maridos e mulheres, 5:22-23. Se somos cristãos, temos de mostrá-lo em todas as relações da vida: nos negócios, na sociedade e em casa. As relações entre marido e mulher são aqui representadas como figura das que existem entre Cristo e a Igreja, vv. 25-32. A exortação é no sentido de haver amor e devotamento mútuos, e de modo algum sugere que um homem tem o direito de fazer de sua mulher uma escrava. Cada um depende do outro, devido às funções diferentes que têm na sociedade humana. Cada

qual, servindo ao outro, serve o melhor possível aos seus próprios interêsses, v. 28. "Quem ama a sua mulher, a si mesmo se ama." Tomem nota os maridos!

Pais e filhos, 6:1-4. Um dos Dez Mandamentos ordena que honremos àqueles que nos deram a vida. Fazendo assim, prolongaremos essa mesma vida. Foi a promessa de Deus, é um fato da natureza. Os pais são advertidos a que não sejam demasiado rigorosos com os filhos, aqui e em Cl 3:21. A autoridade paterna era, geralmente, muito austera naquele tempo, enquanto hoje é, geralmente, frouxa demais. Supomos que outrora era mais fácil aos pais criar filhos, do modo como entendiam, do que hoje, visto que estes últimos não estavam sujeitos a tantas influências de fora do lar, que hoje em dia tão cedo e tão contìnuamente os cercam.

Escravos e senhores, 6:5-9. A metade da população de Roma e grande proporção da população do império era composta de escravos. Muitos cristãos eram escravos. São aqui informados de que o serviço fiel a seus senhores é requisito primordial de sua fé cristã. Eis um ensinamento notável: no desempenho de nossas tarefas diárias, ainda que humildes, sempre somos vigiados por Cristo, que nos aprovará ou reprovará, conforme mereçamos. O mesmo se dá com os senhores, no modo de tratarem seus escravos.

A armadura do cristão, 6:10-20. Esta passagem, certamente, quer dizer que a luta do cristão é contra mais do que as tentações naturais da carne. Há poderes no mundo invisível contra os quais somos impotentes, a não ser que Cristo nos acuda. Verdade, justiça, paz, fé, salvação, a Palavra, oração, são armas que desviam de nós os dardos do inimigo invisível.

FILIPENSES

Uma Carta Missionária

Não é fácil dar o assunto desta Epístola. Versa sobre uma porção de assuntos, à maneira de carta. Contudo, como o que lhe deu ocasião foi o recebimento de uma oferta em dinheiro, feita por uma das igrejas de Paulo, destinada a ajudá-lo em sua obra missionária no estrangeiro, denominamo-la "Carta Missionária"

Em regra, Paulo não recebia pagamento do seu trabalho, porém mantinha-se trabalhando no seu ofício de fabricante de tendas, visto haver muitos inimigos e falsos mestres que abusariam do seu exemplo ou lhe atribuíam má intenção. A única igreja de que ele recebeu pagamento, ao que saibamos, foi a de Filipos. Pelo menos duas vezes mandaram-lhe oferta quando ele estava em Tessalônica, Fp 4:16; e também quando estava em Corinto, 2 Co 11:9, e agora em Roma, Fp 4:18.

Filipos

Na Macedônia, parte norte do que conhecemos por Grécia. Ver mapa sobre Atos 16. Cidade estratégica. Na grande estrada do norte, entre o Oriente e o Ocidente. Notável por suas minas de ouro. Foi nas planícies de Filipos, 42 a.C., que se feriu a batalha na qual, com a derrota de Bruto e Cássio, a república romana caiu e nasceu o império romano. Augusto, em apreciação pelo fato, fez dela uma colônia romana.

A Igreja de Filipos

Foi a primeira igreja de Paulo na Europa. Fundada cerca de 50 d.C., no princípio de sua segunda viagem missionária. Ler a história em Atos 16 como preâmbulo desta Epístola. Lídia e o carcereiro estavam entre os convertidos. Lucas, o médico amado, foi seu pastor nos primeiros seis meses; ver nota introdutória a Atos. Pode ter sido Filipos sua cidade, onde exerceu a medicina. É possível que ele fosse o primeiro responsável pelo desenvolvimento do caráter sem defeito dessa igreja. Tanto quanto saibamos, a igreja filipense era a mais pura e mais fiel de todas as igrejas do N.T.

O Motivo da Carta

Paulo estava em Roma, 62-64 d.C., cerca de dez anos depois de ter fundado a Igreja de Filipos, e uns três ou quatro após sua última visita a ela. Aparentemente, por algum tempo, não teve notícias dessa igreja ("renovastes" a meu favor o vosso cuidado, 4:10), e podia pensar que talvez o houvessem esquecido. Foi quando Epafrodito chegou, dessa distante Filipos, com uma oferta em dinheiro. Paulo ficou muito sensibilizado e profundamente grato. Epafrodito quase ia perdendo a vida ao viajar nesse serviço prestado a Paulo. Quando se restabeleceu, o apóstolo enviou-o de volta com esta bela Carta, 2:25-30; 4:18.

Capítulo 1. O Evangelho em Roma

Timóteo, v. 1, provavelmente, escreveu esta carta, Paulo ditando-a. Ajudara a este a fundar a Igreja de Filipos. Por isso, fê-lo juntar seu nome na saudação. Timóteo também ajudara a escrever 2 Coríntios, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemon.

A oração de Paulo por eles, vv. 3-11. É quase sempre assim que começa suas cartas. Comparar as belas súplicas de Ef 1:16-23; 3:14-19; Cl 1:9-12. "Cooperação no evangelho", v. 5: refere-se às ofertas que lhe enviaram. Isto os fazia participantes do seu trabalho. Ver mais sobre 4:17.

O evangelho progride em Roma, vv. 12-18. Sua ida a Roma, como preso, redundou em proveito, antes que em impedimento, para fazer Cristo conhecido na cidade imperial. Deu-lhe acesso aos círculos oficiais, de modo que já contava com alguns convertidos na corte de Nero, 4:22. Como daquela vez, de noite, se alegrara na cadeia de Filipos, At 16:25, assim se alegra agora nos grilhões de Roma, v. 18.

Paulo deseja morrer, vv. 19-26. Sem dúvida, que sempre sofria no corpo, contundido e coberto de cicatrizes, devido aos repetidos apedrejamentos e açoites. Estava velho. Sabia que as igrejas precisavam dele. Ansiava, porém, ir para o lar do céu. Todavia, não tinha muita importância. Na prisão ou no paraíso, Cristo era sua vida e seu gozo. Quer partisse quer ficasse, estava nas mãos de Deus. Esperava voltar a Filipos, v. 26; 2:24.

Os sofrimentos dos filipenses, vv. 27-30. Já fazia dez anos e ainda estavam sendo perseguidos. Paulo fixava a vista no dia da vindicação, quando os papéis se inverteriam e os perseguidores colheriam o que semeavam, v. 28; 2 Ts 1:5-10.

Capítulo 2. A Humildade de Cristo

Um exemplo de humildade, vv. 1-11. Da maior parte dos livros do N.T., este é o que contém menos censuras. Mas, à vista da conexão em que aparece esta tocante exortação à humildade, desconfiamos que Epafrodito deu a entender a Paulo que havia ameaça de facção no orgulho de certos líderes filipenses, como, possivelmente, Evódia e Síntique, 4:2. A humildade e o sofrimento de Cristo são muitas vezes contrapostos à Sua exaltação e glória, como nos vv. 8-11. Ver Hb 2:9-10; 1 Pe 1:11.

Seu gozo no dia de Cristo, 2:12-18. Paulo tinha idéia de que as amizades terrestres continuariam na eternidade. Esperava que sua felicidade atingiria o clímax do arrebatamento quando saudasse seus queridos amigos no reino além, aos pés de Jesus, sendo eles sua oferta ao Senhor, salvos para sempre, porque ele mesmo os trouxera a Cristo, v. 16.

Seu plano de voltar a Filipos, vv. 19-30. Parece, da leitura destes vss., especialmente do v. 24, que ele esperava que acabasse logo o seu julgamento. Não dá nenhuma idéia de prosseguir até à Espanha, como planejara a princípio, Rm 15:24. Sua longa detenção parece que o fez mudar de plano. A opinião comumente aceita é que foi absolvido e tornou a visitar Filipos e outras igrejas no Oriente, 1 Tm 1:3. Mais adiante, foi preso novamente, trazido de volta a Roma, onde foi executado, uns cinco anos mais tarde.

Capítulo 3. O Alvo Celestial

Uma coisa faço, vv. 1-21. A cena que serve de fundo a este capítulo parece ter sido o aparecimento, em Filipos, dos judaizantes, se bem que não tivessem conseguido muito, a darem ênfase à observância da Lei, a contenderem sobre pontos não essenciais, com arreganhos de cães, v. 2. Paulo

mesmo possuíra a justiça que há na Lei, isso que eles pregavam, em grau acentuado, vv. 4-6. Mas agora considerava isso como "refugo", v. 8. Dependia inteiramente de Cristo. Seu único alvo era conhecê-Lo.

Paulo descreve-se a si mesmo como em uma corrida, forçando todos os nervos e músculos, e empregando nisso até a última partícula de energia, qual corredor no estádio, de veias intumescidas, para não deixar de alcançar o alvo. Este consistia em chegar à ressurreição dentre os mortos, v. 11. Era este o segredo de sua vida. Tivera um vislumbre da glória do céu, 2 Co 12:4, e estava resolvido que, quanto a si, chegaria lá pela graça de Cristo, com todos aqueles que pudesse persuadir a acompanhá-lo. Este capítulo é uma das mais veementes declarações desse Apóstolo acerca de sua esperança de ir para o céu. "Pátria", v. 20 — estrangeiros aqui, nossa pátria é lá. Andamos aqui, mas nosso coração está ali.

Capítulo 4. Alegria

Evódia e Síntique, vv. 2-3. Duas mulheres líderes, ou porque eram de posição social, ou eram diaconisas, ou porque em suas casas as igrejas se reuniam, as quais estavam deixando que seus dissentimentos importunassem o povo de Deus ali.

Alegrai-vos, Alegrai-vos, Alegrai-vos, vv. 4-7. Alegria é a nota predominante desta Epístola. Escrita por um homem preso, que por trinta anos fora atacado, surrado, apedrejado e esbofeteado. E, não obstante, transbordava de **GOZO.** Aquilo mesmo que naturalmente contribuiria para fazê-lo amargurado, só fez aumentar sua felicidade. O que Cristo pode fazer na vida de alguém é simplesmente admirável. "Perto está o Senhor", v. 5: ele dissera, dez anos antes, em 2 Ts 2, que o Senhor não viria senão depois da apostasia; mas essa apostasia já operava, fortemente, em algumas das suas igrejas, e nunca se lhe afastou de todo da mente a proximidade da vinda do Senhor. Era este um dos segredos de sua perene alegria. Outra era sua oração incessante com ação de graças, v. 6. Gratidão a Deus pelo que Ele nos concede certamente O inclinará a nos dar o que não temos.

A vinda de Epafrodito, vv. 10-20. Trouxe a Paulo o dinheiro da oferta, v. 18. O apóstolo ficou profundamente grato, porquanto como prisioneiro não tinha meios de subsistência, além do que a prisão permitisse. O traço mais belo e mais primorosamente delicado de toda esta Epístola está no v. 17, onde, agradecendo-lhes o dinheiro, diz que o apreciou não tanto porque dele necessitasse, se bem que a necessidade fosse grande, 2:25, mas porque lhes deu ensejo de participarem dos lucros de seu trabalho, "fruto que aumente o vosso crédito." Visto que o sustentavam, o trabalho que Paulo realizava era deles. No último dia, seriam premiados pelas multidões de almas que haviam ajudado a salvar. A lição serve para nós, do mundo moderno, com vista às nossas ofertas para a obra missionária. Cada oferta individual de per si não monta a muita coisa. Mas assim como as gotinhas de chuva que caem na parte centro-sul do Brasil cooperam para que a cachoeira de Paulo Afonso seja uma realidade, estes cruzeirinhos de ofertas, de centenas de milhares de crentes das Américas se juntam e formam o caudal de numerário que sustenta o vasto exército de missionários, das extensas fileiras que combatem pela cruz, a suportarem por Cristo dificuldades que nós não pensaríamos em sofrer aqui em casa — o mais nobre exército de

homens e mulheres sobre os quais o sol nunca se põe. Aqueles que, contribuindo para as missões, participam deste mais poderoso movimento de todos os séculos, no dia do final ajuste de contas terão direito de participar de suas recompensas.

A posição social dos cristãos do N.T., v. 22, "os da casa de César", do palácio de Nero. A maioria dos primitivos cristãos era de classes mais humildes. Muitos deles eram escravos. Mas havia pessoas de destaque social entre os conversos, como estes do palácio de César. O tesoureiro da Etiópia, At 8:27. O centurião Cornélio, At 10:1. O colaço de Herodes, At 13:1. O Procônsul de Chipre, At 13:12. Muitas mulheres distintas de Tessalônica, At 17:4. Mulheres gregas de alta posição, em Beréia, At 17:12. O tesoureiro da cidade de Corinto, Rm 16:23. Joana, mulher do procurador de Herodes, Lc 8:3.

COLOSSENSES

A Divindade e Plena Suficiência de Cristo

A Igreja de Colossos. Colossos era uma cidade da Frígia. Alguns naturais dela estiveram presentes em Jerusalém no dia de Pentecostes, At 2:10. Paulo atravessou essa região tanto na segunda como na terceira viagem missionária, At 16:6; 18:23. Pode ser que numa dessas viagens visitasse Colossos, se bem que a linguagem de 2:1 possa, mas não necessariamente, implicar que não esteve lá. É também possível que essa igreja fosse resultado do trabalho desse apóstolo em Éfeso, At 19:10, visto que Colossos ficava perto das fronteiras da "Ásia", uns 160 km a leste de Éfeso. Epafras, 1:7; 4:12-13, pode ter sido seu fundador.

Ocasião e data da Epístola. Paulo estava preso em Roma, 62-64 d.C. Antes havia escrito uma carta, a respeito de Marcos, 4:10. Nesse meio tempo Epafras, colossense, chegou a Roma com a notícia de que uma perigosa heresia se propagava na igreja. Paulo estava preso, ao que parece, Fm 23. Foi então que escreveu esta Carta, enviando-a por Tíquico e Onésimo, 4:7-9, os quais levaram também a Carta aos Efésios e outra a Filemom, Ef 6:21.

A heresia de Colossos. Parece tratar-se de uma mistura das religiões grega, judaica e orientais, espécie de culto de "pensamentos esotéricos", que se apresentava sob o nome de "filosofia", 2:8, inculcando o culto dos anjos como intermediários entre Deus e o homem, 2:18, e insistindo na rígida observância de certas exigências judaicas, indo quase ao ponto do ascetismo, 2:16,21, tudo isso exposto em frases retumbantes de uma pretensa superioridade, e tudo como parte do Evangelho de Cristo.

Semelhança com Efésios. Colossenses e Efésios foram escritas ao mesmo tempo. Encerram declarações cuidadosamente elaboradas das grandes doutrinas do Evangelho, para serem lidas em voz alta nas igrejas, e são muito semelhantes entre si, em muitas passagens. Seus principais temas, porém, são de todo diferentes: Efésios, a unidade e grandeza da Igreja; Colossenses, a divindade e plena suficiência de Cristo.

Capítulo 1. A Divindade de Cristo

Paulo dá graças por eles, vv. 3-8. "Damos sempre graças", v. 3. Muitas vezes começa suas cartas assim: Rm 1:8; 1 Co 1:4; Ef 1:16; Fp 1:3; 1 Ts 1:2; 2 Ts 1:3; 2 Tm 1:3; Fm 4. Boas notícias que recebesse de irmãos espalhados por longe encheriam sua alma de jubilosa gratidão. "Fé", "amor", "esperança", vv. 4-5, são palavras favoritas suas: fé em Cristo, amor para com os santos, esperança do céu. Notar que é a esperança deles que produz o amor, "por causa da", v. 5. Ver 1 Co 13 e 1 Ts 1:3. "Ouvimos", v. 4, não quer dizer, necessariamente, que èle não tivesse estado em Colossos, porque usa o mesmo verbo em Ef 1:15. E sabemos que ele esteve em Éfeso. Mas estava fora fazia anos. "Todo o mundo", v. 6, e "toda criatura", v. 23, querem dizer que o Evangelho por esse tempo, 32 anos depois da morte de Jesus, já fora pregado a todo o mundo conhecido. No decurso da primeira geração, a Igreja tornou-se um fato mundial.

A oração de Paulo por eles, vv. 9-12. É uma das quatro mais belas orações de Paulo por suas igrejas, sendo as outras Ef 1:16-19; 3:14-19 e Fp 1:9-11. "Entendimento espiritual", v. 9, significa saber como viver uma vida semelhante à de Cristo. "Fortalecidos com todo o poder", v. 11, de modo a serem pacientes e alegres em todas as circunstâncias.

A divindade de Cristo, vv. 13-20. Epítetos aplicados a Cristo nesta Epístola: "Imagem do Deus invisível", "primogênito de toda a criação", "todas as coisas criadas por Ele", "Ele é antes de todas as coisas", "nEle tudo subsiste", "cabeça da Igreja", "o princípio", "primogênito de entre os mortos", "nEle reside toda a plenitude", "por Ele todas as coisas são reconciliadas", "Cristo em vós é a esperança da glória", "nEle estão todos os tesouros da sabedoria e da ciência", "nEle reside a plenitude da divindade corporalmente", "nEle estais aperfeiçoados", "Ele é o cabeça de todo principado e potestade." "Primogênito de toda a criação", v. 15, não quer dizer que Ele foi criado, mas tem o sentido do A.T., de ser o "herdeiro" do universo criado.

Tronos, soberanias, principados, potestades, 1:16. Esta e outras passagens, tais como Ef 6:12, dão uma idéia de que há no mundo invisível grande variedade de pessoas e governos, da qual nosso mundo visível é uma pálida reprodução; que a morte de Cristo não somente tornou possível a redenção do homem, como veio a ser o meio de restaurar a harmonia quebrada em todo o vasto universo.

Sofrimento pela Igreja, vv. 24-29, "para preencher o que falta". Não que o sofrimento de Cristo fosse insuficiente para nossa salvação, mas que a Igreja como um todo, não pode chegar à perfeição enquanto não passar pelo sofrimento. Paulo estava ansioso de entrar com a sua parte. Ver 1 Pe 4. "O mistério", vv. 26, 27, ver nota sobre em Ef 3:3.

"Cristo em vós é a esperança da glória", v. 27. A essência da mensagem de Paulo, nesta Epístola, é esta: Cristo é o cabeça do universo. Chegamos a Ele, diretamente, não por anjos intermediários. Cristo, não esta nem aquela filosofia, não este nem aquele conjunto de regras, mas Cristo mesmo é nossa sabedoria, nossa vida, a esperança que temos da glória. Ser cristão é, essencialmente, amá-Lo, viver nEle, como pessoa, gloriosa e divina pessoa, *por quem o universo foi criado, e em quem há completa suficiência para* a redenção e eterna perfeição do homem.

Capítulo 2. Cristo Todo-Suficiente

O interesse pessoal de Paulo por eles, vv. 1-5. "Quantos não me viram face a face", v. 1; alguns entendem por estas palavras que Paulo não estivera em Colossos. Não há, porém, meio de saber se nesse "quantos" está incluído o "vós" que precede, ou se é uma adição que se lhe faz. As saudações pessoais de 4:7-18 indicam, certamente, que Paulo estava bem relacionado naquela cidade. Esperava, em breve, ir lá, Fm 22 (Filemom era um deles). "Laodicéia", v. 1, era uma cidade próxima, a uns 16 km. Paulo escrevera-lhe, também, uma carta, junto com esta aos Colossenses, 4: 16. Pensam uns que pode ter sido uma cópia da Carta aos Efésios.

"O mistério", v. 2. Esta palavra podia ser uma das favoritas dos "filósofos" de Colossos. É usada uma porção de vezes, 1:26,27; 4:3, para significar certas fases do propósito divino, até aqui não reveladas. Ver nota sobre Ef 3:3-9.

Os filósofos de Colossos, vv. 4, 8. Filósofo é o indivíduo que leva a vida tentando compreender o que ele, logo de início, sabe não poder compreender. Cristo é o centro de um sistema inteiro de verdades, algumas destas muito fáceis de entender, e outras não tão fáceis, abrangendo fatos "além do alcance de nossas almas". Um filósofo enxerga, na doutrina cristã, certas verdades que se enquadram em sua filosofia. Aceita a Cristo e passa a chamar-se cristão. Mas em sua mente ocupam lugar central algumas de suas abstrações filosóficas, e quanto a Cristo mesmo, pessoalmente, não passa de uma espécie de sombra no fundo do quadro. Conhecemos gente assim: expositores militantes de alguma teoria ou doutrina favorita, mas nunca se descobre nele muito amor ou admiração pela própria pessoa de Cristo.

Legalistas, vv. 16, 20-22. Diferente do filósofo, uma pessoa de mentalidade mais prática não se deixa amolar por aquilo que não pode compreender, porém deseja saber o que deve fazer para se tornar cristã. Vê alguns mandamentos claros, ou que lhe parecem mandamentos claros, e os obedece. Para ela tais mandamentos são centrais e Cristo mesmo, pessoalmente, é apenas uma espécie de sombra no fundo do quadro. Também conhecemos gente desse tipo.

Quem são os legalistas? São os que fazem depender de si mesmos, não de Cristo, sua salvação. Naturalmente, precisamos crer corretamente em todas as doutrinas, e obedecer, quanto possível, a todos os mandamentos. Mas, se em nossa maneira de ver enfatizamos muito o que cremos ou o que fazemos, não estamos, perigosamente, quase fazendo depender de nós mesmos a nossa salvação? Cristo, não uma doutrina nem um mandamento, é o nosso Salvador. É Ele, não nós, a base de nossa esperança. Não devemos diminuir a necessidade de crer em doutrinas certas. Mas, no final de contas, ser cristão é, essencialmente, amar a Cristo, uma pessoa, e não é crer nesta ou naquela doutrina, nem obedecer a este ou àquele mandamento. Cremos em doutrinas ou obedecemos a mandamentos tendo Cristo em mira. Não devemos amá-los mais do que a Cristo. Se amarmos demais uma doutrina, seremos capazes de ficar incompatibilizados com os que não concordem conosco sobre ela. Se amarmos uma pessoa — Cristo em pessoa, cresceremos na semelhança com Ele. Nesta Epístola, Paulo visa corrigir, de um lado, as falsas doutrinas dos judaizantes, e, de outro lado, os filósofos gregos e conseqüentes doutrinas de acomodação. Mas, ainda que nossas crenças sejam biblicamente sãs, pode acontecer que exaltemos alguma verdade a respeito de Cristo acima do próprio Cristo. E quando o fiel da balança de nosso interesse em Cristo pende para o nosso lado, somos legalistas. É possível ser legalista a respeito de uma doutrina da graça.

Culto dos anjos, v. 18. Alguns ensinavam que o homem é bastante indigno para ir a Cristo, diretamente: precisa da mediação dos anjos. E se orgulhavam dessa humildade sua. Não sabemos de alguma parte, hoje, onde se ensine tal doutrina. Mas uma reprodução sua permanece no culto da Virgem Maria como medianeira.

Ascetismo, vv. 20-23. As práticas aí referidas não sãc especificadas. Austeridades que a pessoa se impõe, e humilhações voluntárias em certas direções, são de nenhum valor em outras, para contrabalançar prazeres sensuais não refreados.

Capítulo 3. Vida em Cristo

Uma relação recíproca, entre nós e Cristo, é a ênfase desta Epístola: Cristo em vós é a esperança da glória, 1:27. Andai nÊle, radicados e edificados nEle, 2:6,7. NEle aperfeiçoados, 2:10. Mortos com Ele, 2:20. Ressuscitados com Ele, 3:1. Vossa vida está oculta com Êle em Deus, 3:3.

A palavra e o cântico, v. 16, mencionam-se em conjunto. Refere-se às reuniões cristãs, em que o ensino da Palavra e o canto de hinos são os principais meios de promover o crescimento da vida cristã. Quem nos dera ver mais disso nas igrejas!

Capítulo 4. Assuntos Particulares

Igrejas reunidas em casas. Mencionam-se várias. Ninfa, em Laodicéia, Cl 4:15. Filemom, em Colossos, Fm 2. Gaio, em Corinto, Rm 16:23. Áqüila e Priscila, em Éfeso, 1 Co 16:19; e, mais tarde, em Roma, Rm 16:5. Reuniam-se onde podiam. Só depois do terceiro século é que, geralmente, vieram a ser usados templos. E, todavia, a igreja crescia maravilhosamente. É melhor haver muitas congregações pequenas do que poucas e grandes.

1 TESSALONICENSES

A Segunda Vinda do Senhor

A Igreja de Tessalônica foi fundada cerca de 50 d.C., na segunda viagem missionária de Paulo e após deixar Filipos, At 17:1-9.

Parece, de At 17:2, que Paulo só passou lá três semanas. Fp 4:16; 1 Ts 2:9; 2 Ts 3:8, porém, implicam que ele esteve lá mais tempo. Pode ser que pregasse três sábados na sinagoga, e depois em algum outro lugar. Mas, pelo menos, não esteve lá o tempo suficiente para instruir plenamente a igreja.

Expulso de Tessalônica, dirigiu-se a Beréia, uns 80 km ao oeste. Logo, porém, foi tangido também daí, deixando Silas e Timóteo. Ao chegar a Atenas, 320 km ao sul, sozinho, mandou recado a Beréia para que esses dois amigos fossem ter com èle o mais breve possível, At 17:14,15. Chegando eles a Atenas, Paulo, cheio de ansiedade pela jovem igreja de Tessalônica, imediatamente mandou Timóteo de volta para lá. Quando este regressou, Paulo tinha saído de Atenas para Corinto. Timóteo trouxe a notícia de que os cristãos tessalonicenses estavam suportando suas perseguições com bravura, mas que alguns haviam falecido e os outros estavam embaraçados para saber como esses falecidos lucrariam alguma coisa da vinda do Senhor, doutrina ésta a que Paulo, evidentemente, tinha dado ênfase especial quando estivera com eles.

Foi então que o apóstolo escreveu esta Carta para dizer-lhes, principalmente, que os que morreram não perderiam nada quando o Senhor viesse.

Tessalônica. É a atual "Saloniki". Situada no ângulo N.O. do Mar Egeu, defronte de belo ancoradouro, numa planície rica e bem irrigada, sobre a grande estrada militar setentrional que se estendia de Roma ao Oriente. De lá se avistava o Monte Olimpo, habitação dos deuses gregos. Cidade principal da Macedônia no tempo de Paulo. Ainda hoje é cidade próspera.

O trabalho de Paulo em Tessalônica. Embora só estivesse lá pouco tempo, Paulo revolucionou-a. Seus inimigos acusaram-no de "transtornar o mundo", At 17:6. "Numerosa multidão de gregos piedosos e muitas mulheres distintas" creram, At 17:4. O sucesso desse trabalho foi noticiado por toda a Grécia, 1 Ts 1:8, 9.

Capítulo 1. A Fama da Igreja

"Em poder", v. 5, deve referir-se a milagres que acompanharam e atestaram a pregação de Paulo, ali, embora nenhum seja mencionado nos Atos. "O modelo", v. 7, para toda a Grécia, de fortaleza sob perseguição e de uma maneira de vida genuinamente cristã. "Aguardardes o seu Filho", v. 10; Paulo termina cada capítulo com uma referência à vinda do Senhor, 2:19; 3:13; 4:16-18; 5:23.

Capítulo 2. A Conduta do Apóstolo entre Eles

Este capítulo dedica-se, principalmente, a defender a conduta de Paulo em Tessalônica. A linguagem dá a impressão de que os inimigos, que tão atrozmente perseguiam os cristãos tessalonicenses, estavam empenhados ativamente numa campanha para denegrir o caráter de Paulo.

Lembra-lhes que não recebeu deles nenhum salário, o que por si era prova de não ser levado por motivos de cobiça, como era o caso de alguns filósofos itinerantes.

E lembra-lhes mais o seu devotamento abnegado e terno para com eles, e que ele próprio, de todos os modos, tinha sido um exemplo para todos no tocante àquilo que pregava.

O sofrimento deles, vv. 13-16. Parece que os judeus incrédulos e "alguns homens maus dentre a malandragem", At 17:5, que haviam expulsado Paulo de Tessalônica, continuavam, com fúria implacável, a extravasar sua ira contra Jáson e os outros cristãos dali. Paulo procura confortá-los, lembrando que as igrejas mães, na Judéia, tinham sido perseguidas do mesmo modo. Assim fora com Cristo. E também com ele. Mas "encher a medida de seus pecados", v. 16, é o que toca a eles, que mataram o Senhor e perseguem agora a Igreja. Não há esperança de que se arrependam e escapem à condenação: à destruição iminente de Jerusalém e à eterna condenação dêles no dia do julgamento.

Paulo planeja voltar a Tessalônica, vv. 17-20. "Não somente uma vez, mas duas", v. 18, significa que pelo menos tentara duas vezes voltar a Tessalônica, mas Satanás lhe "barrou o caminho". No princípio desta mesma viagem missionária fizera alguns planos, e o Espírito Santo lhe impediu, At 16:6,7. Daquela vez foi Deus quem interferiu nos seus planos. Agora é Satanás. Não sabemos como Paulo descobriu que num caso foi Deus, e no outro foi Satanás. Como foi que este lhe barrou o caminho? Possivelmente, com doença ou com oposição da parte das autoridades civis. De qualquer modo, sabia que era o arquiinimigo da Igreja que o mantinha afastado dos seus amados irmãos tessalonicenses. Continuava orando "noite e dia", 3:10-11, para que pudesse para lá voltar. Sabia que uma das mais brilhantes estrelas de sua coroa, no dia da vinda do Senhor, seria a igreja tessalonicense, sua "esperança, alegria, coroa e glória", vv. 19-20.

Capítulo 3. O Relatório de Timóteo

Paulo, na maior ansiedade pela igreja recém-nascida de Tessalônica, enviara-lhe Timóteo para animá-la sob sua atroz perseguição. Ver nota introdutória, e At 17:15; 18:1,5; 1 Ts 3:1,2,6. Regressando, ele, com a notícia da firmeza e devotamento daquela igreja, Paulo encheu-se de incontida alegria.

Capítulo 4. Imoralidade. Amor. A Vinda do Senhor

Imoralidade, vv. 1-8, era coisa comum entre pessoas pagãs. Pode ser que, relatando de um modo geral a firmeza dos cristãos tessalonicenses, Timóteo referisse alguns casos de frouxidão moral — o que deu lugar a esta exortação. "Santificação", v. 3, como empregada aí, significa pureza sexual. "Esposa", v. 4, isto é, fidelidade aos votos do matrimônio, ou, a fim de evitar imoralidade, cada um devia ter sua própria esposa. "Ninguém defraude a seu irmão", v. 6, isto é, ninguém invada os direitos do lar alheio, falta esta de que alguns podiam ser culpados.

Amor fraternal, vv. 9-12. Parece que os que tinham recursos, os quais eram muitos, At 17:4, estavam tomando a sério a doutrina da caridade cristã e dissipavam seus haveres com os irmãos mais pobres de todas as

igrejas macedônicas. Isto favorecia a preguiça dos que nada queriam fazer, os quais estavam se aproveitando do fato. Paulo elogia os caridosos, mas censura os indolentes. Pretender viver às custas do próximo é contrário a todo princípio de amor fraterno. Os pedintes, fisicamente capazes, gostavam que os outros praticassem esse amor fraterno, ao passo que eles exibiam a essência do amor-próprio. Isto impressionava mal aos de fora da igreja.

A segunda vinda do Senhor, vv. 13-18. Chegamos, agora, ao principal tópico da Epístola. O fato de Paulo mencioná-lo em cada capítulo implica que ele lhe deu ênfase especial em sua pregação naquela cidade de Tessalônica.

Se bem que geralmente, há a expressão "Vinda" ou "Aparecimento" do Senhor, é chamada a "segunda" vinda em Heb. 9: 28. "Outra vez", disse Jesus em Jo 14: 3, e quer dizer mesmo uma segunda vez. De modo que é perfeitamente adequado e bíblico dizer "segunda vinda"

É mencionada ou referida em quase todos os livros do N.T. Os capítulos em que vem explicada mais amplamente são Mt 14, 25; Lc 21; 1 Ts 4, 5; 2 Pe 3.

As Epístolas aos Tessalonicenses, geralmente, são consideradas os primeiros livros do N.T. que foram escritos. Versam sobre a segunda vinda do Senhor. O último livro do N.T. é o Apocalipse, cuja palavra final é: "Venho sem demora", "Amém. Vem, Senhor Jesus", Ap 22:20. É assim, pois, que começa e finda o N.T.

"Os que dormem", v. 14, é expressão bíblica para significar a morte do crente, Mt 27:52; Jo 11:11; At 7:60; 13:36; 1 Co 15:6,18,20,51; 2 Pe 3:4. Encontra-se amiúde em epitáfios de cristãos nas catacumbas. Jesus ensinou isto. Deve ser um fato. É um dormir apenas. Um dia acordaremos. Gloriosa manhã! Não quer dizer que entramos em estado de inconsciência até o dia da ressurreição. Há um estado intermediário de felicidade consciente, Fp 1:23.

"Ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus", v. 16. Assemelha-se às palavras de Jesus, Mt 24:30-31. Pode ser literal.

"Entre nuvens", v. 17, serão elas o seu carro triunfal. Jesus subiu entre "nuvens", At 1:9, e assim voltará, Ap 1:7. Os anjos estarão com Ele em toda a glória do céu, Mt 25:31. Os santos das eras passadas serão ressuscitados, os que ainda estiverem vivos na carne serão transformados, e, como Enoque e Elias foram trasladados, toda a Igreja subirá para apresentar jubilosas boas-vindas ao Salvador regressando, e para ficar com Ele para sempre. Estremecemos de emoção só em pensar nisso.

Capítulo 5. A Vinda do Senhor

Será repentina, vv. 1-11. Não há nada, aqui, que indique o seu tempo. Apenas se diz que, quando ocorrer, será inesperadamente súbita. "Sinais" precederão a Vinda, de modo que os crentes pacientes podem sentir que está próxima, enquanto o mundo, em geral, escarnece da idéia. Mesmo os que estão vigilantes, porém, são avisados para não se descuidarem. Virá "como ladrão de noite", v. 2. Jesus disse isto muitas vezes, Mt 24:36,42; 25: 13; Mc 13:32-37; Lc 12:39,46; 21:25-35, e com solene seriedade advertiu os discípulos que "vigiassem". Quanto ao tempo de Sua vinda, ver nota a respeito em 2 Ts 2 e 2 Pe 3.

Acatamento aos pastores, vv. 12-13. Visto que a igreja era muito nova, os pastores, na maior parte, devem ter sido neófitos. Todavia, insta-se com o povo que os ame e estime. Quando os membros de uma igreja amam seu pastor e gozam de paz entre si, estando as outras coisas bem equilibradas, certamente essa igreja crescerá.

Quinze exortações, vv. 14-22. E belas. Características de Paulo. É assim que termina a maioria de suas Epístolas, embora que possam ser chamadas abstratas, argumentativas, ou abstrusas, com exortações à paz, longanimidade, alegria, súplicas, ações de graças, e todo bem.

'Espírito, alma e corpo", v. 23. 'Espírito" e "alma" são muitas vezes usados como sinônimos, mas aqui parece haver uma distinção. "Alma", o princípio vital. "Espírito", o órgão da comunhão com Deus. Cristo redime toda a personalidade humana. A linguagem, certamente, se refere à ressurreição do corpo.

"Ósculo santo", v. 26. O ósculo na face, entre pessoas do mesmo sexo, era uma maneira comum de saudação em muitos países antigos. Veio a ser costume nas igrejas. Passando o seu uso como saudação, essa prática cessou nas ditas igrejas.

"Seja lida a todos os irmãos", v. 27. Mostra que Paulo destinava suas Epístolas à leitura nas igrejas. Foi para isto que os livros do N.T. foram escritos, Cl 4:16; 1 Tm 4:13; Ap 1:3.

2 TESSALONICENSES

Outras Instruções Sobre a Vinda do SENHOR

Escrita, provavelmente, por volta de 52 d.C., poucas semanas apenas, ou meses, depois da Primeira Epístola. Nessa primeira, Paulo falara da vinda do Senhor como sendo súbita e inesperada. Nesta, ele explica que não ocorrerá senão depois da apostasia.

Capítulo 1. O Dia do SENHOR

O aspecto específico da vinda do Senhor, a que se dá ênfase neste capítulo, é o de ser ela um dia de terror para os desobedientes.

Em 1 Ts 4 Paulo dissera que Cristo desceria do céu e, ouvida a voz do arcanjo, a Igreja seria arrebatada para ficar para sempre com o Senhor.

Aqui, acrescenta que o Senhor se acompanhará dos "anjos do seu poder em chama de fogo", v. 7, para tomar vingança contra os desobedientes. Jesus falara de "fogo eterno", Mt 25:41, e "fogo inextinguível", Mc 9:43. Em Hb 10:27 "fogo consumidor" está relacionado com o dia do juízo. Em 2 Pe 3:7,10 declara-se que a terra está destinada a ser queimada a "fogo" (ver nota sobre esta passagem).

Capítulo 2. A Apostasia

O propósito expresso desta Epístola foi prevenir os tessalonicenses de que a vinda do Senhor não estava imediatamente próxima; que não ocorreria senão depois da apostasia.

Que é a apostasia? Chama-se o "desvio" de alguém denominado aí "homem do pecado", que professa ele próprio ser Deus no santuário de Deus, e se levanta contra o mesmo Deus, vv. 3, 4. Uma falsa igreja dirigida por um impostor.

Os primitivos pais da igreja unanimemente esperavam um anticristo pessoal, a manifestar-se depois da queda do Império Romano.

Os reformadores protestantes, em contato direto com a horrível corrupção da Igreja da Idade Média, criam que o papado, instituição que tem por cabeça uma pessoa, que usurpa para si autoridade que só pertence a Cristo e é responsável pela corrupção dominante, era uma manifestação do homem do pecado.

Em nossos dias, depois de 2.000 anos de História da Igreja, há ainda muita diferença de opiniões. Muitos há que pensam referir-se a um pe-río-do que precede imediatamente a vinda do Senhor.

O espírito da coisa já operava nos dias de Paulo, v. 7. A História da Igreja em sua generalidade, mesmo até hoje, oferece um quadro triste. Olhando-se a Igreja visível de um modo geral, a partir do primeiro século até hoje, não é incorreto chamá-la Igreja Apóstata. Ver-se-a, ainda o ponto culminante a que ela vai chegar.

"O que o detém", v. 6, era, geralmente, entendido pelos pais primitivos como sendo o Império Romano. Alguns pensam ser o Espírito Santo.

A idéia de Paulo sobre a segunda vinda. É muito comum ouvir certa classe de críticos dizer que Paulo "teve de reformar suas idéias a respeito da vinda do Senhor" que seu "primeiro ponto de vista, mais imaturo", contradiz seu parecer posterior. Absolutamente, não é verdade. O primeiro ponto de vista de Paulo foi não apenas o primeiro, como o último e o de sempre. As Epístolas aos Tessalonicenses são os seus primeiros escritos, que existem. Nelas declarou, especìficamente, que **não** esperava a aparição imediata do Senhor, e que esta não se daria senão depois da apostasia, a qual em seus dias apenas começava a operar. Pode não ter sido revelado a Paulo o que seria a apostasia. Mas qualquer que fosse a sua idéia a respeito, não afastava a possibilidade de o Senhor vir ainda em seus dias, o que se evidencia pela expressão "nós, os vivos", 1 Ts 4:15; 1 Co 15:52. No princípio como no fim, Paulo via na Vinda do Senhor uma gloriosa consumação, e ao mesmo tempo antecipava a eventualidade, na morte, de "partir para estar com Cristo", Fp 1:23; não importando muito se fôsse no corpo ou fora dele, ao tempo da vinda. Escrevendo suas últimas palavras, 2 Tm 4:6, 8, à aproximação de sua "partida", tinha a mente concentrada na "aparição" do Senhor.

Capítulo 3. Os Desordeiros

"Orai por nós. . . para que sejamos livres dos homens perversos e maus", vv. 1-2. Nesse tempo, Paulo estava atribulado em Corinto. A oração deles foi respondida, At 18:9-10.

Os desordeiros, vv. 6-15, eram pessoas indolentes que, prevalecendo-se da caridade da igreja, 1 Ts 4:9-10, e apresentando a expectação da vinda imediata do Senhor como pretexto para abandonarem suas ocupações ordinárias, diziam-se com direito de serem sustentadas pelos irmãos que tinham recursos.

Embora advogasse, ardentemente, a beneficência em favor dos realmente necessitados, e embora houvesse gastado muito do seu tempo a arrecadar ofertas para os pobres, Paulo não usou de rodeios em condenar os fisicamente capazes, que podiam, mas não queriam, trabalhar. Nestes vers. proíbe, expressamente, que os irmãos sustentem os tais; vai ao ponto de ordenar que a igreja se afaste da convivência de tais pessoas.

Não há nada, no ensino de Paulo ou de Cristo nem em parte alguma da Bíblia, que inculque fazer-se caridade a preguiçosos, que podem trabalhar, mas cuja profissão é andar pedindo.

1 TIMÓTEO

Cuidado da Igreja de Éfeso

Epístolas pastorais. 1 e 2 Timóteo e Tito são, comumente, chamadas "Epístolas Pastorais" Prevalece a opinião de que foram escritas entre a primeira e a segunda prisão de Paulo, de 64 a 67 d.C. Alguns críticos racionalistas modernos têm aventado a teoria de que tais cartas foram obra de algum autor desconhecido, que, trinta a cinqüenta anos depois da morte de Paulo, as escreveu usando o nome deste, para inculcar certas doutrinas. Não há base histórica para essa opinião. Desde o princípio, estas Epístolas têm sido consideradas como escritos genuínos de Paulo. Demais disto, a teoria é absurda. Suponha-se que eu, hoje, escreva uma carta, dê-lhe a data de cinqüenta anos passados, aponha-lhe a assinatura de D. L. Moody e enderece-a a alguns amigos deste, contemporâneos seus; podia eu fazer alguém acreditar que foi Moody mesmo quem a escreveu? Acresce que, embora esses críticos insistam, de voz alta, que não há nada contrário à ética nesse procedimento, ao espírito da média de nossa gente, tal coisa não passaria de uma descabelada impostura. Se tais Epístolas não são escritos genuínos de Paulo, mas falso produto de algum pretenso Paulo, como pode alguém que tenha um pouco de senso de honestidade considerá-las parte da Palavra de Deus?

Timóteo

Natural de Listra, At 16:1. Sua mãe era judia e seu pai, grego. O nome da mãe, Eunice; o da avó, Loide, 2 Tm 1:5. Foi um convertido de Paulo, 1 Tm 1:2. Juntou-se ao Apóstolo em sua segunda viagem, cerca de 49 d.C., At 16:3. Sua escolha foi indicada por Deus, 1 Tm 1:18. Foi separado pelos presbíteros e Paulo, 1 Tm 4:14; 2 Tm 1:6. Acompanhou Paulo a Trôade, Filipos, Tessalônica, Beréia. Demorou nesta última cidade até que Paulo o mandasse chamar a Atenas, At 17:14-15. Depois o Apóstolo o enviou de volta a Tessalônica, 1 Ts 3:1-2. Quando regressou, Paulo tinha ido a Corinto, At 18:5; 1 Ts 3:6. Ajudou a escrever as Cartas aos Tessalonicenses, 1 Ts 1:1; 2 Ts 1:1. Mais tarde, Paulo enviou-o de Éfeso a Corinto, 1 Co 4:17. O Apóstolo juntou-se a ele na Macedônia e ele ajudou a escrever 2 Coríntios, At 19:22; 2 Co 1:1. Acompanhou Paulo até certo ponto na viagem a Jerusalém, At 20: 4. Se acompanhou o Apóstolo em todo o trajeto até Jerusalém e Roma, não está declarado, mas aparece com Paulo nesta última cidade, Fp 1:1; 2:19-22; Cl 1:1; Fm 1. Mais adiante, está em Éfeso, onde recebe esta Epístola. É chamado, com urgência, a Roma, 2 Tm 4:9. Se chegou lá antes da morte de Paulo não se sabe. É mencionado em Hb 13:23 como havendo sido solto da prisão. Era tímido e retraído por natureza; não capaz como Tito de tratar com pessoas que provocaram perturbações. Não gozava de muito boa saúde, 1 Tm 5:23. Ele e Lucas foram os dois companheiros mais constantes do Apóstolo. Este amava-o, devotadamente, e sem ele sentia-se desolado. Diz a tradição que, depois da morte de Paulo, esteve a cargo de Timóteo cuidar da Igreja de Éfeso, e que sofreu o martírio ao tempo de Nerva, ou Domiciano. Neste caso, teria sido cooperador do Apóstolo João.

Éfeso. Foi aí que Paulo realizou o seu maior trabalho, por volta de 54-57 d.C., At 19. Uns quatro anos depois de sair dali, de sua prisão

romana escreveu a Epístola à igreja dessa cidade, cerca de 62 d.C. Agora, pouco tempo depois, provavelmente cerca de 65 d.C., dirigiu esta Epístola a Timóteo a respeito do trabalho em Éfeso. Mais tarde, nesta cidade veio a residir João, onde escreveu seu Evangelho, suas Epístolas e o Apocalipse.

Ocasião da Epístola. Quando Paulo se despedia dos presbíteros de Éfeso, disse-lhes que não veriam mais o seu rosto, At 20:25. Mas, ao que parece, sua longa prisão fê-lo mudar de plano e, uns seis ou sete anos mais tarde, depois de solto, tornou a visitar Éfeso. Prosseguindo à Macedônia, deixou Timóteo aí, esperando voltar logo, 1 Tm 1:3; 3:14. Detendo-se na Macedônia mais tempo do que planejara, 3:15, escreveu esta Carta de instrução sobre o trabalho que Timóteo tinha que realizar.

A Igreja de Éfeso. Da narrativa em Atos 19, parece que Paulo conseguiu, ali, grande multidão de convertidos. Nos anos seguintes, o número deles continuou aumentando. Dentro dos cinqüenta anos subseqüentes, os cristãos na Ásia Menor tornaram-se tão numerosos que os templos pagãos quase que ficaram abandonados. Dentro da geração apóstólica, Éfeso veio a ser um centro da cristandade, tanto em número como pela posição geográfica, região onde o cristianismo conquistou seus primeiros louros.

A situação da igreja. Não havia edifícios para as igrejas. Casas dedicadas ao culto cristão só começaram a ser edificadas duzentos anos depois da época de Paulo, e não se generalizaram senão quando Constantino pôs fim às perseguições aos cristãos. Nos dias de Paulo, as igrejas se reuniam, na maioria dos casos, em residências de cristãos. Assim, os muitos milhares de convertidos, em Éfeso e seus arredores, reuniam-se não em uma ou em poucas congregações centrais, mas em centenas de pequenos grupos em várias casas, cada congregação sob a direção de seu pastor.

Os pastóres. Deve ter havido centenas deles. Em At 20:17 são chamados "presbíteros" (anciãos). Nesta Epístola se chamam "bispos", 3:1. Nos tempos do N. T. eram apenas diferentes nomes para o mesmo ofício.

O trabalho de Timóteo foi, primeiramente, com esses pastores, ou dirigentes de congregação. Não havia seminários que dessem a Paulo pastores adestrados. Tinha de fazer pastores de convertidos seus. Algumas vezes conseguiu homens talentosos, mas, provàvelmente, a maioria dos seus pastores saiu das camadas humildes da sociedade. Ele tinha de fazer o melhor possível com os meios de que dispunha. Sem seminários, sem templos e a despeito de perseguições, a igreja fez mais rápido progresso do que em outra qualquer época depois, porquanto conservava a mente nos fatos essenciais e não nas superficialidades do cristianismo.

Capítulo 1. Falsos Mestres

Os falsos mestres, vv. 3-11. Paulo prevenira, ao deixar Éfeso sete anos antes, que lobos vorazes assolariam o rebanho de cristãos efésios, At 20: 29-30. Agora, eles aparecem em toda a fúria e se constituem o principal problema de Timóteo. Parece que se tratava de gente da marca daqueles de Creta, aos quais Tito enfrentou, e que baseavam doutrinas estranhas em lendas judaicas apócrifas relacionadas com genealogias do A.T.

Os pecados de Paulo, vv. 12-17. O homem que por Cristo fez, possivelmente, mais do que todos os outros reunidos, humilhava-se nas profundezas do sentimento da sua própria indignidade. Quanto mais perto de Cristo se andar, tanto maior será o senso de humildade. Considerava sua conversão como destinada por Deus para ser um eterno exemplo da longanimidade divina para com os transviados.

Himeneu e Alexandre, vv. 19-20, dois cabeças dos falsos mestres, dos quais, por sua autoridade apostólica, Paulo cassou o direito de membros da igreja ("entreguei a Satanás", v. 20). Provavelmente, é o mesmo Alexandre, 2 Tm 4:14, que um pouco depois foi a Roma depor contra Paulo, e talvez aquêle que a princípio fora seu amigo devotado, At 19:33.

Capítulo 2. A Oração. O Lugar das Mulheres

Súplicas pelas autoridades, vv. 1-8. Nero, naquele tempo, era o governante do Império Romano; na vigência do seu governo, Paulo foi preso e ia em breve ser executado. Isto mostra que orações intercessórias devem ser feitas tanto pelas más como pelas boas autoridades.

O lugar das mulheres na igreja, vv. 9-15. Ver sobre 1 Co 11:15; 14:34-35. A advertência, aqui, é contra a exibição excessiva de trajes, especialmente no culto cristão; e também contra o tornarem-se demasiadamente parecidas com homens. No céu não haverá sexo, Mt 22:30, mas neste mundo há uma diferença natural entre os sexos, que é melhor não desprezar. "Será preservada através de sua missão de mãe", v. 15, provavelmente se refere ao nascimento de Jesus, que nasceu da mulher sem o concurso de homem. Se o pecado veio ao mundo pela mulher, v. 14, pela mulher veio o Salvador.

Capítulo 3. Bispos e Diáconos

Suas qualificações, vv. 1-16. Provàvelmente, são dadas aí como ideal, não como exigência legal, taxativa. "Uma mulher", v. 2, provavelmente, quer dizer que ficam excluídos não homens solteiros, mas os polígamos. Paulo era solteiro, 1 Co 7:8. "Mulheres", v. 11, provavelmente, querendo dizer diaconisas. "Coluna da verdade", v. 15: não fôra a Igreja, o nome de Cristo desapareceria. O v. 13 pensa-se que era trecho de um hino cristão.

Capítulo 4. A Apostasia Vindoura. O Trabalho de um Ministro

A apostasia, vv. 1 -5. Esta passagem parece dizer que, apesar de a Igreja ser a coluna da verdade, levantar-se-iam dentro dela grosseiros sistemas de erros, de origem demoníaca, a ensinar abstinência de comidas e de relações conjugais. Era essa uma das formas do gnosticismo, que, já naquela época, fazia progresso, e que, mais tarde, chegou à vastas proporções. Esta heresia está hoje quase extinta, vendo-se apenas seus vestígios no pretenso celibato do clero romano e na sua periódica abstinência de carne.

Um bom ministro, vv. 6-16. A melhor maneira de combater os erros incipientes ou os que já prevalecem é repetir sem cessar a simples verdade do Evangelho. "Leitura, exortação, ensino", v. 13. A Bíblia fará um bom trabalho por si, se apenas lhe dermos oportunidade, estudando-a em particular, lendo-a e expondo-a em público. Se os ministros hoje apenas dessem ouvido ao conselho de Paulo, a Igreja se encheria de nova vida e cresceria

aos saltos. Por quê? Por quê? Sim, por que não compreendem os ministros que a simples exposição da Palavra de Deus é mais desejada pelo povo e é, positivamente, mais poderosa do que os seus sermões cheios de trivialidades e muito bem elaboradas?

Capítulo 5. Viúvas. Presbíteros

Viúvas, vv. 1-16. A Igreja de Éfeso tinha seus dez anos de existência, e sua obra de beneficência estava muito desenvolvida e era cuidadosamente administrada. O cristão que não sustenta os que dele dependem é pior que o incrédulo, v. 8. A igreja, ali, precisava ter muito cuidado com suas serventes, porque as serventes do templo de Diana eram prostitutas.

Presbíteros, vv. 17-25. Chamados "bispos" em 3:1-7, onde se mencionam suas qualificações. Temos, agora, como devem ser tratados. Então, como hoje, mexeriqueiros murmuravam contra os líderes de sua igreja, v. 19. "Um pouco de vinho", v. 23: notar que era um pouco e como remédio.

Capítulo 6. Escravos. Riquezas

Escravos. vv. 1-2. Comparar 1 Co 7:20-24. Não importa se a pessoa é escrava ou livre. Que se tornassem livres, se pudessem. Mas se não, que fossem bons escravos. É assim que estes são, freqüentemente, exortados, Ef 6:5-9; Cl 3:22-25; Tito 2:9-10. O cristianismo aboliu a escravatura, não por falar contra ela, mas por ensinar a doutrina da fraternidade humana.

O desejo de ser rico, vv. 3-21, era a motivação de muita doutrina falsa, v. 5. Através dos séculos, doutrinas da igreja têm sido deturpadas para que haja renda para os cofres dela. "Raiz de todas as espécies de males", v. 10, seria melhor do que "raiz de todo o mal". Ó homem de Deus, foge da cobiça, v. 11; evita os falatórios profanos dos "eruditos", falsamente assim chamados, v. 20.

2 TIMÓTEO

A Última Palavra de Paulo

Seu Brado de Triunfo na Hora da Morte

O livro dos Atos termina com Paulo na prisão em Roma, por volta de 64 d.C. A crença comum é que ele foi absolvido, voltou à Grécia e à Ásia Menor, mas mais adiante foi novamente preso, levado de regresso a Roma e executado lá por 66 ou 67 d.C. Esta Epístola foi escrita quando ele aguardava o martírio.

Cenário que Serve de Fundo à Epístola

A perseguição neroniana. O grande incêndio de Roma, ocorrido em 64 d.C. O próprio Nero incendiou a cidade. Apesar de ser um monstro, foi grande construtor. Foi para construir uma nova Roma, maior, que pôs fogo à cidade, e ainda tocava rabeca, com júbilo, à vista do incêndio. O povo suspeitou dele e os historiadores são unânimes em declarar que foi ele quem perpetrou o crime. Com o fim de afastar de si a suspeita, acusou os cristãos desse incêndio.

A Bíblia não menciona a perseguição de Nero aos cristãos, embora ela ocorresse nos tempos bíblicos e sirva de fundo imediato pelo menos a dois livros do N. T., 1 Pedro e 2 Timóteo, sendo essa perseguição a que levou Paulo ao martírio e Pedro também, segundo certas tradições. Nossa fonte de informação é Tácito, historiador romano. Este sabia que os cristãos não incendiaram Roma. Mas alguém tinha de ser o bode expiatório do crime do imperador. Aí estava a nova e desprezada seita, cujos membros, em sua maioria, procediam das camadas mais baixas da sociedade, sem prestígio ou influência, muitos deles escravos. Nero acusou-os de incendiar a cidade e ordenou fossem castigados.

Em Roma e seus arredores multidões de cristãos foram presos e mortos dos modos os mais cruéis. Crucificados. Envolvidos em peles de animais e jogados na arena para serem atacados a dentadas por cães, até morrerem, para divertimento do povo. Ou lançados às feras. Ou atados em estacas, nos palácios de Nero, untados de piche e queimados como tochas, para iluminarem os jardins do imperador à noite, enquanto ele passeava à volta, em seu coche, desnudo, entregue às suas orgias de meia-noite, olhando com maligna satisfação a agonia de morte de suas vitimas.

Foi ao irromper desta perseguição que Paulo foi novamente preso, na Grécia ou Ásia Menor, possivelmente em Trôade, 2 Tt 4:13, e levado de volta a Roma. Desta vez foi pelos agentes do imperador e não, como da primeira vez, pelos judeus. Agora, como criminoso, 2:9, não como antes, por alguma violação técnica da lei judaica. Tudo leva a crer que pode ter sido em relação com o incêndio de Roma. Pois não era Paulo o líder mundial do povo que estava sendo castigado por aquele crime? E não estivera Paulo em Roma, por dois anos, antes do incêndio? Seria muito fácil atirar-lhe a responsabilidade desse crime. Mas, se foi isso de que o acusaram não sabemos. A religião cristã, um pouco antes disto, já fôra oficialmente proscrita. Foi a conseqüência da perseguição particular levantada por Nero, para lhe acobertar o crime. Seu julgamento já se adiantara o bastante para ele saber que não havia esperança de escapar. Enquanto aguardava, no cárcere em Roma, o "tempo de sua partida", escreveu esta última

carta a Timóteo, seu amigo íntimo e cooperador de confiança, pedindo que ficasse fiel, a despeito de tudo, ao que lhe fora confiado como ministro de Cristo, e se apressasse a estar em Roma antes do inverno, 4:21.

A nota da fé triunfante de Paulo nessa hora escura é uma das mais nobres passagens da Escritura. Ia ser executado por um crime que não cometera. Seus amigos o abandonaram, deixando-o sofrer sozinho. A causa pela qual entregara sua vida estava sendo arrasada pela perseguição no Ocidente, e no Oriente, resvalava para a apostasia. Entretanto, nem uma palavra de pesar emitiu por haver entregue sua vida ao serviço de Cristo e da Igreja. Nada que sugerisse a dúvida de vir a Igreja, eventualmente, a triunfar, embora que no presente estivesse sendo, aparentemente, derrotada. Nada que indicasse dúvida quanto a partir direto para os braços **dAQUELE** a quem amara e servira tão devotadamente, no instante em que lhe decepassem a cabeça. Esta Epístola é o brado de exultação de um vencedor às portas da morte.

Nota Geral Sobre as Perseguições pelo Império Romano

A perseguição, no seu sentido mais comum, significa um método ou um período da aplicação sistemática de punições ou penalidades por causa de se abraçar alguma crença religiosa. A opressão não se deve confundir com este conceito de perseguição religiosa. Faraó oprimiu os hebreus, e assim fêz Nabucodonosor também. Daniel e Jeremias sofreram perseguição religiosa. A perseguição sistemática, em grande escala, começou com o govêrno imperial de Roma. Notavelmente tolerantes para com crenças religiosas estrangeiras em geral, os romanos entraram em contenda com os cristãos sôbre as formalidades do culto ao Imperador. Neste fato, segundo W. M. Ramsay, jaz o significado primário das perseguições. As perseguições começaram como uma reação social, e mais tarde se tornaram um assunto político, conforme se pode perceber nos documentos que sobreviveram até agora: Atos dos Apóstolos, Anais de Tácito, Epístolas de Plínio. A política do Estado no assunto de perseguição era intermitente, e conforme revela a evidência de Tertuliano, estava visivelmente desanimado pelo número crescente dos cristãos. Considerável corpo de literatura tem surgido acerca do tema difícil da base legal sobre a qual as autoridades prosseguiam nesta política, e acêrca da incidência e a severidade das perseguições. Sem contar o anti-semiticismo de Cláudio, 49 d.C., At 18:2, no qual não se fazia distinção entre judeus e cristãos, é Nero que deve ser considerado o primeiro perseguidor. No ano 64 d.C. (Anais de Tácito, 15:38-44), este Imperador fêz a pequena comunidade cristã pagar a culpa pelo incêndio desastroso de Roma, sendo que o povo estava culpando Nero de ser o incendiário. Quando Domiciano executou Glábrio e Flávio Clemente em 95 d.C., e exilou a Domitília sob a acusação de "ateísmo" e "seguir os costumes dos judeus" (Dio Cássio, 67:44), era provavelmente a fé cristã que estava sendo visada, e o incidente revela dramaticamente o crescimento vertical do cristianismo antes do fim do primeiro século. A famosa correspondência entre Plínio e Trajano em 112 d.C. (Plínio, Epístolas 10:96,97), revela a atuação do Estado, moderada mas bem incisiva. A política de Trajano, que definiu para Plínio na Bitínia, foi seguida por Adriano e Antonino Pio (117-161 d.C.). Marco Aurélio fez uma perseguição forte em Lião, 117 d.C. No fim do segundo século, com a morte de Septímio Severo, houve um longo período

de paz, rompido por Maximínio Trácio, Décio e Valeriano, mas sem se espraiar muito longe, e sem muita determinação. Diocleciano continuou uma política de tolerância que já era a regra geral, até 303 d.C., quando, sob a influência de Galério, deu início ao último mas muito violento período de perseguição, descrito por Lactâncio e Eusébio.

As questões envolvidas, quanto à História, são debatidas por W. M. Ramsay, "A Igreja no Império Romano antes de 170 d.C."; E. G. Hardy, "Cristianismo e o Governo Romano". Em forma mais breve, o pano de fundo social e o significado histórico são tratados por E. M. Blaiklock: "O Cristão na Sociedade Pagã" e "Roma no Novo Testamento".

(Dicionário Bíblico Ilustrado Zondervan).

Capítulo 1. "Conheço Aquele em Quem Tenho Crido"

A vida, v. 1. Como em 1 Tm começou referindo sua "esperança", Tm 1:1; e em Tito, a "esperança da vida eterna", Tito 1:2; assim aqui.
Suas orações por Timóteo, vv. 3-5. Paulo inicia quase todas as suas Epístolas assim: com súplicas e agradecimentos: Rm 1:9-10; 1 Co 1:4-8; 2 Co 1:3-4; Ef 1:3; Fp 1:3,9-11; Cl 1:3-10; 1 Ts 1:2-3; 2 Ts 1:3. "Tuas lágrimas", v. 4: provavelmente, ao separarem-se em Trôade, 4:13. Quando escreveu 1 Timóteo, Paulo estava na Macedônia e Timóteo em Éfeso. Possivelmente, depois se encontraram em Trôade e é possível que fôsse aí que os soldados romanos o prenderam e o levaram para Roma, sob a acusação humilhante de ter incendiado a cidade.

A certeza de Paulo, vv. 6-14. Vira a Cristo. Por Ele sofrera. Jesus, embora invisível, era a única realidade indiscutível de sua vida, seu companheiro íntimo e real, e O conhecia, v. 12, como qualquer pessoa conhece seu melhor amigo. "Pregador, apóstolo, mestre", v. 11: "pregador", proclamador do Evangelho aos que nunca o ouviram, como nossos missionários; "apóstolo", com autoridade pessoal diretamente recebida de Cristo; "mestre", doutrinador das comunidades cristãs estabelecidas, como nossos pastores.

A desafeição em Éfeso, vv. 15-18. Foi este um dos fatos mais tristes da vida de Paulo. Em Éfeso, onde realizara sua maior obra, quase encaminhando a Cristo toda a cidade, os falsos mestres ganharam tanta ascendência que puderam prevalecer-se da prisão do apóstolo e indispor contra este a igreja, justamente numa época em que ele mais precisava do amor e simpatia de todos.

Capítulo 2. Conselho a Timóteo

Não te envolvas em negócios, vv. 1-7. Paulo aconselha Timóteo a receber paga pelo seu trabalho como ministro, exatamente o que ele, Paulo, na maioria dos casos, recusara fazer, antes de se estabelecerem as igrejas. Possivelmente, Timóteo fora de família abastada, e tinha perdido seus haveres em perseguições. Nada querendo dizer a respeito, pode ter precisado deste conselho.

Participa comigo dos sofrimentos, vv. 8-12. Por esse tempo o Apóstolo passava pelo mais cruel dos sofrimentos por que pode passar um homem

bom, a saber, ser acusado de crime, v. 9. Note-se, porém, que sua mente está posta na "eterna glória", v. 10. A citação, vv. 11-13, pode ter sido de um hino.

Maneja bem a Palavra, vv. 14-21. Não torças seu sentido natural para a defesa de doutrinas favoritas. A Igreja se desviará dos ensinos da Palavra, mas dentro da Igreja visível, histórica, Deus terá um remanescente de verdadeiros fiéis, v. 19.

Sê manso, vv. 22-26. A Palavra de Deus, nas mãos de um ministro possuído de vera mansidão cristã, quebrará a oposição e manterá a Igreja em seu verdadeiro caminho.

Capítulo 3. Tempos Difíceis

A apostasia vindoura, vv. 1-14. O esforço decidido da humanidade por corromper o Evangelho e frustrar a obra de Cristo é um dos pontos repetidamente tocados no Novo Testamento. Fala-se nisto muitas vezes, Mt 7:15-23; 2 Ts 2; 1 Tm 4; 2 Pe 2; Judas; Ap 17. O quadro terrível, vv. 2-5, excetuando-se períodos temporários de reforma, retrata, corretamente, a Igreja visível, como um todo, até ao presente. "Janes e Jambres", v. 8, são os nomes tradicionais dos mágicos de Faraó, Êx 7:11-22. "Listra", v. 11, foi onde se deu o apedrejamento de Paulo, cidade de Timóteo, sendo possível que êste presenciasse o fato. "Todos serão perseguidos", v. 12: somos informados disto muitas vezes, Mt 5:10-12; Jo 15:20; At 14:22; 1 Ts 3:4, de modo a estarmos preparados, quando chega a nossa vez.

A Bíblia, vv. 14-17, é o único antídoto contra a apostasia e corrupção da igreja. A Igreja Romana afastou-a e deu lugar à Idade Média. A Igreja Protestante redescobriu-a, mas agora, em certas partes, a negligencia. A desconsideração que em geral se vota à Bíblia, atualmente, é de estarrecer. Muitos líderes proeminentes da Igreja, não somente negligenciam a Bíblia, mas com orgulho intelectual, em nome da "moderna erudição", recorrem a todos os meios imagináveis para solapar sua divina origem e jogá-la para um lado como colcha de retalhos do "pensamento hebreu".

Capítulo 4. As Últimas Palavras de Paulo

Admoestação solene em despedida, vv. 1-5. Paulo sabia estar próximo o dia de sua execução. Não tinha certeza de ainda ver Timóteo ou pelo menos de ter oportunidade de lhe escrever outra carta. Pede-lhe que tenha em mente o dia da aparição do Senhor, e que pregue a Jesus com diligência constante. Outra vez os falsos mestres, 3:4: Oh! como êsse assunto o acabrunhava! A resolução perversa de homens, de corromperem o Evangelho de Cristo.

O adeus de Paulo, vv. 6-8. A declaração mais sublime do maior mortal que já existiu. O velho combatente da cruz, recoberto de cicatrizes das batalhas, olhando, retrospectivamente, para a luta, longa, difícil e atroz, solta um brado de exultação: "venci!" Não muito depois, o machado do

carrasco fazia a alma do Apóstolo desprender-se do seu corpo gasto e alquebrado, para ser conduzida pelos anjos em revoada ao seio do seu Senhor amado. Imaginamos que sua recepção no céu excedeu a qualquer marcha triunfal a que ele assistira alguma vez em Roma, quando os vencedores regressavam. Pensamos que, chegando ao céu, seu primeiro ato, depois do encontro com o Senhor, foi procurar Estêvão até encontrá-lo, para lhe pedir perdão.

Assuntos particulares, vv. 9-22. Se Timóteo alcançou Roma antes do martírio do apóstolo, v. 9, não sabemos. A primeira fase do julgamento já havia passado, v. 16. A situação para ele parecia tão ruim que até três dos seus quatro companheiros de viagem fugiram, ficando somente Lucas vv. 10, 11. Se Tito foi para a Dalmácia, v. 10, por deliberação própria, ou se foi a mandado de Paulo, como os dois podiam ter combinado em Nicópolis, Tt 3:12, não está declarado. A época era difícil em Roma. Cristãos conhecidos tinham sido mortos, em expiação pelo incêndio da cidade. Agora era o grande líder que estava sendo processado. Era perigoso alguém ser visto junto dele. "Marcos", v. 11: Paulo precisava dele. Separaram-se anos antes, At 15:36-41, mas estivera com o Apóstolo em sua primeira prisão em Roma, Cl 4:10. Marcos e Pedro trabalharam juntos, e, se aquele foi a Roma, possìvelmente, este foi também. Uma tradição diz que Pedro sofreu o martírio em Roma, pelo mesmo tempo de Paulo, ou logo depois. A "capa", v. 13: o inverno se avizinhava, v. 21, e Paulo precisava dela. Os "livros", v. 13, provavelmente, eram partes da Escritura. "Alexandre", v. 14, era, sem dúvida, o mesmo Alexandre "entregue a Satanás" pelo apóstolo, 1 Tm 1:20, o qual via chegar, agora, sua oportunidade de desforra. E aproveitou-a. Viajou de Éfeso a Roma para depor contra Paulo, o que fez com enorme sucesso. O "leão", v. 17, pode ser uma referência velada a Nero, ou pode ser alusão a Satanás, 1 Pe 5:8. "Trófimo", v. 20: temos, aqui, um esclarecimento muito interessante do poder que Paulo tinha de operar milagres. Em vários lugares, ele curara multidões. Mas aqui está um dos seus queridos amigos, que ele não pode curar. "Lino", v. 21, e os outros: eis alguns cristãos romanos que de algum modo conseguiram comunicar-se com o Apóstolo.

TITO

A Respeito das Igrejas de Creta

Tito. Era grego; acompanhou Paulo a Jerusalém; contra sua circuncisão esse Apóstolo se manifestou firmemente, Gl 2:3-5. Foi um dos convertidos de Paulo, Tito 1:4.

Alguns anos mais tarde, aparece com o Apóstolo em Éfeso, de onde é enviado a Corinto para investigar certas desordens e iniciar o levantamento da oferta para os crentes pobres de Jerusalém, 2 Co 8:6,10. Regressando de Corinto, encontrou Paulo na Macedônia e, depois de lhe expor a situação, foi mandado de volta àquela cidade, na frente do Apóstolo, levando a Segunda Epístola aos Coríntios, para preparar o caminho à ida de Paulo e terminar o levantamento da oferta, 2 Co 2:3,12,13; 7:5,6, 13,14; 8:16,17,18,23; 12:14,18. O fato de ser Tito escolhido para investigar a situação aflitiva em Corinto indica que Paulo devia considerá-lo um líder cristão de muita capacidade, prudente e maneiroso.

A outra vez que ouvimos dele, uns 7 ou 8 anos mais tarde, é nesta Epístola, que é escrita, por volta de 65 d.C. Está em Creta. A expressão "deixei-te em Creta", Tt 1:5, mostra que Paulo estivera lá com ele. O navio de Paulo, na viagem a Roma, At 27, tocou, na costa sul de Creta, mas é pouco provável que foi dessa vez que deixou Tito ali. A opinião dominante é que, depois de solto de sua primeira prisão em Roma, cerca de 64 d.C., Paulo saiu na direção de leste, incluindo Creta no seu itinerário. Depois de pôr em ordem as coisas nas igrejas cretenses, Tito devia ser substituído por Ártemas ou Tíquico, pedindo-lhe Paulo, que fosse encontrá-lo em Nicópolis, na Grécia ocidental, Tt 3:12.

A última notícia que temos dele está em 2 Tm 4:10, onde se diz que saíra de Roma para a Dalmácia. Parece que se juntou a Paulo e estava com ele quando foi preso, acompanhando-o a Roma. Se abandonou o Apóstolo naquela hora de perigo e solidão, devido aos riscos ameaçadores, ou se Paulo o mandou terminar a evangelização da costa N.O. da Grécia, não sabemos. Esperamos que esta última hipótese se tenha dado, porque era bom e grande homem. Reza a tradição que ele veio a ser bispo de Creta e morreu tranqüilamente em idade avançada.

Creta. Uma ilha, também conhecida por Cândia, a S.E. da Grécia, entre os mares Egeu e Mediterrâneo, tendo uns 240 km de extensão, 11 a 48 de largura. Montanhosa, mas os seus vales eram férteis, populosos e ricos; era a "Ilha das Cem Cidades". Sede de uma civilização antiga e poderosa, que já no alvorecer da história grega se tornara lendária. Seu monte mais alto, Ida, era famoso como local legendário do nascimento de Zeus, o deus grego. Cidade do semi-lendário legislador Minos, filho de Zeus, e do fabuloso Minotauro. Seu povo era aparentado com os filisteus, julgando-se que eram os mesmos queretitas, 1 Sm 30:14. Navegantes afoitos e famosos arqueiros, de muito má reputação moral.

A obra de Sir Arthur Evans e dos seus sucessores deu para o mundo o conhecimento da civilização cretense, desde o princípio do nosso século. A escrita foi decifrada em 1953 por Michael Ventris; descobriu-se que a língua era grego primitivo.

A Igreja de Creta, provavelmente, teve sua origem com os "cretenses" que estiveram em Jerusalém no dia de Pentecostes, At 2:11. Não há menção em o N.T. da visita de um apóstolo a Creta, além da que lhe fez Paulo em sua viagem a Roma, At 27, e aquela que está implícita nesta Carta a Tito. Visto como Paulo procurava evitar edificar sobre fundamentos lançados por outros, parece provavel que as igrejas cretenses, na maior parte, foram obra sua. De outro modo, não assumiria sobre elas a autoridade indicada nesta Epístola. Possivelmente, eram fruto de seu trabalho em Corinto, ou Éfeso, ambas as quais ficavam perto e tinham íntima relação comercial com Creta.

Semelhança com 1 Timóteo. Tito e 1 Timóteo pensa-se que foram escritas pelo mesmo tempo, por volta de 65 d.C. Tratam, em geral, dos mesmos assuntos: a designação de líderes que conviessem às congregações cristãs. Tito em Creta, Timóteo em Éfeso, o problema em ambos os lugares era o mesmo.

Capítulo 1. Presbíteros

Na esperança da vida eterna, v. 2. Paulo, como Pedro, 1 Pe 1:3-5, ao se aproximar do fim de sua carreira terrena, conservava os olhos fixamente no céu. Tinha sido esta a idéia central de sua pregação e o único motivo grandioso de sua vida: as glórias da existência quando o corpo tiver sido redimido, Rm 8:18,23; o êxtase do dia quando o mortal se revestisse da imortalidade, 1 Co 15:51-55; seu anseio pela casa não feita por mãos, 2 Co 5:1-2; sua cidadania no céu com um corpo semelhante ao do Salvador, Fp 3:20-21; sua alegria ao pensar em ser arrebatado para estar para sempre com o Senhor, 1 Ts 4:13-18; a coroa de justiça que receberia "naquele dia" 2 Tm 4:6-8.

Qualificações de um presbítero, 1:5-9. "Presbítero", v. 5, e "bispo", v. 7, são usados, aqui, como termos sinônimos do mesmo ofício. Suas qualificações, aqui enumeradas, são, praticamente, as mesmas que são dadas em 1 Tm 3:1-7, que convém ler.

Falsos mestres, 1:10-16. As igrejas cretenses estavam assediadas de falsos mestres, que, como o referido em 2 Pe 2 e Judas, enquanto professavam ser mestres cristãos, eram "abomináveis" e "reprovados", v. 16. "Casas inteiras", v. 11, provavelmente, significam congregações inteiras, porque as igrejas se reuniam em casas de família. O poeta cretense citado, v. 12, é Epimenides, 600 a.C. Devia-se impor silencio aos falsos mestres não pela força, mas por uma vigorosa proclamação da verdade, v. 11.

Capítulos 2 e 3. Boas Obras

O ponto muito enfatizado por esta Epístola é o atinente a "boas obras". Não que sejamos salvos por boas obras, senão que pela misericórdia de Deus, 3:5, e justificados por Sua graça, 3:7. Mas por causa disto mesmo estamos na estrita obrigação de "ser zelosos de boas obras", 2:14; "padrão de boas obras", 2:7; "prontos para toda a boa obra", 3:1; "solícitos na prática de boas obras", 3:8; distinguindo-nos "nas boas obras a favor dos necessitados", 3:14. Uma das coisas pelas quais os falsos mestres se denunciavam era serem "reprovados para toda boa obra", 1:16.

O poder de vidas formosas, 2:1-14. Anciãos, anciãs, moças, mães, moços e escravos são exortados a ser fiéis às obrigações inerentes à sua própria condição de vida, de modo que os criticadores da religião deles sejam reduzidos ao silêncio, 2:8.

Escravos, dos quais havia muitos na Igreja primitiva, são exortados a ser obedientes, diligentes e fiéis, de sorte que as suas vidas "ornem" sua profissão religiosa, 2:10, e seus senhores sejam constrangidos a pensar: "Se a religião cristã transforma os escravos assim, há alguma coisa nela."

A bendita esperança, 2:11-14. A segunda vinda do Senhor fornece o motivo para uma vida piedosa neste mundo. É mencionada em quase todos os livros do N.T.

Obediência às autoridades civis, 3:1-2, é virtude cristã de primeira ordem. Os cidadãos dos céus devem ser bons cidadãos do governo terrestre sob o qual vivem, Rm 13:1-7; 1 Pe 2:13-17.

As genealogias, 3:9, referidas aqui e em 1 Tm 1:4, parece que figuravam com muito destaque na doutrinação dos falsos mestres, que, naquele tempo, infestavam as igrejas de Creta e Éfeso. Possivelmente, procuravam basear seu ensino no fato de serem descendentes de Davi, como era também Jesus, e daí fingirem ser donos especiais de informação sobre o Evangelho. Ou ensinavam doutrinas estranhas, baseadas, em interpretações abstrusas de passagens das genealogias.

"Hereje", 3:10 ("faccioso", R.A.). Depois de um razoável esforço por corrigir um falso mestre, evita-o. "Ártemas", 3:12, não se menciona mais em parte alguma. Diz a tradição que veio a ser bispo de Listra. "Tíquico", v. 12, era da Ásia, At 20:4. Ou ele ou Ártemas devia assumir o lugar de Tito em Creta. "Nicópolis", v. 12, na Grécia, uns 160 km a N.O. de Corinto. Ver nota sobre as atividades posteriores de Paulo, sob At 28:31. "Zenas", v. 13, não se menciona em outra parte. Era ou escriba judeu, ou advogado civil, grego. "Apolo", v. 13, ver sobre Atos 18. Parece que este e Zenas, viajando a alguma parte de que não se tem informação, levaram esta Carta a Tito.

FILEMOM

A Respeito de um Escravo Fugitivo

Filemom era um cristão de Colossos, dos convertidos de Paulo. pessoa abastada. Em sua casa reunia-se uma igreja. Parece que ele e Paulo eram amigos íntimos. É provável, embora não se tenha notícia, que Paulo visitou Colossos durante seus três anos de estada em Éfeso, Atos 19.

Onésimo era o nome de um escravo de Filemom. É possível que fosse um jovem muito talentoso. O exército romano, em suas excursões, muitas vezes capturava moços e moças dos melhores e muito inteligentes, e levava-os para vendê-los como escravos.

A ocasião desta Carta. Uns quatro ou cinco anos depois que Paulo deixara aquela parte do mundo e estava preso em Roma. Onésimo, ao que parece, furtara algum dinheiro do seu senhor, Filemom, e fugira para Roma. Uma vez ali, talvez havendo já gastado o dinheiro que furtara, conseguiu encontrar Paulo. É possível que tivesse começado a gostar dêle na casa do seu senhor, anos antes. Não é provável que o encontrasse, casualmente, numa cidade de 1.500.000 habitantes. Paulo persuadiu-o a ser cristão e enviou-o de volta a seu senhor, levando esta linda cartinha.

O objetivo da Carta era pedir a Filemom que perdoasse o escravo fugitivo e o recebesse como irmão em Cristo, oferendo-se Paulo para restituir o dinheiro furtado. A Carta é um mimo de cortesia, tato, delicadeza e generosidade, culminando com um comovente apelo a Filemom para que recebesse Onésimo como se fosse a ele mesmo, Paulo, v. 17.

A recepção do escravo. A Bíblia não dá nenhuma idéia de como esse senhor recebeu o escravo de volta. Há, porém, uma tradição que diz ter sido recebido por Filemom, que, compreendendo qual era a intenção velada de Paulo, deu-lhe alforria. É assim que o Evangelho faz. Cristo, no coração do escravo, fê-lo reconhecer as praxes sociais de sua época e voltar a seu senhor, resolvido a ser bom escravo e a viver como tal. O mesmo Cristo, no coração do senhor, fê-lo reconhecer o escravo como irmão na fé e dar-lhe a liberdade. Há, ainda, uma tradição de que Onésimo, depois, veio a ser bispo da Igreja de Beréia.

"Áfia", v. 2, era, provavelmente, esposa de Filemom. "Arquipo", v. 2, sem dúvida, era pastor da congregação. "Onésimo", v. 10, significa "útil". Note-se o jogo de palavras, v. 11. "Para sempre", v. 15, dá a entender que as amizades terrenas persistirão pela eternidade. "Epafras", v. 23, era um colossense, preso em Roma. As saudações, v. 24, indicam amigos particulares de Filemom.

HEBREUS

A Última Mensagem de Deus ao Judaísmo

Cristo, Autor de um Novo Concerto

O Glorioso Destino do Homem

A Quem Foi Dirigida

Como a Primeira Epístola de João, esta não menciona as pessoas as quais se dirige. Inequivocamente, pelo seu teor, dirige-se aos judeus, visto como discute a relação entre Cristo e o sacerdócio levítico e os sacrifícios do Templo. Cita, continuamente, o A.T. em abono de suas afirmações. A opinião tradicional e comum é que foi dirigida aos cristãos judeus da Palestina, especialmente em Jerusalém.

Autor

Na versão do Pe. Figueiredo, é intitulada Epístola de S. Paulo. Na versão de Almeida, é anônima, porque nos manuscritos mais antigos seu autor não é mencionado. Figueiredo baseou-se no título da Epístola como se encontra na Vulgata, "Epístola Pauli ad Hebraeos". A Igreja Oriental aceitou, desde o princípio, a autoria paulina para esta Epístola. Só no 4.º Século a Igreja Ocidental aceitou-a como obra de Paulo. Eusébio considerava Paulo seu autor. Tertuliano chamou-a Epístola de Barnabé. Clemente de Alexandria pensava que Paulo a escreveu em hebraico, e Lucas a traduziu para o grego (é escrita em excelente grego). Orígenes disse que os pensamentos dela eram os de Paulo, e considerava este seu provável autor, mas acrescentou, "Quem a escreveu, só Deus sabe com certeza." Lutero supunha fosse Apolo, não havendo para esta opinião nenhuma evidência antiga. Ramsay sugere o nome de Filipe. Harnack e Rendel Harris sugerem Prisca. Alguns a atribuem a Lucas, ou Silas, ou Clemente de Roma. Ferrar Fenton pensa que somente Paulo podia escrevê-la, e que o fez, originalménte, em hebraico, mandando algum dos seus auxiliares traduzi-la para o grego. Em geral, a opinião tradicional e multissecular, ainda hoje largamente admitida, é a favor de Paulo.

Data

Evidentemente, foi escrita antes da destruição de Jerusalém, ocorrida em 70 d.C. Se Paulo a escreveu, parece provavel que o fez de Roma, 62-64 d.C. O sentido natural, ainda que não necessário, da frase "os da Itália vos saúdam", 13:24, é que a carta foi escrita da Itália. Timóteo estava com o autor, 13:23. Fora com Paulo a Jerusalém, At 20:4, de onde o acompanhou a Roma, Cl 1:1. Acabara de ser solto, e Paulo planejava enviá-lo de volta ao oriente, Fp 2:19,24, esperando que em breve ele também iria. E parece que ele e Timóteo tinham o plano de voltar a Jerusalém, 13:23, uma vez que os líderes, a quem a carta se dirige, eram amigos de Paulo, o que se poderia inferir de 13:19. Esta Carta pode ter sido escrita, mais ou menos, ao tempo da Epístola aos Filipenses.

Acontece que foi por volta do tempo em que Tiago, supervisor da Igreja de Jerusalém, foi morto (62 d.C., ver sobre a Epístola de Tiago). Paulo e Tiago eram amigos dedicados. Paulo, uns três anos antes, estivera

em Jerusalém. Pensa-se que, possivelmente, ouvindo falar na morte de Tiago, escreveu esta Epístola aos dirigentes da Igreja Judaica, agora sem pastor, a fim de ajudá-los a fortalecer o rebanho durante os tempos terríveis que se avizinhavam.

Se isto é certo, então havia razão para o nome de Paulo não aparecer na Epístola, visto como este Apóstolo não era muito benquisto em Jerusalém. Embora os líderes soubessem quem a escreveu a Epístola, impressionaria mais se fosse lida nas igrejas sem o nome de Paulo. As Epístolas do N.T. foram escritas para serem **LIDAS NAS IGREJAS** (prática que pregadores modernos parecem haver esquecido).

Propósito

Pensamos que foi escrita com o fim de preparar os cristãos judeus para a próxima queda de Jerusalém. Os cristãos judeus, depois de aceitarem a Jesus como seu Messias, continuaram a ser zelosos pelos ritos e sacrifícios do Templo, pensando, ao que supomos, que sua querida cidade, sob o reinado do Messias, estava prestes a se tornar a capital do mundo, e o seu Templo, o centro de peregrinações do mundo inteiro. Ao invés disso, iam receber o maior choque de sua vida. Com um golpe do exército romano, a Cidade Santa ia ser arrasada e os ritos do Templo cessariam.

Esta Epístola foi escrita para lhes explicar que os sacrifícios de animais, pelos quais se mostravam tão zelosos, não tinham mais utilidade; que a morte de um touro, ou de um cordeiro, jamais podia tirar o pecado; que tais sacrifícios nunca tiveram o intuito de ser perpétuos; que o plano foi fazê-los uma como figura multissecular do sacrifício vindouro de Cristo; e agora que Cristo já viera, cumprida estava a finalidade deles, e haviam passado para sempre.

Parelha da Epístola aos Romanos

Romanos foi dirigida à capital do mundo gentílico; Hebreus, à capital da nação judaica. Deus fundara e nutrira essa nação judaica através de longos séculos com o fim de, por ela, abençoar todas as nações mediante um grande Rei que nela se levantaria e governaria todas as outras nações. O Rei já viera. **ROMANOS** trata da relação do Rei com o Seu reino universal, base em que Êle tem direito à vassalagem de todo ser humano. **HEBREUS** trata da relação do Rei com **A NAÇÃO** da qual saiu.

Sua Excelência Literária

Quem quer que tenha sido o seu autor, como jóia literária é magnífica; quanto à dicção, é o Isaías do N.T. É um tratado coordenado e lógico, "em sentenças balanceadas e vibrantes de notável precisão, atingindo culminâncias admiráveis de elòqüência."

Capítulo 1. A Divindade de Jesus

Jesus, vv. 1-4. Esta sentença inicial é uma das mais magníficas passagens da Bíblia, em vista de sua sublimidade corresponde às sentenças iniciais do Gênesis e do Evangelho de João. Jesus, Sua divindade, Sua glória inefavel, Criador, Preservador e Herdeiro do universo, exaltado acima de

todas as ordens de seres criados. Por um ato eterno de Deus, **UMA VEZ PARA SEMPRE,** Jesus fez a purificação do pecado do homem e lhe trouxe salvação eterna.

Jesus comparado com os anjos, vv. 4-14. O ensinamento principal da Epístola é que Cristo é o cumprimento, antes que o administrador, do sistema mosaico. Na formulação de seu argumento, o escritor compara Cristo com os anjos, mediante os quais a Lei fora dada, At 7:53; e com Moisés, o legislador; e com o sacerdócio levítico, mediante o qual a Lei fora aplicada. A linguagem de Hebreus parece indicar que os espíritos humanos e os anjos não são os mesmos. Aqueles são uma ordem de criação superior aos anjos, se bem que estes sejam apreentados com maior poder. Não nos tornamos anjos quando morremos. Os anjos são nossos servidores, hoje, e sê-lo-ão no céu, v. 14. Eles adoram a Cristo, como nós.

Capítulo 2. Cristo e o Homem, uma Unidade

O homem, não os anjos, será dominador do mundo futuro, vv. 5-8. No v. 7 se diz do homem ser "por um pouco, menor que os anjos", e em 1:14 se declara que estes são servos dos herdeiros da salvação. Em 2 Pe 2:11 os anjos são "maiores em força e poder". No v. 9 se diz que Jesus "por um pouco, foi feito menor que os anjos". Seja qual for a natureza dos anjos, nessa comparação deles com o homem a passagem lança luz na grandeza final dos seres humanos remidos por Deus.

Capítulo 2:9-18. A União entre Cristo e o Homem

Deus criou o homem para exercer domínio sobre todas as coisas, vv. 6-8. Mas o homem ainda não cumpriu totalmente esta finalidade. No ínterim, Cristo já Se fez um com o homem, participando das suas tentações, dos seus sofrimentos, da sua própria morte, para que o homem se possa tornar um com Cristo, sendo então co-participante da Sua divina natureza e do Seu domínio eterno. E por causa disto, Cristo já tem sido coroado com glória e honra.

E agora, o homem, no seu esforço de se unir com Cristo, preparando-se assim para sua gloriosa herança eterna, que ainda há de receber, é encorajado pelo fato de ser Cristo gracioso, bondoso e compreensivo, e que socorrerá aqueles que O amam, vv. 17, 18.

Capítulo 3. Cristo Comparado com Moisés

Moisés, servo; Cristo, Filho, vv. 1-6. Muitos cristãos judeus, em seu estado de infância, 5:11-13, ainda não tinham aprendido de todo a relação entre Cristo e Moisés. Parecia que ainda consideravam Moisés o legislador, e Cristo o executor que fazia cumprir a Lei mosaica em todas as outras nações; Moisés, primeiro; Cristo, subordinado a ele. Mas era, exatamente, o inverso. Cristo estava muito acima de Moisés, como o herdeiro e dono de uma casa está acima dos servos dessa casa. A "casa" de Deus, v. 6, é o Seu povo.

Advertência contra a Descrença, vv. 17-19. Esta advertência é uma das notas tônicas desta Epístola. O perigo devia ser iminente e grave. O escritor lembra-lhes que os que saíram do Egito pela mão de Moisés caíram no deserto antes de alcançar a Terra Prometida, por causa de sua incredulidade, vv. 12, 19. Se fracassaram por desobedecer à palavra de Moisés, que esperança pode haver para os que menosprezam a palavra de Cristo? O escritor repete a advertência com intensidade crescente em 6:4-6 e outra vez em 10:26-29. Devia ter em mente a aproximação da queda de Jerusalém, horribilíssima calamidade da história judaica, que tentaria os cristãos judeus a perder a fé em Jesus, como Messias.

Capítulo 4. O Repouso Celeste do Cristão

Canaã, tipo do céu, vv. 1-11. Os que entraram na Terra Prometida sob Josué acharam um refúgio terrestre, uma terra de liberdade e fartura. Mas isso foi só uma figura da pátria celeste no eterno além.

O Poder da Palavra de Deus, vv. 12-13. A Palavra de Deus, viva e eficaz, poderosa para penetrar até o mais íntimo recinto do coração humano, para separar e examinar cada motivo, desejo e propósito, e descobrir seu verdadeiro valor, quando nós mesmos às vezes não entendemos nossos verdadeiros pensamentos. Os israelitas no deserto perderam sua herança na Terra Prometida por causa da sua desobediência à Palavra de Deus. Nossa melhor esperança de atingir nossa herança prometida é a obediência à Palavra de Deus. As Igrejas precisam entender quanto poder elas teriam se dessem à Palavra de Deus a posição de devido destaque nos cultos. Mas lastimavelmente, há uma tendência de colocar muita outra coisa nas pregações, deixando a Palavra de Deus em segundo lugar.

Cristo, nosso sumo sacerdote, vv. 14-16. Começa, aqui, o tema principal da Epístola, a comparação de Cristo com o sacerdócio levítico, que prossegue até o cap. 10, constituindo-se a parte principal desta carta.

Capítulo 5. Cristo Comparado com os Sacerdotes Levitas

Cristo, nosso sumo sacerdote, vv. 1-10. Os sacerdotes eram da tribo de Levi; Cristo era da tribo de Judá. Eles eram muitos; Jesus era um só. Eles ofereciam sacrifícios de animais; Jesus ofereceu-Se a Si mesmo. Eles morreram; Cristo vive para sempre.

Tardios em ouvir, vv. 11-14. Daqui até 6:12 temos uma mensagem pessoal aos primeiros destinatários da Epístola. Em tempos passados, tinham sido notavelmente zelosos em "servir aos santos", 6:10, porém agora estavam esquecidos até dos "princípios elementares" do Evangelho, v. 12.

Se a opinião tradicional é correta, de ter sido esta Epístola dirigida à Igreja Judaica, então esta passagem, evidentemente se refere ao declínio daquela condição espiritual e fraternal da Igreja de Jerusalém que se descreve em At 4:32-35. A Epístola de Tiago, escrita pouco antes desta, parece que foi dirigida a uma igreja mundana e egoísta. Com o passar do tempo, muitos milhares de judeus aceitaram a Jesus como seu Messias, At 21:20, alimentando, apesar disto, a velha idéia materialista do

reino messiânico, de que seria um reino político em que a nação judaica, sob seu Messias, dominaria o mundo. De modo que a fé cristã desses judeus manifestava-se em grande parte em termos políticos. Depois da morte de Tiago, essa idéia pareceu dominar tanto a Igreja de Jerusalém que o escritor lhes diz que, ao invés de serem mestres do mundo cristão, como deveria ser o caso da Igreja-Mãe, ainda precisavam de ser instruídos nos princípios elementares do Evangelho, como criancinhas, v. 12.

Capítulo 6. Aviso contra a Apostasia

A linguagem dá a entender que a Igreja de Jerusalém em geral já não estava à altura dos nobres padrões de conduta cristã que antes seguia, e que já não visavam aqueles alvos em cuja direção deveriam correr com empenho.

A queda de um cristão, descrita no v. 6, pode ser parcial ou total; assim como uma pessoa pode cair de uma construção e chegar ou numa tábua do andaime, ou se espatifar no chão. Enquanto a queda é parcial, há esperança. Se a queda é total, pode não haver mais cura.

O pecado de que se fala, aqui, é semelhante ao "pecado imperdoável" a que se referiu Jesus, Mt 12:31-32; Mc 3:28-30, de onde se infere que tal pecado consistia em atribuir a Satanás os milagres de Jesus, o que em Lc 12:9-10 está relacionado com a negação de Cristo. Podia ser cometido por alguém fora da Igreja. O caso, aqui referido, é a queda de um cristão. O pecado fatal, seja do cristão, seja de alguém fora da Igreja, consiste, essencialmente, na rejeição deliberada e final de Cristo. É como se alguém, no fundo de um poço, a quem se lançasse uma corda, repelisse esse auxílio, afastando assim a única esperança de escape. Para os que rejeitam a Cristo, 10:26-31, jamais haverá outro sacrifício pelo seu pecado. Terão de sofrer as conseqüências do mesmo.

Capítulo 7. Melquisedeque

Cristo, sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, vv. 1-10. Isto é, Jesus não foi sacerdote levita, mas o seu sacerdócio assemelhou-se ao de Melquisedeque, vulto do passado obscuro, que se antecipou de 600 anos ao sacerdócio levítico; sacerdote muito maior do que os levitas, até mesmo do que Abraão; a quem este e os sacerdotes levitas, ainda por nascer da descendência de Abraão, pagaram diízimos. Temos a história de Melquisedeque em Gn 14:17-20. Era "rei de Salém" (Jerusalém) e "sacerdote do Deus Altíssimo". Rei e sacerdote.

Antes de Moisés, os sacrifícios eram oferecidos pelos chefes de família. Assim, o sacerdote de cada família era o pai, ou avô, ou bisavô, o homem mais velho da linhagem paterna. Crescendo a família tornava-se tribo, e o seu chefe era rei dessa tribo e ao mesmo tempo sacerdote; rei-sacerdote, ou sacerdote-rei.

Nos dias de Moisés, quando o agregado das famílias do povo escolhido de Deus cresceu e se fez nação, esta nação se organizou, um lugar para os sacrifícios foi separado, prescreveu-se um ritual e criou-se uma ordem especial e hereditária de homens para funcionarem como sacerdotes, da família de Levi.

Mais adiante, outra família foi separada para fornecer os reis, a família de Davi. Cabia ao rei governar o povo. Ao sacerdote, como mediador entre Deus e o homem, incumbia oferecer sacrifícios. Uma família fornecia os reis; outra, os sacerdotes. Cristo, porém, foi uma coisa e outra, combinando os ofícios de rei e de sacerdote, qual Melquisedeque.

Que significa "sem pai, sem mãe, sem genealogia, não tendo princípio de dias, nem fim de existência"? Não é que ele realmente fosse nascido sem pais, mas é que os pais não aparecem no registro bíblico. Os sacerdotes levitas eram sacerdotes por causa de sua genealogia. Mas Melquisedeque foi reconhecido como sacerdote, não obstante ser desconhecida a origem e o fim do seu sacerdócio. Como sacerdote, ao que se saiba, não teve pai nem mãe, nem princípio nem fim. E aí figura, vulto misterioso e solitário, como retrato e tipo, no passado remoto, do eterno Sacerdote-Rei que havia de vir.

A transitoriedade do sacerdócio levítico, 7:11-12. Era imperfeito, sendo insuficientes aqueles sacrifícios para tirar o pecado, 10:4. Era "carnal", v. 16, isto é, só eram sacerdotes porque pertenciam a determinada família, sem consideração a qualificações espirituais. Demais disto, havia sido predito que o concerto sob o qual funcionavam os sacerdotes levitas seria suplantado por outro concerto com sacerdócio diferente, 8:7-13.

A eternidade do sacerdócio de Cristo, vv. 13-28. Aqueles ofereciam sacrifícios cada ano. Cristo morreu uma vez por todas. Os sacrifícios deles eram ineficazes; o de Cristo removeu o pecado para sempre. Cristo continua a viver no poder de uma vida sem fim. É Mediador de um concerto eterno e uma vida sem fim.

"Eterno" é uma das palavras favoritas desta Epístola: salvação eterna, 5:9. Juízo eterno, 6:2. Redenção eterna, 9:12. Espírito eterno, 9:14. Herança eterna, 9:15. Concerto eterno, 13:2. É também uma das palavras favoritas do Evangelho de João.

Capítulo 8. O Novo Concerto

Cristo trouxe à humanidade uma Nova Aliança. A primeira aliança, centralizada ao redor dos cultos no Tabernáculo e dos Dez Mandamentos, já tinha cumprido seu propósito, 9:1-5. Suas leis foram gravadas em tábuas de pedra, 9:4. As leis de Cristo se escrevem nos nossos corações, 8:10. A primeira aliança era temporária. A aliança de Cristo é eterna, 13:20. A primeira aliança foi selada com o sangue de animais. A aliança de Cristo foi santificada com Seu próprio sangue, 10:29. É uma aliança superior, com promessas superiores, baseadas na imutabilidade da promessa de Deus, 6:18.

A palavra "superior" é uma das favoritas do autor: Superior aliança, 8:6. Superior esperança, 7:19. Patrimônio superior, 10:34. Pátria superior, 11:16 (o céu ao invés de Canaã). Superior ressurreição, 11:35 (aqueles recobraram a vida para tornar a morrer, mas os cristãos nunca). Coisa superior, 11:40; 12:24.

Capítulo 9. O Tabernáculo, Cópia de Coisas Celestes

Cristo e o verdadeiro tabernáculo, vv. 11-28. O Tabernáculo era um santuário deste mundo; o verdadeiro tabernáculo, não feito por mãos, é o céu, vv. 1, 11, 24. Naquele, entrava o sumo sacerdote "uma vez por ano"; Cristo entrou "uma vez por todas", vv. 7, 12. O sumo sacerdote alcançava uma redenção anual; Cristo alcançou eterna redenção, v. 11; 10:3. O sumo sacerdote oferecia sangue de animais; Cristo ofereceu Seu próprio sangue, v. 12. Os sacrifícios do sumo sacerdote purificavam a carne; o sacrifício de Cristo purifica a consciência, vv. 13, 14.

"O Novo Testamento", vv. 15:22. A Nova Aliança é, aqui, definida como sendo um testamento, um legado feito a herdeiros, a vigorar só depois da morte do testador. É daí que nos vêm os nomes das duas divisões da Bíblia: Antigo e Novo Testamentos. No grego usa-se uma só palavra para "concerto", "aliança" e "testamento". O Novo Concerto é o testamento que Cristo fez para os Seus herdeiros, que só se efetivou quando, por Sua morte, expiou os pecados deles. Foi isto prefigurado na selagem do Antigo Concerto com sangue, vv. 19-20. O uso abundante de sangue no ritual desse Antigo Concerto prefigurava a necessidade urgente de um grande sacrifício pelo pecado humano, v. 22.

Uma vez por todas, vv. 26-28. Cristo ofereceu-Se "uma vez por todas", 7:27. Uma vez por todas, entrou no Santo dos Santos, 9:12. Os cristãos têm sido santificados, uma vez por todas, mediante a oferta do corpo de Cristo, 10:10. Aniquilou o pecado, uma vez por todas, no fim dos tempos, v. 26. Aos homens está ordenado morrerem uma vez, v. 27. Oferecido uma vez, Cristo aparecerá segunda vez, aos Seus herdeiros que O aguardam, v. 28. Esta passagem fala da outra vinda do Senhor como sendo Sua "segunda" vinda.

Capítulo 10. Salvos para Sempre

Removido o pecado para sempre, vv. 1-25. Nunca mais será posto à nossa conta. Não há mais necessidade de sacrifício. A morte de Cristo é plenamente suficiente para cobrir os pecados passados e os que, por fraqueza, cometamos na vida diária. Deus pode perdoar e perdoará aos que põem sua confiança em Cristo. Vamos, pois, ficar firmes em Cristo, v. 23. Só Ele é nossa Esperança e nosso Salvador.

Rejeitar a Cristo, vv. 26-31. O pecado, aqui referido, é similar ao de 6: 1-8. Esta passagem visa cristãos que antes tinham ido muito longe nos seus sofrimentos em prol do Evangelho, que tinham dado todos os seus bens por causa da sua compaixão pelos que sofrem, vv. 32:34, e alguns dos quais agora estavam perdendo o interesse nas coisas de Cristo, v. 25. A questão é que houve somente **UM SACRIFÍCIO** pelo pecado. Não haverá nunca outro. A pessoa que não se aproveitar do que Cristo fez por ela na cruz pode preparar-se para se despedir de Deus para sempre, marchar para o seu próprio destino e sofrer por seu próprio pecado.

Capítulo 11. Heróis da Fé

Este capítulo é, algumas vezes, chamado "hino da fé", como 1 Co 13 é o "hino do amor", e Gn 1 o "hino da criação".

Abel e sua fé, v. 4: a primeira figura do futuro sacrifício do Cordeiro de Deus, Gn 4:1-15. A de Enoque, vv. 5-6: num mundo apóstata, andou com Deus, como Adão o fizera no Éden, Gn 5:21-24. A de Noé, v. 7: prosseguiu na construção da arca quando ninguém compreendia a utilidade dela, Gn 6:14-22; A de Abraão, vv. 17-19: partiu, sem saber para onde, para achar a cidade de Deus, e dispôs-se a sacrificar o filho, confiando que o Senhor lhe restituiria vivo, Hb 8:10; Gn 12:1-7; At 7:2-5; Gn 22. A de Sara, vv. 11-12: creu no que a princípio, rindo, achou impossível, Gn 17:19; 18:11-14. A de Isaque, v. 20: predisse o futuro, Gn 27:27-29. A de Jacó, v. 21: que Deus cumpriria Sua promessa, Gn 49. A de José, v. 22: desejou repousar na futura pátria do povo de Deus, Gn 50:25. A de Moisés, vv. 23-29: viu Aquele que é invisível, v. 27; Êx 2:2,10,11; 12:21,50; 14: 22-29. A de Josué, v. 30: caíram os muros de Jericó, Js 6:20. A de Raabe, v. 31: lançou sua sorte com Israel, Js 2:9; 6:23. A de Baraque, v. 32: subjugou reinos, Jz 4. A de Gideão, v. 32: fez-se poderoso em guerra, Jz 7:21. A de Sansão, vv. 32 e 34: da fraqueza tirou força, Jz 15:19; 16:28. A de Jeftá, v. 32: pôs em fuga exércitos estrangeiros, Jz 11. A de Davi, v. 32: alcançou promessas, 2 Sm 7:11. A dos profetas, v. 32: Daniel fechou as bocas dos leões, Dn 6:22; Jeremias foi torturado, Jr 20:2; Elias e Eliseu ressuscitaram mortos, 1 Rs 17; 2 Rs 4; Zacarias foi apedrejado, 2 Cr 24:21; Isaías foi "serrado ao meio", reza a tradição. Todos morreram crendo num país melhor, no além.

Capítulo 12. O Reino Que Não Pode Ser Abalado

A carreira do cristão, vv. 1-2. Metáfora dos jogos gregos. Rodeados de grande multidão dos que, em épocas passadas, correram, vitoriosamente, por Deus e agora contemplam, com ansiedade, a luta inicial da Igreja recém-nascida, os que correm são advertidos, com instância, para que conservem os olhos no alvo e se esforcem, ao máximo, para ganhar.

Não devem ser desencorajados pelo sofrimento, pois há provações que são o meio de Deus aperfeiçoar Seus santos, vv. 3-13. Devem se guardar contra a impureza, para não perder sua primogenitura, vv. 14-17.

Sinai e Sião, 18-29. As manifestações aterrorizantes da inauguração do Antigo Concerto são contrapostas à companhia celestial da Igreja. Vasta irmandade em que os santos na terra, os espíritos dos remidos e infinito exército de anjos estão em doce e mística comunhão ao redor do trono de Deus, durante toda a eternidade, vv. 22-24.

Capítulo 13. Jesus é o Mesmo para Sempre

Exortações graciosas. Esta Epístola, embora, por natureza, argumentativa, termina com ternos apelos para que sigamos a Cristo em todas as circunstâncias da vida, em amor fraternal, bondade e pureza, com oração incessante e fé inabalável em Deus.

A mensagem final de Deus ao judaísmo. Como Malaquias foi a última mensagem do Antigo Testamento, a uma nação que fora fundada para trazer o Messias ao mundo, assim a Epístola aos Hebreus é a mensagem final do Novo Testamento à mesma nação, depois da vinda do Messias. Foi escrita antes de ser varrido o Estado judaico, com a queda de Jerusalém, "um dos mais estarrecedores eventos da História."

A destruição de Jerusalém. As guerras judaicas, de rebelião contra Roma, começaram em 66 d.C. Tito, com o seu exército, parou defronte dos muros da cidade no dia da Páscoa de 70 d.C. Rampas de terra foram construídas, arietes colocados, e o sítio começou. O exército romano montava a 30.000 homens; o judaico, a 24.000. A cidade estava cheia, com 600.000 visitantes, de acordo com Tácito. Havia acerbas desavenças e lutas entre os judeus, dentro dos muros. Depois de cinco meses, os muros foram derribados, o Templo incendiado, arrasadas as últimas defesas e a cidade assolada, exceto as três grandes torres de Herodes, no ângulo noroeste, que foram deixadas como lembrança da compacta solidez das fortificações que Tito arrasara. O exército romano avançou para Cesaréia. 95.000 cativos foram levados, entre os quais Josefo. Mais de 1.000.000 foram mortos. Eusébio diz que os cristãos, à vista do exército romano, devido a algum aviso profético, fugiram na direção de Pela.

A história posterior de Jerusalém. Durante os 50 anos seguintes, Jerusalém desapareceu da História. Barcocheba, pretenso Messias, 135 d.C., encabeçou uma revolta, apoderou-se da cidade e tentou reconstruir o Templo. A revolta foi sufocada pelo exército romano; 580.000 judeus foram mortos e Judá ficou uma desolação. Os judeus foram proibidos de tornar a entrar em Jerusalém, sob a pena de morte. Erigiu-se, a Júpiter, um templo no local do que fora arrasado.

Sob Constantino, 326 d.C., o Templo de Astarte, no local do atual Santo Sepulcro, foi demolido; dizem que, escavando-se, ali, encontrou-se o lugar da crucifixão; a cidade veio a ser importante centro cristão. Permitia-se aos judeus entrarem na cidade uma vez por ano. O Imperador Juliano, o Apóstata, 363 d.C., deu aos judeus permissão de reconstruir o Templo, mas eles não o conseguiram. No 5.º Século, Jerusalém tornou-se sede de um patriarcado independente. Caiu em poder dos maometanos em 637 d.C. e, exceto por uns 100 anos, no período das cruzadas, permaneceu como cidade muçulmana até 1917, quando voltou ao domínio da cristandade. Atualmente, 1970, está nas mãos dos israelitas.

TIAGO

Sabedoria Cristã

Boas Obras

Religião Pura

Tiago. Houve três com este nome: o filho de Zebedeu; o filho de Alfeu, Mt 10:2,3; e o irmão do Senhor, Mt 13:55. Este último é, comumente, reconhecido como o autor desta Epístola. Era reconhecido como homem preeminentemente santo, segundo os padrões da Lei, cognominado "Justo" pelos seus conterrâneos. Pensa-se que era casado, 1 Co 9:5. Foi reconhecido, nos tempos primitivos, como "bispo" de Jerusalém. De muita influência entre os judeus e na Igreja. Pedro mandou-lhe aviso ao ser solto, At 12:17. Paulo guiava-se por seus conselhos, At 21:18. Era um judeu muito rigoroso, porém escreveu a carta tolerante aos cristãos gentios, At 15:13-23. Apoiou o trabalho de Paulo entre os gentios, mas interessava-se, principalmente, pelos judeus. Sua obra foi ganhar judeus e "desembaraçar a passagem deles para o cristianismo".

A história do seu martírio (conforme Josefo; e Hegesipo, judeu cristão, 160 d.C., cuja narrativa Eusébio aceitou). Anano, sumo sacerdote, e os escribas e fariseus, aproveitando-se do intervalo entre a morte de Festo e a chegada do novo governador romano, reuniram o Sinédrio e ordenaram a Tiago, "irmão de Jesus, chamado Cristo", que proclamasse, de um dos pórticos do Templo, que Jesus não era o Messias, a fim de conter o povo que, em grandes levas, estava abraçando o cristianismo. Ao invés disso, Tiago bradou que Jesus era o Filho de Deus e juiz do mundo. Seus inimigos, enfurecidos, arrojaram-no ao chão, depois o apedrejaram, até que um pisoador, compadecido, deu fim aos seus sofrimentos, dando-lhe um golpe de maça, quando ele, ajoelhado, orava assim: "Pai, perdoa-lhes, não sabem o que fazem." Poucos anos depois começou o cerco fatal de Jerusalém, 70 d.C.

Data da Epístola. Pensa-se, geralmente, que Tiago a escreveu perto de morrer, 60 d.C., depois de, por 30 anos, ter pastoreado a Igreja judaica. Alguns lhe dão data mais anterior. Endereçada a judeus cristãos dispersos, 2:1; 1:1. *Trata de vários assuntos da parte prática da vida cristã*.

Capítulo 1. Provações. Praticantes da Palavra

Este capítulo apresenta quase todos os tópicos discutidos adiante.

A Resistência nas provações, vv. 2-3. "Tentação", v. 2, alude a provações que nos vêm experimentar; no v. 12, trata-se de sedução para o pecado. Pelas provações, Deus aperfeiçoa os herdeiros da eternidade, 5:13-14. São "preciosas", 1 Pe 1:7. Devidamente enfrentadas, transformam nossa personalidade dentro dos moldes visados por Jesus, ao vir ser nosso Salvador.

A Paciência, vv. 3-4, é a capacidade de esperar por aquilo que desejamos, e de suportar as provações. As provações produzem paciência. A paciência opera a perfeição, 5:7-11.

A Sabedoria, v. 5, para enfrentar as exigências da vida, como convém ao cristão, 3:13-18; Pv 3,4. Tiago é o livro cristão de provérbios.

A Oração, vv. 5-8. Esta Epístola começa e termina com uma exortação à oração, 4:2-3; 5:13-18. Dizem que Tiago passava tanto tempo de joelhos, que estes ficaram rijos e calejados como os de camelo.

A Fé, vv. 6-8. Confiança em Deus que permanece imperturbável no meio das tormentas da vida, condição esta de oração eficaz. 2:14-26. "Tudo é possível ao que crê" Mc 9:23.

A Vaidade das riquezas, vv. 9-11. Nossa condição social não é a que temos aqui, mas na eternidade, onde está nosso principal interesse; 2:1-13; 4:1-10,13-17; 5:1-6.

A Tentação, vv. 12-16. Aqui, a palavra quer dizer sedução do pecado. Não vem de Deus. Deus é capaz de guardar-vos dela, e ajudar-nos a suportá-la. Jesus mandou orar para que ela fosse evitada, Mt 26:41.

O Pecado, vv. 14-15, tem sua origem na cobiça, isto é, nos desejos da carne. Gerado na cobiça, o pecado dá à luz a morte.

O novo nascimento do cristão, vv. 17-18. Como o pecado produz a morte, v. 15, assim Deus, mediante Sua Palavra, gera a alma do cristão. Pedro também fala da Palavra como semente fecundante que faz nascer a alma recém-gerada, 1 Pe 1:23.

A língua, vv. 19-20. Vigiai vossa língua. Dominai vosso gênio. Sede bons ouvintes. Nada de conversa indecente. 1:26; 3:1-18; 4:11-12; 5:12.

Praticantes da Palavra, vv. 21-25. A Palavra acabou de ser mencionada como sendo o instrumento da geração da alma, v. 18, e o meio de salvação desta, v. 21. Aqui, é um espelho, v. 23, que nos mostra o que somos, bem como o caminho para a perfeição final, 2:14-26; Mt 7:24-27.

Religião pura, vv. 26-27. Uma língua sem freio, numa pessoa religiosa, é coisa desprezível, revelando a falsidade da sua religião. Uma vida caridosa, livre de demasiado apego às coisas da terra, é a glória da religião. Cf. o ensino de Jesus sobre a prática da caridade, Mt 25:31-46.

Capítulo 2. Acepção de Pessoas. Fé e Obras

Acepção de pessoas, vv. 1-13. Deve ter havido na Igreja Judaica uma mentalidade decididamente mundana para dar lugar a estas palavras. Não fora assim o início da Igreja, At 2:45; 4:34. A lei régia, v. 8, era a "Regra Áurea", que eles observavam só nos limites do seu próprio círculo social. Deus ama os pobres. E os ricos devem amá-los também. A "lei da liberdade", v. 12; 1:25, é a lei de Cristo, em que há perdão e libertação do pecado. A lei de Moisés, lei de escravidão, não tinha tal provisão.

Fé e obras, vv. 14-26. A doutrina da justificação pela fé, pregada por Paulo, e a da justificação pelas obras, apresentada por Tiago, completam-se, não se contradizem. Nenhum deles se opõe ao outro. Eles ambos eram amigos dedicados e cooperadores. Tiago apoiou, inteiramente, a obra de Paulo, At 15:13-29; 21:17-26. Paulo pregava a fé como base de justificação

diante de Deus, mas insistia que devia resultar num gênero correto de vida. Tiago escreveu para os que já haviam aceitado a doutrina da justificação pela fé, mas que, em geral, abusavam dela, flagrantemente; disse-lhes que tal fé não era fé, absolutamente.

Capítulo 3. A Língua

O poder da língua, vv. 1-12. Pelo tom geral deste capítulo, suspeitamos que devia haver, na Igreja Judaica, muitos presunçosos, briguentos, de mentalidade mundana, de temperamento descontrolado, que se impunham como líderes e mestres. "Tropeçar no falar", v. 2, significa não somente palavras ásperas e zangadas, mas doutrinas falsas e estultas. A língua é a principal expressão de nossa personalidade, e comumente provoca nos outros uma reação imediata qualquer. "Posta em chamas pelo inferno", v. 6. "Carregada de veneno mortífero", v. 8. São palavras fortes, porém muito verdadeiras. Muita conversa vil tem arruinado numerosos lares, dividido muitas igrejas e levado ao desespero e à desgraça milhões incontáveis. Todavia, há muita gente bastante religiosa que parece não fazer o menor esforço por dominar sua língua. Este capítulo lembra-nos certas declarações do Livro dos Provérbios: "A boca do insensato é a sua próprio destruição." "O que guarda a boca, conserva a sua alma." "A morte e a vida estão no poder da língua." "Até o estulto, quando se cala, é tido por sábio", Pv 13:3; 17:28; 18:7,21.

A Sabedoria, vv. 13-18. Esta passagem parece visar certos mestres loquazes, que, ambicionando ser considerados brilhantes em sua argumentação, fanatizados por certa doutrina favorita, tendo em pouco ou nenhum apreço a Pessoa de Cristo, estavam provocando só ciúmes e facções. Tiago chama, tal sabedoria, "demoníaca", contrastando-a com a sabedoria "do alto", que é revelada pela pessoa que vive uma vida virtuosa.

Capítulo 4. Mentalidade Mundana

A Origem das guerras, vv. 1-2. A cobiça. O desejo de obter o que é dos outros. Tem sido isto a causa da maioria das guerras que têm devastado a terra.

Oração ineficaz, vv. 2-3. São numerosas as vezes que Deus promete responder à oração, porém não a daqueles cobiçosos que amam o mundo, com seus bens, 5:13-18.

Ânimo dobre, vv. 4-10. Desenvolvimento da declaração de Jesus, de não ser possível servir a Deus e às riquezas, Mt 6:24, e semelhante ao aviso de João contra o amor ao mundo, 1 Jo 2:15-17. Tais passagens sugerem a necessidade de contínuo auto-exame, porque, tendo de viver no mundo, e as coisas do mundo sendo necessárias à nossa subsistência diária, requer-se muita vigilância para se conservarem nossos afetos acima da linha de separação. Por isso, torna-se necessário aproximar-nos de Deus nos termos descritos no v. 8.

A língua, vv. 11-12, outra vez. Agora refere-se o rematado absurdo de um pecador arvorar-se em juiz de outro pecador.

Auto-suficiência, vv. 13-17. "Se o Senhor quiser", v. 15. Uma das mais admiráveis doutrinas da Escritura é que Deus, tendo nas mãos o universo infinito, para cada um do Seu povo tem um plano definido, At 18:21; Rm 1:10; 15:32; 1 Co 4:19; 1 Pe 3:17.

Capítulo 5. Os Ricos. Paciência. Oração

Os ricos, vv. 1-6. A quarta e mais forte diatribe contra eles, as outras sendo 1:9-11; 2:1-13; 4:1-10. Decerto, havia muitos homens ricos na Igreja da Judéia que viviam longe de uma vida cristã, e que se dedicavam aos prazeres mundanos. Acham-se às vezes almas cristãs de rara virtude entre os ricos, mas em geral, o quadro que Tiago pintou deles, é típico dèles até hoje. Sua admonição a eles, ameaçando futura retribuição, é assustadora.

A paciência nos sofrimentos, vv. 7-11. Um dia o Senhor voltará, e todos os sofrimentos serão coisas do passado. Portanto, os crentes devem fixar sua atenção naquele dia feliz. Quanto maior o sofrimento aqui, quanto maior será a glória ali.

A língua, outra vez, v. 12. Nossa língua pecaminosa, que causa tantos problemas. Esta vez, trata-se de juramentos levianos, empregando levianamente o nome de Deus. Um pecado que desagrada muito a Deus. Há muitos cristãos que fazem uso errôneo e irresponsável do nome de Deus. A língua se empregaria muito melhor nas orações e nos hinos, v. 13.

Orar, vv. 13-18. Elias, fechando e abrindo o céu, operou poderoso e raro milagre, 1 Rs 18. Não obstante, o fato é citado como incentivo às nossas orações. A oração da fé será respondida. "Unção com óleo", v. 14, era um medicamento, geralmente usado, Lc 10:34; Is 1:6, a ser corroborado pela oração, e não para ser empregado com finalidades mágicas.

Ganhar uma alma para Cristo, vv. 19-20. Isto agrada-Lhe, imensamente, à vista do que perdoa muitas fraquezas nossas. Comparar 1 Pe 4:8. É o "conduzir muitos à justiça" descrito em Dn 12:3.

1 PEDRO

A Uma Igreja Perseguida

Pedro

Quanto à sua vida passada, ver nota sobre Mc 3:13. De sua vida posterior não há notícia nas Escrituras além de suas duas Epístolas. Das palavras de Jesus em Jo 21:18, julgamos que morreu mártir. Como líder dos Doze, parece provável que ele visitou os principais centros de cristãos do mundo romano.

Alguns historiadores eclesiásticos acham que não há prova bastante de Pedro ter estado alguma vez em Roma. Entretanto, a maior parte deles concorda ser provável que, por volta do último ano de sua vida, foi a Roma, ou foi levado lá, por ordem de Nero, ou porque deliberasse ele mesmo ajudar a fortalecer os cristãos, que sofriam o terrível golpe da perseguição de Nero.

A tradição do "Quo Vadis" reza que Pedro, deixando-se vencer pela solicitação de amigos no sentido de escapar, ia fugindo de Roma e, de noite, na Via Ápia, numa visão, encontrou-se com Jesus e lhe disse: "Senhor, aonde vais?" Ao que lhe respondeu Jesus: "Vou a Roma, para ser outra vez crucificado." Pedro, todo envergonhado e humilhado, voltou à cidade, onde foi crucificado de cabeça para baixo, não se achando digno de padecer como o seu Senhor. Isto é só tradição; não sabemos quanto de fato histórico nela se contém.

Também diz a tradição que a esposa de Pedro chamava-se Concórdia, ou Perpétua, e que também foi martirizada, encorajando-a, Pedro, com as palavras: "Lembra-te, querida, de nosso Senhor."

A Quem Foi Escrita

Às igrejas das cinco províncias da Ásia Menor: Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia (ver mapa 67 sobre Atos 13), igrejas fundadas por Paulo. Embora não se declare, presumimos que Pedro, uma vez e outra, visitou essas igrejas. A algumas delas, Paulo escrevera Gálatas, Efésios, Colossenses. 1 Pedro tem algumas semelhanças notáveis com Efésios. Mais tarde, a algumas dessas mesmas igrejas, João endereçou o Apocalipse.

De Onde Foi Escrita

"Babilônia", 5:13. Alguns entendem tratar-se, literalmente, da Babilônia do Eufrates. Outros acham que significa Roma, aí chamada, figuradamente, Babilônia. Em Ap 17:5,18, Roma é chamada Babilônia. Naqueles tempos de perseguição, os cristãos, por prudência, tinham de ser cautelosos na maneira de se referir às autoridade dominantes, pelo que empregavam uma palavra para significá-las, a qual eles, e não estranhos, podiam compreender. Marcos estava com Pedro, por esse tempo, 5:13; e à vista de 2 Tm 4:11 julgamos que ele devia estar em Roma, mais ou menos quando esta Epístola foi escrita.

O Que Deu Ocasião a Esta Epístola

A perseguição de Nero aos cristãos, 64-67 d.C., era muito pesada em Roma e seus arredores, porém não generalizada em todo o império. En-

tretanto, o exemplo do imperador incentivava os inimigos dos cristãos, em toda parte, a se prevalecer do mais leve pretexto para persegui-los. Era um tempo de provação (ver nota sobre 2 Tm e sobre "perseguições" na secção de **HISTÓRIA DA IGREJA,** deste Manual). A Igreja tinha 35 anos de fundação. Sofrera perseguição em várias localidades. Mas, agora, Roma imperial, que até então estivera indiferente, e até em alguns casos se mostrara amiga, acusava a Igreja de um crime terrível e procurava puni-la. Essa mesma Igreja padecia sua primeira provação de âmbito mundial, 5:9. Parecia que o fim chegara. Era, literalmente, uma prova de "fogo", 4:12. Os cristãos estavam sendo queimados de noite, nos jardins de Nero. Parecia que o diabo, "como leão rugidor", 5:8, andava em derredor para devorar a Igreja.

Pensa-se que talvez Pedro escrevesse esta Carta logo depois do martírio de Paulo, e por Silas, 5:12, que fora um dos auxiliares dêste Apóstolo, enviou-a a essas igrejas, que o mesmo Paulo fundara, para animá-las a suportar seu sofrimento, levando Silas, pessoalmente, a notícia do martírio de Paulo às igrejas deste. De modo que, a Epístola nasceu numa atmosfera de sofrimentos, pouco antes do próprio martírio de Pedro, para exortar os cristãos que não estranhassem ter de sofrer, lembrando-lhes que Cristo realizara Sua obra pelo sofrimento.

Capítulo 1. A Herança Incorruptível do Cristão

"Os eleitos que são forasteiros da dispersão", 1:1, parece isto significar os judeus cristãos dispersos. Mas 2:10 mostra que eram, pelo menos na maior parte, gentios. A expressão, tomada ao cativeiro dos judeus, do A.T., dispersos numa terra estrangeira, aplica-se, aqui, aos cristãos, como peregrinos sobre a terra, longe do lar, a sofrer e a viajar em demanda de sua pátria celeste e lar paterno, do qual têm saudades, 2:11.

Provações, vv. 6-11, e a eterna glória. As provações são mais preciosas que o ouro, v. 7, porque delas precisamos para nos purificarem da escória do mundo, e porque elas significam maior gozo no fim. Repetidamente, sofrimento e glória vêm emparelhados: Provações e glória, v. 7; os sofrimentos de Cristo e as glórias que os seguem, v. 11; os participantes dos sofrimentos de Cristo alegrar-se-ão com gozo abundante na revelação de Sua glória, 4:13; Pedro, testemunha dos sofrimentos de Cristo, será participante de Sua glória, 5:1; depois de terdes sofrido por um pouco, virá a eterna glória, 5:10. Era este, também, o consolo de Paulo, 2 Co 4:17. Aflição, depois a glória eterna.

"Precioso", uma palavra favorita de Pedro. "O valor da fé... muito mais precioso do que o ouro", 1:7. "Resgatados... pelo precioso sangue de Cristo", 1:18-19. Cristo, pedra preciosa, 2:4,7. "Fé preciosa", 2 Pe 1:1. "Preciosas e mui grandes promessas", 2 Pe 1:4.

Jesus Cristo, "a quem, não havendo visto, amais", 1:8; "no qual... exultais com alegria indizível e cheia de glória", 1:8; por cujo poder somos guardados para a salvação, 1:3-5; é Cristo o centro da glória celestial, 1: 3-9. É nEle pessoalmente que devemos colocar todas as nossas esperanças, 1:13.

Capítulos 2, 3. A Peregrinação Terrestre do Cristão

Os cristãos, regenerados para uma herança gloriosa, mediante a Palavra de Deus, 1:23, estão viajando por este mundo na direção da sua pátria celestial, e pelo caminho, precisam se nutrir da Palavra de Deus, 2:2, para serem alimentados, guiados, fortalecidos. Assim, pelo caminho afora, sentindo por experiência própria que seu precioso Senhor está ao seu lado, gozam da Sua presença graciosa, bondosa, amorosa e proveitosa, enquanto Ele os leva adiante, 2:2,3.

Peregrinos, 2:11, eleitos, santos, 2:9; um povo de boas obras, 2:12; 3:13, povo que glorifica a Deus pelo seu bom procedimento, 3:15,16. Pensa-se nas palavras de Jesus, em Mt 5:14-16, que as boas obras dos Seus discípulos são a luz do mundo.

Atitude para com o governo civil, 2:13-17. Tanto quanto possível, sede bons cidadãos ou súditos do governo terrestre sob o qual viveis, para promoverdes o bom nome de vossa religião, ainda que o chefe do governo seja Nero.

Escravos cristãos, 2:18-25. Havia muitos escravos na Igreja do primeiro Século. São exortados a ser fiéis, leais e submissos, até mesmo aos senhores brutais, por amor de sua profissão cristã. Ver mais sobre Ef 6:5-9; Cl 3:22-25; Tt 2:9-14.

Esposas cristãs, 3:1-6. "Chamando-lhe senhor", v. 6, certamente não quer dizer escravidão abjeta ao marido, antes dedicação abnegada, de modo a conquistar-lhe a admiração e o afeto; e, se ele é incrédulo, por um tato carinhoso, ganhá-lo para Cristo. Ver mais Ef 5:22-23; Cl 3:18; Tt 2:3-5. Não interpretamos os vv. 3-4 como proibição às mulheres de desejarem ser atraentes na aparência pessoal, mas como advertência contra os excessos, lembrando que nenhum enfeite pode substituir uma graciosa personalidade cristã.

Maridos cristãos, v. 7. Comparar Ef 5:25-33. É virtude varonil ser delicado com o sexo mais fraco. O plano de Deus é que o amor conjugal seja mútuo, cada qual considerando o outro. Se um dos cônjuges é, por natureza, rude no falar, torna mais difícil ao outro ser atencioso. "Para que não se interrompam as vossas orações", v. 7. Nada como as desarmonias conjugais para extinguir a chama da oração.

Cristo pregou aos espíritos em prisão, vv. 18-22. Esta passagem parece dizer que Jesus, no intervalo de Sua morte e ressurreição, foi, em pessoa, e pregou aos espíritos encarcerados dos desobedientes do tempo de Noé. Alguns interpretam que o Espírito de Cristo, antes de Sua incarnação, estava em Noé, pregando aos antediluvianos.

Capítulo 4, 5. A Prova de Fogo

Armai-vos para o sofrimento, 4:1-6. Era uma época de perseguição. A exortação especial desta Epístola era que os cristãos se preparassem

para ela. Mas há, aqui, conforto também para os cristãos que vivem em épocas normais; porque muito pouca gente atravessa a vida sem boa dose de sofrimento, seja de uma ou de outra espécie: sofrimento físico, mental, moral. Um dos métodos estranhos da providência é fazer que muitos sofram de um modo pelo qual nunca queriam sofrer, ou que atravessem a vida privados daquilo de que, acima de tudo, não quereriam ser privados. Tais pessoas podem, com propriedade, consolar-se com a certeza de que, quando a mão de Deus pesa, mais do que de ordinário, no processo da lapidação, é porque Ele espera que o diamante, uma vez pronto, seja extraordinariamente brilhante e belo. Quanto maior o sofrimento nesta vida carnal, tanto maior a glória na vida eterna.

Amor fraternal, 4:7-11. Cobre uma multidão de pecados, v. 8. As exortações de Pedro, sobre o amor extremoso e intenso, são, simplesmente, belas, 1:22; 2:17; 3:8,13; 4:18. Irmãos numa esperança gloriosa comum, sede veros irmãos uns para com os outros nos vossos sofrimentos.

A prova ardente, 4:12-19. Era obra direta do diabo a perseguição movida por Nero, 5:8. Não obstante, na misteriosa providência de Deus, redundaria no bem da Igreja, provação que era mais preciosa do que o ouro, 1:7. Tem havido muitas perseguições desde então, muitas das quais mais atrozes e generalizadas do que a de Nero, em que milhões, sem conta, de cristãos têm padecido toda espécie imaginável de tortura. Quando pensamos nisto, devemos envergonhar-nos de nós mesmos, de nossa impertinência com problemas triviais.

A humildade de Pedro, 5:1-7. Isto soa muito diferente do tom de voz daqueles dignitários eclesiásticos, cuja ambição absorvente tem sido "dominar o rebanho de Deus".

Silas, 5:12, o mesmo que Silvano. Foi o portador da Epístola. Talvez ajudasse a escrevê-la, como fizera com algumas Epístolas de Paulo, 1 Ts 1:1; 2 Ts 1:1.

Marcos, 5:13, estava com Pedro por essa época. Pensa-se que ele escreveu seu Evangelho sob a direção de Pedro. Estivera em Roma durante a primeira prisão de Paulo, Cl 4:10, e, muito provavelmente, estava lá ainda quando esse Apóstolo foi prêso pela segunda vez, 2 Tm 4:11.

2 PEDRO

Predição de Apostasia

Autor

A Epístola declara, explicitamente, ser a obra de Simão Pedro, 1:1. O autor apresenta-se como tendo presenciado a Transfiguração de Cristo, 1:16-18, e sido avisado por Cristo de sua morte próxima, 1:14. Significa isto que a Epístola é um escrito autêntico de Pedro, ou de alguém que se declarava ser Pedro. Se bem que demorasse a ser recebida no Cânon do N.T. (ver nota sobre o "Cânon do N.T.", na secção "Como a Bíblia Chegou até nós", deste Manual), era reconhecida pela Igreja primitiva como escrito genuíno de Pedro, e, através dos séculos, tem sido reverenciada como parte da Sagrada Escritura.

Alguns críticos modernos consideram-na obra de um pseudônimo do fim do segundo Século, escrita por alguém desconhecido que assumiu o nome de Pedro, cem anos depois da morte deste. Ao espírito da média do nosso povo, isto seria uma impostura vulgar, ofensiva à lei civil e moral e à decência. Os críticos, no entanto, repetidamente, afirmam que nada há, contra a ética, em se assumir, assim, o nome alheio.

A Quem foi Dirigida

Diferente da maior parte das Epístolas, não menciona localidade alguma. Foi, todavia, a "segunda epístola" de Pedro às mesmas pessoas, 3:1. Embora ele possa ter escrito muitas epístolas, que não chegaram até nós, a suposição é que aí se refere ele à que é, comumente, conhecida como sua "Primeira Epístola", dirigida às igrejas da Ásia Menor, 1 Pe 1:1, igrejas às quais Paulo também escrevera, 2 Pe 3:15.

Data

Se 1 Pedro foi escrita durante a perseguição de Nero, e se Pedro foi martirizado nela (ver nota introdutória a 1 Pedro) então esta Epístola deve ter sido escrita pouco antes de sua morte, provavelmente, por volta de 67 d.C.

Objetivo

Advertir contra a apostasia vindoura, quando líderes na Igreja, por interesses pecuniários, permitiriam licenciosidade e toda má ação; apostasia em que a Igreja deixaria de aguardar a Vinda do Senhor, e para dar a entender que essa Vinda podia demorar longo tempo.

2 Pedro e Judas

Em algumas passagens, são semelhantes, por tal forma, que muitos eruditos pensam que um deve ter copiado do outro, embora divirjam sobre quem foi que copiou. Não é, absolutamente, necessário pensar que um ou outro copiasse. Os apóstolos, muitas vezes, viajaram juntos e, continuamente, estavam ouvindo um ou outro pregar as mesmas coisas, repetidamente, a diferentes congregações. Assim, certas expressões e ilustrações bíblicas tornaram-se parte do vocabulário comum dos cristãos.

Capítulo 1. As Grandes e Preciosas Promessas

"Conhecimento de Deus", v. 2, é enfatizado como condição de graça e paz, e de tudo que diz respeito à vida e à piedade, v.3, e um dos meios pelos quais confirmamos nossa vocação e eleição, v. 10, e as contaminações do mundo são vencidas, 2:20. É a última exortação da Epístola, 3:18. Significa conhecimento de Cristo, através de Sua Palavra. Assim, a advertência com que Pedro se despediu foi: "Não negligencieis a Palavra de Deus."

As "preciosas promessas", v. 4, incluem não só as glórias externas do reino eterno, v. 11, mas uma natureza transformada e divina dentro em nós, que Deus, por Sua graça, nos concede, a qual, por nossa parte, cumpre que nos esforcemos por conseguir, vv. 5-11.

Sete qualidades divinas, vv. 5-11. Virtude. Conhecimento. Domínio próprio. Paciência. Piedade. Fraternidade. Amor. São estes os "frutos", v. 8, da "fé preciosa", v. 1, a que devemos "associar", v. 5, as bênçãos que Deus nos tem "multiplicado", v. 2. São degraus da terra ao céu, começando na fé e culminando no amor, no lar eterno de Deus.

Intuição do martírio que se avizinhava, vv. 14,15. Parece uma referência ao que Jesus lhe dissera, uns 37 anos antes, Jo 21:18,19. Ou podia ser que Jesus lhe tivesse aparecido, recentemente; talvez a aparição do tradicional "Quo Vadis" (ver nota introdutória a 1 Pedro). "Deixar o meu tabernáculo", v. 14, é bela denominação bíblica da morte. Foi assim que Paulo se expressou, 2 Co 5:1-4. Cf. também o brado de triunfo de Paulo no fim da sua obra, 2 Tm 4:6-8.

O Testemunho do Evangelho é Inabalável, vv. 16-21. Parece que, nos dias de Pedro, já havia precursores dos nossos críticos modernos, que dizem que a história de Jesus e dos Seus portentosos milagres seriam fábulas engenhosamente inventadas, v. 16. Mas Pedro tinha visto a glória de Jesus com seus próprios olhos, e sabia ser verdadeiro tudo o que ensinava acerca de Jesus. No decurso de um período de três anos, tinha visto Jesus curar, com uma palavra, multidões de pessoas doentes. Tinha visto Jesus andar sobre a água, acalmando a tempestade com uma palavra. Tinha visto Jesus transfigurado. Três vezes viu Jesus ressuscitar mortos. Viu Jesus vivo depois da crucifixão. E, depois do Pentecostes, o mesmo Pedro, em nome de Jesus, fizera inúmeros poderosos milagres, At 5:15,16, chegando a ressuscitar Dorcas da morte, At 9:40.

Tudo isto confirmava, de forma maravilhosamente detalhada, as profecias no Antigo Testamento sobre o Messias vindouro, 1:19-21, ver também o artigo "Linhagem Messiânica do Antigo Testamento", e Pedro teve base para sua absoluta confiança, e isto o preparou para o martírio que ia sofrer. Sabia que, para ele, a Porta da Glória estava prestes a se abrir, para que passasse imediatamente para a presença do seu amado Senhor, por toda a eternidade.

Capítulo 2. A Apostasia da Igreja

A vinda de falsos mestres, é mencionada muitas e muitas vezes no N.T. Jesus advertiu que viriam lobos vorazes à Igreja, disfarçados em ovelhas, Mt 7:15, falsos profetas que enganariam a muitos, Mt 24:11. Paulo pre-

veniu os presbíteros contra lobos vorazes que penetrariam na Igreja, falando coisas pervertidas, At 20:29,30. Paulo predisse mais, que antes da Segunda Vinda do Senhor, haveria na Igreja uma apostasia de âmbito tremendo e de natureza satânica, 2 Ts 2:1-12. Paulo profetizou também, que subiriam à posições de liderança na Igreja homens ímpios, traidores e hipócritas, que, com uma falsa aparência de piedade, encheriam a Igreja com doutrinas de demônios, 1 Tm 4:1-3; 2 Tm 3:1-9. A Epístola de Judas parece ter sido escrito primariamente para advertir contra uma tendência ameaçadora e mortífera à apostasia, que já nos seus próprios dias via surgir na Igreja, Jd 4-19. João, em Ap 17, dá uma descrição pormenorizada da Igreja que se transformou em meretriz.

Pedro, na sua Primeira Epístola, escreveu para encorajar a Igreja a ser firme sob as perseguições vindo de fora. Aqui, nesta Segunda Epístola, a advertência é para a Igreja se guardar da corrupção vindo de dentro.

Os falsos mestres, 2:1-22. Fala-se deles como estando para chegar, v. 1, contudo, algumas expressões dão a entender que já estão presentes. As expressões usadas aqui se referem, não ao mundo, mas aos líderes dentro da Igreja. "Introduzirão heresias destruidoras", "renegarão o soberano", "seguirão práticas libertinas", "farão que seja infamado o caminho da verdade", "com palavras fictícias, farão comércio de vós", "segundo a carne, andam em imundas paixões", "menosprezam qualquer governo", "atrevidos, arrogantes, difamam autoridades superiores", "brutos, irracionais", "regalam-se nas suas próprias mistificações, enquanto banqueteiam junto convosco", "olhos cheios de adultério e insaciáveis no pecado", "engodando almas inconstantes", "corações exercitados na avareza", "filhos malditos", "fonte sem água", "névoas impelidas por temporal", "proferem palavras jactanciosas de vaidade", "engodam, com paixões carnais, para libertinagens", "escravos da corrupção".

É um quadro contristador. Licenciosidade, libertinagem, frouxidão moral, blasfêmias audaciosas, mesmo na geração apostólica, apareceram na Igreja em consideráveis proporções. Depois, seguiram-se os longos séculos de corrupção papal. Mesmo hoje, em nosso século de luzes, e em muitas partes do mundo, organizações eclesiásticas existem que são inúteis parasitas da sociedade humana. Como a Igreja tem olvidado que, embora precise estar no mundo, não há de ser do mundo!

Corromper a Igreja é um pecado terrível. Todos os ímpios serão destruídos. Esta é uma nota que soa incessantemente nas Escrituras. Mas um dos piores dos pecados é, falando em nome de Cristo, impingir mentiras na Igreja, para tomarem o lugar da verdade cristã. Aqueles que assim fazem, devem perceber a advertência para eles que há no juízo dos anjos caídos, v. 4, do mundo na época de Noé, v. 5, e de Sodoma e Gomorra, v. 6.

Capítulo 3. A Demora da Vinda do Senhor

O tempo da vinda do Senhor, vv. 1-15. Jesus fizera algumas declarações pelas quais se podia entender que Sua volta se daria naquela geração, Mt 16:28; 24:34. Os apóstolos usaram expressões que indicavam a proxi-

midade da aparição do Senhor, Rm 13:12; Hb 10:25; Tg 5:8; Ap 1:3. Todavia, na Parábola dos Talentos, deu a entender que Sua volta podia se dar "depois de muito tempo", Mt 25:19. Na Parábola das Dez Virgens, sugeriu que as "sábias" foram as que se preveniram para uma "demora" na volta do noivo, Mt 25:4. Paulo advertiu contra a confiança demasiada na iminência da volta do Senhor, e declarou, expressamente, que não se daria senão depois da "apostasia", 2 Ts 2:2-3. Pedro, neste capítulo, dá a entender que, na expectação humana, pode estar na proporção de 1.000 anos para um dia, v. 8, implicando a possibilidade de vir a ocorrer milhares de anos no futuro. Deus não conta o tempo como o homem. Para Ele, 1.000 anos são como o dia de ontem quando já passou, Sl 90:4. Ele cumprirá Sua promessa de acordo com a Sua cronologia, e não com a do homem. Estas passagens, no seu conjunto, parecem indicar que Deus teve a intenção de cada geração viver na expectativa da vinda do Senhor.

Depois de 2.000 anos de espera, que influência pode ter tudo isto em nossa atitude para com a vinda de Cristo? Vamos abandonar a esperança? Nunca. Pelo menos, Sua vinda está 2.000 anos mais próxima do que outrora. A "preciosa promessa" pode estar mais perto de realizar-se do que pensamos.

A razão da demora, v. 9. Este vers. parece dizer que a oportunidade de salvação expirará com a vinda do Senhor. A demora, por conseguinte, tem por motivo a esperança de que a colheita do Evangelho seja a mais abundante possível.

Fogo, vv. 7,10. A vinda do Senhor é comparada ao dilúvio. Pedro ouvira Jesus dizer isto, Mt 24:37-39; Lc 17:26-27. A terra foi destruída pela água. Na próxima vez sê-lo-á pelo fogo. Fogo literal? O dilúvio foi água de verdade, que só destruiu o que estava na superfície. A terra continuou a mesma. O fogo que virá vai consumir só a superfície da terra? Ou esta será destruída por explosão? Ou por colisão com outro corpo celeste? Os astrônomos dizem que uma coisa e outra acontecem de fato. Existem as tais "novas", ou sejam novas estrelas, que aparecem de súbito, aumentam ràpidamente de brilho, e depois, aos poucos, vão se desvanecendo até desaparecerem com a explosão de uma estrela morta, isto é, que envelheceu. A terra é hoje uma destas, ou antes o fragmento de uma que certa vez se desprendeu do sol qual massa incandescente. Quando os planos de Deus se tiverem realizado, ela pode, explodindo de dentro, ou colidindo com outro corpo celeste, inflamar-se, de novo, e tornar-se em massa fervente de chamas. Desta situação, Deus livrará Seu povo, e depois haverá novos céus e nova terra, v. 13.

Pedro, finalizando, menciona as Epístolas de Paulo, v. 15, e as classifica como Escrituras, v. 16. Assim como na sua Primeira Epístola Pedro falou da Palavra de Deus como sendo a fonte da regeneração, 1 Pe 1:23, e o meio de crescimento, 1 Pe 2:2, assim também nesta Epístola que prediz a Apostasia dentro da Igreja, Pedro insiste que o conhecimento de Cristo mediante Sua Palavra nos ajudará a confirmar nossa vocação e eleição, 1:2,4,10; e que a melhor maneira para a Igreja combater a apostasia e se conservar livre e impoluta, sem a corrupção mundana, é apegar-se à Palavra de Deus, transmitida pelos Profetas e pelos Apóstolos, 1:19; 3:2.

1 JOÃO

Jesus é o Filho de Deus

Os que O Seguem Devem Proceder Retamente

Se Somos dEle, Amar-nos-emos uns aos Outros

Esta Epístola, como a de Hebreus, não menciona seu autor nem as pessoas a quem é dirigida, apesar de ser intensamente pessoal, como o indica o uso freqüente dos pronomes **Eu** e **Vós.** Desde o princípio, tem sido reconhecida como carta circular do Apóstolo João às igrejas das cercanias de Éfeso, tendo como objetivo dar ênfase aos pontos essenciais do Evangelho, e avisar contra heresias incipientes que, mais tarde, produziram uma forma corrupta e paganizada de cristianismo.

João

De acordo com antiga tradição, João fez de Jerusalém seu centro de operações, cuidando da mãe de Jesus enquanto ela viveu, e, depois da destruição de Jerusalém, fixou residência em Éfeso, que, no fim da geração apostólica, tornara-se o centro da população cristã, tanto em número como pela posição geográfica. Aí viveu e chegou à idade avançada. Seu cuidado especial era pelas igrejas da Ásia Menor. Entre seus discípulos, contavam-se Policarpo, Papias e Inácio, que vieram a ser, respectivamente, bispos de Esmirna, Hierápolis e Antioquia. Escreveu o Evangelho, três Epístolas e o Apocalipse, perto do fim do século.

Cenário que Serve de Fundo à Epístola

O cristianismo já estava no mundo havia uns sessenta ou setenta anos, e, em muitas partes do Império Romano, tornara-se uma religião importante e de poderosa influência. Naturalmente, houve toda espécie de tentativas para amalgamar o Evangelho com as filosofias e sistemas de idéias dominantes.

Certa forma de gnosticismo, que despedaçava as igrejas no tempo de João, exagerava o valor do intelectualismo e sustentava que há, em a natureza humana, um irreconciliável princípio dualista; que espírito e corpo são duas entidades separadas, que se hostilizam; que o pecado reside apenas na carne. O espírito poderia ter seus arrebatamentos; o corpo poderia fazer como queria. A piedade mística, mental, elevada seria inteiramente consistente com uma vida sensual voluptuosa. Negavam a encarnação e sustentavam que Cristo era homem só na aparência, um fantasma.

Em Éfeso, era líder dessa seita um indivíduo chamado Cerinto. Dizia ter experiências místicas íntimas, e elevado conhecimento de Deus, mas era voluptuoso como os maus mestres que perturbavam as sete igrejas, Ap 2:2,6,14,15,20,21. Através desta Epístola, parece que João tinha em mente esses herejes quando insiste que genuíno conhecimento de Deus deve resultar em transformação moral, e que Jesus foi a manifestação verdadeira, material e autêntica de Deus na carne.

Capítulo 1:1-4. A Encarnação

Deus Se tornou carne, em forma humana. 21 vezes nesta Epístola, Jesus é chamado Filho de Deus. 12 vezes Deus é chamado o Pai. Assim, a divindade de Cristo e a relação especial de Pai e Filho que existe entre Deus e Jesus, é a ênfase especial desta Epístola.

João era o amigo mais íntimo de Jesus quando Este vivia na terra. Durante três anos João acompanhou Jesus nas Suas viagens pela Palestina, servindo a Ele dia e noite, enquanto Jesus operava Seus milagres portentosos. Na Última Ceia, João estava reclinado sobre o peito de Jesus, enquanto Jesus falava da Sua crucificação que se aproximava.

Para João, Jesus não era fantasma, nem sonho, nem mera visão; era uma Pessoa real, a encarnação da vida, da vida eterna, v. 2.

E João escreveu sua Epístola para que outros pudessem participar do seu sentimento de comunhão, companheirismo e alegria, com Cristo e com o Pai, e com os crentes, vv. 3, 4.

Capítulo 1:5-10. Deus é Luz

É assim que começa o Evangelho de João, Jo 1:4. Jesus o afirmara, Jo 8:12. Muitas expressões desta Epístola assemelham-se às de Jesus. "Luz" aí representa o domínio da verdade, justiça, pureza, alegria e glória inefável de Deus. "Treva" representa este mundo de erro, maldade, dúvida, tristeza, ignorância, iniqüidade. Num sentido mais real e literal "luz" aí pode ser um atributo de Deus além do alcance da compreensão humana. Deus "habita em luz inacessível", 1 Tm 6:16. Deus "se veste de luz", Sl 104:2 "Pai das Luzes" é um dos nomes de Deus, Tg 1:17. As vestes de Jesus, na Transfiguração, tornaram-se "resplandecente e sobremodo brancas", Mc 9:3. O anjo, na ressurreição de Jesus, tinha "a veste alva como a neve", Mt 28:3. Os dois anjos que apareceram em Sua ascensão estavam "vestidos de branco", At 1:10. Na visão de Ap 1:14-16, a cabeça e cabelos de Jesus "eram brancos como neve". Ver mais sobre Ap 3:4.

Capítulo 2. Andar na Luz. O Anticristo

Andar na luz, vv. 1-17. Andar com Deus não significa estar sem pecado. Pecamos no passado e ainda resta pecado em nossa natureza. É em virtude, não de nossa impecabilidade, mas da morte de Cristo pelo nosso pecado, que temos comunhão com Deus. No momento em que temos consciência de qualquer ato pecaminoso, se o confessamos com genuína humildade, nossa associação com Deus continua. Uma das condições de sermos perdoados é "guardarmos seus mandamentos", vv. 4-6. Todavia, o pecado é em si mesmo uma falta de guardar esses mandamentos. É este um dos paradoxos de João. O homem mais santo tem invariavelmente profunda consciência de sua pecaminosidade. Ver mais sobre 3:1-12.

"Anticristo", vv. 18,22; 4:3; 2 Jo 7. A palavra não ocorre em outra parte da Bíblia. Identifica-se comumente com o "homem do pecado" de 2 Ts 2, e a "besta" de Ap 13. A Bíblia, porém, não faz a identificação. A linguagem implica que os leitores de João foram instruídos a esperar um anticristo relacionado com o fim da era cristã, v. 18. Entretanto, ele dá

este nome não a uma pessoa, mas ao grupo inteiro dos mestres anticristãos, v. 18; 4:3. A idéia do N.T. parece ser que a apostasia se levantaria no seio da cristandade, manifestar-se-ia de muitos modos e finalmente culminaria em uma pessoa, ou instituição, ou em ambas.

Capítulo 3. Justiça. Amor

Justiça, vv. 1-12. Há declarações muito fortes neste capítulo acerca do pecado: "Quem peca não conhece a Cristo." "Quem peca é do diabo." "Quem é gerado de Deus não pode pecar", vv. 6,8,9. Todavia, em 1:8,10 João afirmou: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos", e "se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso." Como explicar estas declarações paradoxais? 1.º Há diferença entre pecados voluntários e habituais, e pecados por fraqueza. É em grande parte uma questão da natureza íntima. Uma águia pode mergulhar as asas na lama e ainda ser águia. Um justo pode cair no pecado, e ainda ser um justo. 2.º Há diferença entre o absoluto e o relativo. Comparados com Deus, somos pecadores. Comparando-nos com os padrões humanos ordinários, há uma diferença nítida entre o homem justo e o mau, mesmo que o justo não esteja isento de pecado. 3.º João podia ter em mente certos mestres herejes que, enquanto se declaravam em superior comunhão com Deus, ao mesmo tempo chafurdavam-se na imundícia da imoralidade como a Jezabel de Tiatira, Ap 2:20.

Amor, 3:13-24. A nota dominante desta Epístola é o amor. "O amor é de Deus," 4:7. "Deus é amor," 4:8. "Quem permanece no amor, permanece em Deus." "Todo aquele que ama é nascido de Deus." "Todo aquele que ama, conhece a Deus," 4:7. "Quem não ama, não conhece a Deus." "Quem não ama permanece na morte," 3:14. "Quem odeia a seu irmão é homicida," 3:15. "Se alguém diz, Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso," 4:20. "Sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos," 3:14. "Quem não ama a seu irmão, a quem vê, como pode amar a Deus, a quem não vê?" 4:20. "Quem vê a seu irmão em necessidade e fecha-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus?" 3:17. "Amamos porque Ele nos amou primeiro," 4:19. "Amados, amemo-nos uns aos outros," 4:7. "O perfeito amor lança fora o medo," 4:18.

Capítulo 4. Falsos Profetas. Amor

"Provai os espíritos", vv. 1-6. Que quer dizer isto? Na geração apostólica abundavam dons especiais do Espírito Santo, 1 Co 12, e também contrafacções desses dons, feitas para impor uma doutrina falsa. O critério para se averiguar a sua genuinidade era o conteúdo da mensagem por eles apresentada — se reconhecia a divindade de Cristo.

O amor, vv. 7-21. João volta para seu tema favorito, o Amor, nota tônica da Epístola. Insiste sempre que o sermos salvos pela graça de Cristo não nos desobriga da necessidade de obedecermos aos mandamentos de Cristo. E o mandamento principal de Cristo é sobre o amor. Conhe-

cemos a Cristo se guardamos os Seus mandamentos, 2:3. Aquele que diz conhecer a Cristo, e não guarda os Seus mandamentos, é mentiroso, 2:4. Aquele que guarda os seus mandamentos permanece em Deus, 3:24. Aquilo que pedimos, dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos, 3:22. Amemo-nos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou, 3:23. Temos da parte dele este mandamento, que aquele que ama a Deus, ame também a seu irmão, 4:21. Este é o amor de Deus, que guardemos os seus mandamentos, 5:3. Conta-se que quando João ficou velho, e fraco demais para andar, tinha que ser carregado para a igreja e, ao falar, dizia sempre: "Filhinhos, amai-vos uns aos outros. É o mandamento do Senhor".

Capítulo 5. A Certeza da Vida Eterna

Sabemos que temos a vida eterna, 1:21. "Saber", "Conhecer", é uma das palavras-chaves desta Epístola. "Nós os conhecemos." "Sabemos que estamos nEle." "Sabemos que seremos semelhantes a Ele." "Sabemos que passamos da morte para a vida." "Sabemos que somos da verdade." "Sabemos que Ele permanece em nós." "Sabemos que permanecemos nEle." "Conhecemos o amor que Deus nos tem." "Sabemos que Ele nos ouve." "Sabemos que somos de Deus." "Eu vos escrevi *para que saibais que* tendes a vida eterna." É possível que a palavra fosse enfatizada de modo especial por causa do gnosticismo dominante, cuja palavrinha querida era "conhecimento". Nos seus devaneios a respeito de coisas que ignoravam, eles "sabiam" de muitas que não eram verdadeiras. João repete muitas vezes umas poucas coisas que os cristãos sabem com certeza, e que são reais.

A vida eterna, v. 13. Esta expressão é usada muitas vezes no Evangelho de João. Começa a vida eterna quando a pessoa se torna cristã, e nunca tem fim. É vida de qualidade divina e duração infinda. O objetivo desta Epístola é assegurar-nos que essa vida é nossa, v. 13. Muitos cristãos se desanimam porque não se sentem seguros de sua salvação. Às vezes ouvimos dizer que, se não sabemos que estamos salvos, é sinal de que não o estamos. Achamos que isto é afirmar demais. É erro identificar certeza com salvação. Um recém-nascido certamente não sabe que nasceu, mas é um fato. Certeza vem com o crescimento. Cremos ser possível a um cristão sua fé tornar-se cada vez mais forte até, pelo menos para ele próprio, ela alcançar a plena certeza do conhecimento.

O pecado para a morte, v. 16. É provavelmente o pecado imperdoável de que Jesus falou, Mt 12:31-32. Um pecado semelhante é referido em Hb 6:4-6; 10:26. Ver nota sobre Hb 6:4-8.

2 JOÃO

Advertência Contra Falsos Mestres

"O presbítero", v. 1. Todos os outros Apóstolos já haviam morrido, fazia anos. Somente João ficou, o decano de toda a cristandade, já muito velho, o último sobrevivente dos companheiros de Jesus. Como lhe cabia bem o título de "presbítero" (ancião)!

"À senhora eleita", v. 1. Não há meio de saber se a palavra "Cyria", traduzida "senhora", se refere a uma pessoa, ou a uma Igreja, simbolicamente chamada pelo nome dela. Se era uma Igreja, então os "seus filhos" eram os membros da congregação. Se era uma pessoa, era provavelmente uma senhora muito conhecida e proeminente, que morava em alguma parte não distante de Éfeso, em cuja casa uma Igreja se reunia. A "irmã eleita", v. 13, ou era a congregação em que João residia, ou era outra senhora cristã proeminente.

"Verdade", vv. 1-4. É uma das palavras favoritas de João. No Evangelho segundo João emprega-se mais do que 20 vezes. 9 vezes em 1 João. 5 vezes em 2 João. 5 vezes em 3 João. Amar na verdade, v. 1. Andar na verdade, v. 3. Cooperar na verdade, v. 8. Dar testemunho à verdade, v. 12.

Os falsos mestres, vv. 7-11: São estes o mesmo grupo de homens referidos em 1 Jo 2:18-29. Iam de lugar em lugar atacando as igrejas, ensinando, em nome de Cristo, doutrinas que eram inteiramente subversivas da fé cristã. Esta carta foi escrita para advertir à "senhora eleita" que não exercesse hospitalidade com tais mestres. A advertência é prefaciada com uma exortação ao "amor", vv. 5-6, como a indicar que a prática do amor cristão não significa que devamos encorajar os inimigos da verdade.

Outras cartas. João escreveu outras cartas, 1 Jo 2:13-14; 3 Jo 9, talvez muitas. Esta e 3 João foram escritas a amigos a quem ele esperava visitar em breve; são cartas particulares. Cartas como estas não tinham a mesma oportunidade de circulação, como era o caso das que foram dirigidas a igrejas. Devido à sua brevidade e à natureza de cartas particulares, eram geralmente menos lidas nas assembléias cristãs, e geralmente menos citadas pelos pais da Igreja, em vista de serem menos conhecidas. Estas duas Epístolas, sob a direção do Espírito de Deus, escaparam de cair no olvido e foram preservadas para a Igreja, possivelmente por estarem juntas ao exemplar de 1 João na igreja ou igrejas específicas onde foram recebidas.

3 JOÃO

Rejeição dos Auxiliares de João

Gaio, v. 1. Havia um Gaio em Corinto, 1 Co 1:14; Rm 16:23, em cuja casa, no tempo de Paulo, uma igreja se reunia. Há uma tradição de que ele mais tarde veio a ser escriba de João. No v. 4 é chamado "filho", indicando que seria um convertido de João. João o amava muito, vv. 1, 2,5,11.

Diótrefes, v. 9. Se Gaio e Diótrefes eram pastores de diferentes congregações na mesma cidade, ou membros eminentes de uma mesma congregação, não o sabemos. Diótrefes era, provavelmente, um dos falsos mestres arrogantes referidos em 1 João. Aparentemente, a alguns destes evangelistas de João, numa de suas excursões, fora recusada admissão na igreja sobre a qual Diótrefes presidia, porém Gaio os recebera. Voltando eles a Éfeso, relataram o caso à igreja, sede do apóstolo, v. 6. Agora iam fazer nova visita à mesma localidade, levando esta carta a Gaio.

Os auxiliares de João, vv. 5-8. Paulo, uns quarenta anos antes, estabelecera igrejas em Éfeso e seus arredores, mas não dispunha de seminários que lhe fornecessem pastores. Tinha de fazer, de convertidos seus, os pastores de que precisava. Mais tarde João, assumindo o cuidado pastoral dessas igrejas, ao que parece, reuniu em torno de si e adestrou grande número de mestres e pregadores que o auxiliassem.

"Prosperidade", v. 2. Temos aqui uma oração, de pessoa muito íntima de Cristo, para que um crente fosse abençoado tanto no temporal como no espiritual: indicação de que não é erro, aos olhos de Cristo, alguém possuir bens e vantagens deste mundo. O próprio João, pelo menos nos primeiros anos de sua vida, fora pessoa de recursos. Mas este mesmo João adverte contra o amor às coisas deste mundo, 1 Jo 2:15-17.

JUDAS

Iminente Apostasia

A Fé uma Vez por Todas Entregue aos Santos

Judas

Houve dois Judas no N.T.: um dos doze, Lc 6:16, e um irmão de Jesus, Mt 13:55. Este último é geralmente considerado o autor desta Epístola.

Netos de Judas. Eusébio relata que Domiciano, perseguindo os cristãos, 96 d.C., e dando caça aos herdeiros do reino de Davi, mandou prender os netos de Judas, irmão de Jesus. Disseram ao imperador que eles eram lavradores, viviam do trabalho de suas mãos, e que "o reino de Cristo não era deste mundo, mas seria manifestado na consumação dos tempos, quando Ele viria em glória para julgar os vivos e os mortos."

Lugar e Data

A semelhança de situação com a mencionada em 2 Pedro sugere a possibilidade de ter sido endereçada esta Epístola às mesmas igrejas que, ao que parece de 2 Pe 3:1, eram aquelas às quais 1 Pedro fora dirigida, que ficavam na Ásia Menor, 1 Pe 1:1. Provavelmente, por volta de 67 d.C.

Ocasião da Carta

Parece que Judas tivera o plano de escrever uma declaração geral mais circunstanciada do Evangelho a esse grupo de igrejas, nas quais parecia ter interesse pessoal e pastoral, v. 3, quando notícias de súbito aparecimento de uma heresia assoladora dispuseram-no a expedir esta enérgica advertência, vv. 3, 4.

Os Falsos Mestres, vv. 4-19

Os epítetos medonhos que Judas emprega, referem-se não ao mundo, mas a certos líderes na Igreja, v. 4. "Ímpios", "transformam em libertinagem a graça de Deus", "negam a Cristo", "como Sodoma, entregues à prostituição e seguindo após outra carne", "sonhadores que contaminam a carne", "rejeitam governo", "difamam autoridades", "difamam quanto ao que não entendem", "como irracionais", "prosseguem pelo caminho de Caim" (homicidas, Gn 4:3-8), "precipitam-se no erro de Balaão" (o profeta venal, Nm 23; 24; 31:8,16; Ap 2:14), "pereceram na revolta de Coré" (contra Moisés, Nm 16), "pastores que a si mesmos se apascentam", "nuvens sem água", "árvores sem frutos", "ondas bravias, que espumam as suas próprias sujidades", "estrelas errantes", "murmuradores", "descontentes", "andam segundo as suas paixões", "propalam grandes arrogâncias", "aduladores dos outros, por motivos interesseiros", "escarnecedores", "promovem divisões", "sensuais", "não têm o Espírito."

Esses falsos mestres já se haviam intrometido, v. 4, e, todavia, são referidos como a aparecerem "no último tempo", v. 18. Embora primeiramente a referência seja a alguma classe particular de homens dos dias de

Judas, pode ser uma caracterização geral de toda a corporação de falsos mestres que, através dos séculos, corromperiam por dentro a Igreja, e assim estorvariam a obra redentora de Cristo. Os que conhecem a História Eclesiástica bem sabem quanto a Igreja tem sofrido com tais homens.

Os Anjos Caídos, v. 6

Esta e 2 Pe 2:4 são as únicas referências bíblicas à queda dos anjos (Ap 12:9 parece se referir à derrota posterior deles). Pensam alguns que é alusão a Gn 6:1-5, onde se fala que os "filhos de Deus" se misturaram pelo casamento com as "filhas dos homens". Mais provavelmente, refere-se a um fato anterior, quando Satanás liderou a rebelião de certos anjos contra Deus.

A Contenda de Miguel Com o Diabo, v. 9

Miguel é mencionado em Dn 10:13,21 como "príncipe", e em Ap 12:7 como comandante de anjos, mas somente nesta passagem é chamado "arcanjo". O sepultamento de Moisés vem referido em Dt 34:5-7. Mas a disputa de Miguel com Satanás a respeito do corpo de Moisés não é relatada ali. Diz Orígenes que a declaração de Judas é referente a uma passagem do livro apócrifo "Assunção de Moisés", que foi escrito mais ou menos quando Cristo nasceu, existindo hoje do mesmo apenas uma parte, não constando nela tal passagem. Judas pode ter conhecido de outras fontes o incidente. Diz Josefo que Deus escondeu o corpo de Moisés para que não fizessem dele um ídolo. Possivelmente, Satanás quis o corpo para incitar Israel a idolatrá-lo. Referindo o incidente, Judas parece ratificar sua historicidade. Serviu como exemplo contra o pecado da "infamação": mesmo o Arcanjo, a mais elevada das criaturas, não proferiu impropérios contra o Diabo, o mais degradado dos seres criados.

A Profecia de Enoque, vv. 14, 15

É a única alusão bíblica à profecia de Enoque. A curta história de sua vida é narrada em Gn 5:18-24, mas não há menção de qualquer palavra sua. A citação de Judas é feita do Livro de Enoque, apócrifo, escrito por volta de 100 a.C. Evidentemente, ele considera essas palavras como de fato da autoria de Enoque. Assim, quando Adão, fundador da raça, ainda era vivo, Enoque (contemporâneo seu durante 300 anos) profetizou a vinda final do Senhor, com Seus anjos, para executar juízo sobre a raça desobediente. O fato de Judas sancionar uma passagem do livro, não importa na sanção do livro todo.

APOCALIPSE

O Grandioso Final da História Bíblica

Hino de Vitória

O Triunfo Final de Cristo

Novos Céus e Nova Terra

O Livro do Apocalipse baseia-se no discurso de Cristo sobre as coisas por vir e é dele uma explanação mais ampla, Mt 24; Mc 13; Lc 21. Está cheio de expressões empregadas por Jesus e tira muitas de suas figuras de Ezequiel e Daniel.

Autor. O próprio Deus. É esta a primeira declaração do Livro. O próprio Deus o notificou a João, por meio de Jesus Cristo, por intermédio de um anjo, e João o registrou e enviou o Livro resultante para as sete igrejas, 1:1,4. Há críticos racionalistas modernos que entendem que o Livro não contém nada de profecia inspirada, mas apenas "a atividade desenfreada da fantasia religiosa, revestindo-se de forma visual irreal". A tal opinião rejeitamos com desgosto.

Cremos absolutamente que o Livro é exatamente aquilo que se declara ser; que traz consigo a marca do seu divino Autor; que algumas das suas passagens são entre as mais sublimes e as mais preciosas da Bíblia inteira; que sua grandeza, que vai atingindo um clímax, forma uma terminação condigna da história bíblica; e que suas visões gloriosas da obra completada de Cristo fazem que o Livro seja um verdadeiro caminho de Deus para chegar à alma humana.

Autor humano. Segundo tradição bem estabelecida, desde a época dos Pais Apostólicos, e no julgamento da grande maioria dos cristãos, o Apóstolo João, o "Discípulo amado", o mais íntimo amigo terrestre de Jesus, escritor do Evangelho de São João, foi o escritor deste Livro, 1:1,4,9; 22:8; Jo 21:20,24. A sugestão, que decerto surgiu do desejo de lançar dúvidas sobre o Livro, que trata-se de algum outro João, não tem fundamentos.

Data. João tinha sido banido à Ilha de Patmos, 1:9. Segundo tradições da era apostólica, isto ocorreu durante a perseguição promovida por Domiciano, cerca de 85 d.C. No ano seguinte, 86 d.C., João foi libertado, e foi permitida sua volta a Éfeso. O emprego do passado do verbo, "achei-me na ilha chamada Patmos", parece indicar que João, tendo recebido suas visões em Patmos, só registrou tudo por escrito depois de libertado, de volta na cidade de Éfeso, em 86 d.C.

Livros Sobre o Apocalipse. Uma coisa que impressiona a quem examina a vasta literatura existente sobre o livro do Apocalipse é o **ABSOLUTO DOGMATISMO** com que tantos autores expõem suas opiniões. Se tais escritores e também pregadores mostrassem um pouco mais de humildade ao estabelecerem relação entre suas opiniões e a Palavra de Deus, essas opiniões valeriam mais. Outra coisa que espanta é a habilidade que alguns têm de explicar passagens dando-lhes sentido exatamente contrário à significação que naturalmente parecem ter.

Atitude para com o Apocalipse. Alguns escritores, pregadores e outros levam longe demais o Apocalipse ou seja, suas interpretações favoritas, e, por isso, em parte pelo menos, outros evitam-no por completo. Ambas atitudes são errôneas. O livro nem deve ser negligenciado nem por demais exaltado sobre os outros livros da Bíblia. Mas com certeza tem direito a uma parte razoável de dedicação e estudo por parte do cristão, e isto produzirá frutos que valem a pena.

Por que procurar compreender um livro a respeito do qual existe uma variedade infinda de opiniões? Ora, que coisa haverá acerca da qual não exista divergência de pareceres, até mesmo no que concerne aos assuntos mais simples? Não vale absolutamente essa desculpa para se negligenciar o Apocalipse.

É um livro muito prático. No livro há muitos mistérios, que não entendemos; também encerra muita coisa que entendemos e é um dos livros mais práticos da Bíblia. Incrustadas nas suas figuras estranhas e misteriosas acham-se algumas das mais salutares advertências e mais preciosas promessas de toda a Escritura. Muito provavelmente João mesmo não compreendeu algumas coisas que viu e escreveu. Sem dúvida, Deus quis significar algo, por meio destas visões, que só poderia ser revelado com o desenrolar da História nas eras futuras. Apesar disso, a alma de João vibrava e exultava quando ele meditava nas visões que teve. As freqüentes alternativas das mais simples verdades com simbolismo místico é uma das surpresas e experiências mais deleitáveis para o leitor do livro. E suas repetidas cenas, alternadamente na terra e no céu, ajudam a firmar a esperança no meio do desespero do mundo. É um livro de otimismo inquebrantável para o povo de Deus, que nos assegura repetidamente estarmos sob a proteção divina e que Deus nos defenderá de todo o mal e nos receberá por fim na glória eterna. É também um livro da "ira de Deus", sempre a contrastar as alegrias dos remidos com as agonias dos perdidos. E, quanto precisamos ser lembrados desse fato, nesta época de indiferença e impiedade!

Patmos. "Uma ilha que deve seu renome àquele que nela esteve preso." Fica 96 km a sudoeste de Éfeso; tem uns 16 km de extensão por uns 10 de largura: desprovida de árvores, e rochosa. Dizem que João esteve exilado aí, na perseguição de Domiciano, 95 d.C. e que foi solto, sendo-lhe permitido voltar a Éfeso sob o imperador seguinte, Nerva, 96 d.C., vivendo até o reinado de Trajano, que começou em 98 d.C. O pretérito do verbo em 1:9, "achei-me" em Patmos, parece indicar que, embora tivesse as visões nessa ilha, foi depois de solto que escreveu o livro, entre a perseguição de Domiciano e a de Trajano, tendo esta última começado em 100 d.C.

Pano de fundo histórico do Livro. Estas visões foram concedidas, e o Livro foi escrito, na luz lúgubre de mártires sendo queimados. A Igreja não tinha mais do que uns cinqüenta anos de vida. Tinha crescido enormemente. Tinha sofrido, e continuava a sofrer, enormes perseguições.

A primeira perseguição dos cristãos, promovida pelo Império Romano, levada a efeito uns vinte anos antes de ter sido escrito este Livro, foi a de Nero, 64-67 d.C. Naquela perseguição, multidões de cristãos foram crucificados, ou lançados aos animais selvagens, ou ainda, envoltos em roupas altamente combustíveis e queimados vivos enquanto Nero dava gar-

galhadas ao ouvir os gritos lancinantes de homens e mulheres morrendo queimados. No decurso desta perseguição de Nero, Paulo e Pedro sofreram o martírio.

A segunda perseguição imperial foi instituída pelo Imperador Domiciano, em 85-86 d.C. Foi curta, mas extremamente severa. Mais do que 40.000 cristãos foram torturados e mortos. Foi durante esta perseguição que João foi banido para a Ilha de Patmos, 1:9.

A terceira perseguição imperial, aquela de Trajano, estava para começar, 98 d.C. João tinha vivido no meio das duas primeiras perseguições, e estava prestes a entrar nesta terceira tentativa do Império Romano, de aniquilar a fé cristã. Foram dias negros para a Igreja. E dias ainda mais negros estavam para raiar (ver a descrição das perseguições, dada no capítulo sobre a História da Igreja).

E não havia só o problema da perseguição vindo de fora — havia também os sinais da corrupção e da apostasia que começavam a solapar a Igreja, vindos de dentro da Igreja.

Parece que o propósito de Deus, ao dar estas revelações, era fortalecer a Igreja para os dias terríveis que o futuro reservava para ela.

CONTEÚDO DO LIVRO

Cristo no Meio de Suas Igrejas

As Cartas às Sete Igrejas

Os Sete Selos

Visão de um Vencedor
Visão de Guerra
Visão de Fome
Visão de Morte
Visão das Almas dos Mártires
Visão de Convulsões na Terra
Selagem dos Servos de Deus
Visão dos Vencedores Celestiais

As Sete Trombetas

Saraiva, Fogo e Sangue sobre a Terra
Montanha em Chamas, Lançada ao Mar
Estrela Ardente Caída nos Rios
O Sol, a Lua e as Estrelas Escurecem
Flagelo de Gafanhotos Demoníacos
Exército de Cavalaria de 200.000.000 do rio Eufrates
Visão do Livrinho Aberto
A Medição do Templo
As Duas Testemunhas
O Reino do Mundo Torna-se o Reino de Cristo

Visão de uma Mulher, seu Filho e o Dragão
Guerra no Céu
A Mulher Foge para o Deserto
A Bësta

O Falso Profeta
O Cordeiro e os Seus 144.000
O Anjo Proclama o Evangelho Eterno
O Anjo Proclama a Queda da Babilônia
O Anjo Proclama a Condenação dos Adeptos da Besta
O Feliz Destino dos Que Seguem ao SENHOR
A Ceifa da Terra
A Vindima da Terra

As Sete Taças da Ira de Deus

Flagelo na Terra
Flagelo no Mar
Flagelo nos Rios
A Terra é Fustigada pelo Sol
O Trono da Besta Fica em Trevas
Seca-se o Rio Eufrates
A Batalha de Armagedom
Babilônia é Destruída do Ar

Babilônia, a Grande Meretriz
A Queda de Babilônia
A Ceia Nupcial do Cordeiro
O Cavalo Branco e os Exércitos do Céu
A Besta e o Falso Profeta São Lançados no Lago de Fogo
O Reino Milenário
Satanás Lançado no Lago de Fogo
O Dia do Juízo
O Novo Céu e a Nova Terra
Atesta-se Que a Visão é Palavra de Deus
O Último Aviso
O Último Convite

CENTRO DO PANORAMA DO LIVRO

A Luta entre o Cordeiro e a Besta
Com o Cordeiro: uma Mulher e a Santa Cidade
Com a Besta: o Dragão e o Pretenso Cordeiro

LANCES DA LUTA

1. A Besta Persegue o Cordeiro
2. O Cordeiro Desfere um Golpe Mortal na Besta
3. O Golpe Mortal é Curado pelo Pretenso Cordeiro
   A Mulher Torna-se Adúltera
   A Santa Cidade Torna-se Babilônia
4. A Mulher Volta ao Cordeiro
5. O Cordeiro Desfere o Golpe de Morte na Besta

Isto parece dizer que a primeira grande vitória da Igreja resulta numa transigência: Uma potência mundial funcionando em nome de Cristo, mas no espírito e com atitudes dos reis da terra: a conseqüência é a corrupção da Igreja, da qual esta, mais adiante, se purifica: vem então a vitória final.

O Número Sete. O Livro é composto ao redor do simbolismo do número sete. Há sete cartas para as sete igrejas, caps. 1-3. Sete selos e sete trombetas, caps. 4-11. Sete taças, caps. 15 e 16. Sete candeeiros, 1:12,20. Sete estrelas, 1:16,20. Sete anjos, 1:20. Sete Espíritos, 1:4. Um cordeiro com sete chifres e sete olhos, 5:6. Sete tochas, 4:5. Sete trovões, 10:3,4. Um dragão vermelho com sete cabeças e sete diademas, 12:3. A besta semelhante a leopardo, com sete cabeças, 13:1-2. A bêsta escarlate, com sete cabeças e dez chifres, 17:3,7. Sete montes, 17:9. Sete reis, 17:9-10.

O número sete se destaca em todas as partes da Bíblia. O sábado era o sétimo dia. O sistema levítico do Antigo Testamento alicerçava-se num ciclo de multiplicados de sete, ver Notas sobre Lv 25.

Jericó caiu depois de sete sacerdotes, com sete trombetas, terem marchado ao redor da cidade durante sete dias, e, no sétimo dia, terem marchado sete vezes e tocado sete vezes suas trombetas, Js 8. Naamã tinha que se banhar sete vezes no rio Jordão.

A Bíblia começa com os sete dias da criação, e termina com um Livro acerca do destino final do universo, escrito em símbolos de sete.

Sete é um número favorito na criação: há sete dias na semana. Sete notas na música. Sete cores no arco-íris.

Sendo empregado tão freqüentemente na Bíblia, o número sete deve ter um valor simbólico além do seu valor meramente numérico. Pensa-se que seu valor simbólico é representar coisas completas, plenitude, unidade, totalidade.

As sete bem-aventuranças do Apocalipse. Se este grupo de sete foi proposital, ou se aconteceu vir a ser de sete, não sabemos.

Bem-aventurados os que lêem esta profecia, 1:3.
Bem-aventurados os mortos que morrem no Senhor, 14:13.
Bem-aventurado aquele que vigia (pela vinda do Senhor), 16:15.
Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro, 19:9.
Bem-aventurado é aquele que tem parte na primeira ressurreição, 20:6.
Bem-aventurado aquele que guarda as palavras deste livro, 22:7.
Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras, 22:14.

Significação dos números. Certos números são usados com tanta freqüência que parece evidente a intenção de fazê-los falar uma linguagem própria, tendo sentido à parte do seu valor numérico. Vão aqui os significados que comumente se atribuem a alguns deles:

3: sinal numérico de Deus.
4: sinal numérico da natureza, criação.
7: 3 mais 4: sinal de totalidade.
12: 3 vezes 4: sinal do povo de Deus, Israel, a Igreja.
6: faltando para 7: sinal de deficiência.
10: sinal de potência mundana, como nos 10 chifres.
1.000: 3.ª potência de 10: grandeza suprema.
144: 12 vezes 12: significando a intensificação de 12.
144.000: 12 vezes 12 mil: a Igreja total.
Os significados podem variar ou coincidir, em diferentes passagens.

Termos usados no Livro. A palavra “anjo” ocorre em quase todos os capítulos. “Cordeiro” é usado em lugar do nome Cristo. “Mulher”, “espôsa”, “noiva”, “santos”, “a cidade santa”, “nova Jerusalém” empregam-se por igreja. “Dragão” usa-se para significar Satanás. As potências associadas a Satanás chamam-se “Besta”, “Besta parecendo cordeiro” ou “falso profeta”, a “grande meretriz” ou “Babilônia”. A palavra “anticristo” não ocorre em parte alguma do livro, o que é de admirar, em vista de seu uso freqüente nos livros que há acerca do Apocalipse.

INTERPRETAÇÕES

Há muitas interpretações diferentes do livro. Cada uma delas apresenta suas dificuldades. Qualquer que for aceita, alguns pormenores têm de ser forçados a enquadrar-se nela.

Todos concordam que o objetivo principal do livro é apresentar a vitória de Cristo. É um hino de triunfo entoado antes da batalha. Mas os intérpretes divergem quanto a particularidades de sentido.

Aproximadamente, há três classes gerais ou escolas de interpretação, havendo homens capazes e dedicados em todas elas — e cada qual, dentro de si mesma, conta com muita variação de idéias. Tais interpretações, nos comentários, são comumente chamadas “preterista” “futurista” e “histórica”; e são estes os termos que são usados nas páginas seguintes para indicar a maneira como os estudantes da Bíblia, de um modo geral, têm compreendido o Apocalipse.

A Interpretação **preterista** (de **pretérito**). Esta entende que o livro se refere principalmente a eventos dos seus dias, escrito para confortar uma Igreja perseguida, mas escrito em código que a Igreja daquela época haveria de compreender: a luta entre o cristianismo e o Império Romano.

A interpretação **futurista** (de **futuro**). Entende que a maioria dos fatos do livro ainda vai se realizar no futuro, e ocorrerá em breve espaço de tempo na época da vinda do Senhor.

A interpretação **histórica.** É de parecer que o livro foi destinado a antecipar uma vista geral de todo o período da História da Igreja, desde a época de João até o fim: uma espécie de panorama, uma série de quadros em que se delineiam as etapas sucessivas e aspectos importantes da luta da Igreja até à vitória final. É a interpretação mais largamente aceita, talvez tanto quanto todas as outras combinadas. Se é a correta, então os eventos de nossos dias, que se sucedem tão velozmente, podem adaptar-se bem ao quadro, fornecendo palco para alguns fatos muito interessantes que se desenrolam no mundo.

Pode-se acrescentar uma quarta interpretação, sustentada por alguns, chamada **Espiritualista,** a qual abstrai inteiramente as figuras do livro de qualquer referência a fatos históricos, da época de João, da época da Segunda Vinda, ou da História da Igreja, e considera-o como representação ilustrada dos grandes princípios do governo divino aplicáveis a todos os tempos.

Pode haver uma dose de verdade em todas estas interpretações. É possível que algumas das figuras se referissem primeiramente àquela época, em segundo lugar a fatos que ocorreriam mais adiante, e por último se referissem ao tempo do fim.

(Nota do Autor: Meu propósito, nas páginas seguintes, é apresentar as *interpretações mais comumente aceitas*, sem defender nenhuma delas nem expor minha própria opinião quanto a qual seja a correta. Minha opinião, em obra deste gênero, importa pouco, salvo para mim mesmo. Julgo útil a todos nós saber como é que outros estudantes da Palavra de Deus interpretam este livro misterioso. H.H.H.)

A INTERPRETAÇÃO PRETERISTA

De acordo com esta interpretação, o tema do livro é a vitória de Cristo sobre o império romano, e se relaciona quase que exclusivamente com a época de João. Sustentam que a linguagem é altamente figurada.

Os sete selos são simbólicos dos terríveis juízos prestes a desabar sobre o império, e da segurança da Igreja através de tudo isso.

As sete trombetas são outros juízos sobre o império, enquanto a Igreja continua segura.

A Besta é o império romano. O falso profeta é o sacerdócio organizado para impor o culto do imperador. Babilônia é a cidade de Roma.

As sete taças são os últimos juízos que provocam a queda de Roma. A isto se segue um milênio na terra.

A INTERPRETAÇÃO FUTURISTA

Segundo esta interpretação, as sete igrejas representam sete períodos da História da Igreja.

Quanto ao mais do livro, até o cap. 20 trata de um período de sete anos que precede imediatamente a segunda vinda do Senhor.

Os sete selos são um esboço do período de sete anos: as etapas do reinado do anticristo e a atividade evangelística pela qual muitos judeus e gentios serão salvos.

As sete trombetas são as horríveis torturas a que é submetida a terra durante o período, descritas literalmente.

A Besta é o anticristo, um ditador internacional, cabeça de um império de dez Reinos. Babilônia, sede do anticristo, será literalmente metrópole mundial.

As sete taças são as catástrofes que sobrevirão à terra durante o reinado do anticristo.

O milênio será literalmente mil anos, em que Cristo, com Seus santos, reinará na terra.

A INTERPRETAÇÃO ESPIRITUALISTA

De acordo com esta, o livro não se refere absolutamente a fatos históricos — nem aos do tempo de João nem aos do fim nem aos do interregno — mas apresenta ilustrações, em linguagem altamente figurada, de "certas verdades religiosas a se cumprirem na experiência da Igreja", "grandes princípios em conflito constante", "as forças morais que estão forjando o destino do mundo", "uma certeza da infalível justiça de Deus", "o conflito, descrito em termos do primeiro século, que se fere entre o bem e o mal, através de todos os tempos, capaz de ter infinitas aplicações", "a supremacia final do bem sobre o mal".

A INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA

Esta inclui certos pontos de vista das interpretações preterista e futurista. Abrange muito mais espaço do que qualquer uma delas: é o período

que, até agora, cobre quase 2.000 anos, contra uma só geração dos preteristas e apenas 7 anos dos futuristas. Oferece, portanto, terreno para maior diversidade de opiniões, requerendo, nas páginas seguintes, mais espaço para explicações. Vão aqui algumas das expressões gerais usadas por esta escola de interpretação na definição do Apocalipse:

"Sublime panorama da marcha de Cristo através da História."
"Delineamento dos pontos salientes da História da Igreja."
"História escrita antecipadamente."
"História progressiva dos destinos da Igreja."
"Nosso companheiro por todo o curso da História."
"Visão das eras."
"História da viagem da Igreja através do deserto."
"Manual de viagem da Igreja."
"Quadros das grandes épocas e crises da Igreja."
"História do conflito multissecular da Igreja."
"A Igreja em conflito com o poderio do mundo."
"Quadros dos conflitos e sofrimentos da Igreja."

Há uma variedade tão grande de opiniões sobre quais eventos e épocas são prefigurados, e também se as visões devem ser consideradas paralelas ou se figuram em sucessão cronológica, que não é possível apresentar, em espaço exíguo, uma sinopse representativa de todo este grupo de intérpretes. Em geral eles se mostram mais confiantes quando discutem o que já aconteceu, do que quando expõem suas opiniões relativamente ao que ainda está para vir. Damos abaixo a sinopse de uma das interpretações históricas mais comumente aceitas:

1.º Selo: Era de Prosperidade no Império Romano ...	100-200 d.C.
2.º ao 4.º Selos: Desastre no Império Romano	200-300 d.C.
5.º Selo: Era de Perseguição	100-300 d.C.
6.º Selo: Revolução: Cristianização do Império	313-400 d.C.
1.ª à 4.ª Trombetas: Queda do Império Romano	400-476 d.C.
5.ª Trombeta: Surto do Maometismo	637-786 d.C.
6.ª Trombeta: Surto do Poderio Turco	1057-1453 d.C.
Aberto o Livrinho: Era da Bíblia Aberta	1500- d.C.
Medição do Templo: Era da Reforma da Igreja	1500- d.C.
As Duas Testemunhas: a Igreja e a Bíblia	1500- d.C.
A Besta: Poder Mundial Conferido ao Papado ..	600-1800 d.C.
O Falso Profeta: a Igreja Apóstata no Poder	600-1800 d.C.
Babilônia: Roma Papal	600-1800 d.C.
1.ª à 5.ª Taças: Juízos que Abatem o Poder Papal	1600-1900 d.C.
6.ª Taça e o Que Se Segue	Ainda no Futuro

Capítulo 1. Cristo no Meio das Igrejas

Revelação, v. 1. É isto a definição que o Livro dá de si mesmo: uma revelação, desvendar, explicar, fazer conhecido, as coisas que hão de acontecer, 1:1,19; 4:1. Assim, na sua primeira palavra, o Livro revela que é de predição profética. Foi escrito para isso: desvendar o futuro, dar o roteiro do futuro do destino da Igreja e da sua história.

É a Palavra de Deus, v. 2. Originou-se em Deus, foi dada a Cristo e enviada por um anjo a João, que a escreveu e enviou às sete igrejas, e

por elas a todas as outras igrejas. Assim, realmente, Cristo é o autor e João é apenas o estenógrafo.

Bem-aventurados aqueles que lêem e os que ouvem, v. 3. O livro começa e finda, 22:7, afirmando que há uma bênção para os que o lêem. Incluem-se aí tanto os que lêem para si como os que ouvem sua leitura pública na igreja. Naquele tempo os livros eram escassos e caros, e muitos, se queriam conhecer as Escrituras, tinham de depender da leitura pública. O largo uso, hoje, de Bíblias impressas não anula a necessidade e o valor dessa prática. A intenção de Deus foi que sua Palavra fosse lida e exposta regularmente nas igrejas.

A Palavra de Deus era destinada a ocupar o lugar de destaque nos cultos das igrejas. Naquela época, como ainda agora, e como sempre será. Pois é o meio instituído por Deus para conservar a Igreja fiel à sua missão.

Se os líderes das igrejas, desde o princípio, tivessem prestado a devida atenção a este aviso inicial, a Igreja poderia ter sido preservada da tremenda corrupção que a tem solapado no decurso dos séculos. E não deixa de nos pasmar que até ao dia de hoje, uma grande parte da liderança eclesiástica dá apenas um reconhecimento nominal do valor da Palavra de Deus nos cultos, dos quais a Palavra de Deus deve ser o próprio âmago.

O tempo está próximo, v. 3. "Venho sem demora", é frase repetida cinco vezes no livro; uma vez a Pérgamo, outra a Filadélfia e três vezes no último capítulo. Já faz quase dois mil anos e Ele ainda não veio. Mas, vistos pelo prisma da eternidade, mil anos são como um dia. Um dia Ele virá com presteza catastrófica, e é uma bênção conservarmo-nos sempre prontos para comparecer à Sua presença. Jesus veio no tempo marcado. Virá outra vez no tempo marcado.

Aquele que é, que era e que há de vir, v. 4. A eternidade da natureza de Deus, é uma doutrina que se enfatiza neste Livro.

"Aquele que vive pelos séculos dos séculos", 4:10.

"O Senhor Deus, o Todo-poderoso, aquele que era, que é e que há de vir", 4:8.

"Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o último", 21:6; 22:13.

"Eu sou o Alfa e o Ômega, diz o Senhor Deus, aquele que é, que era e que há de vir, o Todo-poderoso", 1:8.

"Eu sou o primeiro e o último, e aquele que vive; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos, e tenho as chaves da morte e do inferno", 1:17,18.

Num mundo em que os impérios surgem e declinam, no qual todas as coisas têm que perecer e passar, recebemos aqui a lembrança que Deus é imutável, infinito e eterno, e recebemos a promessa que Sua natureza divina pode ser atribuída a nós, para que nós, como Ele, e pela Sua graça, não sejamos passíveis da morte, e vivamos eternamente. Vivos pela eternidade afora! A imortal juventude! Quanto sentido isto dá à vida! Qual conforto para os santos enfrentando o martírio!

Cristo, soberano dos reis da terra, v. 5. É afirmação de Sua supremacia incondicional sobre o mundo. Nem sempre parece ser assim. Reis O têm desafiado e O continuam desafiando. Mesmo hoje, monstros infernais an-

dam pela terra como dominadores de homens. Mas a condenação deles é inevitável. O reino que Satanás uma vez ofereceu, e Cristo recusou, Este ainda possuirá, a Seu modo, e não ao modo do inimigo. Os remidos de todas as eras, as almas no Paraíso e os santos ora vivos, anseiam por esse dia jubiloso. E virá. Pois Cristo está no trono, mesmo quando tudo parece escuro. Não nos esqueçamos disto.

Pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados, v. 5. Salvos pelo sangue de Cristo. É esta outra doutrina enfatizada neste Livro.

"Com teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação", 5:9.

"Eles, pois, o venceram (a Satanás) por causa do sangue do Cordeiro", 12:11.

"Lavaram suas vestiduras, e as alvejaram no sangue do Cordeiro", 7:14.

"Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras, para que lhes assista o direito à árvore da vida", 22:14.

Há intelectuais melindrosos que se rebelam contra este pensamento. Mas é uma doutrina bíblica que aparece continuamente, enfatizada muitas vezes no Novo Testamento. E como isto nos toca os corações! Como amamos e adoramos a Cristo por causa disto, como O louvaremos pela eternidade afora!

A Ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos, v. 6. Este Livro está repleto de doxologias de louvor a Deus.

"Tu és digno, Senhor e Deus nosso, de receber a glória, a honra, e o poder", 4:11.

"Digno é o Cordeiro... de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor", 5:12.

"Ao nosso Deus que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertence a salvação. O louvor, e a glória, e a sabedoria, e as ações de graça, e a honra, e o poder, e a força sejam ao nosso Deus pelos séculos dos séculos", 5:13; 7:10,12.

"Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações!", 15:3.

"Aleluia! A salvação, e a glória e o poder são do nosso Deus... Aleluia! Aleluia! Aleluia! pois reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso. Alegremo-nos, exultemos, e demos-lhe a glória", 19:1-7.

Os quatro seres viventes, os vinte e quatro anciãos, uma centena de milhões de anjos, e vastas multidões dos redimidos de todas as nações, com uma voz como de muitas águas, fazem os céus ecoar com os louvores a Deus. Por que não ter louvores semelhantes em nossas igrejas? Por que não fazer o povo CANTAR?

Eis que vem com as nuvens, v. 7. A Vinda do Senhor, outra doutrina marcante deste Livro.

"Todo olho o verá, até quantos o traspassaram", 1:7.

"Conservai o que tendes, até que eu venha", 2:25.

"Se não vigiares, virei como ladrão", 3:3.

"Venho sem demora. Conserva o que tens", 3:11.

"Eis que venho como vem o ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia", 16:15.

"Eis que venho sem demora", 22:7.

"Eis que venho sem demora, e comigo está o galardão", 22:12.

"Certamente venho sem demora", 22:20. "Amém. Vem, Senhor Jesus", 22:20.

A Vinda do Senhor é uma das primeiras palavras neste Livro. E a última palavra é a oração que esta Vinda possa ser sem demora.

Cristo virá outra vez. Será a grande consumação da história da humanidade. Será nas nuvens, em poder e glória, visível ao mundo inteiro. Um dia de angústia e terror para os que rejeitaram a Cristo. Um dia de gozo inefável para os que pertencem a Cristo.

O próprio Jesus tinha falado estas coisas repetidas vezes, Mt 13:42; 13:50; 24:30,51; 25:30; 26:64; Lc 21:25-28. E, em At 1:9 e 11, narra-se que Cristo foi assunto ao céu numa nuvem, e que voltará do mesmo modo.

O Alfa e o Ômega, v. 8. São a primeira e a última letras do alfabeto grego. Jesus se denomina assim três vezes: aqui, em 21:6 e 22:13. O primeiro e último, o princípio e o fim, o eterno, o que vive, o vivo para sempre, de eternidade à eternidade. Por conseguinte, Ele conhece o futuro e vê todas as coisas à luz do seu resultado final.

O dia do Senhor, v. 10. Certamente não se refere a outra coisa senão ao "primeiro dia da semana", At 20:7; 1 Co 16:2, dia em que os cristãos se reuniam em comemoração da ressurreição do Senhor, dia santificado para sempre pelo mais importante evento da História. Como o sétimo dia fora guardado em comemoração da criação, o primeiro dia celebra a redenção.

No espírito, v. 10. Parece significar que suas faculdades foram completamente dominadas pelo Espírito de Deus, 4:2; 17:3; 21:10.

Escreve, v. 11. Esta foi a ordem procedendo da voz celestial.

"O que vês, escreve em livro e manda às sete igrejas", 1:11.

"Escreve, pois, as cousas que viste", 1:19.

"Ao anjo da igreja em Éfeso, escreve"... 2:1,8,12,18; 3:1,7,14.

"Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor", 14:13.

"Escreve: Bem-aventurados aqueles que são chamados à ceia das bodas do Cordeiro", 19:9.

Assim, enfatiza-se, repetidas vezes, da maneira a mais forte possível, que o próprio Deus mandou que seja escrito este Livro, e que Ele próprio ensinou João exatamente o que deveria ser escrito.

A visão de Cristo, vv. 13-18. Cabelos alvos como a neve, olhos como fogo, pés como bronze, uma espada na boca, Seu rosto como o sol, e Sua voz como o bramido do oceano. É este aspecto sob o qual o manso e humilde Salvador dos Evangelhos Se apresenta agora à Sua Igreja e com esta, cingido para a batalha. Guerreiro. Vencedor. Vai enfrentar inimigos encarniçados. É um convite aos que O seguem para que confiem na Sua direção. E não só isto, mas é um aviso enérgico e caloroso à Igreja de que Ele não tolerará tibieza ou infidelidade.

Anjos, v. 20. Os anjos desempenham um papel importante no panorama e no cenário deste Livro, inclusive dando instruções sobre sua composição.

Um anjo ditou o Livro a João, 1:2; 22:16.
Cada uma das sete igrejas tinha seu anjo, 1:20; 2:1, etc.
Um anjo se preocupou com o livro selado, 5:2.
100.000.000 de anjos cantaram louvores ao Cordeiro, 5:11-12.
4 anjos receberam poder para fazer dano à terra, 7:1-4.
Um anjo selou os eleitos, 7:3,4.
Os anjos se prostraram sobre seus rostos perante Deus, 7:11.
Um anjo estava encarregado das orações dos santos, 8:3-5.
Sete anjos tocaram as sete trombetas, 8:6,7, etc.
O anjo do abismo era rei do exército de gafanhotos, 9:11.
Quatro anjos soltaram os 200.000.000 de cavalarianos do Eufrates, 9:15,16.
Um anjo segurava o livrinho aberto, que anunciava o fim, 10:1,2,6.
Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão e seus anjos, 12:7.
Um anjo voando proclamou o Evangelho às nações, 14:6.
Outro anjo proclamou a queda da Babilônia, 14:8.
Um anjo anunciou a punição dos seguidores da Besta, 14:9,10.
Um anjo anunciou a seara da terra, 14:15.
Um anjo anunciou a vindima da terra, 14:18,19.
Sete anjos seguravam os sete últimos flagelos, 15:1.
Um anjo mostrou o julgamento da Babilônia, 17:1,5.
Um anjo anunciou mais uma vez a queda da Babilônia, 18:2.
Um anjo ajudou a desferir o último golpe na Babilônia, 18:21.
Um anjo presidiu a ceia da destruição da Besta, 19:17.
Um anjo segurou e prendeu Satanás, 20:2.
Um anjo mostrou a João a nova Jerusalém, 21:9.
Doze anjos guardavam as doze portas da nova Jerusalém, 21:19.
Um anjo proibiu João de adorá-lo, 22:9.

Há portanto, no Apocalipse, 27 referências diferentes às atividades dos anjos.

A palavra "Anjo" significa literalmente, "mensageiro". Conforme sua aplicação na Bíblia, significa usualmente, personalidades sobrenaturais do mundo invisível, empregados como mensageiros no serviço de Deus ou de Satanás.

Os anjos figuram em vários papéis na vida de Jesus. Em toda a Bíblia muita coisa se diz acerca dos anjos, ver a Nota sobre Mateus 4:11.

Os "anjos" das igrejas, 2:1, etc., podem ter sido, segundo o pensamento de alguns, mensageiros enviados pelas igrejas para visitarem o Apóstolo João em Patmos; ou, os pastores das igrejas; ou os anjos de guarda de cada igreja; ou, representativos celestiais das igrejas.

João, nas sete cartas, estava descrevendo, sob orientação divina, as avaliações que se fazem no céu, de igrejas na terra.

Capítulos 2 e 3. As Cartas às Sete Igrejas

As sete cidades. "Ásia" era a província romana que compreendia a parte ocidental da Ásia Menor, que agora é uma parte da Turquia. Êfeso era a sua principal cidade. 80 km ao N. ficava Esmirna. 80 km mais ao N., Pérgamo. 64 km a S.E. de Pérgamo, Tiatira. 56 km mais ao S., Sardes. 48 km mais a SE., Filadélfia. 48 km ainda mais a SE., Laodicéia, que ficava 160

km a leste de Éfeso. Tôdas elas ligadas entre si por uma grande estrada triangular. Estas cidades eram os principais centros dos respectivos distritos, e as igrejas representavam, sem dúvida, um considerável corte transversal das igrejas da Ásia. Das sete, só Éfeso figura em outra parte da história do N.T. Aí, Paulo realizara seu maior trabalho, e três de suas Epístolas se relacionaram com essa cidade: Efésios, 1 e 2 Timóteo. Tiatira é mencionada como cidade de Lídia, At 16:14. Laodicéia recebeu, de Paulo, uma carta, Cl 4:13-16, e estava em estreita ligação com a Igreja de Colossos. As outras quatro igrejas não se mencionam mais em parte alguma do N.T.

Mapa 71.

Religiões dominantes nas sete cidades. Havia principalmente o culto de Diana, cujo templo, em Éfeso, era naquele tempo uma das sete maravilhas do mundo. E o culto do imperador, cujo principal centro era Pérgamo. Cibele em Esmirna e Sardes, e Ártemis em Tiatira eram divindades aparentadas com Diana. O culto do imperador era a religião oficial do império romano; deixar de prestar-lhe homenagem era sinal de deslealdade. O culto de Diana acompanhava-se das mais grosseiras formas de prazeres imorais. Em 40 anos, desde que Paulo introduzira o Evangelho em Éfeso,

o cristianismo fez enorme progresso e efetuou sérias incursões por essas religiões. Uns dez anos depois que estas cartas foram escritas, Plínio escreveu ao imperador Trajano que os cristãos eram tão numerosos nessa região que os templos pagãos quase que estavam desertos.

O caráter das sete igrejas. Duas eram muito boas: Esmirna e Filadélfia. Duas muito más: Sardes e Laodicéia. Três eram em parte boas e em parte más: Éfeso, Pérgamo e Tiatira.

As igrejas boas, Esmirna e Filadélfia, compunham-se de classes mais humildes, e estavam sendo perseguidas.

As duas igrejas más, Sardes e Laodicéia, incluíam as classes governantes; no seu conjunto, tornaram-se cristãs só de nome, mas ainda eram pagãs no seu modo de vida.

Das três que eram em parte boas e em parte más: Éfeso era ortodoxa, mas ia-se tornando indiferente. Pérgamo era herética, porém, fiel ao nome de Cristo até ao martírio. Tiatira era igualmente herética, tolerando Jezabel, mas tendo crescente zelo.

A heresia. Relacionava-se com "prostituição" e o "comer de coisas sacrificadas aos ídolos". O vício sexual fazia mesmo parte do culto pagão, e era reconhecido como coisa adequada aos festivais do paganismo. As sacerdotizas de Diana e das divindades afins eram prostitutas públicas.

O caso havia perturbado as igrejas gentílicas desde o princípio. A carta circular dos Apóstolos em Jerusalém, uns 50 anos antes, Atos 15, expedida às igrejas gentílicas, embora tolerante no seu teor geral, insistia definidamente para que os cristãos se guardassem dessas práticas licenciosas, vinculadas à idolatria.

Nesse meio tempo, pagãos em grandes multidões tornaram-se cristãos e levaram algumas de suas velhas idéias para a nova religião. Os atrativos voluptuosos do culto de Diana exerciam tremendo poder sobre a natureza humana, e não foi fácil, aos que se haviam habituado a eles, abandoná-los. Naturalmente se faziam todas as tentativas para harmonizar essas práticas pagãs com a religião cristã. Muitos mestres cristãos professos, declarando-se inspirados de Deus, advogavam denodadamente o direito de livre participação em imoralidades pagãs.

Em Éfeso, os pastores cristãos, unidos, eliminaram tais mestres. Mas em Pérgamo e Tiatira, embora não devamos pensar que o grosso dos pastores sustentassem essa doutrina, toleravam, todavia, em suas fileiras aqueles que o faziam.

Capítulos 2 e 3. As Cartas às Sete Igrejas

Cada carta consistia do livro inteiro, com breve mensagem especial a cada igreja. Supomos que sete cópias do livro foram feitas, e uma enviada a cada cidade.

A mensagem especial a cada igreja começa, dizendo: "Conheço as tuas obras", e termina com uma promessa "ao que vencer", e com as palavras: "Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às igrejas." Esta última expressão era uma frase favorita de Jesus, Mt 11:15; 13:9; Mc 4:9,23; Lc 8:8; 14:35.

O caráter de cada igreja determina o aspecto específico da natureza de Cristo que Ele exibe à igreja, ou aviso enérgico, ou a consolação amorosa, conforme seja o caso.

A cinco das igrejas, se bem que Ele ande continuamente no meio delas, diz que "virá", para castigá-las ou premiá-las, sabendo que, se conseguir fixar a mente delas no dia em que terão de comparecer à Sua presença, o efeito será salutar.

Estas coisas diz aquele que.... Jesus citava os aspectos da Sua Pessoa que fossem mais aplicáveis a cada igreja individualmente; a cada igreja foi dirigida uma exortação dentro deste princípio.

A Éfeso, grande e poderosa igreja, que estava perdendo seu zelo: "Estas cousas diz aquele que conserva na mão direita ás sete estrêlas".

A Esmirna, igreja pobre e sofredora, enfrentando o martírio: "Estas cousas diz o primeiro e o último, que esteve morto, e tornou a viver".

A Pérgamo, igreja que tolerava os ensinadores de imoralidade: "Estas cousas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes".

A Tiatira, igreja de crescente zelo, mas tolerando Jezabel: "Estas cousas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo".

A Sardes, igreja morta, com fama de vida espiritual: "Estas cousas diz aquele que tem os sete espíritos de Deus".

A Filadélfia, igreja sem fama na cidade, mas fiel a Cristo: "Estas cousas diz... aquele que abre e ninguém fechará".

A Laodicéia, igreja morna: "Estas cousas diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira".

Conheço as tuas obras. A Éfeso: "Conheço as tuas obras, assim o teu labor como a tua perseverança".

A Esmirna: "Conheço a tua tribulação e a tua pobreza".

A Pérgamo: "Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás".

A Tiatira: "Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança".

A Sardes: "Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives, e estás morto".

A Filadélfia: "Conheço as tuas obras... guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome".

A Laodicéia: "Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente".

Ao vencedor. Em Éfeso: "Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore dà vida".

Em Esmirna: "O vencedor, de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte".

Em Pérgamo: "Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido".

Em Tiatira: "Ao vencedor... dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã".

Em Sardes: "O vencedor será assim vestido de vestituras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida".

Em Filadélfia: "Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus".

Em Laodicéia: "Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono".

Quem tem ouvidos, ouça. Com esta expressão, termina cada uma destas sete cartas: é o Senhor advertindo as igrejas da seriedade e da importância daquilo que lhes dizia.

Significação típica das sete igrejas. Pensam alguns que as sete igrejas representam sete eras da História da Igreja: considerando-as na ordem em que são mencionadas e os sucessivos períodos da Igreja em ordem cronológica.

O livro mesmo não diz que as sete igrejas são típicas de sete eras da Igreja. É conclusão a que chegam, comparando os traços característicos dessas igrejas com certos aspectos característicos da História Eclesiástica.

Outros acham que é necessário um esforço considerável para dividir a História Eclesiástica em sete épocas, a fim de corresponderem às características das sete igrejas, e têm dúvida se a órdem geográfica consecutiva em que estas cidades se apresentam foi destinada por Deus a ser uma figura do curso da História da Igreja. Alguns consideram a interpretação extremamente fantasiosa.

Os que aceitam a interpretação diferem algo quanto às Épocas representadas. Vai adiante um paralelo aproximado, geralmente seguido:

Éfeso:	Período de Declínio no Fim da Era Apostólica.
Esmirna:	Período de Perseguições, Primeiros 300 Anos.
Pérgamo:	Período Imperial, de Constantino ao Papado.
Tiatira:	Período Papal, do 6.º ao 16.º Século.
	Ou Período Papal, do 6.º ao 12.º Século.
Sardes:	Período Papal, do 12.º ao 16.º Século.
	Ou do Período da Reforma ao Surto do Metodismo.
	Ou do Período da Reforma ao Tempo Presente.
Filadélfia:	Período da Reforma Protestante.
	Ou Período Missionário do Século 19.
	Ou a Igreja Arrebatada.
Laodicéia:	Do Tempo Presente à Vinda do Senhor.
	Ou Núcleo da Igreja de Tribulação Fingida.

À parte de qualquer referência às sete igrejas, o esbôço de História da Igreja apresentado comumente é como segue:

A Igreja Apostólica:	Primeiro Século.
A Igreja Perseguida:	Do Primeiro ao Quarto Século.
A Igreja Imperial:	Do Quarto ao Quinto Século.
A Igreja Papal:	Do Sexto ao Décimo Sexto Século.
A Igreja Reformada:	Do Décimo Sexto Século ao Tempo Presente.

Profecia realizada. "Das sete igrejas somente duas são condenadas de modo absoluto e sem esperança de perdão: Sardes está morta e Laodicéia é rejeitada. Duas cidades que atualmente estão de todo desertas e desabitadas. Só duas igrejas são louvadas de modo franco, cordial e carinhoso: Esmirna e Filadélfia. Ambas estas cidades têm gozado prosperidade e conquistaram a glória de ser campeãs do cristianismo através dos séculos. Duas outras igrejas recebem um misto de louvor e censura: Pérgamo e Tiatira, ambas as quais ainda existem e são cidades florescentes. Só uma

seria removida do seu lugar: Éfeso, que se mudou para um local três km distante, e hoje está rebaixada à insignificância de vila." Sir William Ramsay.

Capítulos 2 e 3. As Cartas às Sete Igrejas

A Igreja de Éfeso, 2:1-7. Mãe das igrejas da Ásia. Éfeso era o centro metropolitano e comercial da "Ásia". Aí, 40 anos antes, Paulo realizara sua obra de maior sucesso, 54-57 d.C. Aí, dizem, Timóteo passou a maior parte de seu tempo. Depois veio João e aí fixou residência. Nesse ínterim a igreja crescera enormemente e tornara-se o centro da população cristã do império romano, tanto em número como pela posição geográfica, sendo poderosa influência na cidade e, pouco depois, uma das mais famosas igrejas do mundo inteiro.

"Aquele que conserva as estrelas na mão", 2:1. Possivelmente, a igreja já estava se tornando um tanto orgulhosa de sua fama e poder. Dá-se a entender aqui que eles se gloriavam no que era de pouca utilidade para Cristo, e que Este podia humilhá-los.

Os "apóstolos mentirosos", 2:2, evidentemente eram homens que afirmavam ter conhecido a Cristo e deste haver recebido autoridade para ensinar o que parecia ser um esforço por harmonizar os deleites imorais do culto de Diana com a profissão cristã. Os pastores, no seu conjunto, opunham-se firmemente a este ensino.

"Abandonaram seu primeiro amor", 2:4,5. Era esta a falta dessa igreja. Não amava a Cristo como fizera antes. Ficavam indiferentes a Êle. Isto O ofendia. Devemos amá-Lo mais e mais à medida que os dias se passam. Amá-Lo cada vez menos significa estarmo-nos precipitando em direção errada.

Os "nicolaítas", 2:6, pensa-se que eram uma das seitas que defendiam a licenciosidade como maneira própria de vida. Alguns eruditos têm a palavra "nicolaíta" como forma grega da palavra hebraica "Balaão", relacionando, assim, os tais com os que sustentavam "a doutrina de Balaão", 2:14.

"A árvore da vida", 2:7, que foi perdida no Éden, Gn 2:8, será restaurada no céu, 22:2,14. É este o prémio dos que vencem as tentações dos prazeres pecaminosos. Apesar de a igreja de Éfeso não existir mais a promessa fica de pé para os que vencem as tentações, as heresias e as concupiscências.

O local de Éfeso hoje está deserto; seu candeeiro foi removido.

A arqueologia e Éfeso. Éfeso foi escavada por um inglês chamado Wood, 1869-74; pelo Museu Britânico, 1904-5; e por uma expedição austríaca, 1894, e 1930. Foram descobertas as ruínas do templo de Diana, do teatro, do estádio, e algumas ruas. Acharam também ruínas de um balneário romano, que disseram ter a capacidade de mais de 3.000 m3, construído inteiramente de mármore, com muitas salas: as de banho a vapor, as de banho frio, as de descanso: evidência do luxo e magnificência da cidade. Encontraram, outrossim, um templo que continha uma estátua de Domiciano, cinco vezes o tamanho natural, o imperador que se chamava a si mesmo "Deus" e que exilou João.

A Igreja de Esmirna, 2:8-11. Igreja sofredora. Para ela nenhuma censura, só palavras afetuosas de conforto. Esmirna era esplêndida cidade, de rara beleza, sita em formosa enseada, a mais séria rival de Éfeso, ufanando-se da tradição de ter sido o berço de Homero.

O "anjo" dessa igreja, se os anjos eram bispos presidentes, foi Policarpo. Irineu, que conversara com Policarpo, diz que este foi designado bispo de Esmirna pelo próprio João. Ver a narrativa do seu martírio na secção de História da Igreja.

"O que esteve morto e tornou a viver", 2:8. O poder de Cristo sobre a morte era o que podia confortar aqueles que encaravam a mesma morte. Em Cristo, a morte é o portal de acesso a uma terra melhor.

"A tua pobreza", 2:9. Esta igreja evidentemente se compunha de gente pobre, e em nada parecia com a de Éfeso em número, ou posição social, ou prestígio. Eram "pobres, porém ricos". A Igreja de Laodicéia era "rica, porém pobre".

Os "dez dias", 2:10, podem significar curto prazo, ou um período limitado de tempo. A perseguição a que se faz referência pode ter sido a de Domiciano: breve, porém pesada. Ou pode ter sido a de Trajano, na qual foi martirizado Inácio, que estava para começar. Alguns pensam que os "dez dias" representam as dez perseguições imperiais.

A "coroa da vida", 2:10. A Éfeso foi prometida a "árvore da vida". Aos fiéis de Sardes, o "livro da vida". Esmirna recebeu também a promessa de isenção da segunda morte, 2:11; 21:8. Embora as promessas visassem individualmente a quem vencesse, a coroa da vida foi dada a Esmirna em outro sentido. Ela se conservou até hoje, sendo a maior cidade da Ásia Menor, com 200.000 habitantes. Nome moderno Iz-mir.

A Igreja de Pérgamo, 2:12-17. Pérgamo era a Capital política da "Ásia". Grande e antiga cidade. Centro literário, sede notável de cultura helênica. Famosa por sua biblioteca, primeira depois da de Alexandria. O pergaminho, material de escrita muito superior ao papiro egípcio, foi inventado aí, tomando o nome da cidade, depois que o rei do Egito, com ciúmes do renome literário de Pérgamo, proibiu a exportação de papiro para essa cidade.

Uma igreja, fiel ao nome de Cristo, até ao ponto do martírio, 2:13, mas que tolerava os falsos ensinadores: provavelmente o mesmo tipo de hereje que afligia a igreja de Éfeso. Parece, porém, que enquanto os pastores em Éfeso, como um todo, resistiam solidamente a estes nicolaítas, aqui, em Pérgamo, os pastores, sem abraçar pessoalmente as heresias toleravam no seu meio aqueles que aderiram a estes ensinamentos falsos. O erro ensinado seria o de permitir aos cristãos entregar-se às imoralidades dos pagãos.

A esta igreja, o Senhor, sem deixar de louvar a fidelidade da igreja a Seu Nome, Se apresentou como Aquele que "tem a espada afiada de dois gumes". Cuidado! O Senhor não Se apraz com uma igreja Sua que tolere a concupiscência pecaminosa.

"O trono de Satanás", 2:13. Pérgamo, como capital política da província, era a sede do culto do imperador, onde era obrigatória oferecer incenso diante da sua estátua, como se fora Deus. Recusando-se os cristãos a isso, eram acusados de deslealdade, e muitas vezes resultou em morte para

eles. Outrossim, havia lá grande altar a Júpiter. E também famoso templo de Esculápio, o deus da cura, adorado sob a forma de uma serpente, símbolo de Satanás, ao qual acorria gente de todas as partes do império. Qualquer um desses fatos, ou todos os três, fizeram de Pérgamo um centro notório de paganismo e perversidade.

"Antipas", 2:13, era, provavelmente, um dos principais pastores de Pérgamo que se recusou a adorar o imperador. Seu martírio heróico tornou famosa aquela igreja.

"A doutrina de Balaão", 2:14. Em Nm 25 conta-se como os israelitas se prostituíram com mulheres midianitas, e em Nm 31:16 se diz que eles assim fizeram aconselhados por Balaão. Igualmente, em Pérgamo uma porção de mestres aconselhava aos cristãos participarem dos vícios sexuais do culto pagão. Tinham muitos seguidores, e foram alcunhados pelo nome de Balaão.

O "maná escondido", 2:17, é o próprio Cristo, Jo 6:49-51. Recebe o culto do mundo até ao Tempo de Sua aparição.

O "nome novo" na pedrinha branca, 2:17, só conhecido do seu possuidor. Os 144.000 cantaram um cântico novo, 14:3, só conhecido deles. O cavaleiro do cavalo branco, 19:12, tinha um nome que somente ele conhecia. É possível significar que a nova fase de existência a que estamos destinados nos encherá de satisfação, mais que outra coisa com que tenhamos sonhado neste mundo. "Branca", ver Nota sobre 3:4.

A Igreja de Tiatira, 2:18-20. Igreja transigente. Tiatira era famosa por causa do seu magnífico templo dedicado a Ártemis, outro nome de Diana. Foi a cidade de duas mulheres notáveis: Lídia e Jezabel, muito diferentes no caráter.

"Olhos como fogo e pés como de bronze", v. 18. Quando o manso Salvador Se apresenta desta forma a uma de Suas igrejas, é que algo deve estar errado nela. Que era? Toleravam Jezabel.

"As últimas obras mais numerosas que as primeiras", v. 19. Diferente de Éfeso, que regredia, Tiatira progredia. Estavam crescendo, mas em direção errada: transigindo.

"Jezabel", vv. 20-24. Quem era? Provavelmente, uma devota de Diana, bela, porém abominável, possuindo o dom de liderança, seguida de gente influente na cidade, e que, atraída à causa crescente do cristianismo, juntara-se à igreja, mas ao mesmo tempo insistia ativamente no privilégio de ensinar e praticar prazeres licenciosos, alegando que sua doutrina era inspirada. Chamou-se "Jezabel" porque, tal e qual a esposa diabólica de Acabe, que introduzira a abominação do culto de Astarte em Israel, 1 Rs 16, estava introduzindo as mesmas práticas vis na Igreja Cristã. Não devemos pensar que todos os pastores de Tiatira aceitavam essa doutrina, mas, procurando ser liberais, e por amor a algumas pessoas influentes que eles desejavam ganhar para a Igreja, receberam essa mulher no aprisco cristão e a admitiram como co-pastora. Assim, sendo reconhecida como mestra cristã, podia pregar sua doutrina vil. Isto atraiu sobre Tiatira uma censura pungente do Senhor, censura em que Ele fez ver que a liderança cristã no mundo não precisa nunca de conchavos.

A Igreja de Sardes, 3:1-6. Igreja morta. Gozava, porém, de boa reputação. Sardes, *no* 6.° Século a.C., sob Creso, fora uma das cidades mais ricas e poderosas do mundo; e nos tempos romanos ainda era famosa. Sua conversão a Cristo causara profunda impressão em toda aquela parte do mundo. Mas só foi conversão de nome. Ainda se apegavam às suas imundícias pagãs. Só umas "poucas pessoas" eram genuinamente cristãs, v. 4. No céu essa igreja, de modo geral, estava sendo riscada dos livros; só aqueles poucos nomes seriam conservados escrupulosamente, v. 5.

"Os sete Espíritos", 3:1. "Sete Espíritos" participaram da saudação às igrejas, 1:4.

O próprio Cristo ditou as Sete Cartas, 1:19.

Ao mesmo tempo, cada carta era aquilo que o Espírito diz às igrejas, 2:7.

Sete espíritos ficavam perante o trono de Deus, 4:5.

Os sete olhos do Cordeiro eram os sete espíritos de Deus, 5:6.

Os sete espíritos, entendemos, representam a operação sétupla ou completa do Espírito Santo, o Espírito de Cristo, o Espírito de Deus, é tudo o *mesmo Espírito, na plenitude do Seu poder: é a maneira pela qual Cristo* opera nas Suas igrejas e com Suas igrejas, na época entre Sua primeira e Sua segunda Vinda.

"Andarão de branco junto comigo", v. 4. O branco é a aparência característica do céu, símbolo de pureza. Seus cidadãos serão vestidos de branco, 3:18; 19:14. Jesus, na visão, 1:14, tinha cabeça branca. O vencedor será vestido em vestiduras brancas. Os 24 anciãos estavam vestidos assim, 4.4. Os mártires igualmente, 6:11. As multidões de remidos da mesma forma, 7:9; suas vestiduras foram branqueadas no sangue do Cordeiro, 7:13,14. Na Transfiguração, as vestes de Cristo tornaram-se brancas e resplandecentes, Lc 9:29. Quando Cristo vier, os justos brilharão como o sol, Mt 13:43. Tudo isto pode ser mais do que figura de linguagem. Pode dizer respeito à essência de nossos corpos glorificados. Deus habita em luz inacessível, 1 Tm 6:16.

O Livro da Vida. "De modo nenhum apagarei o seu nome do livro da vida", 3:5.

Os seguidores da besta não constam no livro da vida, 13:8; 17:8.

Os que não estavam inscritos no livro da vida, são lançados no lago de fogo, 20:12,15.

Habitarão no céu apenas aqueles que são inscritos no livro da vida, 21:27.

Daniel (12:1) e Malaquias (3:16), falavam do livro de registro celestial.

A Igreja de Filadélfia, 3:7-13. Igreja humilde, mas fiel. Contentava-se de servir de exemplo da vida de Jesus no meio de uma sociedade pagã e corrupta. Amava a Palavra de Deus e estava resolvida a guardá-la. Igreja muito querida do seu Senhor. Não há nenhuma palavra de censura na Carta.

"Uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar", v. 8. A igreja ganhará convertidos, e ninguém o impedirá. Cristo pode fazer prosperar até mesmo os que têm pouca influência no mundo. Como advertiu às igrejas de Éfeso e Sardes contra a demasiada satisfação com a sua elevada posição

naquelas cidades, pois tinha poder de abatê-las, assim agora, previne à Igreja de Filadélfia que não se desanime por não ser considerada na cidade, porque Ele não depende de prestígio mundano.

"Guardada da provação", v. 10. Fora dito a Esmirna que teria de sofrer perseguição, 2:10. Aqui a promessa é de livrar a igreja de sofrimentos. Deus não trata a todos do mesmo modo, mas a cada um conforme Ele vê ser necessário.

"O nome da cidade", etc. v. 12. Em 2:17 o "nome novo" parece se aludir às alegrias misteriosas da imortalidade que estão para vir. Aqui é a marca de cidadania e sinal de propriedade. Como os adeptos da Besta são etiquetados com a marca do seu senhor, 13:16,17, assim acontece com os cidadãos do céu. Cada pessoa pertence ou a Cristo ou à Besta.

Filadélfia é ainda uma cidade próspera; sua população é cristã. "Entre as igrejas da Ásia, Filadélfia ainda se ergue, qual coluna em meio a ruínas, agradável exemplo de que, às vezes, andar no caminho da honra é andar seguro" — Gibbon.

A Igreja de Laodicéia, 3:14-22. Igreja morna. Laodicéia era um centro bancário, orgulhosa de sua riqueza. Embelezada de templos e teatros resplendentes. Notável pela manufatura de ricas vestes de lã preta e lustrosa; sede de uma escola de medicina que fazia um pó para tratamento de doenças de olhos. Isto pode ter sugerido o "ouro", as "vestiduras" e o "colírio" do v. 18.

"Morna", v. 16. Alguém pode concluir daí que Cristo prefere oposição à indiferença.

"Vomitar-te-ei da minha boca", v. 16. Expressão bastante forte de censura indignada. Tanto mais sinistra, se se considerar que foi pronunciada por quem estava possuído de paciência e longanimidade infinitas. Aplicável tanto a indivíduos como a comunidades. Laodicéia é hoje lugar deserto. Foi vomitada da boca do Senhor.

"Eis que estou à porta e bato", v. 20. Quadro estranho. Era uma igreja que se chamava pelo nome de Cristo, todavia, Ele estava do lado de fora, pedindo-lhe, a ela, igreja Sua, que O deixasse entrar. Isto se aplica às igrejas que funcionam mais em benefício e glorificação dos eclesiásticos, do que para anunciar Cristo.

"Sentar-se comigo no meu trono", v. 21. Isto é, compartilhar com Cristo a glória do Seu reino. A repetição que ocorre infalivelmente em cada carta é que a bem-aventurança final é apenas para aqueles que VENCEM parece dar a entender que muitas pessoas que tinham iniciado a carreira cristã estavam caindo à beira do caminho, de alguma maneira ou outra.

Esmirna e Filadélfia, as duas cidades com igrejas boas, até hoje são cidades prósperas. Sardes e Laodicéia, as duas cidades com igrejas más, agora são cidades desertas, sem habitações.

NOTA GERAL SOBRE AS IGREJAS

Éfeso era uma antiga cidade iônia na foz do rio Caister. As colônias gregas ao redor do Mar Mediterrâneo e do Mar Negro eram em primeiro lugar entrepostos de comércio. As comunidades migrantes dos gregos não procuravam dominar os territórios do interior, mas procuraram

obter um **emporion**, literalmente, "um caminho para dentro", uma cabeça de ponte para o comércio, com apenas uma suficiência de terreno e de orla marítima para sustentar a comunidade. Grandes cidades surgiram de tais origens, desde Marselha até Alexandria, algumas delas chegando a ser capitais de reinos. E em todos os casos as colônias vieram a ser centros ou postos avançados do helenismo, distintivos e civilizantes.

Éfeso tomou o lugar de Mileto como porto de comércio, mas quando seu ancoradouro se encheu com sedimento, como antes acontecera a Mileto, Esmirna tomou o lugar de ambas estas cidades como saída e **emporion** da rota comercial do vale do Meandro. Nos dias gloriosos da Ásia Menor, 230 comunidades separadas, cada uma orgulhosa da sua individualidade e da sua riqueza, cunhavam suas próprias moedas e dirigiam seus próprios assuntos. O domínio do despotismo persa, a desflorestação em grande escala, e a devastação causada pela guerra naquela área que era uma ponte natural e via pública entre os continentes, foram fatores que iam esgotando essa prosperidade. Mesmo assim, tanto no começo do período romano, como na época da sua independência como cidade iônia , Éfeso era um porto orgulhoso, rico, ativo, rivalizando-se com Alexandria e a Antioquia da Síria.

Edificada perto do santuário de uma antiga deusa anatoliana da fertilidade, Éfeso tornou-se a sede de um culto oriental. A divindade anatoliana fôra adotada pelos gregos com o nome de Ártemis, Diana dos romanos. Grotescamente representada com torres na cabeça e numerosos seios, a deusa e seu culto receberam sua expressão religiosa no famoso templo, que, como aquela de Afrodite em Corinto, foi servido por numerosas sacerdotizas cortesãs.

Havia muito comércio vinculado a este culto. Éfeso se tornou um lugar para romarias, e os adoradores-turistas queriam levar consigo talismãs e lembranças, por este motivo surgiu o poderoso grupo de ourives cuja prosperidade vinha da fabricação de santuários de prata e imagens da pedra meteórica que, segundo se declarava, era a imagem de Diana que "caiu do céu". Éfeso chegava a depender mais e mais dos negócios vinculados a este culto enquanto se declinava o comércio por causa do entupimento do seu porto marítimo. Hoje, há 32 km de pântanos cheios de caniços entre as instalações do antigo porto e o mar, e já na época de Paulo o processo de sedimentação estava em andamento. Tácito nos narra que uma tentativa de melhorar a saída marítima foi feita em 65 d.C., mas que a tarefa foi grande demais. A cidade de Éfeso já estava morrendo no primeiro século, e se dedicava a atividades parasíticas, vivendo, como Atenas, por conta da sua antiga reputação, tornando-se um cadinho onde se fundiam religiões antigas e novas, do oriente e do ocidente. Atos 19 nos oferece um quadro muito vívido da sua vida desnaturada. O candeeiro (Ap 2:5) já foi tirado do seu lugar, pois o declínio de Éfeso era uma doença mortal, e é possível perceber na carta a Éfeso no Apocalipse algum sinal da lassidão que se espraiara pela comunidade esgotada e decadente. O templo e uma parte da cidade têm sido escavados em grande escala.

Esmirna foi um porto na costa ocidental da Ásia Menor, no começo do golfo no qual desagua o rio Hermo, com um ancoradouro bem protegido, sendo o ponto final natural de uma grande estrada de comércio do

interior, subindo pelo vale do Hermo. A história primitiva de Esmirna passou por várias reviravoltas. No ano 627 a.C. foi destruída pelos lídios, e durante três séculos ficou sendo pouco mais do que uma vila. Tornou a ser fundada no meio do quarto século antes de Cristo, depois de Alexandre o Grande ter conquistado Sardes, e chegou rapidamente à posição de cidade principal da Ásia. Esmirna tinha a percepção política necessária para lançar sua sorte com a ascensão de Roma. Um perigo comum, a saber, a agressão do rei Antíoco o Grande da Síria, tinha produzido uma união entre os dois Estados no fim do terceiro século a.C., e este vínculo que surgiu por causa do perigo vindo do oriente não foi rompido. Realmente, Esmirna ficou sendo uma cabeça de ponte muito conveniente, um tipo de contrapeso romano nas águas do Mar Egeu contra o poderio naval de Rodes. Quando a cidade de Esmirna, no ano 26 d.C., peticionou ao Imperador Tibério o direito de a comunidade construir um templo à sua divindade, referiu-se a esta antiga aliança, cf. Anais de Tácito, 4.56. Deu-se a permissão, e Esmirna construiu o segundo templo da Ásia dedicado ao Imperador. A cidade já tinha adorado Roma como poder espiritual desde 195 a.C., daí seu orgulho histórico no seu culto aos Césares. Esmirna tinha fama por causa da sua ciência, sua medicina, e a majestade dos seus edifícios. Apolônio da Tiana se refere à sua "coroa de pórticos", um círculo de belos edifícios públicos que circundavam um cume do Monte Pagas como diadema; daí a referência de João, Ap 2:10. Policarpo, o bispo de Esmirna martirizado em 155 d.C., tinha sido um discípulo de João.

Pérgamo era uma cidade da Mísia no vale do rio Caíco, 24 km rio acima. Situada numa posição majestosa, dominando a região ao derredor, permaneceu como capital até que o último rei de Pérgamo deixou seu reinado como legação aos romanos, em 133 a.C. Pérgamo então passou a ser a principal cidade da nova província da Ásia, e local do primeiro templo do culto aos Césares, erigido em homenagem religiosa a Roma e a Augusto em 29 a.C. Mais tarde, houve um santuário dedicado a Trajano, e a multiplicação de tais honrarias marcou o prestígio de Pérgamo na Ásia pagã. A adoração a Esclépio e a Júpiter também era normal naquela região. O símbolo de Esclépio era uma serpente, e Pausânio descreve a imagem cúltica dele: "com uma vara em uma das mãos, e a outra descansando na cabeça de uma serpente". Moedas de Pérgamo ilustram a importância que a comunidade atribuía a este culto. Uma destas moedas representa o imperador Caracala saudando uma serpente enroscando-se numa árvore nova, curvada sob seu peso. Num rochedo acima de Pérgamo havia um altar a Júpiter tendo a forma de um trono, que agora se acha no museu de Berlim (cf. Ap 2:13). Comemorava a derrota de invasores gauleses, e foi enfeitado com uma representação do conflito entre os deuses e os gigantes, estes últimos sendo monstros com caudas de serpente. Nesse contexto, causando ainda mais horror aos cristãos no assunto da obsessão que Pérgamo tinha com a imagem da serpente, Júpiter era chamado "Júpiter o Salvador". Era natural que o "nicolaitismo" florescesse num lugar onde o paganismo e a política tinham formado uma aliança profunda, e onde deve ter havido muitas pressões para que os cristãos aceitassem uma situação de transigência religiosa. Pérgamo era uma antiga sede de cultura, possuindo uma biblioteca que se revalizava com a de Alexandria. O perga-

minho (**charta Pergamena**) foi inventado em Pérgamo para libertar a biblioteca das restrições que os ciúmes dos egípcios fizeram impor à exportação do papiro.

Tiatira era uma cidade na província da Ásia, na fronteira com Lídia e Mísia. Tiatira não tem uma história de grande destaque, e quase não é mencionada pelos escritores antigos. As moedas dão a entender que, como ficava à beira de uma grande estrada que ligava dois vales fluviais, Tiatira tinha sido uma fortaleza militar no decurso dos séculos. Sua antiga divindade anatoliana era um guerreiro armado com um machado montado num cavalo de batalha. Algumas moedas representam uma divindade feminina, usando uma coroa com ameias. A cidade era um centro comercial, e os registros sobreviventes contêm mais referências a consórcios comerciais do que existem em qualquer outra cidade da Ásia. Lídia, que Paulo ficou conhecendo em Filipos, era uma comerciante de Tiatira, que vendia púrpura, At 16:14. É curioso notar que uma outra mulher, cognominada Jezebel, o nome da princesa que selou o acordo comercial entre Acabe e os Fenícios, liderava um partido dentro da igreja de Tiatira que aceitava transigências, Ap 2:20, 21. A necessidade de pertencer aos consórcios dentro da comunidade comercial fortalecia a tentação de aceitar acordos com os pagãos. Tiatira não veio a desempenhar nenhum papel importante na história posterior da Igreja.

Sardes era a cidade principal da Lídia, situada sob um contraforte do monte Tmolo, no vale do Hermo, perto da junção das estradas da Ásia Menor central, ligando Éfeso, Esmirna e Pérgamo. Era capital da Lídia sob Creso, e sede do governo depois da conquista persa. Sardes era renomeada por suas artes e ofícios, e era o primeiro centro para cunhar moedas de prata e de ouro. Os reis da Lídia eram tão ricos, que o nome de Creso tornou-se símbolo de riquezas fabulosas, e dizia-se ainda que as areias do rio Pactolo eram de ouro. Creso também se tornou símbolo lendário de orgulho e de arrogância presunçosa, quando seu ataque contra a Pérsia provocou a queda de Sardes e o eclipse do seu reino. A captura da grande cidadela por Ciro e seus persas, por meio de um ataque de surpresa em 549 a.C., e um incidente semelhante três séculos mais tarde, na invasão romana; pode ser a situação aludida na advertência dada por João em Ap 3:3. O grande terremoto de 17 d.C. arruinou Sardes física e financeiramente. Os romanos contribuíram 10.000.000 sesterces em alívio aos flagelados, uma soma alta que revela a enormidade dos danos, mas a cidade nunca mais se levantou.

Filadélfia foi uma cidade da Lídia fundada por Atalo II Filadelfo, 159-138 a.C. O rei recebeu este cognome por causa da sua dedicação ao seu irmão Eumenes, e a cidade perpetuou este título. Filadélfia foi um posto avançado do helenismo na Anatólia indígena. Jaz sob o monte Tmolo, num vale largo que vai até o vale do Hermo, ao longo do qual ia a estrada do correio. Situada numa colina larga, baixa e de fácil defesa, foi capaz de resistir aos turcos por longo tempo, em época posterior. O distrito é desastrosamente sísmico, e o grande terremoto de 17 d.C. arruinou completamente a cidade. Sendo que a Filadélfia estava situada exatamente acima da paráclase, esta falha geológica levou a área a ser atormentada por mais de 20 anos de terremotos consecutivos depois do desastre de 17 d.C. Daí, diz Ram-

say, se entendem as expressões idiomáticas de Ap 3:12 ("coluna", "jamais sairá", "novo nome"). O novo nome decerto tem algo que ver com a proposta de chamar a cidade **Neocesaréia,** com sinal de gratidão pelo auxílio generoso que Tibério mandou para aliviar as vítimas do terremoto. O distrito era de viticultura, e conseqüentemente, era também um centro do culto a Dionísio (Baco). Na cidade de Filadélfia tem havido um testemunho ininterrupto a Cristo, a despeito da invasão e da pressão dos muçulmanos, no decurso dos séculos, através da Idade Média e até os tempos modernos.

Laodicéia era uma cidade rica da Ásia Menor, fundada por Antíoco II (261-246 a.C.), sendo o ponto final do "circuito" formado pelas sete igrejas da Ásia. A cidade era situada ao lado de uma das grandes estradas comerciais da Ásia, e isto garantiu-lhe a prosperidade comercial. Laodicéia era um centro bancário importante. Foi ali que Cícero, viajando para assumir o governo da província da Cilícia, em 51 a.C., sacou suas ordens de pagamento. Foram sem dúvida as grandes firmas bancárias que financiaram a reconstrução da cidade depois do grande terremoto que a prostrou em 60 d.C. Laodicéia recusou a verba votada pelo Senado romano nesta situação de calamidade pública. Era "rica e abastada", e "não precisava de coisa alguma", Ap 3:17. O vale do Lico produzia uma lã preta e lustrosa, da qual se fabricavam capas e tapetes que deram fama à cidade. Além disto, Laodicéia tinha uma escola de medicina, e uma indústria de colírio, remédio famoso para os olhos. Na carta a Laodicéia no Apocalipse, vê-se referências depreciativas às atividades supra mencionadas. Além disto, há alusão às qualidades eméticas da água morna, carregada de sódio, que vinha das fontes termais vizinhas de Hierápolis, e que corria para o rio Meandro. Todo o suprimento de água vinha de Hierápolis, e Sir William Ramsay sugere que a vulnerabilidade do suprimento de água potável, e a situação desprotegida da cidade, e a ganância fácil, permitiram que aquela comunidade adotasse o espírito de entreguismo e mundanismo tão criticado na Carta. Sob o imperador Diocleciano, Laodicéia, ainda próspera, foi escolhida como capital da província da Frígia.

"Zondervan Pictorial Bible Dictionary".

Capítulo 4. Visão do Trono de Deus

A parte profética do livro começa com este capítulo. Os intérpretes preteristas vêem aqui a primeira etapa de eventos a ocorrer dentro daquela geração. Os históricos consideram que é aqui o princípio do desenvolvimento das épocas de todo o período da História da Igreja. Os futuristas acham que o arrebatamento da Igreja ocorreu em 4:1 e tudo quanto se segue, até ao cap. 20, relaciona-se com um período de sete anos no tempo do fim.

"O que deve acontecer depois destas cousas", 4:1. Isto é o tema do Livro do Apocalipse deste ponto em diante, profetizando-se a história e o destino da Igreja. A história e a situação do tempo de João foram tratados nos capítulos anteriores, nas sete cartas, segundo a distinção em 1:19 — "Escreve, pois, as cousas que viste, e as que são, e as que hão de acontecer depois destas".

O trono de Deus, vv. 2, 3. Não se descreve sua forma, senão que tinha a aparência de jaspe e sardônio. Em 21:1 se diz que o jaspe é uma pedra

"preciosíssima e claríssima como o cristal". O sardônio era vermelho, a esmeralda, verde. Assim, Deus aparece vestido de branco transparente e deslumbrante, matizado de vermelho, sob um arco-íris de aspecto verde; é uma representação dAquele que "habita em luz inacessível", 1 Tm 6:16. Os "relâmpagos e trovões", v. 5, denotam a majestade e o poder de Deus. As "sete tochas de fogo" são uma representação perceptível do Espírito Santo em Sua obra completa. O "mar de cristal", v. 6, é a serenidade do governo de Deus.

A primeira coisa, ao erguer este véu sobre o futuro, é esta visão de DEUS, para assegurar à Igreja que, por mais desalentadoras que sejam algumas destas revelações, DEUS AINDA ESTÁ ENTRONIZADO COMO REI ETERNO.

Os quatro seres viventes, v. 6. "Animais", na velha versão de Alm., é tradução errada. Aqui é uma palavra diferente da que é traduzida por "besta" no cap. 13. Julga-se que eram querubins, verdadeiros seres de uma ordem angélica. Parecem idênticos aos referidos em Ez 1:10 e 10:14, onde este profeta diz: "Fiquei sabendo que eram querubins." Os querubins estiveram presentes na queda do homem e guardaram a árvore da vida. Aqui participam da celebração da redenção do homem. Há, no entanto, muita variedade de opiniões a respeito destes seres viventes. Alguns consideram-nos emblemas das forças da natureza. Outros acham que representam toda a criação animal, que louva sem cessar o Criador. Outros ainda julgam que são emblemas dos Quatro Evangelhos: Mateus, o Leão; Marcos, o Novilho; Lucas, o Homem; João, a Águia.

Os vinte e quatro anciãos, v. 4. Pensam alguns que representam a Igreja glorificada: 12 patriarcas das tribos de Israel e 12 Apóstolos de Cristo, significando a união do povo de Deus no Antigo e em o Novo Testamentos. Outros acham que são uma reprodução celeste da Igreja terrestre. Muitos estudantes da Bíblia, porém, os consideram, como é o caso dos seres viventes, uma classe distinta de inteligências celestiais, "príncipes do céu", não homens salvos, porque pelas suas doxologias parecem não pertencer às multidões dos remidos, mas ser separados das mesmas. O número 12 entra na descrição do trono de Deus assim como na da nova Jerusalém.

Capítulo 5. O Livro Selado

O tema do cap. 4 é o Poder Criador de Deus; do cap. 5 é o Poder Redentor de Cristo.

O Livro Selado. Os segredos do futuro. O destino da obra redentora de Cristo. Toda a criação estava interessada em saber do resultado. Só o Cordeiro podia abrir o livro.

À medida que os selos se abriam, um a um, João descortinava o panorama do futuro que se ia desdobrando na direção do fim.

O Livro Selado continha as sete trombetas, porque foi ao abrir-se o sétimo selo que as sete trombetas soaram; e ao som desta sétima trombeta reboaram pelo céu os jubilosos aleluias da vitória final, 11:15.

Os sete selos e as sete trombetas no seu conjunto formam a estrutura principal do Apocalipse, e encaminham rapidamente a História ao seu fim. Depois o escritor, seguindo um método literário comum na Escritura, volta e prossegue novamente com outros detalhes explicativos.

Para o intérprete preterista, os seis primeiros selos tipificam catástrofes prestes a desabar sobre o império romano, tipificando também a segurança da Igreja.

Para o intérprete histórico, são predições de desastre político no império romano, e a sua cristianização.

Para o futurista, descrevem as etapas do período de sete anos do reinado do anticristo.

O Leão de Judá era um CORDEIRO, vv. 5,6. No princípio do livro, em relação com as sete igrejas, Cristo apareceu como guerreiro, 1:13-16. Aqui, em relação com o livro selado, é chamado Leão. Olhando-se para o Leão, é um Cordeiro. Nos restantes capítulos o nome geralmente usado é "Cordeiro". Leão representa poder. Cordeiro representa sacrifício, sofrimento. O segredo do poder de Cristo está em Seu sofrimento, por mais paradoxal que pareça. Sua majestade está em Sua mansidão.

"Sete olhos", conhecimento completo. "Sete chifres", todo o poder para vencer. Não só conhece o futuro como é capaz de dominá-lo. Tem de enfrentar uma besta-leopardo (cap. 13), mas o Leão-Cordeiro não teme e está pronto para a luta.

"Cordeiro" é o título de Cristo que mais se emprega no Apocalipse.
O Cordeiro tomou o livro selado e abriu seus selos, 5,6,7; 6:1.
Os quatro seres viventes e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, 5:8,14.
100.000.000 de anjos glorificavam ao Cordeiro, 5:11-13.
Chegou o dia da ira do Cordeiro, 6:16,17.
Multidões de todas as nações glorificavam ao Cordeiro, 7:9,10.
Suas roupas foram lavadas no sangue do Cordeiro, 7:14.
O Cordeiro os guia para fontes da água da vida, 7:17.
Venceram por causa do sangue do Cordeiro, 12:11.
Os 144.000 seguem ao Cordeiro, 14:1,4.
Cantam o cântico de Moisés e do Cordeiro, 15:3.
O Cordeiro é Senhor dos senhores e Rei dos reis, 17:14.
Chegaram as bodas do Cordeiro e da Sua noiva, 19:7,9; 21:9.
Os doze fundamentos da Cidade são os doze apóstolos do Cordeiro, 21:14.
O Cordeiro é o santuário e luz da Cidade, 21:22,23.
Só entrará na Cidade quem está inscrito no livro do Cordeiro, 21:27.
A água da vida flui do trono do Cordeiro, 22:1,3.

Assim, no esboço panorâmico da luta entre o reino deste mundo e o Reino de Deus, desde 6:1 até 11:15 é o CORDEIRO sofredor de Deus quem é o Vencedor. Prenunciado durante 1.400 anos na páscoa judaica, e agora comemorado durante quase 2.000 anos na Ceia do Senhor, o CORDEIRO DE DEUS, que Se deu em sacrifício, será durante toda a eternidade o centro do Universo Redimido que será o resultado final da Sua própria obra.

As doxologias, vv. 8-14. Em 4:8-11 as doxologias se dirigiam ao Criador. Aqui as duas *primeiras* são ao Redentor, vv. 9 e 12, e a terceira, ao Criador e ao Redentor, v. 13. Um "cântico novo", v. 9, isto é, o cântico da redenção é novo em relação com o cântico da criação, e é novo para cada novo convertido. É uma cena de sublimidade transcendente. Os seres viventes, os anciãos, cem milhões de anjos, e todo o universo criado, extasiados com a redenção da raça humana. "O céu é a terra natal da música." Lá todos cantarão. Deveríamos cantar muito mais em nossos cultos. As "orações dos santos", v. 8, são tomadas em consideração, tanto aqui como ao soar das trombetas, 8:4, pelo divino Árbitro ao planejar Ele pormenorizadamente o curso da História. Quanta luz isto derrama sobre o assunto da oração!

Capítulos 6 e 7. Os Seis Primeiros Selos

O primeiro selo, 6:1-2. O cavalo branco, e seu cavaleiro: um rei vencedor. Isto pode simbolizar Cristo a sair à conquista do mundo. Perto do fim do Livro (19:11), outro cavalo branco é mencionado, cujo cavaleiro é claramente nomeado: é Cristo. Podem ser duas visões do mesmo fato: o começo e o fim do vitorioso trajeto de Cristo.

É possível que este cavaleiro simboliza, não Cristo, mas o poder mundial sob o qual Cristo iniciou Sua obra. A declaração, no fim da descrição dos sete selos e das sete trombetas, que "O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo", 11:15, pode dar a entender que no comêço deste "desvendamento", é o reino do mundo que estava na sela.

Outra interpretação sugere que este cavaleiro simbolize o começo do reino do Anticristo no tempo do fim. Ou, possivelmente, tanto o poder mundial sob o qual Cristo começou Sua obra, como o poder mundial final sob o qual Crisfo a terminará; um poder tipificaria o outro.

Se este cavaleiro tipifica o poder mundial que dominava quando Cristo iniciou Sua obra, é de fato uma representação muito exata do Império romano. Roma, o mais poderoso governo que até então tinha existido no mundo, tinha então a maior parte do mundo conhecido sob seu controle, e estava entrando na sua Idade Áurea. O historiador Gibbon chama a época dos reinados dos cinco imperadores, Nerva, Trajano, Adriano, Antonino Pio e Marco Aurélio, entre 96 d.C. e 180 d.C., "o período mais feliz e mais próspero da história inteira da raça humana".

O segundo selo, 6:3-4. O cavalo vermelho. Guerra. Ou antes, guerra civil, os homens matando-se "uns aos outros". Este cavalo vermelho, com o cavalo preto e o amarelo dos dois selos seguintes, podem representar as calamidades que açoitam a humanidade devido a ter rejeitado a Cristo. Se o primeiro selo se refere ao Anticristo, aqui se trata das guerras terríficas do anticristo no tempo do fim. Se o primeiro selo é a Idade de Ouro de Roma, aqui há uma era de guerra civil dentro do Império Romano, em seguimento à idade de ouro, que foi representada pelo primeiro selo. No século entre 200 e 300 d.C., mais de cinqüenta homens reivindicaram o trono do Império Romano para si, e em vez de terem no governo autoridades enérgicas que executassem as leis do império, combatiam-se mu-

tuamente, querendo cada qual ser o imperador. Nessas guerras, cem anos de guerra civil, e naquilo que sempre acompanha uma guerra prolongada — fome, peste e morte — o Império Romano perdeu mais da metade de sua população, e começou a descambar para a ruína.

O terceiro selo, 6:5-6. O cavalo preto. Fome. Os alimentos seriam escassos e vendidos a peso. O denário valia uns 16 cents (moeda americana), naquela época, salário comum de um dia de trabalho. Uma "medida" de trigo era mais ou menos um litro. Ordinariamente, podia-se obter por um denário 15 a 20 "medidas". A frase "não danifiques o azeite e o vinho" parece indicar o nível de vida em que o luxo é abundante, ao passo que os gêneros de primeira necessidade se vendem a preços de fome, talvez significando que os grandes tinham fartura enquanto o comum do povo vivia em penúria: resultado das guerras prolongadas do segundo selo.

O quarto selo, 6:7-8. O cavalo amarelo. Morte. Resultado natural de guerra e fome. Os três cavaleiros cavalgaram juntos. "Feras" ajudaram. As guerras civis do Império Romano foram seguidas de um aumento enorme de animais ferozes.

O quinto selo, 6:9-11. Visão das almas dos mártires. A atitude do Império Romano para com a Igreja era a de perseguidor. Os historiadores registram dez perseguições à Igreja nos primeiros 300 anos. Uma já passara: a de Nero, 64 d.C. A segunda estava terminando: de Domiciano, 96 d.C. A terceira ia seguir-se logo: Trajano, 98-117 d.C. Depois, Adriano, 117-138 d.C. A seguir, Antonino, o Pio, 138-161. Marco Aurélio, 161-180. Sétimo Severo, 193-211. Décio, 249-251. Valeriano, 253-260. Diocleciano, 284-305. Pensam alguns que este selo se refere profeticamente às perseguições papais da Idade Média, ou talvez ainda a mártires sob o reinado do anticristo no tempo do fim.

O sexto selo. Aproxima-se o dia da ira. Há revolução. Convulsão. Consternação. O sol se escurece. As estrelas caem; os céus recolhem-se. Montanhas e ilhas são removidas. Reis e povos se escondem de medo.

Até certo ponto, tudo isto é semelhante à descrição do Armagedom, e da batalha da qual estas expressões podem ser uma primeira indicação, cf. 16:12-21.

Jesus usara linguagem semelhante ao falar da época da Sua segunda vinda, Mt 24:29,30; Lc 21:26.

Semelhantemente, Isaías, ao predizer a queda da Babilônia (Is 13:10) e Ezequiel, ao predizer a queda do Egito (Ez 32:7), empregaram termos semelhantes, que também aparecem em Is 34:4; Jl 2:30,31; At 2:20. Tudo parece falar do julgamento de Deus sobre as nações, ou ao dia final de julgamento.

Seja qual for o sentido adicional do selo, há um sentido histórico que parece claro: uma predição dos abalos no Império Romano no quarto século. O Império cessou sua perseguição à Igreja. O Imperador Constantino se tornou cristão (313 d.C.). O cristianismo veio a ser a religião oficial da sua corte. Em 325 d.C. publicou uma exortação para que todos aceitassem o cristianismo. Levou sua capital para Constantinopla. Teodócio (378-395 d.C.) exaltou o cristianismo à posição de religião nacional do Império, e cada cidadão tinha que ser membro da Igreja. Em 395 d.C. o Império foi dividido, e Roma permaneceu como capital do ocidente, enquanto o oriente

tinha Constantinopla como capital. Isto foi o início da dissolução do poderoso império mundial que durante 300 anos tinha procurado com tanto empenho destruir o cristianismo.

Os 144.000, 7:1-8. Este capítulo está subordinado ao sexto selo, contrastando a felicidade dos eleitos com o juízo que cai sobre o mundo pagão, descrito em 6:12-17. Alguns chamam-no interlúdio, figurando entre o sexto e o sétimo selos. 144.000 é o quadrado de 12 multiplicado por mil, e deve ser entendido, pensa-se, não numericamente, mas simbolicamente, representando a totalidade dos eleitos de Israel, as primícias do Evangelho, ou a totalidade dos cristãos. Os "quatro ventos", vv. 1-3, podem ser as agências da "ira do Cordeiro", mencionada em 6:16, e idênticos às sete trombetas logo a seguir, sendo retidas até completar-se a selagem dos eleitos. A "selagem" dos servos de Deus, v. 3, parece referir-se a um movimento de evangelização e cristianização a processar-se no mundo: ou a cristianização do Império Romano antes de sua queda; ou a chamada do povo de Deus através de tôda a era cristã; ou a selagem dele como medida de proteção, antes do dia final da ira do Cordeiro.

A grande multidão no céu, vv. 9-17. É possível distinguir dois grupos neste capítulo, como segue. Os "144.000" foram os eleitos de Israel. Aqui a "multidão" é de todas as nações. Lá, a cena se desenrolou na terra. Aqui, é no céu. Lá, foram assinalados em vista de uma tribulação próxima. Aqui, a tribulação já passou. Se os 144.000 e a grande multidão são dois grupos separados, ou se é um e o mesmo grupo sob aspectos diferentes, há opiniões variadas por parte dos estudantes da Bíblia. Parece que "Israel" do v. 4 está em contraste com "todas as nações" do v. 9, e que aquele significa os cristãos judeus, enquanto estas significam os cristãos gentios de todas as raças. Todavia, um caso relaciona-se com o período da chamada, na terra, enquanto o outro se refere à bem-aventurança, no Céu; o que parece implicar que ambas as visões se apropriam ao mesmo grupo. A multidão lavada no sangue, segura por fim na casa do Pai, longe da ira derramada na terra, 6:16, é a resposta ao clamor dos mártires sob o quinto selo, 6:10. Vestidos de branco; palmas nas mãos; cânticos nos lábios. A fome satisfeita As lágrimas enxugadas. Na terra das fontes da água da vida.

Capítulos 8 e 9. As Seis primeiras Trombetas

O sétimo selo, 8:1-6. Do sétimo selo surgiram as sete trombetas. A reduplicação do número sete enfatiza a idéia de totalidade, segundo se pensa. Nos capítulos 6 até 11, dentro dos dois grupos de sete, há um esboço da luta e da vitória completa, final e eterna de Cristo sobre os reinos deste mundo, 11:15.

"As orações de todos os santos", vv. 3 e 4. Deus vai atender aos clamores dos mártires, descritos em 6:9,10. A resposta vem na forma dos terríveis julgamentos das sete trombetas. Parece haver aqui uma indicação que a oração tem alguma influência perante Deus no moldar as diretrizes da história do mundo.

A meia hora de silêncio e os trovões, relâmpagos e terremoto (8:1,5), podem indicar simbolicamente que acontecimentos momentosos estavam sendo preparados.

As quatro primeiras trombetas, 8:7-12. Parecem ser uma representação mais ampla dos "quatro ventos" da "ira do Cordeiro", 6:16-7:3, contidos até que os servos de Deus fossem selados, e agora prontos para serem soltos. 1. Saraiva, fogo, sangue, derramados sobre a terra. 2. Uma montanha em chamas, lançada ao mar. 3. Uma estrela incendiada, caída sobre os rios. 4. Feridos o sol, a lua e as estrelas.

Os intérpretes preteristas vêem aqui um anúncio de terríveis juízos prestes a cair sobre o Império Romano.

Os futuristas atribuem estas trombetas ao período da tribulação, e entendem que elas representam convulsões literais da natureza durante o reinado do anticristo.

Os intérpretes históricos, tendo perto de 2.000 anos de história ao seu dispor, têm opiniões divergentes sobre que eventos são simbolizados aí. Geralmente, se pensa que a referência é à queda do Império Romano com as investidas dos bárbaros do Norte, no 5.º Século d.C. Durante 800 anos nenhum inimigo pisara o solo da Itália. Do ano 100 ao 200 d.C. o império atingira sua idade áurea. No século seguinte, de 200 a 300 d.C., começou a ruir com a guerra civil. Em ambos os séculos perseguiu a Igreja. No 4.º século, numa reviravolta dramática dentro do governo, o cristianismo foi adotado, e tornou-se a religião oficial do Império. Neste mesmo 4.º século, o poderoso Império romano foi dividido, e tornou a ser: o Império Romano Oriental e o Império Romano Ocidental.

No 5.º Século ondas sucessivas de bárbaros do Norte invadiram o império.

A primeira trombeta, 8:7. A terra. Os godos, 409 d.C., caíram sobre a Itália com fúria, e iam deixando atrás de si cidades incendiadas, terras devastadas, ensangüentadas e desoladas.

A segunda trombeta, 8:8-9. O mar. Os vândalos, 422 d.C., investiram sobre a Gália e a Espanha e foram até à Africa; construíram uma armada e durante 30 anos deram combate à marinha romana que por 600 anos fora senhora do Mediterrâneo, e a expulsaram do mar.

A terceira trombeta, 8:10,11. Os rios. O huno Átila, 440 d.C., vindo do centro da Ásia, apareceu às margens do Danúbio, à testa de 800.000 combatentes. Investindo para o oeste, defrontou-se com os exércitos romanos, derrotou-os em horrível chacina, sucessivamente no Rio Marne, no Ródano e no Pó de modo que as águas desses rios tingiram-se de sangue. Carregado de despojos, voltou ao rio Danúbio. Quando morreu, o rio foi desviado do seu leito e, neste, sepultaram-no. Tornaram as águas e ainda hoje deslizam sobre o seu corpo. Foi de fato o flagelo dos "rios".

A quarta trombeta, 8:12. O sol, a lua e as estrelas. Odoacro, 476 d.C., à frente de outra horda de bárbaros, sitiou e capturou Roma. O poderoso Império Romano, que por uns seis a oito séculos dominara o mundo, entrou em decadência, a luz da civilização romana apagou-se, começando as eras trevosas do mundo.

"A terça parte", 8:7,8,10,12. O Império Romano caiu em três partes. A parte ocidental, tendo Roma como sua capital, e de longe a parte mais poderosa do Império original, caiu em 476 d.C. As partes asiáticas e afri-

canas do Império foram vencidas pelos maometanos no sétimo século d.C. O Império ocidental, na Europa; separada da Roma desde 395 d.C., tendo Constantinopla como sua capital, caiu no poder dos maometanos em 1453 d.C.

A quinta trombeta, 9:1-11. Os gafanhotos demoníacos. Soltos do abismo por uma estrela caída do céu. Tinham a configuração de cavalos de guerra. Seus rostos como de homens, cabelos de mulheres e dentes de leões. Couraças de ferro. Coroas parecendo de ouro. As asas faziam um barulho como o de carros e cavalos quando correm à peleja. Tinham poder de ferroar como escorpiões. Contra o seu hábito instintivo, os gafanhotos foram proibidos de danificar as árvores, a erva ou qualquer coisa verde. Atormentaram os homens por cinco meses. Cinco meses era a temporada normal dos gafanhotos. Maio a setembro.

Este exército de monstros horríveis, com sua aparência complexa de gafanhotos, cavalos, escorpiões, leões e homens, surgiu do abismo, 9:1,2,11, liderado por Abadom ou Apoliom, que seria o Diabo ou um dos seus anjos. Isto indica a origem infernal dos três "ais" que se seguiam. Satanás já tinha sido mencionado como o agente de perseguição e de corrupção nas Igrejas de Esmirna, Pérgamo e Tiatira, 2:9,10,13,14,24; é nomeado também como sendo o instigador das perseguições da Igreja feitas pelo Império Romano, 12:13-16. Os "ais" de advertência em 8:13 mostram quão terrível será esta.

O intérprete preterista vê aí referência à ameaça dos partos contra o Império Romano.

O futurista pensa que significa a infestação da terra, literalmente, pelos demônios, nos dias da tribulação.

Alguns intérpretes históricos vêem nisso uma predição do surto e propagação do maometismo através do mundo que fora cristão.

O Maometismo. No sétimo século d.C. o maometismo inundou o mundo oriental como um macaréu, varrendo completamente o cristianismo no sudoeste da Ásia Menor e no norte da África, nos vales do Nilo e do Eufrates, nas praias orientais e sulinas do Mediterrâneo — todas as terras da história bíblica. Nestas terras a Bíblia teve sua origem e desenvolvimento; nestas terras, a revelação que Deus fez de Si mesmo à humanidade foi sendo dada até ser completada; nestas terras, Deus formou e treinou a nação israelita durante dois mil anos, preparando o caminho para a vinda de Cristo; terras estas que são consagradas na memória humana como sendo o cenário da vida e da morte de Cristo, da Sua ressurreição e da Sua obra redentora da humanidade; terras estas que foram o berço do cristianismo, e que durante 600 anos permaneceram cristãs, o mundo cristão original. Nestas terras, por um grande golpe da espada maometana, o CRISTIANISMO FOI OBLITERADO, e o maometismo foi estabelecido. E SÃO TERRAS MAOMETANAS DESDE ENTÃO.

Durante 600 anos, o cristianismo. Agora, já há 1.300 anos, o maometismo, nestas áreas. Há mais maometanos no mundo hoje do que cristãos protestantes.

Em Meca, Arábia, Maomé (570-632 d.C.) declarou-se Profeta de Deus, e, comandando seu exército, marchou para propagar sua religião pela espada. Logo se completou a conquista da Arábia. Os exércitos maometanos,

sob suas sucessivas lideranças, avançaram à conquista. Em 634 d.C., a Síria foi conquistada; em 637 d.C., Jerusalém; em 638 d.C., o Egito; em 640 d.C., a Pérsia; em 689 d.C., a África do norte.

Tendo varrido o cristianismo da Ásia e da África, os maometanos avançaram para a Europa. A Espanha caiu em 711 d.C. Então se dirigiram à França, onde, em Tours, o exército maometano foi desafiado e vencido por Charles Martel, avô de Carlos Magno, em 732 d.C. Esta foi uma das mais importantes batalhas da história universal. NÃO FOSSE AQUELA VITÓRIA, O CRISTIANISMO PODERIA TER SIDO EXTERMINADO DA FACE DA TERRA.

Eis aqui alguns fatos que favorecem a interpretação que esta quinta trombeta pode ser uma profecia do surto de maometismo.

"Gafanhotos", 9:3. A Arábia, preeminentemente, era uma terra de gafanhotos; e foi de lá que surgiu o maometismo.

O aspecto dos gafanhotos: cavalos de guerra, caudas como escorpiões, coroas parecendo de ouro, rostos como de homens, dentes como de leões, couraças como de ferro, asas que faziam barulho como de carros e cavalos correndo à peleja, 9:7-10.

Esta é uma boa descrição dos exércitos maometanos, com seus cavaleiros ferozes e implacáveis, famosos por suas barbas e cabelos compridos como cabelos de mulheres, tendo turbantes amarelos que pareciam ser de ouro, e vestindo cotas de ferro como armadura.

"Fumaça do poço do abismo.., 9:2,3. Os gafanhotos saíram do meio desta fumaça. Esta fumaça tinha escurecido o sol e o ar. A referência pode ser os ensinamentos falsos que tinham anuviado e corrompido a Igreja da época de Maomé, ao ponto de a Igreja adorar a imagens, relíquias e santos. Foi justamente a IDOLATRIA da Igreja degenerada e apóstata que deu a Maomé sua oportunidade: foi a destruição da idolatria sua meta central.

"Foi-lhes dito que não causassem dano à erva... nem a qualquer coisa verde, nem a árvore alguma", 9:4. Os maometanos poupavam as árvores, a grama e toda a vegetação, pois Maomé assim ordenou. Para os que foram criados nos desertos da Arábia, as árvores e toda a vegetação foram consideradas grandes bênçãos.

"Atormentar durante cinco meses", 9:5. 5 meses é o período normal da permanência dos gafanhotos, uma estação de uns 150 dias de maio até setembro. Pela interpretação profética que simboliza um ano por um dia, cf. Ez 4:6, isto seria 150 anos. Aproximadamente, corresponderia ao período entre 630 e 786 d.C., durante o qual o maometismo continuava seu esforço pela conquista do mundo. Com Harun al-Rachid (786-809 d.C.), no auge do poder e da glória do maometismo, abandonaram a idéia da conquista, e começaram a cultivar relações pacíficas com outras nações.

A sexta trombeta, 9:12-21. O exército de 200 milhões de cavaleiros eufrateus. Couraças cor de fogo, jacinto e enxofre. Os cavalos tinham cabeças como de leões, e de suas bocas saíam fogo, fumaça e enxofre. Foram soltos para a hora, o dia, o mês e o ano, que parece significar o tempo exato que fora marcado; ou, conforme a teoria do ano-dia, 396 anos. Para o preterista, esta visão é uma figura das hordas dos partos pressionando as fronteiras orientais do Império Romano, aguardando o regresso

de Nero. Para o futurista é literalmente o exército do anticristo, auxiliado pela atividade supra-humana dos demônios. Para alguns intérpretes históricos refere-se aos turcos, que atravessaram o Eufrates, 1057 d.C., assenhorearam-se do mundo maometano, e 396 anos mais tarde deram cabo do Império Romano oriental com a queda de Constantinopla, 1453 d.C., onde a artilharia com pólvora foi empregada pela primeira vez.

Os ÁRABES dominaram o mundo maometano durante 400 anos (630-1058 d.C.).

Então os TURCOS tomaram a liderança, e têm controlado o movimento até tempos recentes. Esta trombeta parece indicar o maometismo turco.

O "Eufrates", 9:14, donde surgiam os exércitos de cavaleiros simbolizados pela sexta trombeta. Em 1057 d.C., vastas hordas de turcos, vindas da Ásia central, apareceram nas ribanceiras do Eufrates. Ao marchar para o ocidente, tomaram o lugar dos árabes como governadores dos países maometanos.

Os *turcos eram mais cruéis* e *intolerantes do que tinham sido* os árabes. Seu tratamento bárbaro dos cristãos na Palestina provocou as Cruzadas de 1095 até 1272 d.C., quase três séculos de guerra ininterrupta no decurso da qual os cristãos da Europa procuravam conquistar a Terra Santa das mãos dos maometanos.

"Das bocas dos cavalos saía fogo, fumaça e enxofre", 9:17. O Império Romano Oriental (395-1453 d.C.) com sua capital Constantinopla, tinha sido o baluarte europeu contra o maometismo durante oito séculos (630-1453 d.C.). Mas em 1453 d.C. caiu no poder dos turcos.

Foi na batalha de Constantinopla, 1453 d.C., que se empregou pela primeira vez a artilharia com PÓLVORA, e isto deu a vitória aos turcos; era o fogo, fumaça e enxofre de 9:17.

Então seguiu-se outra ameaça contra o cristianismo da Europa. Os turcos vitoriosos marcharam em direção à Europa central. Mas foram derrotados em Viena (1683 d.C.), por um exército polonês comandado por João Sobieski. Assim como na Batalha de Tours (732 d.C.), aqui também, numa segunda ocasião, quase mil anos mais tarde, a Europa foi salva dos maometanos.

"A hora, o dia, o mês e o ano", 9:15. Pode significar um tempo exato predeterminado. Ou, pela interpretação profética do dia que simboliza um ano (Ez 4:6), a soma seria 365 mais 30 mais 1 ano, ou seja, 396 anos. Desde 1057 d.C., quando os turcos atravessaram o rio Eufrates, até a queda de Constantinopla em 1453 d.C., conta-se um período de 396 anos.

"Foi morta a terça parte dos homens", 9:18. Pode haver aqui uma referência à queda do Império Romano oriental em 1453 d.C., a última "terça parte" do Império Romano original que sobrara (ver Nota sobre 8:7).

O Anticristo. A palavra "Anticristo" não se emprega em parte alguma no Livro do Apocalipse; isto é surpreendente quando se considera a quantidade de alusões ao Anticristo em livros escritos sobre o Apocalipse. A palavra ocorre em 1 Jo 2:18,22; 4:3; 2 Jo 7; onde se nos ensina que já havia muitos anticristos.

Apesar de haver muitos comentaristas que exageram as alusões ao Anticristo, procurando-o em passagens nas quais não há alusões a ele, não há dú-

vida que muitas outras passagens das Escrituras, sem fazer uso do nome, indiquem bem claramente que o período do Evangelho terminará com um terrível surto de maldade imediatamente antes da Vinda do Senhor.

Jesus disse que Sua Vinda seria precedida por uma "grande tribulação", Mt 24:21,29; e que seria um período de lamentação de todos os povos, Mt 24:29,30, quando "homens desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo", Lc 21:24-26.

Daniel falou de um tempo de angústia tal qual nunca houve, no tempo do fim, Dn 12:1,4,9,13. Em 2 Ts 2:3-10, declara-se que subirá a uma posição de poder um "homem de pecado", blasfemador, que será destruído pela Vinda do Senhor.

Ao procurar interpretar as expressões idiomáticas proféticas no Livro do Apocalipse, é mais fácil perceber o paralelismo com aquilo que já aconteceu, do que procurar perceber exatamente qual alusão a eventos futuros possa existir aqui.

Embora que os Sete Selos e as Sete Trombetas parecem ter esboçado os grandes acontecimentos da história universal até ao presente momento, pode haver muita coisa a acontecer que vai cumprir o pleno sentido destas expressões proféticas.

Será que o Império Romano, com sua furiosa perseguição da Igreja, não tenha sido uma manifestação do Anticristo? E o maometismo, outra manifestação? E agora, o surgimento do comunismo internacional ateu, perante nossos olhos, infiltrando na Igreja ao ponto de teólogos serem líderes intelectuais de grupos terroristas, não será outra manifestação do Anticristo?

Capítulo 10. Abre-se o Livrinho

No cap. 5, foi um livro selado. Aqui, é um livro aberto. Trata-se de uma das mensagens do livro selado, porque aparece sob a sexta trombeta, que saiu do sétimo selo.

Parece ser um anúncio, em ambiente de terrível majestade, de que o fim está perto, v. 7; porém que, antes de vir o fim, há ainda outro período profético, vv. 8-11, conforme desenrolado no cap. 11. É este anúncio que deu amargura a João, v. 10.

"Já não haverá demora." O sentido parece ser: O grande dia de Deus é chegado; a hora da condenação já soou.

"Doce" e **"amargo"** podem significar que, embora fosse agradável conhecer o futuro, seu horror enchia-o de tristeza. Ou pode significar que os bons terão de sofrer com os maus.

Os intérpretes preteristas vêem aí uma revelação especial de desastres iminentes e sobrevir ao Império Romano, dos quais a Igreja teria também de participar, visto estar situada nesse império.

Os intérpretes futuristas entendem que é um anúncio de estar próximo o reinado do anticristo.

Alguns intérpretes históricos consideram isso a predição simbólica de uma era em que a Bíblia estaria aberta. Por mais estranho que pareça, a

Igreja afastou o povo da Bíblia e substituiu-a pelos decretos de papas e concílios. Durante a Idade Média a Bíblia foi um livro proibido. Era vedado traduzi-la, a não ser para o latim. A Igreja proibia sua leitura ao povo e não trepidou em lançar mão de todos os meios para reprimir o seu uso. Milhares sem conta de crentes foram mortos porque liam a Bíblia. A reforma protestante tornou a dar a Bíblia ao povo. A História Moderna, num sentido religioso, tem sido a Era da Bíblia Aberta. Já foi traduzida em mais de mil línguas, e o uso da imprensa a divulga em milhões de cópias a preços acessíveis. Todas as bênçãos da civilização moderna resultam diretamente da BÍBLIA ABERTA: Liberdade civil e religiosa, instituições democráticas, reformas sociais, liberdade de palavra, educação do povo. Assim, alguns intérpretes entendem que a visão do Anjo com o livrinho aberto é uma predição da jubilosa época atual da história do mundo.

Capítulo 11. As Duas Testemunhas

O templo é medido, vv. 1, 2. O templo é medido, mas o pátio e a Cidade Santa são deixados para ser pisados pelas nações durante 42 meses. Pensam alguns que isto se refere à destruição de Jerusalém, 70 d.C. Outros, que significa ter o templo de ser literalmente reconstruído. Outros ainda, entendem que não se trata de templo material, mas do Israel espiritual, a Igreja.

Parece fazer-se aí distinção entre aqueles que são de fato do povo de Deus e a Igreja externamente visível. Os verdadeiros serão preservados; os meros professos serão deixados à corrupção ou abuso do mundo.

Parece profetizar a apostasia da Igreja em grande escala, que se descreve mais pormenorizadamente no capítulo 13, sob o simbolismo da Bêsta-Cordeiro e da Besta-Leopardo, e no capítulo 17, Babilônia a grande meretriz. Foi esta visão que ficou amarga para João digérir, 10:10.

As duas testemunhas, vv. 3-13. Profetizaram vestidas de pano de saco durante o período em que a Cidade Santa foi pisada pelas nações, 42 meses ou 1260 dias. Possivelmente, é outro símbolo do que foi representado pelo "templo", o verdadeiro povo de Deus medido e separado dos que seriam pisados, nesse ínterim "profetizando" ou dando testemunho de Cristo.

Assim como o átrio exterior, representando a Igreja Apóstata, toma a forma das duas Bestas do cap. 13, assim também o Santuário, aqui representado pelas duas testemunhas, se descreve mais detalhadamente no cap. 14, como sendo os 144.000 dos verdadeiros seguidores do Cordeiro.

São ainda identificados como "as duas oliveiras e os dois candieiros", v. 4. É referência a Zc 4:1-14, onde se diz que o candieiro é a Casa de Deus, e as oliveiras são o Espírito, mediante quem Zorobabel, da família messiânica, concluiria a Casa de Deus, que por anos estivera em ruína. Assim, aqui, a Igreja, depois de pisada, seria ainda levada à perfeição gloriosa pelo Messias e pelo Espírito Santo. Ou, sendo que esta é a mensagem do "livro aberto", 10:2,10,11, e sendo que o Espírito opera por meio da Palavra, as duas testemunhas podem ser a Igreja verdadeira e a Palavra de Deus, testificando fielmente enquanto a Igreja Apóstata está entronizada com as Bestas, conforme a descrição do cap. 13.

Se esta interpretação é certa, então o assassínio das duas testemunhas pela Besta, 11:7, pode ser um quadro simbólico da perseguição sangrenta dos santos, promovida por Roma papal, veja p. 776; e a ressurreição e trasladação ao céu das duas testemunhas, 11:11,12, pode simbolizar a Igreja purificada e a Palavra de Deus voltarem a ser livres e proeminentes no mundo, sob a liderança da Reforma Luterana. Não se pode enfatizar demais a grande influência que teve o movimento de Lutero em restaurar ao povo a possibilidade de ler a Palavra de Deus. Era realmente como uma ressurreição das testemunhas de Deus neste mundo.

Esta visão, não obstante, pode ter sentidos e significados que ainda serão revelados no desenrolar dos eventos da luta final contra o Anticristo.

"Besta", 11:7, ver pág. 637. "Grande cidade", 11:8, ver pág. 643. A vitória final. O reino do mundo se tornou o reino de Cristo.

O "terceiro ai", 11:14. O julgamento final dos ímpios, 11:18.

Os sete selos e as sete trombetas, examinados assim em forma de esboço, parecem dar uma vista panorâmica de decurso da história universal.

A sétima trombeta, vv. 15-19. Chegou o fim. Passou o longo conflito. Somos transportados para além do dia do juízo. Todo o propósito de Deus, prefigurado em tempos e profecias, alcançou sua gloriosa consumação. No cap. seguinte o escritor torna a prosseguir em direção diferente.

Capítulo 12. A Mulher, a Criança e o Dragão

Até aqui, nos selos e trombetas, a História se encaminhou para o juízo final, 11:15,18, ocupando-se em grande parte com a sorte do MUNDO. No cap. 12, o escritor volta ao ponto de partida e, com outra série de visões, retrata coisas omitidas anteriormente, relacionadas em grande parte com a sorte da IGREJA.

A mulher. Ordinariamente pensa-se que essa mulher representa a Igreja. Ou Israel. Ou Israel na primeira parte do capítulo, até v. 5, e a Igreja do v. 6 em diante. Os vários símbolos usados no livro não têm sempre o mesmo sentido. Aqui o povo de Deus é apresentado como mãe do Messias; no cap. 21 é a Sua noiva. Uma metáfora pode ser usada em certa conexão com um sentido diferente do que pode ter noutra conexão. O fato de estar adereçada com o "sol, a lua e 12 estrelas" pode significar a glória celeste do seu ato de dar à luz a criança, e o interesse celestial em torno do mesmo.

A criança. A linguagem e a conexão parecem naturalmente implicar o Messias. Satanás queria que Herodes matasse o Cristo recém-nascido. Mais tarde, por meio de Judas, Jo 13:2,27. Se se refere ao Messias, o dragão conseguiu matá-lo, não "devorá-lo", visto como Ele ascendeu ao céu, triunfante sobre a morte. O sucesso do dragão em matá-Lo foi como tiro pela culatra, visto haver fornecido ao povo de Deus uma arma contra a qual o dragão é impotente, a saber, o "sangue do Cordeiro".

O dragão. Este é expressamente identificado com o Diabo, v. 9. As "sete cabeças, sete diademas e dez chifres" representam o domínio de Satanás como príncipe deste mundo caído; ou suas pretensões de domínio universal e os esforços feitos para isso. Ele é o deus deste mundo, mas não é

Deus. Não é onipotente, nem onipresente, nem onisciente. Não há dois deuses: Deus e o Diabo. Só há um Deus. O Diabo é um poderoso príncipe do mal; Deus em Sua sabedoria, por alguma razão que escapa à compreensão humana, permite que ele aflija por um pouco. Mas a sua condenação é inevitável; por isso, teme o nome de Cristo. "Vermelho" é um índice provável de sua natureza assassina. O assassinato é a sua arma. As "estrelas do céu", v. 4, que lançou para a terra, podem significar seu poder de comandar as hostes do mundo invisível contra os santos de Deus; ou o seu poder de atrair os líderes da Igreja para a apostasia. Sua atuação já foi mencionada em 2:10,13; 9:11; 11:7.

A guerra no céu, vv. 7-12. Pode significar que Satanás, furioso por não poder frustrar o intento de Cristo, crucificando-O, seguiu-O em Sua ascensão e ousou revolucionar os baluartes do céu, e aí foi de novo esmagado, perdendo para sempre o poder de fazer mal a Cristo ou às almas dos mártires por ele mortos. Havendo perdido toda oportunidade de causar dano ao céu, daqui por diante se devota à terra, para embaraçar tanto quanto possível a obra redentora de Cristo, e manter fora do céu o maior número possível de seres humanos.

Ou, a "guerra no céu" pode ser uma ilustração do que aconteceu a Satanás na morte e ressurreição de Cristo.

Ou, como alguns pensam, a expulsão de Satanás do céu pode sincronizar com a tribulação e explicá-la.

Qualquer que seja o sentido exato, evidentemente é aquilo de que Jesus teve uma visão, Lc 10:18.

"Miguel", v. 7, o arcanjo, aparentemente era o anjo da guarda de Israel, Dn 10:13,21; 12:1, e tivera alguma experiência prévia de contenda com o Diabo, Judas 9. Estará presente no tempo do fim, Dn 12:1,9,13; e na Vinda de Cristo, 1 Ts 4:16.

A "guerra no céu" pode ser um símile dos conflitos entre o bem e o mal sobre a terra. Possivelmente, o resultado vai depender, mais do que supomos, dos exércitos do mundo invisível, pois nossa luta é contra as forças espirituais do mal.

O dragão, resolvido a impedir a salvação do maior número possível pelo sangue de Cristo, instala-se na "besta", no "falso profeta" e na "Babilônia" dos capítulos seguintes.

A fuga da mulher para o deserto, vv. 13-17. A "água como um rio" que o dragão lançou atrás dela pode referir-se às perseguições à Igreja, movidas pelo Império Romano; neste caso, o socorro que a mulher recebeu foi a cristianização do Império, sob Constantino. O "deserto" pode implicar a passagem da Igreja, dos judeus para os gentios. Ou pode significar que o remanescente fiel de Israel será preservado entre os gentios durante o período da tribulação.

Uma opinião "histórica" é que após o surto da "Babilônia", que é a igreja "meretriz" do cap. 17, a verdadeira Igreja passou a esconder-se. Enquanto a igreja meretriz esteve no trono do poder mundial, a vera Igreja saiu das vistas, afastando-se para o deserto. No fim, sua moradia será com a glória de Deus, 21:10,11.

Os 1.260 dias do v. 6 identificam-se com "um tempo, tempos, e metade de um tempo" do v. 14, expressão esta que significa "um ano, anos, e me-

tade de um ano", ou 3 anos e meio. É o mesmo que 42 meses. Três anos e meio são 42 meses, os quais sendo de 30 dias cada, somam 1.260 dias. A *mulher esteve no deserto* 3 1/2 anos, 1.260 dias, v. 6. A Cidade Santa foi pisada durante 42 meses, 11:2. A Besta viveu 42 meses depois de curada do golpe mortal. As duas testemunhas profetizaram 1.260 dias vestidas de saco, 11:3. Assim a Cidade Santa foi pisada enquanto a mulher esteve no deserto e as duas testemunhas profetizaram em roupa de saco, a Babilônia (a Besta rediviva) esteve no trono, tudo isto ao mesmo tempo. Os intérpretes futuristas entendem que se trata de 3 1/2 anos literais. Os históricos aceitam a teoria do ano-dia, Ez 4:6, um ano para um dia, o que faz que os 1.260 dias signifiquem 1.260 anos, duração aproximada da Idade Média.

Capítulo 13. As Duas Bestas

A primeira besta, vv. 1-10. Esta "besta" é a forma que o dragão assumiu para continuar sua guerra contra a mulher, 12:17.

Tinha a aparência complexa de leopardo, de urso e de leão, os três primeiros dos quatro animais de Daniel, Dn 7:3-6, e parece identificar-se com o quarto, retendo de certo modo as características dos seus predecessores.

Como o dragão, de quem era instrumento, tinha sete cabeças e dez chifres (ver cap. 17). Uma das cabeças fora golpeada mortalmente, mas a ferida foi curada. Continuou como potência mundial por 42 meses, blasfemou do nome de Deus e fez guerra aos santos.

Para o intérprete preterista, esta besta é o Império Romano. A cura do golpe mortal pensa-se que se refere à crença popular de que Nero tornaria a viver, ou que o seu espírito voltou na pessoa de Domiciano. As blasfêmias referem-se à pretensão dos imperadores romanos de serem divinos, pelo que exigiam culto, particularmente Domiciano, que se denominava "Senhor e Deus". A guerra contra os santos foi a perseguição movida por Nero e Domiciano. 42 meses significavam um período temporário.

Para o intérprete futurista, a besta é o anticristo, no seu império de 10 reinos federados, última forma de dominação gentílica, no período da tribulação, antes da vinda do Senhor. Suas blasfêmias e sua guerra feroz aos santos farão que a época seja atribulada, como nunca se viu antes uma igual. Consideram os 42 meses como sendo ao pé da letra 3 1/2 anos.

Para o intérprete histórico, a besta representa a concentração e a personificação do poderio mundial, através de todo o período da História, continuando como entidade, mas manifestando-se sob várias formas em várias épocas; com muitas e diversas modificações. As sete cabeças são as sete grandes potências que têm dominado a História: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma e Roma papal. A cura do golpe mortal refere-se ao surto de Roma papal dentre as ruínas de Roma pagã e sua dominação no mundo, de âmbito maior, e por mais tempo e com maior despotismo do que qualquer dos seus predecessores. As blasfêmias referem-se à pretensão de infalibilidade dos papas, de sua autoridade de perdoar

pecados e de conceder indulgências, etc. Entendem pela guerra aos santos as perseguições papais da Idade Média e do princípio da Era da Reforma, nas quais, segundo estimativa de historiadores, mais de 50 milhões de mártires sucumbiram às mãos de Roma papal, e com as quais se escreveram os mais cruéis e mais brutais capítulos da história da humanidade. Por 42 meses, 1.260 dias, entendem 1.260 anos, duração aproximada do papado como potência mundial, do 6.º ao 18.º Séculos.

Sete cabeças e dez chifres. O Dragão tinha-os, 12:3. A Besta-Leopardo também os tinha, 13:1. A Besta escarlate da Babilônia tinha-os, 17:3.

Tomando sete como símbolo de coisas completas, e dez como símbolo de poder mundial, então as sete cabeças e os 10 chifres representariam o poder mundial como um todo, ou a concentração e personificação do reino deste mundo, continuando como uma entidade única no decurso do período total da história universal, manifestando-se sob várias formas e em vários graus nas eras diferentes, com múltiplas diversificações e modificações.

Antes do nosso tempo, sete poderes mundiais têm se destacado no desenvolver da História, à qual têm dominado em grande escala. O Egito era uma potência mundial durante uns quatro séculos (1600-1200 a.C.) Então a Assíria, durante uns três séculos (900-600 a.C.). Depois surgiu a Babilônia, durante 70 anos (606-536 a.C.). A Pérsia, dois séculos (536-330 a.C.). A Grécia, uns dois séculos (330-146 a.C.). A Roma, seis séculos (200 a.C.-400 d.C.). A Roma papal, 1200 anos (600-1800 d.C.).

A Ferida Mortal de uma das Sete Cabeças, 13:3. Quando foi escrito o Apocalipse, cinco das potências mundiais já tinham caído. Uma, dominando naquela época, era obviamente Roma, e uma ainda estava por vir, 17:10. Descreve-se aqui um império romano ferido, porém ressuscitado pela Besta-Cordeiro, 13:3,12.

A segunda besta, vv. 11-18. Esta besta parecia com um cordeiro. A primeira parecera com um leopardo. Mas eram aliadas. A besta-leopardo fôra morta, v. 3. Foi a besta-cordeiro que a fez reviver, v. 15. Essa besta-cordeiro vem a chamar-se depois "falso profeta", 16:13; 19:20; 20:10; isto é, pretenso cordeiro. Parece aceitar-se, geralmente, que a besta-leopardo representa poder secular, e a besta-cordeiro representa poder religioso falsificado. O Dragão operava por meio de ambos, vv. 6, 7.

Para o intérprete preterista, a besta-cordeiro é o sistema sacerdotal do Império Romano, organizado para impor o culto do imperador; ou, como alguns pensam, o governo provincial da Ásia, que era um país pacífico, e ao qual o governo imperial delegou autoridade para fazer valer o culto do imperador.

Para o intérprete futurista, a besta-cordeiro é o cabeça eclesiástico da Igreja apóstata unida ao último império do mundo, cujo cabeça político será a besta-leopardo, o próprio anticristo. Talvez um potentado ecumênico que despreza a Palavra de Deus, assessorado por um agente de uma superpotência atéia.

Para o intérprete histórico, a besta-cordeiro é a Igreja apóstata que, depois da queda do Império Romano, curou o golpe mortal de Roma e fez reviver a cidade como cabeça de uma potência pagã-cristã, que continuou a dominar os governos do mundo por uns 12 ou 13 séculos. Este

poder combinado de besta-leopardo e besta-cordeiro, união de Estado e Igreja, foi chamado "Babilônia", cuja natureza é mais amplamente explicada no cap. 17.

O número 666. É a identidade da besta-cordeiro. É nome de homem ou, possivelmente, um grupo de homens, ou uma instituição chefiada por um homem ou grupo de homens. É um nome cujas letras, consideradas como números, dão o total de 666.

Em hebraico, o valor numérico das letras de "Neron Caesar", quando somadas, é de 666. Nero foi, de fato, uma besta, mas daí a chamá-lo besta parecida com cordeiro a distância é grande.

Em grego (o livro foi escrito em grego), as letras de "Lateinos" dão o total de 666: L, (=30); A, (=1); T, (=300; E, (=5); I, (=10); N, (=50); O, (=70); S, (=200). "Lateinos" significa "O reino latino." Foi assim que Irineu compreendeu, o qual foi discípulo de Policarpo, este o foi de João e ainda bispo de Esmirna no tempo em que o livro foi escrito. O latim era a língua falada em Roma. Roma papal fez do latim sua língua oficial. E ainda o é. Em qualquer nação, suas orações, cânones, missais, breviários, decretos, bulas, culto, bênçãos e maldições são todos em **LATIM.**

Alguns entendem o número assim: 6 é número de homem, faltando para 7 que é número de Deus. 666 é uma concentração tripla de 6. O quadrado de 6 é 36: 1, 2, 3 etc. até 36, somados dão 666. A significação parece ser que a besta, poderosa como é, por mais que o seja não será poderosa como Deus.

Capítulo 14. O Cordeiro e os Seus Seguidores

Os 144.000, vv. 1-5. O Cordeiro e seus fiéis seguidores contrapõem-se à besta e seus adeptos do capítulo precedente. Têm o nome do Cordeiro em suas frontes, v. 1, assim como os seguidores da besta são marcados com o nome desta, 13:16,17. Estão livres de falsidade, v. 5, em contraste com os prodígios mentirosos da besta, 13:14. São "virgens", v. 4, ao contrário da devassidão da besta, 17:5. Não devemos entender que eram literalmente celibatários, porque o N.T. em parte alguma considera pecaminoso o casamento, mas pelo contrário exalta-o como símbolo da relação entre Cristo e Sua noiva. Foram fiéis a Cristo em contraposição ao adultério de Babilônia, a igreja apóstata. O "cântico novo", vv. 2, 3, soando aos ouvidos como o bramido do oceano, era aquele que somente os remidos podiam conhecer. Uma pessoa não salva é incapaz de conhecer as alegrias dos remidos. E estes mesmos, quando chegarem ao céu, experimentarão um encantador arrebatamento além do que podem imaginar. No céu todos cantarão, sempre e sempre. Quem eram os 144.000? A linguagem e as circunstâncias parecem indicar que eram a verdadeira Igreja do Cordeiro, em contraste com a falsa igreja do pretenso cordeiro. Eram a fiel esposa no "deserto", 12:14, enquanto a infiel se deleitava em seu adultério com o mundo, cap. 17. São as "primícias", v. 4, em contraste com a "ceifa" geral, vv. 15, 16. Provavelmente, os mesmos 144.000 de 7:4. Os

salvos de Israel, contrapostos aos de todas as nações, v. 6. Ou, a primeira geração de cristãos. Ou, o número total de remidos. Ou, a igreja trasladada.

O anjo com o Evangelho eterno, vv. 6, 7. Os 144.000 foram as primícias. Aqui o quadro simboliza a evangelização geral do mundo. A arma do Cordeiro, à frente do seu exército, contra a besta é a pregação do simples Evangelho, em contraste com o método do pretenso cordeiro, de fazer morrer os que não o adoravam, 13:15. A aplicação exata do quadro, para alguns, está na proclamação do evangelho aos gentios, depois de ter sido pregado a Israel. Para outros, tipifica a era moderna das missões mundiais, precedendo a queda de "Babilônia" que é anunciada no v. seguinte. Para outros ainda, é o anúncia de que o reino milenário está próximo.

A queda de Babilônia, v. 8. É a primeira menção da Babilônia no livro. O que primeiro se menciona é a sua queda, que torna a ser mencionada em 16:19. A QUEDA de Babilônia, mencionada duas vezes antes de se dar a entender que existe uma Babilônia. Nos caps. 17 e 18 vem amplamente descrita. Foi essa coisa tão horrível que o escritor quis assegurar aos seus leitores, que ela teria existência temporária, antes de empreender a narração do fato. "Babilônia" foi o nome que se deu à aliança da bêsta rediviva com o pretenso cordeiro do cap. 13.

A condenação dos adoradores da besta, vv. 9-12. O livro do Apocalipse só reconhece duas classes de pessoas: as que pertencem a Deus e as que pertencem à besta. Temos aqui a sorte infeliz dos que têm a marca da besta, em triste contraste com o gozo indizível dos que pertencem ao Cordeiro, v. 3. A condenação deles vem mais amplamente descrita nos caps. 19 e 20. O contraste entre a sorte dos remidos e a dos perdidos, tão notável neste livro, foi também característico do ensino de Jesus, nos Evangelhos.

Os mortos bem-aventurados, v. 13. Isto contrasta, novamente, com o tormento dos maus, mencionado no v. precedente. É a sorte das duas classes outra vez em contraste. O sofrimento dos mártires, por fim, passou. O tempo, pedido em oração (6:9-11), chegou afinal. Salvos e felizes, eternamente.

A ceifa da seara da terra, vv. 14-16. Este capítulo começou com a visão das "primícias", v. 4, e termina com visões da ceifa final, intercalada a era da pregação do Evangelho, v. 6. Os selos e trombetas levaram o panorama até ao fim do capítulo 11. Os caps. 12-14, voltando ao ponto de partida, contêm outra série que se encaminha ao fim: a revelação da bêsta, terminando com sua derrota pelo Cordeiro. Esta visão é outra representação da Parábola do Joio, Mt 13:37-43, apresentando ambas a colheita final dos eleitos. "A seara da terra já secou", v. 15, isto fornece a razão pela qual o Senhor retarda a Sua vinda; Ele espera que a seara amadureça. A ceifa da raça humana veio sendo referida desde muito tempo no A.T., Jl 3: 9-14. "O SENHOR far-se-á ouvir de Jerusalém, e os céus e a terra tremerão. Multidões, multidões no vale da decisão. Lançai a foice. Está madura a seara. O lagar está cheio. A sua malícia é grande." É um quadro antigo do anjo pregoeiro, a voar, que João viu, seguido depois pelos anjos ceifeiros.

A colheita dos cachos da videira da terra, vv. 17-20. Esta visão da vindima refere-se aos maus, porque o lagar é o da "ira de Deus", v. 19.

É outra representação da condenação dos ímpios, como disse Jesus, em Mt 13:42, "lançarão na fornalha acesa os que praticam a iniqüidade", e em Mt 25:46, "estes irão para o castigo eterno."

Os **"1.600 estádios"**, v. 20, que significam? Reduzidos ao nosso sistema, são 296 km. A significação, porém, deve estar no número 1.600, e não na distância propriamente. 1.600 é igual a 4 x 4 x 100. Pensa-se que significa destruição total: da Terra Santa, ou do mundo inteiro.

"Fora da cidade", v. 20, provavelmente, significando a Cidade de Deus; querendo dizer que o povo de Deus está livre da ira que desabou sobre os ímpios.

Os **"cavalos"**, v. 20, que pisaram o lagar, parecem os mesmos, e o evento também o mesmo, dos exércitos do céu que acompanharam o Cordeiro na Sua vitória, 19:14-21.

Resumo dos Capítulos 12-14. Os Selos e as Trombetas, nos capítulos 6-11, descreveram o panorama histórico até a vitória final, dando mais pormenores da parte anterior da história.

Os capítulos 12-14, voltando até ao começo, passam por outra série de quadros simbólicos da história até ao tempo do fim, demorando-se mais nos pormenores da parte central da história, e dando mais detalhes às cenas do tempo do fim. As visões parecem descrever a ascendência de uma Igreja apóstata, assentada sobre o trono de um império mundial; durante este período, a Igreja verdadeira fica testificando fielmente perante o mundo inteiro, até a ceifa final.

"Blasfemaram o nome de Deus", 16:9. Pode ser uma referência ao Papa decretando sua própria infalibilidade (1870 d.C.), o último suspiro de uma grande potência mundial, a blasfêmia cumulante dos séculos, ver pág. 781.

Capítulos 15 e 16. As Sete Taças da Ira de Deus

As sete taças são os juízos de Deus pelos quais o poder de "Babilônia" é abatido, 16:19. Até aqui não houve menção de Babilônia, a não ser o anúncio de sua queda, 14:8. Explica-se nos caps. 17 e 18 o que é a Babilônia: Coalizão da besta e do falso profeta.

Cântico dos vencedores, 15:2-4. As sete taças da ira de Deus são precedidas de uma cena no céu, na qual, aparentemente, somos transportados para depois da execução delas. Aí vislumbramos irrestrito louvor do céu a Deus pelo modo como Ele dirigiu o curso da História, vv. 3-4. O cântico é chamado "Cântico de Moisés e do Cordeiro". Como o povo de Deus depois de passar o Mar Vermelho, Êx 15; Dt 32, ficou livre dos exércitos do Egito, assim, aqui, alcançou a outra margem e está livre de dano para sempre. É similar ao "cântico novo" de 5:9-14, a explosão de gôzo indizível à primeira vista do novo ambiente e da primeira visão, desanuviada, de Deus.

Talvez um dos objetivos desta visão preliminar fosse assegurar aos santos estarem livres dos terríficos desastres por vir; e contrastar o glorioso destino dos salvos com a temível condenação dos perdidos. Os juízos dirigem-se contra a Babilônia, como instituição, e também contra os indi-

víduos que têm "a marca" dessa instituição. O livro retrata o curso dos governos, potências mundiais, "formas agigantadas de império a caminho da ruína"; porém, jamais perde de vista o destino dos indivíduos, de que há duas classes: os que trazem a marca da besta, e os que usam o nome do Cordeiro.

A ira de Deus, 15:1,7. As taças são chamadas da ira de Deus: "com elas se esgota a ira divina." É ira contra a impiedade de Babilônia. Deus é Deus de amor e misericórdia. Mas os que rejeitam essa misericórdia aprenderão um dia, para sua tristeza, que quanto maior ela foi, tanto maior será a ira divina. "Ninguém podia penetrar no santuário", v. 8, possivelmente, significa que ninguém pode entrar na presença divina a fim de interceder no sentido de serem desviados os juízos. Passaram as oportunidades de intercessão.

As quatro primeiras taças, 16:2-9. Como as quatro primeiras trombetas, 8:7-12, estas taças caíram sucessivamente na terra, no mar, nos rios e no sol.

Os rios sobre os quais se derramou a terceira taça foram os mesmos em que foi derramado o sangue dos santos, v. 6, pela besta, 13:15, e por Babilônia, 17:6; 18:24. Os intérpretes históricos vêem aqui uma referência ao sistema fluvial do norte da Itália, ou aos vales dos rios da Europa, onde milhões de vítimas do papado foram martirizadas.

A quarta taça, ao contrário da quarta trombeta, que escureceu o sol, intensificou grandemente o calor deste.

A quinta taça, 16:10-11. Sobre o trono da besta, cujos domínios sofreram terrìvelmente com as quatro primeiras. Abate-se o seu poder. Continuam, porém, a blasfemar.

A sexta taça, 16:12-16. A convocação para a batalha do Armagedom. Esta taça, como a sexta trombeta, afeta o rio Eufrates. Sob a sexta trombeta, o exército infernal de 200 milhões de cavaleiros foi solto do Eufrates, que aqui fica seco para possibilitar a passagem de um exército ainda maior. Os espíritos do dragão, da besta e do falso profeta, ou seja, Satanás, a super-potência pagã e a Igreja apóstata, em conluio, reúnem os reis de toda a terra em Armagedom para a batalha do grande dia de Deus. Notar o aviso parentético, v. 15, de que com a aproximação da batalha, a vinda do Senhor se avizinha. O ladrão não avisa sua chegada. Assim, a vinda do Senhor vai apanhar o mundo desprevenido, Lc 21:34.

O "Eufrates", v. 12. As taças, ainda sendo repetições das trombetas, revelam aqui, como conteúdo da sexta taça, que o Eufrates é o lugar das hostes malignas se reunir num esforço final visando destruir a Igreja, assim como a sexta trombeta simbolizou um golpe terrível contra a Igreja desferido pelo exército demoníaco marchando desde o Eufrates, 9:14-16.

O Jardim do Éden, onde teve sua origem a raça humana, e Babel, onde o governo humano começou sua rebelião contra Deus, estavam no vale do Eufrates. Assim, a história humana chegará ao seu fim no lugar onde começou.

A sétima taça, 16:17-21. Esta parece ser a verdadeira batalha do Armagedom, a qual, sob a sexta taça, estava sendo preparada. A taça foi derramada no ar. Houve saraivada, com pedras que pesavam 30 quilos; e grande terremoto. Babilônia caiu.

"Três partes", 16:19. Assim como o Império Romano caiu em três partes, 8:7-12; 9:18; assim também cairá em três partes o governo final anti-cristão: Babilônia, a Besta, o Falso Profeta.

Interpretação preterista. As taças são as catástrofes aterrorizantes prestes a cair sobre o império romano, culminando na ruína da cidade de Roma pelas hordas partas, dalém do Eufrates (o que nunca aconteceu).

Interpretação futurista. As taças representam convulsões literais da natureza e calamidades que sobrevirão ao império confederado do anticristo, culminando numa batalha literal em Megido, histórico campo de batalha da Palestina. O terremoto será terremoto de verdade. As pedras de 30 quilos da saraivada serão pedras mesmo.

As interpretações históricas são muitas. Vai, aqui, uma das mais comuns. As taças retratam os juízos pelos quais o papado (que, de acordo com esta interpretação, é Babilônia) deixa de ser potência mundial: as colossais sublevações do Século 18. O papado foi o poder dominante do mundo do 6.º ao 18.º Século. Seu crescimento foi gradual, adquirindo firmeza do 6.º ao 9.º Século. Do 9.º ao 13.º Século dominou sozinho os reis da Europa. A partir do Século 13 seu declínio foi gradual. Foi terrivelmente abalado e enfraquecido pela Reforma Protestante do Século 16, e pela Revolução Francesa e as guerras de Napoleão na última parte do 18.º e princípio do 19.º Século; desde então seu poder no governo do mundo tem sido mera sombra do que foi na Idade Média. Nos dias de sua decadência, sofreu sua final humilhação por Napoleão Bonaparte, e perda de prestígio, que nunca mais recuperou. Na Idade Média os papas falavam e os reis estremeciam. Mas esse tempo passou, e o poder papal é mera sombra daquilo que era. As duas passadas guerras mundiais, segundo se pensa, podem ter sido prenúncio da batalha do Armagedom, que se encaminha para o seu desfecho. As pedras de 30 quilos de peso podem ser uma profecia dos bombardeios aéreos.

"Grande terremoto", v. 18. As duas Guerras mundiais recentes, com ameaças de uma terceira; o sistema presente de nações e governos em condições inseguras, perturbadas e caóticas, com metade do mundo debaixo do controle do comunismo ateístico que declaradamente tem a intenção de destruir o cristianismo, e que já está operando nas Igrejas dos países livres sob a capa de "teologia avançada" que define terroristas como "gente avançada" — tudo isto nos leva a perguntar se porventura já temos chegado à primeira etapa do Armagedom.

Capítulo 17. Babilônia, a Grande Meretriz

A "grande meretriz", v. 1, é a "grande cidade", v. 18, que governa os reis da terra, situada em "sete montes", v. 9. Seu nome era "Babilônia", v. 5. Montava uma besta escarlate, v. 3, repleta de nomes de blasfêmia, tendo sete cabeças e dez chifres. Estava adereçada de púrpura, escarlate e lindas jóias, preço do seu adultério, v. 4. Mãe das abominações e embriagada com o sangue dos santos, vv. 5, 6. As sete cabeças eram sete reis, cinco dos quais haviam saído, v. 10. Os dez chifres eram dez reis que ainda não tinham recebido reino, v. 12.

Sete Cabeças e dez chifres, v. 3. O dragão os tinha, 12:3. A Besta os tinha, 13:1. A meretriz, Babilônia, os tinha. Simbolizam o governo mundial.

"Babilônia" é definida aqui como sendo a grande cidade que domina sobre os reis da terra (v. 18), que na época era Roma, cidade que ainda é identificada pela expressão "As sete cabeças são sete montes, nos quais a mulher está sentada", v. 9. Roma era literalmente construída sobre sete montes.

Cinco reis caíram, um existe, e o outro ainda não chegou, v. 10. Aqui também, Roma é indicada. Naquela época, tinham caído cinco impérios: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia. Um estava dominando: Roma. E um estava para chegar: Babilônia, a meretriz.

O oitavo rei, que procede dos sete, v. 11. Parece ser a volta à existência da Besta, depois do fim da época das sete cabeças e dos dez chifres, talvez uma descrição da forma que o Anticristo assumirá.

A meretriz é Babilônia. Babilônia é a meretriz. A mulher é uma cidade. A cidade é uma mulher. O termo "meretriz" indica a espécie de mulher que ela é. Uma entidade representada por duas metáforas.

Depois, outra mulher é outra cidade, 21:2,9,10. A "esposa do Cordeiro" é a "nova Jerusalém", a "Cidade Santa".

"Duas mulheres diferentes em extremo identificam-se com duas cidades em extremo diferentes. Uma mulher pertence à besta, a outra ao Cordeiro. Uma é sórdida, a outra é pura. Uma veste-se de escarlate, a outra de puro linho. Uma está sentada, poderosamente, num trono de esplendor mundano, a outra é perseguida e se esconde no "deserto". Uma encaminha-se para a condenação, a outra para a "glória eterna".

A Igreja aparece primeiro como uma mulher pura. Depois se torna adúltera, que se vende ao mundo em troca de poder e riqueza.

Para o intérprete preterista, "Babilônia" é a cidade de Roma, famosa por seu luxo e magnificência. A "besta escarlate" é o Império Romano. A "blasfêmia" é o endeusamento dos imperadores. Os sete reis são: Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Vespasiano, Tito, que reinaram de 31 a.C. a 81 d.C. O "oitavo" é Nero que volta. Os dez reis são os dez governadores partos que se esperava ajudassem Nero em vingar-se de Roma por havê-lo arrancado do trono. (Esta profecia sobre Nero nunca se cumpriu. Assim, pois, pelo menos essa parte da interpretação não pode ser correta.) A "prostituição" pensa-se que é em sentido espiritual, isto é, idolatria, visto a cidade ter vasta multidão de deuses. Pode referir-se também a prostituição literal, porque a cidade estava cheia de meretrizes, das quais se exigia que trouxessem seus "nomes nas frontes". "Embriagada com o sangue dos mártires", refere-se às perseguições de Nero e Domiciano.

Para o intérprete futurista, "Babilônia" é literalmente uma cidade mundial do futuro. Roma, pensam alguns. Babilônia mesmo, reconstruída, pensam outros. Eles vêem duas "Babilônias"; uma, a cristandade apóstata; outra, o império confederado do anticristo, o último e mais terrível tirano da terra, nos dias da tribulação, quando se espera que se cumpram literalmente os pormenores deste capítulo.

Uma Igreja Apóstata no Trono de um Império Mundial

Para o intérprete histórico, "Babilônia", coalizão que é da besta e da besta-parecida-com-Cordeiro, do cap. 13, representa a igreja apóstata, ou a cristandade apóstata, em adultério com o mundo, cuja principal manifestação é o papado. Não que "Babilônia" se refira exclusivamente ao papado, mas ao espírito do mundo na Igreja, a dominá-la, do que se tem no papado aparatosa exemplificação histórica.

O desejo de poder mundano começou a manifestar-se em grande escala na Igreja no 4.º Século, quando o Império Romano deixou de perseguir, e fez do cristianismo a religião oficial. Então o espírito de Roma imperial passou para a Igreja. Esta deixou de ser uma instituição que dava testemunho de Cristo, tornando-se vasta organização autoritária, e usurpando para si a autoridade de governar o mundo.

Quando o Império Romano caiu, a Igreja curou-lhe o golpe mortal. Roma reviveu, com o auxílio da Igreja, e durante mil anos governou o mundo em nome de Cristo, mas no espírito e nos modos dos reis da terra. Os papas de Roma foram os herdeiros e sucessores dos Césares. O Vaticano situa-se no local do palácio destes. Os papas têm vivido em toda a pompa e esplendor dos Césares e têm reivindicado toda a autoridade que estes reivindicavam, e ainda mais. O palácio papal, através dos séculos, tem figurado entre os mais luxuosos do mundo. A renda papal, anualmente, sobe a milhões. As "abominações" e imoralidades pavorosas dos papas da Idade Média são bem conhecidas. Os horrores da Inquisição, ordenados por eles, foram muito mais extensos e brutais do que as perseguições dos Césares, e constituem o mais revoltante quadro da História. "Escarlate" é a cor do papado. O trono do papa é escarlate. É carregado por 12 homens vestidos dessa cor. Os chapéus e capas dos cardeais são escarlates. Em nenhum lugar da terra se exibe maior pompa e esplendor deste mundo do que na coroação de um papa.

Escarlate. Originalmente a cor do diabo, 12:3. Tornou-se agora a cor do comunismo ateu: o exército vermelho, território vermelho, a Praça Vermelha, as hostes do diabo se organizam para manipular exércitos humanos.

"As imundícias da sua prostituição", v. 4. As imoralidades horripilantes dos papas da Idade Média são bem conhecidas.

"Embriagada com o sangue dos mártires", v. 6. Os horrores da Inquisição, ordenada e mantida pelos papas, durante um período de 500 anos, no decurso dos quais incontáveis milhões de pessoas foram torturadas e queimadas, constituem o quadro mais BRUTAL, BESTIAL e ENDIABRADO de toda a história universal.

Não é agradável escrever estas coisas. Parece inconcebível que uma organização eclesiástica, na sua mania pelo poder, pode ter distorcido, profanado e corrompido a bela e santa religião de Jesus, fazendo-a mero instrumento da sua própria exaltação mundana. Mas é isto que o papado da Idade Média fez.

Mas fatos são fatos. E história é história. E, ainda mais espantoso é isto: que tudo foi exatamente prefigurado pelo Livro do Apocalipse. Não se deve estranhar que a visão de João lhe trouxe amargura, 10:10.

Mas o papado não foi o único pecador. Ele é notável exemplo de uma Igreja dominada pelo mundo. Contudo, o espírito do mundo prevalece tristemente em igrejas protestantes e em toda a cristandade. Mesmo em nosso país (os EE. UU.), onde julgamos possuir a forma de cristianismo mais pura, desde os dias das primitivas perseguições, o mundanismo, o orgulho, o anseio de poder, o profissionalismo, que se evidenciam tão geralmente na Igreja, indicam que esta não se libertou ainda inteiramente do seu adultério com o mundo. "Babilônia" foi terrivelmente abalada, mas não entrará em colapso até o dia do Armagedom. Parece que quanto maior e mais poderosa se torna uma organização ou instituição da Igreja, tanto mais naturalmente atrai para liderá-la homens egoístas e ambiciosos, que a usam, em larga escala, para o engrandecimento deles mesmos. Esta é a fraqueza da natureza humana.

Os Dez Reis, vv. 11 e 12. Períodos interinos entre as épocas das potências mundiais, quando o mundo é regido por um número de governos, "dez" deles, em números redondos. Assim como os dez chifres de Dn 7:7 parecem ser a profecia dos dez reinos que se formaram com a queda do império romano, assim também estas palavras em epígrafe podem representar outro período interino de desintegração antes da vinda do Anticristo final. Nestes tempos, não tem havido um poder único dominando o mundo. Napoleão procurou fazer isto. Hitler fez a mesma tentativa. E agora os comunistas ateus usam todos os meios de subjugar e escravizar a raça humana inteira.

Capítulo 18. A Queda de Babilônia

Este capítulo é muito semelhante ao lamento de Jeremias sobre a desolação da Babilônia do A.T., Jr 50 e 51; de modo especial o incidente da pedra lançada ao mar, v. 21 e Jr 51:63-64. Babilônia, cidade do Eufrates, maravilha do mundo antigo, foi aquela que levou cativo o povo de Deus do Antigo Testamente, (Ver Nota Introdutória ao Comentário de Daniel). Assim, João emprega a palavra como denominação do poder mundial que capturaria a Igreja. Menciona o "Eufrates", tanto sob a sexta trombeta como sob a sexta taça, como sendo a terra de onde viriam os inimigos de Deus.

Roma foi a Babilônia do N.T., a potência mundial que já começara a perseguir o povo de Deus do N.T., como a Babilônia fizera com esse povo do A.T. Talvez uma das razões pelas quais Roma é chamada "Babilônia", em vez de seu próprio nome, é que num tempo de perseguições não seria prudente mencionar claramente a cidade como sendo objeto de tão terríveis juízos. Outrossim, de acordo com algumas interpretações, "Babilônia" tinha sentidos que transcendiam a Roma dos tempos do N.T.: aplicava-se mais especificamente a uma Roma de tempos mais adiante e de uma natureza diferente: a coalizão da "igreja meretriz" e da "besta".

Além das representações pictóricas do Apocalipse, outras passagens do N.T., tais como 2 Ts 2:3-10; 1 Tm 4:1-3; 2 Pe 2; e Judas 18, claramente predizem o aparecimento e a ascendência temporária de uma igreja apóstata dentro da Igreja Cristã.

Este consórcio da besta-leopardo com a besta-cordeiro, este adultério da Igreja com o mundo, chamado "Babilônia", seja o papado, seja, de um modo geral, a cristandade morta e corrupta, está sob condenação. Há tanta descrença ensinada nos Seminários e do púlpito, uma falta da Palavra de Deus no curso teológico, na pregação e na vida dos membros das Igrejas, parecendo que a Igreja como um todo ainda não saiu inteiramente da grande apostasia. Com a sua queda, o céu todo vibra com aleluias, 19:1-5. Seguem-se os alegres acordes da marcha nupcial, quando o Cordeiro desposa Sua verdadeira noiva.

"Retirai-vos, dela, povo meu", v. 4. Se "Babilônia" é o nome profético do papado, como pensamos ser uma possibilidade, então aqui teríamos *uma previsão da Reforma protestante*. Na Idade Média, por corrupto e diabólico que tenha sido o sistema papal, Deus ainda tinha servos Seus sob o domínio papal; e, logo que Lutero soou o clarim, no século 16, começou um poderoso êxodo e separação do aprisco papal. A Reforma espalhou-se pela Alemanha, Escandinávia, Inglaterra, Escócia, Estados Unidos e Canadá. Dela surgiu nossa época moderna da Bíblia aberta, da liberdade de consciência, da educação popular, do governo do povo pelo povo em prol do povo. A Martinho Lutero, mais do que a qualquer outro indivíduo, devemos as bênçãos da civilização moderna.

Em um só dia, v. 8. A destruição da Babilônia será súbita e completa. Pode ser algum detalhe do conflito final com o Anticristo, ou com o cristianismo apóstata como um todo.

Capítulo 19. A Destruição da Besta e do Falso Profeta

Os quatro inimigos do Cordeiro eram o dragão, a besta, o falso profeta e Babilônia. No cap. 18 tivemos a queda desta última. Neste capítulo, a besta e o falso profeta são destruídos. No cap. 20 o dragão recebe sua final condenação.

A besta, o falso profeta e Babilônia parecem ser personificações de instituições. O dragão é uma pessoa.

Não somente as instituições são destruídas, como também os que receberam a sua "marca", 14:9-11.

Os coros de aleluias, vv. 1-8. O primeiro expressa o júbilo do céu em face da destruição de Babilônia, a meretriz. O segundo, numa elevação de vozes como o bramido do oceano e o ribombar de trovão distante, anuncia o casamento do Cordeiro com a Sua verdadeira esposa, os verdadeiros cristãos como um todo, vv. 7 e 9.

O cavalo branco e os exércitos do céu, vv. 11-16. Se este cavalo branco é o mesmo do primeiro selo, 6:2, então temos aqui o triunfo final de que aquele foi o princípio. Se aquele cavalo branco representava a potência mundial, este cavalo branco de agora é vencedor daquele. A visão parece representar a vinda gloriosa do Senhor. Os olhos como de fogo e a espada de sua bôca, vv. 12 e 15, são índices de sua ira contra os desobedientes, como vem expresso em 2 Ts 1:7-10.

A condenação final da besta e do falso profeta, vv. 17-21. A grande ceia para as aves de rapina contrapõe-se à ceia nupcial do Cordeiro. Depois da queda de "Babilônia", que era a aliança em atividade da besta e do falso profeta, estes dois continuaram por um pouco, cada qual em sua pró-

pria esfera. Agora chegou a vez deles. O "lago de fogo" foi onde findou a instituição mediante a qual o dragão operava. Desaparecendo suas agências, está agora desamparado e em condições de ser preso.

Capítulo 20. O Milênio

A única menção de fato que a Bíblia faz do milênio está neste capítulo. Há muitas passagens que se julga referirem-se a ele, mas as passagens mesmo não o dizem. Afirma-se que a segunda vinda do Senhor é mencionada mais de trezentas vezes no N.T., mas o milênio uma vez só em toda a Bíblia, e ainda assim na parte mais misteriosa do livro mais misterioso da Palavra de Deus. Viver na bendita esperança e contínua expectação da vinda do Senhor é uma coisa; manter uma teoria a respeito do milênio é outra. Alguns pensam que o milênio será uma era de felicidade neste mundo; outros acham que será uma das eras da eternidade depois que a ordem de existência da carne e do sangue tiver passado. E alguns falam como se conhecessem o assunto ao fundo.

Satanás é preso, vv. 1-3. Como a expulsão de Satanás do céu, cap. 12, esteve em conexão com o nascimento e a ascensão de Cristo, 12:5, assim, aqui; sua prisão está em relação com o segundo advento de Jesus. Alguns pensam que as duas passagens se referem ao mesmo evento. Ma no cap. 12 Satanás atormentou a terra. Aqui é impedido de atormentar, 20:3. "O abismo" (poço sem fundo) era a morada dos demônios, Lc 8:31. Os domínios de Satanás, presididos por um dos seus arcanjos, 9:11, tornam-se agora seu cárcere. Foi o "príncipe deste mundo", mas não o será durante o milênio. O "abismo" não é o "lago de fogo" que será o destino final do Diabo.

O reino milenário, vv. 4-6. Durará 1.000 anos. Alguns compreendem 1.000 anos literais, prefigurados como o repouso sabático depois de 6.000 anos de história do homem. Outros entendem que será um tempo indefinidamente longo. Veja a expressão de 2 Pe 3:8, "Para com o Senhor um dia é como mil anos, e mil anos como um dia".

"A primeira ressurreição", v. 5. Não se menciona uma segunda ressurreição, mas a expressão "os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os mil anos" indica que haverá duas ressurreições, uma antes e outra depois do milênio. O N.T. em geral coloca a vinda do Senhor, a ressurreição e o dia do julgamento sob uma só perspectiva: assim como, se olhando os picos de montanhas distantes, mais ou menos alinhados, um atrás do outro, parecem estar unidos, quando na realidade podem estar separados entre si por distâncias enormes. Contudo, Jesus, empregando a frase "ressurreição dos justos", Lc 14:14, pode ter dado a entender que a ressurreição de todos não se dará a um só tempo. Paulo, em 1 Co 15:23, falando da ressurreição, diz: "cada um por sua própria ordem: Cristo, as primícias; depois os que são de Cristo, na sua vinda; e então virá o fim": como podendo o fim ocorrer algum tempo depois da ressurreição do povo de Cristo, assim como esta ocorrerá algum tempo depois da ressurreição dEle.

A condenação final de Satanás, vv. 7-10. A vez de Satanás chega afinal, depois que Babilônia, a besta e o falso profeta, agências da sua obra nefasta, são destruídos, caps. 17, 18, 19. Faz um esforço titânico, porém breve e fútil, para recuperar sua influência na terra.

"Magogue", v. 8, é a denominação geral das nações setentrionais da posteridade de Jafé, Gn 10:2. "Gogue" é o príncipe delas, Ez 38:2. Em Ez 38 e 39 atacam o povo de Deus pela banda do norte. Aqui, vêm dos "quatro cantos da terra". Provavelmente, são nomes usados para significar os inimigos de Deus procedentes de todas as nações.

Como pode Satanás por em forma tão vasto número de adeptos, logo depois de ter sido preso por 1.000 anos? Sugere-se que, sendo a vez da ressurreição geral, vastas multidões de homens e mulheres vis e perversos de todos os séculos, revivendo, fornecem a Satanás campo fértil para sua obra.

"O lago do fogo e enxofre", v. 10, é o destino final de Satanás, da bèsta, do falso profeta e dos perdidos. Se a besta e o falso profeta eram instituições, antes que pessoas, de qualquer maneira, elas foram criadas e dirigidas por pessoas, de cujo espírito eram expressões. Se ser lançado no fogo significava aniquilamento para as instituições, as pessoas continuaram a viver em tormentos "de dia e de noite pelos séculos dos séculos", expressão forte que significa absoluta perpetuidade.

O juízo final, vv. 11-15. Babilônia, a Besta, o Falso Profeta, Satanás e outras influências malignas, estando devidamente afastadas, deixam o caminho livre para que cada ser humano individualmente passe a ser remetido para sua habitação final.

A fuga da terra, da presença do que estava sentado no "grande trono branco", v. 11, pòde ter sido pelo fogo, 2 Pe 3:10-12. Os que já haviam sido julgados dignos da primeira ressurreição têm agora confirmada sua classificação diante do universo reunido.

O julgamento é completo. Todas as pessoas, de todas as eras e climas, estarão aí. Todas as obras e motivos serão recordados. É o dia de que falou Paulo em Rm 2:16, em que Deus julgará os segredos dos homens. Só o pensar nisso deve levar-nos a reflexões sérias.

Haverá somente duas classes: os salvos e os perdidos. Os "livros" têm o registro das obras dos homens. No "livro da vida" estão arrolados os salvos. Há muitas pessoas de caráter tão misto que não saberíamos onde arrolá-las. Deus, porém, o sabe.

"A segunda morte", v. 14, é a condenação final, distinta da morte física que é a sorte da humanidade inteira. É aqui chamada "lago do fogo", a mesma coisa de que falou Jesus nos Evangelhos: o lugar onde "o fogo não se apaga", "fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos", "temei Àquele que, depois de matar, pode lançar no inferno; que é capaz de destruir no inferno tanto o corpo como a alma; sim, digo-vos, a esse temei." Fogo literal? Quem sabe? Pode ser mais doloroso para a alma do que o fogo para o corpo.

Até a própria morte foi lançada no lago do fogo, v. 14. Para os que não foram para o lago, a morte, pesadelo da existência terrestre, nunca mais será uma ameaça para os homens, 21:4.

Capítulo 21. O Céu

Este capítulo refere-se, não a uma nova ordem social no mundo presente, mas ao lar eterno dos remidos, a "casa do Pai, das muitas moradas."

É um dos mais belos, confortadores e preciosos capítulos da Bíblia, que nunca nos cansamos de ler.

"Novo céu e nova terra", v. 1. O primeiro céu e a primeira terra passaram, como Pedro dissera, 2 Pe 3:10, o céu com grande estrondo (explosão?), queimando-se a terra e suas obras. Que mudança no universo físico isso envolverá, não o sabemos. Tampouco sabemos se esta terra vai ser reformada e renovada pelo fogo, ou se nossa moradia será de todo diferente. Nem sabemos se de algum modo, com os nossos corpos glorificados, incorruptíveis, espirituais, estaremos confinados a algum planêta ou estrêla material, ou se estaremos livres para percorrer os espaços sem fim da eternidade. Como gostaríamos de sabê-lo. Um dia sabê-lo-emos.

"O mar já não existe", v. 1, mas há um "rio", 22:1. Não sabemos se se deve entender isso ao pé da letra. Talvez o "fogo" que consumiu a terra, consumisse também o mar. Talvez o "rio da água da vida" não seja água mesmo, mas a "água viva" do refrigério espiritual oferecido por Cristo, Jo 4:14; 22:17. Alguns pensam que o "mar" seja símbolo de perpétua inquietação, e sua ausência seja um índice de paz imperturbável que reina no céu. Ou, sendo reconhecido como barreira entre as nações, sua ausência significa fraternidade universal.

O "tabernáculo de Deus", v. 3, está com os homens. Morada de Deus. A casa do Pai com muitas mansões. No Éden o homem foi expulso da efetiva, imediata e consciente presença de Deus. Aqui, é restaurado a essa presença. Neste mundo andamos pela fé. Lá veremos efetivamente Sua face e com Ele estaremos pelos ciclos incessantes dos séculos sem fim. Não haverá mais morte, nem lágrimas, nem dores, nem sofrimentos morais, nem tristezas. Novo universo virá a existir. Que maravilha lá estar. Especialmente para aqueles que têm experimentado aqui pouco mais do que sofrimentos: quanto maiores forem os sofrimentos aqui, tanto maior será a glória lá.

"Fora estarão os abomináveis", v. 8; 22:15 etc. Muitos cristãos são réus de alguns pecados aí mencionados. A nós parece que há muitas gradações de caráter, e não saberíamos traçar a linha de demarcação entre elas. Porém Deus sabe. Para Ele só existem duas classes: os que são Seus, e os que não o são.

A "nova Jerusalém", vv. 9, 10, a Cidade Santa. A Bíblia começa com um jardim e finda com uma cidade. É aquela cujos fundamentos Abraão saiu para descobrir, deixando o seu lar, em Ur dos Caldeus: Cidade que agora é levada a cabo, com Abraão a deleitar-se em suas glórias. É a Cidade Santa, a Nova Jerusalém, a Noiva de Cristo, a Espósa do Cordeiro. A Cidade Santa é a antítese de Babilônia. A Igreja, noiva de Cristo, adulterou com o reino do mundo e então seu nome veio a ser Babilônia. Mas agora a adúltera desapareceu, e a verdadeira esposa toma o seu lugar.

A cidade é de ouro, vv. 18, 21. É a noiva de Cristo, cidade mostrada a João pelo mesmo anjo que lhe mostrou a igreja adúltera, cap. 17, que também era uma cidade, Babilônia. A antiga Babilônia, de que a igreja-meretriz tomou o nome, fora uma "cidade dourada", Is 14:4 (ver "Babilônia", no comentário sobre Daniel). Agora, a verdadeira Cidade de Ouro aparece em seu infinito esplendor e magnificência.

As dimensões da cidade, v. 16. 12.000 estádios (2.220 km). Pode ser a extensão de cada lado, ou todo o circuito, tendo cada lado 3.000 estádios, e as 12 portas 1.000 estádios separadas uma da outra. A muralha tinha 144 côvados, uns 66 m. Se isto se refere à sua espessura, sua altura seriam os 3.000 ou os 12.000 estádios. Se os 144 côvados se referem à altura da muralha, então a cidade de ouro do seu interior erguer-se-ia muito acima dela. As dimensões são múltiplos de 12. Doze é sinal característico do povo de Deus. Os muros são de 12 vezes 12 côvados. Há 12 portas, insculpidos nelas os nomes das 12 tribos de Israel. Doze fundamentos, com os nomes dos 12 Apóstolos. A cidade era um cubo perfeito, tal e qual o seu protótipo, o Santo dos Santos no tabernáculo. Os 12.000 são símbolo do povo de Deus, multiplicado por mil, representando o estado completo, aperfeiçoado e glorioso da criação redimida.

Os nomes das doze tribos, insculpidos nas portas, e dos doze apóstolos nos fundamentos podem indicar que os fundadores da cidade, quanto ao aspecto humano, foram os pregadores da Palavra de Deus no A.T. e no N.T.

O padrão geral da cidade, quadrangular, com seus muros, e o rio da vida, pode ter sido sugerido pelo padrão da Babilônia antiga, que também era quadrangular, com perto de 100 km de muros, tendo 90 m de altura, e que tinha 100 portões de latão, sendo dividida no meio pelo rio Eufrates.

As pedras preciosas, vv. 19-21. O peitoral do sumo sacerdote, ostentando 12 pedras com os nomes das 12 tribos, Ex 28:15-30, deve ter sido como que pálida fotografia, no passado distante, do que Deus estava empreendendo para o futuro. As pedras eram similares às da nova Jerusalém. As do peitoral: sárdio, topázio, carbúnculo, esmeralda, safira, diamante, jacinto, ágata, ametista, berilo, ônix e jaspe. As da nova Jerusalém: jaspe, safira, calcedônia, esmeralda, sardônio, sárdio, crisólito, berilo, topázio, crisópraso, jacinto, ametista. É difícil identificar algumas destas pedras. Aquelas que não coincidem nas duas listas são bem semelhantes. Há dúvidas na tradução dos nomes gregos e hebraicos. Damos aqui as cores que tinham, conforme se supõe: jaspe, cristal claro; safira, azul; calcedônia, azul-celeste; esmeralda, verde; sardônio, alvirubro; sárdio, vermelho fogo; crisólito, áureo; berilo, verde-mar; topázio, amarelo translúcido; crisópraso, verde; jacinto, vermelho; ametista, roxo. A cidade mesma era de ouro. Os muros de diamante. Os fundamentos faiscavam com as cores do arco-íris. Cada porta era uma pérola. Um complexo dos materiais mais preciosos e belos conhecidos do homem, reunidos num esplendor espetacular, talvez símbolo de algo além do que se podia imaginar. Beleza. Glória. Paz. Segurança eterna.

O artigo "Jóias e Pedras Preciosas" do Novo Dicionário da Bíblia, dá informações mais detalhadas sobre estas pedras.

Capítulo 22. Palavras Finais

A árvore da vida, vv. 1-5. O Jardim do Éden restaurado, no meio da cidade de ouro. O Paraíso. Imortalidade. Que iremos fazer no céu? Cantar louvores? Mui certamente. Sem música, o céu seria céu? Que diz Shakespeare? "Quem não tem música em sua alma presta-se para a traição." Mais do que isso. Sem dúvida, lá haverá oportunidades para realizarmos as aspirações que não conseguimos ver satisfeitas na terra. A vida a crescer, a progredir sempre, a subir sempre, participando nós com Deus: são um resultado inevitável, como o fruto resulta da flor.

A árvore da vida, ao lado do rio da água da vida, 22:1,2, que flui eternamente do trono de Deus. Simbolizada em primeiro lugar pela árvore da vida e pelo rio que havia no Éden, Gn 2:9,10. Depois, prenunciada pela visão de Ezequiel, das águas que saneam o lugar aonde chegam, Ez 47:1-12. Mais tarde, Jesus disse: "Quem beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede", Jo 4:14; e: "Eu sou o pão da vida... se alguém dele comer, viverá eternamente", Jo 6:35,51. Aqui, há o cumprimento final de todas estas visões e promessas, para os cidadãos do universo do Cordeiro.

A importância do livro, v. 6. É uma reafirmação de que **É A PALAVRA DE DEUS,** 1:2. O Livro começou proferindo uma bênção sobre os que lêem e guardam suas palavras, e é assim que termina, 22:7. "Não seles as palavras deste livro", v. 10, é um aviso sério, para que não o negligenciemos, e sim o estudemos.

"Continue o injusto fazendo injustiça, e o santo continue a santificar-se", v. 11, é uma solene resignação dos perdidos à sua sorte, e dos salvos à sua. Neste mundo, enquanto durar o dia da graça, o caráter pode melhorar ou piorar. Mas chegará o tempo em que será fixado para sempre. Castigo eterno e vida eterna não são decretados arbitrariamente por Deus: são um resultado inevitável, como o fruto resulta da flor. O castigo do pecado é o pecado mesmo. O prêmio da santidade é a própria santidade.

Nota-se mais uma vez a absoluta separação entre os que lavaram suas vestes e os que não o fizeram, vv. 14 e 15, como em 21:6-8. Repetidas vezes enfatiza-se nas Escrituras que só há duas classes de pessoas, e que só há dois destinos para todos.

"Eu sou a raiz e a geração de Davi, a brilhante estrela da manhã" (brilhante governador, Nm 24:17). Isto é, Eu sou **AQUELE** para Quem todas as profecias apontaram. Ele é o único Salvador Prometido. Não há outro.

Convite final, v. 17. Jesus acabou de dizer "Eis que venho sem demora", v. 12. O Espírito, a noiva e todo aquele que ouve fazem coro na súplica, "Vem". Jesus responde, "Certamente, venho sem demora", v. 20. É a última palavra Sua, de que se tem registro, o recado de despedida à noiva

que O aguarda, ao desaparecer Ele das nossas vistas. A passagem contém um convite aos pecadores para que venham a Ele, a fim de estarem prontos quando Ele vier.

Última advertência contra a mutilação da Palavra de Deus, vv. 18, 19. Os críticos racionalistas não gostam desta passagem e querem limitar o seu sentido a este livro, visto que ela os condena por tomarem a liberdade de eliminar quaisquer partes da Escritura de que eles não gostam, Dt 4:2; 12:32. Refere-se particularmente ao Apocalipse, é verdade, mas é também um tremendo aviso contra a maneira leviana de tratar qualquer das partes da Palavra de Deus. Mutilar o Livro seria punido pela perda das promessas nele registradas.

Gênesis e Apocalipse

A Bíblia é toda ela uma história só. A última parte do último livro da Bíblia soa como o final da história começada na primeira parte do primeiro livro.

A primeira palavra do Gênesis:
"No princípio criou Deus os céus e a terra." Gn 1:1.
Uma última palavra do Apocalipse é:
"Vi novo céu e nova terra." Ap 21:1.

GN: "Ao ajuntamento das águas chamou Mar." Gn 1:10.
AP: "E o mar já não existe." Ap 21:1.

GN: "Às trevas chamou noite." Gn 1:5.
AP: "Lá não haverá noite." Ap 21:25.

GN: "Deus fez os dois grandes luzeiros (sol e lua)." Gn 1:16.
AP: "A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, pois a glória de Deus a iluminou." Ap 21:23.

GN: "No dia em que dela comeres, morrerás." Gn 2:17.
AP: "Não haverá mais morte." Ap 21:4.

GN: "Multiplicarei sobremodo as tuas dores." Gn 3:16.
AP: "Não mais haverá sofrimentos." Ap 21:4.

GN: "Maldita é a terra por tua causa." Gn 3:17.
AP: "Não mais haverá maldição." Ap 22:3.

GN: Satanás aparece como o enganador da humanidade, Gn 3:1,4.
AP: Satanás desaparece para sempre, Ap 20:10.

GN: Foram afastados da Árvore da Vida, Gn 3:22-24.
AP: Reaparece a Árvore da Vida, Ap 22:2.

GN: O homem afastou-se da presença de Deus, Gn 3:24.
AP: "Verão Sua face." Ap 22:4.

GN: A primeira habitação do homem foi um jardim à beira de um rio, Gn 22:10.

AP: A eterna habitação do homem redimido será ao lado de um rio que corre para sempre do trono de Deus, Ap 22:1.

Como a Bíblia Chegou até Nós

A Formação do Novo Testamento

O Cânon do N.T. A palavra "Cânon" significa literalmente "cana", ou "vara de medir". No uso cristão veio a significar a "regra escrita de fé", isto é, a lista dos livros originais e autênticos que compunham a Palavra inspirada de Deus. Os livros "canônicos" do N.T. foram aqueles que vieram a ser geralmente reconhecidos pelas igrejas como escritos genuínos e autênticos, de autoridade apostólica.

As "Escrituras" do A.T. Nos dias de Cristo havia na literatura da nação judaica um grupo de escritos chamados "As Escrituras", que hoje se chamam "Antigo Testamento", os quais eram comumente considerados pelo povo como tendo procedido de Deus. Chamavam-nos **A PALAVRA DE DEUS.** Jesus mesmo assim os reconhecia. Eram lidos em público e ensinados regularmente nas suas sinagogas.

As **igrejas cristãs,** desde o princípio receberam estas Escrituras Judaicas como Palavra de Deus, e deram-lhes, em suas assembléias, o mesmo lugar que haviam ocupado nas sinagogas. À medida que apareciam os escritos dos Apóstolos, iam sendo adicionados a essas Escrituras Judaicas, e gozavam da mesma consideração sagrada. Cada igreja queria, não só o que lhe havia sido endereçado, como também cópias dos escritos dirigidos às outras.

Começos do Cânon do N.T. Há indicações no N.T. de que, ainda nos dias dos Apóstolos e sob a supervisão deles, começaram a serem feitas coleções dos seus escritos para as igrejas, os quais eram postos ao lado do A.T. como inspirada Palavra de Deus.

Paulo reivindicou para a sua doutrina a inspiração divina, 1 Co 2: 7-13; 14:37; 1 Ts 2:13.

O mesmo fez João, quanto ao Apocalipse, Ap 1:2.

O intuito de Paulo era que suas Epístolas fossem lidas nas igrejas, Cl 4:16; 1 Ts 5:27; 2 Ts 2:15.

Pedro escreveu a fim de que "estas coisas" permanecessem nas igrejas depois de sua partida, 2 Pe 1:15; 3:1-2.

Paulo citou um livro do N.T. como "Escritura", 1 Tm 5:18: "Digno é o obreiro do seu salário." Esta expressão só se encontra em Mt 10:10 e Lc 10:7 — evidência de que o Evangelho de Mateus ou Lucas existia quando ele escreveu 1 Tm, e era considerado como "Escritura".

Pedro equipara as Epístolas de Paulo às "demais Escrituras", 2 Pe 3:15-16.

Até que ponto os Apóstolos percebiam que seus escritos se tornariam parte da Palavra de Deus escrita, nos séculos futuros, não sabemos. Eles escreveram muitas cartas, para atender à necessidades imediatas, mal sabendo qual seria o último destino delas. Cremos que Deus superintendeu a tudo e a Seu próprio modo escolheu os escritos que seriam preservados.

Livros do N.T. que primeiro apareceram: Mateus, Tiago, Hebreus (?), na Palestina; João, Gálatas, Efésios, Colossenses, 1 e 2 Timóteo, Filemom, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Judas, Apocalipse, na Ásia Menor; 1 e 2 Coríntios, Filipenses, 1 e 2 Tessalonicenses, Lucas (?), na Grécia; Tito, em Creta; Marcos, Atos, Romanos em Roma.

A Palestina, a Ásia Menor, a Grécia e Roma ficavam distantes uma da outra. Os livros do A.T. haviam surgido no âmbito de um país pequeno; os do N.T. em países muito separados um do outro.

Incompleta a primeira coleção. O mundo de então não tinha estradas de ferro, nem aviões, nem rádio, como o de hoje. As viagens e as comunicações se faziam devagar e eram perigosas. Uma viagem que hoje se faz em poucas horas, naquele tempo exigia meses ou anos. Não havia imprensa, as cópias feitas à mão eram vagarosas e bem trabalhosas. Demais disto, a época era de perseguições quando os preciosos escritos cristãos tinham de se conservar escondidos. Não havia concílios ou conferências, onde cristãos de lugares distantes pudessem se reunir e comparar notas a respeito dos escritos que tinham, o que só aconteceu nos dias de Constantino. De modo que, naturalmente, as primeiras coleções de livros do N.T. teriam de variar, em diferentes regiões, sendo vagaroso o processo de se chegar à unanimidade quanto a que livros pertenciam de fato ao N.T.

Livros "espúrios" do N.T. Além dos livros "canônicos" do N.T., havia muitos outros, tanto bons como fraudulentos, como fazemos notar em páginas seguintes: alguns tão bons e tão valiosos que por um pouco, em algumas partes, foram havidos como Escrituras; outros que não passavam de contrafacções. O único critério no julgamento de um livro, se aceitável ou não, era verificar sua origem, se genuinamente apostólica. Essa investigação não foi fácil em todos os casos; especialmente com relação a livros menos conhecidos de regiões distantes.

Primitivo testemunho sobre os livros do N.T. São poucos os livros que existem de cristãos, cujas vidas coincidiram, em parte, com a dos apóstolos, em virtude da natureza deteriorável do material de escrita e também por ter sido aquele um período de perseguições, em que os escritos dos cristãos eram destruídos. Mas, apesar de poucos, dão seu incontestável depoimento sobre a existência, em seus dias, de um grupo de escritos autorizados que os cristãos consideravam "Escrituras"; as citações que fazem desses escritos, ou as referências ao mesmo são abundantes.

Clemente de Roma, em sua Epístola aos Coríntios, 95 d.C., cita, ou se refere a Mateus, Lucas, Romanos, Coríntios, Hebreus, 1 Timóteo, 1 Pedro.

Policarpo, em sua Carta aos Filipenses, por volta de 110 d.C., cita Filipenses e reproduz frases de outras nove Epístolas de Paulo e 1 Pedro. Diz ele: "Tenho cartas, vossa e de Inácio. A vossa enviarei à Síria, como pedis; estou mandando-vos a de Inácio, com outras, e esta que vos escrevo." Isto indica que, nos dias de Policarpo, as igrejas já haviam começado a reunir cópias de escritos cristãos.

Formação do Nôvo Testamento

Inácio, em suas sete cartas, escritas por volta de 110 d.C., durante sua viagem de Antioquia a Roma para ser martirizado, cita Mateus, 1 Pedro, 1 João e se refere a nove Epístolas de Paulo; suas cartas exibem a marca dos outros três Evangelhos.

Papias, 70-155 d.C., discípulo de João, escreveu "uma interpretação dos discursos do Senhor", em que cita João e recorda tradições acerca da origem de Mateus e Marcos.

O Didaquê, escrito entre 80 e 120 d.C., faz 22 citações de Mateus, com referências a Lucas, João, Atos, Romanos, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 Pedro; e fala de "O Evangelho" como documento escrito.

A Epístola de Barnabé, escrita entre 90 e 120 d.C., faz citações de Mateus, João, Atos e 2 Pedro, e usa a expressão, "está escrito", fórmula comumente aplicada só às Escrituras.

O Pastor de Hermas, escrito por volta de 100 ou 140 d.C., o "Peregrino" da igreja antiga, fez uso de Tiago, percebendo-se ecos abundantes de outros livros do N.T.

Taciano, cerca de 160 d.C., fez uma "Harmonia dos Quatro Evangelhos", chamada "Diatessaron", evidência de que quatro Evangelhos, e somente quatro, eram geralmente reconhecidos entre as igrejas.

Justino Mártir, nascido mais ou menos no ano em que João morreu, em suas "Apologias", escritas cerca de 140 d.C., menciona o Apocalipse, *e mostra conhecer Atos e oito Epístolas. Chama aos Evangelhos* "Memórias dos Apóstolos", e diz que eram lidos nas assembléias de cristãos alternadamente com os "profetas".

Basilides, hereje gnóstico que ensinou em Alexandria, no reinado de Adriano (117-138), e que declarava conhecer tradições secretas provenientes dos Apóstolos, nos escritos em que se esforçou por torcer doutrinas cristãs, aceitas, fez citações de Mateus, Lucas, João, Romanos, 1 Coríntios, Efésios, Colossenses, como sendo Escrituras cristãs reconhecidas.

Marcion, outro hereje, cerca de 140 d.C., no interesse de sua heresia, organizou um cânon que consistia de Lucas, Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemom.

Irineu, 130-200 d.C., discípulo de Policarpo, cita a maioria dos livros do N.T. como "Escrituras", os quais em seu tempo vieram a ser conhecidas como "O Evangelho e os Apóstolos", assim como os livros do A.T. se chamaram "A Lei e os Profetas".

Tertuliano, 160-220 d.C., de Cartago, viveu quando os manuscritos originais das Epístolas ainda existiam. Fala das Escrituras cristãs como "Novo Testamento" (título este que primeiro apareceu no escrito de um autor desconhecido, cerca de 193 d.C.). Nos escritos que existem de Tertuliano há 1.800 citações dos livros do N.T. Em sua obra "Contra Heréticos", diz ele:

"Se quereis exercitar vossa curiosidade proveitosamente na questão de vossa salvação, visitai as igrejas apostólicas, nas quais as mesmas cadeiras dos apóstolos ainda presidem no lugar deles; aí as Epístolas autênticas deles são lidas, ouvindo-se o timbre da voz e percebendo-se o semblante de cada um. A Acaia está perto de vós? Tendes Corinto. Se não estais longe da Macedônia, tendes Filipos e Tessalônica. Se podeis ir à Ásia, tendes Éfeso. Se estais perto da Itália, tendes Roma."

O Fragmento Muratoriano, feito em Roma, por volta de 170 d.C., contém uma lista das Escrituras Cristãs. Omite Hebreus, 1 e 2 Pedro, e Tiago; mas inclui o Livro da Sabedoria e o Apocalipse de Pedro.

A versão Siríaca Antiga, feita por volta do meado do Segundo Século d.C., omite Tiago, 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Judas e Apocalipse.

A versão Latina Antiga, feita mais ou menos no meado do segundo século d.C., omite Hebreus, Tiago, 2 Pedro.

Orígenes, 185-254, de Alexandria, erudito cristão muito viajado e de grande cultura, dedicou sua vida ao estudo das Escrituras. Escreveu tanto que, por vezes, ocupou vinte copistas. Nos escritos seus, que existem, dois terços do N.T. se podem ver em citações. Aceitou os 27 livros do N.T. que temos, embora não tivesse certeza da autoria da carta aos Hebreus, e expressasse dúvida quanto a Tiago, 2 Pedro, 2 e 3 João.

Que livros constituíam o N.T.? Das citações acima e da de Eusébio (na pág. seguinte) ver-se-á que, por certo tempo, houve ligeira variação sobre que livros se consideravam canônicos. Deve-se isto simplesmente ao fato de que, em virtude da morosidade dos meios de comunicação na vasta expansão do Império Romano, e devido a trezentos anos de incessante e implacável perseguição, não houve uma única oportunidade de as igrejas fazerem um esforço franco e razoável para chegar a um acordo geral a respeito de quais livros eram de genuína autoridade apostólica, até que Constantino, no começo do 4.º Século, expediu o edito de tolerância religiosa.

Que dizer dos livros "duvidosos"? Não foram "duvidosos" nas regiões em que primeiro apareceram. As condições da época impediram que, durante certo tempo, se tornassem largamente conhecidos. O fato de demorarem a ser geralmente recebidos é um testemunho de estarem as igrejas prevenidas contra os impostores.

A Formação do Novo Testamento

Eusébio, 264-340 d.C., bispo de Cesaréia, historiador da Igreja, viveu e foi preso durante a perseguição de Diocleciano contra os cristãos, a qual foi o último e desesperado esforço de Roma por varrer da terra o cristianismo. Um dos seus objetivos especiais foi destruir todas as Escrituras cristãs. Por dez anos os agentes de Roma farejaram Bíblias e queimaram-nas publicamente. Para os cristãos, naqueles dias horríveis, não era de pouca monta saber quais livros compunham as suas Escrituras.

Eusébio viveu até o reinado de Constantino, que aceitou o cristianismo e fez deste a religião de sua corte e do seu império. Veio a ser o principal conselheiro religioso desse imperador. Um dos primeiros atos de Constantino, ao ascender ao trono, foi mandar preparar, sob a direção de Eusébio e a cargo de hábeis copistas, **CINQÜENTA BÍBLIAS** para as igrejas de Constantinopla, no mais delicado velo, para serem trazidas em carruagens reais de Cesaréia àquela cidade. Escreveu ele em sua ordem a Eusébio:

"Tenho pensado na conveniência de instruir vossa prudência no sentido de serem encomendadas cinqüenta cópias das Sagradas Escrituras, a provisão e o uso das quais, como sabe, são muitíssimo necessários à instrução da Igreja. Deverão ser feitas em pergaminho especial, de modo legível e de uma forma cômoda e portátil, por copistas bem práticos em sua arte... Dou-lhe também autorização, por esta carta, de usar duas das carruagens públicas para o transporte dessas Bíblias, de modo a facilitar que, uma vez executado o trabalho com esmero, sejam elas trazidas ao meu exame. Um dos diáconos de sua igreja pode ser encarregado deste serviço, o qual, ao chegar aqui, gozará de minha liberalidade. Deus o guarde, amado irmão."

Quais livros constituíam o Novo Testamento de Eusébio? Exatamente os mesmos que hoje conhecemos.

Numa investigação ampla, Eusébio procurou informar-se sobre quais livros haviam sido aceitos geralmente pelas igrejas. Na História da Igreja, de sua autoria, fala de quatro classes de livros:

1. Os aceitos universalmente.
2. Os "discutidos": Tiago, 2 Pedro, Judas, 2 e 3 João, os quais, embora incluídos em suas Bíblias, eram postos em dúvida por alguns.
3. Os livros "espúrios": entre os quais menciona os "Atos de Paulo", o "Pastor de Hermas", o "Apocalipse de Pedro", a "Epístola de Barnabé" e o "Didaquê".
4. Os "inventados pelos herejes": "Evangelho de Pedro", "Evangelho de Tomé", "Evangelho de Matias", "Atos de André", "Atos de João".

O Concílio de Cartago, 397 d.C., ratificou formalmente os 27 livros do N.T., que conhecemos. Não elaborou o Cânon do N.T., mas apenas expressou o que já era sentimento unânime das igrejas, e aceitou **O LIVRO** em si, que fora destinado a ser a **HERANÇA MAIS PRECIOSA DO HOMEM.**

A Crítica Moderna

A Bíblia, com os seus 27 livros canônicos em o N.T., como foram aceitos pelos primeiros Pais da Igreja e finalmente ratificados pelo Concílio de Cartago, tornou-se, sem mais questão, a Bíblia reconhecida da cristandade durante mil anos.

Com o surto da crítica moderna, empreendeu-se nova investigação da origem e autenticidade dos livros da Bíblia, assim como de todos os livros antigos.

"Crítica", aplicada à Bíblia, é um termo infeliz, embora seja exatamente isso, quando feita por indivíduos pretenciosos e irreverentes; de modo que a palavra é comumente considerada como a denominação do esforço intelectual moderno por solapar a divina autoridade da Bíblia. Quando a palavra significa exame criterioso e imparcial de fatos ou de fatos alegados, numa investigação honesta da verdade histórica, tal crítica é natural, razoável e legítima, e serve para ampliar nossos conhecimentos a respeito das Escrituras.

A Crítica Histórica. Relaciona-se com a genuinidade e autenticidade dos livros da Bíblia, isto é, quem escreveu cada livro, e quando, e se o livro é histórico, ou o que é.

Com relação aos livros do N.T., trata-se apenas de reabrir a questão já liqüidada satisfatoriamente pelas primeiras gerações de Pais da Igreja. Os críticos modernos não têm feito mais por averiguar a genuinidade dos livros do N.T. do que as gerações em que tais livros apareceram primeiro. Com efeito, essas gerações estavam em muito melhores condições de determinar a natureza desses livros do que os críticos que vieram depois. Não é fácil alguém fazer descarrilhar um trem muito tempo depois de já ter passado. Imposturas literárias são desmascaradas logo. Reconhece-se se um livro é histórico, ou obra de ficção, logo ao ser publicado. Se eu escre-

vesse uma história da guerra revolucionária americana e lhe apusesse o nome de George Washington, poderia fazer alguém crer que fosse Washington o seu autor?

Um dos fatos lamentáveis com os críticos que desconsideram o parecer tradicional a respeito das origens dos livros da Bíblia, é o eles avocarem a si o monopólio da "erudição". A opinião deles é a "opinião unânime dos eruditos". São de mentalidade tão estreita para pensar que só os que aceitam a opinião deles é que são eruditos? Ou ignoram o fato de serem conservadores muitos dos mais profundos eruditos do universo? Pontos de vista não são índice de erudição, mas apenas de tipos de mentalidade. O querido e Velho Livro, qual bigorna, tem desgastado muitos martelos, e muito depois de os críticos caírem no esquecimento, ele continua sua marcha, amado e honrado por milhões incontáveis. Precioso Livro!

A crítica textual. Chama-se a isso à comparação de vários manuscritos para se determinar o texto original exato de que foram copiados. Como resultado, temos o Hebraico Massorético do A.T. e os textos gregos do N.T., de Westcott e Hort e de Nestle os quais, pela maior parte, contêm as palavras originais exatas da Bíblia. A imprensa veio afastar o perigo de erros no texto.

Livros Apócrifos do Novo Testamento

Trata-se de Evangelhos, Atos de Apóstolos e Epístolas, todos lendários e espúrios, que começaram a aparecer no 2.º Século. Foram forjados, na maior parte, e assim reconhecidos desde o princípio. "São tão cheios de estórias ridículas e indignas a respeito de Cristo e dos apóstolos, que nunca foram reconhecidos como divinos, nem incorporados à Bíblia." "São tentativas deliberadas de preencher lacunas na história de Jesus, como é apresentada no N.T., com o fim de fomentar idéias heréticas através de falsas afirmações."

Sabe-se que houve uns 50 "Evangelhos" espúrios, além de muitos "Atos" e "Epístolas". A grande quantidade desses escritos forjados fez a Igreja Primitiva ver quanto era importante distinguir entre os falsos e os verdadeiros.

Dizem que Maomé tirou largamente desses livros as idéias que tinha acerca do cristianismo. Neles está a origem de alguns dogmas da Igreja Romana.

Não devem ser confundidos com os escritos dos "Pais Apostólicos", mencionados na segunda página adiante.

Vai, aqui, uma lista de alguns desses livros apócrifos, mais conhecidos:

Evangelho de Nicodemos. Inclui os "Atos de Pilatos", pretenso relatório oficial do julgamento de Jesus ao imperador Tibério. Foi produzido no 2.º ou 5.º Século. Puramente imaginário.

Proto-Evangelho de Tiago. Narrativa que vai do nascimento de Maria ao massacre dos inocentes. Contos que começaram a circular no 2.º Século. Foi completado no 5.º Século.

O Passamento de Maria. Repleto de milagres ridículos, culmina com a remoção do "seu corpo imaculado e precioso" ao Paraíso. Escrito no 4.º Século, com o aparecimento do culto da Virgem.

Evangelho segundo os Hebreus. Adições aos Evangelhos canônicos, com algumas frases atribuídas a Jesus. Por volta de 100 d.C.

Evangelho dos Ebionitas. Compilado dos Evangelhos Sinóticos, no interesse da doutrina ebionita. Entre o 2.º e o 4.º Séculos.

Evangelho dos Egípcios. Conversas imaginárias entre Jesus e Salomé. Entre 130 e 150 d.C. Usados pelos sabelianos.

Evangelho de Pedro. Meado do 2.º Século. Baseado em Evangelhos canônicos. Escrito no interesse de doutrinas docetistas, anti-judaicas.

Evangelho de um Pseudo-Mateus. Falsa tradução de Mateus, do 5.º Século, repleta de milagres da infância de Jesus.

Evangelho de Tomé. 2.º Século. Vida de Jesus, dos 5 aos 12 anos. Apresenta-O operando milagres para satisfação de Seus caprichos infantis.

Natividade de Maria. Obra de ficção do 6.º Século, premeditada, para fomentar o culto da Virgem. Histórias de visitas diárias de anjos a Maria. Com o surto do papado, tornou-se imensamente popular.

Evangelho Arábico da Infância. 7.º Século. História de Milagres operados durante a estada no Egito. Fantástico em extremo.

Evangelho do Carpinteiro José. 4.º Século. Originou-se no Egito. Dedicado à glorificação de José.

Apocalipse de Pedro. Pretensas visões do céu e do inferno concedidas a Pedro. Eusébio chamou-o "espúrio".

Atos de Paulo. Meado do 2.º Século. Romance que aconselha a continência. Contém a suposta Epístola aos Coríntios que se perdeu.

Atos de Pedro. Fim do 2.º Século. Um caso de amor com a filha de Pedro. Conflito com Simão, o Mago. Contém a história do "Quo Vadis".

Atos de João. Fim do 2.º Século. História de uma visita a Roma. Puramente imaginária. Contém um quadro revoltante de sensualismo.

Atos de André. História de André, que persuade Maximila a evitar relações com o marido, o que resultou no martírio dele.

Atos de Tomé. Fim do 2.º Século. Como os Atos de André, é um romance de viagem, no interesse da abstinência de relações sexuais.

Carta de Pedro a Tiago. Fim do 2.º Século. Ataca violentamente Paulo. Pura invenção no interesse dos ebionitas.

Epístola de Laodicéia. Diz ser a que é referida em Cl 4:16. Um aglomerado de frases de Paulo.

Cartas de Paulo a Sêneca, e outras deste àquele. Invenção do 4.º Século. Objetivo: ou recomendar o cristianismo aos seguidores de Sêneca, ou recomendar este aos cristãos.

A principal característica destes escritos é serem obras de ficção, que se apresentam como história, mas em sua maior parte são absurdos por tal forma que a falsidade deles evidencia-se por si mesma.

Cartas de Abgar. Estas podem ter alguma base. Eusébio assim pensava. Conta que Abgar, rei de Edessa, estando enfermo, ouviu falar do poder de Jesus. Escreveu-Lhe uma carta pedindo que fosse curá-lo, ao que Jesus respondeu por escrito: "É necessário completar aquilo para o que fui enviado; depois disso serei recebido em cima, por aquele que Me enviou. Quando, pois, Eu for recebido no céu, enviarei um dos Meus discípulos que te curará." Contam que foi Tadeu o enviado, a quem mostraram as Cartas que ficaram arquivadas em Edessa. Possivelmente, Jesus mandou um recado verbal, que eles registraram.

Escritos dos Pais Apostólicos

Estes não devem ser confundidos com os falsos livros, enumerados nas duas páginas precedentes, cujos autores assumiram os nomes dos Apóstolos, para com isto grangear crédito para os seus contos lendários.

Pais Apostólicos (mais exatamente "Pais Sub-apostólicos") foram aqueles cujas vidas coincidiram, em parte, com a geração apostólica. Os escritos que deles existem são poucos (como gostaríamos fossem mais!), devido à natureza deteriorável do material de escrita por eles usado, e as perseguições de sua época.

Mas, embora poucos, são extremamente valiosos, visto formarem o elo de ligação entre os Apóstolos e a história posterior da Igreja. Alguns deles gozaram de tão alta estima, em certas localidades, que foram considerados, temporariamente, como Escrituras.

Epístola de Clemente aos Coríntios, 95 d.C. Clemente foi bispo de Roma 91-100 d.C. Companheiro de Paulo e Pedro. Devia ter conhecido João. Escreveu essa Epístola no ano em que João foi exilado para Patmos. Dizem que foi condenado à escravidão nas minas, e sofreu martírio no 3.º ano de Trajano. Pensa-se que talvez fosse o Clemente mencionado em Fp 4:3.

Deu ocasião a esta Epístola uma divisão que houve na igreja de Corinto, devido a alguns presbíteros terem sido excluídos por homens mais moços e mundanos. Foi escrita em nome da igreja de Roma e está cheia de belas exortações à humildade, detendo-se muito na ressurreição. Era tida em tão alto apreço que se lia publicamente em muitas igrejas até ao 4.º Século. Foi encontrada, no fim do N.T., no manuscrito alexandrino da Bíblia.

Epístola de Policarpo aos Filipenses. Cerca de 110 d.C. Policarpo, discípulo de João e bispo de Esmirna, escreveu uma porção de cartas, mas só existe esta. Foi escrita em resposta a uma carta dos filipenses, em que estes lhe pediam conselho. Seu teor muito se parece com o das Epístolas de Paulo, o estudo cuidadoso das quais lhes recomenda.

Epístolas de Inácio. Cerca de 110 d.C. Inácio foi discípulo de João e bispo de Antioquia. Sofreu martírio em Roma, 110 d.C. No caminho de Antioquia a Roma, passando pela Ásia Menor, escreveu sete Epístolas: aos

Efésios, aos Magnesianos, aos Tralianos, aos Filadelfianos, aos Esmirneanos, aos Romanos e a Policarpo. Aos cristãos de Éfeso e Roma, Paulo escrevera Epístolas; aos de Éfeso, Filadélfia e Esmirna, João igualmente escrevera (no Apocalipse). Estas cartas de Inácio estão cheias de exortações carinhosas, e respiram alegria à vista do seu iminente martírio. Dão ênfase ao mal das heresias e divisões, e aconselham submissão aos presbíteros da igreja.

Epístola de Barnabé. Escrita entre 90 e 120 d.C. Alguns pensam que foi o Barnabé do N.T., porém outros o contestam. É uma epístola geral, endereçada a todos os cristãos, contendo uma espécie de interpretação geral das Escrituras, visando especialmente combater a apostasia para o judaísmo. Foi encontrada no manuscrito Sinaítico da Bíblia, no fim do N.T., o que indica o alto conceito em que era tida.

Os Fragmentos de Papias. Papias foi discípulo de João e bispo de Hierápolis. Martirizado quase que ao mesmo tempo de Policarpo. Escreveu uma "interpretação dos discursos do Senhor", que existiu até ao 3.º Século. Hoje há apenas fragmentos em citações de Irineu, Eusébio e outros.

O Didaquê, ou ensino dos doze, ou em título mais longo, "o ensino do Senhor, pelos doze Apóstolos, aos gentios." Escrito entre 80 e 120, provàvelmente por volta de 100 d.C. Não é produção autêntica dos Apóstolos, senão apenas uma declaração, feita por algum autor desconhecido, daquilo que entendeu fosse esse ensino. Parece com a Epístola de Tiago. Escritores primitivos negaram sua canonicidade, mas tinham-no em grande estima. Nêle são abundantes as citações de livros do N.T.

Pastor de Hermas. Escrito por volta de 100 ou 140 d.C. Exemplo mais antigo de Alegoria Cristã, o "Peregrino" da Igreja Primitiva, muito popular naquela época. O escritor era intensamente religioso, teve visões que registrou nesse livro, dando ênfase ao arrependimento, à vida espiritual e ao próximo advento do Senhor. O livro foi lido em muitas igrejas até ao tempo de Jerônimo. Está incluído no manuscrito Sinaítico da Bíblia, no fim do N.T. Que o autor foi o Hermas de Rm 16:14 é mera conjectura.

Apologia de Aristides. Filósofo de Atenas. Escreveu uma "Defesa do Cristianismo" para Adriano, 125 d.C., e para Antonino, 137 d.C., implorando proteção para os cristãos perseguidos. Disse ele: "Bendita é a raça de cristãos acima de todos os homens, por causa de seu credo verdadeiro e nobre, sua vida pura e a benevolência deles." O mais antigo tributo literário prestado ao cristianismo por um filósofo. Escrita de Atenas, pátria da filosofia.

Justino, o Mártir. 100-167 d.C. Filósofo, que, depois de experimentar as filosofias estóica, peripatética, pitagórica e platônica, achou satisfação no cristianismo. Escreveu "Apologias", dirigidas ao Imperador Antonino, em defesa do cristianismo, e protestando contra a execução de três cristãos sem a devida formação de culpa. Escreveu, também, um "Diálogo com Trifo", argumentação com um judeu sobre o messiado de Jesus.

Segunda Epístola de Clemente. Em 120 e 140 d.C. É um sermão. Não se tem certeza se foi o mesmo Clemente atrás referido. Não gozou da mesma elevada estima.

Epístola de Diogneto. Defesa do cristianismo por um autor desconhecido *que se declarava ter sido "discípulo dos apóstolos".*

Manuscritos

Os manuscritos originais de todos os livros do N.T., tanto quanto saibamos, perderam-se.

Cópias desses preciosos escritos começaram a ser feitas logo no princípio, para outras igrejas; cópias de cópias foram se fazendo, geração após geração, quando as mais velhas se estragavam.

O material de escrita, comumente usado, era o papiro. Este era feito de fatias de uma planta aquática, abundante no Egito. Duas fatias, sobrepostas transversalmente, eram prensadas e depois polidas: A tinta era feita de carvão vegetal, goma e água.

Folhas simples usavam-se nas composições curtas. Nas longas, as folhas eram costuradas umas às outra, lado a lado, para formarem rolos. Um rolo costumava medir uns 10 m de extensão, por 23 a 25 cm de largura.

No 2.º Século d.C. os livros do N.T. começaram a ser feitos à maneira de "Códice", isto é, à maneira dos livros de hoje, no qual, de um número qualquer de folhas, podia-se fazer um volume, com páginas numeradas. Isto tornou possível fazer volumes de coleções maiores de livros do N.T., o que não se podia fazer no formato de rolo.

O papiro não era muito durável. Tornava-se quebradiço com o tempo, ou apodrecia com a umidade, estragando-se logo, exceto no Egito, cujo clima seco e as areias movidas pelos ventos preservaram, para ser descoberta em nossa época, uma admirável coleção de documentos antigos.

No 4.º Século d.C. o papiro foi suplantado pelo velo, que se tornou o principal material de escrita. Velo era delicado pergaminho feito de peles; era muito mais durável; fazia-se na forma de livro, não na de rolo.

Antes da recente descoberta dos papiros egípcios, todos os manuscritos que se conheciam da Bíblia eram em velo.

Com a invenção da imprensa no Século 15, cessou a confecção de Bíblias manuscritas.

Existem hoje cerca de 4.000 manuscritos conhecidos da Bíblia, ou partes da mesma, feitos entre o 2.º e o 15.º Século. Parece-nos pequena a quantidade, mas é muito maior do que a dos manuscritos de qualquer dos escritos antigos. Não há uma cópia completa, conhecida, de Homero anterior a 1300 d.C.; nem de Heródoto, anterior a 1000 d.C.

Os manuscritos em velo, hoje conhecidos, foram feitos entre o 4.º e o 15.º Século. Chamam-se "Unciais" e "Cursivos". Os Unciais foram escritos com letras maiúsculas, largas. Há uns 160 deles, feitos entre o 4.º e o 10.º Século. Os Cursivos foram escritos, entre o 10.º e o 15.º Século; letras pequenas e corridas, ligadas a letras. Os Unciais, sendo mais antigos, são muito mais valiosos.

Os três mais antigos, mais completos, mais conhecidos e mais valiosos manuscritos, ou, como são chamados, "Códices", são: o Sinaítico, o Vaticano e o Alexandrino, que originalmente foram Bíblias completas.

O Manuscrito Sinaítico, ou "Códice Sinaítico", foi descoberto por um *alemão ilustrado, Tischendorf, em 1844, no Mosteiro de Sta. Catarina, no* Monte Sinai. Observou ele, numa cesta de papéis velhos, separados para ser queimados, páginas de velo escritas em grego. Examinando-as mais detidamente, viu que eram partes de um antigo manuscrito do A.T. da Septuaginta. Eram 43 folhas. Procurou e tornou a procurar, porém nada mais achou. Em 1853 voltou ao mosteiro para tornar a pesquisar, mas nada encontrou. Em 1859 tornou a ir. Falando a respeito da Septuaginta com o mordomo, este cientificou-o de que tinha uma cópia antiga da mesma, e lha trouxe enrolada num guardanapo de papel. Era o resto do manuscrito, do qual Tischendorf vira as 43 fólhas, 15 anos antes. Passando a vista por aquelas páginas, reconheceu que tinha nas mãos o escrito mais precioso que podia existir. Após longas negociações internacionais, foi por fim adquirido para a Biblioteca Imperial de São Petersburgo, onde permaneceu até 1933, época em que foi vendido ao Museu Britânico, pelo preço de meio milhão de dólares. Contém 199 folhas do A.T. e todo o N.T., mais a Epístola de Barnabé e parte do Pastor de Hermas em 148 folhas, fazendo ao todo 347 folhas de finíssimo velo, escritas em bela caligrafia, sendo as folhas de 38 por 34 centímetros. Foi feito na primeira metade do 4.º Século. É o único manuscrito antigo que contém todo o N.T. As 43 folhas, que Tischendorf conseguiu em sua primeira visita, estão na Biblioteca da Universidade, em Leipzig.

O Manuscrito Vaticano. Feito no 4.º Século. Acha-se na Biblioteca do Vaticano desde 1481. Faltam alguns fragmentos do N.T. Este e o Sinaítico são os dois mais antigos e de maior valor. Pensava Tischendorf que talvez foram feitos por uma mesma pessoa e pertencessem ao número dos 50 encomendados por Constantino.

O Manuscrito Alexandrino. Feito no 5.º Século, em Alexandria. Acha-se no Museu Britânico desde 1627. É a Bíblia inteira, faltando alguns fragmentos, e contendo mais as Epístolas de Clemente e os Salmos de Salomão.

Outros. O "Efraem", do 5.º Século, hoje em Paris, cerca da metade do N.T. O "Beza", 5.º Século, atualmente na Universidade de Cambridge; Evangelhos e Atos. O "Washington", 4.º Século, descoberto no Egito, 1906, hoje na Biblioteca Smithsoniana, em Washington; os Evangelhos.

Bíblias Impressas

A invenção da imprensa, de tipos móveis, por João Gutenberg, 1454 d.C., barateou e tornou abundantes as Escrituras, ao mesmo tempo que promoveu grandemente a circulação e a influência delas entre o povo. Antes, uma Bíblia custava o que uma pessoa ganhava de salário durante um ano. O primeiro livro impresso por Gutenberg foi a Bíblia. Um dos exemplares encontra-se na Biblioteca do Congresso, em Washington, pelo qual se pagou o preço de 350.000 dólares.

Os Papiros

Sua descoberta. Flinders Petrie, em escavações no centro do Egito, *notou velhas folhas de papiro que apareciam em montes de lixo soterra-*dos na areia, e achou que podiam ter valor. Dois dos seus discípulos,

Grenfell e Hunt, estudantes em Oxford, começaram, em 1895, uma busca sistemática de tais papiros. Nos dez anos seguintes, em Oxirrínco, e lugares próximos, encontraram 10.000 manuscritos e partes de manuscritos. Outros escavadores também acharam grandes quantidades de manuscritos similares. Foram desentranhados de montes de lixo cobertos de areia, de caixas de múmias, onde serviam de enchimento, e de crocodilos embalsamados. Consistiam na maior parte em cartas, contas, recibos, diários, certificados, almanaques, etc. Alguns eram valiosos documentos históricos, datados de 2000 a.C. A maioria deles, no entanto, datava de 300 a.C. a 300 d.C. Entre eles acharam-se alguns primitivos escritos cristãos, o que os torna de interesse para os estudantes da Bíblia.

Fragmento do Evangelho de João. Um minúsculo pedaço de papiro, de 9 por 6,5 centímetros, contendo de um lado Jo 18:31-33, e do outro, Jo 18:37-38. É parte de uma folha de manuscrito que continha, originalmente, 130 páginas de 20 por 21 centímetros. Comparando o talho das letras e o estilo da redação com certos manuscritos datados, os eruditos atribuem-no à primeira parte do 2.º Século. É o mais antigo manuscrito bíblico que se conhece, e é evidência de que o Evangelho de João existia e circulava no Egito, nos anos que se seguiram imediatamente à morte desse Apóstolo. Foi descoberto em 1930; encontra-se hoje na Biblioteca Rylands, Manchester, Inglaterra.

Evangelhos e Atos. Entre os papiros existem 30 folhas imperfeitas, contendo partes de Mateus, Marcos, Lucas, João e Atos, feitas nos princípios do 3.º Século. Fazem parte do que se conhece por coleção Chester Beatty.

Epístolas de Paulo, consistindo em 86 folhas, de 104 que foram antes, contêm Romanos, Hebreus, 1 e 2 Coríntios, Efésios, Gálatas, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses. Foram escritas por volta de 200 d.C. Pertencem à coleção de papiros Chester Beatty.

A Coleção Chester Beatty também contém alguns manuscritos de Gênesis, Números, Deuteronômio, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Daniel, Ester, e cerca de um terço do Apocalipse. Foi publicada em 1931. Pertence, em parte, à Universidade de Michigan. É considerada o mais importante achado em relação com o texto da Bíblia, depois da descoberta do manuscrito Sinaítico, sendo evidência valiosa da autenticidade e integridade dos livros do N.T.

Os Logia. Além dos muitos fragmentos de folhas de papiro contendo partes dos livros da Bíblia, houve alguns que continham ditos de Jesus até agora não registrados, mas que eram correntes no 3.º Século. E alguns com partes de um Evangelho desconhecido, com passagens paralelas dos Evangelhos canônicos; e muitos fragmentos contendo incidentes parecidos com os da vida de Jesus.

O idioma dos papiros. Adolph Deissman, um alemão ilustrado, observou que o grego dos papiros era o mesmo do N.T., e não o grego clássico da Era de Péricles. Há 500 palavras no grego do N.T. que não se acham no grego clássico. Esta descoberta de que o N.T. foi escrito no idioma falado pelo povo, deu impulso às traduções do N.T. em linguagem moderna, que têm aparecido recentemente.

Traduções Antigas

O A.T. foi escrito em hebraico. O N.T. foi escrito em grego. Uma tradução grega do A.T., chamada "Septuaginta", feita no 3.º Século a.C., era a que comumente se usava nos dias de Jesus. O grego era a língua de uso geral no mundo romano.

A Siríaca Antiga. Feita no 2.º Século d.C., para uso dos sírios. Não existem manuscritos completos.

A Peshito Siríaca. Feita no 4.º Século. Baseada na Siríaca Antiga, que ficou completamente suplantada. "Peshito" quer dizer, "simples". Houve outras versões siríacas posteriores.

A Latina Antiga. Feita no 2.º Século. Seu A.T. foi traduzido, não do Hebraico, mas da Septuaginta.

A Vulgata. Revisão, por Jerônimo, da Latina Antiga, 382-404 d.C. Seu A.T., exceto os Salmos, foi traduzido diretamente do hebraico. Foi a Bíblia do Ocidente durante mil anos.

A Cóptica. Língua vernácula do Egito. Feita no 2.º Século d.C. Seguiu-se uma quantidade de versões.

Outras Traduções. No 4.º Século, a Etíope e a Gótica. No 5.º Século, a Armênia. No 9.º Século, a Arábica e a Eslava.

Com o incremento do papado, a Bíblia caiu, geralmente, em desuso, sendo suplantada pelos decretos e dogmas de concílios e papas.

A Reforma Protestante trouxe novo interesse pelas Escrituras; estas, hoje, por inteiro ou em partes, se acham traduzidas em mais de mil línguas e dialetos. Calcula-se que nove décimos da população do mundo, atualmente, podem ler ou ouvir ler a Bíblia em sua própria língua.

Traduções Inglesas

Caedmon (676 d.C.), Beda (672-735), Alfredo, o Grande (849-901), traduziram pequenas partes da Bíblia para o anglo-saxão, seguindo-se algumas poucas tentativas fragmentárias.

A Bíblia de Wyclif. 1382 d.C. Foi a primeira Bíblia em inglês, traduzida da Vulgata. Só existia manuscrita, visto ter sido feita antes da invenção da imprensa. Não teve ampla circulação, mas alcançou o povo, sendo um dos principais fatores que abririam caminho para a Reforma. O papa foi contra ele. Excomungado, depois de morto, seus ossos foram queimados e as cinzas lançadas ao rio.

A Bíblia de Tyndale. 1525. Traduzida dos originais grego e hebraico. Mais exata do que a de Wyclif. Perseguido, Tyndale fugiu da Inglaterra para Hamburgo, daí a Colônia e Worms, onde seu N.T. foi impresso e contrabandeado para a Inglaterra em fardos de mercadorias. Por haver traduzido a Bíblia em língua vulgar, foi queimado por ordem do clero, em 6 de outubro de 1536.

A Bíblia de Coverdale. 1535. De fontes holandesas e latinas. Foi seguida pela de Rogers, 1537, que foi quase toda copiada da Bíblia de Tyndale, e pela "Grande Bíblia", 1539, compilação da de Tyndale, de Rogers e de Coverdale.

A Bíblia de Genebra. 1560. Por um grupo de protestantes ilustrados, que haviam fugido para Genebra. Baseada, principalmente, na de Tyndale,

com notas acentuadamente calvinistas. Tornou-se muito popular. Seguida pela "Bíblia do Bispo", 1568, autorizada pela Igreja da Inglaterra.

Versão do Rei Tiago (King James), 1611. Ordenada pelo Rei Tiago, com o fim de uniformizar o culto na Escócia Presbiteriana e na Inglaterra Episcopal. É uma revisão de versões baseadas na de Tyndale. Durante 350 anos tem sido a Bíblia familiar do mundo de fala inglesa.

Revisão Anglo-Americana. 1901. Tornou-se necessária devido à alteração de sentido de algumas palavras inglesas e à existência de um texto mais puro. É obra de 83 homens ilustrados, 51 ingleses e 32 americanos. Segue a do Rei Tiago, salvo onde uma ou outra palavra precisou de ser mudada. É comumente conhecida por "The American Standard Revised Bible".

As **Palavras em Itálicos,** em nossas Bíblias, indicam que elas faltam no texto original, mas que foram introduzidas na tradução para completar o sentido.

Capítulos e Versículos não existiam no texto original. Essa divisão da Bíblia em capítulos e versículos é obra do Cardeal Caro, 1236, e de Robert Stephens, 1551 d.C.

As Traduções em Português, no Brasil

"Duas traduções em português, da Bíblia Sagrada, há muitos anos circulam no Brasil, ambas apreciadas por seu estilo e vernaculidade: a de João Ferreira de Almeida, a mais antiga, traduzida diretamente dos originais hebraicos e grego, e a do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, traduzida do latim, da Vulgata, como lhe chamam, de S. Jerônimo. Famílias houve no Brasil que se habituaram com a versão de Almeida, outras com a de Figueiredo.,

"Almeida e Figueiredo são os primeiros hoje apreciados no Brasil e em Portugal. Aparece depois a chamada "Versão Brasileira", editada pelas Sociedades Bíblicas "Americana" e "Britânica e Estrangeira", em 1917; talvez a mais fiel tradução do original até hoje no Brasil, sem, contudo, a segurança vernacular e beleza de estilo das anteriores.

"Tirante as versões protestantes, como por vezes chamam as de **Almeida, Figueiredo** e **Brasileira,** outras apareceram em Portugal e no Brasil, com mais ou menos merecimento, pela fidelidade, pela linguagem e pela apresentação em geral. São traduções da Bíblia toda, ou parte dela: o Novo Testamento, os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos, os Salmos, as Epístolas, ou ainda outras porções do sagrado volume, feitas por homens interessados no livro por excelência da verdade eterna, católicos e protestantes. Citamos Frei Joaquim N. S. de Nazaré, Revs. Thomas Boys e Alexandre C. Blackford, F. R. Santos Saraiva, D. Leopoldo Duarte, Padres Assuncionistas, Edição Salesiana do Novo Testamento, Padre Matos Soares, Religiosos Franciscanos e Comentário do Mon. José Basílio Pereira, Jesuíta Santana, Otoniel Mota, Ernesto Luiz de Oliveira, Frei João José Pereira de Castro, Padre Huberto Rohden, pelo grego, e também

pelo latim, Padre Leonel Franca, Franciscanos da Bahia e Comentário de Frei Damião Klein, Padre Álvaro Negromonte e o Novo Testamento tradução de Almeida, revisado pela Imprensa Bíblica Brasileira (Batista), com algumas variantes de texto e de tradução, em 1949. Por último, 1951, a Editora América, em S. Paulo, reedita a Bíblia Sagrada, tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo, sob as vistas do Padre Antônio Charbel, 15 volumes, com ilustrações, comentários e notas."

Revisão Atualizada (R. A.) da Tradução de Almeida. É a mais recente edição no Brasil. A Comissão Revisora, primeiro do Novo e depois do Antigo Testamento, compôs-se de 20 elementos, das denominações batista, presbiteriana, presbiteriana independente, metodista, congregacionalista, episcopal, evangélica luterana e luterana do Brasil.

"Estabeleceram-se alguns princípios. Não seria nova tradução, mas de fato revisão da tradução de João Ferreira de Almeida. Os textos originais seriam: **Nestle,** para o Novo Testamento, e **Letteris,** para o Antigo Testamento. As modificações levariam em conta pelo menos cinco razões, conforme os objetivos definidos da revisão, assim: 1. Infidelidade ao original, ou em desacordo com o melhor texto. 2. Palavra, ou frase, antiquada demais. 3. Palavra, ou frase, de outro modo impróprio. 4. Construção gramatical inferior. 5. A consideração destes pontos na revisão de Almeida, terá imposto, às vezes, radical mudança no texto daquele tradutor, outras vezes sensível transformação na linguagem e, não raro, uma e outra coisa, para que o estilo se mantivesse mediano, atual, convidativo. Disto resultou, segundo afirmam dois estudos que se fizeram, que teria se afastado da linguagem de Almeida no máximo 30%.

História da Igreja

A Bíblia Contém a História de Cristo

A Igreja Existe Para Contar a História de Cristo

A História da Igreja é a Continuação da História de Cristo

Para mostrar a relação em que estamos para com a história bíblica e crendo que o povo da Igreja deve familiarizar-se pelo menos com os fatos elementares da história da mesma Igreja, apresentamos aqui breve esboço de suas partes essenciais, seus principais eventos e personalidades. É impossível entender as condições atuais da cristandade a não ser à luz da História. A ignorância da História da Igreja está mais generalizada do que a ignorância da Bíblia. Um dos principais deveres dos ministros é ensinar à sua gente os fatos da História da Igreja.

A História Universal é Comumente Dividida em Três Períodos:

ANTIGA: Egito, Assíria, Babilônia, Pérsia, Grécia e Roma.
MEDIEVAL: Da Queda de Roma à Descoberta da América.
MODERNA: Do Século 15 aos Tempos Atuais.

A História da Igreja é Comumente Dividida em Três Períodos:

PERÍODO DO IMPÉRIO ROMANO: Perseguições, Mártires, Pais da Igreja, Controvérsias, Cristianização do Império Romano.
PERÍODO MEDIEVAL: Crescimento e Poderio do Papado, a Inquisição, Monasticismo, Maometismo, e as Cruzadas.
PERÍODO MODERNO: Reforma Protestante, Grande Expansão da Igreja Protestante, Larga Circulação da Bíblia Aberta, os Governos Civis libertam-se, progressivamente, da ingerência da Igreja e do Clero, Missões Mundiais, Reforma Social e Fraternidade Crescente.

Os Grandes Eventos da Era Cristã:

1. A Cristianização do Império Romano.
2. A Invasão dos Bárbaros, e a Amalgamação das Civilizações Romana e Germânica.
3. A Luta com o Maometismo.
4. A Ascendência e Domínio do Papado.
5. A Reforma Protestante.
6. O Moderno Movimento Missionário Mundial.

Os Três Grandes Ramos da Cristandade São:

PROTESTANTE, dominante na Europa Setentrional e na América do Norte.
CATÓLICO ROMANO, dominante na Europa Meridional e na América do Sul.
CATÓLICO GREGO, dominante no Leste e Sudeste da Europa.

São resultado de duas grandes brechas na Igreja: Uma no Século 9, quando o Oriente se separou do Ocidente, em virtude de insistir o papa em ser o Senhor de toda a Igreja. A outra, no Século 16, pela mesma razão, sob a liderança de Martinho Lutero, o maior vulto da História Moderna.

Diz Harnack, "A Igreja Grega é o cristianismo primitivo mais o paganismo grego e Oriental. A Igreja Católica Romana é o cristianismo primitivo mais o paganismo grego e romano." A Igreja Protestante é o esforço por restaurar o cristianismo primitivo, libertando-o de todo paganismo.

O Império Romano

A Igreja Teve Seu Berço no Império Romano

Roma foi fundada em	754	a.C.
Submeteu a Itália em	343-272	a.C.
Submeteu Cartago em	264-146	a.C.
Submeteu a Grécia e a Ásia Menor em	215-146	a.C.
Submeteu a Espanha, a Gália, os bretões e os teutões	133-31	a.C.

46 a.C. - 180 d.C. Apogeu da glória de Roma. Estendia-se do Atlântico ao Eufrates, e do Mar do Norte ao Deserto Africano. População aproximada, 120.000.000.

Os Doze Césares

Júlio César, 46-44 a.C. Dominador do mundo romano.
Augusto, 31 a.C. - 14 d.C. No seu reinado, CRISTO nasceu.
Tibério, 14-37 d.C. No seu reinado, Cristo foi crucificado.
Calígula, 37-41 d.C. **Cláudio,** 41-54 d.C.
Nero, 54-68 d.C. Perseguiu os cristãos. Executou Paulo.
Galba, 68-69 d.C. **Oto, Vitélio,** 69 d.C.
Vespasiano, 69-79. Destruiu Jerusalém. **Tito,** 79-81.
Domiciano, 81-96. Perseguiu os cristãos. Exilou João.

Os Cinco Bons Imperadores

Nerva, 96-98 d.C. **Trajano,** 98-117 d.C. Um dos melhores imperadores, mas perseguiu os cristãos.

Adriano, 117-138 d.C. Perseguiu os cristãos.

Antonino, o Pio, 138-161 d.C. O mais nobre dos imperadores; idade áurea da glória de Roma; mas perseguiu os cristãos.

Marco Aurélio, 161-180 d.C. Perseguiu os cristãos.

180-476 d.C. Declínio e queda do Império Romano

192-284 d.C. "Imperadores da Caserna", nomeados pelo exército. Período de guerra civil e desastre interno generalizado.

Sétimo Severo, 193-211 d.C. Perseguiu os cristãos.
Caracala, 211-217. Tolerou o cristianismo.
Eliogábalo, 218-222. **Idem.**
Alexandre Severo, 222-235. Favorável ao cristianismo.
Maximino, 235-238. Perseguiu os cristãos.
Filipe, 244-249. Muito favorável ao cristianismo.
Décio,249-251. Perseguiu, furiosamente, os cristãos.
Valeriano, 253-260. Perseguiu os cristãos.
Galiano, 260-268. Favoreceu os cristãos.
Aureliano, 270-275. Perseguiu os cristãos.
Diocleciano, 284-305. Perseguiu, furiosamente, os cristãos.
Constantino, 306-37. Tornou-se cristão.
Juliano, 361-63, o Apóstata. Procurou restaurar o paganismo.
Joviano, 363-64. Restabeleceu a fé cristã.
Teodósio, 378-95. Fez do cristianismo a religião oficial.

Divisão do Império, 395 d.C.

Ocidente	Oriente
Honório, 395-423	**Arcádio,** 395-408
Valentiniano III, 423-55	**Teodósio II,** 408-50.
Queda do Império Ocidental, 476, sob o impacto dos bárbaros, quando começa a era do obscurantismo.	**Anastácio,** 491-518
	Justiniano, 527-65

Das ruínas do império ocidental surgiu o império papal, e Roma, desse modo, ainda governou o mundo por 1.000 anos.

Cristianização do Império Romano e Paganização da Igreja

Rápida propagação do cristianismo. Tertuliano (160-220) escreveu: "Nós somos de ontem e, todavia, enchemos o vosso império, vossas cidades, vilas, ilhas, tribos, campos, castelos, palácios, assembléias e o senado." Ao fim das perseguições imperiais, 313, os cristãos eram cerca de metade da população do Império Romano.

Conversão de Constantino. No decurso de suas guerras contra os rivais, para se firmar no trono, na véspera da batalha da Ponte Mílvia, fora de Roma, 27 de outubro de 312, viu no céu, acima do sol poente, a figura de uma cruz, e sobre esta as palavras "Por este sinal vencerás." Decidiu combater sob a bandeira de Cristo e ganhou a batalha. Isto mudou o curso da História do Cristianismo.

O edito de tolerância, 313. Por este edito, Constantino concedeu "aos cristãos e a todos os outros plena liberdade de seguir a religião que a cada um aprouvesse", o primeiro deste gênero na História. E foi adiante: favoreceu de todos os modos os cristãos; deu-lhes os principais cargos; isentou ministros cristãos de impostos e do serviço militar; incentivou e ajudou a construção de igrejas; fez do cristianismo a religião de sua corte; expediu uma exortação geral, 325, a todos os súditos para que abraçassem o cristianismo; e porque a aristocracia romana persistisse em seguir suas religiões pagãs, mudou a capital para Bizâncio e denominou-a Constantinopla, "Nova Roma", capital do novo império cristão.

Constantino e a Bíblia. Encomendou a feitura de 50 Bíblias para as igrejas de Constantinopla, a serem preparadas no mais fino velo, por hábeis artistas, sob a direção de Eusébio, e autorizou o uso de duas carruagens públicas para que, sem detença, lhe levassem essas Bíblias. É possível que os MSS Sinaítico e Vaticano estivessem nesse grupo.

Constantino e o domingo. Fez do dia de reunião dos cristãos, o domingo, dia de descanso, proibindo nele todo o trabalho ordinário e permitindo aos soldados cristãos assistir ao culto nas igrejas.

Reformas. Com a cristianização do império, foram abolidos a escravidão, os combates de gladiadores, a morte de crianças indesejáveis, a crucifixão como gênero de pena capital.

Casas de culto. O primeiro templo cristão foi construído no reinado de Alexandre Severo (222-35). Depois do edito de Constantino, passaram a ser construídos em toda parte.

O cristianismo torna-se a religião oficial do Império Romano. Embora Constantino tomasse de fato essa deliberação, só se efetivou no reinado de Teodósio (378-95), que tornou obrigatório a cada cidadão fazer parte da igreja. Foi isto a **PIOR CALAMIDADE** que já sobreveio à mesma Igreja. O desígnio de Cristo era vencer por meios puramente espirituais e morais. Até ao tempo de Constantino as conversões eram voluntárias, por uma genuína mudança do coração e da vida. Agora, porém, as conversões forçadas enchiam as igrejas de gente não regenerada. Entrou na Igreja o espírito militar da Roma Imperial, mudando-lhe a natureza e tornando-a uma organização política e fazendo-a precipitar-se no milênio das abominações papais.

Queda do paganismo. Teodósio (378-95), ao fazer da Igreja uma instituição do Estado, empreendeu a supressão à força de todas as outras religiões; proibiu o culto de ídolos. Sob a vigência dos seus decretos, 375-400, os templos pagãos foram derrubados pelos cristãos amotinados, havendo derrame de muito sangue. Entrava, assim, a Igreja em sua grande apostasia. Conquistou o Império Romano, mas, na realidade, foi esse império que a conquistou, não por eliminá-la, mas por lhe dar sua própria fisionomia.

A Igreja Imperial do 4.º e do 5.º Século tornou-se uma instituição de todo diferente da igreja perseguida dos três primeiros séculos. Na sua ambição de domínio, perdeu e esqueceu o espírito de Cristo.

O culto, a princípio muito singelo, passou a cerimônias complicadas, majestosas, imponentes, com todo o esplendor externo, próprio dos templos pagãos.

Os ministros tornaram-se sacerdotes. O termo "sacerdote" não fôra aplicado aos ministros cristãos antes do ano 200 d.C. Foi tomado de empréstimo ao sistema judaico, afeiçoando-se ao exemplo do sacerdócio pagão. Leão I (440-61) proibiu o casamento aos sacerdotes, tornando-se lei o celibato na Igreja Romana. Mas o celibato produziu seus maus efeitos. Através dos séculos, a imoralidade notória dos sacerdotes tem sido um dos mais berrantes escândalos dessa igreja.

Conversão dos bárbaros. Os godos, vândalos e hunos, que derrubaram o Império Romano, aceitaram o cristianismo; mas em grande escala essa conversão foi só nominal; e isto outra vez encheu a Igreja de práticas pagãs.

Conflitos com filosofias pagãs. Como cada geração procura interpretar Cristo em termos de sua própria mentalidade, assim foi que, mal o cristianismo apareceu, começaram a amalgamá-lo com filosofias gregas e orientais, daí surgindo muitas seitas: gnosticismo (o mal está na matéria, Jesus era apenas um fantasma, a salvação vem da íntima iluminação mística), maniqueísmo (dualismo pérsico), montanismo (contínuo e sobrenatural ministério do Espírito Santo), monarquismo (o Pai, o Filho e o Espírito Santo são uma só pessoa), arianismo (oposto à idéia trinitária de Deus), apolinarianismo (negava a natureza humana de Cristo), nestorianismo (duas naturezas em Cristo), eutiquianismo (as duas naturezas de Cristo unificadas), monofisitas (Cristo tinha uma natureza só). Do 2.º ao 6.º Século, a Igreja foi dilacerada por controvérsias acerca destes e de outros ismos semelhantes, quase perdendo de vista sua verdadeira missão.

Perseguições

Nero. Em 64 d.C. ocorreu o grande incêndio de Roma. O povo suspeitava de Nero; este, para desviar de si tal suspeita, acusou os cristãos e mandou que fossem punidos. Milhares foram mortos de maneiras crudelíssimas, entre eles, Paulo e, possivelmente, Pedro. Tácito diz: "Por conseguinte, Nero, para se livrar dos rumores, acusou de crime e castigou com torturas exageradas aquelas pessoas, odiosas devido a práticas vergonhosas, a quem o vulgo chama cristãos. Cristo, autor desse nome, foi castigado pelo procurador Pôncio Pilatos, no reinado de Tibério; e a fatal superstição, reprimida por um pouco, irrompeu novamente, não só na Judéia, sede original desse mal, porém por toda a cidade (Roma), para onde de toda parte tudo quanto é horrível ou vergonhoso aflui e cai na moda."

Domiciano. 96 d.C. Este organizou uma perseguição aos cristãos sob a acusação de serem ateus, isto é, talvez por recusarem participar do culto do imperador. Foi breve, porém violenta em extremo. Muitos milhares foram mortos em Roma e na Itália, entre eles, Flávio Clemente, primo do imperador, e sua esposa Flávia Domitila, que foi exilada. O Apóstolo João foi banido para Patmos.

Trajano, 98-117 d.C. Um dos melhores imperadores, mas achou que devia manter as leis do império; enquanto que o cristianismo era considerado religião ilegal, visto os cristãos se recusarem a sacrificar aos deuses romanos ou tomar parte no culto do imperador, e a Igreja era havida como sociedade secreta, o que era proibido. Não farejavam cristãos, porém, quando estes eram acusados, sofriam castigo. Entre os que pereceram neste reinado estavam, Simão, irmão de Jesus, bispo de Jerusalém, crucificado em 107 d.C., e Inácio, segundo bispo de Antioquia, que foi levado preso a Roma e lançado às feras, 110 d.C. Plínio, enviado pelo imperador, à Ásia Menor, onde os cristãos se haviam tornado tão numerosos que os templos pagãos quase ficaram desertos, e que fora mandado para castigar os que recusassem a amaldiçoar a Cristo e a sacrificar à imagem do imperador — escreveu ao Imperador Trajano: "Eles afirmaram que o seu crime e o seu erro cifrava-se nisto: costumavam reunir-se num dia estabelecido, antes de raiar o dia, e cantar, revezando-se, um hino a Cristo, como a um deus, e a obrigar-se por um juramento não à prática de qualquer iniqüidade, mas a nunca roubar, nem furtar, nem adulterar; a nunca faltar à palavra, a nunca recusar lealdade, ainda que solicitados; e depois de fazerem isto, a praxe era separarem-se e depois reunirem-se, novamente, para uma refeição comum."

Adriano, 117-138, perseguiu os cristãos, mas com moderação. Teléforo, pastor da igreja em Roma, e muitos outros sofreram martírio. Apesar disto, nesse reinado, o cristianismo fez marcado progresso em número, riqueza, saber e influência social.

Antonino, o Pio, 138-161. Este imperador de certo modo favoreceu os cristãos, mas sentia que devia manter a lei, havendo, por isso, muitos mártires, entre os quais Policarpo.

Marco Aurélio, 161-180. Como Adriano, considerava a manutenção da religião oficial uma necessidade política; mas foi diferente, por estimular a perseguição aos cristãos. Foi cruel e bárbaro, o mais severo depois de Nero. Muitos milhares foram decapitados ou lançados às feras, entre os quais Justino, o Mártir. Sua ferocidade foi excessiva no sul da Gália. As torturas que as vítimas sofriam, sem darem mostra de medo, quase que eram inacreditáveis. Supliciada da manhã até à noite, Blandina, uma escrava, só fazia exclamar: "Sou cristã; entre nós não se pratica nenhum mal."

Sétimo Severo, 193-211. Esta perseguição foi muito pesada, porém não generalizada. O Egito e o norte da África foram as regiões que mais sofreram. Em Alexandria "muitos mártires eram diariamente queimados, crucificados ou degolados", entre os quais Leônidas, pai de Orígenes. Em Cartago, Perpétua, senhora nobre, e sua fiel escrava Felicidade, foram estraçalhadas pelas feras.

Maximino, 235-238. Neste reinado, muitos líderes cristãos proeminentes foram mortos. Orígenes escapou, escondendo-se.

Décio, 249-251, decidiu-se, resolutamente, a exterminar o cristianismo. Sua perseguição estendeu-se por todo o império, e foi muito violenta; multidões pereceram sob as mais cruéis torturas, em Roma, norte da África, Egito, Ásia Menor. Cipriano disse: "O mundo inteiro está devastado."

Valeriano, 253-260. Mais severo do que Décio, visava destruir completamente o cristianismo. Muitos líderes foram executados, entre eles Cipriano, bispo de Cartago.

Diocleciano, 284-305. Foi a última perseguição imperial e a mais severa; estendeu-se por todo o império. Durante dez anos, os cristãos foram caçados pelas cavernas e florestas; queimados, lançados às feras, mortos por todas as crueldades imagináveis. Foi um esforço resoluto, determinado e sistemático por abolir o nome de cristão.

As Catacumbas de Roma

Vastas galerias subterrâneas, comumente de 2,60 m a 3,30 m de largura, 1,30 m a 2,00 m de altura, estendendo-se por centenas de quilômetros no subsolo da cidade. Foram usadas pelos cristãos como lugares de refúgio, culto e sepultamento durante as perseguições imperiais. Das sepulturas de cristãos variam os cálculos, indo de 2 milhões a 7 milhões. Mais de 4.000 epitáfios têm sido descobertos, pertencentes ao período de Tibério a Constantino.

Os Primeiros Infiéis

Celso, 180 d.C., famosíssimo literato dos primeiros tempos, que se opôs ao cristianismo. Hoje não há argumento que não se possa encontrar nos seus escritos. Muitas idéias que hoje querem passar por "modernas", são antigas como Celso. Porfírio (233-300 d.C.) também exerceu poderosa influência contra o cristianismo.

PAIS DA IGREJA

Policarpo. 69-156 d.C. Discípulo do Apóstolo João e bispo de Esmirna. Na perseguição ordenada pelo imperador, foi preso e levado à presença do governador. Ofereceram-lhe a liberdade, se amaldiçoasse a Cristo,

mas ele respondeu: "Oitenta e seis anos faz que sirvo a Cristo e Ele só me tem feito bem; como podia eu, agora, amaldiçoá-Lo, sendo Ele meu Senhor e Salvador?" Foi queimado vivo.

Inácio. 67-110 d.C. Discípulo de João e bispo de Antioquia. O imperador Trajano, visitando essa cidade, mandou prendê-lo; ele mesmo presidiu ao julgamento e sentenciou que Inácio fosse lançado às feras em Roma. De viagem para esta cidade, escreveu uma carta aos cristãos romanos, pedindo-lhes que não tentassem conseguir o seu perdão; ansiava ter a honra de morrer pelo seu Senhor, dizendo: "As feras atirem-se com avidez sobre mim. Se elas não se dispuserem a isto, eu as provocarei. Vinde, multidões de feras; vinde, lacerai-me, estraçalhai-me, quebrai-me os ossos, triturai-me os membros; vinde, cruéis torturas do demônio; deixai-me apenas que eu me una a Cristo." Regozijou-se no martírio.

Papias. Cerca de 70-155 d.C. Outro discípulo do Apóstolo João e bispo de Hierápolis, uns 160 km a leste de Éfeso. Pode ter conhecido Filipe, que, segundo uma tradição, morreu em Hierápolis. Escreveu um livro: "Interpretações dos discursos do Senhor", onde diz que se empenhou em inquirir dos presbíteros as palavras exatas de Jesus. Sofreu martírio em Pérgamo mais ou menos ao tempo de Policarpo. Este, Inácio e Papias formam o elo de ligação entre a era apostólica e a posterior.

Justino, o Mártir. 100-167 d.C. Nasceu em Neápolis, antiga Siquém, mais ou menos quando João morreu. Estudou filosofia. Quando moço, assistiu a muita perseguição movida aos cristãos. Converteu-se. Viajou vestido num manto de filósofo, procurando ganhar pessoas para Cristo. Escreveu uma defesa do cristianismo, que endereçou ao imperador. Um dos homens mais competentes do seu tempo. Morreu mártir em Roma. Mostrando o crescimento do cristianismo, disse que já no seu tempo não havia "raça de homens que não fizesse orações em nome de Jesus".

Eis aqui como Justino, o Mártir, descreveu o culto primitivo dos cristãos: "No domingo há uma reunião de todos que moram nas cidades e vilas, lê-se um trecho das memórias dos Apóstolos e dos escritos dos profetas, tanto quanto o tempo permita. Terminada a leitura, o presidente, num discurso, admoesta e exorta à obediência dessas nobres palavras. Depois disso, todos nos levantamos e fazemos uma oração comum. Finda a oração, como descrevemos antes, pão e vinho e ação de graças por eles de acordo com a sua capacidade, e a congregação responde, 'Amém.' Depois os elementos consagrados são distribuídos a cada um e todos participam deles, e são levados pelos diáconos às casas dos ausentes. Os ricos e os de boa vontade contribuem conforme seu livre arbítrio; esta coleta é entregue ao presidente que, com ela, atende a órfãos, viúvas, prisioneiros, estrangeiros e todos quantos estão em necessidade."

Irineu, 130-200. Criou-se em Esmirna. Discípulo de Policarpo e Papias. Viajou muito. Veio a ser bispo de Lião, na Gália. Notável principalmente por causa de seus livros contra os gnósticos. Morreu mártir. Vão aqui suas reminiscências sobre Policarpo: "Lembro-me bem do lugar onde o santo Policarpo se sentava e falava. Recordo seus discursos ao povo, e como referia as relações que tivera com o Apóstolo João, e com outros

que estiveram com o Senhor; como recitava os ditos de Cristo e os milagres que operara; como recebera sua doutrina de testemunhas oculares que viram o Verbo da Vida, em tudo de acordo com as Escrituras."

Orígenes. 185-254. O homem mais ilustrado da igreja antiga. Muito viajado, escreveu muitos volumes, empregando às vezes até vinte copistas. Dois terços do Novo Testamento estão citados em seus escritos. Viveu em Alexandria, onde seu pai, Leônidas, sofreu martírio, depois na Palestina, onde morreu em conseqüência de ser preso e torturado, no governo de Décio.

Tertuliano, 160-220, de Cartago; "Pai do Cristianismo Latino": advogado romano, pagão; depois de convertido, tornou-se proeminente defensor do cristianismo.

Eusébio, 264-340, "Pai da História da Igreja"; bispo de Cesaréia, ao tempo da conversão de Constantino; teve muita influência junto a este; escreveu uma "História Eclesiástica" — desde Cristo, até ao Concílio de Nicéia.

João Crisóstomo, 345-407, "o boca-de-ouro", orador inigualável; o maior pregador dos seus dias; suas pregações eram expositivas; nasceu em Antioquia, veio a ser Patriarca de Constantinopla; pregou a grandes multidões na Igreja de Sta. Sofia; como reformador, caiu no desagrado do rei, foi banido e faleceu no exílio.

Jerônimo, 340-420, "o mais ilustrado dos Pais Latinos"; educou-se em Roma; viveu muitos anos em Belém; traduziu a Bíblia para o latim, chamada Vulgata, ainda hoje a Bíblia autorizada da Igreja Católica Romana.

Agostinho. 354-430. Bispo de Hipona, no norte da África. Foi o grande teólogo da igreja primitiva. Mais do que outro, moldou as doutrinas da igreja da Idade Média. Quando jovem, brilhou por sua erudição, mas era dissoluto. Tornou-se cristão por influência de Mônica, sua mãe, de Ambrósio, de Milão, e das Epístolas de Paulo.

Escritos dos Pais Apostólicos

A Epístola de Barnabé (entre 70 e 120 d.C.). A Epístola de Clemente de Roma a Corinto (95 d.C.). Sete Cartas de Inácio (110). A Epístola de Policarpo aos Filipenses (110). O Ensino dos Doze (entre 70 e 165). O Pastor de Hermas (entre 100 e 140), o "Peregrino" da igreja primitiva. Fragmentos de Papias. O "Diatessaron" de Taciano, harmonia dos Quatro Evangelhos (150). Outros. A importância destes reside no fato de se aproximarem da época dos Apóstolos.

CONCÍLIOS ECUMÊNICOS

Nicéia. 325 d.C. Condenou o arianismo.
Constantinopla. 381. Convocado para deliberar sobre o apolinarianismo.
Éfeso, 431. Convocado para dar fim à controvérsia nestoriana.
Calcedônia. 451. Convocado para resolver a controvérsia eutiquiana.
Constantinopla. 553. Para acabar com a controvérsia dos monofisitas.
Constantinopla. 680. Doutrina das duas vontades em Cristo.
Nicéia. 787. Sancionou o culto das imagens.
Constantinopla, 869. Cisma final entre o Oriente e o Ocidente.

Foi este o último ecumênico. Os posteriores foram apenas romanos.

Roma. 1123. Decidiu que os bispos seriam nomeados pelos papas.
Roma. 1139. Esforço por remediar o cisma entre o Oriente e o Ocidente.
Roma. 1179. Para fazer vigorar a disciplina eclesiástica.
Roma. 1215. Para cumprir as ordens de Inocêncio III.
Lião 1245. Para resolver a contenda entre o papa e o imperador.
Lião. 1274. Novo esforço por unir o Oriente e o Ocidente.
Viena. 1311. Suprimiu os templários.
Constança. 1414-18. Para remediar o cisma papal. Queimou Huss.
Basiléia. 1431-49. Para reformar a Igreja.
Roma. 1512-18. Outro esfôrço pró-reforma.
Trento. 1545-63. Para neutralizar a Reforma Protestante.
Vaticano. 1869-70. Declarou a infalibilidade do papa.
Vaticano. Out. 11 1962 - Dez. 8 1965. Para reformar a Igreja. O maior de todos.

O Monasticismo

O movimento começou no Egito com **Antônio** (250-350 d.C.) que vendeu suas propriedades, retirou-se para o deserto e viveu solitário. Multidões seguiram seu exemplo. Chamavam-se "anacoretas". A idéia era ganhar a vida eterna escapando do mundo e mortificando a carne em práticas ascéticas. O movimento espalhou-se até Palestina, Síria, Ásia menor e Europa. No Oriente cada um vivia em sua própria caverna, ou cabana, ou em cima de um pilar. Na Europa viviam em comunidades chamadas mosteiros, dividindo o tempo entre o trabalho e os exercícios religiosos. Tornaram-se muito numerosos, surgindo muitas ordens de frades e freiras. Aos mosteiros da Europa coube a realização do melhor trabalho que a igreja da Idade Média fez, no tocante à filantropia cristã, literatura, educação e agricultura. Quando, porém, essas ordens se tornavam ricas, caíam em grosseira imoralidade. A Reforma, nos países protestantes, deu cabo dessas ordens, e nos países católicos vão desaparecendo.

As Cruzadas

Esforço da cristandade por recuperar a Terra Santa, tirando-a de sob o domínio dos maometanos. Houve sete cruzadas:
Primeira, 1095-1099. Capturou Jerusalém.
Segunda, 1147-1149; adiou a queda de Jerusalém.
Terceira, 1189-1191; o exército não conseguiu alcançar Jerusalém.
Quarta, 1201-1204; capturou e saqueou Constantinopla.
Quinta, 1228-1229; tomou Jerusalém, mas logo a perdeu.
Sexta, 1248-1254; foi um fracasso.
Sétima, 1270-1272; reduziu-se a nada.

As cruzadas, posto que fracassassem no objetivo que se propuseram, influíram para salvar dos turcos a Europa, e também para estabelecer intercâmbio comercial e cultural entre a Europa e o Oriente, abrindo assim o caminho para o renascimento da cultura (Renascença).

O MAOMETISMO

Maomé. Nasceu em Meca, 570 d.C., neto de governador, ofício que teria de exercer, se não fosse usurpado por outro. Quando moço, visitou a Síria, entrou em contacto com cristãos e judeus, encheu-se de horror pela idolatria. Em 610 declarou-se profeta; foi repelido em Meca; em 622 fugiu para Medina; aí foi recebido; tornou-se guerreiro e começou a propagar a sua fé pela espada; em 630 tornou a entrar em Meca à frente de um exército, destruiu 360 ídolos e ficou entusiasmado com a destruição dessa idolatria. Morreu em 632. Seus sucessores chamaram-se Califas.

Rápido crescimento. Em 634 a Síria foi vencida; em 637, Jerusalém; em 638, o Egito; em 640, a Pérsia; em 689, o norte da África; em 711, a Espanha. Assim, dentro de pouco tempo toda a Ásia Ocidental e o norte da África, berço do cristianismo, tornaram-se maometanos. Maomé surgiu num tempo em que a Igreja se paganizara com o culto de imagens, relíquias, mártires, santos e anjos; os deuses da Grécia haviam sido substituídos pelas imagens de Maria e dos santos. Em certo sentido, o Maometismo foi uma revolta contra a idolatria do "Mundo Cristão"; castigo de uma Igreja corrupta e degenerada. Em si mesmo, porém, foi um flagelo pior para as nações por ele vencidas. É uma religião de ódio; foi propagada pela espada; incentivou a escravatura, a poligamia e a degradação da mulher.

Batalha de Tours, na França, 732 d.C., uma das batalhas que decidiram a sorte do mundo. Carlos Martelo derrotou o exército islamita e salvou a Europa do maometismo que varria o mundo qual enxurrada. Não fosse essa vitória, o cristianismo teria ficado completamente submerso.

Os árabes dominaram o mundo maometano de 622 a 1058. A capital mudou-se para Damasco (661); para Bagdá em 750, onde permaneceu até 1258. A Idade Áurea do maometismo verificou-se sob Harun-al-Raschid, 786-809, contemporâneo de Carlos Magno no Ocidente.

Os turcos dominam o mundo maometano de 1058 até hoje. Foram muito mais intolerantes e cruéis do que os árabes. O tratamento bárbaro que infligiram aos cristãos na Palestina deu lugar às Cruzadas.

Os mongóis, do centro da Ásia, sustaram o domínio turco, sob Gengis Kan (1206-1227), que, à testa de vastos exércitos, atravessou a ferro e a fogo grande parte da Ásia; 50.000 cidades e vilas foram incendiadas; 5.000.000 de pessoas foram massacradas; na Ásia Menor 630.000 cristãos foram chacinados; a Ásia nunca se recuperou; foi "o mais terrível flagelo que já afligiu a raça humana". Sob Tamerlão, 1336-1402, um furacão semelhante por toda parte foi deixando campos talados, vilas incendiadas e sangue. À porta de cada cidade seu costume era fazer pilhas de milhares de cabeças; em Bagdá, 90.000.

A queda de Constantinopla, 1453, para os turcos, foi o fim do império romano oriental, e fez estremecer a Europa com uma segunda ameaça de domínio maometano, que, mais tarde, foi sofreado por João Sobieski, na Batalha de Viena, 1683.

LISTA DOS PAPAS. O PAPADO

Desenvolvimento Gradual do Papado

Apareceu primeiro como poder mundial no 6.º Século.
Atingiu o ápice do poderio no 13.º Século.
Declínio do poder, do 13.º Século até hoje.

A Missão Original da Igreja

A Igreja foi fundada, não como instituição autoritária para compelir o mundo a viver a doutrina de Cristo, mas apenas como instituição que dá testemunho de Cristo, para apresentá-Lo ao povo. Cristo, não a Igreja, é o poder transformador da vida humana. Todavia, a Igreja foi fundada nos dias do império romano, tomando gradualmente uma forma de governo semelhante ao do mundo político em que existia, e vindo a tornar-se vasta organização autocrática governada de cima.

A Forma Original do Governo da Igreja

No fim da era apostólica as igrejas eram independentes entre si, cada qual governada por uma junta de pastores. Dava-se precedência a um deles, que veio a chamar-se bispo; os outros, mais tarde, foram chamados presbíteros. Gradualmente, a jurisdição do bispo veio a abranger as cidades vizinhas.

O Primeiro Papa

A palavra "papa" quer dizer "pai". A princípio aplicava-se a todos os bispos ocidentais. Por volta de 500 d.C., começou a restringir-se ao bispo de Roma, e logo veio a significar, no uso comum, "pai universal", isto é, bispo de toda a Igreja. A lista católica romana dos papas apresenta os bispos de Roma a partir do 1.º Século. Mas, durante 500 anos, os bispos de Roma **NÃO** foram papas, isto é, "bispos universais". A idéia de que o bispo romano devia ter autoridade sobre toda a Igreja desenvolveu-se lentamente, contestada acremente a cada passo, e nunca, em tempo algum, foi aceita universalmente.

Pedro

A tradição católica de ter sido Pedro o primeiro papa é pura e simples ficção. Não há qualquer evidência histórica de ter sido ele bispo de Roma. Nem ele alguma vez reivindicou para si tal autoridade, como seus "sucessores" têm feito. Parece que Pedro teve uma intuição, dada por Deus, de que seus "sucessores" se preocupariam principalmente em "dominar o rebanho de Deus, antes que em se tornarem modelos para ele" (1 Pe 5:3).

Os Primeiros Bispos Romanos

Lino, 67-79 d.C.? **Cleto,** 79-91? **Clemente,** 91-100, escreveu uma carta à Igreja de Corinto, em nome da Igreja de Roma, não em seu próprio nome, e não dá nenhuma idéia da autoridade papal que mais tarde certos papas assumiram. **Evaristo,** 100-09. **Alexandre I,** 109-19. **Sixto I,** 119-28. **Telésforo,** 128-30. **Higino,** 139-42. **Pio I,** 142-54.

O Começo da Política Dominadora de Roma

Aniceto, bispo de Roma, 154-68 d.C., procurou levar Policarpo, bispo de Esmirna, a mudar a data da celebração da Páscoa; mas Policarpo recusou-se a atendê-lo. **Sotero,** 168-76. **Eleutério,** 177-90. **Vítor I,** 190-202, ameaçou de excomunhão às igrejas orientais por celebrarem a Páscoa em 14 de Nisã. Polícrates, bispo de Éfeso, respondeu que não temia as ameaças de Vitor, e afirmou a independência de sua autoridade. Irineu, de Lião, embora bispo ocidental e simpatizasse com o ponto de vista do ocidente sobre a celebração da Páscoa (isto é, que fosse em dia fixo de semana, e não em dia fixo de mês), repreendeu Vitor por pretender impor-se às igrejas orientais. **Zeferino,** 202-18.

A Influência Crescente de Roma

Calixto I, 218-23, foi o primeiro a basear sua pretensão em Mt 16:18. Tertuliano, de Cartago, chamou-o usurpador, por falar como se fora Bispo dos bispos. **Urbano I,** 223-30. **Ponciano,** 230-5. **Antero,** 235-6. **Fabiano,** 236-50. **Cornélio,** 251-2. **Lúcio I,** 252-3. **Estêvão I,** 253-7, fez objeções a certas práticas batismais da Igreja do Norte da África. Cipriano, bispo de Cartago, sustentou que cada bispo era supremo em sua própria diocese, e recusou submeter-se a Estêvão. Não obstante, tomava corpo a idéia de que Roma, cidade principal, devia ser cabeça da Igreja, assim como era cabeça do império.

Sixto II, 257-8. **Dionísio,** 259-69. **Félix I,** 269-74. **Eutiquiano,** 275-83. **Caio,** 283-96. **Marcelino,** 296-304. **Marcelo,** 308-9. **Eusébio,** 309-10. **Milcíades,** 311-14.

A União entre a Igreja e o Estado

Silvestre I, 314-35, era bispo de Roma quando, sob Constantino, o cristianismo se tornou virtualmente a religião oficial do império romano. A Igreja veio a ser, imediatamente, uma instituição de vasta importância na política do mundo. Constantino considerava-se cabeça da Igreja. Convocou o Concílio de Nicéia, 325, e presidiu a ele, o primeiro concílio mundial da Igreja. Este concílio concordou em que os bispos de Alexandria e de Antioquia tivessem plena jurisdição sobre suas províncias, assim como o de Roma tinha sobre a sua, **SEM QUALQUER IDÉIA** de estarem elas sujeitas a Roma.

Marco, 336-7. **Júlio I,** 337-52. O Concílio de Sárdica, 343, constituído somente de clérigos ocidentais, não sendo, portanto, concílio ecumênico, foi o primeiro a reconhecer a autoridade do bispo romano.

Os Cinco Patriarcas

Pelos fins do 4.º Século, as igrejas e os bispos da cristandade vieram a ficar, em grande parte, sob o domínio de **CINCO** grandes centros: Roma, Constantinopla, Antioquia, Jerusalém e Alexandria, cujos bispos vieram a ser chamados **PATRIARCAS,** de igual autoridade todos eles, cada qual governando, sozinho, sua província. Depois da divisão do império, 395, em Oriental e Ocidental, os patriarcas de Antioquia, Jerusalém e Alexandria gradativamente reconheceram a liderança de Constantinopla; e daí por diante surgiu a porfia pela liderança da cristandade entre Roma e essa cidade.

A Divisão do Império Romano

Libério, 352-66 d.C. **Dâmaso,** 366-84. **Sirício,** 385-98, reivindicou jurisdição universal sobre a Igreja, mas, para infelicidade sua, viu o império dividir-se em dois, 395, Oriental e Ocidental, o que tornou mais difícil, ao bispo romano, conseguir o reconhecimento de sua autoridade pelo Oriente.

A "Cidade de Deus", de Agostinho

Anastácio, 398-402. **Inocêncio I,** 402-17, que se arrogou o título de "governante da Igreja de Deus", e avocou a si o direito de resolver as controvérsias mais importantes de toda a Igreja.

Zósimo, 417-18. **Bonifácio,** 418-22. **Celestino I,** 422-32. **Sixto III,** 432-40. Por essa época, o Império Ocidental se dissolvia, rapidamente, ao impacto da migração dos bárbaros; na aflição e ansiedade daqueles dias, Agostinho escreveu sua obra monumental, a "Cidade de Deus", na qual apresentou a visão de um império cristão universal. Este livro influiu muito na formação de uma opinião favorável a uma hierarquia eclesiástica universal sob um chefe, advogando assim a reivindicação de Roma.

Reconhecimento Imperial da Pretensão do Papa

Leão I, 440-61, chamado primeiro papa por alguns historiadores. O infortúnio do império foi propício ao papa. As controvérsias retalhavam o Oriente; o Ocidente, com imperadores fracos, cedia terreno aos invasores bárbaros. O papa era o único homem forte naqueles dias. Leão, 452, persuadiu o huno Átila a poupar a cidade de Roma. Mais adiante, 455, induziu o vândalo Genserico a compadecer-se da cidade. Isto contribuiu muito para o renome do papa. Leão afirmou que, por disposição divina, era o primaz de todos os bispos, e obteve do imperador Valentiniano III, 445, o reconhecimento imperial dessa pretensão. Proclamou-se senhor de toda a Igreja; advogou para si só o papado universal; disse que resistir à sua autoridade era ir direto para o inferno; defendeu a pena de morte para os hereges O Concílio de Calcedônia, 451, quarto concílio ecumênico, em que tiveram assento os bispos de todo o mundo, a despeito do ato do imperador, concedeu ao patriarca de Constantinopla **AS MESMAS PRERROGATIVAS** do patriarca de Roma.

A Queda de Roma

Hilário, 461-8. **Simplício,** 468-83, era o papa quando o Império Ocidental se extinguiu, 476. Este fato deixou os papas livres da autoridade civil. Os vários e novos reinozinhos dos bárbaros em que o Ocidente ficou dividido, deram aos papas oportunidade de fazer alianças vantajosas, e, gradualmente, o pontífice veio a ser a figura dominante no Ocidente.

Felix III, 483-92. **Gelásio I,** 492-6. **Anastácio II,** 496-8.

Símaco, 498-514. **Hormisdas,** 514-23. **João I,** 523-5.

Felix IV, 526-30. **Bonifácio II,** 530-2.

João II, 532-5. **Agapeto I,** 535-6.

Silvério, 536-40. **Virgílio,** 540-54. **Pelágio I,** 555-60.
João III, 560-73. **Bento I,** 574-8. **Pelágio II,** 578-90.

O Primeiro Papa Verdadeiro

GREGÓRIO I, 590-604 d.C., é, geralmente, considerado como o primeiro papa. Surgiu num tempo de anarquia política e de grandes perturbações públicas por toda a Europa. A Itália, depois da queda de Roma, 476, tornara-se um reino gótico; depois uma província bizantina, sob o domínio do imperador oriental; agora estava sendo pilhada pelos lombardos. A influência de Gregório sobre os vários reis teve um efeito estabilizador. Decidiu por si mesmo exercer completo domínio sobre as igrejas da Itália, Espanha, Gália e Inglaterra (cuja conversão ao cristianismo foi o grande acontecimento de sua época). Trabalhou, incansavelmente, pela purificação da Igreja; depôs bispos negligentes ou indignos, e opôs-se, zelosamente, à prática da simonia (venda de cargos). Exerceu muita influência no Oriente, se bem que não reivindicasse jurisdição sobre a Igreja Oriental. O patriarca de Constantinopla chamava-se a si mesmo "bispo universal". Isto irritou muito a Gregório, que repeliu o título como "vicioso e arrogante", recusando-se a permitir que lho aplicassem; e, todavia, na prática, exerceu toda a autoridade representada por esse título. Pessoalmente, era bom homem, um dos papas mais puros e melhores; incansável nos seus esforços por justiça em favor dos oprimidos, e de caridade ilimitada para com os pobres. Se todos os papas fossem como ele, que idéia diferente o mundo não faria do papado!

Sabiniano, 604-6. **Bonifácio III,** 607. **Bonifácio IV,** 608-14.
Deusdedit, 615-8. **Bonifácio V,** 619-25. **Honório I,** 625-38.
Severino, 640. **João IV,** 640-2. **Teodoro I,** 642-9.
Martinho I, 649-53. **Eugênio I,** 654-7. **Vitaliano,** 657-72.
Adeodato, 672-6. **Dono I,** 676-8. **Agatão,** 678-82.

Leão II, 682-3, declarou "herético" Honório I. Estranhável: um papa "infalível" chama "herético" a outro papa "infalível". Mas acontece que os papas só se tornaram "infalíveis" no Concílio do Vaticano, 1870, que os declarou tais..

Bento II, 684-5. **João V,** 685-6. **Como,** 686-7. **Teodorus,** 687.
Sérgio I, 687-701. **João VI,** 701-5. **João VII,** 705-7. **Sisínio,** 708.
Constantino, 708-15. **Gregório II,** 715-31. **Gregório III,** 731-41.

O Papa Se Torna Rei Terrestre

Zacarias, 741-52, serviu de instrumento para se fazer de Pepino (pai de Carlos Magno) rei dos francos (povo germânico que ocupava o oeste da Alemanha e o norte da França).

Estêvão II, 752-7. Por solicitação sua, Pepino, por sua vez, conduziu seu exército à Itália, venceu os lombardos, cujas terras (grande parte da Itália) deu ao papa. Foi esta a origem dos **"ESTADOS PONTIFÍCIOS"**, ou **"DOMÍNIO TEMPORAL"** dos papas. O domínio civil de Roma e do centro da Itália pelos papas, assim estabelecido por Zacarias e Estêvão e reconhecido por Pepino, 754, foi mais tarde confirmado por Carlos Magno, 774. O centro da Itália, que uma vez fora cabeça do Império Romano, depois reino gótico e mais adiante província bizantina, agora tornava-se

REINO PONTIFÍCIO, governado pelo "cabeça" da Igreja. Durou 1.100 anos, até 1870.

Paulo I, 757-67. **Estêvão III,** 768-72. **Adriano I,** 772-95.

O poder papal grandemente fomentado por Carlos Magno

Leão III, 795-816 d.C., em paga, por haver Carlos Magno reconhecido, 774, o poder temporal dos papas sobre os Estados Pontifícios, conferiu-lhe, 800, o título de "imperador romano", unindo, assim, os domínios romanos e francos no **"SANTO IMPÉRIO ROMANO"** e transferindo a capital, de Constantinopla para Aix-la-Chapelle, na Alemanha Ocidental. Carlos Magno, 742-814, rei dos francos, neto de Carlos Martelo (que salvara dos maometanos a Europa) foi um dos maiores governantes de todos os tempos. Reinou 46 anos, fez muitas guerras e conquistas de enorme envergadura. Seu reino abrangia o que hoje é a Alemanha, a França, a Suíça, a Áustria, a Hungria, a Bélgica, e partes da Espanha e da Itália. Ajudou ao papa, e o papa o ajudou. **FOI ELE UMA DAS MAIORES INFLUÊNCIAS** em levar o **PAPADO** à posição de **PODER MUNDIAL.** Pouco depois de sua morte, pelo Tratado de Verdum, 843, seu império foi dividido no que veio a ser os fundamentos da moderna Alemanha, França e Itália; e, daí por *diante, durante séculos, houve luta incessante pela supremacia*, entre os papas e os reis da Alemanha e da França.

"O Santo Império Romano"

Estabelecido assim por Carlos Magno e Leão III, declarando-o, Roma, independente de Constantinopla e restabelecendo o Império Ocidental com soberanos germânicos no trono, que usavam o título de "César", conferido pelos papas, acreditou-se que isso era a continuação do antigo Império Romano. Este Império deveria estar sob a direção conjunta dos papas e dos imperadores germânicos, estes gerindo os negócios temporais, e aquêles os espirituais. Mas, considerando que a Igreja era uma instituição do Estado, nem sempre foi fácil delimitar a respectiva jurisdição, daí resultando muitas lutas amargas entre os imperadores e os papas. O Santo Império Romano, "mais um nome do que um fato consumado", durou mil anos, e foi liqüidado por Napoleão, 1806. Serviu ao fim a que se propusera, combinando as civilizações romana e germânica. "Nesse Império entrou tudo quanto fora do mundo antigo; dele emergiu o mundo moderno" — Bryce. **Estêvão IV,** 816-7. **Pascoal I,** 817-24. **Eugênio II,** 824-7. **Valentino,** 827. **Gregório IV,** 827-44. **Sérgio II,** 844-7. **Leão IV,** 847-55. **Bento III,** 855-8.

As Pseudo-Decretais de Isidoro Ajudam ao Papado

Nicolau I, 858-67, o maior papa entre Gregório I e Gregório VII. Foi o primeiro a usar coroa. Em abono de sua pretensão de autoridade universal, fez uso, com muito efeito, das **PSEUDO-DECRETAIS DE ISIDORO,** livro que apareceu em 857, mais ou menos, o qual continha documentos que se pretendia fossem cartas e decretos de bispos e concílios do 2.º e 3.º séculos, todos eles visando a exaltar o poder do papa. Foram invenções e corrupções premeditadas de antigos documentos históricos, mas a sua natureza espúria só foi descoberta alguns séculos depois. Soubesse ou não que fora isso forjado, pelo menos Nicolau mentiu em declarar que aquilo tinha sido guardado nos arquivos da Igreja Romana desde tempos

antigos. Mas serviram ao propósito que tinham de "selar as pretensões do clero medieval com o sinete da antigüidade". "O papado, que se desenvolveu através de vários séculos, foi apresentado assim como algo que já no princípio surgira completo e que não sofrera alteração." Nisso estava incluída a "doação de Constantino", pela qual se davam, ao bispo romano, as províncias ocidentais com todas as insígnias imperiais. "O objetivo era antecipar de 5 séculos o poder temporal do papa, o qual de fato repousava nas doações de Pepino e Carlos Magno." "Foi a fraude literária mais colossal que a História registra." "Fortaleceu o papado mais do que qualquer outro expediente, e constituiu-se, em larga escala, a base da lei canônica da Igreja Romana."

A Grande Brecha na Cristandade

Nicolau tomou a peito intervir nos negócios da Igreja Oriental. Excomungou Fócio, patriarca de Constantinopla, que, por sua vez, o excomungou também. Seguiu-se a cisão da cristandade, 869 (consumada em 1054). Embora o Império estivesse dividido desde 395, e tivesse havido uma luta prolongada e amarga entre o papa de Roma e o patriarca de Constantinopla, ambos a disputar a supremacia, a Igreja permanecera **UNA.** Os concílios eram assistidos por representantes do Oriente como do Ocidente. Durante os 6 primeiros séculos, o Oriente representara os sentimentos da Igreja e era sua parte mais importante. Todos os concílios ecumênicos tinham-se realizado em Constantinopla, ou em lugares perto, usando-se a língua grega; e neles se resolveram as questões doutrinárias. Mas, agora, a pretensão insistente do papa, de ser o senhor da cristandade, acabou por se tornar intolerável, dando ocasião a que o Oriente se separasse de modo definido. O Concílio de Constantinopla, de 869, foi o último concílio ecumênico. Daí por diante, a Igreja Grega teve seus concílios, e a Igreja Romana os seus. A brecha tem aumentado com o passar dos séculos. A maneira brutal como Constantinopla foi tratada pelos exércitos do Papa Inocêncio III, durante as cruzadas, exacerbou ainda mais o Oriente; e a decretação do dogma da Infalibilidade do Papa, em 1870, cavou ainda mais o abismo. Rasgada, assim, em duas partes, a cristandade sofreu outra grande brecha no Século 16, sob a liderança de Martinho Lutero, pela **MESMA RAZÃO:** a determinação de o papa ser, ele mesmo, Senhor do povo de Deus.

O Mais Tenebroso Período do Papado

Adriano II, 867-72. **João VIII,** 872-82. **Marino,** 882-4. Com estes papas, começou o **PERÍODO MAIS TENEBROSO** do papado, 870-1050. Os 200 anos entre Nicolau I e Gregório VII é chamado, por certos historiadores, a "meia-noite da Idade Média". Suborno, corrupção, imoralidade e derramamento de sangue fizeram dessa época o mais negro capítulo de toda a história da Igreja.

Adriano III, 884-5. **Estêvão V,** 885-91. **Formoso,** 891-6. **Bonifácio VI,** 896. **Estêvão VI,** 896-7. **Romano,** 897. **Teodoro II,** 898. **João IX,** 898-900. **Bento IV,** 900-3. **Leão V,** 903. **Cristóvão,** 903-4.

O "Domínio das Meretrizes"

Sérgio III, 904-11 d.C., tinha uma amante, Marózia. Ela, sua mãe Teodora (esposa ou viúva de um senador romano) e sua irmã, "puseram na

cadeira papal seus amantes e filhos bastardos, transformando o palácio pontifício numa cova de salteadores". Isto é conhecido, na História, como **PORNOCRACIA**, ou **DOMÍNIO DAS MERETRIZES** (904-963).

Anastácio III, 911-3. **Lando**, 913-4. **João X**, 914-28, "foi trazido de Ravena para Roma e feito papa por Teodora (que ainda tinha outros amantes), para mais convenientemente, satisfazer às suas paixões." Foi morto, asfixiado, por Marózia, que, para suceder a ele, elevou, ao pontificado, pessoal seu, **Leão VI**, 928-9, e **Estêvão VII**, 929-31, e **João XI**, 931-6, seu próprio filho ilegítimo. Outro de seus filhos ordenou os quatro seguintes.

Leão VII, 936-9, **Estêvão VIII**, 939-42, **Martinho III**, 942-6, e **Agapeto II**, 946-55. **João XII**, 955-63, neto de Marózia, "foi réu de quase todos os crimes; violou virgens e viúvas, da alta e da baixa classe; viveu com a amante de seu pai; fez do palácio papal um bordel; foi morto num ato de adultério pelo próprio marido enfurecido da mulher."

Os Abismos da Degradação Papal

Leão VIII, 963-5. **João XIII**, 965-72.

Bento VI, 972-4. **Dono II**, 974. **Bento VII**, 975-83. **João XIV**, 983-4.

Bonifácio VII, 984-5, assassinou o Papa João XIV e "manteve-se no trono papal, manchado de sangue, por meio de pródiga distribuição de dinheiro roubado." *O Bispo de Orleans, referindo-se a João XII, Leão VIII e* Bonifácio VII, chamou-os "monstros de crimes, cheirando a sangue e imundícia; anticristos sentados no Templo de Deus."

João XV, 985-96. **Gregório V**, 996-9. **Silvestre II**, 999-1003.

João XVII, 1003. **João XVIII**, 1003-9. **Sérgio IV**, 1009-12.

Bento VIII, 1012-24, comprou o ofício de papa com patente subôrno. Chamava-se a isto **"SIMONIA"**, isto é, compra ou venda de ofício eclesiástico por dinheiro.

João XIX, 1024-33, comprou o pontificado. Era leigo e recebeu, num só dia, todas as ordens do clero.

Bento IX, 1033-45, era uma criança de 12 anos quando foi feito papa, mediante uma negociata com as famílias poderosas que governavam Roma. "Ultrapassou João XII em iniqüidade; cometeu assassinatos e adultérios à luz clara do dia; roubou peregrinos sobre os túmulos dos mártires; criminoso hediondo, o povo expulsou-o de Roma."

Gregório VI, 1045-6, comprou o pontificado. Três papas rivais, Bento IX, Gregório VI e Silvestre II. "Em Roma enxameavam os assassinos assalariados; violava-se a virtude de peregrinos; até as igrejas eram profanadas com derramamento de sangue."

Clemente II, 1046-7, foi designado papa pelo Imperador Henrique III da Alemanha "porque não se achava um clérigo romano livre da contaminação da simonia e da fornicação." A situação revoltante clamava por uma reforma.

Dâmaso II, 1048. Altos protestos contra a torpeza e a infâmia pontifícias, e os clamores por uma reforma tiveram resposta num líder de nome Hildebrando.

A Idade Áurea do Poder Papal

Hildebrando, de pequena estatura, desajeitado de aparência, de voz débil, todavia, pujante de intelecto, animoso, decidido, homem "de sangue e

ferro", zeloso defensor do absolutismo papal, aderiu ao Partido Reformista e levou o papado à sua **IDADE ÁUREA** (1049-1294). Controlou os cinco sucessivos pontificados que precederam imediatamente o seu: **Leão IX,** 1049-54; **Vitor II,** 1055-7, último dos papas alemães; **Estêvão IX**, 1057-8; **Nicolau II,** 1059-61, em cujo pontificado a eleição dos papas, que antes era feita pelo imperador, passou a ser da alçada dos cardeais, Desde então os papas, com poucas exceções (como os de Avinhão), têm sido escolhidos dentre o clero romano; **Alexandre II,** 1061-73.

Gregório VII (Hildebrando), 1073-85. Seu grande objetivo foi reformar o clero. Os dois pecados predominantes nos padres eram imoralidade e simonia. Para curá-los da imoralidade, Gregório insistiu, combativamente, no celibato. Para afastá-los da simonia (compra de cargo eclesiástico por dinheiro) insurgiu-se contra o direito de o imperador nomear dignitários para a igreja. Praticamente, todos os bispos e padres compravam os seus cargos, visto que à Igreja pertencia a metade de todas as propriedades e tinha grandes rendimentos, o que ensejava uma vida de luxo. Os reis, habitualmente, vendiam os cargos eclesiásticos a quem mais oferecesse, independente da capacidade ou do caráter do indivíduo.

Isto levou Gregório a lutar, denodadamente, contra Henrique IV, Imperador da Alemanha. Este depôs Gregório. Gregório, por sua vez, excomungou e depôs Henrique. Seguiu-se uma guerra. Durante anos, a Itália foi devastada pelos exércitos em combate. Gregório, finalmente, foi expulso de Roma e morreu no exílio. Mas fez, em grande parte, a independência do papado, do poder imperial. Repetidamente, denominou-se "soberano dos reis e príncipes", e provou que o era.

Vitor III, 1086-7. **Urbano II,** 1088-99, continuou a guerra contra o imperador; tornou-se líder do movimento das cruzadas, o que ainda mais aumentou o prestígio do papado perante a cristandade.

Pascoal II, 1099-1118, continuou a guerra contra o imperador alemão a propósito do direito das nomeações eclesiásticas.

Gelásio II, 1118-9. **Calixto II,** 1119-24, na Concordata de Worms, 1122, chegou a um acordo com o imperador alemão, do que resultou a paz, depois de 50 anos de guerra.

Honório II, 1124-30. **Inocêncio II,** 1130-43, manteve-se no ofício pelas armas contra o antipapa Anacleto II, que fora escolhido por certas famílias poderosas de Roma.

Celestino II, 1143-4. **Lúcio II,** 1144-5. **Eugênio III,** 1145-53. **Anastácio IV,** 1153-4. **Adriano IV,** 1154-9, o único que foi inglês; deu a Irlanda ao rei da Inglaterra e autorizou-o a apossar-se dela. Tal autorização foi renovada pelo papa seguinte, Alexandre III, entrando em execução em 1171. **Alexandre III,** 1159-81, o maior papa, de Gregório VII a Inocêncio III; entrou em conflito com quatro antipapas, reencetou a guerra pela supremacia contra o imperador alemão, Frederico Barbaroxa, que, depois de cinco campanhas e muitas batalhas campais entre seus exércitos e os do papa e seus aliados, havendo terrível mortandade, fez a Paz de Veneza, 1177. Alexandre foi expulso de Roma, pelo povo, morrendo no exílio, como aconteceu com muitos outros papas.

Lúcio III, 1181-5. **Urbano III,** 1185-7. **Gregório VIII,** 1187. **Clemente III,** 1187-91. **Celestino III,** 1191-8.

O Auge do Poder Papal

Inocêncio III, 1198-1216, o papa mais poderoso. Declarou-se "vigário de Cristo", "vigário de Deus", "soberano supremo da Igreja e do mundo", com o direito de depor reis e príncipes; que "todas as coisas na terra, no céu e no inferno estão sujeitas ao vigário de Cristo." Levou a Igreja a sobrepor-se ao Estado. Os reis da Alemanha, França, Inglaterra, e, praticamente, todos os monarcas da Europa faziam a sua vontade. Até o Império Bizantino foi por êle dominado, embora a maneira brutal como tratou Constantinopla resultasse, mais tarde, no afastamento do Oriente. Nunca, na História, um homem exerceu maior autoridade do que ele.

Ordenou duas cruzadas. Decretou a transubstanciação. Confirmou a confissão auricular. Declarou que o sucessor de Pedro "nunca e de modo algum podia apartar-se da fé católica" (infalibilidade papal). Condenou a "Magna Charta". Proibiu a leitura da Bíblia em vernáculo. Ordenou o extermínio dos hereges. Instituiu a **INQUISIÇÃO.** Mandou massacrar os albigenses. Mais sangue foi derramado durante seu pontificado e dos seus imediatos sucessores do que em outro qualquer período da história da Igreja, salvo no esforço papal por esmagar a Reforma, nos Séculos 16 e 17. Dir-se-ia que Nero, a besta, tinha revivido, assumindo o nome de cordeiro.

Mantido pela Inquisição o Poder Papal

A inquisição, denominada "**SANTO OFÍCIO**", foi instituída por Inocêncio III e aperfeiçoada sob o segundo papa que se seguiu, Gregório IX. Era o tribunal eclesiástico, ao qual incumbia prender e castigar os hereges. Exigia-se que todos prestassem informação sobre pessoas heréticas. Todos os suspeitos de heresia estavam sujeitos a torturas, sem saber quem os havia acusado. O processo corria, secretamente. O inquisidor pronunciava a sentença e a vítima era entregue às autoridades civis para ser encarcerada pelo resto da vida, ou ser queimada. Seus bens eram confiscados e divididos entre a Igreja e o Estado.

No período que se seguiu imediatamente a Inocêncio III, a Inquisição executou sua obra mais fatal no sul da França (ver sobre os albigenses), mas a ela coube a responsabilidade de vastas multidões de vítimas na Espanha, Itália, Alemanha e Países Baixos. Mais tarde, foi ela a principal agência do esforço papal por esmagar a Reforma. Afirma-se que nos 30 anos, entre 1540 e 1570, nada menos de 900.000 protestantes foram mortos, na guerra movida pelo papa com o fim de exterminar os valdenses. Imagine-se o que não era frades e padres, insensivelmente cruéis e desumanamente brutais, a dirigirem a obra de torturar e queimar vivos homens e mulheres inocentes; e faziam isto em nome de Cristo, por ordem direta do seu "vigário". **A INQUISIÇÃO é o FATO MAIS INFAME** da História. Foi inventada pelos papas e usada por eles, durante 500 anos, na mantença do seu poder. Nenhum, da subseqüente linhagem desses "santos" e "infalíveis", jamais se penitenciou disso.

A Continuação da Guerra contra o Imperador Alemão

Honório III, 1216-27. **Gregório IX,** 1227-41. **Inocêncio IV,** 1241-54, sancionou a aplicação de torturas para arrancar confissões dos suspeitos de heresia. No pontificado desses três papas, Frederico II, imperador da Alemanha, neto de Frederico Barbaroxa, um dos mais resolutos adversários do papado, contra este levou seu império à última grande luta. Após repetidas guerras, o império foi humilhado, e o papado saiu triunfante.

Alexandre IV, 1254-61. **Urbano IV,** 1261-4. **Clemente IV,** 1265-8. **Gregório X,** 1271-6. **Inocêncio V,** 1276. **João XXI,** 1276-7. **Nicolau III,** 1277-80. **Martinho IV,** 1281-5. **Honório IV,** 1285-7. **Nicolau IV,** 1288-92. **Celestino V,** 1294.

O Começo do Declínio Papal

Bonifácio VIII, 1294-1303, em sua famosa bula "Unam Sanctam", disse: "Declaramos, afirmamos, definimos e pronunciamos que é, absolutamente, necessário para a salvação que toda criatura humana se sujeite ao Romano Pontífice." Todavia, Dante, que visitou Roma no pontificado desse papa, viu-o tão corrupto que chamou ao Vaticano "semeador de corrupções", e, ao lado de Nicolau III e Clemente V, pô-lo nas partes mais baixas do inferno. Bonifácio recebeu o papado quando este estava no auge do poder, mas encontrou um antagonista à altura, na pessoa de Filipe, o Belo, rei da França, a cujos pés o papado foi humilhado até ao pó, começando sua **ERA** de **DECLÍNIO.**

A França Domina o Papado

O papado fora vitorioso em sua luta de 200 anos contra o Império Germânico. Mas, agora, o rei da França se tornara o monarca-líder da Europa; um sentimento nacionalista e um espírito de independência tomavam corpo no meio do povo francês (conseqüência, sem dúvida, em parte do massacre brutal, dos albigenses franceses, levado a efeito pelo papado no século precedente); e Filipe, o Belo, com quem a história da França começa, assumiu a luta contra o papado. Iniciou-se o conflito com Bonifácio VIII a propósito do imposto lançado sobre o clero francês. O papado foi completamente submetido ao Estado; e, depois da morte de **Bento XI,** 1303-4, a sede pontifícia foi removida de Roma para Avinhão, no limite sul da França, e, durante 70 anos, o papado foi mero instrumento da corte francesa.

O "Cativeiro Babilônico" do Papado

70 anos (1305-1377), nos quais a sede pontifícia esteve em Avinhão. **Clemente V,** 1305-14. **João XXII,** 1316-34, o homem mais rico da Europa. **Bento XII,** 1334-42. **Clemente VI,** 1342-52. **Inocêncio VI,** 1352-62. **Urbano V,** 1362-70. **Gregório XI,** 1370-8. A avareza dos papas de Avinhão não conheceu limites; taxas pesadas foram impostas; todos os cargos na Igreja eram vendidos por dinheiro, e muitos cargos novos foram criados, para serem vendidos, a fim de se encherem os cofres dos papas e ser mantida assim, sua corte luxuosa e imoral. Petrarca, aos domésticos do papa, acusou de rapinagem, adultério e toda espécie de imoralidade. Em muitas paróquias, como medida de proteção às famílias, cidadãos insistiam em que os padres tivessem concubinas. O "cativeiro" foi um golpe no prestígio papal.

O Cisma Papal

40 anos (1377-1417) durante os quais houve, simultaneamente, dois papas, um em Roma e outro em Avinhão, cada qual a se dizer "vigário de Cristo" e a proferir anátemas e maldições um ao outro.

Urbano VI, 1378-89, sob o qual a sede pontifícia foi restabelecida em Roma.

Bonifácio IX, 1389-1404. **Inocêncio VII,** 1404-6. **Gregório XII,** 1406-9 **Alexandre V,** 1409-10.

João XXIII, 1410-15, chamado, por alguns, o mais depravado criminoso que já se sentou no trono papal; réu de quase todos os crimes; quando era cardeal, em Bolonha, duzentas jovens, freiras e senhoras casadas caíram vítimas de seus galanteios; como papa, violou freiras e donzelas, viveu em adultério com a mulher de seu irmão; foi réu de sodomia e outros vícios inomináveis; comprou o cargo pontifício; vendeu cardinalatos a filhos de famílias ricas; negou, abertamente, a vida futura.

Martinho V, 1417-31, com quem foi sanado o cisma papal, mas este foi considerado na Europa um escândalo, levando o papado a sofrer irreparável perda de prestígio.

Eugênio IV, 1431-47.

Os Papas da Renascença, 1447-1549

Nicolau V, 1447-55, autorizou o rei de Portugal a guerrear contra povos africanos, tomar-lhes as propriedades e escravizar sua gente.

Calixto III, 1455-8. **Pio II,** 1458-64, teve muitos filhos ilegítimos, referiu, abertamente, os métodos que usava para seduzir mulheres, animou jovens na satisfação dos próprios apetites e até se ofereceu para lhes ensinar como fazê-lo.

Paulo II, 1464-71, "encheu sua casa de concubinas".

Sixto IV, 1471-84, sancionou a Inquisição Espanhola; decretou que o dinheiro livraria as almas do purgatório; esteve implicado numa trama de morte contra Lourenço de Médicis e outros que se opunham ao seu governo; prevaleceu-se da posição para se enriquecer e a seus parentes; fez cardeais de oito de seus sobrinhos, embora alguns deles ainda fôssem crianças; no luxo e esbanjamento, rivalizou com os Césares; na riqueza e no fausto, ele e seus parentes, não tardou que excedessem às antigas famílias de Roma.

Inocêncio VIII, 1484-92, teve 16 filhos de várias mulheres casadas; multiplicou os cargos eclesiásticos e vendeu-os por elevadas somas de dinheiro; decretou o extermínio dos valdenses e enviou um exército contra eles; nomeou o brutal Tomás de Torquemada para inquisidor geral da Espanha e ordenou a todas as autoridades que a ele entregassem os hereges; permitiu touradas na Praça de S. Pedro; deu lugar a que Savonarola trovejasse contra a corrupção papal.

Alexandre VI, 1492-1503, o mais corrupto dos papas da Renascença, licencioso, avarento, depravado; comprou seu pontificado; fez, por dinheiro, muitos novos cardeais; tinha uma quantidade de filhos ilegítimos, por ele reconhecidos, abertamente, aos quais nomeou para elevadas funções eclesiásticas, quando ainda meninos, e que, de parceria com o pai, assassina-

ram cardeais e outros que se lhes opunham. Teve como amante a irmã de um cardeal que veio a ser o papa seguinte,

Pio III, 1503, cujo marido ele apaziguava com presentes.

Papas do Tempo de Lutero

Júlio II, 1503-13, sendo o cardeal mais rico, percebendo vultuosa renda de numerosos bispados e de propriedades de igrejas, comprou o seu pontificado; ainda quando cardeal, ridicularizou o celibato; envolvendo-se em disputas intermináveis a respeito da posse de cidades e principados, manteve, e comandou, pessoalmente, vastos exércitos; foi chamado o "papa guerreiro"; expediu indulgências; era ele o papa quando Lutero visitou Roma, ficando apavorado com o que viu.

Leão X, 1513-21, era o papa quando Martinho Lutero começou a Reforma protestante; filho de Lourenço de Médicis; feito arcebispo aos 8 anos de idade; cardeal aos 13; nomeado para 27 diferentes cargos eclesiásticos, o que significava, para ele, vultuosa renda, antes dos 13 anos; foi ensinado a considerar os cargos eclesiásticos como simples fonte de renda; negociou o trono papal; vendeu honrarias eclesiásticas. Vendiam-se todos os cargos da Igreja, e muitos outros foram criados. Nomeou como cardeais crianças de 7 anos; manteve-se em infindáveis negociações com reis e príncipes, trapaceando, com vistas ao poder secular, de todo indiferente ao bem-estar religioso da Igreja; manteve a corte mais suntuosa e licenciosa da Europa; seus cardeais rivalizavam com reis e príncipes em deslumbrantes palácios e passatempos voluptuosos, servidos de enorme criadagem; e, todavia, esse sibarita confirmou a bula "Unam Sanctam", na qual se declarava que todas as criaturas humanas deviam submeter-se ao Pontífice Romano para serem salvas; expediu indulgências a preços taxados; declarou que a incineração de hereges era de ordem divina.

Adriano VI, 1522-3. **Clemente VII,** 1523-34. **Paulo III,** 1534-49, teve muitos filhos ilegítimos; inimigo decidido dos protestantes, ofereceu a Carlos V um exército para dar-lhes combate.

O Aparecimento dos Jesuítas

A resposta de Roma à Secessão Luterana foi a INQUISIÇÃO, sob a liderança dos JESUÍTAS, ordem fundada por Inácio de Loiola (1491-1556), espanhol, sob o princípio de absoluta e incondicional **OBEDIÊNCIA** ao papa, tendo como objetivo a recuperação de territórios perdidos para os protestantes e maometanos, e a conquista de todo o mundo pagão para a Igreja Católica Romana. Seu alvo supremo era a destruição da heresia (isto é, pensar algo diferente do que o papa dizia pensar); para a consecução do que tudo era justificável: a fraude, a imoralidade, o vício, até o assassinato. O moto deles era: "para maior glória de Deus". Seus métodos: Escolas, procurando, especialmente, alcançar os filhos das classes governantes, com o fito de, em todos os educandários, assenhorear-se dos alunos de modo absoluto; ouvir em confissão especialmente reis, príncipes e autoridades civis, satisfazendo-os em toda espécie de vício e crime, com o fim de ganhar-lhes as boas graças; força, persuadindo as autoridades a executar as sentenças da Inquisição.

Na França, foram eles os responsáveis pelo massacre da noite de São Bartolomeu, pelas guerras de religião, pela perseguição aos huguenotes, pela revogação do edito de tolerância de Nantes, e pela Revolução Francesa. Na Espanha, Países Baixos, Sul da Alemanha, Boêmia, Áustria, Polônia e outros países, comandaram o massacre de incontáveis multidões. Com estes métodos, sustaram a Reforma no Sul da Europa, e, virtualmente, salvaram da ruína o papado.

Papas da Contra-Reforma

Júlio III, 1550-5. **Marcelo II,** 1555. **Paulo IV,** 1555-9, estabeleceu a Inquisição Romana. **Pio IV,** 1559-65. **Pio V,** 1566-72. **Gregório XIII,** 1572-85, festejou, com missa solene de ação de graças e regozijo, as notícias do massacre de São Bartolomeu; instou com Filipe II para mover guerra à Inglaterra. **Sixto V,** 1585-90, expediu uma bula, declarando ser definitiva a sua edição da Vulgata, ao passo que esta continha 2.000 erros.

Urbano VII, 1590. **Gregório XIV,** 1590-1; **Inocêncio IX,** 1591.

Clemente VIII, 1592-1605. **Leão XI,** 1605. **Paulo V,** 1605-21.

Gregório XV, 1621-3, **Urbano VIII,** 1623-44, com a ajuda dos jesuítas, eliminou os protestantes da Boêmia.

Papas Modernos

Inocêncio X, 1644-55. **Alexandre VII,** 1655-67. **Clemente IX,** 1667-9. **Clemente X,** 1670-6. **Inocêncio XI,** 1676-89. **Alexandre VIII,** 1689-91. **Inocêncio XII,** 1691-1700. **Clemente XI,** 1700-21, declarou que os reis só governavam com a sua ratificação; expediu uma bula contra a leitura livre da Bíblia. **Inocêncio XIII,** 1721-4. **Bento XIII,** 1724-30. **Clemente XII,** 1730-40. **Bento XIV,** 1740-58. **Clemente XIII,** 1758-69. **Clemente XIV,** 1769-74, aboliu "para sempre" a Sociedade dos Jesuítas.

Pio VI, 1775-99. **Pio VII,** 1800-20, restaurou os jesuítas com um decreto que "permanecerá sempre inalterável e inviolável"; fato estranho: um papa "infalível" restaura o que outro papa "infalível" acabava de abolir "para sempre"; expediu uma bula, dizendo que "as Sociedades Bíblicas são instrumentos do diabo que visam minar os fundamentos da religião."

Leão XII, 1821-9, condenou toda a liberdade religiosa, a tolerância, as Sociedades Bíblicas, as traduções da Bíblia; declarou que "todo aquele que se separa da Igreja Católica Romana, ainda que sua vida seja irrepreensível sob outros aspectos, só por esta única ofensa não tem parte na vida eterna."

Pio VIII, 1829-30, denunciou a liberdade de consciência, as Sociedades Bíblicas e a Maçonaria.

Gregório XVI, 1831-46, ardoroso defensor da Infalibilidade Papal; condenou as Sociedades Bíblicas Protestantes.

Pio IX, 1846-78, perdeu os Estados Pontifícios; decretou a **INFALIBILIDADE PAPAL;** proclamou o direito de supressão da heresia pela fôrça;

condenou a separação entre a Igreja e o Estado, e ordenou a todos os verdadeiros católicos que obedecessem ao Chefe da Igreja, antes que às Autoridades Civis; verberou a liberdade de consciência, a liberdade de culto, a liberdade de palavra e de imprensa; decretou a Imaculada Conceição e deificou Maria; fomentou o apreço supersticioso das relíquias; condenou as Sociedades Bíblicas e declarou que o protestantismo "não é uma forma de religião cristã"; declarou que "todos os dogmas da Igreja Católica Romana foram ditados por Cristo, mediante seus vice-regentes na terra."

A Infalibilidade Papal

A idéia da infalibilidade papal foi assunto de que não se cogitou na literatura cristã durante 600 anos. Surgiu com o aparecimento das Falsas Decretais e tomou incremento com a atitude assumida pelo papa, nas cruzadas, e nos conflitos de papas com imperadores. Muitos pontífices, a partir de Inocêncio III, defenderam-na. Mas os Concílios de Pisa, Constança e Basiléia decretaram, expressamente, que os papas estão sujeitos aos concílios.

Pio IX, 1854, "por sua própria autoridade soberana e sem a cooperação de um concílio", proclamou a doutrina da Imaculada Conceição de Maria, como uma espécie de balão de ensaio para sondar os sentimentos do mundo católico sobre a questão. A receptividade que esse dogma encontrou animou-o a convocar o Concílio do Vaticano (1870) com a finalidade expressa de declará-lo Infalível, no que foi satisfeito pelo Concílio, habilmente manipulado por ele. O decreto reza que "está divinamente revelado" que o papa, quando fala "ex-cathedra", "reveste-se de infalibilidade na definição de doutrinas pertinentes à fé e à moral", e que "tais definições são, de si mesmas, irreformáveis, e não porque a Igreja consinta nisto." De modo que o papa é hoje **INFALÍVEL,** porque o Concílio Vaticano, por sua ordem, votou que ele o é. A Igreja Oriental considera o caso como blasfêmia que veio coroar o papado.

A Perda do Poder Temporal

Desde 754, os papas eram governantes civis de um reino chamado "Estados Pontifícios", que incluíam grande parte da Itália, sendo Roma a capital; e muitos papas haviam-se interessado mais em alargar as fronteiras, a riqueza e o poderio desse reino do que em promover o bem-estar espiritual da Igreja, e, muitas vezes, se prevaleceram da posição espiritual de chefes da Igreja para aumentar seu poder secular. Patenteava-se a corrupção papal, tanto no seu governo secular, quanto no espiritual. Era proverbial o desgoverno papal em Roma: a venalidade dos funcionários, a freqüência dos crimes, as zonas de meretrício, a extorsão de dinheiro aos visitantes da cidade, dinheiro falso, loterias. Pio IX governou Roma com o auxílio de 10.000 soldados franceses. Quando irrompeu a guerra entre a França e a Alemanha, 1870, essas tropas foram requisitadas, e Vitor Emanuel, rei da Itália, apoderou-se da cidade e anexou os Estados Pontifícios ao seu reino. No plebiscito para transferência de Roma ao governo da Itália, os votos favoráveis foram 133.648 contra 1.507. Perdeu, assim o papa não somente seu reino temporal, como se tornou súdito de outro governo, o que era tremenda humilhação para quem se afirmava ser soberano dos reis. Esse

poder temporal lhe foi restaurado, em miniatura, por Mussolini, em 1929; embora a cidade do Vaticano se constitua de 4.047 ares apenas, o papa voltou a ser soberano, rei, independente de qualquer autoridade secular.

Papas da Atualidade

Leão XIII, 1878-1903, declarou que fora designado cabeça de todos os governos e que, na terra, ocupava o lugar do Deus Todo-Poderoso; deu enfase à infalibilidade papal; acusou os protestantes de serem "inimigos do nome de cristão"; denunciou o "americanismo"; denominou a Maçonaria "fonte de todos os males"; estabeleceu como único meio de cooperação a completa submissão ao Pontífice Romano.

Pio X, 1903-1914, acusou os líderes da Reforma de serem "inimigos da cruz de Cristo."

Bento XV, 1914-22. **Pio XI,** 1922-39. Em 1928 reafirmou que a Igreja Católica Romana era a única Igreja de Cristo, e a unificação da cristandade só era possível pela submissão a Roma.

Pio XII, 1939-58. **João XXIII,** 1958.

Sumário

O papado é uma instituição italiana. Surgiu das ruínas do Império Romano, ocupando o trono dos Césares em nome de Cristo; é uma revivificação da imagem do Império Romano, cujo espírito herdou; "o espírito do Império Romano reviveu com a roupagem do cristianismo." Os papas, na sua maioria, têm sido italianos.

Os métodos do papado. Chegou ao poder pelo prestígio de Roma e em nome de Cristo, e por astutas alianças políticas (como fez com os francos e Carlos Magno), e pela fraude (como no caso das Falsas Decretais), e pela **FORÇA ARMADA** (seus próprios exércitos e os de reis subservientes); e pelo derramamento de sangue (como na Inquisição). É assim que se tem mantido no poder.

As rendas pontifícias. Durante grande período de sua história, a venda de cargos eclesiásticos, o vergonhoso tráfico das indulgências (venda, "por dinheiro, da remissão dos pecados"), têm canalizado para o Vaticano rendas vultuosas, que o têm capacitado a manter, por muito tempo, a corte mais suntuosa da Europa, em **NOME** do **HUMILDE JESUS CRISTO.**

O caráter pessoal dos papas. Alguns deles têm sido bons homens; outros têm sido, indizivelmente, vis; a maioria se tem absorvido em procurar conseguir poder secular. Deus tem tido **santos** na Igreja Católica, porém a maioria dos santos de Deus tem vivido **FORA** do **VATICANO.** Os "Vigários de Cristo", na maior parte, têm sido tudo menos santos.

Pretensões dos papas. Não obstante o caráter da generalidade dos papas, dos seus métodos e da sua história mundana e sanguinolenta, estes "santos padres" afirmam que são os "Vigários de Cristo", "infalíveis", "ocupantes, na terra, do lugar do Deus Onipotente", e que é necessário obedecer-lhes para se obter a salvação.

O papado e a Bíblia. Justino, o Mártir, Jerônimo e Crisóstomo insistiram na leitura da Bíblia. Agostinho considerava as traduções dela um meio abençoado de propagar a palavra de Deus entre as nações. Gregório I recomendou a leitura da Bíblia, sem fazer qualquer restrição. Todavia, papas posteriores tomaram uma atitude diferente. Hildebrando proibiu, aos boêmios, essa leitura. Inocêncio III proibiu, ao povo ler a Bíblia na língua materna (em latim, a Bíblia era um livro fechado para o povo em geral). Gregório IX proibiu que os leigos possuíssem a Bíblia e suprimiu as traduções. Estas, que circulavam entre os albigenses e valdenses, foram queimadas, e quem as possuía era também queimado. Paulo IV proibiu a posse de traduções sem a permissão do Inquisidor. Os jesuítas induziram Clemente XI a condenar a leitura da Bíblia pelos leigos. Leão XII, Pio VII, Gregório XVI e Pio IX condenaram as Sociedades Bíblicas. Nas escolas onde entra a influência do papa, a Bíblia não penetra. Nos países católicos, a Bíblia tem sido livro desconhecido.

O papado e o Estado. Hildebrando denominou-se "soberano de reis e príncipes". Inocêncio III chamou-se "supremo soberano do mundo", e avocou a si o direito de fazer deposição de reis. Pio IX condenou a separação entre a Igreja e o Estado, e ordenou que os verdadeiros católicos obedecessem ao Chefe da Igreja antes que às Autoridades Civis. Leão XIII afirmou que era o "cabeça de todas as autoridades". Na coroação de um papa, colocam-lhe, na cabeça, a coroa papal e lhe dizem: "Tu és Pai dos príncipes e dos reis, governador do mundo e vigário de Cristo." A doutrina oficial de Roma é que os católicos, em caso de conflito, devem obedecer ao papa antes que ao seu país.

O papado e a Igreja. O papado não é a Igreja, mas uma máquina política que a dirige, a qual, arrogando-se certas prerrogativas, interpôs-se entre Deus e o Seu povo; seu objetivo foi, e continua sendo, conservar o povo a ele sujeito.

O papado e a tolerância. O Papa Clemente VIII declarou que o edito de tolerância de Nantes, pelo qual se concedeu a todos "liberdade de consciência", era o que de mais condenável podia haver no mundo. Inocêncio X e seus sucessores têm condenado, rejeitado, anulado e protestado contra os artigos de tolerância do Tratado de Vestefália, de 1648. Leão XII condenou a liberdade religiosa. Pio VIII denunciou a liberdade de consciência. Pio IV, expressamente, condenou a tolerância e a liberdade religiosas. Leão XIII confirmou o decreto de Pio IX. Embora muitos padres nos EE.UU. clamem por tolerância, a lei oficial e "infalível" do sistema a que pertencem é contrária a isso. Os romanistas são a favor da tolerância **SOMENTE** nos países em que são minoria. O papado **TEM COMBATIDO,** sem trégua, a liberdade religiosa. Querem tolerância para si, e recusam-na aos outros, onde quer que dominem.

Qual o propósito providencial no papado? Pode ser que, na Providência divina, o papado tenha servido para, na Idade Média, salvar do caos a Europa Ocidental e para amalgamar as civilizações romana e germânica. Mas suponha-se que a Igreja **NUNCA** se houvesse tornado uma instituição do ESTADO, e que tivesse fugido, completamente, à procura de poder secular, limitando-se, exclusivamente, à sua política **ORIGINAL** de ganhar

convertidos para Cristo e educá-los no caminho de Deus — teria havido o **MILÊNIO**, em vez de uma **ERA DE OBSCURANTISMO**, a Idade Média.

Esta história do papado foi aqui incluída para servir de pano de fundo à Reforma, na persuasão de que devemos familiarizar-nos com os motivos do movimento protestante e com os fundamentos históricos de nossa fé reformada. Alguns fatos aí mencionados parecem inacreditáveis. Afigura-se inconcebível que homens tomassem a religião de Cristo e dela fizessem uma inescrupulosa máquina política para a conquista do poder mundial. Entretanto, todas as declarações feitas aqui podem ser verificadas, consultando-se qualquer História Eclesiástica completa.

PRECURSORES DA REFORMA

Petrobrussianos, fundados por Pedro de Bruys, discípulo de Abelardo, 1110, na França; rejeitavam a missa, sustentavam que a comunhão era um memorial, e que os ministros deviam casar-se.

Arnaldo de Bréscia, 1155, discípulo de Abelardo, pregava que a Igreja não devia ter propriedades; que o governo civil pertencia ao povo; que Roma devia ser liberta do domínio do papa. Foi enforcado, a pedido do Papa Adriano IV.

Albigenses, ou Cártaros. No Sul da França, Norte da Espanha e da Itália. Pregavam contra as imoralidades do clero, contra as peregrinações, o culto dos santos e imagens; rejeitavam, completamente, o clero e suas pretensões; criticavam as condições da Igreja; opunham-se às pretensões da Igreja de Roma; faziam largo uso das Escrituras; viviam abnegadamente e eram muito zelosos da pureza moral. Em 1167, constituíam, talvez, a maioria da população do Sul da França; em 1200, eram muito numerosos no norte da Itália. Em 1208, o Papa Inocêncio III ordenou uma cruzada; seguiu-se uma guerra sangrenta; dificilmente, houve outra igual na História; cidade após cidade foi passada ao fio da espada; massacraram o povo, sem poupar idade nem sexo; em 1229, foi estabelecida a Inquisição e dentro de cem anos os albigenses foram, completamente, desarraigados.

Valdenses. Sul da França e Norte da Itália. Pareciam-se com os albigenses, mas não eram os mesmos. Valdo, rico negociante de Lião, ao Sul da França, 1176, deu suas propriedades aos pobres e saiu a pregar; opunha-se à usurpação e ao desregramento do clero; negava, a este, o direito exclusivo de pregar o Evangelho; rejeitava missas, orações pelos mortos e o purgatório; ensinava que a Bíblia era a única regra de fé e de conduta. Sua pregação despertou, no povo, grande desejo de ler a Bíblia. Foram sendo reprimidos, aos poucos, pela Inquisição, exceto nos Vales Alpinos, a sudoeste de Turim, onde, ainda hoje, existem. São eles a única seita medieval que sobreviveu, tendo para contar uma história de heróica resistência sob perseguições. São hoje a principal denominação protestante da Itália.

João Wyclif. 1324-1384. Professor em Oxford, Inglaterra. Pregava contra a dominação espiritual do clero e a autoridade do papa; opunha-se à existência de papas, cardeais, patriarcas e frades; atacou a transubstanciação e a confissão auricular. Defendeu o direito, que o povo tinha,

de ler a Bíblia. Traduziu esta para o inglês. Seus adeptos chamaram-se **Lolardos.**

João Huss. 1369-1415. Reitor da Universidade de Praga, Boêmia. Foi um estudante de Wyclif, cujos escritos haviam penetrado nesse país. Tornou-se pregador destemido; atacava os vícios do clero e as corrupções da Igreja; com veemência arrebatada, condenava a venda de indulgências; rejeitava o purgatório, o culto dos santos e o uso de uma língua estrangeira na liturgia; exaltava as Escrituras acima dos dogmas e ordenanças da Igreja. Foi queimado vivo, e seus adeptos, grande parte da população boêmia, quase que foram extirpados por uma cruzada ordenada pelo papa.

Savonarola. 1452-1498. Em Florença, Itália. Pregava, como um dos profetas hebreus, a vastas multidões que enchiam sua catedral, contra a sensualidade e o pecado da cidade, e contra os vícios do papa. A cidade penitenciou-se e se reformou. Mas o Papa Alexandre VI procurou, de todos os modos, silenciar o virtuoso pregador; tentou até suborná-lo com o chapéu cardinalício; mas em vão. Foi enforcado e queimado na grande praça de Florença, 19 anos antes das 95 Teses de Lutero.

Os anabatistas, que apareceram através da Idade Média, em vários países europeus, sob diferentes nomes, em grupos independentes, representavam uma variedade de doutrinas, mas, de ordinário, eram, fortemente, anticlericais; rejeitavam o batismo de crianças, dedicavam-se às Escrituras, e pugnavam pela absoluta separação entre a Igreja e o Estado. Muito numerosos na Alemanha, Holanda e Suíça ao tempo da Reforma, perpetuavam idéias recebidas de gerações anteriores. Em regra, eram um povo calmo e genuinamente piedoso, mas foram rudemente perseguidos, especialmente nos Países Baixos.

A Renascença, ou reavivamento da cultura, resultado em parte das cruzadas, da pressão dos turcos e da queda de Constantinopla, ajudou o movimento da Reforma. Surgiu uma paixão pelos clássicos antigos. Vastas somas foram gastas no colecionamento de manuscritos e na fundação de bibliotecas. Exatamente nesse tempo, foi inventada a imprensa. Seguiu-se uma abundância de dicionários, gramáticas, versões e comentários. Estudavam-se as Escrituras nas línguas originais. "Um conhecimento novo das fontes da doutrina cristã revelou a grande diferença que havia entre a singeleza nativa do Evangelho e a estrutura eclesiástica que se dizia fundada sobre ele." **"A REFORMA VEIO A REALIZAR-SE DEVIDO AO CONTACTO DA MENTE HUMANA COM AS ESCRITURAS",** e o resultado foi que a mente humana se emancipou da autoridade clerical e papal.

Erasmo, 1466-1536, homem de vastíssima cultura e autor muito popular da Reforma. Sua grande ambição foi libertar os homens de idéias falsas a respeito de religião; e achou que o melhor meio para isso era voltarem eles às Escrituras. A edição que fez do Novo Testamento Grego forneceu aos tradutores um texto acurado com que pudessem trabalhar. Crítico implacável da Igreja Romana, deleitava-se, especialmente, em ridicularizar os "homens profanos de ordens sacras". Ajudou muito a Reforma, mas nunca aderiu a ela.

Condições. Havia um descontentamento geral com a corrupção da Igreja e do clero. O povo inquietava-se com as crueldades da Inquisição.

As autoridades civis ficaram cansadas com a ingerência do papa nos negócios do governo. A Europa Ocidental irritava-se com o sistema eclesiástico que a mantinha escravizada; "ao troar da trombeta de Lutero, a Alemanha, a Inglaterra, a Escócia e outros países ergueram-se de súbito, como gigantes que despertassem do sono."

A REFORMA

Martinho Lutero, 1483-1546, depois de Jesus e Paulo, o maior homem de todos os tempos. Levou o mundo a romper com a instituição mais despótica da História, em busca da liberdade. "Fundador da civilização protestante." Nasceu de pais pobres em Eisleben, 1483. Entrou na Universidade de Erfurt, 1501, para estudar Direito. "Ótimo estudante, muito desembaraçado na conversação e em debates, muito sociável e amante da música", colou grau dentro de tempo excepcionalmente curto. Em 1505, resolveu de repente entrar para o convento. Monge exemplar e muito religioso, submeteu-se a todas as formas de jejuns e disciplinas, e inventou outras. Por dois anos suportou, segundo afirmação sua, "tais angústias quais ninguém pode descrever". Certo dia, em 1508, quando lia a Epístola aos Romanos, foi iluminado de súbito e a paz lhe inundou a alma: "o justo viverá pela fé." Viu, por fim, que a salvação ganhava-se pela confiança em Deus, mediante Cristo, e não pelos ritos, sacramentos e penitências da Igreja. Isso mudou toda a sua vida e **TODO O CURSO DA HISTÓRIA.** "Embora essa descoberta sua tornasse desnecessária uma igreja de sacerdotes, não percebeu isso de pronto." Continuou admitindo todas as práticas da Igreja, missas, relíquias, indulgências, peregrinações e a hierarquia papal. Em 1508, tornou-se professor na Universidade de Wittenberg, posição em que se manteve até sua morte, em 1546. Em 1511, viajou a Roma e, apesar de apavorado com a corrupção e vícios da corte papal, ainda continuou aceitando a autoridade da Igreja. Voltou a Wittenberg. Seus sermões sobre a Bíblia começaram a atrair estudantes de todas as partes da Alemanha.

Indulgências. A venda de indulgências por Tetzel deu ocasião a que Lutero rompesse com Roma. A indulgência era um abrandamento das penas do Purgatório, isto é, a remissão do castigo do pecado. Segundo a doutrina romanista, o Purgatório é muito parecido com o Inferno, com a diferença de ser temporário; porém todos têm de passar por ele. Todavia, o papa declarava ter o poder de mitigar ou de remitir de todos esses sofrimentos. Esta prerrogativa pertencia exclusivamente a ele. Começou com os papas Pascoal I (817-24) e João VIII (872-82). Viu-se que as indulgências do papa eram altamente proveitosas, e generalizou-se logo o seu uso. Eram oferecidas como estímulo para se participar de cruzadas, ou guerras contra hereges, ou contra algum rei a quem o papa desejasse punir; ou se ofereciam a inquisidores, ou àqueles que trouxessem feixes de lenha para a fogueira onde se queimasse algum herege; concediam-se aos que fizessem peregrinação a Roma, ou aos que se encarregassem de alguma missão, pública ou privada, do papa; ou se **VENDIAM** por **DINHEIRO.** O Papa Sixto IV, em 1476, foi o primeiro a aplicar tais indulgências às almas do Purgatório. Eram dadas em arrendamento, para serem vendidas a varejo. Assim foi que "a venda do privilégio de pecar" veio a ser uma das principais fontes da renda papal. Em 1517, João Tetzel apareceu pela Alemanha vendendo

certificados, assinalados pelo papa, pelos quais se oferecia o perdão de todos os pecados a quem os comprasse para si e seus amigos, dispensando-se a confissão, o arrependimento, a penitência ou a absolvição do padre. Dizia ele ao povo: "Ao tilintar das vossas moedas no fundo da caixa, as almas de vossos amigos saem do Purgatório e entram no Céu." Isto horrorizou a Lutero.

As 95 teses. A 31 de outubro, 1517, Lutero, afixou à porta da igreja de Wittenberg, 95 teses, quase todas relacionadas com as indulgências, as quais, em sua essência, referiam de frente a autoridade do papa. Era aquilo apenas um aviso de que estava disposto a discutir aqueles assuntos na Universidade. Cópias impressas foram procuradas com avidez por toda a Alemanha. Foi "a faísca que incendiou a Europa". Seguiram-se folhetos após folhetos, em latim para as pessoas ilustradas, e em alemão para o vulgo. Em 1520, era Lutero o homem mais conhecido na Alemanha.

A excomunhão de Lutero. Em 1520 o papa expediu uma bula, excomungando a Lutero e declarando que, a menos que se retratasse dentro de 60 dias, sofreria "a pena devida por heresia" (querendo dizer a morte). Lutero, ao receber a bula, queimou-a, publicamente. Foi isto em 10 de dezembro de 1520. "Nova Era da História começou naquele Dia" (Nichols).

A Dieta de Worms. Em 1521, Lutero foi citado por Carlos V, Imperador do Santo Império Romano (que, naquele tempo, abrangia a Alemanha, Espanha, Países Baixos e Áustria), para comparecer à Dieta de Worms; e na presença dos dignitários do império e da Igreja reunidos, recebeu ordem de retratar-se. Respondeu que não podia retratar-se de coisa alguma, a não ser do que a Escritura e a razão condenassem: "Aqui estou; nada mais posso fazer; assim Deus me ajude." Foi condenado. Tinha, porém, muitos amigos entre os príncipes alemães para que o Edito fosse executado. Foi escondido, por um amigo, durante cerca de um ano, e depois voltou a Wittenberg para continuar seu trabalho, falando e escrevendo. Entre outras coisas, traduziu a Bíblia para o alemão; isto "espiritualizou a Alemanha e lhe deu um idioma".

A guerra do papa aos protestantes alemães. A Alemanha era constituída de muitos Estados pequenos, cada qual governado por um príncipe. Muitos desses príncipes, com os seus Estados, haviam sido ganhos para a causa de Lutero. Por volta de 1540, todo o norte da Alemanha tornara-se luterano. Ordenou-se-lhes que voltassem ao aprisco romanista. Ao invés disso, uniram-se, em defesa mútua, no que se chamou Liga Smalcald. O Papa Paulo III instou com o Imperador Carlos V que agisse contra eles, e ofereceu-lhe um exército. Declarou essa guerra uma cruzada, oferecendo indulgências a todos quantos dela participassem. A guerra durou de 1546 a 1555, terminando com a Paz de Augsburgo, pela qual se reconheceu, legalmente, a religião dos luteranos. O papa estimulou essa guerra com o propósito de forçar os luteranos à submissão. Foi ele o agressor; os luteranos ficaram na defensiva.

O nome "protestante". A Dieta de Spira, 1529 d.C., em que os católicos eram maioria, decidiu que estes podiam ensinar sua religião nos Estados Luteranos, mas proibiu aos luteranos de ensinar nos Estados Católicos da Alemanha. Contra isto, os príncipes alemães ergueram um formal protesto, ficando, daí por diante, conhecidos por "protestantes". O nome,

aplicado, originalmente, aos luteranos, estendeu-se no uso popular aos que hoje protestam contra a usurpação papal — inclusive todas as denominações cristãs evangélicas.

Na Suíça, país histórico da liberdade, a Reforma foi começada por Zuínglio e levada avante por Calvino. Os adeptos dos dois, em 1549, uniram-se e constituíram a "Igreja Reformada". A Reforma deles teve alcance mais vasto do que a de Lutero.

Zuínglio, (1484-1531) em Zurique, convenceu-se, por volta de 1516, de que a Bíblia era o meio de purificar-se a Igreja. Em 1525, Zurique aceitou, oficialmente, sua doutrina; e as igrejas, gradativamente, aboliram as indulgências, a missa, o celibato, as imagens, tendo a Bíblia como única autoridade.

João Calvino, 1509-64, francês, aceitou as doutrinas da Reforma, em 1533. Foi expulso da França em 1534. Dirigiu-se para Genebra em 1536. Aí, sua Academia tornou-se um centro de Protestantismo, que atraiu homens ilustrados de muitas terras. Foi chamado "o maior teólogo da cristandade", e, por Renan, "o homem mais cristão de sua geração." Mais do que outro qualquer, orientou o pensamento do Protestantismo.

Nos Países Baixos, a Reforma foi logo aceita; luteranismo, e depois calvinismo; os anabatistas já eram numerosos. Entre 1513 e 1531, publicaram-se 25 diferentes traduções da Bíblia em holandês, flamengo e francês. Os Países Baixos eram parte dos domínios de Carlos V. Em 1522 estabeleceu ele, aí, a Inquisição, e mandou queimar todos os escritos luteranos. Em 1546, proibiu a impressão e a posse da Bíblia, quer na Vulgata, quer traduções. Em 1535, decretou a "morte, pelo fogo", dos anabatistas. Filipe II (1566-98), sucessor de Carlos V, tornou a expedir os editos de seu pai, e, com o auxílio dos jesuítas, levou adiante a perseguição com fúria ainda maior. Por uma sentença da Inquisição, toda a população foi condenada à morte, e sob Carlos V e Filipe II mais de 100.000 foram massacrados com brutalidade incrível. Alguns eram acorrentados a uma estaca perto do fogo e torrados, lentamente, até morrer; outros eram lançados em masmorras, açoitados, torturados em cavalete, antes de serem queimados. Mulheres eram queimadas vivas, metidas à força em esquifes apertados, pisoteados pelos carrascos. Os que tentavam fugir para outros países eram interceptados por soldados e massacrados. Após anos de não-resistência, sofrendo crueldades inauditas, os Protestantes dos Países Baixos uniram-se sob a liderança de Guilherme de Orange, e, em 1572, começaram a grande revolta. Depois de sofrimentos inacreditáveis, ganharam, em 1609, sua independência; a Holanda, ao norte, tornou-se protestante; a Bélgica, ao sul, católica romana. A Holanda foi o primeiro país a adotar escolas públicas mantidas por impostos, e a legalizar princípio de tolerância religiosa e liberdade de imprensa.

Na Escandinávia, o Luteranismo foi cedo introduzido e feito religião oficial: na Dinamarca, em 1536; na Suécia, em 1539; na Noruega, em 1540.

Cem anos depois, Gustavo Adolfo (1611-32), Rei da Suécia, prestou assinalado serviço em fazer fracassar o esforço de Roma por esmagar a Alemanha Protestante.

Na França. Por volta de 1520 as doutrinas de Lutero penetraram na França. As de Calvino logo se seguiram. Em 1559 havia cerca de 400.000 protestantes. Chamavam-se "huguenotes". O fervor de sua piedade e a pureza de suas vidas constrastavam, vivamente, com o viver escandaloso do clero romano. Em 1557, o papa urgiu o extermínio deles. O rei expediu o decreto do massacre e mandou a todos os súditos leais que ajudassem a caçá-los. Os jesuítas percorreram a França, persuadindo seus fiéis a empunhar armas para destruí-los. Assim perseguidos pelos agentes do papa, como nos dias de Diocleciano, reuniam-se, ocultamente, muitas vezes em adegas, à meia-noite.

O massacre de São Bartolomeu. Catarina de Médicis, mãe do rei, romanista ardorosa e instrumento dócil do papa, deu a ordem, e, à noite de 24 de agosto de 1572, 70.000 huguenotes, inclusive a maioria dos seus líderes, foram trucidados. Houve grande regozijo em Roma. O papa e seu Colégio de Cardeais foram, em solene procissão, à Igreja de San Marco, *mandando cantar **Te Deum** em ação de graças. Mandou cunhar uma me*dalha comemorativa do massacre e enviou um cardeal a Paris para levar ao rei e à rainha-mãe suas congratulações, bem como dos cardeais. "Faltava um nada para a França tornar-se protestante; ela, porém, esmagou o protestantismo na noite de São Bartolomeu, 1572." Em 1792, veio à França uma outra espécie de "Protesto". (Thomas Carlyle).

As guerras huguenotes. Em seguimento ao massacre de São Bartolomeu, os huguenotes uniram-se e se armaram para a resistência, até que, finalmente, em 1598, pelo Edito de Nantes, concedeu-se-lhes o direito de liberdade de consciência e de culto. Mas, nesse entretempo, uns 200.000 pereceram mártires. O Papa Clemente VIII achou "condenável" o Edito de Nantes. Depois de anos de trabalho dos jesuítas, às ocultas, o Edito foi revogado, 1685, e 500.000 huguenotes fugiram para países protestantes.

A Revolução Francesa, cem anos mais adiante, 1789, foi uma das mais tremendas convulsões que a História registra. O povo, em frenesi contra a tirania das classes dominantes (entre elas o clero, proprietário de um terço de todas as terras, rico, indolente, imoral e desumano em tratar os pobres), levantou-se num reinado de terror e sangue, e aboliu o governo, fechou as igrejas, confiscou suas propriedades, suprimiu o cristianismo e o domingo, e entronizou a deusa da razão (personificada numa mulher dissoluta). Napoleão restaurou a Igreja, porém não suas propriedades; em 1802, concedeu tolerância a todos; e quase pôs fim ao poder político dos papas em cada país.

Na Boêmia, em 1600, numa população de 4 milhões, 80 por cento eram protestantes. Quando os hapsburgos e jesuítas acabaram sua obra, restavam 800.000, todos católicos.

Na Áustria e na Hungria mais da metade da população tornara-se protestante, mas sob o poder dos hapsburgos e jesuítas foram trucidados.

Na Polônia, pelos fins do Século 16, parecia que o romanismo estava para ser varrido, inteiramente, mas aí, por igual, os jesuítas estrangularam a Reforma pela perseguição.

Na Itália, país do papa, a Reforma ia-se impondo; mas a Inquisição movimentou-se e quase não ficou vestígio de Protestantismo.

Na Espanha, a Reforma nunca fez muito progresso, devido à Inquisição, que já se encontrava lá. Todo esforço por liberdade ou independência de pensamento era esmagado, implacavelmente. Torquemada (1420-98), frade dominicano, arqui-inquisidor, em 18 anos, queimou 10.200 pessoas e condenou 97.000 à prisão perpétua. As vítimas eram, de ordinário, queimadas vivas, em praça pública, o que dava ensejo a festividades religiosas. De 1481 a 1808, houve, no mínimo, 100.000 mártires e 1.500.000 pessoa foram banidas. "Nos Séculos 16 e 17, a Inquisição extinguiu a vida literária da Espanha, pondo a nação quase fora do círculo da civilização européia." Quando a Reforma começou, a Espanha era o país mais poderoso do mundo. Sua presente condição de insignificância entre as nações mostra o que o papado pode fazer com um país.

A Armada Espanhola, 1588. Uma das características da estratégia jesuítica era procurar subverter os países protestantes. O Papa Gregório XIII "nada deixou por fazer para compelir Filipe II, imperador e rei da Espanha, a mover guerra contra a Inglaterra protestante." Sixto V, que se tornou papa quando os planos iam amadurecendo, fez dessa guerra uma cruzada (isto é, ofereceu indulgências aos que dela participassem). Naquele tempo, a Espanha tinha a mais poderosa armada que já sulcara os mares; mas essa orgulhosa marinha encontrou sua derrota no Canal da Inglaterra. "A vitória da Inglaterra foi o ponto decisivo no grande duelo entre o Protestantismo e o Romanismo; não somente firmou a Inglaterra e a Escócia, na causa protestante, como também a Holanda, o norte da Alemanha, a Dinamarca, a Suécia e a Noruega" (Jacobs).

Na Inglaterra foi revolta, e, depois Reforma. Desde os dias de Guilherme, o Vencedor, 1066, houvera repetidos protestos contra o domínio do papa sobre a Inglaterra. Henrique VIII (1509-47) cria, à semelhança dos seus predecessores, que a Igreja da Inglaterra devia ser independente do papa, e o rei o seu chefe. Seu divórcio não foi a causa, mas a ocasião de seu rompimento com Roma. Henrique não foi nenhum santo, e tampouco o era Paulo III, papa seu contemporâneo, que tinha muitos filhos ilegítimos. Em 1534, a Igreja da Inglaterra repudiou, *definitivamente*, a autoridade papal, e resolveu ter vida independente, sob a direção espiritual do Arcebispo de Cantuária, enquanto Henrique VIII assumia o título de "Chefe Supremo" no tocante aos negócios temporais da igreja e suas relações políticas. Tomás Cranmer foi arcebispo de Cantuária e com ele a Reforma começou; os mosteiros foram supressos sob a acusação de imoralidade; a Bíblia em inglês foi colocada nas igrejas e um Livro de Orações para o culto em inglês. As igrejas foram privadas de muitas práticas romanistas. No reinado seguinte, de Eduardo VI (1547-53), a Reforma fez grande progresso. Contudo, Maria, a Sangüinária (1553-58), fez um esforço decidido para restaurar o romanismo, e, em seu governo, muitos protestantes sofreram mar-

tírio, entre os quais Latimer, Ridley e Cranmer. Sob a Rainha Elisabeth (1558-1603) houve, novamente, liberdade, restabelecendo-se a Igreja da Inglaterra à forma em que permaneceu até hoje. Dessa Igreja, saíram os puritanos e os metodistas.

Na Escócia, a influência de Wyclif ainda perdurava; as doutrinas de Lutero entraram aí por volta de 1528; as de Calvino logo após. A História da Reforma Escocesa é a história de João Knox.

João Knox, 1515-72, padre escocês, cerca de 1540, começou a pregar idéias da Reforma. Em 1547, foi preso pelo exército francês e enviado à França, onde, durante 9 meses, esteve condenado às galés. Por influência do governo inglês, foi sôlto, voltando à Inglaterra, 1549, onde continuou a pregar. Com a ascensão de Maria, a Sangüinária, 1553, foi para Genebra, onde absorveu, de modo completo, a doutrina de Calvino. Em 1559, foi chamado de volta à Escócia pela Câmara dos Lords Escoceses, a fim de liderar um movimento de Reforma Nacional. A situação política fez da Reforma da Igreja e da Independência Nacional **UM SÓ** movimento. Maria, Rainha dos Escoceses, se casara com Francisco II, rei da França, que era filho de Catarina de Médicis (célebre pelo massacre de São Bartolomeu). A Escócia e a França ficaram assim aliadas, suas coroas unidas pelo casamento. A França inclinava-se à destruição do protestantismo. Filipe II, rei da Espanha, com outros romanistas, tramou o assassinato da Rainha Elisabeth, para que Maria, rainha dos escoceses, subisse ao trono da Inglaterra. O Papa Pio V ajudou na trama, expedindo uma bula de excomunhão de Elisabeth e desobrigando os súditos desta, do dever de lealdade (o que, na doutrina dos jesuítas, significava que o assassino faria um ato de serviço a Deus). Assim, não foi possível reformar a Igreja da Escócia enquanto esteve sob o domínio francês. João Knox cria que o futuro do protestantismo dependia de uma aliança entre a Inglaterra Protestante e a Escócia Protestante. Deu provas de ser um líder magnífico. A Igreja Reformada foi estabelecida em 1560 e, com o auxílio da Inglaterra, em 1567, os franceses foram expulsos da Escócia e o romanismo foi varrido daí de modo mais completo do que de outro qualquer país. João Knox, em larga escala, fêz da Escócia o que ainda hoje é.

A Contra-Reforma. Em 50 anos a Reforma varrera a Europa, alcançando a maior parte da Alemanha, Suíça, Países Baixos, Escandinávia, Inglaterra, Escócia, Boêmia, Áustria, Hungria e Polônia; e fazia progressos na França. Foi um golpe terrífico na Igreja Romana, que, em represália, organizou a Contra-Reforma. Mediante o Concílio de Trento (que funcionou durante 18 anos, 1545-63), mais os jesuítas e a Inquisição, alguns abusos de ordem moral do papado foram sanados e, no fim do século, Roma estava organizada para um ataque furioso ao protestantismo. Sob a direção inteligente e brutal dos jesuítas, recuperou muito do terreno perdido — o sul da Alemanha, a Boêmia, a Áustria, a Hungria, a Polônia e a Bélgica — e esmagou a Reforma na França. Dentro de cem anos, lá por 1689, a Contra-Reforma esgotou suas forças. Os principais governantes que fizeram as guerras do papa foram: Carlos V, 1519-56, da Espanha, contra os protestantes alemães; Filipe II, 1556-98, da Espanha, contra a Holanda e a Inglaterra; Fernando II, 1619-37, da Áustria, contra os boêmios; (estes três

foram imperadores do Santo Império Romano); Catarina de Médicis, mãe de três reis da França (Francisco II, 1559-60, Carlos IX, 1560-74 e Henrique III, 1574-89), nas guerras de extermínio dos huguenotes franceses.

Guerras de religião. O movimento da Reforma foi seguido de cem anos de guerras religiosas: 1. A guerra contra os protestantes alemães (1546-55); 2. A guerra contra os protestantes dos Países Baixos, 1566-1609; 3. As guerras huguenotes na França, 1572-98; 4. A tentativa de Filipe contra a Inglaterra, 1588; 5. A Guerra dos Trinta Anos, 1618-48. Nestas guerras estiveram envolvidas rivalidades políticas e nacionais, tanto quanto questões de propriedades, visto que a Igreja, na maioria dos países, era dona de um terço a um quinto de todas as terras. Todas estas guerras, porém, foram **COMEÇADAS** pelos reis católicos, a instâncias do papa e dos jesuítas, com o intuito de esmagar o protestantismo. Eram eles os agressores. Os protestantes ficavam na defensiva. Só depois de anos de perseguição é que apareceram partidos políticos protestantes na Holanda, Alemanha e França.

A Guerra dos Trinta Anos, 1618-48. Na Boêmia e na Hungria, até 1580, os protestantes eram maioria, inclusive a maior parte dos nobres proprietários de terras. O Imperador Fernando II, da Casa de Hapsburgo, fora educado pelos jesuítas; com o auxílio destes, empreendeu a supressão do protestantismo. Os protestantes uniram-se para a defensiva. A primeira parte da guerra, 1618-29, redundou em vitória para os católicos; conseguiram expulsar o protestantismo de todos os Estados católicos. Depois resolveram re-catolizar os Estados protestantes da Alemanha. Gustavo Adolfo, Rei da Suécia, viu que a queda da Alemanha Protestante significaria a queda da Suécia, e talvez o fim do protestantismo. Entrou na guerra, saindo vitorioso o seu exército, 1630-32. Salvou a causa protestante. O resto da guerra, 1632-48, foi, principalmente, uma luta entre a França e a Casa de Hapsburgo, terminando por se tornar, a França, a potência principal da Europa. A Guerra dos Trinta Anos começou como Guerra Religiosa e findou como Guerra Política; resultou na morte de 10 a 20 milhões. Fernando II, educado pelos jesuítas, iniciou-a com o propósito de esmagar o protestantismo. Terminou com a Paz de Vestfália, em 1648, que fixou as linhas de separação entre os Estados romanistas e os protestantes.

Perseguições papais. O número de mártires das perseguições dos papas excedeu de muito os primitivos mártires cristãos sob a Roma pagã: centenas de milhares entre albigenses, valdenses, protestantes da Alemanha, Países Baixos, Boêmia e outros países. Com efeito, "a grande meretriz embriagou-se com o sangue dos santos." É comum ouvir desculpar os papas a este respeito, dizendo que foi "o espírito da época", e que os "protestantes também perseguiram." Quanto ao "espírito da época", que época foi essa? E quem a fez assim? Os papas. Aquele era o mundo deles. Durante 1.000 anos, exercitaram o mundo na sujeição a eles. Se os papas não houvessem arrebatado a Bíblia ao povo, este teria melhores esclarecimentos e aquela época já **NÃO** teria tal "espírito". Aquilo **NÃO** era o espírito de Jesus, e os

"vigários de Cristo" deviam sabê-lo muito bem. A perseguição é espírito do **DIABO,** ainda quando efetuada em nome de Cristo.

Perseguições protestantes. Calvino consentiu na morte de Serveto. Na Holanda, calvinistas executaram um arminiano. Na Alemanha, luteranos mataram uns poucos anabatistas. Na Inglaterra, o protestante Eduardo VI executou 2 católicos, em 6 anos (a romanista Maria, nos 5 anos seguintes, queimou 282 protestantes). Elisabeth executou, em 45 anos, 187 romanistas, na maior parte por traição, e não por heresia. Em Massachusetts, 1659, 3 quacres foram enforcados por puritanos, e, em 1692, foram executados 20 por feitiçaria. Ao todo, poucas centenas de mártires podem ser levadas à conta dos protestantes, no máximo não indo além de poucos milhares, mas à conta de Roma, milhões incontáveis. Embora a Reforma fosse uma luta gigantesca em prol da liberdade religiosa, os reformadores, a custo concediam aos outros o que procuravam para si. Mas os princípios fundamentais do seu movimento eram contrários à perseguição por motivo de crença religiosa. Lutero dizia: **"RACIOCINEMOS** sobre isto." O papa respondia: **"SUBMETE-TE,** ou serás queimado." Embora os reformadores, uma ou outra vez, mostrassem algum indício da intolerância de Roma, ensinavam que o cristianismo mesmo devia ser propagado, pura e exclusivamente, por meios intelectuais, morais e espirituais. A idéia de Roma era: Conversão pela **FORÇA,** pelo braço secular, pela **GUERRA.** Nos países protestantes, as perseguições cessaram por volta de 1700.

PROTESTANTISMO

Suas divisões. O movimento protestante foi o esforço de uma parte da Igreja Ocidental por libertar-se da autoridade de Roma, e conquistar, para todo homem, o direito de adorar a Deus de acôrdo com os ditames de sua consciência. Inevitavelmente, no extravasamento da luta pela liberdade, deu-se a decomposição, da avalanche, em várias correntes, com ênfases diferentes, que arrastaram, consigo, alguns erros de Roma. O movimento, de quase 450 anos já, tem feito enorme progresso e tem melhorado de maneira notável. Há um espírito crescente de unidade e uma compreensão mais clara do cristianismo. Com todas as suas divisões, é mil vezes melhor do que o papismo. A Igreja Protestante, apesar de estar ainda longe da perfeição, a despeito de suas correntes contrárias e suas fraquezas, representa, fora de qualquer dúvida, a forma mais pura de cristianismo, atualmente no mundo, e, provavelmente, a mais pura que a Igreja tem conhecido desde os três primeiros séculos. De um modo geral, não há, no mundo, corporação mais insigne de homens do que os ministros protestantes.

Igrejas nacionais. Onde quer que o protestantismo triunfou, ergueu-se uma igreja nacional: a Luterana, na Alemanha; a Episcopal, na Inglaterra; a Presbiteriana, na Escócia; etc. O culto é celebrado na língua de cada país, contrariamente ao uso geral do latim nas igrejas romanistas. Invariavelmente, quando em qualquer país uma igreja se emancipa do papa, começa a fazer progresso na sua purificação.

Os Estados Unidos foram colonizados: em 1607, por puritanos anglicanos, na Virgínia; 1615, por reformados holandeses, em Nova York; 1620,

por puritanos, em Massachusetts; 1634, por católicos ingleses, em Baltimore, os quais só puderam obter sua carta constitucional sob a condição de concederem liberdade a todas as religiões; 1639, por batistas, em Rhode Island, sob a liderança do pioneiro Roger Williams, que defendia tolerância irrestrita para todas as religiões; 1681, por quacres, na Pensilvânia; aportaram às suas praias, em procura de liberdade religiosa. Assim foi que os EE.UU. surgiram dos princípios de tolerância religiosa para todos, e de absoluta separação entre a Igreja e o Estado, princípios que ora informam todos os governos do mundo, de modo que, em anos recentes, muitos países, mesmo católicos, têm decretado essa separação (embora pareça haver hoje certo retrocesso); o que significa brilhante vitória, visto como as igrejas serão tanto mais puras quanto forem sustentadas por contribuições voluntárias, em vez de o serem por impostos, e a verdade melhor floresce, sob instituições livres do que sob sistemas de fé forçada.

O futuro do movimento protestante depende de sua atitude para com a Bíblia. "Com a forma tradicional do cristianismo, veio-nos, no próprio texto sagrado, uma fonte de conhecimento divino, não sujeita, de igual modo, à corrupção, o qual ensinará à Igreja como distinguir o primitivo cristianismo de todas as subseqüentes adições, e, assim, como levar avante a obra de se conservar pura até ficar completa."

A Escola Dominical

Foi fundada em 1780, por Roberto Raikes, editor em Gloucester, Inglaterra, para ministrar educação cristã a crianças pobres que não freqüentavam escola. Fundada como departamento missionário da igreja, tem progredido enormemente, participando, hoje, da sua vida normal. A princípio, requeria-se que os alunos freqüentassem a igreja. Hoje, em escala alarmante, tornou-se um substituto dela. Seu grande valor está em promover o conhecimento da Bíblia, em desenvolver qualidades de liderança leiga, servindo para livrar o protestantismo dos abusos da autocracia clerical que tem sido a grande desgraça da Igreja Romana.

Missões Mundiais da Atualidade

São elas o mais importante movimento da História. Ensejam algumas das narrativas mais tocantes de toda a literatura, vibrantes de vida, heroísmo e inspiração. Nem pregadores, nem professores de Escola Dominical prestam bastante atenção à vida dos missionários. Toda congregação deve ouvir sempre contar a história de Livingstone, sem rival entre os heróis do universo, e de Carey, Morrison, Judson, Moffat, Martin, Paton e outros, que têm levado as novas de Cristo a terras longínquas, e fundado sistemas de pregação, de educação e de filantropia cristãs que estão transformando o mundo. Quando a História for terminada e todos os anais do gênero humano puderem ser contemplados em sua ampla e total perspectiva, ver-se-á, provavelmente, que o movimento missionário mundial do século passado, e sua total influência sobre as nações, terão constituído **O MAIS GLORIOSO CAPÍTULO DOS ANAIS DA HUMANIDADE.**

A Igreja Católica Grega ou Ortodoxa Oriental

O cristianismo foi primeiro estabelecido na parte oriental ou grega do Império Romano. Durante duzentos anos, o grego foi a língua do cristianismo.

Em 330 d.C., Constantino fez de Constantinopla a Capital do Império Romano; daí por diante, houve rivalidade entre essa capital e Roma.

Em 395, o Império Romano dividiu-se nos impérios oriental e ocidental; Constantinopla, sede do oriental, e Roma, do ocidental.

Em 632-638, três centros orientais do cristianismo — Síria, Palestina e Egito — cederam lugar ao maometanismo; somente Constantinopla ficou.

No oitavo Concílio Ecumênico, 869, deu-se o cisma final entre as Igrejas Grega e Latina. Desde o princípio, o Oriente recusou-se a reconhecer o primado de Roma.

Tem havido tentativas para a reunificação das Igrejas, todas em vão, porque o Oriente não tem querido reconhecer a autoridade do papa.

A Igreja Grega, atualmente, predominando no sudeste da Europa e na Rússia, é um dos três grandes ramos da cristandade, com 150.000.000, contra 500.000.000 de católicos e 210.000.000 de protestantes; ou, aproximadamente, um sexto da população cristã do mundo.

A Igreja Grega, em muitas de suas práticas, assemelha-se muito à Igreja Romana. Ainda assim, não exige celibato dos seus padres, e sendo dirigida pelo Estado, não tem havido lutas com as autoridades civis, como no Ocidente, entre imperadores e papas. Quando o Estado é comunista, as autoridades eclesiásticas são agentes e promotores do comunismo.

Vista Cronológica do Movimento Protestante na Inglaterra e nos EE. Unidos

Eduardo II	1307-1327		
Eduardo III	1327-1377	Wyclif	1324-1384
Ricardo II	1377-1399		
Henrique IV	1399-1413		
Henrique V	1413-1422		
Henrique VI	1422-1461	Invenção da Imprensa	1450
Eduardo IV	1461-1483		
Ricardo III	1483-1485		
Henrique VII	1485-1509	Descoberta da América	1492
Henrique VIII	1509-1547	Lutero	1483-1546
Eduardo VI	1547-1553	Calvino	1509-1564
Maria	1553-1558	Knox	1515-1572
Elizabeth	1558-1603	Surto do Puritanismo	
Tiago I	1603-1625		
Carlos I	1625-1649	Roger Williams	1604-1684
Cromwell	1653-1658		
Carlos II	1660-1685		

Tiago II	1685-1688		
Guilh. e Maria	1689-1702		
Ana	1702-1714		
Jorge I	1714-1727		
Jorge II	1727-1760	Wesley 1703-1791	
Jorge III	1760-1820	Revolução Americana	1775
Jorge IV	1820-1830	Revolução Francesa	1789
Guilherme IV	1830-1837		
Vitória	1837-1901		
Eduardo VII	1901-1910		
Jorge V	1910-1936		
Jorge VI	1937-1952		
Elizabeth II	1952-		

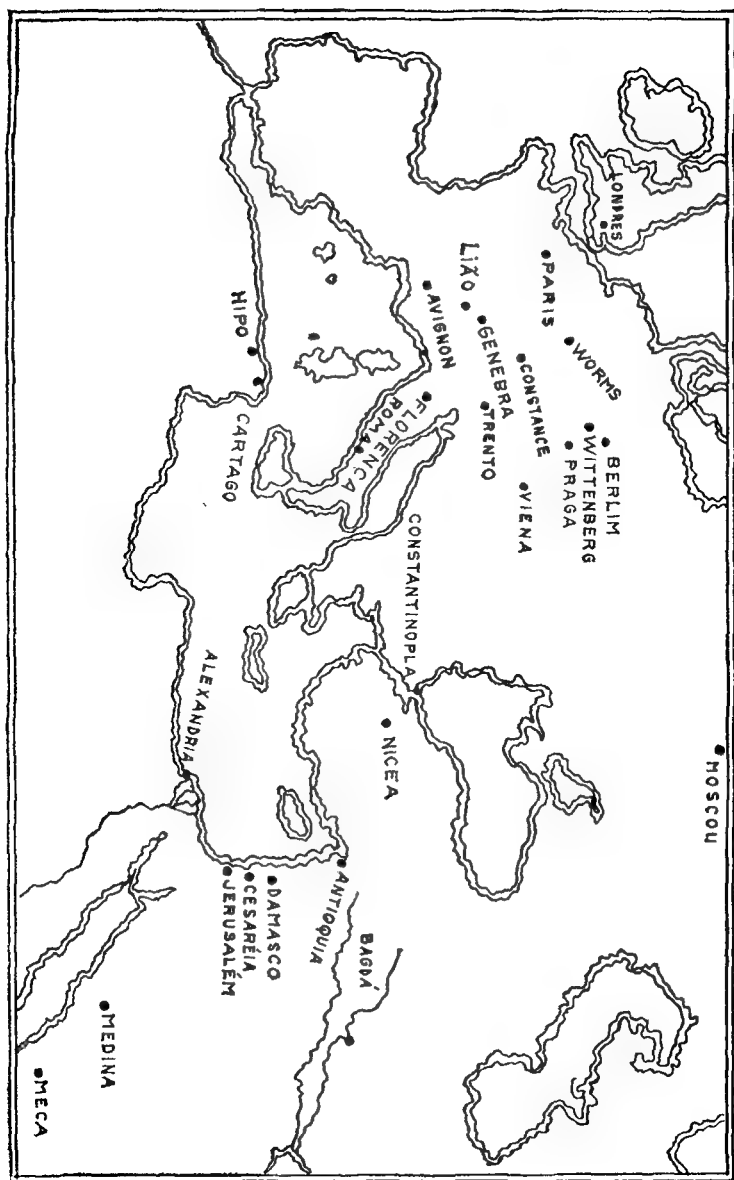
Wyclif, 14.º Século, "estrela d'alva da Reforma", traduziu a Bíblia para o inglês, e abriu caminho à Reforma na Inglaterra.

Lutero, Calvino, Knox, 16.º Século, lideraram a revolução protestante que libertou a Europa Ocidental da escravidão ao papado.

O Puritanismo, na primeira metade do Século 17, surgiu na última parte do reinado da Rainha Elisabeth. Foi fruto do interesse popular pela Bíblia. Movimento reformador no seio da Igreja da Inglaterra, de protesto contra o formalismo inerte da época, e visava à pureza e justiça da vida, em geral. Sendo perseguidos pelas autoridades eclesiásticas, separaram-se em igrejas independentes, na maioria batistas, congregacionais e presbiterianas. Do meio desses puritanos, saíram os colonizadores da Nova Inglaterra, atraídos às costas de Nova York, em procura de liberdade.

Roger Williams, Século 17, clérigo episcopal, foi expulso de Massachusetts, em 1636, e fundou a colônia de Rhode Island, onde se filiou aos batistas. Os puritanos tinham sido muito zelosos em reclamar liberdade de consciência para si. Mas Williams insistiu em liberdade para **TODOS.** Sua grande paixão foi a **ABSOLUTA SEPARAÇÃO ENTRE A IGREJA E O ESTADO.** Honra aos batistas pela ênfase contínua sobre isto, porque há, ainda, influências poderosas procurando roubar-nos, se possível, esta preciosa herança.

João Wesley, Século 18, cem anos depois do surto do puritanismo e fruto deste, visto que sua mãe era de estirpe puritana. Num tempo em que a Igreja havia caído de novo no formalismo sem vida, ele pregava a doutrina do testemunho do Espírito e de uma vida santa. Era leitor, na Igreja da Inglaterra, porém nunca lhe permitiram pregar suas doutrinas nas igrejas. Por isso, pregava nos campos, nas zonas de mineração e esquinas de ruas. Organizou sociedades que pugnavam pela pureza de vida, e levou sua existência, que foi longa, a fiscalizá-las. Como o movimento puritanista do século precedente, mudou inteiramente a tonalidade moral da Inglaterra. Geralmente se atribui a esse movimento, ter sido salva, a Inglaterra, de uma revolução igual à francesa. Foi Wesley um dos maiores homens do mundo.

MOSCOU
LONDRES
BERLIM
WORMS
WITTENBERG
PRAGA
PARIS
CONSTANCE
VIENA
LIÃO
GENEBRA
TRENTO
AVIGNON
FLORENÇA
ROMA
CONSTANTINOPLA
NICEA
BAGDÁ
ANTIOQUIA
DAMASCO
CESARÉIA
JERUSALÉM
HIPO
CARTAGO
ALEXANDRIA
MEDINA
MECA

Mapa 72

A Bacia do Mediterrâneo, que se estende ao meio da Hemisfério Oriental, entre os Oceanos Índico e Atlântico, limitado, ao norte, pela Europa, a leste, pela Ásia, ao sul, pela África, foi, até os tempos modernos, a área em que fluiu a corrente da civilização. O Império Romano, nos dias de Cristo, dominava a bacia inteira sob o cetro dos Césares.

Constantinopla (Bizâncio). Foi feita Capital do Império Romano por Constantino. Durante a Idade Média, continuou como Capital do Império Oriental, sede da Igreja Grega e segunda cidade do mundo. Terra natal de Crisóstomo. Caiu sob o poder dos turcos, 1453, findando, assim, o Império Oriental.

Roma, onde o espírito dos Césares passou para os bispos da Igreja, os quais se designaram a si mesmos senhores da cristandade, pretensão que tiveram dificuldade em ver reconhecida e que mais da metade da cristandade ainda se recusa a reconhecer. Entretanto, o império papal que surgiu das ruínas do império pagão tem sido um poderoso coeficiente da História, fazendo de Roma, até há pouco, de um modo geral a cidade mais influente do mundo.

Jerusalém, Antioquia, Éfeso, Corinto, Roma, principais centros do cristianismo, no primeiro século.

Roma, Alexandria, Cartago, no 2.º e 3.º Séculos.

Alexandria, no 3.º Século, tornou-se sede intelectual da cristandade. Terra natal de Orígenes.

Roma, Constantinopla, Antioquia, Jerusalém, Alexandria, sedes dos cinco patriarcas ou metropolitas, que governaram a Igreja enquanto o papado estava em evolução.

Tours, Batalha, 732 d.C., onde Carlos Martelo deteve o avanço dos maometanos, e salvou a Europa.

Viena, onde João Sobieski, 1683, derrotou os turcos e afastou, da Europa, a segunda ameaça maometana.

Norte da África, Oeste da Ásia, antes cristãos, tornaram-se maometanos, no 7.º Século, pela espada; ainda hoje o são.

Jerusalém, berço do cristianismo.

Antioquia, centro de onde o império foi cristianizado.

Meca, cidade natal de Maomé.

Medina, capital do maometismo até 661 d.C.

Damasco, capital maometana, 661-750 d.C.

Bagdá, capital maometana, 750-1258 d.C.

Lião, residência de Irineu. Centro do cristianismo gaulês.

Cesaréia, residência de Eusébio, Pai da História Eclesiástica.

Cartago, cidade de Tertuliano e Cipriano.

Hipona, cidade de Agostinho, famoso teólogo.

Praga, cidade de João Huss.

Florença, onde Savonarola foi queimado.

Constança, Concílio que ordenou a morte de Huss na fogueira.

Wittemberg, residência de Lutero, libertador da Europa.

Worms, famosa Dieta, onde Lutero foi julgado.

Genebra, residência de Calvino; um centro da Reforma.

Trento, Concílio Papal, para deter a Reforma.

POPULAÇÃO MUNDIAL

População urbana	2.108.978.000
População rural	2.758.856.000
População total	4.867.006.100
População adulta	2.990.163.500
Alfabetizados	1.999.603.300
Analfabetos	990.701.500

POPULAÇÃO MUNDIAL POR RELIGIÃO

Cristãos (todas as categorias)	1.572.875.100
Muçulmanos	837.308.700
Não religiosos	825.072.900
Hindus	661.371.700
Budistas	300.146.900
Ateus	213.893.500
Adeptos de religiões tribais	91.365.600
Adeptos de novas religiões	108.505.600
Judeus	18.023.700
Outros	222.676.100

Hemisfério Oriental: 2/3 da superfície da terra; 6/7 da população mundial.

Hemisfério Ocidental: 1/3 da superfície da terra; 1/7 da população mundial.

A raça humana começou na Ásia Ocidental, centro do Hemisfério Oriental, que é, ainda, o local de maior concentração de população do globo.

NÚMERO DE CRISTÃOS POR CONTINENTE

África	196.874.500
Ásia Oriental	*20.041.700*
Europa	406.849.300
América Latina	392.314.400
América do Norte	184.860.600
Oceania	17.063.300
Sul da Ásia	126.660.300
URSS	103.292.500

CRISTIANISMO E RAMIFICAÇÕES

Anglicanos	51.363.300
Católicos (Não Romanos)	3.634.100
Protestantes Nominais	16.133.200
Ortodoxos	171.489.300
Protestantes	281.177.300
Católicos Romanos	886.698.600
Cristãos Autóctones Não Brancos	97.544.400

CRISTIANISMO GLOBAL

Total de Cristãos Como % do Mundo	32.4
Membros de Igrejas Filiados	1.447.369.100
Cristãos Praticantes	1.105.346.600
Carismáticos	18.230.500
Cripto-Cristãos	79.843.300
Cristãos Martirizados por Ano (Média)	330.000

EVANGELIZAÇÃO MUNDIAL

População Não Evangelizada	1.326.319.700
% da População Não Evangelizada	27.3

Estes números são aproximados e redondos, para ilustrar a composição religiosa do mundo.

O Confucionismo é *um sistema ético-filosófico* baseado *no* culto dos ancestrais.

O Xintoísmo é o culto dos espíritos dos ancestrais imperiais.

O Hinduísmo, religião nativa da Índia, é uma mistura de Bramanismo, Budismo e de muitas divindades que habitam em objetos naturais.

O Budismo é uma religião ascética, cujo dogma principal é o aniquilamento do desejo.

O Animismo é a crença de que todos os objetos inanimados são habitados por espíritos.

SITUAÇÃO ATUAL DO MUNDO

Pelos Países

	População	Religião Dominante
Alemanha (ocid.)	61.000.000	Luteranismo
Arábia Saudita	11.200.000	Maometanismo
Argentina	30.600.000	Catolicismo
Austrália	15.800.000	Protestantismo
Áustria	7.500.000	Catolicismo
Bélgica	9.900.000	Catolicismo
Brasil	138.400.000	Catolicismo
Bulgária	8.900.000	Ortodoxos Orientais
Canadá	25.400.000	Protestantismo
China	1.042.000.000	Budismo e Confucionismo
Coréia do Sul	42.700.000	Budismo e Confucionismo
Dinamarca	5.100.000	Luteranismo
Egito	48.300.000	Maometanismo
Espanha	38.500.000	Catolicismo
Estados Unidos	238.900.000	Protestantismo
Etiópia	36.000.000	Coptos e Maometanos
Filipinas	56.800.000	Catolicismo
Grécia	10.100.000	Ortodoxos Orientais
Holanda	14.500.000	Protestantismo
Hungria	10.700.000	Catol. e Protestantismo
Índia	762.200.000	Hinduísmo e Maometanismo
Indonésia	168.400.000	Maometanismo
Iraque	15.500.000	Maometanismo
Inglaterra	56.400.000	Protestantismo
Irã	45.100.000	Maometanismo
Irlanda	3.508.000	Protestantismo
Itália	57.400.000	Catolicismo
Iugoslávia	23.100.000	Ort. Orientais e Católicos
Japão	120.800.000	Xintoísmo e Budismo
Líbano	2.600.000	Maometanismo
México	79.700.000	Catolicismo
Noruega	4.200.000	Luteranismo
Paquistão	99.100.000	Maometanismo
Polônia	37.300.000	Catolicismo
Portugal	10.300.000	Catolicismo
Romênia	22.800.000	Ortodoxos Orientais

Rússia	278.000.000	Ortodoxos e Ateus
Síria	10.600.000	Maometanismo
Suécia	8.300.000	Luteranismo
Tchecoslováquia	15.500.000	Catolicismo
Turquia	52.100.000	Maometanismo

As cifras nesta página e na anterior são apenas aproximadas, em números redondos. Algumas são apenas estimativas. Tabelas estatísticas e estimativas têm muitas divergências entre si.

Nas terras dominadas pelo comunismo, a Igreja tem sofrido tremendos revezes. Até que ponto a União Soviética tem conseguido aniquilar a Igreja ainda não se sabe. Até que ponto as atuais convulsões mundiais alteram a situação religiosa nos vários países, ainda precisa ser examinado.

O Hábito da Leitura da Bíblia

Todos devemos amar a Bíblia. Todos devemos lê-la. Todos. É a Palavra de Deus. Ela tem a solução da vida. Ela nos fala do melhor Amigo que a humanidade já teve, o mais nobre, o mais terno, o mais verdadeiro Homem que já pisou na terra.

É a mais linda história que já se contou. É a melhor diretriz da conduta humana que já se conheceu. Dá um sentido, um fulgor, uma alegria, uma vitória, um destino e uma glória à vida, que em nenhuma outra parte são revelados.

Nada há na História, ou na literatura, que de alguma forma se compare com as singelas narrativas do Homem da Galiléia, que levou dias e noites a ministrar aos que sofriam, a ensinar aos homens como ser benévolos, a morrer pelo pecado, a ressuscitar para a vida que jamais acaba, e a prometer segurança eterna e eterna felicidade a todos quantos se chegam a Ele.

A maioria do povo há de pensar, seriamente, como há de ser quando o fim chegar. Não adianta sorrir, desdenhosamente, passar adiante deste assunto, **ESSE DIA HÁ DE VIR. E QUE ACONTECERÁ ENTÃO?** A Bíblia dá a resposta. É resposta inequívoca. Há um Deus. Há um céu. Há um inferno. Há um Salvador. Haverá um dia de juízo. Feliz do homem que, enquanto vivo, fizer suas pazes com o Cristo da Bíblia e se preparar para esse epílogo.

Como pode uma pessoa sensata deixar de entusiasmar-se com Cristo, e com a Bíblia, que de Cristo lhe fala? Todos devemos amar a Bíblia. Todos. **TODOS.**

Todavia, a negligência generalizada da Bíblia, por parte de igrejas e de pessoas que freqüentam igrejas, é, simplesmente, de estarrecer. Conversamos sobre a Bíblia, defendemos a Bíblia, louvamos a Bíblia, exaltamos a Bíblia. Sim, pois não! Mas, muitos membros de igreja raramente lançam um olhar à Bíblia — de fato, ficariam envergonhados de ser vistos a lê-la. E os líderes da Igreja, em geral, não parecem fazer um esforço sério para levar o povo a ler a Bíblia.

O protestantismo de hoje em dia parece cuidar muito pouco do Livro em que, altissonantemente, professa crer. E o Catolicismo Romano prefere, declaradamente, seus próprios decretos à Bíblia.

Procuramos saber tudo no mundo. Por que não, também, acerca de nossa religião? Lemos jornais, revistas, novelas e toda sorte de livros, e ouvimos o rádio nas horas certas. No entanto, a maioria de nós nem sequer sabe os nomes dos livros da Bíblia. Que vergonha! Que vergonha!

O contacto individual direto com a Palavra de Deus é o principal meio de crescimento cristão. Todos os líderes de poder espiritual, da história do cristianismo, têm sido leitores devotados da Bíblia.

A Bíblia é o livro de que vivemos. A leitura da Bíblia é o meio de aprendermos e de conservarmos nítidas, em nossas mentes, as **IDÉIAS** que modelam nossa vida. Nossa vida é produto de nossos pensamentos. Para vivermos certo, precisamos pensar certo.

Os pensamentos exercem poder em nossa vida pela **FREQUÊNCIA** com que ocuparem nossas mentes. Lemos a Bíblia freqüente e regularmente, de sorte que os pensamentos de Deus podem ocupar freqüente e regularmente nossas mentes; podem vir a tornar-se pensamentos nossos; podem nossas idéias vir a conformar-se com as idéias de Deus; podemos ser transformados na imagem de Deus, e tornados capazes de fazer eterna companhia com o nosso Criador.

Podemos, com efeito, absorver a verdade cristã, em certo grau, assistindo aos cultos, ouvindo sermões, lições bíblicas, testemunhos, e lendo literatura cristã.

Todavia, por mais que essas coisas sejam boas e úteis, fornecem-nos a verdade divina em **SEGUNDA MÃO,** aguada, porque através de canais humanos, e, até certo ponto, glosada com idéias e tradições humanas.

Estas coisas não podem tomar o lugar da leitura individual da **PRÓPRIA BÍBLIA,** da fundamentação, por nós mesmos, de nossa fé, esperança e vida, diretamente na Palavra de Deus, antes que naquilo que os homens dizem acerca dessa Palavra.

A Palavra de Deus é a arma do Espírito de Deus para a redenção e perfeição da alma humana. Não é bastante ouvir outros falar, ensinar e pregar a respeito da Bíblia. Precisamos conservar-nos, cada um de nós, em contacto direto com a Palavra de Deus. É ela o poder de Deus em nossos corações.

A leitura da Bíblia é hábito cristão fundamental. Não queremos dizer que devemos cultuar a Bíblia como se fosse um fetiche, mas adoramos o Deus e o Salvador de quem a Bíblia nos fala. E, porque amamos nosso Deus e Salvador, amamos, terna e devotadamente, o Livro que dEle procedeu e dEle se ocupa.

Nem queremos dizer que o hábito de ler a Bíblia é em si uma virtude, porque é possível lê-la sem aplicar seus ensinos à vida, havendo, mesmo, os que a lêem e ainda são mesquinhos, desonestos e nada cristãos. São, contudo, exceções.

Em regra, a leitura bíblica, quando feita com as devidas disposições de espírito, é hábito que dá lugar a todas as virtudes cristãs, sendo a mais eficiente força formadora do caráter que se conhece.

Como ato de devoção religiosa. Nossa atitude para com a Bíblia é um índice muito seguro de nossa atitude para com Cristo. Se amarmos uma pessoa, gostamos de ler a seu respeito, não é fato?

Se apenas chegássemos a considerar nossa leitura bíblica como ato de devoção a Cristo, seríamos inclinados a considerar o caso menos irrefletidamente.

É glorioso ser cristão. O mais elevado privilégio que qualquer mortal pode ter é andar pela vida a fora de mãos dadas com Cristo, como Salvador e Guia; ou, mais corretamente, é andar vacilante, como criancinha, ao Seu lado e, embora sempre a tropeçar, nunca largando a Sua mão.

Esta relação pessoal de cada um de nós com Cristo é uma das coisas essenciais da vida, e não falamos muito sobre isto, provavelmente, porque descobrimos que somos, lamentavelmente, indignos de usar o Seu nome. Mas, no profundo de nossos corações, refletindo seriamente, sabemos que, a despeito de nossa fraqueza, mundanismo, frivolidade, egoísmo e pecado,

amamo-Lo mais do que a qualquer outra coisa no mundo; e, nos nossos momentos de maior lucidez, sentimos que, voluntariamente, não O ofenderíamos por coisa alguma. Somos, porém, irrefletidos.

Ora, a Bíblia é o livro que nos fala de Cristo. É possível, então, amar a Cristo e ao mesmo tempo ter prazer em ser indiferente à Sua Palavra? **É POSSÍVEL?**

A Bíblia é o melhor livro devocional. Opúsculos para devoções diárias, que, modernamente, as casas publicadoras evangélicas anunciam tanto, podem ter seu lugar. Contudo, não substituem a Bíblia. A Bíblia é a própria Palavra de Deus. E nenhum outro livro pode tomar o seu lugar. Todo crente, moço ou velho, deve ser um fiel leitor da Bíblia.

George Muller, que, em seu Orfanato em Bristol, Inglaterra, fez, pela oração e fé, um dos mais notáveis trabalhos da história cristã, atribuía seu êxito, pelo lado humano, ao seu amor à Bíblia. Disse ele: "Creio que a principal razão de me haver conservado em atividade útil e feliz está no amor que tenho à Sagrada Escritura. Tenho como hábito ler a Bíblia toda quatro vezes por ano; em espírito de oração, aplicá-la a meu coração e praticar o seu ensino. Durante sessenta e nove anos, tenho sido um homem feliz, feliz, feliz."

Subsídios para o estudo da Bíblia. A Bíblia é um livro grande, de fato, é uma coleção de livros, de um passado distante. Precisamos de todos os auxílios disponíveis para compreendê-la. Um bom dicionário bíblico é o melhor dos subsídios. Um bom comentário é de muito valor. E todo o mundo deve possuir uma concordância (Chave Bíblica).

Mas mesmo assim, surpreende como, em grande parte, a Bíblia se interpreta a si mesma, quando conhecemos o seu conteúdo. Há muitas dificuldades na Bíblia, mesmo além da compreensão dos mais eruditos. Mas, apesar disso, os seus principais ensinos são inequívocos e tão claros que "viandantes, ainda que insensatos, não têm que se enganar com eles."

Aceitai a Bíblia como, exatamente, ela é, pelo que ela se afirma ser. Não vos inquieteis com as teorias dos críticos. A tentativa engenhosa e impudente da crítica moderna, por solapar a veracidade histórica da Bíblia, passará; ela, a **Bíblia,** permanecerá como luz que é da raça humana, até aos fins do tempo. Firmai vossa fé na Bíblia. É a Palavra de Deus. Ela nunca deixará que sossobreis. Para nós, homens, ela é a rocha dos séculos. Confiai nos seus ensinos e sereis felizes para sempre.

Lede a Bíblia com a mente aberta. Não tenteis forçar todas as suas passagens, amoldando-as a umas poucas doutrinas prediletas. Nem vejais em suas passagens, idéias que lá não se encontram, nem mesmo para servirem a um sermão. Mas tentai descobrir, cândida e honestamente, os principais ensinos e lições de cada passagem. Assim, chegaremos a crer no que devemos crer, porque a Bíblia é mui capaz de cuidar de si mesma, se lhe dermos oportunidade.

Lede a Bíblia com reflexão. Lendo a Bíblia, precisamos vigiar-nos, rigorosamente, para que nossos pensamentos não divaguem, tornando-se a lei-

tura perfunctória e sem sentido. Temos de resolver, resolutamente, fixar a mente no que lemos, esforçando-nos, ao máximo, por entender e ficando à espreita de lições que nos sirvam.

Armai-vos de um lápis. É bom, à medida que lermos, ir marcando passagens de que gostarmos; e, de vez em quando, passando em revista as páginas lidas, ler de novo as passagens marcadas. Com o tempo, uma Bíblia, assim bem marcada, tornar-se-nos-á muito preciosa, à proporção que se aproxima o dia de nos encontrarmos com o seu Autor.

Uma leitura habitual, sistemática da Bíblia é a que serve. Leitura ocasional ou espasmódica não significa muito. A menos que sigamos determinado método e o observemos com resolução firme, o resultado será não lermos muito da Bíblia. Nossa vida interior, como nosso físico, precisa de alimento diário.

Um tempo certo cada dia, qualquer que seja o plano de leitura a adotar, deve ser reservado para isso. De outro modo, seremos capazes de negligenciá-lo.

É bom que seja a primeira coisa, de manhã, se nossa rotina de trabalho o permite. Ou à noite, findo o trabalho do dia, é possível que nos sintamos mais à vontade.

Ou, talvez, de manhã e de noite. A alguns, pode servir melhor um período de tempo ao meio-dia.

Não importa muito qual seja o tempo escolhido. O importante é que escolhamos o que melhor nos convenha e que não interfira nos nossos trabalhos diários; que o observemos, rigorosamente, não desanimando, se, uma ou outra vez, essa rotina for interrompida por alguma coisa alheia à nossa vontade.

Aos domingos, podemos dedicar-nos mais à nossa leitura bíblica, visto ser o dia do Senhor, reservado à Sua Palavra.

Decorai os nomes dos livros da Bíblia. Seja isto a primeira coisa. A Bíblia compõe-se de sessenta e seis livros. Cada um deles versa sobre um assunto. O ponto de partida para se entender a Bíblia é, antes de tudo, saber que livros são esses, a ordem de sua colocação e, de um modo geral, de que trata cada um.

Decorai versículos favoritos. Decorai-os, por inteiro, repetindo, muitas vezes, esses versículos, que são a vossa vida: algumas vezes, estando sozinho; ou, à noite, para que vos ajudem a adormecer nos Braços Eternos.

O hábito de fazer os pensamentos de Deus atravessar, muitas vezes, a nossa mente fará que esta se conforme com a mente divina; e, à medida que se dá essa conformação, toda nossa vida será transformada na imagem de Deus. É isto um dos melhores auxílios espirituais de que podemos dispor.

Planos de leitura bíblica. Sugerem-se muitos planos. Um convém mais a uma pessoa; outro convém mais a outra. Uma pessoa poderá gostar de mudar o plano, com o correr do tempo. O plano em si não importa muito. O essencial é ler a Bíblia com certa regularidade.

Nosso plano de leitura deve abranger a Bíblia toda, com razoável freqüência, porque toda ela é a Palavra de Deus, é uma história só, uma estrutura literária de profunda e admirável unidade, centralizada em Cristo. **CRISTO** é o âmago e o ponto culminante da Bíblia. Tudo quanto vem

escrito antes dEle, de um ou outro modo, é uma antecipação de Sua Pessoa. Tudo quanto se Lhe segue, vem interpretá-Lo. A Bíblia toda pode, com muita propriedade, ser chamada a história de Cristo. O Antigo Testamento prepara o caminho para Sua chegada. Os Quatro Evangelhos contam a história de Sua vida terrena. As Epístolas expõem a Sua doutrina. O Apocalipse revela o Seu triunfo.

Entretanto, algumas partes da Bíblia são mais importantes do que outras e devem ser lidas com maior freqüência. O Novo Testamento, naturalmente, é mais importante do que o Antigo. Em cada um dos Testamentos, alguns livros, e, em cada livro, alguns capítulos, têm valor especial. Os Quatro Evangelhos são os mais importantes de todos.

Um plano bem equilibrado de leitura bíblica, segundo pensamos, pode ser algo do seguinte modo: cada vez que lermos a Bíblia toda, leiamos o Novo Testamento, uma ou duas vezes mais, com freqüente leitura repetida de capítulos favoritos em ambos os Testamentos.

Quantas vezes? Uma vez por ano, pensamos, todo o Antigo Testamento, e duas vezes o Novo, seria um bom plano **MÍNIMO** a ser observado pela média do pessoal. E seria um meio de simplificar as coisas, fazê-lo coincidir com o ano civil, começando-se em janeiro e terminando em dezembro.

Tal plano significaria uma média de 4 ou 5 capítulos por dia, e requereria, mais ou menos, uma média de 15 ou 20 minutos diários. Não há tempo para isso? Bem, a questão do tempo é deveras importante. Um ou três minutos por dia, para devoção religiosa, é brincadeira de crianças. Se somos crentes, por que não tomamos a sério nossa religião? Por que brincar com ela? Não nos enganemos. **PODEMOS** achar tempo para aquilo que **DESEJAMOS** fazer.

Como proceder? Primeiro, escolhamos o plano e tracemos um quadro para o ano, atribuindo certo número de capítulos a cada dia, ou determinado livro, ou parte de um livro, ou grupo de livros, para cada semana, ou para cada mês, como preferirmos.

Mais especificamente, o Antigo Testamento tem 39 livros, 929 capítulos. O Novo Testamento tem 27 livros, 260 capítulos. Total, 66 livros, 1.189 capítulos. Tanto os livros como os capítulos variam muito de extensão. Alguns são muito curtos, outros muito longos. Numa Bíblia de tamanho médio e de tipo médio, um capítulo médio cobre mais ou menos a extensão de uma página.

Alguns capítulos e alguns livros, devido à natureza do seu assunto, podem ser lidos mais rapidamente do que outros. E alguns capítulos merecem ser lidos, repetidamente, muitas e muitas vezes.

Leitura consecutiva. É a leitura seguida dos livros na ordem em que se acham, isto é, do Gênesis ao Apocalipse. Depois de feita a leitura, repeti-la. Com este plano, a menos que se leia a Bíblia inteira, muitas vezes, passa-se muito tempo sem ler em o Novo Testamento.

Leitura alternada dos dois Testamentos. Isto é, ler nos dois Testamentos, simultaneamente; ler alguma coisa, cada dia, ou cada semana, num e noutro Testamento; ou uma semana no Antigo, e na semana seguinte em o Novo, ou um livro no Antigo e depois outro em o Novo.

Um capítulo por dia. Muitos fazem assim. E é um hábito maravilhoso. Mas muito melhor será se pudermos ler dois, ou três, ou quatro capítulos por dia.

Ler a Bíblia pelos livros: isto é, um livro inteiro, ou grande parte dele, de uma vez ou tão continuadamente quanto possível. Em regra, tratando de leitura bíblica, é melhor fazê-la por livros inteiros do que por seleções de trechos de capítulos.

Ler um livro, repetidamente: isto é, fazer um estudo especial de algum livro isolado, lendo-o, muitas vezes, dia após dia. Isto é sobremaneira útil. Mas não se deve passar tempo demasiado longo nesse sistema, para que não se negligencie o resto da Bíblia.

Leitura em grupo. Que maravilha seria se uma classe bíblica, sob a direção do seu professor, ou uma congregação, sob a liderança do seu pastor, lesse a Bíblia **EM CONJUNTO,** o professor, ou o pastor, aos domingos,, ensinando ou pregando sobre as Escrituras lidas na semana anterior. Por que não? **POR QUE NÃO?** Um pastor e seu rebanho não poderiam melhor andar com Deus pela vida a fora do que assim em comunhão ao redor da Palavra Divina.

Nas duas páginas seguintes, vai sugerido um plano para tais leituras em,grupo.

Sugestão de um plano para leitura em grupo. Visto como a semana é a unidade de tempo de nossa vida religiosa, provavelmente, uma escala de leitura, tão boa quanto o que mais o seja, é a de alternar, semanalmente, a leitura de um e de outro Testamento, tendo um livro, ou grupo de livros menores, para cada semana, abrangendo o Velho Testamento **UMA VEZ,** e o Novo **DUAS VEZES,** por ano, algo como o que se vê abaixo.

Semanas:

1.ª Gênesis.
3.ª Êxodo.
5.ª Levítico.
7.ª Números.
9.ª Deuteronômio.
11.ª Josué, Juízes.
13.ª Rute, 1 Samuel.
15.ª 2 Samuel.
17.ª 1 Reis.
19.ª 2 Reis.
21.ª 1 Crônicas.
23.ª 2 Crônicas.
25.ª Esdras, Neemias, Ester.
27.ª Jó.
29.ª Salmos.
31.ª Salmos.
33.ª Salmos.
35.ª Provérbios, Eclesiastes, Cânticos.
37.ª Isaías.
39.ª Isaías.

41.ª Jeremias.
43.ª Jeremias, Lamentações.
45.ª Ezequiel.
47.ª Daniel.
49.ª Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias.
51.ª Naum a Malaquias.

Tal plano, segundo pensamos, seria simples e apreciável para qualquer classe ou congregação observar, ano após ano. Qualquer pessoa poderia ajustar-se a ele. Os que apreciassem deter-se mais tempo na Bíblia do que o requerido pelo plano, poderia, ler cada livro, uma ou duas vêzes extras, à medida que prosseguissem. Por outro lado, os muito ocupados, ou muito preguiçosos, ou muito indiferentes para dar o tempo pedido pelo plano, poderiam, pelo menos, relancear a vista pelos livros indicados, ler alguns dos melhores capítulos, e, assim, acertar o passo com os outros do grupo até que, pouco a pouco, fossem se interessando mais.

Este plano é apenas uma sugestão. Qualquer pastor, ou professor, que desejar experimentá-lo, deve fazer sua própria escala, porque o êxito dele, em última instância, dependerá da convicção e do entusiasmo com que o líder o leve adiante.

Semanas:

2.ª Mateus.
4.ª Marcos.
6.ª Lucas.
8.ª Lucas.
10.ª João.
12.ª Atos.
14.ª Romanos.
16.ª 1 e 2 Coríntios.
18.ª Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses.
20.ª 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito, Filemon.
22.ª Hebreus, Tiago.
24.ª 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Judas.
26.ª Apocalipse.
28.ª Mateus.
30.ª Mateus, ou João.
32.ª Marcos.
34.ª Lucas.
36.ª João.
38.ª Atos.
40.ª Romanos.
42.ª 1 e 2 Coríntios.
44.ª Gálatas, Efésios, Colossenses.
46.ª 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Timóteo, Tito.
48.ª Hebreus, Tiago, Filemon.
50.ª 1 e 2 Pedro, 1, 2 e 3 João, Judas.
52.ª Apocalipse.

O MAIS IMPORTANTE DÊSTE LIVRO

É

ESTA SIMPLES SUGESTÃO

QUE CADA IGREJA TENHA

UM PLANO CONGREGACIONAL DE LEITURA BÍBLICA

e

QUE O SERMÃO DO PASTOR

SE BASEIE NA PARTE BÍBLICA LIDA NA

SEMANA ANTERIOR

Relacionando, Assim, a Prédica do Pastor com

a Leitura Bíblica do Povo

Esta sugestão, se for seguida, sem nenhuma dúvida, produzirá um revigoramente da Igreja: **CONTANTO** que o pastor creia, plenamente, na Bíblia como Palavra de Deus e ponha nesse esforço o seu coração.

A Igreja e a Bíblia andam juntas. A Igreja existe para nada mais do que proclamar e exaltar o Cristo da Bíblia. A Igreja que não entroniza a Bíblia na vida do seu povo falseia a sua missão.

A Bíblia não é uma espécie de livro de textos ou de pretexto para pregadores e professores. É um livro para o povo, para todo o povo. Pregadores e professôres que constroem sobre outro fundamento, não se devem surpreender, se sua obra, no fim, se mostrar muito superficial.

Com todos os nossos meios de propaganda da fé cristã, nossas igrejas e escolas bíblicas bem organizadas, nossos seminários, nossos ministros e líderes, altamente preparados, com a última palavra em métodos de educação religiosa, uma quantidade interminável de literatura cristã, e um número, sempre crescente, de reuniões e organizações, onde falamos, ensinamos e pregamos, em nome da Bíblia, até citando capítulos e versículos, — não obstante tudo isso, a grande maioria dos membros de nossas igrejas trata a Bíblia como se fora mera questão secundária em suas vidas.

Se se lhes faz bastante pressão, dispõem-se a ouvir pregadores e professores falar de coisas da Bíblia, mas quanto a lê-la, eles mesmos, só uns poucos o fazem. De cem membros médios das igrejas, talvez um conheça os nomes dos livros da Bíblia, ou tenha uma idéia do que trata cada livro. Provavelmente, mais de três quartos dos membros de nossas igrejas (nos EE. Unidos) não possam dizer, de improviso, onde se acha o Sermão do Monte, ou os Dez Mandamentos.

E, por cima desta ignorância da Bíblia, e indiferença ou negligência por ela, não têm lá grande senso de lealdade à Igreja, nem consciência do que seja ela. Em média, menos de um têrço ou um quarto dos membros professos de uma congregação assiste aos cultos de domingo com alguma regularidade.

Que terrível denúncia das técnicas dominantes, empregadas no serviço da Igreja! Não haverá algo faltando, tristemente, nos métodos que estão produzindo igrejas, em tão larga escala, do tipo da de Laodicéia, indiferentes, de coração dividido, mornas, desleais e de mentalidade mundana? Ou do tipo da de Sardes, em que só uns **POUCOS** não contaminaram suas vestes?

Espanta-me ver que o povo da Igreja seja tão indiferente para com o Livro que lhe fala do seu Salvador, e o negligencie. Espanta-me mais, porém, é que os **LÍDERES** da Igreja façam tão pouco neste sentido. Sem dúvida, a fraqueza mais fatal da Igreja dos dias presentes é a falta de liderança no púlpito, nesta questão de guiar e dirigir o povo num **HÁBITO** que é a fonte e a base de tudo quanto existe para a Igreja realizar nos seus membros.

A leitura congregacional da Bíblia e o púlpito. Não me admira que os pregadores, chamados "modernistas", sustentando as idéias que sustentam a respeito da Bíblia, não mostrem qualquer interesse em fazer que o seu povo leia a Bíblia. Antes, como quintas-colunas, minando, de dentro, a fé cristã, seu deleite pareça ser revisar a Escritura. Estas palavras não se dirigem a eles.

Mas o que me torna perplexo é nossos pregadores "conservadores", que proclamam com veemência agressiva sua fé na Bíblia como a Palavra de Deus e exaurem seu vocabulário na exaltação e glorificação dela, mostrarem tão pouco interesse em que o seu povo leia a Bíblia por si mesmo. Isto me intriga.

Pregadores pregam seus sermões, professores ensinam suas lições, lentes de seminário exercitam, diligentemente, os jovens ministros, na prática do que aprendem nas diferentes séries do curso — tudo, sem dúvida, tirado da Bíblia. Mas onde estão as igrejas, os ministros, professores, ou lentes de seminário, que, salvo numa exortação ocasional, se proponham a estabelecer hábitos de leitura bíblica entre os que estão sob o seu cuidado pastoral?

Tôda a estrutura e técnica da organização e atividades da Igreja dos dias atuais parecem ter o propósito de dar a impressão de que tudo depende de sermões. Certo que a pregação é ordenada por Deus, isto é, pregação nos moldes do Novo Testamento. Pode ser uma adulteração da palavra neo-testamentária "pregar", aplicá-la ao tipo prevalecente, hoje em dia, de pregações efusivas, "derramadas". Certo que o Novo Testamento jamais teve o intuito de ser a pregação vazia assim de instrução na Palavra de Deus, como é o caso da maioria dos sermões sobre determinado texto, que o povo, atualmente, ouve nas igrejas. Seja, porém, como for, a pregação, mesmo no seu sentido mais verdadeiro e na melhor das hipóteses nunca foi designada por Deus para substituir, completa e suficientemente, a leitura da Palavra de Deus pelo próprio povo.

TODO CRENTE deve ler a Bíblia. É o único hábito, que, se observado com as devidas disposições de espírito, mais do que qualquer outro faz do crente o que ele deve ser em todo sentido. Se qualquer igreja pudesse levar todo o seu povo à leitura devota da Palavra de Deus, seria revolucionada. Se as igrejas de qualquer comunidade, no seu todo, fizessem que seu povo, em geral, fosse leitor regular da Bíblia, isto não só as revolucionaria mas purificaria a comunidade como nada mais o faria.

Um exemplo da Idade Média. Durante ela, a Igreja, ou, antes, aquilo a que se dava o nome de Igreja, sob a dominação dos papas, durante quinhentos anos, do décimo ao décimo quinto Século, dominou o mundo, como braço despótico, como qualquer império terreno já tinha feito. Não é estranho que a supremacia da Igreja e a era do obscurantismo fossem **COEXISTENTES?** A Igreja, "luz" do mundo, trouxe, para esse mundo, trevas de meia-noite. Por quê? Porque o papado suprimiu toda liberdade e proibiu a circulação da Bíblia entre o povo, indo ao ponto de matar a quem a lesse, ver as págs. 686, 692; e, em sua infinita presunção, colocou, no lugar da Palavra de Deus, os decretos do papa. Foi isto a causa da era do obscurantismo, — o despudor diabólico do homem a exaltar-se a si mesmo acima da Palavra de Deus. Se a Igreja se tivesse submetido à Palavra de Deus e a tivesse ensinado ao povo, incentivando sua circulação entre esse povo, **TERIA HAVIDO O MILÊNIO** em vez de uma **ERA DE OBSCURANTISMO.**

O Exemplo da Reforma. Foi a descoberta de uma Bíblia, por Martinho Lutero e sua entrega ao povo, coadjuvando, nisso, sua alma invencível e incomparável, que deu lugar à Reforma Protestante e proclamou liberdade ao mundo moderno, — o passo mais agigantado do progresso humano que se conhece na História. Os que lêem esta história bem sabem quanto devemos, diretamente, à Bíblia, nossa liberdade e tudo quanto nos é caro.

O Exemplo da Inglaterra Elisabetana. Na "Breve História do Povo Inglês", de Green, declara-se que "nenhuma transformação moral maior já experimentou uma nação do que a experimentada pela Inglaterra na última parte do reinado da Rainha Elisabeth. A Inglaterra veio a ser o povo de um Livro, e esse livro foi a Bíblia. Era lida por todas as classes de gente. E o efeito foi admirável. A tonalidade moral da nação foi mudada."

E, hoje, a melhor coisa que a Igreja faria era propor-se a entronizar a Palavra de Deus na vida do seu povo. O resto viria depois. Essa única coisa boa por si mesma contribuiria mais para a solução de todos os problemas — individuais, sociais e nacionais — do que outra qualquer que a Igreja faça. A Palavra de Deus é a melhor arma de que a Igreja dispõe.

É possível tal coisa? Será viável? Poderá uma congregação inteira ser levada a ler a Bíblia? Muito certamente que sim, e dentro de um prazo muito curto. Só se precisa é de um pastor que acredite na idéia, e nela ponha o seu coração.

Não será bastante pregar sermões sobre a leitura da Bíblia, ainda que se faça isto com muita freqüência. Alguns poderão atender a tais sermões. Mas, desejando, um pastor, obter a adesão de toda a sua congregação, o melhor meio é organizar algum plano razoável e que valha a pena, apresentá-lo ao povo e dar a entender a este que espere seja o plano considerado como uma parte da sua vida religiosa, guiá-lo na execução do mesmo, não deixar que o abandone e, de um domingo ao outro, de qualquer modo, trazê-lo à lembrança de todos, ano após ano, como se tratando, de fato, de um dever; enquanto isto, irá fazendo, do plano, a base dos seus sermões.

Quanto aos sermões: apenas escolher um texto da parte da Escritura lida pelo povo e dividi-lo, como se faz num sermão típico que se baseia

num texto avulso, vazio de qualquer valor instrutivo isso não estimula o povo na sua leitura bíblica. Antes, o sermão deve ser um estudo dado ou na parte lida, tomada no seu todo, ou de uma parte importante da mesma, chamando a atenção para alguns dos seus melhores aspectos e dos fatos mais interessantes e das lições proveitosas, como se ensinasse a uma classe bíblica.

Não há a menor dúvida de que qualquer congregação média corresponderá com alegria e de todo o coração a um esforço assim da parte do seu pastor.

Mas, dirá alguém, transformar o culto de domingo, na igreja, numa classe bíblica seria por demais prosaico e desinteressante. Então, um estudo bíblico é mais desinteressante do que o tipo generalizado de sermão textual? Vamos pensar que a congregação média tem tão pouca inteligência para desejar receber alguma instrução sólida do seu pastor? ou da Palavra de Deus?

Pelo contrário, estamos certos de que a média da congregação **GOSTARÁ** de um plano assim. E nunca se cansará de usá-lo. Nunca. **NUNCA.** E amará e honrará o seu pastor por assim guiá-la, animá-la e ajudá-la na formação de um hábito que ela sabe ser de seu dever seguir.

E que maravilhas não advirão daí! Lealdade dos membros. Igrejas cheias. Interesse nos sermões. Entendimento da Palavra de Deus. Progresso cristão. Poder espiritual. Religião na família. União no lar. E que melhor medicina haverá para corações divididos, indiferença, amor aos prazeres, membros de igreja com mentalidade mundana?! Que outra coisa de maior valor poderia um pastor fazer?

E que técnica de evangelização haverá melhor do que esta? Que maneira haverá mais fácil, mais segura e sã de levar pessoas a Cristo do que a própria Palavra de Cristo? Que método mais eficaz haverá de alcançar os não salvos? Que melhor base para um reavivamento?

Que melhor tarefa poderia uma igreja assumir do que a de fazer de sua comunidade uma comunidade leitora da Bíblia? Imaginemos que uma igreja tivesse um plano de leitura congregacional da Bíblia combinada com a pregação no domingo, como aqui sugerimos; e imaginemos que a igreja fomentasse a leitura da Bíblia, não só entre os seus membros, como na sua comunidade inteira; periodicamente, distribuindo, nessa comunidade, folhetos que contivessem o seu plano de leitura bíblica, com eventuais convites para os cultos na igreja — que melhor método de evangelização poderia uma igreja ter? Se isto não é do interesse da **IGREJA**, de quem mais o será? Se isto não é dever do púlpito, então qual é o dever dele?

O Hábito de Ir à Igreja
Todo Domingo de Manhã
Como Ato de Culto a Deus

Todos os crentes devem ir à Igreja,
Cada domingo de manhã,
A menos que impedidos por doença
ou algum trabalho inevitável
Ou uma necessidade de alguma espécia.

Deve ser uma matéria de consciência
E um ato de culto.

São as igrejas
As mais importantes instituições
de qualquer comunidade.

O culto de domingo de manhã é
O meio principal de a Igreja fazer o seu trabalho;
É o **ACONTECIMENTO** da vida em comunidade.

Nada, jamais, acontece numa comunidade,
Tão importante para a vida da mesma,
Como os cultos regulares da igreja, domingo de manhã.

Toda comunidade deve amar suas igrejas,
E, nesse tempo marcado, afluir, em massa,
Para honrar Aquele em cujo nome a igreja existe.

QUAL SERIA O RESULTADO?

Na persuasão de que o púlpito seja fiel
E os cultos o que devem ser,
Se as igrejas se enchem, cada domingo de manhã,
A comunidade toma nota,
O trabalho evangelístico da igreja se faz,
Os problemas financeiros são resolvidos,
Os problemas missionários também.
Todo o programa da igreja se executa.

É a única coisa
Que fortalece as igrejas;
A única coisa de que depende a
Solução dos problemas que o protestantismo enfrenta.

Se todo o povo da Igreja Protestante
procurasse ser fiel
Neste único dever cristão fundamental,
A influência da Igreja seria incrementada
E a de Cristo, por quem a Igreja se bate,

MAIS DO QUE COM TODO O RESTO DAS
COISAS REUNIDAS, QUE A IGREJA
ESTÁ FAZENDO.

Para que existe a Igreja? Para **APRESENTAR CRISTO** ao povo. A Igreja não foi inventada pelos homens. Estes a têm usado, e também usado mal. Contudo, a Igreja foi fundada por Cristo. Cristo é o âmago da Igreja e seu Senhor. A Igreja existe para dar testemunho de Cristo. Cristo mesmo, não a Igreja, é o poder transformador da vida do homem. A missão da Igreja é exaltar Cristo, para que Ele execute Sua obra bendita no coração do homem.

O método da Igreja. REUNIR-SE, em nome de Cristo. A palavra "Igreja" significa "assembléia de pessoas chamadas". "Congregação", os que "concorrem" a um lugar. Para que realize seu trabalho nos corações dos homens, Cristo precisa estar amiúde na mente deles. Por isso, as reuniões da Igreja precisam ser freqüentes.

Com que freqüência? Semanalmente: No primeiro dia da semana: O dia do Senhor: o domingo. O Senhor mesmo assim ordenou. Parece, de Atos 20:6, 7, que Paulo teve de esperar, em Trôade, pelo "primeiro dia da semana" para reunir os discípulos. Deus instituiu a Igreja e designou, para ser o dia dela, o primeiro da semana. Toda a cristandade tem entendido assim e tem feito desse dia aquele em que cessam as atividades da vida.

A manhã do domingo. A princípio, em tempos de perseguição, e antes que o domingo fosse feito dia de descanso civil, os cristãos reuniam-se antes da aurora, ou depois que escurecia, ou quando podiam. Mas agora, o cristianismo veio a ser a religião estabelecida do mundo civilizado, e, uma vez por semana, o mundo cristão põe de lado suas ocupações ordinárias e, por um costume universal, a manhã do domingo é o tempo próprio da Igreja: é essa hora, de todas as horas da semana, que se dedica especificamente a Cristo para a promoção regular e em boa ordem de Sua obra.

Outras reuniões. Uma igreja bem organizada tem muitas reuniões, para vários grupos e finalidades. A Escola Dominical é seu auxiliar mais importante. Os cultos de domingo à noite, muito definidamente, têm seu lugar importante na vida da Igreja. Mas o que dizemos aqui é que toda a cristandade se une no reconhecimento da manhã do domingo como tempo próprio da Igreja; é quando ocorre a reunião central, a mais importante de todas, reunião distinta das outras, com uma preeminência toda sua, reunião de todo o público cristão, o centro, à volta do qual deve girar toda a maquinaria eclesiástica. E, embora que a muitas outras reuniões se possa ou não assistir, a assistência habitual, fiel, consciente, e por toda a vida, a esta reunião, **A MAIS IMPORTANTE** de todas, é um **DEVER CRISTÃO UNIVERSAL,** salvo se houver impedimento por doença ou necessidade.

O método não mudará nunca. A invenção da imprensa, que veio baratear e tornar abundantes as Bíblias e a literatura cristã, de modo que todos podem ler por si a respeito de Cristo; o advento do rádio e TV, que possibilitam à pessoa sentar-se em casa e ouvir sermões e cultos, estas coisas jamais excluirão a necessidade que se tem da Igreja. É o plano de Deus que o Seu povo, em todas as comunidades, pelo mundo inteiro, nesse tempo marcado, **SE REÚNA** dessa maneira pública, para honrar, assim, a Cristo, pùblicamente.

A lastimável situação presente. Normalmente, a assistência da manhã de domingo deve ser de quase cem por cento dos membros. Mas, de um modo geral, considerando a situação atual, se as congregações da manhã de domingo fossem contadas e extraída a média, cada domingo do ano, inverno e verão, chovesse ou fizesse sol, achar-se-ia, provavelmente, que a congregação média da manhã de domingo, de uma igreja protestante média, em nosso país (EE. Unidos), oscilaria entre um têrço e um sexto do número daqueles que a igreja diz que são seus membros. **É ESTA A FRAQUEZA FUNDAMENTAL DO PROTESTANTISMO.** Indiferença para com a instituição que representa Cristo, no seu principal modo de funcionar, é, sem dúvida, o maior obstáculo ao progresso da obra de Cristo.

A congregação da manhã de domingo é a justa medida do interesse do povo por sua igreja. Seu interesse pela igreja é a justa medida do seu interesse por Cristo. Queiramos ou não, nossa atitude para com a igreja na manhã de domingo é índice de nossa atitude para com a influência de Cristo em nossa comunidade. Se somos fiéis, com isto, O ajudamos. Se indiferentes, magoamo-Lo.

"Ir como ato de culto." Com isto, queremos significar o motivo que nos incita a ir; o que temos em mente e o que nos impele. Ir por uma questão de princípio cristão comum, ato de consciência para com Deus, obrigação para com Cristo, não cogitando, especialmente, de quem possamos ver, na igreja, nem do que possamos ouvir; ir, se assim for necessário, a despeito do que esperemos ouvir, achando nossa principal satisfação na idéia de que estamos cumprindo nosso dever para com Deus.

Naturalmente, isto implica que procuraremos ser pontuais; que deixaremos os últimos assentos para os retardatários; que não nos instalaremos numa extremidade do banco, dificultando a passagem de outras pessoas; que permaneceremos quietos, corteses, reverentes, atentos e interessados.

"Tão pouco de Cristo nos cultos", diz alguém, "os cultos tão pobres, tão pouca religião na música, nos sermões, tão pouca coisa digna de se ouvir, tantas coisas que, para ouvi-las, ninguém precisa de ir à igreja, tão pouco ensino bíblico, tão pouca ajuda espiritual, — como podemos pensar que, indo à igreja, vamos **POR AMOR A CRISTO,** quando, não raro, há tão pouco de Cristo nos cultos?" Bem, temos, infelizmente, de dizer que tudo isso é muito verdade. Não obstante, é o trabalho de Cristo, embora feito por mãos que não passam de humanas, lastimavelmente indignas e ineficientes. Com todas as suas falhas, a média dos nossos cultos, numa igreja protestante média, tem sua utilidade; e se nos conservarmos numa atitude correta de espírito, esses cultos nos farão bem.

A Escola Dominical e a Igreja. A Escola Dominical é, decididamente, o departamento mais importante do trabalho da Igreja. É erro tremendo

uma igreja negligenciar as crianças de sua comunidade. Como é glorioso ser um bom professor da E.D., e ajudar a apascentar as crianças! Entretanto, a E.D. existe para servir à Igreja, e não para substituí-la. Educação religiosa que não prende a criança à Igreja não é digna deste nome. Se as crianças não formarem o hábito de ir à Igreja enquanto estão na E.D., poderá acontecer que nunca mais o formem.

Grupos e reuniões subsidiários. As igrejas, para serem eficientes, precisam ser bem organizadas. Muito trabalho cristão pode ser melhor realizado em grupos menores. Mas não se deve permitir que a lealdade ao grupo suplante a lealdade à igreja. Não se deve considerar a assistência à reunião do grupo como substitutivo da assistência ao principal culto da igreja. A manhã do domingo é o tempo próprio da Igreja; e a atividade, em qualquer forma de trabalho cristão, não pode, com propriedade, ser considerada desculpa bastante para alguém se ausentar do culto de domingo de manhã, a não ser em caso de necessidade.

O Rádio. Não é melhor ficar em casa e ouvir pelo rádio um bom sermão do que ir à igreja e ouvir um sermão desenxabido? **NÃO** na manhã do domingo. Vamos à igreja, não para ouvir sermões, mas como ato de culto a Deus, e, enquanto lá, estamos sujeitos a ouvir sermões, algumas vezes a aturá-los. O rádio não é desculpa para se fugir deste dever cristão. Demais disto, os sermões pelo rádio não são melhores do que os sermões ouvidos nas igrejas.

Não basta ser mais ou menos assíduo? NÃO. Ao grande número dos que são *mais ou menos* assíduos é que cabe resolver a presente situação lastimável. Se se tornassem cem por cento assíduos, nossas igrejas transbordariam cada domingo. Isto significaria poder para a Igreja. Todos os domingos pertencem a Cristo: **TODOS.** A grande necessidade do protestantismo é nosso povo fazer do caso uma questão de consciência antes que de conveniência.

As desculpas e razões que membros de igreja apresentam para não sine-se, insistente e constantemente, do púlpito, na Escola Dominical, que é de ir." "Não vejo necessidade." "Prefiro dormir." "Prefiro ficar por aqui e ler jornal." "Prefiro passear de automóvel." "Prefiro fazer visitas." "Prefiro receber visitas em casa." "Na hora do culto, prefiro jogar golfe." "Tenho uma alma romântica, e na hora do culto prefiro sair a um bosque e fazer companhia aos pássaros, aos regatos e às flores." Etc., etc., etc. Tudo isso, somado, dá **INDIFERENÇA;** é a espécie de membros de Igreja que Cristo "vomitará de sua bôca".

Trabalho no domingo. Algumas pessoas precisam de trabalhar na hora do culto. Tratando-se dos tais, pensamos que Deus aceita a assistência deles a algum outro culto em substituição do culto da manhã do domingo.

Como Fazer Que o Povo Observe

Coloque-se a coisa na base de **CULTO,** e **AJA-SE** neste sentino. Ensine-se, insistente e constantemente, do púlpito na Escola Dominical, que é um **DEVER** cristão para com **DEUS,** da infância à velhice, estar na igreja, se possível, no domingo de manhã. É apenas uma questão de ensino, ensino, **ENSINO.**

Depois, dirija-se o culto como se fosse um culto de **ADORAÇÃO.** A igreja é a casa de **DEUS.** Deus lá está. Dê-se à **PALAVRA DE DEUS** o lugar que lhe compete. Faça-se a congregação tomar parte. A congregação **CANTE** louvor a Deus.

Este Manual Contém
Duas Profundas Convicções:

1. Todo crente deve ter consciência do valor da **LEITURA BÍBLICA REGULAR** e da **ASSIDUIDADE NA IGREJA**.

2. Os cultos regulares da Igreja devem consistir, principalmente, em **ENSINO BÍBLICO** e **CÂNTICO CONGREGACIONAL.**

Sugere-se a seguinte resolução

Que Todos Devem Tomar em Seu Coração:

CRENDO QUE

Cristo fundou a Igreja;
Que a Igreja Existe
Para propagar a Influência de Cristo;
Que o método de a Igreja fazer isso
É reunir-se, freqüentemente, em nome de Cristo;
Que é dos planos de Deus que essa freqüência seja semanal,
E para isto nos deu um dia,

O DOMINGO, DIA DO SENHOR;

E visto que o uso comum consagra
A manhã do domingo como o tempo próprio da Igreja,

PROMETO QUE

Enquanto eu viver, esteja onde estiver,
A menos que impedido por doença ou necessidade,
DOMINGO de Manhã irei à IGREJA,
Procurando fazê-lo por um só motivo: por Cristo.
PROCURAREI SER PONTUAL,
ESTAR COM Reverência

E

Toda a minha vida ser um
LEITOR DA PALAVRA DE DEUS

O Culto Domingo de Manhã

O culto da igreja, domingo de manhã, é, geralmente, reconhecido como o principal modo de a mesma expressar-se à sua comunidade. Fielmente freqüentado e dirigido com propriedade, deve ser um meio de todo eficiente e suficiente de realizar a maior parte daquilo que, para realizar, a igreja existe.

Um culto de domingo de manhã regularmente bom é, indiscutivelmente, **A MAIOR BÊNÇÃO QUE UMA COMUNIDADE PODE TER.** Não é possível exagerar sua importância.

Assistimos a ele como ato de culto a Deus. Entretanto, incumbe aos que o dirigem, fazê-lo o mais útil, mais interessante e mais belo possível.

Suas duas características mais importantes são o cântico congregacional e a instrução na Palavra de Deus.

A leitura da Escritura, como é feita de ordinário, ocupa lugar muito diminuto, enquanto que todo o culto gira em torno do sermão. Que engano! O sermão é que é a grande coisa? A leitura da Escritura tem pouca relevância? Comumente, uns poucos versículos, lidos de modo muito inexpressivo no começo do culto, depois do que pronunciam o chavão, "queira o Senhor abençoar a leitura de Sua Palavra." Que afronta! Pedir ao Senhor que abençoe aquilo que o pregador mesmo considera de tão pouca importância! Tantas vezes o povo é tentado a pensar que a Igreja não é a Casa de Deus, mas a casa do pregador.

Seria muito melhor se, em lugar de um ritual breve e isolado, na abertura do culto, a leitura da Escritura fosse combinada com o sermão, formando a base, o arcabouço, a estrutura e o coração dele, pondo-se, assim, a Palavra de Deus, na dianteira, e o pregador mais ou menos atrás.

A leitura responsiva não é um substitutivo adequado da leitura da Escritura. Nem tem lá grande valor, além de ser um meio de a congregação participar do culto. A mesma Escritura pode ser lida com muito maior proveito pelo ministro. Quanto à participação da congregação no culto, o melhor meio para isso é, decididamente, o cântico congregacional.

As orações. O culto da manhã do domingo é de adoração, oração, ação de graças e louvor a Deus. Devemos reter isto em mente, e ir à igreja no espírito de oração, procurando, durante o culto, manter-nos nesse espírito.

Orações longas não são necessárias. Tendem a afastar a congregação do espírito de oração. Algumas orações curtas, intercaladas noutras partes do culto, servem mais.

Muitos hinos são orações e as mais eficazes, aliás. Suaves acordes de hinos de oração, pelo órgão, podem servir como expressão da oração da assistência.

A oração do ministro nunca deve ser uma paráfrase do hino que se acabou de cantar; dá para se pensar que ele está vazio de idéias próprias. Nem deve ser um sermão, aos ouvidos de Deus, para o povo.

A oração deve ser pronunciada num espírito de petição humilde. Temos ouvido orações proferidas com afetação, não em espírito de humildade, mas em tom autoritário, não parecidas com oração, porém com ordens de comando, que ditam a Deus como deve proceder.

Não tem muita importância se as orações são lidas, ou improvisadas. Certo que uma boa oração bem lida é melhor do que outra em que o ministro mal preparado parece não saber o que dizer.

Uma hora. Uma ou outra vez, cultos de natureza especial podem exigir mais tempo. Mas, para os cultos regulares, assistidos pela mesma gente, semana após semana, ano após ano, a ouvir o mesmo pregador, uma hora é bastante longa, tanto mais porque muitos, dessa mesma gente, assistem a outros cultos no mesmo dia. Vinte minutos para o cântico congregacional, vinte minutos para o sermão, e vinte minutos para orações, ofertas, anúncios, etc.

Se todas as partes do culto forem bem preparadas e eliminado todo tempo perdido com falatórios inúteis e tudo mais sem valor, e, se ao cântico congregacional e ao ensino bíblico for dado o devido lugar, o culto pode se tornar belo e útil, uma hora preciosa na vida do povo.

A MÚSICA

O cântico congregacional, depois do ensino bíblico, é a **MELHOR FACETA** de um culto religioso, o meio mais eficaz de pregar o evangelho. Uma igreja que canta tem sempre boa assistência. O povo aprecia ouvir uma igreja que **CANTA** e um púlpito que **ENSINA.**

Moisés cantava e dirigia o povo no canto. Miriã cantava. Débora e Baraque cantavam. Davi cantava e escrevia salmos para serem cantados. Jesus e os Doze Cantavam. Paulo e Silas cantavam. Os anjos cantam. No céu **TODOS** cantarão.

O poder do cântico popular. Foi o cântico público dos hinos de Lutero que levou sua pregação por toda a Europa central, e impeliu o mundo para a Reforma. Foi o cântico que fez o grande reavivamento do povo gaulês. Pode haver reavivamento sem ele? O melhor meio, hoje, de rejuvenescer igrejas mortas ; injetar-lhes vida, fazendo-as **CANTAR.**

Mais cântico congregacional. O cântico de poucos hinos constitui a maior falha da média dos cultos de domingos de manhã. Deve-se dar, aos hinos, **DEZ** vezes mais tempo. Não há tempo para tanto? Bem, encurtem-se os sermões, omitam-se algumas encenações do coro, e dê-se tempo ao cântico congregacional. Uma reunião de cantar hinos, numa outra hora, a que a maioria do povo não pode assistir, não é substitutivo. **O CÂNTICO CONGREGACIONAL** tem direito a um lugar no culto regular de domingo de manhã e não deve ser preterido por um coro ambicioso ou um pregador prolixo. Tem direito a **UM TERÇO** ou à **METADE** do culto.

Um culto contínuo de hinos é melhor do que um interrompido, contìnuamente, com observações feitas pelo dirigente, ou com a leitura de uma estrofe, ou com outras partes do culto. Isso tira o efeito. Não se faça outra coisa senão cantar, durante vinte ou trinta minutos, de modo a se permitir uma impressão. O povo gosta mais de cantar do que de ouvir as observações do dirigente. **CANTAR** é o que vale, e não a eterna interrupção da **CONVERSA** do regente.

Cantem-se os mesmos hinos muitas vezes. Só em cantá-los muitas vezes pode o povo familiarizar-se com eles. Os hinos que conhecemos são os que amamos. E nunca nos cansamos de cantar os hinos que amamos, nunca. Cantem-se, repetidamente. Uma igreja que faz isto não precisa pedir ao povo que venha ao culto. O povo não faltaria de modo algum, em tais condições.

Decorem-se os hinos. Uma congregação deve ser ensinada a decorar os hinos que canta muitas vezes, pelo menos alguns versos. Cantarão melhor, e sentirão mais profundamente o espírito e o poder daquilo que cantam. Isso dará poder ao culto.

Exercitem-se as crianças a cantar hinos e a decorá-los. É a melhor educação religiosa. Promoverá seu desenvolvimento espiritual e tenderá a ligá-las à Igreja por toda a vida.

Regentes de cânticos. As igrejas, em geral, têm tão pouco cântico congregacional que não designam ninguém para reger os poucos hinos anunciados. Resultado: o cântico congregacional, a coisa que é a principal expressão de seu louvor a Deus, não raro, é pouco mais do que uma farsa.

Coros. O que um bom coro pode significar para o culto vai além do que se possa imaginar. Mas, depende do que ele canta. Quantas vezes temos ouvido coros cantar coisa que nada acrescenta ao valor **RELIGIOSO** dos cultos!

Mas, é melhor o povo **CANTAR** do que ouvir cantar.

POR QUE NÃO FAZER UM CORO DA CONGREGAÇÃO INTEIRA? Sob a regência de alguém competente, os hinos de uma vasta congregação podem aumentar seu volume de som e parecer com o bramido do oceano.

A Pregação

A pregação é o mais importante ministério da Igreja. A Palavra falada jamais será suplantada como principal agência da extensão do Evangelho de Cristo. Todavia, a pregação deve ser **ENSINO,** mas não empolado. **O PÚLPITO** é a **AGÊNCIA** de **ENSINO** da Igreja. Em outras palavras: há muita declamação, e não bastante ensino.

Sermões de textos. Alegorizar, metaforizar, inventar assunto fantasioso para um versículo ou frase bíblica, repeti-lo muitas vezes, mexer com ele, variando-lhe o sentido, usá-lo como pretexto para dar um lustro de autoridade bíblica às idéias próprias do pregador sobre a verdade cristã. Esse é um tipo de pregação muito disseminado em nossas igrejas. O povo leva a vida inteira a ouvir tal pregação e permanece em abismal ignorância da Bíblia. Algumas vezes, ficamos a pensar se os pregadores julgam que seus auditórios são inteiramente vazios de inteligência.

Sermões expositivos como método, ou técnica da proclamação da verdade da Palavra de Deus é muito superior à técnica dos sermões de texto. O sermão expositivo, de ordinário, tem como assunto um trecho razoável da Escritura, um capítulo, ou parte de um capítulo, ou um grupo de capítulos, ou um livro, ou secção de livro, e apresenta os principais fatos e lições da passagem escolhida. Isto é verdadeira pregação. Pelo menos tem a aparência de dar, à Palavra de Deus, o seu lugar de autoridade.

Contou-nos, uma vez, certo ministro, que ouvira Spurgeon, Beecher, Phillips Brooks, Joseph Parker, e todos os notáveis pregadores da geração passada, que o mais poderoso sermão que já tinha ouvido em sua vida fora pregado por Alexandre Whyte, o grande pregador escocês, que, no seu sermão, leu, simplesmente, a Epístola aos Filipenses, fazendo, aqui e ali, um comentário. Que lição para os nossos pregadores de hoje! Mas,

qualquer pregador que se atire a pregar assim, procure, sem falta, gastar bastante tempo em preparar-se.

Um dos melhores sermões que nós mesmos já ouvimos foi sobre um capítulo da Epístola aos Efésios. O ministro que o pregou, disse-nos, depois, que, preparando-se para ele, lera aquele capítulo mais de **CEM VEZES**, estudando seus grandes pensamentos, escrevendo-os, pondo-os em ordem, tornando a pô-los em ordem, condensando, tornando a escrever, até lhes dar a forma definitiva para a pregação. Não admira que o seu auditório ficasse encantado.

Grande classe bíblica, o culto de domingo de manhã. Por que não? Que coisa melhor podia ser? Se um pastor tivesse uma congregação de leitores da Bíblia, como sugerimos nas págs. 724 a 729; e se a congregação tivesse um pastor, que, em seus sermões, quisesse cooperar com ela, dando-lhe amorosa instrução na Palavra de Deus, com o passar do tempo, que bênção seria!

Vinte minutos. Há ocasiões especiais, de vez em quando, em que se justificam sermões mais longos. Mas nos cultos regulares da igreja, onde quase sempre é o mesmo pessoal que assiste e tem ouvido o mesmo pregador, semana após semana, mês após mês, e ano após ano, vinte minutos bastam para o sermão.

Ginástica no púlpito. Muitas pregações são mal preparadas, e feitas com um esforço de super-ênfase, com gritos, saltos, rodopios, excitação, agitação de braços, socos no ar, como numa luta de boxe. Isto não é, absolutamente, necessário. Um espírito de simples humildade convém muito mais a um pregador de invectivas fogosas. Por mais que se gesticule, isso não redime a falta de **IDÉIAS.**

Sermões escritos. Se o ministro não é capaz de aprender a falar sem hesitação e sem repetições, será melhor que escreva os seus sermões e os leia. Um sermão bem escrito e bem lido pode ser apresentado com tanto poder como os improvisados. Surpreende ver quanto se pode condensar em pequeno espaço quando o assunto é trabalhado, continuamente, escrito e reescrito muitas vezes.

APÊNDICE

Sumário das Descobertas Arqueológicas

Mencionadas neste Manual

Dispostas, não por tópicos, mas na ordem das passagens bíblicas com as quais se relacionam, na seqüência bíblica dessas passagens.

A Escrita. A crítica moderna concebeu a teoria de que a escrita não era conhecida nos dias de Moisés, e que os primeiros livros do A.T. só poderiam ter sido escritos muito tempo depois dos fatos neles registrados, e que, por isso, encerram somente lendas que foram transmitidas oralmente. Essa teoria sagaz, largamente aceita em certos círculos intelectuais, tem sido uma das investidas mais insidiosas que já se fizeram à fidedignidade histórica da Bíblia. Mas, graças a Deus, no decurso do século passado, centenas de milhares de livros, escritos em barro e tabletes de pedra, séculos e até milênios anteriores a Moisés, têm sido desenterrados pela pá dos arqueólogos, mostrando, assim, que mesmo os mais primitivos eventos bíblicos podiam ser registrados por escritores contemporâneos. Ver págs. 42-57.

Escritos antediluvianos têm sido encontrados nas ruínas de Ur, Quis e Fara. Ver pág. 44.

Vastas bibliotecas pré-abraâmicas têm sido encontradas nas ruínas de Ur, Nipur, Lagás e Sipar. Ver págs. 46-49.

O "Documento Histórico" mais antigo que se conhece (registro de um evento contemporâneo), escrito logo após o dilúvio, foi achado, 1923, por Woolley, em Obeide, perto de Ur. Ver pág. 46.

O prisma dinástico de Weld, o mais antigo Esboço de História Universal conhecido, escrito talvez um século antes de Abraão, foi achado, 1922, em Larsa, pela Expedição Weld-Blundell. Ver pág. 49.

Acade, uma das cidades de Ninrode, Gn 10:10, também se chamava "Sipar", que significa "Cidade dos Livros", indicando que era conhecida como um famoso centro literário. Ver pág. 48.

O Código de Leis de Hamurabi, insculpido, nos dias de Abraão, em grande bloco de pedra, erigido, originalmente, em Babilônia, achou-se em 1902, em Susã, por uma expedição francesa. Ver págs. 50-51.

Sala de Aulas, dos dias de Abraão, em Ur, com quantidades de placas (tabletes) de exercícios de matemática, gramática, história e medicina, possìvelmente, a própria escola freqüentada por Abraão, foi desenterrada. Ver págs. 50-51.

Notar que os lugares mencionados, onde esses primitivos escritos foram encontrados — Ur, Quis, Fara, Nipur, Lagás, Sipar, Larsa, Acade e Susã — ficavam todos na região do Jardim do Éden. Ver págs. 64, 65.

No Egito, milhares de inscrições foram achadas, de mil anos antes de Moisés. Ver págs. 52-53.

As placas de Tel-el-Amarna, 400 delas, cartas, escritas por volta do tempo de Moisés, por vários reis da Palestina e Síria, aos Faraós do Egito, foram achadas, em 1888. Ver pág. 53.

Escrito alfabético, feito por volta de 1800 a.C., 400 anos anos antes de Moisés, foi achado em 1905, por Petrie, em Serabite, no Sinai. Ver pág. 54.

Escritos alfabéticos da Palestina, do período entre Abraão e Moisés, foram achados nas ruínas de Siquém, Gezer, Bete-semes, Laquis e nas cidades hetéias do norte da Palestina. Ver págs. 54-55.

O nome "Quiriate-Séfer", cidade perto de Hebrom, significa "Cidade de Escribas", indicando que era um centro literário. Ver pág. 51.

A Pedra Behistun, chave da antiga língua babilônica, foi descoberta em 1835, por Sir Henry Rawlinson. Ver pág. 43.

A Pedra Roseta, chave da antiga língua egípcia, foi descoberta em 1799, por Boussard. Ver pág. 52.

Assim, enquanto homens ilustrados proclamavam, alto e bom som, que, a ESCRITA só apareceu muito depois do tempo de Moisés, Deus, em Sua providência, usou a pá dos arqueólogos para trazer a lume centenas d. milhares de livros, escritos muito antes de Moisés. E não só isto, como esses mesmos livros, em muitos pontos, confirmam os relatos bíblicos.

A Criação, Gn 1. Histórias Babilônicas da Criação, muito parecidas com a narrativa do Gênesis, foram achadas, em placas primitivas, nas ruínas de Babilônia, Nipur, Assir e Nínive, mostrando que as idéias do Gênesis tinham-se arraigado, profundamente, no pensamento dos mais primitivos habitantes da terra. Ver pág. 60.

O Monoteísmo original, Gn 1. A idéia do Gênesis, de que o homem começou crendo em um Deus, e que a idolatria politeísta desenvolveu-se daí posteriormente, tem sido confirmada em inscrições achadas por Langdon, em camadas antediluvianas, em Jemdet Nasr, perto de Babilônia. No Egito, Petrie encontrou indícios de que a primeira religião do Egito foi monoteísta. Ver pág. 62.

O Jardim do Éden, Gn 2. Hall e Thompson, do Museu Britânico, acharam, em 1918, indícios de que Eridu, local tradicional do Éden, possìvelmente, foi a primeira cidade que já se construiu. Ver págs. 62, 65.

A queda do homem, Gn 3: "O Sinete da Tentação." Uma placa babilônica antiga foi achada, retratando numa gravura exatamente o que o Gênesis relata em palavras. No centro, vê-se uma árvore, de um lado, um homem, do outro, uma mulher tirando um fruto, e, atrás da mulher, uma serpente ereta, parecendo cochichar-lhe. Ver pág. 67.

"O Sinete de Adão e Eva." Este foi achado, em 1932, em Tepe Gawra, perto de Nínive, por Speiser, que o datou de cerca de 3500 a.C. Mostra um homem e uma mulher nus, andando curvados, parecendo acabrunhados, e seguidos de uma serpente. Ver pág. 68.

O Primitivo uso dos metais, Gn 4:21,22. Aí se diz que instrumentos de cobre e de ferro foram inventados quando Adão ainda vivia. Até há pouco, o emprego mais antigo do ferro, que se conhecia, datava de 1200 a.C., mas, em 1933, Frankfort descobriu, nas ruínas de Asmar, perto de Babilônia, uma lâmina de ferro, feita por volta de 2700 a.C., fazendo, assim, recuar o uso conhecido desse metal para muito mais perto do princípio da história humana. Instrumentos de cobre têm sido achados nas ruínas de cidades antediluvianas. Ver págs. 69, 71.

A Longevidade primeva, Gn 5. Neste cap. há uma relação de dez pessoas que alcançaram idade muito avançada, cobrindo o período de Adão ao dilúvio. Placas babilônicas primitivas foram achadas, as quais referem dez reis antediluvianos, com a declaração de quantos anos cada um reinou.

Embora sejam figuras fabulosas, mostra, no mínimo, que havia tradições antigas de que que os primeiros habitantes da terra viveram muito. Ver págs. 70, 71.

O dilúvio, Gn 6-9. Histórias Babilônicas do Dilúvio, muito semelhantes à narrativa do Gênesis, foram achadas em muitas placas, preparadas logo depois desse cataclisma. Repetidamente, ocorrem, nessas placas, expressões como estas: "a era antes do dilúvio", "os escritos do tempo antes do dilúvio." Como explicar isso, a não ser que houve um dilúvio? Ver págs. 75, 76.

Outrossim, os sedimentos do dilúvio foram de fato achados, em quatro diferentes lugares. Em Ur, 1929, Woolley encontrou uma camada de barro sedimentado, em cima das ruínas de uma cidade mais primitiva. Em Quis, 1928-29, Langdon encontrou uma camada semelhante, e, debaixo dela, um coche, muito bem conservado, de antes do dilúvio, com quatro rodas de madeira e pregos de cobre. Em Fara, residência tradicional de Noé, Schmidt encontrou, em 1931, uma camada de barro limpo depositado por água, e, debaixo dela, relíquias dos seus habitantes antediluvianos. Em Nínive, 1932-33, Mallowan encontrou camadas de lama viscosa e areia de rio, perto do fundo do grande cômoro, que devem ter sido depositadas ali pela água, havendo diferença distinta entre a cerâmica de sob a camada molhada e a de cima desta. Tudo isto parece evidência palpável de que realmente houve uma coisa tal como o dilúvio bíblico. Ver págs. 77-79.

A Torre de Babel, Gn 11:1-9. Inscrições foram achadas, que parecem identificar o local dessa Torre. Ver pág. 83.

Ur, cidade de Abraão, Gn 11:28-31. Suas ruínas foram todas escavadas por Woolley, 1922-34. Nos dias de Abraão, era a cidade mais magnífica do mundo. Grande parte das ruínas da camada pertencente à época de Abraão foi desenterrada, de modo que as mesmas ruas em que Abraão andava podem ser vistas hoje. A história inteira da civilização e da religião em que Abraão se criou foi trazida a lume. Ver págs. 87, 88, 94.

A Visita de Abraão ao Egito, Gn 12:10-20, pensa-se que, possivelmente, foi retratada no túmulo de um dos Faraós. Ver pág. 95. Tôda a história admirável da primitiva civilização do Egito e suas relações com a história bíblica, foi desvendada nos milhares de inscrições que então se fizeram, as quais foram descobertas e decifradas nos tempos modernos. Ver págs. 89-92.

A Batalha de Hamurabi com Abraão, Gn 14:1-16. "Anrafel", v. 1, é comumente identificado pelos arqueólogos com Hamurabi, a descoberta de cujo famoso Código de Leis tornou o seu nome muito nosso conhecido. O prestígio de Abraão deve ter sido grandemente aumentado pelo fato de haver travado combate com o mais célebre rei daquela época, e de o ter vencido.

O "Caminho dos Reis", Gn 14:5,6. Albright, que considerara lendárias as cidades aí mencionadas, porque ficavam muito a leste das rotas comerciais conhecidas, descobriu, em 1929, uma linha de grandes cômoros, ruínas de cidades que floresceram por volta de 2000 a.C., indicando que fora aquela uma região bem povoada nos tempos de Abraão, na rota comercial direta entre Damasco e Sinai. Ver pág. 96.

Cidades patriarcais, mencionadas no Gênesis, em conexão com Abraão: Siquém, Betel, Ai, Gerar. Os críticos, que negavam a existência histórica de Abraão, negavam, também, a existência dessas cidades naquela época. Mas Albright e Garstang encontraram fragmentos de louça de barro, de

mais ou menos 2000 a.C. no fundo das ruínas delas, mostrando que existiam naquele tempo. Ver pág. 98.

Destruição de Sodoma e Gomorra, Gn 18,19. Albright e Kyle, em 1924, encontraram, na curva sudeste do Mar Morto, grandes quantidades de relíquias de um período datando de 2500 a.C. a 2000 a.C., com evidência de população densa, região "como o jardim do SENHOR", Gn 13: 10; viram que essa população acabou, de súbito, por volta de 2000 a.C., e que, desde então, ficou desolada, índice de que foi destruída por algum enorme cataclisma. Esta é, com efeito, uma evidência muitíssimo impressionante e irresistível da veracidade histórica da narrativa que a Bíblia apresenta dessas duas cidades. Ver págs. 96, 97.

José e a mulher de Potifar, Gn 39. Uma história, chamada "História de Dois Irmãos", escrita no reinado de Seti II, é tão parecida com a de José que o editor da versão inglêsa da "História do Egito", de Brugsch, supunha que foi escrita à vista dos anais de José, que deviam estar arquivados na corte egípcia. Ver pág. 104.

Palácio de José em Om, Gn 41:45. Sir Flinders Petrie, em 1912, descobriu as ruínas deste palácio. Ver pág. 105.

Os sete anos de fome, Gn 41:64-57. Brugsch, em seu livro "O Egito dos Faraós", fala de uma inscrição contemporânea a que ele chama "confirmação *muito notável e luminosa" da narrativa bíblica dos sete anos de fome*. Ver pág. 105.

Moisés e Faraó, Êx 1-12. Há alguma diferença de opinião sobre qual foi esse Faraó com quem Moisés teve de tratar. Mas, fosse quem fosse, seu corpo mumificado foi descoberto, de modo que se pode hoje, olhar para o próprio rosto do Faraó a quem Moisés desafiou. Isto, certamente, acrescenta uma pincelada de realidade à história de Moisés. Ver págs. 110-113.

A filha do Faraó, Êx 2:1-10, que criou Moisés, pensa-se, geralmente hoje, que foi a famosa rainha Hatchepsute, quem fez um dos maiores governos do Egito. Sua estátua e as ruínas de muitas de suas grandes obras foram descobertas; o próprio Moisés pode ter superintendido a construção de algumas. Ver págs. 108, 111, 115.

Tijolos com e sem palha, Êx 1:11; 5:7-19; Naville, 1883, e Kyle, 1908, encontraram, em Pitom, as carreiras inferiores de tijolos bem misturados de boa palha picada, as carreiras do meio com menos palha, e as de cima sem palha alguma. Admirável confirmação de Êx 5:7-19. Ver pág. 117.

A Morte do primogênito do Faraó, Êx 12:29. Fosse o Faraó Amenotepe II, fosse Merneptá, devendo ser um ou outro o Faraó do Êxodo, acharam-se inscrições dizendo que nem um nem outro foi sucedido pelo filho primogênito, o que parece evidência de que algo deve ter acontecido a esse primogênito. Ver pág. 119.

O nome de Josué, Js 1:1, ocorre em uma placa de Amarna, escrita da Palestina ao Faraó. Referindo-se ao destroço do rei de Pela, diz — "Pergunte a Benjamim. Pergunte a Tádua. Pergunte a Josué." Ver pág. 148.

A casa de Raabe, sobre o muro, Js 2:15. Garstang encontrou, em Jericó, as ruínas de muros duplos, 5 m separados um do outro, ligados entre si por casas atravessadas em cima deles, mostrando que havia casas construídas "sobre o muro". Ver pág. 150.

Os muros de Jericó "ruíram", Js 6:20. Garstang encontrou evidência de que Jericó foi destruída cerca de 1400 a.C., data de Josué, e que os muros

caíram para o lado de fora, de colina abaixo. Josué "queimou a cidade a fogo", Js 6:24. Garstang encontrou a camada de cinzas deixadas pelo incêndio ateado por Josué. Israel recebeu ordem de "não tocar nas coisas condenadas", Js 6:18. Garstang encontrou debaixo da camada de cinzas uma abundância de gêneros alimentícios — trigo, cevada, tâmaras e outras coisas — tudo carbonizado, evidência de que os vencedores evitaram apropriar-se dos alimentos. Ver pág. 150.

Ai e Betel destruídas. Js 8:1-29. Albright achou no cômoro de Betel, e Garstang no de Ai, evidências de que foram destruídas por fogo, num tempo que coincidiu com a invasão de Josué. Ver pág. 152.

Laquis, Js 10:32, nomeia-se entre as cidades que Josué destruiu. A Expedição Arqueológica Wellcome encontrou, em 1934, grande camada de cinzas deixadas por um incêndio do tempo de Josué. Ver pág. 154.

Debir, Js 10:39, também é mencionada entre as cidades que Josué destruiu. Aí, uma expedição do Seminário Xênia e a Escola Americana de Jerusalém encontrou profunda camada de cinzas e carvão, com evidência de que o incêndio foi do tempo de Josué. Ver pág. 154.

Hazor, Js 11:10,11, igualmente, vem mencionada entre as cidades incendiadas por Josué. Garstang encontrou as cinzas deste incêndio, com evidência da cerâmica de que ocorreu no tempo de Josué. Outrossim, uma placa (tablete) de Amarna, escrita a Faraó, 1380 a.C., do norte da Palestina. diz — "Lembre-se, meu senhor, do que Hazor e seu rei já tiveram de suportar." Ver pág. 154.

A Destruição dos cananeus, Dt 7:2; 20:17. Deus mandou Israel destruir, completamente, os cananeus. Escavações nas ruínas de Gezer, Quiriate-Séfer e outras cidades cananéias, que revelaram a degradação vergonhosa e repugnante da religião e da civilização dessas cidades, fizeram os arqueólogos se admirar de que Deus não as tivesse destruído há mais tempo. Ver pág. 157.

Ferro na Palestina, Jz 1:19. Parece, desta e outras passagens semelhantes, que os cananeus e filisteus tiveram ferro durante o período dos juízes. Mas só apareceu, esse metal, entre os israelitas, no tempo de Davi 2 Sm 12:31; 1 Cr 29:7. Escavações têm revelado muitas relíquias de ferro, de 1100 a.C. na Filístia, porém nenhuma na região montanhosa da Palestina, antes de 1000 a.C. Ver pág. 159.

Os cananeus oprimem Israel, Jz 4:3. Uma placa ornamental do 12º Século a.C. foi encontrada nas ruínas de Megido, representando o rei cananeu a receber cativos israelitas. Ver pág. 160.

A vitória de Débora sobre os cananeus, Jz 4:23,24; 5:19, em Megido. O Instituto Oriental encontrou, em 1937, nas ruínas de Megido, no estrato correspondente ao 12.º Século a.C., indicações de uma tremenda conflagração, na parte superior da camada de relíquias cananéias, evidência de uma tremenda derrota dos cananeus, por esse tempo, que foi a época de Débora e Baraque. Ver pág. 160.

Covas de esconder cereais, do tempo de Gideão, Jz 6:2-4,11. Algumas dessas covas de cereais foram encontradas, 1926-28, em Quiriate-Séfer, por Albright e Kyle. Ver pág. 162.

Abimeleque destrói Siquém, Jz 9:45. Sellin, 1913-14, 1926-28, encontrou, nas ruínas da antiga Siquém, evidência da ocupação, pelos israelitas, dessa cidade, destruída por volta do Século 12 a.C.; e, nessa camada, ele achou as

ruínas de um templo de Baal, que se acredita fosse o mesmo mencionado em Jz 9:4. Ver pág. 162.

O incêndio de Gibeá, Jz 20:40. Albright encontrou, 1922-23, nas ruínas de Gibeá, uma camada de cinzas de um incêndio do Século 12 a.C. Deve ter sido esse mesmo incêndio. Ver pág. 163.

Siló, 1 Sm 1:3; 2 Sm 6:15; Js 18:1; Jr 7:12-15. Estas passagens indicam que Siló foi importante cidade, de Josué a Davi, 1400-1000 a.C. e que foi, então, destruída. Uma expedição dinamarquesa, 1922-26, encontrou fragmentos de louça de barro, de 1200-1000 a.C., com indícios de cultura israelita e nenhuma evidência de ocupação posterior até cerca de 300 a.C. Ver pág. 167.

Casa de Saul em Gibeá, 1 Sm 10:26. Albright, 1922-23, encontrou, em Gibeá, no estrato correspondente a 1000 a.C., as ruínas de uma fortaleza que deve ter sido essa casa. Ver pág. 168.

Templos de Astarote e Dagão, 1 Sm 31:10; 1 Cr 10:10, nos quais puseram a cabeça e as armas de Saul, em Bete-Seã. O Museu da Universidade da Pensilvânia encontrou, 1921-30, em Bete-Seã, no estrato de 1000 a.C., as ruínas de um templo de Astarote e um de Dagão, os quais devem ter sido os templos em apreço. Ver pág. 171.

O canal, 2 Sm 5:8, pelo qual os homens de Davi conseguiram penetrar em Jerusalém. Esse túnel, aberto em rocha viva, foi descoberto em 1866, por Warren, da "Palestine Exploration Fund". Ver pág. 199.

O ouro de Salomão, 1 Rs 14:25,26, que Sisaque tomou. Achou-se a múmia de Sisaque, 1939, num sarcófago coberto de ouro, possivelmente, parte daquilo que tomara de Salomão. Ver pág. 178.

As cavalariças de Salomão. Seus cavalos são mencionados em 1 Rs 9:19 e 10:26-29. Megido figura como uma das cidades de Salomão, 1 Rs 9:15. O Instituto Oriental descobriu, lá, as ruínas das cavalariças de Salomão, como os mourões e cochos. Nas proximidades, havia uma pedra do alicerce de uma casa, ocupada por um dos oficiais do exército de Salomão, com a inscrição "Escudo de Davi". Ver pág. 178.

Os navios de Salomão em Eziom-Geber, 1 Rs 9:26. Glueck, 1938-39, identificou as ruínas de Eziom-Geber, encontrando fundições, fornalhas, cadinhos e refinarias, do tempo de Salomão, onde, do ferro e do cobre, se manufaturavam artigos, que se exportavam para a Índia, Arábia, e África, em troca de ouro e marfim. Ver pág. 179.

Pedras das construções de Salomão, 1 Rs 7:9-12. Muitas dessas enormes pedras ainda estão no lugar. Em 1852, Barkley descobriu a pedreira de onde saíram. Ver pág. 179.

Onri construiu Samaria, 1 Rs 16:24. Uma Expedição da Universidade de Harvard descobriu as ruínas do palácio de Onri, em Samaria, onde nenhuma das relíquias era mais antiga do que ele, evidência de que foi ele o fundador da cidade. Ver pág. 183.

A Reconstrução de Jericó, 1 Rs 16:34; Js 6:26. Jericó foi destruída por Josué, cerca de 1400 a.C. Josué predissera que quem tentasse reconstruí-la, nesse esforço perderia o primogênito e os filhos mais novos. 500 anos depois, Hiel reconstruiu-a, cumprindo-se a predição, 1 Rs 16:34. Suas ruínas mostram que ficou desabitada de 14.º ao 9.º Século a.C. Um jarro com os restos mortais de uma criança foi achado na alvenaria de uma porta; e dois desses jarros nas paredes de uma casa. Ver pág. 183.

Elias e os profetas de Baal, 1 Rs 18:40. O Instituto Oriental encontrou, nas ruínas de Megido e no estrato do tempo de Elias, muitos jarros contendo restos mortais de crianças mortas em sacrifício a Baal. Os profetas de Baal eram assassinos oficiais de criancinhas. Isto nos ajuda a compreender por que Elias matou esses profetas. Ver pág. 185.

A paz súbita de Acabe com Bene-Hadade, 1 Reis 20:34. Depois de uma vitória estrondosa, Acabe pareceu abrir mão, repentinamente, dessa vantagem. Uma inscrição em pedra, narrando a aproximação do exército assírio, talvez explique o que a Bíblia deixa sem explicação. Ver pág. 185.

A casa de marfim, de Acabe, 1 Rs 22:39. Uma Expedição da Universidade de Harvard encontrou, em Samaria, as ruínas desse palácio, com milhares de peças de marfim, primorosamente insculpidas, logo acima das ruínas do palácio de Onri. Ver pág. 185.

Rebelião de Moabe contra Israel, 2 Rs 3:4,5. A narrativa dessa rebelião, feita pelo próprio rei moabita, foi achado em 1868, em Dibom, Moabe. Chama-se "Pedra Moabita". Ver págs. 187, 188.

Hazael sucede a Bene-Hadade no trono, 2 Rs 8:15. Uma inscrição assíria conta o mesmo fato. Ver pág. 190.

Jeú paga tributo à Assíria, 2 Rs 10:32-34. Outra informação obtem-se do "Obelisco Negro". Apresenta Jeú pagando tributo ao rei assírio. Ver pág. 191.

Jezabel "pintou-se em volta dos olhos", 2 Rs 9:30. Os pires em que Jezabel fazia a mistura dos seus cosméticos foram achados em Samaria, nas ruínas da "casa de marfim" de Acabe: caixinhas de pedra, com uma porção de cavidades para várias cores — *kohol, preto; turquesa, verde; ocra, vermelho* — com uma depressão no centro, onde fazia a mistura. Ainda tinham vestígios de vermelho. Ver pág. 192.

Um sinete do servo de Jeroboão, 2 Rs 14:23-29, foi encontrado nas ruínas de Megido, com a inscrição — "Pertence a Sema, servo de Jeroboão." Ver pág. 193.

Menaém pagou tributo a Pul, rei da Assíria, 2 Rs 15:19,20. Uma das inscrições de Pul diz — "Tributo de Menaém de Samaria, Rezim de Damasco, Hirão de Tiro, eu recebi." Ver pág. 193.

Uzias, Acaz, Menaém, Peca, Oséias. Estes cinco reis hebreus são nomeados nas inscrições de Pul, rei da Assíria. Ver pág. 193.

O Norte de Israel levado em cativeiro, 2 Rs 15:29, por Tiglate-Pileser. A inscrição deste diz — "O povo da terra de Onri eu deportei para a Assíria." Ver pág. 193.

Oséias matou Peca e reinou em seu lugar e pagou tributo ao rei da Assíria, 2 Rs 15:30; 17:3. Uma inscrição de Tiglate-Pileser diz — "Peca, rei deles, eles derrubaram. Coloquei Oséias sobre eles. Dele recebi 10 talentos de ouro e 100 talentos de prata." Ver pág. 194.

O Cativeiro de Israel. Em 2 Rs 17:5,6,24 se diz — "O rei da Assíria sitiou Samaria 3 anos... e tomou-a... e levou Israel... e trouxe homens de Babilônia... e colocou-os nas cidades de Samaria." Uma inscrição de Sargão declara — "Em meu primeiro ano capturei Samaria. Levei cativas 27.290 pessoas. Povo de outras terras, que nunca pagou tributo, coloquei em Samaria." Ver pág. 194.

Joaquim, rei de Judá, 597 a.C. 2 Rs 24:6-17. Foram encontradas duas impressões do sinete de seu mordomo: uma em Quiriate-Séfer, outra em Bete-Semes. Ver pág. 211.

Joaquim "levantado" (liberto do cárcere); "foi-lhe dada subsistência", 2 Rs 25:27,30. Acharam-se placas, nas ruínas dos jardins suspensos da Babilônia, com relação dos nomes daqueles a quem se faziam fornecimentos regulares de cereais e óleo, entre os quais "Joaquim, rei da terra de Judá". Ver pág. 211.

Nabucodonosor incendeia as cidades de Judá, 2 Rs 25:9; Jr 34:7. Em quatro dessas cidades, acharam-se camadas de cinza dos incêndios de Nabucodonosor: Laquis, Betel, Quiriate-Séfer e Bete-Semes. Ver pág. 196.

O muro de Davi, 1 Cr 11:8, que ele "edificou desde Milo até ao circuito". Restos desse muro têm sido desenterrados numa extensão de 132 m. Ver pág. 200.

Sisaque invade Judá, 2 Cr 12:9,10. A narrativa desta invasão, feita pelo próprio Sisaque, está insculpida na parede do Grande Templo em Carnaque. Existem vestígios dela em Judá. Ver pág. 205.

Uzias, rei de Judá, 767-740 a.C., 2 Cr 26. Seu nome menciona-se quatro vezes numa inscrição de Tiglate-Pileser. Ver pág. 207.

Pedra do túmulo de Uzias, 2 Cr 26:23. Foi achado pelo Dr. Sukenik, da Universidade Hebraica de Jerusalém. Ver pág. 207.

Jotão, rei de Judá, 740-732 a.C., 2 Cr 27. Seu sinete, com a inscrição: "Pertence a Jotão", foi encontrado nas escavações em Eziom-Geber. Ver pág. 207.

Acaz, rei de Judá, 741-726 a.C., 2 Cr 28. Um sinete, com a inscrição, "Pertence a um oficial de Acaz", foi encontrado. Ver pág. 207.

Acaz mandou tributo a Tiglate-Pileser, 2 Rs 16:7,8. Uma inscrição de Tiglate-Pileser diz: "O tributo de Acaz, o judeu, eu recebi; ouro, prata, chumbo, estanho e linho." Ver pág. 207.

Ezequias repara o muro de Jerusalém, 2 Cr 32:5. Esses reparos podem ser vistos, hoje, distintamente. Ver pág. 208.

O túnel de Ezequias, 2 Reis 20:20; 2 Cr 32:3,4. Esse túnel, atravessando rocha viva numa extensão de 560 m, foi encontrado. Ver pág. 208.

A inscrição de Siloé, narrando como foi construído o túnel de Ezequias, foi encontrada na boca desse túnel. Ver pág. 208.

Senaqueribe invade Judá, 2 Cr 32:1. A narrativa dessa invasão, feita pelo próprio Senaqueribe, foi achada num prisma de barro feito por ele mesmo. Ver pág. 209.

Ezequias pagou tributo a Senaqueribe, 2 Rs 18:14-16. Uma das inscrições de Senaqueribe diz: "O medo de minha majestade aterrou Ezequias. Êle mandou tributo." Ver pág. 209.

Senaqueribe diante de Laquis em todo o seu exército, 2 Cr 32:9. Nas paredes do palácio de Senaqueribe, em Nínive, foi encontrado insculpido um relevo desse acampamento. Ver pág. 209.

Senaqueribe destrói Laquis e Gibeá, 2 Cr 32:9; Is 10:29. A Expedição Arqueológica Wellcome encontrou em Laquis, e Albright em Gibeá, camadas de cinzas deixadas pelos incêndios de Senaqueribe. Ver pág. 209.

Senaqueribe é assassinado por seus filhos e sucedido por Esar-Hadom, 2 Rs 19:37. Uma inscrição assíria diz, "Senaqueribe foi morto por seus filhos . . . Esar-Hadom subiu ao trono." Ver pág. 209.

Manassés, rei de Judá, 2 Cr 33, é mencionado numa inscrição de Esar-Hadom como um dos "reis ocidentais, que lhe forneceram material de construção para o seu palácio." Ver pág. 210.

A Fuga de Zedequias "entre os dois muros", 2 Rs 25:4. Este "caminho entre os muros" pode ser visto, hoje, numa extensão de 49 m. Ver pág. 211.

O palácio de Ester, Et 1:2 foi escavado. A "porta do rei", 4:2; o "pátio interior", 5:1; o "pátio exterior", 6:4; o "jardim do palácio", 7:7; tudo isso foi localizado nas ruínas; e até um dos dados "Pur", 3:7, foi encontrado. Ver pág. 218.

"Sargão", Is 20:1. É essa a única menção conhecida do nome de Sargão, na literatura antiga existente. Em 1842, Botta descobriu as ruínas do seu palácio, com inscrições que mostram ter sido ele um dos maiores reis assírios. Ver pág. 258.

Nabucodonosor ataca Laquis, Jr 34:7. Fragmentos de 21 cartas, escritas durante esse assédio, foram encontrados nas cinzas de Laquis. Mencionamse, lá, certas pessoas referidas em Jeremias: Urias, Elnatã, Gemarias, Nerias e outros. Ver págs. 282, 283.

Gedalias, governador de Judá, Jr 40:5. Foi achado seu sinete com a inscrição "Pertence a Gedalias, que está sobre a casa." Ver pág. 283.

Jazanias, Jr 40:8; 2 Rs 25:23. Achou-se o seu sinete, com a inscrição: "Pertence a Jazanias, servo do rei." Ver pág. 284.

Tafnés, Jr 43:9. Petrie desenterrou as ruínas da alvenaria onde Jeremias ocultou as pedras. Ver pág. 284.

Nabucodonosor, Dn 1:1. Encontrou-se um camafeu da cabeça de Nabucodonosor, insculpido por sua ordem. Ver pág. 303.

Babilônia, Dn 1:1, por onde Daniel andou, ao lado dos governantes do mundo, cidade dos sonhos dos tempos antigos, foi descoberta, e expostas as ruínas de sua grandeza. Ver págs. 299-302.

Belsazar, Dn 5. Até 1853, não se encontrou menção de Belsazar nos registros babilônicos. Desde então, têm sido encontradas inscrições que revelam ter sido ele co-regente do último rei de Babilônia, lançando luz sobre Dn 5. Ver pág. 308.

A escritura na parede, Dn 5:5. Os alicerces dessa mesma parede foram desenterrados. Ver pág. 308.

Jonas e Nínive, Jonas 1-4. Um dos cômoros de Nínive é chamado cômoro "Yunas". Ver pág. 327. Ver nota, sobre as ruínas de Nínive, nas págs. 330, 331.

O Arrependimento de Nínive, Jonas 3:5-10. Ver, na pág. 324, que evidência arqueológica existe desse fato.

O recenseamento de Quirino, Lc 2:2. Encontraram-se papiros que confirmam a declaração de Lucas de ter havido um "primeiro" recenseamento, esclarecendo, assim, o que parecia ser uma discrepância histórica. Ver pág. 430.

A Sinagoga de Cafarnaum, Mc 1:21; Lc 7:1,5. Foram desenterradas as ruínas de uma sinagoga que se pensa ter sido a sinagoga mesma em que Jesus ensinou. Ver pág. 442.

A Última Ceia, Mt 26:17-29. O cálice de Antioquia, que muitos pensam tem sido aquele de que Jesus se serviu na Última Ceia, foi encontrado. Ver págs. 395, 396.

O Local da crucifixão, Mc 15:22. Muitos pensam ter sido definitivamente localizado. Ver pág. 424.

O Túmulo de Jesus, Jo 19:41. Encontrou-se um túmulo que corresponde a todos os pormenores apresentados na Escritura. Ver págs. 485-487.

As Sete Igrejas do Apocalipse, Ap 2,3. Escavações feitas esclarecem algumas das declarações. Ver pág. 619.

Os Rolos do Mar Morto

Os Rolos do Mar Morto, descobertos, provavelmente, em 1947 por beduinos árabes chegaram às mãos dos estudiosos no fim daquele ano e no começo de 1948. As descobertas se realizaram nas cavernas nos penhascos margosos que distam entre um e dois km ao oeste da extremidade nordeste do Mar Morto, localidade esta que é conhecido pelo nome árabe de Cunrã (Qumran), perto de uma fonte copiosa de água doce chamada Ain Fexca (Feshkha). Esta localização à margem do deserto de Judá, faz que às vezes haja a expressão "Rolos de Ain Fexca", ou "Rolos do Deserto de Judá".

Os rolos foram vistos por vários estudiosos na parte posterior do ano 1947, e alguns deles confessam que na época, menosprezaram-nos como sendo falsificações. Um dos professores que reconheceram a verdadeira antiguidade dos rolos foi o falecido Prof. Eleazar L. Sukenik da Universidade Hebraica, e ele conseguiu mais tarde comprar alguns deles. Outros rolos foram levados para a Escola Americana de Pesquisas Orientais em Jerusalém, onde o Diretor interino, Dr. John C. Trever, percebendo seu grande valor, mandou fotografar os pedaços que foram levados a ele. Uma das suas fotografias foi enviada ao Prof. William F. Albright, que imediatamente declarou que esta foi "a descoberta a mais importante que já tinha sido feita no assunto de manuscritos do Antigo Testamento".

Os rolos que foram comprados pela Universidade Hebraica incluíam o **Rolo de Isaías da Universidade Hebraica** (1QIsb), que contém uma parte do Livro, a **Ordem da Guerra,** conhecido também como **A Guerra dos Filhos da Luz contra os Filhos das Trevas** (1QM), e os **Hinos de Ações de Graças,** ou **Hodayot** (1 QH). Os rolos comprados pelo arcebispo sírio e publicados pelas Escolas Americanas de Pesquisas Orientais incluíam o **Rolo de Isaías de São Marcos** ($1QIs^{a}$), que é um rolo do Livro inteiro, o **Comentário de Habacuque** (1QpHab), que contém o texto dos caps. 1 e 2 de Habacuque com um comentário, e o **Manual de Disciplina** (1QS), que contém as regras para os membros da comunidade de Cunrã. Subseqüentemente, estes rolos passaram a integrar o patrimônio do Estado de Israel, e são conservados num santuário especial da Universidade Hebraica em Jerusalém. Têm sido publicados em numerosas edições e recensões, e traduzidos para várias línguas, havendo grandes facilidades para quem deseja estudá-los em tradução ou em facsímile.

Depois da descoberta destes rolos, que são de grande importância por ter sido quase unânimemente reconhecido que pertencem ao último século a.C. e ao primeiro século d.C., a região onde foram achados tem sido sujeitada a exploração sistemática. Numerosas cavernas têm sido achadas, e até agora, onze destas cavernas têm oferecido materiais da mesma época dos rolos originais. A maior parte destes rolos tem vindo da quarta caverna a ser explorada (Caverna Quatro, ou 4Q), e outros de grande significado foram achados nas cavernas 2Q, 5Q, e 5Q. Segundo as últimas notícias, as descobertas as mais significativas têm sido as da caverna 11Q.

Só da caverna 4Q, os fragmentos achados representam um mínimo de 382 manuscritos diferentes, e uma centena destes são manuscritos bíblicos. Estes incluem fragmentos de todos os livros da Bíblia hebraica menos Ester. Alguns dos livros são representados em muitas cópias diferentes: há, por exemplo, 14 manuscritos diferentes de Deuteronômio, 12 manuscritos de Isaías, e 10 manuscritos dos Salmos, representados nos fragmentos achados em 4Q; outros fragmentos destes mesmo livros têm sido achados em 11Q, mas ainda não foram publicados. Um dos achados significantes, que pode ter grande valor em avaliar teorias sobre data e autoria, diz respeito ao Livro de Daniel, fragmentos do qual têm a mudança do hebraico para o aramaico em Dn 2:4, e do aramaico para o hebraico em Dn 7:28-8:1, exatamente como nos textos de Daniel que se empregam mais recentemente.

Além dos achados de Livros bíblicos, descobriram-se fragmentos de livros deuterocanônicos, especificamente Tobias e Eclesiástico, e também de vários escritos não canônicos. Alguns destes já eram conhecidos: Jubileus, Enoque, o Testamento de Levi, etc. Outros foram totalmente desconhecidos, especialmente os documentos que pertenciam ao grupo de Cunrã: Salmos de ações de graças, o Livro da Guerra, os comentários sobre trechos das Escrituras, etc. Estes últimos nos oferecem uma visão da natureza e das crenças da comunidade de Cunrã.

Perto dos penhascos no planalto aluvial que domina as praias do Mar Morto há os alicerces de um prédio antigo e complexo, muitas vêzes chamado de "mosteiro". Este foi totalmente escavado durante várias estações, e isto tem desvendado informações importantes quanto à natureza, ao tamanho e à data da comunidade de Cunrã. As moedas achadas ali, juntamente com outros vestígios, têm oferecido indicações para fixar a data da comunidade entre 140 a.C. e 67 d.C. Os membros eram quase todos masculinos, embora que a literatura regulamente as condições para a admissão de mulheres e crianças. O número de pessoas que viviam ali ao mesmo tempo seria aproximadamente entre 200 e 400. Uns 2 km ao sul, em Ain Fexca, foram descobertos remanescentes de outras construções, cuja natureza não tem sido exatamente esclarecida. A água doce da fonte provavelmente foi usada para o plantio, e para outras necessidades da comunidade.

Pela literatura que a seita deixou, sabemos que o povo de Cunrã era judaico, um grupo que se separara da corrente central do judaísmo que se situava em Jerusalém, e que até criticava e mostrava hostilidade aos sacerdotes de Jerusalém. O fato de adotarem o nome "Filhos de Zadoque", levou alguns estudiosos a postular que os sectários de Cunrã fossem vinculados aos Zadoquitas ou Saduceus; outros estudiosos acreditam que seria mais correto identificá-los com os Essênios, uma terceira seita do judaísmo, descrita por Josefo e Fílon. Não é impossível que haja elementos de verdade em ambas estas teorias, e que tenha havido originalmente uma cisão na linhagem sacerdotal ou saducéia que aderiu ao movimento chamado dos hasideanos, os antepassados espirituais dos fariseus, seguida por outra separação posterior para formar uma seita fechada, separatista, parte da qual se situou em Cunrã. Devemos aguardar mais descobertas antes de procurar dar uma resposta final a este problemas complexos.

A comunidade dedicava-se ao estudo da Bíblia. A vida da comunidade era ascética, na sua mor parte, e suas práticas incluíam o banho ritual, que às vezes tem sido chamado batismo. Alguns estudiosos têm entendido que

esta prática foi a origem do batismo de João Batista. Uma comparação do batismo de João com o dos cunranianos mostra, no entanto, que as duas práticas eram inteiramente distintas entre si. Isto sendo o caso, mesmo se João tivesse pertencido a esta comunidade (o que não se comprovou, e talvez nunca venha a ser provado), este deve ter desenvolvido distinções importantes na sua própria doutrina e prática do batismo.

Alguns estudiosos acreditam que haja elementos do zoroastrismo nos escritos de Cunrã, especificamente no que diz respeito ao dualismo e à angelologia. O problema é extremamente complexo. O dualismo do zoroastrismo desenvolveu-se consideravelmente na era cristã, e por este motivo é precário argumentar que as crenças do zoroastrismo conforme hoje as conhecemos representem as crenças de um ou dois séculos antes de Cristo.

As descobertas de Cunrã são importantes para estudos bíblicos em geral. Não se pode tirar conclusões acerca do cânon, sendo que o grupo de Cunrã era cismático desde o princípio, e além disto, a ausência do Livro de Ester não implica necessariamente que rejeitava este Livro do Cânon. Quanto à matéria do texto do Antigo Testamento, os rolos do Mar Morto têm grande importância. O texto do Antigo Testamento Grego, ou Septuaginta, e as citações do Antigo Testamento no Novo, indicam que tenha havido outros textos além daquele que veio até nós (o Texto Massorético). O estudo dos rolos do Mar Morto revela claramente que, na época de serem produzidos, que seria mais ou menos na época da elaboração dos manuscritos bíblicos utilizados pelos autores do Novo Testamento, havia no mínimo três tipos de textos circulando: um pode ser chamado o precursor do Texto Massorético; o segundo estava intimamente relacionado com aquele utilizado pelos tradutores da Septuaginta; o terceiro era diferente de ambos. As diferenças não são grandes, e em passagem alguma envolvem assuntos de doutrina; mas para um estudo textual pormenorizado é importante que nos libertemos do conceito que o Texto Massorético seja o único texto autêntico. A verdade é que as citações do Antigo Testamento que se acham no Novo, dão margem para se compreender que não foi o Texto Massorético aquele que mais se empregava pelos autores do Novo Testamento. Precisamos qualificar estas declarações pela explicação que a qualidade do texto é diferente entre os vários livros do Antigo Testamento, e que há muito mais uniformidade no texto do Pentateuco do que em algumas outras porções da Bíblia Hebraica. Os rolos do Mar Morto têm feito uma grande contribuição para o estudo do texto dos Livros de Samuel.

No que diz respeito ao Novo Testamento, os rolos do Mar Morto são igualmente de grande importância. Obviamente, não existe nenhum texto do Novo Testamento nas descobertas de Cunrã, sendo que o primeiro Livro do Novo Testamento foi escrito muito pouco tempo antes da destruição da comunidade de Cunrã. Além disto, não há motivo algum para que alguma escrita neotestamentária tenha sido trazido a Cunrã. Por outro lado, há certas referências e presuposições no Novo Testamento, mormente na pregação de João Batista e Jesus Cristo, e nas escritas de Paulo e João, que podem ser colocados contra um pano de fundo reconhecidamente semelhante àquele descrito nos documentos de Cunrã. Por exemplo, o pano de fundo gnóstico de certas escritas paulinas que antigamente foi considerado como situação histórica do gnosticismo grego do segundo século d.C. — o que implicaria numa data posterior para a composição da Epístola aos Colossenses — reco-

nhece-se agora como sendo o gnosticismo judaico do primeiro século d.C. ou ainda antes da era cristã. Semelhantemente, o estilo do Quarto Evangelho revela-se como sendo palestiniano e não helenístico.

Muita coisa tem sido escrito no assunto do relacionamento entre Jesus Cristo e a comunidade de Cunrã. Não há evidência nos documentos de Cunrã que Jesus tenha sido membro da seita, e nada há no Novo Testamento que exija tal ponto de vista. Bem ao contrário, a maneira de Jesus encarar o mundo, e mais especialmente, Seu próprio povo, é diametricalmente oposta à cosmovisão de Cunrã, e podemos declarar, sem medo de errar, que Jesus não tenha sido membro daquele grupo em tempo algum. Pode ter sido alguns discípulos que tenham surgido de um passado deste tipo, mais especificamente os discípulos que antes seguiam a João Batista, mas há muita falta de provas neste assunto. A tentativa de comprovar que o Ensinador da Retidão de Cunrã tenha servido como padrão da descrição de Jesus que se registra nos Evangelhos não se corrobora pelo estudo dos rolos do Mar Morto. O Ensinador da Retidão era um jovem magnífico com grandes ideais, que morreu cedo demais; não há, no entretanto, nenhuma declaração clara que tenha sido condenado à morte, nem se pode inferir que tenha sido crucificado para então ressurgir dentre os mortos, e que os sectários de Cunrã tenham aguardado sua volta. A diferença entre Jesus e o Ensinador da Retidão destaca-se nitidamente em vários pormenores: o Ensinador da Retidão nunca foi considerado o Filho de Deus ou Deus Encarnado; sua morte não se revestiu de natureza sacrificial; a refeição sacramental (se realmente tenha sido isto mesmo), não era considerada como sendo uma lembrança da sua morte nem como uma promessa da sua volta, e nada tinha que ver com a remissão dos pecados. É óbvio que no caso de Jesus Cristo, todos estes aspectos são claramente declarados, não só uma vez, mas repetidas vezes no Novo Testamento, e, afinal, são doutrinas fundamentais sem as quais não poderia existir a fé cristã.

Sumário dos Lugares

Onde Foram Feitas Importantes Descobertas Arqueológicas

— Em Ordem Alfabética —

Acade, também chamada Sipar, que significa "Cidade dos Livros", 48 km ao norte de Babilônia. Escavada por Rassam, em 1881, e por Scheil, em 1894. Encontraram-se vastas quantidades de placas (tabletes) primitivas. Ver pág. 48.

Ai e Betel, 19 km ao norte de Jerusalém, 2 1/2 km separadas entre si, foram destruídas por Josué, numa batalha de ação conjunta, Js 8:28; 12:9,16. Albright, 1934, em Betel encontrou as ruínas deixadas pelo incêndio de Josué. Ver pág. 152.

'Ain Fashka, 11 km ao sul de Jericó, 1.600 m ao oeste do Mar Morto. Aí, numa cova, na encosta de rochosa montanha, em 1947, achou-se o, hoje, famoso Rolo de Isaías, escrito há 2.000 anos. Ver pág. 257.

Amarna ou Tel-el-Amarna, no Egito, mais ou menos a meio caminho de Mênfis a Tebas. Aí, em 1888, encontraram-se 400 cartas em placas de barro, escritas, por volta do tempo de Moisés, por vários reis da Palestina e Síria, aos Faraós do Egito. Ver pág. 53.

Antioquia, na curva nordeste do Mar Mediterrâneo. Achou-se, aí o "Cálice de Antioquia", em 1910, com evidência de que, possivelmente, Jesus serviu-Se dele na Última Ceia. Ver pág. 398.

Asmar, também chamada Esnuna, 161 km a nordeste de Babilônia. Henri Frankfort, em 1933, na camada de 2700 a.C., encontrou uma lâmina de ferro, fazendo, assim, recuar, 1.500 anos, o uso conhecido do ferro. Ver pág. 69.

Assur, hoje conhecida por Calá-Chergate, cerca de 96 km ao sul de Nínive. Escavada por Andrae, 1902-1914. Acharam-se quantidades de inscrições.

Bab-el-Dra, na curva sudeste do Mar Morto. Escavada, em 1924, por Albright e Kyle, que encontraram ruínas de um lugar de culto na vizinhança de Sodoma e Gomorra, com evidência de uma densa população, que desapareceu abruptamente por volta do tempo de Abraão. Ver pág. 97.

Babilônia. Cidade maravilhosa do mundo antigo. Suas vastas ruínas foram escavadas por Koldewey, 1899-1912; Rich, 1811; Layard, 1850; Rassam, 1878-1889; Oppert, 1854. Ruínas da Torre de Babel, do Palácio de Nabucodonosor, dos jardins suspensos, da parede onde Daniel leu a escritura. Evidência da residência de Joaquim em Babilônia. Ver pág. 83, 299-306.

Behistun, 322 km a nordeste de Babilônia. Sir Henry Rawlinson, 1835, encontrou a famosa inscrição Behistun, feita por Dario, o Grande, e que serviu de chave da língua babilônica. Ver. pág. 43.

Benihassen, no Egito, mais ou menos a meio caminho de Mênfis a Tebas. Encontrou-se uma inscrição no túmulo de um dos Faraós, que pode ter sido um registro da visita de Abraão ao Egito. Ver pág. 95.

Betel, 19 km ao norte de Jerusalém. Camada de cinzas do incêndio ateado por Josué; também outra do incêndio de Nabucodonosor. Ver págs. 152, 196.

Bete-Seã, também chamada Beisan. Na junção de Jizreel com os vales do Jordão. Escavada pelo Museu Universidade, 1921-30. Desenterradas ruí-

nas dos templos onde as armas de Saul foram dependuradas. Ver págs. 113, 171.

Bete-Semes, cerca de 24 km ao oeste de Jerusalém. Escavada por Elihu Grant, 1930. Encontrada escrita alfabética de 1800 a.C.; cinzas do incêndio de Nabucodonosor; sinete do mordomo de Joaquim. Ver págs. 54, 196, 211.

Boghaz-Keui, na parte oriental da Ásia Menor. Antigo centro heteu. Achou-se grande biblioteca de inscrições em muitas línguas. Ver pág. 55.

Borsipa, no limite sudoeste da Babilônia. Rawlinson encontrou uma inscrição que parecia ser uma tradição da inacabada Torre de Babel. Pág. 83.

Cafarnaum. O piso da sinagoga onde Jesus ensinou foi desenterrado por uma expedição alemã, 1905. Ver pág. 442.

Calá, também chamada Ninrude, cerca de 32 km ao sul de Nínive. Escavada por Layard, 1845-50. Ruínas de palácios de vários reis assírios; e o famoso "Obelisco Negro". Ver págs. 42, 191, 325.

Calvário, também chamado Gólgota. Local da crucifixão de Jesus; perto, o túmulo, onde Êle foi sepultado. Págs. 424, 485, 486.

Carnaque, perto de Tebas. *Suas ruínas entre as mais importantes do* mundo. Muitas descobertas de sumo interesse. Ver págs. 115, 116, 205.

Cis, ou Quis, no limite leste da Babilônia. Aí Langdon, 1928-29, encontrou sedimento do dilúvio, escrita antediluviana e um coche, também de antes do dilúvio. Págs. 44, 62, 78.

Corsabade, no limite norte de Nínive. Aí Botta, 1842-52, desenterrou as ruínas do magnificente Palácio de Sargão. Págs. 42, 258, 329.

Dibom, em Moabe, cerca de 32 km a leste do Mar Morto. Lugar onde a Pedra Moabita foi achada, 1868, por F. A. Klein. Ver págs. 187, 188.

Dotã, ao norte de Siquém, onde se acharam fragmentos de louça de barro de 2000 a.C., mostrando que esta cidade existia nos dias de Abraão. Pág. 98.

Éfeso, onde Paulo fez seu trabalho mais maravilhoso. Ruínas do Templo de Diana e do teatro foram desenterradas. Ver pág. 619.

Elefantina, no Egito, ao sul de Tebas, onde foram descobertos os Papiros Elefantinos, 1904 e 1907.

El-Kab, no Egito, ao sul de Tebas, onde existe um túmulo com uma inscrição que parece referir-se aos sete anos de fome. Pág. 105.

Ereque, também chamada Uruk, ou Warka, 80 km ao noroeste de Eridu. Escavada, em 1913, por Koldewey; em 1928-33, por Noldeke e Jordan. Uma das mais antigas cidades do mundo, com 18 distintas camadas préhistóricas. Pág. 86.

Eridu. Tradicional Jardim do Éden. 19 km ao sul de Ur. Escavada por Hall e Thompson, do Museu Britânico, 1918-19, que acharam indícios de ter sido, possìvelmente, a primeira cidade que já se construiu. Placas antigas chamam-na residência dos dois primeiros reis da História. Ver págs. 64, 65, 67, 70, 71.

Eziom-Geber, cerca de 120 km ao sul do Mar Morto, na extremidade do Golfo de Acabá. Escavada por Nelson Glueck, 1838-39. Encontraramse ruínas das fundições, fornalhas, cadinhos e refinarias de Salomão. Ver págs. 179.

Fara, também chamada Shurruppak, ou Sukkurru. Residência tradicional de Noé. A meio caminho de Eridu a Babilônia. Escavada por Eric Schmidt, 1931, que encontrou sedimento do dilúvio. Ver págs. 44, 71, 79.

Gebal, a poucos km ao norte de Sidom. Montet, 1922, e Dussard, 1930, encontraram inscrições relacionadas com a história do Alfabeto.

Gezer, cerca de 32 km a oeste de Jerusalém. Garstang, 1929, encontrou uma asa de jarro de 2000-1600 a.C. com caracteres alfabéticos. Ver pág. 54.

Gibeá, também chamada Tel-el-Ful. Residência de Saul, 5 km ao norte de Jerusalém. Albright, 1922-23, encontrou as ruínas da casa de Saul; e, também, camadas de cinzas do incêndio mencionado em Jz 20:40. Págs. 163, 168.

Gileade. Albright, 1929, descobriu ruínas de cidades de 2000 a.C., como se depreende de Gn 14:5,6. Ver pág. 96.

Halafe, no Vale do Eufrates, entre Nínive e Harã, onde se encontrou uma das mais antigas culturas que se conhecem.

Haurã, a leste do Mar da Galiléia, lugar tradicional de Jó. Albright encontrou evidência de densa população, de 2000 a.C. Ver págs. 96, 220.

Hazor, extremo norte da Palestina. Garstang encontrou a camada de cinzas deixadas pelo incêndio de Josué. Ver pág. 154.

Jemdet Nasr, 40 km ao nordeste de Babilônia. Dr. Langdon, da Universidade de Oxford, em 1926, encontrou, aí, indícios do monoteísmo original. Pág. 49.

Jericó. Garstang, 1929-36, encontrou, em suas ruínas, muitas evidências de sua destruição por Josué, conforme a narrativa bíblica: Queimada a fogo; muros derrubados; gêneros alimentícios carbonizados. Págs. 150-152, 183.

Jerusalém .O Muro de Davi; a dobra do muro; a Escada de Davi; o Túnel de Ezequias; a Inscrição de Siloé. Os muros pelo meio dos quais Zedequias fugiu. Ver págs. 179, 200, 208, 211, 216.

Karkar, cerca de 160 km ao norte de Damasco. Encontrou-se, aí, uma inscrição de Salmaneser, rei da Assíria, 860-625 a.C., relatando suas guerras contra Acabe, rei de Israel. Ver pág. 185.

Lagás, 96 km ao norte de Eridu. Escavada por Sarzec, 1877-1901. Primeiro reino camítico do após dilúvio. Grande centro livreiro. Foram achadas vastas quantidades de inscrições primitivas. Págs. 46, 48, 85.

Laquis, 24 km a oeste de Hebrom. Aí se encontraram as famosas "Cartas de Laquis". Também escrita alfabética de 1500 a.C.; as cinzas do incêndio de Josué e do outro de Nabucodonosor. Pág. 54, 154, 196, 281, 282.

Larsa, uns 64 km a noroeste de Eridu. Cidade do 4.º rei de antes do dilúvio. A Expedição Weld-Blundell, 1922, encontrou o "Prisma Weld", primeiro esboço conhecido de história universal. Ver págs. 49, 65, 71.

Megido, também chamada Armagedom, uns 16 km a sudoeste de Nazaré. Escavada pelo Instituto Oriental. Evidência da luta de Israel contra os cananeus. As cavalariças de Salomão. Culto de Baal. Págs. 161, 178, 185, 192.

Mersim, perto de Tarso. Escavada por Garstang, da Expedição Neilson. As mais completas relíquias arquiteturais da cultura de Halafe que já se acharam.

Mizpá, 10 km a noroeste de Jerusalém. W. F. Bade, da "Pacific School of Religion", encontrou, em 1932, o selo de Jazanias. Ver pág. 284.

Moabe. Albright, 1929, encontrou cômoros ao longo da borda oriental, com ruínas de cidade que indicavam ter sido uma região bem povoada, 2000 a.C. Ver pág. 96.

Nínive, 482 km ao norte de Babilônia. Ruínas descobertas por Rich, 1820. Layard, 1845-51, descobriu a Grande Biblioteca de Assurbanipal. George Smith, 1872, encontrou as Placas da Criação e do Dilúvio. Malowan, 1932-33, encontrou o que pode ter sido um sedimento do dilúvio. No cômoro Yunas, Layard encontrou as ruínas do Palácio de Esar-Hadom. Os Palácios de Senaquerібe e Assurbanipal foram encontrados no Cômoro Hoyunjik. Págs. 42, 61, 76, 79, 325, 330, 331.

Nipur, também chamada Calné, uma das cidade de Ninrode, uns 160 km a noroeste de Eridu, tradicional Jardim do Éden. Escavada por Peters, Haynes e Hilprecht, do Museu Universidade, entre 1888 e 1900. Vastas bibliotecas de primitivas inscrições foram encontradas, inclusive as Placas da Criação. Ver págs. 48, 61.

Obeide, também chamada Al-Ubeid, 6 km a oeste de Ur. Aí, 1923, Woolley, achou o Mais Antigo Documento Histórico que se conhece. Pág. 46.

Om, também chamada Heliópolis, no Egito, poucos km ao nordeste do Cairo. O Obelisco, que havia no tempo de Abraão, ainda lá se encontra. Petrie, 1912, descobriu ruínas do que, segundo se pensa, foi o palácio de José. Pág. 105.

Oxirrinco, no Egito, ao sul de Mênfis. Grenfell e Hunt, 1895-97, encontram, aí grandes quantidades de papiros manuscritos.

Pérgamo. Local de uma das Sete Igrejas. Escavada por uma expedição alemã. Ruínas do que pode ter sido o "Trono de Satanás". Pág. 616.

Persépolis, capital do império persa, escavada pelo Instituto Oriental. Ruínas do Palácio de Xerxes, esposo de Ester, foram desenterradas.

Pitom, no Egito, ao nordeste de Mênfis. Construída pelo trabalho escravo dos israelitas. Naville, 1833, e Kyle, 1908, encontraram aí tijolos, com palha e sem palha, que serviram de ilustração de Êx 5:10-19. Ver pág. 117.

Quiriate-Séfer, poucos km a sudoeste de Hebrom. Aí se acharam cinzas do incêndio de Josué, do outro de Sisaque, e mais o de Nabucodonosor; as covas de cereais, do tempo dos juízes. Ver págs. 51, 153, 163, 196, 205.

Ras Shamra, também chamada Ugarite, na curva nordeste do Mediterrâneo, perto de Antioquia. Uma Expedição Francesa, 1929, encontrou aí vastas bibliotecas, em muitas línguas, e no mais antigo alfabeto que já se conheceu. Pág. 54.

Roseta, no Egito, perto de Alexandria, onde a Pedra Roseta, chave da língua egípcia antiga, foi encontrada, 1799. Ver pág. 52.

Samaria, no centro da Palestina. Uma Expedição da Universidade de Harvard, 1908-10, 1931, encontrou as ruínas do Palácio de Omri, e da Casa de Marfim, de Acabe, e alguns Pires de Cosméticos de Jezabel. Ver págs. 183, 185, 192.

Sardes, local de uma das Sete Igrejas do Apocalipse. Escavada pela Universidade de Princeton, 1904-14. Acharam-se as ruínas de uma igreja cristã e de um templo de Cibele (Diana). Ver pág. 622.

Serabite, ou Serabit-el-Khadim, 80 km ao noroeste do Monte Sinai. Aí, 1905, Petrie achou a escrita alfabética mais antiga até então conhecida, de cerca de 1800 a.C., feita 400 anos antes do tempo de Moisés. Ver págs. 54, 121.

Siló, uns 32 km ao norte de Jerusalém. Uma expedição dinamarquesa, 1922-31, encontrou fragmentos de cerâmica de 1200-1100 a.C., indicativos de cultura israelita, sem nenhuma evidência de ocupação prévia. Ver pág. 167.

Sipar, também chamada Acade. Uns 48 km ao norte de Babilônia. Foi uma das cidades de Ninrode. Capital do 8.º rei de antes do dilúvio. Escavada por Rassam, 1881, e por Scheil, em 1894. Acharam-se muitas inscrições primitivas, algumas muito importantes, e uma biblioteca inteira. Ver págs. 48, 71, 86.

Siquém, uns 8 km ao sudeste de Samaria. Albright e Garstang encontraram fragmentos de louça de barro, de 2000 a.C., indicando que essa cidade existia, de fato, nos dias de Abraão. Sellin, 1913-14, 1926-28, encontrou inscrições do período pré-israelita, índice do emprego da escrita pelo comum do povo; também indícios da destruição da cidade por Abimeleque, como se narra em Juízes 9, bem como ruínas do templo de Baal, Jz 9:4. Págs. 54, 98, 162.

Sodoma e Gomorra. Sua possível localização pode ser indicada por uma descoberta de Albright e Kyle, 1924, em Bab-ed-Dra, na curva sudeste do Mar Morto, com evidência de grande população de 2500 a.C. a 2000 a.C., que desapareceu de repente. Ver págs. 96,97.

Susa, também chamada Susã, 322 km a leste de Babilônia. Residência de inverno dos reis persas. Local identificado por Loftus, 1852. Dieulafoy continuou as escavações, 1884-86. Ruínas do Palácio de Xerxes, esposo de Ester. M. J. de Morgan, 1902, encontrou o Código de Hamurabi. Ver págs. 50, 218, 219.

Tafnes, no nordeste do Egito. Petrie, 1886, encontrou ruínas do que ele ecreditou ser a plataforma (pavimento) mencionada em Jr 43:8. Ver pág. 284.

Tânis, no nordeste do Egito. Aí, em 1839, achou-se a múmia de Sisaque, o qual levou o ouro de Salomão. Ver págs. 178, 205.

Tebas, Wilkinson explorou suas maravilhas, 1821-33. Acharam-se as múmias, em 1871, num túmulo atrás de Tebas. Grande templo de Amom. O Obelisco de Hatchepsute. Muitas maravilhas do Egito antigo. Págs. 52, 53, 114, 115.

Tel Billah, perto de Nínive. Aí se achou o poema épico de Gilgamés, contendo a Narrativa Babilônica do Dilúvio. Ver pág. 76.

Tepe Gawra, 19 km ao norte de Nínive, 3 km a leste de Corsabade. Um cômoro contendo 26 cidades, uma sobre outra, abandonadas antes de 1500 a.C. Vinte cidades de baixo são pré-históricas. Escavadas em 1927 — por Speiser e Bache, do Museu Universidade e da Escola Americana de Bagdá. Encontraram, no oitavo nível, o sinete "Adão e Eva" e muitas relíquias das eras mais remotas do homem. Ver pág. 68.

Ur, 19 km ao norte do tradicional Jardim do Éden. Cidade de Abraão. Escavada por Woolley, 1922-34, que encontrou sedimento do dilúvio, sinetes antediluvianos, e desenterrou a cidade. Págs. 44, 46, 47, 50, 51, 77, 86, 87.

Índice dos assuntos principais

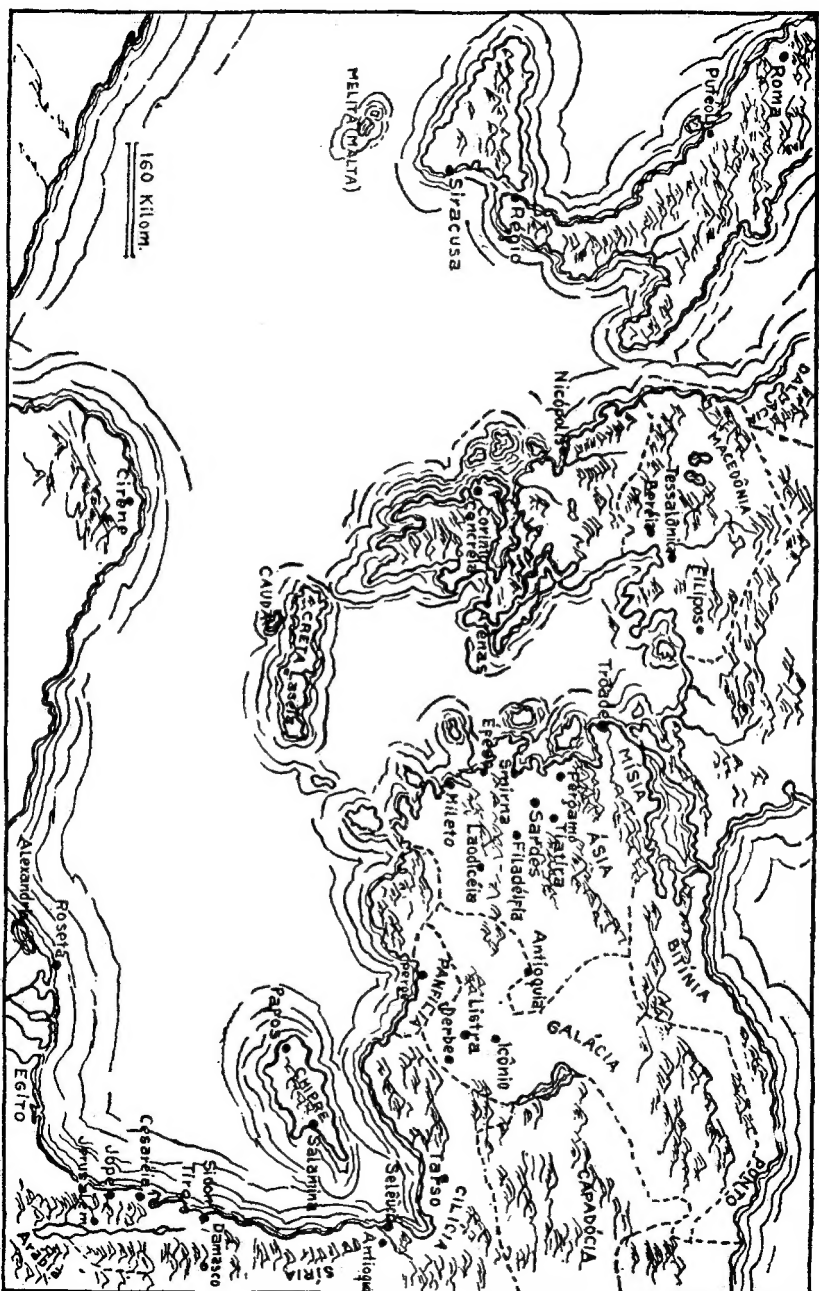
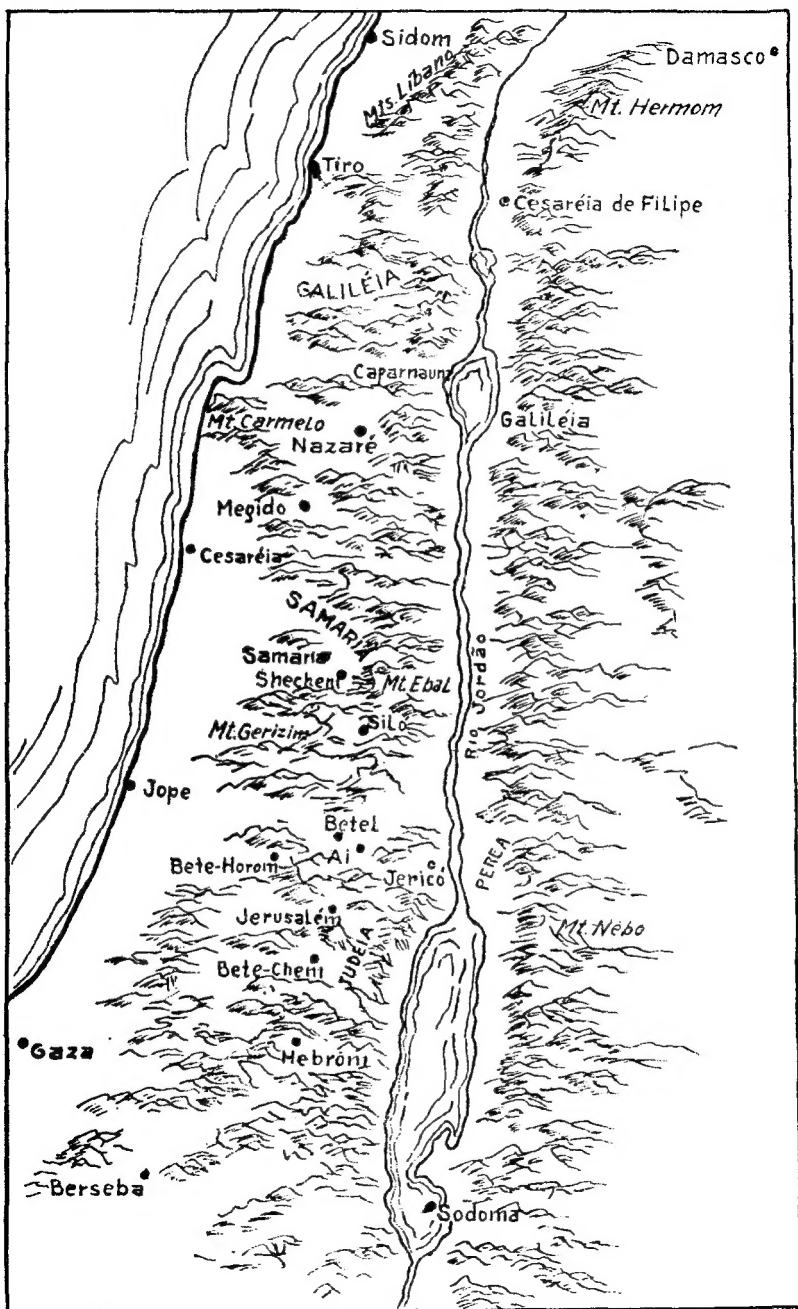
MAPAS GERAIS

Jericó
Mt. Nebo
Jerusalém
Hebrom
Gaza
Berseba
MOABE
EDOM
Cades
Mt. Hor
ARÁBIA
Alexandria
Roseta
Zoan
GÓSEN
Tapanes
Pitom
Ramessés
EGITO
On
Cairo
Mênfis
Suez
Serabit
Mt. Sinai

Egito - Sinai

Mesopotâmia, Medos-persa

Mediterrâneo Oriental

Sidom
Mts. Libano
Damasco
Mt. Hermom
Tiro
Cesaréia de Filipe
GALILÉIA
Caparnaum
Galiléia
Mt. Carmelo
Nazaré
Megido
Cesaréia
SAMARIA
Samaria
Shechem
Mt. Ebal
Rio Jordão
Mt. Gerizim
Silo
Jope
Betel
Ai
Bete-Horom
Jericó
PEREA
Jerusalém
Mt. Nebo
JUDÉIA
Bete-Chem
Gaza
Hebrom
Berseba
Sodoma

A Palestina

O *Manual bíblico de Halley* foi por décadas obra de presença garantida na estante e na cabeceira de milhares e milhares de cristãos de língua portuguesa. Esta belíssima edição, completamente reformulada, atualizada e expandida, associada ao texto da *Nova Versão Internacional* (NVI), não pode faltar em sua estante! Com o *Manual bíblico de Halley* você pode compreender a Bíblia de maneira CLARA, SIMPLES e FÁCIL.

O *Manual bíblico de Halley* torna a sabedoria e a mensagem da Bíblia acessíveis. Se você nunca leu a Bíblia antes nem a lê com freqüência, descobrirá aqui acesso a um entendimento sólido da Palavra de Deus. Você desenvolverá sua apreciação pelo contexto cultural, religioso e geográfico no qual se desdobra a história bíblica. Perceberá como diferentes temas se encaixam de modo notável. E verá o coração de Deus e a pessoa de Jesus Cristo revelados de Gênesis a Apocalipse.

Escrito tanto para a mente quanto para o coração, o *Manual bíblico de Halley* mantém o estilo próprio do dr. Halley. Destacam-se:

- mapas, fotografias e ilustrações totalmente novos;
- novo *layout*, moderno e didático;
- referências bíblicas na *Nova Versão Internacional* (NVI), edição com linguagem atual e de grande aceitação;
- programas práticos de leitura bíblica;
- sugestões úteis para o estudo da Bíblia;
- informações arqueológicas fascinantes;
- seções sobre como a Bíblia chegou até nós e sobre a História da Igreja.

O dr. HENRY H. HALLEY, autor, pastor e preletor bíblico, ficou muito famoso por suas preleções. Atraía milhares de pessoas, desde o Atlântico até o Pacífico, com a recitação de cor de livros da Bíblia. O *Manual bíblico de Halley* nasceu de sua convicção de que todos devem ser leitores dedicados da Palavra de Deus. Desde a primeira edição, um panfleto gratuito de 16 páginas, a obra cresceu até se tornar uma "edição especial" de informações bíblicas, empregada com regularidade por milhões de leitores, professores e ministros da Bíblia.

www.vidaacademica.net

Categoria: DIALOGAR:
Área bíblica / Introdução à Bíblia